UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LENIN BICUDO BÁRBARA

SIMMEL E A ANALOGIA

INVESTIGAÇÕES SOBRE O USO E OS ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA ANALOGIA NA *SOZIOLOGIE* E NA
PHILOSOPHIE DES GELDES DE GEORG SIMMEL

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Sociologia

Orientador: Leopoldo Garcia Pinto Waizbort

e-mail para contato: leninbicudo@gmail.com

SÃO PAULO
2012

Resumo

Neste estudo, trato do papel do raciocínio analógico no pensamento de Georg Simmel (1858-1918), um dos fundadores da sociologia alemã. Meu objetivo aqui é compreender o procedimento analógico como um traço fundamental da teoria social e da epistemologia de Simmel. É possível resumir o primeiro passo para a realização desse objetivo como uma reconstrução daqueles fragmentos da história do conceito de analogia que influenciaram seu pensamento. Busquei, em seguida, coletar todas as ocorrências de analogia que fui capaz de encontrar (e identificar enquanto tais) em meio aos livros de Simmel que mais teriam influenciado a sociologia (a saber: a *Philosophie des Geldes* e a *Soziologie*) – construindo, assim, um índice abrangente para tais analogias. Finalmente, procurei analisar algumas das analogias coletadas em detalhe, mantendo o foco naquelas que, a meu ver, lançam alguma luz ou estão de algum modo relacionadas a outros traços fundamentais do pensamento sociológico e filosófico de Simmel.

palavras-chave: Georg Simmel, analogia, fundamentos da sociologia, imaginação, perspectivismo

Abstract

In this study I deal with the role of analogical reasoning in the thought of Georg Simmel (1858-1918), one of the founders of German sociology. My aim here is to grasp the analogy-making as a key feature of Simmel's social theory and epistemology. The first step in this direction can be summed up as a recollection of those fragments of the history of the analogy concept which most likely influenced Simmel's thought. Secondly, I endeavored to collect all the instances of analogy that I could find (and identify as such) from those of his books which are deemed to be the most influential ones to sociology (viz., the *Philosophie des Geldes* and the *Soziologie*) – elaborating, as a result, a broad index of such analogies. And finally I sought to analyze in minute detail some of the collected analogies, focusing on those which, on my view, shed light on or bear some relation to other key features of Simmel's sociological and philosophical thought.

keywords: Georg Simmel, analogy, foundations of sociology, imagination, perspectivism

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por ter acolhido e amparado este trabalho. Estendo meus agradecimentos aos indivíduos – alguns dos quais não conheço nem pelo nome – que trabalham para ou estão ligados à FAPESP que, de algum modo, se envolveram com o que está aqui realizado.

Agradeço, ainda, ao DAAD, que me concedeu bolsa para participação num curso de inverno em língua e cultura alemãs – uma experiência enriquecedora em inúmeros sentidos.

Agradeço ao corpo docente do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, bem como aos funcionários envolvidos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. Dentre meus professores, agradeço em particular a: Leopoldo Waizbort, responsável pela orientação deste trabalho e que o apoiou, contribuindo de inúmeras para sua realização, desde dezembro de 2008, quando lhe enviei meus primeiros esboços sobre o tema; Maria Helena Oliva Augusto, que também acompanhou meu trabalho desde que era, apenas, um projeto; e a Gabriel Cohn, que participou, ao lado de Leopoldo e Maria Helena, da minha banca de qualificação.

Agradeço aos colegas do IMP, o grupo de estudos sobre filosofia da ciência de que participei durante boa parte do período de meu mestrado; muitas das ideias que discutimos juntos encontraram, é verdade que por vias tortuosas, seu caminho até as páginas desta dissertação. Agradeço também à turma que ingressou comigo, em 2010, no mestrado: ter o meu trabalho lido e comentado por vocês e, em troca, ler o comentário de vocês foi uma experiência quase tão boa como a de conhecê-los.

Em uma nota mais pessoal, agradeço profundamente a meus pais, que me apoiaram de inúmeras formas, e a seus companheiros, por estarem aí, diariamente, onde eu, ensimesmado demais para isso, deveria estar com mais frequência. Vocês sabem: o que de mais importante vocês me deram, não tenho como retribuir. Agradeço também a minha irmã e aos meus amigos, aí incluídos aqueles com quem praticamente perdi todo o contato. Espero que entendam que um aspecto de vocês estará sempre aqui.

Sumário

Advertências técnicas referentes às traduções e à formatação do trabalho	6
O. INTRODUÇÃO.....	7
I. TRÊS FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA ANALOGIA	10
I.1. A proporção e seus análogos	15
I.1.1. excursão sobre a relação entre a metáfora e a analogia.....	37
continuação da seção	42
I.2. Analogia como semelhança funcional	44
I.3. Ordenação do valor da analogia na imagem de mundo kantiana	69
I.3.1. Observação terminológica quanto ao uso pretendido dos termos “esquema” e “imagem”	79
continuação da seção	81
II. DA COLETA DAS ANALOGIAS.....	90
II.1. Apresentação da estrutura do índice de analogias	93
II.1.1. O código de referência	94
II.1.2. A citação	96
II.1.3. A página	96
II.1.4. O sinal que identifica a analogia	97
II.1.4.1. Classe 1	102
II.1.4.2. Classe 2	106
II.1.4.3. Classe 3	108
II.1.4.4. Classe 4	110
II.1.4.5. Classe 5	112
II.1.5. Os elementos relacionados pela analogia: resumo dos conteúdos da analogia	115
II.1.6. Os tipos de analogia: resumo da função da analogia	117
II.1.6.1. Tipos de analogia construídos para a Soziologie.....	121
II.1.6.1.1. Analogias tipificadas como filosóficas.....	121
II.1.6.1.1.1. O tipo epistemológico.....	122
II.1.6.1.1.2. O tipo socialfilosófico	124
II.1.6.1.1.3. O tipo socialpsicológico	126
II.1.6.1.2. Analogias tipificadas como sociológicas	128
II.1.6.1.2.1. O tipo sociológico, entre exemplos	129
II.1.6.1.2.2. O tipo sociológico, processual.....	133
II.1.6.1.2.3. O tipo sociológico, puro	134
II.1.6.1.3. Analogias tipificadas como estéticas	136

II.1.6.1.3.1. O tipo ilustrativo, figurativo	136
II.1.6.1.3.2. O tipo ilustrativo, conceitual	138
II.1.6.2. Tipos de analogia construídos para a Philosophie des Geldes	141
II.1.6.2.1. Analogias tipificadas como filosóficas	141
II.1.6.2.1.1. O tipo filosófico, serial	141
II.1.6.2.1.2. O tipo filosófico, ilustrativo	144
II.1.6.2.1.3. O tipo filosófico, conceitual	146
II.1.6.2.1.4. O tipo filosófico, metafísico	148
II.1.6.2.2. Analogias tipificadas como “científicas”	151
II.1.6.2.2.1. O tipo historicista	151
II.1.6.2.2.2. O tipo especializado	154
II.1.6.2.3. Analogias tipificadas como estéticas	158
II.1.6.2.3.1. O tipo ilustrativo, figurativo	158
II.1.6.2.3.2. O tipo ilustrativo, conceitual	159
II.1.7. Os comentários	160
II.1.8. A nota explicativa	160
II.2. Apresentação dos critérios para a demarcação das analogias	161
II.2.1. A tábua dos critérios para a identificação das analogias da <i>Soziologie</i> e da <i>Philosophie des Geldes</i>	166
II.2.1.1. Critério P1	167
II.2.1.1.1. Critério n1#P1	169
II.2.1.1.2. Critério n2#P1	173
II.2.1.1.3. Critério n3#P1	177
II.2.1.1.4. Critério n4#P1	180
II.2.1.1.5. Critério n5#P1	182
II.2.1.2. Critério P2	183
II.2.1.2.1. Critério n1#P2	187
III. FUNÇÕES DO PROCEDIMENTO ANALÓGICO NOS PLANOS DA TEORIA SOCIAL DE SIMMEL	190
III.1. Estudo sobre o pano de fundo analógico presente na tentativa de fundamentação da sociologia como ciência “exata”	192
III.2. Apresentação e estudo das analogias propriamente sociológicas contidas na <i>Soziologie</i>	255
III.2.1. excursão sobre o lugar do tempo no plano sociológico de Simmel	264
continuação da seção	268
III.3. Limites da imaginação sociológica de Simmel: comentários a propósito de suas analogias extrassociológicas	288

IV. O SISTEMA ANALÓGICO-FILOSÓFICO DE SIMMEL – APRESENTAÇÃO DAS ANALOGIAS EXTRAÍDAS DA <i>PHILOSOPHIE DES GELDES</i>	302
V. BIBLIOGRAFIA	345
V.1. Material Primário.....	345
V.2. Bibliografia citada	345
V.3. Obras de referência consultadas	352
V.4. Bibliografia acessada por meios eletrônicos	352
V.5. Referência bibliográfica das epígrafes.....	353
ANEXO 1. O ÍNDICE DAS ANALOGIAS DA <i>SOZIOLOGIE</i>	355
Anexo 1.1. <i>Soziologie</i> , capítulo 1	355
Anexo 1.2. <i>Soziologie</i> , capítulo 2	362
Anexo 1.3. <i>Soziologie</i> , capítulo 3	367
Anexo 1.4. <i>Soziologie</i> , capítulo 4	376
Anexo 1.5. <i>Soziologie</i> , capítulo 5	385
Anexo 1.6. <i>Soziologie</i> , capítulo 6	392
Anexo 1.7. <i>Soziologie</i> , capítulo 7	398
Anexo 1.8. <i>Soziologie</i> , capítulo 8	401
Anexo 1.9. <i>Soziologie</i> , capítulo 9	414
Anexo 1.10. <i>Soziologie</i> , capítulo 10	422
ANEXO 2. O ÍNDICE DAS ANALOGIAS DA <i>PHILOSOPHIE DES GELDES</i>	434
Anexo 2.0. <i>Philosophie des Geldes</i> , prefácio	434
Anexo 2.1. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 1.....	434
Anexo 2.2. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 2.....	449
Anexo 2.3. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 3.....	468
Anexo 2.4. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 4.....	480
Anexo 2.5. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 5.....	493
Anexo 2.6. <i>Philosophie des Geldes</i> , capítulo 6.....	501
APÊNDICE 1. GRÁFICOS E TABELAS REFERENTES AO ÍNDICE	522
APÊNDICE 2. CONVERGÊNCIA ADAPTATIVA NO MUNDO NATURAL – UMA ILUSTRAÇÃO	536

Advertências técnicas referentes às traduções e à formatação do trabalho

Quase todas traduções do texto de Simmel apresentadas ao longo desta dissertação são de minha responsabilidade – sendo que as exceções estão devidamente indicadas ao longo do trabalho. Minhas traduções foram sempre feitas a partir do original em alemão, conforme a edição das obras completas de Simmel mencionada na bibliografia, ainda que eu tenha consultado traduções alternativas (para o inglês, espanhol ou português) sempre que essas estavam disponíveis. Optei em não traduzir textos do inglês.

Devido, numa parte, à natureza do presente trabalho e de meu objeto de investigação e, noutra parte, ao meu estilo pessoal, há uma quantidade considerável de notas de rodapé ao longo desta dissertação. Por conta disso, reinicio a contagem das notas a cada nova seção interna a cada capítulo.

As citações diretas e as demais referências foram todas feitas em rodapé, conforme o sistema “AUTOR, ano, página”. Além disso, da primeira vez que uma determinada obra foi citada num determinado capítulo, acrescentei o título da mesma após o ano, em *itálico*. Já os demais detalhes da referência (editora, local da publicação, etc.) foram mencionados apenas na bibliografia final deste trabalho. Quando se tratava de citação ou referência de obras clássicas (como as de Aristóteles, Kant ou Platão), todas as informações necessárias para a localização da passagem nas edições críticas de tais obras foram acrescentadas da forma mais sintética possível após a referência da edição efetivamente citada.

O. Introdução

As analogias mirabolantes, que vão de uma esfera a outra e que se encontram por toda a parte em Simmel, elas não devem, de modo algum, ser por isso concebidas como fruto de arbitrariedade barroca, desvios pseudoespirituosos em relação à meta de suas investigações; são antes, em boa medida, a própria meta. (Kracauer)

Minha pesquisa se enquadra no âmbito da teoria sociológica clássica; mais precisamente, estudo alguns aspectos da obra do pensador alemão Georg Simmel (1858-1918), um dos principais nomes da sociologia alemã à época de sua fundação. O aspecto que me interessa abordar da obra de Simmel é o uso das analogias. Diversos estudiosos de sua obra – tais como S. Kracauer¹, H. Freyer², F. Tenbruck³, K. Wolff⁴, D. Levine⁵, D. Frisby⁶, K. Lichtblau⁷, F. Vandenberghe⁸, N. Dodd⁹ e L. Waizbort¹⁰ – trataram da analogia como uma dimensão relevante de seu pensamento, e o mesmo se pode dizer de Weber¹¹. Ainda que esse ponto tenha sido, como se vê, amplamente reconhecido, foi de fato muito pouco estudado com o detalhe que é devido¹².

Conforme o estabelecido já em meu projeto de pesquisa, proponho aqui abordar o tema – Simmel e a analogia – pautando minhas investigações pela seguinte questão de pesquisa: como funciona a analogia no texto de Simmel? Procuro enfrentar essa questão basicamente a partir de duas abordagens, sendo que a primeira pode ser vista como meio para a realização da segunda: 1) construindo o que chamo de *índice* de analogias, i.e.: uma espécie de “banco de dados” em que pretendo arrolar tantas analogias quantas seja possível identificar nas duas obras de Simmel que tiveram o maior impacto na sociologia: a *Philosophie des Geldes* (1900) e a *Soziologie* (1908); e 2) relacionando os diversos usos que Simmel faz da analogia

---

1. Cf. o primeiro capítulo da monografia de Kracauer sobre Simmel, disponível em KRACAUER, 2004, “Georg Simmel. Ein Beitrag zur Deutung des geistigen Lebens unserer Zeit”, em *Siegfried Kracauer Werke, Band 9.2 – Frühe Schriften aus dem Nachlaß* (cf. em especial o trecho que vai da p. 152 a 156). Esse capítulo inicial da monografia, datada de 1919, seria publicado na revista *Logos*, sob o título “Georg Simmel” e, mais tarde, incorporado, sob esse mesmo título, à coletânea de ensaios *Das Ornament der Masse*, de 1963. Tal coletânea eventualmente seria traduzida para o português (cf. KRACAUER, 2009, *O Ornamento da Massa*; em especial as pp. 253-7).

2. Cf. FREYER, 1944, *La Sociología: Ciencia de la Realidad*, pp. 74-6.

3. Cf. o artigo de Tenbruck disponível em FRISBY (ed.), 1994, *Georg Simmel: critical assessments*, v. 1 (sendo a analogia mencionada na p. 349).

4. Cf. o comentário de Wolff em SIMMEL, 1959, *Essays on Sociology, Philosophy & Aesthetics*, p. ix (trata-se da introdução de Wolff à referida coletânea, por ele também organizada).

5. Cf. o artigo de Levine disponível em SIMMEL, 1959 (em especial as pp. 28-30), que tem como título “The structure of Simmel's social thought”.

6. Cf. FRISBY, 1988, *Fragments of Modernity*, pp. 65-6, em que o autor menciona como Simmel, por meio de duas de suas analogias, teria conseguido focar determinados aspectos significantes para sua (i.e.: a de Simmel) teoria da modernidade.

7. Cf. o artigo “Causality or Interaction? Simmel, Weber and Interpretative Sociology”, em FRISBY, 1994, v.2, em especial a p. 73.

8. Cf. VANDENBERGHE, 2005, *As Sociologias de Georg Simmel*, em especial as pp. 31-3 e 106-7.

9. Cf. DODD, 2008, “Goethe in Palermo: *Urphänomen* and Analogical Reasoning in Simmel and Benjamin”.

10. Cf. WAIZBORT, 2000, *As Aventuras de Georg Simmel*, em especial as pp. 101-3.

11. Que me senti obrigado a isolar dos demais autores, já que não me parece cabível classificar Weber como um “estudioso da obra de Simmel”. Sobre a apreciação que Weber fez de Simmel, cf. o manuscrito inacabado de Weber sobre Simmel, originalmente intitulado “*Georg Simmel als Soziologe und Theoretiker der Geldwirtschaft*” [Georg Simmel como sociólogo e teórico da economia monetária], disponível, em inglês, em FRISBY, 1994, v. 1, p. 77-81.

12. Nos casos de Tenbruck, Wolff, Levine, Frisby, Lichtblau e Vandenberghe, como uma consulta às fontes citadas rapidamente revela, trata-se em geral apenas de menções à importância que a analogia tinha para Simmel, em alguns casos seguidas de um exemplo. Já Weber, Kracauer, Freyer, Dodd e Waizbort chegaram mais perto de problematizar a questão (ainda que nem sempre da forma mais adequada) – sendo que, por isso, tais trabalhos serão retomados no momento devido, ao longo deste trabalho.

(detectados ao longo da coleta) aos aspectos epistemológicos que informam sua obra, tanto no que diz respeito à sua teoria do conhecimento, como no que diz respeito à sua teoria social.

Minha abordagem do tema parte da intuição fundamental de que a analogia é, no caso de Simmel, um *modo de conhecimento*, e um modo de conhecimento especialmente bem adaptado à sua maneira de fazer sociologia (e filosofia); esse seu *modus operandi* não se deixa, por sua vez, assimilar à lógica de um único princípio clara e inequivocamente definível enquanto conceito (como havia notado S. Kracauer já em 1919), ou pelo menos não sem opor certas resistências. Afinal, Simmel se filiou a uma corrente de pensamento que buscava evitar definições mais ostensivas e que valorizava, ao invés disso, o ensaísmo, a interpretação, a incerteza, o perspectivismo, as nuances e sobreposições de sentido, etc. Algo similar pode ser dito também do conceito de analogia. Como o próprio pensamento de Simmel, a analogia parece ser marcada por esse caráter provisório, por essa recusa em, por assim dizer, se deixar definir de uma vez por todas (o que foi notado por pensadores do calibre de Stuart Mill). Tendo em vista esse traço peculiar ao tema de meu trabalho, esforcei-me no sentido de evitar operar com definições ostensivas; ao invés disso, busquei primariamente explicitar os nexos entre o procedimento analógico e outros aspectos fundamentais do pensamento de Simmel. Para levar ao cabo essa explicitação, apresento as analogias que Simmel fez, interpretando-as à luz de sua teoria social e de sua teoria do conhecimento. Minha intenção, com isso, é mostrar que o procedimento analógico aparece, sempre de maneira modificada, em praticamente todos os níveis de análise em que Simmel opera, o que, por sua vez, indica que ele *precisa* das analogias para realizar seus propósitos – o que o distingue de outros pensadores que, mesmo recorrendo frequentemente ao procedimento analógico, não *precisavam* realmente dele.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, contendo, ainda, dois anexos e dois apêndices. No primeiro capítulo, exploro três fragmentos da história do conceito de analogia que chegaram a Simmel e de que ele de algum modo se apropriou: o primeiro desses fragmentos, a que tive acesso sobretudo pelo texto de Aristóteles, se situa no âmbito da filosofia antiga; o segundo, a que tive acesso pelo texto de Darwin, se situa no âmbito da ciência moderna; e o terceiro, a que tive acesso pelo texto de Kant, no da filosofia moderna – sendo que o que tenho em vista com isso é reconstruir um quadro geral de referências para o conceito de analogia o mais próximo possível daquele que Simmel teve à disposição em seu contato com o conceito. No segundo capítulo, exponho todos os passos envolvidos na construção do índice das analogias de Simmel – índice que, por sua vez, está incorporado na forma de anexo a esta dissertação. Se, ao longo do primeiro capítulo, buscava-se uma visada sobre as maneiras de conceber a analogia que Simmel teve à sua disposição antes de elaborar as próprias, no segundo trata-se de olhar o mais diretamente possível para tais analogias (i.e.: as que ele efetivamente elaborou), o que envolveu um esforço no sentido de classificá-las e defini-las tão claramente quanto possível – sendo que é nesse capítulo que se acha minha definição operacional do conceito de analogia, assim como entendo que Simmel o empregava. Antes de avançarmos para a apresentação sumária do terceiro capítulo, convém apresentar o resumo do que sejam

os anexos e apêndices deste trabalho. Os dois anexos nada mais são do que o índice das analogias por mim catalogadas, que contém, somadas, 704 passagens (i.e.: ocorrências de analogia); o primeiro anexo contém as analogias que extraí da *Soziologie*, e o segundo, as da *Philosophie des Geldes* – sendo que se trata, em ambos os casos, de um banco de citações, classificadas de acordo com o exposto no segundo capítulo desta dissertação. Quanto aos apêndices: o primeiro é na verdade um conjunto de gráficos e tabelas montadas para auxiliar na classificação dessas 704 analogias, que se mostrou uma ferramenta útil para que eu pudesse me situar nesse universo empírico; já o segundo é um breve comentário, que elaborei a título de ilustração, que complementa as ideias expostas na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho. Os capítulos terceiro e quarto formam, enfim, o núcleo do trabalho propriamente dito. No terceiro, exponho como funcionam as analogias de Simmel em três camadas distintas de sua sociologia, sendo que a cada uma delas corresponde uma das seções desse capítulo. A primeira dessas camadas é o plano da explicitação do método sociológico, ou seja, aquele em que estão contidas suas discussões epistemológicas sobre o problema da sociologia. A segunda diz respeito à sociologia que Simmel efetivamente praticou, na qual seu “método” é aplicado. E a terceira, à camada de sua sociologia que se pode chamar de “metafísica social”. A ideia é, em todos esses casos, apresentar algumas das analogias que Simmel elaborou nas páginas da *Soziologie* à luz de aspectos importantes de sua teoria social. Já no quarto capítulo, o único a não conter seções internas, exponho as afinidades entre o dinheiro – tema do livro mais importante de Simmel – e o procedimento analógico, visando indicar, com isso, o quão adequado é tal procedimento para uma filosofia como a de Simmel. Devo notar que, por conta de limitações de tempo e imperativos de ordem prática, alheios à lógica interna do trabalho, tive de reduzir e simplificar as discussões inicialmente planejadas para o quarto capítulo – que, conforme meu planejamento inicial, conteria duas seções. O que fiz, na prática, foi pôr de lado o que seria a primeira seção do capítulo (em que pretendia discutir mais detalhadamente o relativismo simmeliano em sua relação com o procedimento analógico), e reestruturar o segundo de modo que pudesse apresentá-la como uma espécie de conclusão, até certo ponto independente do que seria discutido na primeira¹³. Embora esse recorte certamente prejudique um pouco a estrutura e o resultado final do trabalho, procurei diminuir ao máximo as perdas, procurando trazer para a discussão os pontos que considero os mais importantes para a compreensão do procedimento analógico na *Philosophie des Geldes* – discussão essa que utilizo para concluir esta dissertação.

---

13. Tendo isso em vista, acabei transplantando (claro, em registro bem mais sintético) algumas das ideias inicialmente destinadas à primeira seção do quarto capítulo da dissertação para outros trechos da mesma. A maior parte dessas ideias foi parar no quarto capítulo, enquanto uma parte menor, na terceira seção do primeiro capítulo – o que é devido à circunstância de que esses foram os trechos da dissertação que redigi por último.

I. Três fragmentos da história da analogia

Dois são os vícios que a analogia tem a temer: um é se render à esperteza, onde ela se dissipa no vazio, o outro é se cobrir com tropos e metáforas, o que ainda assim é o menos pernicioso. (Goethe)

O objetivo mais geral desta pesquisa é mostrar como as analogias que Simmel incansavelmente elaborava e empregava estão profundamente relacionadas com sua teoria do conhecimento e com sua maneira de fazer sociologia. Mas não devemos perder de vista que Simmel não inventou a analogia, apenas dela se apropriou – o que significa que será preciso enfrentarmos, de algum modo, a seguinte questão: o que é a analogia noutros textos que não os de Simmel? Devo deixar claro que essa é uma questão *periférica* em relação ao meu objeto de pesquisa. Com isso, quero dizer que não tenho a pretensão de respondê-la – mas que, apesar disso, preciso de algum modo passar por ela para chegar ao problema *central*.

Um caminho possível para atravessar essa questão consistiria em buscar alguma definição para o conceito de analogia em geral. Essa solução está descartada. Isso porque “analogia” é uma palavra, uma noção e ocasionalmente um conceito com mais de 2.500 anos de história, que foi empregada em diversos domínios do conhecimento, e não raro em sentido técnico. Ainda que com uma pitada de exagero, John Stuart Mill chegou mesmo a afirmar o seguinte: “There is no word [...] which is used more loosely, or in a variety of senses, than Analogy”¹. Ao longo deste capítulo, encontraremos uma pista que talvez nos ajude a entender essa, digamos, promiscuidade da analogia; contudo, antes disso é preciso caracterizá-la melhor. Para esses fins, creio que será suficiente elencar algumas – mas apenas algumas! – das mãos pelas quais a analogia passou: a analogia passou pelos matemáticos (sendo empregada nesse âmbito já desde a Antiguidade²), pelos físicos, pelos biólogos³, pelos gramáticos (desde o período helenístico, mais tarde também entre os latinos, dentre eles Varrão, e, muitos séculos depois, entre os neogramáticos alemães⁴), pelos geólogos e geógrafos. Também passou tanto pelas mãos dos estudiosos de domínios do conhecimento mais ligados à prática, tais como o direito ou a tecnologia⁵, quanto pelas mãos de poetas os

---

1. MILL, 1961, *A System of Logic ratiocinative and inductive*, p. 364 (ref.: livro III, capítulo XX, §1).

2. A mais importante referência a esse respeito, dentre as que fui capaz de encontrar, é o trabalho de A. Szabó (1969, *Anfänge der griechischen Mathematik*; cf. ainda na bibliografia as referências para as versões em inglês e francês), com que trabalharemos mais adiante.

3. E biólogos do calibre de Charles Darwin, cuja aplicação do conceito será estudada na segunda seção deste capítulo. Darwin não foi o primeiro nem seria o último a empregar a noção de analogia no âmbito da biologia; contudo, ele é um biólogo especialmente importante no caso de Simmel.

4. Segundo CARVALHO, 2002, *Analogia: história, conceituação e aplicação*, que explora algumas das ocorrências do vocábulo “analogia” em textos gregos e latinos. Ainda no ramo das ciências da linguagem, estudos como os reunidos em por Aditi Lahiri (2003, *Analogy, levelling, markedness*) mostram, enfim, que a analogia ainda rende assunto na área.

5. Sobre as tecnologias analógica e digital, vide CARVALHO, 2002, pp. 135-9. Encontrei ainda uma abordagem antropológica sobre o tema, voltada mais especificamente para o mundo dos DJ’s; cf. FERREIRA, 2006, “O Analógico e o Digital: a politização tecnoestética do discurso dos DJ’s”. Tanto Carvalho, como Ferreira se referem à distinção entre as tecnologias analógica e digital de

mais respeitáveis e de nem-tão-respeitáveis-assim astrólogos e alquimistas⁶. E, como não poderia deixar de ser, os mais diversos filósofos usaram e abusaram da analogia, ora para tirar alguma coisa dela, ora para apontar os seus defeitos; para listar apenas alguns: Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino⁷, Descartes⁸, Leibniz⁹, Kant, Stuart Mill¹⁰ e mais recentemente, Keynes¹¹, Foucault¹² e Deleuze¹³ – todos eles encararam a

---

armazenagem e transmissão de dados (os dois trabalhos contam, inclusive, com diagramas e ilustrações tendo em vista elucidar a distinção entre os dois tipos de tecnologia). Mas também podemos, mais prosaicamente, pensar no relógio analógico e no digital.

6. Astrólogos e alquimistas recorreram às analogias tendo em vista produzir “previsões” do futuro (atribuindo, desse modo, à analogia um peso maior do que ela é capaz de suportar). Creio que, ao tratar de semelhantes assuntos, não devemos perder de vista o fato de que, hoje, é muito fácil para nós (que dispomos não só de métodos científicos modernos, como ainda de uma multiplicidade de estilos de vida a que podemos nos associar) traçar uma linha entre ciência e misticismo; contudo, é compreensível que entre 300 a.C. e 1.600 d.C. (quando a alquimia, longe de ser tema para *best-sellers*, implicava um estilo de vida todo particular, indissociável dos mundos da vida de certos grupos) essa linha não fosse assim tão evidente. Para uma comparação instrutiva e, em certos aspectos, curiosa, entre as analogias empregadas na ciência moderna e aquelas empregadas pelos alquimistas para produzir suas “previsões”, cf. GENTNER & JEZIORSKI, 1993, “The shift from metaphor to analogy in Western science”, em ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and Thought*.

7. Salvo os autores que serão trabalhados em maior detalhe nas próximas seções (Platão, Aristóteles e Kant), forneço, nestas notas de rodapé, para cada filósofo citado pelo menos um exemplo de referência à analogia, escolhido de maneira bastante aleatória. A ideia é apenas a de fornecer algum ponto de referência para os interessados no assunto. Para o caso de Tomás de Aquino, cf. TOMÁS DE AQUINO, 2000, *Sto. Tomás de Aquino – Os Pensadores*, pp. 169-70 (trata-se aí do *Compêndio de Teologia*, capítulo 27). Carvalho ainda fornece mais duas referências, ainda que breves: cf. CARVALHO, 2002, pp. 129-30. A escolástica de um modo geral abordou com um grande grau de refinamento a questão da analogia, sendo referência indispensável para quem quer que deseje reconstruir passo por passo seu conceito moderno; contudo, por considerar a discussão pouco útil para os meus fins, deixarei de lado as lições da escolástica.

8. No *Discurso do Método*, p. ex., temos uma analogia bastante famosa de Descartes: a analogia entre o corpo e a máquina (DESCARTES, 1989, *Discurso do Método*, pp. 74-5; trata-se aí da parte V da referida obra). Entre as suas correspondências, podemos ainda encontrar algumas menções explícitas a esse tipo de analogia, que ele chama de “comparaison”; cf. DESCARTES, 1988, *Ouvres de Descartes – Correspondance*, v. II, pp. 367-8 (trata-se da carta a Morin, datada de 12 de Setembro de 1638; cf. ainda o verbete “analogia” em COTTINGHAM, 1995, *Dicionário Descartes*, p. 19). Ao que tudo indica, Leonel Ribeiro dos Santos discute a questão em RIBEIRO DOS SANTOS, 2001, *Retórica da evidência ou Descartes segundo a ordem das imagens*, pp. 105-12; infelizmente, não tive acesso ao livro (tirei a referência de um outro artigo do mesmo autor, disponível online: RIBEIRO DOS SANTOS, 2009, “Analogia e conjectura no pensamento cosmológico do jovem Kant”, p. 135).

9. Leibniz tinha um apreço particular pelas analogias. N. Rescher, comentando a *Monadologie* de Leibniz, chega a afirmar que: “virtually the whole of Leibniz’s discussion here is a complex fabric of such analogies or proportions” (LEIBNIZ, 1991, *Leibniz’s “Monadologie”: An edition for students*, p. 37). Assim, para Leibniz, a mônada ora é *como* os átomos (idem, p. 17; ref.: seção 2 da *Monadologie*), ora *como* uma casa sem janelas (idem, p. 17; ref.: seção 3), ora *como* a entelúquia de Aristóteles (idem, p. 18; ref.: seção 18), e assim por diante. Na edição da *Monadologie* referida nesta nota, Rescher inventariou – muito convenientemente, considerando não só os propósitos deste trabalho, como também o tipo de texto que Leibniz nos deixou –, todas as analogias ali empregadas. Segundo o levantamento bibliográfico que fiz, Rescher analisa a questão da analogia em Leibniz com mais cuidado em RESCHER, 2006, *Studies in Leibniz’s cosmology* (cf. especialmente o capítulo 7); contudo, também não tive acesso a esse livro. Além disso, no que se refere à literatura secundária sobre Leibniz produzida no Brasil, podemos ainda mencionar a tese de doutorado de T. M. Lacerda (2006, *A expressão em Leibniz*).

10. Como havíamos visto, Mill discute a analogia em seu *Sistema de Lógica*. Num primeiro momento, em MILL, 1961, pp. 44-6 (livro I, capítulo III, seção IV, § 11) e, mais detidamente, em MILL, 1961, pp. 364-8 (livro III, capítulo XX). A analogia interessa a Mill num sentido bastante específico: como um caso especial de indução.

11. Cf. sobretudo a terceira parte do seu tratado sobre a probabilidade (parte essa intitulada “Induction and analogy”). Especialmente recomendáveis são os capítulos 18, 19 e 23; a referência desses capítulos na edição que consultei é: KEYNES, 1929, *The collected writings of John Maynard Keynes*, v. 8, pp. 241-304. Dentre as contribuições de Keynes sobre o tema está a distinção conceitual entre analogia positiva e analogia negativa; para resumi-lo em poucas palavras, exatamente como as analogias positivas se ocupam com as semelhanças entre dois objetos, as negativas se ocupariam com suas diferenças (cf. KEYNES, 1929, p. 248).

12. A palavra “analogia” é recorrente em *As palavras e as coisas*, mas possui em geral um sentido bastante diferente do que é aqui empregado. Assim, para Foucault: “A partir do século XVII, a semelhança é repelida para os confins do saber, para a zona das suas fronteiras mais reduzidas e humildes. Aí liga-se à imaginação, às repetições incertas, às analogias nebulosas” (FOUCAULT, 1966, *As palavras e as coisas*, p. 103; ref.: cap. III, seção V). Contudo, a generalização de Foucault parece deixar de lado ninguém menos que Descartes (1596-1650), que, como vimos, tinha lá seu *penchant* pelas *comparaisons* analógicas; também Kepler (1571-1630), que fez contribuições decisivas para o avanço da astronomia no século XVII e que era muito afeito às analogias, teria de ser deixado de fora. Foucault, inclusive, se refere a Descartes como um exemplo de como o pensamento moderno se *afasta* do pensamento analógico, indo na contramão do que está sendo aqui afirmado (ao que tudo indica, esse ponto é desenvolvido em RIBEIRO DOS SANTOS, 2001, pp. 105-12 – livro a que, contudo, não tive acesso). Mas me parece que as analogias que Foucault tinha em mente eram aquelas empregadas pelos alquimistas (cf., FOUCAULT, 1966, esp. pp. 39-48: cap. II, seções I e II, onde a palavra “analogia” aparece bastante próxima a nomes como Paracelso, um famoso alquimista do século XVI). Sem dúvida, essas analogias foram severamente reprimidas pelos primeiros modernos (como Bacon e o próprio Descartes; cf., p. ex., a referência a Descartes em

analogia. E, já que também a filosofia se especializou, podemos ainda encontrar nas suas ramificações quem a tenha tomado em seus braços: p. ex., no âmbito da lógica¹⁴ e no campo das ciências cognitivas^{15 16}.

Dada a enorme variedade no que concerne à aplicação desse vocábulo, e dada ainda a sua longa e complicada história, seria, da minha parte, precipitado e até mesmo irresponsável oferecer uma definição ostensiva, dicionarizada do significado da analogia em geral (o que não me impede de trabalhar com algumas definições do que seja a analogia para o caso específico de Simmel¹⁷). Antonio Carlos Silva de Carvalho, em sua tese de doutorado sobre a analogia defendida junto à USP, que será mencionada ao longo deste capítulo, chegou a arriscar uma definição do conceito de analogia, que é a seguinte: “relação entre dois elementos a partir de um ponto, que implica um terceiro elemento”¹⁸. Claro está: a definição faz

---

FOUCAULT, 1966, p. 76: cap. II, seção II). Contudo, as analogias de Paracelso dificilmente se encaixariam perfeitamente, p. ex., no esquema aristotélico da analogia – de modo que a analogia dos alquimistas é apenas um dos muitos análogos da analogia.

13. Cf. DELEUZE, 2006, *Diferença e Repetição*, em que a analogia é tematizada diversas vezes, num registro que também é diferente do meu (de todo o modo, o livro interessará àqueles que queiram se aprofundar na recepção da analogia pela escolástica). Vale a pena também citar um breve artigo em que Deleuze lança um diagnóstico do presente, bastante colado no tipo de discussão que ficaria consagrada por Foucault, a saber: DELEUZE, 1992, “Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle”. Nesse artigo, Deleuze emprega a distinção entre as tecnologias analógica e digital como uma metáfora para tornar inteligível seu diagnóstico da sociedade presente: que deixaria de ser uma “sociedade disciplinar” e passaria a ser uma “sociedade de controle”. Fora isso (e deixando, rapidamente, a analogia de lado), a “sociedade de controle” é figurada em termos bem familiares para o leitor de Simmel: o que melhor exprime seu caráter flutuante e idividual é justamente, para Deleuze, aquilo que, para Simmel, rendeu uma verdadeira filosofia: o dinheiro (cf. DELEUZE, 1992, pp. 3-4).

14. Cf., p. ex., o livro de introdução à lógica de W. Salmon (1978, *Lógica*, pp. 104-8). A discussão de Salmon em torno da analogia é claramente baseada em Stuart Mill.

15. Há inúmeros estudos sobre a analogia no campo das ciências cognitivas. Há, p. ex., um estudo bastante interessante sobre aprendizagem infantil, que é fruto de uma pesquisa com crianças de 2 a 4 anos e tem por conclusão que “a aproximação semântica por analogia é uma estratégia linguística fundamental para o desenvolvimento do léxico e revela a flexibilidade cognitiva presente no desenvolvimento típico” (TONIETTO et al., 2007, “Aquisição inicial do léxico verbal e aproximações semânticas em português”). Além de pesquisas como essa, há também algumas mais ambiciosas (e menos chegadas a delimitar seu escopo com tanto esmero como no caso da pesquisa anterior); menciono, como um exemplo entre inúmeros possíveis, ITKONEN, 2005, *Analogy as Structure and Process: Approaches in linguistics, cognitive psychology and philosophy of science*. Também é preciso mencionar HOFSTADTER, 1995, *Fluid Concepts and Creative Analogies: Computer Models of the Fundamental Mechanisms of Thought*, um dos campeões de citação na área.

16. Convém acrescentar, mas agora numa nota de rodapé reservada, uma contribuição contemporânea a Simmel, a que ele teve acesso. Trata-se de um trabalho do psicólogo William Stern, primeiro publicado como livro em 1893, e cujo prefácio é assinado por M. Lazarus, influente professor de Simmel – que, por sua vez, escreveu uma breve resenha do livro, cujo título pode ser traduzido como “A analogia no pensamento popular” (cf. STERN, 1893, *Analogie im volkstümlichen Denken*; infelizmente, quando tive acesso ao livro, não tinha mais o tempo hábil para tirar proveito da aquisição). Eis o conteúdo da resenha de Simmel:

Esse livro interessante e engenhoso propõe para si a tarefa de investigar o papel desempenhado pela analogia no pensamento, no sentimento e na vontade cotidianas. Aponta para inúmeros casos em que a criança e o homem ingênuo, ao invés de representar diretamente a coisa, serve-se desse contorno peculiar, aliás precisa dele se servir para obter uma imagem de mundo coerente [zusammenhängend]; e então, de um ponto aparentemente situado à sua margem, recai uma clara luz sobre a totalidade do ser espiritual do homem. O livro deve ser recebido calorosamente pelos círculos formados por indivíduos leigos [em ciência] mas cultivados, que almejam um conhecimento científico profundo da própria vida e da vida da espécie; há de lhes trazer não apenas lições valiosas, mas ainda, ao mesmo tempo, estímulo e orientação no sentido de se obter tal conhecimento mediante a reflexão própria. (GSG, v. 17, p. 298)

É simplesmente inevitável colocarmos essa passagem da obra de Simmel ao lado desta, mais famosa, e que será comentada mais adiante:

Caso a história das ciências efetivamente mostre que o modo filosófico de conhecimento seja o primitivo, seja meramente uma especulação sobre os fenômenos com base em conceitos gerais – mesmo nesse caso, tal procedimento provisório será ainda incontornável frente a várias questões, em especial àquelas que dizem particularmente respeito às valorações e aos nexos mais gerais da vida espiritual, as quais, até agora, não é possível nem se furtar a responder, nem responder de forma exata. (GSG, v. 6, p. 9; o parágrafo de que essa passagem foi tirada encontra-se reproduzido no quarto capítulo deste trabalho, à p. 304).

17. Para estas, cf. a segunda seção do segundo capítulo deste trabalho, situada na p. 161.

18. CARVALHO, 2002, p. 28. O título da tese é: “Analogia: história, conceituação e aplicação.” Chamo a atenção para o título porque, por ele, fica claro que, no caso de Carvalho, a conceituação da analogia era um elemento importante. Devo notar que

sentido e é muito útil para os fins a que ele se propõe, mas não só é bastante hermética para quem não leu toda a tese de Carvalho (o que tem por consequência que ela seja inútil em relação aos *meus* fins), como ainda pode ser questionada a partir de elementos contidos nessa mesma tese (não, é claro, sem um pouco de contorcionismo retórico). Assim, segundo Carvalho, a ideia de cálculo é inseparável da analogia¹⁹; apesar dessa afirmação, Carvalho separou, do conceito de analogia que ele mesmo propôs, a ideia de cálculo, como é possível observar lendo isoladamente a definição supracitada. Por conseguinte, ou sua definição é insuficiente, ou a ideia de cálculo *não* é inseparável da analogia (i.e.: é possível elaborar uma definição suficientemente correta para o termo que não contenha junto a si a ideia de cálculo).

Assim, ao invés de atravessar a questão – o que é a analogia noutros textos que não os de Simmel? – lançando mão de uma definição ostensiva do termo, pretendo atravessá-la assim: recuperando aqueles fragmentos da história da analogia que ajudem, de algum modo, a compreender as analogias que Simmel elaborou. Ao longo deste capítulo, irei reconstruir três desses fragmentos. O primeiro deles diz respeito à analogia naquele que é (ao que tudo indica) o seu ambiente de origem: a cultura da Grécia antiga. Esse pedaço da história da analogia é relevante para a compreensão das analogias de Simmel por duas razões: 1. Simmel traçou várias analogias entre a sociologia e a geometria, o que é importante uma vez que a palavra “analogia” possuía um significado bastante específico entre os matemáticos gregos²⁰; 2. Simmel leu e citou diversas vezes as obras de Platão e Aristóteles, por meio das quais terei acesso ao significado que a palavra “analogia” tinha para os gregos. O segundo fragmento dessa história com que irei topar diz respeito ao emprego da palavra “analogia” no domínio da biologia; tomarei, aqui, como ponto de acesso à história do conceito a obra mais importante de Charles Darwin, *On the Origin of Species*. Se a obra de Darwin é de interesse, é porque exerceu uma influência significativa em Simmel (sobretudo em seus primeiros escritos). O terceiro e último fragmento da história da analogia a que vou me dedicar pode ser encontrado na obra de Kant – o autor mais citado por Simmel em suas obras.

Se me volto para esses fragmentos da história da analogia não é – contudo – para compreendê-los em sua especificidade. Não se trata de reconstruir a história da analogia *pela* história da analogia. Tampouco tenho a pretensão de compreender como funcionam, p. ex., as analogias em Aristóteles para compreender Aristóteles; ainda quando eu apresente uma definição em casos como esse, o que estará em jogo será uma definição feita por encomenda para lançar alguma luz *sobre as analogias de Simmel*. Se, por outro lado, ainda assim é inevitável encontrar uma via de acesso para a longa e complicada história da analogia, é porque Simmel, afinal, processou e incorporou de algum modo essa história à sua própria. Trata-se, portanto, de explicitar, na medida do possível (i.e.: de maneira seletiva), o quadro de referências à analogia

---

Carvalho se interessa pela analogia enquanto *palavra* (eu, pelas analogias de Simmel enquanto modos de conhecimento); seu enfoque é, portanto, estritamente linguístico.

19. CARVALHO, 2002, p. 22. De resto, ao que parece Carvalho se apoia, aqui, em uma definição pouco precisa do termo “cálculo”.

20. Embora não se possa demonstrá-lo por $a+b$, parece ser possível afirmar com bastante segurança que a analogia em sentido matemático já existia antes de Sócrates, como afirma Carvalho (cf. CARVALHO, 2002, pp. 24 e 33). Tanto mais razoável, quando se leva em conta a etimologia da palavra “analogia” – como ficará claro na próxima seção.

que Simmel teve à sua disposição para elaborar suas próprias analogias. Ou, para reciclar a imagem que sugeri anteriormente: trata-se, aqui, de recuperar as analogias de fora do texto de Simmel como caminhos que levam às analogias do texto de Simmel.

I.1. A proporção e seus análogos

Os primeiros registros da palavra “analogia” foram encontrados em textos da Grécia antiga; ao que tudo indica, o termo é empregado há pelo menos 2.500 anos, embora a ideia nele contida seja definitivamente ainda mais antiga¹. Os gregos grafavam assim a palavra que é objeto da presente investigação: ἀναλογία. Como podemos observar olhando sua forma escrita em várias línguas ocidentais (analogia, analogy, Analogie, analogie, analogía), o vocábulo foi meramente transliterado do alfabeto grego para o nosso.

É possível identificar o sentido (aproximado!) que a palavra ἀναλογία tinha entre os gregos da Antiguidade nas seguintes expressões: “equivalência quanto à razão”, ou “identidade quanto à razão”. Esse ponto será, por assim dizer, demonstrado com uma breve análise dos três elementos básicos que se combinaram para formar a palavra ἀναλογία. São eles: ἀνά/λόγος/-ία².

Começarei pelo elemento mais simples: o sufixo -ία. A palavra ἀναλογία é um substantivo abstrato provavelmente derivado, em última instância, da expressão adverbial ἀνά λόγον (algo como “de acordo com o λόγος”)³, de modo que -ία nada mais é do que o sufixo que indica tratar-se de um substantivo.

Já o primeiro elemento, ἀνά, quando considerado de maneira isolada em relação à ἀναλογία, funciona como advérbio e preposição; no caso específico da ἀναλογία, trata-se de uma preposição que passou a prefixo⁴. O significado *exato* de ἀνά em ἀναλογία parece, contudo, mais obscuro. Tomada de maneira isolada, a palavrinha pode implicar, entre outras, as ideias de: “em cima de”, “por sobre a”, “no alto”, “para trás”, “de novo”, “ao longo de”⁵. Nenhuma dessas parece ser apropriada à ἀναλογία; além disso, nem em Carvalho, nem tampouco nas obras de referência que consultei, encontrei uma explicação clara e inequívoca do papel exercido pela preposição ἀνά em ἀναλογία.

---

1. Sobre o ponto, cf. a nota 15, mais abaixo.

2. Como não leio grego, essa “demonstração” está em grande medida apoiada em SZABÓ, 1969, *Anfänge der griechischen Mathematik*, pp. 193-215 (estão listadas na bibliografia ainda as versões em inglês e francês) e CARVALHO, 2002, pp. 25-31. Há, no livro de Szabó, explicações bem mais detalhadas, para quem se interessar. Além dessas obras, utilizei, para os fins da presente “demonstração”, algumas obras de referência à disposição da Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH-USP (as principais obras de referência consultadas encontram-se arroladas na bibliografia).

3. Cf. SZABÓ, 1969, p. 205 (Szabó traduz ἀνά λόγον por “je nach Logos”). O significado de λόγος será indicado num dos parágrafos que seguem. Vale a pena notar que Szabó vai ainda mais longe na etimologia do termo, afirmando que a expressão adverbial em questão é uma variação elíptica de uma outra, mais complexa. Já Carvalho, seguindo o que se encontra na maioria das obras de referência, remete a etimologia do substantivo ἀναλογία ao adjetivo correspondente: ἀνάλογος (análogo). Porém, bem antes de Carvalho, Szabó havia já argumentado, de modo bastante convincente, que, ainda que essa intuição esteja correta, o adjetivo em questão parece ele mesmo ser oriundo daquela expressão adverbial (cf. SZABÓ, 1969, p. 196). Registros dessa variante “adverbial” da analogia foram encontrados não só em textos de Platão, como ainda nos textos que chegaram a nós de Arquitas de Tarento (contemporâneo de Platão).

4. Sobre esse ponto, cf. CARVALHO, 2002, pp. 25-6. Szabó também nota que há duas grafias possíveis para a expressão adverbial que teria dado origem à palavra ἀναλογία: ἀνά λόγον e ἀνάλογον, sendo que a primeira (formada por duas palavras grafadas separadamente) seria a mais antiga (cf. SZABÓ, 1969, p. 201).

5. A lista de correspondentes (tanto para ἀνά, como, mais adiante, para λόγος) não é exaustiva, e a maioria deles já haviam sido assinalados por Carvalho (cf. CARVALHO, 2002, pp. 25-31). Todos podem ser achados nas obras de referência listadas na bibliografia (claro está que, para o caso das obras de referência de língua estrangeira, busquei um termo correspondente em português).

Szabó havia se deparado exatamente com essa situação quando escreveu seu livro sobre os primórdios da matemática grega⁶. Ele parece ter conseguido, contudo, matar a charada: para tanto, ele precisou avançar em três passos que, aqui, reconstruo apenas de maneira muito sintética⁷: primeiro, localizou um sentido próprio de ἀνά em contextos especificamente numéricos⁸; em seguida, buscou, no grego, uma expressão em que a preposição ἀνά exercia um papel análogo ao que exerceria na locução adverbial ἀνά λόγον; e, por fim, reconstruiu aquilo que seria a expressão “completa” da variante elíptica dessa locução, a saber: ἀνά λόγον ἴσοι ou ἀνά λόγον ἴσα. Parcialmente vertida para o português, a expressão significa “igual de acordo com o λόγος, ou “equivalente quanto ao λόγος”⁹.

O que nos leva ao elemento central da ἀναλογία: o λόγος. Trata-se de um velho conhecido dos filósofos: o **logos**. A palavra, cuja história é antiquíssima, pode ser associada a uma grande gama de correspondentes, dentre eles: “verbo”, “palavra”, “conceito”, “razão” e “discurso”. Ainda que esse certamente não seja o significado “original” do termo λόγος, no caso da analogia, a aproximação com a palavra “razão” revela-se bastante fecunda (e, nessa medida, apropriada a meus fins); principalmente se levarmos em conta a acepção matemática do termo, i.e.: razão como “divisão”, “relação entre termos”¹⁰. Reunindo esses três elementos numa palavra só, ἀναλογία, podemos concluir que o seu sentido equivale, de maneira aproximada, à “equivalência quanto à razão”, ou “identidade quanto à razão”, c.q.d.

Essa “demonstração” abre caminho para que passemos da linguagem à matemática, que – não custa enfatizar – se desenvolveu de maneira extraordinária entre os gregos da Antiguidade. Como veremos, entre eles, a ἀναλογία possuiu um sentido muito específico e elementar¹¹. Daqui em diante, sempre que for me

---

6. Szabó nota que, em todas as obras de referência até então, a preposição era simplesmente tomada como equivalente a “de acordo com” (“gemäß”, “according to”); o problema por ele diagnosticado consiste em que, como é possível concluir tomando como referência a lista de correspondentes acima apresentada, “de acordo com” não aparece como tradução *direta* de ἀνά (é notável, contudo, que o prefixo ana-, assim como é empregado em línguas modernas, já apareça como equivalente de “de acordo com”; cf., p. ex., o dicionário *Houaiss de Língua Portuguesa*). De resto, Szabó afirma que havia, no grego de então, termos mais adequados para expressar essa mesma idéia (cf. SZABÓ, 1969, pp. 201).

7. Para a versão completa de sua solução para o problema – bastante convincente e rica em detalhes –, cf. SZABÓ, 1969, pp. 203-8.

8. Com efeito, em algumas das obras de referência por mim consultadas consta que, em contextos numéricos, ἀνά possui um sentido *distributivo* – que é exatamente aquele para o qual Szabó chama a atenção. Cf., p. ex., o verbete referente a ἀνά no *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots* par Pierre Chantraine.

9. A tradução original de Szabó (em alemão) é “je nach Logos gleich”. A versão inglesa desse livro apresenta “equal when taken in logoi” (cf. SZABÓ, 1978, p. 154); a francesa, “égaux de logos à logos” (cf. SZABÓ, 1977, p. 168, bem como a nota do tradutor na p. 167).

10. No caso da analogia, “relação entre termos” é mais preciso que “divisão” (sendo que esta deve ser considerada uma *espécie* daquela). A partir dos textos em que Arquitas de Tarento empregou a expressão adverbial ἀνά λόγον – que, como foi mostrado, estaria na raiz do substantivo correspondente –, parece ser possível reconstruir outras modalidades de relação analógica, assim como esta era mais originalmente concebida no âmbito da matemática grega. O leitor interessado pode encontrar exemplos no verbete dedicado à analogia (“Analogie”) do *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, bem como no livro de Szabó, que analisa a passagem de Arquitas à luz de certos aspectos da teoria musical pitagórica (cf. SZABÓ, 1969, pp. 218-21, onde se encontra uma tradução da referida passagem de Arquitas). O ponto remete à distinção – provavelmente corrente entre os pitagóricos – entre analogia *geométrica*, *aritmética* e *harmônica* (há referências indiretas a essas três modalidades em Arquitas, e às duas primeiras, em Aristóteles – ainda que, nesse último caso, tratem-se apenas de alusões vagas). Como não encontrei uma oportunidade para empregar, no estudo das analogias de Simmel, a distinção em questão, não irei levá-la em conta.

11. Esse ponto enseja uma breve reflexão. Acabei de afirmar que a analogia possuiu, entre os matemáticos gregos, um sentido *elementar*. O que quero dizer com isso não é exatamente que a analogia primeiro surgiu na matemática, e depois se generalizou para outros domínios científicos, ainda que isso seja bastante provável. (Szabó, p. ex., afirma justamente que o termo foi criado

referir a esse sentido mais particular, empregarei uma dessas duas expressões, que se equivalem: (1) *analogia em sentido matemático* ou (2) *analogia como proporção*. Com efeito, em matemática, e sobretudo na geometria, se diz que é ἀνάλογος aquilo que é proporcional. Esse ponto é muito importante, porque o modelo da analogia como proporção era uma referência básica tanto para Platão, como para Aristóteles (e não há dúvidas de que, muitos séculos mais tarde, também para Simmel); de modo que pretendo fixá-lo por meio de dois ardis alternativos, mas complementares: primeiro, irei armar um exercício mental e, em seguida, apresentarei uma figura – para ilustrar, com duas imagens diferentes, a analogia em sentido matemático.

Para os matemáticos gregos, isto era uma analogia: 10:5::6:3 (leia-se: dez está para cinco, assim como seis está para três). O nome que os matemáticos de hoje dão a isso é proporção, ou melhor: proporcionalidade¹². Um rápido exercício mental nos permitirá entender melhor o que isso significa. Imaginemos dois segmentos de reta com comprimentos diferentes; digamos, mas apenas para facilitar a visualização e dar corpo aos números acima expostos, que um desses segmentos é um barbante que mede 15 centímetros e, o outro, um barbante que mede 9 centímetros. (Faço notar que, enquanto temos conosco apenas dois barbantes, não há qualquer analogia em sentido matemático entre eles.) Agora, pressionemos o dedo em um determinado ponto do primeiro barbante, o mais comprido, de maneira a *dividi-lo* em duas partes: uma exatamente com dez e outra exatamente com cinco centímetros (ou, para ser mais preciso: marquemos um ponto no primeiro segmento, o mais comprido, de maneira a *dividi-lo* exatamente em dois novos segmentos de reta: um com dez e outro com cinco centímetros). O que fizemos aí foi dividir o segmento na proporção de dois para um. Feito isso, tomemos o outro barbante, menor, e o separemos em duas partes, uma com 6, e outra com 3 centímetros, i.e.: na proporção de dois para um. Pronto, temos agora nossa própria analogia, preparada com barbantes e à moda dos matemáticos!

Note-se que a analogia em sentido matemático diz respeito de um modo muito claro à razão que os termos proporcionais mantêm entre si. Ela expressa uma identidade de razões. Por esse motivo, é possível “estender” ou reproduzir indefinidamente a analogia (em sentido matemático) que acabamos de preparar: 10:5::6:3::14:7::150:75, e assim por diante. Para tanto, basta inferir a razão que serve de base para a analogia. A consequência lógica que se pode tirar daí é a seguinte, segundo a formulação de Kant: “quando

---

pelos matemáticos para lidar com problemas da matemática, em SZABÓ, 1969, pp. 194. Em favor dessa hipótese, é possível indicar a evidência de que um dos primeiros registros da expressão ἀνά λόγον foi achado num texto de Arquitas de Tarento sobre teoria musical e matemática; é preciso, contudo, notar que, nesse texto e ainda segundo Szabó, o sentido de ἀνά λόγον é levemente diferente do que foi até aqui exposto, sobretudo porque, ali, λόγος possui um sentido mais abrangente (o que se liga ao ponto aludido na nota 10, logo acima desta)). Seja como for, o que afirmo é o seguinte: dentre todos os modelos da analogia que encontrei, o modelo matemático, já empregado entre os gregos, é o mais simples, consistente e bem acabado. Nesse sentido, ele pode ser pensado – o que é, dado o escopo deste trabalho, suficiente – *como se fosse* o seu protótipo, i.e.: o modelo “elementar” que serviu como referência para a formação de outras modalidades de analogia (que, como veremos, sempre se *diferenciam* do modelo matemático em alguns aspectos – o que também é válido para o modelo de analogia empregado por Simmel).

12. Afinal, assim como ἀναλογία (analogia) é, na verdade, o termo abstrato que se refere àquilo que é ἀνάλογος (análogo), assim também o é a “proporcionalidade” em relação àquilo que é proporcional. Esse pormenor não será, contudo, observado com rigor ao longo desta exposição.

são dados três elementos da proporção, também o quarto será dado desse modo, quer dizer, pode ser construído”¹³. Duas propriedades da analogia podem ser, agora, definidas. A primeira diz respeito à capacidade, acima referida, de se criar novas analogias por extensão a uma analogia dada; chamarei essa capacidade de *extensibilidade da analogia*. No caso da analogia em sentido matemático, a extensibilidade pode ser predicada como sendo *recursiva* (i.e.: pode ser reiterada um número infinito de vezes, gerando, assim, um número infinito de extensões). A segunda propriedade (e a distinção entre ambas é meramente formal: elas são, com o perdão do clichê, como duas faces de uma mesma moeda) é aquela formulada por Kant; irei, aqui, chamá-la de *reversibilidade da analogia*¹⁴. Retomaremos ambas as definições mais adiante.

Para evitar quaisquer dúvidas, segue uma figura que ilustra muito claramente a analogia como proporção – e que, por sua vez, deve tornar ainda mais claro o quão próximo o sentido etimológico de ἀναλογία é do seu sentido propriamente matemático. Para os matemáticos gregos, isto (também) era uma analogia:

Figura 1: a está para b, assim como c está para d

(elaborado a partir de LAHIRI, 2003, p. 1)

Mas, mesmo na Grécia de antigamente, a ἀναλογία não era propriedade privada da matemática. Platão empregava, frequentemente, analogias no âmbito de sua filosofia¹⁵. Ainda assim, Platão (como, mais tarde,

13. KANT, 2010, *Crítica da Razão Pura*, p. 210; ref.: KrV, B 222. A passagem será retomada mais adiante (cf. a p. 82 deste trabalho).

14. Os termos que utilizei para construir ambas as definições foram inspirados em ITKONEN, 2005. A palavra “reversibilidade” é aqui empregada num sentido bastante diferente com que Foucault a empregou em *As Palavras e as Coisas*, também para se referir a uma das características da analogia (cf. FOUCAULT, 1966, p. 40; ref.: cap. II, seção I). Coincidentemente, Foucault postula, ao lado dessa reversibilidade, uma “polivalência” da analogia que é, essa sim, algo muito parecido com o que chamo de “extensibilidade recursiva” da analogia em sentido matemático.

15. O que não surpreende, dada a influência que os pitagóricos exerceram sobre Platão. De resto, convém a esta altura notar que Carvalho, para preparar sua tese de doutorado, procurou por ocorrências do substantivo ἀναλογία em diversos textos da Grécia antiga, a saber: em Homero (na *Iliada* e na *Odisséia*), Hesíodo, Anaximandro, Heráclito e Parmênides. Apesar disso, a primeira ocorrência do termo que encontrou foi mesmo em Platão (cf. CARVALHO, 2002, p. 33; há que se notar que nos textos de Arquitas de Tarento acima referidos, ocorre apenas a expressão adverbial ἀνά λόγον). Apesar disso, a *ideia* que subjaz à palavra estava já certamente presente em textos mais antigos. B. Snell cita a seguinte passagem de Safo (nascida no século VII a.C.): “Arignota brilha entre as mulheres da Lídia como a lua entre as estrelas” (cf. SNELL, 1992, *A descoberta do espírito*, p. 253). A passagem envolve uma comparação estritamente proporcional, i.e.: analógica. Snell afirma ainda que mesmo no âmbito da filosofia já se empregava semelhantes proporções, e cita o caso de Heráclito (cf. SNELL, 1992, p. 254, bem como pp. 277-80), o que comprovei mediante uma

também Aristóteles), emprega a analogia de um modo muito *semelhante* ao dos matemáticos; a impressão que se tem é mesmo a de que Platão “empresta” a analogia da matemática, ou ainda, como veremos com mais detalhe ao longo desta seção: que ele emprega a analogia na filosofia por analogia ao modo como se empregavam as analogias no âmbito da matemática¹⁶. Isso ficará muito claro com o exemplo seguinte, por sinal muito famoso e amplamente citado por comentadores de Platão. Para Platão, isto era uma analogia:

Logo, o sol não é a vista, mas, sendo seu princípio, é apercebido por ela [...]. Saiba, portanto, que é a ele que eu chamo de filho do bem, que o bem engendrou semelhante a si mesmo. O que o bem é no domínio do inteligível com referência ao pensamento e seus objetos, o sol o é no domínio do visível com referência à vista e seus objetos.¹⁷

Vale a pena explicar um pouco a analogia que Platão põe na boca de Sócrates. A essa altura d’A *República*, Sócrates vinha dizendo a Adimanto que o Sol seria, dentre todos os deuses do céu, o único capaz de fornecer o elemento para “ligar” a visão aos objetos da visão – sendo a luz o elemento em questão (já que, sem a luz, não somos capazes de enxergar objeto algum). Assim, para o Sócrates de Platão, a relação entre o sol e a visão é *análoga* à relação entre o bem e a inteligência. Essa analogia pode ser reformulada de maneira a se encaixar bastante bem no esquema da analogia em sentido matemático; vejamos como: o sol está para a visão (e seus objetos) assim como o bem está para a inteligência (e seus objetos); ou: sol:visão::bem:inteligência. Dada a analogia, Sócrates se permite inclusive tirar certas conclusões, como vemos no excerto do diálogo reproduzido na sequência. É Sócrates quem começa falando:

- Como sabes – respondi – os olhos, quando voltados para objetos cujas cores não são iluminadas pela luz do dia, mas pelo clarão dos astros noturnos, perdem a acuidade e parecem quase cegos, como se não fossem dotados de visão nítida.
- Sei muito bem disso.
- Mas, quando os voltamos para objetos iluminados pelo sol, enxergam distintamente e mostram ser dotados de visão nítida.
- Sem dúvida.
- Concebe, pois, que ocorre o mesmo em relação à alma; quando ela fixa os olhares sobre aquilo que a verdade e o ser iluminam, ela o compreende, o conhece, e denota que é dotada de inteligência; mas quando os dirige para o que é mesclado de obscuridade, para o que nasce e perece, sua visão se embota, ela não tem mais do que opiniões, passa incessantemente de uma a outra e parece desprovida de inteligência.¹⁸

---

rápida pesquisa junto aos poucos fragmentos de Heráclito que chegaram até nós. Especialmente sugestivo – em se tratando de um trabalho como este, que versa sobre o autor de uma filosofia do dinheiro – é o seguinte fragmento de Heráclito: “Todas as coisas trocam-se a partir do fogo e o fogo a partir de todas as coisas, como do ouro as mercadorias e das mercadorias o ouro” (fragmento XXVI, segundo a seguinte edição: COSTA, 2002, *Heráclito: Fragmentos contextualizados*; cf. as pp. 147, 201 e 234-6).

16. A segunda formulação é mais exata do que a primeira. Isso porque a afirmação de que Platão “emprestou” a analogia da matemática pode ser muito facilmente interpretada como um indício de que a analogia em sentido matemático teria surgido (historicamente) antes das demais modalidades da mesma. Se a segunda formulação é mais exata, é porque a analogia é por excelência um veículo de descontextualização e desistoricização – o que estudaremos a partir da segunda seção deste capítulo.

17. PLATÃO, 1965, *A República*, v. 2, p. 94; ref.: 508b-508c (trata-se do livro VI d’A *República*). Optei em citar conforme essa edição porque ela contém algumas notas de rodapé muito oportunas tendo em vista os meus fins: nelas, são esmiuçadas as correlações analógicas entre o sol e o bem.

18. PLATÃO, 1965, v. 2, pp. 94-5; ref.: 508b-508e. Não me interessam nem um pouco os desdobramentos da relação entre bem e verdade aí estabelecidas por Platão em sua obra; a analogia platônica é, no caso deste trabalho, apenas um dos passos iniciais no longo caminho que levará às analogias de Simmel.

Logo em seguida, Sócrates concluirá ainda que: “aquilo que difunde a luz da verdade sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito conhecedor o poder de conhecer é a idéia do bem”. O que nos interessa aqui, é que Sócrates tenha feito determinadas inferências a partir da sua analogia entre o bem e o sol. A analogia, nesse caso, possui um valor de verdade, ela funciona como prova de que um argumento é verdadeiro; e isso só é em primeiro lugar possível devido à “origem” matemática da analogia aí empregada (mais especificamente: devido à sua reversibilidade¹⁹). Assim, uma vez estabelecida a analogia entre o bem e o sol, Sócrates começa a elencar outras características do sol, e a partir daí vai inferindo, por analogia, as características do bem que lhe correspondem (como pode ser visto no excerto supracitado). Ora, esse procedimento é análogo àquele que havíamos notado no âmbito da matemática: contanto que saibamos que 10 está para 5 na mesma proporção que 6 está para x , o único valor possível para x é 3.

Note-se, contudo, que eu destaquei, no parágrafo anterior, a palavra como. Convém agora esclarecer melhor esse ponto, precisando melhor qual é a “função” do conectivo em questão nesse caso. Eu havia, então, afirmado que Sócrates empregou a analogia entre o sol e o bem como se ela fosse uma prova (ou demonstração) de seu argumento. Mas ela não parece ser *exatamente* uma prova. Afinal, é importante ter em vista que Sócrates está tentando persuadir um interlocutor, de modo que se pode ainda interpretar a analogia em questão como sendo uma mera estratégia expositiva: uma maneira de *expor* a verdade, de torná-la *visível aos olhos de seu interlocutor*. Evidentemente, uma análise mais pormenorizada dessa questão implicaria um mergulho muito fundo na filosofia de Platão – o que está fora do escopo deste trabalho²⁰. Ao invés disso, o que interessa é destacar que essa pequena distinção – empregar analogias como se fossem demonstrações – é na verdade apenas um outro modo de dizer o seguinte: no momento em que Platão emprega, na sua filosofia, um modelo de demonstração que extrai o seu sentido do âmbito da matemática (a analogia como proporção), esse modelo ele mesmo sofre uma *modificação*. Correspondentemente, deve ser possível detectar uma *diferença* entre a analogia em sentido matemático e a analogia empregada por Platão (num contexto “filosófico”). Em que, exatamente, consiste essa diferença, e, mais importante, quais são suas implicações? É essa a principal questão que buscarei responder ao longo do que resta desta seção.

---

19. Ainda que, como veremos, a reversibilidade, no caso da analogia em sentido matemático, não funcione exatamente do mesmo modo como funciona em outros modelos de analogia (incluídas aí as analogias de Simmel). Sobre o ponto, cf. a nota 20, logo abaixo desta.

20. Tudo o que posso oferecer nesse sentido é o comentário de B. Snell acerca das analogias platônicas e sua filiação matemática, que o leitor interessado no assunto poderá usar como ponto de partida para investigar mais a fundo a questão. Indo na linha do que foi afirmado até aqui, Snell pondera que Platão se serve da doutrina da proporção “nos seus argumentos de analogia, mesmo tratando-se de objectos não matemáticos; mas surge então a questão de se este método conservará ainda a sua força demonstrativa em semelhante transferência; com efeito, se a comparação houver de ter força comprovativa, a expressão ‘é igual’ deve necessariamente tomar-se num sentido estrito” (SNELL, 1992, p. 280). Esse tipo de *transferência* estaria, no esquema de B. Snell, na base da apropriação especificamente *científica* dos modelos cognitivos originados no âmbito do pensamento mítico (cf. SNELL, 1992, pp. 282-4). Sem voltar a Platão, retomarei o ponto no terceiro capítulo desta dissertação, dedicado à interpretação das analogias de que Simmel se serviu na sua tentativa de fundamentar a sociologia.

Eu havia afirmado que a analogia em questão funcionava como uma demonstração de que um argumento era verdadeiro. Essa afirmação pode ser interpretada ainda de um outro modo: trata-se de uma forma diferente de dizer que Platão empregou uma analogia no âmbito da filosofia *por analogia* ao emprego de analogias no âmbito da matemática. Não me parece, contudo, ser possível chegar a essa conclusão partindo puramente da analogia entre o bem e o sol empregada por Sócrates para persuadir seus interlocutores²¹. Alguns dos pressupostos implícitos em minha afirmação podem ser encontrados na obra de Aristóteles, que nos deixou algumas referências mais explícitas à ἀναλογία.

Para discutir a analogia em Aristóteles, tomarei como referência apenas três obras suas, que serão, por sua vez, utilizadas de uma maneira bastante seletiva e instrumental. Utilizarei algumas traduções da *Ética Nicomaqueia*, da *Poética* e da *Metafísica*. Devo, a esta altura, destacar dois pontos no que diz respeito a maneira como vou enfrentar o texto aristotélico. O primeiro: que eu poderia ter utilizado outras obras de Aristóteles para a realização dos meus fins (em particular, seus ensinamentos sobre biologia²²); se escolhi essas obras, e não outras, é simplesmente devido a que possuo uma maior afinidade com suas temáticas. O segundo: que, diferentemente do que fiz no caso de Platão, irei a Aristóteles buscar não apenas exemplos, mas também definições para a analogia²³. Se vou buscar essas definições, não é, contudo, senão para logo em seguida processá-las de maneira a torná-las um instrumento útil tendo em vista os meus fins. Feitas essas duas ressalvas metodológicas, é hora de entrarmos em contato com as lições de Aristóteles; e o justo, assim creio eu, é começar pela ética...

A propósito da ética, Aristóteles ensina que:

{1} Por conseguinte, o justo é algo análogo. {2} De fato, o análogo não é privativo apenas do número abstrato, mas do número em geral; na verdade, a analogia é igualdade de razões, e entre quatro [termos] pelo menos. Que a discreta, certamente, entre quatro, é evidente, {3} mas também a contínua: na verdade, usa de um termo como dois e o chama duas vezes, por exemplo, como a [linha] de A está para a de B, assim a de B está para a de C. Com efeito, duas vezes a de B é mencionada, de tal sorte que, caso a de B seja posta duas vezes, serão quatro os análogos. {4} E também o justo é entre quatro pelo menos, e a razão é a mesma; pois [a linha] foi dividida igualmente para as pessoas e em relação às coisas. Por conseguinte, o termo A estará para B, do mesmo modo que o C estará para o D

---

21. Embora seja – ao que parece – possível chegar a uma conclusão parecida investigando mais em detalhe os vários diálogos de Platão que chegaram até nós. Os interessados no assunto podem começar por uma tese de doutorado bastante recente, de H. Moore, em que justamente essa possibilidade é explorada. Cf. MOORE, 2009, *Platos Analogical Thought*.

22. Ainda que não vá utilizá-las diretamente, as lições de Aristóteles no âmbito do que, hoje, chamamos de biologia serão referidas por meio da literatura secundária. É até provável que Simmel tenha lido o Aristóteles “biólogo”, já que estabelece algumas analogias entre determinadas formas de socialização e a teoria da “geração espontânea”, que é um tema muito caro a Aristóteles (cf. as analogias **S.3.a.3** e **S.3.a.43**, contidas no Anexo 1 deste trabalho, em que estão indexadas as analogias que tirei da *Soziologie* de Simmel; para mais detalhes a propósito do código utilizado para a elaboração do índice, cf. o item II.1.1, situado na p. 94 deste trabalho). Contudo, discutir a biologia de Aristóteles exigiria da minha parte um investimento consideravelmente maior de tempo para a pesquisa, e não me parece que esse investimento renderia muitos dividendos – a minha aposta, aqui, é investir em Darwin, afinal um *especialista* em biologia cuja influência exercida sobre Simmel, apesar de considerável, foi até agora pouco explorada.

23. Dados o risco e a dificuldade envolvidas numa tal empreitada, tomei ainda como apoio dois comentadores: G. E. R. Lloyd (1996, *Aristotelian explorations*; apoio-me sobretudo no sétimo capítulo desse livro) e Giovanni Reale (2002, *Aristóteles: Metafísica*).

e, portanto, inversamente, como o A para o C, o B para o D. Assim, também o todo para o todo. Precisamente por isso, a partilha acopla, e, caso seja reunida dessa maneira, acopla de modo justo. Por conseguinte, a combinação do termo A com o C e a do B com o D é o justo na partilha, e o justo é esse meio; <e o injusto> é o contra o análogo. Por conseguinte, o análogo é meio, e o justo é análogo. {5} Os matemáticos chamam tal analogia de geométrica, pois, na geométrica, também o todo concorda precisamente o que cada parte para cada parte. {6} Essa analogia, ela mesma não é contínua, pois não produz um termo único em número para a pessoa e em relação à coisa. Certamente, isso é o justo, o análogo, enquanto o injusto é o contra o análogo.²⁴

Acrescentei a numeração {entre chaves} para facilitar a minha explanação da passagem.

Em primeiro lugar, não devemos perder de vista que estamos aqui diante da questão da justiça. Assim, em {1}, lemos que o que é justo, para Aristóteles, é também análogo (em sentido matemático) e, portanto, pode ser expresso por uma proporção²⁵. Para explicar melhor essa questão, Aristóteles dedica, em seguida, algumas linhas da ética à explanação da analogia em sentido matemático (tratam-se das passagens {2} e {3}, sobre as quais me deterei mais longamente). O que interessa aqui é que Aristóteles distingue dois tipos de analogia: a analogia *discreta* e a analogia *contínua*. A analogia discreta é aquela em que os quatro termos da analogia são diversos uns em relação aos outros (e, nesse sentido, permanecem sempre “separados” um do outro; daí a denominação: analogia discreta). Assim, por exemplo, 10:5::6:3. Para simplificar, vou chamar de *fórmula ou estrutura da analogia discreta* o seguinte: A:B::C:D (leia-se: A está para B, assim como C está para D)²⁶. Como diz Aristóteles em {2}, é evidente que a analogia discreta consiste numa igualdade de razões entre pelo menos quatro termos: basta lembrar que só depois de dividir nossos dois barbantes iniciais em quatro partes é que pudemos formar a nossa analogia. Logo em seguida,

---

24. Aristóteles: 1131a29-b12, apud CARVALHO, 2002, pp. 51-2 e 168. Cito a tradução de Carvalho pois, nas três traduções para o português da *Ética Nicomaqueia* que consultei, as palavras ἀνάλογος e ἀναλογία, aqui empregadas por Aristóteles, foram vertidas, nessa ordem, por “proporcional” e “proporção/proporcionalidade” (provavelmente seguindo, nesse específico, a tradução de W. D. Ross), o que faz sentido uma vez que a analogia em sentido matemático é justamente proporcionalidade. Transcrevo nesta nota, para o leitor que tenha achado confusa a tradução de Carvalho, a mesma passagem, segundo a tradução de Ross:

*The just, then, is a species of the proportionate (proportion being not a property only of the kind of number which consists of abstract units, but of number in general). For proportion is equality of ratios, and involves four terms at least (that discrete proportion involves four terms is plain, but so does continuous proportion, for it uses one term as two and mentions it twice; e.g. 'as the line A is to the line B, so is the line B to the line C'; the line B, then, has been mentioned twice, so that if the line B be assumed twice, the proportional terms will be four); and the just, too, involves at least four terms, and the ratio between one pair is the same as that between the other pair; for there is a similar distinction between the persons and between the things. As the term A, then, is to B, so will C be to D, and therefore, alternando, as A is to C, B will be to D. Therefore also the whole is in the same ratio to the whole; and this coupling the distribution effects, and, if the terms are so combined, effects justly. The conjunction, then, of the term A with C and of B with D is what is just in distribution, and this species of the just is intermediate, and the unjust is what violates the proportion; for the proportional is intermediate, and the just is proportional. (Mathematicians call this kind of proportion geometrical; for it is in geometrical proportion that it follows that the whole is to the whole as either part is to the corresponding part.) This proportion is not continuous; for we cannot get a single term standing for a person and a thing. This, then, is what the just is - the proportional; the unjust is what violates the proportion. (BARNES, 1984, *The Complete Works of Aristotle*, v. 2, pp. 1785-6).*

25. Dessa forma, Aristóteles nos leva da ética para a matemática.

26. Vale ainda a chamar a atenção para o fato de que, na analogia discreta, se A:B::C:D, então também A:C::B:D. Essa correlação pode ser *visualizada* na Figura 1 (cf. a p. 18 deste trabalho) e demonstrada junto à analogia que, àquela altura, construímos: se, por um lado, 10:5::6:3, por outro, também 10:6::5:3.

em {3}, Aristóteles afirma que o mesmo se aplica no que diz respeito à analogia contínua, embora isso seja, nesse caso, menos evidente. A analogia contínua é aquela em que um dos termos da analogia é repetido, i.e.: utilizado duas vezes. Assim, p. ex.: 12:6::6:3. Por conseguinte, a fórmula ou estrutura da analogia contínua²⁷ é: A:B::B:C (leia-se: A está para B, assim como B está para C). Temos agora à nossa disposição, graças à lição de Aristóteles, uma ferramenta analítica que – como veremos – será útil para investigar a questão que me interessa: como funciona a analogia no texto de Simmel? Mais especificamente, a distinção será empregada para me ajudar a organizar as centenas de analogias coletadas ao longo da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes* de Simmel. Irei empregar pela primeira vez a distinção aristotélica ainda nesta seção, mas, a esta altura, apenas para fins de ilustração, i.e.: para mostrar como é possível aplicá-la a algumas das analogias de Simmel. Mas agora o momento é de retomar a explanação do excerto aristotélico.

Depois de apresentar a distinção entre analogia contínua e discreta, Aristóteles retorna à questão do justo. Em {4}, vemos como Aristóteles aplica, no campo da ética, a noção de analogia como proporção²⁸, desenvolvendo em maior detalhe sua afirmação de que “o justo é algo análogo”. Para esses fins, Aristóteles menciona ainda um terceiro tipo de analogia que, logo em seguida, em {5}, ele dirá que é conhecida, entre os matemáticos, pelo nome de geométrica²⁹ – e, com efeito, a analogia geométrica é, para Aristóteles, aquela que realmente interessa quando o assunto é o justo. Esse é exatamente o ponto desenvolvido em {6}, em que Aristóteles afirma que a analogia geométrica não é ela mesma contínua³⁰.

Se decidi fazer uma citação assim tão longa de Aristóteles, é porque essa passagem, como um todo, possui uma característica muito peculiar, que vale a pena destacar: ao longo dela, o argumento de Aristóteles oscila como um pêndulo: da ética, para a matemática, da matemática para a ética, da ética para matemática³¹... Se isso é em primeiro lugar possível, é graças à analogia: basta imaginar que esse aspecto específico do justo é, no domínio da ética e em relação a seus objetos, o que a analogia como proporção é, no domínio da matemática e em relação a seus objetos (os números)³². Ora, estamos aqui diante de uma

---

27. Por que contínua? Vou explicá-lo de um modo bastante didático, ainda que um tanto grosseiro: dizemos que a analogia é “contínua” porque um dos termos da comparação começa onde o outro acaba. Para uma explicação menos grosseira, calcada numa análise etimológica, cf. CARVALHO, 2002, pp. 54-5.

28. De modo que, agora, Aristóteles nos leva da matemática de volta para a ética (retomo, aqui, a nota 25).

29. Passando, pois, mais uma vez da ética à matemática. Quanto à analogia geométrica, cf. o aludido nas notas 10 e 11.

30. De modo que Aristóteles passa ainda uma vez da matemática à ética. Essa última transição me parece mais clara na tradução de Ross do que na de Carvalho.

31. Assim, a relação entre a ética e a matemática é de *reciprocidade*: a matemática ajuda a compreender um determinado aspecto da ética e (como acabamos de ver) também a ética ajuda a compreender um determinado aspecto da matemática. E esse tipo de reciprocidade – como está insinuado na segunda seção deste capítulo – está estritamente associado ao caráter descontextualizante e desistoricizante que é próprio da analogia em geral e, em especial, das analogias de Simmel.

32. Para desenvolver o ponto, sugiro que comparemos a sentença que inicia a discussão, conforme a tradução de Ross: “The just, then, is a species of the proportionate” –, com a sentença que a encerra: “This, then, is one species of the just” (em BARNES, 1984, v. 2, p. 1786; ref.: 1131b20-25). Há um paralelismo muito claro entre as duas construções, mas para comentá-lo terei de empregar alguns termos que só irei expor um pouco mais adiante (cf. as notas 35 e 37 desta seção). Se a tradução de Ross não me ilude, eu diria que a analogia em questão se dá entre uma espécie de justo (como diz Aristóteles) e uma espécie de proporção (no caso, a analogia geométrica, que é uma espécie que faz parte do gênero: “analogia em sentido matemático”); isso significa que a

conclusão semelhante àquela ensaiada quando da explanação da analogia platônica entre o sol e o bem. Porém, a diferença que está aí em jogo (embora já possa, como veremos, ser detectada!) não é ainda tão clara: será preciso buscar outros análogos da analogia que não o justo, para enxergarmos com maior clareza em que consiste essa diferença.

Encontramos na *Poética* aquele que talvez seja o exemplo mais “clássico” do que era uma analogia para Aristóteles. O exemplo aparece em meio à discussão sobre a metáfora. Esta, por sua vez, “consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.”³³

Assim, para Aristóteles, a analogia possibilitava a formação de metáforas (sendo, nesse específico, um modo entre outros três possíveis para formá-las) – e é preciso ter aqui em mente que estamos na *Poética* de Aristóteles e falamos, portanto, da atividade dos poetas, em que a metáfora é “permitida”. Esse ponto é importante, e ainda será retomado mais adiante; mas o que por enquanto nos interessa vem em seguida.

Para o Aristóteles da *Poética*, isto era uma analogia:

Digo que há analogia quando o segundo termo está para o primeiro na igual relação em que está o quarto para o terceiro, porque, neste caso, o quarto termo poderá substituir o segundo, e o segundo, o quarto. E algumas vezes os poetas juntam o termo ao qual se refere a palavra substituída pela metáfora. Por exemplo, a ‘urna’ está para ‘Dioniso’, como o ‘escudo’ para ‘Ares’, e assim se dirá a urna ‘escudo de Dioniso’, e o escudo, ‘urna de Ares’.³⁴

Só para facilitar, onde se lê “urna”, peço que se leia “taça”. Explanarei rapidamente a analogia. Dionísio, como sabemos, é um deus associado ao gozo, à fruição e, o que é mais importante, à embriaguez; costuma-se, por isso, dizer que ele é o “deus do vinho”, e o vinho, por sua vez, é oferecido em taças. Assim, a taça é um objeto que se relaciona de um determinado modo a Dionísio. Ares, por sua vez, é o deus da guerra, daí o escudo. Isso posto, a analogia fica muito clara: a taça está para Dionísio assim como o escudo está para Ares (taça:Dionísio::escudo:Ares). É importante enfatizar que a analogia diz estritamente respeito à *relação* entre o objeto e seu respectivo deus: a taça é, em relação a Dionísio, o que o escudo é, em relação a Ares. Fora dessa relação, não há qualquer analogia entre quaisquer dois dos termos da comparação³⁵. Até aqui,

---

identidade que está na base da analogia em questão é *trans-específica* e *transgenérica*, de modo que envolve, por exclusão, uma unidade analógica (sobre o caráter trans-específico, transgenérico e transcategorial da analogia aristotélica, cf. REALE, 2004, v.3., p. 231; retomarei o ponto em breve, mas apenas marginalmente).

33. ARISTÓTELES, 1979, “Poética”, disponível em *Aristóteles v. II – Os Pensadores*, p. 260; ref.: 1457b5-10. No caso da *Poética*, consultei ainda uma tradução para o espanhol (YEBRA, 1974) e outra para o inglês (em BARNES, 1984), mas preferi, por simples conveniência, manter as citações conforme a tradução para o português disponível na coleção *Os Pensadores*. De resto, dois detalhes elementares, mas muito importantes, devem ser notados a respeito dessa passagem. Primeiro: a ideia de transporte ou transferência já está *contida* no vocábulo grego que equivale ao nosso “metáfora”. Segundo: as categorias aqui empregadas por Aristóteles (espécie, gênero e analogia) aparecem amiúde uma em companhia da outra, como veremos em seguida.

34. ARISTÓTELES, 1979, p. 261; ref.: 1457b15-25.

35. Assim, p. ex., “taça” e “escudo” são duas espécies diferentes de um mesmo gênero de coisas, para recorrermos às categorias de Aristóteles. Não existe, p. ex., analogia entre taça e escudo: *a analogia passa a existir somente quando se leva em consideração uma determinada relação entre coisas que pertencem a gêneros diferentes* (ela é, nesse sentido, transgenérica e, por implicação,

nada de novo. Mas olhando mais de perto essa analogia e comparando-a com a analogia em sentido matemático que construímos, será forçoso reconhecer que elas não são idênticas em todos os aspectos: a analogia que Aristóteles construiu para tratar das questões relativas à poesia não parece corresponder exatamente à analogia como proporção. Lançando mão da terminologia cunhada no começo desta seção, é possível reconhecer que aquela propriedade da analogia em sentido matemático segundo a qual para cada razão existe uma possibilidade infinita de análogos não parece se aplicar no caso da *Poética* (o que, nesse caso, pressuporia a existência de um número infinito de deuses e objetos a ele relacionados). A extensibilidade da analogia não é mais recursiva: ela só pode ser estendida para um conjunto que é, pelo menos em princípio, numericamente finito de elementos. Topamos, enfim, com uma novidade: parece, agora, muito claramente haver uma *diferença* entre, de um lado, a analogia em sentido matemático, e, de outro, a analogia elaborada por Aristóteles para tratar dos problemas relativos à poesia.

A diferença: Aristóteles também ensinou alguma coisa sobre ela. E ao menos numa das vezes em que falou dela, acabou também falando da analogia. No livro Δ (quinto) da obra que hoje chamamos de *Metafísica*, lemos o seguinte:

Diversas se dizem as coisas cuja espécie ou cuja matéria ou cuja noção da substância não são únicas. E, em geral, a diversidade se diz em todos os sentidos opostos aos da identidade. Diferentes se dizem as coisas que, mesmo sendo diversas, são por alguns aspectos idênticas: não, porém, idênticas por número, mas ou por espécie, ou por gênero, ou por analogia.³⁶

Nessa passagem, Aristóteles vai da diferença³⁷ à analogia. Proponho que façamos o caminho inverso: assim, estaremos em condições de concluir que o emprego “correto” ou “apropriado” de uma analogia

---

também trans-específica). Isso talvez fique mais claro, caso arranjemos os quatro termos da analogia de outro modo: ao invés de dizer que a taça está para Dionísio assim como o escudo está para Ares, podemos dizer que a taça está para o escudo, assim como Dionísio está para Ares (o que está em conformidade com o exposto na nota 26, mais acima).

36. REALE, 2002, v.2, p. 219; ref.: 1018a10-15, grifo meu. O grifo serve para destacar o que foi afirmado no segundo ponto comentado na nota 33, acima. Faço notar que, caso fosse a minha intenção entender como funciona a analogia em Aristóteles, eu teria, neste momento, que me debruçar mais cuidadosamente sobre as noções de número, gênero e espécie – que aparecem, como vimos, *junto* da noção de analogia. Se não tenho, contudo, essa intenção, é simplesmente porque, no meu modo de ver, o recurso à analogia é tão frequente e tão central no caso de Simmel, que, do ponto de vista estritamente aristotélico, me parece que seria adequado dizer que Simmel passa por cima dos demais tipos de identidade, buscando diretamente ou na analogia ou na ausência dela sua principal categoria para conferir “unidade” ao real (é claro que, no caso de Simmel, “unidade” significa uma coisa muito diferente do que significava para Aristóteles, afinal Simmel é um moderno; este não é, contudo, o momento para essa discussão). A consequência mais importante desse “salto” – que implica, claro está, uma confusão entre as categorias aristotélicas aqui em pauta – é que, no caso de Simmel, só podemos falar de “determinação” ou “definição” num sentido equivocado (assim, no que se refere a Aristóteles, Lloyd afirma que: “[...] where there is no proper genus, there is no proper definition”; e, nesse mesmo contexto, que a analogia aparece como uma *alternativa à definição*; cf. LLOYD, 1996. pp. 142-4). Essa consequência me parece perfeitamente coerente com a leitura – esteja ela correta ou não – que Simmel faz de Aristóteles: este seria alguém que não põe em dúvida a certeza [Sicherheit] do conhecimento (cf. GSG, v. 6, p. 225; trata-se aí da *Philosophie des Geldes*). Não é, afinal, por acaso que o tipo de conhecimento a que Simmel se filia – ensaístico – seja tão difícil de enquadrar nos moldes estritos da explicação científica. O ponto ainda será retomado ao longo desta seção, e é na verdade um dos aspectos fundamentais da teoria do conhecimento de Simmel (e, por conseguinte, também da sua teoria social) com que, ao longo deste trabalho, irei me ocupar.

37. “Diferença” possui, aqui, um sentido muito específico, que é distinto do de “diversidade”, e que é importante esclarecer. O ponto é desenvolvido por Aristóteles também em outros momentos da *Metafísica*; assim, p. ex., em REALE, 2002, v.2, pp. 449-51; ref.: 1054b20-35, ainda que, a essa altura, Aristóteles não mencione a analogia. Para dizê-lo de um modo um tanto grosseiro: o que

permite *reunir* aquilo que, em outros tantos aspectos, é diferente. A analogia fornece um esquema que torna possível organizar, de um determinado modo, determinadas coisas; ela é, portanto e nesse sentido, um modo de conhecimento. Traduzindo esse passo para a terminologia que será empregada ao longo deste trabalho: *a analogia fornece um esquema peculiar que tornará, séculos mais tarde, possível a Simmel estabelecer relações entre objetos do conhecimento tirados dos contextos os mais diversos.*

Convém, contudo, mostrar o que isso quer dizer junto aos nossos exemplos – o que nos permitirá entender melhor a relação entre analogia e diferença. Primeiro, voltemos à analogia de Aristóteles (que chamarei de A1). O escudo de Ares é, em muitos aspectos, diferente da taça de Dionísio: ninguém pensaria, p. ex., em servir vinho sobre ele; da mesma forma, a taça de Dionísio seria um utensílio perfeitamente inútil para aparar uma espada. Mas o escudo é, para Ares, o que a taça é, para Dionísio. De modo que, segundo um determinado aspecto (i.e.: segundo a relação que aí está em jogo), eles são como uma coisa só, i.e.: idênticos. *Analogamente*, quando estabelecemos uma analogia em sentido matemático, dizendo, p. ex., que 10 está para 5, assim como 6 está 3 (chamarei essa analogia de A2), estamos diante de razões que são idênticas. Mas a identidade de A1 não é idêntica à de A2 em todos os aspectos³⁸. Para dizê-lo de outro modo: a identidade implicada em A1 é *diferente* da identidade implicada em A2³⁹. E é uma derivação dessa diferença que havíamos detectado anteriormente (a saber, que a analogia A1 só pode ser estendida um número finito de vezes, diferentemente do que se verifica no caso da analogia A2).

Se essa hipótese estiver correta, então necessariamente deverá haver, também, uma diferença entre o justo e o análogo, no caso da passagem tirada da *Ética Nicomaqueia*. Essa diferença, de fato, existe, e pode ser demonstrada observando mais de perto um ponto a que eu, propositalmente, não havia dado muita

---

é diferente é diverso apenas em certos aspectos, enquanto, em outros, é idêntico (i.e.: único). Ou, nas palavras de G. Reale: “A diferença é, portanto, mais restrita e menos extensa que a diversidade, e supõe sempre entre as coisas uma identidade ainda que parcial” (REALE, 2002, v. 3, p. 244). Não devemos perder de vista que “idêntico”, aqui, é aquilo que diz respeito ao Um, ao passo que o “diverso” é aquilo que diz respeito ao Múltiplo, que, como diz Aristóteles, é oposto ao Um em muitos sentidos (cf. o trecho, acima referido, do livro I (décimo) da *Metafísica*). Assim, o que é diferente é, na verdade, diverso só em determinados aspectos. Tomando os exemplos de Aristóteles empregados por Reale: “‘homem’ e ‘cavalo’ são idênticos *por gênero*, mas *diferentes pela espécie*”; e, mais adiante: “a ‘vista’ (relativamente ao corpo) e o ‘intelecto’ (relativamente à alma) têm análoga função, mas são de *gênero diferente*” (REALE, 2002, v. 3, p. 245). Faço notar que, pelos exemplos dados, é possível perceber que Aristóteles considera a analogia como sendo o modo de unidade (em sentido aristotélico) mais universal, transcendendo, portanto, o de gênero, que, por sua vez, é mais abrangente que a espécie (cf. REALE, 2002, v. 2, p. 211, bem como as pp. 551-3; ref.: 1016b30-17a5 e 1070a29-b35, nessa ordem); o que, enfim, nos conduziria às questões levantadas nas notas 32, 35 e 36, todas acima desta. Dado o escopo da minha pesquisa, só estou, contudo, em condições de insinuar esse passo, sem, contudo, levá-lo ao termo.

38. Eu tenderia a afirmar que são idênticas apenas *por analogia* uma em relação a outra – ainda que talvez essa seja uma leitura não muito fiel ao texto aristotélico. Vejamos o que afirma G. Reale, em comentário a uma passagem importante da *Metafísica* (mencionada na nota 37, acima, e parcialmente reproduzida na nota 42, abaixo): “*por analogia e com a analogia se resolve a questão da identidade ou diversidade dos princípios constitutivos das coisas*” (REALE, 2002, v. 3, p. 231; *grifos conforme o original*). Como essa passagem deixa muito claro, a analogia mantém, ao mesmo tempo, relações com a identidade e a diversidade (o Um e o Múltiplo); trata-se, mais precisamente, de: “*identidade de relação, e diversidade dos termos individuais*” (REALE, 2002, v.3, p. 599). Esse aspecto da analogia está inteiramente incorporado na definição da analogia simmeliana aqui empregada (i.e.: a analogia de Simmel nunca diz respeito à peculiaridade das coisas, mas a uma relação, a um esquema, a uma função comum; cf. a p. 161 deste trabalho). Ele permite, de resto, entender a razão pela qual Aristóteles mencionou a analogia quando foi definir a diferença (pois também a diferença está, como vimos, situada entre a identidade e a diversidade: ela é *análoga*, nesse – mas somente nesse! – sentido, à analogia).

39. Que Aristóteles sabia muito bem disso é o que será “demonstrado” em seguida (cf. em especial o depoimento de Reale na nota 40, imediatamente abaixo desta).

atenção em minha explanação: a analogia em sentido matemático se refere ao que Aristóteles chama de número abstrato (ou monádico); o justo, por sua vez, se refere ao número em geral, i.e.: ao número (não monádico) que se liga a uma determinada unidade e que exprime, portanto, uma qualidade determinada (p. ex., o número de propriedades ou o número de pessoas envolvidas na disputa dessas propriedades; a diferença, aqui, pode ser assim explanada: não é possível “somar” o número de pessoas com o número de propriedades, ao passo que é possível “somar” dois números abstratos quaisquer). É em primeiro lugar para chamar a atenção para essa diferença que Aristóteles afirma que “o análogo não é privativo apenas do número abstrato”. Ora, essa diferença tem consequências importantes para a noção do justo em Aristóteles – que não convêm, contudo, derivar. Com isso, fica demonstrado que Aristóteles *empregava* um conceito de analogia que não era idêntico em todos os aspectos ao conceito matemático⁴⁰.

É chegada a hora de recapitular o que foi dito até aqui, para que possamos tirar algumas conclusões. Já constatamos que a analogia ajudou Platão a investigar a questão da verdade. Também constatamos que Aristóteles a empregou, como vimos, tanto na ética (para investigar a questão do justo), como na poética (para estudar a metáfora). Mas a analogia não lhe serviu apenas nesses domínios. Podemos ainda encontrar referências à analogia nos escritos de Aristóteles sobre ciências naturais⁴¹, metafísica⁴² e

---

40. O que me parece conforme ao que afirma G. Reale, numa passagem em que endossa as conclusões de um outro comentador da obra aristotélica:

Originariamente, a analogia tem um significado quantitativo. Ela exprime uma proporção e a sua essência consiste numa identidade de relações. [...] Mas (e isso é particularmente importante) para Aristóteles a proporção não ocorre só entre números monádicos, que são expressão de mera quantidade, mas também entre números não monádicos, entre as figuras e as coisas que exprimem qualidade. [...] Em Aristóteles existe, portanto, o conceito, embora não exista o nome, de proporção qualitativa” (cf. REALE, 2002, v. 3, pp. 230-1; **grifo conforme o original; grifo meu**).

É claro que daí não podemos (retomando aqui um ponto aludido na nota 38) concluir que a relação entre uma e outra analogia seja necessariamente analógica, segundo o texto aristotélico; o comentário em questão apenas deixa claro que existe uma diferença em jogo, mas é perfeitamente possível que essa diferença envolva uma identidade de gênero. Seja como for, muitos séculos depois de Aristóteles, Kant daria nome aos bois (analisando ainda mais profunda e decisivamente as diferenças entre a analogia em sentido matemático-quantitativo e a analogia em sentido qualitativo); mas esta não é, ainda, a hora de Kant.

41. Mais especificamente, no âmbito da biologia, bem como em seus estudos acerca dos fenômenos naturais (hoje distribuídos entre diversos ramos científicos especializados, como a astronomia, a geologia e a meteorologia). Lloyd discute com bastante cuidado o papel da analogia nos escritos de Aristóteles sobre as formas de vida (cf. LLOYD, 1971, *Polarity and analogy: two types of argumentation in early Greek thought*, pp. 365-77, bem como LLOYD, 1996), e Carvalho também explora o ponto (cf. CARVALHO, 2002, pp. 47-51). Não devemos, de resto, esquecer que Darwin leu Aristóteles! Lloyd também trabalha com algumas das analogias que Aristóteles empregou em seus estudos sobre os fenômenos naturais (cf. LLOYD, 1971, pp. 362-5). O livro em questão, por sinal, contém bastante material para ser usado como referência num estudo mais amplo sobre o papel da analogia no pensamento grego (vale notar que Lloyd, aqui, não se limita a Aristóteles).

42. Vejamos o que Aristóteles ensina na *Metafísica*:

Portanto, os elementos e os princípios das coisas sensíveis são os mesmos, mas diferentes nas diferentes coisas. Porém, não se pode dizer que eles sejam os mesmos para todas as coisas em sentido absoluto, mas só por analogia, como, por exemplo, quando se diz que os princípios são três: a forma, a privação e a matéria. Cada um destes, entretanto, é diferente para cada gênero de coisas. Assim, por exemplo, a cor deriva de três princípios: o branco, o preto e a superfície; dia e noite derivam desses outros princípios <luz, trevas e ar>. (REALE, 2002, v. 2, p. 553; ref.: 1070b16-35)

Essa passagem mostra que a analogia também funciona, para Aristóteles, “como um dos principais meios com os quais ele elucida ideias extremamente abstratas e fundamentais” (adaptado de LLOYD, 1996, p. 157; vide também as pp. 139-140). De resto, a afirmação de Lloyd me parece inteiramente de acordo com os comentários de G. Reale apresentados na nota 38, um pouco acima desta.

retórica⁴³; contudo, acredito que o material que levantei até agora já é o bastante tendo em vista fixar a seguinte intuição, fundamental para compreendermos de maneira adequada as analogias de Simmel: a analogia se revelou, já desde os seus primeiros registros, um modo de apreender a realidade especialmente bem adaptado ao tráfego entre os mais variados domínios do conhecimento⁴⁴. Pode-se concluir daí que a “promiscuidade” com que eu, ainda no começo deste capítulo, maldosamente rotulei o objeto destas investigações nada tem de casual: ela é, como acabamos de perceber, uma característica muito antiga da analogia, pelo menos tão antiga quanto Platão e Aristóteles. (E faço notar que, para os fins deste trabalho, não é necessário pressupor que essa “promiscuidade” seja uma característica por assim dizer inata da analogia; basta que a consideremos um hábito seu muito, muito antigo.) Modo de conhecimento flexível que é, a analogia adquiriu já entre os gregos um sentido próprio na matemática que não era em todos os aspectos idêntico àquele que viria a adquirir no âmbito da ética aristotélica; serviu, ao próprio Aristóteles, para discutir a formação das metáforas, para classificar as criaturas que habitam este planeta (como veremos), e até mesmo para abarcar as mais inabarcáveis proposições metafísicas. Muitos séculos mais tarde, passou a servir tanto aos físicos teóricos que desejaram tornar acessíveis à intuição proposições extremamente abstratas⁴⁵, como aos geólogos (domínio no qual a analogia possuiu função classificatória); serviu tanto para lançar alguma luz sobre a questão de como as crianças se apropriam da linguagem, como para ajudar a fundar novos domínios científicos – sendo que este foi, pelo menos, o caso da sociologia. “Promiscuidade” e “flexibilidade”: essas duas atribuições nada mais são do que modos diferentes de se referir àquela propriedade da analogia que chamei de extensibilidade. Como vimos, a extensibilidade da analogia em sentido matemático é recursiva: é possível desdobrá-la para um número infinito de casos. Afirmo que algo análogo pode ser dito da meta-analogia, i.e.: do emprego de uma analogia em um determinado domínio do conhecimento por analogia ao emprego de uma analogia em outro domínio do conhecimento. Para que possa, enfim, existir uma meta-analogia no sentido acima indicado, é preciso que haja uma *diferença* entre os dois domínios do conhecimento relacionados pela analogia – o que significa que só faz sentido falar em meta-analogia num contexto em que haja ramos *diferenciados* do conhecimento⁴⁶. E é num contexto como esse que reencontramos Simmel: como sabemos, de um lado, ele

---

43. Há, na *Retórica*, mais referências à taça de Dionísio e ao escudo de Ares (p. ex., em 1413a1-10). Por sinal, há diversas passagens da *Retórica* em que Aristóteles deixa muito clara sua predileção pela metáfora criada por analogia (em detrimento dos outros três tipos possíveis de metáfora), em que se pese sua posição bastante crítica em relação ao emprego de metáforas fora do âmbito da poética ou do da retórica; cf., p. ex., 1411a1.

44. Assim como o tráfego entre as nações implica sempre uma troca (sempre: pois quem ou o que passa de uma nação a outra deixa de se dar àquela para se dar a esta outra), assim também o tráfego entre os domínios do conhecimento. A troca é, por sua vez, aquilo que tira as coisas do seu isolamento, que extravaza sua univocidade, que a situa numa relação para-com-outras (cf. GSG, v. 6, pp. 55-92 – trata-se aí da *Philosophie des Geldes*; cf. ainda KRACAUER, 2004, “Georg Simmel. Ein Beitrag zur Deutung des geistigen Lebens unserer Zeit”, em *Siegfried Kracauer Werke, Band 9.2 – Frühe Schriften aus dem Nachlaß*, p. 153). Assim, podemos imaginar a analogia como veículo de troca entre os mais variados domínios do conhecimento – o que está em conformidade com os desdobramentos subsquentemente apresentados neste trabalho.

45. Forneço um exemplo para tal na nota 17 da p. 170 deste trabalho (trata-se aí do item II.2.1.1.1).

46. Se considerarmos que cada ciência se preocupa com um determinado gênero de coisas, podemos fazer com que a noção aristotélica de “diferença” desague justamente onde eu (e não propriamente Aristóteles) queria que desaguasse: no processo de diferenciação do conhecimento. Apesar da apropriação indevida de Aristóteles, convém fazer notar que a relação entre as várias

se interessou profundamente pelo fenômeno da diferenciação e, de outro, viveu numa época de especialização⁴⁷. Uma dessas especialidades nos interessa em particular: a ciência que, hoje, chamamos de sociologia. Na virada do século XIX para o XX, a sociologia ainda reivindicava um objeto e um método que lhe fossem próprios; e pensadores como Simmel contribuíram para sua *invenção*. Demarcar o problema da sociologia: essa foi uma questão fundamental que Simmel enfrentou de maneira explícita desde, pelo menos, 1894⁴⁸. E, para enfrentá-la, Simmel recorreu a inúmeras de suas analogias, tiradas de domínios do conhecimento os mais distantes⁴⁹. Esse ponto será pormenorizadamente discutido num outro capítulo deste trabalho; convém, agora, apresentarmos uma única analogia de Simmel, de modo a mostrar como, nela, está incorporado e processado esse primeiro fragmento da história da analogia com que estamos nos ocupando. Enfim, para Simmel, isto era uma analogia:

De um lado, é preciso que a mesma forma de socialização apareça junto a conteúdos completamente distintos e se volte para fins completamente distintos; e, inversamente, que um interesse idêntico quanto a seu conteúdo seja revestido por formas de socialização completamente distintas (formas essas que lhe servem de suporte e modo de realização) – assim como a mesma forma geométrica se encontra junto às mais diversas matérias, e, inversamente, a mesma matéria se apresenta nas mais diversas formas espaciais, ou como o que acontece, correspondentemente, entre as formas lógicas e os conteúdos materiais do conhecimento.⁵⁰

Explanarei, em seguida, a analogia de Simmel, do mesmo modo como explanei as anteriores. Estamos, aqui, no primeiro capítulo da *Soziologie*, intitulado justamente “O Problema da Sociologia”. Simmel discute,

---

ciências é um dos assuntos centrais de sua *Metafísica* (como é possível perceber, p. ex., na importante passagem reproduzida na nota 42, um pouco acima desta).

47. Claro está que o “salto” aqui executado – da Grécia antiga para a Alemanha pós-1871 – só é em primeiro lugar possível por duas razões: (1) porque, desde o princípio, visei nos filósofos da Grécia antiga um quadro de referências que me pudesse ajudar a compreender melhor as analogias de Simmel; e (2), porque este é, afinal, um trabalho que versa sobre um modo de conhecimento descontextualizante tal como foi empregado, não por acaso, por um autor “especializado” em tirar as coisas de seu contexto original para rearranjá-las à sua maneira, ou melhor: conforme uma nova constelação, com a qual ele pudesse se identificar.

48. Ano em que foi publicado o artigo seminal de Simmel, chamado “*Das Problem der Soziologie*”.

49. Esse ponto será extensivamente discutido na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho. Mas desde já devemos estar atentos para o fato de que Simmel não foi o único a apoiar em analogias essa nova ciência que era, então, a sociologia. Com efeito, parece muito difícil estabelecer *qualquer* novo domínio do conhecimento sem recorrer a analogias com domínios já estabelecidos – talvez porque, como uma vez afirmou Nicolau de Cusa, “todos os que investigam julgam o incerto, comparando-o, em termos proporcionais, com pressupostos certos”; de modo que “toda a investigação é, pois, comparativa e recorre à proporção” (NICOLAU DE CUSA, 2002, *A douda ignorância*, p. 42). Como sabemos, Durkheim, p. ex., recorreu frequentemente à química e à biologia para mostrar como era possível que, também no âmbito da sociologia, estivéssemos diante de uma realidade *sui generis*, de uma síntese cujas propriedades não podiam ser derivadas das manifestações individuais que a haviam formado. Contudo, com Simmel as analogias adquirem um significado muito mais fundamental: é perfeitamente possível compreender a sociologia de Durkheim sem suas analogias com a biologia e a química; mas não me parece possível conceber, adequadamente, a sociologia de Simmel sem as suas inúmeras analogias com os mais variados domínios do conhecimento. Investigando, em artigo recente, o raciocínio analógico em Simmel e em Benjamin à luz de Goethe, um outro autor, N. Dodd, chegou exatamente à mesma conclusão. Em uma nota de rodapé do artigo em questão, lemos o seguinte:

Besides Simmel, many other sociologists have used analogy in one way or another: for example, Durkheim, Parsons and Luhmann. Whether or not these treatments of analogy, which appear to be markedly different from that of Simmel, should be regarded as alternative ways of ‘thinking by analogy’ or merely as different uses of analogy is open to question. Simmel’s employment of analogy connects his intellectual methodology intimately with the mode by which he presents his arguments. I doubt that the same could be said of the others. (DODD, 2008, “Goethe in Palermo: Urphänomen and Analogical Reasoning”, p. 435)

50. S.1.a.7, disponível em GSG, v. 11, pp. 20-1.

nesse capítulo, algumas das categorias fundamentais que ele empregará ao longo do livro, e entre elas estão a noção de “forma” e “conteúdo”⁵¹. Devemos, antes de tudo, notar que o que está em jogo nessa passagem não é uma definição para o que seria, *em si mesma*, a “forma de socialização” aí referida; nem tampouco para o que seria, *em si mesmo*, o “conteúdo” que, conforme tal argumento, se realizaria apenas junto a uma determinada forma de socialização. A analogia não diz respeito ao que a “forma” é, i.e.: à sua particularidade; exatamente como uma taça em geral não é de modo algum análoga a um escudo em geral: a analogia só se forma quando falamos da taça em relação a Dionísio, e do escudo, em relação a Ares⁵². Esse ponto é importante e será retomado logo adiante. Devemos, contudo, voltar agora a Simmel: o que a analogia expressa é ou uma identidade, ou uma semelhança⁵³ de *relações*. Para ser ainda mais específico: a analogia em questão diz respeito à relação entre forma e conteúdo em três “domínios” do conhecimento diferentes entre si. No caso da sociologia, que Simmel pretende fundar, temos as formas de socialização (A) e seus respectivos conteúdos (B); no caso da geometria, as formas geométricas (C) e seus respectivos materiais (D); e, no caso da lógica⁵⁴, as formas lógicas (E) e os conteúdos materiais do conhecimento (F). Assim sendo, a relação entre A e B é ou idêntica, ou semelhante tanto à relação entre C e D, como à relação entre E e F: A:B::C:D::E:F. Devemos tirar da constatação de que a analogia não diz respeito à “forma” em si mesma, mas à relação entre forma e conteúdo, a seguinte conclusão: sob diversos aspectos, as formas de socialização devem ser *diferentes* das formas lógicas e geométricas. Isso porque, como vimos, o que é análogo é idêntico somente segundo determinados aspectos (e aqui a analogia trai sua etimologia: equivalente quanto ao **logos**), enquanto é diverso segundo tantos outros. E Simmel está perfeitamente ciente disso. Quando, um pouco mais adiante, retoma e analisa mais detalhadamente a analogia entre a sociologia e a geometria, faz questão de apontar, para o leitor, os limites de sua analogia. “É quase desnecessário”, adverte Simmel, “mencionar que essa analogia com a geometria de modo algum se estende para além do problema fundamental da sociologia que se procura aqui esclarecer”⁵⁵. Logo em seguida à advertência, Simmel investiga a diferença entre as formas de socialização e as formas

---

51. Não custa lembrar que o subtítulo do livro é o seguinte: *Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* [Investigações sobre as formas de socialização].

52. Assim, os comentadores de Aristóteles em geral deixam muito claro que ele não fala da analogia a propósito do ser (cf., p. ex., REALE, 2002, v. 3, pp. 231-2; e DELEUZE, 2006, *Diferença e Repetição*, p. 63). A analogia do ser é um dos temas prediletos da recepção que a escolástica faria de Aristóteles (e por aqui se compreende a razão pela qual ela não nos interessa diretamente; faço um breve comentário do conceito na nota 43 da p. 109 deste trabalho, contida no item II.1.4.3).

53. Passamos, aqui, da identidade à semelhança – e o passo não é inteiramente aleatório, embora envolva certo grau de afastamento em relação às definições aristotélicas. A esse respeito, convém termos em mente que Aristóteles uma vez definiu o “semelhante” como algo que pertence ao “Um”; mais especificamente, embora não envolva uma identidade absoluta, a “semelhança” pode em muitos sentidos ser associada à identidade: p. ex., envolve uma identidade formal (cf. REALE, 2002, v.2., pp. 447-8; ref.: 1054a20-b15). No que se refere às analogias de Simmel, esse passo é importante porque ele, algumas vezes, introduz uma analogia com a expressão “*ungefähr wie*” (aproximadamente como), denotando exatamente que a relação em que se baseia a analogia não é perfeitamente idêntica, mas apenas idêntica de maneira aproximada (i.e.: semelhante). Sobre o ponto, cf. a p. 184 deste trabalho, em especial a nota 58, contida no item II.2.1.2.

54. A principal referência de Simmel no que diz respeito à lógica parece ser Kant. Pelo menos no caso de Simmel, parece certo que a distinção entre forma e matéria, tal como aqui aparece, é uma referência a esse que era, talvez, o filósofo mais reverenciado no contexto em que viveu.

55. GSG, v. 11, p. 25; cf. ainda, no índice, a analogia **S.1.a.10** – que se acha, por sua vez, toda traduzida na p. 215 deste trabalho.

geométricas – esse é, contudo, assunto para o terceiro capítulo deste trabalho (minha intenção, aqui, é só a de apontar que a diferença existe, mostrando, assim, que Simmel sabia muito bem o que estava fazendo).

Além disso, é impossível não notar que essa analogia segue muito de perto a fórmula da analogia discreta. Com efeito, a maior parte daquelas analogias de Simmel que se encaixam sem muitas dificuldades no esquema da analogia em sentido matemático possui uma estrutura discreta⁵⁶. Não obstante, ainda toparemos com algumas analogias de Simmel cuja estrutura lembra bastante a da analogia contínua – esse ponto, contudo, também só será retomado mais adiante, dessa vez no segundo capítulo deste trabalho.

Outra característica da analogia que salta aos olhos no excerto acima citado é sua “promiscuidade” (i.e.: sua extensibilidade). Simmel nos fornece, aqui, um ótimo exemplo de como é possível, por meio de uma analogia, pular a cerca que há entre um domínio científico e outro: o que ele faz no excerto em questão é pura e simplesmente *estender* uma analogia evidente entre dois domínios do conhecimento já estabelecidos (a geometria e a lógica) para um domínio do conhecimento que ele quer estabelecer (a nossa sociologia).

Mas temos, a esta altura, de lembrar que, se a extensibilidade nada mais é do que um lado de uma moeda, devemos ser capazes de reconhecer, no outro lado dessa mesma moeda, a reversibilidade que lhe corresponde. No que diz respeito à reversibilidade da analogia como proporção, emprestei a definição de Kant (que, como veremos, deu outro nome a essa mesma propriedade); voltemos à ela: “quando são dados três elementos da proporção, também o quarto será dado desse modo, quer dizer, pode ser construído.” Isso só é possível porque a analogia em sentido matemático diz respeito a *números abstratos*, e todo número abstrato é absolutamente único (i.e.: idêntico em todos os aspectos a si mesmo)⁵⁷; mas a analogia em sentido matemático é, como vimos, sob muitos aspectos diferente dos demais modelos de analogia, de modo que a reversibilidade significa algo diferente num caso e no outro. Essa diferença em particular será discutida mais detalhadamente na terceira seção deste capítulo, quando nos ocuparemos do principal aspecto cognitivo da analogia (i.e.: seu valor heurístico); poderemos, então, recorrer a Kant, que nos fornecerá um instrumental analítico mais apropriado para lidarmos com essas questões. É possível, contudo, adiantar a seguinte conclusão, no que diz respeito à reversibilidade da analogia de Simmel que acabei de apresentar: por meio dela, Simmel abriu caminho para tornar permeável ao conhecimento uma maneira *nova* de organizar os dados sensíveis da realidade, maneira essa que pode ser predicada como

---

56. O que implica que nem todas as analogias de Simmel se encaixam muito bem nesse esquema. As analogias biológicas empregadas por Darwin fornecerão um outro esquema de analogia que permite reduzir de quatro, para dois os objetos por ela relacionados: trata-se da analogia como semelhança funcional. Como veremos, esse segundo esquema é, na verdade, uma variação do primeiro, de modo que o pressupõe. Mas este não é o momento de entrarmos nesses detalhes.

57. O que pode ser assim expresso: $5 = 5$. Note-se, porém, que “5 livros” não é igual, nesse sentido, a “5 dedos do pé”, pois, nesses casos, o número recebe uma qualificação (não é monádico). É tendo em vista esse tipo de diferença que Aristóteles, como vimos, afirmou que “o análogo não é privativo apenas do número abstrato”.

sociológica. O que nos leva imediatamente à questão: como é possível que a analogia se relacione à novidade; ou, mais exatamente: à descoberta do novo?

Para ensaiar uma resposta provisória para essa questão, devemos voltar a Aristóteles. Como vimos, Aristóteles havia relacionado, na *Poética*, a analogia à metáfora; esta havia sido assim definida: a metáfora “consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.” Caso me seja facultado torcer um pouco o que diz Aristóteles, a analogia aparece, aqui, como um substrato possível a partir do qual o poeta pode construir suas metáforas. Assim, apoiado numa analogia que, a essa altura, conhecemos muito bem, ao poeta é dado dizer que: “a taça é o escudo de Dionísio”; ou, mais elipticamente e com uma carga poética mais forte: o “escudo é uma taça sem vinho”. Em ambos os casos, o que está implicado é a seguinte analogia: “a taça está para Dionísio, assim como o escudo está para Ares”. Ambos os exemplos foram ensinados por Aristóteles – numa passagem que é especialmente interessante tendo em vista os meus propósitos:

Por vezes falta algum dos quatro nomes na relação analógica, mas ainda assim se fará a metáfora. Por exemplo, ‘lançar a semente’ diz-se ‘semear’; mas não há palavra que designe ‘lançar a luz do sol’, todavia esta ação tem a mesma relação com o sol que o semear com a semente; por isso se dirá ‘semeando uma chama criada pelo deus’. Há outro modo de usar esta espécie de metáfora, o qual consiste em empregar o nome metafórico, negando, porém, alguma das suas qualidades próprias, como acontece se alguém chamar ao escudo, não a ‘urna de Ares’, mas a ‘urna sem vinho’.⁵⁸

Mais uma vez o modelo matemático se deixa entrever, mas não sem modificações. O que realmente nos interessa aqui é que agora a reversibilidade da analogia aparece, de um modo muito claro, na ponta da pena do poeta. Basta bater os olhos na afirmação de Aristóteles: “por vezes falta algum dos quatro nomes na relação analógica, mas ainda assim se fará a metáfora” e, em seguida, compará-la à de Kant: “quando são dados três elementos da proporção, também o quarto será dado desse modo, quer dizer, pode ser construído.” Mas, agora, sabemos que a reversibilidade da analogia em sentido matemático deve ser predicada de um modo diferente daquela que serve de material para elaboração de metáforas. Para apreender essa diferença, devemos partir da seguinte proposição aristotélica: não existe uma palavra que designe “lançar a luz do sol”. No caso da analogia em sentido matemático, o quarto termo que se quer descobrir é imediatamente designável pelo seu nome próprio (o que, como vimos há pouco, só é possível porque o que está em jogo é o número monádico). No entanto, o poeta não trabalha com números, mas com palavras. E, se por um lado, cada número abstrato é absolutamente único, o mesmo não pode ser dito das palavras: não só uma única palavra pode possuir inúmeros sentidos, como, além disso, nada garante que haja, para cada “sentido” possível, uma palavra que lhe corresponda. Essa é a diferença. Partindo dessa

---

58. ARISTÓTELES, 1979, p. 261; ref.: 1457b25-35.

diferença fundamental, podemos, agora, ensaiar uma distinção provisória entre a reversibilidade da analogia em sentido matemático – que chamarei de *perfeita* – e a reversibilidade da analogia proposta por Aristóteles – que chamarei de *imperfeita*. O que quero dizer com essa distinção provisória é que a reversibilidade da analogia em sentido matemático implica, necessariamente, que o quarto termo da analogia (que se quer descobrir) corresponda a um conceito que é único em todos os aspectos: o número monádico. Uma vez que o sentido desse tipo de conceito é unívoco⁵⁹, ele pode ser designado de modo inteiramente *independente* de qualquer analogia: possui uma existência própria, fechada em si mesma, e por essa razão a analogia pode ser perfeitamente revertida. Vou ilustrar o que quero dizer retomando a analogia que construímos no começo desta seção: baseado nela, eu havia afirmado que, contanto que saibamos que 10 está para 5 na mesma proporção que 6 está para x , o único conceito possível para x é 3. Dizemos que a conta, nesse caso, fecha perfeitamente, e que a analogia pode ser reduzida a uma tautologia: $2 = 2$ (sendo esse simplesmente outro modo de dizer que a analogia $10:5::6:3$ implica uma identidade de razões, e que a razão, nesse caso, é de dois para um). O mesmo não se pode dizer da analogia aristotélica que introduzi há pouco: como não há uma palavra que designe exatamente a ação “lançar a luz do sol”, só é possível apreender seu sentido de maneira indireta, ou seja: *por analogia*. Desse modo, o x da questão não existe independentemente da analogia (o que implica que seu sentido não pode ser unívoco). Dizemos, portanto, que os dois lados da equação não se equivalem em todos os sentidos (a conta não fecha *perfeitamente*), ou, inversamente, que envolve uma certa *imperfeição*. Para dizê-lo ainda de um outro modo, as analogias de reversibilidade imperfeita implicam não uma identidade de razões, mas unicamente uma *semelhança*⁶⁰. O movimento que lhe corresponde é o da *aproximação* – e essa nada mais é do que uma decorrência do fato de que a relação entre uma “palavra” e um “sentido” não é idêntica em todos os aspectos⁶¹ à relação expressa pela tautologia: $2 = 2$.

Esse ponto será retomado no decorrer das minhas investigações das analogias de Simmel, e é, na verdade, um ponto muito importante, pois aqui Aristóteles abre o caminho para que possamos compreender a analogia como um modo de apreender o *novo*, i.e.: de tornar algo que não se conhece assimilável pelo conhecimento⁶². É exatamente isso o que Simmel faz quando aproxima a sociologia da

---

59. Unívoco é aquilo que só pode ser designado por si mesmo, ou melhor: que possui um “único” sentido (assim, o que é unívoco se opõe àquilo que é equívoco, i.e.: que possui mais de um sentido). Como vimos, a analogia ela mesma nunca pode ser unívoca, justamente porque o seu sentido é *modificado* a cada vez que ela é empregada num contexto diferente (ela possui, p. ex., na matemática um sentido diferente do que possui na biologia). O abismo entre univocidade e analogia é um tópico recorrente em discussões filosóficas a propósito do tema, e será visto aqui apenas de esguelha. Para citar um exemplo que não será, contudo, trabalhado: DELEUZE, 2006, pp. 69-71.

60. Assim, Aristóteles afirmará que “bem saber descobrir as metáforas significa bem se aperceber das semelhanças” (cf. a citação referida na nota 71, abaixo); o que, por sua vez, justifica a passagem da identidade para a semelhança, indicada na nota 53, acima.

61. No meu modo de ver, elas são idênticas num único aspecto: *por analogia*. Cf. a nota 38, mais acima.

62. Outra conclusão que podemos tirar é que o mesmo caminho que pode levar à descoberta do novo pode, também, levar ao erro: isso porque, para chegar ao novo, é preciso se deslocar para além das fronteiras do que já é conhecido – *desconfiar da “certeza” do conhecimento* –, e essa aventura de modo algum está destinada a ser bem sucedida (sendo que a tensão decorrente dessa situação será o fio condutor de todo o terceiro capítulo deste trabalho). Por isso, toda analogia de Simmel é apenas tentativa,

geometria e da lógica; a reversibilidade da analogia empregada por Simmel – assim como aquela que permite ao poeta designar o ato de “lançar a luz do sol” por meio da expressão “semear uma chama criada pelo deus” – é, portanto, imperfeita. Mas justamente por ser imperfeita, ela abre caminhos para a compreensão do novo, i.e.: para trazer para *perto* daquilo que já se conhece o que ainda não se conhece (e é por essa razão que a ideia de aproximação está contida na definição das analogias de Simmel). O que interessa aqui, é que a analogia parece ser, pelas razões aqui aduzidas, um veículo especialmente bem adaptado à descoberta científica – o que é sobretudo válido para as analogias que Simmel nos deixou.

Essa afirmação, contudo, só poderá ser considerada verdadeira quando estiver demonstrado que a reversibilidade da analogia não é imperfeita *apenas* no que diz respeito à poesia e aos seus objetos. Mais adiante, Kant nos fornecerá um arsenal de conceitos que permitirá fundamentar em bases mais sólidas essa intuição⁶³; podemos, contudo, detectar já no texto de Aristóteles alguns indícios a seu favor.

Já havíamos notado que Aristóteles introduz a noção de analogia, no âmbito da *Metafísica*, para lidar com noções extremamente abstratas⁶⁴. O que interessa aqui é que é especialmente difícil assimilar tais noções (como, p. ex., “forma, privação e matéria”, que Aristóteles discute em sua *Metafísica*) *por si mesmas*; de modo que, para elucidá-las, Aristóteles recorre justamente à analogia. Dito de outro modo: a dificuldade em *definir* o que essas noções são em si mesmas é o que leva Aristóteles a recorrer à analogia⁶⁵. Ora, como havíamos notado, se Simmel emprega, na sociologia, a distinção entre forma e conteúdo por analogia à lógica e à geometria, ele o faz unicamente para “elucidar ideias extremamente abstratas e fundamentais” dessa nova ciência por ele imaginada; exatamente a mesma atitude de Aristóteles em relação a um dos problemas fundamentais de sua metafísica⁶⁶.

Também o sistema de classificação que Aristóteles emprega no âmbito da biologia recorre à aproximação por analogia. Mais uma vez, a analogia aparece sobretudo como um recurso tendo em vista apreender o que – ao menos por enquanto – ainda não possui um nome adequado (i.e.: ainda não foi *definido*). Vejamos o que Lloyd diz a esse respeito:

---

e a forma de exposição que lhe corresponde é o ensaio. Sobre o ensaio simmeliano como aventura, cf. WAIZBORT, 2000, *As Aventuras de Georg Simmel*, sobretudo as pp. 57-60.

63. Fazem parte do arsenal kantiano as seguintes noções: esquema, intuição, antecipações da percepção, princípios, analogia quantitativa e qualitativa, e valor constitutivo ou regulativo da analogia; a partir de Kant, também a noção de imagem (*Bild*) – que, como veremos, nos ajudará a compreender melhor as analogias de Simmel – poderá ser abordada.

64. Cf. a citação feita na nota 42, que é comentada por G. Reale na nota 38.

65. Lloyd formula a questão nestes termos: “Though these two are often associated, proportional analogy is not a *kind* of focal meaning, so much as an alternative to it.” Ou seja: como vimos numa outra nota de rodapé (a nota 36 desta seção), a analogia funciona como uma *alternativa* à definição. Para jogarmos um pouco com as palavras: não há o que seja menos definido e mais provisório do que uma analogia.

66. A esse respeito, a comparação entre duas citações utilizadas ao longo desta seção (que, de resto, pertencem a contextos completamente diferentes) é bastante elucidativa. Primeio, vejamos o comentário de Lloyd em relação às ideias de Aristóteles: “[...] proportional analogy provides one of the main ways in which Aristotle elucidates extremely abstract and fundamental ideas.” E agora Simmel, em relação à sua própria analogia: “essa analogia com a geometria de modo algum se estende para além do problema fundamental da sociologia que se procura aqui esclarecer”. De modo que também no caso de Simmel a analogia é um caminho alternativo à definição e, em certo sentido, à construção de proposições propriamente científicas. Pois Simmel foi – como já havia percebido Weber (cf. FRISBY (ed.), 2004, *Georg Simmel: critical assessments*, pp. 77-81) – um ótimo e um péssimo cientista.

The lack of a name for what items that are analogous have in common was already mentioned in *Apo.* 98a21f. But namelessness, in the zoology, takes two forms. First, there is the type of case represented by pounce, fish-spine and bone, where the problem is the lack of a term that these have in common. But secondly and, as we shall see, more importantly, there are many instances where what is lacking is a term for one of the analogues. One example has just been cited: chest or what is analogous to it (HA 497b32ff.). But there are many others, most notably blood and what is analogous to it, flesh and what is analogous to it, heart and what is analogous to it. True, in some instances there is a name for the part that serves as the analogue, though that may or may not reveal its function. Thus in the cephalopods there is the organ called *mutis* that Aristotle identifies as the analogue of the heart, *PA* 681b26ff. [...] But more often the part is nameless – especially in the lower kinds of animals – and Aristotle refers to it simply as what is analogous, in those creatures, to the given named part familiar from the higher animals.⁶⁷

Essa passagem será rapidamente retomada na próxima seção, mas por outras razões. O que, a esta altura, nos interessa é que Aristóteles frequentemente tenha classificado partes de um organismo por analogia a partes de outro organismo, e que, na maior parte desses casos, isso aconteceu porque o *nome* de uma delas ainda não fora definido. Mais uma vez, a analogia aparece como alternativa à definição; também o caráter fundamentalmente *provisório* do procedimento analógico fica, aqui, em evidência⁶⁸.

Por enquanto, isso é o que tenho a dizer em resposta à questão: como é possível que a analogia se relacione à descoberta científica? Para resumi-lo em poucas palavras: a analogia fornece um modelo *provisório* que permite dar conta de problemas *novos*, i.e.: problemas que ainda não foram *propriamente definidos* (daí a importância relativamente maior que a analogia assume no estágio de *invenção* de uma nova ciência⁶⁹). Essa formulação abrange tanto os problemas de ordem mais abstrata e fundamental de uma dada ciência (que são, por isso mesmo, difíceis de definir em um único conceito⁷⁰), quanto os problemas de classificação oriundos da descoberta de evidências empíricas até então desconhecidas ou em

---

67. LLOYD, 1996, pp. 149-50 (*grifo original; grifo meu*). Mantive as referências ao texto de Aristóteles para quem, porventura, queira ir “direto à fonte”.

68. Não é à toa que Lloyd concluirá que o que unifica um grande número das analogias de Aristóteles é o seu valor *heurístico* (cf. LLOYD, 1996, p. 158). Esse traço da analogia será cuidadosamente investigado na terceira e última seção deste capítulo, a partir do instrumental analítico kantiano (filtrado, claro está, pela apropriação específica que Simmel fez de Kant).

69. Correspondentemente, como ainda veremos, o capítulo da *Soziologie* de Simmel mais denso em analogias (i.e.: que conta com o maior número de analogias por página) é o primeiro, aquele sobre o “Problema da sociologia”.

70. No caso de Simmel, para quem o caráter provisório da ciência é, na verdade, uma constante, os problemas mais fundamentais de toda a ciência jamais poderão ser definidos de uma vez por todas (o que implica que não são, nem jamais serão, unívocos); pois exatamente no momento em que o forem, a ciência deixará de ser científica e se tornará dogmática. Nessa medida, jamais poderemos nos livrar de uma vez por todas da analogia, ao menos se Simmel estiver correto. Embora isso possa mudar no futuro, até o momento a previsão derivada do modelo simmeliano a esse respeito parece estar correta: não é à toa que até os cientistas mais sistemáticos enfrentaram questões altamente abstratas lançando mão de analogias ou de modelos analógicos. No que diz respeito à sociologia, um autor tão diferente de Simmel em tantos outros aspectos é – pelo menos em um aspecto – simmeliano: Talcott Parsons (que, como todo bom sociólogo, leu Simmel). Parsons, logo no primeiro capítulo do seu livro sobre a estrutura da ação social, recorre a algumas analogias justamente tendo em vista *esclarecer* certos aspectos fundamentais de sua metodologia. Faço notar que Parsons articula com bastante rigor e de forma crítica (i.e.: chamando a atenção para as limitações nela implicadas) suas analogias às suas definições, mais ou menos como se faz no âmbito da física teórica contemporânea; quanto a Parsons, cf., p. ex., a analogia entre o esquema conceitual característico da ciência e o foco de luz de uma lanterna, que ele emprega para tornar permeável à intuição o problema das categorias residuais, em PARSONS, 1937, *The Structure of Social Action*, pp. 16-17.

relação às quais se tem um conhecimento ainda muito precário (i.e.: que ainda não foram positiva e propriamente definidas dentro do sistema classificatório de uma determinada ciência).

Encontramos, portanto, ao menos alguns indícios de que analogias cuja reversibilidade seja imperfeita podem ser empregadas de modo adequado em outros contextos que não o da poesia. Estamos, portanto, agora em condições de generalizar, ainda que apenas provisoriamente, uma famosa proposição de Aristóteles:

Grande importância tem [para o poeta], pois, o uso discreto de cada uma das mencionadas espécies de nomes, de nomes duplos e de palavras estrangeiras; maior, todavia, é a do emprego das metáforas, porque tal se não aprende nos demais, e revela portanto o engenho natural do poeta; com efeito, bem saber descobrir as metáforas significa bem se aperceber das semelhanças.⁷¹

O que Aristóteles diz em relação ao poeta (pois estamos, aqui, diante de sua *Poética*), nós também o diremos em relação ao sociólogo que Simmel foi: *o engenho do sociólogo que é alvo da presente investigação depende de sua capacidade de reconhecer as semelhanças*. E assim abrimos o caminho para reconciliar a dimensão científica do pensamento simmeliano à sua dimensão estética; afinal, não é por obra do acaso que Simmel, quando mais uma vez se refere às noções de forma e conteúdo assim como são empregadas no âmbito da sua sociologia, afirma que:

Essa perspectiva vem, afinal, à tona graças a uma análise do conceito de sociedade, análise essa que se pode designar pela distinção entre a forma e o conteúdo da sociedade – sendo que é preciso enfatizar que essa distinção é, na verdade, apenas uma metáfora, cuja finalidade é designar de maneira aproximada a oposição entre os elementos a serem cindidos; oposição essa que tem de ser diretamente abarcada segundo o seu sentido próprio, sem que se deixe levar pelas concepções implicadas nos demais significados dessas designações provisórias.⁷²

Nessa passagem, finalmente, a relação entre metáfora e analogia surge de maneira escancarada. Algumas das nossas conclusões mais importantes a respeito da analogia aparecem, aqui, diretamente associadas à metáfora. Evidente que isso só é em primeiro lugar possível porque a metáfora aí em questão – que se pode designar, como diz Simmel, pela distinção entre a forma e o conteúdo da sociedade – se baseia justamente numa analogia (analogia essa que já conhecemos). Mas esse é um assunto que merece um excursus particular, ainda que breve.

---

71. ARISTÓTELES, 1979, p. 263; ref.: 1459a5-10. Lemos, em outra tradução, o seguinte: “Es importante usar convenientemente cada uno de los recursos mencionados, por ejemplo los vocablos dobles y las palabras extrañas; pero lo más importante con mucho es dominar la metáfora. Esto es, en efecto, lo único que no se puede tomar de otro, y es indicio de talento; pues hacer buenas metáforas es percibir la semejanza.” (em YEBRA, 1974, *Poética de Aristóteles*, pp. 213-14). É importante reiterar que Aristóteles era extremamente crítico quanto ao emprego de metáforas fora da poética ou da retórica, e mesmo nesses casos fez não poucas ressalvas; quando, contudo, elogia, como nessa passagem, a metáfora, trata-se justamente daquela metáfora baseada numa analogia. Sobre esse ponto, cf. LLOYD, 1996, p. 138, que se refere às seguintes passagens da obra aristotélica: 1407a13ff, 1410b36ff e 1412b34ff; e, ainda mais detidamente, todo o capítulo 10 do livro de Lloyd, capítulo esse dedicado à metáfora.

72. GSG, v. 11, p. 17. “Metáfora”, aqui, traduz a palavra “*Gleichnis*”.

I.1.1. excurso sobre a relação entre a metáfora e a analogia

Aristóteles é ainda útil para investigarmos a complicada relação entre metáfora e analogia – que havia sido enfrentada, mas desde outra perspectiva, quando da introdução deste trabalho. Acabamos de ver que Simmel chama de metáfora (*Gleichnis*) o que, em outros contextos, recebe o nome de analogia (*Analogie*). Essa constatação, contudo, vai de encontro àquela expressamente indicada por S. Kracauer em sua interpretação pioneira do problema da analogia em Simmel, a saber: sua distinção entre a metáfora e a analogia. Kracauer formula tal distinção nestes termos: "a analogia é verdadeira ou falsa, a metáfora, bela ou feia." ⁷³ Diferentemente da analogia (*Analogie*), a metáfora (*Gleichnis*), para Kracauer, não é um modo de conhecimento, mas criação da fantasia, expressão daquilo que nos é interior⁷⁴.

As lições de Aristóteles serão de grande varia também para desatarmos esse nó, pois é, em última análise, ele que tanto Kracauer, como Simmel tinham como referência quando o assunto era a *Gleichnis*⁷⁵. No que diz respeito a Kracauer, é possível citar a seguinte passagem, em que o tema por ele tratado é o papel da palavrinha "wie" na formulação de uma analogia:

A palavrinha 'como', que numa metáfora pode estar ausente, é indispensável quando o que está em jogo é fazer a ligação de processos análogos. É possível dizer que 'poemas são vidraças pintadas' porque nesse caso, como na metáfora em geral, a imagem toma o lugar do predicado. O 'como' na analogia serve, por sua vez, à caracterização dos comportamentos que têm a mesma forma, sendo que sua omissão é impossível. Toda metáfora pode ser convertida numa analogia (ou, pelo menos, numa analogia formal). Disso também deriva a frequente confusão entre esses dois modos de relação. É preciso apenas mudar a intenção, e a mesma matéria, que até então era metáfora, passa a ser analogia. A oração: 'A vida é como um rio' terá o sentido de uma metáfora, caso a palavra 'rio' possua o sentido de uma imagem; e passará a ser uma analogia, caso 'vida' e 'rio' sejam compreendidos como manifestações paralelas, como processos que se desdobram de acordo com a mesma regra geral. ⁷⁶

---

73. Cf. KRACAUER, 2004, p. 154. A tradução é de minha responsabilidade. Também neste caso, "metáfora" traduz "*Gleichnis*". É preciso notar que a palavra *Gleichnis*, ao contrário da metáfora grega, não implica a ideia de "transporte", "transferência" (e é curioso notar como a palavra metáfora é em si mesma metafórica, pois implica a transferência de um movimento possível no espaço – o transporte, a transferência – para o plano mais puramente discursivo das ideias). Apesar desse detalhe, tanto Simmel, como Kracauer, conforme veremos, empregam o termo *Gleichnis* por referência à metáfora grega (ainda que essa referência não seja, necessariamente, direta). Para maior clareza, ao longo deste excurso irei na maior parte das vezes manter os termos *Gleichnis* e *Analogie* em alemão.

74. Cf. KRACAUER, 2004, p. 155.

75. A razão disso é bastante evidente: a definição aristotélica de metáfora é referência obrigatória sobre o tema; assim, mesmo que Simmel ou Kracauer não tenham lido o que Aristóteles ensinou sobre o assunto, certamente leram ou ouviram falar algo que alguém escreveu ou falou sobre o que Aristóteles ensinou sobre o assunto.

76. KRACAUER, 2004, p. 155. Tradução minha.

Vemos aqui que Kracauer reconhece que a *diferença* entre *Gleichnis* e *Analogie* pressupõe uma semelhança, de modo que devemos, desde já, desconfiar da referência (seja ela direta ou indireta) a Aristóteles. A seguinte passagem da *Retórica* de Aristóteles confirmá nossas suspeitas:

The simile also is a metaphor; the difference is but slight. When the Poet says: 'He leapt on the foe as a lion', this is a simile; when he says of him 'the lion leapt', it is a metaphor – here, since both are courageous, he has transferred to Achilles the name of 'lion'. Similes are useful in prose as well in verse; but not often, since they are of the nature of poetry.⁷⁷

Como é possível constatar logo de cara, Kracauer atribuiu à *Analogie* justamente a palavrinha que Aristóteles atribuíra ao símile (símile, em grego, é εἰκὼν⁷⁸), ao passo que o que este chamara de metáfora, aquele chamou de *Gleichnis*. Inversamente, seria perfeitamente possível dizer que a palavrinha “como”, que numa metáfora pode estar ausente, é indispensável quando o que está em jogo é construir um símile; ou que, no caso da metáfora a que se refere Aristóteles, a palavra “leão” tenha o sentido de uma imagem (nos termos de Kracauer). O que realmente interessa, porém, é que o símile seja, como afirmou Aristóteles, próprio da poesia, passo esse que aparece, por assim dizer, recalcado na referência à *Analogie* presente no texto de Kracauer. Isso porque Kracauer tinha em mente *destacar* ou *tornar evidente* ou *apontar para* o aspecto cognitivo da analogia; para isso, lhe pareceu necessário como que empurrar o elemento estético da analogia (que, afinal, está presente no caso de Simmel) para longe do cognitivo. Ou melhor: essa foi a estratégia mobilizada por Kracauer tendo em vista dar conta da sua intuição fundamental, segundo a qual as analogias que Simmel incansavelmente elaborava e empregava “não devem, de modo algum, ser concebidas como fruto de arbitrariedade barroca, desvios pseudoespirituosos em relação à meta das suas investigações”⁷⁹. Acredito que estamos, agora, em condições de sustentar essa intuição sem ter, entretanto, de recorrer à estratégia de Kracauer. Com efeito, já ao longo desta seção achamos os primeiros indícios de que as analogias de Simmel, de fato, não são apenas “espirituosas”; elas são mais que isso, pois lhe forneceram um esquema graças ao qual Simmel pôde dar conta de determinados aspectos da realidade, que haviam, até então, sido ignorados ou deixados de lado. Diremos, nesse caso, que a analogia possui um *elemento cognitivo*, e que esse elemento cognitivo está ligado (e visceralmente ligado) *a um elemento estético*. Ou, rephraseando: que o tipo de conhecimento a que Simmel se filia possui um fundo estético⁸⁰.

---

77. BARNES, 1984, p. 2243; ref.: 1406b20-25. O excerto contém uma citação da *Ilíada*, que omiti da citação, mas reproduzo em seguida, caso alguém se interesse em buscá-la: XX 164.

78. Há quem traduza esse termo por “imagem”; a imagem, por sua vez, é o que, para Kracauer, caracteriza a metáfora em oposição à analogia.

79. Adaptado a partir de KRACAUER, 2004, p. 176; a passagem completa serve de epígrafe à introdução deste trabalho.

80. Não custa, a esta altura, destacar que a concepção de ciência empregada por nós, cientistas sociais inseridos num contexto em que a sociologia é uma ciência bem estabelecida e devidamente institucionalizada, não deve ser retroprojetada para avaliar a concepção de ciência que alimentou a *invenção* da sociologia (e não há dúvida que essa invenção tem o dedo de Simmel, ainda que não só o dele); muito pelo contrário: a sociologia contemporânea é que está profundamente marcada pela de Marx, Durkheim, Simmel e Weber.

Também é preciso notar que o que Kracauer chama de metáfora (*Gleichnis*) não é exatamente o que Simmel chama de metáfora (*Gleichnis*); ou melhor, para não perdermos Aristóteles de vista: que ambos empregam a designação de modo equívoco. Isso porque Simmel entende por *Gleichnis* algo muito parecido com o que Aristóteles chamou de metáfora por analogia⁸¹, o que de modo algum pode se dito no caso da *Gleichnis* de Kracauer. Este, por sua vez, se refere claramente a um dos aspectos da metáfora aristotélica que Simmel desconsidera ou a que não dá a devida atenção, a saber: seu emprego “justo” ou “correto”. Afinal, a metáfora é, para Aristóteles, uma forma poética, apropriada à poesia e, em alguns casos, à retórica⁸². É possível, a esta altura, combinar a proposição aristotélica com a de Kracauer para estabelecermos de maneira mais clara as semelhanças e diferenças entre metáfora e analogia.

Em primeiro lugar, irei doravante chamar de metáfora apenas o que Aristóteles propriamente chamou de “metáfora criada por analogia”; a razão disso é na verdade bastante simples: é essa a metáfora que interessa quando o assunto é “Simmel e a analogia”. Isso posto, *a metáfora nada mais é do que a transfiguração “poética” da analogia*: o que ela expressa, nesse sentido, não é uma disposição puramente interior, como diz Kracauer a propósito da *Gleichnis*, mas sim uma analogia. Como diz Kracauer, a metáfora envolve a formação de uma *imagem*⁸³; mas a imagem em questão é apenas uma reconstrução da analogia, ou melhor: uma elaboração do material por ela fornecido. Mas se é assim, então deve ser sempre possível encontrar, na metáfora⁸⁴, uma analogia, e, portanto, o elemento estético aparecerá ligado ao cognitivo; convém, claro, mostrar como isso tudo funciona no texto de Simmel. Pois, para Simmel, isto era uma metáfora:

Quando se fala em “metais nobres”, ou da “nobreza” do ouro e da prata, temos aí uma metáfora [*Gleichnis*] bastante elucidativa. Essa nobreza do metal consiste – assim me parece – antes de tudo em sua relativa indestrutibilidade: se o metal nobre é persistentemente conservado, isso é devido a seu valor; à medida que vai sendo sucessivamente refundido, o que muda é apenas a sua forma, ao passo que a substância de seu valor é relativamente imperecível. Uma representação semelhante está na base tanto do sentimento da nobreza, quanto do sentimento que se volta à nobreza: é como se os seus membros individuais não fossem, por assim dizer, outra coisa senão refundições diferentes, formações diferentes de uma substância dotada de valor permanente, que se

---

81. É bastante elucidativo a esse respeito notar que F. H. Tenbruck, em um artigo sobre Simmel, traduziu dessa forma: “properly only an analogy” a passagem que, mais acima, traduzi por “na verdade, apenas uma metáfora” (em alemão, lemos: “*eigentlich nur ein Gleichnis*”). Tendo em vista que o que Simmel chama de *Gleichnis* é algo bastante parecido com o que Aristóteles definiu como metáfora por analogia, Tenbruck não está de todo equivocado, ainda que a sua tradução tenha algo de traiçoeiro (cf. o artigo de Tenbruck em FRISBY, 1994, v.1, sendo que a passagem em questão está situada na p. 349). Além disso, está registrado no verbete dedicado à metáfora propriamente dita (*Metapher*) do *Historisches Wörterbuch der Philosophie* que o conceito moderno de metáfora em sentido estrito corresponde somente ao último tipo de metáfora aristotélica, i.e.: à metáfora criada por analogia – o que torna ainda mais provável a proposição a que está ligada esta nota.

82. Cf., p. ex., na *Poética*, a passagem 1459a1 e, na *Retórica*, a passagem 1406b5. Diante dessas passagens, a seguinte conclusão se torna simplesmente irresistível: a de que era *exatamente* isso o que Kracauer tinha em vista, quando dizia que a metáfora era bela ou feia.

83. Mas não só a metáfora; também o símile a que Aristóteles se refere implica uma imagem. A noção de imagem propriamente dita será estudada na terceira seção deste capítulo.

84. E, apenas para reiterar, metáfora aqui equivale ao que Aristóteles chamou de metáfora criada por analogia.

conserva ao longo de toda a cadeia hereditária. Com isso, a relação que o indivíduo tem com o grupo histórico em que está inserido ganha um acento todo especial. Uma (por assim dizer) imperecibilidade do valor: é isso o que a nobreza reivindica para si, e é isso o que as relações sociais por ela estabelecidas procuram realizar.⁸⁵

Convém, como de costume, explanar rapidamente a analogia em que, nesse caso, está baseada a metáfora em questão. O trecho foi extraído do *Excurso sobre a nobreza*, que está contido no último capítulo da *Soziologie* de Simmel, intitulado *A ampliação do grupo e a formação da individualidade*⁸⁶. Além disso, no excerto, Simmel se refere à expressão “metais nobres”. No âmbito da química, “metais nobres” são aqueles que possuem, comparativamente a outros metais⁸⁷, uma resistência maior à oxidação. Finalmente, faço notar como Simmel, cuidadosamente, introduz suas comparações com “por assim dizer”. Essa é, como veremos, uma maneira com que ele *expressa* algumas de suas analogias. No próximo capítulo, esse ponto será discutido em detalhe; a esta altura, basta chamar a atenção para o caráter inteiramente *aproximativo* da expressão – que Simmel emprega mais de 350 vezes apenas na *Soziologie*!⁸⁸ –, e que trai muito claramente a sua filiação a um tipo de conhecimento que se quer provisório e envolve tentativa⁸⁹.

Vamos, agora, ao que interessa: logo no começo do excerto, Simmel chama a atenção para uma *metáfora* que é empregada no âmbito da química. Trata-se da expressão “metais nobres”. A expressão é uma metáfora no sentido rigorosamente aristotélico do termo: envolve o *transporte* do nome (“nobreza”) de uma coisa (nesse caso: um determinado grupo de pessoas) para outra (nesse caso: um determinado grupo de elementos químicos)⁹⁰. Nesse exato momento, flagramos Simmel passando da sociologia para química; no âmbito da química, Simmel investiga a seguinte questão: por que é que se dá, a determinados metais (como o ouro e a prata), o nome de nobres?; ou: qual o *fundamento* dessa metáfora? A resposta que Simmel encontra é: porque esses metais possuem uma relativa indestrutibilidade, que é, em certo sentido, semelhante a uma disposição específica associada à nobreza social. Nesse caso, o que Simmel fez foi *descobrir* a analogia subjacente à metáfora “metais nobres”: assim como metais como o ouro e a prata resistem melhor à corrosão e seus efeitos destrutivos acumulados ao longo do tempo, assim também a nobreza reivindica para si algo como uma imperecibilidade de seu valor. Faço notar que essa é, contudo,

---

85. **S.10.b.11**, disponível em GSG, v. 11, p. 825.

86. Em alemão, no original: *Die Erweiterung der Gruppe und die Ausbildung der Individualität*.

87. Por conta disso, Simmel afirma que os metais nobres possuem uma *relativa* indestrutibilidade e uma *relativa* imperecibilidade. Para a definição de “metal nobre” no âmbito da química, consultei o dicionário *Oxford*; de qualquer modo, uma definição mais ou menos completa pode ser encontrada em qualquer bom dicionário (p. ex., na versão completa do *Houaiss*).

88. Estou contando, aqui, as ocorrências de *sozusagen* e *gleichsam*. Como veremos, para os fins da construção do índice, considereirei que expressões tais introduzem uma analogia apenas em casos muito específicos. Para mais detalhes a respeito dessas questões, cf. a p. 184 deste trabalho, referida ao item II.2.1.2).

89. Daí para o ensaio como forma privilegiada para Simmel basta um único passo. Sobre esse ponto, Waizbort quase afirma o seguinte: “O ‘por assim dizer’ tem a ver com o ensaio como forma, com a idéia de segurança a que o ensaio se relaciona, que não é a segurança do sistema, em que tudo tem o seu lugar claro e definido; o ‘por assim dizer’ tem a ver com a aventura, com a coqueteria, com o jogo, com o vai-e-vem, o dar-e-negar, o aproximar-e-afastar, o provável e o improvável” (adaptado de WAIZBORT, 2000, pp. 67-8; onde, aqui, se lê “por assim dizer”, lemos, no livro de Waizbort, “talvez”).

90. Note-se como cada um dos termos em questão pertence a um *gênero* completamente diferente de coisas: sob nenhum aspecto, *a não ser por analogia*, é possível dizer que a geração de elementos químicos é idêntica à geração de grupos de pessoas.

apenas uma semelhança (e o que é semelhante não é idêntico em sentido absoluto); e bem se aperceber das semelhanças é, se me for permitido jogar com a máxima aristotélica, um sinal do engenho sociológico, pelo menos no caso de Simmel e dizendo respeito àquilo o que *ele* chamou de sociologia.

O que realmente interessa a Simmel não é, evidentemente, a química; e por isso ele se apressa em voltar à sociologia. E se a metáfora é “elucidativa”, como diz Simmel, é simplesmente porque ela permite enxergar, desde um novo ângulo, um determinado aspecto do problema que Simmel está investigando. Evidentemente, a metáfora em questão (que, nesse caso, extrai seu sentido de uma analogia) revela apenas um aspecto da nobreza; porque cada analogia implica apenas uma relação (e, mais propriamente, uma modalidade específica de relação), e Simmel não está interessado em estabelecer *uma* relação e tirar, dessa relação, todas as suas possíveis consequências⁹¹. O que lhe interessa é construir um mundo de relações, uma constelação, e é por isso que, ao longo de seu excursus sobre a nobreza (como sói acontecer virtualmente em toda a sua obra e dizendo respeito a todo tipo de objeto que ele procura investigar), Simmel não só irá estabelecer outras analogias (com o partido político, com a ilha, com a obra de arte...), como ainda buscará apreender o que é único à nobreza e em relação a que não já não é possível estabelecer qualquer analogia (pois a nobreza implica, em certo sentido, uma mescla especial e incomparável de fatores, como diz Simmel⁹²).

Assim, dentro desse quadro mais geral, a analogia aparece como uma das inúmeras maneiras com que Simmel enfrenta, do ponto de vista filosófico, a multiplicidade do real e da vida em geral – e, do ponto de vista mais especificamente sociológico, a multiplicidade de tudo aquilo que é propriamente social. Seja como for, se Simmel está interessado na multiplicidade (do real, da vida, do social), é devido à sua filiação a um tipo de conhecimento em que o aspecto cognitivo não pode ser, em última análise, dissociado do estético. Exatamente o que isso significa será retomado mais adiante. Na terceira seção desse capítulo, veremos que a ponte que liga a metáfora à analogia – ponte essa que acabamos de construir com as ferramentas que Aristóteles nos forneceu – permitirá transportar o aspecto cognitivo presente na analogia para a outra margem do “rio”, onde está a metáfora. Veremos, então, que até mesmo a “imagem” (Bild) que Kracauer associou, com razão, à *Gleichnis*, envolve um certo tipo de cognição que é essencial no caso de Simmel; pois fazer uma imagem é *imaginar*, e sem a imaginação o ensaio simmeliano seria impossível.

---

91. Isso é o que se espera que *nós* façamos, quando lançamos uma hipótese e a submetemos a todo tipo de provação empírica.

92. Cf. GSG, v. 11, p. 830. “Não há (em geral) qualquer analogia entre A e B”: essa é, como ainda veremos em maior detalhe, outra expressão até certo ponto recorrente em Simmel (cf. o item II.2.1.1.4 deste trabalho, iniciado na p. 180). E não devemos esquecer que, se a analogia é um aspecto essencial para o pensamento de Simmel, de modo algum o esgota; na verdade, até mesmo sua capacidade de perceber semelhanças precisa ser usada com “tato”, ou melhor: temperada com uma sensibilidade para a diferença (também frequentemente atribuída a Simmel), sem o que as analogias perderiam todo o seu valor. Isso porque, como vimos, o que é em certo sentido análogo é, em outros tantos sentidos, diferente, de modo que pensar a analogia sem pensar a diferença seria reduzi-la à mera identidade, o que não é o caso de Simmel. Já que, numa nota de rodapé, me referi a Parsons, proponho a seguinte analogia para elucidar a questão (analogia essa que pode soar um tanto extravagante tendo em vista algumas das minhas proposições anteriores, mas apenas se tomada literalmente, o que não recomendo): façamos de conta que o pensamento de Simmel forma um sistema fechado e digamos que, dentro desse sistema, a analogia exerce determinadas funções vitais. Por um lado, temos que o sistema de modo algum pode ser reduzido a essas funções; mas por outro, sem elas, ele entraria em colapso.

Correspondentemente, encontraremos algumas analogias de Simmel cuja função é justamente *figurar* alguma coisa que, de outro modo, não poderia ser figurada; mas, para que possamos dar esse passo, precisaremos antes recuperar o fragmento da história da analogia que Simmel encontrou em Kant, fragmento esse que abrirá o caminho para que possamos compreender mais exatamente o elemento cognitivo da analogia em sua relação com o estético.

Basta, por enquanto, notarmos que Simmel, com efeito, incorporou e processou a lição de Aristóteles de modo a torná-la um instrumento útil à sua “sociologia da nobreza”; e que, se isso é possível, é porque também as metáforas de Simmel extraem seu sentido da analogia.

***

Depois dessa “demonstração” de *como* Simmel se apropriou de uma lição aristotélica para extrair uma lição propriamente sociológica, creio que já foi dito o suficiente a respeito desse primeiro fragmento da história da analogia. Como vimos, a analogia possuiu, para os matemáticos da Grécia antiga, um significado muito específico: expressava uma identidade de razões. Também vimos que tanto Platão, como Aristóteles empregaram analogias que, à primeira vista, pareciam inteiramente matemáticas; contudo, quando as analisamos mais de perto, percebemos que havia diferenças entre a analogia em sentido matemático e a analogia em outros sentidos. Partindo dessa intuição, prosseguimos identificando as relações entre diferença e analogia, e testemunhamos, enfim, o caráter flexível desta – que se mostrou, assim, um veículo especialmente bem adaptado ao trânsito interdisciplinar. Enquanto isso, emprestamos de Aristóteles uma importante ferramenta analítica: a distinção entre analogia discreta e analogia contínua, que – mais adiante – contribuirá, ainda que modestamente, para que possamos organizar as inúmeras analogias coletadas na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes* de Simmel. Além disso, definimos duas propriedades da analogia que se implicam mutuamente: sua extensibilidade e sua reversibilidade –, e aprendemos que essas duas propriedades significam coisas diferentes nos casos da analogia em sentido matemático e da analogia em outros sentidos. Finalmente, investigamos, a partir de Aristóteles, a relação entre metáfora e a analogia, o que nos permitiu entender melhor o que Simmel tinha em vista, quando se referia à metáfora (*Gleichnis*).

No meio disso tudo, também notamos – mas apenas de través – que Aristóteles empregou analogias no âmbito da sua “biologia”. Mas a história da analogia é uma história complicada e cheia de reviravoltas; ou melhor: cheia de evoluções. E, numa dessas evoluções, outro pensador que teve uma enorme influência na cultura ocidental moderna em geral (e, em particular, em Simmel), Charles Darwin, tomou em suas mãos a analogia para aplicá-la a alguns dos problemas mais fundamentais da biologia, deixando, assim, marcas profundas na maneira como, não muitos anos depois, Simmel empregaria as suas próprias analogias. Nos

debrucemos, portanto, sobre a obra de Darwin para apreciarmos melhor uma das evoluções pelas quais passou a história da analogia.

I.2. Analogia como semelhança funcional

[...] um determinado modo de relação com o entorno, uma manifestação correlativa, que perde o seu sentido na ausência de uma contraparte. (Georg Simmel)

Não há dúvidas de que Simmel conhecia ao menos em parte o trabalho de Darwin, cuja contribuição para a biologia moderna é, até hoje, incomparável. Chegou, inclusive, a ministrar dois cursos sobre Darwin no final da década de 1880 – portanto, bem no início de sua carreira¹. Também não há dúvidas de que Simmel estava, até certo ponto, antenado em algumas das discussões no domínio da biologia, ainda que ele mesmo provavelmente não as dominasse. A influência que Darwin exerceu sobre o jovem Simmel e sua sociologia é um tópico até o momento pouco estudado; ao longo desta seção, ele será tratado a partir de um enfoque muito particular, semelhante àquele que informa a seção anterior, a saber: tendo em vista destacar aqueles aspectos do uso particular da noção de analogia na biologia moderna aparentes na obra de Darwin e que forneçam meios para tratar das analogias de Simmel². No que concerne ao assunto específico desta seção, deve ficar desde o começo claro que as relações aqui estabelecidas serão mais frouxas e, talvez, menos profundas do que as expostas na seção anterior. Dito de outro modo: o correlato biológico da noção de analogia assim como a encontramos em Simmel implica uma leitura muito mais “liberal” do conceito biológico de analogia do que no caso da analogia como proporção – provavelmente devido a que este possua, se comparado com aquele, uma fórmula que é, de um lado, mais genérica e flexível e, de outro, também mais prontamente identificável. Outro pormenor que convém esclarecer desde já é de natureza terminológica. Na biologia moderna (como na matemática grega), a noção de analogia teria um uso particular, um sentido específico. Assim, para fins de referência, eu havia indicado o sentido da analogia entre os gregos por meio das expressões: “analogia em sentido matemático” ou “analogia como proporção”; já o sentido com que nos ocuparemos aqui será indicado pelas expressões “analogia em sentido biológico” ou “analogia como semelhança funcional” – essas duas consideradas, para os nossos fins, intercambiáveis. De todo o modo, essa distinção só assume contornos claros na época moderna. Como vemos numa passagem de Aristóteles em que ele tematizou a fisiologia animal, à sua época ela talvez não fizesse muito sentido:

Now it has been said before that many common features belong to many of the animals, some without qualification (such as feet, wings, and scales, and affections too in the same way), and others analogously. By analogously I mean that while some have a lung, others have, not a lung, but instead something different which is to them what a lung is to those

---

1. Cf. WAIZBORT, 2000, p. 364.

2. Convém notar que Darwin, o principal autor com que aqui nos ocuparemos, viveu entre 1809 e 1882.

that have one; and some have blood, while others have its analogue, with the same potential that blood has for the blooded.³

O sangue e aquilo que é análogo ao sangue: essa é uma das mais antigas referências à analogia na biologia em geral. No caso de Aristóteles, o caráter proporcional da comparação é bastante explícito: sua sugestão é de que há animais com sangue e animais sem sangue, mas nos quais há algo análogo ao sangue, i.e., algo que está para esses animais, assim como o sangue está para aqueles. Simplificando um pouco, é como se a cada uma dessas partes correspondesse, na visão de Aristóteles, certa finalidade ou causa final – podemos, em seguida, referir tal “finalidade” ao conceito de função biológica, que designaria, em termos por assim dizer abstratos, uma determinada relação entre certa parte do animal e o animal como um todo (sendo que o todo seria, nesse caso, sua forma final, sua essência, em suma: aquilo que faz com que cada criatura seja o que ela é⁴). Essa função – aqui considerada uma *relação* entre parte e todo – é o que seria comum entre o sangue e o que é análogo ao sangue: o *logos*, o motivo, a razão, portanto, dessa analogia⁵. Logo em seguida ao trecho acima citado, Aristóteles indica que tais analogias seriam utilizadas tendo em vista agrupar em séries mais gerais um conjunto de dados mais específicos, “empíricos”, ou, mais exatamente: produzidos a partir da observação da fisiologia animal. Seriam, pois, instrumentos úteis na medida em que permitiriam a Aristóteles conferir alguma ordem ao material observado e, assim, juntá-lo, para fins de exposição, num conjunto ou numa série empírica mais ou menos coerente⁶.

É claro que esse era um expediente especialmente precário, sobretudo quando se considera o enorme conhecimento atualmente disponível acerca das formas de vida, acumulado ao longo dos séculos e em grande parte viabilizado pelo avanço e refinamento das técnicas de observação das formas de vida – a que Aristóteles simplesmente não teve acesso⁷. Isso de um lado. De outro lado, na época moderna (ou, mais

---

3. ARISTOTLE, 2001, *On the Parts of Animals*, p. 14; ref.: Aristóteles, PA 645b1-10. A edição utilizada é comentada pelo tradutor (James G. Lennox). Cf. ainda o comentário de Lloyd reproduzido na seção anterior, que se refere a passagens como essa.

4. Dado o escopo deste trabalho (e principalmente as limitações de tempo nisso implicadas), não é possível aqui fazer justiça ao refinamento com que Aristóteles abordou tais questões. Minha principal referência para o que se acha exposto no parágrafo a que se liga esta nota (além do que foi apresentado na seção anterior) foram duas das versões para o inglês de *De partibus animalium* – a de Lennox, referida na nota anterior, e a de Ogle, disponível em BARNES, 1984, *The Complete Works of Aristotle*.

5. Está aqui implicada uma espécie de equivalência entre o *logos* e a causa final, que o próprio Aristóteles chegou a estabelecer em *De partibus animalium* (cf. ARISTOTLE, 2001, p. 2; ref.: 639b10-20; vale notar que a palavra “*logos*”, com que topamos na seção anterior, encontra-se, nessa tradução, vertida por “account”). Note-se que, também nesse caso, o que os termos da comparação têm em comum não é uma propriedade “intrínseca”, mas apenas uma relação, que se torna visível mediante a explicitação dos quatro termos proporcionais: o sangue está para os animais que têm sangue assim como o análogo do sangue está para os animais que não têm sangue.

6. O esquema de classificação que Aristóteles expõe no livro introdutório de *De partibus animalium* envolve aquele mesmo arranjo exposto na *Metafísica* com que já topamos na seção anterior, a saber: entre as noções de espécie, gênero e analogia (i.e.: analogia como proporção). Porém, todos os autores que consultei sobre esse assunto enfatizaram que as discussões mais teóricas ali apresentadas não se aplicam de modo inteiramente consistente às suas investigações empíricas. Para mais detalhes, cf. ARISTOTLE, 2001, pp. xiii-xiv; e LLOYD, 1996, *Aristotelian explorations*, sobretudo as pp. 152-9. Indo mais ou menos por essa linha, o biólogo Ernst Mayr afirma ainda que “o sistema lógico de Aristóteles se reflete pouco ou nada na sua *Historia animalium*”, em que se teria “mais a impressão de uma abordagem empírica, quase pragmática, do que a de uma lógica dedutiva” (cf. MAYR, 1998, *O Desenvolvimento do Pensamento Biológico*, p. 180).

7. Talvez seja possível incluir entre tais avanços a inovação conceitual. Como Lloyd não deixa de notar, Aristóteles não dispunha de nada sequer parecido com a distinção moderna, de caráter técnico, entre analogia e homologia (LLOYD, 1996, p. 152). Indo na mesma linha, Mayr afirma que Aristóteles “não distinguiu as semelhanças oriundas do que hoje considerariamos a descendência comum das que se baseiam na função” (MAYR, 1998, p. 510), i.e, nessa ordem: as homologias das analogias, as afinidades reais das similaridades externas.

exatamente, naquele período da época moderna em que se acharia Darwin), o raciocínio aristotélico em detectar quais as causas finais ou finalidades de cada parte de cada organismo havia adquirido proporções, digamos, mais grandiosas do que Aristóteles havia talvez imaginado. Simplificando um pouco, é como se então a ideia de uma causa final fosse imediatamente associada a algo como o desígnio divino, ou a alguma espécie de planejamento criador, e algo análogo talvez possa ser dito da noção aristotélica de perfeição ou completude. Até mesmo autores que se oporiam a Darwin com sua teoria da evolução das formas de vida⁸ teriam procurado manter certa distância em relação a explicações explicitamente teleológicas no sentido acima descrito (i.e.: formuladas em termos de uma causa final divinamente compreendida). Esse seria o caso do anatomista inglês Richard Owen – pelo menos segundo a opinião expressa por Darwin em sua obra mais famosa:

Nothing can be more hopeless than to attempt to explain this similarity of pattern in members of the same class, by utility or by the doctrine of final causes. The hopelessness of the attempt has been expressly admitted by Owen in his most interesting work on the 'Nature of Limbs.'^{9 10}

Owen é um autor que nos interessa por um motivo muito particular: foi ele quem primeiro propôs a distinção, hoje presente até mesmo nos livros escolares de ensino médio, entre os conceitos biológicos de homologia e analogia¹¹. Darwin estava familiarizado com ambos os conceitos, e a eles se referiu em *On the Origin of Species*, obra conhecida por Simmel – mas isso de modo a ajustá-los à sua teoria da evolução, nos termos do que será tratado em seguida. Considero a distinção relevante por duas razões: primeiro, porque permite marcar a diferença entre, de um lado, o conceito de analogia como semelhança funcional e, de outro, a mera aplicação do conceito matemático de analogia à biologia; e, segundo, por abrir caminho para a discussão de um dos assuntos que nos interessam mais de perto, a saber: as dificuldades envolvidas quando da aplicação do procedimento analógico a séries empíricas, sobretudo as de caráter histórico¹².

---

8. Que implicava uma relativização do conceito de espécie em última análise incompatível com a teologia natural.

9. DARWIN, 1859, *On the Origin of Species*, p. 435. Foi utilizada a edição publicada pela Harvard University Press inicialmente em 1964 (como consta também da bibliografia), que contém um *fac-símile* da primeira edição do livro de Darwin, esta datada de 1859. A obra foi revisada algumas vezes por Darwin, sendo que tais revisões foram incorporadas às edições subsequentes; a última edição do livro que sofreu revisão foi a sexta. Mas, como se considera a primeira edição a mais “canônica”, é dela que me servi, e é a ela que irei me referir salvo em menção explícita em contrário. Versões digitalizadas de todas as edições originais do livro (e mesmo das edições alemãs que circulavam à época de Simmel), bem como uma ferramenta eletrônica que permite o cotejo entre as várias edições, estão disponíveis *on-line* em endereço eletrônico indicado na bibliografia final deste trabalho.

10. Essa passagem em particular é mais capciosa do que pode parecer a princípio, pois R. Owen (1804-92; autor que nos interessa apenas marginalmente) não concordaria com a explicação darwiniana do problema que aí se colocava. Mas este não é o lugar para tratarmos das controvérsias que pautaram o desenvolvimento do pensamento biológico – o que seria, aqui, um desvio de foco.

11. Embora seja importante notar que as definições de Owen não correspondem exatamente às definições de que hoje dispomos e que serão aqui apresentadas. Em primeiro lugar, o próprio Owen parece ter alterado algumas de suas definições com o tempo (cf. HUBBS, 1944, “Concepts of Homology and Analogy”, p. 303). Mas o que realmente nos interessa é que tais diferenças radicam em que as definições de Owen sejam anteriores à teoria da evolução de Darwin. Só mais tarde tais definições foram ajustadas a uma perspectiva evolucionista (a que Owen se opôs) – sendo que esse ajuste se deveu bastante a Darwin.

12. De resto, a separação entre semelhanças analógicas e afinidades reais é o que confere sentido ao conceito moderno de analogia em sentido biológico, de modo que não me parece viável tratar de um conceito, sem tratar de outro. Encontra-se inclusive registrado no *Historisches Wörterbuch der Philosophie* que a noção de analogia na acepção que ora nos interessa envolve uma equivalência semântica entre “análogo” e “não-homólogo” (cf. a terceira definição do verbete “Analogie”). Feita essa colocação, registro que não encontrei, em minhas pesquisas, qualquer menção à *palavra* homologia nos escritos de Simmel; estive atento a

Grosso modo, homologia e analogia são tratados como conceitos opostos; para os nossos fins, iremos considerar que a cada um deles corresponde uma modalidade específica de semelhança. O registro mais geral em que ambos os conceitos operam é parecido com aquele em que operava o conceito aristotélico de analogia: trata-se aí de meios para organizar o material observado, para lidar com o problema da diversidade ou multiplicidade das formas de vida¹³ – lançando mão aqui de uma expressão recorrente no texto de Darwin. Mas a semelhança acaba por aí: no registro dos fins. Convém agora definir os meios, a começar pelo conceito de homologia¹⁴. Se diz que são homólogas aquelas partes de dois ou mais animais que correspondem uma à outra no sentido de terem uma mesma origem¹⁵. Como tal, toda homologia implica descendência comum, e a origem comum é, nesses casos, a base da semelhança estrutural que por vezes se verifica entre órgãos homólogos – semelhança de que trata Darwin na seguinte passagem:

The framework of bones being the same in the hand of a man, wing of a bat, fin of the porpoise, and leg of the horse,—the same number of vertebrae forming the neck of the giraffe and of the elephant,—and innumerable other such facts, at once explain themselves on the theory of descent with slow and slight successive modifications. The similarity of pattern in the wing and leg of a bat, though used for such different purpose,—in the jaws and legs of a crab,—in the petals, stamens, and pistils of a flower, is likewise intelligible on the view of the gradual modification of parts or organs, which were alike in the early progenitor of each class. On the principle of successive variations not always supervening at an early age, and being inherited at a corresponding not early period of life, we can clearly see why the embryos of mammals, birds, reptiles, and fishes should be so closely alike, and should be so unlike the adult forms. We may cease marvelling at the embryo of an air-breathing mammal or bird having branchial slits and arteries running in loops, like those in a fish which has to breathe the air dissolved in water, by the aid of well-developed branchiae.¹⁶

---

isso na leitura das duas principais obras de referência deste trabalho, e além disso fiz uma busca pelos termos “Homologie” e “homolog” na edição eletrônica das obras de Simmel que tenho à disposição (*Georg Simmel: Das Werk*, 2001, org. por Martin Damken), sem obter quaisquer resultados. (Curiosamente, encontrei uma ocorrência da palavra em SIMMEL, 2011b, *Ensaio sobre teoria da história*, p. 61; no original, o que lemos é “Charaktergleichheit”, ou seja, igualdade ou equivalência de caracteres ou, em termos mais gerais, características; cf., GSG, v. 13, p. 324.) Assim, parece seguro afirmar que esse não era um termo que constava do vocabulário utilizado por Simmel.

13. E é claro que Simmel teve de se haver com o problema (análogo) da diversidade ou multiplicidade das formas de socialização.

14. Aqui irei, é claro, destacar aqueles elementos do conceito que considero mais relevantes, tendo em vista a compreensão das analogias de Simmel. Contudo, espero no mínimo apresentar definições condizentes com o texto de Darwin e com os artigos da bibliografia secundária sobre Darwin que consultei e que se encontram listados na bibliografia deste trabalho.

15. Já à época de Darwin, o conceito se aplicava tanto a partes de animais diferentes, como a partes de um mesmo animal (o que já naquele tempo era chamado de homologia serial). Os exemplos fornecidos por Darwin no segundo período da citação reproduzida a seguir ilustram essa variação do conceito, que no entanto não nos interessa. De resto, eis um trecho do livro de Mayr sobre a história da biologia que contém uma definição mais precisa que a minha: “[...] o termo ‘homólogo’ já existia antes de 1859, mas adquiriu o seu atual significado consensual apenas depois que Darwin estabeleceu a teoria da descendência comum. Segundo essa teoria, a definição biologicamente mais significativa de ‘homólogo’ é como segue: ‘Os traços de duas ou mais *taxas* são homólogos, quando derivam de um mesmo (ou correspondente) traço do seu ancestral comum.’” (MAYR, 1998. pp. 62-3; sendo que 1859 é o ano da publicação de *On the Origin of Species*). Uma definição um pouco mais detalhada consta em MAYR, 1998, p. 266, sendo que a discussão é ainda retomada entre as pp. 518-520. Acredito que a distinção entre homologia e analogia, por constar na matéria escolar do ensino médio, soe familiar ao leitor, de modo que não me parece ser necessário reproduzir, aqui, uma imagem para ilustrar o ponto. De todo o modo, considero conveniente ao menos indicar uma referência impressa que permita “visualizar” o que sejam homologias; cf. RUSE, 1989, *Philosophy of Biology*, p. 7. A imagem ali apresentada envolve a comparação da estrutura óssea dos membros anteriores do homem, do cão (que, adiantando o conteúdo da citação seguinte, está no lugar do cavalo de Darwin), da baleia (que está no lugar do boto de Darwin) e do pássaro (que está no lugar do morcego de Darwin).

16. DARWIN, 1859, p. 479. Ainda que, nessa passagem, Darwin não use a palavra “homologia”, trata-se aí de uma parte do capítulo final do livro, no qual Darwin sumariza suas conclusões. Nesse trecho em particular, Darwin recapitula os exemplos discutidos no

A mão dos homens, a asa dos morcegos, a nadadeira dos cetáceos (de que o boto é um exemplo) e a pata dos cavalos – esses são quatro exemplos clássicos de homologia. Deve estar claro que a “semelhança” aí envolvida não é algo superficial: para detectá-la, é preciso observar do modo correto a mão dos homens, a asa dos morcegos, a nadadeira dos botos e a pata dos cavalos – levando em conta, p. ex., sua estrutura óssea, ou então, em alguns casos, seus respectivos embriões¹⁷. Na passagem em questão, Darwin não deixa dúvidas quanto a que sua teoria da descendência com modificações daria conta de tais homologias de modo satisfatório. Seus exemplos abrangem apenas mamíferos (o que implica uma origem comum), e não foram selecionados ao acaso: cada uma dessas partes possui uma função, uma “finalidade” marcadamente diversa para cada uma dessas formas específicas de vida (sofreram, portanto, diferenciação funcional), para não falar que seu aspecto externo é bastante diferente. E no entanto há entre elas muitas semelhanças por assim dizer mais profundas, que se explicam somente quando se admite que essas quatro formas específicas de vida têm um ancestral comum – portanto, quando se admite a transformação dessas formas. Como Darwin fez questão de deixar claro, a semelhança que existe entre essas quatro estruturas é *independente* de sua função, portanto também de seu “propósito”, o que torna a teoria da descendência com modificação preferível à “doutrina das causas finais”.

Disso devemos tirar o seguinte: o registro em que opera a homologia é o registro empírico, factual. A semelhança entre os membros anteriores de um exemplar da espécie humana e as asas de um morcego não é uma semelhança derivada de, ou melhor, necessariamente referida a um conceito abstrato, como é o caso do conceito de função; trata-se, no lugar disso, de uma semelhança, ou melhor, de uma afinidade “real” – num sentido a ser especificado em seguida. Essa é a oportunidade para marcarmos a diferença entre o conceito biológico de homologia e o de analogia como proporção, que é o que Aristóteles havia aplicado em seus estudos sobre as partes dos animais. Assim, p. ex., a semelhança entre as penas da ave e as escamas do peixe, podem, no esquema aristotélico, ser referidas a um único *logos* ou a uma única relação formal, que é o que lhe confere proporcionalidade – portanto, o que permite a Aristóteles *aplicar*,

---

capítulo anterior, em que se encontra não só a referência a Owen acima reproduzida, como ainda boa parte das referências ao conceito de homologia. Há mais um detalhe para que é preciso chamar a atenção: embora no capítulo anterior Darwin com efeito se referisse aos exemplos elencados nessa passagem por meio do nome “homologia”, não o fez sem ressalvas. Tais ressalvas vão justamente no sentido de pôr de lado aquelas implicações que o conceito tinha para alguns naturalistas (como R. Owen) e que eram incompatíveis com a teoria da evolução. Assim, na sexta edição do livro, Darwin dá a entender que o conceito de homologia, assim como era empregado à sua época (ou seja, conforme o registro de Owen), não permitia a distinção entre afinidades decorrentes da descendência comum e semelhanças de caráter “externo” (cf. DARWIN, 1876, *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*, 6ª edição, pp. 385-6 – acessada por meios eletrônicos). Dada essa insuficiência, Darwin chega então a endossar a recomendação do zoólogo Ray Lankester no sentido de chamar de homogêneas aquelas estruturas que devam sua semelhança a uma origem comum, e homoplásticas as demais. O que, segundo Darwin, Lankester considerava estruturas homogêneas corresponde exatamente ao conceito “revisado” de homologia (e, portanto, ao conceito de homologia na acepção que nos interessa); o que ele considerava homeoplasia, ao de analogia, sendo que o próprio Darwin admite, na passagem em questão, que o que Lankester queria dizer com homeoplasia era a mesma coisa que ele (Darwin) queria dizer quando falava em semelhança por analogia (ponto esse já discutido – mas então sem referência a Lankester – desde a primeira edição do livro, como veremos). Eis como Mayr sintetiza o ponto, referindo-se aí à redefinição do conceito de homologia à luz da teoria da evolução: “O próprio Darwin nunca formulou claramente essa definição, mas ela está implícita nas suas discussões” (MAYR, 1998, p. 519). Até onde sei, o momento em que Darwin mais se aproxima de uma definição é justamente na passagem da sexta edição do livro referida nesta nota, mas agora sob o nome de “estruturas homogêneas”.

17. Daí a importância dos avanços nas técnicas de observação na biologia, das quais o sequenciamento genético, impensável na época de Darwin, é apenas o mais recente. Esse ponto será, numa chave mais geral, retomado no terceiro capítulo deste trabalho.

nesse caso, o conceito de analogia. Considerando agora a maneira como Darwin trabalha com o conceito de homologia, vemos que o elemento de proporcionalidade se torna dispensável: embora nada realmente nos impeça de dizer que a asa está para o morcego assim como o braço, para o homem, não é aí que reside o caráter homológico da homologia, ou seja, não atingimos com isso o nervo da questão. No caso da analogia como proporção, a asa, o morcego, o braço e o homem seriam, digamos, quatro traços da realidade que se colocariam numa determinada relação formal – esta que, se é real, o é num sentido *diferente* do que o são a asa, o morcego, o braço e o homem. Isso equivale a dizer que há algo como um *desnível lógico* entre os termos da relação e a relação propriamente dita¹⁸. Já no caso do conceito biológico de homologia, o desnível em questão simplesmente deixa de fazer sentido; ou, para dizer o mesmo, mas agora referindo ambos os conceitos a um mesmo registro: tal desnível se desloca do plano lógico ou formal para o plano da temporalidade. Correspondentemente, a “unidade” entre esses diversos traços da realidade (a asa do morcego, o braço do homem) passa a ser compreensível apenas como unidade temporalmente situada do diverso¹⁹: o que a semelhança de estrutura entre a asa do morcego e o braço do homem indica é que houve, em algum momento, uma criatura cuja realidade imediata era exatamente tão “real” ou evidente como o é a do homem e a do morcego atuais, e em relação a qual descendem todos os homens e todos os morcegos²⁰. Para marcar essa diferença, tratarei a relação entre os termos de uma analogia proporcional

---

18. Desnível esse sem o qual Aristóteles não poderia dizer, p. ex., que “os princípios das coisas sensíveis são os mesmos, mas diferentes nas diferentes coisas” (esse trecho das *Metafísica* foi trabalhado na seção anterior, e foi tirado de REALE, 2002, v. 2, p. 553; ref.: Aristóteles, 1070b16-35). Muito mais tarde, Simmel trataria do assunto num registro diferente, a saber: no registro da relação entre forma e conteúdo, sendo que é nesse sentido que se afirma, aqui, que suas analogias dizem respeito às formas, e não aos conteúdos do que se compara. Também o raciocínio tipológico, fortemente presente em Simmel e em boa parte da tradição alemã, envolve um procedimento semelhante, i.e.: a decomposição da realidade sensível em mais de um nível ou camada (algo de que prescinde o esquema explicativo construído por Darwin).

19. Para Darwin, correspondentemente, a atual diversidade das formas específicas de vida (sendo esse um dos problemas capitais de sua obra mais importante) nada mais é do que o resultado presente de um longo processo de formação (a evolução), de modo que o principal critério de ordenação dessas formas é por referência a esse processo. Ou, nos termos de David Hull: “Os processos evolucionários são os mecanismos pelos quais a espécie se desenvolve; a filogenia é o produto. A teoria evolucionista caracteriza o processo; as descrições filogenéticas, o produto” (HULL, 1974, *Filosofia da Ciência Biológica*, p. 77). Tal posição é incompatível com uma atitude essencialista em relação ao conceito de espécie, portanto com a ideia de que a realidade de qualquer forma específica de vida (a humana, por exemplo) possa ser adequadamente pensada sem que seja feita a devida referência a esse processo, ou numa palavra: “ahistoricamente”. O que interessa nisso tudo é que, com a sua teoria da descendência com modificação, Darwin foi capaz de pôr sob um mesmo teto a diversidade e a historicidade das formas de vida – superando, nesse movimento, uma limitação marcante da biologia de seu tempo. Da parte de Simmel, o análogo sociológico desse problema seria insuperável: sendo que as dificuldades que ele teve em lidar de forma consistente com o problema da temporalidade em sua sociologia – que serão tratadas mais adiante, no excursus à segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho, a partir da p. 264 – são testemunhas disso. Simmel, de um lado, evitou tratar as formas de socialização como portadoras de uma essência atemporal, tratando-as, ao invés disso, como intrinsecamente contingentes; mas, por outro, tampouco foi realmente capaz de lastrear a sua sociologia numa história, propondo justamente uma demarcação clara entre esses dois domínios. Embora essa possa – aliás: deva – ser considerada uma deficiência da sociologia de Simmel, seus esforços no sentido de compensar essas deficiências são igualmente merecedores de consideração.

20. Ou, mais exatamente: que os membros anteriores do ancestral comum ao homem e ao morcego se transformaram, depois de muitas e muitas gerações, no braço do homem e na asa do morcego, de modo que essas duas estruturas derivam daquela – e “derivar” tem aqui o sentido preciso de “ter sido gerado de”. “Transformação”, por sua vez, tem aqui o sentido literal de que trata Darwin na seguinte passagem:

Naturalists frequently speak of the skull as formed of metamorphosed vertebrae: the jaws of crabs as metamorphosed legs; the stamens and pistils in flowers as metamorphosed leaves; but it would in these cases probably be more correct, as Professor Huxley has remarked, to speak of both skull and vertebrae, jaws and legs, &c.—, as having been metamorphosed, not one from the other, but from some common element. Naturalists, however, use such language only in a metaphorical sense: they are far from meaning that during a long course of descent, primordial organs of any kind—vertebrae in the one case and legs in the other—have actually been modified into skulls or jaws. Yet so strong is the appearance of this having occurred, that naturalists can hardly avoid employing language having this plain signification. On my view

pelo nome de relação formal; ao passo que a relação implicada na homologia será chamada pelo nome de relação de sangue (sendo essa última, como veremos, uma expressão usada pelo próprio Darwin). Em suma: ao contrário do conceito de analogia assim como Aristóteles o aplicou à biologia, o conceito biológico de homologia implica uma unidade real de elementos reais, uma unidade empírica, portanto determinável, *em princípio*, no tempo e no espaço, embora frequentemente situada num passado muito remoto, de que já não temos qualquer experiência imediata²¹.

A homologia diz respeito, portanto, a uma semelhança real, empírica, factual; prova uma relação de sangue. Diverge, nesse ponto, não só do conceito antigo, proporcional de analogia, como de sua variação na biologia moderna. As analogias a que se refere a biologia moderna são semelhanças funcionais – só que “semelhança” tem, aí, um sentido diferente, mais superficial, menos exato do que no caso da homologia. O exemplo escolar talvez mais reproduzido do que seja uma analogia em sentido biológico é o da asa dos insetos, quando comparada a dos morcegos ou a das aves. Darwin nos fornece ainda outros exemplos, um pouco menos óbvios (para o olhar desacostumado) do que o que eu apresentei, e isso numa passagem que é muito esclarecedora do destino que essas analogias tiveram na biologia moderna:

We can understand, on these views, the very important distinction between real affinities and analogical or adaptive resemblances. Lamarck first called attention to this distinction, and he has been ably followed by Macleay and others. The resemblance, in the shape of the body and in the fin-like anterior limbs, between the dugong, which is a pachydermatous animal, and the whale, and between both these mammals and fishes, is analogical. Amongst insects there are innumerable instances: thus Linnaeus, misled by external appearances, actually classed an homopterous insect as a moth. We see something of the same kind even in our domestic varieties, as in the thickened stems of the common and swedish turnip. The resemblance of the greyhound and racehorse is hardly more fanciful than the analogies which have been drawn by some authors between very distinct animals. On my view of characters being of real importance for classification, only in so far as they reveal descent, we can clearly understand why analogical or adaptive character, although of the utmost importance to the welfare of the being, are almost valueless to the systematist. For animals, belonging to two most distinct lines of descent, may readily become adapted to similar conditions, and thus assume a close external resemblance; but such resemblances will not reveal—will rather tend to conceal their blood-relationship to their proper lines of descent. We can also understand the apparent paradox, that the very same characters are analogical when one class or order is compared with another, but give true affinities when the members of the same class or order are compared one with another: thus the shape of the body and fin-like limbs are only analogical when whales are compared with fishes, being adaptations in both classes for swimming through the water; but the shape of the body and fin-like limbs serve as characters exhibiting true affinity between the several members of the whale family; for these cetaceans agree in so many characters, great and small, that we cannot doubt that

---

these terms may be used literally; and the wonderful fact of the jaws, for instance, of a crab retaining numerous characters, which they probably would have retained through inheritance, if they had really been metamorphosed during a long course of descent from true legs, or from some simple appendage, is explained. (DARWIN, 1859, pp. 438-9, *grifos meus*)

21. Ressalto: determinável em princípio. Na prática, essa determinação depende, para cada caso específico, disso que tem sido aqui tratado na chave do refinamento das técnicas de observação das formas de vida.

they have inherited their general shape of body and structure of limbs from a common ancestor. So it is with fishes.²²

A passagem é significativa porque revela o traço mais importante da distinção entre homologia e analogia, que Darwin aqui reformula em chave própria²³. Para Darwin, a analogia não é uma afinidade real, mas uma *co-incidência* – algo a que se dá o nome de convergência adaptativa, ou evolução convergente²⁴. Note-se bem: ela não é “real” exatamente no sentido em que a homologia o é, ou seja, não implica uma relação de sangue, mas apenas uma relação formal, ou melhor, funcional²⁵. Darwin aqui chama a atenção para semelhanças de aparência externa que se devem a fatores adaptativos importantes para a “formação da forma” de cada espécie, mas que *não implicam qualquer relação genealógica* – devendo, por essa razão, ser ignoradas para fins de sistematização²⁶. É presumível que um biólogo treinado e experiente, capacitado a observar do modo correto as formas de vida, seja capaz de identificar inúmeras diferenças entre as nadadeiras dos mamíferos aquáticos e as dos peixes, e ainda mais entre as asas dos insetos e as de um morcego; mas à primeira vista, para o olhar desacostumado a notar tais diferenças, é possível que a ênfase recaia sobre as semelhanças. Pode até ser que, ao referir cada uma dessas partes a uma função de ordem mais abstrata (em geral associada a uma ação, como a de “nadar” ou a de “voar”²⁷), tenhamos a impressão de dominar o assunto, uma vez que, com isso, efetivamente compreendemos coisas aparentemente diversas num mesmo conceito, reduzindo, assim, o que era até então desconhecido para nós a termos já conhecidos. Esse domínio é suficientemente preciso para que possamos operar no nível da linguagem cotidiana, em que aquelas diferenças não fazem muita diferença – se me for permitido recorrer aqui a um chavão que fez tanto o gosto de filósofos, como Richard Rorty, como o de agências publicitárias. Assim, nesse nível, não nos incomoda usar o mesmo *nome* para se referir a coisas afinal de contas tão diferentes em suas constituições como o são a *asa* de uma mariposa, a *asa* de um pombo – ou mesmo (o que aliás é por si só bastante significativo) a *asa* de um Boeing 747. Mas, para o biólogo que afinal de contas se dedique a observar com cuidado e do modo correto a asa de um pombo e a de uma mariposa, aquela semelhança se revela demasiado grosseira, imprecisa, descartável. Quando, de resto, se investiga tais semelhanças à luz dos mecanismos da evolução e descendência, que fornecem um meio de conectar as mais diversas formas

---

22. DARWIN, 1859, pp. 427-8; grifo meu. Note-se que Darwin enfatiza que o que é realmente importante nisso tudo é a *distinção* entre afinidades reais e semelhanças analógicas.

23. Na verdade Darwin distingue analogias e afinidades reais, que são, por sua vez, relações de sangue, i.e.: que envolvem uma origem comum. Essa distinção se aplica, como vimos, à homologia (ou melhor: ao que, a partir de Darwin, se viria a chamar de homologia), mas é preciso ter em mente que, se, por um lado, toda a homologia no sentido acima descrito implique uma relação de sangue, nem toda a relação de sangue resulta em homologia.

24. O trecho em que Darwin fala em evolução convergente é comentado em MAYR, 1998, pp. 244-5.

25. Darwin fala em semelhança externa, de forma, de aparência. Acredito que, ao menos em parte, ele tivesse em vista uma oposição entre as afinidades reais, que seriam “internas” no sentido de serem hereditariamente transmitidas. Mas a explicação para a formação dessas formas, e portanto para tais coincidências, depende ainda de outro tipo de “exterioridade”, a saber: aquela que corresponde às pressões ecológicas (a que, no trecho citado, Darwin se refere quando fala em *condições de vida* similares).

26. Correspondentemente, Darwin defende a compatibilidade entre o arranjo sistemático das formas de vida e a genealogia (cf., p. ex., DARWIN, 1859, pp. 457-8) – o que, por sua vez, se liga ao ponto tratado na nota 19. Nesse arranjo, as analogias a que Darwin se refere ficam necessariamente de fora, sendo essa uma diferença crucial em relação à proposta de Aristóteles (deixando de lado, claro, todas as demais diferenças de sentido entre o que ambos queriam dizer quando se referiam à analogia).

27. A associação entre “função” e “ação” havia sido estabelecida já por Aristóteles, em ARISTOTLE, 2001, p. 15; ref.: PA, 645b15-20.

de vida que é ao mesmo tempo *mais exato* que tais analogias, entende-se a razão pela qual Darwin exortou o sistematista a ignorá-las²⁸.

Não que ele as considerasse algo intrinsecamente misterioso ou inexplicável. Mesmo as semelhanças formais entre partes diferentes de organismos diferentes que não fossem homólogas podem ser explicadas por referência à teoria de Darwin, ainda que, nesse caso, por outro aspecto dessa teoria²⁹. Vejamos o caso das nadadeiras dos peixes, quando comparadas aos membros anteriores dos mamíferos aquáticos – a que também nos referimos por meio do nome “nadadeiras”, justamente porque sua função é nadar e porque possuem um formato externo por vezes semelhante à parte análoga dos peixes. Nesse, como aliás em todos os exemplos de analogia ou evolução convergente que Darwin fornece, a semelhança de formato corresponde a uma semelhança de “função”, num sentido a ser especificado em seguida³⁰. É preciso antes

---

28. O ponto é importante porque será retomado, numa outra chave, na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho – cf. a discussão que se liga a nota 101 da referida seção, situada na página 286.

29. Aliás, parece-me que tais analogias só interessam a Darwin na medida em que lhe servem de ocasião para ilustrar a eficácia do mecanismo de seleção natural por ele conceitualizado. A teoria social de Simmel se encontra, por sua vez, em terreno muito mais familiar quando se considera esse aspecto da teoria de Darwin (que, como veremos, diz respeito às dependências recíprocas entre as diversas formas de vida e entre essas e seu ambiente externo, e no âmbito do qual opera o mecanismo que Darwin tinha em vista apreender com seu conceito de seleção natural) do que quando se considera o aspecto hereditário a que se liga o conceito de homologia (aspecto esse que é, por sua vez, mais fortemente referido a fenômenos biológicos *sui generis*). Pois me parece que, quando consideramos esse segundo aspecto (a descendência com modificação), Simmel estava muito mais próximo de um Spencer do que de Darwin. Basta destacar aqui a teoria da diferenciação social de Simmel. Enquanto Darwin considerava a transformação das espécies um acontecimento real, algo que podia e devia ser entendido “literalmente”, Spencer falava de evolução usando uma linguagem muito mais vaga, metafisicamente carregada. Tenhamos em mente a famosa definição spenceriana da evolução como o processo segundo o qual a matéria passa de um estado de homogeneidade indefinida e incoerente para um de heterogeneidade definida e coerente; é fácil apontar trechos da obra de Simmel em que essa definição parece ao menos em princípio aplicável, mas seria preciso fazer muito esforço para entender em que sentido essa generalização descreve isso que Darwin entendia por evolução ou mesmo diferenciação – a ponto de que o biólogo Ernst Mayr, ao se referir à definição spenceriana, não consegue evitar o seguinte comentário: isso “nada tem a ver com a biologia real” (cf. MAYR, 1998, pp. 431-2). É também especialmente significativo para nós que Mayr trate isso que considera ser “o aspecto mais característico da pesquisa evolucionista atual”, a saber: o estudo das interações entre os seres vivos, como sendo uma “consequência óbvia da seleção natural” (cf. MAYR, 1998, pp. 695-6). Entendo aqui que a seleção natural seja uma parte fundamental da teoria de Darwin que, combinada com outras partes, também essenciais (como é o caso da teoria da descendência com modificação), perfazem o “grande argumento” exposto em *On the Origin of Species*. Essa separação é importante para nós, já que permite decompor a influência de Darwin sobre Simmel – nos termos que serão expostos mais adiante nesta seção.

30. Observe-se ainda que os termos de uma comparação analógica no sentido que ora nos interessa são, na prática, reduzidos de quatro para dois – e ainda que possamos, em princípio, reelaborar a comparação de modo a expressá-la em termos proporcionais, tal reelaboração é apenas limitada. Tomemos a comparação entre a nadadeira dos cetáceos e a dos peixes. Podemos nos referir a essa comparação em termos estritamente proporcionais reformulando-a assim: a nadadeira dos cetáceos está para os cetáceos, assim como a nadadeira dos peixes, para os peixes. A aparente redundância dessa formulação não é casual: decorre de que, do ponto de vista formal, toda analogia em sentido biológico está imbricada num modelo de relação entre parte e todo – ou seja, numa forma particular de relação, por sinal a mesma que confere sentido à palavra “função”. De uma perspectiva linguística, isso é sinalizado pela presença obrigatória seja de uma partícula de ligação (como, em português, é o caso da preposição “de”), seja de alguma outra marcação análoga (como, p. ex., o recurso ao genitivo, em línguas que operam com esse caso gramatical) – que é necessária justamente para expressar adequadamente essa forma particular de relação (i.e.: a forma de relação em que uma parte aparece como funcionalmente subordinada a uma totalidade); para ilustrarmos o ponto por meio do exemplo que temos mais à mão, basta considerarmos que se trata de uma comparação entre as nadadeiras *dos* peixes e as nadadeiras *dos* cetáceos. Mas não só: devido a que tais comparações operem num registro empírico em que o que interessa é a classificação das diversas formas de vida, ou melhor: que servem para arranjar semelhanças e diferenças entre formas de vida que são, por definição, *completamente exteriores umas em relação às outras* – devido a isso, só é possível “traduzir” uma analogia em sentido biológico para o modelo *discreto* da analogia proporcional. Essa é uma intuição que tenho dificuldade em expressar de forma clara em termos puramente abstratos, e por isso considero necessário recorrer a um exemplo um pouco exagerado, de que irei me servir para apontar o quão absurdo seria estabelecer uma analogia em sentido biológico passível de tradução para o modelo contínuo de proporcionalidade: proponho que nos esforcemos em conceber um ser aquático A dotado de nadadeiras (como as dos cetáceos) que fossem, elas mesmas (i.e.: as nadadeiras), um outro ser aquático B independentemente gerado em relação ao primeiro, mas que fosse ainda assim de alguma forma uma parte dele, e que fosse, além disso, dotado de pequenas nadadeiras. O problema aí é bastante claro: se B fosse parte de A, não poderia ter sido gerado de maneira independente em relação a ele – pois a “participação” implica, nesse

de tudo notar que Darwin, ao menos na obra que tomamos como referência, não partia do pressuposto de que a cada parte de um determinado organismo corresponderia determinada função; forneceu, ao invés disso, inúmeros exemplos de partes do corpo de inúmeras criaturas que atualmente não exercem função alguma, ou que exercem mais de uma função, ou cuja função se transformou ao longo da cadeia hereditária³¹. Para dizer o mesmo com outras palavras: não supunha, como muitos em seu tempo, uma relação entre parte e todo cujo encaixe fosse perfeito, e em que o “todo” fosse dotado de uma essência por assim dizer ideal. Como, para Darwin, as formas específicas de vida nada mais seriam senão resultados atuais de um longo processo formativo, e de tal modo que o diverso encontraria sua unidade apenas por referência a esse processo (a evolução), já não faria qualquer sentido associar uma “essência” ao conceito de espécie. Afinal, isso implicaria a referência da forma a si mesma, assim como ela se manifesta presentemente³², ao invés de implicar, como deveria, sua referência a um processo formativo. Darwin é suficientemente claro quanto ao tema, i.e.: à negação da essência das espécies. Ele entende que a descoberta da “essência” de uma espécie, longe de ser o objetivo do trabalho taxonômico, é uma presunção que o atrapalha; e considera sua teoria capaz de livrar esse trabalho da “dúvida nebulosa, que o assombra incessantemente, quanto a se essa ou aquela forma seja em essência uma espécie”³³. Não sugere que se abandone o conceito de espécie de uma vez por todas (conceito esse que, afinal, figura no título de seu livro mais importante), mas é claro em afirmar que os naturalistas deveriam tratá-lo como uma convenção; seguindo nessa linha, não considera possível estabelecer um critério definitivo para distinguir “espécie” e “variedade”, ou seja, um critério único capaz de determinar, em todos os casos, o que é uma espécie, e o que não é³⁴. O que interessa aqui é que o projeto de Darwin em minar o caráter essencialista do conceito da espécie corresponde muito bem àquela atitude que Simmel atribuiu à ciência moderna e que consiste em dissolver o que é absoluto em termos relativos, em movimentos e relações³⁵.

---

caso, a dependência quanto à geração. No caso de Simmel, porém, encontramos analogias como essa. Para chegarmos onde Simmel chegou, precisamos apenas ampliar o registro da palavra “função”, considerando que o “todo” a que cada “parte” se refere não seja mais, necessariamente, uma forma específica de vida – o que conduz, de todo o modo, a uma extrapolação do sentido que Darwin confere ao conceito nas passagens sobre morfologia contidas em *On the Origin of Species*. Essa ampliação é muito clara no caso de Simmel, para quem a sociedade é formada por “partes” que são, elas mesmas e cada uma a seu modo, um “todo”. Mas seja no caso das analogias em sentido biológico, seja no caso das analogias sociológicas à maneira de Simmel, o que está em jogo é ainda a aplicação do procedimento analógico ao domínio dos fenômenos – que parece implicar um distanciamento em relação ao modelo proporcional e, inversamente, uma maior aproximação em relação à noção, menos lógica, de semelhança.

31. Cf. DARWIN, 1859, pp. 190-2 (trata-se do sexto capítulo do livro). Esse ponto, bem como alguns dos exemplos de Darwin, é comentado em MAYR, 1998, pp. 680-1.

32. A que corresponde a visão de que todas as criaturas teriam sido criadas individualmente e da maneira que são de acordo com a vontade divina – visão a que Darwin se opunha. Simmel, como veremos mais adiante, não ignorava esse aspecto da questão.

33. Cf. DARWIN, 1859, p. 484; tradução de minha responsabilidade.

34. Essa é por sinal uma das discussões-chave da obra capital de Darwin, tratada ao longo do segundo capítulo do livro e retomada no último, de onde extraí a passagem supracitada. Simmel estava a par dessa discussão, como podemos observar em GSG, v. 3, p. 266 (em passagem do livro do jovem Simmel sobre a ciência moral, que será traduzida e comentada na nota 66, mais abaixo). Cf. ainda os comentários presentes em MAYR, 1998, pp. 301-6. Embora isso não tenha importância para o presente trabalho, devemos notar que Mayr avalia a “solução” para o problema das espécies adotada por Darwin (a saber: tratá-las como meras convenções) como inadequada, e oferece uma saída alternativa.

35. Cf. GSG, v. 6, p. 95; trata-se da *Philosophie des Geldes*. É preciso notar que (seguindo nesse aspecto as ideias de Simmel) estou aqui, para fins de exposição, “situando” Aristóteles e a noção de analogia como proporção no polo oposto ao da ciência moderna, em que está por sua vez situado Darwin e o conceito de analogia como semelhança funcional. Devido a esse aspecto de minha estratégia expositiva, é possível que se produza a impressão – equivocada – de que Darwin de algum modo “confronta” Aristóteles, sobretudo se se considerar apenas os exemplos com que tenho trabalhado. (Além disso, as continuidades entre a versão antiga e a

Correspondentemente, e levando agora em conta que funções são também elas atribuições da espécie, tampouco faria sentido considerá-las imutáveis, estáticas. Qualquer traço de qualquer forma específica de vida está à mercê da temporalidade, ou seja: sua permanência no mundo é um evento datado, algo que, do mesmo modo como se manifestou ou “apareceu” no mundo, dele pode desaparecer. Operando num registro muito mais mundano, menos metafísico, Darwin considerava tanto a função, como qualquer outro traço específico de qualquer criatura viva como sendo um resultado provisório e atual daquele mecanismo evolutivo de ajustes e compensações recíprocas, que por si mesmo regulava quais variações seriam, dadas as circunstâncias, preservadas, e quais não – o que ele subsumiu no conceito de seleção natural. Tal mecanismo depende, de um lado, da consideração do caráter radicalmente contingente da vida; e, de outro, de uma visada sobre os modos de dependência recíproca entre as mais diversas formas de vida. Assim, podemos, para os nossos fins, dizer que a teoria de Darwin fornece duas explicações possíveis para isso que, *num primeiro momento*, consideramos ser uma mera semelhança: uma é a descendência comum (que não implica, necessariamente, uma semelhança de forma, nem de função; mas que explica a semelhança de forma e função, p. ex., entre as asas dos pombos e as dos pardais, também homólogas³⁶); a outra, o pertencimento a um ambiente (i.e.: a um sistema de relações) comum ou similar, sendo que, nesse caso, a semelhança formal *tem* de acompanhar a semelhança de “função”, já que esta explica aquela. É isso o que permite a Darwin construir a seguinte equivalência semântica, fácil de notar no trecho de seu livro de que partimos: semelhanças analógicas = semelhanças adaptativas = semelhanças externas. Se a seleção natural implica a conservação daquelas soluções formais melhor adaptadas a uma dada conjuntura (ou diante de certas *condições de vida*, sendo essa uma das expressões mais frequentes em *On the Origin of Species*, e que aliás Simmel acabaria incorporando a seu repertório) – então conjunturas similares podem, eventualmente, induzir similaridades como aquela entre as nadadeiras dos peixes e as dos cetáceos³⁷.

---

moderna da analogia biológica são notáveis, mesmo considerando apenas as analogias elaboradas por Simmel que seguem mais de perto o modelo da analogia como semelhança funcional, portanto sua versão “moderna”. O recurso à linguagem teleológica, bem como o emprego de analogias entre o orgânico e o mecânico, a natureza e a arte – ambos essenciais para a montagem do conceito darwiniano de seleção natural, como veremos – são bons exemplos do que sejam tais continuidades. Aqui, porém, o que interessa são as discontinuidades, e para ressaltá-las é importante buscarmos o que há de moderno na imagem que Simmel tinha de Darwin e de sua ciência das formas de vida, algo que seria muito mais difícil de encontrar mediante a consideração da imagem que Simmel tinha de Aristóteles.) Pois é certo que Aristóteles não era o interlocutor de Darwin – ele mesmo confessa que só conhecia, ao menos até a época da elaboração de *On the Origin of Species*, o trabalho dos antigos por meio de citações de outros autores (cf. GOTTHELF, 1999, “Darwin on Aristotle”, p. 16). Na verdade o conceito “essencialista” de espécie que Darwin combatia implicava já aquela fusão de teologia e teleologia que era simplesmente impensável para Aristóteles, mas que fazia parte do ambiente em que Darwin se achava (sobre *esse* conceito essencialista de espécie, cf. MAYR, 1998, pp. 290-299). Mas tal fusão, sem dúvida crucial para um entendimento mais correto das ideias de Darwin, não é importante aqui, em que se trata de desvendar as influências desse pensamento, por assim dizer já formado, na formação do pensamento de Simmel.

36. Note-se que a definição de homologia com que tenho trabalhado é *independente* do conceito de função, o que significa que pode haver homologia tanto entre órgãos com funções diferentes, como entre órgãos com as mesmas funções. Embora a grande maioria dos casos envolva identidade ou semelhança de função, geralmente se opta em utilizar exemplos em que essa identidade não ocorre (como fez Darwin), o que tem o efeito de *destacar* a ausência de correlação necessária entre ambas.

37. Esse aspecto “ecológico” da teoria de Darwin também foi tratado por inúmeros autores, dentre eles Haeckel, um dos principais divulgadores das ideias de Darwin nas terras de Simmel – de modo que é possível que as distorções de Haeckel o tenham influenciado. Sobre as diferenças entre Haeckel e Darwin, cf. GRENE & DEPEW, 2004, pp. 225-231; a leitura que Haeckel fez de Darwin também envolve, segundo os autores, a aclimação a ideias oriundas da *Naturphilosophie* alemã. De resto, Haeckel será rapidamente retomado na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho.

Muitas das analogias que Simmel estabeleceu – sobretudo suas analogias sociológicas – implicam a mesma equivalência semântica detectada no texto de Darwin. Mais do que isso: implicam a referência a certas “condições de vida”; ainda que, no caso de Simmel, se trate de vida social e, portanto, de vida já em sentido metafórico. Podemos, a partir daí, decompor a influência de Darwin sobre Simmel nos seguintes termos³⁸: o aspecto do pensamento de Darwin de que Simmel efetivamente mais se aproxima é aquele em que trata do mecanismo da seleção natural (que é o que confere sentido ao conceito biológico de analogia); de resto, no lugar de uma teoria darwiniana da descendência com modificação (que é o que confere sentido ao conceito biológico de homologia), o que achamos na obra do jovem Simmel é muitas vezes um modelo metafísico de diferenciação do mais simples para o mais complexo, por sua vez mais próximo de Spencer que do próprio Darwin. Embora tal decomposição seja um pouco grosseira³⁹, fornece um enquadramento adequado para tratarmos do caráter ahistórico das comparações analógicas de Simmel – pois indica *em que sentido* tais comparações são ahistóricas.

Para entendermos as implicações disso, convém assinalar em mais um ponto a distinção entre os conceitos biológicos de homologia e analogia (agora em sua versão moderna). Se, considerando estruturas homólogas, a unidade por trás da diversidade correspondia a uma formação exatamente tão real quanto tais estruturas, considerando agora duas partes análogas, a unidade por trás delas é aquela unidade mais espalhada, mais relacional e mais difícil de precisar que é possível resumir no conceito de *condições de vida*. Estas já não dizem mais respeito a um único fator; compõem, ao invés disso, algo como um feixe ou uma cadeia de fatores, mas amarrados uns aos outros de modo a impor à tarefa de isolar seus componentes dificuldades muito particulares; dentre esses fatores entram, para ficar com o exemplo das nadadeiras, elementos tão gerais como a circunstância, afinal comum a peixes e cetáceos, de viverem em ambientes aquáticos – a existência dos quais só é, por sua vez, possível em condições atmosféricas muito especiais⁴⁰.

---

38. Conforme o que havia sido indicado na nota 29, mais acima.

39. Sobre tudo por não levar em conta os aspectos da influência de Darwin sobre Simmel que não interessam, considerando o escopo deste trabalho, bem como os desenvolvimentos posteriores das ideias de Simmel sobre a noção de vida.

40. O que enseja duas considerações. A primeira é que ainda não podemos considerar os “elementos” que, uma vez enfeixados, constituem o que se usa chamar de “condições de vida” como fatores decisivos ou influências diretas para que se produzam os resultados observados se o imaginarmos de maneira isolada. Para explicá-lo por meio de uma analogia negativa: a relação entre “água” e “nadadeira” não é de derivação; esta não é um desdobramento daquela, e isso no sentido bem concreto de que não há, entre elas, a mesma relação de parentesco ou afinidade real que há entre o progenitor e sua prole – que é, por sua vez, direta e unidirecional, no sentido de que a prole é um desdobramento do progenitor, mas a recíproca não é verdadeira. (E devemos ter em mente que, para Darwin, aquele tipo de relação em que há dependência recíproca não dizia apenas respeito ao que se passava entre as formas de vida e o mundo inorgânico, mas caracterizava ainda a relação das formas de vida *umas com as outras* – sendo que ele inclusive confere mais peso a estas relações do que àquelas, como observamos em DARWIN, 1859, p. 77). Se tomarmos o cuidado de não levar muito ao pé da letra tais caracterizações, podemos conceder que a maior parte da sociologia de Simmel tratava de relações semelhantes àquela que “água” e “nadadeira” mantém entre si; isso não o impediu, por outro lado, de tratar de formações relacionais sociológicas em que ocorria a transmissão de *algo semelhante* a caracteres hereditários – casos em que o esquema hereditário de relação serviu de modelo analógico para exprimir certos traços da socialização (cf., p. ex., o excuro sobre as funções sociais herdadas – como a posição social do rei, que é “transmitida” de pai para filho –, em GSG, v. 11, pp. 579-588). Nesses casos, Simmel parece operar com uma analogia de fundo entre “hereditariedade” e “tradição”: mais ou menos como se a tradição fosse o análogo sociológico da hereditariedade biológica (analogia de fundo que, por sua vez, em nada se deve a Darwin). Por outro lado – e aqui passamos à segunda consideração –, não é preciso que os *mesmos* elementos estejam combinados exatamente de um *mesmo* modo para que se produzam semelhanças externas, i.e.: analogias conforme a acepção biológica do termo. Uma semelhança bastante geral pode, nesse caso, ser suficiente: é em princípio possível imaginar que, num outro planeta, com condições atmosféricas comparáveis às nossas e em que haja criaturas que vivam num ambiente aquático e cujo porte fosse

Para ilustrar o que estou querendo dizer, sugiro a seguinte comparação (que é preciso não tomar ao pé da letra): ao passo que seria possível, em princípio, como que apontar com o dedo para a forma de vida de que derivam duas outras formas de vida diversas entre si mas que possuam traços homólogos (exatamente do mesmo modo como é possível apontar com o dedo para os braços de **uma** pessoa ou para as asas de **um** morcego), seriam necessários inúmeros dedos para designar todos os fatores possíveis que compõem as condições de vida de cada criatura que habita este planeta – e que, por sua vez, precisam ser semelhantes para que se produza uma analogia em sentido biológico. Até mesmo nos casos em que é possível identificar um fator decisivo e designá-lo como se fosse um fator isolado, trata-se ainda assim de “um determinado modo de relação com o entorno, uma manifestação correlativa, que perde o seu sentido na ausência de uma contraparte”⁴¹. A unidade que é, nesses casos, possível está dispersa ao longo de uma porção demasiado grande do tempo e do espaço para que se possa indicá-la num único gesto; assim, para se referir a essa “unidade”, emprega-se frequentemente locuções flexionadas no plural, como na expressão “**condições** de vida” (que Darwin repete mais de cem vezes em *On the Origin of Species*), ou ainda como na imagem da “**teia de relações** em que se unem plantas e animais distantes na escala da natureza”⁴². Trata-se, enfim, de uma unidade dinâmica, relacional, “viva”.

Chegamos por esse caminho a Simmel e às suas analogias. A imagem de uma teia de relações em que de algum modo as mais diversas formas se unem de maneira dinâmica está no coração de suas discussões sobre as formas de socialização – e ainda que tal imagem de modo algum seja original de Darwin, encontra, nele, um de seus suportes mais firmes no domínio da biologia moderna. Do mesmo modo que a sociologia de Simmel parte do pressuposto de que todas as partes da sociedade estão em inúmeras relações umas com as outras, assim também, para Darwin:

---

ao menos equiparável ao dos animais marinhos que habitam este planeta – enfim, que num caso desses, em que as condições de vida não seriam de modo algum *as mesmas*, mas apenas *semelhantes*, ainda assim poderíamos esperar encontrar uma solução formal como a das nadadeiras. É claro que “semelhança” é, nesse nível, uma noção bastante vaga; a isso corresponde, como veremos, a diluição do conceito proporcional de analogia no de semelhança, provavelmente uma decorrência de sua transferência do domínio propriamente formal (em que opera a analogia em sentido estritamente matemático) para o dos fenômenos concretos (em que operam analogias como as que estamos aqui tratando). Quanto a esse segundo ponto, há ainda uma diferença importante no que diz respeito aos mecanismos hereditários que fornecem sentido ao conceito de homologia: ao contrário do que se passa quando se considera a analogia em sua acepção biológica, no caso da homologia, a diferença entre identidade e semelhança importa, é decisiva.

41. Cf. GSG, v. 11, p. 98. A frase de Simmel está tirada de seu contexto. Originalmente, aparece no segundo capítulo da *Soziologie*, “Der quantitative Bestimmtheit der Gruppe” [A determinação quantitativa do grupo], em que ele investiga como e em que medida o número de elementos de um grupo condiciona sua forma. Mais especificamente, o trecho parafraseado nada mais é do que uma caracterização sociológica da liberdade, i.e.: da liberdade enquanto forma de socialização. A liberdade, assim como a solidão, não são tratadas por Simmel como atributos individuais, de natureza puramente psicológica, mas antes só são possíveis diante de uma espécie de presença ausente da socialização – que, no caso da liberdade, se manifesta como liberação dos vínculos de dependência que até então constrangiam o movimento individual, i.e.: como uma espécie de ruptura com formas concretas de socialização.

42. O período completo de que foi tirada a referência aparece assim no texto de 1859: “I am tempted to give one more instance showing how plants and animals, most remote in the scale of nature, are bound together by a web of complex relations” (DARWIN, 1859, p. 73). Trata-se aí de uma passagem do terceiro capítulo do livro (sobre a “luta pela existência”), contida no tópico “Complex relations of all animals and plants throughout nature” (observe-se que a edição original do livro contém, no começo de cada capítulo, um índice de tópicos, que costuma ser incluído nas traduções da obra). Como veremos no terceiro capítulo deste trabalho, Haeckel daria a esses estudos o nome de *ecologia* (acrescentando aí também as relações dos seres vivos com seu ambiente externo, inorgânico, de que Darwin não trata nessa passagem, mas de que trata em inúmeras outras). Vale notar que o tema da luta pela existência em Darwin foi explicitamente comentado por Simmel e o influenciou consideravelmente (cf., p. ex., GSG, v. 3, pp. 112-116 – outra passagem do livro de Simmel sobre a ciência moral que retomaremos mais adiante).

Owing to this struggle for life, any variation, however slight and from whatever cause proceeding, if it be in any degree profitable to an individual of any species, in its infinitely complex relations to other organic beings and to external nature, will tend to the preservation of that individual, and will generally be inherited by its offspring.⁴³

O mundo social também é, para Simmel, como uma teia infinitamente complicada de relações – e tal analogia está ligada, ainda que de modo bastante sutil, à metáfora que nós, como Simmel, empregamos com tanta naturalidade quando falamos em “vida social”. De um lado, convém deixar claro que aquela imagem – a da teia de relações – aparece uma única vez em *On the Origin of Species*, sendo ali na verdade apenas isso: uma imagem⁴⁴. É claro que isso que a imagem torna visível – a visada conjuntural da vida, a “complicação” como que interminável dos modos de relação entre as mais diversas formas de vida, a descomunal cadeia de circunstâncias apenas resumida na expressão “condições de vida” – é algo muito importante para Darwin: o valor de sobrevivência de qualquer variação em particular existe apenas em função de uma determinada conjuntura, portanto da configuração de uma tal teia de relações e da posição relativa de cada uma de suas partes⁴⁵. O que Darwin tinha em vista quando empregou essa imagem eram formas de relação muito concretas – como, p. ex., o fato de que a existência do visco dependia da dos pássaros que, ao se alimentarem de suas sementes, contribuíam para sua disseminação⁴⁶. Para Simmel, que já não podia ter em vista as mesmas coisas que Darwin uma vez teve, tal “complicação” das formas de vida só podia ter um sentido figurado, ou melhor: metafórico. Dito de outro modo: isso que, para Simmel, era como que infinitamente complicado não era a vida em sentido biológico (que, por não ser ele biólogo, não lhe interessava), mas a vida social. Será sugerido no terceiro capítulo deste trabalho que a noção de vida assim como empregada por Simmel tinha um teor metafísico mais acentuado do que tinha para Darwin; muitas das vezes que Simmel empregou a palavra “vida”, não temos muito certeza *a que* estava se

---

43. DARWIN, 1859, p. 61. Note-se como Darwin articula cuidadosamente as influências recíprocas entre os seres vivos ao elemento hereditário de sua explicação: somente devido à circunstância de que o “equilíbrio” natural envolva uma série como que infinita de relações é que mesmo uma mudança sutil, aparentemente desprovida de qualquer importância pode se revelar decisiva para a manutenção desta ou daquela forma específica de vida no mundo, ao menos por mais algumas gerações.

44. Não sendo sequer uma imagem especialmente destacada no livro; em termos de importância, parece-me menor que imagens como as da “árvore da vida”, da “luta pela existência” ou da “corrida pela vida”. Isso posto, convém ressaltar – retomando aqui o que já se achava sugerido na nota 42 – que, quando Darwin utiliza a expressão “luta pela existência”, também tem em vista a “dependência de uma criatura em relação às outras” (cf. a menção explícita ao ponto em DARWIN, 1859, p. 62). Pode-se dizer que a luta pela existência representa uma forma de dependência recíproca, especialmente importante para o funcionamento disso que Darwin chama de seleção natural; comento um exemplo de como ele articula a questão na nota 46, logo abaixo. Cerca de meio século depois, veríamos Simmel pôr em movimento ideias muito próximas disso no contexto de sua sociologia do conflito.

45. Para ilustrá-lo, convém adiantar o exemplo a ser tratado em “Convergência adaptativa no mundo natural – uma ilustração”, breve texto que apresento entre os apêndices a esta dissertação, e em que trato, mas por meio de um exemplo mais concreto, de algumas das mesmas questões que estou tratando ao longo desta seção. Eis o exemplo: o fato de que uma ave, por quaisquer razões, não desenvolva penas na região da cabeça – se tornando, assim, “careca” – não implica qualquer vantagem ou desvantagem *em termos absolutos* para essa ave. Mas esse mesmo acontecimento, que isoladamente é desprovido de qualquer significado, pode, sob certas condições de vida, se revelar um trunfo decisivo em sua luta pela existência.

46. O exemplo encontra-se em DARWIN, 1859, p. 63. Logo em seguida, Darwin fornece um exemplo de como a dependência entre essas formas mais particulares de vida conduziria àquilo o que ele, metaforicamente, chama de “luta pela existência”: o visco entraria numa espécie de disputa ou competição com outras plantas semelhantes pelo “favor” dos pássaros. Em sua sociologia do conflito, Simmel também trataria dessas formas “indiretas” de luta, a saber: em que os oponentes não se confrontam fisicamente uns com os outros, mas apenas concorrem entre si; cf. GSG, v. 11, p. 232 e as seguintes.

referindo⁴⁷. Em parte considerável porque, nesse ponto, a influência de Darwin sequer foi especialmente importante; a vida era também assunto de Goethe, Bergson, Nietzsche – para ficar apenas com alguns dos autores que Simmel, ao longo de sua trajetória intelectual, viria a conhecer mais a fundo do que chegou a conhecer Darwin. Apesar disso, o que Simmel fez não foi apenas transferir tal esquema explicativo para o vazio da abstração metafísica; afinal, ele também tinha alguma coisa em vista, ainda que a parcela da realidade a que a ele se referia não fosse (como parece razoável supor) a mesma a que Darwin se referiu. Detectar analogias, coincidências, semelhanças, e isso de modo a considerá-las como produtos de um processo de ajustes ou influências recíprocas – esse foi um dos principais recursos mobilizados por Simmel para coordenar as diversas formas concretas de socialização que ele tinha em vista de modo a extrair, delas, “sociologia”. E do mesmo modo como as analogias biológicas tinham algo que ver com uma identidade ou uma semelhança conjuntural (o que, por sua vez, implicava a investigação das conjunturas, dos modos de influência recíproca entre as formas de vida e entre essas e seu ambiente inorgânico), assim também inúmeras das analogias sociológicas que Simmel estabeleceu. Como aquelas, tampouco estas operariam no registro da sucessão genealógica dos fatos – embora muitas vezes tome a história como sua matéria, Simmel via de regra não o fazia num registro propriamente histórico, operando, ao invés disso, uma descontextualização do material historiográfico em que se apoiava⁴⁸. Vejamos um exemplo:

Se, portanto, as aristocracias históricas, de Esparta a Veneza, tendem a se restringir numericamente tanto quanto possível, isso não se liga apenas à aversão egoísta diante de parte da hierarquia, mas ao instinto de que as condições de vida de uma aristocracia só podem ser satisfeitas junto a um número pequeno de elementos – e pequeno não só em termos relativos, mas também em termos absolutos. O direito incondicional do primogênito, que é da natureza da aristocracia, forma o meio para esse entrave da expansão [numérica]; somente sob esse pressuposto é que foi talvez possível a antiga lei de Tebas segundo a qual se proibia o aumento do número de proprietários de terra, como

---

47. Tenho aqui em vista principalmente seus textos de juventude, que afinal direcionaram seu projeto de lançar as bases de uma sociologia científica. Da maneira como Simmel empregava a noção de “vida”, e isso nos casos em que dava a entender que se referia à acepção biológica, portanto pretensamente científica do termo (a que ele, via de regra, só recorria para logo em seguida aplicá-la a um contexto não-biológico), tratava-se de uma noção aplicável tanto a um certo organismo (p. ex.: à minha vida), como à unidade ou unicidade de todos os organismos vivos (que seria, por sua vez, algo como a natureza como um todo). Essa “confusão” terminológica em particular não é perceptível no modo como em geral Darwin empregava a palavra “vida” – como será retomado na nota 116 da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho. Mas, nela, é visível a mesma extrapolação com que topamos a certa altura na nota 30, mais acima, quando tratávamos da noção de função.

48. Nesse ponto, Simmel opera num registro inteiramente diverso do de Darwin. Como vimos, Darwin conseguiu, com sua teoria da evolução, pôr debaixo de um mesmo teto – e com inegável sucesso – problemas de classificação e morfologia, de um lado, e problemas de história natural, de outro. A separação entre a forma e o conteúdo da socialização proposta por Simmel implica uma solução muito mais próxima do que se fazia *antes* de Darwin; e correm na mesma direção tanto o recurso à analogia, como a elaboração de tipos sociais, igualmente presente em Simmel. (Para evitar mal-entendidos, é preciso deixar registrado que isso não significa que a sociologia seja “menos ciência” que a biologia. Tal conclusão só faria sentido caso partíssemos do pressuposto de que a qualidade da ciência do mundo social deva ser medida pelo grau de correspondência com o método da biologia, o que não passaria de um exercício grosseiro de reificação. De resto, a maneira como Darwin articulou história natural e morfologia depende, em última análise, de mecanismos de transmissão de caracteres exclusivamente biológicos. Diante de tais colocações, espero que esteja claro que a comparação com a biologia moderna não é orientada para desqualificar a sociologia de Simmel, a não ser talvez no sentido mais geral de que é um recurso, entre outros, utilizado para pôr em relevo uma de suas limitações reais, a saber: sua dificuldade em acomodar num mesmo plano *teórico* sociologia e história. De resto, como o enfoque deste estudo não é a biologia moderna, mas a sociologia de Simmel, só faz sentido apontar, aqui, para os limites desta, de modo que convém deixar para os estudiosos daquela a indicação de seus respectivos limites.)

a lei de Corinto, segundo a qual o número de famílias tinha de permanecer sempre o mesmo.⁴⁹

A passagem se encontra logo no primeiro parágrafo do segundo capítulo da *Soziologie* – capítulo em que Simmel investiga como a determinação quantitativa do grupo influi sobre sua forma. Simmel recorre, a essa altura do capítulo, a tais exemplos apenas para ilustrar como determinadas formas de socialização só são possíveis dentro de certos limites numéricos. Nessa linha, chega a afirmar que, na prática, uma organização socialista só seria possível em grupos numericamente reduzidos, devido a que, com o aumento do grupo, produzir-se-ia – *ceteris paribus* – uma tal diferenciação das personalidades de cada um dos seus membros que dificilmente poderia ser conciliada com as tendências niveladoras ou igualitárias próprias às formas socialistas de organização⁵⁰. Algo semelhante se passaria considerando agora as aristocracias – por mais que, nesse caso, personalidade individual, diferenciação, nivelamento, subordinação e tantos outros fatores estejam conjugados de um modo completamente diferente do que no caso do socialismo. É disso que Simmel trata na passagem aqui citada, em que formula uma analogia entre uma lei de Tebas e outra de Corinto. Ambas as leis são análogas no sentido de que funcionam de um modo parecido, o que pode ser expresso mediante uma linguagem teleológica: cada uma dessas leis opera como um meio que entrava a expansão numérica do grupo⁵¹ – expansão que, se ocorresse, teria como resultado a descaracterização desses grupos como sendo aristocráticos, e portanto o desaparecimento de formações aristocráticas nesses casos em particular. Ainda que, nessa passagem, a comparação direta diga respeito apenas às leis de Tebas e Corinto, está claro pelo contexto que a analogia se aplica ainda ao direito incondicional do primogênito, bem como a quaisquer outros “meios” que porventura tenham vigorado nas aristocracias históricas de Esparta e Veneza. Todos esses mecanismos nada mais são que soluções formais similares, mas em princípio desenvolvidas independentemente⁵², que tornaram possíveis as configurações históricas concretas que, como que de maneira resumida, podemos chamar de aristocráticas. O que todas essas configurações concretas têm em comum é, para Simmel, indicativo de uma forma mais geral de socialização – sendo essa, portanto, uma de suas estratégias para chegar àquilo que ele considera ser o objeto próprio da sociologia⁵³.

---

49. S.2.a.1 (em GSG, v. 11, p. 67), citada em registro ampliado em relação ao índice. O conteúdo [entre colchetes] foi acrescentado por mim, tendo em vista conferir maior clareza ao argumento.

50. Cf. GSG, v. 11, pp. 64-5. Um exemplo do que Simmel considera uma organização socialista pode ser achado nessas passagens. É, de resto, quase desnecessário dizer que pouco importa, para os nossos fins, se Simmel estava correto ou não acerca desse ou de qualquer outro assunto específico com que ainda toparemos.

51. Aplica-se aqui a ressalva que Simmel, num outro contexto, havia feito ao emprego da linguagem de meios e fins. A certa altura de seu capítulo sobre a sociologia do conflito, Simmel, se referindo à oposição como forma de socialização, afirma que ela não seria “apenas um *meio* para a conservação de uma relação total, mas antes uma das funções concretas em que essa se realiza” (GSG, v. 11, p. 290, *grifo conforme o original*).

52. Ou junto a conteúdos diferentes, como preferia dizer Simmel. Embora se possa, em princípio, pressupor uma espécie de relação genealógica entre os casos de Corinto, Tebas e Esparta – todas os três, afinal de contas, cidades-estados gregas que floresceram mais ou menos no mesmo período –, o caso da sociedade aristocrática de Veneza, separado dos demais por um hiato de cerca de dois milênios, não deixa dúvidas quanto à afirmação a que se liga esta nota.

53. Esse ponto será retomado, em outra chave, na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho. Pode-se adiantar que Simmel não considerava as aristocracias históricas de Esparta, Veneza, Tebas e Corinto (formações que efetivamente estão sujeitas à temporalidade e à contingência) como objetos próprios da sociologia; mas que a sociologia que Simmel tinha em vista precisava, de algum modo, *passar* por tais formações históricas concretas antes de alcançar o seu objeto. Nessa passagem, Simmel converte tais formações concretas em meros *exemplos* de como fazer sociologia.

É preciso destacar ainda que a metáfora de que Simmel lança mão nesse caso, como em tantos outros, é especialmente esclarecedora, sobretudo considerando o tipo de explicação nela envolvida. Simmel parte de uma disposição a princípio comum a todas as aristocracias, a saber: “a aversão egoísta diante de parte da hierarquia”. Mas não considera essa disposição um atributo meramente pessoal, de natureza “psicológica”: ela é como um *instinto*, por sua vez referido a determinadas *condições de vida*, e, portanto, sem o qual a existência da própria aristocracia seria, em cada caso particular, colocada em risco⁵⁴. Simmel emprega a linguagem biológica de modo a mostrar como isso que aparentemente é uma manifestação individual, isolada, psicológica pode na verdade ser vista como fenômeno correlativo, que extrai o seu sentido de uma teia de relações, de uma determinada conjuntura. Como veremos ao longo dos capítulos subsequentes, se Simmel elenca lado a lado exemplos como esse – em que formações sociais similares se produziram junto a “conteúdos” diversos –, é justamente tendo em vista conferir *visibilidade* ao aspecto relacional da existência humana. Não é, nesses casos, a semelhança, a analogia o que lhe interessa – esse é apenas um recurso que ele tem à disposição para pôr este ou aquele fenômeno sob uma perspectiva sociológica. Sem perdermos isso de vista, não devemos tampouco ignorar que o tipo de semelhança que Simmel, nesses casos, detectava não é fundamentalmente diferente da semelhança que detectamos entre a asa do inseto, a do morcego e a do avião; com efeito, os exemplos com que Simmel operava eram sempre manipulados num registro altamente estilizado. Suas descrições concretas eram, digamos, fabricadas sob encomenda: ele extraía de seus exemplos apenas o que realmente lhe interessava, de modo a na prática esvaziá-los de qualquer valor de verdade⁵⁵. Mas embora tal estratégia possa, pelos padrões de hoje, ser considerada problemática, permitiu a Simmel avançar, com resultados que mantêm até hoje certo frescor, sobre um terreno até então muito pouco explorado.

Como a semelhança externa entre a asa do inseto e a asa do morcego, também a semelhança entre os mecanismos legais de que dependeram o funcionamento das aristocracias de Corinto e Tebas se deixa pensar enquanto uma espécie de coincidência – ou seja, enquanto uma convergência de dois processos formativos independentes, mas conjunturalmente similares. Nesses casos, o significado de “analogia”⁵⁶ se aproxima do de “semelhança”, e se afasta do de “proporcionalidade”. É partindo dessa constatação, em si mesma bastante trivial, que tratarei, ao longo do próximo capítulo, as analogias de Simmel que mais se aproximem do modelo biológico como formas “diluídas” de proporcionalidade (sendo o dissolvente, nesse

---

54. Sendo que tais condições – que nada mais são do que um elemento conjuntural, contextual – são aquilo que doa sentido a tais instintos, e portanto um elemento-chave para que possamos compreendê-lo. Esse procedimento interpretativo é um traço bem característico da sociologia de Simmel, discutido por inúmeros comentadores, mas difícil de conciliar com seus escritos mais programáticos de teoria social, ou seja: no nível da explicitação do método sociológico (para adiantar os termos em que o assunto será tratado no terceiro capítulo deste trabalho). Não por acaso, aqueles comentadores que, como Hans Freyer, se apegaram ao aspecto formal da sociologia de Simmel para criticá-la tenderam a deixá-lo totalmente de lado.

55. Diante dos padrões contemporâneos, praticamente todos os exemplos que Simmel fornece – e quem está familiarizado com os textos de Simmel sabe que não são poucos, longe disso – funcionam como evidências anedóticas. Como veremos, o próprio Simmel estava ciente das limitações nisso envolvidas (cf. a nota de rodapé presente no segundo capítulo da *Soziologie*, em GSG, v. 11, pp. 64-5, que será comentada na p. 262, situada segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho).

56. E Simmel, como veremos, usa a palavra analogia para designar semelhanças tais como a entre a lei de Tebas e a de Corinto.

caso, a noção de semelhança). Vimos na seção anterior que já em Aristóteles era possível detectar os primeiros passos dessa dissolução; ela está dada assim que se fala analogamente da analogia em sentido matemático, ou seja: assim que se estende a analogia para além do domínio dos números monádicos. Não devemos ignorar que o registro em que operam as coincidências que Darwin chamou de analógicas é o da sensibilidade: a semelhança diz respeito a dois traços constitutivos de duas formas concretas de vida. Na medida em que passam a operar nesse registro, as analogias perdem, por assim dizer, sua consistência lógica, seu rigor formal, e se tornam uma expressão meramente aproximativa. Indo nessa direção, tratarei as analogias de Simmel que mais se aproximem do modelo matemático como sendo “fortes”; ao passo que aquelas que se aproximem mais do modelo da semelhança funcional, como sendo “fracas” – sendo que uma analogia será considerada tanto mais fraca quanto mais diluída estiver numa mera semelhança.

Mas isso ainda não basta para encerrarmos a discussão. Foi sugerido, a certa altura desta seção, que a semelhança funcional entre a asa dos insetos e a das aves ainda se aplica a um caso algo inusitado, a saber: à asa do avião. Observe-se que essa possibilidade de extrapolação do orgânico para o mecânico, do natural para o artificial está de algum modo dada quando se leva em consideração a analogia em sentido biológico, mas não se o que se considera é a sua contraparte conceitual mais bem sucedida, a saber: a homologia⁵⁷. Isso talvez se explique tomando nota de que o conceito biológico de homologia, ao menos desde Darwin, faça referência a fenômenos biológicos *sui generis* (como aqueles relativos à reprodução das formas de vida), enquanto o mesmo não pode ser dito quando se trata do aspecto da teoria de Darwin que confere sentido à analogia como semelhança funcional, ou seja: o que Simmel chamaria de “relativismo”, e que podemos, aqui, chamar de visada ou consideração do aspecto relacional da realidade. Afinal, esse processo de ajuste recíproco graças ao qual é possível entender a ocorrência de semelhanças formais não é algo estritamente biológico; encontramos, antes, sua analogia no mundo artificial, ou seja, no domínio das criações humanas. É nessa analogia que se baseia o conceito darwiniano de seleção natural, sobre cuja montagem nos deteremos em seguida, ainda que apenas rapidamente.

***

Embora Darwin tenha efetivamente tratado das analogias em sentido biológico, em parte considerável das vezes em que topamos, ao longo da leitura de sua obra mais importante, com a palavra “analogia” e suas variantes (análogo, analogamente), o que ele tinha em vista não era um conceito mais ou menos adequado para classificar fatos biológicos concretos, como o são os conceitos de analogia e homologia de que vínhamos tratando. É, ao invés disso, um procedimento útil sobretudo no âmbito da elaboração, da

---

57. Observe-se – para evitarmos desde já uma possível confusão – que a maior parte das aplicações do conceito de homologia em sociologia dizem respeito ao correlato matemático, e não ao biológico, do conceito; ou, o que dá no mesmo: trata-se de um uso mais próximo do conceito de homologia assim como o encontramos na biologia anterior à teoria da evolução de Darwin (em Owen, p. ex.), do que seu uso mais atual.

modelagem e da exposição de conceitos. O famoso conceito de seleção natural – em que Darwin recorre de maneira explícita a uma forma de analogia – fornece o exemplo ideal para tratarmos do assunto⁵⁸. Tentarei mostrar como o expediente mobilizado por Darwin na elaboração do conceito de seleção natural é, ao menos em princípio⁵⁹, o mesmo que Simmel viria a mobilizar inúmeras vezes em seus ensaios: trata-se de uma espécie de jogo entre semelhanças e diferenças, entre o que Keynes chamava de analogias positivas e analogias negativas. Esse jogo é um elemento-chave para a compreensão adequada de inúmeras das elaborações conceituais de Simmel – que era, nessa modalidade, imbatível. Assim, ao nos debruçarmos sobre o conceito darwiniano de seleção natural, o que devemos ter em mente é o papel da analogia no âmbito da inovação conceitual, ou seja: o seu papel no desenvolvimento de novos conceitos. É preciso que fique de todo o modo claro que esse expediente mobilizado por Darwin (e mais tarde também por Simmel), não é, por si mesmo, algo original desse autor. Longe disso: trata-se de uma forma trivial de cognição, ao menos em princípio passível de ser referida ao uso cotidiano da linguagem, ou seja, ao âmbito do senso comum; mas que, se devidamente refinada, tem se mostrado útil para a prática científica, na medida em que permite coordenar elementos de ordem factual ou teórica cuja relação até então não se havia apreciado. Dentro desse cenário mais abrangente, o conceito de seleção natural é apenas um exemplo especialmente bem sucedido desse procedimento no âmbito da linguagem científica moderna – um exemplo com que, de resto, Simmel teve alguma familiaridade.

Ao utilizar o termo “seleção natural”, Darwin tinha em vista seu correlato, a “seleção artificial”. Nesse sentido, é possível dizer que se trata aí de uma variação da analogia temática entre “arte” e “natureza” – que, aliás, já podemos encontrar na obra deixada por Aristóteles⁶⁰. Essa analogia em particular tem um papel importante na lógica do “longo argumento” exposto por Darwin em *On the Origin of Species* – o que fica bastante claro durante a leitura do livro; ela culmina na exposição detalhada do mecanismo natural que Darwin busca apreender com o conceito de seleção natural. Essa exposição mais detalhada se encontra

---

58. O caráter analógico do conceito de seleção natural, bem como outros aspectos da relação entre analogia e o método científico de Darwin, são temas já bastante estudados pela literatura especializada. Por conta disso, é necessária uma prestação de contas do material secundário consultado, de que me servi sobretudo para ter maior clareza sobre o assunto, mas que citarei aqui de modo bastante econômico. Além de Mayr, que aborda rapidamente o assunto em MAYR, 1998, pp. 542-4, outros biólogos renomados, como Michael Ruse, chegaram a tratá-lo (cf. RUSE, 1995, *Levando Darwin a sério*, pp. 52-8). Além desses trabalhos, que são mais gerais e orientados para um público maior, há inúmeros artigos sobre o tema. Para a redação desta seção, foram consultados sete desses artigos. Quatro deles foram publicados em revistas especializadas na filosofia ou na história da biologia (cf. EVANS, 1984, “Darwin’s Use of the Analogy between Artificial and Natural Selection”; STERRETT, 2002, “Darwin’s analogy between artificial and natural selection: how does it go?”; GILDENHUYS, 2004, “Darwin, Herschel, and the role of analogy in Darwin’s origin”; e LENNOX, 2005, “Darwin’s Methodological evolution”); os demais foram publicados em revistas de escopo um pouco mais geral (cf. WATERS, 1986, “Taking Analogical Inference Seriously: Darwin’s Argument from Artificial Selection”; MILLMAN & SMITH, 1997, “Darwin’s Use of Analogical Reasoning in Theory Construction”; e LEVINE, 2009, “Partition epistemology and arguments from analogy”). Há, é claro, inúmeras nuances da discussão que não serão aqui apreciadas.

59. E, portanto, apenas até certo ponto; irei explorar tais diferenças, ainda que de maneira sucinta, ao longo das linhas finais da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho.

60. Cf. ARISTOTLE, 2001, *On the Parts of Animals*, p. 6; ref.: Aristóteles, PA 641b10-25. É claro que Aristóteles equacionava “arte” e “natureza” num sentido completamente diverso do de Darwin – o que é apenas uma ilustração da enorme maleabilidade do procedimento analógico. Hans Blumenberg estuda alguns aspectos das mudanças de sentido nessa analogia em particular num de seus ensaios de metaforologia (cf. o capítulo sexto, “Organische und mechanische Hintergrundmetaphorik”, em BLUMENBERG, 1998, *Paradigmen zur einer Metaphorologie*; no ensaio, “arte” ou “artifício” são tratados no registro das metáforas mecânicas, ao passo que a “natureza”, no registro das metáforas orgânicas).

no quarto capítulo do livro, por sinal o mais longo da primeira edição. Como o que me interessa é apenas retratar o papel do procedimento analógico na composição do conceito de seleção natural, o meu foco recairá sobre o conteúdo dos quatro capítulos iniciais, e de tal modo a indicar em que sentido os três capítulos que precedem o quarto ajudam a “preparar o terreno” para a exposição do mecanismo evolutivo em pauta⁶¹.

O primeiro capítulo do livro é dedicado ao problema das variações sob condições domésticas. O que Darwin tem aí sob a mira é a criação de animais, em geral voltada para o cultivo de certos caracteres – p. ex., a criação de cavalos de corrida mais velozes, ou a de aves para fins ornamentais ou de outra natureza⁶². Os criadores conhecem bem o que Darwin chama de “principio da seleção”, e é isso o que está em jogo quando ele fala em “seleção artificial”. Eis como Darwin elabora o ponto: “The key is man’s power of accumulative selection: nature gives successive variations; man adds them up in certain directions useful to him”⁶³. Darwin aqui separa muito claramente o processo de diversificação no âmbito doméstico em dois momentos decisivos: num primeiro momento, a natureza produziria, pelas suas regras, certas modificações; num segundo momento, algumas dessas modificações seriam selecionadas, agora de acordo com as regras consciente ou inconscientemente estabelecidas pelos criadores, e acumuladas de forma gradativa⁶⁴. Para Darwin, algo *análogo* a essa seleção ocorria na natureza⁶⁵. Uma simples comparação entre os títulos dos dois primeiros capítulos do livro basta para passar uma ideia do escopo dessa analogia: o primeiro capítulo é intitulado “Variation under Domestication”; o segundo, “Variation under Nature”. Ao longo desse segundo capítulo, Darwin avança num ponto importante de seu longo argumento: afirma que não há uma diferença essencial ou *absoluta* entre “espécies” e “variedades”; havendo, ao invés disso, uma diferença apenas *relativa*, de “graus”⁶⁶. Esse é um passo importante, porque permite a Darwin atacar a

---

61. Como veremos, várias das passagens em que o jovem Simmel se referiu nominalmente a Darwin em sua obra de dois volumes sobre a ciência moral (em que já estava delineada ao menos parte da concepção de ciência que viria a informar sua tentativa de fundamentação de uma sociologia científica) se referem a assuntos tratados por Darwin ao longo desses quatro primeiros capítulos do livro. Todas as referências nominais a Darwin a que irei aqui me reportar constam do primeiro volume de *Einleitung in die Morawissenschaft* [Introdução à ciência moral], originalmente publicado em 1892; três anos depois, Simmel ainda viria a aplicar o conceito de seleção natural para lidar com assuntos relativos à teoria do conhecimento, num artigo cujo conteúdo seria mais tarde incorporado à *Philosophie des Geldes* (refiro-me a “Ueber eine Beziehung der Selectionslehre zur Erkenntnistheorie”, em GSG, v. 5, pp. 62-74; um comentarista trata do assunto em HELLE, 1988, *Soziologie und Erkenntnistheorie bei Georg Simmel*, pp. 64-70). Mais adiante trataremos dessa outra aplicação das ideias de Darwin – que também envolve uma extensão analógica –, mas a esta altura convém nos determos exclusivamente sobre algumas passagens do livro sobre a ciência moral.

62. Darwin confere especial atenção à columbicultura, dedicando inclusive um longo parágrafo para descrever a “impressionante diversidade” entre as variedades de pombos. Aliás, nesse mesmo parágrafo, Darwin afirma frequentar dois dos inúmeros Pidgeon-Clubs que havia na Inglaterra vitoriana (cf. DARWIN, 1859, pp. 20-1). A habilidade para distinguir até as mais sutis diferenças entre duas variedades de pombos era decerto indispensável para quem se dispunha a frequentar tais círculos; em seu livro, Darwin nos mostra quão refinada era sua sensibilidade para tais detalhes, que lhe permitiam distinguir cada forma de vida de todas as demais.

63. DARWIN, 1859, p. 30.

64. O caráter lento, gradual e cumulativo desse processo é essencial para Darwin, que o enfatizou inúmeras vezes ao longo do livro. Tais ênfases não passaram despercebidas por Simmel, que, muito mais tarde, proporia aplicar um princípio análogo a seus estudos sobre as formas de socialização – ainda que com os ajustes que ele considerou necessários. Esse ponto será tratado na nota 159 da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho, a altura da p. 242.

65. E não custa enfatizar que para Darwin, como para Simmel e Aristóteles, não há analogia sem diferença.

66. Desse modo, variedades seriam espécies incipientes, *em formação*. A isso corresponde a crítica de Darwin ao conceito essencialista de espécie, de que já tratamos. Simmel estava a par dessa discussão, como o prova a seguinte passagem de seu livro sobre a ciência moral:

ideia de que as formas de vida correspondem a atos *isolados* e *independentes* de criação, sendo portanto meras expressões da vontade divina⁶⁷. Ao invés disso, o que Darwin pretendia mostrar é que havia uma espécie de continuidade, um vínculo hereditário mesmo entre formas de vida aparentemente tão diversas entre si como um morcego e uma baleia. Mas, além desse vínculo hereditário, Darwin também discorre sobre um outro modo de relação entre as formas de vida – e é a ele que dedica o terceiro capítulo de seu livro, em que a imagem da “luta pela existência” assume o primeiro plano⁶⁸. Esta, como vimos, interessava a Darwin na medida em que lhe permitia expressar ou conferir visibilidade às relações de dependência que as mais diversas formas de vida mantinham entre si; e já nesse terceiro capítulo podemos observar como Darwin articula analogicamente o conteúdo mais geral dos dois capítulos anteriores, trabalhando, portanto, sobre a analogia entre arte e natureza:

I have called this principle, by which each slight variation, if useful, is preserved, by the term of Natural Selection, in order to mark its relation to man's power of selection. We have seen that man by selection can certainly produce great results, and can adapt organic beings to his own uses, through the accumulation of slight but useful variations, given to him by the hand of Nature. But Natural Selection, as we shall hereafter see, is a

---

Aqui o próprio Darwin havia já chamado a atenção para o círculo em que no mais das vezes se move o pesquisador que professe a importância daqueles órgãos que até então não sofreram qualquer alteração aparente. Também nesse sentido, teve-se em vista distinguir as espécies das meras variedades mediante o critério de que não se pode cruzar frutiferamente espécies distintas umas com as outras, o que é perfeitamente possível em se tratando de variedades; o único problema é que, com isso, no momento em que duas formas até então vistas como variedades se mostrassem em alguma medida estéreis umas em relação às outras, teriam de ser alçadas imediatamente ao nível das espécies por parte da maioria dos naturalistas. (GSG, v. 3, p. 266)

Algumas das questões que Simmel discute nesse trecho são tratadas em maior detalhe e de maneira bem menos confusa por Darwin no segundo capítulo de *On the Origin of Species*; note-se que o tratamento que Simmel dá ao problema da distinção entre variedade e espécie nos obrigaria a admitir tratar-se de uma dificuldade que, com o devido esforço, poderia ser eventualmente superada – o que não corresponde ao modo como Darwin colocou a questão. Embora Darwin discuta o problema da distinção entre variedade e espécie sobretudo no segundo capítulo do livro, é apenas ao longo do oitavo que faria a crítica do critério de fertilidade mencionado – também de maneira um pouco confusa – por Simmel (cf. DARWIN, 1859, pp. 269-272). (É possível que as confusões de Simmel se devam a que ele tenha lido alguma das edições posteriores do livro de Darwin, consideradas pela literatura especializada de um modo geral menos claras, o que, por sua vez, se deveria a que Darwin teve de “recuar” em diversos pontos, após se ver bombardeado por críticas; afinal, as traduções para o alemão foram incorporando as alterações de Darwin, embora a primeira das traduções para o alemão, publicada já em 1860, se baseasse na segunda edição do original em inglês, ainda bastante fiel em relação à primeira. Mas para verificar se esse é o caso, seria preciso fazer um cotejo minucioso, o que consumiria um tempo de que já não disponho). Feita essa colocação, gostaria de retomar o argumento de Simmel exatamente onde o havíamos interrompido, para observarmos o que ele faz com as ideias de Darwin:

Nesse contexto, fica claro que a afirmação de que a natureza humana não varia é igualmente perigosa tanto se usada para se referir ao gênero humano, quanto se usada para se referir ao indivíduo, pois cristaliza aqueles traços humanos essenciais cuja modificação até então não foi observada na ideia de um motivo substancial, que teria provocado tal estabilidade – exatamente como a aparente invariabilidade das espécies orgânicas se amarrava à ideia de que cada uma delas teria por fundamento um ato perene da inspiração divina. Enquanto, partindo do material empírico à disposição e considerando a invariabilidade da essência humana, se persiga um fundamento misticamente perene para tal, o que se perde é, de um lado, a consideração das modificações que efetivamente ocorrem e, de outro, inúmeras vezes também a audácia e fortuna na introdução de uma modificação como essas.

Como é possível observar em passagens como essa, já desde muito cedo Simmel se esforçava no sentido de operar com aquela concepção relativista de ciência que ele mesmo, só que mais tarde, identificaria com o moderno. A esta altura, a ideia é apenas indicar um dos aspectos da teoria de Darwin que alimentaram tal concepção, que aí desponta muito claramente, pois o que Simmel faz é justamente aplicar a relativização entre os conceitos de espécie e variedade, proposta por Darwin, à sua ciência moral – para isso empregando, é claro, o procedimento analógico.

67. O que, como vimos na nota anterior, Simmel entendeu muito bem.

68. Outra imagem que Simmel conhecia muito bem, como se pode observar em GSG, v. 3, pp. 112-116. Ao longo das linhas finais desta seção, apresentarei alguns trechos do parágrafo aqui indicado.

power incessantly ready for action, and is as immeasurably superior to man's feeble efforts, as the works of Nature are to those of Art.⁶⁹

Nessa passagem, cuja função na economia retórica do capítulo é apenas introdutória, Darwin conduz a analogia entre arte e natureza justamente de modo a reforçar a diferença entre ambas; para convencer o leitor de que seu conceito de seleção natural é suficientemente refinado para dar conta do difícil problema da formação de novas formas específicas de vida – ou seja, para dar conta do problema da origem das espécies –, Darwin precisará antes convencê-lo da “força” dos mecanismos puramente naturais. De onde advém essa “força”, essa “pressão” seletiva que assume o lugar que, na seleção artificial, ocupa isso o que, não sem algum embaraço, chamamos de “vontade” ou “intenção”⁷⁰? Para Darwin, essa pressão nada mais é do que um efeito daquela série de influências recíprocas ou interações a que ele se refere por meio de imagens como a da luta pela existência – tema do capítulo em questão⁷¹.

Recapitulando: temos, no primeiro capítulo do livro mais importante de Darwin, o tratamento de algumas questões relativas à variação em condições domésticas, aspecto decisivo para a composição do

---

69. DARWIN, 1859, p. 81.

70. É até certo ponto bastante conhecida a relação entre a pressão seletiva que Darwin tinha aí em vista e as ideias de Malthus. Um pouco menos conhecida, mas para os nossos fins mais interessante, é uma outra analogia de que Darwin se utilizou para organizar suas ideias a respeito. Millman e Smith pinçaram a seguinte analogia das anotações de Darwin: “One may say there is a force like a hundred thousand wedges trying [to] force every kind of adapted structure into the gaps in the oeconomy of Nature, or rather forming gaps by thrusting out weaker ones” (cf. MILLMAN & SMITH, 1997, p. 170). Em *On the Origin of Species*, o sistema mecânico de Darwin é um pouco mais simples: contemplaria apenas dez mil cunhas (cf. DARWIN, 1859, pp. 66-7; trata-se ainda do terceiro capítulo do livro). O comentário dos autores vai direto ao ponto que nos interessa:

He noted that the force in nature is like the force of ‘a hundred thousand wedges’ (D135e): That is, a very powerful force. This is important to Darwin because he knew that he needed a big force to produce a big effect. (Artificial selection can produce variation, but it had not produced species change. Therefore, the force in nature would need to be much greater than the forces in artificial selection.) Furthermore, the wedge achieves its great power through the multiplication of small means, just as Darwin thought that the force in nature achieves its power through the gradual accumulation (and magnification) of many small effects. Thus, the two kinds of forces are not only parallel in intensity but achieve their intensity in the same way. Having called to mind the parallels in the intensity of the two kinds of forces, Darwin immediately went on to consider the parallels in their effects. Just as a more forcefully wedge competing for the same space will create a hole in the surface or ground and push aside other wedges competing for the same space, so Darwin envisioned the force in nature quite mechanistically pushing ‘every kind of adapted structure into the gaps in the oeconomy of Nature, or rather forming gaps by thrusting out weaker ones’ (D135e) (MILLMAN & SMITH, 1997, p. 171; “D135e” é a referência convencionada para localizar a passagem em questão nos cadernos de Darwin).

Ainda segundo os autores, a imagem das cem mil cunhas parece ter sido importante para Darwin na medida em que lhe permitiu visualizar como, afinal, a mera combinação ou justaposição de estruturas em si mesmas extremamente simples (como é o caso de uma cunha) teria bastado para produzir efeitos tão impressionantes (como é o caso da atual diversidade das formas de vida). Assim, o que Darwin tinha em vista quando falava das cem mil cunhas era o mesmo que tinha em vista quando falava da luta pela existência (o que é especialmente claro no trecho dos cadernos de Darwin aqui reproduzido, bem como no curto parágrafo de *On the Origin of Species* em que a analogia vem à tona): a pressão oriunda da combinação ou justaposição de partes que, hoje, associamos de maneira quase automática ao nome “sistema”.

71. Consoante essa premissa, é possível pôr numa perspectiva favorável à Simmel a seguinte passagem de Darwin: “During early periods of the earth's history, when the forms of life were probably fewer and simpler, the rate of change was probably slower; and at the first dawn of life, when very few forms of the simplest structure existed, the rate of change may have been slow in an extreme degree” (DARWIN, 1859, p. 488). O raciocínio aí seria o seguinte: quanto menor o número de formas de vida (e, portanto, quanto menor sua diversidade), tanto menos variadas serão as formas de dependência recíproca, e portanto tanto menos potente a pressão seletiva – o que, por sua vez, implica que a velocidade das transformações (e, portanto, da criação de *novas* formas de vida) será proporcionalmente menor do que viria a ser num período posterior de desenvolvimento. Esse tipo de raciocínio seria amplamente empregado por Simmel em inúmeros de seus trabalhos, inclusive na *Philosophie des Geldes*; nele talvez se ancore um aspecto de sua teoria da diferenciação que pode, se não estou enganado, efetivamente ser referido a Darwin.

primeiro termo da analogia (a seleção artificial)⁷²; no segundo, o tratamento de questões relativas à variação na natureza⁷³; no terceiro, a exposição de um dos aspectos do mundo natural em que a analogia entre arte e natureza é qualificada negativamente – na medida em que então o destaque recai sobre uma *diferença* especialmente importante quanto à potência da pressão seletiva em condições naturais e em condições domésticas, pressão que é imensurável, ou melhor, desproporcionalmente superior no caso da natureza⁷⁴. O quarto capítulo – intitulado “Natural Selection” – seria dedicado à exposição de como esses elementos se articulam, o que envolve uma descrição detalhada do mecanismo que Darwin buscava apreender por meio de tal conceito. O método expositivo de Darwin contempla, além de exemplos e de outras distinções adicionais, comparações positivas e negativas entre a seleção artificial e a natural. Convém aqui mencionar apenas um exemplo de como Darwin conduzia tais comparações, baseando-me em alguns dos aspectos da analogia que reconstruí: assim como a seleção artificial, também a natural pode ser decomposta em dois momentos. Num primeiro momento, a natureza forneceria certas variações; num segundo, algumas dessas variações seriam mantidas, outras não. Porém, ao contrário do que se passaria no caso da seleção artificial, a pressão seletiva não decorreria, na natureza, de alguma espécie de intencionalidade, mas seria um efeito por assim dizer sistêmico da luta pela sobrevivência – sendo que a desproporção ou a desanalogia entra uma coisa e outra se torna, nesse nível, pronunciada.

De resto, a elaboração do conceito de seleção natural foi, como relatam Millman e Smith, um processo bastante demorado e complicado; em seu curso, também podemos detectar esse mesmo jogo entre contrastes e diferenças que, como acabamos de ver, foi explicitamente articulado por Darwin para fins expositivos⁷⁵. Com base nas anotações de Darwin, os dois autores concluem que as comparações entre o que se passava em condições domésticas e em condições naturais o teriam ajudado a organizar muitas de suas ideias sobre a evolução em geral⁷⁶. Assim, já no caso de Darwin o procedimento analógico era uma espécie de jogada visceralmente ligada à tentativa de formular problemas que até então não haviam sido formulados – assim como no caso de Simmel, como veremos em detalhe mais adiante. Para ilustrar o ponto

---

72. Que Simmel assimilou, como veremos de relance em seguida, em seu conceito de cultura.

73. Em que se tratava do problema da distinção entre espécie e variedade, que Simmel, a seu modo, também discutiu e assimilou.

74. E em que encontramos a imagem da luta pela existência – a que Simmel se referiu explicitamente –, mas também outras, cujo sentido está em sintonia com muitas das ideias de Simmel, como são o caso da imagem da teia de relações ou das dez mil cunhas.

75. O que é o tema de todo o artigo; cf. MILLMAN & SMITH, 1997.

76. Millman e Smith concluem seu artigo identificando três funções básicas da analogia em Darwin, aqui citadas sinteticamente: (1) “He used these forms of reasoning to guide his research process and to give him a focus for the description of new features”; (2) “Analogical reasoning was also used to help Darwin visualize how a complex process would work”; e (3) “[...] the analogy with artificial selection was ultimately used by Darwin rhetorically to persuade his audience of the existence of natural selection” (cf. MILLMAN & SMITH, 1997, pp. 184-5). Podemos avançar um pouco no terceiro ponto da conclusão de Millman e Smith, caso consideremos um ponto discutido em outro artigo (GILDENHUYS, 2004), a saber: que Darwin tinha em grande conta a filosofia da ciência de John Herschel (1792-1871). Este, por sua vez, considerava o procedimento analógico uma parte importante do método científico, ainda que operasse com um conceito bastante particular de analogia. Gildenhuys argumenta que Darwin buscou tratar seleção artificial e seleção natural como fenômenos análogos segundo o modelo de Herschel (cf. GILDENHUYS, 2004, p. 609). Com isso, pode-se dizer que ao menos parte da audiência que Darwin visava persuadir era uma audiência especialmente qualificada (e não deixa de ser curioso notar que Herschel faria, para descontento de Darwin, comentários inteiramente desfavoráveis à sua teoria). Algo semelhante parece ter se passado no caso de Simmel: tanto o procedimento analógico como o *conteúdo* de muitas de suas analogias (esse é o caso de suas comparações entre sociologia e geometria, e mesmo entre sociedade e organismo) fazem sentido tendo em vista a audiência especializada de Simmel, em que as influências de Kant e dos biologismos era marcante.

de modo a retomar alguns dos elementos da discussão levada ao cabo ao longo desta seção, gostaria de me deter um pouco em alguns trechos do livro em que Simmel se referiu de maneira mais direta a Darwin, sua *Einleitung in die Moralwissenschaft* ["Introdução à ciência moral"]. Proponho, mais especificamente, algumas breves considerações em cima das ideias expostas no segundo capítulo do livro, em que Simmel leva a cabo sua crítica aos conceitos de egoísmo e altruísmo – que é de especial interesse considerando que essa crítica reapareceria, de forma mais enxuta, em várias outras obras de Simmel, aí incluída a *Philosophie des Geldes*.

Simmel introduz o capítulo que nos interessa com uma analogia, ainda que apenas para problematizá-la⁷⁷. A analogia pode ser assim resumida: o egoísmo está para a natureza, assim como o altruísmo, para a arte. Mais interessante que a analogia é, porém, o exemplo em que Simmel a desdobra, uma vez que, nele, podemos já ter uma ideia da crítica que se seguiria: para ilustrar o quer dizer quando fala em arte ("Kunst"), Simmel menciona um fruto cultivado, refinado pela cultura⁷⁸; ao passo que a natureza é ilustrada por um fruto silvestre⁷⁹. Sem perder de vista a relação entre o fruto cultivado e o silvestre, consideremos agora um trecho subsequente em que Simmel aborda o darwinismo, partindo da frase com que ele introduz um dos parágrafos em que o tema é discutido em maior detalhe: "A doutrina darwiniana da luta pela existência fortaleceu consideravelmente, num primeiro momento, a ideia de que o egoísmo seria a única coisa que há de natural no homem"⁸⁰. É claro que essa ideia, que num primeiro momento parece se fortalecer com o darwinismo, é justamente aquela que Simmel atacaria; e, para atacá-la, recorre ao mais importante dentre os darwinistas:

O próprio Darwin destacou, p. ex., que a deficiência humana em termos de força física e tamanho teria se desdobrado por inúmeros meios em seu benefício, já que uma criatura que por si só já possuía força e tamanho suficientes para prevalecer na luta pela sobrevivência provavelmente não teria se tornado social.⁸¹

Diante dessa mesma passagem, um comentador já havia tirado a conclusão que nos interessa aqui: "A evolução social se apresenta, com isso, como desdobramento contínuo da evolução biológica"⁸². Mas isso era algo que Simmel, de algum modo, já nos havia indicado quando comparou o fruto cultivado com o silvestre – ou seja, um produto da seleção artificial com outro, agora naturalmente selecionado. Assim, se realmente o egoísmo está para a natureza, assim como altruísmo está para a arte, ou seja, se essa analogia realmente se sustenta, é apenas no seguinte sentido, que é aquele em que se desdobra a analogia: do mesmo modo como "arte" e "natureza" não são coisas diferentes em sua essência (o que é especialmente claro se nos ativermos ao exemplo do fruto), assim também egoísmo e altruísmo – o que é tanto mais

---

77. Pois, do mesmo modo como as várias considerações de Darwin no sentido de apontar para as diferenças entre seleção natural e seleção artificial não desfazem a analogia entre ambas, antes a enriquecem ou refinam – assim também no caso de Simmel.

78. O termo exato é "veredelte Frucht".

79. Cf. GSG, v. 3, p. 92.

80. GSG, v. 3, pp. 112-3.

81. GSG, v. 3, pp. 114.

82. HELLE, 1988, p. 55.

importante para quem, como Simmel, operava com uma concepção de ciência que, para se afirmar, precisava antes de tudo se mostrar capaz de se desvencilhar de uma linguagem essencialista, esta por sua vez insuficiente para expressar de maneira adequada as flutuações da realidade concreta⁸³. Nesse caso, como em inúmeros outros, o que Simmel faz com a analogia de que ele havia partido – o egoísmo está para o altruísmo, assim como a natureza, para a arte –, que na verdade nada mais era do que uma espécie de lugar-comum sobre o assunto⁸⁴, não é bem refutá-la ou negá-la; ele a desdobra, torce e revira até o ponto de torná-la adequada para exprimir o que ele sente ser necessário exprimir. Assim como fez, por sinal, com o próprio darwinismo: que a princípio parecia fortalecer a ideia grosseira de que o egoísmo era o que havia de mais natural no homem, mas que por fim nos dizia, como mostra Simmel apoiando-se em Darwin, que na realidade o que se passava era algo de muito mais sutil.

***

Passamos já pelas duas versões do conceito de analogia que nos interessam, e que se relacionam entre si de inúmeras formas, permanecendo ainda sim distintas: o modelo proporcional, “forte” de analogia; e o modelo da analogia como semelhança funcional, mais “fraco”. Em ambos os casos fomos, em algum momento, conduzidos à consideração do valor heurístico do procedimento analógico. Tanto em Aristóteles, como em Darwin, pudemos notar como o procedimento analógico aflorou assim que esses autores tiveram de enfrentar problemas de formulação, ou seja, problemas advindos da colocação de novos problemas. Devemos desconfiar que algo semelhante tenha se passado também no caso de Simmel – mas essa é uma discussão que pode ser melhor desdobrada por meio da consideração das ideias de outro autor que influenciou profundamente Simmel, a saber: Kant, que já havia discutido a função da analogia como heurística. É esse o assunto da seção final deste capítulo.

---

83. Sendo que essa concepção moderna de ciência está por trás tanto do projeto simmeliano para uma ciência moral (valendo aqui a pena chamar a atenção para o subtítulo do volume a que estou me referindo: *“Eine Kritik der ethischen Grundbegriffe”*, ou seja: “Uma crítica dos conceitos éticos fundamentais”), como de seu projeto para uma sociologia científica.

84. Há uma relação muito estreita entre o procedimento analógico e o senso comum, como já sugeri algumas vezes ao longo deste trabalho, e como será retomado mais a frente (cf. especialmente a p. 257, na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho).

I.3. Ordenação do valor da analogia na imagem de mundo kantiana

Assim, todos nós realmente somos, enquanto seres que veem, embriões, fragmentos de pintores, assim como somos, enquanto seres que entendem, cientistas dessa mesma sorte (Georg Simmel)

Como veremos mais adiante, dominar a linguagem kantiana era um trunfo considerável para quem, como era o caso de Simmel, buscava se impor na “luta pela existência” travada nos meios acadêmicos alemães de seu tempo. Por essa razão, precisamos passar por Kant, em nosso caminho para a compreensão das analogias de Simmel. Contudo, o que gostaria de fazer nesta seção é um pouco diferente do que fiz nas duas anteriores: nelas, apresentei em primeiro lugar, e sinteticamente, o conceito de cada um dos modelos de analogia em foco, e deixei para introduzir as elaborações de Simmel sobre tais conceitos para o trecho final de cada respectiva seção, ao passo que, aqui, a elaboração de Simmel sobre as ideias de Kant em torno da analogia serão apresentadas mais imediatamente. Isso porque não vamos a Kant buscar um modelo para o conceito de analogia, e sim sua apreciação sobre o conceito, bem como a constelação de ideias que a ele se ligam e de que Simmel também se apropria; além disso, há, no texto de Simmel, muito mais material sobre Kant do que nos casos anteriores. Por outro lado, também aqui, como nas outras seções, as referências a Kant serão feitas de maneira consideravelmente fragmentada e seletiva – terei, na prática, de ignorar boa parte do complicado sistema de ideias em que a discussão de inúmeros dos conceitos aqui trazidos à baila se acha inserida, pois o que interessa é vermos o que Simmel fez com tais ideias, com os produtos da imaginação de Kant¹. Não tenho aqui tampouco a pretensão de estabelecer uma discussão aprofundada do conceito de analogia em Kant – o que exigiria, entre outras coisas, considerar a história da recepção do procedimento ao longo da vida do filósofo, algo inteiramente fora do escopo deste trabalho (ainda que essa tarefa seja tecnicamente muito mais simples do que seria no caso, p. ex., de Aristóteles)². Pretendo, aqui, focar nas definições que o próprio Kant fornece naquele livro que parece ter

---

1. O movimento visa acompanhar, é claro, o próprio modo como Simmel apanharia tais produtos: pois ele mesmo *empregava* a terminologia kantiana sem pretender referi-la sistematicamente ao contexto global das ideias desse autor, como será mostrado ao longo desta seção (e como, de resto, em alguma medida sempre acabamos fazendo).

2. É claro que não custa deixar aqui anotadas aquelas pistas para tal reconstrução com as quais topei ao longo de minhas leituras – enfatizando, claro, o caráter acidental e fragmentado de tais apontamentos. Na obra do próprio Kant, consultei, além da *Crítica da Razão Pura* (conforme a seguinte tradução: KANT, 2010, *Crítica da Razão Pura*), os *Prolegômenos* (cf. KANT, 1959, *Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*) e suas lições sobre lógica (KANT, 1992a, *Lógica*; bem como KANT, 1992b, *Lectures on Logic*). No que concerne à literatura secundária mais recente sobre Kant, busquei apoio nos trabalhos de O. Höffe (2005, *Immanuel Kant*; e 2010, *Kant's Critique of Pure Reason*) e de C. Sehnem (2009, *A imaginação na Crítica da Razão Pura*); procurei me servir desses trabalhos sobretudo para me ambientar no universo conceitual de Kant. Consultei ainda um artigo de L. Ribeiro dos Santos (2009, “Analogia e conjectura no pensamento cosmológico do jovem Kant”), bem como – mas, nesse caso, de forma consideravelmente superficial – o estudo de F. Marty sobre a noção kantiana de analogia (MARTY, 1980, *La Naissance de la Méthaphysique chez Kant*). Finalmente, consultei também a interpretação das ideias de Kant produzida por autores um pouco mais próximos do ambiente intelectual de Simmel, em especial H. Høffding (1905, “On analogy and its philosophical importance”; 1924, *Der Begriff der Analogie*), M. Heidegger (1987, *Der Frage nach dem Dinge*, baseado em uma série de palestras ministradas na década de 1930; bem como 1991, *Kant und das Problem der Metaphysik*, originalmente publicado em 1929, sendo que este último trabalho conta com uma tradução para espanhol, que também consultei: cf. HEIDEGGER, 1954, *Kant y el problema de la metafísica*)

influenciado mais diretamente Simmel, a saber: a *Kritik der reinen Vernunft*, i.e.: a *Crítica da Razão Pura*³ – sendo que meu objetivo é reconstruir o léxico kantiano mais diretamente relacionado ao conceito de analogia, assim como Simmel viria a incorporá-lo.

A definição que Kant nos fornece, na primeira *Crítica*, para o conceito de analogia (e que contém em si, como veremos, uma apreciação crítica sobre seu uso legítimo no âmbito da filosofia – uso esse que é, aqui, o que realmente interessa) está contida no segundo livro da *Analítica Transcendental*, livro esse em que Kant expõe sua doutrina do esquematismo, e no qual encontramos ainda a definição de *outros* conceitos de que gostaria de tratar, antes de chegarmos ao de analogia. Dentre esses conceitos, estudaremos dois mais detidamente: *esquema* e *imagem* – ambos os quais Simmel viria a empregar com bastante frequência em seus escritos⁴, ainda que de forma mais frouxa (i.e.: amarradas com menor rigor analítico às suas demais ideias) do que no caso de Kant⁵.

O trecho da *Crítica da Razão Pura* em que iremos nos concentrar é a *Analítica dos Princípios*⁶, em que Kant se ocupa com a faculdade de julgar. Esta é por ele definida como a “capacidade de discernir se algo se encontra subordinado a dada regra ou não”⁷, i.e.: de aplicar as regras conformemente ao mundo sensível⁸.

---

e H. Vaihinger (1952, *The Philosophy of 'As if'*, originalmente publicado em alemão em 1911, mas escrito já no final da década de 1870).

3. Doravante referida como “*Crítica da razão pura*” ou, mais simplesmente, “primeira *Crítica*”.

4. Como o revela uma leitura atenta das obras de Simmel. Para transmitir ao leitor uma ideia do ponto, fiz um rápido levantamento junto à edição eletrônica das obras de Simmel que tenho à disposição (*Georg Simmel: Das Werk*, 2001), obtendo os seguintes resultados: o termo *Schema* (esquema) ocorre 36 vezes na *Philosophie des Geldes*, 34 na *Soziologie* e 10 em *Kant*, somando 80 ocorrências ao longo dessas três obras; a palavra *Bild* (imagem), por sua vez, aparece 26 vezes na *Philosophie des Geldes*, 41 na *Soziologie* (sendo que, destas, 11 foram achadas no excurso ao primeiro capítulo do livro, que ocupa apenas 20 das cerca de 850 páginas da obra, conforme a edição de referência, a saber: GSG, v. 11) e 17 em *Kant*, somando 84 ocorrências. Devo notar que o mecanismo de busca disponível nessa edição eletrônica das obras de Simmel contabiliza apenas ocorrências exatas, ou seja, ignora não apenas substantivos compostos a partir desses termos (como é o caso de “*Miniaturbild*”, imagem em miniatura, palavra essa que também pode ser achada no excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie* – em GSG, v. 11, p. 58, reproduzida como parte da analogia **S.1.b.34**), como também todas suas eventuais flexões e declinações.

5. Outras noções auxiliares, todas elas muito importantes para Kant, mas emprestadas com menor frequência por Simmel, são as de axioma, antecipações da percepção e princípios [Grundsätze] – pelas quais também iremos passar, ainda que de forma menos detida.

6. Esse é, por sua vez, o segundo livro da primeira divisão (que Kant chama de *Analítica transcendental*) da segunda parte (a *Lógica transcendental*) da primeira porção (A *Doutrina transcendental dos elementos*) da primeira *Crítica*. É notável a preocupação, o cuidado mesmo que Kant dedicava à composição de todas essas divisões e articulações internas, que aqui sou obrigado a deixar de lado; mas, embora o conteúdo de tais divisões não nos interesse, a preocupação em montá-las nos interessa, pois nos fornece um ponto de acesso para compreendermos o que Simmel tinha em vista, quando afirmava que a fórmula para a essência kantiana era o estabelecer limites (o ponto ainda será retomado ao longo desta seção e, além disso, na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho; cf. a p. 213). Também a esse propósito, convém citar ainda o seguinte trecho de sua terceira lição sobre Kant:

Eu não vejo qualquer solução inteiramente satisfatória para essa dificuldade, ao largo da qual passa, com efeito, o próprio Kant, uma vez que ele acredita possuir um critério para a correção e a completude das formas do entendimento: o arredondamento sistemático. Em seu percurso, ele descobre – o que é em muitas situações excêntrico e abstruso, e em algumas, convincente – que aquelas normas que formam a experiência correspondem às formas do juízo lógico, e constrói, por analogia a estas, 12 conceitos apriorísticos, que correspondem, ainda outra vez, aos princípios dos entendimentos. Aquelas 12 categorias são decompostas em 4 divisões, cada qual com 3 itens numéricos. Não nos interessa aqui tais particularidades, mas sim somente o princípio segundo o qual, caso sejam encontrados os itens adequados para preencher um esquema simétrico, fechado em si mesmo, então se teria com isso demonstrado a correção e a suficiência disso que se encontrou. As fraquezas desse método são hoje evidentes. [...] Mais importante, porém, que essa refutação já bastante evidente, parece ser a tarefa de compreender o significado mais profundo e a tendência daquela sistemática barroca. (GSG, v. 9, pp. 41-2)

7. Cf. KANT, 2010, p. 177; ref.: KrV, B 172.

Os esquemas nada mais são senão as condições de possibilidade para a aplicação dos conceitos gerados pelo entendimento – sendo que, por isso, a doutrina do esquematismo é central para a discussão da faculdade de julgar, assim como esta é apresentada na primeira *Crítica*. Para elucidar o que isso quer dizer, consideremos o exemplo fornecido por Kant, que diz respeito à aplicação do conceito geométrico puro do círculo ao conceito empírico de um prato: seguindo o argumento de Kant, só poderíamos configurar um prato como algo *conforme* a um círculo na medida em que haja um termo homogêneo ou comum a ambos – nesse caso em particular, Kant designa o termo em questão como o redondo⁹, termo esse passível de predicar tanto o círculo, como o prato cujo material é disposto conforme ao círculo^{10 11}. Esse termo comum

---

8. Ou, apoiando-me aqui nas formulações de Höffe:

O Juízo decide se a multiplicidade dada da intuição cai ou não sob uma regra gerada pelo entendimento. Neste sentido, ele constitui uma faculdade cognitiva própria que desempenha um papel mediador necessário entre as outras duas faculdades, a sensibilidade e o entendimento. A faculdade do juízo não contribui nem com o material, nem com a forma, i.e., o conceito, mas faz com que os conceitos empregados se ajustem realmente à matéria dada, juntando o material da intuição ao conceito correspondente e identificando o material como algo que pertence exatamente a este conceito e a nenhum outro: isto é uma cadeira e não uma mesa, um armário ou uma cama. O Juízo possibilita a aplicação correta dos conceitos. (HÖFFE, 2005, p. 112)

9. *Rundung*, no original (é preciso destacar apenas que “redondo” deve ser lido aqui como substantivo, não como adjetivo).

10. Eis o exemplo, nas palavras de Kant:

*Em todas as subsumções de um objecto num conceito, a representação do primeiro tem de ser **homogênea** à representação do segundo, isto é, o conceito tem de incluir aquilo que se representa no objecto a subsumir nele; é o que precisamente significa esta expressão: que um objecto esteja contido num conceito. Assim, possui homogeneidade com o conceito geométrico puro de um **círculo**, o conceito empírico de um **prato**, na medida em que o redondo, que no primeiro é pensado, se pode intuir neste último.* (KANT, 2010, p. 181; ref. KrV, B 176; **grifo** conforme o original).

O que torna o exemplo confuso é que, por meio dele, Kant indica uma relação entre dois conceitos (um puro e outro empírico), não entre um conceito e seu objeto, como seria de se esperar, baseado no que ele anuncia no começo da passagem citada. Apesar dessa dificuldade especial, o exemplo é o mais oportuno para a consideração da apropriação que Simmel faria das ideias de Kant, como veremos já a partir da nota seguinte. Tomei como referência para a redação dos trechos em que discuto o exemplo de Kant os comentários de O. Höffe e C. Sehnen a propósito do mesmo, disponíveis em HÖFFE, 2005, p. 181, e SEHNEN, 2009, p. 54.

11. Como se vê, o conceito de um prato é, para Kant, diverso do de um círculo – sendo essa uma distinção importante para nós, na medida em que encontraria eco nas formulações simmelianas. Convém, pois, traduzi-la para uma linguagem adequada a Simmel (que será, de resto, retomada na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho; cf. a discussão em torno da exclusividade do espaço, iniciada na p. 216). Embora tanto o conceito de um prato, como o de um círculo sejam formas intelectuais nas quais uma diversidade de conteúdos sensíveis encontra sua unidade (i.e.: conceitos), aquele último é um conceito *puro* do entendimento, uma forma cujo conteúdo é na verdade uma intuição pura do espaço, intuição essa que se refere, pois, ao espaço em geral e não a qualquer de suas partes; ao passo que aquele é um conceito empírico, ou seja: um conceito que se refere a uma série de objetos passíveis de serem situados *no* espaço, ou melhor, objetos cujo referencial é sempre um espaço particularizado. Os conceitos puros seriam em primeiro lugar possíveis somente porque – sendo essa ao menos a maneira como Simmel tende a ler Kant – o próprio entendimento seria capaz de se dobrar sobre si mesmo e tomar a forma da sensibilidade em geral (i.e.: seu próprio modo de conceber o real) como a um conteúdo (cf., sobre o exposto, a discussão feita por Simmel em torno da duplicidade de sentido que a palavra “espaço” teria para Kant, em GSG, v. 9, pp. 80-3, contida na sexta lição de *Kant*). Se essa é uma distinção importante para nós, é porque Simmel viria a empregá-la mais de uma vez, aplicando-a, inclusive, à própria noção de sociedade, em uma passagem que será comentada mais a frente neste trabalho (cf. a analogia **S.1.a.8**, comentada a partir da p. 208). Há, de resto, um paralelo notável entre, de um lado, a interpretação que Simmel propõe para a teoria kantiana do espaço – assim como ele a chama – e, de outro, algumas das ideias propostas na *Soziologie*. Esse paralelo se manifesta, p. ex., na cunhagem da expressão *Verräumlichung*, que Simmel também introduz na sua sexta lição sobre Kant (cf. GSG, v. 9, pp 78-81), e que é claramente formada por analogia com seu conceito, mais famoso, de *Vergesellschaftung* – de modo que, se optamos em traduzir este por socialização, devemos traduzir aquele por espacialização. Assim como a socialização é um processo no qual se formam as formas concretas da sociedade (correspondendo estas aos “círculos sociais concretos” ou “históricos”, como diz Simmel em diversas ocasiões), assim também a espacialização nada mais é do que a regra para a formação das formas empiricamente verificáveis no espaço (como é o caso, p. ex., do círculo que podemos desenhar com um giz numa lousa, ou de um prato configurado segundo a forma de um círculo). E talvez – embora o que eu pretenda afirmar nas linhas que restam desta nota provavelmente não passe de uma coincidência sem muita importância – essas ideias possam ser desdobradas ainda mais um pouco, no seguinte sentido. É razoável presumir que Simmel tenha retomado suas leituras de Kant como parte da preparação de seu excuro sobre o problema de como a sociedade seria possível (disponível em GSG, v. 11, pp. 42-61). Há inclusive algumas pistas consistentes com tal presunção: quando escrevemos um texto qualquer sob a impressão direta de uma leitura determinada, parece haver uma tendência – que é para uns mais forte, para

é, para Kant, necessariamente um esquema transcendental – que, para ligar desse modo (i.e.: de modo a subsumir um ao outro) determinado conceito puro a determinado conceito sensível, haveria de ser ele mesmo uma representação “pura (sem nada de empírico) e, todavia, por um lado, *intelectual* e, por outro, *sensível*”¹². O carácter concomitantemente intelectual e sensível do esquema transcendental é devido, portanto, à sua função mediadora, que seria necessária para a aplicação dos conceitos intelectuais ao mundo sensível¹³.

Devemos agora traduzir essas ideias para uma linguagem mais adequada à presente discussão. Da maneira como Kant expõe o problema, deve estar claro que a relação entre o conceito puro de um círculo e o de um prato é uma relação especial de subordinação, i.e.: a formatação do prato que Kant tinha em vista é realizada de acordo ou em conformidade ao círculo, que lhe serve de modelo. O esquematismo, assim como Kant o concebeu, não deve ser confundido com tal relação; mas sim, ao invés disso, como o recurso intelectual graças ao qual essa modalidade específica de subordinação seria, na prática, possível¹⁴. Nesse sentido, a relação entre o círculo e o prato pode ser concebida como um caso particular da relação entre um determinado modelo e o exemplar configurado segundo tal modelo, o que implica que o procedimento

---

outros, mais fraca – em empregarmos, inadvertidamente, o vocabulário ou o repertório conceitual com que entramos em contato ao longo dessa leitura para, com ele, expressarmos o que queremos dizer; caso haja alguma verdade nessa especulação, e caso Simmel tenha de fato retomado suas leituras de Kant, teríamos aí uma explicação ao menos razoável para conceber a quantidade desproporcional de vezes que a palavra *Bild* e seus derivados aparecem nesse excuro em particular, conforme o apresentado na nota 4 desta seção. Pois bem, assumindo que Simmel efetivamente escreveu tal excuro sob a impressão de uma releitura de Kant, então é no mínimo digno de nota que, na primeira vez que ele se refira, ao longo desse excuro, ao seu famoso conceito de socialização, este seja imaginado justamente como um esquema:

Que esse para-si do outro não nos impeça de, contudo, fazer dele uma nossa representação; que algo que de modo algum está dissolvido no nosso representar, contudo, venha a se tornar um conteúdo, e, portanto, um produto desse representar – eis o problema e esquema psicológico e epistemológico mais profundo da socialização. (GSG, v. 11, p. 45; grifo meu).

Essa ocorrência em particular da palavra “esquema” se destaca de boa parte das demais ocorrências da mesma, pois, nela, não podemos identificar o juízo negativo que Simmel habitualmente atribuía ao conceito – juízo esse que, como veremos, está ausente em Kant, mas que condiz com a imagem que Simmel fazia da filosofia kantiana (“esquemática”).

12. KANT, 2010, p. 182; ref. B 177; *grifos* do autor. A passagem é ainda interessante na medida em que, por ela, podemos ter uma ideia do que levava Kant a predicar de “puros” determinados conceitos. Como vemos aí, “puro”, para Kant, quer dizer antes de tudo “sem nada de empírico”; mas como pode o pensamento escapar da experiência sem, nesse ato, anular-se no vazio? Uma resposta adequada à interpretação que Simmel faz de Kant (conforme o exposto na nota 11, logo acima), e da qual depende boa parte da presente exposição, é a seguinte: predica-se de “puras” apenas aquelas modalidades de ordenação do real especializadas em ordenar as demais modalidades de ordenação do real, i.e.: aquelas formas do intelecto que tomam, como a um conteúdo, outras formas do intelecto e que são, nesse sentido, permeáveis à autorreferencialidade.

13. Em um trabalho como este, não podemos ignorar a caracterização kantiana desse termo comum entre o conceito intelectual e o empírico (que é, como vimos, um esquema) como um *terceiro* termo, que se coloca, nesse sentido, para além do dualismo entre o intelecto e a sensibilidade – formando assim um terceiro domínio, um terceiro império do real, para falar em termos familiares ao leitor de Simmel. Essa imagem em particular da terceira categoria ou do terceiro império, que se estabelece para além de um dado dualismo, em um certo sentido deixando-o para trás, é uma imagem especialmente forte e recorrente em Simmel, que ele aplica a contextos os mais diversos – p. ex., em sua filosofia do dinheiro (GSG, v. 6, p. 37), mas também em sua filosofia do ator (cf. GSG, v. 8, especialmente as pp. 424-5; trata-se aí do ensaio de 1908, intitulado “Zur Philosophie des Schauspielers”, i.e.: “Para a filosofia do ator”); em seu livro sobre Goethe (cf. GSG, v. 15, p. 9; trata-se aí do prefácio ao livro) e em seu livro sobre Kant (cf. GSG, v. 9, p. 131; trata-se aí da nona lição). Dahme discute o ponto, traçando inclusive um paralelo com a teoria dos três mundos de Popper (cf. DAHME, 1981, *Soziologie als exakte Wissenschaft*, v. 2, pp. 296-9). Sobre o sentido da imagem em Kant, o que encontrei de mais interessante foram os comentários presentes na caracterização do conceito kantiano de esquema (cf. a entrada “Schema, Schematismus” do *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, no v. 8, p. 1250).

14. Kant, por sinal, se refere ainda aos esquemas como determinações *a priori* do tempo, realizadas segundo regras (cf. KANT, 2010, p. 186; ref. B 184-5), o que basta para distinguir qualquer dado esquema de qualquer dado conceito puro do intelecto, como é o caso do de um círculo.

da *exemplificação* – que também é crucial para Simmel – pode ser, correspondentemente, concebido como uma aplicação particular disso o que Kant chamava de faculdade de julgar¹⁵.

Tais considerações ensejam a seguinte pergunta: qual exatamente a natureza da relação entre dois exemplares de um mesmo modelo, i.e.: de duas realizações objetivas passíveis de serem subsumidas a um mesmo conceito puro do entendimento? Para responder a essa questão de modo a torná-la frutífera para a compreensão do meu problema de investigação, convém elaborar sobre o exemplo kantiano, só que dessa vez temperando-o com um extrato da imaginação simmeliana. Tratem, pois, dessa questão mais geral mediante o seguinte exemplo: qual a relação, digamos, entre um círculo desenhado com giz numa lousa¹⁶ e um prato configurado em conformidade ao conceito puro de um círculo? É impossível responder adequadamente a essa questão sem introduzir, aqui, a noção de *imagem* [*Bild*]. Isso porque o comum tanto ao círculo de giz como ao prato é justamente uma imagem ou um aspecto que eles fornecem, é a visão que ambos proporcionam, caso sejam apresentados desde uma dada perspectiva. A distinção entre esquema e imagem é muito cara a Kant – ainda que ele próprio admita que ela implique em certos embaraços¹⁷. Eis os termos em que Kant a formula:

Só poderemos dizer que *imagem* é um produto da faculdade empírica da imaginação produtiva, e que o *esquema* de conceitos sensíveis (como das figuras no espaço) é um produto e, de certo modo, um monograma da imaginação pura *a priori*, pelo qual e segundo o qual são possíveis as imagens; estas, porém, tem de estar sempre ligadas aos conceitos, unicamente por intermédio dos esquemas que elas designam e ao qual não são em si mesmas inteiramente adequadas.¹⁸

Essa é uma passagem de leitura especialmente difícil, sendo que o que devemos tirar dela é apenas o seguinte: que Kant concebia tanto o esquema, como a imagem como produtos *distintos* da imaginação, que ele, por sua vez, definia como “a faculdade de representar um objeto, mesmo *sem a presença deste na*

---

15. Kant formula essa relação com outras palavras: afirma que a grande utilidade dos exemplos seria aguçar, treinar a faculdade de julgar – e, logo em seguida, imagina os exemplos como “as muletas da faculdade de julgar” (KANT, 2010, p. 178; ref.: *KrV*, B 173-4). De resto, e agora deixando Kant de lado, esse é um ponto muito importante para este trabalho, que será desdobrado, primeiro, na distinção analítica entre exemplo e analogia proposta no segundo capítulo deste trabalho (cf. o item II.2.1.1.1, na p. 169), depois, na discussão das analogias propriamente sociológicas de Simmel (cf. a seção III.2, em especial a partir da p. 269) e, finalmente, na discussão do dinheiro como exemplo e analogia do existente (cf. o capítulo IV deste trabalho).

16. Simmel se apoia nesse exemplo em especial para elaborar uma das muitas analogias que achamos ao longo de sua *Soziologie*, a saber: **S.1.a.13**, disponível em GSG, v. 11, p. 29. Essa analogia em particular será investigada na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho, em passagem que se liga à nota 96, situada na p. 218.

17. Imediatamente antes de apresentar a distinção que rerepresentarei em seguida, Kant adverte o leitor de que “o esquematismo do entendimento [...] é uma arte oculta nas profundezas da alma humana, cujo segredo de funcionamento dificilmente poderemos alguma vez arrancar à natureza e pôr a descoberto perante os nossos olhos” (KANT, 2010, pp. 183-4; ref.: B 180-1). Não devemos, é claro, levar as palavras de Kant ao pé da letra: parece muito mais razoável supor que o mistério ou o segredo em que Kant cerca alguns dos aspectos centrais de sua doutrina do esquematismo seja algo como uma racionalização face à dificuldade implicada na articulação de tais ideias. Que essas dificuldades sejam reais, isso pode ser indicado pelo fato de que diversos comentadores de sua obra viriam a considerar a doutrina do esquematismo como supérflua – p. ex., H. Prichard, N. Smith e J. Warnock, como informa Höffe (2005, p. 109) – ou então simplesmente confusa – como seriam o caso, ainda segundo Höffe, de H. Jacobi e A. Schopenhauer. Também não me parece inteiramente absurda a ideia de que esse mesmo mistério, essa mesma falta de clareza tenha sido o motivo do fascínio de Heidegger por esse trecho em particular da primeira *Crítica* – ele que chegou mesmo a afirmar que as onze páginas em que Kant expunha a doutrina do esquematismo (i.e.: o primeiro capítulo da *Análítica dos Princípios*) seriam o *âmago* de toda a obra (cf. HEIDEGGER, 1991, p. 89).

18. KANT, 2010, p. 184; ref.: B 181.

intuição”¹⁹. A distinção entre ambos os produtos da imaginação ocorre em função de seu uso: se aplicamos tal faculdade à empiria, o que obtemos é uma imagem; se a aplicamos sobre si mesma²⁰, um esquema. Essa distinção põe em relevo justamente aquela relação entre esquema e imagem²¹ que Simmel viria a deixar de lado, em sua apropriação das ideias de Kant²². Convém, pois, voltarmos-nos provisoriamente para o conceito de imagem sem referi-lo diretamente ao de esquema, para que possamos apreciar da maneira devida as consequências desse desligamento. Para esse efeito, uma formulação de Heidegger a propósito de um dos sentidos que a expressão “imagem” teria para Kant é especialmente convidativa: “A expressão ‘imagem’ deve aqui ser tomada em seu sentido mais original, como quando dizemos que uma paisagem dá uma bela ‘imagem’ (aspecto), ou que a reunião dá um ‘imagem’ (aspecto) triste”²³. A imagem é, aqui, um produto ou resultado da aderência do pensamento ao real, cuja característica mais básica consiste em se apropriar do real seletivamente, desde um determinado ângulo – numa analogia exata, nesse sentido, ao que se passa entre quem vê e o que se vê²⁴. Ou então, formulando o termo conforme o dualismo entre o interior e o

---

19. KANT, 2010, p. 151; ref.: B 151. Essa é, por sinal, uma definição inteiramente intuitiva – embora Kant, como seria de se esperar, a elabore em seguida. Para nós, contudo, é mais adequado atermo-nos ao que há de intuitivo na definição.

20. I.e.: de forma “pura”, conforme o exposto na nota 12 desta seção.

21. Parece-me que, em termos formais, a relação entre esquema e imagem, assim como Kant a apresenta nessa passagem, é indistinguível daquela entre o conceito puro e o empírico: em um certo sentido, o que temos aí é, afinal, a mera aplicação de uma distinção básica e mais geral (entre o “puro” e o “empírico”) a casos situados em regiões distintas de sua *Crítica da Razão Pura*. Eis o que leva Kant a aplicar, também a esse caso, essa distinção mais geral: após ter separado, do modo como os separa, os conceitos puros do entendimento das intuições empíricas em geral, Kant não vê outra alternativa, senão a de reconhecer que a aplicação destes àquelas não pode simplesmente estar contida em tais conceitos, mas depende da intervenção de algo que não seja nem um conceito puro, nem uma intuição empírica (cf. KANT, 2010, p. 181; ref. KrV, B 176-7). Não deixa de ser notável como isso tudo só assume contornos claros para nós – que não temos em nossa cabeça, como tinha realmente Kant, toda a sua primeira *Crítica* –, quando nos apoiamos nas muletas que Kant nos deixou:

Assim, um médico, um juiz, um estadista podem ter na cabeça excelentes regras patológicas, jurídicas ou políticas, a ponto de serem sábios professores nessas matérias e todavia errar facilmente na sua aplicação, ou porque lhes falte o juízo natural (embora não lhes falte o entendimento) e, compreendendo o geral in abstracto, não sejam capazes de discernir se nele se inclui um caso concreto ou então também por não se preparem suficientemente para esses juízos com exemplos e tarefas concretas. (KANT, 2010, p. 178; ref. B 173; **grifos** conforme o original)

22. Que Simmel deixe de lado *especificamente* essa distinção – esse é um fator importante para que compreendamos o que o levou à apreciação negativa com que ele habitualmente cercava, em seus escritos, a expressão “esquema”.

23. HEIDEGGER, 1991, *Kant und das Problem der Metaphysik*, 90-1; a tradução da passagem é de minha responsabilidade. A palavra que Heidegger envolve em parênteses, e que traduzi por “aspecto”, é, no original, “Anblick”. Trata-se aí, para ser mais exato, da forma substantivada do verbo *anblicken*, que designa o ato de dirigir o olhar para algo; o que resulta desse ato é uma visão, um *aspecto*, conforme o sentido mais original do termo (a palavra “aspecto” se origina da expressão em latim *a(d)spectus*, que designa, conforme consta no *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, justamente o “olhar, vista d’olhos, aparência, forma, figura”).

24. Está aí pela primeira vez formulada a analogia mais geral entre a visão e a cognição, que é central para o pensamento de Simmel, como veremos a partir do terceiro capítulo deste trabalho. Trata-se, por sinal, de uma analogia profundamente arraigada seja na história da filosofia, seja na linguagem. É nela, p. ex., que se baseia a comparação entre o sol e o bem que Platão pôs na boca de Sócrates (cf. a p. 19, situada na primeira seção deste capítulo); e é sobre ela que está assentada a semelhança de sentido entre uma série de expressões como estas: *observe-se, destaque-se, note-se, leve-se em consideração, veja-se bem*, e etc. Trata-se, nesses casos, de um apelo da parte do autor que visa direcionar o pensamento de seu interlocutor para que coincida com o seu – estratégia essa graças a qual se pretende que este recrie, na sua imaginação, aquilo que o autor concebeu para si, no curso de suas reflexões. Talvez a mais explícita contribuição que Simmel nos deixou para a história dessa analogia em especial esteja contida no segundo capítulo de seu último livro (*Lebensanschauung*, algo como “intuição da vida”, ou então “visão da vida”, em GSG, v. 16), de onde tirei a passagem usada como epígrafe para esta seção. Não devemos, de resto, ignorar o seguinte relato de H. Gadamer (que reproduzo apenas para justificar a opção em recorrer às formulações de Heidegger para tratar do conceito de imagem em Kant e Simmel – conceito esse que está fortemente ligado à analogia mais geral entre visão e cognição):

Heidegger comentou comigo, já em 1923, com admiração dos escritos tardios de Georg Simmel. Que isso não é somente um reconhecimento geral da personalidade filosófica de Simmel, mas que alude também a questão de conteúdo, nas quais Heidegger viria a tomar impulso, ficará patenteado para qualquer pessoa que leia hoje em dia o primeiro dos quatro Metaphysiche Kapitel, que reúnem, sob o título de

exterior, muito caro a Simmel: a imagem é o produto interior da aderência do pensamento ao exterior, que se realiza apenas na medida em que a toma segundo um determinado aspecto. A imagem do prato²⁵ como algo redondo está, ao mesmo tempo, dada como possibilidade de ser a partir dele concebida, i.e.: é um aspecto *do* prato, mas se produz efetivamente apenas quando tal aspecto é reproduzido internamente para o pensamento, i.e.: na sua aderência propriamente dita ao prato, que, nesse ato, o institui, de resto, como objeto real. Há inúmeras passagens do texto de Simmel em que a palavra “imagem” é empregada conforme a essa constelação de ideias; fiz uma seleção contendo três delas, que apresento em seguida, a título de ilustração^{26 27}:

A imagem que um homem obtém de outro a partir do contato pessoal é condicionada por certos desvios, que não são meras ilusões tiradas da experiência incompleta, da visão deficiente, de preconceitos de simpatia ou antipatia, mas sim alterações fundamentais da qualidade do objeto real. [...] Nós vemos o outro em alguma medida generalizado – talvez por conta de que não nos seja dado representar, em nós e de um modo completo, uma individualidade diferente da nossa. Cada imagem reproduzida [Nachbild] a partir de uma alma é determinada pela semelhança em relação a ela, e, apesar de que essa de modo algum seja a única condição do conhecimento anímico [...], o conhecimento *completo* pressuporia, de qualquer forma, uma igualdade completa.²⁸

Mas o que interessa, quando se trata de entender o significado próprio das coisas, é a distância formada entre elas e o nosso apreender. Esse é apenas um dos inúmeros casos em que é preciso se afastar das coisas, deixar um espaço entre elas e nós, para obtermos, delas, uma imagem objetiva.²⁹

Finalmente, Kant considera como objeto do entendimento exclusivamente a aparência sensível das coisas, sua imagem em nós apenas, e jamais seu ser interior, existente por si mesmo. Apenas num único ponto temos acesso a um ser como tal: em nossa ação, que não é assimiladora, mas sim criadora, i.e.: livre. Assim, apenas no que agimos é que *somos*

Lebensanschauung, a ideia da tarefa filosófica que teve um G. Simmel, consagrado somente depois de sua morte.” (GADAMER, 1999, *Verdade e Método*, v. 1, p. 369, nota 138)

25. Contanto, por evidente, que confeccionado conforme a um círculo, como os pratos que Kant tinha em mente.

26. Precisamos ter em mente que Simmel nunca foi um autor especialmente preocupado em elaborar definições inequívocas para cada um dos termos que empregava, em encadeá-los sistematicamente; muito pelo contrário: sua especialidade consistia em jogar com ambiguidades, com o indefinido, com as nuances e sobreposições de sentido. Por isso, não é razoável esperar encontrar uma grande uniformidade no uso de sua terminologia, ainda mais em se tratando de um termo assim tão abrangente como é o caso do de imagem [Bild]. Mas essa peculiaridade do estilo simmeliano não é problemática neste caso, pois o que interessa é justamente mostrar como, no uso de expressões como essa, assim como eu gostaria de mostrar em seguida, podemos detectar o gesto com o qual Simmel se apropriou das ideias de Kant – gesto esse que é, afinal, decisivo para a compreensão do problema de pesquisa deste trabalho.

27. A seleção não foi completamente aleatória. O que fiz foi buscar por usos da expressão “imagem” em trechos da obra de Simmel que considero: (1) relevantes, dado o conteúdo desta dissertação; (2) para a preparação das quais é razoável presumir que Simmel tenha ou retomado suas leituras de Kant ou, pelo menos, tido Kant em mente. Assim, a primeira passagem foi buscada no excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie* (no qual Simmel faz, para a sociedade, a pergunta que Kant havia feito, para a natureza: como ela seria possível?); a segunda, da seção inicial do primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes*, no qual Simmel estabelece algumas analogias com as ideias de Kant (ainda que, claro, não só com as dele; dentre as mais explicitamente dirigidas à Kant, é possível mencionar as analogias **P.1.a.10**, **P.1.a.11**, **P.1.a.14**); e a terceira, da primeira lição de *Kant*. Outros exemplos do emprego da expressão “imagem” em um sentido próximo ao que aqui interessa podem ser encontradas ao longo deste trabalho. Cf. GSG, v. 10, pp. 164-5, passagem essa traduzida na p. 179 desta dissertação; GSG, v. 11, pp. 44-5, traduzida na p. 224, nota 113 desta; e GSG, v. 11, pp. 291-2, traduzida a altura da p. 291.

28. GSG, v. 11, pp. 47-8; *grifos* conforme o original.

29. GSG, v. 6, p. 41.

realmente nós mesmos, ao passo que inclusive ali, onde queremos conhecer a nós mesmos, capturamos uma mera *imagem* do nosso ser.³⁰

Devemos, aqui, ignorar a multiplicidade de contextos a que se ligam essas várias formulações e nos concentrar no que há de comum ao uso da expressão *imagem*: esta é sempre apresentada como uma limitação, um aspecto do real graças a que, inescapavelmente, se *forma* uma impressão objetiva a partir do referente dado³¹. Na primeira passagem, o referente em questão – o “ser” – é uma outra pessoa, e a imagem que fazemos do outro é concebida como um desvio necessário: a nossa intuição da alteridade é, para Simmel, sempre incompleta³², e essa incompletude é uma daquelas condições formais sem as quais a sociedade, como a conhecemos, não seria possível³³. Já na segunda passagem, é a vez do distanciamento ser apresentado como uma das inúmeras maneiras segundo a qual se forma uma imagem objetiva a partir do real; apenas dentro de certos limites, *a uma determinada distância*, é que as coisas se apresentam para nós como figuras ou imagens *objetivas*³⁴. A terceira passagem, enfim, praticamente dispensa comentários, já que, nela, o que testemunhamos é justamente a imagem reproduzida por Simmel da filosofia kantiana: o caráter limitado da aderência do pensamento ao real, que o converte em imagem, nada mais é senão um gesto típico da personalidade filosófica de Kant, uma impressão de seu modo pessoal de fazer filosofia, uma aplicação de sua fórmula, cuja essência é o estabelecer limites³⁵. Esse caráter incompleto ou parcial da

---

30. GSG, v. 9, p. 15; *grifos* conforme o original.

31. Vale notar que a relação semântica, aqui sublinhada, entre o substantivo “imagem” e o verbo “formar”, no sentido específico aqui implicado, é muito mais autoevidente na língua alemã do que na portuguesa: *Bild* [imagem], *bilden* [neste contexto: formar].

32. I.e.: imperfeita, num sentido semelhante àquele tratado na primeira seção deste capítulo (cf. a p. 33).

33. Observe-se como o ponto para o qual Simmel quer chamar a atenção, nessa passagem, é especialmente delicado: o que ele tinha em vista, ao afirmar que os desvios graças aos quais se forma, para nós, a imagem do outro não seriam “meras ilusões [...] da visão deficiente”, e sim “alterações fundamentais da qualidade do objeto real”, era que tais desvios não são exatamente confusões ou enganos acidentais, mas necessários – sendo que aqui Simmel segue bem de perto a refutação do idealismo proposta por Kant. O idealismo criticado por Kant é aquele que toma a realidade exterior como uma mera ilusão dos sentidos; conforme essa acepção do termo, Kant é tudo, menos um idealista: para ele, a realidade exterior – o “ser” das coisas – deve sempre e necessariamente existir, ainda que o acesso a tal realidade seja, também necessariamente, mediado pela configuração interna da mente (cf. KANT, 2010, p. 243 e as seguintes; ref.: B 274). Podemos aplicar essa lição ao exemplo de que partimos, para em seguida encadeá-la numa analogia com as ideias de Simmel: há, para Kant, um ângulo do prato que é, de fato, redondo, embora a intuição do redondo só se realize na aderência do pensamento ao prato conforme esse determinado ângulo; analogamente, haveria, para Simmel, inúmeras angulações possíveis para cada personalidade individual, embora nossa intuição do outro se realize apenas, a cada momento, por meio de um recorte de um desses ângulos em particular. A teoria simmeliana da tipificação social (apresentada ao longo do excuro de que extraí a passagem acima) é um desdobramento dessas ideias – que o conduzem, contudo, progressivamente para longe das formulações kantianas, à medida que Simmel pontua as diferenças entre um mero objeto passivo do entendimento e o outro (i.e.: o “tu”, que é também, para si, um “eu”) enquanto objeto do entendimento.

34. A categoria do distanciamento, da tomada de distância, é, como se sabe, essencial para Simmel – nela se acha representada, de resto, uma diferença crucial entre Simmel e o Kant da *Estética Transcendental* (passagem em que encontramos sua exposição metafísica do conceito de espaço). Pois o que Simmel concebe como uma propriedade fundamental e única do espaço – o distanciamento –, Kant o conceberia como um mero acontecimento situado *no* espaço. Simmel eleva o distanciamento (junto com seu complemento, a aproximação) ao patamar de categoria espacial *sui generis*, afastando-se, assim, de Kant – mas, nesse mesmo movimento, adaptando as ideias que circulavam no ambiente cultural de sua época para que dessem conta de inúmeros aspectos do real que se havia, até então, ignorado: como é o caso da consideração sociológica dos sentidos humanos (cf. GSG, v. 11, pp. 722-44; trata-se aí do excuro sobre a sociologia dos sentidos, situado na quarta seção do nono capítulo da *Soziologie*; para mais detalhes sobre a montagem desse capítulo, cf. a nota 154 da p. 238, contida na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho), bem como o de sua consideração filosófica do dinheiro (cf., GSG, v. 6, em especial as pp. 658-78 – trecho do último capítulo da *Philosophie des Geldes* em que Simmel trata da determinação do estilo de vida tomando como modelo analógico a categoria da distância).

35. Cf. a nota 6 desta seção, bem como as referências ali contidas. Como o próprio Simmel, aqui também escorregamos da imagem (que é mais particular) para o esquema (mais geral), desconsiderando, assim, os limites que Kant estabelece entre tais conceitos.

imagem é, note-se bem, inteiramente adequado ao tratamento que Kant dá à ideia³⁶; mas Simmel, no ato de apropriar-se dela, a modifica ligeiramente: acrescenta, a essa metáfora puramente espacial do limite, o movimento no sentido de sua superação. Um limite é, para Simmel, também aquilo que buscamos a todo momento atravessar, é um constrangimento de que buscamos a todo momento nos livrar ou liberar³⁷. Para ele, a ideia do limite é o comum tanto ao conceito de imagem, como ao de esquema – é, digamos, o que Kant seria obrigado a conceber (caso estivesse disposto a acatar a apropriação simmeliana de sua doutrina do esquematismo) como o esquema de *ambos* os conceitos. Ou, para dizê-lo de outro modo: ao enfatizar o que há de limitado em toda imagem, Simmel acessa o conceito por meio de uma linguagem que *também* pode ser aplicada para traduzir o conceito de esquema: contornando, assim, a distinção entre ambos, assim como Kant a havia proposto. Concebidas mediante a metáfora espacial do limite, a diferença entre esquema e imagem deixa de ser qualitativa e passa a ser quantitativa³⁸: o limite de um esquema é apenas mais limitador, mais inescapável, mais difícil de contornar que o de uma imagem. Assim, não é por acaso que Simmel tantas vezes cercava a palavra “esquema” e suas derivações ora de adjetivos associados à metafórica da limitação³⁹, ora de partículas restritivas⁴⁰. Essa valorização negativa do conceito é algo que o próprio Kant procurou evitar, um juízo que ele não emite em lugar algum, mas que está, não obstante, amarrada à própria linguagem de que ele lança mão para se exprimir: pois, ao imaginar o esquema como um limite, o que fazemos, junto de Simmel, é apenas desdobrar a afirmação de que, sem os esquemas, nossos juízos não seriam possíveis⁴¹. Nesse desdobramento, Simmel acaba pondo de cabeça para baixo a imagem de mundo kantiana: nos autoriza a pensar, a imaginar o redondo não mais como meramente a

---

36. Cf., p. ex., o trecho final da passagem referida na nota 18 desta seção.

37. Como indiquei numa outra nota, Simmel, ao longo do segundo capítulo de sua *Lebensanschauung*, explora detalhadamente, e de forma bastante direta, a analogia mais fundamental entre visão e cognição – que, por sua vez, atravessa boa parte de sua obra, conforme o que será mostrado a partir do terceiro capítulo deste trabalho. Algo semelhante pode ser dito da metáfora do limite, de que Simmel trata no primeiro capítulo da *Lebensanschauung* – metáfora essa que pode ser aqui concebida como uma elaboração a partir da analogia mais fundamental entre espaço e cognição, para adiantarmos a terminologia em que, mais adiante, tais questões serão tratadas. Há inúmeras passagens que poderiam ser tiradas do livro para ilustrar o ponto; esta, p. ex.: “Pois, ainda que o limite em geral seja com efeito necessário, todo limite em particular pode ser superado, tudo o que se fixa, deslocado, todo o constrangimento, arrebatado; cada um desses atos, é claro, encontra ou produz o novo limite” (GSG, v. 16, p. 213). Deve-se, contudo, tomar algum cuidado em usar essas ideias como guias para a compreensão da imaginação simmeliana: pois elas são racionalizações tardias, elaborações posteriores sobre seu próprio trabalho. Mas, caso se tome o devido cuidado, está ao meu alcance sugerir – embora essa não seja uma tarefa que eu pretenda levar a cabo – que a maneira *mais correta* de nos dirigirmos ao livro final de Simmel talvez não seja referindo os conceitos ali apresentados à *Lebensphilosophie* (filosofia da vida), às ideias de um Bergson ou, mais indiretamente, às de um Nietzsche, como às vezes se faz; sua obra final talvez deva ser lida mais como um exercício derradeiro de escavação sobre o seu *próprio* repertório de imagens, um exame tardio acerca daqueles conceitos mais básicos em que ele teve de se apoiar, para obter os resultados que obteve. Nesse sentido, a vida que Simmel, retrospectivamente, intui ou revê em seu último livro talvez seja a sua *própria* (ou melhor: um recorte de sua vida intelectual, de sua vida enquanto pensador, enquanto filósofo).

38. Ou então, para expor o mesmo por meio de outro dualismo, também muito caro a Simmel: deixa se apresentar como absoluta, e passa a se apresentar como relativa.

39. Eis um exemplo, extraído de uma analogia que será comentada mais a frente neste trabalho: “[...] é aí que a generalidade concreta, que a objetividade viva da sociedade se introduz, muitas vezes desastrosa, constrangedora e esquematicamente, mas ainda assim como um poder transubjetivo que fornece uma norma ao indivíduo, antes que ele a tenha derivado da própria estrutura das coisas, da regularidade reconhecida nessa estrutura” (passagem extraída da analogia **S.3.a.32**, disponível em GSG, v. 11, p. 237, e aqui traduzida na p. 265, a altura do excursus à segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho).

40. Como na seguinte passagem da primeira lição de *Kant*: “Eu tenho ainda de me deter mais um pouco nessa característica geral, embora ela não esteja, provisoriamente, comprovada, e seja uma mero esquema” (GSG, v. 9, p. 16; grifo meu).

41. O que implica que todo juízo se encontraria necessariamente “dentro” dos limites que Kant havia imaginado para a faculdade de julgar, com sua doutrina do esquematismo.

condição de possibilidade para a comparação entre o círculo puro e o prato ou entre o círculo puro e o de giz (sendo esse o modo como Kant o havia pensado, imaginado)⁴²; o redondo é, antes, ou além disso, apenas o resultado necessário de uma comparação em si mesma desnecessária – mas que, em dado momento, aconteceu⁴³. Outro modo de concebermos a inversão simmeliana é o seguinte: diremos que se, para Kant, a imagem só é possível graças ao esquema, para Simmel, o esquema é, no fundo, apenas uma imagem, ainda que não seja uma imagem qualquer, mas sim uma especialmente difícil de contornar, de evitar. Diante de tamanha dificuldade, podemos nos perguntar: o que Simmel *faz*, afinal, com os esquemas de Kant? A resposta para tal é consideravelmente mais simples do que o caminho que tivemos de percorrer, antes de formularmos essa pergunta da maneira devida⁴⁴: Simmel, em primeiro lugar, se utiliza de tais esquemas como meros pretextos para juntar imagens situadas em regiões muito distintas no mundo dos fenômenos em geral (e no mundo social, em particular), para comparar pratos com círculos de giz (ou a aristocracia de Esparta com a de Veneza)⁴⁵.

O que nos permite, enfim, responder àquela questão que havíamos formulado anteriormente, mas que deixei, então, sem responder: qual a relação entre um círculo desenhado com giz numa lousa e um prato configurado em conformidade ao conceito puro de um círculo? Trata-se aí de uma semelhança formal, de uma analogia aplicada ao mundo dos fenômenos – o que é válido tanto para Kant, como para Simmel. Contudo, diante de analogias como essa, o que Kant *faz* é *se perguntar* quais seriam as condições formais que nos permitiriam em primeiro lugar percebê-las ou intuí-las⁴⁶ – ao passo que o que Simmel *faz* é, inversamente, *construir* tais analogias, i.e.: colocá-las diante de nós, apresentá-las.

É claro que a atividade de Simmel só poderá ser considerada consequente ou frutífera, caso se prove o valor próprio do procedimento analógico: i.e.: caso a elaboração de analogias possa, em princípio, se converter em ganho cognitivo. Esse valor, por evidente, não deve ser pensado como um valor absoluto, ou seja: não é preciso provar que toda e qualquer analogia se converta, necessária e automaticamente, em ganho cognitivo. A demonstração do valor da analogia a que aqui me refiro significa precisamente – como veremos – a explicitação e particularização de seu domínio legítimo de aplicação, a exposição de seus

---

42. E com isso, por implicação, também entre o prato e o círculo de giz que, conforme a doutrina kantiana, teriam de ser pensados como duas realizações distintas (“paralelas”) de um mesmo conceito puro.

43. Ou, o que dá no mesmo: necessária apenas para satisfazer a exigência formal do “arredondamento sistemático”, que Simmel atribui (com ou sem razão) a Kant: uma vez que Kant distingue um conceito puro de um empírico (i.e.: estabelece o limite entre um e outro), precisa dar conta do problema que ele mesmo criou, após realizar essa separação: o problema decorrente do fato de que, apesar dessa distinção, somos capazes de reconhecer um conceito no outro, do fato de que esse limite tem, pois, um limite. Ou então, para ilustrar o problema junto aos nossos exemplos: do fato de que não seria razoável negar que a aplicação do adjetivo “redondo” seja correta, caso aplicada ao círculo puro, mas incorreta, caso aplicada ao círculo de giz, ou ao conceito empírico de um prato.

44. I.e.: investigando o que “esquema” significava para Kant e, em seguida, o que Kant e seus esquemas significavam para Simmel.

45. Assim, pelos esquemas, enquanto tais, Simmel nunca realmente se interessou (ao contrário de Kant) – seria inclusive mais adequado dizer que os desprezava, no sentido de considerá-los simplificações grosseiras ou meros enquadramentos gerais que ele precisava, de todo o modo, expor, para que pudesse pôr uma ao lado da outra suas visões (digamos) do mundo social.

46. Eis como Kant assimilaria tal semelhança à sua doutrina do esquematismo (desdobrando, aqui, o exposto na nota 42, acima): tanto pratos, como círculos de giz são configurados em conformidade com o conceito puro do círculo, e essa conformidade origina-se, por sua vez, do esquema do redondo. Logo, o esquema do redondo subjaz, necessariamente (ainda que de forma indireta), a ambas as imagens em questão.

limites; por isso mesmo podemos, como o fez Simmel, nos apoiar em Kant para conduzir tal demonstração. Antes, contudo, de examinarmos o juízo de Kant a propósito do procedimento analógico, convém abrir espaço para uma rápida observação terminológica, tendo em vista esclarecer como eu, e não Kant, nem Simmel, tenho procurado usar as expressões cujos sentidos acabamos de estudar.

I.3.1. Observação terminológica quanto ao uso pretendido dos termos “esquema” e “imagem”

Como vimos, se Simmel emprega a palavra “imagem” de modo muito parecido como Kant a concebia, o mesmo não se pode dizer da palavra “esquema” – do que podemos concluir que a relação entre ambas as noções, assim como Kant a formulou, precisou ser, ao menos parcialmente, negada por Simmel. Ou, para ser mais exato: a relação entre imagem e esquema, formulada por Kant como uma espécie de distinção absoluta (segundo a qual o esquema é condição de possibilidade da imagem, de modo que o conceito desta está subordinado ao daquele) foi virada de cabeça para baixo por Simmel, que trataria o esquema como forma especial de imagem (relativizando, assim, a distinção de Kant). Neste trabalho, as palavras “imagem” e “esquema” serão, via de regra, empregadas tendo por modelo o uso que Simmel, e não Kant, fazia dos termos⁴⁷. A justificativa para tal é simples: este é um trabalho sobre Simmel, e não sobre Kant. É claro: o uso que eu, seguindo Simmel, faço do conceito de esquema tem, necessariamente, de ser considerado equivocado, se o medirmos com o metro de Kant. Afinal, a acepção atribuída por Kant ao termo “esquema” está implicada como um passo ou uma parte de sua monumental *Crítica da Razão Pura* – passagem ou participação essa que só pôde ser resumida, neste trabalho, muito grosseiramente (ou seja, para aproveitar a ocasião e exemplificar o ponto desta observação: esquematicamente). Há inclusive diversos elementos essenciais para a caracterização do conceito kantiano de esquema que foram, aqui, ignorados, por não fornecerem, no meu juízo, qualquer pista relevante para a apropriação que Simmel faria das ideias de Kant – p. ex., sua importantíssima definição de esquemas como “determinações *a priori* do tempo, realizadas segundo regras”, que mencionei, mas não desenvolvi, numa nota de rodapé⁴⁸. Medir, contudo, Simmel com o metro kantiano seria como tentar subsumir o conceito empírico de um prato quadrado no conceito puro de um círculo, i.e.: um péssimo uso da faculdade de julgar. Caso Simmel fosse se preocupar em adequar seus conceitos um a um ao sistema kantiano, conforme este os havia formulado, não poderia, p. ex., ter escrito a sua *Philosophie des Geldes* – que acaba, digamos, justamente onde a *Crítica da Razão Pura* havia começado, i.e.: numa estética, só que agora destrancendentalizada, adequada para exprimir o problema, completamente alheio à filosofia kantiana, da determinação do estilo de vida⁴⁹. Mas deixemos de lado

---

47. Ou, para ser mais exato: conforme a minha reconstrução de como Simmel os empregava.

48. A nota 14, mais acima, nesta seção.

49. Aquela obra sua com que Simmel mais se identificava era uma filosofia do dinheiro (e não uma psicologia, ou uma sociologia, ou um “esboço”, nem mesmo uma contribuição *para* a filosofia do dinheiro). Esse é um aspecto muito importante do livro: pois

esses aspectos mais gerais da apropriação que Simmel fez das ideias elaboradas por Kant, para retomar a apropriação específica de uma delas – a de esquema. Pois, embora Simmel utilize muitas vezes a expressão como uma referência a Kant, seu uso apenas raramente coincide com o conceito kantiano propriamente dito – sendo, ao invés disso, um uso muito mais próximo de sua acepção de senso comum. E é curioso, mas não surpreendente, que tal acepção do termo (i.e.: a que Simmel empregava) seja mais próxima de sua acepção mais original do que da kantiana (que, para ser bem compreendida, precisaria ser devidamente referida segundo sua relação com os *outros* conceitos expostos na primeira *Crítica*): a palavra “esquema” tem sua origem no grego, em que funcionava como sinônimo de *forma, figura, aparência*⁵⁰. É isso, por

---

Simmel só se sentiria à vontade para dar esse nome a esse trabalho, após ter prestado contas àquela história para a qual ele, com tal obra, pretendeu contribuir: a da filosofia. Por conta disso, um dos modos como podemos estudar esse livro é realizando uma interpretação de como, afinal, Simmel se apropriou dessa história para nela buscar se impor. Uma das conclusões a que cheguei na elaboração *deste* trabalho, cujo objetivo é apenas estudar as funções do procedimento analógico em Simmel, é que uma dessas funções é a de levar a cabo tal apropriação: em inúmeras passagens da *Philosophie des Geldes*, o que Simmel faz é mostrar no dinheiro – ou então, no processo que leva à formação do valor monetário, no ato da troca, no curso da evolução da liberdade individual, em suma: no universo de ideias e acontecimentos que, como mostra Simmel, gravitam em torno do dinheiro – podemos observar as mesmas relações de dependência entre as coisas com que os grandes filósofos haviam se ocupado, o que eles, justamente, tiveram em vista (sobre isso, cf. o item II.1.6.2.1.3 deste trabalho, a partir da p. 146). Mas não é só *dessa* forma que Simmel se apropriou da história da filosofia. E dentre o seleto rol de interlocutores que Simmel considerou suficientemente dignos para que frequentassem as páginas desse que era, afinal, o produto mais bem acabado do seu trabalho intelectual – Heráclito, Sócrates, Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Espinoza, Hume, Rousseau, Kant, Goethe, Schiller, Fichte, Schleiermacher, Hegel, Schopenhauer, Comte, Proudhon, Marx e Nietzsche, para ficar aqui nos nomes indexados em GSG, v. 6, pp. 786-7 e os quais se pode, nuns casos mais, noutros menos acertadamente, chamar de “filósofos” –, eu gostaria de selecionar apenas um (Kant, evidentemente) para, nesta nota, exemplificar aquele que é, a princípio, um *outro* modo como Simmel se apropriaria dessa história – desdobrando um pouco, com isso, a afirmação a que se liga esta nota de rodapé. Pois bem: a exposição metafísica dos conceitos de espaço e de tempo é o primeiro passo da primeira *Crítica*; a essa altura, Kant expõe as condições mais gerais de possibilidade para a experiência, os limites últimos e necessários da sensibilidade (daí que se trate de uma estética e, mais que isso, de uma estética transcendental). Algo como uma exposição metafísica dos conceitos do espaço e do tempo: é, em parte, isso o que encontramos na última seção do último capítulo da *Philosophie des Geldes*. Mas a estética de Simmel, ao contrário da de Kant, não é transcendental, mas imanente; e é, além disso, mobilizada apenas como uma linguagem (simbólica e econômica) para a qual Simmel procura traduzir a variedade das formas de vida e o processo por trás dessa variedade (a transformação das formas de vida). Com sua “estética”, Simmel é capaz, p. ex., de *destacar* aqueles elementos da vida moderna que se sobressaem, quando comparados com os estilos de vida que lhe antecederam. Essa “estética” é imanente (caso comparada à de Kant) também no sentido de que os “conceitos” do espaço e do tempo (e da ligação entre eles) que Simmel ali expõe não mais indicam as condições absolutas da experiência possível, não são mais conceitos puros, mas, na linguagem de Kant, conceitos empíricos, ou seja, passíveis de serem situados *no* espaço e *no* tempo (conforme o que já foi indicado nesta seção, e o que será retomado em outro capítulo). Trata-se aí, no caso de Simmel, da distância, do ritmo e da velocidade. Mas Simmel dá, a esses “conceitos empíricos”, o nome de *analogias* – e as suas analogias são três, como as analogias da experiência que Kant, por sua vez, expusera não em sua *Estética*, mas em sua *Lógica Transcendental*. É claro: as analogias da experiência a que Kant se refere são algo completamente distinto daquelas a que Simmel se refere. Mas nem Kant, nem Simmel chamaram por acaso a essas coisas de analogias. Da sua parte, Kant se serve de tais analogias para exprimir as relações possíveis segundo as quais os objetos se relacionariam uns com os outros no tempo (minha formulação, aqui, visa indicar que suas analogias são relações de relações, como apontam M. Heidegger [1987, pp. 175-7] e C. Sehnem [2009, pp. 66-7]); estão são: a substância (em que se expressa uma relação de permanência no tempo); a causalidade (em que se expressa uma relação de sucessão); e a ação recíproca [Wechselwirkung] (em que se expressa, para Kant, uma relação de simultaneidade). O que Simmel, da sua parte, pretendia com as suas três analogias era buscar uma linguagem na qual a diversidade dos estilos de vida encontraria a sua máxima expressão. Para realizá-lo e, ao mesmo tempo, prestar contas à parte da história da filosofia que coube a Kant – nesse ato, “superando-a” –, Simmel precisava, digamos, “reunir” as condições lógicas da experiência com as estéticas, que Kant havia separado. Essa fusão, essa jogada, Simmel a realiza ao expor o seu conceito metafísico de espaço (cuja analogia é a distância) e o de tempo (cuja analogia é o ritmo) e o da ligação entre ambos (cuja analogia é a velocidade, que nada mais é, senão uma razão ou relação entre tempo e espaço) segundo a mesma forma na qual Kant havia exposto as condições lógicas da experiência: na forma de três analogias.

50. Isso conforme o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, que informa ainda que a palavra “esquema” chegou às línguas modernas vinda do grego, e passando pelo latim. Para confirmar a informação do *Houaiss*, consultei ainda a entrada “Schema, Schematismus” do *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, em que lemos o seguinte: “No grego antigo, a expressão *σχῆμα* [esquema] era usada, na linguagem coloquial, para designar a postura externa em que alguém se dá, o formato [Gestalt] encontrado para alguma coisa, a aparência em geral, que possibilita a distinção” (cf. a pp. 1246-7, v. 8; *grifos conforme o original*). Como se vê, estamos aí muito próximos do conceito de imagem, conforme Simmel e Kant o empregavam.

sinal, o que justifica o emprego da palavra “esquema” na definição operacional para o conceito de analogia, conforme Simmel o empregava⁵¹.

Apesar disso tudo, utilizarei justamente um daqueles elementos da definição desses conceitos em Kant que Simmel precisou negar, e que confere sentido à distinção kantiana entre esquema e imagem. Esta é, como vimos, mobilizada para resolver certo impasse advindo da distinção entre conceitos puros e conceitos empíricos – e esse é um impasse que, ao ignorar (na prática) as distinções kantianas, Simmel deixaria sem resolver, contrabandeando-o para a sua filosofia e para a sua sociologia. A distinção que gostaria de manter é aquela entre o conceito puro e o empírico. Contudo, na tentativa de evitar as consequências indesejadas que daí poderiam advir, aplicarei tal distinção a um contexto distinto, estranho ao sistema kantiano: como parâmetro para a distinção entre “exemplo” e “analogia”. Assim, aquilo que, segundo Kant, o conceito empírico de um prato é, na sua relação com um conceito puro de um círculo, irei considerar que é um determinado *exemplo*, na sua relação com um determinado *modelo* – passo esse que, aliás, já foi indicado anteriormente nesta seção. Agora que estamos deixando para trás a doutrina kantiana do esquematismo e sua apropriação subsequente da parte de Simmel, posso, enfim, apresentar uma justificativa para o passo (o que não fiz anteriormente): considero importante mantê-la aqui, pois ela fornece um parâmetro graças ao qual podemos separar os exemplos das analogias de Simmel. Para resumi-lo: o modo relação entre um círculo puro e um prato indica o procedimento de exemplificação; ao passo que o modo de relação entre um prato e um círculo de giz indica o analógico. Se nivelamos o conceito do círculo puro com o do prato e com o do círculo de giz, não podemos mais distinguir o que indica o procedimento analógico, e o que indica exemplificação⁵² – sendo que é justamente isso o que Simmel fez em inúmeras ocasiões. A ideia, portanto, é que precisamos separar exemplos de analogias, destacar, primeiro, a diferença entre ambos, para que possamos, depois, em nossa consideração do papel do procedimento analógico na *Philosophie des Geldes*, apreciar da maneira devida o passo dado por Simmel no sentido de juntar, no objeto mesmo de uma tal filosofia, essas duas coisas.

***

O que viabiliza a fusão referida na observação anterior é, como ficará indicado ainda nesta seção, a montagem da teoria do conhecimento criada por Simmel para lidar com o dinheiro como objeto de uma filosofia. Um dos passos centrais nessa montagem envolveu, mais uma vez, a apropriação específica que Simmel faria de Kant – e justamente daquele Kant que demonstraria o valor próprio da analogia. Esse juízo acerca do uso legítimo da analogia pode ser resumido na seguinte expressão, já mencionada ao longo deste capítulo: na sua *função heurística*. Mas o que, exatamente, essa expressão resume?

---

51. Para essas definições, cf. p. 161 deste trabalho.

52. Essa mesma distinção, aplicada aqui aos exemplos com que trabalhamos nesta seção, será exposta, só que em registro mais geral, no item II.2.1.1.1 deste trabalho, a partir da p. 169.

Para responder essa questão, devemos nos voltar à definição de analogia que Kant nos oferece no capítulo sobre o *Sistema de todos os princípios do entendimento puro* – que é o capítulo seguinte àquele em que ele expusera sua doutrina do esquematismo, o segundo, portanto, da *Analítica dos Princípios*. Eis a definição que nos interessa:

Na filosofia, as analogias significam algo muito diferente do que representam na matemática. Nesta última, são fórmulas que exprimem a igualdade de duas relações de grandeza e são sempre *constitutivas*, de modo que, quando são dados três membros da proporção, também o quarto será dado desse modo, quer dizer, pode ser construído. Na filosofia, porém, a analogia não é a igualdade de duas relações *quantitativas*, mas de relações *qualitativas*, nas quais, dados três membros, apenas posso conhecer e dar *a priori* a relação com um quarto, mas não esse próprio quarto membro; tenho, sim, uma regra para o procurar na experiência e um sinal para aí o encontrar.⁵³

Kant parte aqui obviamente do modelo proporcional da analogia, para em seguida estabelecer uma distinção importante entre a aplicação legítima dessa forma de raciocínio na matemática e na filosofia. Já consideramos essa distinção ao longo da primeira seção deste capítulo, mas o que fizemos então foi apenas caracterizá-la, atribuindo a cada uma das variações da analogia um predicado que permitia especificar, para cada respectiva variação, duas das propriedades básicas da noção de proporcionalidade: a reversibilidade e a extensibilidade. Assim, estabelecemos que qualquer proporção estritamente numérica (i.e.: matemática)

---

53. Cf. KANT, 2010, p. 210; ref.: B 222; *itálicos conforme o original; grifo meu*. Essa não é a única passagem da obra de Kant em que encontramos uma definição e um juízo acerca da analogia. Consultei também as lições de Kant sobre *Lógica* e seus *Prolegômenos*. Na *Lógica*, Kant afirma que “a analogia infere da semelhança particular de duas coisas a semelhança total, segundo o princípio da especificação: as coisas de um gênero das quais conhecemos muitos aspectos concordantes também concordam nos demais aspectos que conhecemos em algumas coisas deste gênero, mas não percebemos em outras” (KANT, 1992, p. 151; *grifos conforme o original*). O juízo de Kant (que aqui se refere tanto à analogia como à indução) é este: “As mencionadas inferências do poder de julgar são úteis e indispensáveis para a ampliação do nosso conhecimento por experiência. Mas, como só proporcionam certeza empírica, devemos nos servir delas com prudência e cautela” (idem, p. 152). Não só essa é uma passagem difícil de conciliar com a definição encontrada na primeira *Crítica*, como passa ao largo do que mais nos interessa: aqui, Kant apenas menciona a utilidade que tais analogias (tratadas como inferências empíricas) teriam para a ampliação do nosso conhecimento, mas não nos diz *como* ou *em que sentido* isso se daria. Nos *Prolegômenos*, encontramos uma definição mais próxima da da primeira *Crítica*, que contém uma nota de rodapé muito esclarecedora, do próprio Kant, e que, por isso, eu incorporei à citação abaixo, cercanda-a entre {chaves}:

Um tal conhecimento é um conhecimento por analogia, que não significa, como a palavra se entende comumente, uma semelhança imperfeita entre as duas coisas, mas uma semelhança perfeita de duas relações entre coisas inteiramente dissemelhantes. {Assim, existe uma analogia entre a relação jurídica de ações humanas e a relação mecânica de forças motrizes: nada posso fazer contra outrem sem lhe dar um direito de, nas mesmas condições, fazer o mesmo contra mim; igualmente, nenhum corpo pode agir sobre outro com a sua força motriz sem que, deste modo, o outro reaja sobre ele na mesma medida. Aqui, o direito e a força motriz são coisas inteiramente dissemelhantes, mas existe na sua relação uma completa semelhança. Por meio de uma tal analogia, posso, pois, dar um conceito de relação entre coisas que me são totalmente desconhecidas. Por exemplo, assim como a promoção da felicidade das crianças = a se refere ao amor dos pais = b, assim a prosperidade do gênero humano = c se reporta ao que é desconhecido em Deus = x, que nós chamamos amor; não é que este amor tenha a menor semelhança com alguma inclinação humana, mas porque podemos pôr a sua relação ao mundo como semelhante àquela que as coisas do mundo têm entre si. O conceito de relação, porém, é aqui uma simples categoria, a saber, o conceito de causa, que nada tem a ver com a sensibilidade.} Graças a essa analogia, resta um conceito de ser supremo suficientemente determinado para nós, embora tenhamos deixado de lado tudo o que o poderia determinar absolutamente e em si mesmo; com efeito, determinamo-lo, contudo, relativamente ao mundo e, por conseguinte, a nós, e nada mais nos é necessário. (KANT, pp. 152-3; ref.: *Prolegomena*, A 176, § 58; *grifos conforme o original*)

Comparada a esta, a definição anterior, presente na *Lógica*, parece mais próxima disso que, aqui, Kant alude como sendo a acepção de senso comum para o termo. Seja como for, essa definição, além de ser bastante colada ao modelo proporcional da analogia, é bem próxima daquela que, neste trabalho, tomarei como a definição operacional do conceito de analogia em Simmel.

possui reversibilidade perfeita e extensibilidade recursiva, ao passo que as não-numéricas possuiriam reversibilidade imperfeita e extensibilidade limitada (i.e.: não-recursiva, conforme a definição do termo apresentada na primeira seção deste capítulo⁵⁴). Adiantei, àquela altura, algumas das conclusões que poderíamos tirar daí, mas então o fiz por meio do enfoque de alguns exemplos⁵⁵, e indiquei ainda que Kant *explicitaria* a diferença em questão de forma mais precisa, atribuindo-lhe uma definição positiva para o conceito no domínio da filosofia⁵⁶. Observe-se agora que, baseado no exposto na primeira seção deste trabalho, tudo o que tínhamos era uma definição *negativa* da analogia filosófica, em que se apreendia esta apenas genericamente como uma espécie de analogia não-numérica; mesmo suas propriedades básicas são definidas de forma inteiramente negativa (i.e.: pela negação de uma qualidade atribuída positivamente ao modelo matemático da analogia). Kant, por sua vez, remete a distinção entre a analogia quantitativa, puramente matemática, e a qualitativa, passível de ser aplicada à filosofia, a um par conceitual mais abrangente que o da própria noção de proporcionalidade, emitindo, a partir daí, um juízo ou uma apreciação sobre o seu uso legítimo em cada uma dessas áreas do conhecimento. E é nesse sentido que se dirá aqui que as analogias matemáticas possuem um *valor constitutivo*, ao passo que as filosóficas ou metafísicas, um *valor regulativo ou heurístico*.

O par conceitual que, conforme se pode inferir a partir do argumento de Kant, ultrapassaria a noção de proporcionalidade, de modo a apreendê-la em si, é o mesmo que ele aplicou para ordenar o seu sistema de todos os princípios puros do entendimento. Esse sistema possui dois eixos básicos: de um lado, está o princípio supremo do entendimento puro na base dos quais todos os juízos analíticos seriam formados, que é o princípio da contradição; do outro lado, estão aqueles na base dos quais os juízos sintéticos seriam formados, que são quatro. Kant concebe tais princípios como meras regras para a aplicação dos conceitos puros gerados pelo entendimento (que ele chama de categorias); como vimos, segundo sua doutrina do esquematismo, tal aplicação só seria possível graças a determinados esquemas. Assim, como as categorias mais gerais do entendimento, que Kant expusera no livro anterior à *Analítica dos Princípios*, foram arranjadas conforme *quatro* funções básicas do pensamento⁵⁷, deve haver, para a aplicação de cada uma delas, um princípio correspondente – o que pressuporia, mais uma vez de acordo com a doutrina do esquematismo, quatro esquemas mais gerais, cada um deles necessário para fazer a ligação entre

---

54. Cf. a p. 18, situada na primeira seção deste capítulo.

55. Como é o caso da comparação entre analogias estritamente numéricas e aquelas que Aristóteles menciona em sua *Poética*; cf., p. ex., a passagem dessa obra citada na p. 24 deste trabalho.

56. Apenas para recapitular: conforme a avaliação de um de seus comentadores, Aristóteles já operava com o conceito de analogia qualitativa, ainda que não o tenha designado (cf. a nota 40, na p. 27 deste trabalho). Kant, como vimos, o designa de forma bem explícita, com todas as letras – o que torna suas formulações um ponto de acesso bem mais adequado para a nossa consideração desse fragmento em particular da história da analogia. Também devemos notar que Kant não foi o primeiro a propor essa distinção entre analogias quantitativas e qualitativas – esse era um tema, p. ex., da escolástica. Contudo, também nesse caso as formulações de Kant fornecem uma referência muito mais relevante, quando o que interessa é lançar luz sobre o modo como Simmel assimilou, para si, esse fragmento da história do conceito.

57. Cada uma delas contendo três momentos distintos, como havia advertido Simmel: cf. a tabela presente em KANT, 2010, p. 104; ref.: B 95. Cf. ainda a “Tábua das Categorias”, na qual Kant, na sequência, arranjaria as doze categorias aristotélicas (cf. KANT, 2010, pp. 110-1; ref.: B 106).

determinada função do pensamento e o respectivo princípio para a aplicação desta⁵⁸. Tais princípios – que são, portanto, quatro –, Kant os divide, simetricamente, em dois pares, e dá, ao primeiro par, o nome de matemáticos e, ao segundo, o de dinâmicos. O primeiro dos princípios matemáticos, Kant o chama de axiomas da intuição⁵⁹, e o segundo, de antecipações da percepção⁶⁰ – ambos possuem, para Kant, valor *constitutivo*. Já os princípios dinâmicos são, de um lado, as analogias da experiência e, de outro, os postulados do pensamento empírico – que possuem, para Kant, valor *regulativo*. A definição do conceito de analogia que lemos anteriormente está contida na exposição do terceiro princípio – que é, como vemos, apenas uma *parte* do sistema que Kant construiu para articular todos os princípios do entendimento puro⁶¹.

---

58. Para uma representação gráfica disso tudo, cf. a Figura 2, abaixo. Tal figura é baseada na de HÖFFE, 2010, p. 198, sendo idêntica a esta em seu conteúdo, mas vertida para o português, conforme KANT, 2010.

59. O esquema para tal é a *quantidade*. Os axiomas da intuição são, para Kant, uma das bases de toda a matemática (cf. HÖFFE, 2005, pp. 124-5) – e, portanto, tanto da geometria, como da aritmética. Apesar disso, como estamos aqui lidando com um autor que, em seus esforços no sentido dar as bases da sociologia, elaborou uma série de analogias entre esta e a geometria, convém então destacar o sentido que a expressão “axioma” tem nesse domínio em particular – o que ainda se justifica, considerando que o próprio Kant adverte seus leitores de que escolheu *cuidadosamente* o nome para cada um desses princípios (cf. KANT, 2010, p. 197; ref.: B 200-1 – e devemos ter isso em mente mais adiante, já que o nome que ele, após refletir cuidadosamente sobre o assunto, escolheu para o terceiro princípio é: “analogias da experiência”). Pois bem: em geometria, os axiomas são aqueles postulados mais gerais, a partir dos quais se pode derivar ou demonstrar rigorosamente todas as demais proposições geométricas; como sabia Simmel, não se pode “provar” tais axiomas no mesmo sentido que se pode provar qualquer proposição geométrica em particular: é preciso que estejam dados, para que tal prova ou demonstração seja possível (cf. **P.1.c.41**, em GSG, v. 6, p. 103, ou então **P.2.a.9**, em GSG, v. 6, p. 152). No tempo de Kant – e isso desde a Antiguidade! – aceitava-se que esses postulados ou axiomas eram, na geometria, cinco – e, com efeito, Euclides, por volta do século III a. C., foi capaz de demonstrar rigorosamente, a partir desses cinco postulados, virtualmente todas as proposições geométricas particulares que se havia, até então, imaginado (cf. EUCLIDES, 2009, *Os Elementos*; os cinco postulados estão formulados logo nas primeiras linhas da obra propriamente dita, a altura da p. 98 da edição referida). Contudo, ao longo do século XIX – portanto, depois de Kant, mas antes de Simmel –, alguns matemáticos demonstraram que era possível, alterando um daqueles cinco axiomas básicos, obter novas geometrias, a que se chamou de não-euclidianas. O procedimento de prova nas geometrias não-euclidianas é exatamente tão rigoroso e preciso como na euclidiana, mas era possível demonstrar, naquelas, toda uma série de proposições que, nestas, não se podia demonstrar – proposições estas que, até então, sequer pareciam imagináveis, e que soam (embora não o sejam) absurdas. Pois bem: há, agora entre os filósofos, aqueles que argumentam que a descoberta das geometrias não-euclidianas foi um golpe fatal para a filosofia de Kant – e em particular para a *Crítica da Razão Pura* –; mas também há, do outro lado, filósofos que consideram as ideias de Kant suficientemente abrangentes, para abarcar até mesmo essa descoberta (que, para a geometria, teve o sentido de uma mudança de paradigma). Dentre estes, esteve, ao menos uma vez, G. Simmel (cf. GSG, v. 9, pp. 32-3; trata-se da segunda lição de *Kant*, em que me apoio, para a exposição que se segue). O modo como Simmel trata do assunto nessa ocasião – a única, até onde sei – indica que sua compreensão do que eram as geometrias não-euclidianas era consideravelmente limitada, de modo que não devemos considerar sua participação nessa controvérsia como qualificada. Se nos interessamos por ela, é porque, nela, flagramos mais uma vez a apropriação específica que Simmel faz das ideias de Kant. Feita essa colocação importante, vamos ao argumento de Simmel, que ele concebe como uma resposta a Helmholtz (1821-1894; Helmholtz foi um importante cientista e filósofo da ciência). Para Simmel, se a descoberta das geometrias não-euclidianas pode ser acomodada pela filosofia kantiana, é porque ela de modo algum desfaz a distinção entre os axiomas e as proposições geométricas derivadas desses axiomas, ou seja, estas ainda podem ser concebidas apenas enquanto desdobramentos ou funções exatas daquelas. O que se provaria com tal descoberta, para Simmel, é que os axiomas da geometria, que antes eram concebidos como “absolutos”, ou fixos, agora poderiam ser concebidos como “relativos”, ou variáveis. É claro que essa defesa da filosofia kantiana só faz sentido, se imaginamos – com Simmel – que, para certo Kant, o que importava era apenas a definição da *relação* dos axiomas com as proposições particulares da geometria (relação essa na qual Simmel basearia algumas de suas analogias, como vimos). Mas devemos desconfiar desse destaque, pois ele coincide exatamente com aquela interpretação de Kant que interessa a Simmel resgatar, com a única imagem de Kant que Simmel poderia tomar como uma das inúmeras bases de apoio para a realização de sua *Philosophie des Geldes*.

60. Se o esquema que torna possível a aplicação dos axiomas da intuição é a quantidade, o das antecipações da experiência é a qualidade (para as demais correlações entre esquemas, princípios e categorias, que não serão mencionadas aqui, cf. a Figura 2).

61. Por que Kant chama esses três princípios (ou melhor: esses três desdobramentos do princípio em questão) de *analogias* da experiência? Essa é uma boa questão, já que o próprio Kant adverte que não escolheu por acaso tais nomes. A explicação mais detalhada que encontrei para tal é a fornecida por M. Heidegger (1987, pp. 175-7); cf. também, para uma explicação bem mais simples – mas por isso mesmo, mais acessível – HÖFFE, 2005, pp. 127-8. Ofereço mais abaixo, na nota 68 desta seção, uma resposta a essa pergunta, ainda que aplicada apenas à segunda das três analogias da experiência indicadas por Kant.

Figura 2: imagem da filosofia kantiana

(elaborado a partir de HÖFFE, 2010, p. 198)

Vejamos agora o destino que tais ideias encontraram na *Philosophie des Geldes* de Simmel:

Agora, caso as proposições constitutivas, que pretendem fixar a essência das coisas, sejam transformadas em proposições heurísticas, que pretendem determinar apenas os nossos caminhos para a cognição mediante a fixação de pontos ideais de chegada, então com isso evidentemente se pode aceitar uma validade simultânea de princípios contrapostos; uma vez que o significado desses princípios esteja apenas no caminho até eles, pode-se trilhar por um e por outro alternadamente, e nisso há tão pouca contradição, como há, digamos, na alternância entre métodos indutivos e dedutivos. Apenas mediante essa dissolução da rigidez dogmática no processo vivaz, fluido da cognição é que se fabrica a unidade efetiva da mesma, na medida em que seus princípios últimos se realizam, na prática, não mais na

forma do excluir-se reciprocamente, mas sim na forma do ser-dependente-um-do-outro, do implicar-se e do completar-se reciprocamente.⁶²

Ora, a “transformação” indicada por Simmel – a conversão dos princípios constitutivos em regulativos – é impensável para o sistema kantiano, pois implica a assimilação do todo em uma de suas partes. Para aceitar essa transformação é preciso, necessariamente, negar o sistema construído por Kant, atravessar os limites que ele traçou entre os princípios com valor constitutivo e regulativo – postular os limites *dessa* limitação⁶³. Essa era, ao que parece, uma tendência bastante forte do kantismo⁶⁴ no tempo de Simmel. H. Høffding, p. ex., em seu livro sobre o conceito de analogia, chega até mesmo a afirmar que a expressão “analogia” seria mais adequada que a expressão “axioma”, no contexto da exposição, realizada por Kant, do primeiro dos quatro princípios na base dos quais eram formados os juízos sintéticos – argumentando, na sequência, algo similar quanto ao segundo princípio⁶⁵ –; desse modo, assim como Simmel, também Høffding parece, nesse ponto, avesso à “sistemática barroca” de Kant⁶⁶. Algo parecido se passa no trabalho de H. Vaihinger, que fabrica toda uma filosofia do “como se” [*Philosophie des Als Ob*], em que elabora, mas de forma bem mais sistemática, inúmeras ideias compatíveis com aquelas esboçadas por Simmel na terceira seção do primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes*⁶⁷. Eis o que Simmel (e Høffding e Vaihinger) fez com Kant: tirar as ideias do lugar em que este as havia colocado – para que, com isso, elas produzissem novos frutos.

Assim, contanto que devidamente *destacada* do sistema montado por Kant, sua formulação sobre o valor heurístico das analogias filosóficas contém todos os elementos que precisamos para subsumir em conceitos o valor que as analogias tinham para Simmel – e agora é o momento de desdobrá-la nesse sentido. Como vemos, Kant avalia que, aplicada à filosofia, essa forma de raciocínio que é a analogia tem

---

62. GSG, v. 6, p. 107.

63. Que limite é esse? Embora Simmel não o diga nesses termos, sua interpretação de Kant me parece condizente com a seguinte conclusão: a suposição de que o pensamento encontrará, sempre, em algum lugar o seu limite, tal suposição nada mais é, senão um uso impróprio, uma tomada ao pé da letra, um prolongamento injustificável da analogia entre espaço (no qual faz sentido falar em “limites”) e cognição. No caso do Kant de Simmel, o que conduziria à extensão indevida dessa analogia seria o fascínio pela simetria: se os princípios constitutivos não são válidos para além dos limites da matemática, então deve haver, também para os heurísticos, um limite correspondente. Note-se, porém, como aqui a expressão parece engasgar: não somos capazes de nos livrar de um limite, sem impor, ao mesmo tempo, outro – o que é exatamente o ponto para o qual Simmel chamaria a atenção em sua *Lebensanschauung*, em passagem que reproduzi anteriormente (cf. a nota 37, acima).

64. Entendo por “kantismo”, neste contexto, meramente a interpretação das ideias de Kant.

65. Cf. HØFFDING, 1924, pp. 73-4. Esse é, claro, um exagero da parte de Høffding. Note-se que o filósofo dinamarquês – para quem Simmel chegou inclusive a escrever, tendo em vista divulgar sua (a de Simmel) produção filosófica – trabalhava com o tema já, pelo menos, desde 1905, quando publicou seu artigo sobre a importância da analogia na revista *Mind* (cf. HØFFDING, 1905).

66. É claro: a crítica de Høffding é mais pontual: sua ideia é simplesmente a de mostrar que o conceito de analogia forneceria uma saída mais simples, mais econômica para os problemas enfrentados por Kant que aquela indicada pelo próprio. Já a crítica de Simmel é mais frontal: o que ele ataca é o próprio formalismo kantiano, é o apego à simetria, o desejo de sistema, de completude. Em sua *Philosophie des Geldes*, Simmel não dirige esse ataque diretamente a Kant, pois ali só interessam aquelas *partes* do sistema kantiano que, uma vez dali arrancadas, poderiam ser aproveitadas para enfrentar os problemas que Simmel propôs para si – mas essa crítica, que é, na *Philosophie des Geldes*, dirigida apenas indiretamente a Kant, ele o faz, com todas as letras, em suas lições sobre Kant, como vimos na nota 6, mais acima.

67. Cf. VAHINGER, 1952, em especial a primeira seção da terceira parte do livro, dedicada ao uso que Kant teria feito do método do “como se”; na edição utilizada como referência, o trecho vai da p. 271 a 288. É devido notar que Vaihinger trabalha sobre outras passagens da obra de Kant – mas seu movimento é, naquilo que interessa, o mesmo que o de Simmel: sobrevalorizar o elemento heurístico da filosofia kantiana. Cf., nesse sentido, em especial as pp. 282-3 da edição tomada como referência, nas quais Vaihinger extrai, de Kant, seu conceito de “ficções heurísticas”.

valor apenas enquanto uma *regra*, uma norma geral de orientação para a *descoberta* de algo que, por sua vez, não pode estar contido na própria analogia. Esse algo é o quarto termo de uma proporção, como fica bem claro naquela passagem. Quando Kant afirma que tal analogia fornece apenas uma regra para a descoberta do quarto elemento da proporção, o que quer dizer é que ela simplesmente indica o lugar onde podemos encontrá-lo, mas não o *que* é esse termo, em que ele consistiria⁶⁸. Ou, conforme as palavras de Heidegger: “nós obtemos, a partir da analogia, apenas a indicação para uma relação de algo dado com algo não dado, i.e., a indicação de como nós temos de procurar, partindo de algo dado, algo não dado, e na qual temos de encontrá-lo, caso este se apresente”⁶⁹. A analogia, aplicada a termos qualitativos, funciona, nesse sentido, como um guia de orientação – como, digamos, uma bússola ou um mapa, nas mãos de um explorador de terras desconhecidas. Munido desse instrumento, ele possui os requisitos mínimos para não se perder nessas terras – mas a mesma bússola ou o mesmo mapa são perfeitamente dispensáveis para o nativo, que está ali há tempo suficiente para já “conhecer seus caminhos”, para “se virar”, sem que precise recorrer a expedientes assim tão esquemáticos. Daí que as analogias sejam tão frequentes e deem tantos frutos em ocasiões que pedem o enfrentamento do novo: nos primeiros passos de uma nova ciência⁷⁰, nas explicações de um professor⁷¹, nos livros de divulgação científica⁷², na aquisição linguística⁷³, na invenção de um conceito⁷⁴ – mas conduzam, em outras ocasiões, tão frequentemente equívocos de todo o tipo⁷⁵.

À luz dessas considerações, é apenas evidente o quão *adequado* é procedimento analógico para quem, como Simmel, se ocupava em escrever sobre assuntos tão diversos entre si como a moldura, a liberdade, a moda, a guerra, as ruínas, o dinheiro⁷⁶, a mentira, a individualidade, a solidão, a religião, a ponte, o grupo,

---

68. Convém, nesta nota, ilustrar o que isso quer dizer por meio de um exemplo, que apresentarei na forma de uma resposta para a seguinte pergunta: por que o princípio da “sucessão no tempo segundo a lei da causalidade” é uma analogia filosófica, nos termos que Kant a define? Porque, em tal princípio, se acha expressa certa forma de relação entre porções do real situadas diversamente no tempo: aquela entre “causa” e “efeito”. Uma vez que identificamos adequadamente determinada porção do real como um “efeito”, tal analogia indica que deve haver outra porção do real que se possa identificar como a sua respectiva “causa” (ou vice-versa), e nos fornece, além dessa regra, um parâmetro geral para situarmos essa outra porção, desconhecida, em relação àquela que conhecemos (a causa, antes do efeito, e o efeito, antes da causa) – embora de modo algum nos forneça o material necessário para que possamos construir, unicamente a partir dessa analogia, o que é, em si, tal efeito (ou tal causa).

69. HEIDEGGER, 1987, p. 177. Heidegger, naturalmente, comenta aqui a passagem da *Crítica da Razão Pura* que acabamos de ler.

70. Como é o caso da sociologia. Por sinal, como veremos na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho, Simmel não foi o único dos fundadores da sociologia que as empregou.

71. Que precisa se preocupar em tornar a matéria inteligível para seus alunos (que, em princípio, não a dominam tão bem como ele, e para os quais se trata, nesse sentido, de uma novidade).

72. Em que o que se observa é uma situação muito semelhante à descrita na nota anterior.

73. Como mostram os autores do seguinte artigo, já mencionado na introdução a este capítulo: TONETTO et al., 2007.

74. Como é o caso do conceito de seleção natural em Darwin (o que mostrei na seção anterior a esta).

75. Nessas situações, a analogia frequentemente aparece como empobrecedora, limitadora. Assim, um professor de ciências para o ensino fundamental sabe (ou, pelo menos, deveria saber) que a estrutura de um átomo não é, em inúmeros aspectos, sequer remotamente semelhante à do sistema solar; assim, um adulto acostumado à norma culta do português entende que a conjugação presentemente aceita do verbo “fazer” para o pretérito perfeito não é “fazi”, como a analogia com verbos regulares da segunda conjugação levaria a crer; assim, um climatólogo tem consciência (ou, pelo menos, deveria ter) de que, no conceito de efeito estufa, não está de modo algum implicado que a terra esteja cercada por uma enorme redoma de vidro ou de plástico. Ter em vista os limites de uma analogia: é isso o que indica seu uso adequado.

76. É preciso que enfatizemos, aqui, que o dinheiro foi, afinal, apenas um dos temas com que Simmel flertou, ainda que esse flerte tenha, eventualmente, se desdobrado em um compromisso especialmente sério. Essa ênfase é precisa para evitarmos a conclusão – fácil, porém escorregadia – de que o relativismo simmeliano (conforme este a concebe na *Philosophie des Geldes*) foi apenas uma expressão pontual do propósito de conceber o dinheiro como objeto de uma filosofia, de que (para dizer o mesmo, mas junto a um exemplo) a sobrevalorização do elemento heurístico na filosofia kantiana, realizado por Simmel, foi apenas um recurso pragmático

o segredo, o trabalho, a prostituição, a cidade, os Alpes⁷⁷. Ao menos nesse sentido, Simmel *precisava* recorrer a tal procedimento; e é em parte por isto que, como inúmeros de seus comentadores já haviam notado⁷⁸, este representa uma dimensão tão importante de seu pensamento: porque, sem as suas analogias, Simmel não teria como assimilar tantas novidades. Na função heurística do procedimento analógico está, portanto, indicado seu limite (que é também um dos limites a que a imaginação de Simmel haveria de permanecer confinada), mas também (o que dá no mesmo) uma das condições de possibilidade para as realizações de Simmel. O que veremos nos capítulos seguintes é como Simmel conseguiu obter, com esse recurso intrinsecamente limitado que é a analogia, realizações tão impressionantes como essas que encontramos nas páginas de sua *Soziologie* e de sua *Philosophie des Geldes* – jogando, como veremos, com tais analogias de modo a tirar, delas, o máximo de seu valor.

***

E com isso chegamos ao fim de nosso percurso pela história da analogia. Seria, é verdade, possível recuperar outros fragmentos dessa história, também relevantes para o entendimento do procedimento analógico em Simmel. Dentre esses, aquele que poderíamos acessar na obra de Goethe é certamente o que fará mais falta. Não disponho de uma boa justificativa para explicar a ausência da consideração da recepção goetheana do conceito de analogia neste trabalho; disponho apenas desta: a tarefa de reconstruir os três fragmentos pelos quais acabamos de passar simplesmente se revelou mais difícil e demorada que eu imaginava, e meus planos de incluir uma seção dedicada a esse fragmento da história da analogia foram, por isso, abandonados. Para remendar esse defeito, tudo o que posso oferecer, a esta altura, são epígrafes e anotações de rodapé, além de uma indicação bibliográfica⁷⁹.

Tendo atravessado, enfim, a complicada história da analogia, é o momento de nos determos diante da seguinte questão: o que realmente eram as analogias de Simmel, e como identificá-las? É verdade que a

---

para que ele pudesse fazer uma filosofia com esse objeto. Não que essa conclusão esteja errada: acredito que forneça uma chave útil para a compreensão de diversos elementos dessa obra, como é o caso da assimilação das ideias de Kant; mas, se nos atemos a ela, passamos ao largo de um ponto muito importante para Simmel, do qual a seguinte pergunta nos fornece uma imagem precisa: mas o que, então, teria levado Simmel a fazer uma filosofia tão elaborada desse objeto, e não de um outro? A resposta mais a mão para essa pergunta é justamente que o dinheiro era o objeto mais adequado para Simmel expor o seu relativismo; visto desse ângulo, o dinheiro é apenas um pretexto para tal exposição, e não o contrário. Com efeito, as ideias que Simmel, na *Philosophie des Geldes*, formula claramente como uma teoria relativista do conhecimento – essas ideias parecem estar em operação em boa parte de suas obras, ainda que, nesses casos, ele não as explicita tão diretamente. Na *Soziologie*, p. ex., essa teoria do conhecimento aparece já colada não tanto no método que Simmel sugere para a sociologia, mas em seu *objeto* mesmo (a sociedade), o que decorre de que, no plano da explicitação do método, Simmel se vê obrigado a fazer um esforço no sentido de suprimir o fundo estético de suas ideias; daí que, como eu gostaria de mostrar no terceiro capítulo deste trabalho, possamos detectar um desnível entre o plano da explicitação do método sociológico e o da operacionalização do mesmo, o que está simbolizado na constatação, a ser demonstrada, de que Simmel não cumpre, ao longo das páginas da *Soziologie*, a promessa feita em seu prefácio – ao contrário do que faria no caso da *Philosophie des Geldes*.

77. Para ficarmos apenas com um extrato da lista, arrolada por L. Waizbort (2000, pp. 11-2), dos tópicos sobre os quais Simmel se debruçou em seus ensaios.

78. Conforme o indicado na introdução a este trabalho (cf. a p. 7).

79. DODD, 2008. No artigo, mencionado algumas vezes ao longo deste trabalho, Dodd compara o raciocínio analógico em Simmel e W. Benjamin, tomando como referência comum para ambos algumas das ideias de Goethe.

mais completa resposta para essa pergunta não pode ser dada por mim, mas apenas por quem vá buscá-la, por conta própria, nos textos que Simmel nos deixou, pois é ali que elas estão. O que está ao meu alcance oferecer, no lugar disso, é um relato sintético e um conjunto de retratos, que fui tirando em minha própria visita ao texto simmeliano. Se há uma vantagem em meu relato particular, é que ele foi produzido tendo especialmente em vista enfrentar essa questão – o que eram as analogias de Simmel, e como identificá-las? –, ainda que também essa, como aquela que informa este capítulo, eu a tenha concebido apenas como um outro passo para compreender a questão mais geral pela qual se pauta este trabalho, e que diz respeito a como funcionavam tais analogias. Enfim: o capítulo seguinte é esse relato de viagem; a outra parte – o conjunto de retratos – é o próprio em índice das analogias de Simmel, que apresento não como capítulo, mas como anexo a esta dissertação (o que, claro, não me impediu de incluir alguns desses retratos naquele relato, para ilustrá-lo).

II. Da coleta das analogias

Esclarecimentos metodológicos quanto à coleta das analogias da Soziologie e da Philosophie des Geldes

Como destaquei na introdução a este trabalho, cuido responder à questão – como funciona a analogia no texto de Georg Simmel? – a partir de uma interpretação das analogias elaboradas por Simmel na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes*. Essa interpretação, claro está, depende de que eu possa identificar as analogias ali presentes – tarefa que, por seu turno, supõe que eu estabeleça critérios claros o bastante para dizer quando estamos diante de uma analogia, e quando não. É esse o assunto mais imediato deste capítulo. Antes, contudo, de tratá-lo, convém esclarecer que este capítulo é, como o anterior, uma espécie de preparação para os capítulos terceiro e quarto. Se, no capítulo anterior, busquei *alcançar*, partindo de pontos distantes na história do pensamento ocidental, referências para compreendermos adequadamente o que se acharia no texto de Simmel, neste o que procuro fazer é *manusear* o mais diretamente possível os elementos desse texto que interessam aqui, ou melhor, tratá-los como analogias pura e simplesmente. É claro que há algo que se perde com tal tratamento – o nexos mais geral das ideias de Simmel –, mas é por isso mesmo que o passo dado neste capítulo (como aliás o dado no capítulo anterior) faz sentido apenas enquanto preparação para os capítulos seguintes, em que as analogias, aqui tratadas isoladamente, serão rearticuladas às ideias de Simmel, ou, mais exatamente, à sua teoria social e à sua teoria do conhecimento.

Desde quando esta pesquisa se apresentava ainda como projeto, ficou decidido que as analogias presentes na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes* de Simmel seriam coletadas e enumeradas a partir de uma leitura atenta das obras em questão, sendo organizadas como um “índice”. O texto dessas duas obras constitui a *matéria* propriamente dita a partir da qual o índice (que apresento como principal anexo a esta dissertação) foi sendo por mim *construído, montado*. Ao longo deste capítulo, tentarei justamente tornar explícitas todas as considerações práticas e decisões metodológicas envolvidas nessa construção. Não se deve, contudo, perder de vista o seguinte: essa construção, o índice, possui um papel marginal em relação ao meu trabalho. Isso se deve a que, no índice, as analogias encontrem-se destacadas do texto de Simmel, o que implica duas consequências: uma positiva, outra negativa. A consequência positiva desse estar-destacado consiste em conferir uma maior visibilidade às analogias enquanto tais; o índice permite visualizar o que, afinal de contas, são as analogias que Simmel fazia. Já a consequência negativa consiste em que, assim destacadas, as analogias já não apareçam mais como um modo de pensamento, como um procedimento cognitivo de Simmel, mas, ao invés disso, como resultados acabados desse procedimento. Uma vez que proponho – ou seja, que tomo como “finalidade” das minhas investigações – apresentar a analogia em Simmel como um modo de conhecimento, deve-se ter em vista que meu trabalho não acaba

na construção do índice: apenas passa por ele, do mesmo modo como passou pelos três fragmentos da história da analogia reconstruídos no capítulo anterior.

Consoante à natureza metodológica deste capítulo, todos os esclarecimentos aqui apresentados foram pensados tendo em vista permitir uma leitura crítica do índice por mim elaborado, indispensável caso se queira, por qualquer razão, empregá-lo em algum outro estudo sobre Simmel ou sobre suas analogias. De um modo geral, os critérios usados para a demarcação das analogias (i.e.: para definir, em cada caso, o que é, e o que não é “analogia”) que compõem o índice tiveram como norte as discussões mais puramente teóricas contidas na introdução e no capítulo anterior – discussões que, por sua vez, foram primeiro aventadas ao longo dos estudos que resultaram no texto de base do meu projeto de pesquisa. Não é portanto o caso, aqui, de refazer essas discussões, apenas de, eventualmente, mencioná-las (por essa razão, tomo cada um de seus pontos mais ou menos como dado e remeto a eles o leitor). Mas o norte – que o explorador precisa ter sempre em mente para não se perder – é apenas um ponto de referência, de orientação mesmo, que por si só não diz coisa alguma a respeito das características próprias do ambiente em que, em dado momento, o explorador se encontra. Levando isso em consideração, decidi, antes de começar a fixar a forma que teria o índice das analogias, fazer um pequeno “reconhecimento de terreno”: reli e coletei todas as analogias que encontrei ao longo do primeiro capítulo da *Soziologie* de modo experimental e intuitivo, agregando tantas informações a respeito das analogias quantas me pareceram necessárias. Ao longo dessa primeira coleta, de caráter mais espontâneo, pude experimentar de maneira mais concreta alguns dos problemas de definição que teria pela frente, e pude me guarnecer melhor dos instrumentos necessários para enfrentá-los. A “estrutura” do índice por mim elaborado, discutida em detalhe na seção seguinte, foi fixada somente *depois* dessa primeira coleta experimental; assim também boa parte da discussão teórica que serve como pano de fundo para a definição do critério operacional de demarcação das analogias por mim empregado para fins de montagem do índice – sendo este o assunto da segunda seção deste capítulo. Uma vez estabelecida a estrutura do índice, o capítulo foi revisto e o modelo, devidamente “testado”, foi então aplicado tão sistematicamente quanto possível tanto na *Soziologie* como na *Philosophie des Geldes* – sendo o índice apresentado na forma de anexo o resultado desse processo.

A série de esclarecimentos metodológicos que compõem este capítulo será, em seguida, desenvolvida com mais detalhe em duas direções distintas, mas complementares – a que correspondem às duas seções deste capítulo. Na primeira seção, exponho como “estruturei” o índice das analogias (que, como veremos, arrola algumas informações a respeito de cada uma das analogias que destaquei do texto de Simmel). Na segunda seção, abordo os critérios “de corte” para a coleta das analogias. Optei em ordenar dessa forma as duas seções que compõem o presente capítulo (situando, pois, a definição operacional do conceito de analogia, bem como a discussão em torno dessa definição, após a apresentação da estrutura do índice), mas o leitor deve aqui se sentir especialmente à vontade para inverter a ordem da leitura, caso julgue isso

mais apropriado. Seja como for, conduzirei a discussão utilizando o máximo possível de exemplos do que considere e do que não considere como sendo analogia, de maneira a *apresentar* esses critérios – mais ou menos como o viajante moderno *apresenta*, àqueles interessados, o ambiente que ele visitou por meio de fotografias.

II.1. Apresentação da estrutura do índice de analogias

Como eu havia adiantado, os elementos contidos no índice de analogias (i.e.: aqueles que formam sua estrutura), foram pensados no decorrer de uma primeira coleta experimental feita ao longo do capítulo inicial da *Soziologie*, e fixadas somente *depois* dessa primeira coleta.

Elaborei duas versões do índice, uma comentada, e outra simplificada (que é editada a partir da primeira). O índice simplificado é uma versão mais adequada à consulta da parte de quem quer que por ele se interesse; assim sendo, é essa a versão do índice que consta como anexo a esta dissertação. As citações contidas no índice foram mantidas em alemão, ainda que, evidentemente, todas as analogias interpretadas ao longo deste trabalho tenham sido traduzidas, sendo, nesses casos, sempre incorporadas ao texto desta dissertação. Quanto ao índice comentado, ele é minha matéria de trabalho propriamente dita, contendo minhas anotações e ideias surgidas no “calor do momento”; posto que muitas dessas ideias são ruins e que envolvem muito pouca edição, essa versão do índice ficará reservada para meu uso privado.

Segue a estrutura do índice de analogias, sendo que: 1) as informações ~~sobretaxadas~~ são aquelas que constam apenas da versão comentada do índice; 2) as informações em **negrito**, *itálico* ou “entre aspas” se encontram assim grafadas no próprio índice¹.

- a) **código de referência**
- b) “citação”
- c) página, ~~posição no parágrafo~~
- d) **sinal que identifica a analogia**
- e) elementos relacionados pela analogia: resumo dos conteúdos da analogia
- f) tipo de analogia: resumo da função da analogia
- g) ~~comentários~~
- h) * *eventual nota explicativa referente à analogia*

O procedimento de coleta em si mesmo é bastante intuitivo e artesanal: eu basicamente leio o texto de Simmel (no original, mas contando com o apoio das traduções disponíveis, todas arroladas na bibliografia) e, sempre que encontro uma analogia, anoto, conforme a estrutura acima exposta, todas as “informações” a seu respeito, transcrevendo eventualmente o material assim coletado num documento

---

1. Ao longo deste capítulo, irei empregar de maneira abundante alguns dos efeitos de destaque de texto à disposição em qualquer editor eletrônico de texto.

eletrônico de texto². Antes de proceder à exposição e justificação de cada um dos elementos que compõem a estrutura acima, faço notar que utilizo como referência a versão de bolso das obras completas de Simmel, publicada pela Suhrkamp (o que implica que tomo como referência a segunda edição da *Philosophie des Geldes*, originalmente publicada em 1907 e que possui algumas alterações substanciais em relação à edição original, de 1900). Todas as citações foram feitas de acordo com essa edição, sendo que as informações bibliográficas necessárias estão contempladas na bibliografia final deste trabalho. Além disso, trabalhei com algumas das traduções disponíveis de ambas as obras como forma de apoio (tive à disposição, à época em que realizava a coleta, a tradução para o espanhol da *Soziologie* e as traduções para o espanhol e para o inglês da *Philosophie des Geldes*, todas listadas na bibliografia). Como, entretanto, a coleta foi feita sobre o texto original de Simmel, em alguns momentos deste capítulo (sobretudo quando for apresentar o item II.1.4) serei obrigado a me referir às expressões assim como elas aparecem no texto em alemão.

Passo, agora, à exposição de cada uma das informações que compõem o índice por mim construído.

II.1.1. O código de referência

A primeira informação catalogada é o código de referência da analogia. Trata-se simplesmente de um código criado para facilitar a organização e agilizar o acesso e a referência às analogias feitas por Simmel. As analogias foram catalogadas por capítulo, i.e.: início uma contagem nova para cada capítulo de cada uma das duas obras de referência por mim investigadas. Escolhi esse recorte por duas razões. A primeira – que é também a mais importante delas – diz respeito à peculiaridade da escrita Simmel, notável por ser ensaística, fragmentária³. Consequência dessa peculiaridade, que se me afigurou tanto mais evidente ao cabo da coleta experimental acima referida, é que as analogias não se distribuem de maneira homogênea ao longo dos livros de Simmel. Não só há capítulos com mais, outros com menos analogias, como também a maneira como a analogia *aparece* frequentemente varia de capítulo a capítulo – principalmente no que diz respeito à *Soziologie*, formada por 10 capítulos e 13 excursos relativamente autônomos entre si. Sobretudo para “capturar” essas diferenças, optei pelo recorte em questão. Há ainda um segundo motivo que embasa esse recorte: o de que tal divisão facilitaria bastante o processo de revisão do índice. Assim, nos casos em que, a certa altura da montagem do índice, optei em incluir ou excluir alguma dada analogia (tendo, pois, detectado um erro anterior), precisei rever apenas a numeração das analogias subsequentes daquele capítulo, ao invés de rever a numeração de todas as analogias subsequentes.

---

2. Prefiro trabalhar com documentos eletrônicos ao invés de fichas de papel sobretudo pela comodidade no que se refere à edição e praticidade no que diz respeito à organização.

3. O que se deve a que Simmel tome o ensaio como a forma mais adequada para dar vazão às suas ideias (sobre o ponto, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 35-73). Tratarei de algumas das questões relativas à composição das duas obras de referência deste trabalho mais adiante, ao longo dos capítulos terceiro e quarto.

O código de referência das analogias é a primeira informação do índice, sendo grafado em **negrito** no texto original, para efeito de destaque. Diz respeito à localização das analogias em quatro níveis distintos, cada um deles sinalizado por um caractere (como veremos). A *Soziologie* de Simmel possui 10 capítulos e 13 excursos; a *Philosophie des Geldes*, um prefácio e 6 capítulos, sendo que dentro de cada um desses capítulos há três seções. Temos, portanto, ao todo, 23 divisões na *Soziologie* e 19 na *Philosophie des Geldes*, somando 42. Ficamos, pois, com um código de 4 caracteres (**α.β.γ.δ**), que designam, nessa ordem:

α) em que livro se encontra a analogia (S = *Soziologie* e P = *Philosophie des Geldes*)

β) em que capítulo se encontra a analogia (0 – 10)⁴

γ) em que *parte* do capítulo se encontra a analogia (a – d)⁵

δ) qual o número de catálogo da analogia dentro de um determinado capítulo

Ficamos, portanto, com as seguintes divisões:

<i>Soziologie</i>	<i>Philosophie des Geldes</i>
S.1.a.	P.0.a.
S.1.b.	P.1.a.
S.2.a.	P.1.b.
S.3.a.	P.1.c.
S.3.b.	P.2.a.
S.4.a.	P.2.b.
S.5.a.	P.2.c.
S.5.b.	P.3.a.
S.5.c.	P.3.b.
S.6.a.	P.3.c.
S.7.a.	P.4.a.
S.7.b.	P.4.b.
S.8.a.	P.4.c.
S.8.b.	P.5.a.
S.8.c.	P.5.b.
S.8.d.	P.5.c.
S.9.a.	P.6.a.
S.9.b.	P.6.b.
S.9.c.	P.6.c.
S.9.d.	
S.10.a.	
S.10.b.	
S.10.c.	

4. Sendo que **0** designa a introdução. Faço notar que incluí no índice apenas o prefácio à *Philosophie des Geldes*; não incluí a nota introdutória de Simmel à *Soziologie* pois ela é muito breve (ocupa apenas meia página) e, de qualquer modo, não contém qualquer analogia.

5. Sendo que, na *Soziologie*, o conteúdo propriamente dito do capítulo se encontra designado pelo caractere **a**, e os eventuais excursos pelos caracteres **b**, **c** e **d**, nessa ordem.

Como é possível observar, o número de catálogo das analogias foi definido pela ordem de ocorrência *dentro de um determinado capítulo* (e não dentro de determinada seção interna ao capítulo). Isso porque a *Soziologie* é um livro que contém diversos excursos, situados “no meio” do capítulo. Cada excurso é um ensaio mais ou menos independente em relação ao capítulo propriamente dito, e por isso considere relevante “marcar” com um caractere específico (o terceiro caractere do código acima) essa informação. Como, contudo, muitas vezes esses excursos ocupam um número reduzido de páginas, não faria sentido começar uma nova numeração para cada excurso: daí a decisão em reiniciar a numeração a cada capítulo.

II.1.2. A citação

A segunda informação (sem dúvida a mais importante!) fornecida pelo índice é a citação da analogia. Para os fins de composição do índice, todas as citações serão mantidas no original em alemão (apenas as analogias selecionadas para análise serão traduzidas, sendo, nesses casos, sempre incorporadas ao longo do texto da dissertação – como foi feito ao longo do capítulo anterior). A citação será o mais abrangente possível, sendo que o meu objetivo é citar a analogia “como um todo”. É preciso admitir que, contudo, essa seleção tem algo de arbitrário: nem sempre é viável citar a analogia feita por Simmel “como um todo”, sobretudo nos casos em que a analogia ocupa um parágrafo inteiro. Nesses casos, citarei apenas alguns trechos em que a analogia *aparece* mais claramente (ou melhor: as frases em que ocorre algum dos **sinais de identificação da analogia**) e, em seguida, acrescentarei uma nota explicativa (o item II.1.8 desta seção) informando as páginas ao longo das quais a analogia se estende.

A citação será feita “entre aspas”. Tentarei reproduzi-las de modo a manter todas as ênfases do autor (para ênfase, Simmel utilizava, sobretudo, *itálico*) – isso, claro, conforme a já mencionada edição de bolso das obras completas de Simmel⁶. As aspas internas ao texto (i.e.: aquelas colocadas pelo próprio Simmel) serão, na medida do possível, assim reproduzidas: »aspas internas«. Além disso, sempre acrescentarei uma ênfase (desta vez, o **negrito**) no **sinal que identifica a analogia**, como é o caso do **wie**, tendo em vista facilitar a visualização da analogia.

II.1.3. A página

A terceira informação que o índice fornece é a página, ou as páginas, em que se localiza a analogia; além disso, na versão comentada do índice, mais detalhada, também anotei aqui a posição em que a

---

6. Para agilizar – e tornar menos penoso! – o meu trabalho, utilizo ainda a versão eletrônica das obras completas de Simmel (*Georg Simmel: Das Werk*, 2001, org. por Martin Damken) para fazer a transcrição das passagens para o índice. Há, contudo, algumas pequenas discrepâncias entre a versão eletrônica e o texto que tomo como referência, sobretudo no que diz respeito ao modo como as ênfases eram grafadas num caso e no outro: nesses casos, modifiquei o texto copiado da versão eletrônica para que ficasse de acordo com a versão impressa – sempre que me dei conta de tais discrepâncias.

analogia se encontra no parágrafo. Observei, na coleta experimental das analogias do primeiro capítulo da *Soziologie*, que muitas vezes Simmel recorria a analogias para “fechar” as ideias discutidas ao longo de parágrafos, e achei que valia a pena, pelo menos, anotar essa informação. Contudo, ao longo da coleta, observei que a informação era com efeito dispensável e em muitos casos inadequada (pois há analogias que ocupam todo um parágrafo), de modo que optei por não utilizá-la na versão simplificada do índice.

De resto, não custa reiterar, a referência à página será feita de acordo com a edição de bolso das obras completas de Simmel com que trabalhei.

II.1.4. O sinal que identifica a analogia

A quarta informação do índice é a transcrição ou explanação do sinal que identifica a analogia; a marca que identifica a analogia (no mais das vezes, o **wie** [como]), será aqui reproduzida em **negrito** do modo como foi citada, ou então explanada de maneira resumida⁷. O que chamo de sinal que identifica a analogia nada mais é do que a forma de *expressão* da analogia, i.e.: o recurso ou meio expressivo “mobilizado” por Simmel de maneira a estabelecer uma relação de analogia⁸. Convém, a esta altura, retomar a definição da analogia assim como Simmel a emprega, de modo a ilustrar mais exatamente qual é o “fim” a que esse “meio” de expressão necessariamente tem de se ligar: a analogia, no caso de Simmel, diz respeito a uma função comum que atravessa dois objetos tirados de diferentes contextos, e não a algo que seja próprio ou peculiar a esses objetos. Ou ainda: a analogia liga formas, e não conteúdos; ou então: se refere somente àquele aspecto do conteúdo que encontra sua determinação em outros conteúdos, i.e.: à sua forma⁹. O sinal que identifica a analogia é, nesse sentido, aquele recurso expressivo que exerce

---

7. A explanação diz respeito aos casos de “referência explícita à analogia”, “fórmula da analogia” e “paralelismo sintático”, que ainda veremos. De resto, nos casos em que o sinal em questão envolva verbos conjugados, estes serão transcritos no infinitivo.

8. As aspas que cercam o verbo “mobilizar” indicam que não se trata necessariamente de um recurso mobilizado de modo *consciente* por Simmel – informação essa que me é, por um lado, inacessível e, por outro, dispensável. Dispensável porque a analogia é, do ponto de vista puramente cognitivo, um esquema à disposição do pensamento humano em geral que permite arranjar as impressões de sentido que chegam até nós de um determinado modo. É perfeitamente possível interiorizar esse esquema e, assim, empregá-lo espontaneamente (i.e.: sem ativá-lo por meio da consciência; sobre o ponto, cf. HØFFDING, 1924, *Der Begriff der Analogie*, pp. 5-28), de modo que, para identificar uma determinada analogia, não é preciso se perguntar se aquele que a formulou pensou consigo mesmo, no momento da sua formulação, que a estava formulando enquanto analogia. Trata-se, enfim, de imaginar que cada um dos sinais que identificam a analogia por mim arrolados podem ser pensados *como se* tivessem sido mobilizados – ou, como diria Weber, “mentados” – tendo em vista expressar uma analogia. A referência a Weber deve aqui ser tomada como uma espécie de pastiche (dado que ele aborda uma questão bem diferente da minha); cf. WEBER, 1980, p. 11.

9. A importância da ideia de forma teve para Simmel é inversamente proporcional à sua clareza conceitual (sobre a importância e a falta de definição das ideias de forma e conteúdo em Simmel, cf. o artigo de Weingartner em SIMMEL, 1959, *Essays on sociology, philosophy & aesthetics*, pp. 34-5). No entanto, uma das variações mais importantes da relação entre forma e conteúdo é aquela em que a forma aparece como a coesão ou reunião dos conteúdos até então dispersos em suas existências fechadas sobre si mesmas (i.e.: disformes; no lugar de “conteúdo”, Simmel às vezes fala em matéria, por referência à Kant). A forma aparece, nesses casos, como aquele aspecto do conteúdo especificamente definido pela sua relação ou nexo com os outros conteúdos, i.e.: simultaneamente como *um* conteúdo realizado e *a* realização do conteúdo – sendo que “realizar” tem, aqui, o sentido de “pôr no mundo”, de modo que realizado é aquele conteúdo posto numa relação com *outros* conteúdos. Nesse sentido, a forma passa a ser tida, ao mesmo tempo, como a relação concreta e a possibilidade da relação entre os conteúdos em geral, ou seja: ela é *uma forma*, mas também *o formar* das coisas (sendo que, nesse último sentido, ela é mais um verbo que um substantivo, mais função que substância: cf. GSG, v. 9, pp. 62-3; trata-se da quarta lição de Kant). Nesse registro, toda analogia é

a função de *comunicar* aquela ligação especificamente analógica, a saber: aquela que envolve (pelo menos) dois objetos A e B, ligando-os no que diz respeito à forma ou à função, ao mesmo tempo em que os mantém separados, no que concerne a seus respectivos conteúdos ou propriedades intrínsecas. Em um certo sentido, portanto, esse sinal funciona exatamente como a ponte a que Simmel inúmeras vezes se referiu, não raro de modo a tomá-la como um dos termos de suas analogias¹⁰. É importante discutir em maior detalhe todas as implicações metodológicas envolvidas na coleta dessa informação, que se liga – como veremos na seção seguinte – mais diretamente à criação de um critério o mais objetivo e abrangente possível para a coleta das analogias¹¹.

Como percebeu Kracauer, o recurso expressivo que Simmel mobiliza com maior frequência para estabelecer uma analogia é o **wie** [como]. Segundo ele: "O 'como' na analogia serve [...] à caracterização dos comportamentos que têm a mesma forma, sua omissão é impossível."¹² Entretanto, observo que se, com efeito, a eliminação do "como" descaracteriza a analogia – descaracteriza justamente no sentido de que torna sua identificação, por parte de quem a lê, incerta –, o mesmo não se pode dizer da sua substituição por um equivalente funcional, um outro recurso expressivo análogo (i.e.: que exerça a mesma função que o **wie** exerce). Antes de mim, K. Wolff notou o seguinte:

"The Adventure" is an example of Simmel's ability to account for and mediate – in one process – an object to which he turns his attention. He is a master at both. In performing them, he often uses analogies, which may present difficulties to the reader and translator. He often introduces these analogies by such expressions as "so to speak," "as if," and "as it were," and by the verb "seems."¹³

Mais adiante, irei mostrar o que exatamente autoriza Wolff a considerar tais termos como recursos expressivos que introduzem uma analogia. Por hora, é suficiente chamar a atenção para o fato de que, já em 1959, Wolff havia, com razão, associado o procedimento analógico, tão recorrente nos textos de Simmel, a determinadas expressões típicas.

Só que, ao associar a analogia a determinadas expressões, passamos necessariamente a operar com *outro* registro da analogia. Passamos do registro que realmente interessa aqui (analogia como modo de pensamento) para o retórico. O ponto será retomado na próxima seção, mas já é possível, a esta altura,

---

necessariamente formal: ela é, mais exatamente, um modo específico (i.e.: um entre outros possíveis) de acordo com o qual os conteúdos se põem no mundo uns para os outros, i.e.: se formam.

10. Cf. as analogias **S.2.a.13** e **S.4.a.36**, ou o ensaio de Simmel chamado "A ponte e a porta", em GSG, v. 12, pp. 55-61; em espanhol: SIMMEL, 2001, *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*, pp. 45-53.

11. Será necessário, ao longo da explanação desta subseção, fazer referência a termos em alemão, já que a coleta foi feita e precisou ser feita junto ao texto original (sem o que o caráter analógico de certas passagens não poderia ter sido detectado de modo tão categórico). Sempre que eu for me referir, no corpo do texto, a algum desses termos pela primeira vez, apresentarei uma tradução possível [entre colchetes]. A tradução, enfim, diz respeito ao sentido específico que o termo possui enquanto sinal possível de identificação da analogia – o que é importante notar, já que alguns dos termos em questão possuem múltiplos sentidos e funções sintáticas.

12. KRACAUER, 2004, p. 155. O ponto foi mencionado no excurso sobre a relação entre metáfora e analogia, contido no primeiro capítulo deste trabalho. Chamo a atenção para o fato de que, aqui, aparece a palavra comportamento [Verhalten]; a chamada de atenção fará sentido mais adiante.

13. SIMMEL, 1959, p. ix, grifo meu.

adiantar o seguinte: enquanto modo de pensamento, a analogia é, num sentido até mesmo literal, anterior ao texto de Simmel. É um procedimento mental, que não tem um *lugar específico* no texto que se possa, por assim dizer, grafar com uma caneta marca-texto, i.e.: *destacar*. O que é possível destacar no texto de Simmel são, e isso apenas, os *resultados* daquele procedimento; e o índice das analogias que elaborei, por sua vez, nada mais é do que um punhado de trechos assim destacados, a que eu acrescentei apenas alguns comentários esquemáticos¹⁴. O que interessa aqui é que considero essa mudança de registro ao mesmo tempo necessária e provisória. Necessária, pois, sem ela, a construção do índice seria impossível; e também provisória, justamente porque essa mesma construção nada mais é do que um meio ou uma preparação para que eu possa fazer o que realmente me interessa fazer. De resto, todas essas considerações partem do pressuposto de que o segundo registro seja derivado do primeiro; de modo que toda a discussão – contida neste (mas somente neste!) capítulo – em torno da “adequação” ou “inequivocidade” do caráter analógico das analogias que Simmel formulou textualmente está montada sobre esse pressuposto.

Feita essa advertência, é preciso que seja dito que identifiquei, ao longo do procedimento de coleta das analogias, uma série de outros recursos expressivos além daqueles já identificados por Kracauer e Wolff. Em muitos casos, esse recurso expressivo é uma única palavra (como o **wie**); em outros, é uma locução mais ou menos elaborada (como “diese formale Struktur zu wiederholen”¹⁵). Há também casos em que Simmel faz uma “referência explícita à analogia”; e há, finalmente, casos em que a analogia se expressa no *modo como* Simmel concatena os elementos da sua frase: exemplo disso é o que chamo de “paralelismo sintático”. Como veremos, alguns desses termos expressam de maneira *mais apropriada e menos equívoca* a relação analógica que outros.

Também veremos, ainda mais adiante – a saber: na próxima seção deste capítulo –, que só vou considerar que há analogia em determinada passagem quando, nela, for possível *tornar visível, apontar para, mostrar* algum desses sinais achados ao longo da coleta. De resto, as expressões que, aqui, tomo como sinais de identificação da analogia – elas não foram definidas antes da coleta (exceção feita ao **wie** e ao que chamo de “paralelismo sintático”), mas ao longo dela, de modo que se pode dizer que foram mais “achadas” no texto de Simmel do que a ele “impostas” desde fora.

Arrolo, em seguida, todas as expressões que caracterizei como sendo sinais que identificam a analogia. Elas aparecem, aqui, agrupadas em cinco classes diferentes (agrupamento que tem em vista simplesmente facilitar minha exposição, não constituindo propriamente uma classificação em sentido rigoroso):

---

14. E não me refiro aqui ao elemento da estrutura do índice explanado sob o item II.1.7, mas também aquele explanado sob os itens II.1.5 e II.1.6.

15. Esse sinal de identificação da analogia está, no índice, assim anotado: **wiederholen + die formale Struktur**.

classe 1	
wie	referência explícita à analogia
sich verhalten + wie	fórmula da analogia
wie + so	paralelismo sintático

classe 2		
ebenso	entsprechend	sozusagen
so	das Entsprechende	gleichsam
sowie	etwas Entsprechendes	gewissermaßen
nicht anders als	entsprechende Fall	vergleichbar
comme	entsprechende Form	vergleichen
gleich	entsprechen	gleichen

classe 3	
ähnlich	<u>ähnlich</u>
ähnlich	etwas <u>ähnlich</u> es auftreten
ähnlich	[äußere] <u>Ähnlich</u> keit
ähnlich	etwas <u>Ähnlich</u> es
ähnlich	<u>ähnliche</u> Weise

classe 4	
form + gleich	nach der <u>gleichen</u> <u>Formel</u>
form + gleich	die <u>gleiche</u> <u>Form</u> beherrscht
form + gleich	das <u>formal</u> <u>gleich</u> Verhalten
form + gleich	die <u>gleiche</u> <u>Form</u> zeigt
form + gleich	eine <u>formal</u> <u>gleiche</u> Kreuzung wird bewirkt
form + gleich	der <u>formal</u> <u>gleiche</u> Zusammenhang
form + gleich	der <u>formal</u> <u>gleiche</u> Prozeß sich vollzieht
form + gleich	diese <u>formale</u> <u>Gleich</u> heit
form + gleich	eine <u>formal</u> <u>gleiche</u> Entwicklung
form + gleich	auf die psychologische <u>Formgleich</u> heit hinweisen
form + gleich	einen <u>formal</u> <u>gleiche</u> Prozeß beschreiben
form + gleich	die <u>gleiche</u> Entwicklungs <u>form</u> zeigen
form + gleich	diese <u>formale</u> <u>Gleich</u> heit
form + gleich	sich zu der <u>gleichen</u> <u>Form</u> steigern
form + gleich	die <u>gleiche</u> <u>Form</u> übertragen
form + ähnlich	eine ganz <u>ähnliche</u> <u>Formung</u>
form + ähnlich	eine <u>formal</u> <u>ähnliche</u> Lage
form + ähnlich	eine <u>formale</u> <u>Ähnlich</u> keit
form + verwandt	ein <u>formal</u> <u>verwand</u> tes Beispiel

form + Beziehung	sich in <u>formaler</u> <u>Beziehung</u> zeigen
gleich + Schema	das <u>gleiche</u> <u>Schema</u> zeigen
gleich + Weise	in der <u>gleichen</u> <u>Weise</u> entstehen

classe 5	
sich verhalten + ähnlich	sich wiederholen + derselbe Prozeß
sich verhalten + so	sich wiederholen + diese Fortschrittsform
sich verhalten + ebenso	sich wiederholen + dieser Vorgang
sich verhalten + nicht anders	Wiederholung + Verhältnis (+ finden)
sich entwickeln + ebenso	kein andres + das Verhältnis (+ sein)
sich entwickeln + die gleiche Form	kein andres + das Verhältnis (+ stehen)
sich entwickeln + der gleiche Formtypus	dasselbe + Verhältnis (+ sich abspielen)
entsprechen + die gleiche Form	dasselbe + Verhältnis (+ erweisen)
sich wiederholen + die Form	dieselbe + Verhältnisform (+ sich fortsetzen)
sich wiederholen + die Entwicklungsform	dieselbe + Entwicklungsform (+ zeigen)
wiederholen + die formale Struktur	entsprechend + Verhältnis (+ folgen)
sich wiederholen + das Verhältnis	

Antes de começar a coleta, eu estava inclinado a catalogar apenas as analogias cujo sinal de identificação fossem o **wie** (que, segundo Kracauer, seria indispensável para ligar casos análogos¹⁶), a referência explícita da parte de Simmel, ou algum tipo de paralelismo sintático – deixando de lado, portanto, todas as sugestões de Wolff. Contudo, Simmel algumas vezes *chama* de analogia comparações extremamente sugestivas, claramente analógicas e em que, fora a referência explícita de que se trata de uma analogia, há apenas uma palavrinha de ligação como **so** [assim, desse modo] entre os “objetos” por ela relacionados. Assim, p. ex., a analogia **S.2.a.14** – ainda que, nesse caso, Simmel qualifique tal analogia como “vaga”, “distante”. Tendo isso em vista, decidi não me ater somente aos casos em que ocorriam **wie** ou paralelismo sintático (cujo conceito definirei dentro em breve), o que, evidentemente, tornou menos simples a minha tarefa de justificar o que, em cada caso, eu consideraria como sendo uma analogia, e o que não – essa sendo a razão de ser da presente exposição. No que segue, irei expor por quais razões considere cada uma das palavras ou locuções acima arroladas como sendo um recurso expressivo capaz de comunicar uma relação de analogia. Para tanto, pretendo lançar mão de duas estratégias associativas diferentes: 1. mostrar como e em que medida, do ponto de vista semântico, existe afinidade entre o sinal em questão e o procedimento analógico (o que é condição necessária para que este se deixe expressar, de modo mais ou menos adequado, por aquele); e 2. indicar casos em que o sinal em questão apareça junto a outro e se referindo aos mesmos termos que este, cujo caráter analógico estaria, por sua vez, fora

16. Sendo a seguinte correção necessária: o **wie** é *especialmente apropriado* para ligar casos análogos, não indispensável.

de dúvida.

É importante notar que uma mesma analogia pode ter sido por mim identificada pela presença de mais de um desses sinais. Foi, inclusive, somente porque Simmel *chamou* de analogia uma comparação em que o **wie** estava de todo ausente que eu atinei com alguns desses recursos expressivos¹⁷. Basta, entretanto, que seja encontrado um desses sinais para que eu considere “provado” que determinada passagem pode, em princípio, ser interpretada como resultado do procedimento analógico. Dito de outro modo: a presença de um desses sinais não caracteriza, por si só, a analogia; ela é como que sua condição necessária, mas não suficiente¹⁸.

II.1.4.1. Classe 1

wie	
sich verhalten + wie	fórmula da analogia
wie + so	paralelismo sintático

As analogias identificadas pelos sinais que agrupei na classe 1 são em geral as mais “evidentes” e, de qualquer forma, as mais recorrentes: cerca de 71,8% das analogias coletadas ao longo das duas obras de referência foram identificadas graças a um dos sinais pertencentes a essa classe¹⁹.

Os sinais aí agrupados já haviam sido previstos na etapa anterior à pesquisa sistemática do texto de Simmel, i.e.: antes mesmo da coleta começar (como é o caso do **wie**, identificado por Kracauer, e do paralelismo sintático, que eu identifiquei ainda quando da preparação do texto do meu projeto de pesquisa). É claro: nem mesmo o **wie**, por si só, “garante” a presença da analogia, já que se trata de um conectivo que possui ainda outras funções sintáticas. Isso significa que uma coleta meramente mecânica das analogias a partir dos sinais de identificação aqui arrolados, i.e.: uma coleta que não envolvesse qualquer interpretação quanto ao sentido que, num determinado contexto, esses sinais possuem – que, enfim, uma tal coleta estava já desde o princípio descartada. As implicações disso serão discutidas ao longo da próxima seção.

Isso posto, em um número considerável das analogias feitas por Simmel, é possível perceber que a partícula **so** complementa o sentido de **wie**, indicando tratar-se de uma comparação. Em se tratando especificamente daquelas comparações que considere analógicas, **so** funciona introduzindo o segundo

17. Em particular com o que chamo de “paralelismo sintático” e com a afinidade entre as ideias de repetição e analogia. Os casos em questão referem-se, respectivamente, à **P.2.c.52** e **S.10.a.20**.

18. Condição necessária segundo os critérios por mim estabelecidos tendo em vista a criação do índice. O ponto será retomado na seção seguinte.

19. Cf. os Gráficos 1 e 2, bem como Tabela 1 no apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”.

termo da analogia (o primeiro sendo introduzido pelo **wie**). Em todos esses casos, o **so** é acompanhado de um sinal de pontuação, mais especificamente: de uma vírgula, de um traço ou de dois pontos. Ao associar cada termo da analogia a um conectivo, Simmel reforça a impressão de que trata os dois casos como *paralelos*, o que torna essa composição (**wie + so**) ainda mais apropriada para comunicar uma relação analógica do que o mero emprego do **wie**. Sintomaticamente, as analogias formuladas por meio dessa composição tendem a se encaixar mais perfeitamente no modelo da analogia como proporção. Tomemos, como exemplo disso, a analogia **S.6.a.7**. A frase em que ocorre a composição pode ser assim traduzida: “E, **assim como [wie]** as comunidades de ofício atravessam as fronteiras da cidade, **assim também [so]** a liga hanseática atravessa os limites que separam as comunidades de ofício”²⁰. Aqui, o **so** é antecedido por uma vírgula; em outros casos, p. ex. em **S.10.a.35**, por um traço e, em outros, p. ex. em **P.1.a.20**, por dois pontos. Vale a pena notar que, em quase todos os casos em que, no texto de Simmel, **so** aparece associado a **wie** de tal modo a designar uma relação analógica segundo o esquema da analogia como proporção (como é muito claramente aqui o caso), o **wie** antecede o **so**, diferentemente do que acontece em expressões como: “Du bist **so** weiß **wie** Schnee”, i.e.: “você é **tão** branca **quanto** a neve”. O ponto é digno de menção, pois, como veremos na seção seguinte, esse último tipo comparação não será por mim considerada como estritamente analógica (já que “você” e “neve” são comparados ou medidos segundo uma qualidade compartilhada – o *ser* branco –, e não uma função comum).

Em outros casos, o **wie** acompanha o verbo reflexivo **verhalten** [comportar-se]; nesses casos, o sinal que identifica a analogia está marcado como: **sich verhalten + wie** (sendo que “sich” indica tratar-se da forma reflexiva do verbo). Não há dúvidas quanto ao caráter inteiramente analógico da expressão – por sinal, ela se presta ainda melhor à identificação da analogia do que a composição “**wie + so**”. Isso parecerá talvez mais evidente se voltarmos à fórmula “clássica” da analogia como proporção, que em português pode ser assim expressa: “A está para B assim como C está para D”. Essa mesma frase pode, em alemão, ser assim escrita: “A **verhält sich** zu B **wie** C zu D”²¹. Não custa notar que é inclusive a forma reflexiva do verbo “verhalten” que está associada mais de perto ao substantivo “Verhältnis”²², que, por sua vez, é o equivalente alemão da razão matemática (o “**logos**” da ἀναλογία²³). Para fechar a questão, indico a seguinte analogia de Simmel: **S.8.a.28**. Nela, a frase em que ocorre a expressão pode ser assim traduzida: “O ministério inglês é com efeito um órgão do parlamento, que está para o parlamento mais ou

20. Lemos, no original: “Und wie der Zunftverband über die Stadtgrenzen, so greift der Gesellenverband über die Zunftgrenzen.” Uma tradução mais econômica (do ponto de vista do emprego de conectivos) seria: “As comunidades de ofício atravessam as fronteiras da cidade **assim como** a liga hanseática atravessa os limites que separam as comunidades de ofício”.

21. Assim, uma das definições do *Duden* para o verbo “sich verhalten” é “*im Vergleich zu etw. anderem eine bestimmte Beschaffenheit haben, zu etw. in einem bestimmten Verhältnis stehen*: a verhält sich zu b wie x zu y; die beiden Größen verhalten sich zueinander wie 1:2.”

22. Segundo o *Duden*, “Verhältnis” deriva especificamente da forma reflexiva do verbo em questão, de modo que a relação entre ambos os termos seria etimológica.

23. Correspondentemente, a expressão “de acordo com a razão”, que é um dos equivalentes possíveis da expressão adverbial ἀνά λόγον, aparece em geral nos dicionários alemães como “gemäß dem Verhältnis” (cf. p. ex. os verbetes “Analogie” e “Verhältnis” na *Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie*), ou “im Verhältnis” (cf. o verbe “Analogie” no *Historisches Wörterbuch der Philosophie*).

menos como o próprio parlamento está para o país como um todo”²⁴. De resto, essa analogia, assim como a que citei anteriormente (**S.6.a.7**), é um ótimo exemplo de analogia contínua (A:B::B:C), em que o termo intermediário (num caso, o parlamento e, no outro, as corporações de ofício) é denominado duas vezes.

Até aqui, contudo, não fugimos ao **wie**. (Por sinal, 57,8% das analogias coletadas ao longo das duas obras de referência foram identificadas graças a esses três sinais que contêm em si o **wie**²⁵.) Os outros três sinais agrupados na classe 1, contudo, o dispensam. São eles: a referência explícita à analogia, o que chamo de “fórmula da analogia” e o que chamo de “paralelismo sintático”. Não me parece necessário justificar o caráter analógico dos casos em que Simmel se refere explicitamente à analogia – sendo preciso apenas notar que contabilizei como referência explícita não só os casos em que Simmel utilizou o substantivo “Analogie”, como também aqueles em que utilizou o advérbio ou o adjetivo correspondente, a saber: “analog” [analogamente/análogo].

A “fórmula da analogia” a que me refiro nada mais é do que uma variação específica da fórmula matemática mais usual da analogia (a saber: A está para B, assim como C para D). Esta a variação: o que A é para B, C é para D. Esse tipo de formulação, que dispensa a intermediação do **wie** (mas que envolve um paralelismo semelhante àquele detectado na composição “**wie** + **so**”) é empregada poucas vezes por Simmel, mas seu caráter analógico, no contexto em que Simmel a emprega, me parece indiscutível. Assim, p. ex., em **S.9.c.16**, Simmel estabelece uma analogia entre o perfume e o adorno que pode ser (ainda que grosseiramente) resumida nos seguintes termos: “**o que** o perfume é para o nariz, **o** adorno é para o olho”²⁶.

O último dos sinais de identificação da analogia agrupados na classe 1 é o que chamo de paralelismo sintático. Digo que ocorre paralelismo sintático nos casos em que *os elementos contidos num período ou num conjunto de períodos estejam organizados e distribuídos de maneira análoga, satisfeita a condição de que o conteúdo assim organizado diga respeito a objetos tirados de contextos diferentes*. Estratégias

---

24. Lemos, no original: “Das englische Ministerium ist tatsächlich ein Organ des Parlaments, das sich zu diesem *ungefähr* so verhält wie das Parlament selbst zu dem ganzen Lande.” O *italico* em *ungefähr* [“aproximadamente”, “mais ou menos”] é do próprio Simmel – o que é por si só bastante significativo. Também é digno de menção que o tradutor da versão em espanhol, por sinal bastante atento às analogias de Simmel, traduziu assim a mesma passagem: “El ministerio inglés es, en efecto, un órgano del Parlamento y está con éste en una relación análoga a la que el Parlamento tiene con el país” (SIMMEL, 1939, v. II, p. 151).

25. Cf., no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”, o Gráfico 1 e a Tabela 1, bem como a nota explicativa que os acompanha. Note-se como, no caso desse sinal em particular, a ocorrência percentual na *Soziologie* é praticamente a mesma que na *Philosophie des Geldes*.

26. A frase em alemão é um pouco mais complicada e sutil, pois Simmel emprega, ao invés do verbo “sein” [ser], o verbo “leisten” [realizar, fazer, produzir, se prestar a; há que se notar o refinamento da formulação, que comentarei ao fim desta nota]. Assim, no original, lemos: “Das Parfüm leistet ebendasselbe durch Vermittlung der Nase, **was** der sonstige Schmuck durch die des Auges”. Um pouco mais literalmente, a frase poderia ser assim traduzida: “Justamente o que o perfume faz por meio do nariz, é isso que o adorno faz por meio do olho”. O que interessa é que “**das**” e “**was**”, devidamente separados por uma vírgula, introduzem cada um dos dois termos da analogia, sinalizando, portanto, a correspondência entre o que o perfume e o que o adorno “fazem”, i.e.: entre a função de ambos. De resto, a construção ainda guarda uma notável semelhança com algumas das analogias que encontrei nas traduções de Platão a que tive acesso; para ficar com aquela que já citei: “O que o bem é no domínio do inteligível com referência ao pensamento e seus objetos, o sol o é no domínio do visível com referência à vista e seus objetos.” A diferença entre a formulação platônica e a simmeliana é sutil, mas muito significativa: Simmel emprega, como eu já havia sinalizado, o verbo “leisten”, e não o verbo “sein”: sua analogia não diz respeito ao que o perfume ou o adorno *são*, mas ao que eles *fazem, realizam*, ao modo como eles *funcionam*.

como o emprego paralelo de sinais de pontuação, de conjunções, de partículas de ênfase, bem como de repetição de uma mesma estrutura frasal serão consideradas formas sintáticas que podem expressar (ainda que de um modo especialmente equívoco) uma relação de analogia. Vale notar que esse gênero de procedimento – que consiste em expressar uma relação analógica por meio de uma construção textual também analógica – está longe de ser uma invenção simmeliana. G. E. R. Lloyd notou, p. ex., que já em Homero (muito antes, portanto, dos primeiros registros achados da palavra ἀναλογία) aquilo que havia de semelhante entre dois termos de uma comparação era amiúde enfatizado por meio da repetição de palavras ou frases²⁷. De todo o modo, o que interessa a esta altura é que, nos casos em que a analogia se deixe expressar por esse recurso, ficará indicado tratar-se de paralelismo sintático e serão destacados (em **negrito**) os sinais de pontuação, as conjunções, as partículas de ênfase e/ou as estruturas frasais ou locuções que, por estarem distribuídas paralelamente, indicam uma relação de analogia.

O que chamo de “paralelismo sintático” é uma forma mais indireta e imprecisa de expressar ou sinalizar a analogia do que as outras formas que agrupei na classe 1. Com efeito, considero esse sinal – se comparado com os demais – aquele que comunica de modo mais indireto e equívoco a ligação analógica. Sua equivocidade deriva, em parte, de que a analogia se torna, nesses casos, quase indistinguível da mera semelhança (ponto esse que será retomado mais adiante); mas sobretudo de que o paralelismo sintático não é mais uma forma fixa, imediatamente designável, *destacável* como o **wie**, mas pura e simplesmente um modo de arranjar as palavras – e quaisquer palavras, na verdade. Para mostrar que, apesar disso, esse recurso *pode* expressar uma relação de analogia, lançarei mão da seguinte estratégia, que será em seguida abundantemente empregada tendo em vista demonstrar o caráter analógico das demais expressões (i.e.: das expressões agrupadas nas classes 2, 3, 4 e 5): irei indicar exemplos em que o recurso expressivo em questão aparece junto a algum dos sinais de identificação da analogia que considero inequívocos²⁸. Assim, p. ex., em **P.2.c.52**, o paralelismo sintático acompanha uma referência explícita à analogia, e serve muito claramente para “marcar” aqueles casos que Simmel chama, justamente, de análogos. Já em **S.1.b.21**, acompanha o **wie**, e aqui claramente de modo a se referir aos mesmos termos que o **wie** se refere. O que esses dois casos mostram é que o paralelismo sintático *pode* ser considerado um sinal de identificação da analogia válido tendo em vista a construção do índice de analogias²⁹.

---

27. Cf. LLOYD, 1971, *Polarity and analogy: two types of argumentation in early Greek thought*, p. 191. É preciso notar que Lloyd opera com um conceito mais abrangente de analogia do que o meu.

28. Os sinais que – conforme a minha avaliação – expressam de maneira mais inequívoca o procedimento analógico são, em ordem decrescente de inequívocidade: referência explícita à analogia, “**sich verhalten + wie**”, “**wie + so**” e “**wie**”. Do ponto de vista estatístico, quase duas em cada três analogias coletadas na *Soziologie* encontram-se formuladas por um desses sinais (para mais detalhes, confira o apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”).

29. E a generalização aí envolvida só me parece justificada tendo em vista que o que se procura é demonstrar que é *possível* que o paralelismo sintático exerça a mesma função que atribuo ao **wie** ou à referência explícita à analogia. O ponto será retomado na seção seguinte.

II.1.4.2. Classe 2

ebenso	entsprechend	sozusagen
so	das Entsprechende	gleichsam
sowie	etwas Entsprechendes	gewissermaßen
nicht anders als	entsprechende Fall	vergleichbar
comme	entsprechende Form	vergleichen
gleich	entsprechen	gleichen

As analogias destacadas graças aos sinais que agrupei na classe 2 são também, em geral, fáceis de identificar; dentro do contexto de que foram tiradas, todas as expressões elencadas nesse grupo exercem de maneira clara a função do **wie**, i.e.: separam os dois objetos de que Simmel trata como distintos quanto a seus “conteúdos”, ao mesmo tempo que os ligam no que diz respeito às suas “formas”. Mas já o fazem – ainda de um modo geral – segundo o modelo “fraco” de analogia, i.e.: segundo o modelo da analogia como semelhança funcional. A proporção de analogias coletadas graças a esse sinal sobre o total de analogias coletadas é de aproximadamente uma para cada cinco³⁰.

Como vimos, a palavrinha **so** frequentemente acompanha o **wie**, complementando o seu sentido. Isso posto, casos há também em que o **so** aparece sem o **wie**, sobretudo quando Simmel ou distribui os dois termos da analogia em períodos diferentes, ou os separa com ponto-e-vírgula (cf., p. ex., a já referida analogia **S.2.a.14**). O mesmo se dá com **ebenso** [do mesmo modo], extensão, em certo sentido mais enfática, de **so**. Assim, p. ex., a analogia **S.3.a.12**: nesse caso, está muito claro que a relação que certos pais estabelecem com seus filhos seria equivalente àquela que ocorre entre certos padres e seus fiéis; ela seria equivalente na medida em que, em ambos os casos, de resto diferentes entre si, haveria algo como uma invasão da privacidade (sendo essa a função comum que conecta os dois casos particulares em questão)³¹. O caso é um pouco diferente, ainda que a ideia geral seja quase a mesma, com as expressões **gleichsam** e **sozusagen** [por assim dizer]; essas são expressões que irei considerar – e ainda assim apenas em casos muito especiais –, como apropriadas para um tipo muito específico de analogia, como ainda veremos. Como exemplo, sugiro a analogia **S.4.a.35**, que será traduzida e apresentada mais adiante³².

Seja como for, a maioria dos sinais de identificação da analogia agrupados nessa segunda classe

30. Como pode ser inferido a partir dos dados apresentados nas Tabelas 1 e 2, bem como no Gráfico 1, que constam do apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”.

31. Sintomaticamente, o tradutor da versão em espanhol da *Soziologie* verteu mais de uma vez **ebenso** (e também **ähnlich**) por *analogamente*.

32. Cf. a caracterização do tipo “ilustrativo, *conceitual*”, mais abaixo, sob o item II.1.6.1.3.2, bem como, na próxima seção, a discussão em torno do segundo critério positivo para a definição das analogias feitas por Simmel. Para adiantar um pouco a discussão, o caráter analógico da construção se liga ao fato de que, por meio de expressões como essa, Simmel *transfere* o sentido específico de um conceito tirado de uma província bem delimitada do conhecimento para outra (como para a sociologia). O que viabiliza essa transferência (i.e.: essa metáfora) é, por sua vez, o procedimento analógico – de forma que também nesses casos estamos diante de um resultado desse procedimento, de um modo de aparecimento do analogia enquanto modo de pensamento.

possuem ainda um outro ponto em comum. Ao menos uma vez ao longo das duas obras de Simmel que escrutinei, eles ou (a) acompanham outro sinal mais evidente de identificação³³, ou (b) correspondem a uma variação de um dos demais sinais da classe 2. O ponto (b) é o mais rápido de desenvolver: **entsprechen** [corresponder] nada mais é do que o infinitivo de **entsprechend** [correspondente] (que, por sua vez, como veremos, acompanha, em alguns casos, o **wie**); ao passo que **das Entsprechende** [o correspondente] e **etwas Entsprechendes** [algo correspondente] nada mais são do que formas nominalizadas do anterior. Conto também nessa categoria os casos em que o termo aparece no participípio junto a certos substantivos, como em **entsprechende Fall** [caso correspondente] e **entsprechende Form** [forma correspondente]. Já o ponto (a) precisará ser desenvolvido mediante a apresentação sucinta de um exemplo para cada expressão³⁴.

Assim, **ebenso** acompanha **wie**, p. ex., em **S.10.c.29**; o mesmo se dá com **entsprechend**, p. ex., em **S.9.a.19**, e, com **nicht anders als** [o mesmo que³⁵], em **S.5.a.10**. O advérbio **vergleichbar** [comparável] também acompanha uma referência explícita em **S.10.b.12**, e a ele corresponde o verbo **vergleichen** [comparar], que ocorre, p. ex., em **P.6.b.45**; ainda em **S.10.b.12**, aparece **sozusagen**, que é, por sua vez, empregado como sinônimo de **gleichsam** e de **gewissemaßen**. O verbo **gleichen** [ser semelhante a], que sinaliza duas analogias da *Soziologie* e quatro da *Philosophie des Geldes*, é um caso a parte, na medida em que não aparece acompanhado de outros sinais mais inequívocos de identificação; contudo, a forma adjetiva desse verbo, **gleich** [igual³⁶] aparece acompanhada de **wie** em **P.1.c.39**. Tanto no caso do verbo, como no caso do adjetivo está implicada seja a ideia de equivalência³⁷, seja a de semelhança³⁸. Um exemplo de analogia identificada graças ao verbo **gleichen** é **S.5.a.21** – em que certa disposição psicológica associada à revelação de um segredo é comparada ao fenômeno da atração pelo abismo. Vale notar que todos esses termos guardam, do ponto de vista semântico, certas afinidades com a noção de analogia: **entsprechen** implica a noção de *correspondência*; **vergleichen**, a de *comparação*; **gleichen**, a de *equivalência*. Todos participam da “árvore lógica” da noção de analogia. Rigorosamente falando, nenhum desses termos expressa de maneira perfeitamente adequada o procedimento analógico: elas o expressam

---

33. A saber, a referência explícita à analogia ou algum dos três sinais que contêm o **wie**.

34. Exceto para **comme**, que é o equivalente de **wie** no francês e que, portanto, dispensa “prova”. Trata-se, por sinal, de uma analogia citada por Simmel, e não propriamente por ele inventada; como, entretanto, investigar a “autoria” de todas as analogias que aparecem no texto de Simmel seria uma tarefa completamente despropositada (o caso citado, que corresponde à analogia **S.2.a.22**, é basicamente o único em que é fácil decidir se Simmel o inventou ou não), contabilizei todas as analogias de Simmel que encontrei no texto de Simmel *independentemente* de quem as teria inventado.

35. **Nicht anders als** envolve, nessa ordem: uma partícula de negação (**nicht** ou, em alguns casos, **nichts** ou **kein**), o pronome indefinido “outro” e uma partícula de comparação. A expressão pode possuir outros significados, mas, nos contextos de onde foram tirados, expressam uma equivalência (como quando dizemos que isso não é diferente daquilo, ou que não é outra coisa senão aquilo, etc.). Para simplificar, apresento como correspondente em português a expressão “o mesmo que”, que se encaixaria assim em **S.5.a.10**: “A discrição é o mesmo que o sentimento de se ter direito a algo, só que dizendo respeito à esfera dos conteúdos imediatos da vida”; uma tradução mais exata começaria assim: “A discrição **nada mais é que** o sentimento...”. No original, lemos: “Diskretion ist **nichts anders als** das Rechtsgefühl in bezug auf die Sphäre der unmittelbaren Lebensinhalte.”

36. Ou, dependendo do contexto, “parecido”, “similar”. Cf. as duas notas imediatamente abaixo desta.

37. Do ponto de vista etimológico, já que “gleich” significa “igual” (inclusive em matemática, em expressões como “dois mais dois é igual a quatro”). Para mais detalhes, cf. a nota 46, mais abaixo.

38. Do ponto semântico, já que “gleichen” é empregado para designar que alguém ou alguma coisa se parece com (i.e.: é semelhante a) outrem ou alguma outra coisa.

apenas de maneira *aproximada* – sendo que, por isso mesmo, na maior parte das vezes em que ocorrem não designam uma analogia. É preciso, a essa altura, recorrer a um exemplo para elucidar o ponto. Quando Simmel, a certa altura de seu excursus sobre a sociologia da nobreza, afirma que esta é como que uma ilha no mundo, sendo **comparável** à obra de arte (cf. **S.10.b.12**), tudo o que podemos concluir tomando como base essa expressão – i.e. “comparável” – é que seria possível imaginar que essa relação seja analógica. No entanto, rigorosamente falando, nem tudo o que é comparável é análogo (isto porque o conceito de comparação é mais abrangente que o de analogia). Como – nesse caso específico – Simmel logo em seguida se refere a essa mesma relação (entre a nobreza e a obra de arte) empregando o advérbio **analog**, nossas suspeitas podem ser comprovadas. O que foi dito aqui a propósito de **vergleichbar** pode ser aplicado a todos os casos agrupados nas classes 2 e 3. É também por isso que, nos casos em que, conforme a minha avaliação, *apenas* termos como **vergleichbar**, **ebenso**, **entsprechen** ou **gleichen** serviram de expressão ao procedimento analógico, considereirei a analogia assim formada como mais equívoca do que aquelas identificadas por **wie** ou referência explícita. Nos casos de **vergleichbar**, **ebenso**, **entsprechen**, **gleichen**, etc. – nesses casos, é como se o caráter analógico da analogia fosse mais duvidoso ou menos autoevidente, já que o ajuste entre a forma de expressão e o que se supõe expressar não é perfeitamente adequado. Voltarei ao ponto na próxima seção.

***

As analogias identificadas pelos sinais que agrupei nas classes 3, 4 e 5 têm em comum a peculiaridade de envolverem sinais cada vez mais complexos e equívocos para designar uma analogia. Por serem construções mais elaboradas, cada um desses sinais é utilizado poucas vezes (sendo que a maioria ocorre apenas uma vez). Como justificá-las uma a uma implicaria uma perda muito grande de tempo, as agrupei nessas três classes e procurei sintetizá-las no menor número possível de fórmulas comuns – que serão, essas sim, justificadas caso a caso. Há de se destacar que somente 8,2% das analogias coletadas nas duas obras de referência foram identificadas *apenas* graças a um dos sinais que agrupei nas classes 3, 4 e 5³⁹.

II.1.4.3. Classe 3

ähnlich	<u>ähnlich</u>
ähnlich	etwas <u>ähnliches</u> auftreten
ähnlich	[äußere] <u>Ähnlich</u> keit
ähnlich	etwas <u>Ähnliches</u>
ähnlich	<u>ähnliche</u> Weise

39. Para mais detalhes, cf. o apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”.

As analogias identificadas pelos sinais que agrupei na classe 3 apontam para a definição da analogia como (mera) semelhança – de que o conceito de analogia como semelhança funcional é uma variação específica. No contexto de onde foram tiradas, elas, contudo, ainda se referem claramente a uma semelhança funcional (o que nem sempre acontece quando Simmel se refere apenas a uma “semelhança”).

O que os sinais aqui agrupados têm em comum é a presença de alguma expressão correlata a *ähnlich* [semelhante]. Assim como *ebenso* e *entsprechend*, também *ähnlich*, em alguns contextos, funciona como o *wie*⁴⁰; admitido esse ponto, considero apenas razoável tomar locuções construídas a partir de variações do termo *ähnlich* como sendo sinais possíveis de identificação da analogia. Há também que se notar que *ähnlich* aparece acompanhado algumas vezes do verbo *sich verhalten* (sendo o sinal em questão, nesses casos, agrupado na classe 5); e, noutras vezes, de alguma expressão derivada da noção de forma (sendo, então, agrupado na classe 4). Esta terceira classe se reserva às ocorrências isoladas de *ähnlich* e seus correlatos, i.e.: aos casos em que a ideia de semelhança funciona *exatamente* como a de correspondência, tal como vimos na classe 2⁴¹.

Algo a propósito da relação entre semelhança e analogia já foi discutido no capítulo anterior. Ao que foi dito é preciso, ainda, acrescentar que, de um modo geral, a fronteira entre semelhança e analogia é na verdade bastante nebulosa: para alguns autores, toda semelhança implica uma analogia e toda analogia, uma semelhança⁴²; a fronteira se tornaria ainda mais borrada caso, de resto, eu optasse por acolher a *analogia entis* em minha reconstrução fragmentária da história do conceito de analogia – o que, contudo, não fiz⁴³. Seja como for, no caso de Simmel, essa fronteira ainda parece se manter. Apenas há analogia, no sentido que interessa para compreendermos as analogias de Simmel, quando há semelhança *entre* (pelo menos) duas coisas, e jamais *em* duas coisas⁴⁴. Nessa chave, podemos (um pouco grosseiramente) dizer que há analogia quando o que se verifica é uma semelhança *formal*, bastando apenas notar que essa

40. Por vezes lemos, na versão em espanhol da *Soziologie*, “análoga” ou “análogamente” onde, no original, Simmel havia escrito “ähnlich”. Assim, p. ex., na p. 194 de SIMMEL, 1977, v. 1. A passagem corresponde à analogia **S.3.a.18**, que tem como sinal de identificação aqui anotado **form + ähnlich** (e que foi, portanto, agrupada na classe 5).

41. O termo foi detectado enquanto advérbio, adjetivo e substantivo; enquanto substantivo, foram detectados os casos de **Ähnlichkeit** [semelhança] e **etwas Ähnliches** [algo semelhante]).

42. G. E. R. Lloyd, p. ex., vai um pouco nesse sentido, seguindo os passos de Keynes (cf. LLOYD, 1971, p. 175). Stuart Mill também havia apontado essa tendência (em relação a qual, é preciso notar, ele tinha uma atitude bastante crítica): “It is on the whole more usual, however, to extend the name of analogical evidence to arguments of any sort of resemblance” (MILL, 1961, *A System of Logic ratiocinative and inductive*, p. 365; ref.: livro III, cap. XX, § 2 – grifo meu).

43. O que posso a esta altura dizer a respeito da analogia do ser (*analogia entis*) é que é um conceito bastante frequentado pelos teólogos. Nesse âmbito, designa – para dizê-lo de um modo um pouco sumário – aquela relação de correspondência entre a criatura e o criador que abriria a possibilidade de referência à deus. Essa referência, por sua vez e ainda segundo algumas doutrinas teológicas, é o que tornaria em primeiro lugar possível a “compreensão” de deus pela criatura – contudo, por ser analógica, a compreensão aí envolvida estaria fadada a ser parcial, incompleta, precária. A *analogia entis* recebe esse nome porque todo o existente (i.e.: tudo o que é) seria um análogo de deus. O conceito foi objeto de inúmeras controvérsias entre os teólogos, e é uma das tantas contribuições da filosofia medieval à discussão em torno da analogia. Como essa parte da história da analogia não será – pelas razões já expostas – por mim trabalhada, só retomarei, e ainda assim indiretamente, algumas das ideias que informam o conceito de *analogia entis* no último capítulo desta dissertação, devido justamente às analogias que Simmel estabelece, em sua *Philosophie des Geldes*, entre deus e o dinheiro.

44. Assim, afirmo que, para Simmel (como também para Høffding), a analogia é uma *espécie* de semelhança, justamente aquela que diz respeito às relações entre as coisas (cf. HØFFDING, 1924, p. 1).

“forma” precisa ser compreendida – como também a função, o esquema, a estrutura, e até mesmo o comportamento e o processo (em um sentido a ser ainda melhor especificado) – como uma espécie de *relação* ou *nexo* que se estabelece entre as coisas de modo a realizá-las num mundo. Estabelecido o ponto, encontramos, sintomaticamente, muitas vezes a noção de semelhança associada à de forma e/ou contraposta à de conteúdo (cf. o exemplo discutido sob a classe 4, logo abaixo).

Seja como for, deve ficar claro que a ideia de semelhança não expressa de maneira perfeitamente adequada o procedimento analógico – pelo menos não no sentido que aqui nos interessa. Assim, o que foi dito há pouco a propósito da expressão **vergleichbar** também se aplica a **ähnlich** e seus correlatos. Já topamos, ao longo do excuro sobre a relação entre metáfora e analogia, contido no capítulo anterior, com uma analogia identificada somente graças a um dos sinais agrupados nessa terceira classe; trata-se da **S.10.b.11**. Esse é, contudo, um caso relativamente raro: apenas 15 das 704 analogias coletadas junto às duas obras de referência tiveram como principal sinal de identificação **ähnlich** ou um de seus correlatos⁴⁵.

II.1.4.4. Classe 4

form + gleich	nach der <u>gleichen</u> Formel
form + gleich	die <u>gleiche</u> Form beherrscht
form + gleich	das <u>formal</u> <u>gleich</u> Verhalten
form + gleich	die <u>gleiche</u> Form zeigt
form + gleich	eine <u>formal</u> <u>gleiche</u> Kreuzung wird bewirkt
form + gleich	der <u>formal</u> <u>gleiche</u> Zusammenhang
form + gleich	der <u>formal</u> <u>gleiche</u> Prozeß sich vollzieht
form + gleich	diese <u>formale</u> Gleichheit
form + gleich	eine <u>formal</u> <u>gleiche</u> Entwicklung
form + gleich	auf die psychologische Formgleichheit hinweisen
form + gleich	einen <u>formal</u> <u>gleiche</u> Prozeß beschreiben
form + gleich	die <u>gleiche</u> Entwicklungs <u>form</u> zeigen
form + gleich	diese <u>formale</u> Gleichheit
form + gleich	sich zu der <u>gleichen</u> Form steigern
form + gleich	die <u>gleiche</u> Form übertragen
form + ähnlich	eine ganz <u>ähnliche</u> Formung
form + ähnlich	eine <u>formal</u> <u>ähnliche</u> Lage
form + ähnlich	eine <u>formale</u> Ähnlichkeit
form + verwandt	ein <u>formal</u> <u>verwandtes</u> Beispiel
form + Beziehung	sich in <u>formaler</u> Beziehung zeigen

45. Não estou contabilizando, aqui, os casos em que os sinais de identificação agrupados nessa classe ocorreram junto com outro sinal mais evidente. Sobre o ponto, confira a nota explicativa no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”.

gleich + Schema

das gleiche Schema zeigen

gleich + Weise

in der gleichen Weise entstehen

Os sinais de identificação agrupados na classe 4 são compostos por dois elementos básicos que, combinados, referem-se sempre ou a uma semelhança ou a uma identidade que diz respeito às *formas* do que Simmel trata. O primeiro desses elementos (que é o mais evidente) remete exatamente à noção de forma, que se apresenta seja como substantivo (Form, Formung, Formel, Formtypus), seja como adjetivo ou advérbio (formal) derivado do radical *form-*. O segundo elemento corresponde a uma das características que, como vimos no capítulo anterior, é fundamental para a formação de uma analogia: *identidade* ou *semelhança*. Nos casos aqui agrupados, o termo **gleich** [igual, idêntico, o mesmo] expressa uma identidade ou, mais exatamente, uma equivalência⁴⁶; ao passo que **ähnlich** expressa, como vimos, uma semelhança. Como esses termos aqui se ligam mais ou menos diretamente à noção de forma, a identidade ou a semelhança em questão passam a ser uma identidade ou uma semelhança quanto à forma: o que nos remete quase que diretamente à definição das analogias de G. Simmel com que venho operando, e que será formulada mais exatamente na seção seguinte. Assim, vemos, p. ex., que Simmel em certo momento diz que dois fenômenos se desenvolvem segundo a mesma fórmula (nach der gleichen Formel, S.3.a.35), ou que possuem uma semelhança formal (eine formale Ähnlichkeit, S.8.d.40, analogia essa também identificada pelo **wie**). Nesse último exemplo, por sinal, a equivalência funcional entre **wie** e formale Ähnlichkeit me parece bastante evidente: quando Simmel emprega o **wie**, é para especificar um pouco mais detalhadamente a natureza da semelhança formal que ele detecta entre a fidelidade e o procedimento indutivo.

É também muito revelador do estilo próprio de Simmel que, em muitos dos casos em que a ligação analógica aparece explicitamente associada à noção de forma, encontramos também alguma referência à noção de conteúdo. Quando isso se dá, Simmel sempre destaca que a semelhança formal ocorre a despeito das diferenças que dizem respeito ao conteúdo. Assim, p. ex., em S.6.a.4⁴⁷. Esse é, na verdade, um ponto-chave deste trabalho, que será retomado no capítulo dedicado à análise das analogias presentes na *Soziologie* de Simmel; e a propósito disso, não devemos perder de vista o que foi discutido no capítulo anterior, quando topamos com a analogia S.1.a.7: Simmel chegou mesmo a “definir” *por analogia* o que entendia por forma e por conteúdo da socialização.

Note-se, enfim, que há quatro exceções em relação ao que foi dito. Em um caso, encontramos o termo **verwandt** [aparentado] no lugar de **gleich** ou **ähnlich**; noutro, a noção de forma acompanha apenas o

46. Em matemática, “gleich” é sinalizado por “=”. Não custa reiterar que Szabó traduz a expressão adverbial ἀνά λόγον (que estaria na origem do substantivo ἀναλογία) por “je nach Logos gleich”, i.e.: igual quanto ao *logos*.

47. Forneço outro exemplo e comento o ponto quando da discussão dos sinais agrupados na classe 5. De resto, apresentarei, na seção seguinte, uma definição das analogias de Simmel em que empregarei as noções de forma e conteúdo.

substantivo **Beziehung** [relação]; e em outros dois, topamos com **Schema** [esquema] e **Weise** [modo], onde de costume veríamos um termo derivado do radical *form-*. O termo **verwandt**, como **entsprechend** e **ähnlich**, faz parte de uma família de termos que remetem à ideia de unidade; ele expressa as noções de afinidade e parentesco – próximas, mas não idênticas às de analogia. No caso da combinação **form + Beziehung** [que equivale a “relação formal”], que ocorre uma única vez, está claro pelo contexto de que se trata de uma relação formal *semelhante* (cf. **P.6.b.46**). Já os termos **Schema** e **Weise** se referem um pouco mais vagamente àquilo a que a ideia de forma também se refere; isso talvez pareça mais claro no caso de **Weise**, considerando que mesmo em português empregamos “da mesma forma” como equivalente a “do mesmo modo”⁴⁸. Também é importante notar que três dessas quatro exceções sinalizam analogias que correspondem a um mesmo tipo⁴⁹.

De todo o modo, o que temos em todos os casos aqui agrupados são já *combinações* de noções-base. Apenas quando a noção de forma *se liga* à de equivalência ou semelhança, temos uma construção semântica mais ou menos apropriada para expressar uma relação de analogia. Por conseguinte, não temos mais, como nos casos anteriores, uma única palavra ou ainda uma expressão “fechada” (como **sich verhalten + wie**) para designar a analogia: o que torna a relação entre o procedimento analógico e os meios linguísticos empregados para designá-lo (cada vez mais diversificados entre si) mais imprecisa nesses casos do que na maioria dos casos anteriores.

II.1.4.5. Classe 5

sich verhalten + ähnlich	sich wiederholen + derselbe Prozeß
sich verhalten + so	sich wiederholen + diese Fortschrittsform
sich verhalten + ebenso	sich wiederholen + dieser Vorgang
sich verhalten + nicht anders	Wiederholung + Verhältnis (+ finden)
sich entwickeln + ebenso	kein andres + das Verhältnis (+ sein)
sich entwickeln + die gleiche Form	kein andres + das Verhältnis (+ stehen)
sich entwickeln + der gleiche Formtypus	dasselbe + Verhältnis (+ sich abspielen)
entsprechen + die gleiche Form	dasselbe + Verhältnis (+ erweisen)
sich wiederholen + die Form	dieselbe + Verhältnisform (+ sich fortsetzen)
sich wiederholen + die Entwicklungsform	dieselbe + Entwicklungsform (+ zeigen)
wiederholen + die formale Struktur	entsprechend + Verhältnis (+ folgen)
sich wiederholen + das Verhältnis	

48. Em que se pesem as diferenças que um filósofo analítico – o que, de resto, Simmel nunca foi – poderia apontar entre as noções de forma e de modalidade. Sobre a noção de esquema, cf. a discussão presente na terceira seção do primeiro capítulo deste trabalho.

49. Cf., mais adiante, a explanação do tipo “sociológico, *processual*”, sob o item II.1.6.1.2.2. Os três casos em questão são os que se encontram na parte do índice referente à *Soziologie* – ao passo que a exceção que não corresponde a esse tipo se acha na parte do índice referente à *Philosophie des Geldes*, e foi considerada de tipo “filosófico, *metafísico*”.

As analogias identificadas pelos sinais que agrupei na classe 5 envolvem formulações ainda mais complexas e ambíguas. Nelas, encontram-se mais uma vez combinadas noções afins às de analogia, só que agora de um tal modo a expressar (a) a unidade (mais ou menos completa) entre dois (b) esquemas genéricos diferentes entre si.

A maioria dos termos que compõem as combinações aqui arroladas já havia sido referida em outros momentos, ao longo desta seção. São os casos de **ähnlich**, **so**, **ebenso**, **nicht anders** e **gleich**, que expressam alguma espécie de unidade (semelhança, equivalência, etc.); de *–form* e **Verhältnis** que, nos casos em questão, se referem àquilo o que tem de ser semelhante, equivalente ou idêntico para que estejamos diante de uma analogia (p. ex.: a forma, a relação, etc.); e dos verbos **sich verhalten**⁵⁰ e **entsprechen**. As novidades são: **dasselbe** ou **dieselbe** [o mesmo], **wiederholen** [repetir] e **entwickeln** [desenvolver], bem como os substantivos **Prozeß** [processo], **Fortschrittsform** [forma de desenvolvimento] e **Vorgang** [processo, curso dos eventos], que acompanham o verbo **wiederholen**. **Dasselbe** e **dieselbe** nada mais são do que pronomes demonstrativos que expressam identidade, podendo, portanto, ser imediatamente alinhados com **so**, **ebenso**, **nicht anders**, **kein anders** e **gleich**.

Wiederholung e **(sich) wiederholen** implicam a ideia *repetição* (sendo a primeira palavra o substantivo abstrato e a segunda um verbo: “repetir-se”). Também essa ideia se deixa assimilar pela de unidade, sendo alinhada junto as de equivalência, semelhança, correspondência e afinidade/parentesco (**Verwandtschaft**); como todas essas, também a noção de repetição comunica apenas de um modo indireto e vago uma relação analógica. A propósito da relação entre repetição e analogia, Á. Szabó nota que, em grego, a preposição “ἀνά” (um dos elementos constitutivos da palavra ἀναλογία) possui, justamente em contextos numéricos, um sentido distributivo⁵¹; para passarmos daí à noção de repetição basta agora imaginar que, quando dizemos que 10 está para 5, assim como 6, para 3, estamos diante de um *logos* que *se repete*. Note-se que, para que eu possa associar a noção de repetição à de analogia (nos termos deste trabalho), aquilo que se repete deve ser uma *forma* ou *relação entre termos* (**Verhältnis**). No que diz respeito à ideia de forma, convém remeter à analogia **S.3.a.24**; note-se que, aqui, além da ideia de forma, Simmel *também* se refere à de conteúdo, afirmando justamente que eles são “muito

---

50. Do ponto de vista semântico, cumpre talvez explicar rapidamente alguns dos significados de “verhalten”, de modo a mostrar em que medida ele é apropriado para expressar uma relação analógica. Como vimos, o verbo, em sua forma reflexiva, é empregado na descrição de proporções (“a verhält sich zu b wie x zu y”, i.e.: A está para B, assim como X está para Y). Noutros contextos, o verbo **sich verhalten** é geralmente vertido por “comportar-se”, no sentido de agir de um modo determinado. Ora, reconhecer padrões ou formas recorrentes de *comportamento* é uma das tarefas mais antigas não só da sociologia, como das ciências naturais de um modo geral – e, como vimos no capítulo anterior a este, o raciocínio analógico em sentido abrangente (analogia enquanto semelhança funcional, e não apenas enquanto proporção matemática) exerceu por muito tempo um papel central na ordenação desse tipo de material empírico. O mesmo se pode dizer no caso de Simmel: já em 1919, Kracauer, quando discutiu o papel da analogia em Simmel, se referiu, não por acaso, ao **wie** como uma palavrinha necessária para a marcação de “comportamentos que têm a mesma forma” [gleichförmige Verhalten]. Sobre o ponto: cf. o breve comentário na nota 12, mais acima. Além disso, para atestar o caráter analógico das construções que envolvem o verbo em questão, posso indicar as analogias **S.5.a.34** e **S.6.a.8**, em que vemos dois dos sinais em questão acompanhados de **wie**.

51. cf. SZABÓ, 1969, pp. 203-5. O que é, como vimos, especialmente significativo, quando se leva em conta que, em sua origem, a palavra analogia era um termo ligado mais de perto à matemática.

diferentes”⁵².

Vimos, finalmente, que aqui aparece também seja o verbo reflexivo **sich entwickeln** [desenvolver-se], seja o substantivo correspondente, **Entwicklung** [desenvolvimento]. Para que esses termos venham a sinalizar uma analogia (o que também o fazem apenas de modo grosseiro), é preciso que se refiram a uma identidade. Com efeito, das cinco ocorrências em que considerei os termos em questão partes de um sinal de identificação de uma analogia, quatro se referem explicitamente a uma identidade formal; no caso em que isso não acontece, o verbo **sich entwickeln** acompanha **ebenso**, de modo análogo ao que acontece com **sich verhalten**⁵³. Em todos esses casos, **Entwicklung** designa um processo de desenvolvimento, uma evolução, algo que tem, portanto, um curso em princípio determinável no tempo; trata-se exatamente do mesmo sentido que as expressões **Prozeß**, **Fortschritt** e **Vorgang** têm nos contextos em que foram considerados sinais de identificação do procedimento analógico. Assim como **Entwicklung**, **Fortschritt**, quando aparece, aparece como parte de um substantivo composto com a noção de forma. De resto, a semelhança ou unidade analógica se apresenta, nos casos em que tais substantivos foram considerados sinais de identificação de uma analogia, na forma de *repetição*; sendo que quatro dessas cinco ocorrências acompanham justamente o verbo reflexivo **sich wiederholen**, e a que não acompanha aparece ao lado do pronome **dasselbe**. Um exemplo: em **P.4.c.41**, Simmel detecta uma analogia referida a desenvolvimentos ocorridos no interior de três domínios distintos da vida social e intelectual, a saber: no domínio da ciência moral, no domínio do conhecimento teórico e no domínio das relações de propriedade⁵⁴ – sendo que tais relações (de propriedade) são o tema propriamente dito desse trecho de sua filosofia do dinheiro, ou seja, aquilo que está no foco de sua discussão. Ora, detectar semelhanças entre formas de desenvolvimento é, como sabemos, tomar um caminho arriscado: sendo esse talvez o erro mais grave computado na conta daquele vertente da antropologia e da sociologia que se costuma chamar de evolucionista. Acredito que isso se deva, ao mesmo em parte, a que a analogia seja uma forma particularmente atemporal e desistoricizante de conhecimento⁵⁵. O procedimento era,

---

52. Lemos, a certa altura: “Bei aller inhaltlichen und quantitativen Differenz wiederholt sich diese Form...” O que interessa aqui é que Simmel se refira a uma diferença de conteúdo (**inhaltliche Differenz**) junto a uma identidade de forma (identidade que, aqui, se expressa na ideia de repetição: **sich wiederholen**).

53. Trata-se da analogia **S.3.a.35** que, de resto, é identificada também por um sinal pertencente à classe 4.

54. O que ele afirma, mais exatamente, é que essa “forma de desenvolvimento parece se repetir” – note-se que ele não afirma que elas efetivamente se repetem, mas que é isso o que *parece* acontecer. Em alguns casos, Simmel emprega tal expressão – “parecer ser” – para em seguida “desmascarar” tal aparência como falsa. Não é isso o que ele, nesse contexto, faz. Nesse caso, trata-se apenas de se cercar de uma cautela, de expressar sua incerteza quanto a esse ponto específico, sobre o qual não se teria ainda um conhecimento exato, mas que nem isso pode ser deixado de lado. Ao invés de deixar esse possível fato sem explicação, Simmel considera preferível fornecer uma explicação provisória – sendo que “parece”, nesse caso, reforça justamente o caráter provisório da explicação (cf. o tratamento dado por Simmel a uma questão do gênero em GSG, v. 11, p. 10). No fundo, trata-se da mesma atitude a que nós recorremos quando dizemos algo do gênero: “não sei se isso é verdade, mas se for, uma explicação possível seria a seguinte: isso ocorreria por conta daquilo”.

55. O que tem inúmeras consequências. A mais importante delas, com a qual de certa forma já nos deparamos no capítulo anterior, é que, ao estabelecer uma analogia, nada se diz sobre a determinação dos fenômenos por ela envolvidos. Dito de outro modo, a noção de analogia é *independente* da de causalidade (i.e.: onde há uma analogia, há apenas por acidente relação de causa e efeito). Isso porque a noção tradicional de causalidade implica sucessão temporal, derivação, determinação de A por B, onde A antecede B; afinal, a relação de causa e efeito imita a passagem do tempo (sua eficácia explicativa está ligada a isso), e por isso tem de ser unilateral. A analogia, não: numa comparação analógica, a passagem do tempo se encontra suspensa, ou

contudo, trivial à época de Simmel e, apesar dos inúmeros embaraços aí envolvidos, é preciso notar que ele foi, no mais das vezes, bastante cauteloso no tratamento dessas “analogias”.

As analogias da *Soziologie* que dizem respeito a processos de desenvolvimento foram agrupadas sob o tipo “sociológico, processual”, a ser explanado sob o item II.1.6.1.2.2, mais adiante; aquelas contidas na *Philosophie des Geldes*, sob o tipo “historicista”, tratado no item II.1.6.2.2.1. Por agora, convém adiantar que esses tipos perigosos de analogia, que flertam com a história mesmo sem ter, por assim dizer, a pegada necessária para tanto, não são, no caso de Simmel, sempre formulados como analogias. Em outros tantos casos, contudo, o são, e de maneira explícita. Assim, em **S.10.a.20**, p. ex., Simmel se refere a uma mesma “forma de evolução que se repete” para designar o que ele chama de uma analogia evolutiva.

***

A ideia até aqui foi de apresentar os sinais característicos da analogia, ou melhor: os sinais por meio dos quais o esquema analógico (ele mesmo um modo de pensamento) se deixou expressar no texto de Simmel. Para mostrá-lo, procurei sobretudo apontar as afinidades semânticas entre os sinais em questão e a noção de analogia, mobilizando as duas estratégias associativas a que me referi ao longo das primeiras linhas deste item II.1.4. Retomo o ponto – desde outra perspectiva – ao longo da segunda seção deste capítulo, quando me deterei na discussão dos critérios de demarcação das analogias que compõem o índice.

II.1.5. Os elementos relacionados pela analogia: resumo dos conteúdos da analogia

A quinta informação do índice diz respeito aos elementos relacionados pela analogia. Mostrei, no capítulo anterior, que toda analogia envolve certa *diferença*; joga, portanto, com a unidade e com a diversidade. Também mostrei que, em sua acepção mais estrita (analogia enquanto proporção), ela pressupunha a explicitação dos seus quatro termos constitutivos (A:B::C:D); ao passo que, em sua acepção mais abrangente (analogia como semelhança funcional), foi frequentemente empregada tendo apenas dois termos por referência (“isto é análogo àquilo”), podendo os outros dois termos (B e D) ser entendidos genericamente como dois “contextos” não idênticos e não explicitados ou sequer explicitáveis. Tomando agora como referência as analogias de Simmel, constatei, já ao longo da coleta experimental, que há casos em que é perfeitamente possível designar os quatro termos da analogia, de modo a encaixá-la no modelo matemático; há, entretanto, casos em que esse encaixe não é evidente, e por isso defini as analogias de Simmel como sendo uma aproximação entre pelo menos *dois* objetos

---

assume um aspecto circular (o que é a base para sua afinidade com a noção de *Wechselwirkung*, usualmente vertida por interação). Em parte isso se deve, é provável, à filiação do conceito à matemática; mas em parte também à sua ligação com a imaginação e à estética, que lhe confere uma feição irremediavelmente contemplativa.

distintos. A quinta informação do índice diz justamente respeito aos termos da analogia, i.e.: àquilo que ela liga, aos seus referentes, às suas matérias ou, para usar um dos termos prediletos de Simmel: aos seus *conteúdos*.

O ponto será discutido mediante um exemplo. No *Exkurs über das Problem: Wie ist Gesellschaft möglich?*⁵⁶, Simmel traça uma série de analogias entre a sociedade e a natureza, ou melhor: entre um dos três fundamentos *a priori* da sociedade (tematizados no excurso) e as categorias do entendimento que tornariam a natureza possível, segundo a leitura que Simmel faz de Kant (vide a analogia **S.1.b.25**). Essa informação – cuja fixação no índice envolve, sem dúvida, certa margem para arbitrariedades – será, em alguns casos, anotada em dois níveis de detalhamento. Assim, para nos atermos ao exemplo anterior, ficará estabelecido que se trata de uma analogia entre sociologia e ciências naturais (nível mais geral: nesse caso, a analogia é resumida *pelo seu contexto*, i.e.: pelo “denominador” implícito a cada termo da analogia); detalhando melhor cada objeto, temos: “um dos fundamentos *a priori* da sociedade, segundo Simmel, e as categorias do entendimento que tornam a natureza possível, segundo Kant” (nível mais concreto). No índice propriamente dito, como aqui, sempre que essa informação for detalhada em dois níveis, a separação entre eles será indicada por ponto-e-vírgula. Em boa parte dos casos, contudo, a analogia será resumida apenas em um nível.

Em alguns casos, mais especificamente nas analogias sociológicas que ligam exemplos (como se verá em seguida, essas analogias correspondem a determinado “tipo”), não é possível ou não faria sentido “reduzir” os objetos da analogia a um nível maior de generalidade. Isso porque se trata de objetos concretos ligados a situações históricas muito específicas. Assim, p. ex., na passagem codificada como **S.2.a.23**, Simmel traça uma analogia bastante “concreta” entre os mitos que a nobreza de Locri, uma antiga colônia grega, utilizava para representar sua história, de um lado, e os mitos de fundação de Roma. Em casos como esse, só faz sentido operar com um nível de detalhamento (o mais concreto).

Como veremos, o nível de detalhamento ou “concretude” dos objetos relacionados pela analogia é um dos elementos que torna viável e, por assim dizer, alimenta a “tipificação” das analogias de Simmel que eu discutirei em breve. Por isso mesmo, a informação a respeito dos elementos relacionados pela analogia será descrita de maneira diferenciada para cada “tipo” de analogia. No tópico seguinte, em que discorro sobre os “tipos” de analogia que construí, voltarei a esse ponto, retomando a discussão deste tópico e detalhando-a um pouco melhor.

É preciso a esta altura que fique muito claro o seguinte: o importante desse gênero de informação não é, de modo algum, fixar quais sejam os objetos da analogia; trata-se, em primeiro lugar, de um “teste” para a demarcação de analogias: para que faça sentido falar em “analogia”, é preciso que se identifiquem

---

56. “Excurso sobre o problema: como é possível a sociedade?” Trata-se do excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie*.

dois objetos distintos, relacionados entre si de um determinado modo. Se há, por sua vez, dois objetos distintos, deve ser possível, em algum nível, representá-los como tal. Portanto, o primeiro motivo pelo qual decidi apresentar essa informação no índice é para me munir de um instrumento a mais para *identificar* as analogias de Simmel⁵⁷. O segundo motivo – que é, na verdade, o mais importante – é que essa informação, ainda quando não passe de uma aproximação grosseira, servirá para tornar visíveis recorrências e cadeias de analogias ao longo das obras de referência. Ao tornar visíveis essas recorrências, estarei em condições de estabelecer com maior precisão duas características que considero – já desde o momento em que este trabalho se apresentava ainda como projeto de pesquisa – essenciais às analogias de Simmel, a saber: (1) sua variedade e (2) seu potencial de atravessar províncias já diferenciadas do conhecimento. Algumas dessas recorrências e cadeias analógicas serão, por sua vez, investigadas em maior detalhe no momento da interpretação das analogias selecionadas para análise.

Faço, por fim, notar que a informação aqui discutida nada mais é do que um *resumo* da analogia. Como é comum a todo o resumo, também esse está condenado a ser não apenas esquemático, como ainda a possuir um caráter profundamente arbitrário; seria perfeitamente possível reduzir, p. ex., os termos da analogia **S.1.b.25** a outros conteúdos igualmente “válidos”. Entretanto, esse resumo deve ser tomado como um meio para um fim, e não como um fim em si mesmo (sendo que sua finalidade foi abordada no parágrafo anterior a este).

II.1.6. Os tipos de analogia: resumo da função da analogia

A sexta informação apresentada no índice diz respeito ao **tipo de analogia**. Este tópico deve começar por onde o outro terminou, i.e.: também essa informação, como a anterior, foi pensada tendo em vista auxiliar na tarefa de organizar e agrupar as centenas de analogias de Simmel, de maneira a tornar visíveis recorrências e cadeias de analogias ao longo de seu texto. De resto, ela se mostrou especialmente útil para me auxiliar a selecionar quais das analogias coletadas seriam apresentadas e interpretadas ao longo dos capítulos subsequentes. Assim sendo, a “tipificação” que será apresentada em seguida nada mais é do que um recurso mobilizado tendo em vista facilitar a abordagem de meu objeto de pesquisa; fora desse âmbito e, portanto, deslocada em relação aos fins que lhe conferem sentido, essa “tipificação” não me parece ter qualquer utilidade. (O que significa não só que ela não diz coisa alguma a respeito do uso das analogias por outros autores que não Simmel, mas ainda que não se deve empregá-la diretamente, i.e., sem qualquer revisão, caso se queira trabalhar com as analogias presentes em outros textos de Simmel – como, p. ex., em seus escritos sobre filosofia da arte – ou sob algum outro prisma teórico, uma vez que elas foram criadas para responder às minhas questões de pesquisa.)

---

57. Esse ponto será retomado na próxima seção, sob a explanação dos critérios n5#P1 (cf. a p. 182, adiante) e n1#P2 (cf. a p. 187).

Para que eu não precise empregar aspas a cada vez que for me referir à noção de “tipo”, convém esclarecer o que entendo pelo termo – ou melhor: como pretendo, aqui, empregá-lo. O que chamo de “tipo” nada mais é do que uma elaboração genérica e estilizada feita a partir das analogias coletadas junto ao texto de Simmel. Nenhum dos tipos aqui apresentados foi definido antes da coleta: sua elaboração envolveu sucessivas comparações e aproximações realizadas ao longo da coleta. As analogias foram sendo comparadas e aproximadas sobretudo no que diz respeito à *função* que, no meu entender, exerciam no âmbito da teoria social de Simmel (no caso da *Soziologie*) e no de sua teoria do conhecimento (no caso da *Philosophie des Geldes*). Já que tanto a teoria social, como a teoria do conhecimento de Simmel encontram no perspectivismo uma de suas expressões mais adequadas, as funções a que se ligam cada um dos tipos por mim elaborados foram remetidas às diversas perspectivas com que ele buscou confrontar aqueles que eram, a cada momento, os objetos de sua consideração. Antes de elaborar melhor o ponto, é preciso deixar claro que uma definição mais precisa da relação entre os tipos de analogia que elaborei e os casos concretos de analogia elencados no índice envolve, necessariamente, as noções mais imprecisas de *correspondência* e *aproximação*. Assim, quando informo no índice que, p. ex., que a analogia **S.1.a.2** é “ilustrativa, *figurativa*”, o que quero dizer é que, dentre todos os tipos construídos, aquele a que ela *corresponde mais de perto* é o ilustrativo, *figurativo*. Dito de outro modo: a relação entre o tipo e o caso que corresponde ao tipo não é unívoca ou livre de ambiguidades.

Apesar do caráter intuitivo e, em última análise, arbitrário da tipificação aqui elaborada⁵⁸, acredito que os tipos cumprem de maneira satisfatória o papel com que lhes incumbi: o de tornar visíveis determinadas recorrências no modo como Simmel emprega suas analogias. Assim, como ainda veremos em detalhes, as analogias que operam no âmbito da “sociologia formal” de Simmel e cuja função é ligar exemplos assumem frequentemente um aspecto bem mais vago e próximo ao modelo da analogia como semelhança funcional, do que as analogias por meio das quais ele buscou “fundar” sua sociologia – sendo estas, em termos gerais, descritas mais sistemática e minuciosamente que aquelas⁵⁹. Em muitos casos, há inclusive uma correlação entre, de um lado, a função das analogias que considere correspondentes a um determinado tipo e, de outro, determinado sinal de identificação, o que será examinado mediante uma análise quantitativa dos dados gerados pela coleta⁶⁰.

Convém elaborar melhor sobre o seguinte ponto: eu não criei os tipos antes de coletar as analogias, mas à medida que as coletava e comparativamente, já que a tipificação foi aqui utilizada única e

---

58. Acredito que toda tipificação envolva certo grau de arbitrariedade, o que se prenderia ao fato de que o procedimento em questão atua no âmbito das categorias de senso comum (sendo que o próprio Simmel chegou a abordar a questão mais ou menos nesses termos; cf. GSG, v.11, pp. 47-50). Contudo, não estou aqui em condições de desenvolver mais a fundo o ponto.

59. Refiro-me, aqui, respectivamente aos tipos “sociológico, *entre exemplos*” e “epistemológico”.

60. Os dados encontram-se resumidos no apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”. O material estatístico é aqui empregado num sentido estritamente descritivo. As estatísticas geradas pela coleta não devem ser consideradas como uma característica dos tipos de analogia; elas são, antes, uma síntese *diferente* feita a partir do mesmo material que eu usei na elaboração dos tipos.

exclusivamente tendo em vista tornar visíveis eventuais recorrências no modo como Simmel empregava suas analogias⁶¹. Os tipos foram sendo, pois, arredondados ao longo da coleta: em todos os casos em que determinada analogia não parecia se encaixar de maneira adequada em um determinado tipo, o que fiz foi, num primeiro momento, sinalizar a presença de uma dúvida com uma interrogação (na versão comentada do índice). À medida que a coleta avançava, eu periodicamente retomava aquelas analogias marcadas com uma interrogação, à procura de outras semelhantes. Nos casos em que a dúvida persistiu mesmo após sucessivas revisões, deixei a decisão quanto ao tipo correspondente das analogias em questão para o momento da revisão final de todas as analogias coletadas em cada uma das obras de referência, quando todos os tipos estavam já devidamente caracterizados. Nos casos em que, mesmo assim, o encaixe pareceu especialmente forçado, anotei (agora na versão final, simplificada do índice) logo após a indicação do tipo, entre parênteses, a informação “atípica”. Assim, p. ex., a analogia **S.1.b.34** é assim tipificada: “sociológica, *pura* (*atípica)”, o que significa que a analogia em questão corresponde muito mais vagamente ao tipo que as demais.

Outro ponto que convém esclarecer diz respeito à designação dos tipos. Como eu havia afirmado, as recorrências a que tenho aqui me referido dizem respeito, agora, não mais ao “conteúdo” das analogias (como no caso da informação anterior, explanada sob o item II.1.5), mas, em boa medida, às suas “funções” no interior da teoria social e da teoria do conhecimento de Simmel. Justamente na medida em que tanto essa, como aquela estão envolvidas pelo perspectivismo, foi possível, de maneira aproximada, relacionar certas “funções” exercidas pelas analogias de Simmel a certas “perspectivas” por ele mobilizadas. Essa aproximação foi, por sua vez, incorporada à designação dos tipos. Para ficar com um exemplo, farei referência ao nome de um dos tipos de analogia por mim construídos: o tipo “sociológico, *entre exemplos*”. O nome do tipo foi escolhido de modo a expressar o mais sinteticamente possível a perspectiva (no caso, estritamente sociológica) e a função exercida pela analogia no interior dessa perspectiva (no caso, a função principal é de conectar exemplos de tal a modo a tornar visíveis a forma de socialização que eles teriam em comum). Além disso, sempre que o nome do tipo contenha duas partes (como é o caso do sociológico, *entre exemplos*), a segunda é introduzida por vírgula e grafada em itálico, o que visa destacá-la da primeira. Finalmente, em alguns casos, o tipo foi nomeado tomando como referência algumas sugestões esparsas do próprio Simmel – sendo esse em particular o caso das analogias socialfilosóficas, como irei mostrar ao longo da caracterização desse tipo.

Finalmente, é importante desde já destacar que os tipos elencados para a construção da parte do índice de analogias referente à *Soziologie* não foram sempre os mesmos que os elencados para a construção da parte referente à *Philosophie des Geldes*. Isso porque irei me servir das analogias coletadas ao longo da *Soziologie* para investigar como funciona o procedimento analógico no âmbito mais estrito da

---

61. Dado que, afinal – como veremos –, a construção do índice nada mais é do que um exercício de leitura do texto de Simmel.

teoria social de Simmel, ao passo que as coletadas na *Philosophie des Geldes* me servirão para investigar como o procedimento funciona no âmbito de sua teoria do conhecimento⁶². Assim sendo, para cada livro foi criado um conjunto de tipos de analogia, de modo a viabilizar em cada caso uma interpretação global da obra em questão. Agora, que os tipos elaborados para cada obra não sejam exatamente os mesmos – isso não significa que sejam incompatíveis entre si, muito pelo contrário. Assim, p. ex., tanto na *Soziologie*, como na *Philosophie des Geldes*, temos analogias “sociológicas”; mas se, num caso, temos mais de um tipo de analogia sociológica, noutro todas as analogias sociológicas se encontram subsumidas num único tipo. Isso se justifica, de um lado, tendo em vista o fato de essas são, na *Soziologie*, mais frequentes e diversificadas do que na *Philosophie des Geldes*, de modo que é possível, no primeiro caso, destacar uma gama maior de funções especificamente sociológicas do que no segundo; e, de outro, devido a que o próprio Simmel mobilize, em sua *Philosophie des Geldes*, a sociologia como parte da filosofia, ou melhor: como um dos passos que conduzem à filosofia. Além disso, há várias correspondências entre certos tipos montados para a *Soziologie* e certos tipos montados para a *Philosophie des Geldes*, sendo que dois desses tipos, inclusive, se repetem. Essas correspondências serão tratadas quando da explanação individual dos tipos montados para dar conta das funções do procedimento analógico na *Philosophie des Geldes*.

Segue a explanação individual dos tipos por mim elaborados, a começar pelos que desenhei para dar conta das analogias da *Soziologie*. Foram montados oito tipos, que, por sua vez, agrupei em três classes distintas, cada uma correspondendo a uma perspectiva mais geral, como veremos. O número de tipos elaborado para viabilizar a interpretação das analogias da *Philosophie des Geldes* também é oito, e também nesse caso os oito tipos se acham agrupados em três classes distintas – sendo que a coincidência numérica é apenas uma isso: uma coincidência⁶³. A explanação de cada tipo conterà: uma caracterização geral (que contará com comparações com outros tipos), a apresentação de um exemplo bem *típico*⁶⁴, uma descrição de como os objetos relacionados pela analogia serão descritos no índice⁶⁵, uma análise da correlação estatística entre o tipo em questão e algum dos sinais identificação da analogia por mim arrolados (quando houver correlação estatística) e uma análise da distribuição do tipo ao longo dos capítulos de cada obra de referência. Além disso, como eu havia afirmado, casos há de analogias que

---

62. Sendo que esse pode ser considerado um desenvolvimento das ideias apresentadas em meu projeto de pesquisa, em que pergunta fundamental que move meu trabalho – como funcionam as analogias de Simmel? – já aparecia desdobrada em duas: (1) como funciona a analogia no âmbito da teoria do conhecimento proposta por Simmel?; e (2) como funciona a analogia no âmbito da sociologia praticada e pensada por Simmel?

63. O arranjo em três classes é especialmente arbitrário, sobretudo em dois casos particulares. Como será exposto em seguida, o encaixe das analogias socialpsicológicas na classe dos tipos “filosóficos” da *Soziologie* é consideravelmente mais forçado que o dos outros dois tipos pertencentes a essa mesma classe. Além disso, a relação entre as analogias “historicistas” e as “especializadas” – ambas classificadas como “científicas” – no âmbito da *Philosophie des Geldes* é bem diferente da relação que mantêm entre si as analogias que correspondem aos quatro tipos considerados, nessa mesma obra, como “filosóficos”; por sinal, o tipo que chamei de “especializado” é um caso a parte, pois contém quatro variações específicas.

64. Nesses casos, optei, sempre que possível, em apresentar uma analogia cujo sinal de identificação é uma referência explícita da parte de Simmel, para deixar claro de que se trata de uma analogia.

65. Já que a descrição – como eu havia comentado sob o item II.1.5 mais acima – varia conforme o tipo.

correspondem a mais de um tipo. Assim, p. ex., a analogia **S.3.a.35** (a que já me referi neste capítulo) foi considerada correspondente a dois tipos analiticamente distintos: sociológico, *entre exemplos* e sociológico, *processual*. Há, na *Soziologie*, 30 casos como esse (ou 8,6% sobre o total das analogias coletadas nessa obra); na *Philosophie des Geldes*, 24 casos (6,7% sobre o respectivo total). Irei me referir a esses casos como analogias de tipo misto⁶⁶. Também as ocorrências de tipo misto serão comentadas ao longo das explanações individuais, sempre que for o caso. Vamos, pois, a elas.

II.1.6.1. Tipos de analogia construídos para a Soziologie

II.1.6.1.1. Analogias tipificadas como filosóficas

Três dos oito tipos de analogia da *Soziologie* foram classificadas como “filosóficas”. Dois deles correspondem, de maneira aproximada, aos limites filosóficos que Simmel atribuiu a toda a ciência especializada – como seria o caso da sua sociologia “pura”. Simmel figura esses dois âmbitos como os limites inferior e superior do conhecimento científico exato: como limite inferior, operando na montagem dos conceitos fundamentais e dos pressupostos elementares de toda a ciência, apareceria a epistemologia; como limite superior, em que se extrapola o âmbito estritamente empírico da pesquisa científica de modo a que se possa chegar a conclusões e conexões de ordem mais abrangente, estaria a metafísica⁶⁷. Os dois primeiros tipos classificados como filosóficos correspondem, cada um, a um desses âmbitos: de um modo geral, as analogias epistemológicas operam no âmbito da epistemologia, assim como as socialfilosóficas, no da metafísica (que é, nesse caso, uma metafísica especificamente “sociológica”, como veremos). O terceiro tipo – aqui denominado “socialpsicológico” – diz respeito às analogias especificamente psicológicas empregadas no âmbito da *Soziologie* de Simmel. Estas foram consideradas filosóficas, por um lado, devido ao grau elevado de generalidade com que Simmel incorporou o psicologismo no âmbito de sua sociologia e, por outro, também devido a que a perspectiva psicológica ocupa – como as outras duas – uma posição de exterioridade em relação ao limites da sociologia “pura” de Simmel.

Como é possível inferir a partir dos dados disponibilizados na Tabela 3 e representados no Gráfico 4 (ambos contidos no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”), 33,9% das analogias coletadas no âmbito da *Soziologie* foram tipificadas, de maneira mais ou menos exata, como filosóficas; destas, o tipo mais frequente é o epistemológico, que responde sozinho por 57,6% sobre o total das analogias tipificadas como filosóficas.

---

66. O que não é a mesma coisa do que uma analogia atípica. Alguns dos casos de tipo misto são, na verdade, bastante recorrentes e, portanto, bem típicos.

67. Cf., para nos atermos aqui a um de seus trabalhos sociológicos, SIMMEL, 2006, pp. 35-6.

II.1.6.1.1.1. O tipo epistemológico

As analogias que me permitiram a montagem do tipo “epistemológico” são sobretudo aquelas que Simmel utiliza para estabelecer relações entre duas esferas do conhecimento diferenciadas – e como Simmel é um autor que dedicou boa parte de seus estudos à estética, irei considerar “arte” e “arte aplicada” como províncias do conhecimento equiparáveis à biologia, à geometria e à sociologia. Portanto, o tipo em questão opera, no que tem de mais essencial, coordenando formas distintas de pensamento, o que só é possível num nível epistêmico. A maioria das analogias coletadas na *Soziologie* foram empregadas para, de alguma forma, contribuir para a fundação da sociologia como uma ciência autônoma – ciência esta que Simmel procurou, por assim dizer, *posicionar* frente a outras formas devidamente “estabelecidas” de pensamento, por meio de uma combinação de estratégias pontuais de aproximação e distanciamento em relação a estas (sendo que, dentre essas estratégias, está o uso de analogias). Digo que se tratam de estratégias pontuais, porque o modo como Simmel posiciona a sociologia em relação às demais ciências não tem como resultado um sistema acabado e homogêneo, que se possa representar num mapa ou num esquema: quando Simmel posiciona a sociologia em relação a outra forma dada de conhecimento, é sempre dizendo respeito a um determinado aspecto de ambas, i.e.: sempre de modo pontual. Mais exatamente, as analogias epistemológicas dizem de um modo geral respeito ou a (1) aspectos metodológicos ou a (2) conceitos específicos partilhados, de um lado, por alguma ciência já consolidada e, de outro, pela sociologia.

Tomemos como exemplo a analogia **S.1.a.7**, pela qual já passamos. Ela pode ser assim traduzida:

De um lado, é preciso que a mesma forma de socialização apareça junto a conteúdos completamente distintos e se volte para fins completamente distintos; e, inversamente, que um interesse idêntico quanto a seu conteúdo seja revestido por formas de socialização completamente distintas (formas essas que lhe servem de suporte e modo de realização) – assim como a mesma forma geométrica se encontra junto às mais diversas matérias, e, inversamente, a mesma matéria se apresenta nas mais diversas formas espaciais, ou como o que acontece, correspondentemente, entre as formas lógicas e os conteúdos materiais do conhecimento.⁶⁸

Como é possível observar, aqui as noções de forma e conteúdo no âmbito da sociologia são tomadas como análogas às noções correspondentes em geometria e no âmbito da lógica. A analogia tipicamente epistemológica tem, evidentemente, como pano de fundo a *Erkenntnistheorie* [epistemologia, teoria do conhecimento] de Simmel; será minha tarefa, mais adiante, mostrar como suas discussões no âmbito da teoria da ciência podem ser lidas à luz desse tipo de analogia. Por hora, contudo, convém apenas chamar a atenção para os traços formais típicos da analogia epistemológica.

As analogias que correspondem mais de perto ao tipo são, frequentemente, bastante elaboradas e complexas (sobretudo as que constam do primeiro capítulo da *Soziologie*). Não raro, elas assumem um

---

68. **S.1.a.7**, disponível em GSG, v. 11, pp. 20-1.

aspecto bastante “exato”, i.e.: correspondem de maneira bastante precisa ao modelo matemático, sobretudo ao esquema da analogia discreta, cuja fórmula é $A:B::C:D$. Um bom exemplo (em que Simmel faz referência explícita de que se trata uma analogia) é a **S.1.a.10**, que é uma analogia composta entre sociologia e geometria (digo que ela é composta, porque é formada por três analogias, ou melhor: a analogia em questão liga a sociologia à geometria em três pontos, segundo três “funções” diferentes). Trata-se de uma das mais importantes analogias de Simmel, que faz parte de uma longa cadeia analógica entre a geometria e a sociologia – cadeia essa que será apresentada e discutida em detalhe no próximo capítulo desta dissertação.

Os sinais de identificação mais recorrentes nesse tipo de analogia são os sinais mais “fortes”: 51 das 65 analogias coletadas foram identificadas ou pelo **wie**, ou pela referência explícita à analogia. Trata-se de uma frequência consideravelmente superior à média: do total de analogias coletadas na *Soziologie*, 65% foram identificadas graças ao sinais mais fortes, ao passo que, considerando apenas as epistemológicas, essa proporção aumenta para 78,5%. Correspondentemente, o coeficiente inequívocidade⁶⁹ das analogias epistemológicas está, também, consideravelmente acima da média.

Para os casos de analogia epistemológica, os elementos relacionados pela analogia foram, sempre que possível, resumidos num nível mais alto de generalidade, a saber: segundo as províncias do conhecimento atravessadas pela analogia em questão. Assim, p. ex., **S.1.a.7** foi descrita como uma analogia entre sociologia, geometria e lógica; **S.1.a.10**, supracitada, como uma entre sociologia e geometria; e **S.1.a.18**, entre sociologia e arte, com a especificação: sociologia e teatro. Além disso, em alguns casos, os termos em questão foram descritos num nível mais específico – de modo a tornar aparente aquele procedimento ou conceito particular sobre o qual se baseia a analogia. Assim, p. ex., em **S.1.a.8**, informo não só que a analogia em questão diz respeito, de um lado, à sociologia e, de outro, à geometria como, além disso, que se trata de uma analogia entre a noção de sociedade e a de esfera. A única exceção diz respeito à analogia **S.9.a.5**, bastante difícil de caracterizar (e que, por isso mesmo, está marcada como “atípica”) e que, embora seja localizável no âmbito da teoria do conhecimento de Simmel, não envolve exatamente uma travessia entre campos diferenciados do conhecimento.

Há seis ocorrências de tipos mistos que envolvem analogias epistemológicas. Nesses seis casos, o tipo correlato é o ilustrativo, *figurativo*. Os dois tipos tendem a se misturar à medida que os conceitos que Simmel empresta de uma determinada província do conhecimento deixam de funcionar como conceitos e passam a funcionar como imagens⁷⁰. A analogia **S.9.c.15** fornece um exemplo típico: na passagem em

---

69. Trata-se de um coeficiente utilizado para “medir” a força e a equivocidade dos sinais utilizados para identificar as analogias tipo a tipo (quanto mais “forte” uma analogia, tanto menos equívoca e, portanto, tanto maior o coeficiente de inequívocidade em questão). Uma explicação mais detalhada encontra-se nas notas explicativas ao apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”. O coeficiente para cada um dos tipos referentes à *Soziologie* está apresentado no Gráfico 7 e na Tabela 5, nesse mesmo apêndice.

70. O que é, na verdade, uma tendência que advém do modo como Simmel concebe o pensamento científico.

questão, Simmel não empresta exatamente um conceito da geologia de modo a construir, na sociologia, um conceito correspondente (assim como o faz no caso da analogia **S.1.a.7**). Ao invés disso, ele empresta a imagem gerada a partir do estudo das diversas camadas do solo para *figurar* o rosto – cujo significado sociológico ele então investiga – como portador da história da vida de um indivíduo. Nesses momentos, o elemento estético presente na teoria do conhecimento de Simmel aparece em sua ligação com o cognitivo. Como veremos ao longo dos próximos capítulos, essa ligação se mostrará de um modo ainda mais evidente quando analisarmos as analogias de *Philosophie des Geldes*; isso porque, no caso da *Soziologie*, é provável que Simmel tenha como que recalcado essa ligação, sem o que seria difícil demonstrar o valor científico dessa forma exata e especializada de conhecimento que, a seus olhos, tinha de ser a sua sociologia.

Por fim, vale a pena ressaltar que há, por razões evidentes, uma concentração muito grande das analogias correspondente ao tipo no capítulo em que Simmel está preocupado em discutir os fundamentos da sua sociologia. Assim, uma em cada três analogias epistemológicas foi encontrada no primeiro capítulo da *Soziologie*; ou, inversamente, quase duas em cada três analogias contidas nesse capítulo foram consideradas epistemológicas. Ao longo dos outros nove capítulos da *Soziologie*, as analogias correspondentes ao tipo se distribuem de maneira mais esparsa, ainda que estejam sempre presentes.

II.1.6.1.1.2. O tipo socialfilosófico

As analogias que tipifiquei como “socialfilosóficas” são aquelas que Simmel utiliza para estabelecer relações entre formas puramente sociológicas e formas não-sociológicas. Elas fazem, por assim dizer, a ponte entre as “descobertas” de Simmel no âmbito da sociologia e seus escritos filosóficos.

Como já havia sido adiantado, as analogias socialfilosóficas formam a contraparte das analogias epistemológicas, de acordo a filosofia da ciência de Simmel. Em mais de um momento de sua obra, Simmel afirma que toda a ciência específica possui dois limites filosóficos: a epistemologia, que se encontra por assim dizer sob toda a ciência específica, servindo-lhe de base; e a metafísica, que está por assim dizer sobre toda a ciência específica, extravasando o âmbito puramente empírico desta de modo a conectá-la a conceitos de ordem mais abrangente. Também a sociologia se enquadraria nesse esquema. Simmel denomina de sociologia filosófica aquela parte da sociologia (que seria, nesse caso, já mais-que-sociologia) dedicada às questões de ordem epistemológica e metafísica. As analogias que denomino socialfilosóficas correspondem à vertente metafísica: elas são, como irei demonstrar mais adiante, os *instrumentos mais apropriados para realizar essa tarefa*. Como ainda veremos, as analogias socialfilosóficas são, na verdade, uma variação específica das analogias mais puramente filosóficas que

encontraremos na *Philosophie des Geldes*: seu traço específico consiste em que um dos objetos relacionados pela analogia se prenda, necessariamente, à perspectiva sociológica.

O tipo em questão foi inspirado por uma definição do próprio Simmel. Vejamos o que Simmel tinha a dizer a propósito da analogia entre as relações individual-psicológicas e as sociológicas⁷¹:

Essa analogia não é em si e para si de natureza sociológica, mas sim de natureza socialfilosófica, na medida em que seu conteúdo não é um conhecimento da sociedade, mas um nexo geral que encontra na forma social apenas um de seus exemplos.⁷²

Essa pequena passagem diz muita coisa e será, por isso mesmo, retomada mais adiante. O que nos interessa, a esta altura, é a definição que Simmel provê do que seja uma analogia socialfilosófica: por meio delas, é possível enxergar como um “fato social” se liga a um contexto mais abrangente, mais-que-social, metafísico. Trata-se, claro está, de mostrar o universal *no* particular (e não é à toa que Simmel, aí, refira-se à forma social como um “exemplo”, um caso), de modo que é já possível entrever a relação entre esse tipo de analogia e algumas das categorias fundamentais da teoria do conhecimento de Simmel – assunto que será discutido em detalhe mais adiante. Um exemplo bastante típico, sinalizado por uma referência explícita da parte de Simmel, pode ser achado nesse mesmo excurso: trata-se da analogia **S.10.c.28**. Nessa passagem, Simmel arrola uma série de conexões entre, de um lado, conflitos *intraindividuais* e, de outro, conflitos *interindividuais*. A analogia é longa e será analisada mais a frente; convém, aqui, apenas traduzir um trecho seu, de modo a fornecer um exemplo do que se trata: “em torno das representações então dominantes agrupam-se outras, que fazem aumentar o peso de todas as demais, assim como [wie] aqueles que aderem a um partido se agrupam em torno da personalidade que o conduz”.

O que vemos aqui é uma analogia entre, de um lado, o modo como as representações se relacionam entre si *no interior da psique individual*, e, do outro, o modo como indivíduos se relacionam entre si *dentro de um partido*. Trata-se de uma analogia entre o que em geral chamamos de indivíduo e o que em geral chamamos de sociedade (tenha-se em mente que a sociedade é, para Simmel, o que emerge das relações *entre* os indivíduos, de sua *interação*). Nesses casos, os conteúdos relacionados pela analogia tipicamente socialfilosófica foram sempre reduzidos à categoria das *formas* (em que se pese o caráter um tanto contraditório da opção, que se presta a designar que os conteúdos em questão encontram-se já informados por uma perspectiva dada). O que vemos, no exemplo em questão, é, portanto, uma analogia entre uma formação social e uma formação individual. Casos há também em que uma das formações em questão foi resumida como “formação conceitual”. Assim, p. ex., em **S.2.a.4**, em que a determinação quantitativa do grupo é tomada como análogo do caráter abstrato dos conceitos genéricos.

---

71. Parafraseio, aqui, o título do último dos excursos da *Soziologie*: “Exkurs über die Analogie der individualpsychologischen und der soziologischen Verhältnisse” (grifo meu).

72. GSG, v. 11, p. 850.

As analogias arroladas nesse tipo foram também, em sua maioria, identificadas graças aos sinais mais “fortes”: dos 37 casos encontrados na *Soziologie*, 32 continham seja referência explícita, seja **wie** como sinal de identificação. Isso equivale a 86,5% das analogias: um percentual ainda maior do que no caso das epistemológicas. O coeficiente de inequivocidade das analogias socialfilosóficas é, correspondentemente, bastante elevado: 0,923⁷³. Assim, as analogias mais tipicamente socialfilosóficas se aproximam mais do modelo da analogia como proporção: o que, como veremos, se relaciona com a minha proposição segundo a qual o procedimento analógico é o mais adequado para realizar a tarefa de passar do âmbito da ciências exatas (assim como Simmel as concebe) para o da metafísica.

Há três ocorrências de tipos mistos que envolvem o tipo socialfilosófico. Em todos os casos, o outro tipo envolvido dizia respeito às analogias ilustrativas, *figurativas*. As três ocorrências em questão envolvem, de um lado, formações de caráter sociológico e, de outro, *imagens* tiradas do âmbito do senso comum (o que, como veremos, caracteriza as analogias ilustrativas, *figurativas*).

As analogias que se enquadram nesse tipo estão distribuídas de modo mais ou menos homogêneo ao longo da *Soziologie*, sendo que apenas no primeiro capítulo não registrei analogias desse tipo. Isso pode ser explicado pelo fato de que o procedimento analógico aqui envolvido realiza a intuição fundamental de Simmel que consiste em procurar o universal *no* particular; sendo essa intuição constante, tenderá também a ser constante a presença de analogias desse tipo. Já a exceção pode ser explicada pelo fato de que o primeiro capítulo da *Soziologie* seja um capítulo explicitamente dedicado a questões epistemológicas, de modo que a maior parte das analogias desse capítulo sejam tipificáveis como tais.

II.1.6.1.1.3. O tipo socialpsicológico

As analogias que tipifiquei como socialpsicológicas são aquelas que Simmel utiliza para estabelecer relações entre duas formas psicológicas distintas. Trata-se, nesses casos, de mostrar que, do ponto de vista psicológico, certo sentimento ou fenômeno psíquico se forma de maneira análoga a como outro sentimento ou fenômeno psíquico se forma. Vejamos o que Simmel tinha a dizer sobre a paciência e a inquietação diante de algo que nos incomoda, em **S.4.a.4**:

E não apenas graças ao fato – que aqui de todo o modo não é o essencial – de que opressão só aumentar quando aceitamos seu fardo em silêncio e sem protesto; mas sim porque a oposição nos proporciona um alívio, uma descontração, uma satisfação interna – assim como se dá, sob outras circunstâncias psicológicas, com a humildade e com a paciência.⁷⁴

---

73. Trata-se do segundo valor mais elevado, perdendo apenas, no rigor dos números, para o coeficiente das analogias socialpsicológicas. No entanto, no caso destas, o número demasiado pequeno de ocorrências utilizadas como base para o cálculo do coeficiente (apenas 7 ocorrências isoladas, sem contar os tipos mistos, num universo de 348) torna o dado em questão pouco preciso; assim, na prática, deve-se considerar que o coeficiente mais alto corresponde ao tipo socialfilosófico.

74. **S.4.a.4**, disponível em GSG, v. 11, p. 289.

Para contextualizar rapidamente o excerto, Simmel, a essa altura do capítulo dedicado ao “conflito”, investiga como se formam certas disposições psicológicas necessárias para que este possa atuar propriamente como uma forma de socialização (e não como uma força que atua em um sentido puramente negativo, i.e.: ameaçando destruir a vida em sociedade). Para que se possa tomar o conflito como forma de socialização, é preciso que haja, no plano psicológico, disposições *adequadas a* ou *compatíveis com* essa forma de socialização. A oposição em relação àquilo o que nos incomoda (sendo a “opressão” apenas um caso especialmente premente dessa forma mais geral) aparece, aqui, como uma dessas disposições psicológicas adequadas ao conflito como forma de socialização. Mas esse é apenas o contexto de que a analogia foi tirada, não a analogia em si. Na passagem acima traduzida, que corresponde ao texto da analogia **S.4.a.4**, o que vemos Simmel fazer é comparar dois conjuntos de disposições psicológicas determinadas e diferentes entre si (de um lado, a oposição àquilo que nos incomoda, o que inclui a oposição ao elemento opressor; e, de outro, a humildade e a paciência) que, em situações específicas e igualmente diferentes entre si, se comportariam do mesmo modo. Assim, a oposição àquilo que nos incomoda (A) proporcionaria, sob certas circunstâncias psicológicas (B) o mesmo alívio, descontração e satisfação internas (**logos**) que a humildade e a paciência (C) proporcionam sob outras circunstâncias psicológicas (D). Note-se que Simmel opera com o pressuposto de que é mais “fácil” intuir como a paciência e a humildade proporcionam, satisfeitas certas condições, algo como uma satisfação interna. O mesmo não se pode dizer da oposição – posto que essa envolve enfrentamento, dissipação de energia, *stress*, tudo isso o que, no plano imagético, parece se opor ao alívio, à descontração e à satisfação interna. Daí a analogia, que faz parte da estratégia de Simmel em desarticular o vínculo “naturalizado”, na nossa imaginação, entre o conflito (aqui exemplificado na imagem da oposição e da inquietação frente a algo que se opõe à nossa vontade) e a destruição em geral. Sob alguns aspectos, o conflito também pode funcionar produzindo o efeito oposto à destruição: por isso, convém *aproximá-lo*, por meio dessa analogia (que diz respeito a uma forma específica de conflito), da paciência e da humildade. Como se vê, enquanto permanecemos na analogia em questão, em momento algum extrapolamos o âmbito psicológico; apenas quando reconstruímos o contexto em que se encontra a analogia podemos encontrar o que há de sociológico na passagem: por meio da analogia, Simmel ilustra o *modo de funcionamento* de uma disposição psicológica adequada e, em certo sentido, necessária à compreensão do conflito enquanto forma de socialização⁷⁵.

Como fica claro pelo exemplo acima apresentado, os sentimentos ou fenômenos de ordem psíquica

---

75. Para utilizarmos um esquema de argumentação compatível com o de Simmel, as disposições psicológicas em questão seriam necessárias para que a luta pudesse se *estabelecer* enquanto forma, i.e.: adquirir a estabilidade necessária para não ser imediatamente consumida pela passagem do tempo. Sem a criação de disposições psicológicas adequadas à forma de socialização em questão, esta pura e simplesmente perderia seus contornos e deixaria de existir; analogamente, também aquelas disposições psicológicas extraem seu sentido mais profundo do fato de que os indivíduos vivem em sociedade. Esse malabarismo analógico (que provavelmente deve causar arrepios a um filósofo analítico ou a um empirista lógico) entre disposições psicológicas e formações individuais – necessário para que Simmel evite reduzir a sociologia à psicologia ou a psicologia à sociologia – confundiu diversos intérpretes de Simmel, alguns dos quais acabaram lhe atribuindo uma visão atomizada e psicologizante do social.

envolvidos pela analogia tipicamente socialpsicológica são abordados de forma bastante genérica e estilizada. Analogamente ao que acontece tanto nos casos da analogia epistemológica e da socialfilosófica, aqui também estamos já *fora* do âmbito estrito da sociologia de Simmel. Por conta disso, do fato de que estamos tratando da *Soziologie* de Simmel e do tratamento genérico das disposições psicológicas abordadas nas analogias que corresponderam mais de perto ao tipo em questão, este foi classificado como “filosófico”.

De todo o modo, ocorrem na verdade poucos casos que correspondem a esse tipo, o que significa que há pouca clareza em sua definição. Considerei que apenas em sete casos a analogia em questão podia ser tomada como correspondente apenas desse tipo; além desses casos, há cinco ocorrências de tipos mistos que envolvem o socialpsicológico (de modo que o tipo se liga ao todo a apenas 12 das 348 analogias coletada ao longo de toda a *Soziologie*). Esses cinco casos envolvem, como tipo correlato, as analogias consideradas ilustrativas, *figurativas*. A afinidade entre os dois tipos tem provavelmente que ver com o caráter descritivo de ambas (pois, como vimos, a analogia **S.4.a.4** funciona justamente descrevendo o modo de funcionamento de determinada disposição psicológica, por meio de uma espécie de recombinação das imagens a ela associadas). Do mesmo modo que no caso das analogias socialfilosóficas, o que se verifica nos tipos mistos em questão é a presença de uma imagem do senso comum como parte da analogia que envolve fenômenos intrapsíquicos.

Das sete analogias que correspondem mais de perto ao tipo socialpsicológico e somente ao tipo socialpsicológico, 6 foram identificadas graças ao **wie**. Entretanto, devido ao número escasso de ocorrências, não é possível estabelecer qualquer comparação estatisticamente relevante a esse respeito com as analogias correspondentes a outros tipos. Gostaria apenas de notar – embora os dados produzidos pela construção do índice de analogias sejam demasiados reduzidos em número para autorizar que se tire, daí, qualquer conclusão exata – que, das 12 analogias que de algum modo correspondem ao tipo em questão, 6 foram tiradas do quarto capítulo da *Soziologie*, e 3, do quinto, sendo que os capítulos em questão são dedicados, respectivamente, ao estudo do conflito como forma de socialização e ao estudo do significado sociológico do segredo.

II.1.6.1.2. Analogias tipificadas como sociológicas

Três dos oito tipos de analogia da *Soziologie* foram classificadas como “sociológicas”. As analogias classificadas como tipicamente sociológicas remetem ao âmbito da sociologia como ciência especializada, de modo que o seu funcionamento está ligado mais diretamente àquilo que Simmel denominou como sociologia pura ou formal. Dentro desse âmbito, o procedimento analógico exerce pelo menos dois papéis fundamentais – aos quais se soma um terceiro, que é, na verdade, uma variante residual associada ao primeiro dos dois papéis fundamentais em questão. O primeiro deles diz respeito à organização do

material sociológico, que é, por sua vez, o primeiro passo para que Simmel busque “apreender o que há de propriamente social na sociedade”⁷⁶. Trata-se aqui, para ser mais exato, de *ligar exemplos* tirados de províncias as mais remotas do mundo social para destacar deles aquilo que Simmel chama de “formas de socialização” [Formen der Vergesellschaftung]. O tipo de analogia que se liga a essa operação de natureza indutiva, eu o designei como “sociológico, *entre exemplos*”. O modelo de analogia empregado nesses casos é, sobretudo, o da semelhança funcional. Em alguns casos, o procedimento é aplicado a processos históricos, sendo essa a variante residual a que eu havia me referido; a esses casos corresponde o tipo “sociológico, *processual*”. O segundo papel fundamental exercido pelas analogias aqui classificadas como propriamente sociológicas se liga mais ou menos diretamente ao caráter *interpretativo* da sociologia de Simmel – caráter esse que, a primeira vista, não parece se encaixar muito bem em seu projeto de uma sociologia formal. Apesar das aparências – que levaram às leituras “sistemáticas” de Simmel –, pretendo mostrar (por meio da apresentação das suas analogias) que, se observada como que à contraluz, também a sociologia formal de Simmel, *que ele mesmo apresenta como “exata”*, contém em seu âmago uma busca pelo sentido do social, o que lhe confere um caráter radicalmente interpretativo e inexato. O tipo a que correspondem as analogias em que o caráter interpretativo da sociologia de Simmel desponta de modo mais evidente foi por mim designado como “sociológico, *puro*”⁷⁷.

Como é possível observar no Gráfico S.4, quase 40% das analogias coletadas no âmbito da *Soziologie* foram tipificadas, de maneira mais ou menos exata, como sociológicas; destas, o tipo mais frequente é o sociológico, *entre exemplos*, que responde por 61,9% das analogias tipificadas como sociológicas.

II.1.6.1.2.1. O tipo sociológico, *entre exemplos*

As analogias sociológicas, *entre exemplos* estão confinadas ao âmbito da sociologia como ciência especializada ou exata – para remeter aqui à designação do próprio Simmel. Como eu havia já adiantado, a ela corresponde mais de perto o modelo “fraco” da analogia, i.e.: o modelo da analogia como semelhança funcional.

Uma analogia sociológica, *entre exemplos* típica relaciona, pelo menos, dois fenômenos sociais concretos. Os textos de Simmel são recheados de exemplos tirados das mais diversas províncias do mundo social: especialmente recorrentes são os exemplos históricos e etnográficos; também bastante recorrentes são as referências a determinados *tipos sociais* – alguns dos quais referidos de maneira mais, outros menos vagas. Estamos diante de uma analogia correspondente ao tipo sociológico, *entre exemplos* quando Simmel aponta para uma semelhança funcional entre dois ou mais exemplos históricos ou

---

76. A formulação remete a algumas das ideias do próprio Simmel (cf., p. ex., GSG, v. 11, p. 25).

77. A designação implica uma alusão “equivocada” a um dos nomes que Simmel deu à sua sociologia como ciência exata: o sentido do adjetivo “puro” não é, nesse caso, o mesmo apontado por Simmel quando predicou de “pura” sua sociologia “formal”.

etnográficos ou entre dois ou mais tipos sociais.

O empenho, da parte de Simmel, em apresentar exemplos apanhados de fontes as mais diversas revela sua preocupação com o concreto e com o múltiplo na vida social: preocupação essa que lembra bastante aquela de Darwin, no que diz respeito às formas de vida em geral. Como Darwin (e Spencer), também Simmel mobiliza algumas estratégias bastante específicas para *ligar* os exemplos os mais diversos, de modo a “organizá-los”. Uma dessas estratégias é a analogia. Detectar semelhanças funcionais é algo essencial para Simmel, porque são elas que lhe permitem *tornar visíveis, mostrar, apontar para* aquilo que ele chama de “formas de socialização”. Como vimos, toda analogia envolve um jogo entre identidade e diversidade. No que diz respeito à analogia sociológica, *entre exemplos*, a identidade em questão diz respeito às formas de socialização; a diversidade, aos conteúdos. Ao relacionar, segundo o modelo da analogia como semelhança funcional, casos cujo conteúdo particular e cuja história são inteiramente diversas, Simmel abre caminho para *tornar visível* um padrão, uma forma, uma função, um esquema genérico *que se deixa ver apenas no contraste com casos concretos*. Como será discutido ao longo da seção seguinte, a relação entre dois exemplos de um mesmo caso é muitas vezes difícil de distinguir de uma relação analógica. Nesses casos, portanto, a analogia está ligada a outro procedimento importante para Simmel, que é o uso de exemplos concretos para dar “carne” a suas formas sociológicas.

Um exemplo bastante típico e em que há uma referência explícita à analogia pode ser encontrado em **S.9.a.24**, onde lemos o seguinte:

O rei, em alguns casos, tomava em seu domínio as províncias isoladas de seu reino por meio de uma viagem única, como foi relatado a propósito dos francos de antigamente e como faziam os primeiros reis da Suécia; em outros casos, viajando quer periodicamente, quer ininterruptamente pelo seu reino – periodicamente, no caso dos mais antigos soberanos russos, que viajavam todo ano por todas as cidades [que lhe pertenciam]; ininterruptamente, no caso dos imperadores alemães do antigo império. Entre os russos, o costume [de viajar periodicamente] parece ter servido à coesão do império; entre os alemães, cujo costume [de viajar ininterruptamente] se devia à ausência de uma capital para o império, tratava-se aí, em que se pese ser esse um sinal de uma grave descentralização, ainda assim do melhor que se podia, diante de tais circunstâncias, fazer para que as diversas províncias do reino se combinassem na pessoa do rei. Uma das razões de ser das errâncias do príncipe alemão era justamente esta: devido à falta de meios de transporte, os tributos cobrados em espécie tinham de ser consumidos ali [onde eram coletados]. Isso, por sua vez, é o que conferia uma espécie de relação inteiramente pessoal entre cada província e o rei. A instituição da Justiça Itinerante na Inglaterra de Henrique II se prestava à finalidade **análoga**. Devido a que a centralização e a comunicação se realizavam então apenas de um modo muito imperfeito, a administração dos condados por xerifes regionais de antigamente deu lugar a consideráveis abusos. Somente os juízes itinerantes foram capazes de levar a instância suprema do Estado para todos os cantos; somente eles incorporaram todas as

províncias do reino [...] à unidade jurídica e administrativa centralizada no rei e que ultrapassava todas as demais formas singulares de unidade.⁷⁸

Como aparece explicitamente na passagem em questão, Simmel considera que a finalidade das viagens do príncipe alemão no antigo império era **análoga** à da justiça itinerante da Inglaterra de Henrique II. Trata-se, em ambos os casos, de unificar o império⁷⁹. Na medida em que, num caso como no outro, alguém ligado à administração central percorria toda a extensão do território, essas viagens “funcionavam” tornando o mesmo mais coerente – segundo o argumento de Simmel. Há que se notar que a mera alusão aos exemplos arrolados um depois do outro é em si mesma significativa: na medida em que se depara com eles, o leitor do texto de Simmel é induzido automaticamente a relacioná-los de algum modo, o que, com toda a probabilidade, o conduzirá a reconstruir mentalmente o esquema genérico sugerido por Simmel. Ele será capaz de sacar, de intuir, de abstrair (no sentido exato do termo) imediatamente o padrão aí envolvido, mais ou menos como nós somos capazes de intuir o **logos** que subjaz à proporção segundo a qual 10 está para 5 assim como 6 está para 3⁸⁰. O processo é – como parece claro – inteiramente indutivo, o que está de acordo com a proposta de uma sociologia pura apresentada por Simmel⁸¹.

Devo também me referir, agora mais rapidamente, à analogia **S.10.b.14**, em que topamos com exemplo (que contém, também, uma referência explícita) em que Simmel chama a atenção para a semelhança entre dois tipos sociais, descritos de maneira mais ou menos vaga e que, de alguma forma, estão já presentes em nossa imaginação⁸². Aqui, Simmel mostra como o “trabalho” do artista é análogo (em um certo sentido!) ao trabalho do nobre: trata-se, em ambos os casos, de um tipo de trabalho em que o fator subjetivo é mais importante do que o objetivo. (É notável como, logo depois de traçar essa analogia – que Simmel considera “precisa”, “exata” –, ele apontará uma diferença entre ambos os casos, articulando, portanto, a dimensão de diversidade à de identidade). As figuras ou tipos sociais correspondem, em geral, a um determinado papel; elas ocupam uma determinada posição social que, em relação aos outros papéis, é sempre *específica e exclusiva*. Justamente por serem posições *exclusivas*, a única relação possível de identidade entre elas é a de analogia, sendo que, nesses casos, a analogia é apenas um dos momentos do jogo de aproximação e distanciamento por meio do qual Simmel conduz

---

78. **S.9.a.24**, disponível em GSG, v. 11, pp. 757-8.

79. Note-se como a analogia *também* se estende aos casos dos reis da Suécia, do soberano russo e dos francos de antigamente. Nesses casos, contudo, como não há sinal de identificação para a analogia em questão, os termos não foram “oficialmente” listados na analogia. Uma explanação do ponto será dada na seção seguinte: por hora, basta adiantar que isso tem que ver o fato de que às analogias sociológicas, *entre exemplos* corresponde o modelo “fraco” da analogia como semelhança funcional.

80. O que, por sua vez, só é possível dado que o modelo da analogia como semelhança funcional é uma derivação do modelo proporcional – derivação essa já “adaptada” ao conceito de semelhança.

81. Dodd aproxima (ao que me parece com alguma razão) esse procedimento da montagem benjaminiana (cf. DODD, 2008, sobretudo as pp. 418-22). Embora eu não esteja em condições de discutir a fundo a aproximação, esta me parece inteiramente de acordo com as ideais que pretendo desenvolver ao longo da segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho.

82. O conceito de “tipo social” com que opero aqui é bastante abrangente e abarca as quatro categorias de tipos humanos identificadas em GOLDFEDER & WAIZBORT, 2009, “Sobre os ‘tipos’ em Raízes do Brasil”, em *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 49, pp. 18-9.

suas “investigações sobre as formas de socialização”⁸³.

Os sinais de identificação ligados a esse tipo são, de um modo geral, os mais equívocos – o que se deve a que o tipo em questão esteja mais diretamente ligado ao modelo “fraco” de analogia, i.e.: à analogia como semelhança funcional. Apenas 47,4% das analogias que correspondem ao tipo foram identificadas graças aos sinais mais “fortes” (**wie** ou referência explícita); inversamente, há uma presença notável de casos em que a analogia foi identificada apenas por paralelismo sintático: 26%, quando a média da *Soziologie* é apenas 8%! Em números absolutos, nada menos que 20 das 28 das ocorrências isoladas de paralelismo sintático foram detectadas em analogias que considerei como correspondentes a este tipo – sendo essa uma das mais acentuadas correlações observadas entre um determinado tipo e um determinado sinal que identifica a analogia. O baixo coeficiente de inequivocidade das analogias correspondentes ao tipo sintetiza bem o ponto: o coeficiente é, aqui, 0,619. Apenas nos casos de analogias sociológicas, *processuais* (em que também se emprega o modelo de analogia como semelhança funcional), topamos com um coeficiente menor.

Devido à função a que se liga o tipo, os elementos relacionados pelas analogias que considerei correspondentes ao tipo sociológico, *entre exemplos* foram em geral resumidos no índice apenas em um nível bastante baixo de generalidade. Assim, p. ex., no caso da analogia **S.9.a.24**, acima apresentada, lemos, no índice, o seguinte: “as viagens do príncipe alemão (antigo império) e a justiça itinerante da Inglaterra de Henrique II”. Nesses casos, procurei, como Simmel, sempre identificar os termos da analogia no que diz respeito à sua posição no tempo e no espaço (posição essa que “marca” sua exclusividade). Já nos casos em que a analogia dizia respeito a tipos sociais, foi possível resumi-la segundo um nível mais elevado de generalidade.

Há, no total, nada menos que 16 ocorrências de tipos mistos que envolvem analogias sociológicas, *entre exemplos*. Dessas, duas envolvem, como correlato, analogias ilustrativas, *figurativas*; nesses dois casos, considerei que se tratava de um tipo misto porque o caráter sociológico de pelo menos um dos termos da analogia foi considerado equívoco. As demais ocorrências envolvem o tipo sociológico, *processual*, sendo que esses casos serão discutidos quando da explanação individual desse último tipo.

Ao tipo sociológico, *entre exemplos* corresponde, se o comparamos com os demais, o maior número de analogias. Mesmo sem considerar as 16 ocorrências como tipo misto, elas perfazem mais de um quinto do total das analogias coletadas na *Soziologie*. Sua frequência, na maior parte dos capítulos do livro, oscila normalmente entre os 20% e 40% sobre o total de analogias coletadas por capítulo. Ela é menos frequente nos capítulos 4 e 5 (perfazendo, nessa ordem, 12% e 8% do total por capítulo), e totalmente

---

83. Todos esses pontos serão retomados no capítulo seguinte.

ausente no primeiro⁸⁴. A ausência no primeiro capítulo pode ser explicada pelo caráter explicitamente epistemológico deste: vale lembrar que as analogias sociológicas, *entre exemplos* funcionam “dentro” da sociologia formal, e que o lugar da epistemologia é, segundo o esquema de Simmel, “fora” dela. A frequência menor nos casos dos capítulos 4 e 5 pode ser, em parte, associada à maior ocorrência de analogias socialpsicológicas e (mais fortemente) à maior frequência de casos de analogias que correspondem ao tipo sociológico, *puro*. O ponto será retomado quando da explanação do tipo em questão.

II.1.6.1.2.2. O tipo sociológico, processual

A analogia tipicamente sociológica, *processual* nada mais é senão o correlato temporalizado da analogia tipicamente sociológica, *entre exemplos*. A principal diferença em relação àquelas é que as *processuais* envolvem semelhanças que dizem respeito ao *padrão de desenvolvimento de uma determinada formação social*. Também há que se notar que, não raro, estas possuem um caráter bem mais vago e menos preciso do ponto de vista histórico do que aquelas, em geral bem localizadas no espaço e no tempo.

O exemplo mais típico é o da analogia **S.6.a.22**, que contém uma referência explícita. Ali, vemos (e é isso o que nos interessa) que Simmel traça um paralelo entre, de um lado, o desenvolvimento de processos psicológicos ligados à diferenciação do trabalho e, de outro, o desenvolvimento do conhecimento teórico no domínio da biologia. Esse tipo de analogia se liga, muito claramente, a certas tendências presentes na concepção de história simmeliana, que serão referidas apenas muito brevemente no excursus à segunda seção do capítulo seguinte a este.

Como no caso do tipo socialpsicológico, também o sociológico, *processual* é um tipo cuja definição é pouco clara: o que se deve, de um lado, ao pequeno número de ocorrências e, de outro, a alta frequência, em termos relativos, de tipos mistos. Foram coletadas, ao todo, 23 analogias que envolvem o tipo processual; dessas, contudo, apenas 9 foram consideradas *apenas* sociológicas, *processuais*. Nas outras 14 ocorrências, o tipo aparece sempre combinado com o sociológico, *entre exemplos*. Nesses casos, a semelhança apontada por Simmel diz sempre respeito a processos históricos específicos, bem localizados no espaço e no tempo e – sendo esse o ponto mais importante – que não possuem qualquer relação genética entre si; já nos outros 9 casos, considerados “puramente” *processuais*, o que temos são processos históricos em geral situados no tempo e no espaço de maneira vaga e que possuem sempre

---

84. Quem observar a Tabela 3 e se der ao trabalho de calcular o percentual por capítulo, notará que, também no capítulo 10, a ocorrência do tipo não chega a 20%. Entretanto, é preciso notar que esse percentual diz respeito apenas às ocorrências isoladas de analogias que considere correspondentes ao tipo. No capítulo 10, há ainda seis analogias de tipo misto que envolvem o tipo sociológico, *entre exemplos*, o que torna a variação normal. O mesmo não ocorre nos capítulos 1, 4 e 5 (há apenas, no capítulo 4, uma única analogia de tipo misto que envolve o tipo em questão).

uma relação genética entre si. São os casos da analogia **S.6.a.22**, já citada e, mais tipicamente, da **S.3.a.32**, em que Simmel relata como o desenvolvimento no âmbito econômico teria seguido um caminho análogo ao dos âmbitos morais e culturais *no interior de uma dada sociedade* (daí a relação ser genética). Como exemplo de analogia de tipo misto que envolve o tipo sociológico, *processual*, menciono **S.9.a.21**: aqui, Simmel trata certos aspectos do desenvolvimento de Esparta como semelhantes a certos aspectos do desenvolvimento da nobreza no Antigo Regime. Nesse caso, claramente não é possível atribuir uma relação genética entre os casos em questão, já que não existe qualquer continuidade no espaço ou no tempo entre elas.

Existe uma correlação muito forte entre os **sinais de identificação** mais fracos e esse tipo. Como as ocorrências de analogias consideradas correspondentes *apenas* ao tipo em questão são em número muito reduzido para que se possa tirar qualquer conclusão estatística válida, irei, nesse caso, levar em conta todas as 23 analogias que o envolvem. Dessas, apenas 3 possuem sinais inequívocos (os três possuem referência explícita; num deles, ocorre também **wie**). Nada menos do que 7 das 10 analogias identificadas somente pelos sinais do grupo 3 foram identificadas com o tipo sociológico, *processual*: de modo que essas analogias históricas encontram como expressão mais característica a noção de *semelhança*. Além disso, 7 das 12 analogias identificadas pelos sinais do grupo 4 envolvem o tipo em questão⁸⁵. Correspondentemente, o coeficiente de inequivocidade a ele atribuído é, de todos, o menor: apenas 0,569⁸⁶.

No que diz respeito à distribuição no interior do livro, há uma clara concentração dessas analogias nos capítulos 3 e 10: mais da metade das analogias correspondentes ao tipo foram encontradas nesses dois capítulos (incluídos aí os tipos mistos).

II.1.6.1.2.3. O tipo sociológico, puro

As analogias puramente sociológicas cumprem, no âmbito da Sociologia de Simmel, uma função aparentemente muito diversa em relação àquela cumprida pelas analogias *entre exemplos*. Se aquelas serviam para organizar casos concretos, tornando a multiplicidade do real assimilável ao conhecimento e possibilitando a construção de conceitos puramente sociológicos, estas ligam esses conceitos já prontos; e, via de regra, desta vez para dotá-los de um novo significado.

---

85. Incluídos aí os três sinais menos homogêneos dessa classe, dentre os encontrados na *Soziologie*: **form + verwandt, gleich + Weise e gleich + Schema**. Embora possa soar banal, esse é mais um índice do quão, por assim dizer, *indireto* é o caráter analógico desse tipo de analogia; ou, reformulando o ponto: esse é um sinal de que, aqui, se trata em geral de analogias mais vagas, mais fracas, menos exatas.

86. É preciso ponderar, contudo, que, como o valor diz respeito apenas às nove analogias puramente processuais detectadas em toda a *Soziologie*, não se trata de um dado muito confiável. Tendo isso em vista, apliquei, apenas nesse caso, a fórmula utilizada para se obter o coeficiente às 23 analogias que envolvem o tipo (incluindo, portanto, as de tipo misto que envolvem o tipo em questão), obtendo um valor ainda mais baixo: 0,478!

Gostaria, contudo, de mostrar que, em um certo sentido, o tipo em questão encontra-se no meio de uma série gradativa que, partindo do plano mais “empírico” do tipo sociológico, *entre exemplos*, alcança o plano mais “metafísico” do tipo socialfilosófico. A diferença em relação ao primeiro caso está marcada pelo caráter mais estilizado dos conceitos envolvidos pela analogia⁸⁷; em relação ao segundo, pelo fato de que os conceitos em questão são sempre abordados desde uma perspectiva sociológica.

Apresento, em seguida, a analogia **S.5.a.23**, que envolve uma comparação entre o segredo e o adorno e introduz o “Excurso sobre o adorno”:

Por conta disso, talvez seja conveniente notar que justamente aquele que, do ponto de vista sociológico, parece ser o polo oposto do segredo, o adorno, apresentada uma estrutura **análoga** quanto a seu significado sociológico. A essência e o sentido do adorno é fazer com que o olhar do outro se dirija a seu portador, e nessa medida o adorno é o antagonista do segredo; mas o segredo, por seu lado, também não deixa de exercer a função de destacar o que há de pessoal. O adorno exerce igualmente essa função, de tal modo a mesclar, de um lado, a superioridade em relação aos outros com uma dependência dos mesmos e, de outro, a boa vontade com a inveja alheias – a tal ponto que exige, enquanto forma sociológica de interação, uma investigação particular.⁸⁸

Como é possível observar na passagem, Simmel adverte que, embora o adorno pareça estar num polo completamente oposto ao do segredo (já que esse se esconde, ao passo que aquele se mostra), *do ponto de vista do seu significado sociológico*, o segredo possui uma estrutura que é análoga à do adorno. O que é também notável nessa passagem é que estamos já muito claramente não mais diante do sociólogo formal que o próprio Simmel investiu tanto esforço em projetar em seus escritos metodológicos, mas sim do metafísico social que havia já dada as caras na *Philosophie des Geldes*. Simmel opera, aqui, com categorias sociológicas altamente estilizadas e que só fazem sentido à luz de alguns dos pressupostos fundamentais (alguns dos quais de natureza metafísica) que alimentam sua teoria social e sua teoria do conhecimento⁸⁹.

Devido ao caráter altamente estilizado dos elementos relacionados pelas analogias que correspondem mais de perto ao tipo sociológico, *puro*, estes são em geral fáceis de resumir de um modo genérico: trata-se aqui do segredo, ali do adorno, acolá da gratidão; ou ainda: da honra, da troca, da aristocracia, da cidade, da roupa, da discrição, do “valor” da personalidade, do dinheiro, do dever, e assim por diante.

A maioria dos sinais de identificação associados ao tipo envolvem, como de costume, o **wie**. Mas, aqui,

---

87. De modo que, dentre as analogias sociológicas, *entre exemplos*, aquelas que mais se aproximam ao tipo *puro* são as que ligam tipos sociais (e tanto mais à medida que os tipos sociais em questão funcionam como “conceitos sociológicos propriamente ditos”, conforme a classificação proposta em GOLDFEDER & WAIZBORT, 2009, pp. 18-9).

88. **S.5.a.23**, disponível em GSG, v. 11, p. 414.

89. O ponto será tratado no capítulo seguinte. Convém, a essa altura, notar que na passagem citada já é possível entrever a ligação entre a sociologia formal que Simmel projeta e a sociologia interpretativa que ele pratica: a “essência” e o “sentido” do adorno são, aqui, coordenados à sua “função”. Além disso, num caso como no outro, o que vemos é uma espécie de justaposição de imagens criada sob medida para tornar visível o que há de universal em ambos os casos particulares. No que tem de essencial, esse procedimento não é tão diferente daquele detectado no caso das analogias socialpsicológicas, pois também aqui Simmel opera uma recombinação no plano das imagens a que usualmente se ligam cada um dos conceitos da analogia.

numa proporção apenas um pouco maior do que a média – de modo que, nesse caso, não parece haver uma correlação clara entre um determinado sinal de identificação e um determinado tipo (como ocorre na maioria dos casos). Tampouco há casos de tipo misto que envolvam o tipo em questão.

II.1.6.1.3. Analogias tipificadas como estéticas

Dois dos oito tipos de analogia da *Soziologie* foram classificadas como “estéticas”. Por meio das analogias em questão, Simmel procura *ilustrar* certos aspectos de um fenômeno, que de outro modo permaneceriam obscuros, por meio de uma *imagem* mais facilmente assimilável pelo seu leitor ou interlocutor. Em geral, no caso das analogias coletadas na *Soziologie*, os fenômenos que Simmel procura explicar por meio de uma imagem mais simples são de ordem sociológica. O caráter expressivo desse tipo de analogia – e, portanto, sua *proximidade* com a metáfora – é, sem dúvida, bastante acentuado. Mas isso não quer dizer que as analogias em questão sejam meros recursos expressivos, uma vez que o recurso expressivo em questão está embebido num determinado modo de apreensão do objeto. Trata-se, mais especificamente, de apreender o até então desconhecido numa forma até então conhecida.

No caso das analogias ilustrativa, *figurativas*, a imagem empregada para ilustrar o que Simmel deseja ilustrar é, em geral, tirada do campo da experiência comum, i.e.: é uma *imagem do senso comum*. No caso das analogias figurativas, *conceituais*, a imagem é, na verdade, um conceito científico abstraído de seu campo e transposto, de forma modificada, para dar conta de determinado fenômeno sociológico.

Como é possível observar pelo Gráfico 4 (contido no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”), pouco mais que uma em cada quatro analogias coletadas no âmbito da *Soziologie* foram tipificadas, de maneira mais ou menos exata, como exercendo uma função ilustrativa.

II.1.6.1.3.1. O tipo ilustrativo, figurativo

As analogias que correspondem ao tipo “ilustrativo, *figurativo*” são aquelas por meio das quais Simmel procura dar conta de um determinado aspecto de um fenômeno (que é, em geral, de ordem sociológica) por meio do emprego metafórico de uma *imagem*. Essa imagem é, em geral, tirada do repertório das experiências comuns, de modo a ser facilmente assimilável pelo interlocutor de Simmel. Trata-se, aqui, de jogar com uma forma já conhecida para *apontar para* uma forma ainda não (re)conhecida do fenômeno em foco. Essa é, até certo ponto, uma forma necessária para *apreender* um conteúdo novo⁹⁰.

---

90. Nesse ponto ocorre uma aproximação entre os conceitos de analogia e metáfora (assim como estes foram definidos no excursus à primeira seção do capítulo anterior). Além disso, é no âmbito estético que o procedimento de recombinação imagética – que já havíamos detectado em suas modulações filosófica e sociológica – encontra seu lugar mais “apropriado”.

A analogia tipicamente ilustrativa, *figurativa* envolve sempre uma imagem, uma figura que somos capazes de reconhecer sem muitas dificuldades. Dentre as imagens mais frequentes estão as tiradas da natureza – que são facilmente reconhecíveis justamente por informarem o campo da experiência comum –, tais como: ondas no mar, terras inexploradas, os frutos da árvore, a chuva, os raios do sol, etc. Também são recorrentes imagens tiradas do campo artístico ou que envolvam alguma espécie de “arte”, no sentido mais abrangente do termo, p. ex.: um arranjo de flores, a moldura do quadro, a ponte, o barco, etc. Apresento, em seguida, a analogia **S.1.a.2**:

E essa ideia ganha, por assim dizer, uma força de reação: ao lado da sociedade do presente, a sociedade do passado aparece enquanto substância que dá forma à existência individual, **como** o mar às ondas; aqui, parece ganhar terreno essa ideia de que é possível esclarecer, partindo unicamente dessas forças, as formas particulares que moldam o indivíduo.⁹¹

Aqui a sociedade é comparada com o mar. O caráter proporcional da analogia é muito claro: a sociedade forma os indivíduos (ou “existências individuais”, como diz Simmel) assim como o mar, as ondas. Parece desnecessário chamar a atenção para o caráter francamente “estético” da expressão: trata-se, em muitos sentidos, de uma “bela” formulação – que o cientista social poderia, juntamente com o ensaio como forma, dispensar. Mas ela é mais do que uma bela formulação, na medida em que *indica uma procura por uma expressão adequada para dar conta daquela relação própria entre “sociedade” e “indivíduo”*: o que será comentado em maior detalhe no momento oportuno. Também a analogia **S.10.b.12**, em que ocorre uma referência explícita, é bastante típica e merece, no mínimo, uma rápida menção; trata-se aí de uma comparação analógica que envolve três objetos distintos: a nobreza (o fenômeno sociológico tratado no excursus em questão), a ilha (fenômeno natural) e a obra de arte.

No caso das analogias correspondentes ao tipo, os elementos por ela relacionados foram reduzidos ou (1) à categoria dos “fenômenos sociais/naturais” ou (2) a uma palavra-chave capaz de sintetizar a imagem em questão (tais como: “barco”, “obra de arte”, “ilha”, “mar”, etc.), sempre que isso se mostrou possível.

O **wie** é o sinal de identificação mais frequente nos casos considerados correspondentes ao tipo, o que por si só indica uma forte correlação entre o tipo ilustrativo e o modelo mais “forte” da analogia. O ponto é reforçado pela ausência de quaisquer sinais agrupados nas classes 4 e 5, bem como de paralelismo sintático, quando se trata do tipo em questão – o que é tanto mais significativo quando se leva em consideração que esses foram justamente os sinais que considere mais equívocos. O coeficiente de inequivocidade sintetiza bem o ponto: 0,917, bem acima da média e comparável apenas às analogias de caráter estritamente filosófico. Correspondentemente, a analogia ilustrativa, *figurativa* típica assume frequentemente a forma da analogia como proporção, o que se liga à função heurística assumida pela

---

91. **S.1.a.2**, disponível em GSG, v. 11, p. 14.

analogia proporcional no contexto funcional do discurso científico moderno⁹².

Devido a seu caráter metafórico, esse é o tipo de analogia que mais tende a se misturar com outros: nada menos que 16 das 30 ocorrências de tipos mistos envolvem o tipo em questão! Mais frequentemente, o tipo aparece associado a algum dos tipos classificados como filosóficos⁹³ – o que deve ser compreendido à luz da constatação de que, no caso de Simmel, o elemento estético de seu pensamento é indissociável do cognitivo. Como veremos, no caso de *Philosophie des Geldes*, há um tipo específico de analogia em que o elemento cognitivo aparece combinado com o estético; contudo, do ponto de vista estrito da sociologia de Simmel, essa combinação assume um aspecto apenas residual – o que será devidamente investigado nos dois capítulos subsequentes.

A distribuição do tipo ao longo da *Soziologie* pode ser considerada normal e constante.

II.1.6.1.3.2. O tipo ilustrativo, conceitual

As analogias que correspondem ao tipo “ilustrativo, *conceitual*” possuem um aspecto formal bastante homogêneo. Esse tipo de construção analógica é empregada por Simmel para *ilustrar* determinado aspecto de um fenômeno (via de regra, social) por meio de um *conceito* tomado de empréstimo de outra província do conhecimento. Do ponto de vista formal, esse tipo de analogia não assume a forma “clássica” da analogia em sentido matemático (A:B::C:D); essa forma está apenas implícita. Um caso típico é a analogia **S.4.a.35**, em que o conceito de verso iâmbico, tomado do âmbito da arte, é empregado para ilustrar certo fenômeno de natureza socialpsicológica de que Simmel, a certa altura do seu capítulo sobre a sociologia do conflito, trata. Eis o que afirma Simmel:

[...] e a batalha se apresenta à nossa sensibilidade como um transcurso que encontra seu fim na paz e nos conteúdos desta. Enquanto o ritmo desses elementos, contemplado de maneira objetiva, transcorre de maneira inteiramente equilibrada e num mesmo nível, a

---

92. E, já que estamos tratando de analogias em que o elemento estético é mais pronunciado, convém retomar a já referida proporção estabelecida por Safo, citada aqui através de B. Snell: “Arignota brilha entre as mulheres da Lídia como a lua entre as estrelas” (cf. SNELL, 1992, p. 253). Como mostra Snell, semelhantes proporções serviam, já num passado muito remoto, tanto ao modelo mito-poético de interpretação do mundo, quando ao modelo “científico”. Este, por sua vez, emergia então justamente no contexto de um processo conflituoso e inacabado de diferenciação funcional em relação àquele (o que teve como contrapartida histórica as acusações de heresia que levaram à condenação de Sócrates, que “corrompia a juventude” com ideias em que as divindades tradicionalmente reconhecidas não pareciam ter lugar). Quando, muitos séculos depois, o processo de diferenciação científica foi retomado – agora num ritmo muito mais veloz – e levado até suas últimas consequências (o que não aconteceu no caso grego), é provável que o elemento mito-poético da analogia tenha sido recalcado de modo a dar lugar ao elemento puramente cognitivo, francamente explorado por físicos e filósofos modernos como Kepler, Descartes e, mais tarde, Kant (o que levou Foucault a afirmar que a analogia fora “banida” para os confins do pensamento, quando o que ele na verdade queria dizer é que o *elemento mito-poético* originariamente presente na analogia fora cuidadosamente destacado da sua função como heurística; a heurística, por sua vez, permaneceu e até hoje permanece no coração mesmo da ciência moderna, como um de seus princípios funcionais).

93. Nos dois casos em que isso não acontece, o outro tipo envolvido é o sociológico, *entre exemplos* – a que já me referi.

nossa sensibilidade valorativa confere a esses elementos a forma de – **por assim dizer** – períodos iâmbicos, com a guerra no lugar da tésis e a paz, no da ársis.⁹⁴

Nesse caso, o sinal que identifica a analogia é o “por assim dizer” [gleichsam]. Para explaná-la, convém primeiro reconstruir rapidamente o sentido interno da imagem poética aí evocada por Simmel (ou seja, a do iambo). O iambo nada mais é do que um dos pés básicos utilizados para marcar o ritmo de um poema, caracterizado pela presença de uma sílaba átona seguida de uma tônica. O nome que se dá à sílaba átona do iambo é tésis; à tônica, ársis. Isso posto, na passagem em questão vemos Simmel afirmar que a nossa sensibilidade *toma* a forma de uma sucessão entre períodos de paz e de conflito, seguindo, portanto, um determinado esquema. Para *ilustrar* esse esquema, Simmel traz à tona a imagem do iambo, dando a entender que nós como que colocamos o acento, a entonação na paz, assim como se os tempos de guerra não fossem outra coisa senão a preparação para a paz⁹⁵. De passagem, Simmel caracteriza o quadro assim figurado com o nome de “períodos iâmbicos”⁹⁶. A “transferência” aí envolvida está baseada na seguinte proporção: a guerra está para a paz, assim como a tésis, para a ársis.

Esse tipo de empréstimo tem, de qualquer modo, sentido figurado, e não literal. Para ser mais exato, a expressão “períodos iâmbicos” é justamente uma metáfora, posto que a relação entre tésis e ársis, própria à *definição* do iambo (que, por sua vez, se presta à contagem no tempo em poesia), é aqui transferida para designar a oscilação entre tempos de paz e de guerra – e uma metáfora baseada numa analogia. Kracauer, em seu texto sobre Simmel, também *figurou* o procedimento por meio do qual buscava dar conta de certos aspectos de seu pensamento empregando um dos conceitos favoritos de Simmel: o de corte transversal⁹⁷. Simmel também recorre a essa analogia (cf. **S.1.a.11**⁹⁸). No caso de Simmel, analogias como essa possuem muitas vezes uma função mais descritiva, i.e.: envolvem a utilização de um conceito ou se referem a um procedimento que tem seu lugar apropriado em um determinado campo da ciência para *descrever um processo ou uma forma social muito específica*.

Os elementos relacionados pela analogia serão, nos casos que considere como sendo correspondentes ao tipo, descritos dessa forma: “**P’** e **P: conceito**”, em que:

---

94. **S.4.a.35**, disponível em GSG, v. 11, pp. 369-70. A palavra “gleichsam”, em geral vertida, ao longo deste trabalho, pela expressão “como que” (para diferenciá-la, assim, de “sozusagen”), foi aqui excepcionalmente traduzida por “por assim dizer”, pois o encaixe da expressão “como que” nessa frase em particular não me pareceu possível.

95. É preciso, aqui, ter em vista a ênfase que o próprio Simmel dá ao fato de que, em si mesma (ou: “vista objetivamente”, como ele diz), a sucessão entre períodos de paz e guerra “transcorre de maneira inteiramente equilibrada e num mesmo nível”, sendo que somos *nós* (ou melhor: a *nossa* sensibilidade valorativa [Wertsgefühl]) que projetamos sobre ela uma determinada forma.

96. Ainda que o “conceito” de “períodos iâmbicos” seja inteiramente descartável no esquema de Simmel (descartável no sentido de que não está aí para ser empregado sistematicamente), o procedimento básico que informa sua montagem *é exatamente o mesmo* por meio do qual Darwin forjou seu conceito de seleção natural.

97. KRACAUER, 2004, p. 150. Kracauer afirma justamente que se trata de uma analogia *precisa* com o conceito, assim como este seria empregado em arquitetura. Apesar da aproximação, Kracauer não reconheceu o caráter metafórico da passagem, pois operava com um conceito de metáfora diferente do meu (nos termos do que foi discutido no capítulo anterior).

98. Vale notar que o corte transversal é um procedimento comum a outros domínios do conhecimento, p. ex., à biologia, não sendo “exclusivo” da arquitetura. Fazemos, p. ex., um corte transversal numa célula para estudar certos aspectos de sua fisiologia.

- **P'** designa a “província do conhecimento” de destino da analogia, i.e.: aquela em que o conceito é empregado em sentido figurado (em geral a sociologia);
- **P** designa a “província do conhecimento” de origem da analogia, i.e.: aquela em que o conceito é empregado em sentido literal e próprio;
- **conceito** designa o conceito tomado de empréstimo (p. ex.: iambo ou corte transversal).

Lemos, portanto, sob **S.4.a.35** o seguinte: “sociologia e arte: iambo”.

Trata-se aqui muito claramente de um tipo especial de analogia – em que um conceito é em geral estranhamente usado *como* uma imagem, i.e.: em sentido figurado, para ser, na sequência, “descartado”⁹⁹. Enquanto tipo especial, correspondem a ele um conjunto rigorosamente definido de sinais de identificação: **wie**, **gleichsam**, **sozusagen** e **gewissermaßen**; sendo que esses três últimos são exclusivos do tipo. A palavra **gleichsam** equivale à **sozusagen**, sendo que “por assim dizer” traduz ambas; **gewissermaßen** [de um certo modo, em certa medida] funciona do mesmo modo; e, **wie**, por sua vez, foi considerado como sinal de identificação das analogias correspondentes a este tipo apenas quando *funcionava* de um modo semelhante à **gleichsam**, **sozusagen** ou **gewissermaßen**. Como havia sido comentado no começo desta seção, já K. Wolff havia detectado o caráter analógico de expressões como “so to speak” e “as it were” – sendo que esse tipo expressão é muitíssimo recorrente nos textos de Simmel¹⁰⁰. Isso posto, apesar de considerar interessante a sugestão de Wolff, ela me conduziria a um conceito demasiado largo de analogia, muito pouco operacional. Por conta disso, optei em considerar “por assim dizer” como um sinal identificação da analogia *apenas nos casos em que ele se ligue a um conceito ou procedimento que pertença ou faça sentido dentro de um domínio científico ou estético qualquer*. Na seção seguinte, retomarei o ponto.

Como as analogias ilustrativas, *figurativas*, também as *conceituais* se distribuem de modo mais ou menos homogêneo ao longo da *Soziologie*. Ao contrário destas, não envolvem qualquer tipo misto – justamente por se tratar de uma forma particular em que o procedimento analógico de Simmel encontra vazão.

---

99. O que, do ponto de vista científico, é algo que deve ser feito com muito cuidado: é na verdade muito fácil forjar conceitos por analogia, mas, por isso mesmo, o resultado de conceitos assim criados é, na maior parte dos casos, desastroso. Os casos “felizes”, como o de seleção natural, são marcados por um temperamento entre analogia e sensibilidade para a diferença: Darwin descreveu com muita precisão não só o que havia em comum entre o conceito de seleção natural (que ele desenvolvia) e o que se concebia como “seleção artificial” (que lhe servia de modelo), como também – e talvez com ainda mais precisão – o que havia de *diferente* num caso e no outro. A desatenção no que concerne às diferenças conduz em geral a importações desastrosas. No caso de Simmel, isso não chega a ser um problema, pois, quando não emprega o procedimento para fins inteiramente descritivos (como se dá no caso da noção “descartável” de períodos iâmbicos), procura sempre articular a analogia à diferença – o que tende a neutralizar a tendência dogmática ainda assim presente em qualquer tipo de raciocínio que opera com imagens. Um exemplo do último caso é o conceito de socialização [Vergesellschaftung]. O conceito em questão pode ser interpretado como a interação no âmbito da sociedade, i.e.: a socialização seria, no âmbito da sociedade, isso que a interação é, no da natureza – natureza entendida aqui à Kant, e não à Darwin. Para neutralizar o potencial dogmático contido em semelhante transposição analógica, Simmel discute pormenorizadamente as diferenças entre a interação no âmbito do social e no âmbito da natureza em seu excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie*.

100. Para mais detalhes, cf. a p. 40 deste trabalho, contida no excurso sobre a relação entre metáfora e analogia.

II.1.6.2. Tipos de analogia construídos para a *Philosophie des Geldes*

II.1.6.2.1. Analogias tipificadas como filosóficas

Metade dos tipos de analogia construídos para a *Philosophie des Geldes* foram classificados como “filosóficos”. Dois deles, inclusive o mais numeroso, são versões filosóficas das analogias ali classificadas como estéticas – o que será comentado na caracterização desses tipos. Um terceiro tipo (filosófico, *metafísico*) abarca uma série de analogias em muitos aspectos semelhantes às “socialfilosóficas” – sendo que estas poderiam ser consideradas como variações específicas das analogias tratadas, aqui, como correspondentes ao tipo filosófico, *metafísico*. Se, na *Soziologie*, tais analogias tinham como contraparte as epistemológicas, o mesmo não ocorre no caso da *Philosophie des Geldes*. Considero tal contraposição pertinente apenas no caso da *Soziologie*, já que, ali, as analogias são necessárias para lidar com a tensão decorrente dos problemas de demarcação do domínio próprio à sociologia, problemas que só fazem sentido quando o que está em jogo são aquelas formas exatas ou especializadas de conhecimento que Simmel associa à ciência – e que já não são, digamos, problemáticos para a *filosofia* de Simmel. Há, porém, um quarto tipo de analogia presente na *Philosophie des Geldes*, para os quais não há qualquer correspondente específico da *Soziologie*: o tipo “filosófico, *serial*”. Trata-se, nesses casos, de analogias que operam de modo a construir séries ou conjuntos ideais.

Bem mais que a metade das analogias coletadas na *Philosophie des Geldes* corresponde a um dos quatro tipos classificados como filosóficos, como é possível inferir a partir dos dados da Tabela 4 e do Gráfico 6 contidos no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”. O tipo filosófico, *ilustrativo* é, de todos os da *Philosophie des Geldes*, aquele a que correspondem o maior número de analogias isoladas; ele responde sozinho por cerca de duas em cada cinco analogias classificadas como filosóficas¹⁰¹.

II.1.6.2.1.1. O tipo filosófico, serial

As analogias com as quais montei o tipo são aquelas de que Simmel se serve para juntar fenômenos, ideias ou mesmo formas de conhecimento aparentemente distantes entre si de modo a construir, com elas, uma nova série ou um novo conjunto de ordem mais geral. A formação de novas séries a partir de materiais aparentemente diversos é possível tanto por meio da referência ao conceito matemático de analogia, como por meio da referência ao conceito biológico. No segundo caso, o procedimento é similar àquele detectado na elaboração das formas de socialização, que pressupõe a referência a uma função comum aos termos análogos; já no primeiro, isso se torna possível devido àquela propriedade da analogia como proporção designada como sua extensibilidade, em que o termo comum, meramente explicitado, é

---

101. Tomando como referência apenas as analogias da *Philosophie des Geldes*, e excluídos os casos de tipo misto.

uma razão, um logos¹⁰².

Colocar sob um mesmo teto fenômenos ou ideias diversas só é na prática possível trabalhando num registro muito geral, e é nesse registro que operam, via de regra, tais analogias. Tomemos como exemplo a analogia **P.3.c.45**, que ocupa todo um longo parágrafo no trecho final da parte analítica da *Philosophie des Geldes* – mas que aqui será citada em formato bastante reduzido, conforme aparece no índice:

Na verdade o que parece é que está dado um *limiar da consciência econômica* (cuja posição varia bastante conforme os recursos e o temperamento do sujeito), e isso de tal modo que estímulos econômicos que não transponham tal limiar não sejam em absoluto percebidos como econômicos. Esse é talvez um fenômeno comum a todos os domínios de ordem mais elevada [...]. Assim, pode ser que, p. ex., certas cores ou combinações de cores sejam assimilados com toda a clareza pelos sentidos – porém elas não provocam ainda uma sensação estética até que preencham superfícies de extensão considerável; antes disso, trata-se simplesmente de facticidades que até chegam a ultrapassar o limiar da consciência sensível, mas não o da consciência estética. Assim, há também um limiar histórico, que opera uma curiosa desproporcionalidade entre as energias pessoais e seus sucessos históricos [...]. Num ponto ainda mais alto se acha talvez o limiar da consciência filosófica [...]. De um modo semelhante, também o sentimento do trágico possui um limiar quantitativo. [...] No domínio do direito, o fato do limiar é assinalado pelo seguinte princípio: *minima non curat praetor*.¹⁰³

O que torna essa analogia em particular interessante para a ilustração do tipo é que ela envolve inúmeros termos, ocupa todo um parágrafo e apresenta (como fica mais claro quando se considera o parágrafo como um todo) uma estrutura “circular” – traços comuns às analogias do tipo que ocupam um papel de maior destaque no argumento da *Philosophie des Geldes*¹⁰⁴. A estrutura “circular” é a seguinte: Simmel começa apresentando o termo da analogia que lhe interessa, no caso o limiar da consciência econômica, estabelece uma série de analogias com outros domínios – no caso: a sensibilidade, a arte, a história, a filosofia, a tragédia e o direito! –, destacando sempre as modificações de caso a caso, para, em seguida, agora munido de todas essas modulações, retomar o termo que lhe interessa, situado no domínio econômico. Simmel constrói semelhante série ou conjunto de fenômenos tendo em vista pôr em perspectiva um dos termos da analogia – no caso o de que ele parte para, ao final do parágrafo, retomar.

---

102. Assim, se quisermos comparar esse tipo com os construídos para a *Soziologie*, poderíamos dizer que se trata de uma espécie de síntese do material que, ali, se manifesta fragmentadamente em três tipos distintos: o epistemológico, o sociológico, *entre exemplos* e o ilustrativo, *figurativo*. Seria mais correto colocar assim a questão: há um elemento comum àqueles três tipos de analogia, mas esse é um elemento mais importante tendo em vista a *filosofia* do dinheiro de Simmel que sua sociologia. O ponto em comum entre os tipo “sociológico, *entre exemplos*” e “epistemológico” talvez fique claro ao longo das próximas linhas, em que apresentarei a analogia **P.3.c.45**. Deve-se ter em mente que, nesse caso, os “exemplos” analogicamente ligados já não são tratados como fenômenos sociológicos, mas como ciências ou formas de conhecimento e, portanto, num registro consideravelmente mais abrangente, que inclui até mesmo o teatro e a arte. É preciso de todo o modo notar que uma analogia filosófica, *serial* típica não concatena necessariamente formas de conhecimento, mas também ideias num registro altamente estilizado, como as ideias de “floresta”, “exército” e “corpo”, no caso de **P.3.c.51** – o que indica a semelhança entre esse tipo e o ilustrativo, *figurativo*.

103. **P.3.c.45**, disponível em GSG, v. 6, pp. 344-7. A expressão em latim significa: “do que é mínimo não cuida o pretor” (no caso, o magistrado na Roma antiga). Ao contrário do procedimento adotado na caracterização da maioria dos tipos, o exemplo que apresentei não contém uma referência explícita. Há dois casos de analogia filosófica, *serial* identificados graças a uma referência explícita – mas em ambos os casos a série é apenas esboçada, contando apenas com dois termos.

104. A maior parte delas, contudo, não chega a formar uma série completa, mas apenas o princípio de uma série, portanto um par de analogias.

Embora várias das analogias que concorreram para a montagem do tipo funcionem dessa forma, em outros casos a estrutura circular está ausente. Há casos, p. ex., em que Simmel monta uma série como essa ao longo de todo um parágrafo (empregando então um ou mais sinais de identificação da analogia), e situa o termo que lhe interessa como ponto culminante da série, mas o faz apenas nas linhas finais do parágrafo, ou mesmo no parágrafo seguinte, e então sem explicitar que a relação entre esse termo e os demais termos da série é, também, de analogia – sendo esse o caso de **P.2.a.15**¹⁰⁵. Como veremos, nos casos, mais frequentes, em que o ponto de culminância ou o termo da analogia que lhe interessa era o dinheiro¹⁰⁶ e que, além disso, eu tenha com efeito detectado um dos sinais de identificação anteriormente arrolados – enfim, nesses casos tratarei a analogia como correspondente ao tipo filosófico, *ilustrativo*, sendo este, portanto, um caso particular de analogia filosófica, *serial*. Mas não é só. Em alguns casos, Simmel estabelece uma série bastante geral apenas para mostrar como nela *não* se encaixa o caso que realmente lhe interessa, i.e.: como estratégia para indicar uma diferença considerada importante. Um bom exemplo, que será retomado no último capítulo deste trabalho, é **P.2.a.1**.

Para que seja possível formar uma série, Simmel precisa detectar um termo comum a elementos aparentemente diversos, e isso até mesmo nos casos em que tais séries sejam mais “modestas” em sua abrangência do que aquela que acabamos de considerar, que abarcava desde a economia até a tragédia¹⁰⁷, e em que o elemento comum é a noção de limiar da consciência. Tal elemento comum tende, porém, a ser bastante vago – e até certo ponto seu funcionamento depende de que seja vago, pois se trata justamente de uma generalidade, de algo que opera seja no lugar do **logos** da analogia como proporção, seja no lugar da função da analogia em sentido biológico. Uma vez que tanto o conceito proporcional de analogia, como o biológico se prestam a isso, as analogias que se ligam a esse tipo se deixam expressar tanto por sinais de identificação considerados fortes, como por sinais considerados fracos. Já que os outros tipos filosóficos de analogia tendem a se aproximar mais do modelo proporcional, o coeficiente de inequivocidade do tipo é, dentre esses quatro, o menor: 0,762.

Não há analogias filosóficas, *seriais* envolvidas em tipos mistos. Além disso, devido à especificidade da relação entre esse tipo e o próximo, a ocorrência de analogias filosóficas, *seriais* tende a ser tanto mais frequente quanto menos diretamente Simmel trata do dinheiro – assim, p. ex., o capítulo primeiro, em que o dinheiro é tematizado apenas no fim, e o quarto, em que Simmel aborda detalhadamente as noções de liberdade e propriedade, possuem uma concentração relativamente alta dessas analogias. Há ainda um número considerável de analogias referidas ao tipo no capítulo final do livro.

---

105. Sempre que possível, indiquei esses casos por meio de notas explicativas.

106. E especificamente o dinheiro. Nos casos em que um dos termos é, p. ex., a economia em geral e os outros, outras formas ou domínios do conhecimento, a analogia foi considerada filosófica, *serial*. Por conta disso, várias das analogias que, caso tivessem sido formuladas na *Soziologie*, teriam sido tipificadas como filosóficas, *epistemológicas* foram, aqui, classificadas como *seriais*; várias, mas não todas: outras foram consideradas mais próximas do tipo filosófico, *conceituai*.

107. Uma série bem mais “modesta” em seu escopo é, p. ex., aquela formada pela intersecção entre, de um lado, a habilidade adquirida para a realização de um trabalho manual e, de outro, a propriedade de gado, presente na analogia **P.4.c.50**.

II.1.6.2.1.2. O tipo filosófico, ilustrativo

Como foi adiantado no item anterior, as analogias que correspondem a esse tipo são aquelas que têm, como um de seus termos, seja o dinheiro, seja um aspecto da realidade diretamente ligado ao dinheiro (p. ex., em alguns casos, a economia monetária). É o enquadramento oferecido por Simmel já no prefácio à sua *Philosophie des Geldes* que confere sentido a tais analogias, na medida em que estas lhe permitem realizar a proposta ali lançada de tornar visível diversos aspectos do universal por meio desse particular que é o dinheiro. Tomemos como exemplo a seguinte passagem:

Assim, pode ser que (retomando as analogias que já havíamos estabelecido) o amor mais profundo e sublime seja aquele que se dê entre duas almas apenas, sem que nele se misture qualquer traço mundano – entretanto, na medida em que esse amor seja inalcançável, um máximo da sensação amorosa vai se manifestar exatamente lá onde a relação puramente espiritual conserve, como um complemento e uma mediação, a proximidade e a atração sensíveis; assim, pode ser que no paraíso se cumpra a promessa maravilhosa da bem-aventurança, já que a consciência desta não requer o contraste das sensações opostas – na medida em que, contudo, sejamos humanos, somente aqueles estados emocionais penosos, indiferentes ou debilitados que também estão dados podem nos levar a uma felicidade em sentido positivo, a uma felicidade enquanto sensação baseada no contraste. Portanto, mesmo que, numa constelação social ideal, também um dinheiro totalmente desprovido de substância seja o meio de troca que condiz mais perfeitamente com seu fim, da mesma forma que nos outros casos, até que se alcance essa situação ideal, o grau (relativamente) mais elevado com que ele é capaz de se adaptar a esse fim estará condicionado pela sua ligação a uma substância. Essa última circunstância tampouco implica um desvio em relação ao caminho interminável que conduz a que o dinheiro se dissolva em um suporte meramente simbólico de sua pura função.¹⁰⁸

Não vou me ater aqui ao curso do argumento de Simmel, porque não é o que me interessa; o que me interessa é apenas fornecer um exemplo concreto de como a analogia é empregada de modo a estabelecer uma relação entre certo fenômeno diretamente ligado ao mundo do dinheiro e outros dois, que podemos referir aos mundos da religião e da intimidade – apontando para uma conexão de sentido entre coisas aparentemente muito diferentes entre si, como o são o dinheiro, o amor e a felicidade no paraíso. Como veremos em detalhe no capítulo final desta dissertação, o recurso à analogia se revela indispensável quando levamos em conta o conceito de filosofia com que Simmel opera, em que se faz necessário referir o objeto por ele diretamente tratado – o dinheiro – a outros domínios da experiência humana, seja de ordem natural, seja de ordem cultural¹⁰⁹.

---

108. P.2.c.52, em GSG, v. 6, p. 235.

109. Embora a divisão não seja, aqui, importante: pois se o dinheiro pode ser relacionado tanto a formas geométricas e fenômenos naturais de ordem física e biológica, como também ao amor e à religião, às disposições psicológicas e à arte, às instituições sociais e às imagens religiosas – se isso é, enfim, possível, é porque em todos os casos Simmel assimila essas formas, fenômenos e imagens num registro mais geral, estilizado, em que a natureza já é cultura, ou melhor: na condição de *experiências compartilhadas*, de imagens à disposição nesse repertório que podemos chamar (contanto que nos comprometendo em deixar de lado a conotação negativa por vezes associada à expressão) de senso comum.

Tais analogias são – o que é muito importante – da mesma família que aquelas que correspondem ao tipo ilustrativo, *figurativo*. Observamos, em ambos os casos, uma tentativa de relacionar fenômenos diversos, aparentemente desconexos; também podemos notar que tais fenômenos são tratados, em geral, como imagens, como formas sedimentadas, “objetivadas” de uma experiência compartilhada por muitos; e que o vínculo entre tais imagens se faz, também em geral, segundo o modelo forte, proporcional da analogia¹¹⁰. O que permite diferenciar um tipo do outro é justamente o contexto a que se ligam – afinal, estamos aqui tratando de uma filosofia do dinheiro e, portanto, devemos prestar uma atenção especial às analogias que envolvem o objeto de uma tal filosofia, ou melhor: às de que Simmel se serve para realizá-la. Assim, aquelas analogias que, em outro contexto, seriam tipificadas como ilustrativas, *figurativas* serão, aqui, por envolverem como um de seus termos o dinheiro, consideradas como filosóficas, *ilustrativas* – o que também se liga à tentativa de incorporação recíproca entre arte e filosofia que Simmel tinha em grande consideração¹¹¹. Todos esses pontos serão, é claro, tratados em maior detalhe no capítulo final desta dissertação, cabendo aqui apenas indicar os elementos mais gerais que permitam identificar a função mais evidente de tais analogias na economia retórica do texto de Simmel.

Já que o que move tais analogias é tentativa de ligar aquilo que parecia distante, de relacionar a série dos fenômenos propriamente monetários com séries, em princípio, não-monetárias, então um dos termos da analogia é sempre ou o dinheiro, ou um aspecto da realidade diretamente ligado ao dinheiro (em alguns casos referidos, no índice, por meio das expressões “mundo econômico” ou “valor”). Para fins de síntese, e sobretudo para controlar algumas analogias mais recorrentes, elaborei uma categoria mais geral para me referir aos outros termos da analogia, de modo a remetê-los, sempre que isso se mostrou possível, a um contexto mais abrangente. Assim, os conteúdos da analogia com que topamos neste item foram, nesse nível mais geral, assim resumidos: “dinheiro, religião e mundo íntimo”¹¹². Elaborada em um nível mais concreto (que, no índice, separei do anterior com um ponto-e-vírgula), a descrição dessa mesma analogia (**P.2.c.52**) foi assim fixada: “o dinheiro, a felicidade no paraíso e o amor”¹¹³. Em algumas analogias, a referência foi feita em apenas um desses níveis.

---

110. O que é indicado pelo valor relativamente alto do coeficiente de inequivocidade nesses casos. O coeficiente para o tipo de que estamos tratando é 0,886, o terceiro mais elevado dentre as analogias da *Philosophie des Geldes*; além disso, 10 das 28 analogias identificadas por referência explícita ao longo do livro correspondem ao tipo, sendo que esse número sobe para 13, acrescentando os casos de tipo misto identificados por referência explícita e que envolvam analogias filosóficas, *ilustrativas* – uma proporção considerável, que reforça a impressão de que tais analogias implicam uma estratégia no mínimo consequente por meio da qual Simmel buscou realizar seu projeto filosófico. Para fins de comparação, convém adiantar que o coeficiente das analogias ilustrativas, *figurativas* da *Philosophie des Geldes* é 0,919, ao passo que as da *Soziologie* é, como já vimos, 0,917.

111. Também aqui é possível inferir a relação entre o tipo filosófico, *serial* e o ilustrativo, *figurativo* – a que me referi na nota 102, mais acima.

112. Tais expressões indicam (e isso apenas tendo em vista controlar algumas recorrências!) o domínio, a série, a conjuntura, o contexto presumidamente original de que cada termo da analogia foi tirado. Em alguns casos, simplesmente indiquei tais domínios por meio de palavras-chave, como “religião”, “arte”, “intelecto” (que abarca o mundo dos conceitos e abstrações) ou “linguagem”; em outros, julguei mais apropriado fazer a referência a esse elemento contextual presumido por meio de expressões como “mundo físico”, “mundo social”, “mundo das leis”, “mundo interior”, etc.

113. Especialmente nos casos em que o dinheiro foi comparado com formas mais concretas, o conteúdo de tais analogias é, nesse nível, descrito em termos como: o amor, o dínamo, o diabo, os grandes lagos, o átomo, o conceito, o mar, etc.

Embora a maioria das analogias que envolvam o dinheiro tenham sido referidas a esse tipo, algumas delas foram associadas a um dos dois tipos subsequentes – o que comentarei ao longo da caracterização desses tipos. De resto, há 12 casos de tipos mistos que envolvem analogias filosóficas, *ilustrativas* – em todos os casos, o tipo complementar é não-filosófico, sendo ou historicista, ou especializado. Isso porque se trata de analogias que se tornam visíveis apenas a partir de um modo exclusivo de observação; assim, p. ex., em **P.3.b.25**, a analogia entre o deus cristão e o dinheiro se deixa ver do ponto de vista psicológico: o dinheiro assume para a consciência individual, no mundo moderno, uma função semelhante à do deus do cristianismo, na medida em que nele se resolvem numa unidade abstrata todas as diferenças concretas¹¹⁴. Note-se que opera aí um princípio muito semelhante ao da formação de séries – apenas que algumas das séries assim formadas podem ser inteiramente “contidas” em um domínio mais ou menos exclusivo do conhecimento (tais como a psicologia, sociologia, a economia, a biologia), ao passo que, em outros casos, não há um domínio correspondente e autônomo em relação à uma filosofia do dinheiro (em que possamos abarcar de uma só vez, p. ex., o dinheiro, a felicidade no paraíso e o amor), de modo que a série assim formada se esgota na analogia.

Finalmente, esse é, de longe, o tipo mais frequente na *Philosophie des Geldes*: são 78 ocorrências, além das 12 em que o tipo se mistura a outro – de modo que aproximadamente uma de cada quatro analogias do livro envolve o tipo. Como o dinheiro é tematizado às vezes de maneira mais, às vezes de maneira menos direta ao longo do livro, a distribuição dessas analogias é bastante diversificada: há uma grande concentração nos capítulos 2 e 6, e uma concentração muito pequena nos capítulos 4 e 5.

II.1.6.2.1.3. O tipo filosófico, conceitual

A principal função das analogias referidas a esse tipo no texto de Simmel pode ser assim resumida: capturar e expor algum aspecto de seu problema de investigação por meio de um conceito ou de uma imagem ou de um esquema filosófico já de antemão conhecido. Eis um exemplo especialmente claro:

Assim considerado, o mundo do dinheiro está para o dos valores concretos como pensamento e extensão em Espinoza: um não *pode*, em geral, intervir no outro, porque cada um já expressa, por si e em sua linguagem, todo o mundo; i.e., a soma dos valores em geral não é composta a partir da soma dos valores das coisas mais a soma do valor do dinheiro, senão que consiste numa certa quantidade de valor, que se realiza ora nesta forma, ora naquela.¹¹⁵

Aqui, Simmel procura esclarecer a relação entre o dinheiro como pura função e o mundo concreto dos objetos econômicos; para tal, se apoia em um esquema tomado de empréstimo de Spinoza, o que resulta

---

114. Essa analogia será apresentada no capítulo final deste trabalho (cf. a p. 329).

115. **P.2.b.22**, em GSG, v. 6, pp. 179-80; *grifo conforme o original*. O exemplo fornecido não contém uma referência explícita, mas, para fins de caracterização do tipo, é o que considere o mais adequado, devido à sua simplicidade. Para referências explícitas, cf. **P.1.a.9**, **P.1.a.11** ou ainda **P.6.b.42** – essa última uma analogia especialmente destacada no texto, por ser desenvolvida ao longo de todo um parágrafo, e que será apresentada e comentada no último capítulo deste trabalho (a partir da p. 325).

na analogia: o dinheiro está para os valores concretos, assim como o pensamento, para a extensão. Note-se como a *relação* entre pensamento e extensão fornece a Simmel um meio para exprimir a *relação* entre o mundo do dinheiro e os valores concretos – o que só é possível devido a proporcionalidade que estaria aí em jogo. Mas esse não é um meio qualquer, pois foi tirado do repertório de um filósofo consagrado. Assim, se Simmel, de um lado, esclarece com tal analogia determinado aspecto da filosofia do dinheiro, de outro, também estabelece uma relação ou uma ponte entre a sua filosofia e a história da filosofia, o que não só o credencia a tomar parte nesse história, como ainda exemplifica *de que modo* ele o faz, isto é: qual a *sua* especificidade enquanto filósofo. Para resumir um pouco grosseiramente o ponto, sem fugir do exemplo em foco, tal especificidade consistiria em mostrar como também nesse objeto afinal tão mundano que é o dinheiro podemos enxergar aquilo que filósofos como Spinoza haviam enxergado, só que agora não mais como pura abstração e sim no plano da concretude. A analogia é, assim, um dos principais recursos por meio das quais Simmel importa para o *seu* conceito de filosofia o legado da filosofia passada – de que ele, como fica muito claro no prefácio ao livro de que estamos tratando, faz a crítica.

Como no tipo anterior, também nesse caso a relação entre arte e conhecimento, estética e filosofia é trazida à tona – ainda que as coincidências entre os tipo filosófico, *conceitual* e ilustrativo, *conceitual* sejam mais restritas do que aquelas entre os tipos filosófico, *ilustrativo* e ilustrativo, *figurativo*: ambas coincidem apenas na circunstância de que o que é tratado pela analogia são conceitos ou esquemas. Embora também as analogias tipificadas como filosóficas, *conceituais* envolvam um momento de aproximação, de tentativa, esse momento encontra-se, de um modo geral, escondido atrás de uma proporcionalidade – o que confere ao correlato filosófico das analogias conceituais um aspecto formal mais preciso e exato do que é o caso, quando consideramos o estético¹¹⁶. Deixando de lado esse traço formal, não há tampouco uma distinção firme, rigorosa entre as analogias que correspondem a esse tipo e as que correspondem aos dois tipos anteriores – pois também as analogias tipificadas como filosóficas, *conceituais*, implicam o princípio da formação de séries¹¹⁷, além de, em alguns casos (como na analogia com Spinoza) ilustrarem tal ou qual aspecto do dinheiro. A diferença é que, *além disso*, há ainda, nos casos que correspondem ao tipo em foco, a referência a um conceito filosófico razoavelmente distinto, e isso de tal modo que, nessas analogias, a função acima descrita – se apoiar, por meio da analogia, na filosofia passada para construir uma filosofia do dinheiro, moderna – é colocada em relevo, o que me parece suficiente para que possa elaborar, sobre elas, um tipo próprio.

---

116. Assim, o coeficiente de inequivocidade das analogias que correspondem ao tipo filosófico, *conceitual* é o mais elevado dentre todos os 14 tipos por mim elaborados: 0,931, ao passo que o coeficiente das analogias ilustrativas, *conceituais* da *Philosophie des Geldes* – muitas vezes designadas por expressões aproximativas e não imediatamente analógica como “por assim dizer” – é 0,625. E é claro que esse é um efeito de como os tipos foram por mim construídos para fins de análise, já que quem optou em considerar expressões aproximativas como sinais de identificação de uma analogia tipicamente ilustrativa, *conceitual* fui eu, e não Simmel.

117. Que é na verdade possível devido àquela característica muito geral do procedimento analógico que foi designada como sua extensibilidade.

Os conteúdos das analogias são descritos por referência aos termos da comparação, em geral fáceis de identificar e descrever, por se tratarem de conceitos, esquemas e categorias filosóficas dadas; nos casos em que um filósofo é citado por Simmel, essa informação é acrescentada, sendo introduzida por dois pontos. Assim, a descrição completa da analogia a que aqui me referi é: “o mundo do dinheiro está para os valores concretos, assim como o pensamento está para a extensão: analogia com Spinoza”.

Como já foi comentado em nota de rodapé, corresponde às analogias que levaram à construção do tipo o mais elevado coeficiente de inequívocidade de todo o índice: 0,931 (um pouco maior que o coeficiente do tipo filosófico, *ilustrativo*, 0,886, mas consideravelmente mais elevado que o do filosófico, *serial*, 0,762). É também digno de menção que haja uma concentração grande dessas analogias no primeiro capítulo do livro, um dos mais densos, e no qual Simmel trata mais direta e detidamente de problemas de filosofia e de teoria do conhecimento. Não há casos de tipo misto que envolvam o filosófico, *conceitual*.

II.1.6.2.1.4. O tipo filosófico, metafísico

As analogias a que correspondem o tipo em foco são aquelas em que a metafísica simmeliana se revela com maior clareza, ao menos em alguns de seus aspectos; funcionam, digamos, como plataformas para essa metafísica, como entradas para as questões mais gerais da existência, pelas quais Simmel sempre se interessou. E revelam um traço importante dessa visada metafísica sobre a realidade – importante, é claro, tendo em vista os fins deste trabalho –, um traço que se acha em sintonia com a teoria simmeliana do conhecimento. Pois, para nos atermos ao que interessa, também aqui o que está em jogo são formas mais ou menos exatas de extrapolação do até então conhecido, ou melhor, tentativas de anexar ao império do conhecido o que, até então, era desconhecido, sendo esse o momento em que a conexão interna entre conhecimento e expressividade se manifesta de maneira mais contundente – algo que Simmel, por sua vez, procurou exprimir inúmeras vezes, como quando, p. ex., indicou que a tarefa de *sua* filosofia, de *suas* especulações sobre o real deveria ser pensada por analogia à tarefa do artista.

De um modo geral, as analogias tipificadas como filosóficas, *metafísicas* se caracterizam por revelarem uma espécie de nexos mais fundamentais entre as coisas, em princípio inexprimível em termos próprios. Por conta disso, tais analogias ganham, muitas vezes, um destaque especial ao longo do texto da *Philosophie des Geldes*. Devemos, também aqui, nos guiar por exemplos, a começar pelo que segue:

Passo agora para uma segunda determinação do estilo de vida, que não se designa, como é o caso do distanciamento, mediante uma analogia espacial, mas sim mediante uma temporal; e, com efeito, já que o tempo apreende segundo uma mesma medida acontecimentos internos e externos, a efetividade é com isso caracterizada mais imediatamente e de modo que se faça menos uso do simbolismo do que no caso anterior. Trata-se do ritmo em que os conteúdos da vida se mostram e se recolhem,

trata-se de questionar em que medida as várias épocas culturais em geral favorecem ou perturbam a rítmica em seu desenrolar, e se o dinheiro, em seu movimento próprio, somente toma parte naquela ascensão ou queda do periodismo da vida ou se, além disso, também a influencia desde si.¹¹⁸

Estamos aí diante da segunda das três analogias mediante as quais Simmel procurou tratar os variados aspectos do problema mais geral estilo de vida. Convém aqui começar indicando que nessa analogia em particular (como, de um modo geral, também nas outras que correspondem ao tipo filosófico, *metafísico*) a função ilustrativa é bastante acentuada¹¹⁹. Trata-se, em ambos os casos, de destacar, de tornar visível uma conexão mais fundamental entre o objeto de uma filosofia particular, o dinheiro, e o objeto da filosofia em geral, a totalidade da existência. Contudo, nos casos que nos interessam, essa conexão fundamental é tratada na chave de uma *ligação intrínseca, essencial*; tal ligação é, por sua vez, aquilo que em primeiro lugar torna possível uma filosofia do dinheiro, ela é aquele aspecto da realidade para o qual essa filosofia se dirige, sem nunca efetivamente alcançá-lo e apreendê-lo, é o que lhe confere sentido, indica sua direção. Retomando agora a passagem que acabamos de ler, podemos seguir considerando que o modelo analógico do ritmo aponta para uma conexão interna entre a vida moderna e o dinheiro (algo sugerido no último período do trecho acima citado, ainda que, a essa altura, apenas enquanto possibilidade a ser investigada), ou melhor, para uma forma mais geral de temporalidade em relação a que tanto o movimento do dinheiro, como o ritmo da vida são como que desdobramentos particulares. Para pontuar a diferença entre analogias como as que referi ao tipo filosófico, *ilustrativo* (p. ex., a analogia entre o dinheiro, a felicidade no paraíso e o amor) e estas de que estamos agora tratando, direi que se, naquelas, a analogia era predominantemente um recurso orientado para tornar visível um traço ou aspecto de *um* dos termos da analogia, nestas trata-se predominantemente de um recurso orientado para tornar explícito algo que estaria implicado *na* analogia. Assim, para exprimir a relação entre a função ideal e a concreta do dinheiro, Simmel havia recorrido a uma comparação, dupla, entre o amor ideal e o terreno, e entre a felicidade no paraíso e na terra. Digamos que, num caso como esse, o foco de Simmel é o dinheiro, sendo que a analogia funciona como uma espécie de recurso ou truque que nos permite projetar, para o dinheiro, a relação implicada entre os demais termos da comparação (com os quais se supõe que tenhamos certa familiaridade), ou seja, o **logos** aí implicado. Pois, já que se trata de experiências comuns, compartilhadas, podemos nelas nos apoiar para entender o que se passa no caso do dinheiro. Quando consideramos as analogias filosóficas, *metafísicas*, o **logos** da analogia já não é mais um suporte que permite visualizar um dos termos da comparação, mas é, de um modo *mais direto*, aquilo que interessa¹²⁰. É aliás por essa razão que designei tais analogias como “metafísicas”: como a metafísica

---

118. Cf. P.6.c.58, em GSG, v. 6, pp. 676-7.

119. Assim, já que várias das analogias que correspondem ao tipo têm no dinheiro um de seus termos, essas poderiam muito bem ser tipificadas como filosóficas, *ilustrativas*. Toparemos com alguns exemplos em seguida.

120. O que ainda é apenas um modo de dizer, pois as analogias tipificadas como filosóficas, *ilustrativas* também se deixam pensar nesse registro, se as concebemos como passos para a realização de uma filosofia do dinheiro. Mas são passos mais curtos, menos ambiciosos, mais contidos, quando contrastados aqueles que representam as analogias referidas ao tipo filosófico, *metafísico*.

em geral, também tais analogias não se dirigem a um objeto, a um particular, a algo concreto, e sim àquilo o que estaria além disso, àquela camada da realidade com a qual não podemos, literalmente, nos deparar, estar diante de (como podemos, inversamente, estar diante de determinada mesa, ou de determinada pessoa); àquilo o que não podemos literalmente apontar, mas apenas “como que apontar”. Uma relação pura, intrínseca entre as coisas seria algo desse gênero: não um objeto da experiência, mas sim algo que estaria por trás dela, algo de que, embora não possamos jamais apreender ou dominar, poderíamos, em princípio, pelo menos nos aproximar, se buscarmos não o que está diante de nós, mas a maneira como esses objetos se dispõem uns para os outros, o modo como se concatenam. Esse é, claro, um recurso no mínimo tão antigo quanto a metafísica de Aristóteles – que também teve de recorrer, e isso de maneira explícita, à analogia para se referir a algo irreferível, a algo que, por definição, se encontraria para além da possibilidade de ser apanhado.

Esse tipo de conexão interna entre as coisas, essa “forma pura”, se quisermos – afinal, o procedimento aqui é em tudo semelhante àquele por meio de que Simmel buscou suas formas de socialização, sendo tais formas apenas menos gerais, menos abrangentes do que as que, agora, nos interessam –, é aquilo que, para Simmel, permeia o processo do mundo, e por isso pode ser detectada, em maior ou menor grau, na relação de cada uma de suas manifestações com quaisquer outras. Podemos dizer que as analogias de ordem metafísica são uma espécie de correspondência, ou seja, são manifestações diversas de uma mesma disposição fundamental das coisas¹²¹. Pensemos, p. ex., na relação entre o dinheiro e a sociedade, ou o dinheiro e a troca. Não é apenas que a sociedade seja um análogo do dinheiro: o dinheiro é sociedade, é uma forma em que o estar-socializado se manifesta para nós, ainda que uma forma determinada. Ele é, além disso, “a forma tornada concreta, que existe para si e como que solidificada” do que, enquanto ação, enquanto movimento, é a troca¹²². Por essa razão, uma filosofia do dinheiro *precisa* conter, em si, alguma sociologia, e *precisa* contemplar a problemática em torno das formas da reciprocidade, da troca. E é esse mesmo tipo de conexão interna que Simmel se esforçar no sentido de trazer à tona no caso anterior, em que o ritmo – o movimento do dinheiro, o movimento da vida – confere acesso às questões mais gerais da existência, ali referidas ao problema do estilo de vida.

Em alguns casos, essa relação interna se expressa como uma repetição do mesmo em níveis distintos da realidade. Simmel detecta, p. ex., que certas relações ocorrem tanto *no interior* de formações individuais, como *entre* formações individuais – tanto no nível da personalidade individual, como no da sociedade. Há, nesses casos, que são virtualmente idênticos àqueles que, na *Soziologie*, referi ao tipo socialfilosófico, uma espécie de embaralhamento entre as relações entre parte e todo, o que às vezes reveste tais analogias de uma roupagem especialmente confusa.

---

121. Essa variante mais precisa da noção de correspondência ainda será retomada mais adiante.

122. Cf. P.2.c.44, em GSG, v. 6, p. 211.

Em suma: as analogias que correspondem ao tipo em foco são aquelas em que a dependência entre o procedimento analógico e a metafísica se torna mais evidente. Não por acaso, há uma concentração dessas analogias no último capítulo da *Philosophie des Geldes* – em que Simmel justamente enfrenta problemas de ordem mais geral, tendo de se haver então com a necessidade de exprimir conexões especialmente difíceis de serem expressas. Do ponto de vista formal, tais analogias não possuem nenhuma peculiaridade. Há, contudo, seis casos de tipo misto, e em todos eles o tipo complementar é o *historicista*, conforme o que será comentado mais adiante; basta, aqui, apenas indicar que, desses seis casos, quatro são designados por **entsprechen** (em geral acompanhados por **wie**), o que ao menos indica a forte correlação, nesses casos, entre as noções de analogia e correspondência.

II.1.6.2.2. Analogias tipificadas como “científicas”

Dois tipos de analogias foram, aqui, designados como “científicos”. O que caracteriza tais analogias é a sua não-generalidade, o seu caráter não-filosófico, e se designo tais analogias de científicas, é baseado na determinação do lugar da filosofia assim como conduzida por Simmel em seu prefácio à *Philosophie des Geldes*¹²³ – embora o termo “científico” não só não seja tão adequado para a referência a tais analogias, se comparado ao “filosófico”, como ainda seja mais cabível para um dos tipos aqui contemplados do que para o outro. Seja como for, tais analogias são aquelas *que podem ser referidas a um domínio específico do conhecimento, ou a uma perspectiva em particular, já ao menos parcialmente “dada” ou consolidada*.

Há dois tipos de analogias aqui compreendidos: um é o tipo historicista; o outro, o especializado. No total, 100 das 356 analogias da *Philosophie des Geldes* foram referidas a pelo menos um desses tipos, aí já somados os 24 casos de tipo misto que envolvem ou analogias especializadas, ou historicistas ou ambas¹²⁴. O tipo especializado (que contempla, dentre outras, todas as analogias que seriam, caso fossem formuladas no contexto da *Soziologie*, consideradas sociológicas, *entre exemplos* ou sociológicas, *puras*) é, dos dois, o que corresponde ao maior número de ocorrências individuais.

II.1.6.2.2.1. O tipo historicista

Simmel por vezes trata séries históricas no registro da analogia; as analogias assim formadas foram aqui referidas ao tipo em foco, que optei em designar como “historicista”. Um dos elementos-chave de tais analogias, que permite entendermos o que levou Simmel (e talvez outros pensadores da época) a assimilar processos de desenvolvimento no registro de uma analogia, é a ideia de sucessão, de sequência. Pois a sucessão é ela mesma uma modalidade de relação entre coisas, ou melhor, um esquema específico

---

123. Cf. GSG, v. 6, p. 9.

124. Esses são, por sinal, todos os casos de tipo misto arrolados na parte do índice dedicada à *Philosophie des Geldes*.

de relação – que pode, enquanto tal, ser abstraído de seus conteúdos e apanhado em seu aspecto formal. Quando Simmel fala em analogia ou correspondência evolutiva, refere-se justamente a uma semelhança ou equivalência formal *nesse* sentido.

Tais analogias são, já por si mesmas, problemáticas: pois, para elaborar uma tal analogia, é necessária a presunção de que certos eventos se relacionem uns aos outros no tempo segundo uma forma passível de ser, ao menos aproximativamente, repetida¹²⁵. Uma das estratégias frequentemente mobilizadas tendo em vista identificar semelhanças formais desse gênero – e em que a natureza problemática de tais analogias se mostra com especial clareza – é a assimilação de uma série de eventos enquanto passos ou etapas de desenvolvimento. Na medida em que concebemos um processo como uma série de estados descontínuos, o que fazemos é, num certo sentido, romper, quebrar, dividir em porções uma sequência em si mesma dividida, ainda que apenas para fins analíticos – o que, de um jeito ou de outro, implica assimilar o tempo num registro espacializado, uma espécie de precedência da metafórica espacial sobre a temporal. É o que fazemos quando, p. ex., nos referimos à vida humana como composta por uma sucessão de três estágios: a infância, a idade adulta e a velhice. Uma vez realizado um tal fracionamento, obtemos um esquema de sucessão que pode ser abstraído e aplicado a outros contextos: podemos imaginar que, assim como a vida individual, também a “vida” de um império pode ser pensada como uma sucessão de uma fase de crescimento, uma de maturidade e outra de envelhecimento ou decadência.

No caso de Simmel, tais analogias estão em geral ligadas à sua teoria da diferenciação – em que o que encontramos é justamente um esquema geral de desenvolvimento, que se manifesta em diversos níveis e em diversos domínios da realidade. Como a maior parte dessas analogias ocupam grandes porções do texto de Simmel, convém aqui apenas resumir o conteúdo de uma delas, em que há referência explícita: **P.4.a.3.** A analogia encontra-se no capítulo dedicado à correlação entre a liberdade individual e a circulação de dinheiro; Simmel a essa altura argumenta que o dinheiro confere às relações de dependência recíproca um caráter mais flexível, ou melhor: implica ele mesmo uma forma de relação em que a dependência frente aos outros não é fixada em determinadas pessoas, mas sim em funções impessoais. Mas, por isso mesmo, possibilita um incremento da liberdade individual, uma liberação dos vínculos que, até então, ligavam de uma vez por todas *esta* pessoa *àquela*. Podemos, partindo daí e seguindo Simmel, conceber a correlação entre dinheiro e liberdade pessoal como um processo de desenvolvimento dividido em estágios ou etapas: numa primeira etapa, as relações de dependência seriam marcadamente pessoais, i.e.: fixadas em determinadas pessoas; num estágio posterior, as relações de dependência estariam já fixadas em funções impessoais¹²⁶. Esse esquema geral – que representava,

---

125. Desse modo, para designar tais analogias, Simmel muitas vezes recorre a expressões que envolvem as ideias de repetição – o que já havia sido indicado no item II.1.4.5.

126. Também podemos, como aliás faz o próprio Simmel, pensar em estágios intermediários – em relação a que esses dois casos formam como que limites ou polos. Assim, a dependência em relação a duas pessoas já é um incremento na liberdade individual, quando sucede a dependência frente a uma única pessoa.

para Simmel, uma tendência *atual*, e não necessária do desenvolvimento da cultura – seria visível em diversos casos particulares, e é referindo esses casos àquele esquema que Simmel estabelece uma analogia como a **P.4.a.3**. Podemos, para fins descritivos, situar os casos particulares de que ele trata em três domínios: ao mundo das leis, ao mundo do trabalho e ao mundo dos costumes. No primeiro caso, trata-se da possibilidade de resgatar uma dívida qualquer em dinheiro – que teria sido, como relata Simmel, a certa altura assegurada pelo direito romano clássico. Eis como a correlação entre dinheiro e liberdade individual se manifesta nesse caso:

O dono da terra a que era permitido exigir de seu camponês certa quantia de cerveja ou aves ou mel, fixava assim a atividade deste numa determinada direção; no momento em que o dono da terra impõe apenas uma taxa em dinheiro, o camponês se torna completamente livre para atuar na apicultura, na pecuária, ou no que quer que seja.¹²⁷

Como afirma, em seguida, Simmel, um processo formalmente idêntico se realizaria também no âmbito da prestação de serviços pessoais – no “mundo do trabalho”. Simmel tem aqui em vista os casos em que certo serviço devido seja prestado não pela pessoa que efetivamente está em dívida, mas por um substituto, um intermediário – o que, assim como a quitação em dinheiro, como ele afirma, parece apontar para a “dissolução do dever”, sendo, por essa razão, uma liberdade conquistada apenas a muito custo. Discutindo as questões aí implicadas, Simmel é levado à consideração de alguns estágios intermediários, e isso de modo a decompor em três passos aquela correlação mais geral entre liberdade individual e dinheiro. Para ilustrar o ponto, amplia a analogia para o desenvolvimento do *jus primae noctis*, i.e.: o direito concedido por costume ao senhor feudal de passar a primeira noite, a noite de núpcias, com a esposa de seus servos. Se esse costume realmente existiu, teria se desenvolvido, como afirma Simmel, em três estágios análogos àqueles identificados anteriormente: numa primeira etapa, se manifestaria como uma obrigação inescapável, seria o preço a ser pago pela pessoa do servo, caso este quisesse se casar, ao seu senhor; num segundo momento, haveria já a *possibilidade* de saldar esse “dever” com um pagamento em dinheiro, embora, a essa altura, o senhor ainda pudesse vetar, conforme sua vontade, tal equivalente; já no terceiro estágio, o dono da terra seria obrigado a aceitar o pagamento em dinheiro.

Considerando essa analogia tipicamente historicista, devemos notar que a correlação ou afinidade entre o dinheiro e a liberdade do indivíduo é uma constante; em um certo sentido, essa correlação apenas se *desdobra* de maneira diferente em cada caso, é a ela que se refere a analogia. As analogias que aqui tenho chamado de historicistas apontam, em geral, para alguma correlação como essa, de modo que os casos particulares são tomados como expressões do vínculo interno entre as coisas – que não é um vínculo exatamente histórico, na medida em que envolve uma negação radical do caráter contingente, da individualidade do evento histórico puro, mas que, ainda assim, dependem, mesmo que distorcidamente,

---

127. Cf. **P.4.a.3**, em GSG, v.6, p. 378. A referência também é válida para o conteúdo discutido no parágrafo subsequente à citação.

i.e.: espacializadamente, da categoria histórica *sui generis* da sucessividade. Por conta disso, tais analogias tendem, de um lado, à metafísica (há, inclusive, seis casos de tipo misto que envolvem, além do historicista, o tipo filosófico, *metafísico*, e em que essa tendência se manifesta de modo especialmente claro). De outro lado, também é possível detectar, nessas analogias, algo da função ilustrativa: pois se trata justamente de recorrer a exemplos concretos para conferir contornos a uma forma mais geral de desenvolvimento. Os casos em que essa correlação pareceu especialmente clara, e, além disso, em que aquilo que se ilustrava era o dinheiro – enfim, tais casos foram considerados de tipo misto, e em que o tipo complementar ao historicista é o filosófico, *ilustrativo*¹²⁸. Há ainda casos de tipo misto que envolvem o tipo especializado – o que será mencionado no item seguinte, bastando aqui apenas indicar que tais casos são muito semelhantes àqueles que, na *Soziologie*, foram considerados casos de tipo misto que envolviam o tipo sociológico, *entre exemplos* e o *processual*. Assim, é possível estabelecer que as analogias sociológicas, *processuais* estão para a *Soziologie*, assim como as historicistas, para a *Philosophie des Geldes*.

Do ponto de vista formal, tais analogias possuem um coeficiente bastante baixo: 0,653. É, em muitos casos, até possível designar uma tal analogia em termos proporcionais¹²⁹; mas Simmel em geral as designa por meio de sinais mais vagos. Como tais analogias são longas, ocupando às vezes muito espaço, há poucas delas em cada capítulo – o que não permite tirar conclusões precisas quanto à sua distribuição ao longo de cada capítulo.

II.1.6.2.2.2. O tipo especializado

As analogias que correspondem ao tipo especializado são aquelas referidas a um domínio específico do conhecimento, ou melhor, a uma ciência especializada, exata, no sentido que Simmel atribuía ao termo¹³⁰. O tipo abrange aquelas analogias que se tornam visíveis desde uma determinada perspectiva, ou melhor, aquelas em que se possa referir *todos* termos da comparação a um domínio do conhecimento mais ou menos estabelecido. Contei quatro domínios distintos com que Simmel trabalha na *Philosophie des Geldes*: o sociológico, o psicológico, o econômico e o biológico (este que corresponde a um único caso, **P.1.c.40**); e, em todos os casos, indiquei, no índice, o domínio de referência. Assim, p. ex., a analogia

---

128. Há quatro casos como esse no índice, dos quais os mais destacados são a analogia entre o dinheiro e casamento (**P.5.a.6**) e entre a economia e a música (**P.6.c.59**). É preciso notar que há uma certa arbitrariedade aí envolvida: pois a função ilustrativa está presente em virtualmente todos os casos referidos ao tipo historicista – sendo que, nesses quatro, me pareceu apenas que estava mais saliente. Tratar tais casos como casos de tipo misto é, de todo o modo, apenas uma forma de chamar a atenção para a função ilustrativa das analogias historicistas em geral.

129. Assim, p. ex., a idade adulta está para a velhice, assim como o ápice de um Império, para a sua decadência. Cf. ainda, p. ex., **P.2.c.34**.

130. Sobre a concepção simmeliana de ciência, cf. a discussão da primeira seção do capítulo seguinte deste trabalho. Considerando essa concepção de ciência, fica claro que a designação das analogias especializadas como “científicas” se aplica mais justamente a tais analogias do que às historicistas; contudo, devemos ter em vista que a designação de ambas as analogias como científicas é apenas uma maneira para indicar a relação entre essas analogias e as filosóficas.

P.3.b.40 (que será apresentada em seguida) é designada como especializada, *sociológica*; já **P.3.a.21**¹³¹, como especializada, *psicológica*; ao passo que **P.2.b.25**¹³², como especializada, *econômica*.

Não considero a diferença entre essas variações suficientemente destacada para que se configurassem tipos particulares. Isso porque, nesses casos, o que interessa é que tais analogias operem, de um lado, num registro mais específico que aquelas caracterizadas como filosóficas e, de outro, que tal registro seja o mais possível alheio à historicidade dos fenômenos em questão¹³³. O próprio Simmel qualificou algumas de suas analogias referindo-as a uma perspectiva específica – assim, p. ex., a analogia entre deus e o dinheiro (**P.3.b.25**), em que flagramos Simmel falando numa semelhança estritamente *psicológica*. Por outro lado, é preciso ter clareza de que tais distinções são, muitas vezes, embotadas: muitas das analogias que foram chamadas aqui de psicológicas poderiam ter sido designadas como sociológicas, ou, no mínimo, referidas ao domínio do que hoje chamaríamos de psicologia social. Embora Simmel tenha defendido uma separação clara entre os vários domínios da ciência – propondo, p. ex., demarcar sociologia e psicologia –, o seu estilo filosófico o conduzia frequentemente no sentido de extrapolar tais limites, de modo que a distinção entre as analogias aqui predicadas de sociológicas, econômicas, psicológicas ou biológicas é, no mais das vezes, bastante precária. Qualifiquei de psicológicas sobretudo aquelas analogias em que Simmel tratava de fenômenos assim como se manifestariam para a consciência ou para a sensibilidade do indivíduo: o que abarca desde formas de aversão até o significado que duas representações teriam para a consciência (como no caso da comparação entre deus e o dinheiro). Já as analogias classificadas como econômicas são em geral aquelas em que todos os termos da comparação sejam ou fenômenos de ordem monetária (como no exemplo dos *greenbacks*), ou, alternativamente, quando sejam mercadorias ou serviços prestados (objetos, pois, cuja conversão em dinheiro e cuja participação no mundo econômico sejam especialmente óbvias). Parece-me que basta apresentar aqui como exemplo uma única analogia, que considere especializada, *sociológica*:

Assim como era proibido por lei, em certas tribos nômades árabes, cultivar grãos, construir uma casa e coisas do gênero, de modo que nenhuma tentação ao sedentarismo tornasse o membro individual infiel em relação às condições de vida da tribo – assim também o mesmo era válido, agora numa inflexão interior, no caso dos monges budistas.¹³⁴

Segundo o argumento de Simmel, no caso das tribos nômades árabes haveria uma determinada lei exercendo exatamente a mesma função que, no caso dos monges budistas, seria exercida pela disciplina, que difere da lei na medida em que, contrariamente a esta, apareceria como forma já interiorizada de

---

131. Em que o que Simmel compara é, de um lado, o sentimento de aversão do povo face aos grandes centros financeiros e, de outro, a repulsa da massa conservadora de Atenas, durante a Antiguidade, frente ao intelectualismo de Sócrates e dos sofistas. A mesma analogia que é então formulada em termos psicológicos (na medida em que se trata de duas formas de aversão) seria, no capítulo final do livro, reformulada em termos mais metafísicos: o que ela revelaria é a relação intrínseca entre dinheiro e intelecto.

132. Em que o que se trata é a semelhança entre os *greenbacks* norte-americanos EUA durante a guerra da secessão e os bônus do Tesouro emitidos pelo governo francês.

133. O que permite, primeiro, distinguir esse tipo dos tipos filosóficos e, segundo, do tipo historicista.

134. **P.3.b.40**, em GSG, v. 6, p. 330. A analogia será retomada na seção seguinte, ainda que para outros fins.

vinculação ao grupo. O que temos aqui são, portanto, duas soluções formais que, por um caminho ou uma inflexão diversas, produziram um efeito sociológico parecido – sendo que Simmel trabalha com analogias como essa tendo em vista tratar formas concretas e aparentemente distintas do estar-socializado num registro um pouco mais geral, ou seja, como variações de uma forma mais abrangente de socialização. Caso essa analogia tivesse sido destacada da *Soziologie*, seria classificada como sociológica, *entre exemplos*. Com efeito, todas as analogias que, na *Soziologie*, seriam assim classificadas foram, aqui, referidas à variante sociológica do tipo especializado; e o mesmo se aplica às analogias sociológicas, *puras*. No contexto da *Philosophie des Geldes*, Simmel em geral se serve de tais analogias apenas para aprofundar ou refinar sua argumentação. Esse é, contudo, para ele um aprofundamento necessário: se, de um lado, uma filosofia do dinheiro como a de Simmel não poderia se contentar com os objetivos mais restritos de uma sociologia – no sentido de que não se projetava como meras investigações sobre as formas de socialização –, precisava, de outro, se deter sobre o objeto próprio dessa ciência que emergia em seu caminho rumo a uma filosofia do dinheiro. Nesse contexto, podemos pensar que cada um dos domínios do conhecimento atravessados por Simmel em seu percursos filosófico – e em especial aquele domínio com que ele se envolveu mais profundamente, o da sociologia – forneceria uma espécie de moldura para suas analogias, no sentido de indicar seus limites, seu escopo. Assim, quando Simmel esclarece que a semelhança entre deus e o dinheiro é psicológica, indica que não devemos conceber tal analogia para além desse enquadramento. Note-se que, de uma perspectiva ainda mais geral, o princípio aqui envolvido é o mesmo que está por trás das analogias filosóficas, *seriais*: pois a sociologia é, quando vista dessa forma, apenas uma maneira específica de ordenação do material sensível, ela forma um conjunto, uma série – ainda que uma série especialmente extensa e, em princípio, autônoma. A diferença é que somente as séries da sociologia, da economia ou da psicologia podem ser pensadas *fora* do contexto de uma filosofia do dinheiro, ao passo que as formadas pelas analogias filosóficas, *seriais*, não: o sentido destas depende exclusivamente de uma tal filosofia. Que inúmeras das analogias que Simmel construiu ao longo de sua *Philosophie des Geldes* possam ser referidas ao tipo “especializado” – isso também diz algo sobre tal filosofia, ou seja: que se trata de uma forma de conhecimento talhada para levar em consideração a ciência de seu tempo, apesar da diferença crucial que diz respeito ao escopo dessas duas formas de conhecimento.

Esse último ponto indica que não devemos levar a distinção entre as formas filosófica e a científica de conhecimento até suas últimas consequências (i.e.: tratá-la como absoluta); com isso, afastaríamos-nos inclusive do estilo próprio de Simmel – que é o que, por sua vez, realmente desejamos compreender. Para não perdemos de vista essa falta de definição inerente ao estilo simmeliano, devemos estar atentos aos 14 casos de tipo misto envolvendo analogias especializadas. Em nove desses casos, uma analogia especializada exerce também uma função filosófica: a de ilustração. Esse é o caso da analogia entre deus e o dinheiro, a que já me referi neste item, e que será, por isso mesmo, apresentada mais adiante, ao

longo do último capítulo deste trabalho. Simmel, de um lado, claramente ilustra, com essa analogia, uma das funções do dinheiro, na medida em que afirma que a sua representação ou ideia exerce uma influência sobre a consciência individual que é muito parecida àquela exercida pela representação de um deus em que todos os contrastes se resolvem em uma unidade mais abrangente – do deus como *coincidentia oppositorum*, para retomar a referência a Nicolau de Cusa. Mas, ao mesmo tempo, limita essa semelhança ao domínio estritamente psicológico: como se *tal* analogia só se tornasse visível quando comparamos deus e o dinheiro sob *essa* perspectiva. Analogias como essa foram, pelas razões aqui aludidas, consideradas de tipo misto.

Há, além disso, cinco casos de tipo misto que envolvem analogias historicistas, como mencionei no item anterior. Esses casos são virtualmente idênticos àqueles de tipo misto entre analogias sociológicas, *entre exemplos* e as *processuais*. Para elaborar o ponto tendo em vista o que foi até aqui discutido, podemos dizer que o que temos, em todos nesses casos, é uma espécie de “substituição” do fundo metafísico que, por vezes, se insinua nas analogias historicistas por um de caráter mais claramente sociológico: pois, aqui, não se trata mais de uma tendência geral da cultura que se manifesta de um modo diferente em cada caso, mas sim, no lugar disso, de uma mesma forma de socialização – que conduziria, por sua vez, a resultados semelhantes.

O coeficiente de inequivocidade das analogias que correspondem ao tipo é baixo (0,711); há aqui uma grande concentração de analogias indicadas pelos sinais do grupo 2. Assim, tais analogias seguem com bastante frequência o modelo da analogia como semelhança funcional, portanto, o modelo analógico mais fraco. Considerando a tabela em que apresento a distribuição dessas analogias ao longo da *Philosophie des Geldes*¹³⁵, é possível notar que a maior parte delas se acha nos capítulos 3, 4 e 5. Acredito que o número pequeno de ocorrências no capítulo primeiro e no último se deva a que, nesses casos, Simmel se ocupe com problemas mais gerais, mais puramente filosóficos – primeiro, montando uma teoria do conhecimento adequada à sua filosofia do dinheiro, e, segundo, extrapolando as discussões trazidas à tona ao longo do livro para lidar com os problemas mais gerais da existência. Já o número relativamente baixo de ocorrências no segundo capítulo, também visível na referida tabela, é na verdade uma espécie de ilusão de ótica: pois, além das seis analogias especializadas “puras”, há, nesse capítulo, mais seis casos de tipo misto que envolvem tais analogias, uma concentração especialmente grande (ainda mais considerando que, ao longo dos outros cinco capítulos, há apenas mais oito casos como esse). Somando esses seis casos de tipo misto, obtemos uma concentração equivalente ao verificado nos capítulos 4 e 5. Também é preciso destacar que o número total de analogias associadas ao tipo é bastante elevado (54, se não contamos os casos de tipo misto, e 73, se os contamos); nesse quesito, o tipo especializado só fica atrás do filosófico, *ilustrativo*.

---

135. Cf. a Tabela 4 do cf. do apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”.

II.1.6.2.3. Analogias tipificadas como estéticas

Não há diferenças importantes entre os dois tipos de analogia da *Philosophie des Geldes* que classifiquei como estéticos e os tipos correspondentes da *Soziologie*. Há, contudo, algumas pequenas diferenças, e é delas que irei tratar aqui – de modo que, quanto ao resto, considero suficiente a caracterização presente nos itens II.1.6.1.3.1 e II.1.6.1.3.2.

Uma diferença mais geral entre os dois tipos estéticos da *Philosophie des Geldes* e os da *Soziologie* diz respeito à quantidade de analogias e à sua proporção sobre o total de cada obra. São 83 as analogias assim classificadas na *Soziologie*, perfazendo 23,9% do total (e, caso consideremos como meias ocorrências os 16 casos de tipo misto que envolvam o tipo ilustrativo, *figurativo*, esse percentual sobe para 26,2%)¹³⁶; já as ocorrências na *Philosophie des Geldes* são 63, o que corresponde a 17,7% sobre o total¹³⁷. A participação menor das analogias referidas a esses dois tipos no caso da *Philosophie des Geldes* não deve, contudo, ser tomada como indicador de que a função estética é, aqui, menor que no caso da *Soziologie*. O que se passa é justamente o contrário: como há, na *Philosophie des Geldes*, um vínculo mais explícito, mais consequente entre filosofia e arte, entre o trabalho do filósofo e o do artista, a função estética encontra-se como que fundida na filosófica, de modo que algumas das analogias que, caso tivessem sido destacadas da *Soziologie*, seriam classificadas como estéticas, foram aqui registradas como filosóficas.

II.1.6.2.3.1. O tipo ilustrativo, figurativo

Como já foi tratado num item anterior, as analogias ilustrativas que envolvessem, como um de seus termos, o dinheiro – essas foram consideradas filosóficas, *ilustrativas*. Com isso, várias das analogias que, se tiradas da *Soziologie*, seriam consideradas ilustrativas, *figurativas*, não o foram no contexto da *Philosophie des Geldes*. Incorporei, de outro lado, uma nova função às analogias ilustrativas, *figurativas* nesse contexto: a de caracterizar de maneira sintética um argumento ou uma tendência do pensamento filosófico de que Simmel *trata* – sem, contudo, necessariamente endossar. Um bom exemplo é o caso que segue:

Pode-se designar o fiscalismo medieval e o mercantilismo como políticas monetárias materialistas [...]. Mas há entre eles a mesma diferença que há entre a forma bruta e a refinada do materialismo. Uma sustenta que a representação é ela mesma algo material, que o cérebro secreta pensamentos, como as glândulas, seu fluido e como o fígado, a bile. A outra: que a representação não é ela mesma material, mas uma forma de

136. Cf. a Tabela 3, bem como as notas explicativas apresentadas no apêndice Gráficos e Tabelas referentes ao índice.

137. Cf. a Tabela 4, também apresentada no apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”. Não há, na *Philosophie des Geldes*, casos de tipo misto em que participe o tipo ilustrativo, *figurativo*.

movimento da matéria, que os pensamentos consistem, como a luz, o calor, a eletricidade, num modo particular de oscilação das partes corpóreas.¹³⁸

Há aqui duas analogias, sendo que ambas funcionam exatamente do mesmo modo: caracterizando cada uma, uma das duas formas de materialismo que Simmel – por meio de uma outra analogia!¹³⁹ – compara a determinadas políticas monetárias. Assim, para caracterizar aquela forma mais rudimentar ou bruta de materialismo, ou melhor: tendo em vista ilustrar a visão de mundo implicada nessa forma de materialismo, Simmel recorre à comparação entre o pensamento às secreções, de acordo com a qual este estaria para o cérebro, assim como a bile, para o fígado¹⁴⁰. E repete, logo em seguida, o mesmo procedimento, agora para caracterizar a forma mais refinada do materialismo; para tal, compara o pensamento aos fenômenos físicos como a luz. A analogia foi útil nesses casos para Simmel, no sentido de possibilitar uma caracterização mais intuitiva e econômica de determinada tendência do pensamento; mas é, além disso, reveladora para nós, por mostrar que Simmel estava atento ao papel formativo do recurso à analogia na imaginação filosófica.

As analogias que correspondem ao tipo se distribuem de modo uniforme ao longo dos capítulos da *Philosophie des Geldes*; e, diferentemente do que é o caso quando consideramos as analogias ilustrativas, *figurativas* da *Soziologie*, não há, no caso que agora interessa, ocorrências de tipo misto. Quanto ao resto, aplica-se o discutido no item II.1.6.1.3.1.

II.1.6.2.3.2. O tipo ilustrativo, conceitual

As analogias ilustrativas, *conceituais* funcionam, na *Philosophie des Geldes*, de modo bastante similar a como funcionam na *Soziologie*. Há, contudo, duas pequenas diferenças.

A primeira é formal, e podemos acessá-la indicando a discrepância dos coeficientes de inequivocidade das analogias que correspondem ao tipo em cada uma das obras de referência. No caso das analogias ilustrativas, *conceituais* da *Soziologie*, o coeficiente é de 0,744; no caso das analogias que correspondem ao mesmo tipo, mas que estão na *Philosophie des Geldes*, o valor é bem mais baixo: 0,625. A diferença reflete a circunstância de que a maior parte das analogias identificadas com o tipo no último livro o foram graças aos sinais que lhe são próprios e exclusivos: **sozusagen**, **gleichsam** e **gewissermaßen**. Além desses sinais – que optei em associar apenas ao tipo ilustrativo, *conceitual* –, considere, para fins de construção do índice, que as analogias correspondem ao tipo também poderiam ser identificadas pelo **wie**. Porém, nos casos em que uma analogia conceitual foi identificada pelo **wie** e tinha como um de seus termos um

138. A passagem contém as analogias **P.2.c.35** e **P.2.c.36**, ambas também disponíveis em GSG, v. 6, p. 206.

139. Cf. **P.2.c.34**. Essa analogia fornece o contexto para as duas outras, de que estamos tratando; assim, encontra-se implicada nas duas analogias com o pensamento a comparação com o dinheiro.

140. Note-se que Simmel não está aqui nem negando, nem endossando tal analogia, quero dizer: não está emitindo um juízo a seu respeito. Serve-se dela apenas para mostrar como funciona essa versão do materialismo, ou melhor: traz à tona a analogia que está, por assim dizer, na base dessa visão de mundo, o princípio que lhe confere sua forma específica.

conceito filosófico, optei em referi-las, no caso da *Philosophie des Geldes*, ao tipo filosófico, *conceitual*. Com isso, o número de ocorrências de analogias ilustrativas, *conceituais* sinalizadas pelo conectivo **wie** diminuiu consideravelmente na obra em questão – o que gerou a discrepância acima referida.

A segunda diferença é na verdade bastante óbvia, mas precisa ser mencionada: ao contrário do que se passa com as analogias que correspondem ao tipo e que foram tiradas da *Soziologie*, a principal província do conhecimento de destino da analogia (retomando aqui os termos do que foi discuti no item II.1.6.1.3.1) não é mais a sociologia, e sim a filosofia do dinheiro.

II.1.7. Os comentários

A informação arrolada em seguida ao tipo de analogia, mas contida apenas na versão para meu uso privado do índice, são meus **comentários** acerca da analogia em questão. Não há muito o que dizer aqui: trata-se de anotações e ideias que me ocorreram no momento do fichamento e leitura do texto de Simmel. Após muita edição, parte desse material foi utilizado para a confecção da presente dissertação.

II.1.8. A nota explicativa

Consta ainda, sempre que considere isso necessário, como informação adicional à analogia uma **nota explicativa**. As notas explicativas serão grafadas em *itálico* e assinaladas por um asterisco, que fará referência ao ponto que – de acordo com a minha avaliação – carece ser melhor explicado.

***

II.2. Apresentação dos critérios para a demarcação das analogias

No decorrer das investigações que serviram de base para a elaboração de meu projeto de pesquisa, fixei a seguinte definição operacional do conceito de analogia assim como Simmel a empregava:

a analogia consiste em aproximar (pelo menos) dois objetos A e B, tirados de contextos diferentes, de modo a destacar o que há em comum entre ambos: a relação, o esquema, a função, a "lei" que os atravessa, unindo-os.

É possível reformular essa definição lançando mão das noções de forma e conteúdo:

a analogia consiste em aproximar (pelo menos) dois objetos A e B de modo a tomá-los como diversos quanto a seus conteúdos mas ou idênticos ou semelhantes quanto a sua forma ou função.

Essa definição, que aqui assume duas formulações equivalentes, nada mais é do que uma fórmula abstrata da analogia tal como Simmel a empregou. Ela sintetiza alguns dos elementos centrais à minha discussão teórica em torno da analogia em Simmel¹. Enquanto síntese, ela representa um bom indicador geral do que foi e do que não foi considerado analogia para os fins da minha coleta. Assim, é possível dizer que minha leitura da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes* realizada para fins de elaboração do índice foi orientada, i.e., teve como norte, a seguinte questão: *será que esta determinada passagem do texto de Simmel pode ser interpretada como resultado do procedimento analógico assim definido* (i.e.: do ato cognitivo que consiste em aproximar dois objetos de modo a mostrar a relação funcional que atravessa ambos)? Ou, mais sucintamente: *teria Simmel, nesta determinada passagem, lançado mão do procedimento analógico?*

Claro está que essa pergunta me serviu apenas de orientação. Ela não só possui um caráter bastante genérico, como ainda envolve um impasse metodológico – cujos desdobramentos serão apresentados ao longo desta seção. Esse impasse deriva do seguinte estado de coisas: o que realmente me interessa fazer é investigar a analogia enquanto um modo de conhecimento, enquanto um procedimento necessário tendo em vista a constelação filosófica subjacente ao pensamento de Simmel. Assim sendo, parto já do princípio de que a analogia não é propriamente um elemento do texto de Simmel, mas um *procedimento*. Enquanto tal, a analogia simplesmente não tem um lugar específico no interior de seu texto: é até mesmo anterior ao texto, é uma operação mental mobilizada por quem o escreveu. Mas é apenas evidente que se, de um lado, me interesse pela analogia como algo que Simmel *fazia* – de outro, preciso encarar o fato

---

1. Sintetiza a definição que Kracauer propôs (cf. KRACAUER, 2004, p. 154) com a apropriação que Simmel faz de Kant. É importante destacar que a analogia aqui é definida como um *procedimento*, i.e.: como algo que Simmel *fazia*.

de que só nos resta o seu texto feito, onde esse procedimento encontra-se por assim dizer acabado. No texto de Simmel, as analogias não se fazem mais: estão já feitas, deixaram de ser um procedimento para se manifestarem como os resultados obtidos ao fim desse procedimento – resultados que, de resto, foram especificamente informados por uma lógica discursiva. Nesse registro, que chamarei de “retórico”, as analogias aparecem já como objetos de uma lógica discursiva, e mais exatamente como elementos de um texto, como uma tradução textual possível – mas também, por outro lado, como um modo *realização* ou *expressão* – do procedimento analógico em Simmel.

À luz dessas considerações, deve ficar claro que o índice das analogias de Simmel construído ao longo das minhas investigações foi feito a partir dessa – por assim dizer – matéria morta, i.e.: das analogias feitas e acabadas que é possível destacar no texto de Simmel. Acontece que, no justo momento em que as destaco do texto de Simmel para rearranjá-las num contexto novo e que lhes é, em certo sentido, estranho – o índice –, nesse justo momento começo a interpretá-las. É somente mediante a interpretação (que já começa, reitero, no *ato* de coletá-las) que é possível reanimar a matéria morta de um texto, sendo essa uma condição necessária para que eu possa satisfazer minha vontade de investigar a analogia enquanto modo de conhecimento, enquanto algo que Simmel fazia².

Pois bem: a construção do índice das analogias de Simmel é, no que tem de mais fundamental, um exercício de leitura do texto que ele nos deixou. Por conta disso, *é impossível erradicar da natureza mesma desse exercício os problemas relacionados à interpretação e à intuição que é, contudo, preciso enfrentar dada a natureza teórica da presente investigação*. Os “problemas” em questão podem ser referidos ao caráter inexato, imperfeito e, por assim dizer, aberto da interpretação em geral³. No meu caso, esses “problemas” se manifestam sob dois aspectos, a saber: (1) implicam que deve ser possível, por meio da elaboração de critérios mais ou menos abrangentes para o que seja a analogia, construir outros índices referidos às mesmas obras de Simmel, de um tal modo que o índice assim construído divergiria, ao menos em alguns casos, do meu (o que também pode ser assim compreendido: os critérios por mim

---

2. Que a analogia tenha algo que ver com a interpretação em geral, i.e.: com o ato de atribuir sentido às coisas, é algo que já devemos suspeitar, uma vez que tanto a analogia quanto a atribuição de sentido são traços fundamentais do pensamento de Simmel. Transportada para o contexto da presente discussão, a relação entre analogia e interpretação assume o seguinte aspecto: uma vez que Simmel está morto há quase cem anos, a única maneira que nos é dada para compreender como Simmel fazia suas analogias é (em última análise) por analogia à maneira como nós fazemos analogias. O que vai entre parênteses na sentença anterior (i.e.: “em última análise”) é essencial: afinal, a leitura do texto de Simmel fornecerá inúmeras pistas que tornarão mais verossímil e exata a interpretação em questão (é preciso notar que o texto de Simmel corresponde, no meu caso, ao material “empírico” da pesquisa); entretanto, a *possibilidade* da interpretação – que se encontra num plano mais fundamental que a empiria – me parece fundamentada no passo analógico acima referido: pois é somente *por analogia* e em sentido estritamente *figurado* que é possível reanimar isso que, por si mesmo, já está esvaziado de vida, a saber: o objeto da interpretação. Como veremos ainda ao longo desta dissertação, essas ideias são na verdade derivações da constelação filosófica simmeliana.

3. Podemos dizer até: ao seu caráter “subjetivo”, “arbitrário” (e não quero, aqui, dizer que toda a interpretação seja arbitrária – apenas que envolva, necessariamente, pelo menos um momento de arbitrariedade). Parto do pressuposto de que toda a expressão se refere de maneira incompleta (i.e.: imperfeita) ao referente a que, contudo, se liga. Que esse pressuposto seja considerado “verdadeiro” – é isso o que torna justificável o “transporte” da analogia do âmbito da matemática para o da filosofia ou para o da sociologia (cf. a discussão que ocupa os trechos finais da primeira seção do capítulo anterior). O ponto também se liga ao que foi sugerido na nota 2, logo acima desta.

construídos contêm em si um momento irreduzível de obscuridade, i.e.: não são por si mesmos perfeitamente “claros”); e (2) também que deve ser possível que, apesar de meus esforços em contrário, eu tenha em alguns casos falhado em reconhecer o caráter analógico de determinada passagem. Para lidar com o segundo dos problemas acima descritos – que envolve a possibilidade de que eu tenha deixado escapar passagens que, segundo os critérios aqui estabelecidos, deveriam ser consideradas analogias feitas –, tudo o que pude fazer foi tentar ser o mais cuidadoso possível no momento da coleta e ao longo das releituras das obras em questão. Já o primeiro ponto exige uma consideração mais pormenorizada.

Como eu havia destacado na seção anterior, K. Wolff havia afirmado que Simmel frequentemente introduzia suas analogias com expressões como “so to speak”, “as if”, “as it were” e “seems”. Dentre as expressões a que Wolff se refere, apenas duas foram por mim consideradas como sinais de identificação das analogias de Simmel – e, mesmo assim, sob condições muito específicas. Trata-se das expressões “so to speak” e “as it were”, que se equivalem entre si, e que correspondem a **sozusagen** e **gleichsam**. Embora eu reconheça o caráter analógico de todas as expressões a que Wolff se refere, se eu fosse acatar suas sugestões, teria de operar com um conceito muito mais abrangente e vago de analogia, que envolvesse toda e qualquer construção em sentido figurado. Um dos maiores problemas com um tal conceito é que ele é muito pouco prático, difícil de ser operado – já que, como vimos, à medida que a noção de analogia vai se aproximando da de semelhança, dissolve-se no que diz respeito à sua especificidade. Como consequência, torna-se progressivamente mais difícil *reconhecer* o procedimento analógico nas expressões em que ele se manifesta – estas assumem formas cada vez heterogêneas, difíceis de reunir num único conceito⁴. Para fins de coleta, opero, ao invés disso, com duas das três variantes elementares do conceito de analogia que trabalhei no capítulo anterior, a saber: analogia como proporção e analogia como semelhança funcional. O que temos nesses dois casos é um modelo formal do conceito que se liga a uma série de expressões ou noções típicas. Assim, como vimos ao longo da seção anterior, é possível *descrever de maneira apropriada* uma relação de proporcionalidade, em alemão, por meio do verbo **sich verhalten**, quando este se combina com o conectivo **wie**. Ou ainda: no caso de Simmel, como também vimos, a ideia de semelhança aparece frequentemente vinculada às noções de forma e função – o que nos remete ao modelo “fraco” da analogia.

Como discuti na segunda seção do capítulo anterior, a razão pela qual o modelo da analogia como proporção foi predicado como “forte”, ao passo que o da analogia como semelhança funcional, como

---

4. A exemplificação, a comparação, a derivação, a indução, a “dialética”: todos esses procedimentos cognitivos – que Simmel, a seu modo, mobilizou e que podemos, com algum esforço, distinguir um do outro no plano conceitual – aparecem, no texto, muitas vezes irremediavelmente mesclados uns nos outros. É que, assim como a analogia, eles nada mais são do que modos de cognição, que têm seu lugar na mente e que, no momento de sua transposição para o papel *precisam* ser traduzidas para o plano do discurso, o que acaba exigindo o recurso a formas de expressão mais ambíguas, mais esvaziadas de um sentido próprio. Note-se bem: na maior parte dos casos, é possível reconhecer de modo muito claro quando Simmel nos comunica uma analogia, quando um exemplo, e etc.; só que há, como veremos, passagens em que esse reconhecimento já não é mais claro, ainda que seja porque Simmel tenha precisado borrar a distinção conceitual para que conseguisse comunicar o que ele queria comunicar.

“fraco” – essa razão consiste em que este nada mais é do que uma versão modificada e por assim dizer diluída daquele. Como vimos, tal diluição começa assim que a analogia é empregada em outros contextos que não o estritamente numérico, tornando-se mais evidente assim que, no lugar de uma equivalência exata das relações entre os termos de uma comparação, a empregamos para designar uma semelhança, uma equivalência apenas aproximada entre as mesmas. Diluindo ainda mais o conceito, passaríamos da semelhança funcional para a semelhança pura e simples: assim, quando dizemos que fulano se parece com ciclano, apenas em um sentido muito mais vago e confuso estamos mobilizando uma analogia; ou, para ressaltar um outro aspecto do problema: o procedimento analógico encontra-se, nesse nível, como que mesclado com outros procedimentos cognitivos que, do ponto de vista analítico, poderíamos, em princípio, destacar do analógico⁵. Correspondentemente, os termos que podemos utilizar para *expressar* ou *realizar* a analogia tornam-se, via de regra, tanto mais equívocos quanto mais nos afastamos do seu modelo “forte”. Essa correlação se deixa ver de modo muito claro quando observamos os sinais de identificação arrolados na seção anterior: quanto mais nos aproximamos do modelo da analogia como semelhança funcional, tanto mais frequentes são as ocorrências de sinais cada vez mais heterogêneos entre si. Quando, enfim, alcançamos o conceito de analogia como semelhança funcional, o laço entre o esquema cognitivo próprio da analogia e determinadas formas de expressão que se prestam à sua designação é já tão frouxo que precisamos, em muitos casos, remeter certas *combinações* de palavras às noções-base do conceito – isso quando essa relação é expressa, pois não raro ela permanece apenas implícita, e isso com muito mais frequência do que no caso de analogias que seguem mais de perto o modelo proporcional. Assim, em expressões como, p. ex., **diese formale Gleichheit** [essa igualdade formal] e **eine formale Ähnlichkeit** [uma semelhança formal] encontram-se combinadas as mesmas noções que concorrem para a formação do conceito de analogia como semelhança funcional, do modo como este foi assimilado por Simmel. Já quando dizemos que fulano se parece com ciclano, mesmo essa referência vaga se perde. Para retomar a correlação anteriormente estabelecida, corresponderiam ao conceito possível de “analogia como mera semelhança” (capaz de abarcar casos como o anterior) um número cada vez maior de formas que se prestariam de um modo cada vez menos exato à expressão do procedimento analógico enquanto tal – o que, inversamente, exigiria que eu dispendesse cada vez mais energia na tarefa de justificar por qual motivo, em cada caso, considere determinada expressão um sinal possível de identificação do procedimento analógico, reconstruindo o vínculo semântico que estaria, aí,

---

5. No caso, com a mera associação por semelhança. Como já vimos, é possível não só distinguir a analogia da semelhança (tomando esta como categoria que abrange aquela, como o fez H. Høffding) como, se nos atermos estritamente ao modelo matemático da analogia, defini-la sem remetê-la à noção de semelhança: pois dois círculos de tamanho diferentes não são mais “semelhantes”, mas sim *análogos*, na acepção estrita, proporcional do termo. Assim, pelo menos nesse caso, a semelhança não entra diretamente no conceito de analogia; basta-nos, para isso, as noções mais elementares de unidade e diversidade. Seguindo esse esquema, torna-se possível conceber semelhança e analogia como combinações *diferentes* entre unidade e diversidade – combinações essas que, sob alguns (mas apenas alguns) aspectos, são coincidentes. Parece-me que é mais ou menos assim que analogia e semelhança aparecem na *Metafísica* de Aristóteles.

em jogo⁶. Diante dessas razões estritamente operacionais, considerei razoável estabelecer critérios de corte na série das formas possíveis de expressão da analogia. Os critérios em questão se apoiam, enfim, sobre o caráter mais ou menos equívoco de algumas das expressões por meio das quais a analogia como modo de conhecimento se deixa comunicar – expressões que, aqui, chamei de sinais de identificação da analogia.

Feitos esses esclarecimentos, convém notar que a tábua de critérios que será em seguida apresentada foi feita sob medida para a construção do índice das analogias da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*. Embora eu vá apresentá-la como um sistema de critérios abstratos, a elaboração desses critérios não antecedeu a coleta, mas foi sendo processada ao longo dela⁷. Essa peculiaridade se explica levando em conta o fato de que a coleta em questão nada mais é do que um exercício de leitura do texto de Simmel – exercício esse orientado pela questão: teria Simmel, nessa passagem, feito uma analogia? Mas é claro: surgiram, ao longo desse exercício de leitura que é a construção do índice, inúmeros momentos de dúvida. *E cada um dos critérios de corte arranjados na tábua por mim elaborada pode e deve ser lido como uma tentativa de responder a essas dúvidas, todas elas muito específicas e que apontam para as, digamos, beiradas do conceito de analogia*. Assim, cada um dos critérios a serem apresentados extrai o seu sentido de certas passagens do texto de Simmel – justamente porque o que os move é a dúvida, e esta só se manifestou quando tive de medir o caráter analógico de cada passagem em particular do texto de Simmel usando como metro o conceito abstrato e sintético de analogia com que venho operando (e cuja definição pode ser achada no começo desta seção). Devido a isso tudo, a exposição de cada critério abstrato será feita por meio da exemplificação de algumas passagens específicas cujo teor analógico considerei “duvidoso”; eles só se tornam, na verdade, visíveis nesses exemplos.

O índice das analogias de Simmel, que apresento como anexo a esta dissertação, é, portanto, o resultado desse processo que envolve todas as reflexões metodológicas e tentativas de sistematização que apresentei até aqui e seguirei apresentando ao longo deste resto de capítulo. Por cima do índice e por cima disso tudo o que se encontra aqui (neste capítulo) apresentado, pretendo montar minha interpretação de como o procedimento analógico se encaixa e até mesmo realiza a teoria social e a teoria do conhecimento de Simmel – que é o que, realmente, me interessa fazer; mas o momento, agora, é ainda o de apresentar a tábua de critérios utilizada para a montagem do índice.

---

6. Esforço esse que me parece ainda mais desprovido de sentido, se se levar em conta que a construção do índice das analogias ocupa o começo da série teleológica que tem como fim a interpretação do nexos entre, de um lado, o procedimento analógico e, de outro, as teorias social e do conhecimento de Simmel.

7. Para ser mais exato, uma versão provisória foi terminada após a coleta experimental das analogias do primeiro capítulo da *Soziologie* de Simmel. Essa versão continha apenas sete critérios (um a menos que o que aqui apresento), mas a versão sintética da definição da maior parte deles (seis, dos sete) manteve-se praticamente inalterada desde então. Ao longo da coleta, elaborei dois novos critérios – sendo que um deles substituiu inteiramente um dos antigos. Quando comecei a coleta das analogias da *Philosophie des Geldes*, havia já preparado o esquema geral que apresento abaixo; mas seu acabamento e – sobretudo – a composição do texto propriamente dito se estendeu ao longo de toda a coleta das analogias da *Philosophie des Geldes*.

II.2.1. A tábua dos critérios para a identificação das analogias da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*

A tábua de critérios que apresento em seguida contempla dois critérios positivos e seis negativos. Sempre que pelo menos um dos critérios positivos – designados pelos símbolos P1 e P2 – seja satisfeito, irei considerar que a passagem em questão *pode, em princípio, ser interpretada como analogia feita, i.e.: como resultado de um procedimento analógico*⁸. Os critérios negativos vinculam-se, por sua vez, aos positivos (“vínculo” será, aqui, sinalizado por: “#”); assim, a cada um dos critérios positivos corresponde uma série específica de critérios negativos. Elaborei cinco critérios negativos associados ao primeiro critério positivo, que é mais complexo, e um, ao segundo, que é mais simples; os seis critérios negativos ficam, pois, assim designados: n1#P1, n2#P1, n3#P1, n4#P1, n5#P1 e n1#P2. Os critérios negativos foram pensados de modo a negar – para os fins da construção do índice – o caráter analógico de uma determinada passagem em que essa possibilidade está, contudo, em princípio dada. Assim, as “analogias” que fazem parte do índice correspondem somente àquelas passagens do texto de Simmel que, tendo satisfeito os critérios P1 ou P2, não satisfizeram qualquer um dos seis critérios negativos por mim elaborados. Apresento, em seguida, a tábua completa dos critérios para a identificação “sistemática” das analogias; em seguida, apresento uma explanação individual para cada um dos nove critérios que compõem a tábua.

P1: *há analogia quando ocorre pelo menos um dos sinais de identificação da analogia acima arrolados, exceto sozusagen, gleichsam ou gewissermaßen*

n1#P1: não há analogia quando, apesar de P1, ocorra exemplificação

n2#P1: não há analogia quando, apesar de P1, ocorra dualismo

n3#P1: não há analogia quando, apesar de P1, ocorra comparação qualitativa

n4#P1: não há analogia quando, apesar de P1, seja empregada a *forma* da analogia para *negar* a ocorrência da mesma

n5#P1: não há analogia quando, apesar de P1, eu não seja capaz de identificar clara e inequivocamente *quais* são os objetos relacionados pela analogia

P2: *há analogia quando ocorre sozusagen, gleichsam ou gewissermaßen*

n1#P2: não há analogia quando, apesar de P2, sozusagen, gleichsam ou gewissermaßen não se refiram ou (1) a um conceito científico, filosófico ou artístico que possa ser clara e inequivocamente identificado enquanto tal ou (2) a um instrumento físico

8. Vale notar que, na afirmação de que todas as analogias que satisfaçam os critérios P1 e P2 possam ser interpretadas (de modo mais ou menos equívoco) como resultados de um procedimento analógico, de modo algum está implicado que essa possibilidade estaria dada se e somente se P1 e P2 forem satisfeitos. Como veremos, há com efeito passagens que podem ser interpretadas como analogias feitas que, contudo, não satisfazem seja P1, seja P2; esses casos, contudo, não foram contemplados pelo índice.

II.2.1.1. Critério P1

- **definição:** há analogia quando ocorre pelo menos um dos sinais de identificação da analogia acima arrolados, exceto *sozusagen*, *gleichsam* ou *gewissermaßen*

Só irei considerar, para os fins da construção do índice, que ocorre analogia em determinada passagem do texto de Simmel quando, nela, for possível *destacar alguma expressão considerada adequada* para designar relações de analogia em geral (ou seja, não apenas no texto de Simmel). Na seção acima, designei essas expressões como sinais de identificação da analogia, e então procurei explicitar do modo mais exaustivo possível como e em que medida tais expressões se ajustavam ao conceito de analogia⁹ – condição essa necessária para que possam comunicar uma ligação analógica. Somente quando considerei minimamente justificado o caráter analógico das expressões em questão, as incluí na lista apresentada na seção anterior¹⁰.

É preciso, a esta altura, ressaltar que casos há em que é possível detectar – pelo contexto – a presença do procedimento analógico sem que, entretanto, seja designável qualquer um dos sinais de identificação da analogia por mim arrolados. Tomemos um exemplo tirado da *Soziologie*:

O ser-para-si sociológico se apresenta, em seu aspecto prático, como egoísmo de grupo: o grupo persegue suas finalidades com aquela falta de consideração para com as finalidades das formações que lhe são exteriores que, no caso do indivíduo, se chama egoísmo.¹¹

Nessa passagem, não podemos ler qualquer dos sinais de identificação da analogia descritos na seção anterior. Apesar disso, é possível inferir que o egoísmo do grupo, a que Simmel se refere, é algo análogo ao individual. Nesse caso, diríamos que há um fenômeno chamado “egoísmo”, e que esse fenômeno tem seu lugar apropriado no contexto das relações entre indivíduos; diríamos, em seguida, que há um fenômeno paralelo e semelhante, que de modo algum é provocado pelo primeiro e que encontra seu lugar apropriado no âmbito das relações entre grupos. Esse fenômeno paralelo pode, por sua vez e devido à analogia em questão, ser designado pelo nome de “egoísmo de grupo”¹². E poderíamos avançar ainda mais, dizendo que o “egoísmo do grupo” é o X da seguinte proporção: o egoísmo está para o indivíduo, assim como o X está para grupo – e, com isso, teria demonstrado que é possível “construir” o conceito de “egoísmo de grupo” lançando mão do procedimento analógico, de modo que é apenas lógico considerar que aquele pode ser interpretado como sendo resultado deste.

O problema é que, para os fins da elaboração do índice, apelar a esse tipo de justificativa seria algo

---

9. Exceto, justamente, para os casos de *sozusagen*, *gleichsam* e *gewissermaßen* – que significam, em geral, mais ou menos a mesma coisa e em que o modo de aparecimento da analogia é outro.

10. Casos há em que não consegui chegar a uma justificativa satisfatória. Vale notar que, ao longo da coleta, sempre que me deparava com um novo sinal de identificação, anotava provisoriamente a analogia e, mais tarde, procurava pela justificativa; nos casos em que não me considerei bem sucedido na tarefa, risquei do índice as analogias correspondentes.

11. GSG, v. 11, p. 445.

12. Note-se a semelhança entre esse procedimento e o procedimento de montagem do conceito de “seleção natural”, assim como Darwin o empregou.

muito pouco apropriado. Ele não é só muito pouco operacional¹³, como também abriria um espaço muito grande para arbitrariedades: afinal, se, para demonstrar o caráter analógico de cada uma das passagens do texto de Simmel destacadas no índice, eu tivesse de reconstruir com minhas próprias palavras a suposta analogia, criaria uma situação em que seria, na prática, muito difícil estabelecer uma distinção clara entre as analogias que eu fiz e aquelas que Simmel fez. Não tenho dúvidas de que esse é um perigo em relação ao qual estou exposto de um jeito ou de outro – mas me parece razoável acreditar que estaria mais exposto quanto mais palavras de minha autoria interpolasse entre as analogias do índice e as palavras de Simmel. Por isso adotei, como solução estratégica tendo em vista reduzir a arbitrariedade da coleta até o mínimo possível, o critério dos sinais de identificação – que podem, e isso literalmente, ser **destacados** do texto de Simmel. O efeito colateral desse remédio é que não constarão do índice aquelas analogias que Simmel efetivamente fez, mas que não satisfazem os critérios que estabeleci¹⁴. Assim, a referência a um dos sinais de identificação da analogia permite simplificar o momento da justificativa, que ocupa aqui apenas umas vinte e poucas páginas (refiro-me ao item II.1.4 da seção anterior, somado à presente explanação); e, como o sinal de identificação está anotado no índice e destacado em relação ao texto de Simmel, caso a justificativa por mim apresentada seja considerada improcedente pelo leitor, basta detectá-la no índice e desconsiderá-la.

Embora eu tenha, aqui, mencionado um caso “não-detectado” de analogia que pode ser facilmente remetido ao modelo da analogia como proporção, na maior parte dos casos em que ocorre analogia, mas não ocorre qualquer um dos sinais cujo caráter analógico tentei demonstrar na seção anterior – na maior parte desses casos não é possível remontar ao modelo da analogia como proporção, mas ao modelo da analogia como semelhança funcional. Isso porque o modelo em questão é já mais “fraco”: como seus contornos não são tão bem definidos, tal analogia se deixa comunicar por uma gama maior de expressões, e não apenas por expressões imediatamente associáveis à analogia, mas, além disso, por expressões usadas para designar *outros* procedimentos cognitivos similares à analogia (como, p. ex., a semelhança) – i.e.: expressões cada vez mais ambíguas, equívocas. Assim, p. ex., Simmel, em alguns casos, utiliza o conectivo **wie** para relacionar exemplos semelhantes quanto à sua função; em outros, chama esses exemplos de “análogos”; mas, em tantos outros, emprega termos como **ebenso** ou, mais simplesmente, **so**, que, por sua vez, designam muito mais vagamente uma relação analógica; em alguns casos, pura e simplesmente *arrola* exemplos, separando-os apenas por um sinal de pontuação qualquer (vírgula, ponto final, traço, etc.). Já topamos com um exemplo disso ao longo da explanação do tipo

---

13. Pois me deixaria na embaraçosa situação de ter que explanar o caráter analógico de todas centenas de analogias coletadas na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes*, gerando, para cada analogia, todo um parágrafo de justificativas (o que vemos no índice, no lugar disso, é no mais das vezes uma única linha em que palavras como o **wie** se encontram reproduzidas). Existe, claro, outra opção, muito mais econômica, mas que preferi evitar: a de não apresentar justificativas, expondo aquelas passagens que considereei como sendo resultados do procedimento analógico sem informar as razões que me levaram a isso.

14. Note-se que esse só é um problema no que diz respeito à construção do índice: em princípio, nada me impede de utilizar, na composição da minha dissertação, passagens como essa em que Simmel discute o egoísmo do grupo. Fora isso, a maioria das passagens que eu considereei como resultados do procedimento analógico propriamente dito podem ser com efeito remetidas a um dos sinais de identificação – de modo que, no geral, se trata de um remédio bastante eficaz.

“sociológico, *entre exemplos*”: em **S.9.a.24**, como vimos, o adjetivo “análogo” se referia de modo *explícito* apenas a dois dos cinco exemplos em que certa forma de socialização se dava a ver. Podemos, nesse caso, até mesmo dizer que os cinco exemplos são análogos – notando apenas que se trata aí de uma semelhança funcional, i.e.: do modelo “fraco” da analogia. Casos há também em que Simmel separa seus exemplos utilizando certas estratégias de pontuação, como o ponto final seguido de traço¹⁵. Ao arrolar exemplos que ele considera semelhantes quanto à função, é como se Simmel esperasse de seu leitor que *inferisse ele mesmo o logos partilhado por eles*, que é, nesse caso, uma forma de socialização; essa é, também, uma característica do procedimento ilustrativo de Simmel, especialmente bem adaptada para satisfazer sua intenção de ver e tornar visível o universal no particular.

Assim, para resumir o ponto: os sinais de identificação da analogia foram considerados meios necessários para satisfazer minha vontade de criar um índice segundo critérios os mais objetivos possíveis; eles atuam no sentido de apontar ou mostrar o caminho para uma coleta mecânica das analogias, o que, entretanto, não chegam de modo algum a realizar. Pelo que foi dito ao longo da seção, espero que esteja claro que considero esse esforço no sentido de uma sistematização algo realmente importante e até mesmo necessário – e na verdade mais importante do que a sistematização propriamente dita.

II.2.1.1.1. Critério n1#P1

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P1, ocorra exemplificação*

O procedimento analógico guarda, e não só no caso de Simmel, certas afinidades com o procedimento de *exemplificação*. Em um certo sentido, é possível até mesmo “acomodar” o conceito de exemplificação dentro do procedimento analógico, tomando-o como uma espécie de analogia, contanto que se opere uma cisão metafísica entre um plano intelectual e outro empírico-sensorial da realidade; partindo desse pressuposto altamente duvidoso, podemos figurar a relação entre uma ideia abstrata e o exemplo que a ilustra nesses termos: o exemplo é, no plano dos sentidos, o que a ideia é no intelectual¹⁶. Também no

---

15. O ponto seguido de traço não era uma “exclusividade” de Simmel, sendo também empregado por outros autores à época. Um exemplo interessante pode ser encontrado no primeiro parágrafo do segundo capítulo da *Soziologie*, que se estende da página 63 à 69 da edição que tomo como referência. Nesse trecho (mas não só), Simmel, quando termina de discutir um exemplo, para passar a outro, os “separa” com um ponto seguido de travessão. Assim, após discutir a relação entre círculos formados por empreitadas socialistas no interior da economia monetária (cf. GSG, v. 11, pp. 63-6), encerra o assunto com um ponto final seguido de travessão. – Em seguida, começa a tratar de um caso em que a mesma forma se manifesta junto a conteúdos completamente diferentes: a relação entre certas seitas religiosas mais fechadas e a sociedade como um todo (idem, p. 66). – Finalmente, examina como a mesma forma de socialização se repete no que diz respeito aos círculos aristocráticos ou às aristocracias propriamente ditas (idem, pp. 66-8). Pelo fato de que não me pareceu possível justificar essa combinação de ponto e traço como sinal de identificação de analogia (nem mesmo como paralelismo sintático, já que os elementos estão espalhados ao longo de várias páginas e que o único elemento textual repetido é esse sinal de pontuação), não incluí essa analogia entre as do índice.

16. Sendo essa uma expressão bastante simplificada e grosseira de um motivo fundamental explorado por diversos filósofos (que o fizeram, claro está, muito mais refinadamente que do eu seria capaz de fazer). Essa mesma intuição está presente, p. ex., quando pensamos na relação entre a esfera matemática, em si mesma “perfeita”, e as esferas possíveis de serem construídas na

plano da retórica podemos “enquadrar” o conceito de exemplo no de analogia: basta, para isso, dizer que, no exemplo, nos referimos *em particular* àquilo que, no plano da exposição abstrata, havíamos nos referido *em geral*, de modo que o exemplo expõe, no plano da particularidade, aquilo que a fórmula abstrata ou o modelo teórico expõem no plano da generalidade – sendo que, nesse caso, o referente, que teria de ser comum a ambos, ocupa o papel que o **logos** ocupa no conceito proporcional de analogia.

Apesar disso, acredito que derivar o procedimento de exemplificação do conceito de analogia seria levar este longe demais: isso na verdade só é possível porque a própria noção de analogia é extremamente flexível, “promíscua”. Na medida em que se projeta sobre o procedimento de exemplificação, a analogia necessariamente opera uma redução do sentido interno deste. Convém, portanto, levar em consideração não só as semelhanças, mas sobretudo as diferenças entre analogia e exemplo. Essa discussão irá desembocar no presente critério, que pode ser assim reformulado: somente vou considerar que ocorre analogia *entre* pelo menos dois *exemplos* dados, e ainda assim apenas nos casos em que se trate de exemplos que funcionem de um mesmo modo e em que esteja satisfeito o critério P1.

Ora, tanto a analogia, como o exemplo exercem, em certos contextos, uma função ilustrativa. Como vimos, é possível empregar uma analogia de modo a esclarecer uma ideia altamente complexa, ou que não possa ser, por quaisquer outras razões, tratada em termos próprios¹⁷. A analogia e o exemplo funcionam, nesses casos, como uma descrição simplificada. A isso se acresce que a palavrinha **wie**, que equivale ao nosso “como”, é empregada não apenas para introduzir analogias, mas também para introduzir exemplos ou especificações (sendo essas apenas duas de suas inúmeras funções sintáticas). Em português, isso pode ser assim ilustrado: “a palavrinha ‘como’ possui diversas funções sintáticas, *como*, *por exemplo*, introduzir um exemplo”. Tomemos como referência, agora, uma passagem da *Soziologie*:

---

realidade, estas sempre em alguma medida “imperfeitas”; e é, na verdade, ela que alimenta o critério de “adequação” ou “apropriação” entre significado e significante com que venho operando. Também essa relação atende pelo nome de “analogia” – sendo que esse tipo de analogia (cujo conceito é, na verdade, já modificado em relação aos modelos da analogia como proporção e como semelhança funcional) foi muito explorado para descrever também, no âmbito da teologia, as relações entre o criador e sua criatura. Pois também essas não podem – exatamente como as noções altamente abstratas no âmbito da metafísica aristotélica – ser explicadas por referência a conceitos “próprios”, uma vez que a linguagem própria de deus seria inabarcável pelo intelecto humano. Não sendo possível o acesso “direto” a deus, os teólogos se apoiaram em vias indiretas e imperfeitas de acesso, tais como a analogia. Daí a *analogia entis*, em que todo o existente funciona como análogo de deus. Não há, pois, que se surpreender que os filósofos da Idade Média tenham desenvolvido uma teoria tão refinada da analogia como, de fato, desenvolveram – teoria essa que liga Platão e Aristóteles a Kant, mas que, devido ao escopo deste trabalho, não será investigada.

17. Especialmente importante no âmbito da filosofia da ciência é o recurso a modelos analógicos. Estes são empregados, num nível mais superficial, para tornar assimilável à intuição proposições científicas que dizem respeito a campos da experiência muito distantes do cotidiano (exercendo, nesse nível, um papel mais “didático” e virtualmente idêntico ao da exemplificação; não por acaso, livros de divulgação científica – como, p. ex., as publicações mais famosas de um Stephen Hawking, de um Richard Dawkins ou, para ficarmos com um brasileiro, de um Marcelo Gleiser, que são claramente destinadas à divulgação de certas ideias científicas para um público não-especializado – são recheados de analogias e modelos analógicos). Num nível mais elementar, que entretanto não nos interessa aqui, a modelização exerce ainda um papel importante na formação de teorias científicas – sobretudo naquelas de extração matemática.

Esse cruzamento também pode se realizar dentro de uma mesma relação, contanto que esta encerre em si uma pluralidade de relacionamentos, **como, p. ex.**, no caso do professor particular – e ainda mais no caso dos antigos tutores de jovens nobres.¹⁸

Parece fora de dúvidas que **wie**, nesse contexto, introduz um caso concreto que ilustra a proposição abstrata a que se liga, a saber: que certos “cruzamentos” entre séries hierárquicas diferentes poderiam se realizar dentro de uma mesma relação, satisfeita a condição de que esta contenha em si uma pluralidade de relações¹⁹. Estamos aí, portanto, claramente diante de um caso típico de exemplificação, sendo que não é preciso fazer muito esforço para compreender como esse procedimento se distingue do analógico. Contudo, nem todos os exemplos de Simmel são formulados de um modo tão típico; alguns deles assumem, justamente, o aspecto formal de uma analogia – e então surge a dúvida. Vejamos esta passagem da *Soziologie*, traduzida aqui, no que diz respeito ao emprego dos conectivos, um pouco literalmente:

A continuidade e a autoevidência com que a existência do grupo se perpetua ao longo do tempo não se deixa expressar de um modo mais preciso e apropriado do que na sucessão do pai pelo filho, este que fora desde o princípio designado e o tempo todo preparado para a sucessão ao trono – **como, correspondentemente**, à decadência do Império romano atribui-se o fato de que o Império não houvera cultivado uma linha regulada de sucessão.²⁰

A passagem é especialmente complicada. O que temos aqui é uma espécie de exemplificação “negativa” do esquema desenvolvido em termos mais abstratos na primeira parte da sentença. Seja como for, analogia e exemplo são, nesse caso, praticamente uma coisa só: o que é possível justamente porque o caso exemplar (específico) da sucessão no Império romano foi tomado como um correspondente no plano empírico ao modelo mais geral da sucessão que Simmel havia acabado de apresentar em termos abstratos; trata-se, claro está, de um correspondente que é exemplar justamente por conta de sua negatividade: pois foi apenas devido a que a sucessão *não* se tenha feito de acordo com o modelo mais apropriado que a passagem do tempo acabou consumindo a existência do grupo (grupo este que, no exemplo, corresponde a todo o Império romano). Por outro lado, a sucessão do pai pelo filho, tal como é descrita por Simmel, é, também, um exemplo e expressão de alguma coisa – só que funciona, *em relação ao caso do Império romano*, como uma espécie de modelo. Pois, e embora Simmel fale em “correspondência”, a primeira parte do excerto pode ser tomada como “lei geral” que explica o estado de coisas descrito na segunda. Então por qual razão Simmel fala em correspondência? Afinal, na passagem

---

18. GSG, v. 11, p. 478; o **grifo em negrito** é meu, e tem em vista destacar os conectivos em foco.

19. Embora o contexto aqui não nos interesse, não custa explaná-lo rapidamente (posto que essa proposição abstrata envolva um elemento claro de proporcionalidade): Simmel se refere aqui aos casos em que um determinado indivíduo ocupa uma posição, por assim dizer, “cruzada” entre séries hierárquicas distintas, o que lhe permite ocupar uma posição inferior dentro de um círculo social e outra mais elevada dentro de outro círculo social. Esse mesmo estado de coisas pode, segundo Simmel, se manifestar mesmo no interior de uma única relação – contanto que essa relação contenha em si inúmeras relações. O exemplo de Simmel esclarece bem situação (que, abstratamente, é definida por uma contradição em termos): no caso do tutor particular de jovens da nobreza, o tutor deve, de um lado, manter a superioridade em relação ao aluno, de modo a dominá-lo e conduzi-lo, mas, de outro, está lhe prestando um serviço, sendo que, nesse sentido, o dominado é que ocupa o papel de senhor (cf. GSG, v. 11, p. 478).

20. GSG, v. 11, p. 576; o **grifo em negrito** é meu.

em questão, está perfeitamente satisfeito o critério P1: podemos verificar, aqui, a ocorrência não apenas do **wie**, como também da ideia de correspondência²¹. A pergunta anterior pode ser respondida, uma vez que tomamos como referência a relação entre o círculo ou a esfera perfeitas e o círculo ou a esfera que efetivamente podemos construir neste mundo – lembrando que essa relação pode ser considerada analógica, e é até mesmo tratada como uma espécie de correspondência. Indo por esse caminho, que nos levaria ao conceito medieval de analogia²², chegaríamos à conclusão que o exemplo do Império romano envolve o procedimento analógico! Porém, como os objetos aí relacionados mantêm, entre si, a relação entre o modelo e o exemplar (ainda que negativo) do modelo, considere que também o presente critério – n1#P1 – foi satisfeito, de modo que a passagem em questão não foi considerada, para os fins da construção do índice, uma analogia.

Para sustentar essa decisão metodológica, é necessário estabelecer uma distinção clara entre exemplo e analogia. Para esse efeito, direi que os dois termos que se relacionam devem ser considerados fenômenos paralelos e não subordináveis um ao outro, ao passo que o exemplo encontra-se sempre subordinado àquilo o que ele, justamente, exemplifica (portanto, a um modelo, a uma generalidade). Assim, sem o modelo, o exemplo não significa coisa alguma – ao passo que, sem a analogia, cada um de seus termos possui uma particularidade e um significado próprios. É nessa distinção analítica que repousa a principal diferença entre a analogia e o exemplo, e é nela que me apoio para a elaboração deste critério. Faz sentido, seguindo o raciocínio em questão, que a relação entre dois exemplares distintos de um mesmo modelo possa ser abarcada pelo conceito de analogia. O mesmo já não pode ser dito da relação entre o exemplar e o modelo: que mantêm entre si uma relação de “subordinação”. No caso do conceito de analogia como semelhança funcional, o modelo é aquilo que os exemplos analogicamente ligados têm de ter em comum para que se forme uma analogia: funcionando, portanto, como o **logos** funciona no esquema da proporcionalidade²³.

Eis o X da questão: se fosse admitir esse último caso (em que Simmel trata da sucessão do pai pelo

---

21. Como veremos, Simmel não opera com uma distinção clara entre correspondência e analogia, o que o leva muitas vezes a empregar, para designar uma analogia, expressões que usamos para designar uma correspondência.

22. Este liga, por sua vez, Aristóteles a Kant. Mas não só: também Goethe parece ter se dedicado ao problema da relação entre modelo e caso concreto em termos explicitamente analógicos, e isso no âmbito de suas investigações sobre botânica (cf. DODD, 2008, pp. 142-4).

23. Cf. as duas definições da analogia em Simmel apresentadas no início desta seção. Ainda que eu vá operar com essa distinção para efeitos da construção do índice (pelas razões “práticas” a que irei me referir em seguida), é preciso admitir que ela não se ajusta perfeitamente a Simmel. Isso porque essa distinção é, por assim dizer, rígida demais para fazer justiça às ideias de alguém que, como ele, trabalhava justamente modulando, relativizando seus conceitos de modo a esgarçar seus limites. Pois podemos, sim, dizer que no seu caso a relação entre o exemplar e o modelo tende em algumas (mas apenas algumas!) de suas modulações a ser irremediavelmente confundida com a analógica – sendo que essa confusão se apresenta de modo muito claro num caso muito específico: o dinheiro, que é, ao mesmo tempo, exemplo e análogo (e símbolo, diga-se de passagem). Acredito inclusive que essa confusão seja condição necessária para que um exemplo possa se transfigurar em uma imagem em miniatura do todo, em uma parte ou derivação desse todo que, entretanto, funciona *como* ele. Mas já nesse caso, o dinheiro é um “exemplo” num sentido bem diferente em que “o tutor dos jovens da nobreza” o é; pois é, de um lado, somente a partir de uma combinação de inúmeros exemplos como este, que aquele se forma – e, de outro, uma filosofia do “tutor dos jovens da nobreza” renderia muito menos que uma filosofia do dinheiro (em parte porque a penetração deste no campo da experiência comum é muito maior do que aquele, e em parte porque é possível encontrar um número muito maior de análogos para este do que para aquele). De modo que, se o dinheiro é, para Simmel, um exemplo, ele certamente não é um exemplo qualquer.

filho) como sendo analógico, não vejo o que me impediria de admitir como tal também o primeiro (em que trata do tutor de jovens da nobreza). Afinal, nesse caso, eu já teria, na prática, abandonado a distinção analítica entre analogia e exemplo. O que, em última análise, diferencia ambos os casos é que a ligação entre analogia e exemplo, que existe num caso como no outro, é apenas menos *evidente* aqui do que ali. Ao abandonar a distinção analítica, teríamos em mãos um índice de “analogias” em que se poderia contar não mais centenas de ocorrências, e sim alguns poucos milhares – muito embora o caráter analógico da grande maioria dessas “analogias” fosse tão pouco evidente e praticamente justificável quanto o é o da primeira passagem que apresentei. Foi tendo em vista contornar esse problema que formulei o presente critério negativo, estabelecendo que, onde há exemplificação, não há analogia – até mesmo nos casos em que P1 esteja satisfeito. Esse primeiro critério negativo (criado única e exclusivamente tendo em vista a construção do índice de analogias) se baseia, portanto, na distinção analítica entre exemplo e analogia acima trabalhada, e se originou dos momentos de dúvida que experimentei quando diante de passagens como essa em que Simmel trata da sucessão do pai pelo filho. É preciso admitir que casos como o que apresentei acima (em que exemplo e analogia se superpõem no texto de Simmel) são até certo ponto recorrentes. Somados a alguns dos casos que discutirei quando da explanação do critério n3#P1, casos como esse foram os responsáveis pelas mais embaraçosas dúvidas que experimentei ao longo da coleta.

II.2.1.1.2. Critério n2#P1

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P1, ocorra dualismo*

Convém, aqui, discutir a relação entre dois procedimentos bem característicos do estilo de Simmel: a analogia e o dualismo. Considero “dualismo” qualquer oposição categorial, por mais simples que seja, tais como, p. ex., as oposições entre o movimento e o repouso, a vida e a forma, o quantitativo e o qualitativo, o relativo e o absoluto, a distância e a proximidade, o interior e o exterior, e assim em diante²⁴. Como já foi observado por alguns autores²⁵, tais oposições não apenas não são estanques (ou seja, para nos atermos aqui a um dos exemplos de dualismo: o que, de uma perspectiva, aparece como algo interior, de outra, pode aparecer como exterioridade), como ainda cada polo da oposição em geral depende de seu contrário (sendo que, em inúmeros casos, Simmel se refere a tal dependência como uma complementariedade, ou seja, retomando o exemplo anterior: algo só pode ser considerado exterior em contraste com algo interior e, portanto, a simples referência à exterioridade demanda, como contrapartida, a referência ao menos implícita à ideia de interioridade). É preciso, para os nossos fins, termos em mente que Simmel opera com dualismos em diversos níveis de seu texto: por vezes, se utiliza

---

24. O leitor dos textos de Simmel certamente está familiarizado com ambos os procedimentos, e, mais que a minha definição, deve aqui ter em mente suas experiências de leitura. Seja como for, o recurso ao dualismo está fortemente assentado em certos pressupostos metafísicos importantes para Simmel, mas nos quais não estou em condições de me deter explicitamente.

25. Cf., p. ex., WAIZBORT, 2000, p. 225.

de um deles como um mero pretexto ou ponto de partida para suas divagações²⁶; em inúmeras passagens, lança mão de uma forma mais tênue de dualismo, tendo em vista simplesmente pontuar uma diferença específica²⁷; ao passo que, em certas ocasiões, trabalha em cima de um dualismo de modo a concebê-lo em termos de uma interação circular [*Wechselwirkung*], ou seja, de modo a tratar os polos do dualismo como duas forças ou tendências antagônicas que, como que num jogo sem fim, constituem o processo do mundo – ou, no mínimo, uma parcela desse processo.

Como o recurso a dualismos é tão multifacetado como o recurso à analogia, é apenas natural que, em inúmeras das analogias de Simmel, encontremos também um dualismo. Detectei três formas básicas de intersecção entre esses dois procedimentos; nos dois primeiros casos, considere que o procedimento analógico precede o dualismo – ao passo que, no terceiro, considere que a relação de analogia é apenas residual, de modo a não incluir no índice as passagens que mais se aproximem desse terceiro caso. Convém discorrer sobre essas três formas de intersecção por meio de exemplos; eis o primeiro:

Digamos, p. ex., que o processo do mundo consiste numa alternância eterna entre a uniformidade qualitativa das massas de matéria que se combinam e a decomposição diferenciadora das mesmas, e então é possível que nos convençamos de que um desses estados decorre do outro e, inversamente, o outro decorre do um; porém, do modo como funcionam presentemente nossas categorias conceituais, consideramos na verdade como sendo o primeiro o estado de indiferenciação, i.e., nossa necessidade de esclarecimento exige de modo mais enfático derivar a multiplicidade a partir da unidade, do que a unidade, a partir da multiplicidade, ainda que fosse objetivamente talvez mais acertado não presumir que qualquer desses estados seja o primeiro, e sim presumir, ao invés disso, um ritmo interminável, no curso do qual não podemos nos deter em qualquer um dos graus a que conduza nossos cálculos, e isso de modo a derivar, invariavelmente, cada grau a partir do anterior, que é seu oposto. Algo **semelhante** se passa com os princípios do repouso e do movimento. Ainda que tais princípios se depreendam um do outro indefinidamente (tanto se consideramos a totalidade da existência, como se consideramos suas séries isoladas) – ainda assim se costuma sentir o estado de repouso como o inicial, ou ainda como o estado definitivo, aquele que, por assim dizer, não exige a derivação de si. [...] E a luta e a paz **mantêm entre si a mesma relação**. Ambas estão a tal ponto entrelaçadas entre si na vida da sociedade – e isso tanto em termos diacrônicos, como em termos sincrônicos – que em toda a situação de paz se formam as condições para a luta futura, e em toda luta, as condições para paz futura; caso, lançando mão de tais categorias, persigamos retrospectivamente as séries do desenvolvimento social, não poderemos nos deter em parte alguma: ambas as situações apontam, na efetividade histórica, ininterruptamente uma na direção da outra.²⁸

---

26. Não é raro que Simmel inicie seja um ensaio, seja um capítulo de seus livros por um dualismo. Nesse mesmo sentido, diversas de suas obras são “armadas” segundo um esquema dualista; nos casos de *Kant und Goethe*, ou *Schopenhauer und Nietzsche*, esse recurso é mobilizado como forma possível de coordenação entre personalidades filosóficas irreduzíveis uma à outra; também a montagem, ou melhor, o plano expositivo da *Philosophie des Geldes* segue um esquema semelhante (o livro é dividido em duas partes, uma analítica, outra sintética). Trata-se, em todos esses casos, de estratégias de natureza expositiva – ainda que, devido ao escopo deste trabalho, não seja apropriado nos determos aqui *diretamente* sobre a relação entre tais estratégias expositivas e as concepções filosóficas ou metafísicas mais gerais de Simmel, que as informam.

27. Esse caso e o próximo serão exemplificados em seguida.

28. **S.4.a.34**, em GSG, v. 11, pp. 368-9; os **grifos em negrito** são meus. Diacronia e sincronia traduzem, aqui, as expressões “Nacheinander” e “Nebeneinander”, nessa ordem. As palavras em alemão possuem um sentido mais “literal”, que as expressões diacronia e sincronia não parecem, de imediato, contemplar: “Nacheinander” significa, um pouco mais literalmente, *um depois*

O que temos aqui é a articulação, por meio do procedimento analógico, de três dualismos – cada um dos quais parece operar num nível distinto da realidade. O argumento de Simmel segue, nessa passagem, uma estrutura em espiral. Ele parte de uma forma mais geral, *metafísica*, de dualismo, tratada na chave da oposição entre unificação e diferenciação, ou melhor: de uma força agregadora que se opõe a uma desagregadora. Essa oposição – essa relação entre termos – é tomada, em seguida, como um guia que orienta e que serve de moldura para a discussão da forma subsequente de dualismo, discussão essa que podemos referir ao plano da *física*, já que se trata, aí, da relação entre o estado de repouso e o movimento. O que Simmel nos ensina em ambos os casos é que, *aparentemente*, um dos termos da oposição é anterior ao outro – a união, se comparada à decomposição, e o repouso, se comparado ao movimento –, embora, na verdade, essa anterioridade não passe de uma ilusão (derivada, como explica Simmel, de determinadas “exigências do conhecimento”). Esse mesmo esquema é, então, transposto para a relação entre luta e paz, e portanto para o plano *sociológico*. A ideia é que, também nesse caso, *atribuímos* a um desses polos – a paz – uma espécie de precedência face ao seu outro – a luta, a guerra –, muito embora, como Simmel afirma, as coisas se passem diferentemente na “efetividade histórica”²⁹.

Esse tipo de analogia é possível porque aqui o dualismo é manipulado de modo a que possamos dele extrair um esquema relacional, repetido em diversos níveis do real – sendo que é o trânsito entre esses diversos níveis o que fornece a ocasião para tal analogia³⁰. Nesse caso, que representa bem a primeira forma de intersecção entre analogia e dualismo, a analogia se faz *entre pares opositivos*, i.e.: é um modo de articular dualismos distintos, ou melhor, dualismos situados em camadas ou níveis distintos do real.

O segundo caso pode ser ilustrado por meio dessa passagem, já apresentada na seção anterior:

Assim como era proibido por lei, em certas tribos nômades árabes, cultivar grãos, construir uma casa e coisas do gênero, de modo que nenhuma tentação ao sedentarismo tornasse o membro individual infiel em relação às condições de vida da tribo – **assim também** o mesmo era válido, agora numa inflexão interior, no caso dos monges budistas.³¹

Observe-se, antes de tudo, que o escopo do dualismo aqui envolvido é bastante modesto, sobretudo se comparado ao caso anterior. Simmel apenas se utiliza da oposição categorial entre interior e exterior

---

do outro, de modo a implicar uma ideia de sucessão no tempo; “Nebeneinander” significa, nessa mesma linha, *um ao lado do outro*, de modo a implicar uma ideia de coexistência no espaço. Também nesse caso estamos diante de uma forma de dualismo.

29. A analogia empregada na sequência – **S.4.a.35** – é aquela com o iambo, com que topamos no item II.1.6.1.3.2. Tal analogia serve apenas como aprofundamento dessa lição: afinal, o que Simmel ali afirma é que somos *nós* quem colocamos o acento na paz, ou seja, que a precedência da paz em relação à luta, à guerra é algo relativo ao modo como cada uma delas se apresenta diante da *nossa* sensibilidade, envolvendo, nesse sentido, uma espécie de exigência “formal” do espírito. Esse é um exemplo de como Simmel junta analogias completamente diferentes para montar sua argumentação – cobrindo, assim, o mundo com suas analogias.

30. Como veremos já a partir da terceira seção do terceiro capítulo deste trabalho, o procedimento analógico também funciona, no caso de Simmel, como uma plataforma que lhe permite executar “saltos” entre as diversas camadas da realidade – o que é especialmente importante devido a seu estilo ensaístico.

31. **P.3.b.40**, em GSG, v. 6, p. 330; o **grifo em negrito** é meu. Para outro exemplo de como Simmel se serve de dualismos para balizar suas comparações (que nem sempre considere analógicas), cf. a passagem a que se liga a nota 42 (em que a oposição entre o interior e o exterior também se manifesta), bem como a contida na nota 43 (em que a oposição é entre o físico e o espiritual).

para *marcar* a diferença entre dois modos diversos de controle comportamental. Assim, entre as tribos nômades árabes, o comportamento do indivíduo na sua relação com o grupo era regulado por lei, ou seja, por meios *externos*; ao passo que, no caso dos monges budistas, trata-se de uma “inflexão interior”, i.e.: de um controle autoimposto. O dualismo aqui se manifesta de forma mais tênue: ao contrário do que se passa no caso anterior, não se trata de uma oposição capaz de abarcar uma totalidade, mas de simples balizas, recursos expressivos por meio das quais Simmel visa indicar uma diferença. E se marcar *essa* diferença é importante, é também porque estamos aí diante de uma analogia – esta que, afinal, é impossível sem alguma medida de diferença. Nesse caso em particular, o que temos são (como já vimos na seção anterior) duas soluções formais que, por um caminho ou uma inflexão diversas, produziram o mesmo efeito sociológico – mais ou menos como, apesar de todas as diferenças substanciais, a asa do inseto e a da ave coincidem no conceito genérico de “asa”³².

Esses dois casos foram contabilizados do índice, já que considero que Simmel apenas manipulou ou se serviu de uma oposição categorial ou dualismo – embora, em cada caso, de modo inteiramente distinto – para chegar a uma analogia. No caso seguinte, o que temos é uma espécie de equação entre dois polos de uma oposição que não considerarei como analógica, em que se pesem as semelhanças desse procedimento com o analógico – semelhanças inclusive formais, já que, em ambos os casos, trata-se de comparações regidas em geral pelo conectivo **wie**. Trabalharei com dois exemplos, o primeiro deles bastante breve: “A liberdade é, em sentido social, **assim como** a não-liberdade, uma relação entre pessoas”³³.

Esse é um caso especialmente difícil, pois Simmel equaciona a liberdade e seu contrário *exatamente* como equaciona dois termos de uma analogia. Só não considerarei tal passagem como sendo o resultado de um procedimento analógico porque os termos da analogia formam, nesse caso, uma oposição categorial. Considero que passagens tais não são fundamentalmente diferentes de passagens como a seguinte, por sinal contida no primeiro dos trechos apresentados neste item:

Ambas estão a tal ponto entrelaçadas entre si na vida da sociedade – e isso **tanto em termos diacrônicos, como em termos sincrônicos** – que em toda a situação de paz se formam as condições para a luta futura, e em toda luta, as condições para paz futura [...].³⁴

Nesse caso, a oposição categorial entre sincronia e diacronia, por sua vez referida à vida social, é usada por Simmel apenas para definir a abrangência, o alcance de sua afirmação. Trata-se, pois, apenas de um meio para informar que tal entrelaçamento entre luta e paz é algo não apenas sucessivo, mas, além disso, também coextensivo. O dualismo entre sucessão no tempo e coextensão no espaço assume, nesses casos, uma forma semelhante a uma escala ou a uma série, em cujos extremos se situam cada um dos polos da oposição; tal escala se torna visível, por sua vez, apenas a uma certa distância da realidade, ou melhor, de

---

32. O que complementa o comentário presente no item II.1.6.2.2.2 (portanto, na seção anterior a esta).

33. GSG, v. 6, p. 400. No original: “Freiheit im sozialen Sinne ist, **ebenso wie** Unfreiheit, ein Verhältnis zwischen Menschen.”

34. Cf. GSG, v. 11, pp. 369; **grifos meus**. A relação entre diacronia e sincronia é, no original, exprimida pelo **wie**, nestes termos: “Im Nacheinander **wie** im Nebeneinander des gesellschaftliches Lebens...”. Cf. ainda a nota 28, um pouco acima desta.

uma certa perspectiva – a sociológica, digamos –, e nela é possível enxergar num registro comum isso que, de outra forma, se manifestaria como oposição. Considero que seja esse o sentido da comparação, apresentada anteriormente, entre a liberdade e seu contrário: definir o escopo da afirmação a que ela se liga. E como não considero a primeira um caso claro de analogia, tampouco o considero a segunda.

Ainda que possamos visualizar aí uma forma de relação entre analogia e dualismo, devido a que a maior parte das comparações como aquela entre diacronia e sincronia sejam claramente voltadas para exprimir o escopo de tal ou qual afirmação de Simmel, parece-me exagerado considerá-las como casos claros de analogia. Daí a elaboração do presente critério, segundo o qual os casos em que os *termos* de uma comparação sejam eles mesmos um par opositivo não seriam, mesmo quando o critério P1 estivesse contemplado, incluídos no índice³⁵.

II.2.1.1.3. Critério n3#P1

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P1, ocorra comparação qualitativa*

A analogia é um procedimento comparativo, ou melhor: é uma forma especial de coordenação entre objetos ou ideias ou fenômenos distintos. Como tal, deve ser separada de outras formas de comparação. Tratarei aqui de dois modos de comparação analiticamente distintos não só do analógico, como ainda entre si; e concedo, apenas para fins de referência, a essas duas formas de comparação que não são analógicas o nome comum de “comparações qualitativas”.

O primeiro dos dois casos diz respeito à comparação de duas características ou de dois aspectos de uma mesma coisa. Eis um exemplo, tirado do texto de Simmel:

Assim como a Igreja fornecia as normas para o transcurso da vida na Idade Média – e normas firmes, aparentemente fundamentadas para a eternidade –, **assim também** era preciso estar aparente, e de forma equivalente tanto em termos reais, como em simbólicos, que ela encerrava em suas mãos inclusive aquele valor fundante de todos os valores. A inalienabilidade da propriedade fundiária da igreja era apenas a determinação consciente e na forma da lei desse seu caráter interior.³⁶

Nessa passagem, Simmel coordena ou compara dois traços distintos da Igreja medieval: seu domínio no que diz respeito às regras que determinavam o estilo de vida medieval, e seu domínio fundiário. Não considero, para os meus fins, tal relação uma forma de analogia, mas de *correspondência*, num sentido

---

35. Deve-se ter em mente que, para fins de confecção do índice, muitas dos termos da analogia estão ali *descritos* segundo suas formas mais gerais, de modo que, em alguns casos, o resumo dos conteúdos da analogia presente no índice parece se referir a um dualismo; **S.5.a.3** é, p. ex., descrita como uma analogia entre “sociedade e natureza”. É claro que, nesses casos, não se trata de uma analogia entre a sociedade como um todo e a natureza como um todo, mas entre um *aspecto* do mundo social e seu análogo no natural, ou melhor: entre, de um lado, uma *parte* da sociedade (A) e a sociedade como um todo (B), e, de outro, a parte análoga da natureza (C) e a natureza como um todo (D) – o que conduz à proporção segundo a qual A:B::C:D. Para fins de resumo, e sobretudo para que fosse possível, se desejado, “mapear” as diversas analogias entre sociedade e natureza, convém descrevê-las dessa forma mais geral.

36. GSG, v. 6, p. 312; o **grifo em negrito** é meu.

bem particular, a ser especificado em seguida. Duas coisas correspondem uma à outra quando provêm de uma mesma fonte, têm uma mesma origem, ou então, para ser mais exato: quando são manifestações ou impressões diferentes de um mesmo referente empírico. Nesse caso, o referente empírico é a Igreja medieval. Como exemplo mais típico de correspondência, podemos pensar na relação entre o latido e as pegadas deixadas por um mesmo cão (deixadas, digamos, em um pedaço de terra)³⁷. Baseado em minhas observações a respeito, não me parece que Simmel distinguisse uma coisa da outra, i.e.: correspondência e analogia³⁸; e isso se deve, ainda de acordo com minhas observações, à maneira como ele trabalhava sobre o material empírico: estilizadamente³⁹. Seja como for, e ainda que o próprio Simmel não operasse com tal distinção, para fins de construção do índice considero importante marcar, aqui, essa diferença.

O segundo caso diz respeito a comparações referidas a uma qualidade ou característica compartilhada entre os dois termos da comparação, mas que não correspondem entre si no sentido acima referido. Irei qualificar tais comparações de modulares, uma vez que são geral empregadas para qualificar ou matizar *um* dos termos da comparação por meio do contraste com *outro* termo. É, na prática, muito difícil traçar uma linha clara de separação entre analogias e comparações modulares, pois, de um lado, trata-se aqui de um procedimento de ordem extremamente geral e, de outro, também as analogias de Simmel muito amiúde funcionam do mesmo modo que tais comparações. Um caminho para tentarmos conceber essa diferença é imaginando que as comparações modulares a que me refiro, ao contrário das analogias, se constroem em geral sobre adjetivos, como quando dizemos que os olhos de uma pessoa são verdes como uma esmeralda⁴⁰. O “ser verde” é, nesse caso, uma característica ou qualidade comum a ambos os termos da comparação; para que pudéssemos, aí, falar em analogia, precisaríamos “traduzir” essa qualidade em termos relacionais, ou seja, conceber o “ser verde” como uma forma de relação ou uma função⁴¹. Nada nos impede, em princípio, de realizar esse malabarismo intelectual que permite conceber uma qualidade como uma forma de relação – isso é, por sinal, algo que Simmel fazia muito constantemente, e por isso mesmo é difícil encontrar no texto de Simmel exemplos tão “puros” de comparação modular como o que eu aqui apresento. O que encontramos com alguma frequência são comparações como a seguinte:

---

37. Correspondentes nesse sentido são, pois, duas impressões provocadas por um mesmo “impremente”, contanto que este seja entendido como entidade empírica (i.e.: possa ser, ao menos em princípio, situada no tempo e no espaço de forma precisa, exata). O conceito de homologia de que tratamos no capítulo anterior é, também, uma espécie de correspondência.

38. Observe-se como, nesse caso em particular, como em outras passagens do tipo, Simmel emprega exatamente um dos sinais mais típicos por meio do qual “comunica”, em outras ocasiões, uma analogia: o “**wie + so**” (eis a primeira sentença da passagem, no original: “**Wie** die Kirche dem mittelalterlichen Leben die festen, scheinbar für die Ewigkeit gegründeten Normen seines Verlaufes gab, **so** mußte es im realen wie im symbolischen Sinn angemessen scheinen, daß sie auch jenen fundamentierenden Wert aller Werte in ihrer Hand umschloß.”). Inversamente, e com bastante frequência, Simmel fala em correspondência para exprimir uma relação que, aqui, é tratada na chave da analogia.

39. Afinal, a Igreja medieval é uma unidade de referência já altamente estilizada e até mesmo genérica – não se trata de uma “coisa” ou de um referente no mesmo sentido em que um determinado cachorro o é. Por conta disso, em alguns casos a aplicação do presente critério junto ao texto de Simmel se mostrou especialmente difícil e arbitrária.

40. Ou quando dizemos que a pele de alguém é *mais* macia que a seda, embora, nessa caso, a ausência de equivalência torne mais clara a distinção em relação ao procedimento analógico.

41. Lembremos que a analogia consiste em aproximar (pelo menos) dois objetos A e B de modo a tomá-los como diversos quanto a seus conteúdos mas ou idênticos ou semelhantes quanto a sua forma ou função.

Em geral o homem confere para si o direito de saber tudo aquilo que possa, sem empregar meios externos e ilegais, fundamentar apenas mediante a observação psicológica e a ponderação. Mas na realidade a indiscrição exercida dessa maneira pode ser **tão** violadora e moralmente questionável, **quanto** o são o ato de colar o ouvido a uma porta trancada e a espiada na correspondência alheia.⁴²

Note-se, antes de tudo, que essa comparação é em si mesma bastante intrincada; Simmel se refere aí a duas formas “violadoras” por meio das quais obter informações de natureza pessoal. Subentende-se que a primeira forma é ou puramente física (p. ex.: agressão, tortura), ou envolve ameaça do uso da força – é isso o que ele quer dizer, quando fala em “meios externos e ilegais”, que são externos justamente em relação à “psique”. A segunda forma a que ele se refere é de natureza “espiritual”⁴³; a peculiaridade aqui é que essa segunda forma nos é apresentada, ao contrário da primeira, por meio de exemplos, o que confere à correlação em si um ar de assimetria. Esclarecido esse ponto, vamos ao que aqui interessa: Simmel afirma que esse segundo modo para extrair informações pessoais seria violador e moralmente questionável *na mesma medida* em que seria o primeiro. Nesse passagem, já está dado um grande passo para a conversão da comparação modular para a analogia propriamente dita, pois isso que nós concebemos como uma qualidade (“ser violador”, “ser moralmente questionável”) é referido em termos puramente quantitativos, ou seja, Simmel se refere somente às quantidades de uma qualidade; podemos inclusive visualizar aí uma espécie de proporcionalidade, caso imaginemos que ele teria em vista dois fenômenos que cortariam mais ou menos em um mesmo ponto cada respectivo gradiente de “violação” e “questionabilidade moral”. Esse mesmo raciocínio pode, ainda que apenas parcialmente, ser aplicado ao exemplo anterior: basta imaginar agora que, ao comparar a cor dos olhos de alguém com a cor de uma esmeralda, se considera o “ser verde” não uma qualidade intrínseca, mas uma certa posição numa escala que vai do “menos verde” para o “mais verde”. A principal diferença é que, no exemplo extraído do texto de Simmel, aquela espécie mais tênue de dualismo com que topamos no item anterior permite inferir que “ser violador” é uma qualidade *diferente* num caso e no outro – ou seja, que estamos falando de dois gradientes distintos, um que opera no plano físico, e outro que opera no plano espiritual, ao passo que a distinção equivalente na comparação entre olhos e esmeraldas, se existe, não está indicada. É possível dizer que esse tipo de comparação modular presente no texto de Simmel está *mais próximo* da comparação analógica do que o está o tipo mais puro, e por isso a distinção é, nesses casos, muito difícil.

Como tanto a analogia, como a comparação modular funcionam de um modo muito parecido, há, aqui,

---

42. GSG, v. 11, p. 399; os **grifos em negrito** são meus.

43. “Geistig”, como dizia Simmel, embora não empregue o termo nesse caso. Eis um exemplo em que a aplicação do critério se mostrou especialmente arbitrário e em que a mesma oposição (entre o físico e o espiritual [geistig]) aparece:

A mentira que se impõe, i.e., a que não é desbancada, é sem dúvida um meio empregado para concretizar em efeito uma vantagem espiritual, e para pôr sob controle e sobrepujar os menos favorecidos. É a lei espiritual do mais forte, tão brutal, mas por vezes tão cabida quanto a física – quer se apresente enquanto seleção para fins de cultivo da inteligência, quer para que alguns poucos, para os quais os demais precisem nesse caso trabalhar, obtenham o ócio com o que produzir bens culturais mais elevados, ou quer para que se entregue para uma liderança as forças do grupo. (GSG, v. 11, p. 390)

A difícil decisão em não incluir essa passagem no índice (que é, em si mesma, bastante semelhante à analogia **P.3.b.40**, discutida no item anterior) se deve a que a comparação seja referida a um adjetivo – “brutal”.

a complicação adicional de que muitos dos marcadores linguísticos por meio dos quais comunicamos uma analogia podem ser empregados para comunicar uma comparação modular (especialmente **so**, **ebenso** ou **so wenig**, complementados, *em seguida*, por **wie**⁴⁴). Para contornar esses problemas, optei em me ater a um critério formal – que, ainda que não tenha bastado para evitar arbitrariedades, permitiu canalizá-las em um esquema razoavelmente claro –, a saber: não considere como analógicas comparações em que o termo comum exerce a função sintática de um adjetivo. Isso porque considero esse tipo de comparação uma forma mais geral, ou melhor, mais imprecisa de correlação entre termos do que o é a analogia – ou ainda, tratando o assunto um pouco mais metaforicamente: uma forma de correlação entre termos em que o processo de diluição do qualitativo para o quantitativo está num estágio anterior àquele em que se acha o procedimento analógico propriamente dito.

II.2.1.1.4. Critério n4#P1

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P1, seja empregada a forma da analogia para negar a ocorrência da mesma*

Caso aplicado “mecanicamente”, o principal critério de identificação para a ocorrência de analogias conduziria à situação absurda de incluir no índice algumas passagens em que Simmel justamente nega explicitamente a ocorrência de analogia. Partamos do seguinte exemplo:

Por um lado, as coisas na natureza estão bem mais dispersas umas em relação às outras do que o estão as almas; consoante a unidade de um ser humano com outro, tal como se verifica na compreensão, no amor, na obra em comum – enfim, consoante essa unidade **não há**, na realidade espacial (em que cada ser ocupa a sua porção do espaço, que a nenhum outro é dado então ocupar) **de um modo geral qualquer analogia**.⁴⁵

Há, nesse caso, um claro, inequívoco sinal de identificação da analogia – a referência explícita –, mas é aí especialmente evidente que Simmel usa o termo “analogia” em sentido negativo, i.e.: para negar sua ocorrência. Via de regra, casos como esse não foram computados no índice.

A maioria das ocorrências desse tipo foram bastante fáceis de identificar, suscitando dúvidas apenas muito raramente. Há, porém, algumas passagens em que a aplicação do critério só se torna clara quando se considera o contexto mais abrangente da argumentação de Simmel – exigindo, portanto, um pouco mais de esforço interpretativo. Eis um exemplo:

Partindo da configuração anterior da produção, predomina como um todo a representação simplista de que as camadas inferiores da sociedade trabalham para as superiores; que o fato de que as plantas vivem da terra, os animais das plantas, os homens dos animais – enfim, que **isso se repete** (justa ou injustamente) **na estrutura** da

---

44. O itálico em “*em seguida*” é importante, porque em muitas das comparações de Simmel cujo caráter analógico é especialmente evidente, encontramos esses mesmos marcadores em posição invertida, como discutido no item II.1.4.1, na seção anterior a esta.

45. GSG, v. 11, p. 44; os **grifos em negrito** são meus.

sociedade: quanto mais acima social e espiritualmente se encontrem os indivíduos, tanto mais sua existência se baseia no trabalho dos que se encontram mais abaixo, sendo que estes são, por sua vez, retribuídos por aqueles não com trabalho, mas apenas com dinheiro.⁴⁶

Apenas referindo essa passagem ao seu contexto fica claro que Simmel se refere a tal “representação” – basicamente uma analogia entre sociedade e natureza – apenas para descartá-la. Nesse caso, ele mostrará que a analogia é falsa, que não se sustenta; e por isso não a incluí no índice, do mesmo modo que não incluí passagens semelhantes. Seja como for, esse é um caso em que a aplicação do critério já é um pouco mais dependente da interpretação.

Em outros casos, porém, Simmel constrói analogias que ele irá negar apenas parcialmente, ou melhor: que ele irá desdobrar de modo a extrair, delas, uma conclusão diferente ou, em alguns casos, até mesmo oposta a que ela, inicialmente, parecia induzir. Já consideramos um caso desses no capítulo anterior, que por isso mesmo será aqui apenas tomado: a analogia segundo a qual o egoísmo estaria para o altruísmo, assim como a natureza, para a arte⁴⁷. Há, dentre as analogias do índice, outros casos notáveis desse mesmo procedimento: como a analogia entre o valor econômico e a extensão (**P.1.b.28**), ou a analogia entre dinheiro e energia (**P.2.a.2**). Tais casos, à diferença dos outros dois tratados neste item, foram, sim, incluídos no índice, já que Simmel nem nega, nem simplesmente descarta tais analogias, mas, ao invés disso, trabalha em cima delas de modo a refiná-las. Esse tipo de torção ou refinamento no sentido de uma analogia dada é um fenômeno recorrente e especialmente visível no âmbito da história dos conceitos, como nos mostra C. Perelman em sua discussão dedicada à analogia e à metáfora na *Enciclopédia Einaudi*⁴⁸. De resto, a metaforologia de H. Blumenberg se baseia justamente na consideração desse tipo de fenômeno (i.e.: lida com a história das mudanças no sentido das metáforas básicas com as quais buscamos lidar com a realidade)⁴⁹.

É preciso notar que, mesmo aquelas analogias que Simmel efetivamente descartou (e que, portanto, não foram incluídas no índice) ilustram uma modalidade muito especial de recurso ao procedimento analógico – sobretudo se consideramos outra distinção importante entre os dois primeiros exemplos aqui comentados. Pois o que temos no segundo caso é apenas um exercício de refutação de uma analogia em particular: Simmel argumenta que a estrutura da sociedade não é uma repetição da estrutura da natureza, e portanto que essa analogia específica não se sustenta⁵⁰. Resumindo: procura mostrar que essa analogia é falsa, conduz a enganos, não possui valor. O que ocorre no primeiro caso é algo, por assim

---

46. GSG, v. 6, pp. 634-5; os **grifos em negrito** são meus.

47. Cf. as linhas finais da segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho. Tal analogia não está contabilizada no índice, pois foi formulada no livro de Simmel sobre a ciência moral.

48. Cf. a entrada “Analogia e Metáfora” em *Enciclopédia Einaudi*, v. 11.

49. Cf. p. ex., o artigo “Licht als Metapher der Wahrheit. Im Vorfeld der philosophischen Begriffsbildung”, em BLUMENBERG, 2001, *Ästhetisch und metaphorologische Schriften*; e traduzido para o inglês em LEVIN, 1993, *Modernity and the Hegemony of Vision*.

50. Embora ele pudesse, *em tese*, ter trabalhado sobre essa analogia, de modo a revirá-la.

dizer, mais radical: não é apenas que seja “errado” reduzir a unidade socializadora formada por duas almas individuais (pois é disso que Simmel trata) àquela modalidade de unidade possível quando se considera a relação entre as partes do espaço e o espaço em geral; trata-se, ao invés disso, de chamar a atenção para uma *particularidade* da unidade socializadora – algo, portanto, que analogia espacial alguma jamais poderá, em princípio, exprimir adequadamente. O que Simmel faz em casos como esse – até certo ponto frequentes – é justamente buscar exprimir algo em termos próprios, algo para o qual o procedimento analógico não lhe parece mais adequado. Esse tipo de manifestação radicalmente negativa da analogia ilustra a preocupação, crucial para Simmel, em evitar reduzir a multiplicidade do real a um único denominador comum, portanto a uma unidade absoluta, plena. É uma manifestação do que seus comentadores costumam chamar de “sensibilidade para a diferença” – de que, conforme o tratado a certa altura do capítulo anterior, também depende, como que dualisticamente, o procedimento analógico em Simmel. A relação de dependência recíproca entre analogia e diferença, já esboçada no capítulo anterior, será rapidamente retomada algumas vezes ao longo deste trabalho, porque, nela, habita um dos mais importantes pressupostos epistêmicos que conferem sentido às analogias de Simmel.

II.2.1.1.5. Critério n5#P1

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P1, eu não seja capaz de identificar clara e inequivocamente quais são os objetos relacionados pela analogia*

Para que eu possa incluir uma passagem no índice, é preciso que haja uma comparação que envolva pelo menos dois objetos claramente distintos. Essa premissa em si mesma bastante simples pode se revelar problemática em algumas ocasiões – principalmente levando em conta certos aspectos do estilo de Simmel, em que são frequentes transições de um nível de generalidade a outro. Há muitos casos em que ele, para fazer essa transição de um nível a outro, emprega alguns dos sinais de identificação da analogia⁵¹; em algumas dessas ocasiões tive, contudo, dificuldades em detectar os contornos de pelo menos um dos termos da comparação⁵². Eis um exemplo, em que o que Simmel tematiza é o casamento enquanto forma de socialização entre duas pessoas:

Na medida em que, no interior de uma relação, um só canalize sua sensibilidade para a parcela de si voltada ao outro, se comporte apenas em consideração ao outro, então suas particularidades (ainda que, é claro, não deixem de ser suas) ganham com efeito um colorido, uma disposição, um significado inteiramente diverso do que teriam, caso essas mesmas particularidades, referidas ao próprio ‘eu’, se achassem entretecidas apenas no complexo total *dessa* referência. Por conta disso, é possível que a relação se cristalize, para a consciência de cada um dos dois, em uma entidade exterior em relação a cada um, que é algo a mais e melhor – sob algumas circunstâncias, também pior – do

---

51. Esse é o caso de muitas das analogias entre o nível social e o da personalidade individual, e também daquelas analogias que seguem o modelo da analogia contínua (a:b::b:c).

52. Ou seja: não consegui descrever de maneira satisfatória quais seriam os conteúdos da analogia.

que o indivíduo, algo frente a que este possui compromissos, e do qual advém, **como** de um ser objetivo, bens e fortunas.⁵³

A dificuldade aí é que, enquanto um dos termos da comparação é claro, a saber: o casamento enquanto forma diádica de socialização – o outro é vago, difuso: é um ser objetivo. Nesse caso em particular, embora Simmel coordene os dois termos da comparação empregando o **wie**, como numa analogia, é difícil nos desvencilharmos da ideia de que o casamento é uma forma especial de “ser objetivo”, ou ainda da ideia – que, conforme me parece, se aproxima um pouco mais do que Simmel estava querendo dizer – de que a expressão “ser objetivo” é simplesmente uma descrição em chave mais metafísica ou geral daquele aspecto do casamento para o qual ele está querendo chamar a atenção⁵⁴. Esse embaraço decorre de que a expressão “ser objetivo” é muito mais vaga, é algo cujos contornos são muito menos definidos do que o outro termo da comparação – de modo que é difícil reconstruir a relação exata entre esses termos.

Casos como esse (que, de todo o modo, não são muito frequentes) não foram contabilizados no índice.

II.2.1.2. Critério P2

- **definição:** *há analogia quando ocorre sozusagen, gleichsam ou gewissermaßen*

Expressões que sinalizam dúvida, incerteza, tentativa e aproximação são marcas registradas do estilo simmeliano – conforme já foi observado pela literatura secundária e, como, além disso, comentei algumas

---

53. GSG, v. 11, p. 108; o **grifo em negrito** é meu.

54. E, num caso como no outro, não estaríamos diante de uma analogia, a não ser num sentido muito geral. Parece-me que essa dificuldade se deve sobretudo a que o que Simmel queria dizer era, se entendi bem, algo especialmente delicado – uma ideia que, digamos, tendia a se desmanchar assim que ele tentava exprimi-la usando os recursos expressivos de que dispunha. Para termos uma ideia disso, gostaria de retomar aqui, sinteticamente, o que ele vinha tentando explicar antes do trecho com que acabamos de topar, para em seguida reavaliarmos a passagem em questão. Pois bem: Simmel vinha nos dizendo que a relação entre um casal (como se passa em qualquer relação entre duas pessoas, ainda que o casamento, longe de ser uma díade qualquer, seja uma forma especialmente radical e “profunda” de relação a dois) dependeria de forma visceral das particularidades de cada personalidade envolvida na relação; ao contrário do que o próprio Simmel constata em inúmeras outras formas de socialização, naquele caso tais particularidades importariam a tal ponto que, com a retirada de uma delas, a relação se esfalçaria definitivamente. Simmel, para se referir a essas particularidades, i.e.: aos “conteúdos” da personalidade individual, frequentemente falava em interioridade – o que, por sua vez, implicava a oposição a uma exterioridade. A questão é que, ainda que a relação entre duas pessoas que formam um casal dependa visceralmente da interioridade de cada uma das “partes” da relação, ela se manifestaria, no “interior” mesmo de cada personalidade individual (i.e.: para suas consciências), como uma forma externa. A essa altura, observamos como as noções de dentro e fora perdem contornos definitivos, e se tornam expressões apenas aproximativas: a ligação entre duas pessoas numa situação dessas está, ao mesmo tempo, “dentro” e “fora” de cada uma delas (o que só é concebível caso imaginemos que, “na realidade”, a distinção entre dentro e fora não deva ser tomada ao pé da letra). Está “dentro”, no sentido de que depende daqueles elementos a que Simmel se refere por alusão à interioridade, como a personalidade ou a consciência individuais (assim, no trecho acima lemos que a relação se cristaliza, “para a consciência de cada um dos dois, em uma entidade exterior”). Mas está “fora”, justamente no sentido de que funciona como um ser objetivo. O que Simmel descreve, a essa altura, por meio da expressão “ser objetivo” e, de um modo mais geral, por referência à exterioridade – é isso o que também descreve quando afirma, no trecho citado, que a personalidade de cada um dos dois indivíduos que desse modo se ligam ganharia, com essa ligação, um colorido, uma disposição e um significado particulares – uma imagem que parece estar entre as favoritas de Simmel, já que ele a mobilizava em diversas ocasiões, e que indica uma espécie de projeção do exterior sobre o interior a tal ponto complicada que, na prática, faz implodir a consistência lógica da distinção entre uma coisa e outra, entre o que está dentro e o que está fora.

vezes ao longo desta dissertação. Contabilizei, por meio de uma pesquisa mecânica⁵⁵, o total de ocorrências de cinco dessas expressões (três das quais aqui nos interessam) ao longo das duas obras de referência deste trabalho: a palavra **vielleicht** [talvez] aparece 275 vezes; **ungefähr** [aproximadamente], 36 vezes; **gleichsam**, 329; **sozusagen**, 291; e **gewissermaßen**, e 52 vezes⁵⁶.

No caso de Simmel, o que esse traço estilístico revela é uma forte valorização do caráter provisório e aproximativo do conhecimento, algo que tem como contraparte uma espécie de desconfiança em relação ao pensamento dogmático, i.e.: a toda forma de conhecimento que se pretenda definitiva, acabada de uma vez por todas⁵⁷. Conforme o que estudamos no capítulo anterior, há uma relação particularmente estreita entre analogia e aproximação, que se evidencia ainda mais quando do enfrentamento de *novos* problemas, quando da busca por novas formas intelectuais com que apreender a realidade assim como ela se apresenta diante de nós. Essa relação se explicita, de um lado, quando consideramos que a maior parte das ocorrências do termo **ungefähr** se liga diretamente ao procedimento analógico: 23 das 36 ocorrências da palavra acompanham ao menos um dos sinais de identificação da analogia, estando, por essa razão, presentes no índice⁵⁸. Porém, nesses casos, trata-se de atribuir a este ou àquele resultado do procedimento analógico um valor apenas aproximado⁵⁹, como se a aproximação fosse, aí, um acréscimo em relação à analogia – ao passo que, nos casos que aqui nos interessam, trata-se antes de um outro modo de aparecimento do procedimento analógico, em relação a que a aproximação já é mais claramente um momento constitutivo. A referência às três expressões-chave apresentadas na descrição do presente critério – **gleichsam**, **sozusagen** e **gewissermaßen** – permite uma sondagem razoavelmente segura e direta da relação entre analogia e aproximação nesses termos.

É claro que a mera presença desses termos não é, ainda, sinal de que estamos diante de uma analogia. Eis um exemplo em que isso é razoavelmente claro:

---

55. Realizada por meio da ferramenta de busca de palavras presente na versão eletrônica das obras completas de Simmel (*Georg Simmel: Das Werk*, 2001, org. por Martin Damken).

56. Optei em traduzir, sempre que isso se mostrou possível, ao longo deste trabalho “gleichsam” por “como que”, “sozusagen” por “por assim dizer” e “gewissermaßen” por “em certa medida”, apenas para indicar, para o leitor, o termo original usado em cada ocasião; seja como for, a função de tais expressões é em geral a mesma (i.e.: indicar que se trata de algo cujo sentido é apenas aproximado), de modo que esses termos podem ser considerados sinônimos.

57. Desconfiança que está, para Simmel, em sintonia com o moderno.

58. De modo a formar expressões como “ungefähr wie” [aproximadamente como, ou ainda: mais ou menos como]. Em alguns casos, como vimos no item II.1.4.1, Simmel *destaca* a palavra “ungefähr”, italicizando-a (cf. a nota 24 da seção anterior). Eis todos os casos em que a analogia é qualificada como aproximativa nesses termos: **S.1.a.15**, **S.1.b.25**, **S.2.a.5**, **S.4.a.1**, **S.5.a.19**, **S.5.a.32**, **S.7.a.3**, **S.7.a.5**, **S.7.a.12**, **S.8.a.9**, **S.8.a.28**, **P.1.a.19**, **P.1.b.24**, **P.1.b.29**, **P.1.b.32**, **P.2.a.13**, **P.2.a.16**, **P.3.a.6**, **P.3.a.14**, **P.3.c.52**, **P.5.c.27**, **P.5.c.32** e **P.6.b.41**.

59. O que se oporia a uma analogia mais “exata”, como nos casos de **S.7.a.4**, **S.7.a.13**, **S.8.a.1**, **S.9.a.36**, **S.10.a.26**, **P.1.a.3**, **P.2.c.39** ou **P.5.a.15** (em todos esses casos, Simmel emprega o termo “genau”, que traduz a ideia de exatidão, precisão, de modo a formar expressões como “genau wie”, ou seja: “exatamente como”). Observe-se que Simmel se serve dessa distinção, no mais das vezes, de maneira bastante intuitiva e ao sabor de seu argumento, e portanto apenas para matizar algumas de suas analogias, sendo que seria totalmente impróprio tentar arranjá-las em uma escala que pudesse ser levada minimamente a sério – o que, aliás, concluí somente depois de tentar, em vão, construir uma escala do gênero. De resto, deve ficar claro que essa distinção entre analogias exatas e aproximadas em nada tem que ver com o que chamo, neste capítulo, de grau de inequivocidade da analogia, em que o que se mede não é, como nos casos de que trato nesta nota, o quão precisa é *uma* analogia entre dois fenômenos quaisquer, mas sim, no lugar disso, o quão adequada seria a expressão utilizada por Simmel em seu texto diante da finalidade (presumível) de comunicar uma relação de analogia.

Caso a realidade social fosse estruturada por esse pressuposto básico de um modo irrestrito e isento de falhas, teríamos então a sociedade perfeita – ainda que não no sentido da perfeição ética ou eudemonista, mas sim no sentido conceitual: teríamos, **por assim dizer**, não a *perfeita* sociedade, mas sim a *sociedade* perfeita.⁶⁰

Nesse caso, o termo **sozusagen** é apenas uma espécie de aviso introdutório para o jogo de ênfases que se segue, em que Simmel tentará pôr em palavras o que tem em vista. Embora não haja aí, ainda, uma analogia passível de pronta identificação, o caráter aproximativo desse jogo de ênfases já é, por sua vez, suficientemente claro – pois quando Simmel afirma que teríamos, no caso hipotético de que trata, uma *sociedade* perfeita, e não uma *perfeita* sociedade, jogando assim com os recursos gráficos de ênfase que tinha à disposição (no caso, o *italico*), está buscando por uma forma com que indicar uma distinção real que ele considera da maior importância⁶¹. Está, portanto, buscando chegar a uma formulação adequada para o problema, ou melhor, se movendo em sua direção, *aproximando-se* dela.

A seguinte passagem da *Philosophie des Geldes* fornecerá o ensejo para avançarmos um pouco mais na explicitação da relação – ainda não contemplada pelo exemplo anterior – entre analogia e aproximação:

O sentimento que chamamos de instinto [Trieb] aparece ligado a um processo fisiológico, no qual as energias tensionadas pressionam no sentido de sua liberação; na medida em que se converte em uma ação, cessa o impulso instintivo; sendo efetivamente um mero impulso, se «satisfaz» assim que, **por assim dizer**, se desprende de si mesmo em ação. Esse processo causal linear, que, na consciência, se reflete enquanto a mais primitiva das sensações impulsivas, se contrapõe àquelas ações cujo motivo, na medida em que se apresente como conteúdo da consciência, consiste na representação de seu resultado. Nesse caso, não nos sentimos **como que** impulsionados por detrás, mas sim puxados para a frente.⁶²

Nesse curto trecho, em que Simmel introduz a discussão do terceiro capítulo de seu livro sobre a filosofia do dinheiro, topamos com duas das palavras que nos interessam. Em ambos os casos, Simmel se serve de tais expressões para indicar que o que está sendo dito possui um sentido apenas aproximativo: o instinto não nos empurra ou impulsiona *exatamente* do mesmo modo que, p. ex., um adulto empurra uma criança sentada num balanço; no lugar disso, o instinto **como que** nos impulsiona. Já podemos conceber aí uma analogia, caso consideremos o impulso instintivo o análogo psicobiológico daquilo que, no domínio físico, chamaríamos de impulsão; ou então considerando que o instinto *funciona*,

---

60. GSG, v. 11, p. 59, *grifos em itálico* conforme o original; já o **grifo em negrito** é meu.

61. E que convém, por isso, retomar nesta nota. O trecho foi tirado do excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie*. A essa altura do excurso, Simmel tratava de certos aspectos do encaixe entre indivíduo e sociedade; nesse contexto, afirma que estaríamos diante de uma *sociedade* perfeita caso aquele encaixe fosse perfeito, ou seja, caso cada indivíduo fosse uma parte inteiramente integrada à unidade social mais abrangente, tendo, portanto, um lugar exato para se posicionar em relação a todos os outros indivíduos (situação que ele considera impossível). Agora, quando Simmel aponta para a diferença entre a *perfeita* sociedade e a *sociedade* perfeita, procura, digamos, especificar o sentido de “perfeição” que lhe interessa – pois a *perfeita* sociedade de que trata (mas apenas negativamente, pois o foco de sua discussão é a *sociedade* perfeita) seria perfeita no mesmo sentido em que o seria o deus do cristianismo, ao passo que uma *sociedade* perfeita só poderia sê-lo no mesmo sentido em que uma máquina ou um sistema mecânico qualquer também poderia sê-lo. Para mais detalhes, cf. a discussão contida em GSG, v. 11, pp. 57-61.

62. GSG, v. 6., p. 254; os **grifos em negrito** são meus. Onde, em minha tradução, lemos ora “instinto”, ora “impulso instintivo” e ora, simplesmente, “impulso”, o que lemos, no original, é apenas “Trieb”. Simmel explora justamente a conexão de sentidos já etimologicamente contida no termo, conforme o que será comentado na nota 64, um pouco abaixo desta.

psicologicamente, mais ou menos como o impulso, fisicamente. A analogia mais profunda aí envolvida – que, aliás, também se acha implicada na outra comparação contida nessa passagem, formando assim uma espécie de “atmosfera” retórica⁶³, ou melhor, compondo o estilo que Simmel considera adequado para lidar com o assunto – é a analogia entre *pensamento* e *movimento*, ou, para ser mais exato: entre formações intelectuais ou “espirituais”, de um lado, e formações físicas ou materiais, de outro. Tais analogias estão, é preciso observar, profundamente enraizadas na linguagem, não sendo, portanto, uma invenção de Simmel – que apenas disso se aproveita tendo em vista conduzir ao contraste entre ação instintiva e ação propositiva, que é aquilo para o qual ele queria, àquela altura de seu texto, chamar a atenção⁶⁴.

Finalmente, em outros casos, Simmel parte de um conceito científico, artístico ou filosófico mais ou menos bem definido em seu domínio para, em seguida, empregá-lo como modelo analógico – portanto para enquadrar um problema de um *outro* domínio do conhecimento:

O adorno reforça ou amplia a impressão da personalidade, **como que** atuando enquanto irradiação desta. [...] Pode-se falar de uma radioatividade humana: em torno de cada um, há **como que** uma esfera, maior ou menor, de significado que dele irradia, na qual mergulham todos os outros que com ele se relacionem – uma esfera em que se mesclam de maneira inextricável elementos corpóreos e anímicos: as influências passíveis de serem captadas pelos sentidos, que partem de uma pessoa e se estendem até seu meio circundante, são de alguma maneira os suportes de uma fulguração espiritual; e elas funcionam como os símbolos de tal fulguração até mesmo lá, onde com efeito sejam apenas externas, e onde nenhum poder de sugestão ou significado da personalidade efluem mais por através delas.⁶⁵

Aqui nos interessa a comparação, por sinal bastante ousada, com a *radiação*. Para Simmel, o adorno funciona como uma espécie de radiação, é o análogo sociológico desse fenômeno químico – e é nesse sentido (i.e.: analógico) que, como afirma Simmel, se pode falar numa “radioatividade humana”. É claro que a radiação é, nesse caso, apenas um instrumento de orientação, uma ferramenta expressiva por meio de que Simmel procura representar os contornos do que tem em vista, descrever esse fenômeno sociológico em particular a que, até então, não se havia dado a devida atenção – e que, como é especialmente claro na passagem em questão, parece ser algo difícil de ser descrito, ou seja: algo para que, não dispondo de uma palavra ou um conceito *exato*, precisamos recorrer a uma expressão apenas *aproximada*, ou talvez a um conceito análogo, como é o caso do conceito de radiação. A analogia com a radiação fornece aquilo de que Simmel precisa: uma imagem suficientemente simples e concisa para que, após intuirmos seu esquema, dela possamos nos servir como meio de orientação para a apreensão de um

---

63. Deixando, aqui, de lado as conotações negativas por vezes associadas à palavra “retórica”.

64. Assim, se o instinto *empurra*, a vontade propositiva *puxa*, como Simmel nos diz nas linhas finais do trecho com que topamos. O que Simmel faz mais exatamente é *estender* o vínculo já linguisticamente dado no caso da ação instintiva (já que no alemão se usa, para se referir àquilo o que, entre nós, chamamos de instinto, uma palavra cuja etimologia se liga a um verbo que designa a ação de empurrar – sendo que, por isso mesmo, “Trieb” é muitas vezes traduzido por impulso ou pulsão, ao invés de instinto) para o caso da ação propositiva.

65. Cf. **S.5.b.24**, em GSG, v. 11, pp. 415-6; os **grifos em negrito** são meus.

aspecto da realidade com cujos contornos não tínhamos, até então, familiaridade, ou melhor, que não estávamos ainda habituados a pensar. O “como que” – da mesma forma que o “por assim dizer” – é, nesses casos, muito importante, uma vez que permite evitar a confusão entre o instrumento de orientação e aquilo que realmente está sendo representado, ou seja, aquilo a que somos conduzidos, por esse meio, a conceber. Pois Simmel não se interessa pela radiação enquanto fenômeno, mas sim enquanto um meio para conferir inteligibilidade a um *outro* fenômeno, de natureza sociológica. Note-se como, nesse caso, o recurso aproximativo se dá por analogia, sendo uma coisa indissociável da outra: pois a aproximação se baseia imediatamente na semelhança entre como funciona a radiação e como funciona a personalidade individual (função que seria, por sua vez, amplificada ou potencializada pelo adorno, e que é o que confere ao adorno um sentido especificamente sociológico), sendo que dela depende de maneira radical.

Como a aproximação se baseia, nesses casos, numa analogia, considero justificada a opção de tomar tais recursos expressivos que indicam aproximação – i.e.: **gleichsam**, **sozusagen** e **gewissermaßen** – como sinais possíveis de identificação de uma analogia. Porém, para não inflar o índice com passagens em que o caráter de aproximação conteria uma analogia apenas bastante implícita (como é ilustrado no caso apresentado na segunda passagem), e para não incluir outras tantas em que sequer parece possível definir os termos de uma analogia sem sobreinterpretá-las (como o ilustra a primeira citação), elaborei um critério de controle, por meio do qual procurei selecionar uma “amostra” de passagens como essa, nas quais a relação entre analogia e aproximação fosse a mais clara possível. É desse critério negativo que trato em seguida.

II.2.1.2.1. Critério n1#P2

- **definição:** *não há analogia quando, apesar de P2, sozusagen, gleichsam ou gewissermaßen não se refiram ou (1) a um conceito científico, filosófico ou artístico que possa ser clara e inequivocamente identificado enquanto tal ou (2) a um instrumento físico*

A ideia por trás do presente critério é apenas limitar em seu escopo o anterior. A melhor maneira que encontrei para realizá-la foi me atendo aos casos em que as expressões de que acabamos de tratar se ligam mais diretamente a substantivos – seja de ordem abstrata, seja de ordem concreta⁶⁶. Isso porque a referência a um substantivo permite identificar mais facilmente os termos da comparação, de modo que, nesses casos, a relação entre aproximação e analogia se revela com maior evidência. É possível, claro, em inúmeros casos *chegar* aos termos de uma analogia por meio de inferências – sendo que foi isso que fiz, quando considerei a segunda das três passagens discutidas no item interior, extraindo dali a analogia

---

66. Para ser mais exato, trata-se ou de conceitos e noções referidas a um domínio específico do conhecimento (a grande maioria dos quais, agora sim, exprimidos por meio de substantivos abstratos) ou objetos concretos (exprimidos sempre por substantivos concretos).

entre fenômenos psíquicos e fenômenos físicos. Inferir dessa maneira o procedimento analógico – embora seja algo altamente recomendável durante a leitura do texto de Simmel – não me parece, contudo, uma boa estratégia tendo em vista a construção do índice, posto que ou exigiria uma justificação caso a caso, ou abriria caminho para maiores arbitrariedades.

Prosseguindo: conto aqui seja com substantivos de ordem abstrata, seja de ordem concreta, sendo estes bem mais raros que aqueles⁶⁷. Se enquadram no primeiro caso comparações que envolvam um conceito ou uma noção passível de ser referida a um domínio específico do conhecimento, seja este *científico, filosófico* ou *artístico*. A analogia com a radiação, comentada no item anterior, ilustra bem o que seria uma analogia referida a um conceito científico; outro exemplo é a analogia com a noção de força fictícia (**S.3.a.8**); mas também considere válidas referências a noções muito mais vagas e gerais, tais como a de curva (**P.3.a.3**). Como exemplos de analogia referidas a conceitos filosóficos, podemos pensar na aproximação com a noção de axioma (**P.2.a.9**), ou com a coisa-em-si kantiana (**P.5.c.31**). Já no domínio da arte, temos o exemplo do iambo (**S.4.a.35**), comentado na seção anterior, ou da tônica (**S.6.a.15**)⁶⁸. Já dentre os raros casos referidos a objetos concretos – no caso, um instrumento –, também contemplados por este critério, é possível citar a analogia com a cunha:

Na medida em que o dinheiro **como que** insere uma cunha entre as pessoas e as coisas, rompe, em primeiro lugar, as ligações benevolentes e de suporte, mas introduz com efeito aquela independência de um em relação ao outro, na qual cada um dos dois pode encontrar sua evolução plena, satisfatória, sem que a de um seja perturbada pela do outro.⁶⁹

Aqui, como de resto em inúmeras outras passagens, a analogia diz respeito ao modo como os termos da comparação funcionam: assim como uma cunha, o dinheiro se insere entre as pessoas e as coisas, de modo, de um lado, a romper os vínculos anteriores que ali se mantinham, mas, de outro, a se apresentar como uma nova forma de articulação entre elas. Aqui, como em virtualmente todos os demais casos do gênero, o que flagramos é uma tentativa de Simmel no sentido de formular algo que ele considerava importante (no exemplo em questão: um dos aspectos do dinheiro em que se revela uma conexão mais geral da existência humana, algo sem o que não seria possível uma filosofia do dinheiro como a dele); e, se esse tipo de tentativa é, por sua vez, importante tendo em vista os fins *deste* trabalho, é porque, como veremos já ao longo da primeira seção do próximo capítulo, nela podemos flagrar um dos momentos iniciais do processo de inovação conceitual em que a analogia participa de modo ativo e que, de resto, indica a própria atividade científica, ao menos do modo como Simmel a concebia, como que *im status nascens*.

---

67. Considerando aqui, claro está, apenas as analogias que atendam ao critério P2 – pois inúmeras das analogias identificadas pelos outros sinais já se referem a objetos concretos, como o dinheiro, a ponte, o barco, etc.

68. Como, ao longo deste capítulo, já topamos com dois desses exemplos (o da radiação no item II.2.1.2, anterior a este, e o do iambo, no item II.1.6.1.3.2), optei apenas em elencar mais alguns exemplos, sem, dessa vez, traduzi-los ou comentá-los.

69. **P.4.c.44**, em GSG, v. 6, p. 456; o **grifo em negrito** é meu.

***

Ao longo deste capítulo, tratei tanto das analogias feitas por Simmel, como do próprio procedimento analógico *abstraindo-os* de tudo mais que se pode encontrar no texto de Simmel – buscando, p. ex., indicar o mais claramente possível a diferença entre esse procedimento cognitivo em particular e outros, como a exemplificação e o dualismo, ou então classificando as analogias extraídas das duas obras de referência segundo uma série de tipos, analiticamente discerníveis uns dos outros. Essa abstração – essa retirada do contexto – precisa agora ser complementada com o passo no sentido da rearticulação da analogia à teoria social e à teoria do conhecimento de Simmel, sendo esse o movimento mais geral que informa os capítulos seguintes.

III. Funções do procedimento analógico nos planos da teoria social de Simmel

Criação sempre é, nesse sentido, apenas uma expressão a potiori; o que o criador quis e mesmo o que pôde obter sempre é apenas um elemento do efetivamente criado, e seu conteúdo objetivo só seria realmente entendido com a apreensão das possibilidades imponderáveis na direção das quais o que se criou, deixando para trás esse elemento, se desdobra (Georg Simmel)

O presente capítulo é dedicado a uma leitura das analogias que Simmel elaborou em sua *Soziologie*. Retomando a constelação de imagens mobilizadas no capítulo anterior, direi que a montagem do índice de analogias envolveu um primeiro passo no sentido de reanimar a matéria analógica morta à disposição no texto de Simmel. Para não deixar que esse primeiro passo se convertesse, como que precipitadamente, no último, procurei, naquele contexto, constranger ao máximo o elemento de interpretação a que, em última análise, ainda assim se resumia. O que se pretende fazer ao longo deste capítulo e do próximo é conduzir aquele passo até o seu final, esgotá-lo. Aqui, trata-se de considerar as analogias que Simmel efetivamente *fez* e que eu pude arrolar no índice enquanto vestígios que me permitam ter uma ideia, por vaga que seja, da analogia em Simmel como algo que ele *fazia* ao fazer sociologia – mais ou menos como o que faz, em relação ao registro fóssil, o paleontólogo interessado em ter uma ideia de como era a vida num mundo a que ele não pode mais ter acesso direto (ainda que as técnicas de que o paleontólogo dispõe para o seu trabalho sejam muito mais refinadas e precisas do que as de que disponho para o meu).

O trabalho de montagem do índice envolveu a tipificação das analogias de Simmel segundo uma série de funções – que na verdade nada mais é do que um esforço no sentido de organizar o material coletado, considerado necessário para conferir maior densidade à interpretação. Essa tipificação, por sua vez, forneceu o esquema básico sobre o qual se assenta a apresentação dos resultados de minha pesquisa; ou melhor: as diretrizes gerais que orientam e conferem sentido à exposição deste e do próximo capítulo. Assim, ao longo da seção inicial deste capítulo, apresento principalmente algumas das analogias tipificadas no capítulo anterior como epistemológicas; ao longo da segunda seção, trato dos diversos subtipos de analogias caracterizadas como sociológicas; ao longo da terceira, das que considere correspondentes ao tipo socialfilosófico; já as analogias tipificadas no índice como estéticas serão apresentadas e comentadas de maneira esparsa e pontual ao longo de todo o capítulo, pois não me pareceu adequado conceder, a essas analogias em particular, um lugar privilegiado como o concedido às

demais¹. Seja como for, a intenção básica em todos esses casos é apresentar tais analogias como elementos funcionais das diversas camadas que compõem a teoria social de Georg Simmel. Apenas para resumir o ponto e esboçar um quadro geral da matéria deste capítulo, direi que, na primeira seção, trata-se de apontar para as conexões entre o procedimento analógico e as condições de possibilidade da teoria social simmeliana; na segunda, do papel que as analogias desempenharam no momento da execução da teoria; e, na terceira, de sua função na articulação entre sua teoria social e outros ramos de sua cultura filosófica. Ou, para ser ainda mais sintético: de discutir a analogia como elemento (1) anterior e regulativo, (2) interior e constitutivo e (3) ulterior² e especulativo em relação à sua teoria social.

---

1. As analogias tipificadas como socialpsicológicas, que de todo o modo são poucas, não foram objeto de consideração especial ao longo deste capítulo – considero que o que os comentários contidos na caracterização do tipo capturam o que há, nelas, de mais importante.

2. Neste contexto, “ulterior” deve ser entendido na acepção que os dicionários usualmente registram por oposição a *citerior*, ou seja: “ulterior” tem o sentido específico de algo que está “do lado de lá”, e não de uma coisa que vem depois de outra.

III.1. Estudo sobre o pano de fundo analógico presente na tentativa de fundamentação da sociologia como ciência “exata”

O dogmatismo quer fundar a certeza do conhecimento sobre um critério como sobre uma rocha – mas sobre o que descansa a rocha? (Georg Simmel)

Georg Simmel pensou e repensou ao longo de boa parte de sua vida as questões em torno dos “fundamentos” da sociologia – o que diz respeito à circunstância de que seu período de maturidade intelectual coincidiu com o primeiro momento de institucionalização da sociologia no mundo acadêmico alemão. Muito do que Simmel disse e escreveu sobre o tema serviu de inspiração para ou prendeu o interesse de diversos sociólogos e filósofos sociais que vieram depois dele, de que são testemunhos os relatos de Robert Park¹ e de Horkheimer², ou mesmo a epígrafe da tese de doutoramento de E. Goffman³. De seus escritos explicitamente dedicados ao tema, o que temos hoje de mais importante são quatro textos publicados ao longo de um período de quase trinta anos, a saber: em 1890, 1894, 1908 e 1917. O primeiro deles é o capítulo inicial do livro de Simmel sobre a diferenciação social, intitulado “Introdução – Para uma epistemologia da ciência da sociedade”⁴; como notou D. Frisby, embora a posição de Simmel quanto à sociologia fosse a essa altura ainda ambivalente⁵, já podemos encontrar aí algumas das ideias que, mais tarde, seriam desenvolvidas na chave de uma tentativa de demarcação da sociologia enquanto ciência. Se, em 1890, tratava-se apenas de indicar o rumo *para* uma tal demarcação, apenas quatro anos mais tarde Simmel tentaria pela primeira vez levá-la a termo, em seu artigo “O Problema da Sociologia”⁶. Esse breve artigo serviria de base para o primeiro capítulo de sua *Soziologie*, de todos os quatro o mais extenso, e que somente seria publicado em 1908⁷. Uma última versão de seu programa apareceria no ano

---

1. Park, que assistiu às aulas de Simmel sobre sociologia em Berlim, teria afirmado o seguinte: “it was from Simmel that I finally gained a fundamental point of view for the study of the newspaper and society” (segundo Paul J. Baker, *apud* LEVINE, D., CARTER, E. & GORMAN, E. M., 1976, “Simmel’s Influence on American Sociology I”, *American Journal of Sociology*, vol. 81, no. 4, pp. 813-845; a citação encontra-se na p. 816).

2. Que, em meados da década de 1950, ao saber que Donald Levine estava estudando Simmel, teria lhe dito: “Ach ja! Simmel ist der einzige Soziologe, den man heute noch lesen kann”, algo como: “Simmel é o único sociólogo que se pode ler ainda hoje”. Cf. LEVINE, D., 1989, “Simmel as a Resource for Sociological Metatheory”, em *Sociological Theory*, vol. 7, no. 2 (Autumn), pp. 161-174; a citação foi extraída da p. 161.

3. Cf. GOFFMAN, E., 1953, *Communication Conduct in an Island Community*, p. iv (não publicada). Devo a notícia da tese de Goffman aos comentários de F. Vandenberghe, em: VANDENBERGHE, 2005, *As Sociologias de Georg Simmel*, pp. 89-90. A passagem epigrafada por Goffman – por sinal bastante famosa – será objeto da presente investigação, pois contém uma importante analogia de método entre a biologia e a sociologia.

4. “Einleitung – Zur Erkenntnistheorie der Socialwissenschaft”, disponível em GSG, v. 2, pp. 115-38.

5. Frisby chama a atenção para o subtítulo do livro: “Investigações sociológicas e psicológicas” (cf. “The Foundation of Sociology”, em FRISBY, D. (ed.), 2004, *Georg Simmel: critical assessments*, v. 1, p. 330; grifo meu). Já no primeiro capítulo da *Soziologie*, o que vemos é todo um largo parágrafo dedicado ao esclarecimento das *diferenças* entre sociologia e psicologia (cf. GSG, v. 11, pp. 35-9).

6. “Das Problem der Soziologie”, em GSG, v. 5, pp. 52-61.

7. Mantendo, inclusive, o mesmo título. Cf. “Das Problem der Soziologie”, em GSG, v. 6, pp. 13-62. Frisby chama a atenção para o fato de que até 1898, Simmel sempre introduzia seus ensaios ou artigos sociológicos fazendo algum comentário a propósito da natureza da sociologia e de suas tarefas, o que nos permitiria concluir que, a partir daí, Simmel, “no mínimo, já não sentia mais a necessidade de defender a sociologia como disciplina independente toda a vez que escrevia sobre temas sociológicos”. Seguindo

de 1917, quando seu interesse pela disciplina já não era mais o mesmo; tratava-se, também nesse caso, de um capítulo introdutório, bastante decalcado dos anteriores, mas agora intitulado: “o domínio da sociologia”⁸. Ao longo da presente seção, investigarei sobretudo as analogias que Simmel formulou no texto de 1908⁹, sendo que meu objetivo aqui é somente chamar a atenção para o que há de especificamente analógico no tratamento que Simmel deu às questões relativas aos “fundamentos” da sociologia.

O caminho a ser percorrido é consideravelmente longo e, por conta disso, convém mapeá-lo antes de prosseguirmos. Num primeiro momento, discorrerei sobre a importância do recurso à analogia na propedêutica científica em geral, inspirado em um comentário de Simmel sobre o problema – comentário esse que se encontra numa das notas do rodapé do primeiro capítulo da *Soziologie*. Após fornecer um primeiro enquadramento para as questões suscitadas por esse comentário, irei me deter sobre as duas analogias de método que têm um papel de maior destaque no primeiro capítulo do livro: as analogias com a geometria e com a biologia¹⁰. Minha estratégia expositiva consistirá, então, em tentar mostrar como, e em que medida, tais analogias se ligam à concepção científica de sociologia defendida por Simmel¹¹. Para tanto, indicarei como essas duas analogias de método podem ser compreendidas como “produtos” da combinação de três analogias de ordem mais fundamental que, por sua vez, estariam na base da concepção de ciência a que Simmel buscava fazer aderir sua sociologia. A analogia de método entre sociologia e geometria será apresentada e interpretada em primeiro lugar. Tomarei, apenas como fio condutor da exposição, a crítica de um aluno de Simmel, H. Freyer, à sua sociologia, por essa crítica se deter justamente em tais analogias geométricas. Tentarei mostrar que a leitura de Freyer é equivocada nesse ponto, propondo, é claro, uma interpretação alternativa, em que buscarei enfatizar o contexto que confere sentido a essa analogia de método. Em seguida, irei me deter sobre a analogia de método com a biologia, agora tomando como fio condutor as diversas mudanças pelas quais passou a analogia entre o objeto da sociologia e o da biologia ao longo do percurso intelectual de Simmel – ainda que mantendo

---

essa linha, podemos dizer que, em 1908, “o problema da sociologia” estava minimamente resolvido aos olhos de Simmel; o que, como também destaca Frisby, de modo algum implica que se pudesse considerar tal “resolução” algo definitivo (cf. FRISBY, 1992, *Sociological Impressionism*, pp. 54-5).

8. “Das Gebiet der Soziologie”, em GSG, v. 16, pp. 62-87. Cf. ainda a versão em português: SIMMEL, 2006, “O âmbito da sociologia”, em *Questões Fundamentais da Sociologia*, pp. 7-38.

9. Procurando, de qualquer modo, indicar algumas das diferenças relevantes entre esse texto e os outros três. É claro que, devido ao escopo deste trabalho, a “relevância” em questão diz respeito apenas ao recurso à analogia.

10. Tipificadas como “epistemológicas” no índice das analogias da *Soziologie*.

11. É preciso adiantar, desde já, que, ao longo desta seção, irei me esforçar em “levar a sério” a tentativa, declarada por Simmel, em lançar as bases de uma sociologia *enquanto ciência* – o que passa por uma reconstrução da concepção de ciência que informava tal empreitada. De um lado, é preciso advertir que a relação de Simmel com a ciência em geral e com a sociologia em particular não é de modo algum simples ou bem resolvida, como observaram diversos comentadores (cf. p. ex. WAIZBORT, 2000, *As Aventuras de Georg Simmel*, p. 530, em que essa relação é tratada em termos de uma tensão que “perpassa os dois livros de sociologia de ponta a ponta”); tais complicações, de todo o modo, só serão trazidas à tona a certa altura desta apresentação. De outro lado, é preciso ainda que fique claro que deixo ao juízo do leitor a questão da qualidade da concepção de ciência que Simmel buscou aplicar à sociologia. Tenho, é verdade, uma opinião formada a respeito, e tratarei de explicitá-la ao longo deste capítulo, no momento que considero conveniente (nesta seção, o ponto é adiantado na nota 79), mas é preciso advertir que um juízo responsável exigiria, da minha parte, um conhecimento muito mais abrangente sobre os problemas mais gerais da filosofia da ciência do que o que atualmente disponho.

como principal referência suas diversas manifestações ao longo dos quatro textos em que o autor se dedicou mais explícita e detidamente à discussão dos fundamentos da sociologia¹². Também nesse caso, a estratégia consistirá em remeter a analogia de método a certo contexto, só que diferente daquele que conferia sentido às analogias geométricas. Cada um desses dois contextos será, como veremos, referido a uma série específica de problemas fundamentais da sociologia que Simmel teve de enfrentar em sua tentativa de torná-la ciência, sendo que as duas analogias de método em questão serão, a essa altura, concebidas como pontos privilegiados de acesso para o tratamento de tais problemas. Com isso, estarei em condições de concluir o texto apontando mais claramente para as conexões entre tais analogias de método e a concepção mais geral de ciência a que Simmel buscou fazer aderir sua sociologia e que, por sua vez, confere sentido ao “método” por ele empregado em suas investigações sobre as formas de socialização¹³.

Ao fazer uma leitura do primeiro capítulo da *Soziologie* dirigida de modo a conferir destaque ao que há, ali, de especificamente analógico, o que salta à vista é que estamos diante de um texto *especialmente denso* em analogias – não só porque nos deparamos com uma elevada quantidade delas¹⁴, como, além disso, porque boa parte dessas analogias é formulada com bastante rigor formal¹⁵. Até mesmo o excursus que se encontra inserido nesse capítulo é formulado, e de um modo muito claro, como analogia: Simmel coloca, para a sociedade, a pergunta que Kant havia colocado para a natureza. Mas é claro: recorrer à analogia para buscar pelos fundamentos de uma nova forma de conhecimento, de uma nova ciência – esse de modo algum é uma invenção de Simmel, sendo inclusive um expediente bastante trivial. Essa é uma situação que não pode ser simplesmente ignorada. Mesmo no âmbito bastante restrito da sociologia à época de sua institucionalização na Europa, poderíamos listar inúmeros exemplos de recurso à analogia como propedêutica científica, dentre os quais alguns dos mais sugestivos se encontram na obra de

---

12. Sendo que a formulação da analogia de método entre sociologia e biologia assim como a encontramos no texto de 1908 será tomada como ponto de chegada de tais modificações (já que, em relação ao texto de 1917, não há mudanças significativas, ao menos no que diz respeito à função da analogia biológica).

13. Nesta seção, não tratarei dos problemas oriundos da operacionalização do método (o que será deixado para a seção seguinte), mas apenas daqueles situados no plano da explicitação metodológica.

14. A análise dos dados produzidos ao longo da construção do índice das analogias da *Soziologie* fornece uma boa ilustração do ponto: trata-se do capítulo com o maior número de analogias por página do livro, como mostra o Gráfico 11, no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”. A contagem das ocorrências isoladas de palavras construídas a partir do radical *analog-* (i.e.: dos substantivos “Analogie” e “Analogon”, bem como de suas variantes adverbial e adjetiva, que coincidem no termo “analog”) ao longo do texto também indica um cenário parecido: o primeiro capítulo é o que contém o maior número de ocorrências no livro, dez, apesar de ser o segundo capítulo mais breve, quando se leva em conta o número de páginas! Deve-se, é claro, ter em mente que os dados por mim levantados não possuem qualquer caráter de “prova”: sirvo-me deles apenas como recurso para *ilustrar* o problema. Para mais detalhes sobre esse último dado, cf. sobretudo o “indicador de explicitação da analogia” presente na Tabela 7 e explanado na “nota explicativa” – sendo que ambas se encontram no apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”.

15. De modo que estamos, nesse capítulo, diante de analogias especialmente *evidentes* – quero dizer: difíceis de não reconhecer enquanto analogias. A análise dos dados gerados pela coleta também fornece uma ilustração disso: o primeiro capítulo é, de todos os capítulos da *Soziologie*, aquele que detém o coeficiente de inequivocidade mais elevado: 0,896, quando a média é 0,776 (cf. o apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”, bem como a nota explicativa referente ao coeficiente em questão). Outro modo de apresentar essa mesma intuição é o seguinte: no primeiro capítulo, 86,1% das analogias foram identificadas graças seja a uma referência explícita à analogia, seja ao “wie” (i.e.: graça aos sinais que identificam mais claramente o procedimento analógico, nos termos do que foi discutido no capítulo anterior), ao passo que a média do livro é 64,9%.

Durkheim¹⁶. Com efeito, parece mesmo haver certa afinidade entre a analogia em geral e o estágio inicial da formação de novas formas de cognição – o que se relaciona com o potencial heurístico da analogia, de que já tratamos. Quando considerada dessa perspectiva, a analogia é em geral apenas um elemento de um conjunto mais amplo de estratégias “indiretas” de cognição, assim como a metáfora, o modelo ou a narrativa. Tais estratégias são particularmente úteis (para alguns autores, até mesmo necessárias) na fase inicial da formação de um novo domínio científico, na medida em que funcionam como meios de orientação para o pensamento diante de um problema ainda em grande parte desconhecido. Uma vez que não podemos contar, nesse primeiro momento, com conceitos bem definidos para apreender nosso objeto, colocamos, no lugar “reservado” a esses conceitos, expressões em sentido figurado. Assim que combinadas com o material empírico que temos à disposição, tais expressões permitem a criação de um primeiro esboço de teoria, que tende a ser, com o avanço das pesquisas e com a interação cada vez maior entre teoria e experiência, progressivamente refinado ou depurado. O que exatamente significa esse refinamento é objeto de disputa no âmbito da filosofia da ciência: de um lado, é possível concebê-lo como uma substituição progressiva da linguagem figurada por uma linguagem mais exata, i.e.: por conceitos mais bem definidos e apropriados a seu objeto¹⁷. De outro lado, é possível conceber a linguagem metafórica como o “pano de fundo” da linguagem científica, i.e.: como elemento paradigmático e funcional que não pode realmente ser erradicado da linguagem da ciência (ainda que esta tampouco se deixe reduzir inteiramente àquele). Para fins de referência, proponho designar a primeira perspectiva como abordagem *ornamental* do papel exercido pelas expressões empregadas em sentido figurado no âmbito do discurso científico; e a segunda, como abordagem *funcional*¹⁸. Vejamos o que Simmel, no primeiro capítulo de sua *Soziologie*, chegou a escrever sobre o assunto:

A introdução de um novo modo de observação dos fatos precisa apoiar os diversos aspectos de seu método em analogias com domínios já reconhecidos, mas somente o processo (talvez interminável) em que o princípio define como proceder na pesquisa concreta e esse procedimento, por sua vez, confere, na medida em que se revela frutífero, legitimidade ao princípio – enfim, somente esse processo é capaz de depurar tais analogias, descobrindo, então, a igualdade formal que, no momento inicial, se

---

16. Irei me servir aqui de Durkheim exclusivamente para pôr Simmel em perspectiva. Durkheim é um ótimo exemplo por várias razões: sua obra é bem conhecida entre os sociólogos (o que é importante em comparações como esta); ele procurou traçar os limites da sociologia na mesma época de Simmel; e, finalmente, seu estilo era ele mesmo bastante metafórico, como, por sinal, destacou um de seus mais importantes comentadores, S. Lukes (cf. LUKES, 1984, *Émile Durkheim – Su vida e su obra*, p. 35).

17. O que conduziria, *no limite*, à visão de que a linguagem científica, para se estabelecer, precisa *negar* a linguagem figurada. Assim, metáforas, analogias e formas figuradas de cognição em geral seriam, no que tem de essencial, como ornamentos, afetações de estilo que se deve, para fazer ciência, evitar; ou então, quando muito, funcionam como andaimes: ainda que precisemos delas enquanto o edifício da ciência está sendo levantado, uma vez que estiver acabado, tornar-se-ão supérfluas, devendo, pois, ser postas de lado. Num caso, como no outro, são tidas por descartáveis: ainda que, no segundo caso, só o sejam num certo estágio de desenvolvimento da ciência (aquele “realmente” científico).

18. É preciso notar que a presente distinção só assume as feições de uma contradição caso as consideremos em termos absolutos. No caso de Simmel, podemos pinçar passagens do seu texto que ora parecem mais adequadas à primeira abordagem, ora à segunda – o que se explica considerando que Simmel simplesmente não dispunha de tal distinção. Esta foi, por sua vez, adaptada a partir de duas matrizes: de um lado, nos escritos de Max Black sobre a metáfora e, de outro, nos de Hans Blumenberg, este último um leitor de Simmel – sendo que importante notar que se trata de dois autores formados em tradições bem distintas (cf. BLACK, “Metaphor”, 1955; e BLUMENBERG, *Paradigmen zu einer Metaphorologie*, 1999). No contexto deste trabalho, tal distinção nada mais é que uma ferramenta de análise, que me interessa na medida que me permite enfatizar o que considero necessário enfatizar para levar a cabo minha interpretação do assunto.

escondia sob a diversidade das matérias. Esse processo subtrai a tais analogias seu caráter equívoco somente na medida em que as torna supérfluas.¹⁹

Estamos aí diante de uma nota de rodapé. Simmel se serve dessa nota para comentar o estatuto epistêmico de suas analogias, logo após estabelecer uma entre o método sociológico e certa forma de arte: o teatro²⁰. Tomando por base o que se encontra aí exposto, é inegável que Simmel pareça flertar com a abordagem ornamental do papel das expressões de sentido figurado na ciência, ainda que seja possível garimpar aí um “talvez” que, como veremos, não é despropositado²¹. Mas esse não é assunto para agora. O que nos interessa a esta altura é que, no contexto da propedêutica sociológica, o recurso à analogia de método com outras ciências, tais como a mecânica ou a biologia, era algo bastante trivial e de um modo geral bem aceito no mundo intelectual de então, inclusive entre autores “positivistas” como Comte e Spencer²². Podemos notar, além disso, que o comentário de Simmel não distoa tanto do que Durkheim uma vez escreveu sobre o assunto, ao tratar justamente do recurso às analogias biológicas²³:

Apesar de a analogia não ser um método de demonstração propriamente dito, é contudo um modo de ilustração e de verificação secundária que pode ter sua utilidade. [...] Em suma, a analogia é uma forma legítima de comparação, e a comparação é o único meio prático de que dispomos para tornar as coisas inteligíveis. O erro dos sociólogos biologistas não é, pois, de tê-la empregado, mas de tê-la empregado mal. Eles não quiseram apenas controlar as leis da sociologia pelas da biologia, mas inferir aquelas destas últimas. Ora, tais inferências não têm valor; isso porque, se as leis da vida são encontradas na sociedade, aqui se apresentam sob novas formas e com características específicas que a analogia não permite conjecturar e a que não podemos chegar senão pela observação direta.²⁴

---

19. GSG, v. 11, p. 39.

20. Cf. **S.1.a.18**, disponível em GSG, v. 11, pp. 38-9. É digno de menção que, logo após sua analogia com o teatro, Simmel tenha se achado no dever de abrir uma nota de rodapé (o que fazia apenas raramente) em que apresentava os limites do procedimento a que havia acabado de recorrer, e para isso lançando mão de uma abordagem bastante “rigorosa”. É como se ele, com isso, buscasse compensar pela aparente falta de rigor afinal de contas já contida na comparação entre uma forma de conhecimento com pretensões de cientificidade e uma forma de arte. É possível que Simmel (sendo esta, contudo, apenas uma conjectura, ainda que uma conjectura informada pela coleta de suas analogias e coerente com o que será aqui exposto) tenha, em sua *Soziologie*, se esforçado em evitar algumas analogias menos “exatas”, sobretudo aquelas que têm como referência analógica formas de arte em geral, dando preferência às analogias mais “rigorosas”, tais como com a geometria e com a biologia, as quais investigaremos com cuidado mais adiante. Sintomaticamente, a analogia com a arte está bem mais presente (exercendo também um papel de maior destaque, sobretudo no plano da explicitação do método) na *Philosophie des Geldes* que na *Soziologie*. Pode-se dizer algo parecido quanto às analogias com a religião, que fornece modelos cognitivos tão pouco adequados à ciência como a arte.

21. E que se revelará mais significativo assim que o ligarmos a outros talvez de Simmel.

22. Cf. NUNES, 2005, *As Metáforas nas Ciências Sociais*, pp. 123-205. J. H. Nunes faz um levantamento bastante aprofundado das diversas recepções das metáforas mecânicas e biológicas nas ciências sociais, passando por Comte e Spencer; mas não só: investiga ainda as metáforas da linguagem, as cênicas e as do jogo, passando não apenas pelos clássicos, como também por autores mais contemporâneos (como Luhmann e Goffman), e isso de modo a enquadrar tais metáforas num esquema bastante refinado de reconstrução metodológica, no mérito do qual, porém, não poderei entrar. O livro de Nunes é referência importante para este trabalho, mas, como operamos com uma linguagem e um enfoque bastante diferentes e como, devido a isso, um diálogo mais direto e crítico exigiria toda uma reconstrução do argumento do autor, parece-me mais recomendável manter a referência num plano mais superficial.

23. E sobretudo se perdemos de vista que ele (i.e.: o comentário de Simmel) se liga a uma analogia com o teatro, e imaginarmos que os “domínios já reconhecidos” a que Simmel se refere sejam apenas domínios científicos.

24. DURKHEIM, 1970, *Sociologia e Filosofia*, p. 13. A passagem foi cotejada com o original (DURKHEIM, E., 1924, *Sociologie et Philosophie*) e modificada. Essas são as passagens introdutórias de “Representações individuais e representações coletivas”. A essa altura do texto, Durkheim trata ambas as formas de representação como *análogas*, afirmando que elas mantêm a mesma relação com seu respectivo substrato – o que, longe de implicar a redução de uma à outra, implica a independência relativa dos

Se a posição de Durkheim aqui é semelhante àquela tomada por Simmel no trecho da *Soziologie* com que acabamos de topar, é sobretudo no sentido de que, embora ambos “concedam terreno” à analogia, admitindo que se faça dela algum uso, visam estabelecer claramente os limites desse uso, para que não extrapole o rigor do método científico. A analogia é, aqui como ali, algo que deve ser depurado; não se presta à demonstração, mas serve para ilustrar ou para verificar algo a que também podemos (ou poderemos, eventualmente) ter acesso por outra via – caso contrário não seria um modo de verificação *secundária*. Pensada nessa chave, a analogia em geral é tomada inequivocamente como forma indireta de cognição: o que Durkheim nos informa na medida em que a opõe à observação direta e Simmel, à pesquisa concreta²⁵. Enquanto tais, parecem existir apenas para serem superadas por formas mais *diretas* e *exatas* de conhecimento, tais como o conceito científico bem formulado, mais explicitamente assimilável por uma teoria sistemática. Poderíamos então supor que assim como Durkheim pôde perfeitamente recorrer ao emprego figurado de conceitos extraídos de outros domínios do conhecimento para ilustrar ou descrever tal ou qual fenômeno sociológico²⁶, satisfeita a condição de que sua sociologia fosse capaz de se sustentar de maneira autônoma, i.e.: sem perder de vista o caráter *secundário* de tal procedimento²⁷ – assim também no caso de Simmel. Afinal, como veremos, é inteiramente correto afirmar que Simmel, ao estabelecer, p. ex., toda uma série de analogias entre geometria e sociologia, de modo algum reduziu a pergunta fundamental desta àquela. Juntando essa suposição à constatação inicial de que o texto de Simmel sobre os problemas fundamentais da sociologia é especialmente repleto de analogias as mais variadas, poderíamos concluir que, no que diz respeito ao recurso à analogia, a diferença entre Simmel e os sociólogos que vieram depois dele haveria de ser meramente quantitativa, de modo que se explicaria, enfim, pela circunstância de que, em seu caso, como a sociologia *ainda* não dispunha de recursos próprios, não lhe restava outra opção senão a de recorrer a expressões em sentido

---

análogos quanto a suas respectivas matérias (cf. DURKHEIM, 1970, p. 14). Enfim: a mesma concepção de analogia encontrada já em Aristóteles e mais tarde avaliada por Kant.

25. No caso de Simmel, essa oposição assume, ainda que de maneira apenas aproximada, as feições de um processo de reforço mútuo entre teoria e experiência, que conduziria de um estado de maior indeterminação para um estado de maior determinação do conhecimento científico. Ao longo desse processo, conforme a nota de Simmel, as analogias, a princípio necessárias, iriam se tornando cada vez mais supérfluas: o que, contanto que façamos vistas grossas para o “talvez” de Simmel, parece em estar em perfeita sintonia com a abordagem ornamental do papel das expressões em sentido figurado na linguagem científica.

26. Tais como os conceitos ou noções de patologia, espécie, síntese criativa, representação, forças, correntes, etc. – que de modo algum implicariam que a sociologia pudesse, quanto a sua matéria, ser derivada seja da biologia, seja da química, seja da termodinâmica. A esse respeito, Lukes chama a atenção para um predomínio da linguagem metafórica marcada pela analogia orgânica em *De la division du travail social*, e por um crescente interesse em analogias com a termodinâmica e com a eletricidade em suas obras posteriores (cf. LUKES, 1984, pp. 35-7).

27. Condição essa que Lukes, ao menos quando aborda explicitamente o tema, parece converter em uma diretriz para a leitura de Durkheim: o recurso à linguagem metafórica tenderia a trai-lo, “levando-o a representar de maneira equivocada suas próprias ideias, e desorientando ele mesmo e seus leitores quanto ao significado destas”; mais adiante, Lukes volta a caracterizar o recurso como “uma forma claramente inapropriada de expressar o que ele tinha a dizer” (LUKES, 1984, p. 35 e p. 37, nessa ordem; grifos meus). O que podemos inferir daí é que nós, como leitores, não devemos nos ater às metáforas e analogias de Durkheim; e, por analogia, poderíamos a princípio concluir o mesmo de Simmel – o que nos conduziria imediatamente à abordagem ornamental metáfora, segundo a qual as expressões em sentido figurado tendem, em ciência, a ser superadas por expressões mais apropriadas. Como este não é o lugar de determinar a posição tomada por Durkheim (mas sim a tomada por Simmel), convém apresentar uma leitura que o situa na posição oposta: TAKLA, T. & POPE, W., 1985, “The force imagery in Durkheim”, em *Sociological Theory*, vol. 3, no. 1, pp. 74-88. Os autores desse artigo recorrem, por sinal, às formulações de Max Black. Seja como for, irei (para os meus fins) privilegiar a leitura de Lukes.

figurado²⁸. Essa conclusão, a que chegamos empregando um método comparativo (e que é, de resto, coerente com a nota de rodapé em que Simmel comentou o sentido de suas analogias de método), não é de todo equivocada. Acredito que ela forneça um bom modo de acomodar a constatação, que de outra forma teria de ser tratada como fruto do acaso, de que o capítulo mais denso em analogias da *Soziologie* seja o primeiro, exatamente aquele em que Simmel visa uma formalização da sociologia enquanto ciência especializada ou exata. Mas, ainda que essa comparação seja útil para tornar ao menos essa constatação inteligível, na medida em que a remete a um contexto mais abrangente, está longe de esgotar a questão. Com isso, após considerar que as analogias metódicas de Simmel são, em um certo sentido, como as de Durkheim, devemos agora questionar se, no caso que nos interessa, o procedimento analógico realmente é, como tudo o que foi dito até aqui nos levaria a crer, *apenas* um meio para um fim que lhe é exterior, uma base provisória que estaríamos em condições de descartar assim que estivéssemos com os dois pés sobre a base definitiva da sociologia, como na famosa imagem da escada que Wittgenstein havia emprestado de Schopenhauer, ou como no esquema cartesiano da moral em seu *Discurso do Método*²⁹. Devemos pois, a esta altura, investigar o ponto a partir da “observação direta” das analogias de Simmel, de uma leitura das analogias que ele construiu, o que fornecerá a ocasião para reconstruirmos o contexto argumentativo mais geral em que achamos a referida nota de rodapé a propósito do estatuto epistêmico

---

28. Sendo que a conclusão que Lukes tira a respeito, no caso de Durkheim, vai mais ou menos por esse caminho: toda aquela linguagem metafórica de Durkheim seria uma arma por ele “utilizada em sua batalha para obter o reconhecimento do estatuto de ciência para a sociologia” (LUKES, 1984, p. 37). No caso de Simmel, uma conclusão do gênero havia já sido tirada no que concerne à analogia entre forma e conteúdo. Segundo F. Tenbruck, Simmel recorre à analogia (nesse caso específico, pelo menos) porque não dispõe de uma teoria sistemática das formas. Portanto, essa não seria uma falta de Simmel, mas a falta antes decorreria do desenvolvimento incipiente da sociologia enquanto ciência (cf. “Formal Sociology”, em FRISBY, 1994, *Georg Simmel: critical assessments*, v. 1, p. 349).

29. Se, de fato, esse é ou não é o caso de Durkheim – essa é uma questão que não pode aqui ser respondida. Parece-me fora de dúvidas que a leitura de Lukes conduziria a uma abordagem semelhante, mas, como mostrei, há leituras divergentes nesse ponto, e não estou em condições de julgar qual é a mais correta. Seja como for, não devemos perder de vista que, aqui, Durkheim só nos interessa na medida em que permite colocar Simmel em perspectiva. Levando isso em conta, parece-me (e só estaria em condições de afirmá-lo com maior convicção caso dispusesse de um estudo detido das analogias de Durkheim, o que está fora do escopo deste trabalho) que as analogias de Simmel sejam mais *variadas* que as de Durkheim, pelo menos na medida em que envolvam comparações com domínios não-científicos de conhecimento, como a arte. Caso essa constatação não seja apenas expressão de uma leitura enviesada de minha parte, eu tenderia a dizer que ela não só se liga às diferenças de formação entre Durkheim e Simmel (o que é apenas óbvio), como ainda que é uma característica funcional imprescindível para quem, como Simmel, costuma coordenar analogias diferentes de modo que umas “compensem”, ao menos parcialmente, as deficiências das outras (sendo esse, grosso modo, o caso do jogo entre analogias geométricas e biológicas presentes no primeiro capítulo da *Soziologie*, que estudaremos em detalhe nesta seção); não me parece haver qualquer coisa do gênero no uso que Durkheim faz da analogia. Finalmente, o procedimento analógico parece se acomodar melhor no “método” de Simmel que no de Durkheim. A impressão que tenho é a de que o projeto sociológico de Durkheim pode ser, na prática, replicado sem que seja *necessário* recorrer à analogia com outras formas de conhecimento: podemos realizar um estudo *como* o estudo sobre o suicídio sem precisarmos recorrer à linguagem analógica que Durkheim ali emprega. Nesse caso, a afirmação de que a linguagem analógica é ornamental (no sentido acima exposto) seria correta num sentido bastante prático. Mas no caso de Simmel, em que o próprio termo “método” exige aspas, a situação é completamente diferente: como H. Freyer havia notado, “a análise sociológica formal está completamente ligada àqueles pressupostos científico-pessoais que Simmel tinha em mais alta consideração” (FREYER, 1944, *La Sociologia – Ciencia dede la Realidade*, p. 76). O “método” de Simmel não pode ser replicado da mesma forma que o de Durkheim, e portanto não é um método no sentido estrito da palavra – o que certamente tem a ver com a dificuldade que Simmel teve em formar uma “escola” e a subsequente necessidade de *realizar ele mesmo* a sociologia que ele havia projetado (dificuldade que ele reconhece em algumas de suas correspondências; cf. p. ex. a carta de Simmel a G. Jellinek, datada de 15/07/1898, em GSG, v. 22, p. 297-9, e parcialmente traduzida em WAIZBORT, 2000, p. 529). Dentre os pressupostos a que se refere Freyer, é possível destacar uma maior valorização do elemento provisório presente na concepção simmeliana de ciência – ponto em que também parece divergir de Durkheim, e que confere ao emprego da analogia, no caso de Simmel, uma tonalidade particular, como veremos ao longo desta seção.

de tais analogias.

O título do primeiro capítulo da *Soziologie* é “O problema da sociologia”. Tendo em vista que a sociologia então aspirava a tornar-se ciência, não é de se estranhar que Simmel tenha, desde pelo menos 1894, concebido o seu problema como um problema de “jurisdição”. O que faltava à sociologia era encontrar seu espaço legítimo de atuação: daí que a tarefa que consiste em lançar as bases dessa nova ciência precise passar por uma determinação de seu lugar em relação às demais formas de conhecimento. O problema da sociologia já é discutido nesses termos, e isso de modo suficientemente claro, no artigo de 1894³⁰. Uma das maneiras de ler esse breve texto é tomá-lo como uma série quase ininterrupta de comparações entre o domínio (possível) da sociologia e os domínios (já bem estabelecidos) das demais formas de conhecimento. Mais exatamente, o que Simmel parece fazer é ora mostrar qual a *diferença* entre a sociologia possível e esta ou aquela ciência, ora qual a *semelhança* entre uma e outra – para, com isso, como que marcar a posição particular da sociologia entre elas³¹. Vamos dizer que, no primeiro caso,

---

30. Sendo que já no texto de 1890 encontramos algumas indicações nesse sentido. Assim, p. ex., já lemos ali que o “problema” da sociologia não consistia em encontrar um “material” que lhe fosse próprio; ao invés disso, a sociologia se ocuparia em *conferir uma nova forma* ao material “pré-fabricado” por outras ciências do espírito, como a história, a antropologia, a estatística, a psicologia (cf. GSG, v. 2, pp. 116-7). Embora a passagem revele uma grande afinidade com a proposta que Simmel viria a desenvolver alguns anos depois (a saber: a de que a sociologia deveria ser a ciência das formas de socialização enquanto tais), é notável como, a essa altura, o “problema” da sociologia ainda não parece suficientemente definido: justamente porque Simmel não havia ainda elaborado de modo claro o bastante a distinção propedêutica entre a forma e o conteúdo da socialização (sendo que o conceito de “socialização” propriamente dito, i.e.: *Vergesellschaftung*, sequer aparece no texto de 1890, ainda que aquilo que o conceito viria a designar já possa ser detectado em algumas das formulações de Simmel), que apareceria apenas no texto de 1894 (cf. GSG, v. 5, pp. 54-55). Só então Simmel estaria munido de um enquadramento mais preciso para as questões apenas suscitadas no texto de 1890 (compare-se, p. ex., a referida passagem do texto sobre a diferenciação social com GSG, v. 11, pp. 22-23).

31. Vejamos como. O texto é composto por sete parágrafos, sendo que em todos, a partir do segundo, Simmel elabora algum tipo de comparação entre a sociologia e outros domínios do conhecimento (tomo como referência a versão disponível em GSG, v. 5; sendo que todas as referências à página presentes nesta nota se reportam a essa edição). É possível classificar tais comparações em três grupos diferentes: comparações de caráter negativo ou desanalogias; comparações ou analogias de método; e comparações ou analogias de ordem epistêmica, que se diferenciam das do grupo anterior por estarem situadas num maior nível de generalidade – o que ficará mais claro ao longo desta nota de rodapé. No segundo parágrafo, Simmel elabora duas comparações “negativas”: uma com a filosofia (pp. 52-3), outra com o método indutivo (p. 53). Em ambos os casos, trata-se de relacionar certo domínio (como a filosofia) ou forma de proceder do conhecimento (como a indução) a uma certa concepção de sociologia que Simmel, por considerar não-científica, buscará descartar: daí o caráter “negativo” da comparação. Nesse caso, a filosofia e a indução seriam análogas a essa sociologia não-científica e genérica, mas desanálogas quando se tem em vista a concepção de sociologia que ele propunha. (Parte da comparação com a filosofia é comentada na passagem que se liga à nota 75 desta seção.) No terceiro parágrafo, Simmel estabelece uma analogia ou comparação de método entre a sociologia e a psicologia (pp. 54-5). Essa analogia funciona ilustrando o caminho que a sociologia deve percorrer para se tornar uma ciência – caminho esse já supostamente traçado pela psicologia. Ao longo do terceiro parágrafo, Simmel havia mostrado como a psicologia havia conseguido se encontrar enquanto ciência operando uma distinção entre a “matéria” psicológica e o que há de “especificamente psíquico” (p. 54); essa distinção é aplicada à sociologia no parágrafo quarto, que é o parágrafo central do texto, só que, agora, sob a rubrica da distinção entre o *material* e a *forma* da socialização. A analogia em questão (que consiste na separação entre forma e conteúdo) é mais “elementar” que a anterior, pois, ainda que não deixe de ser uma analogia cuja finalidade é esclarecer o método sociológico, não mais se refere a um domínio *específico* da ciência, como é o caso da psicologia. Trata-se, ao invés disso, de uma analogia *com o método científico em geral*, em relação a qual a analogia com a psicologia é apenas um caso particular. É ela que permite a Simmel, por assim dizer, inscrever a sociologia na série ou no mundo ou no sistema das ciências, i.e.: determinar o seu lugar *entre* as demais ciências como semelhante ao lado de semelhante – de modo que, apenas para marcar essa diferença, convém tratá-la, aqui, como uma analogia de ordem epistêmica, em relação à qual as analogias de método podem ser concebidas como derivações específicas. Ao quarto parágrafo ainda se liga uma nota de rodapé em que Simmel estabelece outra comparação negativa entre, de um lado, a pesquisa sociológica e, de outro, aquelas investigações nos âmbitos da etnologia e da pré-história – comparação essa pautada por uma analogia bastante sugestiva entre visão e cognição, com a qual ainda iremos nos deparar (cf. pp. 55-6; a analogia encontra-se aqui traduzida na nota 65, mais a frente). No quinto parágrafo, Simmel elabora outras duas analogias de método que podem ser consideradas como casos particulares da analogia de ordem epistêmica desenvolvida no parágrafo anterior; os domínios a que Simmel compara a sociologia são, agora, a geometria

Simmel mobiliza, para determinar o lugar da sociologia, uma estratégia de distanciamento; ao passo que, no segundo, diremos que se trata de uma estratégia de aproximação. Dado esse enquadramento, podemos dizer que a analogia aparece ligada mais de perto a essa segunda estratégia, e é bastante significativo que Simmel aproxime por analogia sua sociologia a outras formas de conhecimento. Significativo porque, como veremos mais adiante e como podemos inferir até mesmo do comentário de Durkheim, esse é um recurso eficiente para evitar a *identificação* da sociologia com as formas já estabelecidas de conhecimento – o que, para Simmel, era muito importante³².

Simmel tratou desde o princípio de deixar claro que a sociologia só poderia se apresentar como ciência caso fosse capaz de satisfazer certas condições. Uma delas pode ser assim descrita: caso a sociologia fosse apenas um nome que designasse todo o conhecimento adquirido sobre o homem em geral, sem que disso se tirasse nada de *novo*, então ela não mereceria um lugar próprio e *exclusivo* entre as demais ciências. Como eu gostaria de argumentar ao longo dos parágrafos subsequentes, o que está aí implícita é uma espécie de correspondência entre a novidade e a exclusividade da sociologia. Da confirmação dessa correspondência dependeria, para Simmel, o ingresso da sociologia no círculo formado pelas ciências modernas – sendo que o que se entende aí por exclusividade pode ser referido a uma das várias qualidades fundamentais que conferem ao espaço a sua, por assim dizer, espacialidade³³. Dito de outro modo: se é justa ou não a reivindicação da sociologia em se apresentar como ciência (i.e.: se ela *tem*, com efeito, um espaço exclusivo no sistema da ciências, que, entretanto, até então não lhe foi reconhecido), então deve ser possível demonstrar que ela contém, em si, uma *nova* forma de conhecimento (i.e.: uma

---

(p. 56) e a pesquisa histórica (pp. 56-7) – e vale notar que a história aqui em pauta não é uma história universal, mas sim uma história particularizada (Simmel se refere aos casos da história política e da econômica). O último termo da analogia desenvolvida no quinto parágrafo é retomado e “revirado” no sexto: assim como história econômica está para a economia, assim também a pesquisa histórica voltada para formas de socialização estaria para a sociologia (cf. pp. 58-9). Finalmente, no sétimo e último parágrafo, Simmel estabelece uma desanalogia entre sociologia e filosofia da história (pp. 59-60). Se é, de um lado, importante chamar a atenção para as analogias e comparações que Simmel *já* havia feito no texto de 1894, as que *ainda* não havia estabelecido também merecem, ao menos aqui, destaque: ainda não encontramos nesse texto qualquer comparação explicitamente analógica com os domínios da biologia e da arte – como encontraríamos nos textos de 1908 e 1917 (e, no caso da biologia, já no de 1890, ainda que, então, sem o refinamento que encontraríamos nos textos mais maduros). É muito importante termos em mente tais ausências, tendo em vista as ideias a serem desenvolvidas ao longo desta seção.

32. Mas também para Durkheim, como podemos observar em sua crítica à tentativa realizada por Comte de fundar as ciências sociais. Tal crítica parte justamente da constatação de que Comte não teria sido capaz de realizar o que propusera, i.e.: mostrar que a sociedade era um ser *sui generis* e de que, portanto, “reclamava [...] um método especial, diferente dos que eram seguidos pelas outras ciências positivas” (cf. DURKHEIM, 1975, *A ciência social e a ação*, p. 86). Dito de outro modo: Comte não teria oferecido uma solução satisfatória para o problema do lugar da sociologia entre as demais ciências – problema que tanto Simmel, quanto Durkheim teriam, portanto, de enfrentar. Vale notar que a semelhança entre ambos nesse ponto espelha a semelhança quanto à situação mais geral da sociologia, que, por assim dizer, carecia de autoafirmação. Mas ela não conta a história toda, longe disso; silencia quando o assunto é o *modo* como, de um lado Simmel e, de outro, Durkheim *encaram* essa situação. As possíveis diferenças entre ambos, indicadas na nota 29, mais acima, podem, até certo ponto, ser atribuídas a essa divergência de atitudes – sendo que aqui, como não poderia deixar de ser, só interessa a atitude específica de Simmel.

33. Cf. GSG, v. 11, pp. 690-693. O ponto será exaustivamente trabalhado ao longo desta seção. Basta, por agora, termos em mente dois pontos. Primeiro, o sentido mais ordinário da palavra “exclusividade”: dizemos que algo é exclusivo quando esse algo não é compartilhado por todos, mas apenas por alguns; ou, mais exatamente, quando é algo único, singular, não podendo ser achado em qualquer lugar. Segundo, que a exclusividade, no sentido que nos interessa, funciona, no espaço, como o número monádico, na matemática – i.e.: é uma espécie de conceito unívoco. Sobre esse segundo ponto, não podemos esquecer que tanto a concepção de matemática, como a de espaço de que estamos tratando podem, hoje, ser consideradas ultrapassadas; e que, por outro lado, Simmel não aderiu a essas concepções, embora as tenha mobilizado (o que é um outro modo de dizer que isso o que ele chamou de exclusividade não era a única propriedade fundamental do espaço como ele o concebia).

forma de conhecimento de que, até então, não se dispunha e que é, portanto, irreduzível àquelas já estabelecidas). Essa correspondência permite compreender a importância que Simmel conferia à crítica de uma sociologia concebida como mera justaposição de todo o conhecimento acumulado sobre o homem em geral: pois, com isso, obter-se-ia apenas uma nova designação do que já se conhece, mas não uma nova forma de conhecimento e, por conseguinte, a sociologia não teria se provado merecedora de um lugar entre as ciências. A seguinte analogia fornece um ponto de acesso sugestivo para o problema:

Contribui para essa representação da sociologia como ciência de tudo quanto é humano em geral a circunstância de que ela era uma nova ciência que, devido a isso, atraía para si toda a sorte possível de problemas que ainda não haviam sido devidamente situados – como um domínio recém-descoberto acaba se tornando num primeiro momento um *Eldorado* para as existências sem pátria e desenraizadas: a indeterminação de partida incontornável e o não resguardo das fronteiras conferem a cada um o direito de ali se acomodar.³⁴

O que temos aí é uma analogia entre a descoberta de uma nova ciência e o descobrimento de um novo território ou domínio geográfico – que não é, diga-se, um domínio qualquer, mas um repleto de riquezas, de construções feitas em ouro maciço, na imaginação dos viajantes e conquistadores europeus. Em registro mais geral, podemos concebê-la como uma variação da analogia mais fundamental – e aqui está sendo introduzido um dos pontos-chave desta seção –, que se encontra por toda a parte não só em Simmel, como ainda na filosofia em geral e na sociologia em particular, entre *espaço* e *cognição*. Essa analogia, no caso de Simmel, ainda se manifesta em diversos níveis e modulações, das quais é possível adiantar aquelas três com as quais já topamos: (1) no emprego do termo “domínio” [Gebiet] para se referir à ciência e seu “espaço de atuação”; (2) na própria iniciativa de uma determinação do lugar da sociologia; e (3) ainda no recurso à estratégias complementares, afinal tão características de Simmel, de distanciamento e aproximação. O lastreamento da analogia em questão na categoria mais abrangente do espaço é importante porque o que a analogia põe em destaque é justamente aquela qualidade fundamental do espaço que se pode designar como sendo sua exclusividade (i.e.: a propriedade segundo a qual cada *parte* do espaço em geral se define de maneira *exata* e *única*³⁵) – qualidade que, aqui, se apresenta imbricada na questão da novidade, o que se torna claro uma vez que consideramos que o “espaço” que a sociologia reivindica como algo exclusivamente seu é concebido aqui *mediante* a imagem do território ou do domínio recém-descoberto, i.e.: de algo como o “novo mundo”. Desenvolvendo melhor o que havia sido tratado no parágrafo anterior: parece que, para Simmel, a tarefa de demarcar as fronteiras da sociologia como ciência só se tornaria viável quando se demonstrasse que a ela corresponde uma forma inteiramente nova de conhecimento, ou seja: uma forma de conhecimento ainda inexplorada e, portanto, irreduzível àquelas que já temos à disposição, tais como a mecânica, a biologia, a geometria,

---

34. S.1.a.3, disponível em GSG, v. 11, p. 14.

35. A exclusividade da sociologia aparece, no texto dessa analogia, em negativo: Simmel fala numa “sociologia como ciência de tudo quanto não é humano em geral” apenas para opor, a essa versão não-exclusiva da sociologia, a sua, assumidamente exclusiva.

a história, a psicologia, mas também, no caso de Simmel, a arte e a filosofia de orientação metafísica. É possível dizer que, observadas à luz da tentativa simmeliana de formalizar a sociologia, novidade e exclusividade mantenham entre si uma relação semelhante a que a reversibilidade mantém com a extensibilidade, quando consideramos o conceito de analogia: são dois aspectos ou duas “propriedades” distintas de um mesmo referente³⁶. Tudo isso revela que, para Simmel, determinar o lugar da sociologia *significava* demonstrar a sua novidade em relação a todas as formas já estabelecidas de ciência, o que também aparece com clareza em diversas das cartas que ele escreveu para divulgar seu projeto sociológico; nelas, vemos que Simmel a todo o momento destaca, tendo em vista demonstrar a importância de sua empreitada, o seu caráter de novidade, que não é uma novidade que se liga ao material empírico, mas sim ao *modo de observar* o velho material levantado pelas ciências do espírito³⁷. – Mas há ainda um segundo aspecto da analogia que merece menção. É que nesse texto, como já no texto de 1890, Simmel parece convicto de que a sociologia não era exatamente um domínio a ser inventado, mas a ser *formalizado* enquanto ciência³⁸. Ainda que nesse ponto a analogia ameace já implodir, é possível estendê-la imaginando que essa forma de conhecimento que era a sociologia, assim como o novo mundo, já existia mesmo antes de sua “descoberta” – bastando apenas sua filiação junto à confederação das ciências. Isso, claro, não significa que a sociologia fosse ela mesma algo atemporal, uma espécie de forma latente de conhecimento à espera de seu desvelamento. Muito pelo contrário: tanto no texto de 1894, como no de 1908, o primeiro passo de Simmel consistiu em mostrar como essa forma de conhecimento cujos limites exatos ele tinha a pretensão de estabelecer só se tornou empiricamente possível devido a certa eventualidade histórica: a emergência das massas. Ou, para usar os termos de Simmel: “as pretensões que a ciência da sociologia cuida promover são decorrência e reflexo dos poderes práticos que, no século XIX, as massas adquiriram em relação aos interesses dos indivíduos”³⁹. A ideia aqui é de que a emergência das massas teria conferido certa evidência ou visibilidade às formas supraindividuais de determinação, até então obscurecidas por uma perspectiva “romântica” que conduzia a becos sem saída⁴⁰.

---

36. Cf. a primeira seção do primeiro capítulo deste trabalho, a altura da p. 18.

37. O que introduz uma pequena modificação – mas rica em consequências, como veremos – na analogia espacial, que passa a se apresentar como analogia *visual*. Deixando isso de lado (ainda que apenas por enquanto), convém passar algumas referências bibliográficas para o que foi dito no corpo principal do texto, ainda que apenas a título de exemplo. Assim, numa de suas cartas, vemos como Simmel fala do interesse, da parte de seus estudantes, pela disciplina que *ele criou* (cf. a carta a Jellinek, datada de 07/11/1895, disponível em GSG, v. 22, p. 154, e comentada em SCHMIDT, “Georg Simmels Projekt (s)einer Soziologie – aus den Briefen gelesen”, em *Simmel Studies*, 2009, v. 19/1, p. 120), ou no “novo e importante campo do conhecimento” que ele havia aberto com sua sociologia e que, contudo, já não lhe atraía como há alguns anos, e justamente porque, após haver aberto esse caminho, seus desenvolvimentos posteriores não “teriam em princípio nada de novo” (cf. a carta destinada ao mesmo autor, datada de 1898 e referida na nota 29 desta seção).

38. Eis o que lemos no texto de 1890: “Em sua situação atual, a sociologia fornece apenas uma nova perspectiva para a observação de fatos conhecidos. Mas é por essa razão que é particularmente importante para ela fixar essa perspectiva [...]” (GSG, v. 2, pp. 116-7, grifos meus). Aqui topamos mais uma vez com uma analogia visual, implicada na referência à noção de perspectiva.

39. GSG, v. 11, p. 13; cf. ainda GSG, v. 5, p. 52, em que a questão é, contudo, situada em termos muito mais gerais.

40. Cf. GSG, v. 11, p. 13, bem como GSG, v. 16, p. 72 e as seguintes; trata-se, no segundo caso, do texto de 1917, traduzido para o português em SIMMEL, 2006, p. 20 e as seguintes.

Mas se a emergência das massas teria *tornado possível* o aparecimento da sociologia como ciência, ela mesma não bastava para *realizá-la*. Essa é justamente a tarefa que autores como Simmel, na Alemanha, ou Durkheim, na França, propõem para si – de modo algum uma tarefa simples, pois envolve um impasse muito difícil de resolver, oriundo da situação de assimetria ou atraso em que se encontrava a sociologia em relação às ciências naturais. Como Simmel não deixou de notar, a sociologia que se pretendia ciência se achava na situação muito especial de ser ver diante de uma série de outras ciências já muito bem estabelecidas, a que precisava de algum modo prestar contas⁴¹. Os avanços inquestionáveis em todas as áreas das ciências naturais tornavam a referência aos métodos desta praticamente uma obrigação; de resto, o inegável sucesso de tais ciências trouxe consigo todo um manancial de imagens e modelos para os quais não era possível simplesmente fechar os olhos. Assim, de um lado, não se pode dizer que Simmel considerasse as ciências do espírito algo diferente em todos os seus aspectos (i.e.: inteiramente diverso) das ciências naturais, sendo essa uma das condições para o emprego adequado da analogia entre as ciências do espírito e as naturais⁴². Mas, de outro lado, a necessidade de uma prestação de contas em relação às ciências naturais não devia ser conduzida segundo um esquema “imperialista” de relação: a sociologia deveria se estabelecer como forma autossuficiente ou soberana de conhecimento, mantendo sua exclusividade e irredutibilidade frente a outras formas (igualmente exclusivas) de conhecimento⁴³. Em virtude de envolver um jogo de semelhanças e diferenças, o procedimento analógico se mostrou capaz de satisfazer essa dupla exigência: estabelecer uma relação entre as demais ciências e a sociologia sem, com isso, reduzir esta àquelas. Essa saída é, como vimos, pelo menos tão antiga quanto a *Metafísica* de Aristóteles, para quem “os elementos e os princípios das coisas sensíveis são os mesmos, mas diferentes nas diferentes coisas”⁴⁴. Assim, na França, observamos Durkheim importar conceitos ou noções como as de síntese criativa, patologia, espécie, força, correntes de energia, e assim por diante⁴⁵. Simmel, do outro

---

41. Cf. o comentário sobre a “situação desfavorável” da sociologia em relação às ciências já bem fundamentadas, também no texto de 1917, em GSG, v. 16, p. 63, traduzido em SIMMEL, 2006, p. 9.

42. Analogia que está, por sua vez, em operação quando Simmel predica a ciência da sociedade como ciência exata – o que, para ele, significava simplesmente “especializada”, por oposição a uma forma mais geral do proceder científico, como a indução. É claro que, embora Simmel aplicasse o adjetivo tanto a ciências naturais como a ciências do espírito, ele buscava seguir a recomendação de Dilthey em não decalcar o método sociológico das ciências naturais. Sobre algumas nuances da relação entre Simmel e Dilthey – relação que, aqui, será deixada de lado –, cf. HELLE, 1988, *Soziologie und Erkenntnistheorie bei Georg Simmel*, especialmente as pp. 32-44. Devemos, além disso, ter o cuidado de não transpor, precipitadamente, a nossa maneira de conceber a relação entre as ciências humanas e as naturais, que é conjunturalmente condicionada, para o tempo e para o lugar em que Simmel viveu.

43. A comparação com a atitude “imperialista” é do próprio Simmel, como veremos nas próximas páginas. Porém, as relações que Simmel estabelece entre as diversas ciências *não* conduzem a um esquema ou modelo unitário (ou mesmo coerente!), como se a exclusividade das diferentes *ciências em particular* operasse em função de um conceito que é, em princípio, inteiramente unitário de *ciência em geral* (sendo essa a relação entre o espaço em geral e suas partes que conduz à noção de exclusividade – o que ficará claro mais adiante, quando toparmos com a constatação de que Simmel, nesse específico seguindo Kant, concebia a exclusividade de cada parte do espaço como logicamente compatível com o princípio de que só há um único *espaço em geral*). Assim, a analogia espacial permite a consideração de apenas um dos aspectos do conceito de ciência que Simmel buscou “aplicar” à sociologia.

44. REALE, 2002, v. 2, p. 553; ref.: Aristóteles, 1070b16-35. Cf. a nota 42 da primeira seção do primeiro capítulo desta dissertação. Essa é a mesma intuição que informa o conceito de analogia mobilizado por Durkheim em seu comentário a propósito da relação entre representação individual e representação coletiva, aqui reproduzido na nota 24 desta seção, mais acima.

45. A esta altura é quase desnecessário mencionar que tais importações conceituais envolvem os devidos “ajustes”: a patologia social não é exatamente a mesma coisa que a patologia de que trata a fisiologia; a espécie social não é em tudo idêntica à tratada

lado do Reno, também iria recorrer a tais importações (cujo caráter analógico ele reconhece por diversas vezes), mas agora em chave própria, produzindo uma sociologia marcadamente distinta da de Durkheim. Já nos deparamos com uma das analogias de Simmel: trata-se daquela com os conceitos de forma e conteúdo, que Simmel refere ao domínio das ciências formais⁴⁶. Mas é possível elencar muitas mais: ao longo de toda a *Soziologie*, Simmel estabelece ainda outras analogias com as ciências formais (incluindo também, além da lógica e da geometria, a aritmética), com as ciências empíricas (física, química, mas também biologia, geologia e geografia física) e suas especializações (ótica, mecânica, fisiologia e astronomia), com outras ciências do espírito (ciência moral, gramática, psicologia, economia), com as artes (do teatro à arte aplicada, da poesia à música) e, finalmente, com os grandes sistemas filosóficos, dos quais merece destaque, no caso da *Soziologie*, o kantiano⁴⁷. Em todos esses casos, considere-se que a aproximação entre a sociologia e os demais domínios do conhecimento que lhe servem como referente (alguns dos quais, como se pôde perceber, não são propriamente científicos) foi realizada por analogia, ou melhor: resultou de um procedimento ou de uma operação analógica. Contudo, algumas dessas analogias receberam um maior destaque que outras. Assim, a maior parte das analogias com a física ou a mecânica, p. ex., serviram para fins mais propriamente ilustrativos, i.e.: para descrever um aspecto deste ou daquele fenômeno propriamente sociológico – ou simplesmente para tornar mais claro um argumento. Pode-se aqui tomar como exemplo as menções a “planos inclinados”⁴⁸ ou a “forças fictícias”⁴⁹ para descrever o movimento de certas formas de socialização. Se as consideramos isoladamente, essas analogias são de pouca importância, e não só por serem meramente descritivas, como por serem até certo ponto “vulgares” (não é raro encontrar construções semelhantes em outros autores). De um lado, todas elas parecem “cair como uma luva” em seus objetos, descrevê-los muito bem; mas, de outro lado, justo essa *eficiência* em descrever o fenômeno a que Simmel se refere deve, no mínimo, nos fazer desconfiar de um forte elemento estético: a realidade raramente é tão simples como numa simples analogia. Só que esse encaminhamento da questão não a leva muito longe. Isso porque, para Simmel, não se trata apenas de estabelecer uma analogia, mas, como Kracauer há muito já havia notado, de “estender uma rede de analogias sobre o mundo”⁵⁰. Cumpre, portanto, não considerá-las isoladamente, mas sim relacioná-las. Seguindo por esse caminho, podemos observar como tanto os “planos inclinados”, como as “forças

---

pela biologia; a síntese social não corresponde em todos os aspectos à síntese química ou à orgânica; e tampouco as forças e correntes sociais equivalem inteiramente àquelas que são matéria da química e da física – já que os análogos são diferentes nos diferentes domínios. O mesmo se aplica a algumas das importações simmelianas. O que é preciso mencionar é que estamos aí diante de importações ou transferências conceituais: o que implica que o “conceito” assim formado é quase que por definição uma expressão em sentido figurado, i.e.: uma expressão que não apreende o seu objeto diretamente, mas por meio de um “rodeio”.

46. Sobre o ponto, cf. a primeira seção do primeiro capítulo deste trabalho, em que a analogia **S.1.a.7** é traduzida, apresentada e comentada. A analogia ainda aparece na primeira parte do segundo capítulo deste trabalho.

47. E mesmo as analogias que se “repetem”, como aquelas entre sociologia e biologia, muito frequentemente assumem novas modulações, o que se liga com o ponto a ser discutido no próximo parágrafo. Todas as analogias aqui referidas encontram-se na parte do índice referente à *Soziologie*, sendo ali tipificadas ou como epistemológicas, ou como ilustrativas, *conceituais*.

48. Cf. **S.2.a.9** e **S.8.a.51**.

49. Cf. **S.3.a.8**.

50. Cf. KRACAUER, 2004, “Georg Simmel. Ein Beitrag zur Deutung des geistigen Lebens unserer Zeit”, em *Siegfried Kracauer Werke*, v. 9.2, p. 164.

fictícias” permitem destacar certo aspecto mais fundamental da sociedade – fornecendo um ponto de acesso para que enxerguemos aquilo que Simmel, quando dirigia o olhar para a sociedade, enxergava. Trata-se, em ambos os casos, de uma tentativa de conceber as formas em que a sociedade se produz e reproduz como formas em movimento, i.e.: de imaginar a sociedade *como* algo em movimento⁵¹. Algo semelhante se passa com parte considerável das analogias achadas no primeiro capítulo da *Soziologie* – só que o que *essas* analogias permitem enxergar não é bem a sociedade, é o “método” da sociologia simmeliana, o seu *modo* de se dirigir à sociedade. Como as anteriores, também as analogias de método que Simmel estabeleceu (das quais se destacam, no primeiro capítulo da *Soziologie*, aquelas com a geometria e com a biologia) só fazem sentido quando se tem em vista a relação que mantêm umas com as outras.

Vale a pena, a esta altura, retomarmos o seguinte trecho da nota de rodapé de Simmel com que já topamos, agora operando uma mudança de ênfase: “a introdução de um novo modo de observação dos fatos tem de apoiar os diversos aspectos de seu método em analogias de domínios já reconhecidos”. Indo nessa linha, podemos imaginar que uma analogia com *certo* domínio do conhecimento possa ilustrar, de maneira mais ou menos eficiente, sempre um *certo* aspecto do método sociológico. Estamos aqui diante de uma linha de argumentação análoga àquela que se utilizava para refutar a tese de que um efeito pode ter mais de uma causa, a que o próprio Simmel chegou a recorrer⁵²; mas que, nesse caso, serve ao propósito de satisfazer a condição de não perder de vista a exclusividade da sociologia: pois assim nenhuma analogia *específica* poderá abarcar o método sociológico como um todo. Essa reflexão conduz Simmel, como se mostrará no que segue, a aplicar, de modo bastante consciente, todo um esforço no sentido de coordenar diversas analogias de maneira que umas cubram os aspectos do seu “método” sociológico deixado descoberto pelas outras. Pois o que a analogia efetivamente faz é apenas *destacar* um aspecto do objeto a que se dirige (no caso, do “método” sociológico elaborado por Simmel), o que só é possível na medida em que, simultaneamente, deixa de lado outros aspectos desse objeto; ela abre uma *perspectiva* que, por sua vez, confere um acesso seletivo, parcial em relação à realidade⁵³. Esse esforço,

---

51. O movimento é, por sua vez, a última das cinco qualidades elementares do *espaço* que Simmel investiga com mais detalhe no nono capítulo da *Soziologie* (cf. GSG, v. 11, pp. 748-771; é nesse trecho que está contido o famoso excursus sobre o estranho/estrangeiro). A primeira é, por sinal, sua exclusividade. O ponto será retomado mais a frente.

52. Ainda que muito à sua maneira, como o exemplo em seguida (extraído do texto de 1890) não deixa mentir: “É inteiramente acertado afirmar que a separação fortalece o amor, mas não a separação em geral e o amor em geral, senão que essa relação diz respeito apenas a uma determinada espécie de ambas; e é também acertado afirmar que a separação enfraquece o amor, mas não toda e qualquer separação em relação a todo e qualquer amor, senão que é uma certa nuance do primeiro que enfraquece uma certa nuance do último” (GSG, v. 2, p. 121).

53. O que traz à tona os limites da analogia entre espaço e cognição, quando formulada nos termos de que as ciências se relacionam umas com as outras como as diversas porções do espaço em geral – analogia mais básica que, como vimos, fornece o esquema que permite produzir a imagem das ciências como *domínios* do conhecimento, em sentido quase territorial. Tal analogia parece implicar certa continuidade (assim como se uma ciência começasse exatamente onde outra acabasse) que não corresponde em todos os aspectos ao que se verifica na relação das ciências umas com as outras. Voltaremos ao ponto em breve. Por agora, basta indicar que a série de problemas fundamentais da sociologia que vem sendo aqui discutida (i.e.: aquela que diz respeito ao “lugar” da sociologia entre as ciências e que, como veremos, fornece o contexto da analogia de método com a geometria) não implica *apenas* a analogia mais fundamental entre espaço e cognição, mas surge como que da interação entre

que, como veremos, pode ser concebido como uma resposta *consistente* para lidar com os problemas reais que Simmel enfrentou em sua busca pelos fundamentos da sociologia, se deixa ver de modo especialmente claro na maneira como Simmel coordena as duas principais analogias empregadas no primeiro capítulo da *Soziologie* como parte de sua estratégia de formalização da sociologia enquanto ciência, a saber: as analogias de método com a geometria e com a biologia⁵⁴.

A analogia de método com a geometria já havia aparecido no texto de 1894, mas então sem o destaque que viria a ter no texto de 1908⁵⁵. É possível perceber que, para a publicação da sua *Soziologie*, Simmel dedicou um trabalho bastante árduo de elaboração e refinamento da analogia com a geometria (que é várias vezes retomada), provavelmente porque, a essa altura, ela deve ter lhe parecido o melhor modo de comunicar o caráter formal de sua sociologia. Ora, como vimos, foi a distinção propedêutica entre a forma e o conteúdo da socialização que permitiu a Simmel circunscrever pela primeira vez com maior exatidão o problema da sociologia e, portanto, tentar inscrevê-la na série das ciências. No texto de 1894, Simmel havia introduzido essa distinção por meio de uma comparação com a psicologia, sendo que a analogia com a geometria aparecia apenas de relance, mais para reforçar a lição. Catorze anos depois, essa analogia passaria para o primeiro plano, recebendo tanto destaque e sendo tantas vezes retomada ao longo do texto que, mais tarde, autores influentes como Hans Freyer e, em sua esteira, Raymond Aron viriam a se referir à sociologia de Simmel como “geometria do mundo social”⁵⁶. Assim concebida, a sociologia simmeliana apareceria como ciência puramente formal, o que para eles implicava tratar-se de uma forma de conhecimento desprovida de qualquer relação com a realidade⁵⁷. A leitura de Aron, que apenas toma ao pé da letra a analogia com a geometria, é superficial demais para ser levada a sério; já a crítica de Freyer é um pouco mais refinada, uma vez que ele ao menos se esforça em argumentar que,

---

essa analogia e uma outra, igualmente fundamental, entre visão e cognição. Essas são, por sua vez, duas das três analogias mais fundamentais que informam a concepção de ciência a que Simmel busca fazer sua sociologia aderir.

54. Note-se, em primeiro lugar, que uma resposta consistente não é necessariamente uma resposta correta. De resto, estou levando em conta aqui apenas o texto “principal” do capítulo, e não o excursus nele contido, em que Simmel trata de um problema um pouco mais específico, que não se liga tão diretamente à tarefa de determinação do lugar da sociologia, mas a questões relativas à “natureza” de seu conceito de socialização e da síntese especificamente sociológica produzida a partir do material psíquico. O excursus contém uma série de distinções e aproximações entre os domínios da sociologia e das ciências naturais – contendo não menos que 11 analogias entre ambos, a maioria das quais é estabelecida para, logo em seguida, ser “desconstruída”. Nesses casos, é como se Simmel apontasse para a semelhança apenas como uma espécie de pretexto para tratar disso que está implicado como contrapartida de toda semelhança, i.e.: a diferença (sendo esse, inclusive, o esquema básico que alimenta o procedimento de montagem analógica das formas de socialização a ser investigado na seção seguinte a esta). Vale notar que esse excursus é um dos trechos “exclusivos” da *Soziologie* (boa parte do livro consiste em material já publicado, seja em forma de artigo, seja como capítulos de outros livros, ainda quando em versão reelaborada), e que, nele, encontramos um tratamento bastante particular do problema da sociologia, que só seria possível uma vez que este estivesse minimamente “resolvido” (nos termos da nota 7, acima). Dentre as suas contribuições mais importantes, está a elaboração de algo que pode ser tomado como um esboço de uma teoria dos papéis sociais, como será mencionado mais adiante.

55. Conforme o discutido na nota 31, mais acima. Já no texto de 1917, ela perderia novamente espaço, aparecendo uma única vez, como no de 1894 (cf. GSG, v. 16, p. 82; traduzido em SIMMEL, 2006, p. 33). Esse ponto será comentado mais adiante.

56. Cf. FREYER, 1944, *La Sociología: Ciencia de la Realidad*, pp. 65-74; ARON, 1943, *La Sociología Alemana Contemporánea*, pp. 12-17; e ainda DAHME, *Soziologie als exakte Wissenschaft*, 1981, parte I, pp. 48-51, em que o autor, que a essa altura revisa a recepção da sociologia de Simmel, se detém sobre a crítica de Freyer e Aron.

57. Não me parece problemático chamar a sociologia de Simmel de sociologia formal, até mesmo porque ele a chamava assim. A questão é que, se não queremos que esse nome se torne um rótulo vazio, devemos ter em mente toda a riqueza, complexidade e ambiguidade da noção simmeliana de forma, com a qual ele se ocupou durante toda a sua vida – o que já não é assim tão fácil.

embora Simmel tenha “a princípio introduzido o modelo lógico da geometria como simples analogia para esclarecer o modo de abstração especificamente sociológico”, sua sociologia acabaria por se tornar presa de tal modelo⁵⁸. Essa é uma crítica forte, pois, se correta, implicaria uma relação unilateral de dependência entre o método sociológico e o da geometria (i.e.: uma identificação entre os dois domínios, apenas travestida de analogia), eliminando, de uma só vez, a exclusividade e a novidade do modo sociológico de observação, ambas essenciais para Simmel. Precisamos, portanto, examiná-la com cuidado.

O primeiro indício de que essa crítica apenas distorce o projeto de Simmel⁵⁹ é que, como vimos, a analogia geométrica aparecia, tanto no texto de 1894, como no de 1917, apenas de relance – e se *essa* imagem não é necessária, mas pode ser substituída por *outras*, mantemo-nos no registro da analogia, e não no da identidade. Com efeito, tudo indica que, para Simmel, aquilo a que a comparação com a geometria conferia visibilidade (a saber: a modalidade *exclusivamente* sociológica de observação) podia ser ainda acessado por meio de outras analogias, como com a psicologia e a história, no texto de 1894⁶⁰, ou com a lógica e a gramática, nos textos de 1908 e 1917⁶¹. Mas essa constatação, por si só, não basta. É ainda possível imaginar que Simmel desde o começo operava com um modelo de ciência decalcado da geometria, tendo tomado consciência disso só mais tarde, e isso tudo de modo que as comparações com a psicologia, a história, a lógica e a gramática funcionavam ainda realmente como analogias, i.e.: ao mesmo tempo ligando e separando a sociologia (ou melhor, a geometria) de tais domínios⁶². Essa simples conjectura anula a possibilidade de que esse primeiro indício conduza a uma refutação definitiva da crítica de Freyer; para refutá-la, seria preciso mostrar que a modalidade exclusivamente sociológica de observação, cujas bases Simmel busca lançar, contém, em si, algo que *não pode ser acessado* pela comparação com a geometria. Caso sejamos capaz de encontrar algo desse gênero na sociologia proposta por Simmel, teremos de abandonar a hipótese de que sua relação com a geometria seja de identidade; não poderemos concordar com Freyer, quando este concebe as formas de socialização como “presas” ao modelo geométrico de forma; teremos, enfim, de reconhecer que o que está aí em jogo é uma relação de analogia, de modo que Simmel teria permanecido fiel ao que havia proposto. Tendo em mente o que foi dito até aqui, devemos agora examinar em maior detalhe a primeira modulação mais refinada da analogia com a geometria, em que Simmel compara dois conceitos de esfera a dois conceitos de sociedade (sendo que apenas um deles estaria destinado a ser objeto de interesse da sociologia enquanto ciência):

---

58. Cf. FREYER, 1944, pp. 74-76.

59. Distorce no sentido de conferir uma ênfase desproporcional a determinado aspecto – e que pode, por sua vez, ser considerada necessária para que Freyer pudesse marcar a exclusividade da *sua* concepção de sociologia como ciência da “realidade”.

60. Cf. a nota 31, mais acima.

61. Cf. **S.1.a.7** e **S.1.a.16**, respectivamente. No texto de 1917, a analogia com a gramática se acha no mesmo parágrafo que a geométrica (em GSG, v. 16, pp. 82-3; traduzido em SIMMEL, 2006, pp. 33-4). É possível dizer que todas essas analogias formam uma série ou uma cadeia analógica que responde a um mesmo problema fundamental da sociologia: o problema da determinação de seu lugar entre as ciências.

62. Que, nesse caso, seriam na verdade analogias com a geometria que Simmel, por equívoco, “aplicaria” à sociologia.

O conceito de sociedade abarca dois significados que devem ser mantidos, do ponto de vista de seu tratamento científico, fortemente demarcados um em relação ao outro. Ela é, de um lado, o complexo dos indivíduos socializados, o material humano socialmente formado, assim como o foi constituído pela realidade histórica como um todo. Mas, de outro lado, »sociedade« é também a soma daquelas formas de relação que justamente possibilitam que se faça, a partir de indivíduos, a sociedade em sua primeira acepção. Assim também, chamamos de »esfera«, de um lado, uma matéria formada de um determinado modo, mas, de outro lado, em sua acepção matemática, também a mera estrutura ou forma que possibilita que se faça, a partir da mera matéria, a esfera em sua primeira acepção. Na medida em que se fala de ciências da sociedade tomando como referência aquele primeiro significado, toma-se como seu objeto tudo aquilo que se passe na sociedade; a ciência da sociedade em sua segunda acepção toma como objeto as forças, relações e formas por meio das quais os homens se socializam e que, portanto, contanto que concebidas em sua autonomia, constituem a »sociedade« *sensu strictissimo* [...].⁶³

Há muito o que ser dito a propósito dessa passagem, mas sugiro que devemos, em primeiro lugar, ter em mente que o que está aqui em jogo, a essa altura do primeiro capítulo da *Soziologie*, é o problema do “lugar” da sociologia entre as demais ciências. Para enfrentá-lo, Simmel elabora ou se refere a duas sociologias possíveis: uma genérica, não-exclusiva, e outra particularizada, a *sua* sociologia. A sociologia em sua primeira acepção – genérica – é aquela que Simmel precisa, para ser bem sucedido em sua empreitada, rechaçar; note-se que ela se refere à “realidade histórica como um todo”, e que toma como objeto “tudo aquilo que se passe na sociedade”. Esse é um ponto importante da crítica de Simmel, para quem uma forma de conhecimento que vise a totalidade da existência não é uma ciência⁶⁴; e é para tratá-lo que ele elabora a presente analogia entre os conceitos de esfera e sociedade. Caso optemos por seguir as ideias aí apresentadas, devemos concluir que, para fazer da sociologia uma ciência, precisaríamos abdicar da pretensão de entender a “realidade histórica como um todo”; o que deveríamos fazer, ao invés disso, é selecionar, fracionar, racionalizar, dividir em partes *esse fenômeno total que, enquanto tal, somos como que incapazes de observar*. Chegamos, por esse caminho, ao segundo ponto-chave desta seção, já introduzido em algumas notas de rodapé: pois também nesse caso está em operação, formando o contexto da analogia entre os conceitos de esfera e sociedade, uma analogia mais fundamental, agora entre visão e cognição. Para Simmel, a forma especificamente científica de cognição opera apenas

---

63. **S.1.a.8** (GSG, v. 11, p. 23), aqui citada num registro ampliado em relação ao índice, para efeito de maior contextualização. Note-se como Simmel assinala os conceitos de esfera e sociedade, que ele compara analogicamente, colocando-os entre aspas; o paralelismo sintático (entre, de um lado, os períodos segundo e terceiro, referentes ao conceito de sociedade e, de outro, o quarto, referente ao de esfera) é também bastante pronunciado.

64. Deve-se, a esta altura, retomar um ponto já indicado numa das notas de rodapé desta seção. A relação de Simmel com aquela forma de “ciência” com que ele se envolveu de maneira mais profunda – a sociologia – está longe de ser bem resolvida, como aliás já foi objeto de estudo de outros pesquisadores (cf. especialmente WAIZBORT, 2000, pp. 509-534). Mas, embora seja certo que o Simmel maduro não se reconhecesse bem como cientista/sociólogo (o que, não custa notar, não era o caso do jovem Simmel, ao que tudo indica bastante entusiasmado com a ciência), é notável o quanto ele, quando fez sociologia, esforçou-se em *assumir o papel de cientista* – o que basta para os nossos fins. Como veremos, o texto desta seção irá na direção de desvelar um aspecto de sua fundamentação da sociologia que faz tanto mais sentido quando levamos em conta a ambivalência (ou tensão) da sua relação com a sociologia enquanto ciência. Essa ambivalência pode, por sua vez, ser sociologicamente situada caso concebamos a empreitada de Simmel em fundar a sociologia no registro de uma tentativa, malsucedida, de obter uma cátedra no meio acadêmico alemão (cf. WAIZBORT, 2000, pp. 71-73 e, mais detalhadamente, pp. 509-534). Não se deve perder essa situação de vista, embora este não seja o lugar para que a investiguemos a fundo.

seletivamente, sendo, pelo menos nesse aspecto, como a visão. Encontramos inúmeras variações dessa mesma analogia mais fundamental por toda a parte ao longo da obra de Simmel⁶⁵ – e também é ela que está em jogo quando ele *designa* a sociologia como um tipo de ciência que se define por seu *modo de observação*⁶⁶, ou quando fala em perspectivismo. A ideia que está aí no ar é a de que seríamos incapazes de observar, a um só tempo, a realidade inteira à nossa volta, com o que alguma coisa sempre ficaria fora do nosso campo de visão. O pensamento científico em geral (como se pode deduzir da noção de ciência empregada por Simmel) é adaptado a essa situação, na medida em que toma essa insuficiência como ponto de partida e se dedica a escrutinar apenas aquilo que é objeto possível de escrutínio: esta ou aquela determinada parcela (ou parte, porção, fragmento, pedaço) do real. Podemos, agora, especificar em que sentido a ciência é, para Simmel, como a visão, apontando para a conexão entre essa analogia e a analogia espacial: cada ciência em particular⁶⁷ funciona como um modo exclusivo de observação, que nos fornece um enquadramento ou um ponto mais ou menos fixo ou formalizado de acesso ao real. Para ser mais exato: o que tem de ser exclusivo, singular ou irreduzível a uma forma de conhecimento para que se possa considerá-la científica é o seu modo de observação. A ideia é mais ou menos a seguinte: quando concentramos dessa maneira (i.e.: de maneira exclusiva) a nossa atenção numa *única parcela* da realidade, podemos conhecê-la mais exata e detalhadamente do que poderíamos caso mudássemos nossa perspectiva a todo o momento, o que seria, por sua vez, necessário caso nosso objetivo fosse abarcar toda a realidade – mais ou menos como, em geral, presumimos conhecer mais a fundo uma determinada pessoa que esteve por muitos anos ao nosso lado do que uma pessoa com quem apenas esbarramos no metrô⁶⁸. Dito de outro modo: o que é exclusivo à sociologia enquanto ciência deve ser,

---

65. Convém citar, a título de exemplo, a interessante analogia que lemos numa nota de rodapé do texto de 1894, já comentada nesta seção (cf. a nota 31, mais acima):

Uma inexactidão recorrente faz com que se subsuma indiscriminadamente no domínio da sociologia toda e qualquer investigação etnológica ou que se reporte aos primórdios da história. O que passa despercebido nesses casos é que feitos e situações frequentemente nos parecem da alçada da »sociedade« simplesmente porque o nosso conhecimento a seu respeito é por demais inexato para que possamos detectar os acontecimentos puramente individuais que são o que há de propriamente real. A uma tal distância, as séries das existências e ações pessoais perdem suas definições e formam, diante do olho do espírito, uma massa coesa: a »sociedade« – assim como, situados a uma distância maior, não enxergamos numa floresta qualquer árvore singular, individual, mas, ao invés disso, apenas »floresta«. (GSG, v. 5, pp. 55-6)

Nesse caso, como em tantos outros quando o que está em jogo é a analogia com a visão, a comparação é empregada para enfatizar uma *deficiência* da cognição, decorrente de seu caráter seletivo ou “parcial” – exatamente como algumas das analogias visuais presentes na *Philosophie des Geldes*, que serão estudadas no próximo capítulo.

66. Simmel detecta, além desse tipo de ciência (a que corresponderia, em seu esquema, a sociologia), um outro, em que o “parcelamento” da realidade se faria de outro modo, e que ele às vezes chama de “ciências particulares”. A particularidade de tais ciências residiria, nesses casos, em algo como um tema ou conteúdo comum (p. ex., no caso das ciências do espírito: a religião, o direito, a arte, etc.) – porém, a relação entre esses dois “tipos” de ciência me parece mais problemática do que pode, num primeiro momento, parecer.

67. Deve-se ter em mente aqui *apenas* aquele tipo de ciência a que corresponderia a sociologia – pois essa definição não se acomoda ao tipo indicado na nota 66, imediatamente acima desta.

68. É apenas óbvio que isso, num caso, como no outro, de modo algum garante algo como um conhecimento perfeito: aquela pessoa com que convivemos diariamente pode sempre nos surpreender tomando atitudes que nunca esperaríamos dela, do mesmo modo que a natureza pode produzir fenômenos com que não contávamos – o que, mais uma vez em ambos os casos, nos colocaria na situação de termos de rever a teoria/relação que mantínhamos com ela. De resto, Simmel frequentemente recorre à analogia com o conceito de energia para tratar assuntos como esse: a atitude científica envolveria uma espécie de “concentração” de energia, ao passo que a outra, uma “dissipação”.

segundo Simmel, o seu modo de observação, que não é algo que está *na* realidade como que à nossa espera (como poderíamos imaginar, caso nos apegássemos à imagem do “domínio”⁶⁹), mas na posição que assumimos em nossa relação com a realidade, ou melhor: na relação entre quem observa e o que se observa.

A analogia com a geometria se encaixa nessa série de problemas fundamentais da sociologia. A principal função dessa analogia específica nesse contexto é de natureza didática: trata-se aqui de um recurso que se presta à difícil tarefa de educar o leitor ao olhar sociológico⁷⁰, ou, para sermos mais exatos, de fixar a perspectiva exclusivamente sociológica. Ela funciona como uma espécie de guia para o conhecimento, feita sob encomenda para evitar que a “descoberta” de que é possível ver o universo humano como algo determinado pela convivência recíproca (que ele mesmo, como já vimos, ligou à emergência das massas no século XIX) conduza à atitude dogmática de considerar *tudo* o que se passa no universo humano como determinado pela convivência recíproca. Correspondentemente, acredito que seja seguro dizer que, uma vez tiradas do contexto da crítica simmeliana a uma sociologia genérica (i.e.: não-especializada), as analogias de método com a geometria contidas na *Soziologie* simplesmente deixam de fazer sentido⁷¹. Antes de nos determos sobre o conteúdo da analogia geométrica, convém reforçar seu elemento contextual, o que farei apresentando algumas passagens do texto de 1894, em que essa crítica é desenvolvida de modo especialmente claro:

Só que, na medida em que essa direção do conhecimento seja uma direção assim tão geral que não encontre em parte alguma seus limites – nessa medida ela pode, quem sabe, gerar um princípio regulativo para todas as ciências do espírito, mas *não*, e exatamente por conta disso, uma ciência particular e autônoma, dotada de uma posição própria em meio às demais ciências.⁷²

---

69. O que, contudo, equivaleria a *não compreender* essa imagem. Pois o domínio territorial, como o científico, não é, para Simmel, tampouco algo meramente passivo: é espaço ocupado, portanto construído mediante relações, ainda que mediante de relações de natureza completamente diversa num caso e no outro. De resto, a analogia mais fundamental com a visão permite destacar as “consequências indesejadas” do caráter seletivo da cognição de tal modo que a analogia com o espaço *em geral* simplesmente não permite. Analogamente, mesmo a comparação entre as diversas formas de conhecimento e os diversos domínios territoriais – sem dúvida uma analogia “espacial” – corresponde já a uma forma *particularizada* do espaço. Como vimos, tal analogia permitiu a Simmel chamar a atenção para a relação entre novidade e exclusividade, relação essa que só é possível quando tratamos de um espaço particularizado: o novo mundo só podia ser *novo* para certos particulares, a saber: para aqueles que dele *ainda não* tinham conhecimento. O que implica o caráter relacional da noção de novidade: pois algo não pode ser novo “para sempre”, i.e.: em termos absolutos, mas apenas em relação a algo que é “menos novo”, ou mais antigo. Inversamente, parece muito mais natural tratar a noção do espaço *em geral* (com a qual a exclusividade de suas partes seria logicamente compatível) em termos absolutos – como faz Simmel na passagem ligada à nota 91, mais abaixo. Aquilo que se está, aqui, tratando em termos de “novidade” será retomado mais adiante, só que então numa outra chave.

70. Sobre essa tarefa e sua dificuldade, cf. a carta de Simmel a Bouglé datada de 22/11/1886, disponível em GSG, v. 22, p. 229 e traduzida em WAIZBORT, 2000, p. 526.

71. Assim, quando, em 1917, Simmel volta a recorrer a tal analogia, é no primeiro dos dois parágrafos dedicados à explanação de sua sociologia “pura” (cf. GSG, v. 16, pp. 82-4; traduzido em SIMMEL, 2006, pp. 32-5). A essa altura, Simmel finalmente viria a conceber a sociologia segundo o esquema trifásico da sociologia geral, pura e filosófica, sendo que a segunda dessas três fases (que também pode ser predicada de exata ou formal) é aquela que toma como objetivo investigar o que é *exclusivamente* social na sociedade, numa clara oposição à sociologia geral. Assim, nove anos após a publicação da *Soziologie*, o contexto da analogia geométrica seria ainda o mesmo: a diferença é que, em 1917, Simmel havia “acatado”, reconhecido a sociologia geral como parte da sociologia – ainda que tomando o cuidado de distinguir essa parte daquela que, para ele com razão, podia ser predicada de exata. Tal atitude tem uma implicação importante: implica a plena aceitação do fato de que seu projeto de demarcação rigorosa da sociologia enquanto ciência – em que Simmel, como vimos, se *opunha* à sociologia geral – havia fracassado.

72. GSG, v. 5, p. 52; *grifos do autor; grifos meus*.

O que nos interessa aqui é a trinca de adjetivos que Simmel, numa única linha de seu texto, beirando a redundância, associa seja à sociologia, seja à posição desta em meio às demais ciências: *particular, autônoma, própria*⁷³; além disso, o peso da linguagem espacial é aí considerável, e inclusive bastante instrutivo⁷⁴. O que Simmel quer nos dizer por meio dessas imagens é que a sociologia tem de se portar, para se apresentar como ciência, em relação a seu objeto de um modo que lhe seja inteiramente próprio (seu, e somente seu), ou, para formular o ponto de um modo mais exato: tem de provar que é capaz de fornecer uma expressão adequada a uma relação inteiramente singular, particular, *exclusiva* entre o mundo e uma de suas partes. Na prática, isso significa que a sociologia não podia dar as costas à especialização, destino comum às diferentes formas de pensamento científico. Diante dessa constatação, Simmel não tinha outra escolha senão a de se opor àquela concepção de sociologia obtida à imagem da filosofia em particular e da metafísica em geral – cuja pretensão de abarcar em si nada menos que a “realidade como um todo” lhe sugeriu a seguinte analogia:

Mas com isso uma tal sociologia dá lugar àquelas generalidades e abstrações que o destino da filosofia cumpre formar; como a filosofia, pretende criar um império universal da ciência, submetendo, para isso, aquilo que há de mais heterogêneo ao jugo de uma unidade conceitual, ou então de uma unidade puramente exterior – mas que, por isso mesmo, terá de se despedaçar, como se despedaçou o império político sob o jugo dos Diádocos.⁷⁵

Como podemos observar numa passagem como essa, Simmel desde muito cedo suspeitava que a pretensão da sociologia em “dominar o mundo intelectual” estava condenada ao fracasso, à desilusão; num certo sentido, porque uma tal sociologia parece desconhecer quaisquer limites. Quando o problema é posto nesses termos, a alternativa que resta à sociologia é aderir à concepção moderna de ciência, operando uma espécie de parcelamento do real a que corresponde certa divisão do trabalho científico – o que, por sua vez, só parece tecnicamente possível na medida em que aprendemos a controlar ou dominar nossos impulsos (por assim dizer megalomaniacos) em conceber a totalidade da existência, concentrando-nos, ao invés disso, numa de suas partes⁷⁶. Na prática, essa concentração nada mais é do

---

73. Eis o que lemos no original: “[...] *eine besondere, selbständige Wissenschaft*, mit *eigener* Stellung [...]”.

74. Instrutivo no que diz respeito à influência de Kant, para quem a metafórica espacial parecia especialmente importante, como destaca H. Blumenberg (2001, “Ausblick auf eine Theorie der Unbegrifflichkeit”, em *Ästhetische und metaphorologische Schriften*, p. 197). A série de problemas da sociologia que confere sentido à analogia geométrica (e que emerge no momento em que a sociologia procura ingressar na série das ciências exatas) encontra-se do começo ao fim atravessada pela recepção que Simmel fez de Kant – e inclusive, como veremos, a geometria a que Simmel se refere em suas analogias é aquela descrita por Kant em sua *Crítica da Razão Pura* e nos *Prolegômenos a toda a metafísica futura com pretensões de ciência* (como se sabe, ambas as obras se referem a um mesmo complexo de problemas: a *Crítica da Razão Pura* teve sua primeira edição publicada em 1781 e sua segunda edição em 1787; os *Prolegômenos* foram publicados em 1783).

75. GSG, v. 5, pp. 52-3. Não custa lembrar que os Diádocos foram os sucessores de Alexandre, sendo que o domínio dos Diádocos marcou a fragmentação do império por ele formado.

76. Simmel daria vazão a seus impulsos de apreender a totalidade da existência em sua *Philosophie des Geldes*, mas então com todas as reservas que serão mencionadas no capítulo seguinte. Seja como for, como veremos já nesta seção, a combinação entre a analogia espacial e a geométrica não esgota a concepção de ciência que Simmel visa aplicar à sociologia – e teríamos uma ideia melhor disso, caso fôssemos até o fim em associar a ciência ao moderno. O próprio Simmel estabelece tal associação em sua *Soziologie*, e isso logo no primeiro parágrafo do livro, em que tratava a sociologia como uma direção do pensamento que se deixaria expressar pela analogia segundo a qual a sociedade presente e passada estaria para o indivíduo, como o mar para as ondas (S.1.a.2, traduzida no segundo capítulo desta dissertação); “essa direção do pensamento”, prossegue Simmel, “é sustentada pelo relativismo moderno” (GSG, v. 11, p. 14; no mesmo período Simmel recorre ao conceito de interação,

que um meio, um método para a extração de conhecimentos que, devido a sua especificidade e sutileza, simplesmente não poderiam ser extraídos da realidade de outra forma; ou seja: caso não dedicássemos suficiente atenção a essa parcela da realidade, não seríamos capazes de “ver” seus componentes mais delicados. Disso e do que foi dito até aqui, podemos concluir que, para Simmel, a “solução” para o problema do lugar da sociologia dependia de que, de um lado, ela permitisse a aquisição de conhecimentos a que não se podia chegar por caminho algum, exceto por aquele que ela permitiria trilhar – e, de outro, de que Simmel fosse capaz de nos ensinar *como* trilhar esse caminho⁷⁷. Esse último ponto é importante porque, caso esse caminho seja algo além de um mero produto da fantasia de Simmel, seria no mínimo razoável esperar que ele pudesse nos transmitir as coordenadas gerais para que possamos reencontrá-lo. Ora, o caminho indicado por Simmel encontra uma formulação mais apropriada em termos quase paradoxais: a tarefa de uma sociologia com pretensões a ciência consistiria em apreender, *na sociedade*, aquilo que efetivamente *é sociedade*⁷⁸. Trata-se aqui de dizer com outras palavras o que estava dito quando se afirmou que a sociologia deveria proceder separando a forma e o conteúdo da socialização – sendo essa basicamente a *solução* que Simmel tinha a oferecer para o *problema* do lugar da sociologia entre as ciências⁷⁹. Para nos fazer entender o que está querendo dizer, Simmel fornece uma

---

Wechselwirkung, o que é bastante significativo). No entanto, Simmel não vai além disso na introdução à *Soziologie* – de modo que teremos de procurar outro ponto de acesso para a problemática que, aí, é apenas indicada.

77. Sendo que o segundo ponto nada mais é do que a “demonstração” do primeiro.

78. Cf. o primeiro período de **S.1.a.10**, traduzida logo adiante.

79. Ainda que tal resolução não seja definitiva: o que se liga à nota 7, situada no começo desta seção; mas também ao que ainda está para ser dito ao longo desta seção. Pretende-se, neste trabalho, mostrar que a solução que Simmel tinha a oferecer era consistente com o problema formulado e, portanto, com a concepção de ciência a que se liga à formulação do problema. Não se pretende, porém, demonstrar aqui a qualidade dessa concepção de ciência, mesmo porque ela me parece demasiado incompleta. É preciso, em primeiro lugar, que fique claro que o problema do “lugar” da sociologia era um problema para Simmel (sendo esse um dos elementos de realidade conjuntural que confere sentido à comparação com Durkheim), mas não é, em muitos sentidos, um problema para a sociologia contemporânea. Em segundo lugar, é preciso que se diga que certamente a visão que Simmel tinha das assim chamadas ciências naturais (a física, a biologia) era bastante limitada; embora ele se mostrasse “antenado” com algumas discussões nessas áreas (há, p. ex., menção a Einstein em ao menos uma de suas cartas), não encontrei qualquer indício de que seus conhecimentos a respeito fossem minimamente sólidos. Pelo contrário: em suas analogias, Simmel muitas vezes se referiu indistintamente tanto a conceitos científicos correntes em sua época, como a conceitos já ultrapassados, tais como os de geração espontânea (**S.3.a.3**, **S.3.a.43**) e éter luminífero (**P.1.c.57**). Nesse caso, é contudo digno de menção que físicos contemporâneos a Simmel, como H. Lorenz, mantiveram uma postura favorável a tal conceito, buscando reabilitá-lo diante de alguns experimentos com resultado negativo, ocorridos antes de 1890 – antes, portanto, de Simmel começar a redação da *Philosophie des Geldes*, obra de que extraí a analogia. A teoria especial da relatividade de Einstein, publicada em 1905, o tornaria inteiramente obsoleto). É claro que esse não é um problema para Simmel, dado o escopo particularmente restrito e descritivo de tais analogias (tipificadas no índice como “ilustrativas, conceituais”); indicam, contudo, a superficialidade de seus conhecimentos a respeito do que se fazia em tais áreas, e portanto o caráter incompleto de sua concepção de ciência. Mesmo a compreensão que Simmel demonstrou ter de conceitos tirados da biologia (dessas ciências, aquela com que ele aparentemente mais se ocupou) é demasiado pobre e estilizada para que a levemos em consideração fora do contexto analógico em que Simmel a subsumiu. Portanto, se fôssemos “comparar” a concepção de ciência com que Simmel trabalhava com o que realmente se fez e se faz em física ou em biologia, logo seríamos obrigados a admitir que são coisas muito diferentes, ou que se assemelham apenas num registro muito vago; o mesmo, é claro, poderia ser dito se comparássemos o que hoje se faz em física com o que hoje se faz em sociologia. Donde podemos concluir que, mesmo quando Simmel fala em ciência se referindo explicitamente às assim chamadas ciências naturais, o que está em jogo não é de modo algum uma definição adequada a *essas* ciências, sendo antes adequada apenas àquilo o que o sociólogo, de um modo geral (e talvez alguns filósofos, historiadores, economistas, politólogos, antropólogos, etc.), convencionou chamar de ciência. Essas são, de todo o modo, questões situadas num registro muito diferente daquele com que vou aqui trabalhar, pois aqui se trata em última análise de uma leitura dos textos de Simmel, de modo que o único conceito de ciência que aqui interessa é aquele cabível numa tal leitura. O propósito da presente advertência é apenas evitar o mal-entendido frequente que consiste em confundir o que as ciências exatas ou naturais efetivamente são com a imagem estilizada que os sociólogos ou filósofos (como Simmel) delas têm.

série de exemplos ou ilustrações disso⁸⁰ – mas os exemplos (que aqui de todo o modo não vem ao caso investigar) possuem um alcance limitado, e por isso Simmel precisa recorrer a outras estratégias, cujos limites admitam uma outra configuração. Esse é o caso do procedimento analógico em geral, e da analogia com a geometria em particular.

As analogias geométricas que Simmel formulou para fins de ilustração do método sociológico e com cujas outras modulações nos encontraremos em breve estão também ligadas a seus estudos sobre Kant. Ou melhor: quando Simmel escreve a palavra “geometria”, é na verdade à concepção kantiana de geometria que se refere⁸¹. E não só: Kant é a referência comum tanto às analogias geométricas quanto a série de problemas fundamentais da sociologia que, como vimos, lhe conferem sentido. Assim, a iniciativa em demarcar claramente o lugar da sociologia entre as ciências; a separação entre forma e conteúdo; a grande frequência das analogias espaciais e a noção de exclusividade que a elas se liga; a designação da sociologia *sensu strictissimo* como sociologia pura⁸² – tudo isso corresponde, de algum modo, à imagem que Simmel tinha de Kant. Caso fôssemos considerá-la de maneira isolada, teríamos de admitir que essa imagem é uma das mais ricas em nuances que podemos encontrar em Simmel; no entanto, para os nossos fins, o mais adequado é apresentá-la numa versão mais sintética, irremediavelmente grosseira. Basta-nos, portanto, chamar a atenção para que Simmel uma vez escreveu que a “fórmula para a essência kantiana” consistia no estabelecer limites; e isso no mesmo texto em que designou Kant como “cofundador e partidário do espírito científico moderno”⁸³. Essa é, em parte, a razão pela qual a analogia

---

80. Cf., p. ex., GSG, v. 11, p. 21. Mas talvez fosse melhor citar apenas: GSG, v. 11, já que, em boa medida, todo o livro nada mais é senão uma enorme e complicada série de exemplos dessa distinção básica.

81. Quanto a isso, uma leitura comparada do texto das analogias do primeiro capítulo da *Soziologie* que de alguma forma têm como um dos análogos a geometria (a saber: **S.1.a.5**, **S.1.a.7**, **S.1.a.8**, **S.1.a.10**, **S.1.a.12** e **S.1.a.13** – das quais apenas as duas primeiras não serão traduzidas nesta seção, sendo que a segunda se acha traduzida já no primeiro capítulo deste trabalho e é ainda retomada no segundo) com o texto da *Crítica da Razão Pura* e dos *Prolegômenos* não deixa quaisquer dúvidas (cf. sobretudo, KANT, 2001, pp. 63-71, 200-1; 500-1, ref.: *Kritik der reinen Vernunft*, A 22-30/ B 37-45, A 165-6/B 206-7 e A 593-1/ B 620-1; e KANT, 1959, *Prolegômenos a toda metafísica futura*, pp. 49-63, ref.: *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*, § 6-13). Além disso, Simmel dedica trechos consideráveis de suas dezesseis lições sobre Kant ao problema do espaço e ao modo como ele (Kant) concebia a geometria (cf. *Kant – Sechzehn Vorlesungen gehalten an der Berliner Universität*, originalmente publicado em 1904, ou seja, antes da *Soziologie*, e disponível em GSG, v. 9; ver especialmente as lições 2, 3 e 6). De todo o modo, não me parece necessário voltarmos ao texto de Kant, pois o que interessa é o que Kant significava para Simmel.

82. Caracterizada nesses termos apenas no texto de 1917 (GSG, v. 16, p. 82; traduzido em SIMMEL, 2006, p. 33). Trata-se de uma óbvia alusão a Kant (autor de uma *Crítica da Razão Pura*).

83. Cf. *Kant und Goethe*, disponível em GSG, v. 10. As citações foram retiradas, respectivamente, das pp. 138 e 164 da edição de referência. Eis o contexto da primeira citação (sendo que os “dois espíritos” a que Simmel se refere no primeiro período da passagem são Kant e Goethe):

Se é que se pode designar, de acordo com seu objetivo final, o ritmo do movimento interior desses dois espíritos – ainda que tais objetivos últimos sejam apenas a expressão das forças essenciais e de suas leis interiores, e não a meta autoimposta que, a partir de si mesma, lhes confere a direção –, então essa é a fórmula para a essência kantiana: estabelecer limites; a goethiana: unicidade. Para Kant (e assim é possível condensar tudo o que ele realizou) tudo depende da habilidade em estabelecer, uns por oposição aos outros, os limites dos poderes internos que determinam o conhecimento e a ação: os limites da sensibilidade diante do entendimento, do entendimento diante da razão, da razão diante do impulso à beatitude, da individualidade diante do que é universalmente válido. Com isso, as linhas demarcatórias que dizem respeito às forças, pretensões e à importância das próprias coisas são, ao mesmo tempo, trazidas para a objetividade do mundo e da vida – o que importa para Kant é proteger a vida teórica e prática diante dos abusos, iniquidades e ambiguidades que decorrem da ausência de limites precisos tanto entre fatores subjetivos como entre objetivos. (idem, pp. 138-9)

com a geometria é tão sugestiva: ela fornece, ao menos aparentemente, uma saída como que imanente do problema do lugar da sociologia entre as demais ciências. Como vimos, a solução para esse problema depende, em parte, da demonstração de que a sociologia é capaz de sondar um espectro da realidade que não pode ser sondado por qualquer outra ciência – o que Simmel acredita ser possível apenas na medida em que localizemos o que é, na sociedade, “pura” sociedade. Ao que há de puramente social na sociedade, Simmel dará o nome de *formas de socialização*: o objeto da sociologia cujos limites exatos ele pretende demarcar. Tais formas são, num certo sentido, como as formas puramente geométricas: apesar de não possuímos qualquer experiência particular de algo como uma esfera pura ou perfeita, somos capazes de intuir algo do gênero (i.e.: a “esfericidade” de uma esfera real), de estudar suas propriedades, de entender como suas partes se relacionam entre si – enfim, de fazer geometria. A geometria é possível, para Kant, porque toma como seu objeto isso que ele chama de intuições puras do espaço – intuições (assim se pode dizer tendo em vista os fins limitados deste trabalho) em que as “formas” do espaço em geral aparecem desconectadas de suas “matérias” ou “conteúdos” particulares. Para Simmel, algo semelhante pode ser buscado na sociedade, ou seja: a sociologia deve se esforçar em *separar* as formas de socialização dos conteúdos da vida humana em geral. Essa separação é, por sua vez, o que daria o estatuto da cientificidade da sociologia – o que conduz Simmel à seguinte formulação da analogia de método com que estamos nos ocupando:

Deve-se, de resto, observar que essa equivalência dos modos de interação diante de qualquer variedade do material humano ou objetivo, e vice-versa, é a princípio apenas um recurso cuja finalidade é levar a cabo e legitimar a separação entre forma e conteúdo operada pela ciência junto aos fenômenos singulares como um todo. No que diz respeito ao método, isso seria necessário mesmo se as constelações efetivas de um modo geral não se prestassem àquele procedimento indutivo que permite extrair, por decomposição, a identidade da variedade – exatamente como as abstrações geométricas das formas espaciais de um corpo seriam ainda válidas mesmo se o corpo assim formado efetivamente só viesse a existir uma única vez no mundo.⁸⁴

Chegamos aqui ao ponto: a analogia com a geometria serve para *tornar visível* aquilo que confere cientificidade à sociologia. Participa, portanto, da estratégia mobilizada por Simmel para “autorizar” a

---

Ora, a crítica de Simmel à sociologia geral é justamente essa: ela implicaria um “abuso” decorrente de uma ausência de limites, como esclarece a analogia do império universal da ciência. Seja como for, mais adiante em *Kant und Goethe* encontramos a seguinte caracterização de Kant:

Para Goethe trata-se da unidade que se mantém apesar dos limites das capacidades da alma; para Kant, dos limites das capacidades da alma, que se mantém apesar de sua unidade. Para Kant, o estabelecer limites é o correlato da unidade; uma vez, logo após haver traçado uma clara linha demarcatória entre domínios adjacentes do conhecimento, ele disse o seguinte: »Essa separação possui ainda um atrativo particular, aquele que a unidade do conhecimento traz consigo quando se busca evitar que os limites da ciência não se superponham uns aos outros, de modo que, ao invés disso, ocupem os quinhões que lhe pertencem«. (idem, p. 141; **grifos conforme o original**)

Aí aparece, de modo muito claro, a analogia entre espaço e cognição que encontra seu correspondente na expressão: “domínio científico”. De resto, ao final desta seção apresentarei o trecho de *Kant und Goethe* em que aparece a referência a Kant como “cofundador e partidário do espírito científico moderno”.

84. **S.1.a.12**, aqui citada num registro ampliado em relação ao índice (GSG, v. 11, pp. 27-8); o grifo é meu.

inscrição dela entre as demais ciências como semelhante ao lado de semelhante⁸⁵. Nesse registro, como notou Simmel, ela funciona como um *recurso*, um *meio* que, conjugado com outros, torna possível a realização da sociologia enquanto ciência. Enquanto meio, o seu sentido depende inteiramente de que o que esteja em jogo sejam determinados problemas fundamentais inerentes a essa forma específica de conhecimento – de modo que, onde quer que essa série determinada de problemas não esteja presente, esse recurso perde seu propósito. Antes mesmo do trecho que acabamos de ler, Simmel já havia alertado para essa conexão e seus limites:

É, antes de tudo, desse modo que deveríamos conceber aquilo que, na sociedade, é efetivamente »sociedade«, assim como, antes de tudo, a geometria determina aquilo que, nas coisas espaciais, é efetivamente sua espacialidade. Enquanto teoria do ser-sociedade do homem (este que também pode ser objeto de ciência em incontáveis outros aspectos), a sociologia está para as demais ciências especializadas, assim como a geometria está para as ciências físico-químicas da matéria: ela leva em consideração a forma por meio da qual a matéria em geral se torna um corpo empírico – a forma que, decerto, existe apenas abstratamente por si só, exatamente como as formas de socialização. Tanto a geometria, como a sociologia deixam para outros domínios da ciência a pesquisa dos conteúdos que se apresentam em suas formas, ou das manifestações totais cuja mera forma elas levam em consideração. – É quase desnecessário mencionar que essa analogia com a geometria de modo algum se estende para além do problema fundamental da sociologia que se procura aqui esclarecer.⁸⁶

A analogia de método entre sociologia e geometria é formulada aqui de modo especialmente claro e condensado, sendo esse um excelente pretexto para investigarmos seu conteúdo. Ela se apresenta em três pontos distintos (a que correspondem os três primeiros períodos da passagem), ainda que informados por uma só perspectiva, ou melhor: referidos a uma única série de problemas. O primeiro ponto diz respeito à determinação do que é propriamente social na sociedade; o segundo, à posição da sociologia científica em relação às demais ciências do espírito, indicada em termos claramente proporcionais; o terceiro, na verdade um desdobramento do segundo, à tarefa especificamente sociológica considerando sua posição frente às demais ciências do espírito. Deve-se notar que as “ciências especializadas” a que Simmel a essa altura se refere são especializadas num sentido aparentemente oposto ao da sociologia: a exclusividade delas radicaria em suas respectivas *matérias*⁸⁷. O que Simmel tem aqui em vista são estudos sobre diversas áreas do mundo humano, como a religião, a política, o direito, o trabalho, o conhecimento, a arte, a emotividade, etc. – que, para ele, podem até tomar parte na sociologia, tendo muito a ganhar com isso⁸⁸, mas cuja natureza não é puramente sociológica, uma vez que

---

85. O que, por sua vez, significa demonstrar a exclusividade desse modo de observação cuja possibilidade teria sido desencadeada, como pressupõe Simmel, pela emergência das massas – realizando-o, agora, enquanto ciência.

86. **S.1.a.10**, em GSG, v. 11, p. 25; grifo meu.

87. De modo que não seria possível defini-las como *modos exclusivos de observação*.

88. Cf. GSG, v. 16, pp. 54-6; traduzido em SIMMEL, 2006, pp. 23-25 e reproduzido mais adiante neste trabalho (cf. a p. 266). A essa altura Simmel fala dos benefícios que o modo exclusivamente sociológico de observação poderia trazer ao “criminalista”, ao “pesquisador da religião”, ao “historiador da cultura política ou geral” e ao “historiador da arte” (benefícios que, por sinal, têm algo a ver com o procedimento analógico – não sendo essa, contudo, uma função a ser tratada nesta seção). O ponto, que no texto de 1917 Simmel desdobra nesses exemplos, encontra-se já “condensado” na analogia geométrica, assim como é formulada no texto de 1908.

a religião, a política, o direito, o trabalho, o conhecimento, a arte e as emoções humanas conteriam, além do elemento sociológico, outros, quer imanentes, quer de natureza psicológica, a que a sociologia não chegaria⁸⁹. Em seguida, de maneira muito característica, Simmel chama a atenção para as *limitações* de sua analogia, afirmando que ela de modo algum se estende para além de um determinado problema fundamental da sociologia – aquele que está sendo aqui tratado como o problema da exclusividade do modo sociológico de observação, de seu “lugar” entre as demais ciências⁹⁰. Ora, se a analogia com a geometria é especialmente adequada para lidar com esse problema, é porque esse problema é, em parte, ele mesmo concebido em termos espaciais: em termos de alguma espécie de exclusividade análoga àquela das partes do espaço em geral. Assim tratado, o espaço em geral funciona como unidade absoluta, e é com efeito essa a modalidade de unidade que está em jogo quando Simmel fala na exclusividade do espaço:

Como só há um único espaço em geral, de que participam todos os espaços em particular, então, correspondentemente, cada parte do espaço possui uma espécie de singularidade para a qual não há praticamente qualquer analogia. É um completo absurdo pensar como sendo plural uma parte do espaço localizada de modo exato [...].

91

Simmel, a essa altura de sua sociologia do espaço, busca deduzir, da lição de Kant, a “exclusividade” das partes do espaço em geral⁹². O absurdo a que Simmel se refere (e é preciso notar que tal concepção de espaço é aquela com que operaria a física newtoniana, cujas bases Kant pretendeu estabelecer em

---

89. Justamente porque a sociologia é concebida como um modo seletivo ou exclusivo de observação, ao passo que esses fenômenos seriam, para Simmel, “totais”. Assim, p. ex., toda religião possuiria necessariamente um aspecto sociológico, mas não seria em si mesma algo *puramente* sociológico. Nesse caso, é como se a relação entre forma e conteúdo se invertesse: se, para a sociologia, a vida religiosa forneceria conteúdos junto aos quais certa forma de socialização se realiza, para o “pesquisador da religião” uma determinada forma de religiosidade apareceria uma vez que levássemos em conta as relações entre seus conteúdos sociais, psicológicos, ideacionais – sem os quais, na prática, a religião não seria possível. Assim, correspondentemente, poderíamos imaginar uma separação entre a forma e o conteúdo da vida religiosa, o que Simmel chega efetivamente a propor (cf. SIMMEL, 2011, *Religião*, v. 2, pp. 19-20). Mas essa alternativa aberta por Simmel, em si mesma de caráter bastante duvidoso, é, num sentido muito elementar, incompatível com o que se propõe em seus textos sobre os fundamentos da sociologia, e só faz algum sentido se se considera sua visão filosófica num registro mais abrangente, sua cultura filosófica. A temática religiosa e as analogias entre a vida social e a vida religiosa (que formam, por assim dizer, o campo possível da “sociologia da religião” de Simmel) serão objeto de discussão no próximo capítulo.

90. Assim, pelo que foi dito até aqui, e, principalmente, pelo que será dito em seguida, o “problema fundamental da sociologia que”, como vinha dizendo Simmel, “se procura esclarecer” por meio da analogia com a geometria não é sequer o único problema da sociologia. Podemos dizer que é o problema que emerge do *nexo* entre dois dos três componentes básicos da concepção simmeliana de ciência – estes que, como vimos, podem ser concebidos como duas analogias mais fundamentais: uma espacial, outra visual.

91. GSG, v. 11, p. 690.

92. Compare-se a passagem de Simmel com o seguinte trecho da *Crítica da Razão Pura*: “Porque, em primeiro lugar, só podemos ter a representação de um espaço único e, quando falamos de vários espaços, referimo-nos a partes de um só e mesmo espaço. [...] É essencialmente uno; a diversidade que nele se encontra e, por conseguinte, também o conceito universal de espaço em geral, assenta, em última análise, em limitações” (KANT, *Crítica da Razão Pura*, 2001, p. 65; ref.: *Kritik der reinen Vernunft*, A 25/B 39). O que Simmel busca fazer é deduzir, a partir dessa lição de Kant, isso que ele chama de exclusividade do espaço [Ausschließlichkeit des Raumes], que não seria exatamente uma propriedade do espaço em geral, mas de toda e qualquer *parte do espaço em geral*. Portanto, a exclusividade do espaço seria, digamos, um efeito da repartição de um espaço único e em si mesmo homogêneo; seria algo como a expressão do encaixe perfeito entre o geral e o particular. Para ilustrar o ponto, convém mencionar uma analogia de Simmel, que permite inclusive colocar em perspectiva a comparação entre as diversas ciências e as diversas unidades de soberania política – a analogia com o Estado. O Estado é, para Simmel, aquela forma de socialização cuja relação interna com o que ele chama de exclusividade do espaço é a mais evidente possível: “a espécie de vínculo entre indivíduos produzido pelo Estado ou no interior dele está de tal modo ligada com o território que sequer é possível pensar num segundo Estado simultâneo situado por sobre o primeiro” (GSG, v. 11, p. 691; para se ter uma ideia mais clara do ponto, cf. as pp. 690-3).

terreno sólido em sua *Crítica da Razão Pura*) é aquele que aparentemente emerge assim que dizemos algo que, de algum modo, viola o princípio da unidade do espaço em geral, p. ex.: quando dizemos que uma *única* coisa está, ao mesmo tempo, aqui e ali (supondo que entre “aqui” e “ali” há descontinuidade). Ora, se algo está simultaneamente aqui e ali, não pode ser único; e, se é único, só pode estar, num dado momento, aqui *ou* ali – de modo que, ao que parece, não *podemos* pensar numa parte do espaço como sendo algo plural sem incorrer num absurdo. Para Kant, como para Simmel, a geometria é o estudo do que, no espaço, é sua espacialidade, o que, no caso da geometria, implicaria a referência a um espaço único, contínuo e homogêneo, que se manteria idêntico a si mesmo diante de quaisquer limitações particulares. Mas, nesse ponto, a analogia entre sociologia e geometria já não parece mais se aplicar. Nesse sentido, tal analogia funciona, decerto, como uma espécie de fenômeno de superfície da analogia mais fundamental entre a cognição e o espaço em geral, ainda que precisemos combiná-la com a analogia entre cognição e visão⁹³ para que possamos apreender conceitualmente (ao menos em parte) a cientificidade que Simmel procura conferir à sua sociologia. Porém, ela não passa de um recurso inteiramente aproximativo: o elemento visual nela contido impede uma identificação imediata entre sociologia e geometria. Correspondentemente, a esfera geométrica pura não seria algo que se possa assimilar pelos sentidos, ou seja: não podemos enxergá-la do mesmo modo como podemos enxergar uma esfera “real”, situada *no* espaço⁹⁴. O espaço seria, antes, condição para qualquer experiência sensível em particular, uma intuição pura da exterioridade. A diferença em relação à sociologia pode ser assim delineada: enquanto a geometria operaria num mundo de formas contínuo, homogêneo, unívoco e transcendental, a sociologia estaria condenada a operar num plano descontínuo, heterogêneo, cheio de superposições de sentido e imanente. Essa mesma diferença está em jogo quando comparamos a natureza em sua acepção kantiana com a natureza da vida social – sendo esse, inclusive, o tema do excursão ao primeiro capítulo da *Soziologie*. Isso posto, se a analogia com a geometria fornece um ponto de acesso à sociologia de Simmel, se lhe permite concebê-la como uma ciência, não a esgota: o que ela faz (e aqui já não me parece mais possível fugir de alguma dose de autorreferencialidade) é abrir uma perspectiva que, por sua vez, em princípio nos permitiria “observar” esse modo de observação que seria a perspectiva exclusivamente sociológica⁹⁵. Esse é um limite para além do qual a analogia com a geometria perde todo o seu sentido, não servindo mais sequer como recurso aproximativo: para ultrapassá-lo, precisamos deixá-la inteiramente de lado. Eis como Simmel aprofundou a discussão em torno dos limites dessa sua analogia:

---

93. Que escapa à geometria, pelo menos à geometria “pura” a que Simmel, no rastro de Kant, se refere, que opera exclusivamente no domínio do espaço em geral, portanto independentemente da visão. A visão, por sua vez, diz apenas respeito a espaço tomado, apropriado, recortado, limitado por quem vê – em suma: *particularizado*.

94. O que seria o mesmo que dizer que a esfera matemática só poderia ser vista pelo “olho do espírito”, para usar, num outro contexto, as palavras que Simmel usou no texto de 1894 (cf. a nota 65 desta seção).

95. O ponto pode ser formulado de diversos modos, ainda que cada formulação envolva uma pequena modificação do sentido central da proposta: trata-se de abrir um caminho que leva à sociologia, que, por sua vez, não é tampouco um “destino”, mas ela mesma um outro caminho, que conduziria a uma realidade que nunca seria realmente alcançada; ou, mais simplesmente: a definição do que é, como que por definição, indefinido.

É como o que se passa com a demonstração de uma proposição geométrica realizada junto a uma figura desenhada num plano – figura esta de uma contingência e crueza incontornáveis. O matemático já pode, contudo, contar com que o conceito da figura geométrica ideal seja conhecido e produza os seus efeitos; pode contar com que ele seja interiormente concebido enquanto sendo o único sentido essencial daqueles traços de giz ou de tinta. Porém, no caso da sociologia, não se deve partir do pressuposto correspondente; não é possível submeter ao jugo da lógica a tarefa de arrancar, da totalidade complexa dos fenômenos, aquilo que a socialização em estado puro efetivamente é.⁹⁶

Aqui testemunhamos como, para Simmel, as formas de socialização são apenas semelhantes (e não idênticas) às geométricas. Chegamos aqui a outra série de problemas fundamentais da sociologia, para os quais a geometria já não fornece qualquer analogia, qualquer ponto de acesso. É notável como Simmel, de um lado, se esforça em deixar claro que há certos aspectos de sua sociologia em que a analogia geométrica simplesmente não chega⁹⁷; mas também como, de outro, essa “passagem” aparece, em seu texto, de modo muito menos abrupto do que pode parecer para quem está lendo estas linhas. De resto, não devemos ignorar que o que Simmel, como que casualmente, trata como se fosse apenas uma “vantagem” da geometria em relação à sociologia, é simplesmente o que, para Kant, seria o seu pressuposto mais fundamental, *sem o qual a geometria não seria sequer possível*. Se formos levar a sério a distinção proposta por Simmel, teremos de admitir que o que ele está fazendo, a essa altura, é negar, ainda que indiretamente, o caráter científico de sua sociologia; com efeito, no mesmo parágrafo de que foi tirada a passagem lemos ainda que “não há, até onde consigo ver, qualquer método efetivo e seguro para extrair o sentido sociológico daqueles fatos complexos, cuja realização é mediada por seus conteúdos”⁹⁸. Ou, para dizer o mesmo, só que usando outras palavras: Simmel aqui se vê diante de um “problema fundamental” da sociologia para o qual a solução tornada visível mediante a analogia

---

96. **S.1.a.13**, em GSG, v. 11, p. 29. A analogia apenas explicita o ponto tratado num parágrafo anterior, aquele situado entre as pp. 25-6. Essa imagem dos traços de giz desenhados numa lousa, bem como a questão da “observação” geométrica – e portanto da geometria como modo de observação – são retomadas mais a frente por Simmel (em GSG, v. 11, p. 38).

97. Deve-se ressaltar que o caráter “analogico” da passagem acima (**S.1.a.13**) é especialmente superficial: nesse caso, a única semelhança destacável entre a geometria e a sociologia seria que, em ambos os casos, só poderíamos representar suas formas de maneira imperfeita. Na verdade, esse é um dos casos em que a definição da analogia é problemática (sobretudo se levarmos em conta o critério n4#P1, discutido no capítulo anterior): embora não chegue a tratá-la como uma “falsa” analogia, Simmel a formula apenas como uma espécie de gancho retórico para discutir em que geometria e sociologia diferem. Esse é também o esquema mais geral de todo o excurso ao primeiro capítulo do livro: embora Simmel faça, para a sociedade, a pergunta que Kant havia feito para a natureza (como a sociedade é possível?); e embora formule, a todo o momento, analogias entre “sociedade” e “natureza” (no índice, podemos contar 11 delas!), Simmel sempre desdobra essas analogias e aquela pergunta chamando a atenção para as diferenças específicas entre um caso e outro. Mais ou menos como faz no que diz respeito às formas de socialização – como se se utilizasse do análogo da identidade (i.e.: a semelhança) apenas como pretexto para discutir o análogo da diversidade (i.e.: a diferença). Correspondentemente, também quanto ao problema da identidade das formas há divergência entre sociologia e geometria, sendo que em geometria esse “problema” está de antemão resolvido; dizer o contrário implicaria afirmar (para explicá-lo mediante um exemplo um tanto grosseiro) que a relação entre o raio e a circunferência de um círculo “X” pode ser diferente da relação entre o raio e a circunferência de um círculo “Y”, o que seria tão absurdo quanto afirmar que, hoje, dois mais dois é quatro, mas que amanhã pode ser cinco. É que na verdade o problema da identidade das formas só emerge – só se torna realmente um problema – para a sociologia, de modo que esse é o “seu” problema. Simmel admite que, na prática, a sociologia não opera com o pressuposto da identidade formal, contentando-se com o vizinho da identidade: a semelhança (ou, para usar as palavras de Simmel, com uma “igualdade aproximada”; cf. GSG, v. 11, pp. 27-8). Nesse caso, a lógica nos obriga a concluir que, para Simmel, a sociologia é uma forma de conhecimento como a geometria segundo Kant, só que, diferentemente dessa, impossível – o que não deve ser tomado ao pé da letra, sendo apenas um outro modo de formular o que será formulado na sequência do parágrafo a que se liga esta nota.

98. Adaptado de GSG, v. 11, p. 28.

geométrica não é mais satisfatória, não fornece mais qualquer chão. Nessa mesma passagem, topamos já com três das noções básicas que Simmel mobilizou para enfrentar essa outra série de problemas, deixada simplesmente no ar pela analogia geométrica: *totalidade*, *complexidade* e *sentido*. Tais problemas radicam no que será aqui chamado de *complexidade inconcebível da vida social* – que seria uma característica ontológica da sociedade que, uma vez assimilada no plano da explicitação metodológica, conduziria Simmel a uma negação da univocidade do conceito sociológico puro⁹⁹, algo com cujos desdobramentos iremos nos ocupar em seguida.

Com isso chegamos de qualquer forma mais perto de uma refutação completa da leitura de Freyer. Embora inicie sua breve reconstrução da sociologia formal de Simmel chamando a atenção para o “vigor e amplitude” do conceito simmeliano de forma¹⁰⁰, Freyer acaba por caracterizar o projeto sociológico de Simmel como uma ciência do *logos*, que tem como objeto “formas sociais puras e imutáveis que podem ser analisadas e sistematicamente ordenadas”. Com isso, seríamos conduzidos a uma negação completa do caráter de realidade das realidades históricas, de modo que as formas de socialização de Simmel se converteriam em presas de um “conceito de forma orientado pela geometria”. Para Freyer, a sociologia proposta por Simmel tenderia a assumir a forma da “mais completa ciência do *logos* que se pode imaginar”, já que tornaria os fenômenos da vida social suscetíveis ao jugo da lógica, ou, como diz Freyer, à compreensão sistemática¹⁰¹. Não há dúvidas quanto a que a leitura de Freyer só possa ser sustentada na medida em que se ignore, ou se trate como falsa, a delimitação estabelecida pelo próprio Simmel no que diz respeito ao sentido metódico da analogia geométrica; pois ali Simmel afirma exatamente o contrário

---

99. Negação essa que, como já deve ser possível inferir, conduz a uma atitude ambivalente diante do caráter científico da sociologia. Vale notar que ela se encontra formulada na passagem acima, ainda que nesse caso de um modo apenas negativo ou residual: a forma geométrica pura possuiria, para Simmel, um sentido essencial e único que poderíamos intuir independentemente de suas realizações concretas (sendo que, nesse aspecto, Simmel segue o Kant da *Crítica da Razão Pura*, para quem o espaço possuiria um sentido absoluto). Para dizê-lo de outro modo: seríamos capazes de inferir com absoluta certeza que a razão entre a circunferência e o raio de dois círculos diferentes seja sempre idêntica, ainda que sejamos, como de fato somos, incapazes de desenhar (digamos: numa lousa, com um giz) duas circunferências em que tal identidade efetivamente se verifique – simplesmente porque o que círculo que efetivamente observamos (i.e.: que *vemos* desenhado na lousa ou que *podemos* ali desenhar) é apenas uma espécie de sinal que nos permite intuir uma forma espacial pura que se encontra já em nós e que, por assim dizer, dá forma às formas “reais”. Assim, ao desenharmos o círculo, o “realizariamos”, i.e.: combinaríamos sua forma “pura” com uma matéria, o que implicaria sempre alguma medida de deformação, por imperceptível que seja – mas essas deformações não importam nem um pouco para a matemática, que pode, digamos, ver mais do que podemos ver com os olhos. Nesse ponto, geometria e sociologia seriam, para Simmel, inteiramente diversas: mesmo a forma de socialização mais pura não possuiria, como a geométrica, um sentido essencial e único, o que traria tais “deformações” (de que o matemático pode perfeitamente fazer abstração ou “pôr de lado”) para o *centro* do interesse sociológico. Usando outras palavras, G. Cohn já havia chamado a atenção para esse mesmo ponto, quando afirmou que, para Simmel, o papel do analista social era o de estar atento às modulações (cf. COHN, “As diferenças finas: de Simmel a Luhmann”, 1998). Justamente nesse ponto o caráter “puro” da sociologia de Simmel pode ser posto em questão: suas análises nunca deixam realmente o plano imanente da vida, ou, para ser mais exato: nelas, a tensão entre a vida e as formas da sociedade nunca chega realmente a se *resolver* para um dos lados, de modo que não é realmente acertado dizer que Simmel tenha sido fiel à Kant em sua referência. Isso deverá fazer mais sentido na próxima seção deste capítulo, em que estudaremos como a aproximação por analogia permitiu a Simmel “inferir”, indutivamente, o que ele chamou de formas de socialização (procedimento cujo caráter científico é, para os padrões de hoje, certamente contestável, ainda mais se pensamos que se liga à concepção bastante vaga de ciência como modo exclusivo de observação). Basta, por agora, notar que as formas de socialização criadas por Simmel não são passíveis de representação “sistemática” (não é possível fazer uma “tábua” de formas de socialização, a exemplo do que Kant gostava de fazer com suas categorias), mas, por outra: seu sentido “puro” estaria de algum modo ainda ligado a seus exemplos concretos, “impuros” – algo que seria perfeitamente despropositado do ponto de vista da geometria assim como Kant a descreveu.

100. Cf. Freyer, 1944, p. 65.

101. Cf. Freyer, 1944, pp. 74-5.

de Freyer, como acabamos de testemunhar. Mas, e embora aqui tenhamos coletado inúmeros indícios para refutar de uma vez por todas a posição de Freyer, que afinal só “descarta” a sociologia de Simmel na medida em que a representa como uma ciência inteiramente sistemática (por assim dizer fiel ao espírito de Kant), não mostramos ainda *como* Simmel trata o problema da complexidade inconcebível das formas de socialização. Seria ainda possível, pois, que Simmel tivesse apenas indicado haver algo de fundamental em sua sociologia para além do que se deixava ver por meio da analogia com a geometria, sem, em seguida, propor alguma coisa de substancial para ocupar o lugar indicado. Nesse caso, estaríamos diante de uma petição de princípio que, mais uma vez, obstruiria o caminho para a refutação definitiva da leitura que Freyer fez de Simmel. Só que esse não é o caso: a sociologia formal de Simmel confere um tratamento bastante refinado (ainda que nem por isso imune a críticas) ao problema da complexidade inconcebível do mundo social a que, como ele havia acabado de nos indicar, a analogia com a geometria já não dá acesso.

Nesse ponto, Simmel estava numa situação que não era muito diferente daquela que dizia respeito à jurisdição da sociologia enquanto ciência. Para apreender essa outra série de problemas, ele tampouco dispunha de conceitos bem definidos, apropriados; precisava ele mesmo desenvolver suas ferramentas, e para tais fins não tinha outra alternativa senão a de se orientar por meio de comparações analógicas. Mas é claro: para enfrentar esse *outro* problema, Simmel precisava de *outras* analogias. Uma das características mais notáveis do uso que Simmel fez do procedimento analógico é a sua variabilidade: suas analogias são não apenas muito numerosas, como ainda muito diversificadas. Sem perder de vista as limitações da seguinte comparação, digamos que a variabilidade possua, por sua vez, um valor inestimável na luta pela sobrevivência travada pelas teorias científicas. Admitamos, agora, que algo só seja apropriado, adaptado ou adequado em relação a determinada conjuntura, o que implica que o que é apropriado num tempo T1 pode se mostrar inteiramente inapropriado num tempo T2, contanto que a conjuntura sofra alguma modificação; analogamente, se a teoria científica não for capaz de acompanhar as mudanças conjunturais (como, p. ex., a descoberta de materiais empíricos até então ignorados, que aqui deve ser pensada como ampliação do conjunto de fenômenos a serem acomodados pela teoria), sua forma específica – ou melhor: exclusiva – eventualmente sucumbirá¹⁰². Podemos transpor esse raciocínio

---

102. A analogia entre a seleção natural (como Darwin a havia concebido) e a teoria do conhecimento foi formulada por pensadores formados nas mais diversas tradições intelectuais. Ludwik Fleck, Karl Popper, Talcott Parsons e Hans Blumenberg, p. ex., em algum momento trouxeram à luz suas próprias variações dessa analogia, introduzindo sempre as modificações e as ressalvas que julgaram necessárias (cf.: FLECK, 1979, *Genesis and Development of a Scientific Fact*, pp. 25-6; POPPER, 1972b, *Objective Knowledge*, pp. 256-272; PARSONS, 1937, *The Structure of Social Action*, pp. 3-41; e BLUMENBERG, 1985, *Work on Myth*, p. 164 e as seguintes, ou, no original: BLUMENBERG, 1981, *Arbeit am Mythos*, p. 182 e as seguintes; trata-se aqui apenas de indicar uma referência para cada autor, de modo que o contexto e a função dessas analogias para esses autores não é assunto para ser aqui discutido). Para não falar, claro, no próprio Simmel, que escreveu um artigo exclusivo sobre o tema (trata-se do artigo “Ueber eine Beziehung der Selektionslehre zur Erkenntnistheorie”, disponível em GSG, v. 5, pp. 62-74, e originalmente publicado em 1895, ou seja: apenas um ano depois do texto seminal sobre o problema da sociologia; o artigo, por sinal, é fechado justamente com uma *analogia* entre, de um lado, a “relação da teoria da seleção com a epistemologia” a que se refere Simmel e, de outro, a doutrina do espaço de Kant – analogia que, nas últimas linhas do texto, assume as feições de uma superação dialética desta por aquela). Mas não só: pois, mais tarde, Simmel incluiria essa relação específica (portanto, essa analogia) como um dos vários aspectos de sua teoria relativista do conhecimento, assim como a apresentou na *Philosophie des Geldes* (cf. GSG, pp. 100-

do plano metateórico para o da teoria sociológica de Simmel, se imaginarmos que as formas de socialização a que ele se refere não sejam apenas como as formas geométricas, mas, além disso, *como as formas de vida*, na medida em que variam, se modificam, e até mesmo aparecem e desaparecem em função da passagem do tempo. Assim, podemos ter uma primeira ideia de como a analogia com a biologia abriria o caminho para que Simmel enfrentasse o embaraçoso problema da complexidade inconcebível das formas de socialização¹⁰³.

As analogias biológicas são velhas conhecidas das humanidades, e já foram objeto de estudos os mais diversos¹⁰⁴. Não é o caso aqui de contarmos a história de suas várias recepções; digno de menção é apenas que, nas ciências sociais, tal analogia foi, muito frequentemente, associada a um determinismo forte, segundo o qual o indivíduo é completamente determinado pelo seu “meio”. Esse não é *exatamente* o caso de Simmel, que opera com a analogia biológica num registro mais ambíguo: a biologia lhe interessa na medida em que toma como objeto a vida, que, como parece ficar cada vez mais claro para Simmel à medida que ele envelhece, é o que há de menos determinado na existência. Essa ambiguidade se manifesta nas transformações no sentido da analogia biológica em três dos quatro trabalhos de Simmel sobre os problemas fundamentais da sociologia: ela exerce um papel importante no texto de 1890, que introduz um livro sobre a diferenciação social; praticamente desaparece no artigo de 1894 (como se não fosse ali conveniente apontar para a complexidade inconcebível do objeto da sociologia); e retorna no texto de 1908, mas num registro diferente em relação ao do texto de 1890, a saber: agora sim como analogia de método. Tomemos, agora, a primeira formulação – é verdade que um tanto tímida – da analogia biológica no texto de 1908, que ocorre no momento em que Simmel investiga as dificuldades envolvidas na elaboração de um conceito definitivo de sociedade:

Talvez se encontre nessa hipostasiação de uma mera abstração a causa para a opacidade e a incerteza características a que permaneceram presos o conceito de sociedade e o uso que a sociologia geral fez dele até aqui – assim como não se avançou direito com o conceito de vida até que a ciência deixou de considerá-lo como um fenômeno unitário

---

103) – o que é muito revelador da natureza da obra em questão. A variação aqui apresentada foi elaborada a partir do material fornecido por esses autores (o próprio Simmel não a estabelece *nesses termos*). De resto, outros pontos de uma conexão que aqui se acha muito superficialmente sugerida (entre a teoria do conhecimento de Simmel e a filosofia popperiana da ciência) foram tratados em DAHME, 1981, parte II, pp. 273-303.

103. A expressão “complexidade inconcebível”, ainda mais quando se discute analogias biológicas, tem o inconveniente de remeter às formulações pseudocientíficas dos criacionistas e dos proponentes da doutrina do design inteligente – sendo que, para autores do gênero, tal “complexidade” seria um indicativo de que a atual diversidade das formas de vida não poderia ser concebida como sendo o resultado de mecanismos naturais, como aquele descoberto e teorizado por Darwin, mas dependeria da intervenção de um deus, de um “designer” (posição essa que possui, ainda hoje, inúmeros proponentes, muito embora haja, por sinal desde pelo menos a época de Darwin, farta evidência em contrário). Deve estar claro que a expressão é, aqui, empregada num sentido que é marcadamente distinto. Contudo, visto de outro ângulo, esse mesmo inconveniente pode ser considerado oportuno: pois permite ilustrar um embaraço real nas formulações de Simmel, e que, em última análise, não é tão diferente daquele em que se envolvem os proponentes daquelas doutrinas pseudocientíficas. Esse embaraço, que se liga a uma postura até certo ponto mística ou, no mínimo, contemplativa (de que Simmel nunca conseguiu realmente se livrar) está, por assim dizer, contido na própria afirmação de que a vida social seria infinitamente complexa – sendo que tanto esse embaraço quanto aquela complicação serão discutidos mais adiante. Apesar desse embaraço, tentarei mostrar que Simmel, *sobretudo em seus escritos mais maduros*, não se limitou a afirmar que a vida social é algo infinitamente complexo, mas, ao invés disso, buscou remediar, no plano da teoria social, isso o que tratava como irremediável no plano ontológico. Sua microsociologia é esse remédio.

104. Basta, aqui, citar NUNES, 2005, pp. 131-150.

de realidade imediata. Somente quando se investigou os processos singulares no interior do organismo, cuja soma ou entrelaçamento são a vida, somente quando se entendeu que a vida existe apenas junto a esses processos singulares e entre os órgãos e as células – somente então a ciência da vida obteve chão firme.¹⁰⁵

A hipostasiação a que Simmel se refere diz respeito ao uso genérico do conceito de sociedade. Não deixa de ser interessante chamar a atenção para que Simmel compare a noção de sociedade à de vida logo após ter comparado o conceito desta ao de esfera: *a presente analogia com a noção de vida encerra o parágrafo que havia começado com a analogia com o conceito de esfera*. Não só isso, como também o período em que a analogia é formulada¹⁰⁶ é introduzido por um “talvez” – palavra muito pouco apropriada para quem pretende delimitar claramente as tarefas da sociologia, e desfazer, assim, a confusão conceitual em que ela se encontraria imersa. Aqui se desenha uma imagem da sociologia simmeliana que parece incompatível com a reproduzida por Freyer: não é realmente difícil imaginar uma “ciência do *logos*” mais completa que uma sociologia cujas noções centrais são apresentadas em sentenças imunes ao princípio não-contradição (como é o caso de uma sentença introduzida por “talvez”). Por outro lado, essa outra imagem da sociologia simmeliana parece de acordo com o fato de que não encontramos, na *Soziologie*, nada remotamente parecido com uma lista das formas de socialização; temos, quando muito, um índice de assuntos – mas mesmo nesse índice, como por sinal nos adverte o próprio Simmel¹⁰⁷, tudo o que achamos é o número da página em que a discussão de certo tópico *começa*.

Seja como for, essa primeira aparição da analogia no texto de 1908 não contém o que realmente interessa. Assim, após estabelecê-la, Simmel fecha o parágrafo e retorna à analogia geométrica, para aprofundá-la¹⁰⁸. Irá, então, se concentrar na analogia geométrica até tirar, dela, tudo o que precisa; e em seguida mostrará que sua utilidade e sentido são limitadas, indicando um ponto em que não deve mais ser aplicada¹⁰⁹ – o que, como vimos, o conduziria ao problema da complexidade inconcebível das formas de socialização. E é justamente esse o tema dos parágrafos subsequentes, em que se acha a analogia biológica em sua versão reformulada. Ao longo dessas passagens encontramos muitos dos elementos que conferem sentido à analogia, tais como a noção de *interação* ou *influência recíproca* [Wechselwirkung]. Essa noção em particular, crucial para entendermos esse outro problema fundamental da sociologia de Simmel, havia aparecido já no texto de 1890 e, então, junto à versão mais “primitiva” da analogia biológica. Convém, por essa razão, darmos um passo atrás, voltando a 1890, para que possamos apreciar melhor a reformulação da analogia assim como ela apareceu no texto de 1908.

---

105. **S.1.a.9**, em GSG, v. 11, pp. 24-5. Aqui citado em registro ampliado em relação ao índice.

106. Ou seja, em que ocorre o “wie”.

107. Cf. GSG, v. 11, p. 865. O ponto foi comentado em TYRELL, 2007, “Georg Simmel’s „große“ *Soziologie*”, em *Simmel Studies*, no. 17, 1/2007, pp. 9-10. Tal atitude, refratária às exigências de clareza, pode ser lida na mesma chave que aquela tratada na nota 170, mais abaixo.

108. Sendo aí que ele estabelece a analogia **S.1.a.10**, de que já tratamos (cf. GSG, v. 11, p. 25). Note-se que o “aprofundamento” da analogia o conduz à sua implosão, o que já testemunhamos.

109. Estabelecendo as analogias **S.1.a.12** e **S.1.a.13**, que já consideramos (cf. GSG, v. 11, pp. 28-9).

Como seria de se esperar num texto sobre a *diferenciação* social, por sinal publicado quando Simmel tinha 32 anos, a introdução à epistemologia da ciência da sociedade ali presente confere grande ênfase ao problema da complexidade do mundo social; e, como também seria de se esperar, o modelo de desenvolvimento a que Simmel recorre para dar conta do processo de diferenciação deve muito a modelos teóricos oriundos da biologia. Sua postura lembra aqui bastante a de Darwin, que teve de encarar um problema análogo ao encarado por Simmel: o da complexidade das formas de vida. Como vimos, Darwin criticou duramente o conceito fixista ou estático de espécie¹¹⁰, de modo a considerar que as diferentes espécies não seriam essencialmente diversas umas em relação às outras, mas sim produtos de sucessivas variações (sem o que não se poderia considerá-las sujeitas à evolução); como entre “espécie” e “variação” há apenas uma diferença de grau, não dispomos de qualquer critério *unívoco* que permita definir o que uma espécie realmente é, de modo que não seria possível determinar exatamente onde uma espécie começa e outra acaba – o que levou Darwin a postular que todas as formas de vida estariam em inúmeras relações umas com as outras, de modo que uma mudança em cada termo dessa complexa teia de relações poderia, em princípio, influenciar de algum modo todos os outros termos. Transpondo esse esquema para o registro com que vínhamos operando – simmeliano –, podemos conceber tais relações como operações sintéticas para as quais a exclusividade do espaço já não fornece uma analogia adequada. Quanto a isso Simmel já tinha alguma clareza em 1890, ainda que aqui dizendo respeito não às formas específicas, mas às singulares de vida:

Não tenho dúvidas quanto a que se pode chegar ao menos a uma objetividade relativa dessa unidade tomando por base o seguinte: a interação das partes. Designamos todo objeto como unitário na mesma medida em que suas partes estão umas para as outras numa relação dinâmica e recíproca. Daí que um ser vivo proporcione de modo tão particular o fenômeno da unidade, uma vez que o que nós nele observamos é o efeito energético de cada uma das partes sobre todas as demais, ao passo que o nexo de uma estrutura natural inorgânica é demasiado fraco para deixar as propriedades e funções de cada parte intactas após havê-las repartido.¹¹¹

A oposição aqui é entre a operação sintética espacial e a operação correspondente que instituiria a vida em geral, sendo que a noção de vida a que Simmel se refere é virtualmente a mesma introduzida há pouco, quando tratávamos da primeira modulação da analogia entre biologia e sociologia presente no texto de 1908. Mas o que interessa a esta altura é ressaltar a comparação, ausente no caso anterior. Assim, convém notar que temos aqui, de um lado, uma estrutura natural inorgânica: a “natureza” de Kant; e de outro, uma estrutura dinâmica: a “natureza” de Darwin. Uma comparação negativa do gênero – só que mais refinada¹¹² – seria empregada por Simmel, em sua *Soziologie*, tendo em vista esclarecer a especificidade da operação sintética que instituiria a sociedade:

---

110. Para ajustar o conceito ao vocabulário deste trabalho, tomarei a liberdade de tratar como intercambiáveis os nomes: espécie e forma específica de vida. O próprio Darwin empregou frequentemente a expressão “formas de vida”.

111. GSG, v. 2, p. 129. Lemos uma passagem semelhante no texto de 1908 em GSG, v. 11, p. 18.

112. Ou seja: sem mais “passar” pelo intermediário biológico. Note-se como, no trecho apresentado na sequência, Simmel compara diretamente a unidade espacial à sociológica.

Por um lado, as coisas na natureza estão bem mais dispersas umas em relação às outras do que o estão as almas; consoante a unidade de um ser humano com outro, tal como se verifica na compreensão, no amor, na obra em comum – enfim, consoante essa unidade não há, na realidade espacial (em que cada ser ocupa a sua porção do espaço, que a nenhum outro é dado então ocupar) de um modo geral qualquer analogia.¹¹³

Ora, a unidade das diversas partes do espaço *em geral* – conforme a leitura que Simmel fez da lição kantiana – é uma unidade inteiramente fechada em si mesma, i.e.: absoluta. Não há coisa alguma, não há qualquer experiência possível “fora” do espaço. O absoluto, por sua vez, Simmel o concebe como aquilo que não é relativo (e, portanto, relativisticamente), de modo que as diversas partes do espaço não podem possuir qualquer *relação entre si*, o que é apenas outro modo de dizer que são *exclusivas* ou *únicas*¹¹⁴. Assim, a “unidade” relacional ou interativamente instituída de que fala Simmel nessa passagem parece, de algum modo, ser diferente daquela unidade que está em jogo quando ele fala do espaço em geral, e que é na verdade o princípio que confere sentido à ideia de que “não se pode falar de uma parte do espaço no plural”; nessa linha, o sentido do que é (em sociologia, como em biologia) exclusivo ou único precisa ser modificado. Reformulando: para Simmel não há, nesses casos, o espaço em geral, mas apenas este ou aquele espaço, esta ou aquela conjuntura, este ou aquele ambiente¹¹⁵. É em primeiro lugar nesse sentido que as formas de socialização são análogas às formas de vida, cujo conceito cumpre, agora, investigar em maior detalhe. Assim, do mesmo modo que, para Darwin, não há qualquer critério unívoco para determinar exatamente onde acaba uma forma específica de vida (i.e.: uma espécie) e a outra

---

113. GSG v. 11, p. 44, já citada em outro trecho deste trabalho. Em seguida Simmel desenvolve a especificidade da operação sintética sociológica – que não vem ao caso aqui discutir, mas que não deixa de ser interessante apresentar, na medida em que conduz ao conceito de socialização [Vergesellschaftung], que pode ser pensado como o análogo sociológico da noção de interação [Wechselwirkung]. Eis o que lemos logo na sequência:

Mas, por outro lado, as frações da realidade espacial combinam-se na consciência do observador formando uma unidade tal que o conjunto dos indivíduos não chega a formar. Assim, pelo fato de que os objetos da síntese são, nesse caso, seres autônomos, centros anímicos, unidades pessoais, eles resistem àquela fusão absoluta com a alma de um outro sujeito, diante da qual se entregam os objetos inanimados, aos quais falta um ‘eu’. Dessa forma, certa quantidade de pessoas é uma unidade; mas uma unidade que, na realidade, é mais elevada, ainda que, idealmente, o seja em muito menor grau, do que aquela própria dos objetos, tal como: mesa, cadeiras, sofá, tapete e espelho formando uma ‘decoração de interior’, ou rio, pradaria, árvores e casa constituindo uma ‘paisagem’, ou as cores pintadas sobre uma tela, uma ‘imagem’. Em suma: a sociedade é ‘minha representação’ (i. e., está fundada na atividade da consciência) num sentido bem diferente daquele em que o mundo exterior o é. Pois as outras almas têm para mim justamente a mesma realidade que eu tenho, uma realidade que é bastante diferente daquela de uma coisa material. Por mais que Kant tenha asseverado que a existência dos objetos no espaço haveria de ser tão certa quanto a minha própria existência, o que se entende aí como sendo a minha existência só podem ser os conteúdos particulares da minha vida subjetiva; pois o fundamento da representação em geral – ou seja: o sentimento do ‘eu’ existente – tem algo de incondicional e inabalável que nenhuma representação particular de uma exterioridade material chega a ter. Mas justamente essa certeza em relação ao nosso ‘eu’ – seja ela passível ou não de fundamentação –, também a temos em relação ao fato do ‘tu’; e, seja como causa, seja como efeito dessa certeza, sentimos o ‘tu’ como algo independente da representação que dela temos, algo que, exatamente como a nossa própria existência, existe para si. Que esse para-si do outro não nos impeça de, contudo, fazer dele uma nossa representação; que algo que de modo algum está dissolvido no nosso representar, contudo, venha a se tornar um conteúdo, e, portanto, um produto desse representar – eis o problema e esquema psicológico e epistemológico mais profundo da socialização.

114. Assim, caso uma ciência específica fosse algo *inteiramente exclusivo* – portanto, idêntica a uma porção do espaço em geral –, então todo o procedimento analógico seria necessariamente equivocado. Tal consequência é bastante coerente com a abordagem ornamental do papel das expressões em sentido figurado na linguagem científica, se a levamos ao pé da letra.

115. Exatamente como se a noção de generalidade estivesse, nesses casos (em sociologia, como em biologia), sendo usada em sentido figurado.

começa – assim também, para Simmel, no caso das formas singulares de vida, na medida em que estas nada mais são que “o efeito energético de cada uma das partes sobre todas as demais”. Não haveria, também nesse caso, qualquer critério unívoco com o que determinar qual parte do meu corpo está viva e qual não: segundo tal concepção, minha vida, p. ex., se instituiria na interação das diversas porções de matéria que seriam por ela funcionalmente incorporadas a cada instante¹¹⁶; vistas por si mesmas e isoladamente (em seu “ser-para-si”, com às vezes dizia Simmel), as várias porções de matéria que *formam* o meu corpo seriam algo inteiramente desprovido de vida, mas no momento em que se põem *umas para as outras de um determinado modo*, elas, como que saindo de seu isolamento, produziram esse efeito sintético, essa aparência externa, esse fenômeno ou manifestação a que damos o nome de vida – ou ao menos essa é uma das maneiras por meio das quais Simmel viria a conceber o problema¹¹⁷. O conceito de interação ou influência recíproca descreve esse estado de coisas, essa situação em que as partes de uma unidade se determinam não pelo que elas venham a ser em si, mas pelo o que são umas em relação às outras¹¹⁸. Essa intuição conduz Simmel, como até certo ponto havia também conduzido Darwin, a tomar como “princípio regulativo de mundo o fato de que tudo interage de algum modo com tudo o mais, que entre cada ponto do mundo e cada outro ponto se transmitem forças e relações que vão de um ponto a outro e do outro de volta ao um”¹¹⁹. Esse mesmo jogo de forças que institui as formas singulares de vida

---

116. E não apenas a matéria que está “já” no meu corpo, mas também aquela que vai sendo a ele a todo o momento incorporada, como, p. ex., o oxigênio: caso eu fosse jogado num ambiente hermeticamente fechado e desprovido de moléculas de oxigênio assimiláveis pelo meu organismo, minha vida deixaria de existir do mesmo modo que deixaria caso minha cabeça fosse separada de meu tronco. Daí que o espaço não forneça mais uma boa analogia para situar o problema: pois, assim concebida, a relação entre parte e todo em que se resolve a noção de vida passa a ser concebível de modo plural, passa a abarcar mais de um sentido. Não se deve, de todo o modo, ignorar que essa noção de vida a que Simmel se refere e que estou aqui reconstruindo com minhas próprias palavras e exemplos parece mais embebido em misticismo do que a de Darwin. Com efeito, embora Darwin fale numa “teia complexa de relações”, não é exatamente isso que ele chama de “vida” (sendo essa uma extrapolação de Simmel, que aqui parece seguir o rastro deixado por Haeckel). Na verdade essa palavra – vida – aparece, ao menos no livro mais famoso de Darwin, quase sempre acompanhada de outras que lhe conferem um sentido bastante concreto e permeável à definição conceitual, formando expressões como: conditions of life, forms of life, period of life, lifetime, habits of life, battle of life, struggle/race for life, etc.

117. Note-se como, aqui, a vida aparece como uma espécie de forma, sobretudo se levamos em conta a distinção entre forma e matéria: a vida emerge no momento em que a matéria se arranja segundo esta ou aquela forma, e é por isso que podemos falar em “formas de vida”. Embora essa concepção seja coerente com o que estudamos até aqui, Simmel mais tarde trabalharia a noção de vida na chave de um dualismo em relação à forma: mas *essa* forma já não seria a forma que se opõe à matéria ou ao conteúdo e que, como vimos, é o que interessa quando Simmel fala em formas de socialização. O dualismo entre vida e forma permite enxergar algo da riqueza de nuances contida no tratamento que Simmel deu às questões que estão aqui em pauta, e que implica enormes dificuldades quando o assunto é reconstruir seu pensamento, pois então algo sempre acaba ficando de fora. A constatação do problema não deve, contudo, ser tomada como desculpa para não enfrentá-lo: e o único modo com que consegui atinar para enfrentar esse problema específico é referindo o debate a que se liga esta nota às formulações do jovem Simmel (que ainda não havia desenvolvido sua metafísica da vida) e às suas repercussões na sociologia. As formas de socialização a que Simmel iria se referir em sua *Soziologie* manteriam várias dessas características (mesmo porque o livro de 1908 é, em parte, formado a partir de material elaborado ao longo da década de 1890), que aqui vêm sendo acessadas por meio da analogia com a noção de formas de vida; mas, além desses elementos, a discussão de Simmel em 1908 terá incorporado outros, que, 1890, provavelmente não apareciam com tanta clareza diante de seus olhos, e que só se tornariam claros quando ele houvesse *modificado* sua noção de vida. É o que veremos adiante.

118. Ou seja: não pela sua matéria, não pelo seu conteúdo, mas pela sua forma ou função.

119. GSG, v. 2, p. 130. É preciso notar que, como vimos, Kant já falava em “interação” [Wechselwirkung], sobretudo no registro da terceira analogia com a experiência presente na *Crítica da Razão Pura*. Mas, em primeiro lugar, deve estar claro a esta altura que, neste trabalho, Kant está sendo situado em um dos polos do “dualismo” de Simmel (como ele mesmo fez em *Kant und Goethe*), ainda que sua leitura de Kant de modo algum se resuma a isso. Pode-se até mesmo dizer que, em outros contextos, Simmel busca, como que *no interior de Kant*, algo como uma imagem analógica miniaturizada (e devidamente modificada) dessa mesma relação que, em outras situações, ele detecta *entre* Kant e Goethe (cf., p. ex., as primeiras lições de *Kant*, em GSG, v. 9). Seja como for, um estudo detido sobre o conceito de interação exigiria um destaque maior à influência de Kant do que o que

está na base do que tem sido aqui chamado de noção darwiniana de natureza¹²⁰, e sobre a qual Haeckel, mais tarde, iria trabalhar de modo a cunhar o conceito de ecologia; para compreendê-lo, basta imaginar que cada forma específica de vida é uma parte que interage com outras partes de modo a instituir a unidade básica da natureza¹²¹.

Para Simmel, a operação sintética que observamos na sociedade se assemelha mais a essa situação do que à situação a que chegamos levando em conta o que ocorre no espaço em geral. Embora a síntese sociológica não seja idêntica em todos os aspectos à biológica, a relação que as várias partes da sociedade mantêm umas com as outras seria semelhante àquela que as várias partes de um organismo mantêm entre si, e igualmente semelhante àquela que as várias formas de vida mantêm entre si de maneira a instituir a natureza na acepção que, para os fins deste trabalho, estou designando como darwiniana. Essa é a base da primeira modulação da analogia entre sociologia e biologia em Simmel: que não funciona, a essa altura, como funcionaria já em 1894 a analogia geométrica, ilustrando o modo de *proceder* da sociologia, mas sim trazendo à tona *determinado aspecto de seu objeto*, ou seja: no plano ontológico. Como a vida na natureza e a vida na sociedade eram consideradas como se fossem coisas semelhantes, bastava ao Simmel de 1890 *aplicar* o conceito de interação ou influência recíproca, que parecia funcionar na biologia, aos problemas da sociologia. Mais tarde (quando já dispunha, para pôr em perspectiva a noção de interação, o conceito mais refinado de socialização [Vergesellschaftung]), Simmel exploraria novos aspectos dessa mesma analogia fundamental, alguns dos quais a converteriam em uma analogia de método (i.e.: numa analogia que, como a geométrica, permitisse ilustrar o modo “exclusivamente” sociológico de proceder). Como veremos, é justamente esse o caso da versão da analogia biológica que aparece no texto de 1908, e que iremos discutir em detalhe mais adiante nesta seção. A esta altura da presente exposição convém, no entanto, dedicar algumas palavras aos outros casos, i.e., aos casos em

---

tenho aqui a oferecer, uma vez que, para ele, como vimos, as analogias da experiência não são outra coisa senão princípios regulativos da razão teórica pura, que permitem orientar o conhecimento – princípios que são, também para Simmel, muito importantes. Contudo, o conceito de interação com que Simmel opera tem em Kant apenas uma de suas referências, como o conceito de natureza: o que podemos entender na medida em que nos reportamos ao modo muito particular como Simmel assimilou Kant, destranscendentalizando-o. Assim, o conceito de interação é empregado por Simmel não para lidar com as funções puramente intelectuais do sujeito transcendental, mas com o problema imanente da vida; de modo que a interação a que o jovem Simmel se refere é, a um só tempo, natural segundo a acepção kantiana e segundo a darwiniana (o que também implica que não é inteiramente fiel a qualquer dessas acepções em particular, mesmo porque são em muitos aspectos contraditórias). Seguindo por um caminho diferente do meu, Dahme tratou dessa “destranscendentalização” de Kant via Darwin (ou melhor: via uma abordagem do problema da vida, que aqui é tratado sob a rubrica de Darwin mas que também se liga tanto ao evolucionismo em geral, como ainda ao pragmatismo e à influência de Nietzsche) em DAHME, 1981, parte II, pp. 303-19.

120. Que é, não custa reiterar, uma extrapolação ou exagero das ideias de Darwin, que acaba por lhes conferir uma tonalidade mais metafísica, mais envolta em misticismo.

121. O conceito haeckeliano de ecologia (*Oekologie*, na grafia da época; o próprio Haeckel forjou o termo, tomando como base a palavra grega “oikos” e seu sentido em “economia”) é estritamente relacional, na medida em que a ecologia se incumbiria de estudar as diversas relações entre as várias formas de vida (mutualismos, parasitismos, predatismos, comensalismos, etc.) e entre as formas de vida e o ambiente inorgânico. Haeckel cunhou o termo tendo em vista o trabalho de Darwin, e buscando explicar esses fenômenos a partir do que ele acreditava ser a teoria da seleção natural. Não parece haver dúvidas quanto a que Simmel conhecia o trabalho de Haeckel, tendo-o inclusive “citado” algumas vezes (sobre o ponto, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 363-5; aí Waizbort já havia chamado a atenção para a relação entre a concepção de vida com que operava o jovem Simmel e aquela trabalhada por Haeckel, a partir de Darwin). Sobre o que afirmo nesta nota, consulte: o verbete “Ökologie” do *Historisches Wörterbuch der Philosophie*; HAECKEL, Ernst 1903, *Erster Teil der Anthropogenie*, sobretudo as pp. 100-1; e GRENE & DEPEW, 2004, *The Philosophy of Biology*, pp. 225-231.

que Simmel trabalhou sobre a analogia biológica sem convertê-la em uma analogia com o método sociológico. Tais casos criariam uma espécie de ligação entre a metafísica e a sociologia de Simmel – ligação de que o próprio Simmel, tendo assumido o papel de cientista, tentou a seu modo se livrar¹²². Embora esse não seja o tema central desta seção¹²³, não é de todo despropositado chamar a atenção para um exemplo importante desse tipo de extensão analógica. Pois a analogia entre o mundo social e a natureza à Darwin, contanto que concebida fora do registro de uma harmonia preestabelecida, implica, num caso como no outro, uma espécie de dilema existencial entre as formas individuais e as supraindividuais de vida (natural ou social): cada formação particular se encontra a todo o momento como que ameaçada de desaparecer da face da terra, se não for capaz de se adaptar às pressões exercidas por aquela unidade mais abrangente¹²⁴. Simmel soube enfrentar esse dilema de modo bastante aprofundado, aplicando-o, mais tarde, à sua sociologia no registro (metafísico) de um dualismo ou de uma luta eterna entre a totalidade do indivíduo e a totalidade da sociedade. Eis o que lemos a certa altura do primeiro capítulo da *Soziologie*: “o fato da socialização leva o indivíduo à situação dual de que parti: ele é, a um só tempo, abarcado pela socialização e a ela contraposto; é, a um só tempo, um membro de seu organismo e, ele próprio, um todo orgânico fechado; um ser para a socialização e um ser para si”¹²⁵. Seja como for, o que devemos, a esta altura, tirar dessa modulação da analogia biológica é o seguinte: que Simmel concebia a “unidade” do que é propriamente social como algo infinitamente complexo e plural, inassimilável por meio de um *único* conceito; a sociedade não *era*, para ele, algo *uniforme*, o que o conduziu à conclusão de que a ciência que pretendesse investigá-la não poderia concebê-la como algo do gênero¹²⁶. A solução que Simmel tinha a fornecer para esse impasse pode, a esta altura, ser acessada considerando que o que ele tinha a oferecer à sociologia era uma série de *investigações sobre as formas de socialização* – algo a que só podemos nos referir de modo adequado empregando o plural.

As questões aqui levantadas geraram, ao que tudo indica, enormes dificuldades para Simmel. Ainda que aqui só se possa oferecer conjecturas, talvez essas dificuldades o tenham levado a omitir, no texto de 1894, a analogia biológica formulada tão claramente no texto publicado quatro anos antes. O conceito de

---

122. Como veremos na terceira seção deste capítulo, a estratégia adotada por Simmel nesse sentido foi a de tentar “isolar” essa ligação ao contexto da metafísica social, em relação à qual a sociologia “científica” ou “pura” seria, em princípio, indiferente.

123. É, contudo, tema da última seção deste capítulo, em que tais analogias serão exploradas.

124. De que as pressões populacionais a que Darwin (seguindo Malthus) se refere são apenas um exemplo, ainda que da maior relevância no caso da seleção natural. Caso tenhamos em mente as limitações envolvidas em tais generalizações, podemos ler o segundo capítulo da *Soziologie* de Simmel, dedicado à questão da “determinação quantitativa do grupo”, como uma espécie de aplicação modificada dessa ideia básica que encontra em Darwin seu correspondente puramente biológico.

125. GSG, v. 11, p. 56 (cf. ainda as pp. 50-57). Note-se que estamos aqui no excursus ao primeiro capítulo, que foi publicado apenas em 1908 como parte da *Soziologie* e que, portanto, envolve a retomada do ponto num registro um pouco diferente, mais metafísico (Simmel fala aí explicitamente numa situação dual, num *dualismo*). A essa altura, Simmel já não estava mais contente com os registros de Darwin e Haeckel; como, porém, seu conceito de interação ainda dependia dessa concepção (ou do que estava por trás dela), ele precisava se esforçar, em sua sociologia, no sentido de colocar uma coisa ao lado da outra, de coordená-las: de modo que o que, antes, era tratado no registro biológico (portanto, científico – sendo que, por maior que seja o peso metafísico que, hoje, se possa detectar mesmo na obra de Darwin, parece-me fora de questão que Simmel enxergava, nas obras dele, um bom exemplo do que a ciência deveria ser) passaria, então, a ser cada vez mais tratado em termos explicitamente metafísicos.

126. Sendo que essa conclusão é o que há de propriamente contestável ou embaraçoso no seu trato com o problema, nos termos do que será discutido mais adiante.

interação ou influência recíproca aparece no texto, em seu parágrafo central inclusive¹²⁷, mas não é levado às suas últimas consequências: ou seja, não é conduzido até o ponto em que torna aparente a equivocidade do conceito “propriamente” sociológico¹²⁸, o que não seria adequado quando medido de acordo com a finalidade de desfazer as confusões conceituais no âmbito da sociologia. Essa é, de todo o modo, uma discussão que o Simmel de 1908 não precisaria mais evitar¹²⁹:

É preciso assumir aqui a tarefa desagradável de falar em procedimentos intuitivos (contanto que se mantenha também a devida distância em relação à intuição especulativo-metafísica), em um ajuste particular de perspectiva – procedimentos e ajustes tais que nos permitam realizar aquela separação e na direção dos quais só podemos nos encaminhar por meio da apresentação de exemplos, até que, mais tarde, cheguemos enfim a concebê-los com métodos conceitualmente exprimíveis e seguramente aplicáveis. E o que aumenta essa dificuldade é que não só não dispomos, para aplicar o conceito sociológico fundamental, de um operador inequívoco, mas que, além disso, mesmo nos casos em que se pode operar efetivamente com ele, ainda assim, no que diz respeito a vários dos momentos constitutivos dos acontecimentos, a inscrição na série formada por esse conceito ou pelo conceito da determinação de seus *conteúdos* permanece sendo algo arbitrário. Em que medida, p. ex., o fenômeno do »pobre« é especificamente sociológico (i.e. um resultado das relações formais no interior de um grupo, determinado pelas correntes e ajustes de natureza genérica, assim como se constituem necessariamente na confluência dos homens) ou não, devendo, nesse segundo caso, a pobreza ser vista apenas como uma determinação material de determinadas existências individuais, exclusivamente desde o ponto de vista do conteúdo econômico do interesse – sobre isso, enfim, pode-se ter opiniões opostas.¹³⁰

Encontra-se formulado nessas linhas o problema simmeliano do caráter equívoco do conceito sociológico. O exemplo que ele nos fornece é o do “pobre” enquanto categoria sociológica (tema do sétimo capítulo de seu livro). A essa altura, em que Simmel apenas começa a enfrentar o problema, o que temos é uma variação do perspectivismo: para nos atermos ao exemplo, é como se a mesma “coisa”, o fenômeno total que designamos pelo nome de pobreza, pudesse ser observada quer de uma perspectiva puramente sociológica, quer de uma individual-economicista. Seguindo essa pista, deveríamos concluir que a pobreza não é, por si só, algo especificamente sociológico – apenas um de seus aspectos o é. Simmel detecta dois pontos de vista que, aparentemente, são capazes de produzir imagens a seu modo

---

127. O parágrafo começa assim: “Como é apenas evidente, há sociedade, em sua acepção mais abrangente, lá onde vários indivíduos entram em interação. Há de se constatar socialização nos seus mais diversos graus e das mais diversas espécies seja nas uniões mais efêmeras, seja no ato de passear acompanhado, seja na unidade íntima de uma família ou ainda nas guildas medievais” (GSG, v. 5, p. 54). Achamos, nessa passagem, a extremidade de um fio que, uma vez que Simmel comece a puxá-lo, o levaria à “renovação” de sua analogia entre as formas de vida e as de socialização.

128. Sendo que não se pode dizer que Simmel ainda não havia se deparado com o problema, já que o formula com todas as letras no texto de 1890; cf. GSG, v. 2, pp. 116-126. Note-se como os problemas aí discutidos são típicos de sua filosofia da história – o que revela que, apesar dos esforços conscientes levados a cabo por Simmel no sentido de separar sociologia e história (e, portanto, os problemas de um dos problemas de outro), na prática não podemos realisticamente dizer que ele foi bem sucedido nessa tarefa. Dito de outro modo: não estivessem, de algum modo, as formas de socialização à mercê da temporalidade, então essa segunda série de problemas fundamentais da sociologia com que estamos nos ocupando simplesmente não existiria (sendo esse na verdade o motivo que confere sentido a uma comparação feita na nota 97, mais acima).

129. Talvez porque, a essa altura, houvesse já perdido parte do *interesse* em determinar clara e inequivocamente o lugar da sociologia entre as ciências.

130. GSG, v. 11, pp. 29. É possível depreender do contexto que “aquela separação” a que Simmel se refere no primeiro período da passagem citada é a separação entre a forma e o conteúdo da socialização.

corretas desse mesmo fenômeno: o do “sociólogo” e o que vou, aqui, apenas para simplificar e facilitar a referência, atribuir ao “economista”. Se quisermos nos ater às analogias geométricas, podemos imaginar que essas duas imagens, sem dúvida inteiramente diversas (tão diversas entre si e irreduzíveis uma a outra quanto o são um círculo e um retângulo), tenham ainda assim como referente uma mesma coisa – algo, portanto, cujo sentido seria unívoco, ainda que a unidade em questão só pudesse ser concebida num nível mais elevado de generalidade, a que talvez não tenhamos acesso, assim como a figura tridimensional inteiramente coesa do cilindro permite conciliar as imagens bidimensionais do círculo e do retângulo que observadores limitados a esta ou aquela perspectiva do cilindro estariam, por sua vez, condenados a enxergar. Note-se que, contudo, tal analogia geométrica (que Simmel não estabeleceu nesses termos¹³¹!) conduziria a uma negação do problema da complexidade inconcebível da vida social, uma vez que permitiria, na pior das hipóteses, que imaginássemos um momento em que tal complexidade se encontraria subsumida a um único conceito (como no de “cilindro”). Nesse caso, seria, pois, um equívoco dizer que a vida social é complexa, já que na verdade essa complexidade seria mero efeito projetivo de nossas deficiências cognitivas. Dito de outro modo: para Simmel, uma tal analogia (geométrica) não parece capaz de situar adequadamente o problema. Para começar, sequer podemos saber se, ao empregar o nome “pobreza”, o sociólogo se refere à mesma coisa que o “economista”, quando este emprega o mesmo nome. Pois não se trata apenas de que a imagem obtida pelo sociólogo seja diferente daquela obtida pelo não-sociólogo: como diz Simmel, o próprio conceito sociológico fundamental (i.e.: a sociedade) parece ter algo de escorregadio, não possuindo um operador inequívoco, que nos permitisse manuseá-lo à vontade – o que torna sua referencialidade problemática.

A analogia biológica, e sobretudo o conceito de interação, lhe fornece um meio bem mais adequado para situar o mesmo problema: pois permite conceber a unidade social de maneira *independente* quanto à questão de seus contornos exatos. Pois só seria necessário demonstrar os contornos exatos de uma determinada unidade social (o que equivaleria a demonstrar que uma forma de socialização começa exatamente onde outra acaba¹³²) caso se considerasse as relações que instituem a sociedade como inteiramente idênticas ao que se passa quando se considera o espaço em geral. Só que, como vimos, essa é apenas uma extensão imprópria da analogia, uma aplicação indevida. Por outro lado, não há dúvidas quanto a que, ao tratar o problema nesses termos, Simmel seja conduzido a um estado de coisas em última análise incompatível com a concepção de ciência com a qual ele vinha, até então, operando: afinal, como vimos, ele concebia a ciência como um modo exclusivo de observação; mas agora vemos que a sua

---

131. O que é, nesse caso, essencial. O que temos no texto de Simmel é o recurso à analogia mais fundamental entre visão e cognição – analogia essa que é, como tenho argumentado, um dos três elementos constitutivos da concepção de ciência de que Simmel se utiliza em sua tentativa de fundamentação da sociologia (i.e.: em sua tentativa de demonstrar o pertencimento da sociologia à série das ciências). A série de problemas que confere sentido à analogia de método com a biologia emerge, por assim dizer, do contato da analogia visual com uma terceira analogia fundamental, mais ou menos como a série de problemas que confere sentido à analogia de método com a geometria emerge da interação da analogia espacial com a visual.

132. O que, para Simmel, seria válido apenas, e ainda sim só em termos aproximativos, para algumas formas muito particulares de socialização, tais como o Estado.

sociologia, que ainda se diz ciência, não só não dispõe de um objeto que possa ser efetivamente observado (mas apenas observado com o “olho do espírito”), como ainda a exclusividade que ele lhe atribui sequer é algo efetivamente exclusivo, na medida em que seus conceitos básicos não são inteiramente coerentes em relação a si mesmos como o seriam, ao menos em princípio, os conceitos da geometria. Para ser mais claro: uma boa parte da empreitada simmeliana em definir claramente o escopo da sociologia é dedicada a uma tentativa de demonstrar que seu conceito fundamental não pode ser definido claramente:

No final das contas, espero que o método que aqui que se recomenda à sociologia resulte mais acurado e até mesmo, quem sabe, mais claro a partir da condução de seus problemas singulares do que a partir desta fundamentação abstrata. Em se tratando de assuntos relativos ao espírito, não é de todo raro – sendo, por outra, até mesmo frequente em domínios de problemas cuja ordem é mais geral e mais profunda – que isso o que temos de designar com uma metáfora incontornável do fundamento não seja tão firme como a superestrutura que se erige em cima dele. Mesmo a prática científica, principalmente em domínios que até então não foram explorados, não pode evitar uma certa dose de procedimento instintivo, de cujos motivos e normas só mais tarde se obterá uma consciência inteiramente clara e uma elaboração conceitual exaustiva. E, por menos que seja facultado ao trabalho científico nalgum momento se entregar inteiramente àqueles modos de proceder ainda indefinidos, instintivos, atuantes imediatamente apenas na pesquisa singular, por outro lado, estaríamos condenando-o à esterilidade caso quiséssemos, diante de tarefas novas, colocar como condição para o primeiro passo um método formulado de maneira a esgotar completamente a questão.¹³³

Aqui testemunhamos um momento em que Simmel dá à tarefa de “fundamentar” a ciência o nome de metáfora – afirmando, inclusive, tratar-se de uma metáfora incontornável¹³⁴! De um lado, Simmel procura sustentar uma postura favorável ao rigorismo do método científico (algo que devemos esperar de quem, como ele, assume o papel de cientista); mas, de outro, fornece indícios de que talvez esse rigor, como a própria exclusividade do modo de observação de cada ciência específica, não é algo para ser levado ao pé da letra, ou às últimas consequências. A postura de Simmel aqui é ambivalente, e não há como negar que tem algo de insustentável, de contraditório inclusive. Mas o que interessa aqui não é exatamente avaliar se a concepção que Simmel tinha da ciência em geral e da sociologia em particular estava, por si mesma, certa ou errada – e sim compreendê-la à luz de suas relações com o procedimento analógico. Assim, podemos tratar tal contradição como aparente caso consideremos que a concepção de ciência enquanto modo exclusivo de observação está, ainda, incompleta. Uma definição mais completa da concepção de ciência que informava a tentativa simmeliana de demarcação do escopo da sociologia seria a seguinte: a sociologia em particular, como a ciência em geral, define-se pela sua *busca* em vir a ser um modo exclusivo de observação – definição essa que só pode ser apropriada ou exata na medida em que a ciência

---

133. GSG, v. 11, p. 30. “Não é de todo raro que isso o que temos de designar com uma metáfora incontornável do fundamento não seja tão firme como a superestrutura que se erige em cima dele” – essa passagem poderia muito bem ter sido colada à *Philosophie des Geldes*, no mesmo contexto daquela que serve de epígrafe a esta seção.

134. A ideia é semelhante à que anima a noção de metáforas absolutas sobre o qual Blumenberg trabalha (cf. BLUMENBERG, 1999).

efetivamente não tenha alcançado o que imaginamos ser o seu “objetivo”. Dito de outro modo: para Simmel, é como se toda ciência em geral, como a sociologia em particular, apenas *reivindicasse* para si aquela exclusividade que as porções do espaço em geral imediatamente têm. Assim, caso determinada ciência demonstrasse sua completa exclusividade em relação a todas as demais ciências, poder-se-ia dizer que encontrou o seu fundamento *definitivo* – perdendo, porém, nesse momento, sua cientificidade¹³⁵. Aqui, Simmel não nos diz isso diretamente, mas por meio de uma expressão em sentido figurado, a saber: a esterilidade. Uma ciência cujo método se pretenda inteiramente exclusivo desde o primeiro momento seria estéril, incapaz de se renovar e, portanto, inoperante – o que, retomando a analogia com a biologia, bloquearia de antemão qualquer possibilidade de adaptação às mudanças “ecológicas”, num certo sentido aceleradas no contexto cultural da modernidade¹³⁶. Acredito que podemos conceber mais adequadamente a posição de Simmel em relação ao tema considerando que, para ele, a capacidade de renovação era um momento constitutivo da ciência, de tal modo que o funcionamento desta não dependa inteiramente de uma definição exaustiva de seus métodos – ainda que não possa tampouco se furtar a uma *tentativa* de definição. Essa posição é certamente muito mais próxima da abordagem funcional do papel das expressões em sentido figurado no discurso científico, com que Simmel já havia se entretido em sua *Philosophie des Geldes* e que, na *Soziologie*, se revela mais claramente na seguinte nota de rodapé¹³⁷:

Observando a interminável complicação da vida social, que é o que nos é dado ver partindo da crueza dos conceitos e métodos que temos agora à disposição e com os quais o espírito deve subjugá-la, seria megalomania pretender já neste momento alcançar uma clareza perfeitamente bem fundamentada quanto às perguntas e a precisão correspondente quanto às respostas. Parece-me mais digno confessar isso de partida, já que desse modo, ao menos o início está decidido, ao passo que a afirmação de uma conclusão tornaria questionável, inclusive, *tal* significado de semelhante

---

135. Ao mesmo tempo em que tornaria completamente imprópria e desprovida de sentido qualquer analogia – consoante o passo apresentado na nota 114, mais acima, e sem perder de vista o exposto na nota 79. O que parece conferir sentido a boa parte das tentativas de eliminar as expressões em sentido figurado e de impor “rigor” à linguagem científica é a aspiração a uma forma *definitiva* de conhecimento, completamente desembaraçada de quaisquer impurezas – em muitos casos essa é, contudo, uma aspiração pouco realista, o que daria margem a uma tensão profundamente arraigada à ciência moderna assim como Simmel a concebia. Até aqui não havíamos levado em conta essa tensão, mas ela está presente nos escritos de Simmel sobre a ciência, como nos mostra a seguinte passagem de *Kant und Goethe*:

A ciência se acha sempre no caminho rumo à unidade absoluta do conceito de mundo, sem que jamais possa alcançá-lo; qualquer que seja o ponto dessa unidade em que esteja, ela ainda precisa saltar daí para um outro modo de pensamento (de natureza religiosa, metafísica, moral, estética), tendo em vista complementar e sintetizar o que há de incontornavelmente fragmentário em sua produção, perfazendo, assim, uma unidade plena. Disso Kant já sabia muito bem, e por isso ele determinou incisivamente as divisórias não apenas no interior de sua imagem de mundo, como também dessa própria imagem de mundo, na medida em que a reconheceu como científica, em contraposição ao ideal da unidade incondicionada das coisas. (GSG, v. 10, p. 145; trata-se de *Kant und Goethe*)

Na última seção deste capítulo, vamos testemunhar alguns desses “saltos” dados por Simmel de dentro para fora das divisórias da sociologia, para os quais a analogia lhe forneceu a plataforma ideal; se, de um lado, tais divisórias estão, por assim dizer, nas extremidades do pensamento científico moderno (constituindo tais extremidades), de outro aparecem no centro da concepção simmeliana – igualmente moderna – de filosofia.

136. Isso, claro, se tivermos dispostos a aceitar a caracterização simmeliana do moderno.

137. É como se, na *Philosophie des Geldes*, livro com o qual Simmel se identifica muito mais fortemente do que com a *Soziologie*, ele se sentisse mais *livre* para tomar certas atitudes que, ao se comprometer com a sociologia, ele se sentia na obrigação de reprimir ou recalcar – mais ou menos como nos sentimos, em geral, inclinados a não tocar em assuntos mais íntimos quando estamos em ambientes em que isso é considerado impróprio, como o de trabalho.

empreitada. – Assim, portanto, os capítulos deste livro são, no que se refere ao método, pensados como exemplos, ao passo que, no que se refere a seus conteúdos, apenas como fragmentos do que sustento ser a ciência da sociedade. Em ambos os aspectos me parece recomendável que os temas devam ser escolhidos do modo o mais heterogêneo possível, misturando o que é inteiramente geral com o particular. Quanto menos se arredonde em uma conexão sistemática aquilo que aqui se oferece e quanto mais distantes suas partes se encontrem umas das outras, tanto mais abrangente se fará o círculo em que uma futura realização perfeita da sociologia há de juntar os pontos que, agora, se encontram isolados e fixos em si mesmos. Se eu mesmo, com isso, destaco o caráter inteiramente fragmentário e incompleto deste livro, não é porque queira me esquivar das objeções que daí possam partir com um gesto preventivo barato. Pois caso a arbitrariedade na seleção dos problemas singulares e nas exemplificações pareça, diante do ideal de completude objetiva, uma falha – então isso provaria apenas que eu não fui capaz de esclarecer suas ideias fundamentais de modo suficientemente claro. Pois, de acordo com tais ideias, *pode ser* que se trate aqui apenas de um princípio e da indicação de um rumo para um caminho interminavelmente longo, e toda completude sistematicamente fechada seria, nesse caso, na melhor das hipóteses uma autoilusão. A completude pode ser aqui alcançada pelo indivíduo apenas no sentido subjetivo de que ele divide com os outros tudo aquilo que lhe foi dado ver.¹³⁸

O ponto aqui é finalmente formulado com clareza: Simmel concebe sua sociologia como um fragmento de uma *possível* sociologia inteiramente científica. Situa, num primeiro momento, a sociologia “plena” ou “perfeita” como objetivo a ser alcançado, mas logo em seguida alerta para que tal objetivo *pode jamais ser alcançado*, insinuando que o que realmente interessa em sua tentativa de fundamentação da sociologia é que ela seja uma *tentativa* de fundamentação da sociologia. Confiar em que esse objetivo certamente será alcançado seria embarcar numa ilusão (o que talvez soe mais razoável considerando que o funcionamento de ciência alguma jamais dependeu de algo como uma demarcação total, exclusiva e exaustiva de seus limites). Caso algum dia a sociologia encontre tal demarcação, estará então descartada a possibilidade que Simmel deixa em aberto: a de que sua empreitada seja apenas a “indicação de um rumo para um caminho interminavelmente longo”. Essa imagem fornece, enfim, uma chave para reavaliarmos o conteúdo daquela outra nota de rodapé, aberta por Simmel para comentar o estatuto epistêmico de suas analogias – e em que lemos que o processo em que a ciência se constitui talvez seja interminável¹³⁹. Ora, o “talvez” cumpria, ali, o papel que a noção de possibilidade cumpre aqui. Deve-se, enfim, destacar que a “confissão” de Simmel se liga, e aqui de um modo muito claro, ao problema da complexidade inconcebível da vida social: é considerando, tendo em vista, observando, levando em conta (pois também nesse caso está em operação uma analogia visual, ainda que, agora, desligada da espacial) “a interminável complicação da vida social” que atinamos com a constatação de que talvez o caminho da sociologia não tenha um fim. Se isso deve ser aqui destacado, é porque a versão reformulada da analogia

---

138. GSG, v. 11, p. 31. Foram feitas, sobretudo na oração subordinada que ocorre logo no primeiro período da passagem (“que é o que nos é dado ver...”), algumas adaptações que considere necessárias tendo em vista exprimir com maior clareza o que dela entendi.

139. Vale notar que essas são as duas únicas notas de rodapé desse primeiro capítulo, e que aquela que apresentei no começo do meu texto aparece, no texto de Simmel, mais para o final, o que implica que o leitor atento, quando se deparasse com a nota a respeito da analogia, deveria estar já ciente de que aquele “talvez” não estava lá por acaso.

biológica aparece justamente no parágrafo seguinte àquele que termina com essa nota – mostrando, como veremos, que Simmel não se limita apenas a indicar o que, de outro modo, poderia ser predicado como uma complexidade obtusa da vida social, mas oferece ainda um registro que lhe permitiria *lidar* com essa complexidade de modo produtivo. O parágrafo é longo e será aqui apresentado com algumas intervenções. Gostaria, antes de apresentar o primeiro fragmento desse parágrafo, alertar para que a analogia biológica só será explicitamente formulada enquanto analogia em suas linhas finais – o que, de todo o modo, não nos deve impedir de observar que a analogia dá o tom de todo o parágrafo em questão¹⁴⁰. Eis o primeiro fragmento:

No interior do domínio de problemas que é constituído através da seleção das formas de interação socializadora a partir do fenômeno total da sociedade, algumas partes das investigações indicadas aqui ficam, por assim dizer, quantitativamente para além das tarefas reconhecidas sem mais como sociológicas. Caso se questione apenas uma vez os efeitos múltiplos entre os indivíduos cuja soma resulta naquela coesão em direção à sociedade, então mostra-se imediatamente uma série, até mesmo, por assim dizer, um mundo daquelas formas de relação que até agora não foram compreendidas ou não foram captadas em sua significação vital e de princípio na ciência social. Em resumo, a sociologia limitou-se, de fato, àqueles fenômenos sociais nos quais as forças de interação já estão cristalizadas desde os seus suportes imediatos ao menos em unidades ideais. Os estados e as associações sindicais, as ordens sacerdotais e as formas familiares, as condições econômicas e o exército, as corporações e as comunidades, a formação de classe e a divisão industrial do trabalho – estes e os grandes órgãos e sistemas do gênero parecem constituir a sociedade e preencher a esfera de sua ciência. É evidente que quanto maior, mais significativa e mais dominante é uma província do interesse social e uma direção da ação, tanto mais rapidamente ocorre aquela elevação da vida e dos efeitos imediatos e interindividuais a formações objetivas, a uma existência abstrata para além dos processos singulares e primários. Só que isso necessita de uma complementação importante, que dê conta dos dois lados da questão.¹⁴¹

Deve estar claro, pelo contexto, que o domínio de problemas a que Simmel se refere no início do parágrafo corresponde ao que vem sendo aqui tratado na chave do problema da “complexidade inconcebível da vida social” – aí incluída, como elemento decisivo, a negação do caráter unívoco do conceito sociológico, nos termos do que foi até aqui tratado. Logo no primeiro período, Simmel alerta para que parte de suas próprias investigações sobre as formas de socialização não são puramente sociológicas, ou seja: para que parte de sua sociologia não opera, como seria de se esperar, em registro

---

140. Especialmente cheio de “por assim dizeres” e “como ques”. No texto original, contamos aí não menos que três ocorrências de “sozusagen” e mais três de “gleichsam”. Trata-se de uma quantidade considerável para um parágrafo que ocupa menos de quatro páginas, e ainda mais se a comparamos com as ocorrências contidas ao longo do resto do capítulo. Além dessas seis ocorrências, há, ao longo das outras 25 páginas do texto principal do capítulo (não contando, assim, o excurso nele contido, e de acordo com a edição de referência: GSG, v. 11) apenas outras quatro (duas de “sozusagen” e mais duas de “gleichsam”). Esse é, portanto, o parágrafo mais “denso” em linguagens figuradas do capítulo, embora a analogia que o orienta só seja explicitada nas suas linhas finais. Vale a pena deixar anotado que o excurso contido no primeiro capítulo contém também uma quantidade considerável de expressões de que estou aqui tratando, ao longo de 20 páginas de texto). A proporção achada no excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie* é na verdade bastante próxima da média de ocorrências do livro tomado como um todo (são 350 ocorrências ao longo de cerca de 850 páginas, o que dá uma proporção um pouco maior que 4 para 10).

141. A referência para o parágrafo é GSG, v. 11, pp. 31-5, sendo que a analogia anotada no índice foi codificada como **S.1.a.14**, aparecendo ali num registro muito mais sucinto. Waizbort traduziu todo o parágrafo em WAIZBORT, 2000, pp. 92-5, e é dessa tradução que, com algumas pequenas alterações, me sirvo.

próprio, científico (i.e.: no registro de um modo inteiramente exclusivo de observação). O que parece justificar essa atitude é a circunstância de que a sociologia se encontra no momento de suas primeiras definições – momento em que, como havia nos alertado Simmel, a esperança de lançar-se já sobre um método inteiramente bem fundamentado não passaria de megalomania. Se essa circunstância, por um lado, de fato se apresenta como obstáculo no caminho que levaria à definição completa da sociologia e de seus conceitos básicos, por outro permitiria que se lançasse sobre novos objetos, i.e.: sobre fenômenos para cuja compreensão até então não se dispunha de instrumentos minimamente adequados. Como vinha afirmando Simmel, os únicos objetos possíveis da sociologia pareciam ser as “forças já cristalizadas de interação” – que, a certa altura do fragmento em questão, são tratadas como “órgãos e sistemas”, i.e.: analogicamente. A crítica de Simmel é, em parte, uma autocrítica: já no texto de 1890, percebemos que ele havia detectado que, ao “definir” a sociedade como interação de suas partes, era obrigado em princípio a admitir que algo como uma sociedade se formava assim que, no mínimo, duas pessoas entravam em contato – por efêmero que fosse esse contato. O problema é que, então, não lhe parecia possível fazer de tais formas voláteis de socialização objeto de uma ciência da sociedade; esta não teria, aparentemente, outra escolha senão a de se deter apenas nas formas mais concentradas ou condensadas de socialização: precisamente aquelas que, em 1908, Simmel descreveria por analogia aos “grandes órgãos e sistemas”¹⁴². Apenas quatro anos depois, ele voltaria a mencionar, no parágrafo central do texto sobre o problema da sociologia (e no mesmo período em que trata do conceito de interação!), tais formas

---

142. Vale a pena citar aqui a passagem do texto de 1890 em que Simmel “descarta” como objeto *efetivo* da ciência da sociedade as formas mais efêmeras de socialização, sendo o contexto da discussão (que ocupa todo um pequeno parágrafo) mais uma vez o da determinação do conceito de sociedade como interação de suas partes e os problemas de definição daí oriundos. Aí está:

Só que essa determinação precisa ser ao menos quantitativamente afinada, e talvez se produza com isso ao menos uma indicação aproximada do conteúdo disso o que estamos chamando de sociedade. Pois, de acordo com o que foi acima discutido, uma sociedade seria formada até mesmo por duas pessoas entre as quais existisse apenas uma relação efêmera. Em princípio isso precisa ser aceito; há apenas uma diferença de grau entre, de um lado, a mais frouxa das uniões entre pessoas no sentido de uma obra comum ou de uma conversação, o despontar mais sutil de uma alteração em cada uma delas que se efetua mediante uma força que se transmite de uma parte a outra – e, de outro lado, a unidade abrangente de uma classe ou de um povo em que se constitui o costume, a linguagem, a ação política. Pode-se, porém, visualizar talvez a fronteira do ser propriamente social lá onde a interação das pessoas umas com as outras não apenas se constitui numa situação subjetiva ou na ação dos mesmos, mas sim traz à tona uma formação objetiva, que possui uma determinada independência em relação às personalidades singulares que nela tomam parte. Onde ocorre uma associação cuja forma persiste ainda quando membros singulares dela se retiram e novos nela tomam parte; onde existe uma propriedade comum e exterior, cuja aquisição ou possibilidade de disposição não é assunto individual; onde estão presentes uma soma de conhecimentos e conteúdos vitais costumeiros, em que o indivíduo toma parte sem aumentá-la ou diminuí-la e que, em certo sentido, se tornou substancial, encontrando-se preparada para que nele participem todos os que assim quiserem; onde o direito, o costume e o intercâmbio desenvolveram formas em relação às quais se submetem e precisam se submeter todos aqueles que entram numa determinada conjuntura espacial com outros – é aí, acima de tudo, que está a sociedade, é aí que a interação se condensou formando um corpo, e justamente um corpo que identifica aquela interação como algo social, distinguindo-a daquela que desaparece imediatamente com os sujeitos que estão em jogo, com o comportamento momentâneo desses sujeitos. (GSG, v. 2, p. 133-4)

Note-se como o jovem Simmel, apesar de já operar (sem, ainda, designá-lo nesses termos) com um conceito de socialização virtualmente idêntico àquele que estaria no coração de sua *Soziologie*, ainda não sabe exatamente *como* manusear as formas mais efêmeras de socialização de modo a extrair, delas, sociologia. Não por acaso, problemas tais como o da coqueteria (de que Simmel tratava já na década de 1890) apareciam em geral no registro da psicologia (que, presume-se, daria conta do “comportamento momentâneo dos sujeitos”), como, aliás, seus estudos sobre o dinheiro – o que tem a ver com um ponto a ser mencionado nas próximas linhas do parágrafo a que se liga esta nota.

voláteis de socialização¹⁴³. Só que, a essa altura, ele não mais as *descarta* como objeto da ciência da sociedade, embora tampouco nos dê qualquer indicação prática ou objetiva de como tratá-las. Mesmo em 1894, Simmel ainda não está em condições de afirmar o que viria a afirmar em 1908: a importância que as formas mais voláteis de socialização possuem para reprodução da vida social, e a subsequente necessidade imposta ao sociólogo de ao menos *tentar* de algum modo apreendê-las conceitualmente. Ora, o que aconteceu entre 1894 e 1908 foi a publicação da *Philosophie des Geldes*¹⁴⁴ – que, num certo sentido, forneceu-lhe uma técnica que, devidamente modificada e adaptada, lhe permitiria tratar com maior desenvoltura as formas de socialização mais efêmeras¹⁴⁵. Para *ilustrar* o análogo propriamente sociológico dessa técnica, Simmel recorre a uma reformulação da analogia biológica – tratando-a, agora, explicitamente no registro de uma analogia de método. Voltemos ao texto de Simmel:

Além daqueles fenômenos perceptíveis de longe, que se impõem por toda parte devido a sua abrangência e importância externa, há um número imenso de formas menores de relação e de modos de interação entre os homens, em casos singulares aparentemente insignificantes, mas que são representados por esses casos singulares em uma medida nem um pouco desprezível, e que, na medida em que elas se movem por entre as amplas formações sociais, por assim dizer oficiais, realizam na verdade a sociedade, tal como nós a conhecemos. A limitação aos primeiros equivale aos inícios da ciência do interior do corpo humano, que se limitava aos grandes órgãos, claramente circunscritos: o coração, o fígado, o pulmão, o estômago, etc., e que desprezou os tecidos inumeráveis popularmente não nomeados ou não conhecidos, sem os quais aqueles órgãos mais nítidos jamais poderiam ter resultado em um corpo vivo. A partir das formações do tipo nomeado, que foram os objetos usuais da ciência da sociedade, a verdadeira vida da sociedade, presente na experiência, não ganha absolutamente corpo; sem o efeito mediador de inúmeras sínteses, em si mesmas de extensão menor, às quais estas investigações devem dedicar-se em grande parte, tal vida da sociedade se fragmentaria em uma multiplicidade de sistemas descontínuos. O que torna difícil a fixação científica de tais formas sociais aparentemente menores é ao mesmo tempo o que as faz extremamente importantes para um entendimento mais profundo da sociedade: que elas em geral ainda não se firmaram em formações supraindividuais, sólidas, senão que indicam a sociedade como que *im status nascens*.

---

143. Cf. a passagem citada na nota 127, acima.

144. Não se pode ignorar que a segunda edição (revista) do livro foi publicada em 1907, ou seja, no ano anterior à publicação da *Soziologie*. Entre esse ano e o seguinte, foram publicados vários artigos/ensaios até então inéditos que seriam, com alguns ajustes, incorporados à *Soziologie*, a maioria deles claramente “microsociológicos”. Assim, em 1907 saem artigos sobre o segredo e a gratidão, bem como um sobre a sociologia dos sentidos (este último que é, como veremos, especialmente importante para a presente discussão); em 1908, sobre a carta, o adorno, a “sociedade a dois” e a fidelidade, para não falar num artigo sobre a “essência da psicologia social” (que é relevante uma vez que Simmel assinala alguns desses textos – como, p. ex., aqueles sobre o segredo e sobre a fidelidade – sob a rubrica da psicologia social, ou melhor: como *esboços*, *tentativas*, *fragmentos* ou, simplesmente, *ensaios* de psicologia social).

145. Ainda que com isso não se resolva o impasse entre o problema fundamental da sociologia que conduz a esse estado de coisas e aquele outro, de que tratamos na primeira metade dessa seção. Dito de outro modo: mesmo a microsociologia de Simmel (pois é dela que estamos aqui tratando) não é uma resposta consistente com a proposta de uma sociologia como ciência exata ou especializada, sendo que faz sentido apenas quando consideramos a “complexidade inconcebível das formas de socialização”; afinal, o parágrafo em que Simmel estabelece a analogia de método com a biologia, com que estamos agora nos ocupando e em que ele alude ao que hoje chamamos de microsociologia é introduzido, como acabamos de ver, com a seguinte ressalva: “algumas partes das investigações indicadas aqui ficam, por assim dizer, quantitativamente para além das tarefas reconhecidas sem mais como sociológicas”. Para que possamos reconhecer tal “solução” como sendo consistente com a concepção simmeliana de ciência, precisamos ainda reconstruir o componente dessa concepção que não é visível no tratamento que ele dá à definição do lugar da sociologia entre as ciências. Esse componente (o terceiro) será explicitamente tratado como tal em seguida.

A analogia biológica é clara: a sociedade é, aqui, concebida como um organismo – i.e.: como unidade dinâmica instituída a partir da influência recíproca de suas partes. Só que agora a ênfase não está mais posta no que a sociedade e o organismo são, mas *no modo como o cientista se dirige para um e outro fenômeno*. Assim, para tratar a ciência do corpo humano, não se tinha, num primeiro momento, outra escolha senão a de tentar apreender aquilo que lhe era imediatamente visível: os grandes órgãos, aqueles claramente circunscritos. Essa limitação (que corresponde a determinado estágio de desenvolvimento da ciência do corpo humano¹⁴⁶) pode ser pensada na chave da relação entre observante e observado: pois se, de um lado, a ciência *precisa* trabalhar com o material empírico, com aquilo que se apresenta a ela na qualidade de observado, de outro se encontra na incômoda situação de suspeitar que o que ela efetivamente é *capaz* de ver pode não ser tudo o que haja para ser visto. A experiência ameaça a todo o momento se voltar contra as hipóteses com as quais o cientista procura subjugar-las – o que, por sua vez, enseja a introdução do terceiro ponto fundamental desta seção, a que corresponde a terceira das analogias de que Simmel se serve como fundamento sobre o qual assentar a sua sociologia: a analogia entre vida e cognição. Essa terceira analogia fundamental é, por assim dizer, o germe das diversas modulações da analogia biológica: desde as de caráter “metafísico”, até essa última, que se apresenta como explicitamente metódica. É ela, também, que alimenta a concepção de ciência que informa a sociologia simmeliana, a saber: que essa ciência em particular que seria a sua sociologia, como a ciência em geral, se define apenas enquanto *busca* em vir a ser um modo exclusivo de observação. Como já vimos, o adjetivo “exclusivo”, na acepção que aqui nos interessa, pode ser referido à analogia mais fundamental entre espaço e cognição, ao passo que “modo de observação”, à analogia visual. O terceiro componente dessa definição (digamos, o componente “verbal” em relação ao qual os outros dois seriam, nessa ordem, de natureza adjetiva e substantiva) é a busca, a procura, a tentativa. Para os nossos fins, convém referir esse terceiro componente à analogia fundamental entre vida e cognição. Quando Simmel chama, já em 1895, a atenção para uma certa relação entre a teoria da seleção natural de Darwin e a epistemologia, o que ele faz é afirmar que, em um certo sentido, a ciência funciona *como* a vida; extrapolando um pouco essa ideia, podemos imaginar que o que temos, num caso como no outro, seriam formas (de vida, de cognição) que, eventualmente, desaparecerão da face da terra, mas que, ao invés de se resignarem diante de seu destino, *procuram* a todo o momento se reafirmar. A procura coincide exatamente, e em todos os pontos, com o tempo da vida: só é *possível* que uma determinada forma de vida procure (ou se esforce no sentido de) se manter um instante a mais no mundo durante aquele lapso de tempo situado entre seu nascimento e sua morte, de modo que o buscar-viver nada mais é senão uma função do viver¹⁴⁷. Mais exatamente: o buscar-viver é uma resposta inteiramente adequada diante do

---

146. O que não é senão outra manifestação de uma analogia mais fundamental entre vida e cognição: o pensamento se transforma e se adapta a seu ambiente ou conjuntura como o fazem os próprios seres vivos (sendo que aqui apenas se adianta um ponto introduzido ainda no parágrafo a que se liga esta nota).

147. Não é possível, aqui, fugir de formulações de natureza metafísica ou romântica como essa, por mais embaraçosas que sejam – mesmo porque o que se busca aqui entender é a sociologia de alguém que se identificava melhor como filósofo do que como

caráter contingente da vida¹⁴⁸; analogamente, a busca, operada pela ciência em geral e pela sociologia em particular, em tornar-se um modo exclusivo de observação pode ser entendida como uma resposta adequada diante do caráter contingente do conhecimento. A instabilidade imanente à situação de cada modo exclusivo de observação é, nesse aspecto, análoga àquela que diz respeito a cada forma específica de vida: ela precisa, de um lado, conservar-se, reafirmar sua forma neste mundo, mas, de outro, com as transformações desse mundo, essa mesma conservação formal pode levar à sua destruição, a seu desaparecimento. É como se, a todo momento, cada forma específica de vida (ou de conhecimento) se achasse sob o jugo de dois imperativos opostos e irreconciliáveis, o da autoconservação e o da transformação. No caso da ciência, essa mesma crise de identidade pode ser concebida se levamos em conta a suspeita de que tudo o que ela efetivamente é *capaz* de ver talvez não seja tudo o que haja para ser visto¹⁴⁹. Na fisiologia, como na ciência em geral¹⁵⁰, apenas soluções provisórias, de natureza técnica

---

sociólogo. Embora não seja do meu interesse advogar em favor de um romantismo filosófico, considero importante trazer para esta nota de rodapé ao menos a seguinte comparação – não para defender “positivamente” a posição de Simmel, e mais para mostrar que o ponto para o qual ele chama a atenção não é de todo desprezível. Enfim, para tornar ao menos mais aceitável tal discussão, convém chamar a atenção para o fato de que autores cuja contribuição para a filosofia da ciência é incontestável – como, p. ex., Karl Popper (que, como vimos, também bolou sua versão da analogia entre seleção natural e teoria do conhecimento) – tampouco foram capazes de escapar de tais especulações, ou mesmo de idealizações românticas. Para demonstrá-lo, vejamos o elogio, romântico da cabeça aos pés, que o racionalista-crítico Popper faz ao cientista nas passagens finais de sua *Lógica da Pesquisa Científica*: “o que faz o homem da ciência é a persistente e arrojada *procura* crítica da verdade”. Também lemos (e aqui Popper cita outro autor, com quem diz concordar integralmente) que deseja “deixar registrada sua admiração pelo trabalho do experimentador em sua luta para retirar *fatos interpretáveis* de uma natureza fechada, que sabe muito bem como enfrentar nossas teorias com um decisivo *Não* – ou com um inaudível *Sim*”. Não bastasse a caracterização inteiramente romântica da atividade científica – que Popper idealiza cega e apaixonadamente como uma eterna procura, floreada ainda por cima com uma alusão àquele que é um dos mais característicos dos recursos poéticos empregados pelo romantismo, a saber: a antinomia (e não qualquer antinomia!, mas, antes, uma antinomia verbalizada por essa natureza coquete e impenetrável que o cientista, arrojada e persistentemente, quer penetrar, o que se torna tanto mais evidente à medida que se destaca que a alusão ao “sim” e ao “não” simboliza aí o cortejo do cavalheiro à donzela romântica, que é quem detém a prerrogativa de aceitar ou negar o amor, o casamento e o sexo ao cavalheiro) – não bastasse isso tudo, Popper ainda afirma que “a ciência jamais persegue o objetivo ilusório de tornar finais ou mesmo prováveis suas respostas”. Todas as passagens foram tiradas de POPPER, 1972a, *A Lógica da Pesquisa Científica*, p. 308, sendo que todas as *ênfases em itálico* (incluídas aí a ênfase em “procura”) são do próprio autor, e é claro que aqui estão sendo apresentadas fora de seu contexto. Ora, se, sem dúvida, por um lado, a concepção de Popper do que seja a ciência é bem mais completa e digna de ser levada a sério que a de Simmel, por outro, romantismo por romantismo, há de se convir que o de Simmel é, na pior das hipóteses, menos *kitsch*.

148. Sendo essa uma das temáticas centrais da obra de H. Blumenberg (autor, inclusive, de um ensaio dedicado à desvelar as conexões entre a filosofia do dinheiro e a filosofia da *vida* de Simmel, disponível em: BLUMENBERG, 2001). Pretendo retomar Blumenberg no capítulo seguinte; contudo, por razões semelhantes àquelas apresentadas dizendo respeito ao trabalho de J. H. Nunes, a maior parte das referências a Blumenberg será mantida de maneira implícita ou superficial.

149. “O que pode ser visto” simboliza, neste caso, o mundo dos fatos empíricos, em relação a qual a teoria tem de se acomodar. Sem tratar a questão nos termos de uma analogia biológica (como se faz aqui), foi exatamente esse o ponto que Simmel explorou para fazer sua crítica de Kant. Aquilo que, para Simmel, Kant simplesmente não podia admitir, aquilo que não fazia sentido algum para ele, era “o que não pode ser visto”, ou melhor: a afirmação que a experiência como um todo não seria válida (cf. GSG, v. 9, pp. 48-50; refiro-me aqui a *Kant – Sechzehn Vorlesungen gehalten an der Berliner Universität*, sendo que o parágrafo referido contém ainda uma longa discussão sobre o “círculo como expressão da unidade fechada em si mesma”). Simmel vai aí tão longe a ponto de dizer que esse limite da crítica da razão pura teria sido diagnosticado pelo pragmatismo! Num certo sentido, seguindo essa leitura, a filosofia de Kant passaria inteiramente ao largo do problema do *erro* – em parte, porque esse problema (de que a equivocidade do conceito sociológico é apenas um exemplo) simplesmente não faria sentido do ponto de vista transcendental, pois é um problema imanente à vida. Assim, podemos errar numa determinada situação: mas a experiência não pode estar “errada” em geral – podemos errar, para usar uma das analogias de Simmel, quando operamos no nível de uma *determinada* proposição geométrica, mas não faria qualquer sentido dizer que os axiomas da geometria estão errados, pois estes seriam exatamente a série de critérios em relação aos quais o erro e o acerto de uma determinada proposição se tornariam possíveis. Mas para quem, como Simmel, se interessa pelos problemas imanentes à vida, esse modo de deslocar o problema do erro não parece mais suficiente – e por esse caminho chegamos a conexão, já cimentada no nosso senso comum (e a que muitas vezes nos referimos sem atinar para as implicações disso) entre “tentativa e erro”, sendo esse o ponto mais forte da analogia entre a teoria darwiniana da seleção natural e certa concepção de ciência, e a que as analogias espaciais não poderiam chegar.

seriam possíveis: do que a invenção do microscópio é uma das mais emblemáticas. O microscópio permitiu “a percepção de novos segmentos do real”¹⁵¹ – o que se, por um lado, não bastou para eliminar o caráter profundamente contingente do nosso conhecimento sobre o interior do corpo humano, por outro lado abriu sem dúvidas novas perspectivas que permitiram que o conhecimento fisiológico se alçasse a um novo patamar. Com o microscópio, o conhecimento fisiológico *progrediu*: de modo que devemos buscar, na sociologia, algo como uma visão microscópica – o que implica a tentativa de elaboração de um meio para lidar com o que, talvez, não possamos lidar: as formas mais voláteis de socialização. Na sequência do parágrafo contido no primeiro capítulo da *Soziologie* em que estamos nos detendo, Simmel irá se referir ao estudo de tais formas de socialização justamente como uma espécie de microscopia social – e esse é, com efeito, o núcleo da versão reformulada da analogia biológica, assim como ela aparece no texto de 1908. Ao longo desse parágrafo, essa analogia será, como veremos, desdobrada em termos propedêuticos, de modo a fornecer um enquadramento no plano da explicitação metodológica sem o qual diversos dos capítulos e (sobretudo) dos excursos que formam a *Soziologie* não podem ser adequadamente compreendidos. Como Waizbort e Tyrell já destacaram, esse trecho nada mais é senão uma versão reelaborada do material publicado como artigo em 1907 – portanto, um ano antes da publicação da *Soziologie*¹⁵². O artigo em questão (cujo título é: “Sociologia dos sentidos”¹⁵³) foi subsequentemente recortado por Simmel, de modo que sua introdução, em parte expandida e em parte apenas reordenada, resultou no parágrafo cujos fragmentos estamos, agora, lendo – ao passo que todo o resto foi estrategicamente situado como excurso ao penúltimo capítulo da *Soziologie*, dedicado à *sociologia do espaço*¹⁵⁴.

---

150. Ainda que tal compreensão do que seja a fisiologia em particular e a ciência em geral devam ser, do ponto de vista objetivo, consideradas meras estilizações, que extraem o seu sentido não por correspondência ao que elas efetivamente são (i.e.: ao que se faz em fisiologia ou em ciência independentemente do que Simmel disse achava – o que, por sua vez, não interessa considerando o escopo deste trabalho), mas de sua coerência com as formas de “ciência” de que Simmel efetivamente teve alguma experiência, dentre as quais a mais destacada é a sociologia.

151. Cf. WAIZBORT, 2000, p. 96, que aqui se refere a Blumenberg.

152. Cf. WAIZBORT, 2000, p. 95 e TYRELL, 2007, p. 24.

153. *Soziologie der Sinne*, disponível em GSG, v. 8, pp. 276-92. Nesse artigo, a analogia com a microscopia é anunciada logo na primeira linha – ao contrário do que se passa no parágrafo da *Soziologie* em que estamos nos detendo. Esse primeiro e breve período é tão “concentrado” de linguagem biológica que vale a pena reproduzir: “O momento presente da evolução da ciência da sociedade parece corresponder àquele na ciência da vida orgânica designado pelo início da pesquisa microscópica”. Há uma passagem quase idêntica no texto de 1908, embora a referência a estágios de desenvolvimento seja, então, menos direta.

154. O que tampouco é casual, embora a compreensão adequada desse detalhe que diz respeito à montagem do texto simmeliano dependa de alguns esclarecimentos acerca do modo como Simmel concebia o espaço que, devido ao recorte desta seção, não estou em condições de trabalhar da maneira que seria devida. Apenas para adiantar algo que será tratado mais adiante – a saber, no capítulo sobre a *Philosophie des Geldes* –, devemos mencionar que isso que aqui chamamos de *exclusividade* de modo algum é tudo o que Simmel tinha a dizer sobre o espaço, muito pelo contrário; a exclusividade do espaço em geral é apenas aquilo que é realçado quando o que estamos estudando é a concepção de ciência de que Simmel se serviu em sua tentativa de fundamentação da sociologia (sendo, portanto, o que mais nos interessa no presente contexto). Ela representa, como vimos, um dos três elementos constitutivos de tal concepção. Isso posto, para termos ao menos uma ideia grosseira do cuidado com que Simmel enfrentou a questão do espaço, sem precisarmos nos enveredar diretamente na *Philosophie des Geldes*, podemos considerar a organização do nono capítulo da *Soziologie* (GSG, v. 11, pp. 687-790), em que Simmel situa sua sociologia dos sentidos. O nono capítulo é, de todos, o mais clara e didaticamente organizado: ele possui uma breve introdução geral, a que se seguem duas seções complementares, que o próprio Simmel designa pelos algarismos I e II. Dentro de cada seção, encontramos algumas subseções: A, B, C, D e, no caso da primeira seção, também E (essa última possuindo, por sua vez, mais duas subsubseções) – sendo que os três excursos incluídos no capítulo são estrategicamente inseridos naquele ponto do texto que Simmel considerava ser o mais adequado, como veremos. Grosso modo, a primeira seção contempla cinco modalidades

Ao estabelecer mais esse paralelo entre a vida e a sociedade, Simmel acredita estar em condições de encarar como cientista o problema da complexidade da vida social. Como lemos no último período do fragmento acima citado, as formas mais efêmeras de socialização são de difícil acesso: e é essa dificuldade que temos em acessá-las que nos leva a designá-las como complexas, como se os nossos dedos não fossem suficientemente delicados para desembaraçar os fios mais finos do real. Num certo sentido, a própria referência à complexidade (ainda mais quando discutida em termos de relações recíprocas que conduzem a formação de uma unidade total, ou seja: de uma *totalidade*, a que, por definição, não teríamos acesso) conduz muitas vezes a uma espécie de misticismo banal e obtuso, de que o próprio Simmel não parece ter conseguido se livrar inteiramente, ainda mais em seus escritos sobre os “problemas da vida”¹⁵⁵. Ora, falar de maneira adequada (i.e.: por meio de conceitos claramente delimitados) disso que “definimos” ou designamos pelo nome de complexidade é uma tarefa que beira o absurdo, uma vez que em geral só dizemos que algo é complexo ou complicado quando, em primeiro lugar, já não somos mais capazes de defini-lo adequadamente. Correspondentemente, tendemos, e não sem alguma razão, a não tratar certos temas porque os consideramos “muito complicados”: o que, contudo, implica *na prática* assimilar o que *ainda não conhecemos* como se fosse *impossível de se conhecer*. Essa é apenas uma variação de um dos dilemas fundamentais para o pensamento científico moderno assim como Simmel o concebia. Transposto nos termos de uma analogia visual, esse dilema pode ser assim apresentado: não dispomos de qualquer critério definitivo para separar o que *já* seremos capazes de observar do que *ainda* não observamos; transposto nos termos da analogia com a

---

distintas de influência do espaço sobre a sociedade (ou, nas palavras de Simmel: “qualidades fundamentais da forma do espaço que entram na conta da formação da vida em comunidade”, idem, p. 690); ao passo que a segunda seção, mais breve, procura dar conta da influência que opera no sentido oposto, i.e.: da influência da sociedade sobre o espaço (cf. idem, p. 771) – sendo que essa divisão, pelo menos até aí, guarda um paralelismo formal evidente com aquela que encontramos na *Philosophie des Geldes*. Como aqui só interessa destacar que o tratamento que Simmel deu ao espaço não se resume àquilo o que é apenas ressaltado pela analogia que entrou na composição do conceito simmeliano de ciência aplicado à sociologia, basta-nos agora enumerar grosseiramente os conteúdos da primeira parte desse capítulo – em que Simmel discute as várias qualidades fundamentais do espaço. A primeira, discutida rapidamente no subitem A (pp. 690-3), é justamente a exclusividade do espaço – sendo que a esse subitem não se liga qualquer excursão. A segunda, discutida no subitem B (pp. 694-705), é a divisibilidade do espaço, a que se liga o excursão sobre a demarcação de fronteiras sociais. A terceira, discutida em C (pp. 705-16), diz respeito à fixação no espaço. A quarta, extensamente discutida no subitem D (pp. 716-48), diz respeito às relações de distância e proximidade – sendo que é nessa seção que Simmel encaixa sua sociologia dos sentidos. E, finalmente, a quinta, discutida em E (pp. 748-71), diz respeito ao movimento – sendo que a ele Simmel liga seu famoso excursão sobre o estranho/estrangeiro. Note-se como as cinco propriedades formam, de maneira aproximada, uma linha contínua que vai de uma concepção mais passiva para uma mais ativa do espaço: da exclusividade de suas partes para o movimento, do espaço em geral, “geometricamente puro”, para um espaço cada vez mais particular, injetado de “vida”. Ou então: à medida que avançamos no texto, vemos que o espaço aparece cada vez menos como aquele da estética transcendental de Kant (para quem “o movimento de um *objeto* no espaço não compete a uma ciência pura, e, portanto, não pertence à geometria”, em KANT, 2001, p. 155; ref.: *Kritik der reinen Vernunft*, B155, em nota de rodapé), e cada vez mais como, digamos, o de Goethe (detendo-se, claro, um bom tempo em Nietzsche, que provavelmente seria simpático à ideia de discutir o nexo entre os sentidos do corpo humano e as relações de distanciamento e aproximação). A separação, realizada aqui para fins de análise, entre as analogias fundamentais do espaço, da visão e da vida pode, se quisermos ser realmente fiéis a Simmel, em princípio ser “aplicada” no interior de cada uma dessas analogias, de modo a produzir novas modulações; mais ou menos como o mesmo Kant que, em *Kant und Goethe*, parece simbolizar apenas um dos polos de um dualismo fundamental, em Kant parece já conter em si mesmo uma versão própria, modulada e miniaturizada dessa relação fundamental. De modo inteiramente análogo, Simmel mais de uma vez detectou, em sua *Soziologie*, partes da sociedade que pareciam conter, como que dentro de si, uma espécie de réplica miniaturizada de si mesma (cf., p. ex., a analogia S.1.b.34).

155. Em parte (mas apenas em parte!) porque algumas de suas “fontes” no que diz respeito ao conceito “biológico” de vida se envolveram em embaraços do gênero. O exemplo mais claro disso é Haeckel, mas mesmo em Darwin podemos encontrar sintomas dessa espécie de misticismo; o caso de Simmel é, me parece, de qualquer modo mais grave que o de Darwin, mas menos virulento que o de Haeckel. Sobre as diferenças entre Haeckel e Darwin, cf. GRENE & DEPEW, 2004, pp. 225-31.

vida: todo o conhecimento é sempre contingente e se encontra, portanto, na iminência de sua superação (o que, nesse caso, implica: do desaparecimento de sua forma atual). É importante chamarmos a atenção para esse dilema porque é ele que Simmel enfrentava desde o texto de 1890, e para o qual, em 1908, a analogia com a microscopia forneceria uma *solução provisória*. A referência aos processos microscópicos-moleculares assim como ocorrem no organismo permitiu a Simmel exprimir algo que ele, por assim dizer, enxergava quando dirigia o olhar para a sociedade, mas de que, até então e conforme lhe parecia, ninguém havia falado, a saber: que aquelas formas de socialização aparentemente insignificantes – a troca de olhares, o perguntar ao outro pelo caminho, o adornar-se para os outros, etc. – cumprem, ainda que de um modo “enigmático” ou difícil de assimilar em conceitos, uma função na reprodução do mundo social¹⁵⁶. Eis o papel da analogia de método com a biologia, quando formulada nos termos de uma microscopia: *chamar a atenção* para essas formas de socialização. Daí não devemos (o que deve ficar claro) concluir que a analogia de método com a biologia foi o que levou Simmel a “descobrir” aquelas formas voláteis de comparação. Uma tal conclusão seria tão limitada em seu escopo quanto a de Freyer, quando afirmou que o conceito de forma que Simmel empregava em sua sociologia era oriundo da geometria. A analogia com a microscopia permitiu a Simmel apenas exprimir aproximadamente o sentido de uma parte essencial de sua empreitada enquanto sociólogo: trata-se, aí como no caso da analogia geométrica, de uma analogia que tem uma função quase pedagógica – mais uma vez: um esforço de Simmel no sentido de nos fazer enxergar aquilo que ele, quando dirigia seu olhar para a sociedade, enxergava¹⁵⁷. Para ele essa é, como a esta altura já sabemos, a única forma de completude a que o cientista pode realisticamente aspirar: dividir com os outros *tudo* aquilo que lhe foi dado ver¹⁵⁸. Assim

---

156. Cf. o trecho final do parágrafo da *Soziologie* que estamos discutindo, bem como o comentário que se segue ao trecho.

157. Seria talvez mais esclarecedor dizer que a microscopia social é o análogo sociológico da “técnica” filosófica empregada na *Philosophie des Geldes*, como já sugeri. Essa técnica é, por sua vez, de inspiração estética, estando fortemente amparada em Goethe (sobre o ponto, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 75-112); a relação entre a arte e Goethe sugerida por Simmel se torna tanto mais evidente quando consideramos que, para Simmel, Goethe, ao contrário de Kant, não podia suportar a separação entre o verdadeiro e o belo (cf. GSG, v. 10, p. 145 e p. 164; trata-se de *Kant und Goethe*). Só que, ao fazer sociologia, Simmel precisou assumir o papel de cientista: e por isso considerou necessário colocar algo nos lugares da estética e de Goethe, e é aí que podemos encaixar a analogia de método com a biologia, bem como a referência, implícita nas inúmeras alusões à ideia de evolução, à Darwin. Não há, por sinal, qualquer referência a Goethe anotada no índice de nomes da *Soziologie*. Os textos “sociológicos” em que Goethe aparece são textos em que o contato entre sociologia e filosofia da história (via de regra recalcado por Simmel, já que seu esforço em demarcar o lugar da sociologia implicava destacar as diferenças entre a visada especificamente sociológica e a histórica) vêm à tona: assim, topamos com referências a Goethe no livro sobre a diferenciação social e no capítulo da “pequena” sociologia dedicado à sociologia filosófica – que é, na verdade, como admite Simmel, um esforço em organizar como que numa linha certas visões de mundo (sendo que a comparação entre as imagens elementares da linha e do círculo sempre foi um tema bastante caro a Simmel – como veremos no capítulo final deste trabalho). Goethe e, mais enfaticamente, as analogias “de método” com a arte ocupam, correspondentemente, um papel muito mais central nos escritos de Simmel sobre a filosofia da história que nos escritos sobre sociologia.

158. O que talvez possa ser acomodado numa teoria dos papéis sociais. Vejamos como: o cientista nunca é *pura e simplesmente* cientista; antes, “cientista” é como um papel social que se assume em certos contextos de interação (o que não deve ser levado ao pé da letra). Como é sabido, também a analogia do papel social, exaustivamente explorada, mais tarde, por E. Goffman, pode ser encontrada já em Simmel. Algo do gênero aparece inclusive no primeiro capítulo da *Soziologie* – nomeadamente, como parte do seu excursus sobre a questão: como a sociedade é possível? –, só que a essa altura Simmel evita empregá-la mais explicitamente *como analogia de método* com a sociologia. A noção de papel social é empregada, por Simmel, apenas como ferramenta que lhe permite pôr em operação suas análises sociológicas, sendo que sua explicitação articulada no nível teórico enquanto conceito sociológico mais ou menos bem definido não ocorre de fato. Tal noção atua no mesmo nível das noções de círculo social e de vida social, a que irei me referir em seguida – sendo que a principal diferença é que tais expressões encontram análogos no plano da explicitação do método, o que não se pode dizer do caso da noção de papel social. Na *Soziologie*, o mais

concebidas, as analogias com a geometria e com a microscopia funcionam como duas estratégias complementares mobilizadas para educar o olhar sociológico. Retomando, e agora em definitivo, a leitura do parágrafo em que Simmel formulou a analogia de método com a biologia, observamos que ele mesmo estabelece de modo suficientemente claro que é essa a finalidade da analogia em questão:

O que torna difícil a fixação científica de tais formas sociais aparentemente menores é ao mesmo tempo o que as faz extremamente importantes para um entendimento mais profundo da sociedade: que elas em geral ainda não se firmaram em formações supraindividuais, sólidas, senão que indicam a sociedade como que *im status nascens*. Naturalmente não em seus inícios primeiros e historicamente insondáveis, mas sim naqueles que ocorrem a cada dia e a cada momento; a socialização entre os homens se ata e desata e se ata mais uma vez continuamente, como um correr e pulsar eterno que encadeia os indivíduos, até mesmo onde isso não se eleva a organizações próprias. Trata-se aqui como que de procedimentos microscópico-moleculares no interior do material humano, que são contudo o verdadeiro *acontecimento* que se hipostasia ou se encadeia naquelas unidades e sistemas sólidos e macroscópicos. Que os homens se olhem uns aos outros, e que eles sejam invejosos entre si; que eles troquem cartas ou almocem juntos; que eles, inteiramente independentes de quaisquer interesses compreensíveis, se achem simpáticos ou antipáticos; que a gratidão de uma obra altruísta enseje um efeito ligador contínuo e ilacerável; que um pergunte ao outro sobre o caminho e que eles se vistam e se enfeitem uns para os outros – todas as milhares de relações, de pessoa a pessoa, momentâneas ou duradouras, conscientes ou inconscientes, inconsequentes ou consequentes, das quais estes exemplos foram colhidos aleatoriamente, atam-nos incessantemente. A cada instante esses fios são tecidos, desatados, retomados, substituídos por outros, entrelaçados a outros. Aqui repousam as interações, só acessíveis à microscopia psicológica, entre os átomos da sociedade, que sustentam a tenacidade e a elasticidade, a variedade e a unidade desta vida tão nítida e tão enigmática da sociedade. Trata-se de aplicar o princípio dos efeitos infinitamente múltiplos e infinitamente pequenos justamente ao caráter sincrônico da sociedade, tal como ele se mostrou eficaz nas ciências diacrônicas da geologia, da teoria biológica do desenvolvimento e da história. As diligências imensamente pequenas estabelecem o nexo da unidade histórica, assim como as interações aparentemente menores de pessoa a pessoa estabelecem o nexo da unidade social. O que ocorre continuamente nos contatos físicos e anímicos, nas excitações opostas de prazer e pesar, na conversação e no silêncio, nos interesses comuns e antagônicos – isso constitui o caráter prodigiosamente ilacerável da sociedade, o flutuar de sua vida, com o qual seus elementos ganham, perdem e postergam incessantemente seu equilíbrio. Talvez se consiga para a ciência da sociedade a partir desse conhecimento o mesmo que para a ciência da vida orgânica significou o início da microscopia. Se até então a investigação estava restrita aos grandes órgãos corporais, tratados separadamente, cujas diversidades de forma e função se apresentavam sem mais, só agora o processo vital mostrou-se em sua combinação de seus suportes menores, as células, e em sua identidade com as numerosas e incessantes interações entre elas. Como elas se ligam

---

próximo que podemos encontrar de uma analogia de método entre *sociologia* e teatro é aquela passagem que se liga à nota de rodapé em que Simmel faz a crítica de suas analogias. Essa analogia em particular (S.1.a.18) é na verdade empregada com o intuito de marcar a diferença pontual entre sociologia e psicologia: assim como um drama contém, do começo ao fim, acontecimentos de ordem psicológica sem ser, contudo, objeto exclusivo da psicologia, assim também a sociologia. Trata-se aí apenas de formular, com outras palavras, o perspectivismo (de modo que é possível referi-la ao componente intermediário da concepção de ciência com que Simmel trabalha, i.e.: à analogia visual). De resto, essa analogia em particular encerra uma cadeia de analogias voltadas para um mesmo fim (separar psicologia e sociologia), das quais a primeira é a analogia S.1.a.15, citada na nota 160, abaixo.

entre si ou se destroem, se assimilam ou se influenciam quimicamente – isto permite compreender somente pouco a pouco como o corpo forma a sua forma, a mantém ou a altera. Os grandes órgãos, nos quais estes suportes fundamentais da vida e suas interações reuniram-se em funções e formações específicas perceptíveis macroscopicamente, não teriam nunca permitido compreender o nexo da vida, se aqueles inúmeros procedimentos que têm lugar entre os elementos menores – a partir dos quais os elementos macroscópicos como que ganham corpo – não se tivessem revelado como a vida verdadeira e fundamental. Completamente para além de qualquer analogia sociológica ou metafísica entre as realidades da sociedade e do organismo, trata-se aqui apenas da analogia da consideração metódica e de seu desenvolvimento; trata-se de descobrir os delicados fios, as relações mínimas entre os homens, cuja repetição contínua fundamenta e suporta todas aquelas grandes formações, tornadas objetivas e que apresentam uma história própria. Esses processos absolutamente primários, que formam a sociedade a partir de um material imediato e individual, devem ser portanto – ao lado dos processos e formações mais elevados e mais complexos – submetidos à consideração formal; as interações singulares que se mostram nessas medidas não inteiramente usuais ao olhar teórico devem ser examinadas como formas formadoras da sociedade, como elementos da socialização em geral. Sim, a estes modos de relação aparentemente insignificantes deve-se dedicar metodicamente tanto mais uma consideração pormenorizada, quanto mais a sociologia trata de revelá-las.

O seguinte ponto para o qual Simmel chama a atenção é com efeito indisputável: uma vez que uma ciência *descobre* uma nova série de fatos, que lhes confere visibilidade, não tem outra alternativa senão a de buscar acomodá-los em si; e é isso que Simmel acredita ter descoberto: ele parece convencido de que vê, nessas formas efêmeras de socialização, elementos da socialização em geral. Muito embora devamos ser cuidadosos para não nos deixar impressionar pelas palavras de Simmel – que aqui soam especialmente impressionantes –, é difícil negar, ainda mais à luz da evidência atual, que o fato de que os homens “se vistam e se enfeitem uns para os outros” cumpra um papel na manutenção ou na reprodução disso o que Simmel chama de vida social. Mas o que realmente nos interessa é que aqui podemos retomar a analogia básica entre visão e cognição, já que, e nesse caso muito claramente, ao se converter numa analogia de método, a analogia com a vida se apresenta imediatamente combinada a um elemento visual: como microscopia social¹⁵⁹. Podemos, se quisermos assimilar a questão no registro do

---

159. Há um outro aspecto da analogia mais fundamental entre vida e cognição que se “encaixa” nessa analogia de método com a biologia, e que se torna evidente quando Simmel fala em “aplicar o princípio dos efeitos infinitamente múltiplos e infinitamente pequenos justamente ao caráter sincrônico da sociedade, tal como ele se mostrou eficaz nas ciências diacrônicas da geologia, da teoria biológica do desenvolvimento e da história”. Esse é um dos princípios fundamentais da teoria da evolução das espécies de Darwin – uma das ciências diacrônicas referidas por Simmel –, que também pode ser acessada pela máxima: a evolução não dá saltos. Isso quer dizer que transformações evolutivas são produto de um acúmulo de pequenas mudanças ao longo de grandes períodos de tempo. Também nesse caso não “vemos” essas mudanças acontecendo porque a consideramos muito parcialmente: o tempo de nossa vida é muito pequeno se comparado ao tempo da evolução. Para “enxergá-la”, precisamos recorrer a estratégias mais indiretas de observação, como o registro fóssil, a morfologia e análise genética. Tais estratégias são sempre em alguma medida deficientes, i.e.: sujeitas a erros, como a própria visão (p. ex., o registro fóssil, como todo o registro histórico, é sempre incompleto, sendo essa uma das maiores dificuldades enfrentadas por Darwin); porém, se as mobilizamos de maneira conjunta, dispomos de um registro *mais completo* de fatos, para os quais ainda hoje a teoria de Darwin, contanto que devidamente modernizada, fornece o melhor enquadramento. De resto, é muito significativo que Simmel desloque o princípio dos pequenos ajustes do nível diacrônico para o sincrônico: do ponto de vista biológico, isso não faz muito sentido, já que o princípio dos pequenos ajustes, nesse contexto, diz respeito ao acúmulo de transformações ao longo do *tempo*, não sendo, portanto, “aplicável” ao nível sincrônico. Afinal, a semelhança, sugerida por Simmel, entre esse aspecto da teoria da evolução e a relação micro/macro no organismo é apenas muito superficial, e só faz sentido se tratamos ambas as situações no registro

perspectivismo, dizer que a sociologia, enquanto ciência, como que exige do sociólogo estar em dois lugares ao mesmo tempo, manter duas atitudes distintas e antitéticas com o real: exige o foco o mais estrito possível num determinado aspecto da realidade (de que já tratamos), mas também exige uma disposição no sentido de enxergar além do que está imediatamente à vista (de que estamos agora tratando). No primeiro caso, somos impelidos a uma espécie de contração, i.e.: à especialização científica; no segundo, induzidos a uma espécie de expansão, na ausência da qual seríamos presa fácil do dogmatismo. Simmel confere visibilidade ao primeiro elemento na medida em que associa a analogia visual à espacial; ao passo que o segundo elemento é destacado por meio composição entre a analogia visual e a vital. Nesse sentido, a analogia visual fornece o componente intermediário da concepção de ciência com que Simmel buscou impregnar sua sociologia; ou então: ao passo que o trabalho sobre as analogias mais fundamentais do espaço e da vida lhe forneceram dois meios complementares de expressão para que pudéssemos acessar dois dos aspectos fundamentais do método *sociológico* tal como ele o visualizava, o trabalho sobre a analogia visual lhe permitiu tornar assimilável o que ele entendia ser o *método* sociológico¹⁶⁰. Há de se notar que o presente esquema explicativo implica que as analogias de método que Simmel efetivamente elaborou funcionam como *formas de exposição para os resultados ou sínteses parciais, para as soluções provisórias do problema* (que, se Simmel estiver correto, será insolúvel) *da unidade do método sociológico*. Afirmando que, para solucionar, ainda que apenas provisoriamente, esse problema que ele mesmo trata como insolúvel, Simmel o desdobra em dois, ou melhor, em duas séries de problemas: uma que diz respeito ao lugar da sociologia entre as ciências, outra que diz respeito à complexidade interminável da vida social. Como vimos, podemos acessar cada uma dessas séries de problemas pareando de um determinado modo aquelas três analogias mais fundamentais da cognição em geral que se encontram aqui expostas – o que serve de ilustração para uma intuição anunciada no início

---

altamente estilizado da analogia visual: trata-se, em ambos os casos, de tentar assimilar numa teoria coerente fatos tornados, por assim dizer, *visíveis* graças ao refinamento das técnicas de observação. Ora, por outro lado, não devemos ignorar que nessa passagem o próprio Simmel destaca em *itálico* a palavra “acontecimento”: afirma que as interações microscópico-moleculares no interior da sociedade são o verdadeiro *acontecimento* sem o qual nenhuma forma de socialização mais abrangente seria possível. Ora, o acontecimento nada mais é do que o objeto *sui generis* da história (o que é mais evidente para um alemão do que para nós, já que o termo que traduzimos por acontecimento e que lemos no texto de Simmel é: *Geschehen*; ao passo que o termo para história é: *Geschichte*). De modo que o que a analogia com a biologia permite ver nada mais é do que aquele problema fundamental da sociologia oriundo da origem histórica de seu objeto, para o qual a geometria não possui qualquer analogia – mas para qual a biologia oferece, com efeito, bons parâmetros de comparação. De todo o modo, em seus textos mais facilmente identificados com a microsociologia (sobre o adorno, a fidelidade, o segredo, etc.), é preciso reconhecer que o “método” que Simmel efetivamente aplicou lembra mais a “biologia” de Goethe que a biologia de Darwin, ligando-se a uma visão mais estética que científica da vida.

160. As analogias puramente “visuais” de Simmel são também muito recorrentes – e já topamos com alguns exemplos disso. Eis um deles, em que se trata justamente de uma analogia com o método científico em geral e a arte:

Está aqui presente uma diferença apenas gradual em relação às ciências da natureza externa, que se passam com efeito, enquanto fatos da vida espiritual, em última análise também dentro da alma: a descoberta de cada verdade química ou astronômica, assim como a reflexão sobre cada uma delas, é um acontecimento da consciência, que uma psicologia completa poderia deduzir, sem deixar resíduos, puramente a partir de condições e desenvolvimentos da alma. Porém, aquelas ciências emergem na medida em que, no lugar do processo anímico, tomam como seu objeto seus conteúdos e o nexo entre eles, mais ou menos como não podemos deduzir o significado que uma pintura tem para a história da arte ou em termos estéticos a partir das oscilações físicas em que se constituem suas cores e que na verdade trazem à tona e servem de suporte à existência real da pintura como um todo. (S.1.a.15, em GSG, v. 11, p. 36, aqui citada em registro ampliado em relação ao índice; grifo conforme o original)

desta seção e que eu gostaria, aqui, de retomar: *as analogias de Simmel extraem o seu sentido umas das outras, de modo que não devem ser consideradas isoladamente*¹⁶¹. Esse é um ponto muito importante para quem, como Simmel, está na situação de ter de falar nos fundamentos da sociologia, ao mesmo tempo que considera tais fundamentos apenas uma metáfora que, ainda quando incontornável, não pode ser tomada ao pé da letra. Com isso em vista, é preciso explorar mais a fundo o que se quer dizer, aqui, quando se afirma que as analogias com o espaço, a visão e a vida são “mais fundamentais” que as analogias de método entre a sociologia, de um lado, e a geometria ou a biologia, de outro.

É preciso começar destacando que isso que, no plano da discussão do método, Simmel trata explicitamente no registro da analogia, no plano da descrição e da operacionalização do método se revela na seleção dos termos empregados como unidades de referência do social. Não por acaso, em diversas ocasiões flagramos Simmel se *referindo* a uma determinada unidade de socialização por meio da expressão: *círculo social*; também frequente é a referência à *vida social*. A relação entre cada uma dessas formas de expressão e as analogias de método com a geometria e com a biologia não é sistemática, e tampouco me parece razoável afirmar que Simmel fale, p. ex., em círculo social devido a que o seu método seja, em parte, geométrico. Parece-me mais adequado imaginar que estamos, nesse caso, diante de duas manifestações diversas ou variações de uma analogia mais fundamental (e também mais “indefinida”, “complicada”¹⁶²): aquela com o espaço; e que algo do gênero pode ser dito quando se tem em vista a relação entre a analogia de método com a biologia e a referência à vida social. Procurei, ao longo desta seção, mostrar como a concepção de ciência a que Simmel buscou fazer aderir sua sociologia (adesão essa que, digamos, *realizaria* a sociologia enquanto ciência) pode ser adequadamente acessada a partir da combinação dessas duas analogias fundamentais, contanto que mediadas por uma outra analogia do gênero – aquela entre visão e cognição. Podemos avançar se estivermos dispostos a considerar tais analogias fundamentais como analogias implícitas, cujos contornos não são muito bem definidos mas que, por isso mesmo, fornecem a Simmel inúmeras possibilidades de recombinação

---

161. Assim, seria, em princípio, possível construir uma armação explicativa como a que aqui ofereço partindo de uma dessas analogias fundamentais: p. ex., da analogia com o espaço. Mas afirmo que, nesse caso, seríamos levados a desdobrar *essa* analogia até o ponto em que pudéssemos detectar, como que dentro dela, relações como as que detectamos entre ela e as analogias mais fundamentais da visão e da vida – como, num certo sentido, o próprio Simmel faz no nono capítulo de sua *Soziologie*.

162. Nesse ponto também há semelhanças com o que H. Blumenberg chama de metáfora absoluta. Tais metáforas formariam algo como o “estágio preliminar” da formação do conceito filosófico, i.e.: diriam respeito àquele momento em que o conceito ainda se encontra numa espécie de estado de indiferenciação – antes, portanto, de se apresentar como conceito passível de ser assimilado por uma teoria sistemática. Nesse estágio, afirma Blumenberg, os conceitos seriam “mais plásticos, mais sensíveis em relação àquilo o que há de inexprimível”; assim, p. ex., a luz como metáfora básica para a verdade, tema do artigo que tomo aqui como referência (BLUMENBERG, 2001, “Licht als Metapher der Wahrheit”, em *Ästhetische und metaphorologische Schriften*, sendo que a citação consta da p. 139; também disponível em inglês, em LEVIN, 1993. *Modernity and the Hegemony of Vision*, pp. 30-62). Convém, é claro, dizer que o que Blumenberg tem aí em vista é algo muito mais abrangente que o que eu tenho em vista: trata-se, no seu caso, de um empreitada voltada para uma renovação da pesquisa em torno da história dos conceitos filosóficos, ao passo que, aqui, eu me detenho sobre uma ramificaçãozinha pouco significante dessa história, a que coube a Simmel.

específica (no caso da analogia espacial, as várias modulações da analogia geométrica¹⁶³ e o uso da expressão “círculo social” podem ser encarados como recombinações desse tipo), das quais ele aproveita apenas uma ou outra, ao sabor da necessidade do argumento.

O que se pressupõe nesse caso é uma conexão entre o indefinido (concebido não como conceito absoluto, i.e.: não como uma qualidade das coisas em si, mas sim em sua relação com o definido, do mesmo modo, portanto, que a noção bem compreendida de complexidade) e a renovação, i.e.: a novidade. O próprio Simmel estabeleceu essa relação quando afirmou, para ficarmos com uma passagem já trabalhada, o seguinte: “estaríamos condenando o trabalho científico à esterilidade caso quiséssemos, diante de tarefas novas, colocar como condição para o primeiro passo um método formulado de maneira a esgotar completamente a questão.” Daí se pode depreender que, no limite, não seria possível conciliar a necessidade de definição com a de renovação. Essa situação pode, enfim, ser transposta para as duas abordagens do papel das expressões em sentido figurado na linguagem científica com que havíamos topado no início desta exposição. Para isso, basta imaginarmos que a necessidade de renovação advinda do caráter contingente do conhecimento atualmente estabelecido é a única coisa que realmente confere sentido às expressões em sentido figurado na linguagem científica¹⁶⁴. Uma solução possível diante de tal impasse consiste em referir, como o próprio Simmel tenta fazer, cada uma dessas necessidades a certo estágio do desenvolvimento científico – mas de tal modo que, a cada dado instante, seja possível detectar uma certa “proporção” entre essas duas tendências gerais da forma científica de conhecimento. Embora, na *Soziologie*, fiquemos com a impressão de que isso é tudo o que ele tem a dizer sobre o ponto, se levarmos em conta que ele ao menos apresenta a possibilidade de que esse desenvolvimento *não tenha um fim*, entendemos que, num certo sentido, a ciência moderna em geral e a sociologia em particular precisariam sempre “começar outra vez”, ou seja, que a necessidade de renovação nunca será inteiramente superada, ainda que possa ter maior importância em certo momento de sua evolução, e menor, em outro. Simmel já havia chegado, em sua *Philosophie des Geldes*, a uma conclusão do gênero, que pode ser aqui reapresentada como uma espécie de síntese histórica entre as abordagens ornamental e funcional do papel das expressões em sentido figurado na linguagem científica – ainda que essa seja uma conclusão a que, no primeiro capítulo da *Soziologie*, só possamos chegar por inferência.

Não se apegar a uma *ou* a outra analogia, mas buscar o maior número possível de analogias: é essa a regra que está aí em jogo – pois, caso se prendesse a *uma* analogia, Simmel acabaria assumindo como que por contrabando um compromisso ontológico quanto a essência do objeto da sociologia com a qual

---

163. Que, como vimos quando tratamos da analogia **S.1.a.10**, se desdobra em três pontos: na designação do o que é propriamente social na sociedade; na posição da sociologia científica em relação às demais ciências do espírito; e na tarefa exclusivamente sociológica diante de sua posição relativa às demais ciências do espírito.

164. O que, se decerto é uma afirmação no mínimo disputável no que diz respeito à ciência em geral, parece-me de todo o modo compatível com o que Simmel se referia quando falava da ciência moderna, sendo, portanto, em princípio compatível com a sua sociologia – o que basta para os nossos fins.

ele simplesmente não saberia lidar¹⁶⁵. Correspondentemente, o que é necessário para Simmel levar a cabo seus projetos – sendo a sociologia apenas um deles – não pode ser nunca esta ou aquela analogia, mas o procedimento analógico, o ato de estabelecer analogias, várias analogias. Se estivermos dispostos a admitir esse ponto (o que recomendo), a seguinte pergunta praticamente perde o seu sentido: por que Simmel optou em explicitar e trabalhar a fundo essas duas analogias de método (a geométrica e a biológica) em sua tentativa de fundamentação da sociologia? Ainda assim, gostaria de listar algumas respostas possíveis para essa pergunta – não exatamente para respondê-la, mas para explorar aquilo que Simmel precisou deixar para trás, aquilo que teve de ser suprimido, para a realização dessa tentativa.

Convém começar pelo mais óbvio: geometria e biologia já eram formas legitimadamente científicas de conhecimento à época de Simmel, ainda que operassem em planos muito diferentes – uma no registro formal, ao lado da lógica e da aritmética, outra no registro empírico, ao lado da física e da química. Era, assim, apenas conveniente para ele tratar em maior detalhe e conferir maior destaque a tais analogias, tratando outras, como as com o teatro ou com a arte em geral, mais superficialmente¹⁶⁶. É inegável, contudo, que, se as formas de socialização de Simmel são, de um lado, como as formas geométricas e, de outro, como as formas de vida – também o são ainda como as estéticas. A estetização do mundo social é um traço constitutivo da sociologia de Simmel, mas um traço que se torna mais evidente quando tratamos dos problemas específicos por ele investigados do que quando nos atemos ao plano da explicitação metodológica – sendo, portanto, assunto para a seção seguinte deste trabalho. Note-se bem: não é que esse traço esteja ausente do plano sociológico exposto por Simmel; já o indicamos quando nos deparamos com a relação entre o método por ele empregado para realizar sua microscopia social e a técnica de buscar o particular no universal, explicitamente associada à arte no prefácio à *Philosophie des Geldes*. No entanto, investigar tal conexão aqui seria desprezar que a analogia com a microscopia social implica ela mesma um esforço no sentido da supressão do caráter necessário da conexão: ela *substitui*, no plano da explicitação metodológica, a analogia com a arte, está em seu lugar. É essa substituição que permitiu a Simmel situar suas investigações sobre o adorno, a fidelidade, a nobreza, a comunicação escrita, a sociedade a dois, e etc. – enfim, é ela que lhe permitiu situar tais estudos como parte da sociologia, e não como fragmentos filosóficos. Tanto em um caso, como no outro, trata-se de buscar o universal no particular – mas o universal formado pela sociedade é, por assim dizer, mais particular que o

---

165. Solução semelhante foi adotada tanto por H. Blumenberg como por M. Black, ainda que em suas discussões sobre a metáfora. Cito uma passagem de Black, especialmente sintética a esse respeito: “I have no quarrel with the use of metaphors (if they are good ones) in talking about metaphor. But it may be as well to use several, lest we are misled by the adventitious charms of our favorites” (BLACK, 1955, p. 286).

166. Como vimos, embora não deixem de aparecer, Simmel não lhes confere destaque: emprega-as para lidar com problemas mais particulares. No caso da analogia com o teatro, com a demarcação específica da sociologia em relação à psicologia. Mas podemos também pensar nas analogias físicas: como Durkheim, Simmel usa frequentemente noções tiradas da física, da mecânica (tais como: força fictícia, em **S.3.a.8**, plano inclinado, em **S.2.a.9** e **S.8.a.51**, inércia, em **S.8.a.52**, e etc.) ou da química (das quais merecem destaque as analogias com a radiação, em **S.5.b.24**, reproduzida na p. 186 deste trabalho, e com o processo de formação de cristais, em **S.4.a.37**). Mas em todos esses casos, trata-se apenas de recursos utilizados na descrição de fenômenos sociológicos mais específicos: tais analogia não encontram outras que lhe correspondam no plano da explicitação metodológica.

visado na *Philosophie des Geldes*. Veremos na seção seguinte que, considerando sua transposição do plano da explicitação do método para o plano de sua execução, não se pode admitir que essa substituição tenha sido inteiramente bem sucedida; essa conclusão pode ser assim resumida: as semelhanças formais detectadas por Simmel lembram mais de perto a “biologia” exercida por um Goethe do que a exercida por Darwin. Imagino que, ao menos em parte, isso explique o que levou tantos leitores de Simmel a nos recomendarem entendê-lo a partir da sociologia que ele fez, e não a partir daquela que ele anunciou, como se não fosse possível *reconhecer* uma coisa na outra. Essa é a recomendação feita, p. ex., por Weber, que não foi capaz de elogiá-lo como cientista, mas apenas como artista, como notou B. Nedelmann¹⁶⁷. Nisso Weber contraria a única exigência feita por Simmel ao leitor da *Soziologie*:

É nessa situação que se encontra a tentativa aqui conduzida de conferir ao conceito vacilante de sociologia um conteúdo unívoco, dominado por uma problemática metodicamente segura. A exigência feita ao leitor de se ater continuamente a esse modo único de colocar a questão, assim como é desenvolvido no primeiro capítulo – uma vez que, caso contrário, estas páginas poderiam parecer um aglomerado de fatos e reflexões descontextualizadas – é a única exigência que se tem de postular para o livro de antemão.¹⁶⁸

Não há dúvidas de que aqui Simmel se empenha em representar o papel de cientista, apesar das dificuldades pessoais envolvidas nessa tentativa. Acredito que o que foi apresentado aqui é suficiente para mostrar que sua atuação teve bons momentos, embora, como um todo, tenha sido pouco convincente^{169 170}. Indo nessa linha, e agora retomando o ponto iniciado no começo do parágrafo

---

167. Para a recomendação de Weber, cf. o manuscrito inacabado sobre Simmel conforme publicado em FRISBY, 1994, *Georg Simmel Critical Assessments*, v.1, p. 77-81; para o comentário de B. Nedelmann, cf. FRISBY, 1994, v. 2, p. 86.

168. GSG, v. 11, p. 9.

169. Sobre tudo se comparada com a atuação de um Durkheim (que não deixou, é claro, de ter seus maus momentos; e que, de resto, teve um público completamente diferente do de Simmel, para não falar que o palco era outro).

170. Apresento, aqui, um exemplo das dificuldades em que Simmel se envolveu, ainda que menos importante do que aquele que diz respeito ao teor místico e eventualmente metafísico de sua noção de vida analogicamente aplicada à sociedade. A certa altura do excuro ao primeiro capítulo da *Soziologie*, eis que Simmel afirma que seus três fundamentos *a priori* da sociedade empírica não são, como seriam as categorias de Kant, “nomeáveis com uma palavra” (cf. GSG, v. 11, p. 47; o grifo consta no original). A essa altura, somos tentados a admitir que Simmel aí teria se descuidado. Pois nada realmente nos impede de dar a uma situação, por mais complicada que seja, um único nome. Podemos, para fins de referência, chamar os três *a priori* de Cícero, Heitor e Prático, sem que com isso nada do que Simmel escreveu em seu excuro se perca – afinal, trata-se aí apenas de dar um nome às coisas, o que só se tornaria problemático na medida em que deixássemos de coordenar o nome ao nomeado, o referente ao referido. Porém, seguindo a leitura, encontramos fortes indícios para abandonar a hipótese do descuido, principalmente quando, nas linhas finais do excuro, topamos com uma passagem em que Simmel reitera, em forma um pouco atenuada, o que havia dito (cf. GSG, v. 11, p. 60). Nesse caso, a reiteração indica que aquilo que ele estava querendo dizer lhe parecia importante, que ele pensou sobre o problema – e que talvez a crítica acima apresentada seja fruto, em parte, de um mal-entendido de seu interlocutor, e em parte de uma falha de Simmel em comunicar o que ele queria comunicar. O que é, então, que Simmel realmente queria dizer? Eis o que me parece: ao contrário do que disse Simmel, não é que não se possa dar o nome que se queira aos elementos de sua discussão; não é esse o ponto. Trata-se, por outra, de marcar ou designar ou apontar para a diferença entre o que ele julga acontecer na sociedade e o que ele julga ser a concepção kantiana de natureza; mas não só, uma vez que isso não bastaria para justificar a afirmação de Simmel de que os fundamentos *a priori* da sociedade não podem ser designados por uma única palavra. O que Simmel, ao que me parece, queria dizer era, além disso, que ele não era Kant (nos dois casos, a comparação com Kant é explícita); pois dar às categorias nomes simples (ou arranjá-las em quadros) é algo que se poderia esperar de Kant (cf. GSG, v. 9, pp. 41-43; trata-se da terceira lição de *Kant*), mas não de Simmel. Só assim me parece possível “entender” a insistência de Simmel em afirmar que não se deve dar um nome simples a um evento complexo. Mas, se a minha leitura não estiver equivocada, então o problema que estaria em jogo seria: quem é Simmel? – e isso simplesmente não interessa à ciência. Esse é, na verdade, o mesmo ponto levantado por Freyer, em passagem citada na nota 29, ainda no começo desta seção. Não há dúvida alguma quanto a que essa seja uma posição insustentável para quem, como Simmel, afinal se dispôs em algum momento a

anterior, não devemos desprezar o fato de que Simmel leu diversos autores ligados à biologia, como Spencer, Haeckel e Darwin, de modo que tinha bastante material para elaborar analogias biológicas com um mínimo de propriedade¹⁷¹.

Isso basta quanto à opção pela analogia biológica. O caso da analogia geométrica em suas várias modulações é bem mais intrincado. É possível que elas servissem para “reforçar” a impressão de que a sociologia que ali se propunha era rigorosa, ou seja, como estratégia retórica na acepção mais vulgar do termo. Mas um caminho mais adequado para situar o problema talvez seja enfatizando ainda mais que a noção de geometria que Simmel aí mobiliza seja uma referência à *Crítica da Razão Pura* de Kant – quanto a que não há dúvidas. Ora, dominar a linguagem kantiana era essencial para quem, como Simmel, buscava um lugar no meio acadêmico alemão àquela época. Não devemos esquecer que Simmel obteve tanto seu doutoramento como sua habilitação com trabalhos sobre Kant – depois de ver, na ocasião de seu doutoramento, serem rejeitados seus “estudos psicológicos e etnológicos sobre música”. Além disso, Kant foi, pelo que consta, o filósofo mais frequentemente citado por Simmel¹⁷² – que, como se sabe, nem sempre fazia questão de explicitar com quem estava dialogando¹⁷³. Ora, ainda que muito importante, a influência que Kant exerceu em Simmel certamente não é proporcional à frequência da menção de seu nome, quando comparada com a frequência da menção do nome de outros autores; e só me parece possível acomodar essas duas constatações considerando que, se Simmel falava tanto no nome de Kant, é porque seu público queria ouvir esse nome. Um raciocínio do gênero pode ser aplicado ao recurso à analogia geométrica, que nesse caso haveria de conferir uma espécie de atmosfera kantiana à sua empreitada científica – quem sabe suficientemente bem armada para “enganar” até mesmo um H. Freyer¹⁷⁴. Pode-se aqui acrescentar que a analogia geométrica implica uma alusão ao problema do espaço assim como Kant o formulou e a que corresponde, por sua vez, nas palavras de Simmel,

---

representar o papel de cientista, de “partidário da ciência” – um dos momentos, portanto, em que podemos com alguma razão criticar sua atuação nessa história.

171. Com as ressalvas feitas na nota 79, mais acima. Também devemos destacar que Simmel se mostrou cuidadoso o bastante para não cair no erro de Spencer e de Haeckel em projetar os mecanismos de explicação da evolução biológica descritos por Darwin para o plano normativo da interação humana. Por isso não há, em Simmel, darwinismo social, ao menos não no sentido usual do termo.

172. Kant é o nome mais recorrente em boa parte das edições das obras completas de Simmel – o que, é claro, varia conforme o assunto tratado, embora Simmel só raramente tenha publicado um livro em que não achamos qualquer referência explícita a Kant. Para passar uma ideia disso, realizei uma rápida busca junto à edição eletrônica das obras completas de Simmel (*Georg Simmel: Das Werk*, 2001, org. por Martin Damken). A pesquisa eletrônica revelou que o nome de Kant aparece 670 vezes, em 46 publicações diferentes; o de Goethe, 414 vezes, em 38 publicações diferentes; o de Platão, 108 vezes em 26 publicações; o de Aristóteles, 29 em 13; o de Spinoza, 59 em 22; o de Schopenhauer, 282 em 24; o de Nietzsche, 217 em 26; o de Darwin, 15 em 10; o de Hegel, 27 em 10; e o de Marx, 10 vezes em 7 publicações diferentes. A pesquisa, realizada de modo inteiramente mecânico, não possui qualquer valor demonstrativo, tendo sido realizada apenas para transmitir uma ideia geral do que estou querendo dizer. Para tornar a busca mais ágil, só contabilizei as ocorrências nominais exatas, de modo a não incluir quer ocorrências declinadas (como “Platos”, em expressões como: “die Lehre Platos”, i.e.: a doutrina de Platão), quer eventuais formas adjetivadas ou adverbializadas (como “aristotelisch”, “kantisch”, etc), o que pode ter gerado distorções.

173. Sobre o ponto, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 363-5.

174. Freyer caracteriza a empreitada sociológica de Simmel como sistemática – ao passo que, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, o “arredondamento sistemático” é, para Simmel, característico da filosofia kantiana (cf. FREYER, 1944, p. 75; bem como GSG, v. 9, pp. 41-3; trata-se da terceira lição de *Kant*).

“reconhecidamente o capítulo mais popular de sua teoria do conhecimento”¹⁷⁵. Esse é um ponto importante quando se leva em conta o caráter pedagógico da analogia geométrica no contexto do primeiro capítulo da *Soziologie*. Uma vez que, por meio dessa analogia, Simmel buscava comunicar a seus interlocutores o que via quando se dirigia ao problema dos fundamentos da sociologia, é razoável que tomasse como outro termo de sua comparação elementos com os quais esses interlocutores estivessem já acostumados. Trata-se, nesses casos, de “indicar” ao interlocutor (que nesse caso está num ambiente que não lhe é familiar: o país da sociologia não era, à época de Simmel, tão bem documentado e visitado como é hoje¹⁷⁶) o caminho percorrido por Simmel para chegar onde ele chegou – o que é na verdade uma experiência bastante trivial. Caso fôssemos, p. ex., explicar para alguém que nunca viu uma onça o que ela é, usando apenas palavras¹⁷⁷, certamente não sairíamos do lugar se disséssemos algo como: “uma onça é uma onça”. Diríamos talvez: “é como um tigre, mas com pintas no lugar das listras”; ou talvez, se o interlocutor tampouco soubesse o que é um tigre: “é como um gato, só que maior e mais perigoso”. Estilizando um pouco, é assim que funcionam as analogias de método com a biologia e com a geometria, ainda que, nesses casos, a “natureza” do bicho seja outra. Assim, a sociologia é como uma geometria, só que seu objeto não possui um único sentido interno; a sociologia das formas efêmeras de socialização, como a teoria biológica do desenvolvimento, só que aplicada ao caráter sincrônico da sociedade; etc. Em todos esses casos, trata-se de tomar como referente um objeto conhecido e nele introduzir algumas modificações, para que o interlocutor, no momento em que decida, por conta própria, se aventurar pelo país da sociologia, esteja já munido de orientações básicas – não sendo, assim, presa fácil da onça que pode estar à sua espreita.

Mas essa não é a única vantagem da analogia geométrica, ou melhor: da referência a Kant embutida nessa analogia. Isso porque, para Simmel e de um modo muito geral, Kant está para a ciência, assim como Goethe, para a arte¹⁷⁸. Se considerado apenas na chave dessa relação mais geral com Goethe, Kant como que se confunde com a ciência e, para ser mais exato, com a ciência moderna, como nos mostra a seguinte passagem do livro em que Simmel desenvolve mais extensamente a comparação entre os dois pensadores, afinal tão importantes para a história do pensamento alemão:

E é essa a situação da ciência nos últimos cem anos. Pois a ciência quer – ou, ao menos, queria – realmente arrancar da natureza, a todo o custo, os seus segredos; ela realmente quer fazer do interesse pela verdade algo inteiramente independente de uma eventual destruição da beleza dos fenômenos; ela realmente quer tomar por seu ponto de partida não uma ideia do todo, mas sim o elemento mais atomizado possível, ela leva realmente em consideração que o mecanismo desalmado das substâncias e forças

---

175. Cf. GSG, v. 9, p. 78; trata-se da sexta lição de *Kant*. Simmel, por sinal, atribui essa “popularidade” a que o ponto seja discutido logo no primeiro capítulo de sua obra principal (a *Estética Transcendental da Crítica da Razão Pura*) e, além disso, em termos que seriam fáceis de imitar!

176. Para ficarmos com um único exemplo concreto disso, podemos lembrar, como nos conta Waizbort, que a primeira cátedra em sociologia na Alemanha data de 1925 (WAIZBORT, 2000, p. 534).

177. Pois é a isso que se resume o material da presente pesquisa. A isso corresponde, por sinal, uma das mais sérias limitações deste trabalho, sobretudo tendo em vista o que foi tratado em WAIZBORT, 2000, pp. 571-588.

178. O que, é claro, é apenas uma estilização grosseira, inclusive em relação ao que o próprio Simmel escreveu sobre o tema.

desprovidas de finalidade seja o único princípio que opera na construção da imagem da natureza. No que lhe concerne, todo sentido, todo significado que ultrapasse o próprio mecanismo se encontra *por trás* do fenômeno, no império do inteligível, que não se estende jamais e em parte alguma para o império da visibilidade e da experiência; falta-lhe, quer no âmbito teórico, quer no ético, aquela confiança na relação imediatamente harmônica entre a natureza e nossos ideais. Quanto a tudo isso, Kant é o cofundador e partidário do espírito científico moderno; ele, que, de um lado, só viu, em cada um dos saberes, a verdadeira ciência na exata proporção em que continham, em si, matemática, e, de outro lado, confinou a validade da matemática à nossa maneira de intuir as coisas, negando a capacidade de conhecer a tudo o que não possa se manifestar imediatamente para nós; ele, que explicou que o espírito e a finalidade na natureza eram meras »máximas subjetivas« de seu escrutínio, que em absoluto não tocavam no próprio ser do que ele escrutinava; ele, que reconheceu com implacável acuidade a incompatibilidade entre as nossas necessidades existenciais mais profundas, para, em última análise, conceder ao anelo pela harmonia de tais necessidades a esmola de uma *crença* transcendente.¹⁷⁹

Essa é, claro, uma visão estereotipada da ciência, e desconfio que até mesmo de Kant. Mas ela talvez tenha algo de verdadeiro, ainda que essa verdade de modo algum diga respeito ao que a ciência é ou uma vez foi, ou mesmo a como a ciência efetivamente funciona ou funcionava – senão que à atitude adequada para quem faz ciência. Ou melhor: essa atitude calculista e implacável, esse desdém pelo sentido último das coisas, esse impulso demarcatório e autoconstritivo que Simmel associa de modo tão claro a Kant, tudo isso é algo que se *espera* de quem assume o papel de cientista. Coube a Simmel, ao fazer sociologia, *tentar* satisfazer tal expectativa – no que (como ele mesmo, em nota de rodapé, confessou) não podemos realisticamente dizer que foi bem sucedido¹⁸⁰. Pois também nesse sentido a analogia com a geometria nada mais é senão um meio para o fim de inscrever a sociologia na série das ciências como semelhante ao lado de semelhante – sendo essa, contudo, uma finalidade muito pouco realista, e que talvez só fizesse sentido num ambiente intelectual dominado pela epistemologia inspirada em Kant, como era o de Simmel¹⁸¹. Se levarmos tudo isso a sério, podemos ter uma ideia, ainda que vaga, do que levou Simmel a trabalhar, quando da ocasião da publicação de sua *Soziologie*, em cima *dessa* analogia (a analogia geométrica), e não, p. ex., de uma analogia com a física – o que, quem sabe, levaria Freyer a caracterizar a sociologia de Simmel como “mecânica do mundo social”. Eis, para resumir, o motivo que está ao meu alcance sugerir para acomodar todos esses fatos: a analogia geométrica teria permitido a Simmel variar sobre o tema mais popular do livro mais conhecido do filósofo mais importante segundo o gosto do público com quem ele falava, mas não de modo a reproduzir o que aquele filósofo havia dito, e sim de

---

179. GSG, v. 10, pp. 164-5, *grifos do original*. Apenas para evitar uma possível confusão, é preciso alertar para que o “império do inteligível” [Reich des Intelligiblen], em que habitaria, como diz Simmel, o que está “*por trás* do fenômeno” é o mundo numênico de Kant – correspondentemente, o que há por trás ou para além do fenômeno é a coisa-em-si, que não é objeto de uma experiência possível, não adentrando, portanto, o império da visibilidade e da experiência.

180. Já que Simmel projeta para um futuro que ele mesmo considera inalcançável a realização de uma sociologia “perfeita”, i.e.: sistematicamente arredondada. Para evitar as romantizações, convém dizer que isso também está implícito quando se afirma que o que interessa na tentativa de Simmel em fundamentar a sociologia é que se trate de uma *tentativa* de fundamentar a sociologia.

181. E que ele, a seu modo, desafiou, na medida em que chamou a atenção para a “metáfora incontornável do fundamento”.

modo a usá-lo como um meio para dizer o que ele, Simmel, achava necessário dizer¹⁸².

Não devemos, por isso mesmo, perder de vista que o que se buscou aqui discutir foram as analogias que Simmel formulou no plano da explicitação metodológica – das quais se destacaram as analogias com a geometria e com a biologia. Há, contudo, inúmeras outras analogias de método, referidas a problemas mais pontuais da sociologia – como a analogia entre a sociologia e o teatro, empregada para marcar a diferença específica em relação à psicologia¹⁸³. Além dessas, há também aquelas empregadas para descrever certo fenômeno sociológico, de que as analogias físicas que Simmel efetivamente elaborou (p. ex., aquela com a noção de força fictícia) são um exemplo, e a comparação entre a nobreza e a obra de arte, outro¹⁸⁴. É num registro próximo que vamos achar referências analógicas às noções de círculo, vida, organismo, papel e jogo – para ficarmos apenas com alguns dos exemplos mais proeminentes¹⁸⁵. Em todos esses casos, o que temos é um exercício analógico bastante trivial, semelhante àquele detectado na montagem do conceito de seleção natural; e que, em princípio, não difere tanto do exemplo do “gato grande e perigoso”. Nesses casos, o que se tem é um elemento de base facilmente assimilável, que opera no âmbito do senso comum (círculo, vida, organismo, papel, jogo, seleção, gato), em seguida modificado mediante a assimilação de um elemento estranho, i.e.: cuja relação com o elemento anterior não é evidente, ou, para ser mais exato, não parece *apropriada* – com o que formamos expressões em sentido figurado como “círculo social”. Note-se como só é possível construir tais conceitos *mesclando* semelhança e diferença; e como, de resto, os “conceitos” assim formados *ainda* não são bem definidos. A sua definição (de que depende sua eventual assimilação como parte funcional de uma teoria científica) carece ainda de um trabalho intensivo de modelagem conceitual, em que a expressão em sentido figurado, formada por analogia, vai sendo cercada por outras definições que, ao fim de inúmeras comparações, eventualmente permitem a especificação de seu sentido¹⁸⁶. Nem sempre Simmel se ocupou dessa segunda tarefa, se contentando, na maior parte dos casos, em esboçar ou ensaiar conceitos – que em boa parte não possuem qualquer encaixe lógico com suas demais proposições. Assim, mesmo noções como a de círculo social, passíveis de serem referidas a uma série de analogias afins (no caso, à analogia de método com a geometria) não possuem o acabamento lógico ou sistemático que seria de se esperar de um conceito científico. Dito de outro modo, e por meio de um exemplo: a relação entre a noção de círculo social e a analogia de método com a geometria não parece clara, não parece passível de definição unívoca

---

182. Sendo que a esse procedimento corresponde uma das funções básicas exercidas pela analogia na *Philosophie des Geldes*, com que nos ocuparemos apenas no capítulo seguinte.

183. Cf., no índice, as analogias tipificadas como “epistemológicas”, bem como algumas das analogias tipificadas como “ilustrativas, conceituais” (como, p. ex., S.1.a.11, em que Simmel fala em “corte transversal”).

184. Cf. S.3.a.8 e S.10.b.12, respectivamente. Mais exemplos podem ser encontrados em meio às analogias tipificadas como “ilustrativas, conceituais” e “ilustrativas, figurativas”.

185. Um sexto exemplo, com que já topamos a certa altura desse trabalho, é a noção de egoísmo, que Simmel transpõe para a sociologia como “egoísmo de grupo” (cf. a segunda seção do segundo capítulo desta dissertação, a altura da p. 167).

186. Esse é o caso do conceito de seleção natural de Darwin, que não atina simplesmente com o conceito, mas custa bastante a refiná-lo, até finalmente “encaixá-lo” como elemento crucial de sua teoria (cf. especialmente MILLMAN & SMITH, 1997, “Darwin’s Use of Analogical Reasoning in Theory Construction”, em *Metaphor and Symbol*, 12/3).

– é simplesmente analógica. Correspondentemente, há noções do gênero (em particular as de papel e jogo sociais) para os quais não achamos um correspondente no plano da explicitação metodológica¹⁸⁷; o que achamos (tanto ao longo da *Soziologie*, como nos textos sociológicos que estavam ainda por ser publicados) são esboços ou rudimentos de uma teoria dos papéis sociais, ou de uma teoria da sociabilidade como forma de jogo¹⁸⁸, mas então via de regra emaranhados à discussão de determinadas formas de socialização. Esses rudimentos mostram que talvez Simmel sequer tenha nos contado tudo o que viu, ainda que o que ele relatou pareça ter sido o suficiente para ajudar no trabalho de sociólogos como E. Goffman ou N. Elias – que, por sua vez, viram e nos relataram bichos e paisagens com cuja existência Simmel sequer poderia ter sonhado. Esses são, de resto, indícios de uma deficiência que ele mesmo reconheceu mais de uma vez em si, e que eventualmente racionalizou na chave de um dever imposto a uma natureza que lhe era avessa¹⁸⁹; a sociologia, que havia para ele se tornado sinônimo de ciência, exigia, dele, uma fixação e um endurecimento que lhe incomodavam e que ele não se sentia capaz de suportar – que, por assim dizer, punham em risco algo que ele considerava parte de sua existência mais íntima¹⁹⁰. A alternativa por ele encontrada para lidar com essa situação, para “conservar” sua forma pessoal diante das pressões sobre ela exercidas, foi um apego a uma maior flexibilidade, que ele como que buscou incorporar à sua “natureza”. Ora, essa nada mais é do que uma das duas principais possibilidades detectadas por Simmel para a manutenção da forma particular de um grupo diante do que, para o grupo, aparece como uma espécie de pressão ou ataque, mas que nada mais é do que um efeito de sua articulação numa unidade mais abrangente – como nos mostra o seguinte par de analogias:

O grupo pode ser mantido: 1. pela maior conservação possível de sua forma, por meio da firmeza e endurecimento desta, de modo que ela contraponha uma resistência substancial aos perigos que lhe cercam e que preserve a relação de seus elementos ao longo de toda mudança nas situações externas; 2. pela maior variabilidade possível de sua forma, na medida em que ela responda à mudança das condições externas mediante uma mudança de si mesma e se mantenha em fluxo, de modo que possa se adaptar

---

187. A propósito disso, não custa notar que Simmel tenha publicado três textos sobre o ator, cujos títulos e a respectiva data original de publicação são: *Zur Philosophie des Schauspielers* [Para uma filosofia do ator], publicada em 1908; *Über den Schauspieler* [Sobre o ator], de 1909; e *Der Schauspieler und die Wirklichkeit* [O ator e a realidade], de 1912. Sendo que também nesse caso não interessa tanto os textos que Simmel escreveu, e sim o que não escreveu: uma *sociologia* do ator!

188. Essa analogia em particular foi trabalhada, numa outra chave, em NUNES, 2005, pp. 185-9. Ainda que seja possível detectar formulações próximas a da sociabilidade como forma de jogo em obras do jovem Simmel (que a essa altura, como vimos, já falava em coqueteria), ou, mais tarde, em sua sociologia da concorrência (inicialmente publicada em 1903 e, mais tarde, incorporada à *Soziologie* como sociologia do conflito), só em 1910 ela apareceria realmente em primeiro plano, num texto a propósito da sociabilidade, hoje bastante divulgado por aqui já que Simmel o incorporou à sua “pequena” sociologia (cf. a tradução em SIMMEL, 2006, cap. 3).

189. Como nos mostra Waizbort, Simmel uma vez contou para alguém que se sentia obrigado a escrever uma sociologia detalhada “somente em função da coerência científica das asserções e exigências que eu formulei certa vez”, ao passo que sua natureza era “mais descobridora de caminhos que construtora” (cf. WAIZBORT, 2000, p. 529). Note-se, pois, que Simmel sabia muito bem que a ciência não estava interessada em saber quem ele era, qual a sua natureza íntima – embora, partindo de tudo o quanto aqui foi dito, tampouco possamos levar a caracterização de Simmel ao pé da letra, razão pela qual me parece mais adequado tratá-la como uma espécie de racionalização de suas falhas (o que afirmo menos com base em conhecimentos de psicologia do que com base numa extrapolação de uma intuição de Blumenberg a propósito de seu tema de pesquisa; cf. BLUMENBERG, “Ausblick auf eine Theorie der Unbegrifflichkeit”, p. 204).

190. O que, de um ponto de vista puramente sociológico, encontra expressão no fato de que a aceitação de Simmel no meio acadêmico alemão envolveu uma série de frustrações e pode, em linhas gerais, ser considerada fracassada – embora essa possível explicação seja em si mesma bastante incompleta.

diante de cada exigência de circunstâncias. Essa dualidade das possibilidades remete, é claro, a uma relação inteiramente geral das coisas, pois se encontra sua analogia em todos os domínios possíveis, até mesmo no físico. Diante da destruição mediante pressão ou impacto, um corpo é protegido ou por meio do endurecimento e do nexu inamovível de seus elementos, de modo que a força aplicada em geral não cause qualquer impressão, ou por meio da flexibilidade e elasticidade, que, ainda que recebendo cada ataque, quando este passa devolve ao corpo imediatamente sua forma anterior. Também a autoconservação do grupo ou por meio da estabilidade, ou por meio da labilidade tem a ver com que a *unidade* de um ser se ateste de ambos os modos: nós reconhecemos nele uma unidade ou quando, diante dos mais variados estímulos e situações, ele se mostre sempre como o mesmo – ou quando ele, diante de cada situação, se comporte do modo particular que *lhe* corresponde exatamente, como um cálculo composto por dois fatores em que, com a mudança de um, devido a que se tenha de produzir o mesmo resultado, se altere o outro fator correspondentemente.¹⁹¹

Ambas as analogias aparecem no oitavo capítulo da *Soziologie*, dedicado ao problema da conservação do grupo e especialmente marcado por analogias biológicas – e cujo texto é baseado num artigo traduzido por Durkheim e publicado no *Année Sociologique* em 1898. Se admitirmos que um dos diversos domínios a que se aplica essa analogia é o puramente teórico (o domínio em que faz sentido falar dos problemas “fundamentais” da sociologia), então poderíamos imaginar que o endurecimento e a flexibilização são como duas estratégias possíveis, mas até certo ponto inconciliáveis, na luta pela sobrevivência do jogo teórico; por aí achamos talvez um caminho para colocar sob um mesmo teto, ao menos no caso de Simmel, as duas abordagens do papel das expressões em sentido figurado na linguagem científica. Pois Simmel, com efeito, tratou a primeira série de problemas fundamentais da sociologia (que diz respeito ao seu lugar entre as ciências) assumindo a abordagem ornamental, que aqui podemos associar a uma estratégia de endurecimento. Essa foi, num sentido quase temporal, a *primeira* estratégia adotada por Simmel, e o que ele conseguiu fazer de mais consequente a partir dessa estratégia foi a elaboração da cadeia analógica que culminaria, em 1908, na comparação de método entre a sociologia e a geometria¹⁹². Mas por aí Simmel não era capaz de nos comunicar tudo o que enxergava, quando voltava o olhar para a sociedade – e não me parece de todo temerário afirmar que, quanto mais se esforçava em adotar a primeira estratégia, tanto mais clara essa deficiência se lhe apresentava. O que, por sua vez, se converteu num impulso para a adoção da *segunda* estratégia, a de flexibilização, que podemos associar à abordagem funcional das expressões em sentido figurado na linguagem científica – e que, afinal, parece mais adequada à atitude a que o próprio Simmel considerava corresponder sua natureza íntima (o que quer que isso seja). Se estivermos dispostos a assumir essa equação, podemos dizer que as analogias de método que Simmel elaborou são *registros*, hoje desprovidos de vida, dessa espécie de conflito existencial em que estava envolvida a formação de sua teoria social. Elas são,

---

191. A citação abrange as analogias **S.8.a.37** e **S.8.a.38**, que aparecem no texto da *Soziologie* uma imediatamente após a outra (cf. GSG, v. 11, pp. 644-645. Note-se como, nesse caso, a articulação entre ambas as analogias implica uma diferença de níveis: o que é ilustrado pela analogia com a função matemática está já subsumido como parte do que é ilustrado pela analogia “física”.

192. Mas que também se expressa, como já foi mencionado, por meio da psicologia, da história (política, econômica), da linguística – ainda que, nesses casos, em registro mais sucinto e, portanto, de forma menos elaborada.

portanto, algo mais que ornamentos, ou mesmo escadas para uma forma definitiva de conhecimento, mas, por outro lado, não são propriamente (i.e.: literalmente) elementos paradigmáticos ou funcionais da teoria de Simmel – elas são *apenas* analogias e, por isso mesmo, boas analogias. Essa consideração (digamos, realista) se liga, ao menos no caso que nos interessa, a algo como um ajuste de expectativas quanto à tarefa da sociologia, que me parece o mais importante componente regulativo da teoria sociológica de Simmel: a sociologia não dará conta de todos os aspectos do real, nem mesmo daquela parte do real que lhe caberia; ela precisará procurar seus fundamentos sempre outra vez, o que é outro modo de dizer que ela nunca irá encontrá-los (em parte porque a sociologia não é realmente um prédio que, para ser levantado, precise de uma estrutura, de um fundamento, de um chão para se firmar). E esse ajuste de expectativas, por sua vez, o conduziu a uma *valorização radical* do elemento provisório, do caráter de tentativa de sua concepção de ciência (ou, para ser mais preciso: de sua concepção de sociologia), que se revela na adesão mais radical e ao mesmo tempo mais fecunda a uma estratégia de flexibilidade. Pode-se concluir, do que precede, que Simmel não foi capaz de cumprir a promessa que ele mesmo fez no prefácio à *Soziologie*, a saber: de “conferir ao conceito vacilante de sociologia um conteúdo unívoco, dominado por uma problemática metodicamente segura”. O que a leitura das analogias de Simmel revelou é que “o problema” da sociologia não é único, mas, no mínimo, duplo¹⁹³; que tampouco o *seu* conceito de sociologia é “dominado por uma problemática metodicamente segura”, já que o que Simmel realmente fez foi pôr em suspensão a segurança do método, ao menos do método sociológico. Mas se é correto dizer que ele não foi capaz de cumprir essa promessa, o mesmo não se aplica a uma outra, que entretanto não seria formulada de modo tão claro nesse prefácio. Pois se, de um lado, ao que tudo indica Durkheim estava certo quando avaliou, numa carta a Bouglé, que o “problema” de Simmel é que ele não levava a fundo suas ideias¹⁹⁴ – de outro, *não é necessariamente isso o que ele precisava fazer, se queria levar “ao fundo” sua ideia de que ideia alguma tem literalmente um fundo?*

---

193. Ou seja, só faz sentido se o consideramos como duas séries distintas de problemas fundamentais.

194. No original, conforme o reproduzido no relatório feito por O. Rammstedt para a edição do volume dedicado à *Soziologie* nas obras completas de Simmel, eis o que lemos: “Tel qui a le sentiment de la spécificité des faits sociaux, comme Simmel je crois, ne va pas au bout de son idée”, em GSG, v. 11, p. 884. Assim, apesar de possuir certa sensibilidade para os fatos sociais, para Durkheim Simmel não conduziria suas ideias até o fim, não as levaria a fundo, etc.

III.2. Apresentação e estudo das analogias propriamente sociológicas contidas na *Soziologie*

Lanço, enfim, para complementar o corte transversal aplicado à filosofia simmeliana, uma observação preliminar e passageira sobre o modo como Simmel se apropria da matéria que encontra em seu caminho. Ele a observa no registro de uma percepção interior e descreve o observado [...]. Ele refaz continuamente os contornos do que vê, todo o seu pensamento é, no que tem de fundamental, apenas uma apreensão dos objetos por meio da visada que a eles se dirige (Siegfried Kracauer sobre Georg Simmel)

Na seção anterior, lidamos com as analogias que Simmel fez tendo em vista montar sua sociologia. Situei tais analogias no plano da explicitação metodológica, e é possível agora, para fins de comparação, concebê-las como representações da vontade simmeliana de fazer da sociologia uma ciência, ou então: como imagens que indicavam o esquema geral de sua sociologia, servindo, assim, de meios de orientação ou formas de acesso para tal. Contudo, o plano ou projeto sociológico em sentido estrito é apenas uma parte – ainda que fundamental – da sociologia que Simmel efetivamente realizou, no sentido de informar apenas parcialmente a ação a partir dali executada. Ao longo desta seção, trataremos mais diretamente da sociologia operacionalizada por Simmel, investigando como funciona o procedimento analógico também nesse registro.

A principal diferença entre as analogias que investigamos na seção anterior e as que investigaremos aqui é a seguinte: no caso das analogias de método, tratava-se de se apoiar em comparações que de algum modo nos permitissem visualizar a *sociologia* simmeliana; no caso das analogias que aqui serão chamadas de propriamente sociológicas, trata-se de comparações que tornam visíveis o *objeto* da sociologia, ou seja: *determinadas formas de socialização*¹. Essa diferença é mais importante do que pode, a princípio, parecer; é possível explicá-la desdobrando-a em três. Em primeiro lugar, tal diferença implica aquele deslocamento da analogia do plano puramente teórico para o da empiria de que tratei em outros trechos deste trabalho: a analogia é, aqui, um dos elementos por meio dos quais Simmel procura organizar o material das ciências do espírito – *Geisteswissenschaften*, assim como eram chamadas, por oposição às *Naturwissenschaften*, i.e.: às ciências da natureza – segundo uma forma especificamente sociológica. Dada essa implicação, não entenderemos as analogias propriamente sociológicas de Simmel sem antes considerarmos o modo como ele manipulava o material empírico que tinha à disposição. Em segundo lugar, a diferença de que partimos se liga ainda à constatação de que o procedimento analógico se deixa formular, no interior da sociologia simmeliana, de modo consideravelmente mais vago, estando

---

1. Serão aqui apresentadas principalmente aquelas analogias de Simmel que, no índice, foram caracterizadas segundo os tipos sociológico, *entre exemplos*, sociológico, *processual* e sociológico, *puro* – embora a certa altura eu também vá apresentar algumas tipificadas como ilustrativas, *figurativas*. Já introduzi, mas então num registro bem mais sucinto, algumas das ideias que serão aqui desenvolvidas na caracterização desses tipos contida na primeira seção do capítulo anterior a este.

aqui mais dissolvido na noção de semelhança do que o está em seu exterior² – o que pode ser pensado como um subproduto da aplicação da analogia a formações mais concretas do que no caso anterior, ou seja, ao mundo dos fenômenos e não mais ao mundo mais abstrato dos conceitos e dos modos de observação. Em terceiro lugar, aquela diferença é importante, para nós, por razões estratégicas: enquanto nos atínhamos ao plano da explicitação metodológica, éramos conduzidos a desconsiderar aqueles elementos constitutivos da sociologia de Simmel que ele mesmo, por uma questão – digamos – de tato, se sentiu obrigado a suprimir. Desses elementos, o de maior destaque é, sem dúvida, o viés estético, que se mostra uma vez que prestamos mais atenção às analogias de que Simmel se serviu para pôr em operação a sociologia cuja imagem abstrata discutimos na seção anterior. A vazão desse impulso estetizante permitirá, enfim, o acesso a um segundo aspecto do “formalismo” sociológico de Simmel – ou seja, permitirá entender em que sentido, para além do ficou estabelecido na seção anterior, sua sociologia pode, com razão, ser predicada de “formal” ou “pura”, e como isso se relaciona com o procedimento analógico.

Começamos investigando a primeira questão trazida à tona no parágrafo anterior, a que irei me referir como o problema da experiência em Simmel. O material empírico é por ele tratado, via de regra, como modo de ilustração, ou seja: a empiria não aparece como o resultado de um procedimento metódico de observação e comparação, nem é cercada por definições precisas ou sequer ancorada em fontes abertas à revisão crítica, como já era muito claramente o caso do estudo de Durkheim sobre o suicídio, publicado onze anos antes da *Soziologie*³. Essa característica compromete de forma definitiva o valor de verdade do material etnográfico e historiográfico empregado por Simmel. A quase completa omissão de referências

---

2. Como é possível observar no Gráfico 7 e na Tabela 5 do apêndice “Gráficos e Tabelas referentes ao índice”, os tipos sociológico, *processual* e sociológico, *entre exemplos* são aqueles a que corresponde o menor coeficiente de inequivocidade (e não se deve perder de vista o comentário presente na nota 86, contida no item II.1.6.1.2.2). O tipo sociológico, *puro* possui um coeficiente mais elevado, mais próximo à média – mas, ainda assim, superando, nesse quesito, apenas um único tipo extrassociológico.

3. O contraste com Durkheim me parece especialmente instrutivo, ainda mais considerando as comparações contidas na seção anterior. Para indicá-lo de forma sucinta, basta mencionar a posição bastante refratária de Simmel diante do uso de estatísticas, marcadamente diversa da de Durkheim. Em sua *Soziologie*, Simmel faz certas restrições à utilização da estatística nesse domínio, usando como exemplo justamente a estabilidade das taxas de suicídio (cf. GSG, v. 11, pp. 630-1). Sua argumentação não é, contudo, nem especialmente incisiva, nem muito convincente: ele concede, p. ex., que tal estabilidade *possa* ser provocada por causas sociais, acrescentando somente que o dado estatístico pode também ser a mera expressão agregada de causas individuais (ou “pessoais e interiores”, como ele diz), devendo, nesse caso, ser desconsiderado pela sociologia. J. Dahme chegou a tratar desse assunto, afirmando que Simmel teria sido “um dos poucos sociólogos alemães de seu tempo que reservou um lugar para a estatística em sua metodologia” (cf. DAHME, 1981, v. 2, p. 342); mas a afirmação me parece um pouco exagerada, considerando que Simmel não apenas se dedicou ao tema de modo bastante superficial, como ainda sequer *trabalhou* com estatística (ponto esse que o próprio Dahme admite, na página seguinte à supracitada). Também é possível mencionar, a esse respeito, as palavras do próprio Simmel em uma de suas cartas, cuja data é aliás posterior à publicação da *Soziologie* (o que talvez indique que tais palavras sejam, ao menos em parte, reações às críticas dirigidas a essa obra); nessa carta, Simmel afirma, entre outras coisas, que “nada entendia de estatística” (cf. a carta a Hermann Beck de 13/01/1911, apud. SCHMIDT, 2009, p. 131). O contraste com Durkheim não se manifesta apenas na operacionalização do método da sociologia propriamente dita – aqui ilustrada por referência à postura refratária de Simmel face à análise estatística –, mas ainda em questões relativas à sua institucionalização, que impõem, por sua vez, limitações bastante práticas para a pesquisa. Para resumir rapidamente essa diferença: Durkheim formou escola, era assistido por outros profissionais, sua produção sociológica apoiava-se numa certa divisão do trabalho científico, ao passo que Simmel se viu na situação de fazer tudo por conta própria – o que será retomado em seguida. Outros comentadores já haviam chamado atenção para esse segundo ponto (e, em particular, para a comparação com Durkheim), como, p. ex., D. Levine, em SIMMEL, 1971, *On individuality and social forms*, pp. x-xii.

externas em seu texto é sintomática dessa deficiência; mesmo as poucas citações diretas presentes em seu texto, salvo nas ocasiões em que seus autores sejam indivíduos excepcionalmente eminentes (como Kant ou Bismarck), são em geral anunciadas por expressões intencionalmente vagas como: “um conhecedor do assunto afirmou que...”⁴. Além disso, não podemos negar que o nível de aprofundamento com que Simmel na maior parte dos casos manipulava tais facticidades era bastante raso, superficial: mesmo quando eram, em princípio, extraídas de fontes consideradas dignas de crédito (para os padrões da época), eram em seguida tratadas num registro muito geral, na verdade bastante próximo do que podemos chamar de *senso comum*. É preciso não perdermos aqui de vista – em momento algum desta seção – que o que no presente contexto entendo por “conhecimento de senso comum” nada mais é do que uma *forma compartilhada de experiência*, i.e.: uma experiência comum para muitos ou então colocada à disposição para muitos⁵. Daí que Simmel não sentisse quaisquer embaraços em transitar do material historiográfico e etnográfico (com que teve contato desde cedo⁶) para o de sua vivência pessoal – num primeiro momento talvez invisível para nós, separados por cem anos e um oceano do horizonte de

---

4. Apresento, nesta nota, alguns exemplos disso, todos tirados da *Soziologie*. Assim, no segundo capítulo do livro, flagramos Simmel se referindo a “um dos melhores conhecedores da América do Norte” (cf. GSG, v. 11, p. 112); no terceiro, refere-se ao relato de um “conhecedor dos relacionamentos entre os turco-otomanos” (idem, p. 173) e também a “um dos mais eminentes conhecedores da vida partidária angloamericana” (idem, p. 183; nessa mesma página há outra citação, dessa vez referida nominalmente, de um dos artigos então atribuídos a Hamilton em *The Federalist*); no capítulo oitavo, a “um dos mais eminentes conhecedores do parlamento inglês” (idem, p. 621) e, logo em seguida, mais uma vez a “um dos melhores conhecedores da América do Norte” (idem, p. 624); esse mesmo autor é referido, no capítulo décimo, como um “distinto conhecedor da América do Norte” (idem, p. 808). É curioso notar que as referências quase sempre estejam acompanhadas de elogios. De resto, embora não seja aqui o lugar de recuperar tais fontes, não há dúvidas quanto a que o conhecedor da América do Norte a que Simmel se refere em três das passagens aqui citadas seja James Bryce (1838-1922). Os tradutores da versão completa da *Soziologie* para o inglês referem as citações diretas contidas no segundo e no décimo capítulo do livro a *The American Commonwealth*, originalmente publicado em 1888 (para mais detalhes, cf. SIMMEL, 2009, *Inquiries into the Construction of Social Forms*, v. 1, p. 91 e v. 2, p. 635). Tal pormenor nos interessa pelo seguinte: no artigo “Die Selbsterhaltung der sozialen Gruppe. Sociologische Studie” (datado de 1898), que serviu de base para o texto do oitavo capítulo da *Soziologie*, Simmel chegou a citar Bryce no trecho correspondente, chamando-o pelo nome – o que mostra que, dez anos depois, ao revisar o texto para publicá-lo em sua grande sociologia, Simmel optou em omiti-lo (cf. GSG, v. 11, p. 982; trata-se aí da seção de variantes da *Soziologie*). É tentador concluir que, em 1908, quando as expectativas de Simmel em se apoiar na sociologia para escalar a hierarquia do mundo acadêmico alemão eram consideravelmente menores que dez anos antes, ele se sentisse ainda mais à vontade para dar vazão a essa tendência – que, de todo o modo, já o acompanhava desde muito, muito cedo.

5. Kracauer já havia discutido de forma bastante consequente o problema que aqui me interessa, embora tenha usado uma linguagem muito diferente da minha em alguns aspectos que considero importantes, como veremos no capítulo seguinte (em que a constelação de problemas aqui tratada será retomada à luz da filosofia da cultura de Simmel). Tome-se nota de que o meu ponto aqui é apenas este: afirmo que Simmel opera principalmente com o material da experiência assim como aparece formado no registro do senso comum, afirmação essa que, por si só, não é suficiente para que tiremos conclusão alguma sobre a qualidade do resultado obtido *com base* nesse material. Digamos que Simmel sempre procurou dar novas formas a esses conteúdos “vulgares”, operar, sobre eles, novas sínteses, ou então indicar ou escavar o sentido mais profundo que estava cifrado nesses lugares-comuns da vida prática. Devemos suspeitar, desde já, que haja uma relação entre “senso comum” e o conceito simmeliano de “cultura” – no entanto, a discussão dessa relação e de algumas de suas implicações para a filosofia da cultura simmeliana ficará reservada para o próximo capítulo deste trabalho, em que apresentarei as analogias presentes na *Philosophie des Geldes*.

6. Antes de se voltar mais definitivamente para a filosofia (área em que obteve o doutoramento e a habilitação), Simmel estudou história, psicologia e antropologia, e isso com figuras importantes no mundo acadêmico de então, tais como: Theodor Mommsen (cf. o breve comentário de Frisby a respeito em SIMMEL, 2004, *The Philosophy of Money, third enlarged edition*, p. 523), Moritz Lazarus e Heimann Steinthal (os dois pais da *Völkerpsychologie*, uma espécie de psicologia comparada do “espírito” dos povos; cf. a nota a respeito em WAIZBORT, 2000, pp. 135-6), Adolf Bastian (psicólogo e antropólogo darwinista, conforme o mencionado em FRISBY & FEATHERSTONE (ed.), 2000, *Simmel on culture: selected writings*, p. 3), entre outros.

sua vida, mas que o observador cuidadoso está fadado a encontrar por toda a parte em sua obra⁷. Seu apreço por tiradas espirituosas, fábulas e provérbios pode ser aqui concebido como uma manifestação diferente, mais explícita talvez, dessa mesma constelação fundamental: e ainda que Simmel tenha buscado suprimir, em suas publicações científicas – portanto, em sua sociologia –, tais recursos mais francamente dependentes do senso comum, a tendência estilizadora neles implicada pode ser detectada até mesmo em seus trabalhos voltados para o público acadêmico, só que nesses casos assumindo, via de regra, formatos mais sutis. A analogia é, ao menos em parte, um desses formatos⁸: seu enraizamento na mais respeitável das tradições da filosofia ocidental (pois como vimos, tanto Aristóteles como Kant a adotaram, cada um a seu modo) e, até certo ponto, inclusive no pensamento científico moderno lhe conferia certa distinção, por sua vez ausente (ou, pelo menos, não reconhecida no tempo de Simmel) em formatos mais populares como a anedota ou a fábula – estes reservados, por uma questão de tato, a publicações como a *Jugend*^{9 10}. No entanto, como aliás já foi notado por outros autores, *todos esses formatos – do mais distinto ao mais vulgar – eram mobilizados por Simmel como modos de conhecimento*¹¹. O efeito cognitivo por eles produzido é análogo àquele produzido pela exemplificação simmeliana – sendo esse, portanto, um dos elementos-chave para a compreensão da maneira conforme a qual Simmel manipulava e assimilava o material da etno- e da historiografia em seu texto. Para exemplificar o ponto, nada mais conveniente neste contexto do que apresentarmos uma de suas inúmeras analogias:

Essa liberdade, que permite ao estranho vivenciar e tratar inclusive das relações de proximidade como que a partir da perspectiva de um pássaro, encerra, é verdade, toda a sorte de possibilidades perigosas.¹²

---

7. O que Waizbort busca recuperar a todo o momento em seu livro sobre Simmel; cf., p. ex., WAIZBORT, 2000, pp. 441-469, em que se explora de modo especialmente aprofundado o fato de que o famoso “modelo da sociabilidade e da conversa no salão provém das experiências pessoais de Simmel” (idem, p. 456).

8. A saber: a analogia tipicamente ilustrativa, *figurativa*.

9. Em que havia plena abertura para estilizações. Sobre a relação de Simmel com o *Jugendstil*, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 373-89. Considere-se especialmente a seguinte passagem:

As contribuições de Simmel para Jugend são uma aventura. Elas demonstram uma vontade de ‘jogo’ (Spiel) e brincadeira que talvez se pudesse interpretar como uma válvula de escape para as pressões da vida moderna. Essas contribuições se iniciam no mesmo momento em que Simmel parece abandonar suas esperanças na sociologia. Elas são como uma terra intocada, na qual Simmel se liberta, dando vazão às suas qualidades como escritor e poeta; qualidades na verdade ‘artísticas’ (tenham-se em mente a oposição, assinalada anteriormente, entre arte e ciência). Sem dúvida, a partir do fracasso da empresa sociológica, Simmel vai se dirigindo progressivamente para a arte e estética” (idem, pp. 383-4; **grifos conforme o original**)

Podemos contrapor essa vontade de jogo – associada à arte – à vontade de fazer da sociologia uma ciência: e por aí retornaríamos à constelação básica que havia informado a montagem da seção anterior deste capítulo e que também informa a montagem desta seção.

10. Sobre o tato, cf. GSG, v. 16, pp. 108-9; disponível em português em SIMMEL, 2006, pp. 65-7. Cf. também WAIZBORT, 2000, pp. 450-1.

11. A respeito da fábula em Simmel como modo de conhecimento, cf. WAIZBORT, 2000, pp. 72-3; sobre o exemplo como modo de conhecimento, cf. WAIZBORT, 2000, p. 81; e, enfim, sobre a analogia como modo de conhecimento cf., além de toda esta dissertação, WAIZBORT, 2000, p. 82, bem como as pp. 101-2. A função comum que me permitiu relacionar fábula, exemplo e analogia é a simbólica – esta é, por sua vez, indissociável da interpretação, da atribuição de sentido e importância às coisas, o que devemos ter em mente ao longo desta seção, já que a leitura das analogias propriamente sociológicas de Simmel nos conduzirá ao caráter interpretativo de sua sociologia.

12. **S.9.d.30**, em GSG, v. 11, p. 767.

Estamos aqui diante de um trecho do famoso excurso sobre o estranho/estrangeiro¹³. A referência à perspectiva de um pássaro funciona, nesse contexto, como uma imagem por meio da qual Simmel ilustra o distanciamento que, no caso do estranho, se manifesta em sua relação com os “nativos”, i.e.: com aqueles que lá estavam, devidamente estabelecidos, quando da chegada do estranho. O pássaro possui, do alto de seu voo, uma visão panorâmica das coisas, vê tudo de longe; o estranho, por sua vez, se relaciona com os nativos de maneira análoga: *como se estivesse a uma grande distância deles*¹⁴. A analogia aqui claramente funciona ilustrando e conferindo visibilidade a um dos aspectos de uma determinada forma de socialização: aquela que se estabelece *entre* o estranho e o nativo, sem a qual a figura do estranho – tema, afinal, do excurso – não seria possível, sem a qual ela tampouco faria sentido ou teria significado. Ela está inserida em um contexto argumentativo fortemente ancorado nas analogias mais elementares do espaço, da visão e da vida¹⁵. Nesse trecho especificamente, há uma combinação entre a analogia da distância e a da visão, em que Simmel se apoia para poder alcançar a realidade propriamente sociológica que é o que doa sentido a essa figura típica que “chega hoje e fica amanhã”, a do estranho. Há também, nesse caso, um desnível importante entre os termos da analogia, na medida em que Simmel só se interessa por um deles, servindo-se do outro como mero apoio: a imagem por ele evocada da visão panorâmica de um pássaro é apenas uma referência a um conteúdo da experiência de que já dispúnhamos interiormente, de que já tínhamos algum conhecimento prévio, ou melhor, que já estava sedimentada ou estabelecida no senso comum^{16 17}. É um termo já conhecido, de cuja medida

---

13. Doravante referido apenas como “estranho” (*Fremde*, no original).

14. A diferença – e não devemos esquecer que, onde há uma boa analogia, deve haver também diferença – é que, ao contrário do pássaro em relação à paisagem que este divisa à distância, o estranho está fisicamente próximo dos nativos. O distanciamento em questão não é “literal”, como é o do pássaro, mas possui um sentido figurado, ou melhor: possui uma miríade de possíveis sentidos figurados.

15. O que é muito importante tendo em vista o escopo mais geral deste trabalho, mas será aqui apenas comprimido a ponto de caber numa nota de rodapé, já que, de outro modo, levaria a um desvio muito grande em relação ao tema específico desta seção. Basta aqui retomarmos um ponto trazido à tona na seção anterior: o excurso sobre o estranho faz parte da sociologia do espaço de Simmel, ou, mais exatamente: está inserido no item desse capítulo dedicado à compreensão do espaço enquanto *movimento*. Há uma relação muito estreita entre *essa* concepção do espaço e aquilo que tratamos, na seção anterior, no registro da analogia com a vida: assim concebido, o espaço aparece como que vivo. A vida não é, por sua vez, nada sem a referência à temporalidade – algo a que anteriormente me referi ao me reportar ao problema de sua contingência. Correspondentemente, o fenômeno do estranho só faz sentido num registro temporal: ele é aquele chega *hoje* e fica *amanhã* (cf. GSG, v. 11, p. 764); ao passo que, por implicação, o nativo é aquele que *já se achava lá* quando da chegada do estranho. Note-se que o dualismo aí envolvido não é absoluto: o nativo só está há *mais* tempo que o estranho num determinado espaço, ou então: o nativo está *mais* ligado àquela determinada porção do espaço que o estranho e, portanto, se o espaço significa, para este, ainda movimento, para aquele já é quase pura exclusividade, é percebido como o seu domínio particular, privado. Deve-se ter aqui em mente o discutido na nota 154 da seção anterior.

16. A natureza é uma fonte inesgotável para tais experiências, justamente porque é algo que todos, de alguma maneira, temos em comum. Os poetas sabem muito bem disso, e Simmel também o sabia: dela extraiu analogias com o mar (S.1.a.2 e S.10.a.6), com as correntes d’água e o florescer das plantas (S.1.b.27), com o dia e a noite (S.1.a.36), a árvore e seus frutos, galhos e raízes (S.3.a.25, S.5.a.16 e S.10.b.13), a sombra e a névoa (S.4.a.7 e S.9.d.31), a paisagem (S.5.a.19), o abismo (S.5.a.21), a chuva e os raios do sol (S.8.d.42), a maré de tempestade (S.9.a.10), o cardume de arenques (S.9.a.20), os metais nobres, com sua resistência à corrosão (S.10.b.11) e a ilha (S.10.b.12) – para ficarmos apenas com as principais analogias ilustrativas, *figurativas* tiradas da *Soziologie* e claramente referidas à fenômenos naturais.

17. Nigel Dodd havia abordado a questão nos seguintes termos:

In Simmel’s writing, analogies are sometimes illustrative, enabling him to shed light on new aspects of a phenomenon. When discussing the importance of distance in (or to) art, he describes being in the farthest Alpine reaches, an inaccessible world representing ‘the extreme enhancement of and stylization of what nature as a whole still means to us’. He suggests that landscape painting is a result of our being distanced from nature. Illustrative analogies work in one direction. Little light is shed on the Alps by virtue of having

precisamos em nosso primeiro contato com o ainda desconhecido, com aquilo que se apresenta para nós como novidade, enfim, com aquilo que nos é estranho – para que possamos, de posse dessa medida, nos orientar em nossa conduta para com ele.

Em linhas gerais, a função da exemplificação simmeliana é semelhante: tornar palpável, conferir um ar de familiaridade para o que, de outro modo, poderia passar por pura abstração. Não se trata de um mero didatismo, embora a função pedagógica da analogia também esteja, aí, presente: trata-se, para além disso, de um lado, de um recurso necessário para evitar um desgarramento completo do pensamento em relação à experiência concreta¹⁸; e, de outro, de uma forma de solucionar determinados problemas de definição advindos do próprio estilo filosófico de Simmel, que, por operar com oposições que tendemos a tomar como estanques, muitas vezes aparentemente parte de ou até mesmo conduz a contradições em termos¹⁹. Quanto a esse último ponto, convém destacar que a transição do registro abstrato para o concreto na forma de exemplificação abre espaço para o decalque de nuances, sem as quais Simmel seria conduzido àquele tipo de formalismo vazio que sempre se esforçou em evitar²⁰: assim, p. ex., a distância relativa que caracteriza a relação do estranho com o nativo não impede que este tome aquele como uma espécie de confidente ideal, muito pelo contrário: tal distância é justamente solo fértil para o cultivo dessa forma particular de proximidade.

É possível sintetizar o que foi dito até aqui da seguinte maneira: Simmel, via de regra, manipulava o material historiográfico, etnográfico e o de sua vivência pessoal num registro altamente estilizado. Entendo por “estilização” aquele procedimento de natureza propriamente estética – ou melhor: que

---

their farthest reaches described as remote; Simmel's point is to invite us to view landscape painting in terms of its distance from, rather than proximity to, nature. Without this treatment, the analogy might disturb, but could not enliven, the discussion. (DODD, 2008, “Goethe in Palermo: *Urphänomen* and Analogical Reasoning in Simmel and Benjamin”, p. 432; **grifos conforme o original**)

O passo que Dodd não dá consiste em articular essa função “revigoradora” da analogia (i.e.: de injetar vida, de revigorar a discussão) à manipulação dos conhecimentos de senso comum por meio de um exercício disso o que, no capítulo anterior, chamei de recombinação imagética. Esse passo foi dado, ainda que num contexto bastante diferente, por Max Black em seu famoso ensaio sobre a metáfora (cf. BLACK, 1955, “Metaphor”, sobretudo as pp. 286-91). Tais ideias serão melhor desenvolvidas nas linhas finais desta seção.

18. É claro: a experiência em questão não é aquela metodicamente construída, não é aquela a que chegamos graças à observação sistemática, mas sim aquela forma compartilhada de experiência que está sendo, aqui, referida ao domínio dos conhecimentos de senso comum. Também não devemos fechar os olhos para que, embora Simmel tenha o tempo todo e com um relativo sucesso tentado *evitar* tal desgarramento, seu estilo filosófico *tende* a essa direção. A busca, constantemente reiterada, no sentido de evitá-lo é, ao menos em parte, uma espécie de testemunha negativa dessa tendência à abstração, uma resposta que só faz sentido diante dela.

19. Há inúmeras passagens no texto de Simmel que, num primeiro momento ou numa leitura apressada, soam contraditórias: a certa altura do excursus aqui tratado, ele afirma, p. ex., que o estranho estaria *ao mesmo tempo* distante e próximo do nativo (GSG, v. 11, p. 770). Se não há – ao menos nesse caso – contradição, é porque Simmel trabalha com tais categorias no registro do seu perspectivismo: o estranho não está distante do nativo *exatamente* no mesmo sentido em que está próximo dele, mesmo porque, em última análise, *a noção de distância, assim como ele a mobiliza, sequer possui um significado próprio, bem determinado, exato, unívoco*. É possível recorrer a uma analogia visual para ajudar a esclarecer o ponto, embora apenas parcialmente: visto de uma perspectiva (p. ex.: a puramente geográfica), isso que há entre o estranho e o nativo é proximidade; visto de outra (p. ex.: considerando a história pregressa de um e de outro, ou o número de experiências que têm em comum), é distância. Um outro exemplo foi tratado no capítulo anterior, e ali fica especialmente claro como a exemplificação permite desembaraçar certos nós aparentemente produzidos no tratamento abstrato das formas de socialização investigadas por Simmel (cf. o item II.2.1.1.1, e em especial a nota 19, ali contida).

20. E que equivaleria à redução da sua sociologia a uma geometria do mundo social, i.e.: a “degeneração” de suas analogias em identidades.

encontra nesse domínio sua aplicação mais refinada – que consiste em apreender os traços distintivos “essenciais” de um objeto desde um tipo básico, reduzindo todas as características singulares do objeto a alguns de seus traços genéricos. Trata-se, em suma, de uma maneira de apreender numa forma *genérica* um objeto *particular*, e mais uma vez convém aqui nos apoiarmos num exemplo do próprio Simmel para ilustrar o ponto: “uma rosa estilizada deve, diferentemente do que se passa considerando a realidade individual de uma rosa em particular, apresentar a generalidade de todas as rosas, o tipo rosa”²¹. É importante termos em vista algo da discussão simmeliana a propósito do problema do estilo porque, a partir dele, podemos nos aproximar do critério ou princípio seletivo fundamental com que Simmel se mune para lidar com o material da experiência; tal critério pode ser apresentado nestes termos: o funcionamento ótimo do exemplo simmeliano – como em geral o funcionamento do adorno – depende de que este possua algum estilo²². Tal analogia abre caminho para a reconsideração de duas das características mais importantes do exemplo simmeliano, intimamente amarradas uma à outra: (1) a sua superficialidade, que, como a do adorno, aparece agora como necessária; e (2) a modalidade de articulação entre o particular e o universal nele implicada. Para desenvolver essas duas características sem perdermos de vista sua articulação, convém indicar desde já que a superficialidade e a simplicidade do exemplo simmeliano não são – via de regra – um acidente, ou melhor: não são algo como o resultado de um mero descuido no trato com o material da experiência. Ao invés disso, a falta de comprometimento com o conteúdo ou o valor de verdade desse material funciona como uma espécie de condição necessária para que Simmel levasse a cabo sua estratégia de se utilizar do singular como ilustração do mais geral, o caso particular como símbolo de uma forma mais geral de socialização. Tal estratégia pode, por sua vez – o que está de acordo com as ideias apresentadas na seção anterior –, ser concebida como uma solução provisória, uma adaptação às “condições de vida” em que Simmel se achava; a seguinte nota de rodapé fornece a ocasião mais apropriada para desenvolvermos essas ideias:

O material histórico de que se servem estas investigações é, no que diz respeito à credibilidade de seu conteúdo, condicionado por duas circunstâncias: segundo o serviço a que aqui se presta, é preciso que, por um lado, tal material seja escolhido a partir de domínios da vida histórico-social tão variados e heterogêneos que a força de trabalho restrita de um único indivíduo para colecioná-lo não vai, no essencial, além das fontes

---

21. Cf. GSG, v. 8, p. 375; trata-se aqui do ensaio intitulado “Das Problem des Stils” [O problema do estilo], originalmente publicado em 1908, em uma publicação sobre arte aplicada. Ou então: “Estilo é sempre uma generalidade que confere ao conteúdo da vida e da criação pessoais uma forma partilhada com muitos, disponibilizada para muitos”, em GSG, v. 11, p. 418. Em ambas as passagens (mas de forma mais direta na primeira) se acha esboçada, em formulação altamente sintética, a importante relação entre a estilização e a montagem de tipos – relação essa que faz tanto mais sentido para quem, como Simmel, considerava a tipificação uma forma de categorização imprescindível para o funcionamento da sociedade, criada para fins “práticos”, ancorada no senso comum e devida ao caráter irremediavelmente fragmentário do nosso conhecimento da interioridade alheia (cf. GSG, v. 11, pp. 50-7; é possível assentar sobre as ideias discutidas nesse trecho do excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie* boa parte das discussões presentes nos capítulos quinto e sexto do livro, dedicados, respectivamente, à sociologia do segredo e ao problema do cruzamento dos círculos sociais). Para Simmel, a montagem de tipos não era, portanto, um procedimento científico *sui generis*, muito pelo contrário: era uma atividade cognitiva que desempenhava um papel essencial para a vida da sociedade, uma sem a qual a sociedade, tal como a conhecemos, não seria sequer possível. Mesmo em autores que procuraram elevar essa forma à altura do método científico – dentre os quais o mais destacado, considerando o escopo deste trabalho, é Weber, com seus tipos ideais – parece possível detectar tal relação, i.e.: a dependência entre tipificação e estilização esboçada por Simmel no trecho a que se liga esta nota.

22. Cf. GSG, v. 11, p. 418 (Simmel não se refere aqui, é claro, a seus próprios exemplos, mas ao adorno).

secundárias, sendo capaz de verificá-las apenas muito raramente por meio de uma pesquisa dos fatos; por outro lado, como essa coleção se estendeu por uma longa série de anos, se torna compreensível a impossibilidade de confrontar, imediatamente antes da publicação do livro, cada fato com o estágio atual da pesquisa a seu respeito. Se a comunicação de alguma dessas facticidades sociais fosse uma das finalidades deste livro – ainda que apenas secundária –, então seria inadmissível a latitude aqui indicada para o incomprovado e para o erro. Porém, em se tratando da presente tentativa de se obter a partir da existência social a possibilidade de uma nova abstração científica, o esforço essencial não pode ser outro, senão o de realizar essa abstração junto a alguns exemplos, o de provar que ela faz sentido. Se me for permitido, em nome da clareza do método, expressá-lo com um pouco de exagero: importa simplesmente que tais exemplos sejam possíveis, interessando menos que eles sejam reais. Pois a sua verdade não deve – ou deve apenas em uns poucos casos – comprovar a verdade de uma proposição geral, mas sim, e inclusive nos casos em que o modo de expressão possa fazer parecer que se trata de uma tal comprovação, tais exemplos são efetivamente apenas o objeto (em si mesmo irrelevante) de uma análise, e aquilo que se pode, neste trabalho, alcançar ou deixar de alcançar não é a verdade acerca da realidade de seu objeto, mas sim o modo correto e frutífero como se realiza tal análise. Em princípio, seria possível conduzir a investigação também a partir de exemplos escolares inventados, de modo a relegar a tarefa de lhes conferir significado real ao conhecimento factual de cada caso por parte do leitor.²³

Nesse passagem, Simmel anuncia de modo inequívoco as limitações de sua sociologia no que toca ao trato com a empiria, justificando-as. Observe-se, em primeiro lugar, que duas das dificuldades mencionadas aí poderiam ser eventualmente superadas, tivesse ele à disposição uma equipe de pesquisa. Mas esse não era o caso: Simmel não conseguiu capacitar alunos para levar a cabo seu projeto sociológico mediante uma divisão do trabalho científico tal que viabilizasse, ao menos em princípio, uma articulação mais consistente entre o nível de pesquisa primário e o secundário²⁴. Dentre as várias razões que, em conjunto, impediram Simmel de formar uma escola, a única para a qual convém aqui chamar a atenção diz respeito à própria natureza da sociologia por ele operacionalizada, que prescinde de uma metodologia propriamente dita, i.e.: de uma técnica consolidada e replicável para a condução da pesquisa sociológica. O que temos é, no lugar disso, quase como uma visão da sociedade²⁵: o que Simmel buscava a todo o momento fazer, quando fazia sociologia, era comunicar aquilo que via, quando voltava o olhar para a sociedade; e, assim, boa parte de seus esforços no sentido de determinar o lugar da sociologia entre as ciências podem ser descritos com razão como *tentativas de fixar essa sua visão da sociedade*²⁶ – o que

---

23. GSG, v. 11, pp. 64-5. É especialmente interessante observar que essa nota de rodapé – que contém algumas afirmações capazes de chocar a sensibilidade científica moderna – apareça somente no segundo capítulo da *Soziologie*, e não no primeiro, em que, aparentemente, faria mais sentido discutir tais restrições do “método” simmeliano.

24. Articulação essa que engloba as duas dificuldades apontadas por Simmel no primeiro período da nota acima traduzida. O tema em pauta – i.e.: o fracasso de Simmel em sua empreitada sociológica – é tematizado em várias de suas correspondências, em que ele mesmo costuma chamar a atenção para o seguinte contraste: embora seu projeto sociológico prenda a atenção de muitos alunos – suas aulas eram, como se sabe, bastante frequentadas –, tal interesse não se convertia em colaboração para pesquisa propriamente dita. Cf., p. ex., a carta de Simmel a G. Jellinek, datada de 15/07/1898, em GSG, v. 22, p. 297-9, parcialmente traduzida em WAIZBORT, 2000, p. 529, e já mencionada na nota 29 da seção anterior desta dissertação.

25. O que não passou despercebido por Kracauer, como o comprova a passagem que serve de epígrafe a esta seção.

26. Já vimos que o próprio Simmel formulou a questão precisamente nesses termos (cf. a passagem apresentada na nota 38 da seção anterior), mas também podemos acessar tal problemática lembrando a *centralidade* da analogia visual, que aparece uma

por si só confere a tais esforços um aspecto altamente problemático, o que gera uma tensão, um conflito interno que, como argumentei na seção anterior, precisa ser considerado para que possamos compreender a sociologia simmeliana. Um dos modos de nos referirmos a essa tensão é destacar o caráter ensaístico que afinal de contas está por trás até mesmo dos textos mais sérios, mais “científicos” de Simmel: o ensaísmo pressupõe uma tal vontade de jogo, uma tal oscilação de perspectiva (i.e.: da posição relativa entre sujeito e objeto, observador e observado) que está em franco contraste com a vontade de conferir à ciência contornos exatos e firmes, bem como com as exigências de definição, clareza e padronização do texto científico²⁷. Essa tensão fundamental também ajuda a compreender o tratamento que Simmel confere ao material da experiência no contexto de sua sociologia. Também aqui verificamos – o que desponta de forma muito clara na nota de rodapé supracitada – um ajuste de expectativas análogo ao tratado na seção anterior: a latitude para o erro que Simmel postula para si mesmo, e que implica, como ele mesmo também admite, no esvaziamento da facticidade do material da experiência contido na *Soziologie*, aparece como uma espécie de adaptação às suas circunstâncias, a única que parece “produzir frutos”.

Um segundo enquadramento para tais questões – um pouco mais sóbrio, mas também um pouco mais anacrônico – é o seguinte: o material empírico assim como tratado por Simmel pode ser classificado como evidência de tipo anedótica. Uma evidência anedótica não possui qualquer valor de verdade, não conduz quer a uma refutação, quer à confirmação de uma hipótese, mas pura e simplesmente a ilustra, confere, a uma determinada proposição geral, um ar de concretude, que nos permite “entender” o que se quer dizer, mas que é independente da *qualidade* da informação assim transmitida²⁸. A omissão das fontes, a ausência de citações, a valorização da experiência vivida, a dependência face ao conhecimento de senso comum e até mesmo a postura refratária em relação à estatística – todas essas são marcas registradas da evidência de tipo anedótico, e que permitem enquadrar de forma bastante precisa o problema da empiria em Simmel. É claro: poderíamos nos contentar em simplesmente apontar para essas características do estilo simmeliano enquanto defeitos merecedores de censura e reprovação²⁹; mas talvez seja mais interessante – e, considerando agora o escopo deste trabalho, certamente é – observar como tais deficiências foram racionalizadas, contarmos a história de como Simmel as enfrentou, mesmo porque a sua sociologia é, em parte, produto dessa história. Com isso em vista, espero que esteja claro que o que

---

vez que a medimos contra as analogias do espaço e da vida – também conforme a discussão contida na seção anterior deste capítulo.

27. Tal oposição é discutida em WAIZBORT, 2000, pp. 35-73; Waizbort trata aí inclusive do caráter fragmentário da composição da *Soziologie*, tematizado pelo próprio Simmel na nota de rodapé acima traduzida.

28. Por essa razão, evidências de tipo anedótico são especialmente frequentes tanto em formas pseudocientíficas de conhecimento (tais como a astrologia, a parapsicologia, a homeopatia, e etc.), como em ciências novas, em vias de afirmação – a diferença é que, no primeiro caso, recorre-se à anedota para suprir uma falta crônica e irremediável de evidências de outro tipo, ao passo que, no segundo, para suprir uma falta apenas temporária, que poderá, ao menos em princípio, ser superada no futuro.

29. Pois essas são *limitações*, são *insuficiências* reais do pensamento simmeliano, são porções da realidade a que sua imaginação sociológica nunca o conduziu, nem poderia tê-lo conduzido: e seria, devido a isso, um equívoco muito grande buscar uma sociologia empírica nas páginas da *Soziologie*.

aqui interessa é depreender o princípio organizacional que está aí em jogo, a lógica que, no caso de Simmel, o conduzia a selecionar seus exemplos e analogias ilustrativas e a recorrer a isso o que hoje se costuma chamar de evidências de tipo anedótico, e que se deixa ver por meio da comparação do adorno e da sua necessidade de possuir estilo. Nesse registro, o recurso à exemplificação – e em parte também o recurso à analogia – nada mais é do que uma forma de pôr em destaque, de chamar a atenção para o que se diz, de comunicar uma perspectiva do mundo social.

Mas na medida em que Simmel converte a experiência em exemplo, estilizando-a, depurando-a de todos aqueles elementos particulares, únicos que a constituem (sua história, inclusive), elementos que são justamente os que interessam para fins de comprovação empírica – nessa medida, enfim, ele converte a experiência compartilhada no veículo ideal para o procedimento analógico. Antes de desenvolvermos tais ideias, convém, contudo, traçarmos um breve desvio em nossa rota.

III.2.1. excurso sobre o lugar do tempo no plano sociológico de Simmel

Na seção anterior, investigamos como a analogia mais fundamental entre vida e cognição permitiu a Simmel produzir uma determinada imagem da sociologia por ele elaborada; estudamos passo a passo como essa analogia foi sendo metamorfoseada, até o ponto de se desdobrar na analogia da sociologia como microscopia da vida social. Esta pode ser concebida, como também vimos, como uma solução provisória para lidar com um dos problemas fundamentais da sociologia; mas não só: também podemos concebê-la como um indicativo das dificuldades concretas que dizem respeito à assimilação da temporalidade no plano sociológico elaborado por Simmel – assunto deste excurso.

Tais dificuldades se mostram quando consideramos algumas das analogias que Simmel estabeleceu no interior de sua sociologia³⁰. A seguinte passagem é um exemplo disso:

Enquanto a economia não tenha resultado em preços realmente objetivos, enquanto o conhecimento e a regulação da demanda, da oferta, dos custos de produção, dos prêmios de risco, dos lucros e etc. não tenham resultado na representação segundo a qual essa mercadoria valeria isto ou aquilo e precisaria ter este ou aquele determinado preço – até aí, enfim, a interferência imediata da sociedade e de seus órgãos e leis nas transações comerciais (em particular no que concerne ao preço e à solidez dessas transações) é muito mais forte e mais rigorosa. Taxações, controles no que diz respeito à quantidade e à qualidade da produção e inclusive, num sentido mais amplo, leis suntuárias e obrigações atreladas ao consumo são introduzidas de inúmeras maneiras naquele estágio da economia no qual emerge, da liberdade subjetiva das transações comerciais, a aspiração a uma objetividade segura, sem que contudo se possa a essa altura alcançar uma objetividade pura e abstrata na determinação dos preços; é aí que a generalidade concreta, que a objetividade viva da sociedade se introduz, muitas vezes desastrada, constrangedora e esquematicamente, mas ainda assim como um poder

---

30. A saber: aquelas analogias tipificadas como sociológicas, *processuais*.

transubjetivo que fornece uma norma ao indivíduo, antes que ele a tenha derivado da própria estrutura das coisas, da regularidade reconhecida nessa estrutura. Em um grau ainda mais elevado, essa mesma evolução formal se realiza no domínio da intelectualidade: passando da subordinação diante da sociedade para a subordinação diante da objetividade. A história do espírito como um todo mostra o quanto o intelecto do indivíduo, antes que este possa se contrapor imediatamente ao objeto para apreender, dessa objetividade, o conteúdo de seu conceito da verdade, só é capaz, em última análise, de preencher esse conteúdo com modos de representação tradicionais, autoritários, »aceitos por todo o mundo«. O ponto de apoio e a norma do espírito que quer conhecer não é, nesse primeiro momento, o objeto, que ele é incapaz de considerar e interpretar imediatamente, mas sim a opinião geral sobre o objeto; tal opinião lhe fornece suas representações teóricas, desde as mais estúpidas superstições até os preconceitos mais refinados, que acobertam quase que completamente a dependência implicada nesse empréstimo e a falta de objetividade do conteúdo em questão. É como se o ser humano não suportasse assim tão facilmente confrontar o objeto olho no olho, como se não soubesse lidar quer com a dureza de sua regularidade, quer com a liberdade que esta – diferentemente do que se passa com qualquer forma de coação originada do homem – outorga à pessoa. A deferência face à autoridade dos muitos ou à daqueles que os representam, face à opinião tradicional, ao ponto de vista socialmente aceito é uma forma intermediária: ela é, seja como for, mais susceptível à mudança do que o é a lei das coisas, nela é possível detectarmos a mediaticidade do que é anímico, e ela já transmite um produto, por assim dizer, processado pela alma – e, por outro lado, ela também fornece um apoio, uma ocasião para delegarmos nossa responsabilidade, delegação essa que é uma forma de compensação diante da ausência daquela autonomia que, por sua vez, advém da relação entre o eu e o objeto que se apoia apenas sobre si mesma.³¹

A passagem foi tirada do terceiro capítulo da *Soziologie*, e seu contexto é análise do problema da subordinação de um grupo a uma instância objetiva, impessoal. Logo após estabelecer essa analogia entre os domínios da economia e do intelecto (retomando assim alguns temas de sua *Philosophie des Geldes*), Simmel a estende para os domínios do direito e da moral – extensões essas que podemos, no presente contexto, ignorar³². Simmel se serve aqui dessa analogia para indicar como seria possível a *transformação* das formas de socialização: como a subordinação diante de um grupo plural poderia se converter, ao longo do tempo, em subordinação a um princípio ou a uma norma objetiva³³. A dificuldade aí é que o problema da transformação das formas de socialização simplesmente não seria um problema para a sociologia, caso esta fosse uma ciência formal exatamente no mesmo sentido em que a geometria o é; trata-se, no fundo, de um problema propriamente *histórico*, que Simmel (por assim dizer) contrabandeou para o domínio da sociologia junto com a analogia mais fundamental entre vida e cognição, junto com a imagem segundo a qual as formas de socialização, como as de vida, aparecem e desaparecem neste mundo. Agora, como a sociologia não é – ou não pode ser, para Simmel – apenas uma ciência histórica entre outras, ela está condenada a lidar com a história de modo desastrado, constrangedor e esquemático. Analogias como essa – que contém um grau elevado de esquematismo e flertam com uma

31. **S.3.a.32**, apresentada aqui em registro diferente em relação ao índice, e disponível em GSG, v. 11, pp. 236-8.

32. Para mais detalhes, basta cf. GSG, v. 11, pp. 368-9.

33. Sendo essas duas formas de socialização analiticamente distintas, para Simmel.

espécie etapismo sociológico muito semelhante àquele característico do darwinismo social mais vulgar e do evolucionismo antropológico – são um exemplo disso: pois tal analogia só se torna possível quando se reduz toda a complicadíssima história econômica ao ponto de torná-la comparável à “história do espírito”, i.e.: à história da filosofia e da ciência, que Simmel refere ao domínio da intelectualidade. Essa é uma redução brutal – que conduz à eliminação da historicidade dos eventos aí indicados –, mas ainda assim necessária para que Simmel pudesse impor sua visão da sociedade, na medida em que, nela apoiado, ele se via em condições de plantear novas questões para a sociologia, de ampliar o horizonte dos conhecimentos até então adquiridos nesse novo domínio. Vejamos o que ele, em um escrito tardio, tinha a dizer a respeito:

Eis, enfim, um último exemplo para o enriquecimento recíproco de grupos de problemas propiciado pela participação dos objetos de ambos os grupos no processo da socialização humana. O historiador da política ou da história geral da cultura atualmente se sente inclinado, de várias maneiras, a referir, p. ex., as configurações da política interna às formações e processos econômicos que lhe correspondem, tomando estas como causas suficientes de tais configurações. Tendo aplicado esse procedimento, p. ex., ao caso do forte individualismo da constituição política da primeira fase da Renascença italiana, de modo a explicá-lo a partir da liberação das transações *econômicas* de suas amarras canônicas e corporativas – então esse primeiro historiador poderá em seguida agradecer a uma observação do historiador da arte, por lhe propiciar uma nova virada nessa concepção. O historiador da arte constata, já no início da época em questão, a enorme disseminação de retratos em forma de bustos e seu caráter individual e naturalista, mostrando com isso como a valoração pública desloca a ênfase do que é comum aos homens – e que por isso pode ser relegado facilmente a esferas abstratas e idealizadas – para o que compete ao *indivíduo*, ao significado da força pessoal, ao triunfo do concreto diante da lei geral, válida κατ’ ὅλον [para o todo]. Isso sugere a ideia de que aquela mudança econômica era já a expressão de uma mudança sociológica e fundamental, que se desdobrou também como uma forma determinada de arte e como uma forma determinada de política, sem que uma delas tenha causado imediatamente a outra. Assim, essas analogias sociológicas talvez nos ajudem a chegar a uma concepção mais profunda, que supera o materialismo histórico: talvez as transformações da história, de acordo com sua camada realmente ativa, sejam as transformações das formas sociológicas: as transformações no modo como os indivíduos estão uns para os outros, no modo como estão para seus grupos, no modo como as ênfases de valor, as acumulações e as prerrogativas que se estabelecem entre os elementos sociais se deslocam de um lado para o outro – esses talvez sejam os reais acontecimentos epocais, e se o modo econômico parece determinar a partir de si todas as demais províncias da cultura, então a verdade dessa aparência sedutora advém de que a própria economia seja determinada por oscilações sociológicas, que também determinam a partir de si todas as demais configurações culturais; ou seja, essa verdade advém de que também a forma da economia é somente uma »superestrutura« sobre as relações e as transformações da estrutura puramente sociológica, que é o que forma a última instância da história e que certamente precisa configurar todos os demais conteúdos da vida em certo paralelismo com os econômicos.³⁴

---

34. SIMMEL, 2006, pp. 24-5. A passagem foi cotejada com o original (GSG, v. 16, pp. 75-6) e modificada; os *grifos* e os caracteres em grego estão conforme o original. Essa defesa do procedimento analógico aplicado à sociologia foi tirada de um parágrafo mais longo, que será retomado mais adiante nesta seção; e é preciso notar que se trata aí de um texto publicado por Simmel no ano

Essa é uma racionalização tardia, presente apenas no último texto que Simmel dedicou explicitamente ao domínio da sociologia. Deixando por um momento de lado as racionalizações do próprio Simmel, devemos considerar que analogias como essas – entre a economia e o intelecto, no primeiro caso, e a política e a arte, no segundo – fazem sentido sobretudo à luz de sua teoria da diferenciação social, que, por sua vez, representa uma de suas primeiras tentativas de fazer sociologia. Tais tentativas são *anteriores* ao projeto sociológico simmeliano – e em certo sentido esse projeto se apresenta como uma reformulação de algumas questões que não haviam sido corretamente ou suficientemente discutidas naquela primeira tentativa³⁵. Seja como for, o jovem Simmel já de algum modo dominava essa técnica que consiste em referir processos históricos de longa duração a um modelo mais ou menos linear de desenvolvimento, permeável à análise devido à sua divisibilidade, à possibilidade de “desmontá-lo” como uma sequência de passos ou etapas analiticamente isoladas – técnica essa muito aceita no tempo de Simmel, e considerada, então, adequada para lidar com transformações sociais de *longo prazo e de longo alcance*. Como tais transformações são elas mesmas altamente complexas, Simmel eventualmente perceberia que tal estratégia estava condenada a produzir apenas uma imagem bastante incompleta dos acontecimentos reais nela indicados – e sua ideia vai no sentido de que analogias como as que tratamos aqui talvez permitissem tornar essa imagem um pouco mais completa³⁶. Portanto, tais analogias só fariam sentido como respostas diante da dificuldade em lidar com o problema mais geral da transformação social, e mais exatamente com aquela de longo alcance.

E não deixa de ser curioso que a “virada” operada por Simmel em sua sociologia por meio da analogia com a microscopia social possa ser concebida como uma resposta feita sob encomenda para lidar com o problema complementar da transformação social *de curtíssimo alcance*³⁷. Curioso, na medida em que, de um jeito ou de outro, o tempo apareça para Simmel como aquele objeto que escapa de suas mãos – ora por ser demasiado grande, ora por ser demasiado pequeno –, aquele objeto que ele está o tempo todo querendo agarrar, mas que efetivamente nunca agarra. Talvez por isso a história só apareça indiretamente (“de contrabando”) em sua sociologia: a história é aquele problema fundamental de sua sociologia que ele mesmo não foi capaz de encarar olho no olho.

---

de 1917, sendo que essas passagens em particular, que contêm tal apologia do procedimento analógico, não constavam de seus escritos anteriores a propósito do domínio da sociologia. Elas não estavam exatamente nos *planos* que Simmel preparou para a sua sociologia, sendo, no lugar disso e conforme o que mencionarei logo em seguida, mais como racionalizações tardias, a que Simmel só chegou muito depois de ter posto sua sociologia em movimento.

35. Assim, p. ex., como vimos na seção anterior, Simmel, no capítulo introdutório de seu livro sobre a diferenciação social, afirmava que aquelas formas voláteis de socialização cuja análise fariam, mais tarde, parte de sua fama não eram objetos possíveis para uma ciência da sociedade, mas apenas para uma psicologia (cf. a nota 142 da seção anterior).

36. É claro que Simmel exagera ao afirmar que as transformações na estrutura da sociedade seriam os verdadeiros acontecimentos epocais. Essa hipótese sequer é consistente com sua teoria social ou com sua teoria do conhecimento – e o fato de Simmel tê-la formulado apenas em suas racionalizações tardias acerca da sociologia talvez indique que essa hipótese seja uma espécie de ironia, de que ele se serve para mostrar a falta de sentido envolvida na tentativa, que ele atribui ao materialismo histórico, de determinar a verdadeira estrutura das coisas.

37. Resposta essa que, por sua vez, faz tanto mais sentido se consideramos o crescente interesse de Simmel em temas ligados à filosofia da arte.

Recapitulando: como vimos, a estilização do material da experiência o converte em termo ideal de uma analogia, na medida em que implica a depuração de suas particularidades, de sua historicidade. Mas a sociologia operacionalizada por Simmel, ainda que dependa visceralmente dessa forma de ilustração, não se detém em seus exemplos, nem mesmo em suas analogias tipicamente ilustrativas³⁸. A sociologia pura ou formal que Simmel afinal teorizou, podemos encontrá-la, agora realizada, não exatamente em seus exemplos, mas *entre* eles, exatamente como podemos encontrar as formas de socialização apenas *entre* os elementos aparentemente particularizados que a compõem.

Nesse âmbito, para nos mantermos aqui fiéis à terminologia simmeliana, podemos dizer que a principal função do procedimento analógico é servir de suporte para a separação entre a forma de socialização e seu conteúdo³⁹. Observando algumas das analogias de Simmel, temos uma ideia bastante concreta do que ele queria dizer quando afirmava que a sociologia deveria proceder indutivamente, ou seja, de modo a derivar as formas gerais de socialização *a partir* de suas manifestações particulares⁴⁰. Concluiremos, ao longo desta seção, que tal procedimento não se sustenta em termos puramente lógicos – e que, em última análise, a indução que se revela nas analogias propriamente sociológicas de Simmel só obtém contornos distintivos quando contrastada com o pano de fundo estético de seu pensamento.

Conduzirei a discussão dessas questões, num primeiro momento, mediante a apresentação e análise de uma passagem em que a articulação entre exemplos na forma de analogia é especialmente destacada e refinada. Convém, durante a leitura da passagem, estarmos atentos para três pontos: (1) para os exemplos nela contidos; (2) para o modo de inferência nela implicada; e (3) para o modo como exemplo e analogia se acham nela concatenados. A citação foi tirada do terceiro capítulo da *Soziologie*, dedicado à análise das formas correlativas de superordenação e subordinação:

Gostaria de mencionar apenas duas manifestações da subordinação do grupo a uma pessoa que são bastante heterogêneas quanto a seus conteúdos, e em que vem à tona justamente o caráter insubstituível dessa subordinação para a unidade do todo. A principal distinção no interior da sociologia das religiões é a que segue: ou a associação de indivíduos dá lugar a um grupo em que o deus comum tenha como que brotado da dependência mútua, enquanto símbolo e consagração dessa dependência – como é o caso em inúmeras religiões primitivas –; ou a representação divina é o que, por sua vez e em primeiro lugar, conduz a uma unidade os elementos que até então pouco ou nada dependiam uns dos outros. Não é necessário descrever aqui o quanto o cristianismo

38. Note-se que até aqui (desconsiderando o excursus contido nesta seção) só tratamos diretamente de analogias tipificadas como ilustrativas, *figurativas*, e não das propriamente sociológicas.

39. Por trás dessa função aparentemente mais sistemática se esconde, como veremos, uma outra: a analogia, sobretudo na medida em que seu conceito se aproxima do de semelhança, funciona como modo particular de coordenação de exemplos, como uma espécie de princípio organizador do material sociológico, orientado de modo a expor uma certa perspectiva da sociedade.

40. Sobre o caráter indutivo da sociologia formal proposta por Simmel, cf., p. ex., **S.1.a.12**, analogia apresentada na seção anterior (à p. 214). Devemos ter em mente que Simmel operava com um conceito de indução bastante simples: procedemos indutivamente quando alcançamos o geral a partir do particular.

realizou essa última forma; nem é necessário descrever como também algumas seitas derivam sua união específica, especialmente forte, da relação absolutamente subjetiva e mística que cada particular, enquanto indivíduo (e, nessa medida, independentemente de todos os demais indivíduos e da comunidade como um todo) possui com a pessoa de Jesus. Até mesmo a respeito dos judeus se afirmou o seguinte: que, em oposição às religiões que lhe eram contemporâneas, nas quais primeiro o parentesco ligava cada correligionário com todos os demais e somente depois o todo com o princípio divino, no caso do judaísmo a relação contratual de todos – i.e.: aquela que dizia imediatamente respeito a cada um deles – com Jeová seria percebida como a força e o sentido próprios da dependência mútua de um povo. O feudalismo medieval propiciou frequentemente a oportunidade para que se repetisse essa estrutura formal, devido ao rico emaranhado de dependências e serviços pessoais que o caracterizava. Mais pronunciadamente talvez no caso das corporações de ministeriais – servidores domésticos e de corte, que não eram livres e que estavam numa relação estreita, puramente pessoal com o príncipe. As corporações por eles formadas não possuíam praticamente qualquer base objetiva, como a possuíam, graças à vizinhança no que diz respeito à propriedade, as comunidades aldeãs sob jugo feudal; os indivíduos eram empregados para serviços completamente diferentes, possuíam propriedades situadas em locais diversos e, mesmo assim, formavam corporações fechadas, nas quais não se podia ingressar e de que não se deixava escapar sem a devida autorização. Tais corporações desenvolveram cada qual um direito familiar e material próprio, possuíam liberdade contratual e comercial entre si, exigiam compensações nos casos em que a paz fosse internamente quebrada – e tinham como fundamento único e exclusivo para essa estreita unidade a identidade do senhor a que serviam, que os representava em questões externas e atuava por eles em questões de direito fundiário. Como naqueles casos que envolviam a religião, aqui a subordinação frente a uma potência individual não é (como é em inúmeros casos, e em particular os que envolvem a política) a consequência ou expressão de uma comunidade estabelecida – seja orgânica, seja de interesses –, mas sim, ao contrário, a superordenação que parte de *um* senhor é a causa de uma comunidade que não seria alcançada de outro modo, que não se estabeleceria por meio de qualquer outra relação.⁴¹

Como a passagem é consideravelmente longa, será analisada em três partes, que correspondem aos três itens indicados no parágrafo que lhe antecede.

Consideremos primeiro os exemplos contidos nessa passagem, a começar pela constatação de que há uma quantidade razoável deles. Não só isso, como há uma variação considerável no grau de detalhamento com que cada um deles é tratado. Para sermos mais exatos, podemos identificar, nesse trecho, de cinco a sete exemplos – pertencentes, por sua vez, a dois “domínios” diferentes da vida social: o da religião e o da política⁴². Os exemplos extraídos do domínio religioso são os seguintes: (a) as inúmeras religiões primitivas; (b) o cristianismo; (c) algumas seitas cristãs; (d) o judaísmo; e (e) as demais religiões contemporâneas ao judaísmo⁴³. Já os exemplos extraídos do domínio político são apenas dois: (f)

---

41. **S.3.a.6**, em GSG, v. 11, pp. 168-70, citada aqui em registro ampliado em relação ao índice.

42. Claro está que essa diferença não é uma diferença absoluta – ainda que seja uma diferença importante, com a qual ainda hoje trabalhamos, e graças a qual é possível separar, ao menos para fins de análise, uma “sociologia da religião” de uma “sociologia da dominação”.

43. Observe-se que o exemplo (c) parece ao menos em princípio estar contido em (b): pois, considerando que “seitas cristãs” são uma forma de cristianismo, (c) é necessariamente exemplo do exemplo (b). De resto, como Simmel não define o sentido do

as corporações de ministeriais e (g) as comunidades aldeãs do mesmo período⁴⁴. Também é notável como Simmel analisa alguns exemplos de forma mais detida que outros: ao passo que (a), (b), (e) e (g) são meramente mencionados, sobre (c), (d) e, principalmente, (f), há uma elaboração maior – ainda que, também nesses casos, sem que isso implique na consideração consequente do valor de verdade do material empírico em questão⁴⁵. Dentre os exemplos que são apenas mencionados, há ainda uma distinção importante: (a), (e) e (g) são na verdade meros contraexemplos, ou seja, representam casos que ilustram pela oposição, portanto em negativo, aquilo que os demais exemplos também ilustram, só que positivamente. Também aqui fica claro em que sentido o princípio de ordenação do material empírico com que Simmel opera é alheio à particularidade dos eventos ali indicados: não importa o que, de fato, *eram* as religiões contemporâneas ao judaísmo – exemplo (e) –, a única coisa que importa é que elas justamente não eram como o judaísmo no que diz respeito àquele traço do judaísmo que, àquela altura da argumentação de Simmel, era o único que interessava pôr em destaque. Tais contraexemplos funcionam, digamos, como balizas por meio das quais Simmel buscava evitar que seu interlocutor se desviasse do que estava em foco; se admitirmos que essa era uma de suas finalidades, é inclusive razoável esperar que tais exemplos não fossem desenvolvidos a fundo (o que acarretaria por si só um desvio do foco⁴⁶). O exemplo (b) é um pouco diferente: se Simmel não o desenvolve, é porque acredita que, àquela

---

termo “primitivo” em (a), é perfeitamente possível imaginar que (e) seja, por sua vez, exemplo do exemplo (a). Por isso, não é possível determinar de forma definitiva se estamos diante de cinco ou de sete exemplos *completamente* distintos.

44. O que enseja algumas breves considerações acerca da referencialidade no tempo e no espaço de tais exemplos. Na passagem em questão, Simmel não apresenta qualquer orientação *precisa* que permita situar histórica e geograficamente os fenômenos por ele tratados (em parte porque subentende que seu interlocutor já deve ter uma ideia mais ou menos geral disso tudo). No plano da temporalidade, contenta-se, quando muito, com referências genéricas a períodos da história universal (como a Idade Média); e, mesmo assim, à luz da obra de Simmel, é bastante verossímil supor certa latitude inclusive para tais referências. Também no plano da localização no espaço, tais exemplos carecem completamente de qualquer referência precisa. Embora em alguns casos Simmel efetivamente coordene exemplos cuja localização no tempo e espaço é apresentada de forma exata (assim, em **S.3.a.35**, Simmel discute os paralelos entre a revolução inglesa de 1830, a luta de classes em Roma em torno do século IV a.C. e a revolução tcheca de 1848, ocorrida no então chamado Reino da Boêmia; assim, em **S.4.a.20**, discute o papel da competição no desenvolvimento científico à luz de uma analogia com o cerco de Malta datado de 1565; assim, em **S.8.b.8**, aponta para a semelhança funcional de certos cargos jurídicos durante o reinado de Frederico II na Prússia com os cargos de conselheiro durante o reinado de Luís XIV na França; etc.), o fato de que não o fazia nem necessária, nem mesmo frequentemente é indicativo da pouca importância que ele atribuída ao valor de verdade de tais casos. Afinal, esse valor depende, em grande parte, de que os fatos apresentados como tais possam ser reacessados posteriormente por quem quer que considere isso necessário, i.e.: de que sejam “permeáveis” aos procedimentos de revisão crítica; a simples omissão de uma referência precisa do acontecimento no tempo e no espaço cria, digamos, uma película retórica em torno do acontecimento, dificultando, assim, o trabalho da crítica. É justamente por isso que Simmel, com bastante sobriedade, admite que não pretende que o material histórico por ele mobilizado prove qualquer uma de suas afirmações sociológicas mais gerais: pois *tais* meios – seus exemplos – são completamente impróprios para esse fim. Essas questões serão retomadas até o fim desta seção.

45. Considerando apenas o exemplo (f), aquele sobre o qual Simmel se detém mais longamente, devemos, p. ex., desconfiar da afirmação de que o único fundamento para estreita unidade das corporações de ministeriais seria *de fato* aquele por ele indicado. E devemos desconfiar disso não só porque essa avaliação soa por si mesma bastante simplista, mas ainda – e sobretudo – porque tal exemplo nada mais é senão um meio para ilustrar o que se deseja ilustrar. Que Simmel tenha considerado *esse exemplo* como o mais característico, isso significa apenas que, por meio desse exemplo e em comparação com todos os outros exemplos que ele conhecia e em que ele foi, naquela ocasião, capaz de pensar, aquele era o que parecia expressar de modo mais claro o que ele considerava importante expressar, o que lhe permitia chegar mais perto de onde ele gostaria de chegar: de uma forma mais geral de socialização.

46. Note-se como nada impede Simmel de trabalhar com tais exemplos em maior detalhe, mas em outros momentos de seu texto. Seu estilo é profundamente marcado por esse movimento de contração e ampliação: aquilo que, em um ensaio, em um livro, em uma passagem qualquer é meramente mencionado, sendo comprimido às vezes numa única palavra (“cristianismo”), noutros é exaustivamente pormenorizado. Essa característica pode, inclusive, funcionar como um *estímulo* para o interlocutor de Simmel. Assim com o cristianismo – para ficarmos com um de seus exemplos –, que é um de seus temas favoritos: há inúmeras passagens de sua obra que poderíamos “colar” ao lado dessa passagem, desdobrando, assim, uma miríade de ideias aí apenas

altura, isso não é necessário; confia que o leitor já tenha uma ideia do que ele está falando, ou seja, que já saiba – ainda que apenas vagamente – como, afinal, a representação do deus cristão teria conduzido “a uma unidade os elementos que até então pouco ou nada dependiam uns dos outros”. Observando esse caso, assim como os outros três acima mencionados, podemos ter uma ideia bastante concreta do que havia sido afirmado anteriormente, i.e.: que Simmel se apoia em formas já compartilhadas de experiência, trabalha sobre lugares-comuns, e portanto espera que seu interlocutor já saiba, ainda que apenas genericamente, do que se está tratando. Até mesmo os exemplos elaborados em maior detalhe o são num registro já estilizado: há uma oposição geral, um enquadramento geral, anunciado logo no início do trecho citado, de acordo com o qual todos os exemplos são medidos, a que todos os particulares se acham subordinados (o que tem como consequência a sua, digamos, desparticularização).

O que nos conduz à consideração do segundo ponto: a modalidade de inferência aí implicada. Simmel opera aqui uma espécie de indução, e o veículo da indução é, nesse caso particular, a analogia. Logo no início do trecho citado, Simmel anuncia uma oposição geral no interior da sociologia da religião: é possível que, de um lado, “a associação dê lugar a um grupo em que o deus comum tenha como que brotado da dependência mútua, enquanto símbolo e consagração dessa dependência”; mas também é possível que, inversamente, “a representação divina seja o que, por sua vez e em primeiro lugar, conduza a uma unidade os elementos que até então pouco ou nada dependiam uns dos outros”⁴⁷. Apenas para fins de

---

evocadas (cf., p. ex., a analogia **P.3.b.25**). Desse modo, Simmel nos *induz* a fazer aquilo que ele mesmo o tempo todo faz: estabelecer relações – e isso talvez contribua para entendermos porque tantos comentadores consideraram o trabalho de Simmel “estimulante”, “vivo”. De resto, como veremos, os contraexemplos de Simmel formam justamente uma segunda série de fenômenos, diametricamente oposta à primeira. A diferença nesse caso é apenas que ele não se debruça diretamente sobre essa série ao longo desse capítulo, não desenvolve, ali, tais contraexemplos – ponto esse que será retomado na próxima nota de rodapé desta seção.

47. O que vai entre aspas são meras paráfrases do que o próprio Simmel escreveu. Observe-se que apenas um dos polos dessa oposição é tratado diretamente a essa altura da *Soziologie*. O outro – a saber: a projeção simbólica do elemento superordenador –, aqui apenas mencionada como contraexemplo, é pormenorizadamente tratada ao longo do capítulo oitavo da *Soziologie*, dedicado ao problema da conservação do grupo ao longo do tempo (cf. GSG, v. 11, pp. 563-98). Temos aí, por um lado, um exemplo bastante claro do movimento de contração e ampliação mencionado na nota anterior a esta; e também podemos, por outro lado, inferir a partir daí um segundo traço particular do estilo sociológico de Simmel, a saber: o seu caráter irremediavelmente fragmentário, uma espécie de corolário de sua falta de acabamento lógico-formal. Afinal, essas duas séries, embora complementares, estão situadas em regiões completamente diferentes de sua sociologia. E esta me parece a ocasião mais adequada para uma pequena intervenção especulativa – uma tentativa, na verdade, de responder uma pergunta que, talvez, esteja desde o começo mal planteada, a saber: o que teria levado Simmel a “distribuir” dessa forma a análise desses dois modos de interação socializadora? (Esse não é um caso isolado, muito pelo contrário: só na *Soziologie*, p. ex., inúmeros temas da sociologia do conflito são retomados, numa outra chave, no capítulo sobre a autoconservação do grupo. Ou ainda: parte considerável da sociologia das formas de super e subordinação –exposta no terceiro capítulo do livro – pode ser concebida como uma variação do problema da determinação quantitativa do grupo – exposto no segundo –, uma vez que ao menos um dos fatores considerados por Simmel para investigar o problema da dominação é estritamente numérico, como ele mesmo afirma em GSG, v. 11, p. 246. Mas embora o caso de que partimos, contido em **S.3.a.6**, não seja um caso isolado, convém aqui que o isolemos.) Para tratar tal questão, gostaria de mencionar que me parece haver uma oposição muito interessante no que diz respeito à metafórica *preponderante* ao longo desses dois capítulos, que, embora seja difícil de mensurar de forma exata, parece refletir a oposição entre as duas formas socializadoras mencionadas na passagem supracitada (i.e.: em **S.3.a.6**): o capítulo dedicado a discutir a sociologia das formas de subordinação e superordenação parece mais predominantemente marcado pela metafórica formal-espacial, ou seja, por aquele *aspecto* da sociologia simmeliana que pode ser caracterizado, ainda que de modo apenas aproximativo, como uma “geometria do mundo social”, ao passo que o capítulo dedicado ao problema da conservação do grupo é mais fortemente apoiado numa metafórica biológica. É possível termos uma ideia dessa diferença considerando algumas das imagens empregadas por Simmel em cada capítulo. No que concerne ao terceiro capítulo, a mais óbvia pode ser achada já em seu título: trata-se de uma sociologia das formas de *super-* ou *sub-*ordenação do grupo, e não simplesmente de uma sociologia da dominação. Isso é significativo, na medida em que Simmel, embora esteja o tempo todo tematizando a dominação, o faça em

referência, convém designar essas duas possibilidades formais respectivamente pelos símbolos [x] e [y]. Por enquanto, tais possibilidades estão referidas apenas ao domínio da religião. Isso dito, está bastante claro na passagem acima apresentada que os exemplos tirados desse domínio foram selecionados tendo por finalidade ilustrar essas possibilidades formais – assim, p. ex., a oposição entre o judaísmo e as demais religiões que lhe eram contemporâneas nada mais é, nesse contexto, do que um caso particular da oposição mais geral entre [x] e [y]⁴⁸. Nesse caso, tal oposição formal funciona, em primeiro lugar, como um princípio para a seleção dos exemplos apresentados ao longo do texto simmeliano, e, em segundo lugar, como fator decisivo para a coordenação dos exemplos selecionados. É possível inclusive representarmos [x] como o conjunto, ou melhor, a *série* formada pelos exemplos (a) e (e), ao passo que [y], como a série formada por (b), (c) e (d)⁴⁹. Esse esquema geral, aparentemente próprio à religião, é, em seguida, transposto para um domínio que é, como afirma Simmel, bastante heterogêneo quanto a seus conteúdos: o da vida política. É nessa transposição que o passo indutivo acima referido se releva de modo mais claro em sua dependência com o procedimento analógico: pois o exemplo (g) está para (f), assim como (a) e (e), para (b), (c) e (d); correspondentemente, podemos inferir o binômio formal [x'] e [y'], constituído no interior do mundo político – o que Simmel nos informa indiretamente, quando afirma que “o feudalismo medieval propiciou frequentemente a oportunidade para que se repetisse essa estrutura formal”. Baseado nessa analogia, Simmel obtém uma forma ainda mais geral de socialização, capaz de dar conta, de uma só vez, de exemplos ou casos aparentemente muito distantes um do outro: obtém as séries mais gerais {X} – formada por [x] e [x'] e, portanto, por (a), (e) e (g) – e {Y} – formada por [y] e [y'] e, portanto, por (b), (c), (d) e (f).

É nesse ponto de cruzamento entre os vários domínios da vida social que radica o caráter puramente

---

uma linguagem do começo ao fim espacializada: a dominação é tratada como uma forma de ordenação, i.e., como uma espécie de “arranjo” ou de “distribuição” das partes da sociedade, e tal ordenação é, além disso, analisada por referência à oposição dual entre o que “está em cima” e o que “está embaixo”. Ao lado dessa imagem mais saliente, encontramos outras, empregadas em contextos específicos: assim, p. ex., a imagem da pirâmide social (cf. GSG, v. 11, pp. 184-8), ou então toda a discussão em torno da oposição entre uma “maioria” e uma “minoría” (que corresponderia a uma “aritmética do mundo social”, complementar às discussões do segundo capítulo do livro, como já mencionei nesta nota). Já o capítulo oitavo é do começo ao fim marcado por metáforas biológicas: o grupo social é figurado diversas vezes como um “corpo”, como algo que se transforma com a passagem do tempo, que precisa se adaptar a um contexto supraindividual; as partes do grupo são figuradas como “órgãos”, a que correspondem certas “funções”; o próprio grupo, como algo que procura se perpetuar, se afirmar no mundo, como o fazem as formas de vida, sendo que um dos meios para esse fim é a transmissão de suas características próprias através das várias “gerações”; e assim em diante. – A principal dificuldade dessa interpretação deriva de que nenhum dos capítulos em questão seja *completamente* dominado por metáforas temáticas (de modo que gostaria de sugerir que, se a análise neste caso é difícil, é somente porque o material da análise é em si mesmo bastante refinado). Por outro lado, é sintomático que, para tratar, p. ex., de questões relativas à *transformação* das formas de super e subordinação no capítulo dedicado a esse tema, Simmel se volte para a metafórica da biologia – o que se manifesta indiretamente em **S.3.a.32**, analogia essa apresentada no excursus a esta seção, e de forma ainda mais direta nas passagens que antecedem e introduzem tal analogia (cf. GSG, v. 11, pp. 235-6).

48. É evidente que esses seriam apenas os exemplos que Simmel optou em trazer à tona: as séries [x] e [y] ainda englobariam, ao menos em princípio, inúmeros outros exemplos – mas Simmel não está interessado em esgotar essas séries, em levá-las a seu termo, e sim em criar tantas séries *distintas* quantas forem possíveis. O que se afirma nesta nota é um desdobramento (ainda incompleto) das ideias apresentadas no início desta seção, que ainda será retomado mais adiante.

49. É precisamente nesse sentido que se afirma, aqui, que Simmel opera uma estilização sobre o material da experiência. Aqui se revela, de resto, aquela que é a principal vantagem da estilização: pois, ao submeter dois particulares a um mesmo estilo, obtemos uma imagem clara, ainda que estereotipada, das semelhanças e diferenças *genéricas* entre os termos de uma comparação.

sociológico da sociologia de Simmel. É nessas ocasiões que sua sociologia, por assim dizer, se dissolve no mero suporte de sua pura função sociológica: em tal cruzamento, a separação entre a forma e o conteúdo da socialização se eleva ao seu mais alto grau. Enquanto se limitava à série [y], formada pelos exemplos (b), (c) e (d), a sociologia de Simmel era ainda uma sociologia da religião, ou como ele talvez preferisse dizer, um esboço ou um fragmento de uma tal sociologia; se, por outro lado, investigasse apenas a oposição entre [x'] e [y'], limitar-se-ia ao âmbito de uma sociologia histórica das instituições políticas no período medieval. Mas Simmel não era, como Weber chegou a reconhecer, um especialista⁵⁰, e a sociologia por ele praticada encarna de maneira formidável essa característica da personalidade filosófica e científica de Simmel – com todas as virtudes e deficiências nela implicadas. Eis como Simmel viria, em seu último texto explicitamente voltado para a discussão do domínio próprio à sociologia, a formular as questões que estão, aqui, sendo debatidas:

O pesquisador da religião ficará inclinado, de múltiplas maneiras, a explicar a vida religiosa das comunidades e sua disposição para o sacrifício em termos de sua devoção a um ideal que é comum a todos; ele pode ser tentado e subordinar a conduta da vida presente, inspirada em todos pela esperança num estágio perfeito situado para além da vida dos indivíduos concretos, ao poder dos conteúdos da fé religiosa. Caso lhe comuniquem que talvez um sindicato socialdemocrata cultive os mesmos traços de comportamento comum e recíproco – então essa analogia poderá ensinar a esse pesquisador que o comportamento religioso não está exclusivamente ligado ao conteúdo religioso, porém representa uma forma humana genérica que se realiza sob o estímulo não somente de objetos transcendentais, mas também de tantas outras disposições sentimentais. Também entenderá algo que será essencial para ele: o fato de que, mesmo em uma vida religiosa autônoma, estão contudo elementos não especificamente religiosos, mas sociais [...].⁵¹

---

50. Cf. o manuscrito inacabado de Weber sobre Simmel, cujo título original é: "*Georg Simmel als Soziologe und Theoretiker der Geldwirtschaft*" [Georg Simmel como sociólogo e teórico da economia monetária], disponível, em inglês, em FRISBY, 1994, v.1, p. 77-81. Segundo D. Levine, que traduziu esse fragmento para o inglês e primeiro o pôs em domínio público (o original em alemão só foi publicado depois), o texto foi "provavelmente escrito em 1908, logo após a publicação da *Soziologie* de Simmel" (adaptado a partir de FRISBY, 1994, v.1, p. 77). Nesse fragmento, Weber ensaia, mas não desenvolve, uma crítica ao procedimento analógico em Simmel: argumentando que tal procedimento seria um dos principais ingredientes que teriam conduzido à rejeição de seu trabalho no mundo acadêmico alemão. A crítica de Weber atinge um ponto central para a presente discussão: a tensão entre analogia e definição, entre o que Simmel fazia e o que se esperava que o "especialista" em sociologia fizesse, ou ainda, para formular o ponto em registro kantiano: entre o sociólogo que Simmel *era* e o que ele *deveria ser*. Mas a crítica de Weber atinge essa questão com uma mão demasiado pesada, e dessa forma leva Simmel a nocaute – ao passo que aqui a crítica deve ser conduzida não segundo a analogia da luta, e sim, como gostaria de sugerir, segundo a analogia do interrogatório policial: é preciso, sem dúvida, pressionar Simmel para que ele confesse seus crimes, mas não ao ponto de nocauteá-lo – já que, nesse estado, nada podemos extrair dele, muito menos a verdade –, e nem ao ponto de induzi-lo a confessar crimes que nunca cometeu.

51. SIMMEL, 2006, pp. 23-4. A passagem foi cotejada com o original (GSG, v. 16, pp. 74-5) e modificada. Este é o momento mais adequado para apresentarmos a crítica de Weber a Simmel, que só seria postumamente publicada:

Now, it is often the case that for Simmel's special purposes the 'analogy' may be tolerably useful; but that the specialist who has to treat those according to their intrinsic nature or in their specific context inevitably must from his point of view regard their 'analogous' aspect as something 'external'. He must regard the phenomenon which has been construed in that way as conceived entirely 'obliquely' in its 'essence', and misunderstood with respect to its causal components. This is not an accidental difference but, as will be discussed, rests on grounds that inhere in the kind of 'analogy'-formation which Simmel finds useful for his purposes. And precisely because at the same time that that mistake (from the specialist's point of view) is committed, a substantial amount of creative intellectual work is presented, and because in addition he does not find it so easy to analyze the ultimate basis for his own perception that a 'mistake' is at hand, after a number of such experiences, the professional economist bitterly throws the book in the corner and

Simmel afirma que o pesquisador da vida religiosa ficaria inclinado a pensar tudo na chave específica da religião – por quê? Ora, porque é, afinal, um especialista, que precisa, enquanto tal, estar atento, levar em consideração as características próprias de seu objeto de estudo, suas particularidades, os elementos substantivos que, por assim dizer, impõem condições materiais à função sociológica pura. Simmel, que sabia muito bem das inúmeras vantagens técnicas associadas à especialização⁵², nessa passagem chamava a atenção para uma de suas deficiências: pois o especialista, ao se concentrar em sua matéria de estudo, encontra-se ao mesmo tempo exposto ao perigo de se deixar amarrar pelos limites que ele havia, inicialmente, traçado apenas como um meio, como um método para extrair, do real, mais verdade do que, até então, se dispunha. Com suas analogias, Simmel procura reunir, ainda que sempre pontualmente, o que aparentemente não possuía qualquer relação⁵³ – ou então aqueles elementos de cuja relação havíamos nos esquecido⁵⁴.

Com isso estamos, finalmente, em condições de apreciar da maneira devida o terceiro ponto contido na passagem anteriormente apresentada e para o qual gostaria de dirigir a atenção, a saber: o modo como exemplo e analogia se acham coordenados nessa passagem. Eis a pergunta que deve ser aqui colocada: *qual é o sentido desse arranjo? O que ele significa?*

Simmel tem em vista abrir, por meio desse arranjo, certa perspectiva do mundo social, ou melhor: transmitir, para seus interlocutores, uma ideia do que ele viu, em suas visitas ao país da sociologia. A leitura daquele trecho de que partimos não deixa dúvidas quanto a isso: toda essa passagem é montada

---

*is finished with his judgment of it. Usually, or very often at least, the decisive point is that where the specialist is dealing with questions of 'facticity', empirical questions, Simmel has turned to look at the 'meaning' which we can obtain from the phenomenon (or can believe we can). This is not the place to inquire whether Simmel's colleagues in philosophy, upon finding difficult logical and other philosophical problems being utilized by Simmel as 'analogies' to illustrate totally heterogeneous subject matters, do not find in this procedure, which certainly often strikes one as 'playful', a legitimization for not occupying themselves with him seriously – without regard to the question of whether Simmel for his part attains his goals through this usage. Because Simmel's ultimate interests are directed to metaphysical problems, to the 'meaning' of life, and because these interests are so very noticeable in his treatment of technical substantive questions, it is all too easy to overlook the fact that he has withal probably contributed more to the advancement of the technical substantive concerns of his discipline, even if at times this is more in the nature of a 'by-product', than a considerable number of professors of philosophy of the quality that is becoming customary to put together" (FRISBY, 1994, v.1, p. 79-80; **grifos conforme o original**).*

Observe-se que a citação de Simmel é de 1917 (ou seja: que essa “defesa” do procedimento analógico nesses termos *não consta* do texto da grande *Soziologie*, sendo antes uma formulação tardia, conforme o exposto no excurso a esta seção); e que a crítica não publicada de Weber data, provavelmente, de 1908, conforme o depoimento de D. Levine, referido na nota imediatamente anterior a esta. Parece-me razoável supor que Weber tenha, ao menos, conversado com Simmel sobre esses assuntos – de modo que não podemos descartar a hipótese de que esse acréscimo ao texto de 1917 seja, ao menos em parte, uma resposta a Weber, ou então a algum outro contemporâneo seu que tenha dado voz a tal crítica.

52. Cf. p. ex., a discussão do ponto em GSG, v. 11, p. 605 e as seguintes – em que se trata, evidentemente, da especialização enquanto forma de socialização. Por sinal, continuando a leitura da *Soziologie* desse ponto, logo encontramos uma analogia muito importante, mas que será discutida somente na próxima seção deste trabalho, à p. 300: **S.8.a.21**.

53. Coisas que, afinal, talvez sequer possuam alguma relação – esse é um risco que Simmel corre o tempo todo, é o preço que ele tem de pagar por suas aventuras. Uma vez que Simmel está o tempo todo tentando “livrar as coisas de seu isolamento” – para dar eco às palavras de Kracauer, e nisso atarmos a presente discussão a um dos temas a serem tratados no próximo capítulo deste trabalho –, é vantajoso para ele se apoiar no pressuposto metafísico mais geral de acordo com o qual tudo está em inúmeras relações com tudo o mais.

54. Desenvolvendo mais essas ideias, chegaríamos à constelação filosófica apresentada na *Philosophie des Geldes* – e que iremos considerar ao longo do capítulo seguinte.

de modo a conferir visibilidade, a indicar os contornos ideais dessa forma particular de socialização – é *para* esse fim que Simmel seleciona e apresenta os exemplos do judaísmo, das seitas cristãs, das corporações de ministeriais, etc., e é *para* esse fim que, em seguida, os coordena analogicamente. E é notável como, logo após refazer assim os contornos do que viu, Simmel virtualmente *se afaste* da forma de socialização assim apresentada, para apresentar uma *outra* – que, nesse caso, como na maior parte dos casos, possui alguma semelhança formal ou funcional com a anterior. Assim, no parágrafo imediatamente seguinte àquele de que a analogia **S.3.a.6** foi tirada, Simmel acrescenta, ao esquema {Y}, uma nova complicação, a saber: reflete sobre a possibilidade formal de acordo com a qual o elemento superordenador unitário que promove a coesão dos subordinados, além de estar “por cima” deles, também a eles *se opõe* – assumindo, assim, a posição formal adicional do oponente, do inimigo⁵⁵. Para ilustrar essa *outra* possibilidade formal, Simmel recorre a *outros* exemplos: e, nessa ocasião, adota a estratégia discutir as relações de poder entre a nobreza, o clero e o povo na Inglaterra⁵⁶. O ponto a que devemos nos ater é que *esse outro* exemplo – que irei aqui designar pelo símbolo (h) – já não possui qualquer relação formal com os anteriores – (a), (b), (c), (d), (e), (f) e (g) –, ou seja: o escopo dos esquematismos simmelianos é, via de regra, restrito a um número consideravelmente pequeno de casos, é de curto fôlego. Simmel não demonstra qualquer real preocupação em estabelecer uma correlação sistemática entre a totalidade dos exemplos por ele mencionados – o que simplesmente não faria qualquer sentido para alguém que, como ele, buscava apenas “abrir caminhos” para a sociologia, expor tantas perspectivas da sociedade, quantas sua poderosa imaginação sociológica pudesse conceber e julgasse prudente ou adequado expor⁵⁷. Talvez possamos compreender essa falta de acabamento lógico da *Soziologie*, se levarmos em conta certos pressupostos fundamentais à teoria social e à teoria do conhecimento simmeliana, a que irei me referir por meio do instrumental analítico desenvolvido na seção anterior: diferentemente das formas geométricas, mas de um modo semelhante ao que se passa com as formas de vida, as de socialização aparecem e desaparecem, como que por força da contingência. A implicação disso aos olhos de Simmel é a seguinte: nenhuma armação conceitual jamais será capaz de abarcar todas as formas possíveis de socialização, pois *essa* unidade superabrangente é a unidade

---

55. cf. GSG, v. 11, p. 170.

56. cf. GSG, v. 11, pp. 171-2. E embora Simmel discorra sobre um caso mais particularizado, as referências que ele nos fornece são ainda consideravelmente genéricas: a referência espacial é, simplesmente, a “Inglaterra”; e a temporal abrange nada menos do que os séculos posteriores à publicação da Magna Carta (ou seja: sabemos ao certo apenas que Simmel se refere a eventos ocorridos em um período de tempo de longa duração – já que são contabilizáveis em séculos – e que não são anteriores ao ano de 1215).

57. O que nos permite pôr em perspectiva o caráter “formal” da sociologia de Simmel. Pois, como já foi notado por vários autores (cf., p. ex., LEVINE, 1991, “Simmel and Parsons reconsidered”, em *The American Journal of Sociology*, v. 96, no. 5, sobretudo a p. 1103; FRISBY, 1992, pp. 54-6; ou ainda VANDENBERGHE, 2005, p. 83), esse formalismo de modo algum tem como resultado algo remotamente parecido com uma taxonomia abrangente das formas de socialização, nem tampouco conduz a um grande sistema classificatório que seja tão coerente quanto possível seja – como seria de se esperar de uma sociologia “formal”, ou, para usar a expressão de que Freyer se serviu para caracterizá-la, da “mais completa ciência do *logos* que se pode imaginar” (cf. FREYER, 1944, pp. 74-5, citado na seção anterior). Atendo-nos a esse registro, só podemos descrever sua sociologia como um grande e “confuso” inventário de pequenos sistemas classificatórios, interligados entre si apenas esporádica e acidentalmente. O que isso nos ensina, contudo, é apenas que, ao designar a sociologia de Simmel como “formal”, não devemos atribuir a esse adjetivo o sentido que Aron e Freyer haviam lhe atribuído; para entendermos a lógica analógica dessa sociologia tão particular, precisamos ainda acrescentar, a essa acepção do termo “formal”, algumas outras, de que nos ocuparemos em seguida.

inconcebível, inimaginável do processo vital da sociedade – que só seria acessível para a nossa cognição de um modo fragmentário⁵⁸. Como somente uma parte desse processo vital se apresenta a cada vez para nós, como nossa experiência do mundo social é sempre, necessariamente, uma experiência de uma parte do mundo social, a nossa imaginação sociológica é, *em princípio*, limitada, incompleta; por conseguinte, o encaixe entre as diversas imagens da sociedade que somos capazes de reconstruir será sempre imperfeito, precário. Mas o fato – que devemos assumir, se for para levarmos Simmel a sério – de que a sociologia jamais será capaz de abarcar a vida da sociedade *como um todo e de uma vez por todas* de modo algum se impõe como obstáculo intransponível para a aquisição de *novos* conhecimentos, ou seja, de conhecimentos adicionais: e é isso o que Simmel o tempo todo procura, é essa novidade, é esse acréscimo.

Exagerando um pouco, podemos dizer que Simmel só se interessa por aquela forma de socialização que foi aqui designada pelo símbolo {Y} – a que se opõe a forma designada pelo símbolo {X}, e que, como pudemos apreciar, Simmel tornou visível mediante a concatenação analógica de alguns exemplos – na medida em que ela encerra, em si, alguma novidade, em que abre uma nova perspectiva para o real⁵⁹. Na prática, essa novidade é simplesmente aquilo que Simmel se achava em condições de ensinar para seus alunos e para seus leitores: é um novo modo com o qual arranjar fatos já conhecidos, já documentados⁶⁰; uma nova visão de uma paisagem com a qual já estávamos acostumados⁶¹; uma nova forma de pensar, de

---

58. Assim como a coisa-em-si para Kant, também o processo vital da sociedade para Simmel, embora possa ser *pensado*, não pode ser *conhecido* (cf. KANT, 2001, *Crítica da Razão Pura*; ref.: B XXVI – XXVII). Cf. também a discussão sobre a analogia como heurística, em que culmina o primeiro capítulo deste trabalho. Ideias como as aqui apresentadas serão, de resto, retomadas no capítulo que segue, em que trato daqueles aspectos da teoria simmeliana do conhecimento que se relacionam ao procedimento analógico – mas, a essa altura, os problemas específicos da sociologia serão deixados de lado.

59. Como vimos na seção anterior, a novidade é, para Simmel, um conceito relacional: nada pode ser novo *em e por si mesmo*, mas apenas em relação àquilo o que, num determinado momento, se achava bem estabelecido.

60. Daí o apoio em fontes secundárias.

61. Como Simmel observa de passagem em uma de suas analogias, uma pessoa que sempre viveu em um mesmo ambiente tem muitas dificuldades em perceber as influências que esse ambiente teve em sua formação; no entanto, assim que se desloca desse local para algum outro, se vê numa situação consideravelmente mais favorável para perceber tais influências. Digamos que esse é o efeito que Simmel procura o tempo induzir em seu interlocutor: quer instigá-lo a sair do lugar onde estava, a pôr, por conta própria, as coisas em perspectiva. Nas palavras de Simmel:

Toda a personalidade elevada e toda a obra elevada possuem para a média dos homens algo de misterioso. É certo que todo o ser e fazer humanos emanam de forças indecifráveis. Só que, em havendo igualdade qualitativa e valorativa de nível, isso não faz com que um se torne problemático para o outro, principalmente porque, dessa igualdade, advém certa compreensão imediata, que não se apoia no intelecto. A desigualdade, quando é fundamental, não permite que essa compreensão imediata ocorra; em havendo a forma da diferença quanto à singularidade, entra automaticamente em operação o enigmatismo geral – mais ou menos como alguém que sempre tenha vivido no mesmo território não é em absoluto capaz de problematizar a influência do meio geográfico sobre nós, o que, contudo, se insinua assim que mudamos de ambiente, assim que a diferença no sentimento vital chama a nossa atenção para aquele momento determinante do meio. Brota desse mistério, que faz sombra sobre tudo o que haja de profundo e significativo, o erro típico de acordo com o qual tudo o que é misterioso é essencial e importante. O impulso à idealização e o medo, ambos naturais ao homem, operam, frente ao desconhecido, no mesmo sentido: alimentando-o, mediante a fantasia, para fazê-lo crescer, conferindo-lhe uma atenção que a realidade, uma vez desvelada, na maior parte das vezes não obteria (cf. S.5.a.19, em GSG, v. 11, pp. 408-9).

Como veremos logo em seguida, também a fantasia de Simmel, sua enorme imaginação sociológica, conduz frequentemente a exageros – exageros que o especialista precisa, do seu ponto de vista, condenar, e de que a analogia, implicada na analogia S.3.a.6, entre o senhor feudal e a representação divina nas religiões monoteístas é um ótimo exemplo –, mas a exageros até

ordenar os conteúdos das ciências do espírito⁶²; e, enfim, até uma nova forma de encarar diversos aspectos da vida cotidiana sobre as quais, por hábito, não refletíamos: o adorno, o segredo, mas também a pobreza e a vida nas grandes cidades⁶³. – Nesse sentido, o que Simmel, enquanto sociólogo, fazia, não é muito diferente do que faz o artista⁶⁴ – e aqui alcançamos a analogia mais fundamental entre a cognição e a arte, que Simmel buscou suprimir ou superar em sua tentativa de estabelecer, do modo mais claro e sólido que lhe era possível, os fundamentos de uma sociologia exata, científica. É possível desdobrar essa analogia mais fundamental em inúmeras outras analogias menores – que com efeito caracterizam bem a sociologia que Simmel praticou, mas cuja relação com a caracterização que ele mesmo nos forneceu de sua sociologia não é imediatamente óbvia. Um desdobramento como esse: é isso o que, p. ex., D. Frisby fez ao chamar Simmel de *flâneur* sociológico⁶⁵.

A nossa consideração da analogia **S.3.a.6** teve como produto, é verdade, uma imagem bastante lógica do procedimento analógico – que não parece combinar com a imagem de um *flâneur* sociológico, ou com quaisquer outras variações da analogia mais fundamental entre cognição e arte⁶⁶: naquele caso, exemplo e analogia se concatenavam segundo um esquema bastante rebuscado, aparentemente muito preciso e coerente, ainda que não integrado a uma teoria sistemática das formas de socialização. Mas não devemos esquecer que, considerando o escopo deste trabalho, tal analogia é apenas um exemplo – que optei em analisar justamente porque, nela, tal esquematismo é mais aparente do que na média dos casos. Sugiro agora que reconsideremos esse mesmo exemplo, só que, desta vez, enfatizando aquelas analogias que estão ali presentes, mas que não são explicitadas. Como a leitura da passagem revela, Simmel apenas *formula* uma analogia entre certos casos referidos ao domínio da religião e certos casos referidos ao do

---

certo ponto calculados ou necessários – “licenças poéticas” –, sem os quais ele não seria capaz de livrar as coisas de seu isolamento, sem as quais ele não seria capaz de deslocar os lugares-comuns por onde sempre passa.

62. Cf. GSG, v. 2, pp. 116-7, citado na nota 30 da seção anterior (à p. 199).

63. Sobre o ponto, cf. a discussão em torno da metafórica da microscopia social, contida na seção anterior – e que será retomada, numa outra chave, no capítulo seguinte.

64. Considere-se aqui sua caracterização da tarefa do artista, assim como é apresentada no prefácio à *Philosophie des Geldes* (o ponto será retomado no capítulo seguinte, a partir da p. 303). Como vimos, as analogias com a arte possuem um papel apenas marginal no primeiro capítulo da *Soziologie*. São, apesar disso, muito importantes não só no plano da exposição do método empregado para a realização de sua filosofia do dinheiro, como ainda no plano correspondente de sua filosofia da história (cf., p. ex., a analogia entre o realismo histórico e o realismo na arte, presente no prefácio à segunda edição de *Die Probleme der Geschichtsphilosophie*, disponível em GSG, v. 9, p. 229). Não por acaso, é sobretudo nos trabalhos voltados à filosofia da história que Simmel discute a fundo o problema, hoje tornado clássico, da *compreensão* (*Verstehen*); ou melhor: para sua sociologia, o problema da compreensão é ainda uma questão substantiva, já que dele decorrem certas condições formais para a socialização (tais como as que são exploradas de forma pioneira no quinto capítulo da *Soziologie*, dedicado à sociologia do segredo e das sociedades secretas), ao passo que, para a filosofia da história, é mais uma questão de método. Mas, como vimos, a demarcação das fronteiras da sociologia que Simmel buscou realizar nunca foi efetivamente por ele realizada; as fronteiras de sua sociologia permaneceram abertas, ou talvez: se Simmel, por um lado, propôs enfaticamente uma demarcação rigorosa de tais fronteiras, por outro nunca foi igualmente rigoroso na tarefa de fiscalizar a entrada de eventuais importações. Com isso, encontramos no país da sociologia simmeliana inúmeros produtos contrabandeados de sua filosofia da história, que nunca foram *devidamente* apreciados segundo a moeda local – como são os casos do problema da compreensão e da analogia mais fundamental entre cognição e arte.

65. Cf. FRISBY, 1992, pp. 68-101.

66. Das quais podemos destacar ainda a analogia do ator: assim como o ator, o sociólogo que Simmel efetivamente foi preocupava-se em oferecer a *sua interpretação* da sociedade (cf. WAIZBORT, 2000, pp. 29-31, que aqui se refere à filosofia, e não diretamente à sociologia de Simmel, embora a extrapolação não me pareça, no presente contexto, repreensível).

da vida política⁶⁷ e, mais exatamente, às relações feudais de poder, ou seja: entre [y] e [y'], duas formações sociológicas diversas em seus conteúdos, mas semelhantes no que diz respeito à função e, nessa medida, passíveis de serem referidas à forma mais geral de socialização aqui designada pelo símbolo {Y}. Do modo como essa analogia é *formulada*, devemos identificá-la com o modelo biológico, fraco da analogia; mas essa analogia contém, implícitas em si, inúmeras outras analogias, dentre as quais algumas podem ser desdobradas no formato proporcional. Assim, p. ex., a relação entre (b), (c) e (d) pode ser concebida como analógica: basta concedermos que a representação de Deus no cristianismo em um nível mais geral – exemplo (b) – exerce uma função semelhante àquela que a imagem de Jesus exerce nas seitas cristãs a que Simmel se refere – exemplo (c) –, semelhança essa que se estende, enfim, à representação de Jeová no judaísmo à época de sua origem – exemplo (d) –. A diferença é que essa semelhança funcional ainda parece, aos olhos de Simmel, demasiado presa a determinados conteúdos da vida religiosa, sendo portanto objeto apenas para o “especialista em religião”: o que temos nesses três casos são variações da imagem de um deus compreensivo. Dado esse enquadramento, é sugestivo que tal analogia assuma uma formulação mais explícita apenas no momento em que o que está em jogo passa a ser a comparação mais geral entre essas representações (situadas no domínio da religião) e a figura do senhor feudal (situada em um domínio completamente diferente) – apenas, portanto, quando Simmel salta do domínio da religião para o da política⁶⁸. Como a distância entre os exemplos (d) e (f) é consideravelmente maior que a distância entre os exemplos (b) e (d), Simmel *precisa* da analogia, ou melhor: no primeiro caso, é mais evidente que a semelhança em questão, se existe, não é uma *mera* semelhança, mas sim uma semelhança *funcional* – e assim a analogia como que se impõe, quase como se exigisse uma formulação mais explícita⁶⁹. Seja como for, é possível enumerar outras tantas passagens da *Soziologie* em que flagramos um esquematismo semelhante, ainda que raramente de forma tão rebuscada como em **S.3.a.6**. Assim, em **S.9.a.24**, analogia essa já apresentada⁷⁰, cinco exemplos aparecem coordenados entre si, dois deles de forma explicitamente analógica: os reis francos de antigamente, os primeiros reis da Suécia, os soberanos russos, os príncipes alemães e, finalmente, a justiça itinerante da Inglaterra de Henrique II⁷¹. Assim, em **S.2.a.21**, Simmel detecta a mesma estrutura formal em fenômenos

---

67. Foram detectados, correspondentemente, dois sinais de identificação da analogia nessa passagem: a expressão “**diese formale Struktur zu wiederholen**” (em que estão combinadas as ideias de repetição e estrutura formal), contida no quinto período do trecho, assim como aparece aqui traduzido; e a palavrinha “**wie**” [como], que abre o último período da passagem.

68. Se quisermos, podemos ainda desdobrar tais analogias no formato da proporcionalidade: Jeová está para os judeus, assim como o senhor feudal, para os ministeriais. Mas é claro que o que *interessa* nessa proporção continua sendo apenas o seguinte: que a representação de Jeová, da mesma forma que a pessoa do senhor feudal, seja concebida como um fator decisivo para a coesão de cada respectivo grupo, atuando, em cada um desses dois casos, como uma força capaz de congregar elementos que permaneceriam desagregados caso isso dependesse apenas das energias interiores de cada elemento.

69. E se impõe no sentido de que, sem ela, Simmel não seria capaz de produzir uma imagem suficientemente geral da forma de socialização que tem em vista, não conseguiria nos comunicar o que acredita ter visto.

70. No item II.1.6.1.2.1 deste trabalho, à p. 131.

71. E também nesse caso é notável como a analogia só seja evocada quando Simmel compara as andanças do príncipe alemão com a de uma *instituição* da realeza – a justiça itinerante. Observe-se que há entre os quatro primeiros termos da comparação uma proximidade muito maior: em todos esses casos, a figura real visita *em pessoa* as diversas províncias de seu território, promovendo, assim, sua unidade (sendo essa a função comum que integra todos os exemplos); mas no caso da justiça itinerante, o que temos é uma instituição que apenas *representa* a pessoa do rei. A distância entre esse exemplo, apresentado por último, e

tão diversos como a fundação dos impérios mundiais, as brigas de rua entre jovens, as disputadas pelo poder travadas no parlamento pelos partidos políticos e a concorrência econômica⁷². Assim também em **S.8.a.56**, em que Simmel identifica o mesmo processo formal de desintegração (que seria desencadeado em determinadas circunstâncias) junto a formações sociológicas tão claramente distintas entre si como as comunidades religiosas, a família e o Estado – cada uma das quais poderia render toda uma sociologia particular⁷³. Assim, em **S.5.a.34**, flagramos Simmel comparando as sociedades secretas com o exército e com as comunidades religiosas⁷⁴ – mas também com uma formação extrassociológica, o corpo humano⁷⁵!

---

os demais é, nesse sentido, maior do que a distância entre quaisquer dois dentre os quatro primeiros – e é somente para ligar o último exemplo ao anterior que Simmel formula sua analogia. Mesmo assim, essa analogia não é tão exemplar como a **S.3.a.6**: primeiro, porque a distância entre a representação divina nas religiões monoteístas e a figura do senhor feudal é consideravelmente maior do que a distância entre o príncipe alemão e a justiça itinerante (e, consequentemente, a analogia é muito mais “forçada”, “exagerada” naquele caso, do que neste); e segundo, porque todos os exemplos analogicamente coordenados nesse último caso podem ser referidos a um mesmo domínio do conhecimento, o que torna tal analogia mais simples, mas também menos significativa.

72. A estrutura formal que, para Simmel, se repetiria em todos esses casos é, na verdade, uma variação particular do *divide et impera* (do latim: “dividir e conquistar”, uma das três modalidades básicas de socialização a três por ele estudadas no segundo capítulo da *Soziologie*), a saber: aquela em que o elemento mais forte dos três acirra a disputa entre outros dois, de tal forma a apoiar o mais forte dentre esses dois até o ponto em que o mais fraco de todos seja destruído, somente para, em seguida, tendo assim obtido a confiança do segundo elemento e eliminado a possibilidade de que este se unisse ao terceiro para derrubá-lo, subjuguá-lo mais facilmente (cf. GSG, v. 11, p. 150). Simmel exemplifica o ponto elaborando um pouco sobre o exemplo dos impérios mundiais – sendo que os outros exemplos analogicamente coordenados são apenas esquematicamente mencionados como termos da analogia em questão. A grande vantagem da analogia **S.3.a.6** em relação à **S.2.a.21** é que, naquela, Simmel primeiro reconstrói, ainda que apenas de modo implícito, uma analogia imanente ao domínio religioso para depois extrapolá-la para o domínio político – de modo que, aqui, se encontram combinados os passos dados em **S.9.a.24** (em que os cinco exemplos analogicamente coordenados são já bastante parecidos entre si, embora um deles destoe um pouco) e em **S.2.a.21** (em que os quatro exemplos analogicamente coordenados são já desde o início bastante heterogêneos). Para sermos mais exatos, devemos mencionar que há analogias bem mais restritas em seu escopo que **S.9.a.24**: em **S.2.a.1**, p. ex., a analogia liga *diretamente* duas leis de duas cidades-estado gregas, mostrando que ambas funcionam mais ou menos do mesmo modo (a analogia foi apresentada na segunda seção do primeiro capítulo, junto à nota 49 daquela seção, na p. 59).

73. Essa analogia se destaca das anteriores devido a que a estrutura formal nela implicada possua um aspecto temporal (no índice, a analogia em questão é referida a dois tipos: o tipo sociológico, *entre exemplos*; e o sociológico, *processual*). Fora isso, é também interessante observar que tal analogia seja pautada por uma oposição formal, que se repete no interior de dois dos três termos da analogia. Assim, após apresentar uma instância, no âmbito da vida religiosa, em que teria se manifestado tal processo formal de decomposição, Simmel passa para o domínio da “sociologia da família”, afirmando que famílias ricas tenderiam a se desintegrar caso empobrecam subitamente, mas as pobres também, nos casos em que enriqueçam rápido demais; e, enfim, se aventurando no domínio que a teoria política reivindica para si, afirma que Estados tenderiam a alimentar tendências dissociadoras quando tolhem a liberdade de forma súbita (e, para esse caso, Simmel oferece um exemplo mais localizado, ao contrário do que faz nos casos anteriores: o de Atenas sob jugo macedônio), mas também quando se produz, em seu interior, um incremento súbito de liberdade. Como vimos, algo parecido se passava em **S.3.a.6**, a saber: também ali detectamos uma espécie de oposição formal; a diferença é que, naquela caso, um dos extremos dessa oposição aparecia apenas como categoria residual (ou seja Simmel não desenvolvia, àquela altura, os exemplos de {X}), ao passo que, no caso sobre o qual estamos aqui nos detendo, a oposição, uma vez introduzida, passa a dar o tom da analogia – e como essa oposição só é introduzida a partir do segundo termo da analogia, esta obtém uma aparência assimétrica.

74. Simmel refere-se aqui, mais exatamente, a determinado aspecto das sociedades secretas, a saber, o de se projetarem como uma espécie de corpo, cuja função seria a de “proteger” a essência da sociedade em questão, i.e.: o segredo que ela armazenaria em seu âmago. Para Simmel, algo semelhante se passaria nos casos do exército e da religião – e embora ele não desenvolva tal analogia a essa altura de seu livro, nos fornece, em outros momentos de sua vasta obra, os elementos de que precisamos para que a desdobremos nós mesmos: o corpo do exército é, além de outras coisas, a exteriorização ou expressão da necessidade imanente de autoconservação dos limites da unidade política que lhe serve de referência; e analogamente, cada grupo religioso concreto, como cada manifestação concreta da religião (e.g.: os símbolos religiosos, determinados rituais, bem como igrejas, templos e mosteiros), podem, para Simmel, ser vistos como exteriorizações, corporificações de uma forma imanente de religiosidade.

75. De modo que, nessa analogia, observamos uma síntese, bastante rara, entre os tipos sociológico, *entre exemplos* e o ilustrativo, *figurativo* – síntese essa que, apesar de rara, indica que a demarcação do lugar da sociologia, assim como Simmel a conduz, não é tão precisa como ele a anuncia no primeiro capítulo da *Soziologie* (o que está, aliás, insinuado na montagem desta seção, orientada de modo a expor as reverberações que a fusão epistêmica entre o elemento estético e o cognitivo produziram dentro da sociologia praticada por Simmel). Pois o que Simmel faz o tempo todo na *Soziologie* é destacar a função, ou melhor, o significado sociológico desta ou daquela porção do mundo social, e, para fins de destaque, uma analogia entre duas formas

E assim também em inúmeros outros casos, que não convém trazer aqui à tona⁷⁶.

Mas é claro que nem todas as analogias com as quais Simmel coordenava seus exemplos são tão intrincadas como aquela que consideramos mais atentamente. Tal complicação possui inclusive um grande inconveniente: em meio a todo esse esquematismo, corremos o risco de não nos darmos conta de que a semelhança funcional que está ali em jogo, projetada em vários níveis de generalidade, é também uma equivalência de sentido, uma coincidência quanto a seu significado sociológico, se quisermos. Para que possamos apreciar esse outro aspecto do procedimento analógico simmeliano, talvez seja mais apropriado considerarmos outras analogias, agora mais simples no que concerne à formatação lógica. Apresentarei três delas, sendo que, na primeira, o que veremos é como Simmel concatenou dois de seus tipos sociais mais famosos: o do pobre e o do estranho⁷⁷:

Com o estranho em relação ao grupo se passa mais ou menos o mesmo: ainda que ele esteja, por assim dizer, materialmente do lado de fora do grupo em que se abriga, justamente nessa situação emerge uma configuração global, que reúne as partes autóctones do grupo e os estranhos; são as interações próprias travadas entre uns e outros aquilo que traz à tona o grupo no sentido mais amplo, aquilo que caracteriza o círculo social assim como este se manifesta efetiva e historicamente. Assim também, o pobre é situado em uma certa medida do lado de fora do grupo, mas esse estar-de-fora é apenas uma forma particular de interação com o grupo – aquela que o entretece numa unidade com o todo no sentido mais abrangente do termo.⁷⁸

A passagem foi tirada do sétimo capítulo da *Soziologie*, em que Simmel quer mostrar como não apenas o fenômeno da pobreza, mas inclusive o tipo “pobre” pode ser pensado como uma forma de interação, ou se quisermos: uma construção social⁷⁹. Na passagem em questão, Simmel compara a posição do pobre

---

distintas de socialização pode ser tão útil como a analogia extrassociológica entre a sociedade secreta e o corpo humano (cuja função seria resguardar a “alma”; e embora a ideia de que o corpo tenha como função resguardar a alma seja, se considerada em si mesma, inteiramente fantasiosa, para não dizer de gosto duvidoso, devemos ter em mente que essa é, ao menos no contexto em questão, apenas uma ilustração graças a que podemos obter uma imagem aproximada da relação entre a sociedade secreta propriamente dita – o “corpo” a que Simmel se refere – e o segredo que somente os iniciados detêm – a “alma” do negócio). Como? É isso o que veremos nas linhas finais desta seção, quando trataremos da relação, já sublinhada nesta nota, entre a função e o significado sociológico.

76. Esse é na verdade o caso da maior parte das analogias apresentadas no índice e tipificadas como sociológicas, *entre exemplos*. É apenas evidente que não faria qualquer sentido analisar *todas* essas analogias: elaborei a tipificação apresentada no capítulo anterior justamente para não ter de analisar uma por uma as mais de 700 analogias arroladas no índice – o que não seria viável.

77. Simmel compara o pobre ao estranho em três momentos muito diferentes de sua *Soziologie*, ainda que apenas em dois casos tenham sido detectados sinais de identificação da analogia – no que será apresentado em seguida, tirado do capítulo da *Soziologie* dedicado à sociologia da pobreza, e em **S.9.d.28** (disponível em GSG, v. 11, p. 765), analogia esta tirada do excurso sobre o estranho. Há, além disso, uma menção dos dois tipos no excurso ao primeiro capítulo da *Soziologie* (cf. GSG, v. 11, p. 51).

78. **S.7.a.5**, em GSG, v. 11, pp. 522-3.

79. Todo o capítulo é orientado de modo a “revelar” o significado propriamente sociológico da pobreza, i.e.: a pobreza enquanto forma de socialização, enquanto um modo particular de se estar-em-sociedade. Nas linhas finais – e por meio de outra analogia – Simmel ataca a questão de forma bem clara:

*É exatamente nesse sentido que vai a ênfase socialdemocrata segundo a qual o proletariado moderno, ainda quando seja pobre [arm], não é com efeito um pobre [Arme]. O pobre enquanto categoria sociológica não emerge quando se verifica uma certa medida de escassez e privação, senão quando efetivamente recebe ou quando (de acordo com as normas sociais) deveria receber auxílio. Seguindo essa linha de pensamento, a pobreza em e para si não pode ser determinada como sendo uma condição quantitativamente fixada; ao invés disso, ela só pode ser determinada de acordo com a reação social desencadeada em uma dada situação – exatamente como se define o crime (cujo conceito é muito difícil de determinar de forma direta) como «uma ação a que se aplica uma pena pública» (**S.7.a.13**, em GSG, v. 11, pp. 551-2; citada em registro ampliado em relação ao índice).*

em relação à sociedade com a do estranho, destacando como, em ambos os casos, o estar-de-fora do grupo indica uma modalidade específica de participação nele – ou seja, como que o que podemos chamar, em ambos os casos, de “exclusão social” é na verdade uma forma particular de participação social, de estar-em-sociedade⁸⁰. Deixando de lado as implicações substantivas de uma tal caracterização da pobreza⁸¹, o que devemos ter aqui em vista é o que Simmel, por meio de sua analogia, fez: destacou um dos inúmeros aspectos do fenômeno em si mesmo altamente complexo que é a pobreza; e um aspecto que faz sentido destacar, quando se busca o significado sociológico desse fenômeno.

O que é importante observar é que a função sociológica comum a ambos os fenômenos é apenas um dos traços gerais que, entre outros, concorrem para a formação dessas formas particulares⁸². É como se tais formações fossem polissêmicas, como se possuísem, cada uma, inúmeros sentidos, denotações as mais diversas – de modo que, ao justapor ambas essas “expressões” da vida social uma ao lado da outra e na forma de uma analogia, Simmel acaba por destacar aqueles componentes de sentido coincidentes entre si. A analogia, nesse caso, não é exatamente uma modalidade lógica de extração do geral a partir do particular – como aliás também não o era nos casos anteriores –; é simplesmente uma estratégia para *tornar visível uma dada generalidade, para trazer à tona uma semelhança de sentido de que não havíamos ainda nos dado conta, que não havíamos, ainda, levado em consideração*⁸³. Podemos detectar um procedimento semelhante na seguinte analogia, com a qual já nos deparamos em outro momento deste trabalho:

Por conta disso, talvez seja conveniente notar que justamente aquele que, do ponto de vista sociológico, parece ser o polo oposto do segredo, o adorno, apresenta uma estrutura análoga quanto a seu significado sociológico. A essência e o sentido do adorno é fazer com que o olhar do outro se dirija a seu portador, e nessa medida o adorno é o antagonista do segredo; mas o segredo, por seu lado, também não deixa de exercer a função de destacar o que há de pessoal. O adorno exerce igualmente essa função, de tal modo a mesclar, de um lado, a superioridade em relação aos outros com uma

---

Após desenvolver o ponto, Simmel completa: “Somente esse significado social do »pobre«, que se opõe ao seu correlato individual, dá margem a que os pobres se ‘reúnam’ formando uma espécie de *status*, uma camada unitária no interior da sociedade” (idem, sendo que as aspas simples em torno do verbo ‘reunir’ foram por mim acrescentadas para indicar de que se trata do sentido figurado do verbo). Se Simmel ataca a ideia de que a pobreza, em e para si, como ele diz, não pode ser definida como uma condição quantitativamente fixada (p. ex.: a partir do critério da renda), é porque, na medida em que é assim concebida, o caráter *formativo* da pobreza desaparece: ter-se-ia, com isso, apenas uma descrição do seu *estado*, quando o que realmente interessa, para Simmel, é tornar visível os mecanismos mais gerais que teriam conduzido a esse estado.

80. Nesse caso particular, Simmel indica o significado sociológico do pobre referindo-o como parte de um todo – contextualizando-o, portanto.

81. Para uma discussão nesse sentido, cf. IVO, 2008, “Georg Simmel e a “sociologia da pobreza””, em *Caderno CRH*, vol. 21.

82. De resto, a assimetria entre os termos da analogia – que verificamos na comparação entre o estranho e o pássaro em voo – não se verifica aqui, ou ao menos se manifesta aqui de um modo completamente diferente do que ali. Ou seja: a justaposição desses dois tipos promove simultaneamente a compreensão de ambos – o que levou Simmel a retomar essa mesma analogia, ainda que em formulação mais sintética, em seu excursus sobre o estranho (cf. **S.9.d.28**, já mencionada). A analogia funciona aqui – como em alguns outros casos – como veículo para a realização daquele movimento de contração e ampliação a que me referi nas notas 46 e 47, ambas mais acima desta.

83. O que também pode ser detectado em **S.3.a.6**, **S.9.a.24**, **S.2.a.21**, **S.8.a.56**, **S.5.a.34** – portanto, nas outras analogias próprias à sociologia que apresentei ao longo desta seção.

dependência dos mesmos e, de outro, a boa vontade com a inveja alheias – a tal ponto que exige, enquanto forma sociológica de interação, uma investigação particular.⁸⁴

Também o segredo e o adorno – apesar de suas diferenças, para as quais Simmel também chama a atenção – se iluminam mutuamente em determinado ponto, que parece ser de especial interesse para a sociologia. Podemos dizer, num certo sentido, que a analogia permite filtrar a polissemia desses termos; nessa passagem em particular, não há dúvidas quanto a que a semelhança de sentido entre os termos da comparação coincida *exatamente* com sua função socializadora. Ou seja: a resposta para a questão: em que sentido o segredo e o adorno são, para a sociologia, semelhantes? – essa resposta deve ser: no sentido de que ambos exercem a função de destacar, num contexto de interação, o que há de pessoal (portanto: a mesma função)⁸⁵. Por outro lado, tanto o adorno como o segredo, tanto o estranho como o pobre possuem ainda um outro traço em comum: são todas categorias altamente triviais, ou melhor, categorias com que operamos em nossas vidas práticas e de que, por isso, virtualmente qualquer um de nós possui alguma experiência, mesmo que seja apenas “indireta”⁸⁶. Mas tais experiências são diferentes para indivíduos que ocupam posições tipicamente diferentes no mundo social. Assim, p. ex., quem é pobre hoje e o foi desde seu nascimento, experimenta a pobreza de um modo inteiramente diverso de

---

84. **S.5.a.23**, em GSG, v. 11, p. 404.

85. Nessa passagem em particular, como em algumas outras, “equivalência de sentido” e “semelhança funcional” são virtualmente expressões intercambiáveis, quase sinônimos (cf., no índice, **S.3.a.5**, **S.5.a.8**, **S.7.b.9**, **S.8.a.9**, **S.8.d.44**, **S.8.d.45**, **S.9.a.7**; também há casos como **S.1.a.8**, analogia essa apresentada na seção anterior, e em que a equivalência de sentido designa uma analogia, mas dessa vez segundo o formato proporcional). Por essa razão, teria sido possível incluir expressões tais como “im gleichen Sinne” [no mesmo sentido de] como sinais possíveis de identificação de uma analogia, embora eu tenha optado em não fazê-lo. Em passagens como a que segue – que tirei da *Philosophie des Geldes* –, tal expressão realmente funciona dessa forma: “Assim, já a dinastia carolíngia claramente buscou substituir o escambo e a troca baseada em gado pela economia monetária. Ela ordenava com frequência que as moedas não deviam ser recusadas e punia severamente em caso de recusa. O direito à cunhagem de moeda era exclusivamente um direito do rei, e assim a imposição do comércio na forma de moeda denotava a ampliação do poder da realeza para aqueles domínios em que, até então, persistia a modalidade puramente privada e pessoal de comércio. **É exatamente no mesmo sentido** que, desde Augusto, as moedas romanas de ouro e de prata só podiam ser cunhadas em nome e à pedido do imperador, ao passo que o senado, de um lado, e as associações municipais, de outro, mantiveram o direito de emitir moedas de menor valor; e o fato de que grandes príncipes – tais como Dário I, Alexandre, o grande, Augusto, Diocleciano e até Napoleão – tenham tantas vezes criado sistemas monetários poderosos é apenas uma generalização desse nexos” (GSG, v. 6, pp. 225-6). Há tanta analogia nessa passagem, como há em, p. ex., **S.2.a.1**; e a comparação com **S.9.a.24** também é sugestiva, inclusive do ponto de vista temático. Contudo, para fins de construção do índice, optei em não incluir essa expressão em particular – “im gleichen Sinne” – dentre aquelas que considere sinais possíveis de identificação da analogia, já que tal inclusão exigiria uma justificativa demasiado complicada, em que seria preciso demonstrar a ligação semântica entre “equivalência de sentido” e “semelhança funcional”, ligação essa que, afinal, e embora se apresente em alguns momentos no texto de Simmel, só a esta altura do presente trabalho estou em condições de discutir da maneira devida.

86. Essa afirmação não deve, contudo, ser aceita sem mais. Isso porque, no caso de Simmel, ela se liga a um de seus pressupostos epistêmicos mais fundamentais, ao princípio heurístico de acordo com o qual “tudo está em relação com tudo o mais”, que implica que, partindo de qualquer ponto que seja do real, podemos chegar a qualquer outro ponto – implicação essa que será investigada, em sua conexão com o procedimento analógico, no capítulo seguinte deste trabalho, como eu havia adiantado na nota 53, acima. Por enquanto, teremos de nos contentar com exemplos decalcados do universo das ideias simmelianas, que ilustrem, em todos esses casos, a possibilidade de tal nexos. Assim, mesmo alguém que jamais tenha experimentado “na pele” a pobreza não deixa de ser afetado pela sua existência no mundo, ainda mais considerando o grau elevado de integração econômica tornado possível graças à economia monetária (ainda que, como aliás será desenvolvido logo em seguida, a pobreza signifique, para esse indivíduo, algo muito diferente do que significa para quem experimenta “diretamente” a pobreza); assim, mesmo que haja neste mundo alguém que nunca se vestiu ou se enfeitou para outrem, essa pessoa certamente já viu um segundo se enfeitando para um terceiro, a não ser que tenha sido criada em um mundo completamente desconectado do nosso ou que não disponha das faculdades cognitivas necessárias para interagir conscientemente com o mundo à sua volta; assim, a figura “que chega hoje e fica amanhã” é um tipo com o que todos temos certa familiaridade, com que todos podemos identificar, ainda quando de forma apenas grosseira ou aproximada, algum outro, ou então nós mesmos, caso Simmel esteja correto em sua conjectura de que os indivíduos se socializam como estranhos nas grandes cidades; e que dizer então dos nossos segredos?

quem o foi ontem, mas hoje deixou de sê-lo; este, embora hoje não seja mais pobre, possui uma experiência da pobreza muito diversa daquele que hoje tampouco o é, mas que, além disso, nunca o foi; este outro, por sua vez, tem uma experiência da pobreza diversa daquele que hoje não é pobre, mas que se sente – com ou sem razão – ameaçado de se tornar amanhã; e aquele que se tornou, hoje, pobre, tendo ontem sido rico, tal pessoa experimentará a pobreza de uma forma inteiramente diversa daquela primeira. A categoria formal da pobreza possui, em cada caso, um sentido, um significado, uma importância e uma entonação tipicamente diversas: diversidade essa que espelha, mas em um registro mais geral, a diversidade de experiências acima citada, i.e.: a diversidade do modo como a pobreza é *experimentada*, como ela se relaciona com cada um. E não é só isso: o sociólogo, ele também *deverá* experimentar a pobreza não em todos os seus aspectos, mas apenas parcialmente, ou seja, de forma ainda seletiva⁸⁷. A analogia com o estranho é um veículo bastante adequado para tal seleção na medida em que permite destacar, para fins de análise, um dos inúmeros aspectos dessa categoria polissêmica que é a pobreza: aquele relevado no esquema da analogia, aquele indicado pelo seu *logos*, ou então pela função que é comum a ambos os casos. E se Simmel considera tal destaque necessário, é simplesmente porque acredita que não demos a *esse aspecto da pobreza* a devida atenção, quando passamos por esse lugar-comum do mundo social⁸⁸. Trata-se, no fundo, apenas de chamar a atenção para algo, de enfatizar um aspecto do real que até então ignorávamos – ou (o que, ao menos nesse caso, dá no mesmo) que Simmel acreditava que ignorávamos⁸⁹.

Esse tipo de comparação entre fenômenos sociais distintos – entre as corporações ministeriais e o

---

87. Assim, como vimos na seção anterior, Simmel argumenta que a pobreza também pode ser vista como um fenômeno individual e puramente econômico – embora essa perspectiva da pobreza não seja importante para a sociologia. De resto, a simples busca em *enumerar* tantas experiências da pobreza quantas sejam possíveis enumerar não deixa de ser uma forma particular – e tipicamente intelectualista – de experimentá-la.

88. Consequentemente, assim que Simmel interrompe a análise *desse* aspecto da pobreza, precisamos deixar de lado *essa* analogia.

89. Essa leitura é, em parte, inspirada e informada pelos estudos de Max Black a respeito da metáfora (aqui adaptados ao caso das analogias de Simmel). Reproduzirei nesta nota um trecho especialmente sugestivo do artigo pioneiro de Black a esse respeito. Nesse trecho, o autor trata do efeito cognitivo produzido pela metáfora do homem enquanto lobo:

To put the matter in another way: Literal uses of the word 'wolf' are governed by syntactical and semantical rules, violation of which produces nonsense or self-contradiction. In addition, I am suggesting, literal uses of the word normally commit the speaker to acceptance of a set of standard beliefs about wolves (current platitudes) that are the common possession of the members of some speech community. To deny any such piece of accepted commonplace (e.g., by saying that wolves are vegetarians - or easily domesticated) is to produce an effect of paradox and provoke a demand for justification. A speaker who says 'wolf' is normally taken to be implying in some sense of that word that he is referring to something fierce, carnivorous, treacherous, and so on. The idea of a wolf is part of a system of ideas, not sharply delineated, and yet sufficiently definite to admit of detailed enumeration.

*The effect, then, of (metaphorically) calling a man a 'wolf' is to evoke the wolf-system of related commonplaces. If the man is a wolf, he preys upon other animals, is fierce, hungry, engaged in constant struggle, a scavenger, and so on. Each of these implied assertions has now be made to fit the principal subject (the man) either in normal or in abnormal senses. If the metaphor is at all appropriate this can be done - up to a point at least. A suitable hearer will be led by the wolf-system of implications to construct a corresponding system of implications about the principal subject. But these implications will not be those comprised in the commonplaces normally implied by literal uses of 'man'. The new implications must be determined by the pattern of implications associated with literal uses of the word 'wolf'. Any human traits that can without undue strain be talked about in 'wolf-language' will be rendered prominent, and any that cannot will be pushed into the background. The wolf-metaphor suppresses some details, emphasises others – in short, **organizes** our view of man. (BLACK, 1955, pp. 287-8; grifo conforme o original)*

judaísmo primitivo, entre tipos sociais como o pobre e o estranho, ou entre formações sociológicas tão difíceis de definir exatamente como o são o adorno e o segredo – funciona, via de regra, como um filtro, como um meio para selecionar ou destacar, da forma mais clara que lhe era possível, aquilo que Simmel considerava necessário destacar; como um recurso graças ao qual ele pôde produzir inúmeras imagens da sociedade, cada uma delas apenas tão clara quanto bastasse para que seus interlocutores a apanhassem. Trata-se aí de uma espécie de jogo de recombinação imagética, de um exercício da imaginação sociológica graças ao qual Simmel foi capaz de *desfazer* certas associações aparentemente dadas – as antigas, as que já haviam sido estabelecidas e referidas a um domínio particular – para, com isso, *se ver livre para fazer suas próprias associações*. É por isto que Simmel compara o judaísmo às corporações ministeriais: para romper a conexão dada entre as “formas” e os “conteúdos” da religião; é por isto que compara o pobre ao estranho: para chamar a atenção para o que realmente *significa* estar excluído da sociedade (significado esse em que ambos os fenômenos, ao menos até certo ponto, coincidem); e é por isto que associa o adorno àquele que é, aparentemente, o seu contrário, o segredo: para evitar a conclusão a que seríamos levados, caso tomássemos tal oposição como algo absoluto (ou seja: à conclusão de que o adorno é um fenômeno cuja existência não guarda *qualquer* relação com o segredo). E o exagero que Simmel às vezes comete em tais comparações – exagero esse que, como notou Weber, torna a sociologia de Simmel intragável para o gosto dos especialistas – pode ser concebido como uma espécie de consequência desse procedimento: se elas soam às vezes forçadas, é porque Simmel precisava do impulso de suas analogias para interromper uma linha de pensamento já pré-estabelecida⁹⁰ (como a oposição entre o segredo e o adorno), ou então para romper com limites já bem delimitados do conhecimento (como o são os limites entre os domínios da religião e o da política), no interior dos quais este parece circular viciosamente.

Para nos mantermos no domínio da metafórica do movimento, podemos acrescentar que Simmel frequentemente empregava suas analogias como “pontes” graças às quais ele podia deixar para trás a discussão de um determinado fenômeno localizado numa das margens de seu pensamento para discutir o seguinte, situado na outra margem. Esse é o caso da analogia entre o segredo e o adorno, que aparece imediatamente antes do excuro sobre o adorno, funcionando ao mesmo tempo como um pretexto para introduzir a discussão, e como garantia de que algo como uma sociologia do adorno é ao menos possível⁹¹ – i.e.: que não devemos simplesmente ignorar a hipótese de que o adorno possui certa importância para a manutenção do mundo social, um significado sociológico, de modo que se possa, ao menos em princípio, conceituá-lo como forma de socialização. Há inúmeros outros casos em que a analogia funciona desse modo; e também nesses casos, trata-se sempre de “juntar o que antes estava separado”. A seguinte analogia, em que verifica justamente isso, introduz um dos parágrafos da sociologia do conflito

---

90. Cada uma das quais corresponde a certa “inclinação”, como a que Simmel se refere nas duas passagens extraídas do texto de 1917 sobre o domínio da sociologia que citei ao longo desta seção.

91. Cf. a discussão sobre o valor da analogia como heurística, contida na terceira seção do primeiro capítulo deste trabalho.

de Simmel:

O exemplo da luta esportiva permite, quase com a pureza de um conceito abstrato, situar o princípio do conflito ao lado do da associação – esta que, por sua vez, reúne os opostos numa unidade –, revelando, assim, como cada um deles só obtém a partir do outro seu pleno sentido e efetividade sociológicas. A disputa jurídica está subordinada à mesma forma, ainda que sem essa pureza, sem essa depuração de seus elementos.⁹²

Nessa passagem, é quase como se Simmel se utilizasse da analogia como uma plataforma para passar de um assunto a outro: após discutir, no parágrafo anterior, as lutas esportivas como forma particular de conflito – uma na qual não há um motivo “real” para o conflito, ou melhor: na qual tal motivo é sublimado pela própria forma de sociabilidade e convertido em um fim para si mesmo⁹³, dando lugar, assim, a um formalismo radical do “conflito pelo conflito” –, Simmel se apropria dessa discussão de modo a convertê-la em um enquadramento geral para tratar de um *outro* fenômeno: o da disputa jurídica. A analogia com a luta esportiva permite *destacar* o formalismo que também se manifesta nas disputas jurídicas⁹⁴, na medida em que estas se desenrolam num domínio da realidade em que se desenvolveu algo como uma legalidade própria, uma dinâmica particular até certo ponto indiferente às motivações que atuam em seu exterior – a saber, o domínio do direito⁹⁵.

O formalismo da sociologia de Simmel, assim como aparece implicado em suas analogias, é análogo ao formalismo que ele detecta entre as duas formas de socialização em pauta. Não é um formalismo logicista – ainda que, em alguns casos, como em **S.3.a.6**, esteja como que envernizado por uma espécie de logicismo –, mas sim o formalismo do jogo pelo jogo. Pois a analogia fornece aqui apenas um esquematismo muito geral graças ao qual ele pode *extrapolar* a análise realizada junto a certo fenômeno – junto à sua sociologia da pobreza, à sua sociologia do segredo, aos seus estudos sobre as disputas esportivas – para outro – para sua sociologia da migração, para sua sociologia do adorno e a do perfume⁹⁶, ou então para a sociologia do direito. Por meio de analogias como essas, Simmel produz, a partir da sociologia que ele já dispunha, mais sociologia⁹⁷ – expande o seu domínio *possível*, ainda que

---

92. **S.4.a.10**, em GSG, v. 11, pp. 305.

93. O que é diferente – embora essa diferença seja apenas quantitativa, conforme o argumento de Simmel – de uma disputa por algo *exterior* ao conflito: p. ex.: no caso de uma guerra por território. Nesse caso, o conflito é um meio cuja finalidade é, para uns, a aquisição de um novo domínio, e, para outros, a manutenção do antigo.

94. Mas nesse caso apenas como tendência geral e, portanto, de forma mais incompleta do que no caso análogo.

95. E a analogia com a luta esportiva não é sequer o único recurso com o qual Simmel busca ressaltar o formalismo característico das disputas jurídicas; ele também menciona um exemplo bastante curioso: Otto, o grande, teria decretado que certas contendas jurídicas deveriam ser resolvidas por meio de uma luta – sendo os lutadores em questão não os próprios envolvidos na contenda, mas sim lutadores profissionais. Tais lutadores representariam os envolvidos de forma análoga a como o fazem os advogados, com a diferença crucial de que, no caso dos lutadores, a ideia seria a de que deus “revelaria” qual dos representados estava com a razão guiando o lutador que o representava à vitória (e não custa nos lembrarmos de que Otto, o grande, foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico no século X). Cf. GSG, v. 11, p. 306.

96. Cf. **S.9.c.16** – que é uma analogia entre o perfume e o adorno, comentada na seção anterior, e em que o esquema da analogia com o segredo é repetido.

97. Mas é claro: do mesmo modo que a arte é, para Simmel, sempre mais do que arte, estando integrada com as demais correntes da vida, assim também sua sociologia é também sempre mais que sociologia. E é isso o que iremos verificar na seção seguinte.

não necessariamente o seu domínio *efetivo*⁹⁸. Ou então, para recorrer aqui ao instrumental analítico apresentado no primeiro capítulo deste trabalho: o valor das analogias propriamente sociológicas é ainda inteiramente heurístico. Por meio delas, Simmel descortina inúmeros espaços possíveis para a atuação da sociologia – novos espaços –, mas ao custo de nunca efetivamente *ocupá-los*⁹⁹. A tarefa de verificação, aqui simbolizada pela metáfora da ocupação de um território, é deixada para um momento posterior da pesquisa sociológica, mas esse é um momento a que Simmel nunca chega, na medida em que ele nunca realmente *confronta* suas ideias com a realidade¹⁰⁰. É sobretudo nesse sentido que sua sociologia formal é realmente apenas formal. É quase como se, em sua sociologia, o elemento criativo e lúdico – sem o qual ciência alguma existiria, mas com o qual esta tampouco se contenta – se encontrasse, por assim dizer, hipertrofiado: a imaginação sociológica está por toda a parte, é difícil encontrar um único parágrafo da *Soziologie* que não contenha alguma boa ideia, algum *insight*, e no entanto é igualmente difícil nos desvencilharmos da impressão – que soa tão pejorativa para alguns – de que tais ideias “não levam a lugar algum”. Essa impressão não é inteiramente equivocada: justamente porque o que interessava a Simmel era *chegar* a elas, era descortiná-las, e uma vez que chegava a uma forma de socialização e descrevia, por meio de conceitos abstratos, o que viu, Simmel simplesmente partia para outra, apoiando-se, muitas vezes, em analogias para tal. Dito de outro modo, e focando, agora, no papel que as analogias possuem no jogo em que se constitui a sociologia simmeliana: tais analogias contêm apenas os *princípios* de organização do material empírico¹⁰¹. A sociologia que Simmel praticava, quando estabelecia suas analogias propriamente sociológicas não é aquela que ele prometeu realizar no prefácio à *Soziologie*; a enorme contribuição que Simmel realmente ofereceu aos sociólogos corresponde, curiosamente, muito

---

98. Expansão essa que equivale à aquisição de novos conhecimentos factuais sobre o mundo social.

99. O que Simmel não se considera em condições de fazer sozinho, como vimos na nota de rodapé apresentada no começo desta seção.

100. A omissão das fontes, a ausência de citações, a valorização da experiência vivida, a dependência face ao conhecimento de senso comum e até mesmo a postura refratária em relação à estatística – todas essas, além de serem marcas registradas da evidência de tipo anedótico, também podem ser concebidas como estratégias que visam evitar tal confronto.

101. Como sabem os biólogos desde Darwin, a analogia é um recurso classificatório intrinsecamente limitado. Como vimos, Simmel compara a representação divina nas religiões monoteístas e a figura do senhor feudal de modo a destacar a semelhança funcional comum a ambas – tomemos mais uma vez essa analogia como exemplo, comparando-a agora à analogia biológica entre a asa das aves e a dos insetos. Na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho, estudamos como esse modelo analógico está sujeito a certas limitações em seu escopo; uma dessas limitações pode ser indicada lembrando que a função comum a ambos os casos – a de “voar” – é na verdade uma categoria altamente genérica, admitindo, portanto, um grau de detalhamento apenas muito limitado, incompatível com o nível atual de refinamento da sensibilidade científica para a diferença entre os fenômenos biológicos; outra de suas limitações, talvez até mais importante para os nossos fins, consiste em que, embora seja possível separar todas as formas de vida em dois grupos de acordo com essa função – os que voam, e os que não voam –, tal classificação simplesmente não pode ser logicamente coordenada com outras classificações congêneres (p. ex.: com a classificação que consistiria em separar todas as formas de vida que possuem nadadeiras das que não as possuem), o que implica que, de tal coordenação, não é possível extrair um sistema classificatório consistente com o material empírico disponível, uma grande taxonomia das formas de vida como aquela de que, atualmente, dispomos. Como argumentei, o único sistema classificatório viável para lidar de forma consistente com o problema da diversidade das formas de vida no plano da biologia é aquele baseado no princípio *oposto* ao analógico: o histórico (cf. aqui a discussão entre analogia e homologia, trazida à tona na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho). A partir daí, podemos concluir que, se o objetivo de Simmel fosse produzir um grande sistema classificatório capaz de englobar todas as formas de socialização, estaria condenado ao fracasso, a não ser que abandonasse suas analogias em favor de alguma outra coisa. Como sabemos, esse não era o objetivo de Simmel – e por aí chegamos ao ponto de que partimos, i.e.: à ideia de que as analogias de Simmel contêm apenas os *princípios* para a organização do material das ciências do espírito, ao passo que algo como a classificação sistemática das mesmas seria, por assim dizer, sua finalidade, seria o resultado acabado da aplicação de um tal princípio, algo no fundo completamente diferente do que Simmel estava em condições de fazer.

mais de perto à promessa mais restrita que encontramos não no prefácio, nem no primeiro capítulo do livro, onde o hábito nos levaria a procurar por tais promessas: mas sim numa nota de rodapé do primeiro dos capítulos em que Simmel teve a coragem de expor o que ele tinha a oferecer à sociologia, deixando nesse momento para trás as promessas e os planos de fazer sociologia, para levá-la a termo – ainda que apenas a seu modo.

III.3. Limites da imaginação sociológica de Simmel: comentários a propósito de suas analogias extrassociológicas

“Um jogo desses, contudo, não exclui o mais extremo esforço, nem o risco mais extremo” (Georg Simmel)

O papel de sociólogo foi apenas um dentre inúmeros papéis que Simmel representou em sua trajetória. Para dar vida a esse papel, Simmel buscou energicamente demarcar o lugar dessa ciência que então emergia – embora ele mesmo, na prática, não se detivesse em tais limites, atravessando-os sempre que a oportunidade surgia. Até agora, contudo, investigamos apenas como Simmel trouxe, para dentro dos limites de sua sociologia – quer para projetar seu domínio possível, quer para constituir seu objeto próprio de investigação – ideias, noções ou esquemas conceituais que não eram propriamente sociológicos; mas o pensamento de Simmel também se movia, com bastante frequência, na direção oposta, ou seja, no sentido de extrapolar ideias gestadas em sua sociologia para além desse domínio particular. No último de seus trabalhos dedicados à sociologia – as *Grundfragen der Soziologie*¹ –, Simmel assimilaria esquematicamente esse passo de sua sociologia ao conjunto das tarefas legítimas do sociólogo em geral, na medida em que dividiria o campo de atuação reservado a este em três porções analiticamente distintas: a sociologia geral, a sociologia pura e a sociologia filosófica – esta última fragmentada, por sua vez, em duas províncias: uma epistemológica, outra metafísica². A tarefa da

---

1. Que doravante chamarei apenas de “*Grundfragen*”; trata-se de SIMMEL, 2006, *Questões fundamentais da Sociologia*.

2. Cf. GSG, v. 16, pp. 62-87; trata-se do primeiro capítulo das *Grundfragen*, disponível em português em SIMMEL, 2006, pp. 7-38. Como argumentei na primeira seção deste capítulo (cf. a nota 71 da referida seção, à p. 210), é razoável considerarmos que, ao abrir espaço para uma sociologia geral a essa altura de sua vida (as *Grundfragen* foram publicadas em 1917), Simmel está, ao menos em parte, fazendo uma concessão considerada devida diante do fracasso de seu projeto de demarcação rigorosa de uma sociologia científica (uma vez que tal projeto implicava justamente a superação do caráter geral da sociologia). Tal interpretação é consistente com o seguinte detalhe: deixando de lado as distinções que o próprio Simmel fornece, no primeiro capítulo das *Grundfragen*, do que seria a sociologia geral em comparação à pura (distinções essas que considero um pouco confusas), e nos atendo somente aos *exemplos* por ele selecionados, em meio à sua vasta produção sociológica, para ilustrar o que deveríamos achar, quando adentrássemos cada um desses dois domínios – enfim, atendo-nos a isso e a isso apenas, somos levados à conclusão de que talvez a sociologia geral seja apenas aquela praticada pelo jovem Simmel, aquela que ele mesmo buscou superar por meio da distinção entre as formas e os conteúdos da socialização, ou seja, com sua sociologia pura ou formal. Afinal, o segundo capítulo do livro (cf. GSG, v. 16, pp. 88-102, também disponível em SIMMEL, 2006, pp. 38-58), em que Simmel exemplifica a sociologia geral, é em parte decalcado do quarto capítulo de *Über soziale Differenzierung* (disponível em GSG, v. 2, pp. 199-237), contendo inclusive alguns trechos que permaneceram inalterados de um texto a outro, conservando-se assim idênticos por 28 anos (compare-se, p. ex., GSG, v. 2, p. 200, com GSG, v. 16, pp. 92-3)! Se Simmel se serve de suas ideias de juventude para exemplificar a sociologia geral, seleciona, para exemplificar a sociologia pura (cf. GSG, v. 16, pp. 103-121, também disponível em SIMMEL, 2006, pp. 59-82; trata-se do terceiro capítulo das *Grundfragen*) justamente aquele que seria seu *último* ensaio original enquanto sociólogo (“*Soziologie der Geselligkeit*”, i.e.: uma sociologia da sociabilidade, disponível em GSG, v. 12, pp. 177-193; quando afirmo que esse é o último ensaio original de Simmel como sociólogo, estou, de um lado, desconsiderando as *Grundfragen*, em que Simmel apenas atualiza ou recicla trabalhos anteriores, e, de outro lado, considerando como “ensaios que Simmel publicou enquanto sociólogo” apenas aqueles em cujo título se lê seja a palavra “*Soziologie*”, seja um de seus derivados). (Para ser mais exato, convém notar que Simmel publicaria apenas dois ensaios como sociólogo – no sentido acima indicado – após ter acabado a *Soziologie*: um já sabemos qual é, e o outro é uma breve “*Soziologie der Mahlzeit*”, i.e. uma sociologia da refeição. Esse trabalho foi publicado apenas alguns dias antes da conferência inaugural de Simmel realizada no primeiro congresso da Deutsche Gesellschaft für Soziologie (associação que Simmel, ao lado Weber, Tönnies, Sombart e de outros, ajudou a fundar), ocorrido em outubro de 1910 – sendo o ensaio “*Soziologie der Geselligkeit*” apresentado nessa ocasião, e publicado no ano seguinte, nos anais do congresso. Chamo atenção para isso apenas para indicar esses dois trabalhos tardios de sociologia são frutos dos compromissos profissionais de Simmel com a associação em questão – da qual ele se desligaria

metafísica social tardiamente explicitada por Simmel – sendo essa a província da sociologia filosófica que nos interessa a esta altura – seria a seguinte: a de conduzir a uma complementação e a uma contextualização da pesquisa gerada no domínio particular da sociologia, no sentido de propor questões de ordem mais geral, referidas a valores e, nessa medida, impossíveis de serem respondidas de forma meramente analítica pela ciência³. A perspectiva sociológica funcionaria, nesse caso, apenas como um ponto de partida para uma visada mais geral sobre a totalidade da existência humana. O exemplo que o Simmel das *Grundfragen* fornece para o que seria uma sociologia filosófica é uma discussão em torno das relações entre indivíduo e sociedade – mais exatamente, uma discussão do sentido que a noção de individualismo teria para as visões de mundo dos séculos XVIII e XIX⁴. Essa discussão já havia sido, porém, ensaiada no décimo capítulo da *Soziologie*, em que Simmel, por sinal, já falava em uma metafísica social⁵, ainda que sem encaixá-la no esquema trifásico das tarefas básicas da sociologia que ele viria a apresentar nas *Grundfragen*. Logo nas primeiras linhas desse capítulo, Simmel adverte seu leitor de que suas investigações tomariam, nas páginas seguintes, um rumo diferente daquele que as anteriores haviam tomado: afirma que irá explorar não mais um determinado conceito sociológico (tais como: o conflito, o pobre, a conservação do grupo, ou mesmo o espaço, em sua relação com a sociedade), e sim determinada correlação – aquela entre a ampliação do grupo e a formação da individualidade. É verdade que Simmel não se refere de imediato a essa correlação como sendo objeto de uma metafísica social – mesmo porque tal correlação deve, antes de tudo, ser referida à sua teoria da diferenciação social, conforme esta havia sido apresentada já em seu livro explicitamente dedicado ao problema⁶ –, mas, à medida que avançamos

---

alguns anos depois.) – Algo inteiramente diverso se passa se considerarmos a distinção entre essas duas sociologias e a filosófica: nesse caso, a distinção é, em primeiro lugar, uma espécie de reconhecimento ou explicitação de uma característica constitutiva do estilo filosófico de Simmel, característica essa que ele nunca realmente pretendeu superar. Considero, por conta disso, que essa distinção é muito mais relevante para entendermos a sociologia praticada por Simmel que a distinção anterior, entre uma sociologia geral e outra pura (sobretudo levando em conta a forma como essa distinção é apresentada nas *Grundfragen*). Assim, ao dividir o campo de atuação do sociólogo em três domínios distintos, um deles sociológico apenas em sentido francamente equivocado (o da filosofia social), Simmel põe em destaque um dos movimentos fundamentais de seu estilo de fazer sociologia. Tal conclusão – que será retomada mais a frente, nesta seção – é, de resto, consistente com a constatação de que haja analogias tipificadas como “epistemológicas” e como “socialfilosóficas” ao longo de toda a *Soziologie* (para uma visão disso, cf. a Tabela 3 do apêndice “Gráfico e Tabelas referentes ao índice”).

3. Cf. GSG, v. 16, pp. 84-87; também disponível em SIMMEL, 2006, pp. 35-38.

4. Texto esse sobre o qual Simmel já havia trabalhado bastante, e não só em seus livros de sociologia. Assim – para citar apenas um exemplo, que considero interessante por se tratar de um livro referido ao domínio da filosofia da arte –, algumas das ideias que seriam apresentadas nas *Grundfragen* já haviam aparecido, ainda que apenas esparsa ou modificadamente, em *Goethe* (cf. GSG, v. 15, pp. 151-4; trata-se aí das passagens introdutórias do quinto capítulo do livro, intitulado “Individualismus”; a primeira edição do livro foi publicada em 1913, portanto quatro anos antes das *Grundfragen*).

5. Compara-se, p. ex., as referências contidas na nota imediatamente anterior a esta (das *Grundfragen* e de *Goethe*) com GSG, v. 11, pp. 811-4 (trata-se de um único parágrafo), ou então com o conteúdo das pp. 840-4 (também um único parágrafo). É nesse último parágrafo que Simmel se refere diretamente a algumas das ideias ali tratadas como “especulações da metafísica sociológica” (cf. a p. 842).

6. Parte do conteúdo desse capítulo é inclusive decalcado do terceiro capítulo do livro sobre a diferenciação social (originalmente publicado em 1890), como o próprio Simmel informa na nota de rodapé contida em GSG, v. 11, p. 791; e esse terceiro capítulo (disponível em GSG, v. 2, pp. 169-198), é, por sua vez, decalcado de um texto de 1888, intitulado “Bemerkungen zu socialethischen Problemen”, i.e.: “Comentários a respeito de problemas ético-sociais” (disponível em GSG, v. 2, pp. 20-36). Há também uma afinidade temática e conceitual bastante óbvia entre a discussão aí contida e o quarto capítulo da *Philosophie des Geldes* (dedicado ao problema da liberdade individual); até mesmo a correlação entre a economia monetária e o aumento da liberdade individual, detalhadamente explorada no referido capítulo da *Philosophie des Geldes*, é retomada no último capítulo da *Soziologie*, ainda que a discussão ocupe, aí, apenas um parágrafo (cf. GSG, v. 11, pp. 831-2). É ainda conveniente observarmos –

na leitura do capítulo, a natureza metafísica da discussão desponta de forma cada vez mais palpável, até o ponto em que não só flagramos o próprio Simmel falando, com todas as letras, em uma metafísica social⁷, como, além disso, especulando, no último dos treze excursos inseridos ao longo da *Soziologie*, em torno do papel que o raciocínio analógico teria no âmbito de uma tal metafísica social.

Como vimos, essa última pode ser concebida como uma extrapolação da sociologia, um salto para fora de tal domínio – mas não exatamente um salto no vazio da abstração metafísica, pois Simmel sempre caía em terreno que lhe era familiar. Afinal, parte considerável dessas extrapolações o levavam a discutir seja questões referentes à complicada relação entre indivíduo e sociedade, seja as referentes à também complicada relação entre o mundo social e o das formações cognitivas⁸ – duas questões sobre as quais Simmel se dedicou intensamente e que, de resto, estão estreitamente ligadas entre si, ainda mais se considerarmos o contexto filosófico em que ele se achava inserido⁹. Antes, contudo, de retomarmos o que Simmel escreveu explicitamente sobre o assunto, convém apresentar uma das analogias por meio das quais ele executava tal extrapolação – tirada não do último capítulo da *Soziologie*, mas do quarto, dedicado à sociologia do conflito¹⁰.

Caso, por conseguinte, as relações de conflito não resultem, por si mesmas, numa formação social, mas apenas produzam tal resultado em sua correlação com energias harmonizadoras, de tal modo que a unidade concreta da vida do grupo se constitua somente na junção de ambas – então, nessa medida, praticamente se desfaz a distinção entre aquelas relações de conflito e as demais formas de relação que a sociologia extrai da multiplicidade da existência. Nem o amor ou a divisão do trabalho, nem a atitude comum diante de um terceiro ou a amizade, nem a filiação partidária ou a supra- e a subordinação – nada disso deveria ser suficiente para, por si só, trazer à tona ou servir de suporte para uma união histórica, e onde quer que esse seja, apesar de tudo, o caso, então o processo assim designado já deverá conter em si uma variedade de formas de

---

juntando assim as duas indicações contidas nesta nota de rodapé – que esse parágrafo em particular não constava do terceiro capítulo do livro sobre a diferenciação social.

7. Conforme o referido na nota 5, logo acima desta.

8. É importante aqui lembrarmos que há uma grande afinidade *temática* entre o conjunto de analogias que, para fins de montagem do índice, tipifiquei como socialfilosóficas: quando consideramos essas analogias, observamos que, nelas, Simmel sempre se refere seja a (1) semelhanças entre formações sociológicas e individuais, seja a (2) semelhanças entre formações sociológicas e cognitivas (como é o caso de **S.8.a.36**, uma analogia entre a burocracia e a lógica). Esse denominador comum, que considero de natureza temática, é – para os nossos fins – mais importante do que a caracterização proposta pelo próprio Simmel do que seja a metafísica social. Assim, p. ex., Simmel postula para a metafísica social a tarefa de discutir questões referentes a valores, tais como: seria a sociedade uma finalidade para a existência humana, ou um meio para o indivíduo?; ou: estaria o valor definitivo da evolução social na formação da personalidade ou na da associação? (cf. GSG, v. 16, p. 86; também disponível em SIMMEL, 2006, p. 37). Porém, mesmo admitindo que Simmel efetivamente *postulava* tais questões nesses termos, quando fazia metafísica social (o que já é duvidoso, pois há uma inconsistência pronunciada entre, de um lado, algumas das formulações em que se baseiam tais questões e, de outro, seu estilo filosófico “relativista”, na acepção restrita que o próprio Simmel atribuía a este último termo), devemos duvidar de que a discussão oriunda desses questionamentos assumisse a forma de uma resposta, mesmo que provisória. Assim, se é que Simmel efetivamente formulava tais questões nesses termos para fazer metafísica social, parece-me bastante mais razoável supor que tais questões funcionavam, quando muito, como meros *pretextos* para suas especulações – que, por sua vez, gravitavam sobretudo em torno seja das relações entre indivíduo e sociedade, seja das relações entre o mundo conceitual das representações e o mundo social.

9. Em que as ideias de Kant eram uma referência importante – talvez a mais importante.

10. A ideia aqui é indicar como Simmel atravessava as fronteiras que ele mesmo havia buscado estabelecer para a sua sociologia, passando daí à metafísica social, ao longo de sua *Soziologie*, e não somente no último capítulo – aquele no qual ele, como veremos, abordaria o problema explicitamente. É claro que essa analogia não foi selecionada ao acaso: como veremos, há certa continuidade entre a discussão apresentada a essa altura do quarto capítulo, e aquela apresentada no último dos excursos da *Soziologie*.

relação passíveis de serem distinguidas umas das outras; é simplesmente da essência das almas humanas o não se deixarem ligar umas às outras por *um* fio apenas, ainda que a análise científica se detenha diante de tais unidades elementares apenas na medida em que considera as forças unificadoras específicas nelas contidas. Sim, talvez essa decomposição como um todo seja (e isso em um sentido que ultrapassa e, aparentemente, se opõe ao que se afirmou até aqui) uma ação meramente subjetiva: talvez, em inúmeros casos, as ligações entre os elementos particulares seja algo de inteiramente unitário, mas *essa* unidade seria inconcebível para o nosso entendimento – e é justamente na consideração daquelas relações mais ricas, que ganham vida junto a conteúdos os mais variados, que tal unidade mística se manifesta de forma mais aguda para a nossa consciência –, de modo que só nos restaria apresentá-las como o efeito combinado de uma multiplicidade de energias unificadoras. Tais energias se delimitam e modificam umas às outras, até o ponto em que vem à tona a imagem a que a realidade objetiva chegou por um caminho muito mais simples e homogêneo – um caminho, porém, por onde o entendimento representador [nachzeichnend] não consegue passar. Mas o mesmo se verifica se considerarmos agora os processos internos à alma individual. Tais processos são, a cada momento, tão complicados, abrigam uma pletora tão variada e tão contraditória de flutuações, que o ato de designá-las mediante *um* dos nossos conceitos psicológicos é sempre em algo incompleto e propriamente equivocado: tampouco entre os momentos vitais da alma individual se tenciona *um* fio apenas. E contudo essa é ainda apenas uma imagem que o pensamento analítico obtém da unidade da alma, esta que, por sua vez, lhe é inacessível. Certamente muito disso que não temos outra alternativa, senão a de representar como sendo um amálgama de sentimentos, como sendo uma concatenação de inúmeros instintos, como sendo uma concorrência de sensações opostas é algo em si mesmo inteiramente unitário; mas falta ao entendimento, que opera por cálculos, o esquema para uma tal unidade, e por isso ele precisa construí-la como uma resultante de elementos vários. Se nos sentimos simultaneamente atraídos e repelidos pelas coisas; se características nobres e baixas parecem se combinar numa determinada ação; se o sentimento em relação a uma pessoa resulta da composição entre respeito e amizade, ou entre, de um lado, impulsos paternos ou maternos e, de outro, eróticos, ou entre valorações éticas e estéticas – enfim, em casos como esses, por certo amiúde nos referimos a processos que são, em sua efetividade anímica, inteiramente unitários, mas que não podemos designar diretamente, o que nos leva a concebê-los (apoiando-nos para tal nas mais variadas analogias, nos motivos de que já dispúnhamos ou nas consequências externas que dali decorrem) como um concerto de elementos anímicos diversos.¹¹

A passagem é, do começo ao fim, informada por uma longa comparação analógica entre determinadas formações sociológicas e determinadas formações individuais. Trata-se de uma analogia complicada, que podemos desdobrar de inúmeras maneiras¹². Podemos descrevê-la, p. ex., da seguinte forma: a

---

11. **S.4.a.5**, disponível em GSG, v. 11, pp. 291-2 (os *grifos* estão conforme o original, e aqui a passagem foi citada em um registro ampliado, em relação ao índice). As cinco últimas orações contidas na citação poderiam, em princípio, ser importadas do domínio da sociologia para o da psicologia – e com efeito a relação entre os vários exemplos de estados psicológicos a que Simmel se refere na última oração é uma relação de analogia exatamente no mesmo sentido com que trabalhei na seção anterior (com a diferença, é claro, de que agora não se trata mais da coordenação de exemplos referidos ao domínio da sociologia, mas sim ao da psicologia). Poderíamos, a partir daí, obter uma imagem do que seria uma psicologia “pura” ou “formal” simmeliana, análoga à sua sociologia pura; essa imagem se apresenta, ainda que de forma bastante incipiente, em algumas das analogias que se acham arroladas no índice, a saber: nas referidas ao tipo “socialpsicológico”. Simmel, contudo, se serve de tais analogias (por sinal pouco numerosas) em geral apenas para auxiliar na elucidação de certos aspectos desta ou daquela forma de socialização específica – conforme o discutido no capítulo anterior (cf. o item II.1.6.1.1.3, a partir da p. 126).

12. E aqui é o lugar de problematizarmos algumas formulações com que tenho operado neste trabalho, para esclarecer ao máximo a natureza das mesmas. A sociologia filosófica de Simmel é dividida, como já vimos, em duas províncias distintas: uma

sociologia, enquanto ciência, opera de modo a isolar ou depurar ou traduzir para sua linguagem própria toda uma série de eventos que, enquanto tais – “em essência”, i.e.: considerados em si mesmos –, não se encontram completamente isolados ou desligados uns dos outros, formando, efetivamente, um processo unitário, sendo que essa situação mais geral encontraria, na sociologia do conflito, um de seus exemplos mais destacados¹³; e o mesmo se aplicaria na consideração dos fenômenos radicados no indivíduo. Obtemos, como um desdobramento disso, a seguinte constelação, também analogicamente exprimível: embora possamos pensar que a formação de círculos sociais concretos seja, ao menos em princípio, algo em si mesmo inteiramente unitário, essa é uma unidade a que o nosso entendimento não chega (falta-lhe, como sugere Simmel, o esquema dessa unidade e, por isso, não podemos imaginá-la); dada essa circunstância, a racionalidade científica não nos deixaria outra alternativa que não a de concebê-la como um mero efeito combinado entre unidades conceituais analiticamente distintas¹⁴ – e assim analogamente em um registro psicológico, em que também haveria determinados estados de ânimo que, mesmo quando sejam por si só formações completamente unitárias, não poderíamos conceber enquanto tais, de modo que só nos restaria concebê-los como sendo o efeito combinado de sentimentos e estados de ânimo analiticamente distintos e eventualmente inclusive opostos. Ou ainda, e agora para formular a analogia em um registro mais simples, e em que seu aspecto metafísico transparece de forma mais clara:

---

situada antes da sociologia propriamente dita, na forma de uma epistemologia, e outra situada depois, na forma de uma metafísica social. Ocorre que tal divisão – e o alto grau de esquematismo nela envolvido já é um indicativo disso – não deve ser tomada ao pé da letra, ou seja: é, também ela, apenas uma “força de expressão”, uma tentativa de fornecer, à sociologia em si mesma fragmentada que Simmel produziu, o acabamento sistemático que se espera daquele que se propõe a assumir o papel de cientista (ponto esse que será retomado ao fim deste capítulo). Esse é um recurso especialmente importante em um livro “didático” ou introdutório, como é claramente o caso das *Grundfragen*. Além disso, dado que tal divisão informa, por sua vez, a tipificação das analogias que destaquei da *Soziologie* (conforme o exposto no capítulo anterior a este), a constatação da natureza radicalmente metafórica de tal divisão tenderá a alimentar a expectativa de que as analogias classificadas como “socialfilosóficas” possam ser desdobradas de modo a se deixarem classificar como “epistemológicas”, e vice-versa – e, com efeito, tal expectativa pode ser satisfeita em inúmeros casos. P. ex., para aproveitarmos o caso que acabei de apresentar (S.4.a.5): tal analogia também pode ser concebida como situada entre os domínios da sociologia e da psicologia, o que nos levaria a classificá-la como “epistemológica”. Sustento, porém, que haja ao menos um aspecto dessa analogia “epistemológica” que não pode ser reduzido ao núcleo das ideias apresentadas na primeira seção – e é desse aspecto que gostaria de tratar nesta seção, ao conceber tal analogia sob o registro da metafísica social proposta por Simmel.

13. Esse último ponto talvez não pareça tão claro no trecho em questão – o que, em parte, se deve simplesmente a que a passagem tenha sido retirada de seu contexto para fins de citação e, em parte, a que Simmel estivesse, a essa altura do capítulo, justamente se *desviando* da sociologia para discutir questões mais gerais (ainda que, como aliás devemos ter em mente, Simmel, ao se referir a fenômenos psicológicos, esteja, ainda que apenas *indiretamente*, tratando de questões que considerava relevantes para uma sociologia do conflito – e devemos ter isso em mente porque, afinal, tal derivação não é feita de qualquer forma, mas sim apoiada numa analogia extrassociológica entre formações sociais e individuais). Para mostrá-lo, consideremos os dois primeiros períodos do trecho. Neles, Simmel compara o conflito a outras formas de socialização, sendo que sua ideia é basicamente a de mostrar que o conflito, embora possa ser concebido como uma força negativa (i.e.: como algo “destrutivo”, como uma energia que desagrega ou rasga o tecido social), interessa à sociologia apenas quando concebido como uma forma inteiramente *positiva* de socialização (i.e.: como sendo um dos fios que compõem aquele tecido), no mesmo sentido que o são o amor, a divisão do trabalho, a amizade, a subordinação, e etc. – ideia essa que precisa ser sustentada, para que a sociologia possa reivindicar para si a análise do conflito. O rumo da argumentação de Simmel é este: ele concede, em um primeiro momento, que talvez o conflito só produza círculos sociais concretos caso seja combinado com *outras* forças socializadoras, aí incluídas aquelas que, ao contrário do conflito, podem ser mais comodamente descritas como sendo “energias harmonizadoras” – mas logo em seguida observa que o mesmo se aplica às demais formas de socialização, na medida em que estas nada mais são do que estratégias do conhecimento para abordar e apreender uma realidade externa que não podemos acessar imediatamente. É a partir desse ponto que Simmel deixa o domínio da sociologia pura para trás e deriva para o da metafísica social.

14. De modo que um *determinado* círculo social (i.e.: um círculo social passível de ser precisamente situado no tempo e no espaço) apenas possa ser concebido pela sociologia, i.e., traduzido para sua linguagem própria, como sendo o resultado agregado daquelas formas que a imaginação sociológica trata discriminadamente: o conflito, a divisão do trabalho, a amizade, o amor, subordinação, etc.

assim como seria da essência das almas humanas o não se deixarem ligar umas às outras por um fio apenas, de modo que sua participação no mundo social seria determinável apenas como combinação de múltiplas variáveis, assim também os fenômenos internos a cada alma individual¹⁵ – o que, enfim, nos conduz à especulação extrassociológica de acordo com a qual a estrutura da sociedade (uma formação *interindividual*) espelharia, ao menos em algumas de suas partes, a do indivíduo (uma formação *intraindividual*)¹⁶.

É esse o núcleo aglutinador das analogias socialfilosóficas de Simmel: todas elas se referem, de algum modo, a essa correlação entre o que está “dentro” e o que está “entre”. Ocorre que, no quarto capítulo da *Soziologie*, essa modulação específica da analogia extrassociológica entre formações sociais e formações individuais só interessa a Simmel na medida em que lhe permite abrir a possibilidade de que certo impasse cognitivo gerado no interior da sociologia do conflito se resolva¹⁷. Caso retomemos, agora, o último dos excursos da *Soziologie*, veremos que, apenas algumas poucas páginas após se referir às discussões ali contidas como “especulações de uma metafísica social”, Simmel trataria da problemática em torno do recurso a tais analogias – a saber, aquelas entre formações sociais e individuais – de forma bastante direta e explícita. Vejamos o que ele tinha a dizer a esse respeito, tomando nota de que o trecho em seguida já é, por si só, um comentário bastante apropriado, inclusive do ponto de vista temático, para a analogia contida no capítulo quarto, que acabei de apresentar:

Essa analogia não é em si e para si de natureza sociológica, mas sim de natureza socialfilosófica, na medida em que seu conteúdo não é um conhecimento da sociedade, mas um nexos geral que encontra na forma social apenas um de seus exemplos. Que os indivíduos se comportem uns em relação aos outros no interior da sociedade da mesma forma como os componentes da alma se comportam no interior de um espírito em particular – essa é uma observação muito antiga. Pode-se pensar aqui em algo como uma análise combinatória geral dos elementos psíquicos, em formas de relação entre tais elementos que se repetem regularmente. Esse é o caso, p. ex. – conforme o que será exposto mais a frente, no que diz respeito às evoluções individualpsicológicas e as teóricas –, de um conglomerado relativamente estreito e homogêneo de elementos, de tal modo formado que (qualquer que seja sua natureza) sua ampliação esteja condicionada a que cada um dos elementos em particular se autonomize e se distinga qualitativamente cada vez mais de todos os outros; assim, não seria mais possível conciliar a autonomia de cada elemento com a delimitação do campo de atuação e de existência de uns pelos outros, e com isso introduzir-se-ia uma pressão eliminatória mútua, uma espécie de luta pela existência entre os elementos individuais; assim,

---

15. Atenho-me aqui ao vocabulário do próprio Simmel, que empregava com bastante frequência termos que, hoje, consideramos imprecisas, tais como “alma” [Seele] e “espírito” [Geist] – mas que eram moeda corrente no mercado das ideias filosóficas em que Simmel tomou parte (e que, por isso mesmo, serão consideradas com maior atenção ao longo do próximo capítulo deste trabalho, em que se tratará da *filosofia* do dinheiro de Simmel).

16. Essa correlação pode, por sua vez, ser concebida como uma estratégia que visa relativizar a distinção entre indivíduo e sociedade – seguindo, nesse aspecto, a tendência que Simmel detecta na ciência moderna no sentido de conceber os conteúdos do mundo cada vez menos em termos substancialistas, e cada vez mais segundo uma metafórica relacional. Trata-se aí, antes de tudo, de evitar tratar seja a sociedade, seja o indivíduo como unidades ontológicas fundamentais – i.e.: como conteúdos do mundo absolutamente distintos uns dos outros.

17. Aquele advindo do caráter “negativo” do conflito, do seu efeito desagregador, que *parece* se opor irremediavelmente a seus efeitos “positivos”.

justamente devido a que se forme, dentro do elemento individual, uma multiplicidade que, sendo ela mesma um todo, é capaz de se contrapor ao todo mais abrangente, manifesta-se, junto ao indivíduo, uma tendência ao arredondamento e à completude que já não pode ser conciliada com seu papel enquanto parte e membro daquela outra totalidade; é preciso, assim, que haja um conflito entre o elemento enquanto algo especial e o elemento enquanto parte de um todo, ou melhor, entre uma província do todo e sua natureza (possível ou efetiva) enquanto unidade fechada para si – e assim por diante. Resumindo: é possível pensar em tipos gerais de relação anímica diante das quais as formas sociológicas se encontrariam conceitualmente subordinadas enquanto casos especiais (a saber, aqueles nos quais os elementos em questão sejam os indivíduos socializados), assim como, igualmente, se passa com tais formas sociológicas em relação aos grupos singulares de processos concretos de socialização. Obter-se-ia com isso um fundamento mais profundo para a afirmação de que se pode designar o Estado como »o homem em escala ampliada«. Mas seria preciso – desconsiderando agora tal formulação – investigar ainda as relações *imediatas* entre sociedade e indivíduo, no sentido de mostrar como aquelas semelhanças entre um e outro se realizam. [...] Tomemos, assim, como exemplo, o fenômeno da »polarização partidária«. Os interesses de um indivíduo se confrontam inúmeras vezes, da mesma forma como os indivíduos se confrontam; em torno das representações então dominantes agrupam-se outras, que fazem aumentar o peso de todas as demais, assim como aqueles que aderem a um partido se agrupam em torno da personalidade que o conduz; conglomerados de sentimentos e pensamentos que em nada tinham propriamente a ver com o conflito em si são, não obstante, tragados para o seu interior, tirados da situação de equilíbrio em que até então se encontravam, obtendo assim o colorido de um dos dois interesses centrais e irreconciliáveis, da mesma forma como uma oposição entre partidos que fissure as partes essenciais de um grupo acaba por dividir sob si todo o grupo, inclusive indivíduos e círculos completamente alheios, do ponto de vista objetivo, a tal oposição; todas as fases de uma luta: o equilíbrio de forças, que ocasionalmente imobiliza o conflito, a aparente vitória de um dos partidos, que na verdade é apenas a ocasião para que o outro reúna suas forças, a influência que uma simples conjectura acerca do resultado do conflito possui para sua decisão efetiva, o caráter direto e o indireto na aplicação de energias – em tudo isso há conformidade no curso do conflito interno em comparação com o externo.¹⁸

Já nas primeiras linhas do excurso, como vemos, Simmel é claro em situar o escopo da analogia em questão *para além* do domínio próprio da sociologia, assim como ele o havia delimitado. É claro que o que isso significa é, em última análise, apenas que tais analogias não são cabíveis, não são apropriadas quando o que está em jogo é uma sociologia pura – pois elas são justamente as plataformas graças às quais Simmel podia realizar seus saltos de dentro da sociologia rumo a outras modalidades de pensamento, “tendo em vista complementar e sintetizar o que há de incontornavelmente fragmentário na produção de uma sociologia científica, perfazendo, assim, uma unidade plena”¹⁹. – É oportuno pararmos a esta altura para refletir sobre o sentido das imagens aqui empregadas. O que é esse “salto metafísico” realizado por Simmel? É, antes de tudo, uma transgressão dos limites que ele mesmo se

---

18. A passagem contém o texto das analogias **S.10.c.27** e **S.10.c.28**, aqui citadas em registro diferente em relação ao índice; cf. GSG, v. 11, pp. 850-1.

19. O que está entre aspas é uma paráfrase adaptada a partir de GSG, v. 10, p. 145; o trecho já foi apresentado na nota 135 da primeira seção deste capítulo, à p. 231; pelo contexto original de que a passagem foi tirada, percebe-se que Simmel se refere à ciência em geral, e não à sua sociologia em particular.

sentia obrigado a impor para a sociologia, após assumir o compromisso de torná-la científica. E se Simmel sentiu a necessidade de transgredir esses limites, de “pular fora” da sociologia, é simplesmente porque tais limites lhe pareciam demasiado constritivos, de modo que, enquanto se prendesse a eles, seria obrigado a se calar diante do que via – o que seria um preço muito alto a pagar, para quem visava abrir, para a sociologia, o maior número possível de novos caminhos. E não devemos esquecer, de resto, que o projeto sociológico de Simmel era também, ao menos em parte, um projeto de inserção nos círculos acadêmicos oficiais, um *projeto de vida* – que contudo nunca se realizou plenamente. Assim, também dessa perspectiva pessoal, a tentativa de fazer da *sua* sociologia uma ciência permaneceu apenas uma tentativa, um plano frustrado diante dos constrangimentos que a realidade da época lhe impôs; somando essa intuição às ideias tratadas na primeira seção deste capítulo²⁰, parece-me razoável supor que, à imagem da ciência em geral, também a sociologia particular de Simmel tenha se apresentado, a seus olhos, como um constrangimento em última análise insuportável, uma barreira para a realização das possibilidades por ele imaginadas²¹.

---

20. Duas dessas ideias merecem destaque. A primeira é a caracterização de Kant como sendo o cofundador e partidário da ciência moderna – caracterização essa que remete à metafórica especial da constrição, do estabelecer-limites (cf. a passagem que se liga à nota 179 da referida seção, situada na p. 250). A segunda é a autoimagem que o próprio Simmel, em uma de suas cartas, elabora para si: ele imagina a si mesmo como um desbravador, e como alguém cujas ideias estão em constante movimento (cf. a nota 189 da referida seção, à altura da p. 252).

21. Devemos, de resto, notar que a imagem do “salto para além dos limites da sociologia” é insuficiente em ao menos um sentido, já que não parece captar uma das intuições centrais em torno das quais montei o texto desta seção, a saber: que a transgressão aí envolvida é mais um elemento *definitivo* do estilo sociológico de Simmel e menos uma força que ele *aplicava* em determinadas circunstâncias. Para capturar ainda esse aspecto da questão, consideremos a analogia que segue. Digamos, em primeiro lugar, que a sociologia que Simmel pôs em movimento, é um enorme ônibus, cujo motor é sua poderosa imaginação sociológica. Digamos, agora, que há basicamente dois tipos de corpos situados “dentro” desse ônibus: de um lado, aqueles que o constituem propriamente e que estão devidamente fixados no ônibus sociológico (como o são suas peças), e que estão aqui no lugar das ideias propriamente sociológicas de Simmel; de outro lado, aqueles corpos que estão apenas sendo “levados” pelo ônibus sociológico, não estando, portanto, inteiramente presos à estrutura que se move, e que, nesse sentido, representam as ideias “soltas” que Simmel levava na carona de sua sociologia – ideias que não são propriamente sociológicas, ao menos no sentido que aqui nos interessa. (E a constatação, por si só inteiramente correta, de que tal diferença não é absoluta, mas apenas relativa, é um dos fatores que concorrem para torná-la adequada para exprimir o que desejo exprimir.) Digamos, agora, que a imaginação sociológica de Simmel foi realmente capaz de pôr em movimento o ônibus sociológico assim concebido, acelerando-o – o que basta para que a consideremos uma “força”, na acepção que o termo possui para a física newtoniana. Ao longo da viagem assim iniciada, contudo, Simmel precisa acionar os freios de seu veículo – que atuam, para tratá-lo de forma simplificada, como forças constritivas em relação ao movimento inicial (i.e.: forças aplicadas no sentido oposto), interrompendo-o, e que representam, no presente contexto, as exigências de cientificidade esperadas de quem quer que pretenda atuar como cientista – exigências tais que operaram, no caso que nos interessa, impondo limites à força gerada pela imaginação sociológica de Simmel. Mas no momento em que Simmel acionava os freios que ele mesmo afinal também imaginou, aquelas ideias soltas – sobre as quais a força constritiva aqui representada pelos freios não incide *diretamente*, já que só aquelas partes do ônibus sociológico que estão bem fixadas à sua estrutura podem ser por ela diretamente afetadas – são aparentemente projetadas para a frente (mas só aparentemente, pois o que de fato acontece é que elas apenas *continuam* se movendo para frente), em alguns casos até mesmo atravessando os vidros do veículo e se lançando, assim, para fora da sociologia. Aquelas ideias que efetivamente escaparam do ônibus sociológico foram as que Simmel viria a recolher sob o nome de uma metafísica social. Nesse sentido, as analogias socialfilosóficas de Simmel – como quaisquer das ideias que podemos, ao lado dessas analogias, referir à sua metafísica social – não são ideias que “saltaram” para fora da sociologia: o que interpretamos, aqui, como um “salto” é, na verdade, apenas a continuação de um movimento anterior, de tal modo que a força aí envolvida pode ser pensada por analogia àquilo o que, no registro da física newtoniana, se costuma chamar de força fictícia (conceito de que Simmel, por sinal, se serviu para a montagem da analogia **S.3.a.8**). Em um certo sentido, quando o próprio Simmel fez, nas *Grundfragen* (e, antes disso e de forma mais tímida, no último capítulo da *Soziologie*) a apologia de uma metafísica social, estava apenas reunindo mais uma vez aquelas suas ideias que, viajando de carona na sua sociologia, a certa altura não lhe pareceram mais cabíveis uma vez que ele as contrastou com os limites que ele mesmo impusera à disciplina – ideias que, contudo, ele teve a coragem de compartilhar com seus interlocutores, ao invés de simplesmente calar-se sobre elas, de soterrá-las com seu silêncio, onde jamais frutificariam como, de fato, frutificaram.

E com isso estamos em condições de retomar as ideias que Simmel apresentou no último dos excursos contidos na *Soziologie*. Logo na primeira oração do excurso, Simmel se refere a um contexto ou nexos geral – podemos conceber esse nexos como o **logos** de uma analogia proporcional, pois, assim como o **logos** se situa, em relação aos quatro termos da proporção, em uma camada distinta da realidade, assim também o tal nexos geral em relação às formações sociais e às individuais²². Observe-se, contudo, que o acesso a essa relação mais geral entre formações sociológicas e individuais é ainda indireto: o **logos** em questão não é explicitamente designado, mas permanece apenas *implicado* na formulação da analogia. Simmel sabe que tais analogias são de fato apenas *forças de expressão*: ao se referir, p. ex., à analogia entre a estrutura interna do homem e a constituição política (pelo menos tão antiga quanto a *República* de Platão), Simmel de modo algum nos indica que o Estado seja, de fato, um “homem em grande escala”, ou seja, de modo algum sugere uma identidade entre ambas as coisas – ao nos referirmos desse modo, por analogia, ao Estado, o que obtemos é apenas um nome, uma designação, uma imagem que, embora inescapavelmente imperfeita, serve de anteparo para que possamos conferir alguma inteligibilidade ao problema²³. Trata-se, de uma só vez, de um recurso expressivo e de uma ferramenta graças a qual somos capazes de nos referir à realidade que nos cerca em um de seus aspectos, i.e.: particularizadamente – isso, claro, segundo a teoria simmeliana do conhecimento²⁴. Pois, para Simmel – sendo essa sua leitura particular das ideias de Kant –, se, de um lado, apoiamo-nos em nossas experiências internas para que possamos conceber a realidade à nossa volta (p. ex.: nos conflitos e contradições entre as nossas próprias representações, para atribuir sentido aos conflitos sociais), de outro também nos apoiamos naquelas experiências externas para compreendermos nossas vivências pessoais (da luta travada entre dois indivíduos ou da disputa entre dois partidos políticos, p. ex., para que possamos conceber como “luta” aquilo que se passa entre algumas de nossas representações). É *exatamente* isso o que Simmel afirma logo na sequência do excurso:

»Luta« é, em geral, uma experiência puramente interior. O que se vê, quando se considera as coisas desde fora, são ações determinadas entre seres que não podem, por assim dizer, ser removidos de seu lugar, que não podem, graças à impenetrabilidade da matéria, adentrar, na acepção própria do termo, uns nos outros. Que os movimentos

---

22. Trata-se aí do desnível lógico entre os termos da relação e a relação propriamente dita, a que eu havia me referido na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho (cf. a nota 18 da referida seção, situada à altura da p. 49, bem como todo o conteúdo do parágrafo em que essa nota se encontra inserida).

23. Uma “imagem a que a realidade objetiva chegou por um caminho muito mais simples e homogêneo – um caminho, contudo, por onde o entendimento representador não consegue passar”, para retomarmos uma das passagens anteriormente citadas.

24. É preciso que fique bem claro que a analogia entre o Estado e o homem a que Simmel se refere é aí apenas um exemplo: seria um engano da nossa parte presumir que precisamos, necessariamente, nos referir ao homem para conceber o Estado (ou então ao Estado para conceber o homem). Não é esse o ponto, mas este: que só poderíamos nos livrar de uma imagem em particular no momento em que projetássemos outra imagem em seu lugar – e assim, correspondentemente, ainda que possamos deixar para trás a analogia entre o homem e o Estado, sendo essa analogia dispensável, o procedimento analógico em geral seria, para Simmel, indispensável. (Devo, aqui, para evitar mal entendidos, indicar que essa “conclusão”, embora me pareça compatível com as ideias de alguns poucos filósofos contemporâneos com cujo trabalho eu tive um contato mais detido – tenho aqui em vista Max Black (1909-1988) e Nicholas Rescher (nascido em 1928) – e seja, inclusive, expressamente apoiada por outros – em especial por Hans Blumenberg (1920-1996) –, é uma conclusão por demais abrangente para que eu possa emitir qualquer juízo seguro a respeito de sua validade. Devo, pois, enfatizar que afirmações como “só podemos nos livrar de uma imagem, na medida em que projetamos outra em seu lugar” não podem, neste trabalho, ser desligadas do referencial “para Simmel”. De resto, incluí na bibliografia alguns dos trabalhos de Black, Rescher e Blumenberg que tive a oportunidade de estudar.)

próprios verificados entre dois desses seres sejam uma »luta«, essa é uma interpretação psicológica; o entremear-se, a unidade que se realiza na contraposição de tais movimentos, isso, enfim, a que damos o nome de »luta« não pode ser de modo algum propriamente definido, e aquilo que tem de essencial não pode de modo algum ser externamente contemplado, mas sim apenas internamente vivido. Com isso se insinua um duplo nexos: que é um nexos real, no sentido de que, com ele, as vivências anímicas (a que, por nossa vez, designamos como sendo um contrapor-se ou um conjugar-se de representações, uma junção ou uma separação entre elas) fornecem o esquema para o nosso comportamento externo; e também um nexos ideal, no sentido de que, com ele, significamos, ordenamos e nomeamos (para isso lançando mão daquelas experiências interiores) os padrões de comportamento individuais que percebemos desde o exterior.

25

O que é complementado logo em seguida:

E agora, seguindo na outra direção: a luta real, que vivenciamos seja na qualidade de participantes, seja na de espectadores, fornecerá o esquema e a significação dos processos interiores. Isso ocorrerá particularmente naqueles casos em que o indivíduo não esteja exclusivamente preso a um dos partidos que entraram em relação, dedicando, antes, a cada um dos dois certo interesse; e então »as duas almas que habitam num só peito« hão de experimentar em si e reproduzir, para se referir às relações que se dão entre os seus objetos de interesse, as relações de conflito e reconciliação, separação e unicidade, dominação e submissão. A luta que vemos se desenrolar fora de nós é o que – por assim dizer – em primeiro lugar torna acessível para nós o fato de que as relações entre nossas representações representam a luta internamente, e a representação da luta é, de inúmeras maneiras, uma luta de representações.^{26 27}

Simmel está aqui se movendo em um terreno já bastante alheio à sociologia, a saber: o da teoria do conhecimento em geral. Discorre sobre a maneira como o homem concebe o real, apoiando-se, por sinal, no universo conceitual kantiano, de que ele mesmo já havia se apropriado em sua tentativa de demarcação do lugar da sociologia entre as ciências modernas. Por outro lado, se é verdade que Simmel está aí apenas “revisando” alguns problemas clássicos da epistemologia, também é verdade que esses

---

25. GSG, v. 11, p. 852.

26. GSG, v. 11, pp. 852-3. A passagem contém uma referência a um dos mais destacados lugares-comuns da poesia moderna, que seria imortalizado naquele que é, por sua vez, um dos mais famosos versos do Fausto de Goethe (“Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust”; trata-se do verso 1112 do Fausto, na qual o protagonista, dirigindo-se a Wagner, seu assistente, afirma que “duas almas habitam em seu peito”, simbolizando assim seu conflito interno, a ruptura interna de sua individualidade – daí que Simmel se refira ao verso –, ruptura essa que é o que dá vida ao personagem e move a trama do poema).

27. A última passagem contém um jogo de palavras que, embora “faça sentido” (como se costuma dizer), é, no presente contexto, inteiramente acidental, ou melhor: se explica, em parte, por não me ter ocorrido alternativa melhor e, em parte, pela necessidade, a meu ver justificada, de traduzir alguns termos-chave para o pensamento de Simmel de maneira minimamente uniforme ao longo do presente trabalho. Eis como ela aparece no original (estando sublinhada aquela oração que, uma vez traduzida, assume, por acidente, a forma de um jogo de palavras): “Der Kampf, den wir ausser uns sich abspielen sehen, wird uns sozusagen erst dadurch zugänglich, dass die Relationen unsrer Vorstellungen ihn uns innerlich vertreten, die Vorstellung des Kampfes ist vielfach ein Kampf der Vorstellungen.” A comparação do original com o trecho sublinhado da tradução revela que, onde lemos aqui “representações”, ali lemos “Vorstellungen” (termo trivial no léxico kantiano, que Simmel dominava, e que é tradicionalmente vertido dessa forma), ao passo que, onde aqui lemos “representam”, ali lemos “vertreten” (que também significa “representar”, mas no sentido mais restrito de “atuar no lugar de”, como quando dizemos, p. ex., que um advogado representa seu cliente, ou como quando dizemos que um deputado eleito representa seu eleitorado). Como se vê, no original esses termos não têm a mesma linhagem etimológica, o que implica que o jogo de palavras presente na tradução é, enquanto jogo de palavras, acidental – ao contrário do que se passa logo em seguida, quando Simmel efetivamente caracteriza a “representação da luta” como uma “luta de representações”.

problemas estão colocados, a essa altura, em um registro diferente daquele em que estavam colocados antes de sua visita ao país da sociologia²⁸. Trata-se, a essa altura do livro, de expor o que a sociologia teria a oferecer à teoria do conhecimento, e não, como no primeiro capítulo, o contrário – afinal, se de fato o conhecimento da sociedade é, como Simmel gostaria que fosse, um *novo* conhecimento, uma *nova* forma de se relacionar intelectualmente com o mundo que nos cerca (i.e.: uma forma que chega hoje para ficar amanhã e que, nesse sentido, precisa se acomodar ao lado das formas já estabelecidas de conhecimento), então, após tal descoberta, o conhecimento do conhecimento em geral (i.e.: a epistemologia) já não poderá mais ser o mesmo. Podemos conceber essa modificação como um acréscimo, uma contribuição – de modo que, embora as discussões de Simmel a essa altura já tenham deixado a sociologia para trás, extrapolando seus limites²⁹, dela ainda dependem, na medida em que, para chegar a essas ideias, para discutir tais questões, será preciso, uma vez instituída a sociologia como uma forma legítima de conhecimento, *passar por ela*³⁰. Mas é claro: as mesmas ideias que, de uma perspectiva estritamente sociológica, aparecem como “pontos de chegada”, ou melhor, como produtos extrassociológicos da atividade sociológica (i.e.: como “mais-que-sociologia”), de uma perspectiva mais geral podem ser convertidas em “pontos de partida” – e com efeito, as ideias que Simmel apresentava ao fim de sua *Soziologie* nada mais são do que formulações particulares de ideias mais gerais que estão *na base* de sua teoria do conhecimento. Klaus Lichtblau, no contexto de uma discussão do problema da compreensão em Simmel, formulou o ponto de um modo especialmente sugestivo:

Simmel starts from the fundamental *circularity* of human knowledge, according to which *external events* can only be symbolically interpreted by analogy to ‘inner experience’, and *inner events* conversely only by analogy to temporal-spatial, i.e. ‘external’ determinations. The two analogy formations do not enjoy relationship of mutual ‘cause’ and ‘effect’, but occur *simultaneously* or produce one another *mutually*, and thus behave *correlatively* towards each other [...].³¹

O que torna a formulação de Lichtblau ainda mais interessante é sua caracterização da dependência recíproca entre interioridade e exterioridade (bem aparente no trecho da *Soziologie* que acabei de citar) como uma forma de *circularidade* – o que enfim, nos conduz à especulação extrassociológica de acordo

---

28. “Mais ou menos como alguém que sempre tenha vivido no mesmo território não é em absoluto capaz de problematizar a influência do meio geográfico sobre nós, o que, contudo, se insinua assim que mudamos de ambiente, assim que a diferença no sentimento vital chama a nossa atenção para aquele momento determinante do meio” – para retomar aqui metade da analogia **S.5.a.19**, apresentada na nota 61 da seção anterior (cf. a p. 276). Observe-se, é claro, que ao situar a epistemologia “antes” e a metafísica social “depois” da sociologia, não estou de modo algum sugerindo concebê-las em um registro estritamente cronológico.

29. Já argumentei que a concepção da metafísica social como algo que está “além” da sociologia, como sua extrapolação, é em si mesma limitada – pois num certo sentido ela é apenas a continuação de um movimento muito anterior à sociologia, faz parte do estilo filosófico de Simmel. Como veremos no capítulo seguinte (e como, de resto, já está inclusive implicado na analogia com o ônibus sociológico, exposta na nota 21, mais acima), os problemas daí decorrentes estão colocados apenas *para a sociologia, e na medida em que esta se pretende científica* – perdendo o seu sentido (ou: “resolvendo-se”), quando consideramos a constelação filosófica apresentada na *Philosophie des Geldes*.

30. De acordo com essas ideias, algo como uma sociologia do conhecimento seria apenas um ramo, entre inúmeros outros, de uma teoria mais geral do conhecimento, ou então: uma imagem bidimensional de uma teoria multidimensional do conhecimento, ou então: um capítulo apenas de um volumoso livro intitulado: “a teoria do conhecimento”.

31. Cf. o artigo “Causality or Interaction? Simmel, Weber and Interpretative Sociology”, disponível em FRISBY (org.), 2004, v. 2, pp. 61-84; a citação foi tirada da p. 73.

com a qual o mundo social espelharia, ao menos em algumas de suas partes, o mundo conceitual. Como veremos no capítulo seguinte, essa caracterização é bastante consistente com as ideias que Simmel, àquela altura, já havia publicado no primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes* (em que buscava apresentar uma teoria do conhecimento compatível com o objeto de uma tal filosofia); mas também é consistente, sendo isso o que realmente importa a esta altura, com o próprio conceito de socialização [Vergesellschaftung] que informa a empreita sociológica simmeliana, ou seja, com o conceito por ele especialmente forjado para capturar o processo de determinação recíproca no curso do qual se formariam os círculos sociais concretos.

Há, sintomaticamente, uma complicada cadeia de analogias extrassociológicas no capítulo sexto da *Soziologie*, dedicado ao problema do cruzamento dos círculos sociais³². Dentre as várias analogias que compõem essa cadeia³³, a mais destacada é a **S.6.a.8**, em que, para resumir de forma bastante grosseira, Simmel compara os diversos círculos sociais em que uma mesma personalidade individual pode ingressar com os diversos conceitos a que um mesmo objeto pode ser referido³⁴. Nesse caso, o que temos é uma analogia entre formações sociológicas e formações cognitivas, entre o mundo social e o dos conceitos – sendo tais analogias no fundo muito semelhantes àsquelas de que Simmel trata explicitamente no último dos excursos da *Soziologie*. Apresento aqui, apenas a título de exemplo, uma dessas analogias, tirada do oitavo capítulo do livro³⁵:

Mais adiante estudaremos a grande utilidade que a mera representação das atividades coletivas por meio da ação de um número menor de representantes possui para os processos sociais; contudo, para além ou junto a esse significado, que diz respeito à mera quantidade envolvida na delegação funcional, há um outro significado mais profundo, de ordem qualitativa, envolvido agora na delegação da função do grupo como um todo para um grupo parcial menor, selecionado. Há uma analogia para tal no conhecimento científico do mundo. Ciência alguma é capaz de descrever ou de formular exaustivamente toda a amplitude do que efetivamente se passa na existência, ou mesmo das determinações qualitativas envolvidas em uma coisa qualquer. Se, por tal razão, servimo-nos de conceitos, que condensam em si tais imponderabilidades e nos permitem como que manuseá-las – se é assim, então essa não é apenas uma representação do todo por meio de uma de suas partes que lhe é, no que tem de essencial, similar; antes, o conceito possui uma estrutura interna outra, um sentido epistêmico, psicológico e metafísico outro que o da totalidade de coisas a ele subordinadas, projeta essa totalidade sobre um novo plano, exprime algo extenso não apenas lançando mão de uma extensidade menor, mas ao invés disso o faz por meio de uma forma diversa em princípio, cuja síntese já não é uma imagem em miniatura daquelas manifestações imediatas da totalidade, e sim uma estrutura autônoma feita a partir do material destas. Assim também se produzem, como se mostrará, fenômenos da

---

32. Assim como o capítulo final, também o sexto é, em parte, decalcado do livro sobre a diferenciação social.

33. Seis, para ficarmos no registro do índice (sendo que contabilizo aqui as analogias referidas ao tipo *socialfilosófico* que foram detectadas nesse capítulo).

34. Essa analogia, por sinal, já constava do quinto capítulo do livro sobre a diferenciação social, em que foi baseado o capítulo sexto da *Soziologie* (compare-se GSG, v. 2, pp. 240-1 com GSG, v. 11, pp. 466-7). O texto da analogia foi, em sua maior parte, mantido de um texto a outro, sendo que apenas duas das orações originais foram substantivamente modificadas.

35. Para outros exemplos, cf. **S.2.a.4**, **S.3.a.7**, **S.3.a.17**, **S.4.a.32**, **S.4.a.33**, **S.5.a.35**, **S.6.a.6**, **S.6.a.19**, **S.8.a.36**, **S.8.d.39**, **S.10.a.25**, **S.10.c.30**, **S.10.a.35** – esta última, por sinal, a analogia com que Simmel encerra sua *Soziologie*.

vida social inteiramente novos (novidade essa que não consiste apenas em uma redução quantitativa), nos casos em que o órgão representativo e diretivo se eleve por sobre o grupo como se fora um extrato deste, ou como se fora o conceito geral que se eleva sobre uma região em que se verifica uma quantidade imponderável de ações individuais.

36

Simmel compara, nessa passagem, o processo de formação de círculos sociais concretos que encarnam determinadas funções sociais com o processo de abstração conceitual – o fenômeno da especialização enquanto objeto da sociologia e fenômeno da especialização enquanto objeto de uma teoria geral do conhecimento. O que observamos, num caso como no outro, é uma espécie de *representação*, em que uma unidade mais simples se põe no lugar de outra, mais complexa – algo cuja vantagem consistiria em tornar esta, em si mesma demasiado grande para que a encerremos em nossas mãos, “manuseável”. Mas não só: é para o potencial *criativo* de tais representações que Simmel realmente almeja, nessa passagem, dirigir a atenção de seu leitor. No momento em que esta ou aquela função do mundo social passa a ser representada por uma de suas partes, o mundo social como um todo deixa de ser o que era, mais ou menos como cada novo conceito por nós inventado – e aí podemos incluir os sociológicos – implica, contanto que seja efetivamente novo, uma modificação da nossa relação com a realidade exterior, permitindo o acesso a províncias do real cuja existência sequer podíamos até então imaginar. Era essa novidade que Simmel buscava, e era sobre ela que se “fundamentavam” suas investigações sobre as formas de socialização.

Ao menos nesse sentido, podemos dizer que as analogias socialfilosóficas de Simmel contém já uma imagem miniaturizada, comprimida da complicada teoria do conhecimento que iremos explorar em detalhe no capítulo seguinte, e que está profundamente mergulhada em uma filosofia mais geral da cultura³⁷. Talvez o grande interesse que uma teoria relativista do conhecimento (como a de Simmel) possui até hoje para nós, os sociólogos contemporâneos, tenha a ver com esse fato, ou seja, com o fato de que essa é uma teoria do conhecimento *intrinsecamente* ligada à descoberta, ou melhor, à invenção desse domínio da realidade que reivindicamos como sendo nosso: afinal, a metafísica social que Simmel discutiu no último capítulo da *Soziologie* faz parte do projeto filosófico realizado com a publicação da *Philosophie des Geldes*³⁸ – publicação esta que, por sua vez, foi sendo preparada não só em paralelo com vários dos estudos sociológicos de Simmel, como ainda no *auge* de seu interesse por essa forma emergente de conhecimento. Por isso, é seguro dizer que, caso Simmel não estivesse, naquela época, passando pela sociologia, não teria realizado aquela obra com a qual ele, afinal de contas um moderno, se

---

36. **S.8.a.21**, disponível em GSG, v. 11, pp. 606-7.

37. O que se acha simbolizado nas inúmeras referências sintéticas à *Philosophie des Geldes* que Simmel inclui na *Soziologie*, como é o caso do parágrafo acerca da correlação entre liberdade individual e economia monetária inserido no décimo capítulo deste livro, e referido na nota 6 desta seção, mais acima.

38. E embora, é claro, a ideia de que qualquer desses projetos possa ser inteiramente reduzido ao outro (i.e.: a fundamentação da sociologia como ciência ao projeto de uma filosofia do dinheiro, ou vice-versa) deva ser positivamente rejeitada, é inegável que haja, em cada um desses projetos, inúmeros pontos de contato com o outro – como já foi apontado na nota imediatamente acima.

identificaria pelo resto da vida³⁹ e que é, nesse sentido, um dos resultados mais impactantes de sua tentativa de fazer da sociologia uma ciência entre as ciências.

---

39. Conforme o que será exposto no começo do capítulo seguinte, a relação entre Simmel e a sua filosofia do dinheiro é, em mais de um aspecto, muito mais “bem resolvida” do que sua relação com a sociologia.

IV. O sistema analógico-filosófico de Simmel – apresentação das analogias extraídas da *Philosophie des Geldes*

A intuição do mundo sub specie aeterni é sua intuição como totalidade—uma totalidade delimitada
(Wittgenstein)

Originalmente publicada em 1900, a *Philosophie des Geldes* é um livro marcante em muitos sentidos; marcante inclusive (sendo que é isso que nos interessa) na definição da trajetória intelectual de Simmel, na consolidação de seu estilo particular de fazer filosofia¹. De todas as suas realizações intelectuais, essa foi aquela com a qual ele mais se identificava, na qual ele mais se reconhecia, como já foi mostrado por inúmeros comentadores², e como, de resto, o próprio Simmel confessou em suas correspondências³. Assim, se, de um lado, a relação de Simmel com a sociologia foi marcada por uma tensão enorme, e se seu compromisso com essa ciência particular eventualmente se tornou, a seus olhos, uma incômoda obrigação⁴, de outro, sua relação com a *Philosophie des Geldes* se destaca por ser consideravelmente mais bem resolvida ou “harmoniosa”. Podemos simbolizar essa intuição comparando as promessas feitas por Simmel nos prefácios à *Soziologie* e à *Philosophie des Geldes*. Convém aqui retomar a primeira, que Simmel não cumpriu, como concluímos no capítulo anterior: “conferir ao conceito vacilante de sociologia

---

1. Se destaco o estilo *filosófico* de Simmel, é porque era em primeiro lugar como filósofo que ele se imaginava, sobretudo após a publicação da *Philosophie des Geldes*. Tome-se, p. ex., os três livros que Simmel publicou entre 1890 e 1893 (*Über soziale Differenzierung*, i.e.: “Sobre a diferenciação social”; a primeira edição de *Die Probleme der Geschichtsphilosophie*, ou seja: “Os problemas da filosofia da história”; e *Einleitung in der Moralphilosophie*, i.e.: “Introdução à ciência moral”). Neles, há uma clara preocupação em “fazer ciência”, ou seja: Simmel apresentava tais trabalhos como empreitadas científicas, no sentido de que seus limites estariam, ao menos em princípio, claramente delimitados – exatamente como apresentaria sua sociologia, já a partir de 1894. Com a *Philosophie des Geldes*, como veremos logo adiante, Simmel segue por outro caminho – o que, por sua vez, deixaria marcas também em sua sociologia, como comentarei na nota 11, abaixo.

2. Nas palavras de L. Waizbort:

Caberá justamente à Philosophie des Geldes trazer a forma do ensaio como forma definitiva. Ou seja, os ensaios que a partir de 1889 compõem a Philosophie des Geldes indicam os inícios da forma madura dos ensaios de Simmel. Não por acaso o próprio Simmel considerava a Philosophie des Geldes como seu verdadeiro início e o que vem antes como mero preâmbulo, período de aprendizagem. (WAIZBORT, 2000, *As Aventuras de Georg Simmel*, p. 63)

Menciono ainda o comentário de D. Frisby a respeito da identificação de Simmel com essa obra, presente no prefácio à terceira edição da tradução para o inglês da mesma; a certa altura do prefácio, lemos o seguinte: “Simmel’s direction in his *Philosophy of Money* ‘exclusively to philosophy’ was associated with the development of ‘his work’ as distinctive philosophy” (em SIMMEL, 2004, *The Philosophy of Money – third enlarged edition*, pp. xxxvii-xxxviii).

3. Após confessar a Rickert sua insatisfação com seus trabalhos anteriores à *Philosophie des Geldes* (cf. GSG, v. 22, p. 471; trata-se da carta de Simmel a Rickert datada de 27 de Fevereiro de 1904), Simmel menciona a necessidade de publicar uma segunda edição, agora revisada, de uma dessas publicações, a saber, aquela sobre a filosofia da história – o que aconteceria no ano seguinte. Nesse contexto, afirma o seguinte: “perdi o interesse pelo livro [sobre a filosofia da história], assim como por tudo o que escrevi antes da ‘philosophie des geldes’”. Apenas esse é realmente o *meu* livro, os outros me parecem completamente sem cor, e é como se pudessem ter sido escritos por qualquer um” (idem, p. 472; *grifo em itálico* conforme o original).

4. O ponto foi discutido nessa chave em WAIZBORT, 2000, pp. 525-34 (cf. em particular as pp. 527-9). Como vemos aí, Simmel encarou a tarefa de escrever um livro de fôlego dedicado à sociologia como algo que ele devia fazer para saldar compromissos intelectuais que assumira a certa altura de sua vida (atitude essa condizente com seu princípio moral da “lei individual”) – e com os quais ele já não se sentia mais tão à vontade como antigamente, ou, nas palavras de Simmel, que já não lhe eram “muito simpáticos” (cf. o trecho de carta a Rickert, datada de 28 de Maio de 1901, em WAIZBORT, 2000, p. 528).

um conteúdo unívoco, dominado por uma problemática metodicamente segura”⁵. Já a segunda é esta: “aqui se tenta [...] tomar o problema de modo limitado e esmiuçá-lo, a fim de fazer justiça a ele mediante seu alargamento e acréscimo rumo à totalidade e ao mais universal”⁶. Devemos aqui estar atentos para o fato de que Simmel apoia essa promessa numa analogia entre a filosofia e a arte. Afinal, essa maneira de tomar o problema a que ele se refere aponta justamente para a imensa vantagem desta sobre aquela, como podemos concluir, considerando o contexto de que a passagem foi tirada^{7 8}. O que devemos extrair da comparação entre essas duas promessas de Simmel é apenas o seguinte: que há, na *Philosophie des Geldes*, uma colagem especialmente forte entre o estilo filosófico de Simmel e o resultado obtido com seu trabalho⁹, mais forte do que na maior parte de suas demais obras¹⁰, dentre elas a *Soziologie*¹¹. Vejamos como Kracauer elabora o ponto:

A «*Philosophie des Geldes*» fornece o exemplo mais impressionante dessa conquista da totalidade, que se realiza do modo anteriormente indicado. Eis o que lemos no prefácio à essa obra: «Assim, o dinheiro é aqui, portanto, apenas meio, material ou exemplo para a apresentação dos nexos que existem entre as manifestações mais exteriores, mais coladas na realidade, mais acidentais e as potências mais ideais da existência, as correntes mais profundas da vida individual e da história». E efetivamente: nessa obra, são percorridos todos os círculos temáticos a que Simmel em geral tinha acesso, são postas à mostra as incontáveis relações travadas entre as manifestações (igualmente incontáveis) no interior desses domínios. Simmel aplica, por sobre a vida social e individual na época da economia monetária em seu auge, um corte transversal atrás do

5. Para mais detalhes, cf. o trecho que se inicia na p. 247, na primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho.

6. GSG, v. 6, pp. 12-3, conforme a tradução disponível em WAIZBORT, 2000, p. 84.

7. Deve-se notar que essa formulação em particular da analogia entre arte e filosofia não foi contabilizada no índice de analogias, pois não encontrei, ali, quaisquer dos sinais de identificação discutidos no segundo capítulo deste trabalho; mas há no índice, como veremos logo adiante, outras formulações específicas dessa analogia mais geral.

8. Simmel uma vez sintetizou deste modo – é verdade em um registro mais idealizado – essa mesma vantagem: “O artista é capaz de fazer o que lógico não pode: ampliar o escopo de um conceito, sem deixar que se perca seu conteúdo” (trata-se de um dos fragmentos dos diários de Simmel, disponível em GSG, v. 20, p. 266).

9. Sendo que considero aqui essa “proximidade” entre o estilo simmeliano e o objeto de sua consideração filosófica um fator decisivo para que Simmel se “identificasse” como esse trabalho em particular.

10. Outra forma de simbolizarmos a importância da filosofia do dinheiro para a definição da trajetória intelectual de Simmel – de seu estilo próprio – é comentando o seguinte fragmento de seu diário:

Sei que irei morrer sem herdeiros espirituais (e é bom que seja assim). Meu espólio é como uma herança em dinheiro vivo, que é dividida entre muitos herdeiros: cada um converte a sua parte em alguma aquisição de acordo com a sua natureza, de modo que não se pode enxergar a sua proveniência daquele espólio. (cf. GSG, v. 20, p. 261, que reproduzo aqui conforme a tradução de L. Waizbort, como consta na “nota do tradutor” disponível em SIMMEL, 2005, “As grandes cidades e a vida do espírito (1903)”, em *Mana*, v. 11, no. 2; o **grifo** está conforme o original.)

Esse é um fragmento bastante comentado pela literatura secundária (cf., p. ex., os comentários de Frisby em SIMMEL, 2004, pp. lvii-lviii; ou BLUMENBERG, 2001, “Geld oder Leben”, em *Ästhetische und metaphorologische Schriften*, pp. 191-2), já que caracteriza de forma especialmente acertada o modo como as ideias de Simmel seriam assimiladas.

11. Como mostrei no capítulo anterior, podemos detectar, na *Soziologie*, um descolamento entre os planos da explicitação e o da aplicação do “método” sociológico. Podemos agora (contanto que ainda tenhamos em vista as ressalvas feitas na p. 246 deste trabalho) acrescentar que Simmel cumpre, em diversas passagens da *Soziologie*, uma promessa parecida com a explicitada no prefácio à *Philosophie des Geldes*: em suas considerações sociológicas sobre o segredo, o adorno, o perfume, os sentidos, a carta, a concorrência, e mesmo sobre o estranho/estrangeiro ou o pobre – entre outros –, detectamos também esse gesto de “tomar o problema de modo limitado e esmiuçá-lo, a fim de fazer justiça a ele mediante seu alargamento e acréscimo rumo à totalidade e ao mais universal”. A principal diferença é que, de um lado, Simmel esmiúça tais problemas sociológicos de forma menos detida do que no caso do dinheiro (afinal, para esmiúçar esse problema em particular, Simmel precisou de mais de 700 páginas) e, de outro, não vai tão longe em seu “alargamento e acréscimo rumo à totalidade” (já que, para Simmel, a “totalidade” visada pela *Philosophie des Geldes* é mais abrangente, e contém, aquela visada pela sociologia).

outro. Mas suas considerações não se seguem nem da perspectiva da economia política, nem tampouco da histórica, mas sim brotam do propósito puramente filosófico de trazer à consciência o entrelaçamento de todas as partes da multiplicidade do mundo. Em nenhuma de suas demais obras, Simmel compõe uma imagem assim tão abrangente do amálgama e da interligação dos fenômenos uns com os outros. Ele elabora explicitamente sobre a essência de tais fenômenos, apenas para, logo em seguida, fundi-la novamente numa imensidão de relações; mostra como tais fenômenos se condicionam reciprocamente, e desvela os vários significados intrínsecos que têm em comum.¹²

Essa “conquista da totalidade” a que Kracauer se refere, e que consiste na tentativa de exposição das relações de dependência recíproca entre fenômenos os mais diversos da cultura humana em geral¹³ – é isso o que está prometido no prefácio à *Philosophie des Geldes*, e é em sua execução que o estilo de Simmel alcança o máximo de sua expressividade. Deve ficar desde o início claro que tal proposta se opõe frontalmente àquela que o jovem Simmel associava à tarefa da sociologia – que deveria, para se estabelecer como uma ciência entre as ciências, abandonar todas as pretensões de abarcar a realidade como um todo¹⁴. Tais pretensões, que não eram adequadas para uma ciência como a sociologia que Simmel planejou, eram, contudo, cabíveis e até mesmo necessárias para a sua filosofia. Esse é um ponto importante, considerando que boa parte dos trabalhos publicados por Simmel ao longo da década de 1890¹⁵ podem ser tomados como empreitadas científicas na acepção que nos interessa, a saber: como empreitadas que não visam abarcar a totalidade, mas possuiriam, como se fossem domínios geográficos, limites em princípio claramente definíveis¹⁶. E ainda que, com sua *Philosophie des Geldes*, Simmel projete uma forma de conhecimento que se *opõe* à ciência, no sentido de que visa, ao contrário desta, uma “conquista da totalidade”, tal oposição não se traduz em uma *negação* da ciência pela filosofia: esta busca, ao invés disso, incorporá-la como um de seus passos, e isso no sentido bastante concreto de que inúmeras das ideias elaboradas por Simmel em um registro “científico” são rearticuladas como partes ou

---

12. KRACAUER, 2004, “Georg Simmel. Ein Beitrag zur Deutung des geistigen Lebens unserer Zeit”, em *Siegfried Kracauer Werke, Band 9.2 – Frühe Schriften aus dem Nachlaß*, pp. 167-8. A passagem de Simmel citada por Kracauer nesse trecho é feita conforme o texto da primeira edição da *Philosophie des Geldes* (disponível em GSG, v. 6, p. 731), e foi ligeiramente alterada para a segunda edição (cf. GSG, v. 6, p. 12).

13. Embora Kracauer não enfatize, no trecho em questão, esse último ponto (ou seja, que as relações de dependência recíproca expostas por Simmel dizem especificamente respeito à *cultura humana*), é suficientemente claro em outros trechos desse mesmo trabalho, como neste: “O homem como portador de cultura e como ser espiritual maduro – que atua e que avalia em plena posse de suas forças anímicas, que está ligado a seus semelhantes para o agir e o sentir comuns – está sempre no ponto central de seu campo de visão” (KRACAUER, 2004, p. 144).

14. Cf. as discussões da primeira seção do capítulo anterior deste trabalho, a altura da p. 211. Ali, como vimos, o próprio Simmel indicava o caráter problemático dessa atitude “conquistadora” da totalidade, servindo-se, para tal, de uma analogia com o império enquanto forma de governo. É claro que a conquista da totalidade visada por Simmel em sua *Philosophie des Geldes* – conforme a expressão de Kracauer – não é exatamente aquela que ele critica, quando critica a sociologia geral: no caso que agora interessa, tal conquista da totalidade não se traduz em “domínio” ou “soberania”, ou melhor, não se reconhece nessas imagens. Conquistar a totalidade significa, ao invés disso, apenas passar por ela, visitar cada um de seus recantos, cada uma de suas partes, ou, pelo menos, todas aquelas que seja possível visitar – o que está de acordo com a descrição de Kracauer, presente no trecho acima citado.

15. Sendo que podemos incluir aqui também os ensaios propriamente sociológicos de Simmel publicados nessa década.

16. Conforme o que adiantei na primeira nota desta seção. E é, como vimos anteriormente, nessa analogia mais geral entre espaço e cognição que se baseia um dos aspectos essenciais da noção de ciência operacionalizada por Simmel.

passagens de sua filosofia do dinheiro, e projetadas, nesse movimento, para um plano mais geral^{17 18}. Essa transição está simbolizada já no primeiro parágrafo do livro, em que se lê o seguinte:

Cada província de investigação possui duas fronteiras nas quais o movimento do pensar passa da forma exata para a filosófica. Os pressupostos do conhecimento em geral, assim como os axiomas de cada domínio particular, transferem sua apresentação e sua prova desses domínios particulares, deixando-os para trás, para uma ciência mais básica, cujo objetivo, situado no infinito, é: pensar sem pressupostos – objetivo esse recusado pelas ciências particulares, já que estas não dão qualquer passo sem comprovação, portanto sem pressupostos de natureza objetiva e metódica. A filosofia, se apresenta e se investiga tais pressupostos, tampouco pode superá-los completamente por si mesma; trata-se aqui simplesmente daquele que é, a cada dado momento, o *último* ponto do conhecimento, que se impõe para nós como uma chamada de autoridade e um apelo ao que não se pode comprovar – ponto esse que, com efeito, jamais poderá ser fixado em definitivo, graças ao avanço do que se pode comprovar. Se o começo do domínio da filosofia como que indica, nesse caso, os limites inferiores dos domínios exatos, então os limites superiores destes se encontram lá, onde os conteúdos sempre fragmentários do conhecimento positivo almejam complementar-se, por meio de conceitos conclusivos, numa imagem de mundo, relacionar-se com a totalidade da vida. Caso a história das ciências efetivamente mostre que o modo filosófico de conhecimento seja o primitivo, seja meramente uma especulação sobre os fenômenos com base em conceitos gerais – mesmo nesse caso, tal procedimento provisório será ainda incontornável frente a várias questões, em especial àquelas que dizem particularmente respeito às valorações e aos nexos mais gerais da vida espiritual, as quais, até agora, não é possível nem se furtar a responder, nem responder de forma exata. E talvez até mesmo uma empiria completa não viria a substituir a filosofia enquanto interpretação, coloração e acentuação seletiva, da parte do indivíduo, sobre a realidade, assim como o aperfeiçoamento da reprodução mecânica dos fenômenos não viria a tornar supérflua a arte figurativa.¹⁹

O que Simmel tem em vista com esse primeiro passo de sua grande obra é indicar o que há, nela, de filosófico, já que se trata de uma *filosofia* do dinheiro. Para indicá-lo, primeiro ele busca determinar o

---

17. Tenha-se aqui em mente que a palavra alemã para “ciência” (i.e.: *Wissenschaft*) é mais abrangente que o seu equivalente em português, a ponto de incluir a filosofia (como se vê na passagem da *Philosophie des Geldes* que apresentarei em seguida); daí, em parte, que seja preciso especificar que uma ciência como a sociologia planejada por Simmel é uma ciência *exata, particular*.

18. É possível mencionar um sem número de exemplos para tal incorporação – sendo que, nesta nota, elenco apenas alguns, em particular aqueles já mencionados ao longo deste trabalho, com os quais, portanto, já temos alguma familiaridade. Esse é o caso da “relativização” dos conceitos de egoísmo e altruísmo, tópico do segundo capítulo do livro sobre a ciência moral (cf. GSG, v. 3, pp. 92-209), retomado na *Philosophie des Geldes* no começo da terceira seção do quarto capítulo (cf. a analogia **P.4.c.41**, em GSG, v. 6, pp. 446-7). Esse também é o caso da “relação entre a doutrina da seleção natural e a teoria do conhecimento”, tratada por Simmel em artigo de 1895 (disponível em GSG, v. 5, pp. 62-74) e retomada como passo para a teoria da verdade exposta na terceira seção do primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes* (cf. GSG, v. 6, pp. 100-3 – parágrafo em que contei duas analogias, a **P.1.c.40** e a seguinte). Assim também no caso do processo propriamente sociológico de exteriorização ou expressão da unidade funcional, da coesão interna de um grupo em um de seus símbolos (p. ex., da expressão de uma unidade política nos símbolos nacionais, tais como a bandeira), tema esse tratado por Simmel em artigo originalmente publicado em 1898 (cf. GSG, v., pp. 325-7; trata-se aí de “Die Selbsterhaltung der sozialen Gruppe. Sociologische Studie”), este que seria, dez anos depois, incorporado como um capítulo da *Soziologie* (cf. GSG, v. 11, pp. 588-92; a discussão aí é mais detida do que no artigo, sendo que a maior parte dos acréscimos consiste na apresentação e concatenação de novos exemplos, havendo poucas modificações nos trechos em que Simmel desenvolve seu argumento abstratamente) – e, de que Simmel se apropria, ao longo da terceira seção do segundo capítulo da *Philosophie des Geldes*, para dar conta da relação entre o dinheiro e a troca, conforme a analogia **P.2.c.40** (disponível em GSG, v. 6, p. 209; o que Simmel quer indicar a essa altura é que o dinheiro se apresenta como manifestação externa do ato de troca, como unidade concreta que simboliza isso que é puro movimento, pura ação: a troca). É tendo em vista tais incorporações que montei o tipo “especializado”, apresentado no item II.1.6.2.2.2 deste trabalho.

19. GSG, v. 6, p. 9. O parágrafo, aqui citado na íntegra, contém duas analogias: **P.0.a.1** e **P.0.a.2**, que comentarei em seguida.

lugar da filosofia em relação às demais formas de pensamento, seu âmbito legítimo de atuação: jogando, assim, com a analogia mais fundamental entre espaço e cognição (exatamente como fizera no caso da sociologia). A linguagem simmeliana é aqui recheada de metáforas espaciais: Simmel fala em “fronteiras” ou “limites” [*Grenzen*] do conhecimento exato, separando inclusive os que estão “em cima” dos que estão “em baixo”; fala em “província” [*Provinz*] e em “domínio” [*Gebiet*] de investigação, e em um “ponto” a que o conhecimento chegaria. Mas não só: também se refere à meta da filosofia como estando “situada no infinito”, jogando, assim, com a metafórica espacial para marcar a diferença entre a tarefa ideal das ciências particulares e a da filosofia; e emprega uma série de expressões ligadas à ideia de movimento (com a qual, inclusive, caracteriza, logo na primeira oração do livro, o próprio ato de pensar), como quando se refere ao passo [*Schritt*] da ciência empírica, e ao avanço ou progresso [*Fortschritt*]²⁰ do conhecimento. Essas são metáforas no sentido exato do que se expôs na primeira seção do primeiro capítulo deste trabalho²¹, ou seja (estando, no que segue, a definição geral já aplicada ao caso particular): transferências de um nome referente ao espaço para expressar ou indicar um referente não-espacial, no caso a forma filosófica de pensamento. Pode-se interpretar todas as metáforas aqui indicadas como desdobramentos diferentes da analogia mais geral entre espaço e cognição – analogia essa que marca, como vimos anteriormente, a assimilação simmeliana das ideias de Kant. Determinar rigorosamente o âmbito legítimo de atuação de cada forma de pensamento: era isso o que Kant, aos olhos de Simmel, fazia, e era esse o primeiro passo que, naquele tempo, se esperava de todos aqueles se propusessem a avançar quer em ciência, quer em filosofia²². Mas o jeito como Simmel conduz a determinação “rigorosa” do âmbito legítimo de atuação da filosofia – graças a que, vale mencionar, ele pode até certo ponto se esquivar das críticas oriundas das formas especializadas de conhecimento, e em especial as da economia²³ – produz resultados inaceitáveis para Kant, ou melhor, aceitáveis apenas caso consideremos a relativização operada por Simmel sobre as ideias de Kant. Isso se torna especialmente evidente no momento em que Simmel “desdobra” a analogia mais geral entre espaço e cognição em uma imagem aparentemente impossível, a saber: quando afirma que a meta da filosofia estaria “situada no infinito”. Em termos espaciais, essa imagem não faz sentido, ou melhor, é contraintuitiva: para situarmos alguma coisa, precisamos pressupor algo que lhe seja exterior, o que é impossível, caso o que se pretenda situar seja infinito²⁴. Se Simmel escapa dessa armadilha do pensamento, é porque não toma ao pé da letra a

---

20. Palavra essa que, em termos mais literais, significa “passo adiante”.

21. Cf. a p. 39 e as seguintes.

22. A frase com que Simmel inicia o parágrafo imediatamente seguinte ao que citei também é digna de menção, nesse contexto: “A partir dessa determinação do lugar da filosofia em geral, emanam os direitos que ela possui em relação aos objetos singulares” (GSG, v. 6, pp. 9-10).

23. Cf. GSG, v. 6, pp. 10-1. Por um motivo semelhante, não se pode ler a filosofia do dinheiro como uma sociologia do dinheiro, sem, na prática, abandonarmos toda a discussão simmeliana em torno dos problemas dessa forma particular de conhecimento.

24. Pois “situar” é dar a relação de algo com o que está a sua volta, com o que está para além desse algo – ao passo que o “fim” é a referência necessária para que possamos diferenciar esse algo e seu entorno. Assim, nada pode haver “em volta” do infinito, nada pode estar para além de algo que não tenha um fim. Por isso mesmo, um dos passos mais importantes da teoria da verdade que Simmel esboça ao longo da terceira seção do primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes* consiste na demonstração de uma

metafórica espacial: ela é, em sua filosofia do dinheiro, um recurso expressivo graças ao qual ele pode *avançar* na direção da totalidade que se ambiciona, ali e nesse sentido, “conquistar”²⁵. Note-se como Simmel “situa” sua filosofia do dinheiro inteiramente do lado de fora do âmbito legítimo de atuação da sociologia, assim como ele a concebia àquela época (i.e.: ao longo da década de 1890); esse passo é aqui importante, já que, nele, se acha simbolizado o momento de “ruptura” que caracterizaria a consolidação de seu estilo próprio de fazer filosofia, graças a qual podemos interpretar retrospectivamente os escritos anteriores de Simmel como escritos de juventude, como frutos de um período de aprendizagem intelectual (como ele mesmo o fez). Além desses desdobramentos metafóricos da analogia mais geral entre espaço e cognição, podemos identificar uma manifestação mais específica do formato analógico logo no começo do trecho citado: pois, refazendo aqui o passo inicial do argumento de Simmel, assim como as formas exatas de conhecimento possuem certos limites, assim também a filosófica²⁶, ainda que se trate, nesse último caso, de uma espécie completamente peculiar de “limitação”, configurada de tal modo a, digamos, não se limitar à metáfora dos limites²⁷. Essa linha de argumentação que, como vimos, pode ser interpretada como uma série de desdobramentos da analogia mais geral entre espaço e cognição, é interrompida por uma visão estética: pela analogia da filosofia com a arte. Esse é o segundo passo da argumentação de Simmel no parágrafo que acabamos de ler, passo de que ele se serve para fornecer uma pista inicial do que viria a ser a *sua* filosofia, em comparação com as demais – uma

---

forma “concreta” de infinitude, que ele ilustra por meio de uma série de analogias visuais (das quais é possível destacar **P.1.c.38**, **P.1.c.39**, **P.1.c.47**, **P.1.c.48**, **P.1.c.54** e **P.1.c.55**; sendo que, nesta última, Simmel discute justo como “a posição de um corpo não lhe é dada enquanto uma determinação própria e unicamente sua, mas sim apenas enquanto uma relação para com outros corpos”; cf. GSG, v. 6, p. 123) – série essa que aponta para a ideia de que o que concebemos, de forma equivocada ou ilusória, como infinito é apenas algo muito, muito grande e intrincado, tão grande e intrincado a ponto de *não podermos imaginar o seu fim*. É sobretudo na medida em que a *totalidade* que Simmel *busca* conquistar, com sua *Philosophie des Geldes*, é imaginada como uma forma concreta de infinitude (conforme o indicado por tais analogias), que ele chega mais perto de livrar a expressão do conteúdo místico a que, no mais das vezes, ela se prende. Tais ideias serão retomadas em seguida, em nossa consideração da analogia **P.1.c.38**.

25. Podemos agora dizer que a expressão “conquista da totalidade” indica a *ambição* de Simmel com sua *Philosophie des Geldes* – ambição essa que ele precisava, para fazer ciência (como em seus livros sobre a ciência moral, ou como em seu projeto sociológico), recalcar, reprimir, e que, nesse sentido, o constrangia, mas que está fadada a jamais se concretizar de forma plena. Note-se que a “promessa” de Simmel não é a de efetivamente *alcançar* o mais universal, mas sim a de tomar seu rumo, e que é justamente essa ambição que uma forma exata ou científica de ciência como a sociologia concebida por Simmel *deveria* deixar para trás.

26. Sendo que a *Crítica da Razão Pura* de Kant pode ser lida justamente como uma tentativa monumental de mostrar exatamente qual é o domínio da filosofia em geral – de modo que, ao propor uma “determinação do lugar da filosofia”, Simmel se orienta por Kant, ainda que recuse as soluções do filósofo (sendo que a recusa de Simmel pode ser concebida como uma sobrevalorização do elemento heurístico da filosofia kantiana, retomando aqui as ideias que apresentei na terceira seção do primeiro capítulo deste trabalho).

27. Trata-se aqui da analogia **P.0.a.1**, contida na segunda oração da passagem citada. A analogia é formulada nesses termos: “Os pressupostos do conhecimento em geral, **assim como** os axiomas de cada domínio particular, transferem sua apresentação e sua prova desses domínios particulares, deixando-os para trás, para uma ciência mais básica [...]”. Aqui, como em inúmeras outras passagens, a semelhança indicada é apenas um pretexto ou ponto de partida para que Simmel indique o que lhe interessa, a saber, uma diferença. Assim, nesse caso, imediatamente após indicar um ponto em comum entre as ciências exatas e a filosofia (ambas seriam formas intrinsecamente *limitadas* ou *fragmentárias* de conhecimento), Simmel trata da diferença entre elas, sendo que sua afirmação de que os “limites” da forma filosófica de pensamento estariam situados no infinito indica essa diferença (a saber, que, embora a filosofia, como a ciência, seja uma forma intrinsecamente limitada de pensamento, ela *encara* essa limitação de um modo inteiramente diverso, *como se* ela não existisse). Note-se, de resto, como todas essas questões *aparecem*, de algum modo, na tentativa simmeliana de fundamentar a sociologia enquanto ciência (cf. a discussão sobre a “metáfora incontornável do fundamento”, reproduzida a altura da p. 230 deste trabalho) – sendo ali o tempo todo contrastadas com uma atitude “científica”, que é justamente um dos fatores que contribuem para a tensão anteriormente indicada.

interpretação, coloração e acentuação seletiva, da parte do indivíduo, sobre a realidade, que está para as ciências empíricas, assim como a arte figurativa, para, digamos, a fotografia digital²⁸. Observe-se como, aqui, Simmel cerca suas formulações de incertezas: se até essa altura era enfático no que afirmava, nessa última passagem ele se livra da retórica do rigorismo formal – emprega, primeiro, a palavra “talvez”, para, em seguida, flexionar o verbo de modo a indicar uma situação hipotética, imaginária. Nesse movimento, passa da metáforica espacial para a estética: o filósofo, como o artista, se ocupa em *interpretar, colorir, destacar* – e, com isso, Simmel busca se livrar das limitações impostas pelo imaginário lógico e científico de sua época²⁹, no qual, ainda assim, apoiava-se para não se deixar levar por um esteticismo puro³⁰, o que implicaria um desligamento radical da filosofia e, em última análise, uma negação do processo do moderno que, aplicado ao conhecimento em geral, teve como um de seus resultados a diferenciação entre arte e ciência. Para poder articular sua filosofia, de um lado, às ciências modernas e, de outro, à arte sem, nesse gesto, se entregar a qualquer uma delas em definitivo, Simmel precisa de suas analogias – o que está simbolizado já no primeiro parágrafo do livro, em que ele, como vimos, articula o pensamento científico de seu tempo com uma visão estética, recorrendo, para tal, de um lado, a duas analogias mais gerais³¹ e, de outro, a duas analogias formuladas em registro mais particular³². Esse é, claro, apenas um caso, entre muitos, de como Simmel, intercalando suas analogias e montando-as umas sobre as outras, destaca ou torna evidente esta ou aquela relação entre aspectos da cultura de que não nos havíamos dado conta – de tal modo que, a cada nova relação por ele posta a descoberto ou em destaque, Simmel se aproxima um pouco mais de realizar sua ambição (no entanto irrealizável) de “conquistar a totalidade”, do mesmo modo que, a cada nova viagem, a cada nova experiência do mundo que acumulamos e absorvemos, chegamos mais perto de conhecer aquilo que jamais conheceremos: o mundo como um todo³³. Eis como Kracauer, que já havia refletido sobre as mesmas questões, equaciona o procedimento

---

28. Trata-se da analogia **P.0.a.2**, formulada na última oração do trecho de referência. E é claro que Simmel jamais sonhara com algo como a fotografia de tecnologia digital – que nós, contudo, já estamos em condições de conceber, se a comparamos com a analógica, como sendo um avanço rumo ao “aperfeiçoamento da reprodução mecânica dos fenômenos”.

29. Que não devemos confundir com os nossos: o imaginário lógico e científico que Simmel tinha em vista era justamente aquele que conferia sentido à sua empreitada de fazer da sociologia uma ciência, conforme o discutido ao longo da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho. Devemos lembrar aqui que a imagem que Simmel tinha da ciência é apenas isso: uma imagem, que de modo algum abarca (ou pretende abarcar) o que ciência realmente é, mas apenas (e isso sim) um de seus aspectos.

30. Note-se que, assim como há uma diferença entre os “limites” das ciências exatas e os da filosofia, assim também o “método” filosófico de Simmel, o seu modo de pensar o real, é apenas análogo, e não idêntico, à contemplação estética – ou seja, se a obra mais importante de Simmel não é uma sociologia do dinheiro (ou uma psicologia, ou uma história, ou um estudo propriamente econômico), tampouco é uma obra de arte que toma o dinheiro como tema. Aqui é devido lembrar que Simmel, ao contrário de Goethe, não era poeta, como confessou em uma de suas contribuições à *Jugend* (cf. GSG, v. 17, p. 400-2), traduzida e comentada por Waizbort (2000, pp. 388-9; cf. os comentários aí presentes, para se ter uma ideia mais concreta do que simboliza essa constatação de Simmel, ou seja, a constatação de que ele “não era poeta”).

31. Uma entre espaço e cognição, outra entre a arte e cognição – que, como vimos, servem de substrato à linguagem metafórica empregada ao longo de todo o parágrafo.

32. As analogias **P.0.a.1** e **P.0.a.2** – como também vimos. A figura que se forma quando combinamos essas duas imagens pode ser assim descrita: se a filosofia, como as formas exatas de conhecimento, possui certos “limites”, lida com elas de forma diversa, e de tal modo que está para o seu objeto de consideração assim como a obra de arte para o seu respectivo tema. Uma analogia complementa a outra, e cada uma só adquire seu sentido pleno quando relacionado à outra.

33. Podemos subsumir esse último passo no conceito de aproximação assintótica – que, convém, aqui, ilustrar por meio de uma analogia formulada por Nicolau de Cusa, autor citado uma vez por Simmel em sua *Philosophie des Geldes*:

analógico com tal ambição filosófica:

O interminável monte de analogias por ele intercaladas aponta o tempo todo para o pensamento nuclear da obra em sua totalidade, que se pode expressar abreviadamente como segue: a partir de cada um dos pontos da totalidade pode-se chegar a todos os outros pontos, um fenômeno traz e fornece o suporte para o outro, nada há de absoluto, nada há que exista sem estar ligado às demais manifestações e que possua um valor junto a si e para si.³⁴

A formulação de Kracauer ataca diretamente os dois pontos que considero centrais destacar, dados o escopo e a finalidade deste trabalho: primeiro, a relação entre o procedimento analógico e a “conquista da totalidade” almejada por Simmel; e, segundo, a colagem entre o estilo adotado por Simmel e o objeto de sua consideração filosófica (no caso, o dinheiro). Pois a ideia para a qual apontam, conforme as palavras de Kracauer, as analogias de Simmel é justamente aquela que encontra, no dinheiro, a sua expressão mais elevada, mais bem acabada: o caráter relacional da existência³⁵. A colagem a que aqui me refiro encontra aquele que talvez seja um de seus desdobramentos mais pronunciados no segundo capítulo do livro, em que Simmel trata da dissolução progressiva do valor de substância do dinheiro em sua pura função. Vejamos como.

Simmel introduz o segundo capítulo de sua *Philosophie des Geldes*³⁶ propondo a seguinte questão: será que o dinheiro, para executar os serviços que dele se espera, precisaria ser um valor em si mesmo, ou bastaria, para os mesmos fins, que fosse um mero símbolo ou índice desprovido de um valor próprio, ou melhor, de um valor substancial³⁷? O primeiro passo dado por Simmel para tratar dessa questão foi o de compará-la a questões análogas: se o dinheiro é uma unidade de medida assim como, digamos, uma régua – ou, mais exatamente: se o dinheiro está para o que mede (i.e.: valores concretos, p. ex.: o valor de determinada camiseta), assim como a régua, para o comprimento das coisas –, então a resposta para essa questão seria que sim, o dinheiro precisa de fato possuir um valor substancial³⁸. Mas essa primeira

---

Portanto, o intelecto, que não é a verdade, jamais compreende a verdade tão exatamente que ela não possa ser compreendida infinitamente com mais exatidão. O intelecto está para a verdade como um polígono inscrito num círculo. Quanto mais ângulos tiver, tanto mais semelhante há de ser ao círculo. Contudo, nunca será igual, embora se multipliquem os ângulos ao infinito, a não se que se resolva na identidade com o círculo. (NICOLAU DE CUSA, 2002, *A douta ignorância*, p. 47)

34. KRACAUER, 2004, p. 168. A passagem foi tirada do mesmo parágrafo que a anteriormente citada.

35. Ou, para sermos mais fiéis à expressão de Simmel que tenho em mente: o caráter relacional do ser. A expressão, empregada por Simmel, tem um forte sabor metafísico; mas não é por isso que devemos deixar de observar que, *apesar* da expressão, o referente de Simmel não era o vazio da abstração metafísica. Esse ponto será desenvolvido adiante.

36. Cujo título é *Der Substanzwert des Geldes*, ou seja, “o valor substancial do dinheiro”.

37. Cf. GSG, v. 6, p. 139, em que a mesma pergunta é formulada por Simmel, mas com maiores detalhes.

38. Assim como, afinal, uma régua precisaria em primeiro lugar possuir certo comprimento para medir o comprimento das coisas. Simmel resume o ponto afirmando que seria, segundo esse argumento, preciso que a unidade de medida compartilhasse certa *qualidade* com o objeto a ser medido para que, com isso, pudesse executar sua função (sendo tal qualidade, num dos termos da analogia, algo como um valor de uso e, no outro, o comprimento). Para evitar mal-entendidos, é devido deixar claro que Simmel não irá acatar esse modo de conceber o problema.

resposta – quero dizer: essa primeira analogia³⁹ – ainda está, como mostra Simmel logo na sequência, incompleta: é possível ainda desdobrá-la de modo a extrair, dela, um resultado alternativo, um “não”, no lugar de um “sim”. Nas palavras de Simmel:

Com isso se interrompe o princípio lógico que parece fazer da capacidade do dinheiro de medir valores algo dependente da circunstância de que este possua um valor próprio. É certamente correto que somente se pode comparar quantidades de objetos diferentes caso estes sejam de uma e da mesma qualidade; nos casos, portanto, em que a medição só possa se dar por meio da equiparação *direta* entre duas quantidades, pressupõe-se uma igualdade qualitativa. Caso, porém, se deva medir uma alteração, uma diferença ou a relação entre quantidades de duas em duas, então basta que as *proporções* da substância medidora se espelhem nas substâncias medidas para, assim, determiná-las completamente, sem que seja preciso que haja uma igualdade essencial entre as próprias substâncias. Não se pode, pois, igualar duas *coisas* distintas quanto à qualidade, mas sim, presumidamente, duas *proporções* entre coisas distintas quanto à qualidade.⁴⁰

Simmel descreve duas formas de medição que se opõem uma a outra: uma direta, que pressuporia uma igualdade qualitativa, como no caso dos instrumentos de medida de comprimento, peso e área; e outra indireta, que pressuporia, no lugar de uma tal igualdade, uma mera *proporcionalidade*. O dinheiro, se o consideramos apenas segundo sua função pura, participa dessa segunda forma mais geral de medição, a proporcional. Esse é o ponto de partida do segundo capítulo como um todo, sendo o ponto de chegada o diagnóstico de progressivo, mas inacabado descolamento do valor funcional do dinheiro em relação ao seu valor substancial, ou seja, da dissolução do dinheiro em “um suporte meramente simbólico de sua pura função”, para nos atermos aqui à formulação de Simmel⁴¹. Assim, para realizar suas funções, e em especial a de servir como unidade de medida para a série dos valores concretos, o dinheiro precisaria, projetando-se com isso para fora dessa série⁴², apoiar-se em certa proporcionalidade, i.e.: seu

---

39. Cf. a analogia **P.2.a.1**, por meio do qual Simmel relaciona três unidades de medida distintas (comprimento, peso e área), formando assim uma série ou um conjunto mais geral (a série ou o conjunto das “unidades de medida”), cuja relação com o dinheiro será dada logo na sequência. Tal relação será concebida por Simmel como uma forma de oposição: pois, enquanto essas três unidades medem elementos “estáticos”, ou pelo menos mais estáveis (como o comprimento, o peso ou a área), o que o dinheiro mede (o valor das coisas) está em constante movimento, de modo que tal medição precisaria se realizar não de forma direta, como nos casos anteriores, mas indireta, nos termos do que será exposto na passagem a ser apresentada na sequência.

40. GSG, v. 6, p. 141 (todas as *ênfases* – inclusive as duas sobre a palavra “proporção” – estão conforme o original). Para chegar aí, é devido notar que Simmel passa pela analogia **P.2.a.2**, no fundo uma elaboração sobre a série ou o conjunto formado a partir da analogia imediatamente anterior (conjunto esse a que Simmel, nessa passagem, refere-se por meio da expressão “princípio lógico” – sendo que, à luz do universo conceitual trazido à tona ao longo deste trabalho, podemos concluir que tal “princípio”, nesse contexto, nada mais é do que a *razão* ou *relação* ou *logos* que informa ambas as analogias). Com essa passagem, Simmel opera uma “torção” ou refinamento do sentido esperado da analogia. Essa torção é, enfim, semelhante – em seu formato discursivo, ou melhor, considerando o modo como o argumento é montado – com a que tirei das páginas da *Einleitung in die Moralwissenschaft*, segundo a qual o egoísmo estaria para a natureza, assim como o altruísmo, para a cultura (cf. o trecho que se inicia na p. 67 deste trabalho, bem como o que se inicia na p. 181 – contidas na seção I.2 e no item II.2.1.1.4, nessa ordem).

41. Cf. a analogia **P.2.c.52**, traduzida e comentada no item II.1.6.2.1.2 deste trabalho (cf. a p. 108).

42. O que essa “projeção para fora da série dos valores concretos” implica é que não é *necessário* que o dinheiro possua um valor substancial, como de fato possuem os objetos concretos cujo valor é medido pelo dinheiro. Isso não quer dizer, por outro lado, que o dinheiro simplesmente não possua um valor de substância e que, portanto, não compartilhe, como fosse uma mercadoria qualquer, aquela qualidade comum que permitiria uma medição “direta” do valor do dinheiro (e que permitiria situá-lo “dentro” da série dos valores concretos). Quer dizer, e isso sim, que o dinheiro possui um duplo aspecto: está, de um lado, fora e, de outro, dentro da série dos valores concretos (cf. GSG, v. 6, p. 125 e as seguintes). A proporcionalidade em questão está na base de um

funcionamento *dependeria* de uma analogia como a estritamente matemática. Essa analogia é, a certa altura do capítulo, designada de “proporção fundamental”⁴³, e seria em primeiro lugar graças a ela, segundo o argumento de Simmel, que o mundo econômico empírico seria possível. Tomemos a seguinte passagem:

E para passar dessa que é também uma possibilidade apenas lógica para a realidade, nós temos apenas de pressupor uma relação inteiramente genérica entre quantidades de mercadorias e quantidades de dinheiro, assim como tal relação de medida é indicada pelo nexa – que certamente é amiúde encoberto e sujeito a inúmeras exceções – entre a reserva crescente de dinheiro e a alta dos preços, e entre a reserva crescente de bens e a queda dos preços. Nesse sentido, concebemos – estando isso sujeito a determinações mais precisas – uma reserva total de mercadorias e uma reserva total de dinheiro, bem como uma relação de dependência entre ambas.⁴⁴

A essa altura, Simmel encerra o parágrafo, para abrir um novo – ocasião de que me aproveitarei para comentar rapidamente a passagem, antes de dar sequência à citação. A “relação de medida” a que Simmel se refere como sendo “inteiramente genérica” é, como ele mesmo afirmará mais adiante, uma relação de relações – a partir da qual se poderia formar um novo mundo com o material do antigo, como é o mundo econômico, em que a relação de medida em jogo diz respeito ao valor das coisas⁴⁵. Vejamos como Simmel formula pela primeira vez tal proporção fundamental:

Cada mercadoria em particular é apenas uma parte determinada de uma quantidade total de mercadorias à disposição; se damos a esta o nome “A”, então podemos designar aquela “1/m A”; o preço aí envolvido é a parte correspondente daquela quantidade total de dinheiro, de tal modo que, se damos a esta o nome “B”, corresponde a “1/m B”. Se, portanto, conhecemos as grandezas A e B, e se sabemos a que parte dos valores à venda corresponde em geral um determinado objeto, então saberemos também o seu preço em dinheiro, e vice-versa. É possível, assim, que uma soma determinada de dinheiro meça ou determine o valor de um objeto, independentemente de que o dinheiro e tal objeto compartilhem qualquer igualdade qualitativa, *e pouco importando, pois, se o dinheiro é ou não é, em si mesmo, um valor*. – É preciso ter aqui em vista o caráter completamente relativo da medição.⁴⁶

---

desses aspectos, a saber: o que dispensa uma igualdade qualitativa – o mesmo que, em última análise, indicará o sentido da progressão “histórica” das economias monetárias desde a Antiguidade até o presente de Simmel.

43. Cf. GSG, v. 6, p. 150.

44. GSG, v. 6, p. 142.

45. Nas palavras de Simmel:

Fabricar uma relação de medida entre duas grandezas não mais mediante a comparação direta, senão que a partir do fato de que cada uma dessas grandezas esteja numa relação com uma outra, sendo essas duas relações iguais ou desiguais entre si – eis um dos maiores avanços realizados pela humanidade, a descoberta de um novo mundo a partir do material do antigo. (GSG, v. 6, p. 162; **grifo** conforme o original)

46. GSG, v. 6, pp. 142-3; os *grifos em itálico* estão conforme o original. Tal proporção foi capturada no índice conforme uma segunda formulação, presente em GSG, v. 6, p. 144 (cf. **P.2.a.4**). Convém traduzir aqui tal formulação, para deixá-la registrada e comentar a pequena diferença nela implicada:

Pressupondo o equilíbrio perfeito de todas as oscilações e irregularidades acidentais na formação do preço, então, em um dado circuito de dinheiro, mercadoria e troca, cada mercadoria estaria para seu preço, assim como o total das mercadorias economicamente ativas num dado momento, para o total de dinheiro ativo num dado momento.

Temos aqui uma analogia que se aproxima bastante de seu modelo mais original, e em que podemos, inclusive, detectar suas propriedades básicas (em especial a reversibilidade de tal analogia⁴⁷). Deve, a esta altura, já estar claro que tal analogia forneceria, segundo o argumento de Simmel, a base ideal graças a qual o dinheiro seria capaz de medir, ou melhor, de *expressar* o valor dos objetos concretos, mesmo no caso em que não compartilhe qualquer qualidade substancial com eles – ou seja, que é sobre tal proporcionalidade que assentaria a função pura do dinheiro. Porém, para que possamos compreender mais exatamente o que isso quer dizer, precisamos considerar a diferença crucial entre *essa* analogia ou proporção fundamental, assim como formulada por Simmel, e aquela outra cujo modelo esta reproduz, modificadamente: no caso que nos interessa, o denominador da proporção deve necessariamente ser mais geral e conter, em si, o numerador, deve ser um *todo* em relação ao qual este último seja apenas uma *parte*⁴⁸. Tanto o todo como a parte a que Simmel se refere são aí imaginados como unidades funcionais que seriam, *em princípio*, concretas – embora nossa cognição se relacione com elas de modo diverso em cada caso: podemos contar com maior precisão (quero dizer: formar uma imagem *mais exata* de) esses numeradores ou partes do que os denominadores, ou seja, as somatórias nas quais cada um dos numeradores toma parte (quero dizer: não podemos, na prática, formar uma imagem tão *exata* do todo como de suas partes). Essa impossibilidade se deve, conforme o argumento de Simmel, em parte às limitações intrínsecas à cognição humana (o que ele, como vimos, em geral exprime por meio da analogia com o caráter seletivo da visão) e, em parte, devido à maneira particular como a nossa cognição responde a essa limitação, ou seja, buscando “economizar energia”, criando atalhos cognitivos cuja finalidade seria otimizar sua eficácia na prática⁴⁹. Combinados, esses dois fatores conduziram a um “esquecimento” dos denominadores da proporção econômica fundamental, graças ao qual teríamos a falsa impressão de que comparamos apenas, a cada momento, *uma* determinada mercadoria com *uma* determinada quantidade de dinheiro – ou seja, a falsa impressão de que nossas comparações seriam sempre diretas, o que, por sua vez, exigiria que o dinheiro compartilhasse necessariamente uma qualidade com tais mercadorias. A seguinte analogia fornece um ponto de apoio suficientemente firme para que possamos avançar nesse ponto, ou seja, na compreensão de como aquela “falsa impressão” resultaria da combinação entre as limitações intrínsecas de nossas capacidades cognitivas e o modo como estas responderiam a tais limitações:

A diferença está em que, agora, Simmel circunscreve essa analogia básica em um registro espacial e temporal – deixando implicado que ela seria válida apenas em um determinado circuito ou região econômica e para um determinado momento, a saber, para o *presente imediato*. Vale notar que Simmel, na sequência do texto, irá explorar esse segundo registro (o temporal) em maior detalhe que o primeiro. Tal formulação, porém, nos interessa apenas na medida em que se realiza como analogia – formato especialmente adequado para exprimir o recorte temporal visado por Simmel, se considerarmos sua origem matemática.

47. Compare-se a segunda oração da passagem acima com a definição kantiana da analogia matemática, e ambas com a aplicação de Aristóteles ao caso da poética – sendo que as duas últimas passagens se acham reunidas na p. 32 deste trabalho.

48. O que não é um caso em uma proporção estritamente matemática.

49. Cf. GSG, v. 6, p. 145. Considerando as ideias expostas no primeiro capítulo da *Philosophie des Geldes*, esse passo contempla a “relação” entre a doutrina da seleção natural de Darwin e a teoria do conhecimento de que tratou Simmel, e a que já me referi algumas vezes ao longo deste trabalho.

Quando se leva em consideração o tremendo número de pressupostos assentados uns nos outros, que são tantos a ponto de se perderem no infinito, e dos quais depende todo conhecimento determinado em seu conteúdo, então não parece de modo algum estar descartada a prova da sentença A pela sentença B, e da sentença B, por sua vez, pela verdade de C, D, E, etc., até chegarmos àquela que só pode ser provada pela verdade de A. É preciso apenas que se conceba que a corrente argumentativa C, D, E, etc. seja longa o suficiente para que essa volta ao ponto de partida escape à consciência, assim como, dada a extensão da Terra, sua estrutura esférica se esconde da visão imediata, provocando a ilusão de que se poderia avançar por ela em linha reta indefinidamente; e com isso parece se fazer plausível o nexa que adotamos dentro do nosso conhecimento de mundo: que possamos, a partir de cada um de seus pontos, obter a prova para cada um dos demais.⁵⁰

Trata-se aqui de uma variação específica da analogia mais geral entre visão e cognição, que, de resto, contém, como vemos, a formulação do próprio Simmel daquilo que Kracauer consideraria o “pensamento nuclear” da *Philosophie des Geldes*⁵¹. Tal analogia é formulada na terceira seção do primeiro capítulo do livro, ao longo da qual Simmel esboça uma teoria da verdade geradora de uma determinada imagem de mundo, na qual, enfim, o sentido filosófico do dinheiro obteria contornos⁵²; o contexto de que a analogia foi tirada é o da exposição do seu relativismo filosófico, que tem como pedra de toque o conceito de interação ou determinação recíproca das partes – uma forma “circular” de determinação, que se opõe à causal, que Simmel a essa altura imagina como “linear”. Ao traçar a analogia acima reproduzida, Simmel joga implicitamente com essas duas imagens básicas: a do círculo e a da linha. A ideia é que, ao avançarmos sobre a superfície da Terra, temos a falsa impressão de que perfazemos um percurso linear, quando de fato perfazemos um arco; se avançamos o suficiente, esse arco se “fecha” (o que não aconteceria, se o percurso fosse realmente linear), voltamos ao ponto de partida e assim traçamos, sob os nossos pés, algo semelhante a um círculo. Devido a que o tamanho da Terra seja enormemente maior que o nosso, não somos capazes de *discernir* um percurso retilíneo de um arqueado, de *perceber a diferença* entre um segmento de reta e um arco (este que, por sua vez, nada mais é, nesse caso, senão uma “parte” ou um “segmento” de um círculo, que o abrange) – de modo que temos a impressão de que o caminho em si não tem fim, quando o que se passa é que nos encontramos numa tal situação em que poderíamos, no limite, percorrer infinitas vezes um circuito finito. O que nos escapa, nesse caso, é o percurso em sua totalidade (o círculo)⁵³: como este é demasiado grande em relação a nós, ou melhor, como não estamos

---

50. P.1.c.38, disponível em GSG, v. 6, pp. 99-100; grifo meu.

51. Compara-se o trecho final da passagem que acabei de apresentar com a de Kracauer, referida na nota 34 desta seção. Essas eram, por sinal, ideias que Simmel vinha cultivando desde pelo menos o final da década de 1880, como o revela a passagem do livro sobre a diferenciação social citada junto à nota 119 da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho (cf. a p. 225).

52. Ou seja, operacionaliza uma teoria do conhecimento especialmente *adequada* para lidar com o dinheiro enquanto objeto da consideração filosófica. Esse é, por sua vez, um passo crucial para que Simmel realize a promessa de seu prefácio (ou seja, aquele alargamento, de inspiração estética, do concreto e particular até o mais universal).

53. Que nos escapa justamente por ser muito grande para que possamos concebê-lo de forma direta: o que exigiria, no caso, que fôssemos capazes de “enxergar” de uma só vez o percurso total que desenharíamos, caso dêssemos uma volta na Terra. Só assim formaríamos uma experiência concreta e interna da posição relativa de cada parte do percurso em relação a todas as outras partes. Essa é a base “epistemológica” – ignorada por muitos comentadores – que confere sentido ao diagnóstico, formulado por Simmel em linguagem em parte metafísica e em parte sociológica no último capítulo do livro, de progressivo descolamento entre

equipados para perceber o momento em que ele se “fecha”, percebemos apenas a cada momento um de seus arcos (ou seja, partes de um círculo mais abrangente), e quanto menor um arco em relação ao perímetro total do círculo de que é parte, tanto mais *semelhante* esse arco se torna, quando comparado a um segmento de reta – de modo que, no caso de uma circunferência de raio infinito, essa diferença se tornaria infinitamente pequena, indiscernível⁵⁴. A analogia se detém, portanto, num aspecto crucial para a teoria relativista do conhecimento ali esboçada por Simmel: no caráter necessariamente fragmentário e limitado da cognição, a que já tivemos acesso em nossa consideração de algumas de suas analogias com a visão. Na passagem acima, Simmel constata que uma ilusão semelhante à detectada no primeiro caso se passaria também no caso que lhe interessa, o do conhecimento: percebemos a todo o momento que a comprovação da verdade de “A” depende da referência a “B”, que, para ser comprovado, precisa ser referida a “C” – e assim sucessivamente. Como, a cada dado momento, precisamos nos concentrar na comprovação de *uma* dessas relações de dependência em particular, o que ocorre é que perdemos de vista todas as demais relações e, por conseguinte, a concatenação mais geral entre estas, que ainda não tivemos ocasião de pôr à prova, e aquelas, que já comprovamos. Já que essa visada mais geral estaria situada para além do nosso horizonte cognitivo, seríamos induzidos a imaginar o processo de prova como

---

a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Se esta só é capaz de apreender aquela de modo fragmentário, tal limitação é devida à impossibilidade de se assimilar plenamente, no plano da consciência de *um* sujeito em particular, o produto combinado da atividade da consciência de um número talvez a princípio contável, mas, na prática, *incontável* de sujeitos.

54. Esse tipo de raciocínio, empregado por Simmel, é muito semelhante àquele desenvolvido por Nicolau de Cusa, que o aplicava à teologia, como o revela a consideração da seguinte passagem de sua *Douta Ignorância*: “Se, portanto, a linha curva, em sua curvatura, diminuir, quanto mais ela for a circunferência do círculo maior, a circunferência, portanto, do círculo máximo, a qual não pode ser maior, é minimamente curva e, por isso, maximamente reta” (NICOLAU DE CUSA, 2002, *A douta ignorância*, p. 67; há, nessa mesma página, uma representação gráfica disso a que o teólogo se refere nessa passagem – e que talvez, por ser aqui citada fora do contexto, soe confusa ou enrolada para quem a lê). Que a linha curva coincida, aí, com a reta – essa é uma mostra do princípio da *coincidentia oppositorum* que Nicolau de Cusa, como sabia Simmel, atribuiria a deus (cf. GSG, v. 6, p. 305). Como notou H. Blumenberg, em sua apresentação do conceito de “metáfora explosiva” (*Sprengmetapher*; trata-se aí da torção de uma metáfora até o ponto de sua destruição, orientada como um esforço brutal no sentido de pôr em palavras o inefável), há uma passagem dos espólios de Simmel que envolve uma outra aplicação desse mesmo raciocínio básico, que eu gostaria de reproduzir junto com os comentários de Blumenberg:

Georg Simmel esclareceu, em um dos fragmentos de seu diário, um determinado aspecto a propósito da consciência moderna da história, na medida em que transformou o conceito nietzscheano do eterno retorno do mesmo em metáfora explosiva: “A mim parece que o processo do mundo, se entendido como a rotação de uma enorme roda, é decerto como o pressuposto do eterno retorno. Só que não com o mesmo resultado (a saber: que a identidade efetivamente nalgum momento venha a se repetir), porque, como essa roda tem um raio infinitamente grande, então só quando um tempo interminável tiver transcorrido, e portanto nunca, é possível que o mesmo venha a alcançar outra vez o mesmo lugar – e, com efeito, trata-se de uma roda que gira sobre si mesma, uma roda que, segundo a sua ideia, vai no sentido do esgotamento da diversidade qualitativa, sem que efetivamente a esgote.” Não se sente aí nada mais da “triste necessidade” das metáforas, de que poderia falar o iluminista [Aufklärer]. Mesmo um esforço desesperado no sentido de exprimir alguma coisa que até então não havia sido dita e era tomada por indizível [...] pode ser um ganho incomparável – um ganho que o autor talvez tenha achado menor que o preceito do silêncio [...]. (BLUMENBERG, 2001, “Ausblick auf einer Theorie der Unbegrifflichkeit”, p. 200; para destacar o trecho de autoria de Simmel, tomei a liberdade de cercá-lo de aspas, que não constam do original, além de não aplicar o *italico*; o trecho de Simmel está disponível em GSG, v. 20, p. 263)

Convém apenas notar que a última frase de Blumenberg reproduzida no trecho em questão se explica porque estamos diante de uma passagem do diário de Simmel – ou seja, de algo que ele mesmo não chegou a publicar, preferindo, ao invés disso, manter o “preceito do silêncio” (o que é, por sua vez, uma alusão às linhas finais do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein).

algo “linear”⁵⁵. Daí seria apenas um passo para postularmos algo como a existência de uma causa original, de um fundamento *definitivo* para o conhecimento, de uma verdade autoevidente, cuja prova não dependa de qualquer referência a um outro conhecimento e que, além disso, estaria na base ou serviria de fundamento para todas as outras verdades possíveis⁵⁶ – passo esse que Simmel recusa, já que o conduziria ao dogmatismo. O que Simmel pretende ilustrar com essa analogia é como seria possível “dobrar” a série das provas sobre si mesma, o que, por sua vez, seria necessário para dar corpo a uma teoria do conhecimento adequada para fazer, do dinheiro, um objeto relevante para a consideração filosófica⁵⁷. Isso porque, conforme o argumento de Simmel, a determinação ou medição dos valores concretos⁵⁸ se daria justamente segundo esse esquema circular, ou seja: o valor de cada um dos itens que, juntos, formam a série econômica só poderia ser determinado com exatidão na medida em que se desse a relação desse objeto com todos os demais, a imagem total, e por isso mesmo impossível de se obter, de sua conjuntura⁵⁹. É esse, por sinal, o “x” da questão quando se fala do “caráter completamente relativo da medição” – que Simmel, como vimos, pediu para que “tivéssemos em vista”, ao considerar sua analogia econômica fundamental⁶⁰. O “caráter completamente relativo da medição”, que precisamos ter em vista para compreendermos as especulações de Simmel sobre a função pura do dinheiro, coincide exatamente com o caráter relativista do conhecimento em geral, conforme este fora esboçado ainda no primeiro capítulo da obra – e a que aqui me referi em um registro sintético, ao desdobrar a analogia **P.1.c.38**. Como no caso da circunferência da Terra, também o círculo formado, a cada momento, pelos valores econômicos concretos é complicado demais para que possamos concebê-lo *imediatamente* como sendo o resultado desse processo de ajuste recíproco das partes que encontra na analogia econômica fundamental sua fórmula mais abstrata⁶¹. E mesmo que nós pudéssemos, ainda que apenas em princípio,

---

55. Já que o contrário só seria possível, caso tivéssemos uma experiência do ponto no qual a série das provas seria dobrada sobre si mesma, formando algo como um círculo – experiência essa que é, por sua vez, justamente o que nos escapa. Essa indução faz por sua vez tanto mais sentido se levarmos em conta que tal experiência possui um valor prático que tende a zero: diante daquilo que é complicado *demais*, do inconcebível, simplesmente não temos o que “fazer”, pois toda a conduta prática produzirá ou resultados insignificantes, ou consequências imprevistas. A “precipitação” que consiste em atribuir ao todo as qualidades daquela parte a que temos um acesso mais imediato, e que produz a ilusão de que andamos em linha reta sobre a Terra, se explicaria, pois, por ser a mais simples das conclusões, a mais econômica, a que está mais à mão e, portanto, a que envolve um menor gasto energético – já que uma conclusão mais refinada demandaria esforços adicionais, buscas mais detalhadas e, ao mesmo tempo, mais abrangentes, e portanto uma atividade mais intensiva e mais extensiva do pensamento, sobrecarregando-o.

56. Ou seja, um conhecimento absoluto, e não mais relativo. Para Simmel, o ideal do conhecimento absoluto é uma ilusão como a discutida anteriormente – e a que nos apegamos por ser, na prática, a mais confortável, ou melhor: a mais simples e econômica.

57. A *Philosophie des Geldes* contém um índice dos conteúdos de cada capítulo, e a analogia **P.1.c.38** está contida sob o seguinte item: “esboço a título de exemplo de uma imagem relativista de mundo de um ponto de vista epistemológico: a construção das provas no infinito e sua dobra no sentido da legitimação recíproca” (cf. GSG, v. 6, p. 15). A “dobra” a que Simmel aí se refere é essa conversão da série linear das provas em um círculo – que simboliza, além do que foi aqui exposto, a substituição do conceito de determinação causal pelo de interação (*Wechselwirkung*) ou determinação circular, consistente com o uso de analogias (conforme o que foi sugerido na nota 55 do item II.1.4.5 deste trabalho, a altura da p. 114).

58. Medição essa que estaria para o mundo econômico, assim como o conceito de verdade para o das representações, como pode ser conferido na última oração da passagem citada a seguir, junto a nota 67 desta seção.

59. A expressão “imagem total” é, aqui, uma figura de linguagem – de que me utilizo para indicar o que obteríamos *no lugar de uma imagem* (que é, por definição, algo parcial) caso nossa cognição não fosse limitada, como de fato é.

60. Cf. a passagem que se liga à nota 46 desta seção.

61. E aqui a situação é inteiramente análoga ao que se passa na biologia: podemos apontar para formas específicas de vida, ou melhor, para um morcego ou para uma pessoa em particular, mas não podemos apontar, no mesmo sentido, para as condições

levar em conta todas as partes envolvidas no processo de determinação do valor das coisas, tal contagem seria tão impraticável e ingrata como enumerar todos os grãos de areia que formam a imagem total de uma “praia”⁶² – para não dizer, é claro, que ao tomar tais partes como unidades a serem contadas, temos ainda de lidar com a complicação adicional de que, mesmo que possamos formar uma imagem *mais exata* dessa parte do que podemos formar no caso da praia como um todo, ainda assim uma imagem *perfeitamente exata* de cada um desses grãos estaria absolutamente fora de cogitação. Basta não nos esquecermos de que mesmo a solidez do grão de areia só é aparente em certa escala, a uma certa distância, exatamente como no caso das formas de socialização⁶³.

Seja como for, embora parta do princípio de que *não possamos levar em conta, ter em vista, formar uma imagem exata do todo que compreende tais partes*, o esquema conceitual de Simmel ainda postula essa totalidade inconcebível⁶⁴, que opera como pressuposto ideal orientado para o descortinamento de relações efetivas entre as coisas (relações que, até então, nos haviam escapado, que não havíamos levado em conta, ou então: que não haviam ultrapassado o limiar de nossa consciência), como um artifício do intelecto especialmente adaptado para conduzir à descoberta de novas relações, uma armadilha da razão fabricada para capturar essa criatura escorregadia que é o novo, ou seja, e agora para resumi-lo numa única expressão, a mais precisa de que disponho: como um *princípio heurístico*. Esse é especialmente o caso dos denominadores da proporção econômica fundamental postulada por Simmel: ele precisa, num primeiro momento, pressupor uma quantidade total de mercadorias e uma quantidade total de dinheiro

---

de vida a que tanto morcegos como pessoas tiveram de se adaptar (cf. a discussão da segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho, especialmente a partir da p. 56).

62. O argumento aqui foi construído por analogia ao exposto em GSG, v. 16, pp. 63-5, disponível em português em SIMMEL, 2006, *Questões fundamentais da sociologia*, pp. 9-11. Tenha-se aí em vista os três exemplos que Simmel encadeia numa analogia: o do estilo gótico; o dos “gregos” e “persas” na batalha de Maratona; e o dos indivíduos. Também me apoiei na analogia da imagem da sociedade com a da floresta, reproduzida na nota 65 da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho (a altura da p. 209), em que flagramos Simmel se referindo a um “olho do espírito”.

63. Devemos prestar atenção a esse último apontamento, pois de outro modo poderíamos ser induzidos a conceber – levando, assim, longe demais a metáfora da solidez – as “partes” da sociedade como claramente discerníveis umas das outras. Para destacar que esse não era, ao menos para Simmel, o caso, basta retomarmos a analogia **S.1.a.2**, segundo a qual os “elementos” da sociedade (no caso, os indivíduos) estariam para a sociedade como um todo, assim como as ondas, para o mar (analogia essa apresentada no item II.1.6.1.3.1, a altura da p. 137 deste trabalho). As imagens opostas da fluidez e da solidez permitem a Simmel caracterizar sempre aspectos mais ou menos determinados de seu objeto – a sociedade, o dinheiro –, e até mesmo o simbolizam, mas não se confundem com ele. Não devemos, por isso mesmo, nos deixar levar demasiado longe por uma ou por outra imagem, ou melhor: se podemos sempre desdobrá-las mais um pouco nesse ou naquele sentido, não podemos desdobrá-las a ponto de cobrir, com uma delas, tudo o que Simmel tinha em vista – não sem destruirmos o sistema filosófico de Simmel, que é (no aspecto que nos interessa) justamente um sistema *de analogias*, i.e., um sistema cujo funcionamento depende visceralmente da concatenação de analogias diversas entre si. O que, de resto, justifica, no presente contexto, tal aproximação entre o dinheiro e a sociedade é que o capítulo da *Philosophie des Geldes* que começa com uma exposição da analogia econômica fundamental termina com esta outra:

Assim, o historicismo e a visão de mundo sociológica são tentativas de afirmar o universal e, ainda assim, negar seu caráter abstrato: uma elevação por sobre o que é singular, uma derivação do singular a partir do universal, que, porém, se apropria da realidade plena e genuinamente; pois a sociedade é o universal, que não é abstrato. [...] O dinheiro parece participar dessa tendência evolutiva na medida em que o sentimento valorativo que a ele se liga se torna independente de seu material, passando daí para sua função, que é um universal, sem ser algo abstrato. (cf. **P.2.c.65**, disponível em GSG, v. 6, pp. 252-3, e citada aqui em registro simplificado em relação ao índice)

64. Que é inconcebível apenas na prática, devido às limitações da cognição humana, e que também pode ser caracterizada como “inconcebida”.

em relação às quais se poderia conceber esta ou aquela mercadoria, esta ou aquela soma de dinheiro⁶⁵ como “partes” para, com isso, estabelecer como seria possível que o dinheiro, mesmo sem compartilhar com as mercadorais em geral qualquer qualidade, funcione como medida do valor dessas mercadorias, “traduzindo” para sua linguagem própria as relações de valor efetivamente travadas entre elas⁶⁶. Assim também no caso do conhecimento do outro, como dirá Simmel a certa altura de sua *Philosophie des Geldes*:

Cada pessoa com quem nos havemos é, para a experiência direta, apenas um autômato que faz barulho e gesticula; que haja uma alma por detrás disso o que percebemos e quais sejam os processos que ali transcorrem, isso é algo que só podemos concluir pela analogia com nossa própria interioridade, que é o único ser anímico que conhecemos diretamente. Por outro lado, o conhecimento do “eu” apenas se amplia com o conhecimento do outro, e até mesmo a decomposição fundamental do “eu” em uma parte que observa e outra que é observada se realiza somente pela analogia da relação entre o “eu” e as personalidades alheias. É precisamente pelos seres situados fora de nós, que só podemos interpretar mediante o conhecimento anímico de nosso próprio ser, que este tem, por conseguinte, de se orientar. Assim, o saber a respeito das coisas da alma é um jogo alternado entre o “eu” e o “tu”, em que cada um indica, a partir de si, o outro – é como que uma alternância e uma troca contínuas dos elementos um pelo outro, no qual a verdade, não menos que o valor econômico, é engendrada.⁶⁷

Nesse contexto, o dinheiro funciona como uma linguagem particular, em que as incontáveis relações de valor efetivamente travadas entre as coisas encontram uma *expressão* possível. Assim como nós, para compreendermos o outro, assimilamos suas ações em termos que são familiares para nós, interpretando-as de acordo com os nossos estados interiores de ânimo⁶⁸, assim também o dinheiro seria capaz de traduzir para sua linguagem própria as flutuações do consumo e da demanda, as jogadas ou oscilações em que o jogo da economia se institui – adquirindo, assim, sua “autonomia”. Essa linguagem – o dinheiro – deve ser capaz de expressar tais relações de forma suficientemente funcional e estável para que o mundo econômico possa ser de algum modo assimilado pela consciência daqueles que o habitam e o mantêm – os indivíduos – e, assim, não se dissolva, não desapareça para sempre no momento imediatamente posterior ao de sua formação. Para esses fins, basta que tal linguagem permita o registro do que se passa em seu exterior⁶⁹, de suas flutuações e mudanças, ainda quando se trate de um registro altamente

---

65. Sendo que é isso apenas – esta ou aquela mercadoria, esta ou aquela soma concreta de dinheiro – o que estaria ao nosso alcance conceber, por uma questão de escala (para retomar aqui o conteúdo da nota anterior a esta).

66. Que, de “coisas”, passam, nesse ato, a ser concebidas como objetos econômicos.

67. Cf. **P.1.c.45**, disponível em GSG, v. 6, p. 110, e aqui citada em um registro inteiramente diferente do que no índice. O ponto se liga à discussão indicada na seção final do capítulo anterior, a altura da p. 298, em que me apoio em comentário de K. Lichtblau

68. Por detrás dessa discussão está toda a filosofia da história do Simmel, que Weber, aliás, utilizou para organizar suas ideias em torno do problema da compreensão. A compreensão do outro – que, em termos espaciais, pode ser traduzida como um “colocar-se no lugar do outro” – é um tema importante em Simmel, que não será aqui tratado diretamente. Para uma discussão detida sobre o tema, cf. a extensa introdução de G. Oakes a SIMMEL, 1980, *Essays on interpretation in Social Science*, uma coletânea com traduções para o inglês de quatro dos ensaios de Simmel sobre a filosofia da história. Três desses ensaios encontram-se traduzidos para o português em SIMMEL, 2011b, *Ensaio sobre teoria da história*.

69. O que, antes, tratávamos por meio da analogia com o instrumento de medida é, aqui, tratado por meio da analogia com a linguagem, sendo o “registro” em questão simplesmente o valor em dinheiro de um determinado objeto. As duas analogias

simplificado, comprimido, sintético, em suma: esquemático – sendo, aliás, o esquematismo e simplicidade dessa linguagem em particular justamente um dos fatores que concorrem a seu favor, uma de suas “vantagens”⁷⁰. A proporção econômica fundamental, sobre a qual Simmel discorre ao longo do segundo capítulo de sua *Philosophie des Geldes*, pode ser, agora, concebida como a regra mais geral que lhe permite conceber como essa “tradução” seria empiricamente possível, mesmo no caso em que não haja qualquer igualdade substancial entre o dinheiro e aquilo que mede⁷¹ – passo esse que é essencial para o descortinamento das relações de dependência recíproca entre o dinheiro e a cultura em geral.

Esse é, contudo, apenas um exemplo – talvez o mais radical – de como a analogia permite a Simmel colar seu estilo filosófico ao objeto de sua consideração filosófica. Pois é disto que se trata: de mostrar como o dinheiro, em um dos aspectos de sua relação com a série dos valores concretos, depende daquele mesmo procedimento de que Simmel o tempo todo mobiliza para fazer, dele, filosofia: o analógico. Daí que o recurso à analogia seja um meio especialmente apropriado para os fins imaginados por Simmel⁷², para a realização de sua “conquista da totalidade”⁷³. Daqui até o final deste trabalho, o que resta para ser

---

foram formuladas por Simmel, ainda que eu as tenha desdobrado um pouco mais (para a analogia com o instrumento de medida, cf., além das já citadas, **P.2.a.17** e **P.2.c.51**, em GSG, v. 6, p. 165 e 234-5, respectivamente; a analogia entre dinheiro e linguagem que tenho em vista é aquela com que Simmel fecha a penúltima das dezoito seções de seu livro, **P.6.b.46**, em GSG, v. 6, p. 653).

70. Como explica Simmel em **P.3.a.10**, em GSG, v. 6, p. 267 – ainda que aí sem falar em esquematismo. A questão também pode ser concebida no seguinte registro: a linguagem do dinheiro é “meramente simbólica” no mesmo sentido em que o é a bandeira de uma nação – a nação, enquanto unidade política, não está ali, *na bandeira*, mas a bandeira remete à nação como um todo, é uma representação altamente concentrada dessa unidade política que é real e funcional, mesmo quando criada “artificialmente”, ou seja, por imposição, pela força. É isso, como veremos, que torna o dinheiro um objeto privilegiado da consideração filosófica: o fato de que ele remete a um enorme mundo de coisas, o da cultura. Além de “simbólica”, no sentido indicado, a linguagem do dinheiro é ainda “econômica” – sendo que o que ela permite “economizar” é o gasto de energias anímicas, de esforço individual a ser empregado no ato de troca, o que pode ser ilustrado pela constatação de que é mais fácil ou menos dispendioso trocar uma coisa pela outra, quanto temos à disposição um meio “fluido” como o dinheiro ou o crédito, do que quando não dispomos de tais meios (foi, p. ex., graças a esse tipo de meio que eu pude obter, sem sequer sair de casa e, portanto, de forma especialmente “econômica”, uma cópia de SIMMEL, 1980). Essa “economia” energética possibilitada pelo dinheiro é, conforme o argumento de Simmel, essencial para a existência e propagação do sistema econômico em sua forma moderna (cf., p. ex., **P.4.b.18**, em GSG, v. 6, p. 400-1). Podemos ter uma ideia disso, remetendo o ponto às ideias já desenvolvidas: pois o que o dinheiro faz é tornar esse mundo complexo de coisas que é o das mercadorias assimilável para a consciência dos indivíduos, o que só é possível graças a uma simplificação, portanto graças também ao “esquecimento” de todo um complexo de coisas. Essa simplificação é essencial para que o jogo econômico continue, na medida em que, sem ela, os jogadores não teriam como orientar suas ações na prática – para termos uma ideia disso, basta tentarmos imaginar o que nós (habitantes de uma dessas cidades grandes de que Simmel uma vez falou) fariamos, caso de súbito nos encontrássemos em uma situação em que todo o dinheiro e as formas de crédito desaparecessem da face da Terra.

71. Assim como – o que está implicado no argumento de Simmel – não há qualquer unidade *substancial* (mas apenas funcional) entre o “eu” e o “tu”: o conhecimento possível de si é inteiramente diverso do conhecimento possível do outro, na medida em que não temos acesso ao fluxo da consciência alheia e a todas as experiências que serviram de matéria para ela, mas apenas àquelas “manifestações” do outro, ou seja, aqueles fragmentos da existência alheia que de algum modo se apresentaram para nós, que se exteriorizaram e foram por nós percebidas. A analogia com nossa interioridade é, como argumenta Simmel, o recurso de que dispomos para convertermos novamente para a linguagem da alma (para usar a expressão de Simmel) isso que, para nós, se apresenta como um “autômato que faz barulho e gesticula”, ou seja: para que possamos interpretar tais barulhos e gestos como produtos de uma criatura que pensa como nós, que funciona como um “eu”, que é dotada de consciência. A proporção econômica fundamental – também uma analogia – opera uma tradução como essa, ainda que seja adequada para “capturar” outras modalidades de oscilação, ou seja, não “barulhos e gestos”, mas sim aquelas que dizem respeito às variáveis propriamente econômicas.

72. Há, em alemão, uma palavra melhor que “apropriado”, empregada frequentemente por Simmel na *Philosophie des Geldes* e às vezes traduzida como “adequado”, “conveniente” ou até mesmo “útil”, dependendo do contexto: *zweckmäßig*.

73. E assim, Simmel faz mais um ajuste, complementar àquele entre seu estilo próprio e o objeto de sua consideração filosófica: ajusta isso tudo ao modo como *expõe* seu pensamento, à forma como o apresenta para seus interlocutores. Em todos os casos – que, diga-se de passagem, são em última análise muito difíceis de distinguir um do outro –, recorre ao procedimento analógico.

feito é tentar expor o sentido por detrás desse truque (que não é o único mobilizado por Simmel para cumprir a promessa explicitada no prefácio à *Philosophie des Geldes*, mas que certamente é um dos mais importantes, um sem o qual tal promessa não poderia ser cumprida), que consiste em intercalar analogia com analogia para, desse modo, fabricar um “mapa” da totalidade a ser conquistada⁷⁴ que, apesar de reduzido em sua escala, permitiu que Simmel a concebesse de forma tão detalhada quanto estava a seu alcance. Que, no caso de Simmel, estejamos diante de um mapa especialmente abrangente e completo, ainda que de modo algum isento de omissões importantes – esse é um ponto que será sugerido no que resta desta seção, mas sobre o qual eu não pretendo discorrer de forma explícita. Pretendo, no lugar disso, apresentar algumas das analogias de Simmel, para indicar como o procedimento lhe permite *expor* relações entre fenômenos culturais que não são imediatamente óbvias, de que em geral não nos damos conta, e que pareciam isoladas em províncias aparentemente muito distantes do real, como o dinheiro, a representação psicológica de deus, o mar como entidade geográfica, a liberdade, o casamento, etc.

Para começar, gostaria de partir da seguinte proposição: a “totalidade” que Simmel busca conquistar corresponde à cultura humana em geral, ao mundo ou universo da cultura. É, *em última análise*, esse o mundo que Simmel almeja “mapear”, é pelos seus quatro cantos que se aventura, é essa a “existência”, o “ser” que está em jogo, quando se refere ao dinheiro como “o símbolo histórico do caráter relativo da existência”⁷⁵, etc. Devemos ter em mente que o mundo da cultura humana não coincide, para Simmel, com o social, mas ao invés disso contém, como parte de seu repertório de formas, o que ele considera ser o objeto próprio de estudo da sociologia, i.e., as formas de socialização⁷⁶. Compõem o mundo da cultura, no sentido que aqui interessa, todos os produtos da atividade humana, sendo que considero aqui que é essa a “totalidade” que Simmel almeja conquistar intelectualmente. Para fins de análise, convém distinguir o mundo da cultura, que é o repertório dos produtos da atividade humana, e o processo cultural, em relação ao qual cada um dos itens desse repertório é uma realização concreta, um resultado particular (possível apenas em determinado momento do processo cultural). É verdade que boa parte do “mapeamento” de Simmel consiste em mostrar como o mundo da cultura, tal como se fez presente diante dele – i.e.: a cultura moderna –, pode ser concebido como o resultado mais recente desse processo, por sua vez caracterizável como um jogo ininterrupto entre sujeito e objeto⁷⁷. Justamente aí se

---

74. Conforme o que irei propor logo na sequência, a totalidade que Simmel “mapeia” é a da cultura humana, conforme esta se apresentava para ele (ou seja, como uma cultura moderna; sendo essa uma variação das ideias de Kracauer indicadas na nota 13 desta seção, acima).

75. Cf. GSG, v. 6, pp. 712 e as seguintes; cf. também a referência no índice de conteúdos elaborado por Simmel, em GSG, v. 6, p. 20, em que encontramos a afirmação de que o dinheiro é o “símbolo histórico” do caráter relativo da existência ou do ser (a expressão o original é “*Relativitätscharakter des Seins*”).

76. Cf. toda a segunda seção do último capítulo da *Philosophie des Geldes*, e em especial as analogias ali contidas, dentre as quais gostaria de destacar a **P.6.b.24** – em que Simmel compara os produtos “materiais” da cultura (tais como a mobília, as plantas cultivadas, as máquinas e os livros) aos espirituais (como a linguagem, a religião e o direito), em que, em suas palavras, “forma-se a relação do ser humano com outros seres humanos e consigo mesmo”.

77. Para uma caracterização mais detalhada do processo da cultura como jogo entre sujeito e objeto, cf. WAIZBORT, 200, pp. 115-9, bem como as pp. 123-6.

acha o limite da imagem do mapeamento: ela não captura *diretamente* o elemento dinâmico do estilo de Simmel, seu modo de teorizar sobre o processo da cultura, por meio do qual ele procura capturar o próprio dinamismo por trás inclusive de seu resultado moderno – como que imitando seus movimentos mais característicos⁷⁸. Por outro lado, é preciso que se reconheça que esse elemento não está de fato presente em qualquer das mais de 700 páginas da *Philosophie des Geldes* – obra essa que é uma realização exatamente tão estática e desprovida de vida como um mapa qualquer. O elemento dinâmico de sua teoria está, ao invés disso – para mostrar agora que a imagem do mapeamento, embora incompleta, nos basta –, implicado na elaboração desse “mapa” em particular, e o melhor atalho para reacessarmos tal elemento está na consideração da técnica utilizada por Simmel para obter os resultados que obteve, ao elaborar o seu mapa da cultura tal como esta se fez presente diante de seus olhos. Essa técnica, como deve a esta altura estar claro, é a analogia⁷⁹.

Pois bem: isso que, aqui, está sendo tratado mediante a imagem do “mapeamento” foi concebido por Simmel como uma espécie de filosofia, ou melhor, como coincidindo com a atividade filosófica – como já está indicado no começo deste capítulo. Ao conceber o problema desse modo, Simmel enfatiza um domínio bem particular e restrito da cultura, a saber: aquele no interior do qual se acham todas as realizações da história da filosofia. Assim, para cumprir sua promessa, Simmel também precisa ao menos avançar, partindo do dinheiro, sobre esse domínio em particular, “conquistá-lo” – e uma das estratégias

---

78. Uma imagem alternativa para capturarmos o que Simmel faz com a cultura, assim como esta se fez presente diante dele, é a do diagnóstico – imagem essa mais ao gosto da Teoria Crítica, e que já empreguei ao longo desta seção. Essa imagem possui a vantagem de capturar mais imediatamente o aspecto “vivo” ou dinâmico da cultura, ou melhor, o processo que tem como resultado presente o repertório atualmente disponível das formas culturais. Essa vantagem decorre de que o diagnóstico se refere a um “organismo” (ou seja, pode ser concebido como uma variação em torno da analogia mais fundamental entre vida e cognição), ao passo que o mapa, a um “mundo” (este passível de ser pensado como variação da analogia mais fundamental entre espaço e cognição; note-se que é apenas aquilo a que o mapa se refere – o mundo – que pode ser concebido em termos meramente espaciais, pois o mapa em si exige ainda que acrescentemos a essa primeira analogia uma segunda, a visual, sendo o mapa, nesse sentido, uma visão de mundo), e que é mais difícil, para nós, percebermos o dinamismo deste do que daquele. A imagem do diagnóstico pode ser desdobrada em vários sentidos, para ilustrar vários dos pontos que ilustrei, aqui, por outros meios. P. ex.: poderíamos nos apoiar nela para retomar as discussões em torno da noção simmeliana de totalidade; o diagnóstico (concebido como resultado do trabalho dos profissionais formados nesse domínio da cultura que é a medicina moderna) depende, dentre outras coisas, desse gesto de compreender como as várias partes de um dado organismo interagem entre si, sua unidade funcional, o modo como este ou aquele organismo em particular reage a determinados estímulos externos e como assimila ou deixa de assimilar determinadas substâncias, e até mesmo os hábitos pessoais do “paciente” (se fuma, o que come, que lugares frequenta, etc. –, pois a consideração disso o que, depois de Simmel, passamos a chamar de “estilo de vida” é um passo muito importante desse processo cognitivo que conduz ao diagnóstico médico) – depende, em suma, também de algo como uma visão da totalidade. Mas a imagem do diagnóstico também possui inúmeras limitações, sendo que a mais decisiva é que sugere uma atitude prática ou instrumental em relação à vida – pois o diagnóstico é apenas um passo para a terapêutica, a teoria, nesse sentido, um preâmbulo para a intervenção prática sobre a vida. Essa atitude é, por sua vez, oposta à de Simmel, que simplesmente não teve em vista compreender o mundo para consertá-lo. Sua postura é contemplativa, como a de um viajante (o que também, como vimos, foi preciso destacar em outra nota de rodapé, para corrigirmos as distorções oriundas da concepção do projeto filosófico de Simmel como uma “conquista” da totalidade), ou ainda, como a de um artista, que deseja retratar e eternizar uma visão que lhe parece especialmente sugestiva – para, quando muito, mostrá-la aos outros.

79. De modo que, se queremos compreender como Simmel fez, para mapear como mapeou a cultura moderna em sua *Philosophie des Geldes*, precisamos estudar essa técnica em particular, desmontando primeiro o mecanismo por ele montado. Aqui, é claro, o que estou em condições de oferecer é apenas uma orientação geral para tal, é apresentar alguns exemplos que ilustram a regra de funcionamento para tal técnica – que, para ser efetivamente compreendida, precisa, como toda a técnica, ser manuseada, manipulada por quem almeja compreendê-la ou dominá-la.

mais recorrentes por ele adotadas ao longo de seu percurso é a *construção de séries analógicas*⁸⁰, ou seja, a elaboração de “conjuntos” cujo princípio unitário (i.e.: aquilo que confere coesão formal ao conjunto) é a analogia. Quando tratamos da proporção econômica fundamental postulada por Simmel, topamos com uma série como essa, ainda que não referida ao domínio particular da filosofia – aquela formada por “comprimento”, “peso” e “área” –, e vimos como Simmel somente a construiu para, em seguida, expor a relação do dinheiro com essa série⁸¹. Tais séries encontram-se por toda a parte ao longo do livro – e, via de regra, Simmel se serve delas como parâmetros que lhe permitem *situar* ou *determinar a posição relativa* do dinheiro enquanto objeto da consideração filosófica. Em alguns casos, a referência à situação do dinheiro – se se encaixa ou se opõe a uma determinada série analógica, se dela participa ou não – é realizada de um modo mais direto e, em outras, mais indireto, sendo, nesses casos, mediada por algum outro conceito. Examinemos, agora, um caso em que tal encaixe se realiza de modo indireto, sendo mediado pelo conceito de *propriedade*, e no qual a “série” em questão contém um momento da história da filosofia, reciclada por Simmel para lidar com essa novidade que é o dinheiro⁸²:

A representação da propriedade como sendo algo qualitativamente novo e substancial em contraste com os atos singulares de dispor sobre as coisas pertence àquela categoria de erros típicos que se tornou tão importante, p. ex., na história do conceito de causalidade. Após Hume ter chamado a atenção para o fato de que aquela ligação objetivamente necessária a que damos o nome de causa e efeito jamais seria passível de constatação, de que, pelo contrário, a realidade sujeita à experiência seria apenas a da sequência temporal de dois eventos – depois disso pareceu a Kant que só seria possível resgatar a estabilidade da nossa imagem de mundo mediante a prova de que a mera impressão sensorial de uma sequência temporal ainda não seria de modo algum experiência, mas pressuporia, pelo contrário, que o efeito causal possuía uma objetividade e necessidade reais, e isso também no sentido dos empiristas. Noutras palavras, enquanto, no primeiro caso, o conhecimento deveria se limitar às impressões meramente subjetivas e particulares, no segundo, prova-se a objetividade do nosso saber, a qual se alça por cima do caso particular e por cima do sujeito representador em particular – exatamente como a propriedade se situa para além do usufruto particular.⁸³

A passagem foi tirada da segunda seção do quarto capítulo da *Philosophie des Geldes*. A essa altura do livro, Simmel expõe um conceito de “propriedade” que se pretende suficientemente flexível para lidar com o objeto de sua filosofia – flexibilidade essa de que Simmel se serve para conceber o dinheiro como forma particular de propriedade. O passo contido na analogia acima conduz a uma relativização do conceito de propriedade, que deixaria de ser concebido como uma substância passiva, e passaria a ser

---

80. Para mais detalhes sobre o ponto, cf. a discussão do item II.1.6.2.1.1, a altura da p. 141 deste trabalho.

81. E, como aliás também vimos, no caso se tratava de uma relação de oposição, ou seja: tratava-se, ali, de esboçar uma série analógica para indicar que, nela, o dinheiro, quando considerado desde sua pura função, *não se encaixa*.

82. A relação do conceito de propriedade com o dinheiro está, por sua vez, dada pelo contexto geral da argumentação de Simmel, a ser retomado em seguida, ao longo de minha análise do trecho, ainda que de forma consideravelmente sintética e esquemática.

83. **P.4.b.22**, disponível em GSG, v. 6, pp. 406-7.

concebido como o resultado de uma ação, do ato de se apropriar das coisas⁸⁴. Esse passo seria, por sua vez, análogo àquele que marca a consideração da noção de causalidade por parte da filosofia moderna: o passo que vai de Hume até Kant, que conduziria, aos olhos de Simmel, à conclusão de que não há “objetividade” sem “subjetividade”, ou melhor, de que os objetos da experiência são possíveis graças à atividade mental, à atividade do sujeito, que é aquilo que confere ordem ao material bruto (i.e.: em si mesmo desordenado) da percepção, convertendo-o, desse modo apenas, em objeto da experiência. O que interessa, contudo, é apenas tomarmos nota de como Simmel, com sua analogia, apropria-se da história da filosofia. Ele extrai, da longa e complicadíssima história do conceito de causalidade, um de seus fragmentos, que lhe interessa na medida em que indica sua modernização; e propõe que se avance, agora com o conceito de propriedade, em sentido semelhante ao que Kant fez avançar o de causalidade. Trata-se aqui, no fundo, de um simples jogo de associações, no qual a versão “passiva” do conceito de propriedade é alinhada com o conceito de causalidade em Hume (participando, assim, da série de “erros típicos” a que Simmel se refere⁸⁵), e a “ativa”, com o conceito de causalidade após Kant. O movimento de Kant interessa a Simmel apenas na medida em que expressa o princípio formal dessa outra série de conceitos, que se opõe e supera a anterior. E o princípio em questão é o que permite distinguir a filosofia moderna da que lhe antecede, é o princípio mesmo de sua modernização. Modernizar, nesse sentido, o conceito de propriedade – essa é a estratégia adotada por Simmel para adaptá-lo ao objeto de sua filosofia particular, e é crucial que essa modernização se realize por analogia, já que o terreno sobre o qual Simmel avança não é o mesmo sobre o qual Kant avançara, mas um outro, alternativo – é, conforme o que propus anteriormente, o mundo da cultura.

E ainda que privilegie a filosofia moderna para, com ela, indicar os contornos e caminhos da cultura moderna, a analogia lhe fornece uma base de comparações que simplesmente prescinde da coincidência “substancial” aqui sublinhada – de modo que, graças à ela, Simmel também pode dispor dos produtos da filosofia antiga para realizar seu mapeamento da cultura moderna (sendo que, também aqui, Simmel “imita” ou refaz um dos gestos característicos do moderno⁸⁶). É o que faz, p. ex., ao longo da segunda seção do último capítulo da *Philosophie des Geldes*, quando se apoia na doutrina platônica das formas

---

84. Portanto, de uma determinada relação de quem se apropria com o que se apropria. Um dos recursos mobilizados por Simmel para esclarecer a questão é a analogia **P.4.b.20** (disponível em GSG, v. 6, p. 405).

85. Sendo o conceito de causalidade apenas um exemplo ou caso particular dessa série mais geral – que por sua vez lhe interessa na medida em que é dela que Simmel se serve para relacionar o conceito de propriedade ao objeto de sua filosofia, o dinheiro.

86. No caso, o gesto indicado em GSG, v. 6, pp. 641-3, que contém a seguinte passagem:

A inclinação historicizante do nosso século, sua capacidade incomparável de dar vida a e de reproduzir o que há de mais distante – tanto no sentido temporal, como no espacial – é apenas o aspecto interior do aumento geral de sua capacidade de adaptação e de sua ampla mobilidade. Daí a multiplicidade confusa de estilos que nossa cultura assimila, representa e aos quais se liga emocionalmente. (GSG, v. 6, pp. 641-2)

Esse traço do mapeamento simmeliano do moderno já havia sido antecipado por Nietzsche, como mostrou Waizbort (2000, p. 231 e as seguintes; a passagem reproduzida nesta nota também pode ser achada nesse capítulo, a altura da p. 187).

para, num primeiro momento, descrever o processo da cultura em geral⁸⁷, e, num segundo, caracterizar seu resultado especificamente moderno⁸⁸. Esse segundo momento é o que mais nos interessa, pois é aqui que a alusão a Platão assume explicitamente a forma analógica. Simmel, a essa altura, discute o importância da divisão do trabalho para a compreensão do fenômeno por ele caracterizado como um descompasso da cultura objetiva em relação à subjetiva – descompasso esse que é concebido de tal modo que, em geral (estando isso contudo sujeito a exceções, algumas das quais indicadas por Simmel⁸⁹), a cultura subjetiva não seria capaz de acompanhar a objetiva, incorporando-a apenas de modo fragmentado. Esse estado geral de coisas se mostraria em uma série de fenômenos particulares, que se fizeram presentes aos olhos Simmel: p. ex., na ocasião de que o trabalhador moderno em geral não compreende – nem precisa compreender – o funcionamento exato da máquina que opera⁹⁰; ou na

---

87. Cf. GSG, v. 6, pp. 623-6. Essa primeira alusão às ideias de Platão (primeira, claro, considerando apenas o conteúdo dessa seção em particular do livro) fornece o contexto para a seguinte, sobre a qual nos deteremos mais adiante. Nela, o que Simmel faz é virar de cabeça para baixo a imagem platônica de mundo: se, para Platão, a verdade seria uma espécie de recordação da passagem da alma pelo mundo ideal das formas, em si mesmo perfeito e que pré-existiria aos entes do mundo real, imperfeitos (conforme a reconstrução simmeliana da teoria platônica do conhecimento, em GSG, v. 6, p. 623), para Simmel o ideal é uma expectativa projetada no futuro, uma imagem orientadora, que dá o sentido do conhecimento no mundo concreto, mas está fadada a jamais se realizar à perfeição, a jamais extrapolar sua condição de mera imagem. Ou, nas palavras de Simmel:

Se nos referimos à soma de fragmentos que, a cada dado momento, constitui o repertório do nosso saber, levando em conta o processo evolutivo que o move para um determinado sentido e em relação ao qual se mede a importância de cada estágio atual – então isso só é possível para nós graças ao pressuposto em que se baseia aquela doutrina platônica, segundo a qual haveria um império ideal dos valores teóricos, do nexo e do sentido intelectual pleno [das coisas], que não coincide nem com os objetos [...], nem tampouco com o conhecimento obtido a cada momento (que é o conhecimento psicologicamente efetivo). Este último, por outra, cobre apenas gradativa e jamais perfeitamente aquele império que encerra toda a verdade possível em geral – de modo que o conhecimento atual é verdadeiro apenas na proporção em que é bem sucedido nisso. Para Platão, a circunstância básica desse sentimento – a saber: que o nosso conhecimento seja, a cada momento, a parte de um complexo de conhecimentos de que dispomos apenas idealmente, mas que exige, de nós, que o realizemos psicologicamente, ou nos convida a isso – parece estar verificada; [a diferença é] apenas que ele expressou como se fosse um resíduo do conhecimento verdadeiro que antes disporíamos daquela totalidade, como se fosse um ‘não mais’, isso o que, hoje, é preciso conceber como um ‘ainda não’. (GSG, v. 6, pp. 623-4; o grifo é meu, assim como o conteúdo [entre colchetes])

Retomando: Simmel joga aqui com a imagem platônica de mundo, virando-a de cabeça para baixo – o que ele faz transplantando o “mundo das ideias” de um passado perdido para sempre, de um “não mais”, onde Platão o havia deixado, para um futuro que nunca chega, para um “ainda não”, onde Simmel, mas também a filosofia da ciência de seu tempo, o encontrariam –, a tal ponto de fazer com que ela coincida com a imagem que a história da filosofia conceberia como o seu oposto, ou seja, com a do pragmatismo. Está aqui também implicada – mas não formulada – uma analogia; esta seria trazida à tona apenas mais a frente, em passagem que logo tomaremos como objeto de nossa consideração, sendo que também ali, como aqui, o que se verifica é um complicado jogo de semelhanças e diferenças, que tem na analogia um de seus movimentos fundamentais. Seja como for, é devido notar que aqui Simmel se refere a um “processo evolutivo” que orientaria o conhecimento, indicando sua progressão. Que processo é esse? A resposta para essa questão é simples, e para encontrá-la basta destacarmos o trecho do livro de que a passagem foi tirada: a seção dedicada à exposição do conceito de cultura. O processo a que Simmel se refere é, portanto, o da cultura, o movimento em que esta se forma, e cujo resultado presente Simmel buscou mapear.

88. Como indicado ao final da nota anterior. O mundo das ideias é, de resto, um dos termos da analogia **P.2.b.23** – o outro sendo o dinheiro, ou melhor, o mundo tornado possível graças ao dinheiro (i.e.: o econômico).

89. Cf. GSG, v. 6, pp. 643-5.

90. Cf. GSG, v. 6, p. 621. O exemplo de Simmel é, claro, apenas uma indicação para uma experiência generalizada, uma referência resumida para o enorme repertório de conhecimentos compartilhados que é o senso comum. Se temos a impressão de que o texto de Simmel é ainda “vivo”, ou, para sermos mais exatos, de que, apesar de ter sido escrito há mais de um século, ainda nos diz respeito – isso é porque remete a tais experiências, que, afinal, possuem uma “vida” mais longa que a de qualquer existência humana individual, de modo que algo *similar* ao que Simmel viu há mais de cem anos, em uma cidade que dista mais de 10.000 km da minha, ainda pode ser, hoje, visto por aqui. Assim, p. ex., enquanto digito estas palavras em meu *laptop*, sou obrigado a reconhecer que opero um desses produtos da cultura objetiva (para empregar aqui a linguagem de Simmel) cujo funcionamento exato simplesmente não entendo – pois, para mim, trata-se apenas de um exercício de apertar botões e visualizar o resultado

ocasião análoga de que, mesmo em meios científicos, em que o entender o funcionamento exato das coisas é uma finalidade em si mesma, operamos com inúmeras noções cujo sentido só conhecemos esquematicamente⁹¹. Mas isso o que o trabalhador moderno, assim como o cientista, não tem condições de assimilar individualmente – a cultura objetiva como um todo, a soma, a síntese, o complexo de todos os seus produtos, que é o que confere, a cada um deles, seu significado e sem a qual sequer poderiam ser realizados – é um elemento constitutivo do real, um amplo domínio cujas partes, todas elas, se não estão ocupadas por pelo menos um indivíduo em particular, estão, ou então algum dia foram, ocupadas por outro, ou por muitos outros^{92 93}. É essa amplitude que sugere a analogia com Platão formulada por Simmel: ao debruçarmo-nos sobre as engrenagens de um mecanismo para assim entendê-lo, ou mesmo sobre a história de um conceito, colocamo-nos diante de um mundo tão incomensuravelmente amplo de formas como aquele que uma vez Platão imaginara:

O esplendor e a grandeza da cultura moderna revela, assim, alguma analogia com aquele império fulgurante de ideias de Platão, no qual o espírito objetivo das coisas se realiza

---

obtido na tela, o que, contudo, só é possível graças a um imenso investimento intelectual da parte de outros indivíduos. É bem provável também – sendo esse um exemplo mais próximo do que Simmel visou – que o processo de montagem desse produto da cultura tenha envolvido o trabalho de indivíduos que tampouco entendam seu funcionamento exato, ainda que presumivelmente o entendam melhor, ou de forma *mais exata*, do que eu. Isso que Simmel exprime com uma linguagem filosófica, metafísica – usando termos que hoje soam tão vagos e datados, tais como “espírito objetivo” – é contudo um pedaço do real, um item do repertório das experiências compartilhadas que, justamente por serem compartilhadas, sobrevivem por um tempo maior do que aqueles que as compartilham, e assim se reproduzem e se repetem, permanecendo “vivos”.

91. O que Simmel ilustra por meio da seguinte analogia:

E, visando agora o domínio do que é puramente intelectual – aí também as pessoas mais conhecedoras e mais reflexivas operam com um número sempre crescente de representações, conceitos e sentenças, cujo sentido e o conteúdo exatos só entendem de forma inteiramente imperfeita. A tremenda ampliação do material do saber que se encontra objetivamente à nossa disposição permite, até mesmo obriga o uso de expressões que verdadeiramente passam de mão em mão como recipientes fechados, sem que o conteúdo da reflexão que está efetivamente ali condensado seja desdobrado diante do usuário particular. (P.6.b.26, disponível em GSG, v. 6, p. 621)

Tome-se como exemplo um conceito crucial para este trabalho, o de analogia: quantas vezes falamos em “analogia”, sem nos dar conta, p. ex., da origem matemática do conceito? E mesmo aqui, em um trabalho como este, em que busco, entre outras coisas e tendo em vista determinados fins, desdobrar os conteúdos do pensamento condensados *nesse* conceito, tal desdobramento não se completa, é ainda fragmentário, limitado – assim como, aliás, o conhecimento desse outro que é, para nós, Simmel.

92. E se há regiões do espaço que não podemos, por razões técnicas, ocupar ou sequer explorar indiretamente – como, p. ex., as situadas para além do universo observável –, mas cuja existência não é, por isso, posta em dúvida, no caso da cultura é simplesmente impensável que tal ocupação não tenha um dia se realizado: não há produto da cultura objetiva possível sem a atividade de um indivíduo (ou de uma “pessoa”, caso se prefira trabalhar com um conceito menos específico que o de indivíduo), embora, naturalmente, a *informação* dessa relação se perca na maior parte dos casos, e isso de modo irreversível. Simmel, claro, não formula o ponto nesses termos, mas vai nesse sentido quando situa o processo da cultura “na relação de sujeito e objeto” – conforme a expressão de Waizbort (2000, p. 123).

93. Podemos, a essa altura, retomar algumas das ideias sugeridas anteriormente, desdobrando-as um pouco mais, neste sentido: indicando que o mundo da cultura coincide exatamente com o repertório *possível* das experiências intersubjetivamente compartilhadas – a que me referi, no capítulo anterior, pelo nome de “senso comum” (cf. a nota 5 da segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho, a altura da p. 257), noção essa que não possui, aqui, conotação negativa. Para que um produto da cultura participe efetivamente do senso comum – que é, portanto, um repertório mais restrito que o da cultura humana em geral – é preciso justamente que a informação de sua existência neste mundo não desapareça, ou seja, que efetivamente se propague para além do círculo de pessoas imediatamente envolvidas em sua produção, o que depende de que seja registrado pela linguagem e então comunicado (seja pelos veículos que em geral chamamos de “mídias”, como os impressos e digitais, seja pela oralidade). Além disso – e retomando aqui o que foi mencionado em nota de rodapé contida no segundo capítulo deste trabalho (cf. a nota 109, contida no item II.1.6.2.1.2, a altura da p. 144) –, inclusive naqueles casos em que Simmel se refere a um evento físico, natural, tal referência diz sempre respeito aos significados atribuídos a tais eventos, ou seja: a referência aparece já numa forma bastante estilizada, num registro muito semelhante ao dos poetas. É o que veremos em nossa consideração de das duas analogias que Simmel estabelece entre o dinheiro e certos eventos naturais ou físicos, a saber: o mar e a fátisca.

com uma perfeição impecável, mas no qual estão ausentes os valores da personalidade propriamente dita, que não se deixa diluir em objetividades [...].⁹⁴

A analogia ilustra apenas a *relação* entre a cultura moderna e a personalidade individual: esta estaria para aquela, assim como o habitante do mundo real para as ideias puras (conforme a imaginação platônica). O argumento aí implicado é o de que mesmo o mais banal dos produtos da cultura moderna só seria em primeiro lugar possível graças a um enorme emaranhado de circunstâncias objetivas – objetividade essa que assume, para nós, uma incomensurabilidade e uma grandeza comparáveis às do mundo platônico das ideias, que só podemos conceber de forma aproximada ou então esquemática. Na analogia com Platão, assim como Simmel a formula, já se encontra subentendida a adaptação anteriormente indicada, necessária para tornar esse que é um dos produtos da cultura antiga um instrumento adequado para mapear a moderna – e que consiste em imaginar o “mundo” ou império platônico das ideias não mais como um local por onde a alma humana uma vez passou, mas sim como um rumo, um destino, um ponto ideal de chegada do processo cognitivo, portanto como algo que se busca. A verdade não aparece mais como uma espécie de recordação ou de lembrança, como seria o caso em Platão, mas como uma espécie de “chegada” da cognição ao real, representa o ato de alcançá-lo, é um resultado, uma realização. Embora ainda possa ser “revelada” ou posta a descoberto, uma verdade como essa não habita um mundo ideal de verdades (como a do Platão de Simmel), mas é uma função imanente ao mundo, diz respeito a uma relação efetiva entre as coisas, ou melhor: cada verdade pode ser aqui concebida como a exposição ou expressão de uma relação determinada entre coisas distintas, com a qual até então não havíamos contado⁹⁵. A “grandeza”, o caráter monumental da cultura moderna a que

---

94. Cf. **P.6.b.42**, em GSG, v. 6, p. 648-9, aqui citada em registro altamente reduzido, se comparado ao do índice.

95. E trata-se aqui, no limite, de fenômenos concretos, nos quais Simmel sempre procurou lastrear seu pensamento, mesmo nos casos em que o exprimia em linguagem inteiramente metafísica. Convém aqui propor uma ilustração para isso, que pode ser concebida como um desvio em relação aos exemplos propriamente discutidos por Simmel, mas um desvio necessário para indicar que seu pensamento não se movia sem esteio do real – este que, afinal, não depende da imaginação de Simmel. Consideremos um produto qualquer da cultura, digamos: uma camiseta de algodão, sem estampa, como esta que estou vestindo (utilizo aqui, apenas para fins de exposição, esse produto em particular, que faz parte de meu campo mais imediato de experiência; mas o leitor pode, e, se me permite, até mesmo deve se colocar no meu lugar, e imaginar algum outro produto da cultura – qualquer um, contanto que faça parte de seu campo mais imediato de experiência – substituindo assim a camiseta que tenho em vista). Para que eu me apropriasse desse produto da cultura em particular, foi preciso, em primeiro lugar, que alguém, algum dia, tenha plantado, no tempo certo e em solo preparado para tal, sementes de algodão. Eventualmente alguém foi ainda responsável pela colheita do algodão, talvez manualmente ou então com o auxílio de uma colheitadeira adequada – o que, por sua vez, já é um procedimento bastante refinado. (Para se ter uma ideia dos cuidados e da técnica envolvidos no procedimento, e portanto do investimento intelectual – ou, atendo-nos aqui à terminologia metafísica empregada no tempo de Simmel: do “espírito [Geist] objetivo” – nele implicado, cf. COSTA et al., 2005, “Técnicas de Colheita, Processamento e Armazenamento do Algodão”. Trata-se de documento de natureza técnica, veiculado pela Embrapa e por ela disponibilizado para o público em geral como recurso eletrônico). O que se colheu foi então armazenado por um tempo, transportado e finalmente processado – já por pessoas diferentes das envolvidas no plantio e na colheita do algodão. O processamento em si contém inúmeros passos – dentre eles: a retirada das sementes ainda presentes no algodão colhido, o desembaraçamento das fibras, a fiação, etc. –, sendo o resultado final os fios propriamente ditos de algodão, que já podemos observar urdidos uns aos outros, olhando atentamente para uma camiseta como a que tenho em vista. Os fios foram então mais uma vez transportados, cabendo ao setor têxtil sua elaboração no formato da camiseta – o que não seria empiricamente possível, por sua vez, sem a existência de toda a infraestrutura necessária (uma edificação, mas também todo um sistema de distribuição de água, energia e coleta de resíduos), além de passos como a costura, a coloração do tecido e a embalagem (possíveis apenas graças a outros ramos da indústria), etc. –, todos eles realizados por pessoas particulares, por sua vez supervisionadas por outras pessoas particulares, e isso tudo de modo que o produto final correspondesse a um modelo que alguém, algum dia desenhara. Uma vez confeccionado, esse produto da cultura foi outra vez

Simmel se refere (por analogia ao mundo das ideias de Platão) é o que produz essa impressão de objetividade, que pode ser concebida como um descolamento e estranhamento do mundo dos valores econômicos concretizados em relação à personalidade individual, esse mundo “interior” que cada um de nós experimenta mais imediatamente. *Assim, a cultura se faz presente, para nós, não menos do que se fez para Simmel, como esse enorme e complicado, para todos os efeitos inacabável e inconcebível mundo de coisas, em que uma remete a outra e a outra a outras, e que só podemos assimilar de forma fragmentária, resumida, esquemática ou generalizada – e em que, por essa razão, não somos mais capazes de nos reconhecer, que não aparece mais, para nós, como produto da personalidade individual, mesmo porque, afinal, só é em primeiro lugar possível graças à combinação dos esforços e realizações de inúmeras personalidades, à “divisão do trabalho”⁹⁶.*

Simmel procura o tempo todo, ao longo de sua obra mais importante, nos indicar como o dinheiro fornece uma visão privilegiada para esse mundo de coisas que é incomparavelmente maior do que nossa capacidade de apreendê-lo – o que é possível graças à circunstância de que ele circula por todas as suas regiões⁹⁷, exatamente como o pensamento precisa fazer, para extrair, desse mesmo mundo, cada uma de suas inúmeras verdades. Assim, na imaginação de Simmel, o dinheiro é, ao mesmo tempo, um exemplo ou uma parte do mundo da cultura, e um análogo do processo geral que tem como resultado cada uma de suas realizações particulares, cada parte da cultura; mas se o dinheiro pode, ao mesmo tempo, ser concebido como essas duas coisas opostas, é porque não é, de fato, qualquer uma delas, mas ambas são

---

armazenado e transportado (o que também pressupõe a existência de meios de transporte e da devida infraestrutura para tal – e, portanto, p. ex., de pessoas que manuseiem máquinas e equipamentos complicadíssimos, idealizados por outras pessoas e graças às quais foi possível o processamento do petróleo utilizado tanto na produção do asfalto por sobre o qual passam caminhões cheios de camisetas, como o plástico em que estas se acham embalados e o combustível do avião que transportou de lá para cá algum dos insumos empregados ao longo da cadeia produtiva), passando enfim para o terceiro setor. Quando finalmente chegou à loja, junto com outras tantas camisetas cujo modelo, tamanho e cor é ou idêntico ou semelhante a que adquirir, esta foi disposta sobre a prateleira em que um dos funcionários da loja, provavelmente seguindo as diretrizes gerais da matriz, decidiu colocá-la, onde a encontrei e de onde a tirei, para levá-la comigo – mas não, nesse caso, sem antes passar meu cartão na máquina apropriada, que transmitiu ao banco as informações da compra, dentre elas o valor do produto, afinal descontado do total associado à minha conta corrente. Todos esses passos e todo esse processo, aqui reconstruído de forma bastante simplificada e grosseira, envolveram acontecimentos reais, em que pessoas e objetos que de outro modo não teriam relação se relacionam (ampliando, assim, o repertório das formas de socialização). A “verdade” coincide, nesse contexto, com a revelação ou exposição de cada uma dessas relações em particular. Isso posto, o que Simmel pretendia, no trecho da *Philosophie des Geldes* em que a analogia com Platão se acha contida, não era revelar cada uma dessas verdades em particular, mas indicar a verdade mais geral de como a totalidade do mundo de relações que se institui nesse complicado processo nos escapa, pois só nos é dado participar de uma pequena parte dele, e como, por isso, inúmeras verdades estarão fadadas a jamais serem articuladas – sendo que justamente o que sugere a analogia com o mundo das ideias imaginado por Platão é tal incomensurabilidade.

96. O que também procurei ilustrar na nota anterior.

97. Comparemos, agora, o dinheiro à camiseta: ambos são produtos da cultura objetiva, substâncias (que estão para o processo da cultura, assim como um substantivo ligado a determinado radical para o verbo ligado ao radical correspondente) que passam concretamente de mão em mão, que são transportados para lá e para cá, realizando, nesse movimento, o mundo econômico. Mas a camiseta, ao contrário do dinheiro, possui ainda ao menos um ponto ideal de partida (no caso, podemos pensar nas sementes de algodão, plantadas numa determinada porção do espaço e em determinado momento) e outro, igualmente ideal, de destino (no caso, o destino atual calhou de ser o meu corpo) – por mais artificial que esse recorte seja, e por mais que sua produção e circulação dependam de e, portanto, remetam a incontáveis outras regiões do mundo da cultura. O dinheiro, por sua vez, não possui sequer esses limites: simplesmente circula, e por isso mesmo sua “participação” no mundo da cultura, sua infiltração no repertório da experiência compartilhada é mais densa, mais concentrada ou mais rica. É essa densidade, essa concentração ou riqueza o que faz do dinheiro o “símbolo mais bem acabado” do caráter relativo da existência (e, por isso, o símbolo mais adequado para exprimir o moderno).

apenas dois de seus aspectos, duas imagens que se pode (nesse caso em particular) combinar formando uma figura coerente, como o círculo e o retângulo em relação ao cilindro. A figura conceitual em que se encontram efetivamente combinadas as imagens do exemplo e da analogia é a do símbolo, assim como Simmel a emprega: enquanto uma representação particular carregada ou plena de significados⁹⁸, que contém, em si, a indicação para inúmeras outras relações, uma analogia em miniatura de um mundo, que é um de seus componentes, mas não um componente qualquer, e sim um que funciona como entrada ou ponto de acesso para a diversidade inabarcável do real⁹⁹. Ao caracterizar, com Simmel, o dinheiro dessa forma, devemos ter em vista duas circunstâncias, relacionadas entre si de modo inextrincável na teoria simmeliana do conhecimento, mas que serão aqui tratadas como se fossem distintas. A primeira é a circunstância “objetiva”, já mencionada, de que o dinheiro virtualmente circula por todos os domínios da cultura moderna; essa circunstância indica que a penetração ou infiltração do dinheiro no campo da experiência compartilhada é especialmente radical, ou melhor: é mais radical que a de outros produtos da cultura moderna. A segunda é a circunstância “subjetiva” de que, dentre todos os produtos da cultura moderna considerados ao menos uma vez por Simmel ao longo de sua trajetória intelectual, o dinheiro foi aquele que o levou mais longe, que lhe permitiu caracterizar com maior detalhe a diversidade do real, que lhe forneceu a visão *mais completa* do que ele simplesmente não podia contemplar de forma *absolutamente* completa, e a que ele mesmo se refere, em termos metafísicos, como sendo a totalidade da existência¹⁰⁰. Mas devemos estar aqui atentos para o rodeio metafísico feito por Simmel: pois, embora ele afirme que o dinheiro é o símbolo mais bem acabado da “existência” ou do “ser”, o que realmente tem em vista não é – aliás, nem poderia ser¹⁰¹ – a existência ou o ser em si, mas sim o ser humano e suas realizações, portanto o mundo da cultura. E para nos mostrar que suas imagens não são meros produtos da fantasia – que de fato correspondem a aspectos do observado –, Simmel precisa indicar como, ao

---

98. Para Simmel, tal representação – o símbolo – se produz na medida em que um grande número de relações “ganha corpo”, cristalizando-se num objeto concreto, capaz justamente de representar ou “estar no lugar” daquelas relações (como no caso, p. ex., da bandeira da nação, que representaria as relações que lhe conferem coesão política, ou então o dinheiro, o objeto no qual as relações de troca – que seriam, em si mesmas, puro movimento, pura ação – “ganham corpo”; sobre o ponto, cf. toda a cadeia de analogias P.2.c.40, P.2.c.42, P.2.c.43, P.2.c.44 e P.2.c.45). No símbolo, está “concentrado” um complexo funcional de relações, ou seja, uma totalidade – sendo esse o referente do símbolo, i.e.: aquilo a que ele remete. Conforme o exposto na nota anterior, o caráter simbólico do dinheiro advém da circunstância de que ele seja, dentre todos produtos da cultura sobre os quais Simmel pensou, o que lhe pareceu estar mais profundamente infiltrado nos mais diversos domínios da experiência. Para termos uma ideia disso, podemos retomar rapidamente a ilustração da nota 95, acima. Ali, optei em omitir a menção ao dinheiro durante boa parte de minha exposição, mas sua presença pode ser descoberta em cada um de seus passos: usamos dinheiro, p. ex., para pagar o combustível consumido no transporte das camisetas (e até mesmo para pagar o combustível consumido no transporte do combustível das refinarias até seu ponto de venda, p. ex., um posto de gasolina), bem como para a aquisição do veículo e pagamento da hora de trabalho de seu condutor e dos indivíduos envolvidos em sua montagem; usamos dinheiro para pagar seja pelas ferramentas empregadas na colheita do algodão, seja pelos insumos utilizados para incrementar a produtividade e a qualidade do algodão cultivado; usamos dinheiro para compensar o trabalho “manual” dos construtores civis empregados na edificação da loja em que as camisetas foram eventualmente vendidas, bem como o trabalho “intelectual” (duas categorias que Simmel discute em pormenor no quinto capítulo de seu livro) empregado por arquitetos e engenheiros para esse mesmo fim; e assim em diante.

99. Daí passamos ao ponto desdobrado na nota imediatamente acima desta.

100. O que estava indicado na terceira seção do primeiro capítulo deste trabalho, a altura da p. 88 (cf. em especial a nota 77).

101. Já que, como admite Simmel em passagem reproduzida adiante, não temos qualquer relação determinada com a totalidade do ser (cf. a passagem referida à nota 110, mais abaixo).

considerarmos o dinheiro, podemos formar uma imagem aproximada desse mundo interminável de relações que é o da cultura, e que contém, como uma de suas regiões, o domínio reivindicado pelos filósofos. Ao traçar analogias entre o dinheiro (ou os conceitos e fenômenos ligados ao dinheiro e à economia monetária) e os produtos do pensamento filosófico ao longo da história, Simmel busca, digamos, nos convencer de que, ao nos debruçarmos sobre o dinheiro, seríamos realmente capazes de formar uma imagem mais abrangente desse mundo de relações que é o mundo da cultura, uma imagem panorâmica, como se o dinheiro *fosse* o pico mais elevado desse mundo¹⁰². É por isso mesmo crucial que Simmel, do alto desse pico, indique para seus leitores as localidades por onde efetivamente passou, e é crucial que indique o maior número possível de localidades distintas, pois é nisso, e simplesmente nisso, que consiste sua abrangência e o que permite demonstrar a pertinência de uma filosofia do dinheiro – e assim, do mesmo modo como havia indicado, graças à analogia, aspectos da filosofia moderna e da antiga, Simmel também nos indica aspectos da medieval, como nesta passagem:

[...] em sua forma psicológica, o dinheiro, sendo o meio absoluto e, por isso, o ponto que unifica inúmeras séries teleológicas, possui relações significativas precisamente com a representação de Deus – as quais a psicologia só é capaz de pôr a descoberto por ter o privilégio de não poder cometer blasfêmias. A essência profunda da noção de Deus está em que todas as multiplicidades e oposições do mundo obtêm, nela, sua unidade, que ela é, conforme a bela expressão de Nicolau de Cusa, a *coincidentia oppositorum*. Dessa ideia de que tudo o que haja de estranho e irreconcilável no ser encontre, na noção de Deus, sua unidade e seu equilíbrio, origina-se a paz, a segurança, a riqueza universal do sentimento que conflui com a representação de Deus que temos à disposição. Não há dúvidas quanto a que tais sentimentos possuam uma semelhança psicológica com as sensações provocadas pelo dinheiro em seu respectivo domínio. Na medida em que o dinheiro se torna cada vez mais a expressão absolutamente suficiente e o equivalente de

---

102. A imagem do pico, do apogeu, ou melhor, do ápice, do ponto de culminância ou simplesmente cume – *Gipfel*, no original – é recorrente ao longo do livro, e está estreitamente ligada ao conceito de símbolo, assim como mobilizado por Simmel. Ao longo do primeiro capítulo, a imagem aparece duas vezes acompanhada do conjunto de termos “reinste Ausdruck”, ou seja, “mais pura expressão”, sendo que é possível, em ambos os casos, detectar uma clara equivalência semântica entre esse conjunto de termos e aquela imagem. Eis o que lemos numa dessas passagens: “Então o valor das coisas, compreendido enquanto sua interação econômica, encontrou no dinheiro sua mais pura expressão e seu ápice” (GSG, v. 6, p. 121, sendo que a outra ocorrência aparece a altura da p. 93; nos dois trechos, Simmel “resume” as ideias centrais em torno das quais gravitam as discussões dessa passagem do livro). Mais a frente, e justamente no trecho final do primeiro capítulo, em que explora em maior detalhe a noção de símbolo, Simmel avança ainda mais, extrapolando o valor simbólico do dinheiro para além do mundo econômico, ou seja, indicando que o que ele simboliza não é apenas o caráter relativo do valor econômico:

Já vimos que apenas a relatividade cria o valor dos objetos em sentido objetivo, porque apenas por meio dela é que as coisas são situadas a certa distância em relação ao sujeito. Também para ambas essas determinações o dinheiro é ápice e a corporificação, o que mais uma vez evidencia o nexo entre elas. (GSG, v. 6, p. 135)

Essa corporificação [*Verkörperung*] – de um determinado complexo ou conjunto de relações nada mais é do que o processo no qual um “símbolo” é forjado, como argumenta Simmel logo em seguida, ao longo do parágrafo final do primeiro capítulo da obra (cf. GSG, v. 6, pp. 136-8). A mesma imagem do cume é ainda empregada nas linhas finais do quarto capítulo do livro, para fechar a discussão em torno da “modernização” do conceito de propriedade – e em que o ponto de Simmel é justamente que, no dinheiro, a tendência que conduz a personalidade individual a depender cada vez menos de formas imóveis de propriedade encontraria seu ápice (cf. GSG, v. 6, p. 481). Vale notar que a imagem do ápice é também uma imagem relativa, portanto consistente com a teoria simmeliana do conhecimento – isso no sentido de que tal imagem não diz respeito a algo como um conceito abstrato ou absoluto de altura, mas sim apenas àquela parte de alguma coisa (p. ex., de uma montanha) que, quando comparada às demais partes dessa mesma coisa, *é a mais alta*. Que o dinheiro seja a mais alta expressão do mundo dos valores, ou então o representante mais elevado da tendência que conduz a um aumento da liberdade individual – isso significa que, se nos alçarmos sobre ele, podemos obter uma imagem geral e panorâmica desses fenômenos.

todos os valores, é alçado a uma altura abstrata, acima de toda a ampla multiplicidade de objetos, e se torna o centro no qual as coisas mais contraditórias, estranhas e distantes encontram seu termo comum e entram em contato [...].¹⁰³

Aqui já não nos interessa mais como Simmel “recicla” os conceitos da filosofia que lhe antecede para, assim, realizar uma nova filosofia – embora aqui também possamos detectar esse procedimento, pois o que Simmel faz é claramente extrair a expressão de Nicolau de Cusa de seu contexto (a teologia) para lidar com esse objeto mundano que é o dinheiro. Mas esse ponto já foi suficientemente discutido a partir dos exemplos anteriores, em que vimos como Simmel realiza, com suas analogias, sua *filosofia* do dinheiro; convém, agora, deslocarmos a ênfase de nossa análise e considerarmos o mesmo procedimento de uma outra forma, prestando atenção em como Simmel realiza, com suas analogias, uma filosofia do *dinheiro*. A diferença é apenas que, agora, devemos ter em vista que mesmo a filosofia, com sua história particular, é, em última análise, apenas um ramo da cultura humana – e, portanto, aquela “reciclagem” dos conceitos da velha filosofia para adaptá-la a um novo objeto é apenas um dos movimentos (ainda que decisivo) de que Simmel se serve para apanhar em sua obra o máximo do mundo da cultura. Nesse caso, a referência a Nicolau de Cusa – portanto, à filosofia – serve apenas para caracterizar de forma resumida um dos termos da analogia detectada por Simmel. Note-se como ele deixa bem claro que não se trata de uma semelhança formal entre deus e o dinheiro pura e simplesmente, mas sim entre, de um lado, a *noção* ou a *representação* de deus¹⁰⁴ e, portanto, as disposições anímicas, mentais e sentimentais ligadas a tal representação, e, de outro, as disposições provocadas pelo dinheiro “em seu respectivo domínio”. Essa analogia, formulada como estritamente psicológica, revela determinada *ligação* entre duas regiões ou domínios do real aparentemente diversos, que parecem formar (e que, *na prática*, formam) mundos próprios, isolados um do outro: a religião e a economia. Ou então, para dizer o mesmo, só que dessa vez numa linguagem um pouco mais estritamente sociológica: com tal analogia, Simmel indica uma relação específica ou um ponto de intersecção entre dois domínios funcionalmente diferenciados da cultura. Essa intersecção se faz visível, como Simmel enfatiza, apenas se considerarmos ambos os domínios desde uma perspectiva determinada, que ele chama de psicológica – o que significa que o “local” onde tal relação se estabelece é o que Simmel chama de “alma”, ou seja, a atividade mental que confere ao conjunto de realizações e experiências particulares de uma pessoa a sua unidade e individualidade, cujo conceito abstrato coincide com o aspecto subjetivo de que depende o processo da cultura como um todo. A alma ou a atividade mental do indivíduo participa de fato desses dois mundos (o econômico e o religioso), é ela quem passa de um domínio a outro, estando em condições de ligar, ainda que apenas de forma pontual e incompleta, mais uma vez esses domínios desmembrados em certo momento do processo da cultura. Tal analogia possui, portanto, algo de “específico”, de palpável, a saber: manifesta-se apenas quando se

---

103. **P.3.b.25**, disponível em GSG, v. 6, p. 305, aqui reproduzida em recorte diferente que o do índice.

104. *Gottesvorstellung* e *Gottesgedanke*, respectivamente. Detalhe esse que ignorei na descrição apresentada no índice – posto que, ali, trata-se apenas de um resumo geral, voltado para facilitar o reconhecimento de padrões e recorrências temáticas e em que, por isso mesmo, convém não se ater tanto aos detalhes.

considera o problema desde a perspectiva individual ou psicológica¹⁰⁵ – e permite, de resto, que Simmel nos mostre como esse objeto especialmente mundano que é o dinheiro fornece um ponto de acesso para a consideração do que há, por definição, de menos mundano, para a ideia de deus, que não é, por sua vez, um item qualquer dentre os que formam o repertório da cultura humana em geral, mas sim um especialmente destacado e repleto de significados. A filosofia mais adequada para tomar o dinheiro como objeto de sua consideração é aquela que funciona como tal objeto, i.e., como “o centro no qual as coisas mais contraditórias, estranhas e distantes encontram seu termo comum e entram em contato”^{106 107}. Estabelecer novas relações, aproximar o que estava distante: é isso que Simmel, com suas analogias, faz em sua filosofia do dinheiro, como o próprio dinheiro em relação às pessoas e aos grupos:

---

105. De resto, a leitura do trecho citado permite concluir que o destaque dado a Simmel ao caráter especificamente psicológico dessa analogia pode, ao menos em parte, ser concebido como uma estratégia retórica que visa “contornar” críticas oriundas seja da teologia, seja (o que é mais provável) de figuras religiosas influentes nos meios acadêmicos em que ele circulava ou tinha a pretensão de circular – afinal, comparar deus com o dinheiro soa, para o ouvido religioso, e como o próprio Simmel (de modo indireto) reconhece na passagem acima, como “blasfêmia”. É claro: a tentação em mostrar para seus leitores essa analogia que ele imaginara se provou mais forte que a prudência em evitar o assunto – e, por isso mesmo, devemos ter em conta que, ao “isolar” tal comparação no âmbito mais restrito da psicologia (que não trataria de “deus em si”, mas apenas da representação de deus para a consciência individual), apelando assim para a diferença de jurisdição entre ciência e religião, o que Simmel faz é, em parte, tentar reduzir a um mínimo as consequências indesejadas de sua blasfêmia. Seu receio – aqui apenas presumido – pode ser compreendido à luz das circunstâncias em que ele se achava: pois Simmel (ainda que não, é claro, devido a essa analogia em particular) foi efetivamente considerado por figuras influentes no mundo acadêmico profissionalizado de sua época como sendo alguém pouco “crente na bíblia”, que sobressaía da “cultura alemã, clássica e cristã”, além de pretender fazer da sociedade o “órgão normativo da vida em comum dos homens, no lugar do Estado e da Igreja” (cf. a infame carta de D. Schärfer sobre Simmel, bem como o comentário da Grã-Duquesa de Baden, ambos reunidos e comentados em WAIZBORT, 2000, 558-61; não há quaisquer dúvidas quanto a que esse tipo de juízo, diante do qual, diga-se, as precauções tomadas por Simmel são inteligentes e refinadas demais, concretizaram-se em obstáculos reais para sua inserção no mundo acadêmico). Feita essa observação, não devemos esquecer que, embora, conforme o exposto nesta nota, um dos motivos que levaram Simmel a classificar tal analogia como psicológica seja ele mesmo, ao que parece (pois não se pode ignorar que o que vai aqui exposto é, no fundo, apenas uma conjectura) de natureza prática, tal solução é consistente com suas demais ideias acerca da religiosidade, e também com a concepção de ciência que confere sentido a tal classificação, o que me autoriza a tratá-la em termos mais estritamente formais.

106. Outro modo de ilustrar o ponto é indicando mais um dos análogos do dinheiro, que também se manifesta apenas desde certa perspectiva “psicológica”, ou melhor, levando em conta certos “modos de percepção”; esse outro análogo é o diabo:

Por estar, a cada momento, pronto para ser usado, o dinheiro é a pior das ciladas para se cair em momentos de fraqueza, e já que se presta à obtenção de todas as coisas, então oferece à alma o que, a cada momento, mais a seduz; e isso tudo é de um perigo ainda mais inquietante, considerando que o dinheiro (contanto que o tenhamos efetivamente em nossas mãos) é a coisa mais indiferente e mais inocente do mundo. Assim, o dinheiro se torna, para os modos ascéticos de percepção, o verdadeiro símbolo do diabo, que nos seduz sob a máscara da inocência e da ingenuidade; de modo que, em relação ao dinheiro, como em relação ao diabo, só se pode estar seguro mantendo-se uma distância absoluta, rejeitando-se toda e qualquer relação, por mais que possa parecer isenta de perigos. (P.3.b.39, em GSG, v. 6, p. 330; citada aqui em registro apliado, se comparado ao do índice).

Note-se como, aqui, Simmel não precisa tomar o cuidado em *explicitar* que se trata de uma analogia que se apresenta apenas de uma perspectiva psicológica (já que não precisa se cercar de cautelas para dar voz a essa analogia), embora esse seja claramente o caso. Também é devido notar que as imagens de deus e do diabo ilustram, cada uma, um aspecto *determinado* do dinheiro.

107. Na nota anterior, illustrei como o dinheiro permite reunir coisas “contraditórias” – no caso, deus e o diabo. O mesmo se aplica ao caso de coisas “estranhas” e “distantes”; irei exemplificá-lo por meio de uma única passagem, que possui a vantagem de que, nela, estão articuladas algumas das ideias tratadas ao longo deste capítulo. Trata-se de uma analogia entre o dinheiro e a obra de arte:

A potencialidade pura que o dinheiro apresenta, na medida em que é mero meio, se condensa em uma representação unitária de poder e eminência, que também passa a operar como poder e eminência em favor de quem o possui – mais ou menos como a atração de uma obra de arte não deve ser atribuída apenas a seu conteúdo e às reações anímicas que a elas se ligam necessariamente e de forma objetiva, mas sim a todo o complexo de sentimentos acidentais, individuais e indiretos que possibilita que a obra reverbere aqui de um jeito, ali de outro, e cuja soma indeterminada, e ela apenas, de fato circunscreve a totalidade de seu valor e sua importância para nós. (P.3.a.14, em GSG, v. 6, pp. 276-7)

As antigas aristocracias do Egito e da Índia abominavam o comércio marítimo, e o davam como incompatível com a pureza das castas. O mar é um intermediário como o dinheiro, é o meio de troca aplicado à geografia; em si, é como que completamente incolor, estando, pois, como dinheiro, à serviço do amalgamamento de coisas as mais heterogêneas. O comércio marítimo e o monetário possuem uma estreita relação histórica, sendo que a reserva e exclusividade rigorosamente demarcada da aristocracia precisa temer que, de ambos, decorra um desgaste e um nivelamento.¹⁰⁸

Se os vários domínios da cultura – em que as coisas mais heterogêneas se acham distribuídas – estão ligados pelo dinheiro, como os continentes e as ilhas pelo mar, então a analogia é a embarcação de que Simmel precisa para atravessá-los. A terra firme aqui representa, digamos, aglomerações da experiência intersubjetivamente compartilhada¹⁰⁹, que estão na base da vida prática. Eis como próprio Simmel tratou da questão:

As energias, relações e qualidades das coisas – que, nesse sentido, compreendem também o nosso próprio ser – formam objetivamente um complexo unitário, que é somente então cindido pelos nossos interesses (nisso acrescentados a tal complexo) em uma multiplicidade de séries ou motivos independentes, para que assim possamos lidar com ele. Assim, cada ciência investiga fenômenos que possuem, na medida em que os situam sob seu ponto de vista, uma unidade encerrada em si, uma delimitação clara frente aos problemas de outras ciências, ao passo que cada segmento do mundo se apresenta como um conglomerado de tarefas para ciências as mais variadas. Assim também, nossa prática extrai séries unilaterais da complexidade externa ou interna das coisas, criando desse modo os grandes sistemas de interesse da cultura. O mesmo acontece com as atividades sentimentais. [...] Assim, esta também é uma das fórmulas em que se pode apreender a relação do homem com o mundo: que nossa prática, não menos que nossa teoria, abstrai incessantemente elementos particulares a partir da unidade absoluta e do amalgamamento das coisas – no qual cada um serve de suporte aos demais e em que todos possuem os mesmos direitos –, para reunir tais elementos de modo a formar unidades e totalidades relativas. Não temos, exceto em sentimentos inteiramente gerais, qualquer relação com a totalidade do ser: somente obtemos uma relação singularmente determinada com o mundo na medida em que arrancamos dos fenômenos, a partir das exigências de nosso pensamento e de nossa ação, abstrações atrás de abstrações, e em que a incrementamos com a independência relativa própria de um nexo puramente interior – independência que, por sua vez, recusa a continuidade dos movimentos do mundo de seu ser objetivo.¹¹⁰

Verificamos aqui como Simmel trabalha algumas das questões centrais aqui discutidas – ainda que, a essa altura, enfatize não a diferença, mas a analogia entre as atitudes prática e contemplativa diante do real, analogia essa que é, por sua vez, o que torna para ele possível (mas também, considerando a lição

---

108. **P.5.a.16**, disponível em GSG, v. 6, p. 536.

109. Domínios do que se chamou, na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho, de senso comum.

110. Cf. **P.1.b.25**, em GSG, v. 6, pp. 57-8, aqui citada em registro diferente, em relação ao do índice (sendo o grifo meu). O “nexo puramente interior” a que Simmel aí se refere, e que possui uma independência ou autonomia relativa [relative Selbständigkeit] que estaria ela mesma ausente na realidade tal como ela é (esta caracterizada, justamente, por uma dependência completa de cada uma de suas partes em relação a todas as demais), é a atividade anímica, a “interioridade” individual, na qual todo um conjunto de disposições mentais e sentimentais concretas encontra uma expressão unitária. É o que, enfim, Simmel chama de alma. Essa passagem é inteiramente consistente com a discussão de Simmel em seu excuro ao primeiro capítulo da *Soziologie* (cf. GSG v. 11, p. 44; o trecho se acha reproduzido na nota 113 da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho, à p. 224).

que Simmel tirou das metáforas kantianas: o que o constrange a) submeter tanto a ciência como o real à metafórica do espaço. Convém aqui destacar a diferença: como o “território” em questão não representa mais um modo de observação, apresenta-se apenas como um agregado disso que uma ciência como a sociologia planejada por Simmel estaria condenada a perceber enquanto meros “conteúdos”. Se referimos a passagem citada a seu contexto, verificamos justamente que o argumento de Simmel é que o mundo ou o *sistema* econômico¹¹¹ é um desses conglomerados, assim como o mundo da religião¹¹². Este seria, como aquele, uma espécie de amontoado de experiências afins, sendo que tal afinidade é o que nos permitiria referir determinados produtos particulares da cultura (tais como as ideias de deus e do diabo) a determinados domínios de ordem mais geral (como o da religião), conferindo-lhes, nesse ato, um sentido concreto e, ao mesmo tempo, independente do imaginado por quem quer que o tenha originalmente produzido¹¹³. Podemos, assim, conceber o mundo religioso como o resultado ou efeito da acumulação e sedimentação de uma série de experiências particulares – que se “isolam” das demais experiências humanas (também “objetivadas”) até o ponto de formarem um mundo dotado de uma lógica e de uma história próprias. Tal sedimentação estaria profundamente arraigada no modo específico como nos havemos com o real, com o mundo que nos cerca – dizendo, pois, respeito à relação do homem com seu entorno, com o mundo, como o próprio Simmel argumenta de forma clara na passagem acima. A nossa vida prática seria, para Simmel, impensável sem uma tal sedimentação, sem que nossos interesses se aglutinassem formando círculos distintos – que funcionariam como contextos gerais que mobilizaríamos de maneira automática para avaliar o sentido apropriado de experiências determinadas no que têm de particular.

Mas se a existência desses mundos é o que torna a vida prática possível, conferindo-lhe uma forma determinada, por outro lado é também o que a constrange e delimita¹¹⁴, e a ambição filosófica de Simmel o arrastava no sentido de antecipar tantos aspectos do real quanto sua imaginação permitia, sobretudo aqueles que a vida prática nos induz, nos constrange a ignorar ou deixar de lado¹¹⁵. (Daí que o dinheiro

---

111. E aqui Simmel emprega esse termo em particular (“sistema econômico”).

112. Esse é, claro, um tema clássico da sociologia: a diferenciação e autonomização dos vários sistemas de interesse da cultura.

113. Embora seja sempre *em princípio* possível reconstituir a psicogênese deste ou daquele produto da cultura, uma vez que este tenha se agregado a inúmeros outros, o conjunto assim formado adquire uma lógica própria, que podemos chamar de “objetiva”, já que é independente do substrato psíquico que originou cada um dos itens do conjunto eventualmente formado. Assim, p. ex., a representação religiosamente pura de deus, assim como a do diabo (que é “religiosamente pura” no sentido de que, após ter sido depurada de suas origens psicológicas, cada uma dessas representações foi rearticulada como parte integrante do mundo da religiosidade humana, que é o que, a partir de determinado momento do processo cultural, conferiu a tais representações o seu sentido mais apropriado e convencional), podem readquirir sua forma psicológica na medida em que são representadas na consciência ou assimiladas conforme determinados modos típicos de percepção (tais como o do ascetismo). Na medida em que o são, aplica-se, contudo, a elas as mesmas “leis psicológicas” que se aplica à assimilação de *outras* ideias, como é o caso da ideia do dinheiro – como nos mostra Simmel, com suas analogias.

114. O que também conduz a apropriação específica que Simmel faz dos produtos da imaginação kantiana.

115. O que, diga-se, também é uma forma de adiar o contato com a realidade. Aqui é oportuno acrescentar que, embora o olho de Simmel fosse especialmente perspicaz – deteve-se em produtos aparentemente tão triviais do mundo da cultura como os anúncios amorosos em jornais, ou os bazares de 50 pfennig, que estavam para a Alemanha que Simmel teve em vista, como as lojas de 1,99 para o Brasil a partir da 1990 (estando, entre nós, o fenômeno associado à estabilização da inflação e a outros efeitos da implementação do Plano Real – que compõem toda uma série de condições econômicas mais gerais que precisam

seja o meio mais adequado para a realização de sua filosofia: trata-se de algo que todos o tempo todo usamos, sem parar para pensar em toda a enorme teia de circunstâncias implicada nesse uso¹¹⁶). Ou, para usar a expressão de Kracauer: tal ambição consiste em retirar as coisas do seu isolamento, em ressaltar, em conferir destaque às relações entre as coisas de que não havíamos nos dado conta, de que havíamos nos esquecido ou então deixado de lado¹¹⁷ – e de tal modo que, quanto mais distantes ou estranhos ou

---

estar dadas, para que soluções formais como essas possam se estabelecer) –, ele deixou passar, sem dúvida, inúmeros aspectos do real, muitos mais do que os que efetivamente capturou. E não devemos atribuir todas as omissões no mapeamento da cultura moderna de Simmel apenas ao fato de que ele, como todo aventureiro, era mortal, sendo sua vida curta demais para que tivesse tempo de conhecer o mundo todo – pois a imaginação de Simmel, como aliás a nossa, está condenada, por inúmeros motivos, a privilegiar “sistematicamente” certos temas em detrimento de outros. Essa questão não será, contudo, aqui elaborada.

116. Como também busquei ilustrar com o exemplo da aquisição de uma camiseta.

117. Que reconstrói exatamente esse aspecto da teoria simmeliana do conhecimento – mostrando como a analogia lhe permite “livrar a coisa de seu isolamento” (cf. KRACAUER, 2004, pp. 152-3). Meu ponto é aqui o mesmo antecipado por Kracauer, que apenas se utiliza de outros exemplos. Deixo registrada, nesta nota, aquela parte do conteúdo da reconstrução de Kracauer cuja influência em meu trabalho considero mais decisiva:

Assim como o conhecimento cotidiano trivial leva ao esquecimento todas as passagens transitórias que há entre os fenômenos, rasgando a teia fenomênica e encerrando as partes assim isoladas uma por uma num conceito – assim também tal conhecimento ainda restringe nossa consciência da multiplicidade do mundo num outro sentido. No sentido de que confere visibilidade apenas ao que há de mais tacinho dos setores da realidade a que se confiou os diversos conceitos, de que por assim dizer equipa o conceito com um rótulo de identificação que só denota o que aparenta ser pertinente para as necessidades ordinárias e práticas. As coisas se tornam, em suas rijas armações conceituais [Begriffsgehäusen], unilaterais, o que se volta para nós é sempre apenas um de seus aspectos, e só as apreendemos conforme a utilidade que possuem para nós. [...] O que há de comparável entre as coisas fica para trás; dentre os vários significados que possuem, restam somente aqueles que especificam a finalidade de seu uso; elas se tornam estreitas e de curto fôlego. Quanto mais a realidade se desdobra diante do homem, tanto mais alheio se faz, para ele, o mundo padronizado, com suas grotescas petrificações conceituais. Ele reconhece que a cada fenômeno subjaz uma plethora interminável de propriedades, que estão todos sujeitos às mais diversas leis. Mas é à medida que vai se dando conta da multiplicidade de aspectos das coisas, que, para ele, vai se expandindo a possibilidade de relacioná-las umas às outras. Partindo das várias determinações de um fenômeno que se revelam ao homem, qualquer fenômeno que seja passa a remeter a algum outro dentre os demais fenômenos; para onde quer que olhe, inclina-se para a afinidade entre eles. Simmel está incansavelmente atrás da pista das analogias. Ele jamais se furta a mostrar que alguma propriedade básica formal ou estrutural de um objeto encontra sua realização não só junto ao objeto em que se detectou a propriedade em questão, mas sim ainda mediante toda uma série de objetos. Simmel destaca, p. ex., a semelhança das relações estruturais da obra de arte com aquela de certas organizações societárias, ou explica como processos quaisquer da vida social e da vida anímica transcorrem segundo um e o mesmo esquema. A ordenação econômica é comparada com a jurídica, analogias entre a arte e o jogo, o amor e a aventura, postas à vista. Simmel com frequência precisa primeiro destrinchar completamente a imagem padronizada do objeto que então toma em sua consideração, para que assim apareça isso que, nele, está em conformidade com outros objetos. Para ele trata-se sempre nesses casos de livrar a coisa de seu isolamento. De tanto que Simmel revira a coisa para lá e para cá, acabamos por identificar, nela, a realização de uma legalidade que ainda ganha corpo junto a inúmeras situações distintas – e desse modo ele a articula a contextos abrangentes. Uma sensibilidade assim tão refinada para a uniformidade dos fenômenos está, porém, em seu caso inextrincavelmente encadeada a uma sensibilidade igualmente perspicaz para as diferenças. E assim Simmel também atua enquanto demolidor de semelhanças que aparecem no primeiro plano, [...] e demonstra o engano de certas doutrinas que repousam na aceitação tácita das mesmas. (Kracauer, 2004, pp. 152-3)

Gostaria aqui de acrescentar algumas referências com as quais se pode comprovar as afirmações de Kracauer. A proposição de que Simmel destaca “a semelhança das relações estruturais da obra de arte com aquela de certas organizações societárias” pode ser verificada em **S.10.b.12** (em que a nobreza é comparada à obra de arte, como já mencionado algumas vezes neste trabalho – na p. 108, na p. 137 e também na 251); esse também é o caso, num certo sentido, de **P.3.a.14** (apresentada nesta seção, junto à nota 107, acima), bem como de **P.2.c.60** (em que a estrutura formal de certos poemas é comparada, num determinado sentido, com o que se passa entre o grupo e seus membros – sendo que a comparação não se limita a esses dois termos). A proposição seguinte pode ser ilustrada por inúmeras analogias, em especial aquelas entre formações sociais e individuais, como, p. ex.: **S.2.a.8**, **S.4.a.16**, **S.9.a.36** e **P.6.c.63** – mas também pela analogia, não catalogada no índice, do “egoísmo do grupo”, apresentada na segunda seção do segundo capítulo deste trabalho (à p. 167). Exemplos para as comparações entre as ordenações econômica e jurídica são as analogias **P.1.c.61** e **P.6.a.15** (esta última que inclui também uma comparação com a ordenação conceitual, i.e.: a

contraditórios pareçam ser dois fenômenos, tanto mais imprescindível será indicar como se relacionam. Daí que Simmel *precise* estabelecer analogias como aquelas entre deus e o dinheiro e o diabo¹¹⁸ – atravessando, assim, a distância entre essas duas províncias da cultura humana que são a economia e a religião.

E que não são, é claro, as únicas províncias pelas quais ele passa, mas apenas duas entre outras – que Simmel amarra de modo tão firme umas às outras (uma vez que o que visa é tal amarração) a ponto de tornar especialmente ingrata a tarefa de desamarrá-las para fins de análise. Assim, Simmel vai do mundo econômico ao mundo das leis, que por sua vez confere sentido a cada item particular de cada legislação, bem como a seus personagens típicos (tais como o do juiz¹¹⁹), e que muitas vezes aparece sobreposto aos mundos do costume e da moral¹²⁰; passa daí para o mundo da política institucional, cujo repertório de formas inclui a do Estado moderno¹²¹ e a do funcionário¹²²; e daí para o do intelecto, em que é possível situar toda a produção conceitual da ciência e da filosofia e, portanto, toda a série de analogias contidas na *Philosophie des Geldes* que vai de Platão a Hume e Kant, passando por Nicolau de Cusa, mas também a própria noção de conceito¹²³ ou, ainda mais genericamente, a de associação mental¹²⁴; e desse mundo, Simmel passa ainda para os mais puramente interiores, em que se acham confinadas as relações entre os sexos¹²⁵ e o cultivo da personalidade¹²⁶; e desse mundo, enfim, para o mundo externo dos fenômenos e

---

lógica), que serão apresentadas logo na sequência, nesta seção, mas também, para não nos atermos só a *Philosophie des Geldes*, **S.8.a.18**. Já as analogias entre a arte e o jogo e o amor e a aventura não foram detectadas nas duas obras de referência – embora possam ser facilmente encontradas nos ensaios de Simmel, a primeira em seus escritos sobre a sociabilidade (cf. GSG, v. 16, p. 106; a analogia é formulada no terceiro capítulo das *Grundfragen der Soziologie*, e se encontra traduzida para o português em SIMMEL, 2006, p. 63) e a segunda em seu ensaio sobre a aventura (cf. GSG, v. 12, pp. 103-5; trata-se do ensaio “*Philosophie des Abenteuers*” [Filosofia da Aventura], de 1910, que se acha traduzido para o português em SOUZA & ÖELZE, 2005, *Simmel e a modernidade*). Convém ainda indicar rapidamente algumas referências para a proposição segundo a qual Simmel “destrincharia” a imagem padronizada ou mediana dos objetos que toma sob sua consideração – e aqui basta apontar dois exemplos, um tirado da *Soziologie* e outro da *Philosophie des Geldes*, e ambos já apresentados ao longo deste trabalho. O primeiro é o do tratamento que Simmel confere ao problema do conflito enquanto forma de socialização, cujo primeiro passo é mostrar que este não é necessariamente uma força destruidora (de modo que Simmel desfaz o vínculo entre a imagem do conflito e a da destruição), conforme o discutido em minha apresentação da analogia **S.4.a.4** (cf. a p. 126, contida num dos itens da primeira seção do segundo capítulo deste trabalho). O segundo diz respeito à resposta dada por Simmel para a pergunta por ele mesmo formulada no começo do segundo capítulo da *Philosophie des Geldes* – em que ele, como vimos, “interrompe” a série (ana)lógica que produziria a impressão de que toda a comparação implicaria necessariamente uma igualdade qualitativa (cf. toda a discussão em torno do trecho reproduzido na p. 310, acima).

118. Por mais que, ao fazê-lo, exponha-se aos perigos que o espreitam, pondo a cada vez em risco sua reputação e sua carreira, como o sugerido na nota 105, mais acima.

119. Cf. a analogia **P.2.c.40**.

120. Cf., p. ex., as analogias **P.1.b.33**, **P.3.a.2** e **P.4.c.41**, bem como **P.4.a.3**, esta já apresentada no item II.1.6.2.2.1, à p. 153 deste trabalho. A diferença entre, de um lado, a moral e o costume e, de outro, o direito é um tema recorrente em Simmel; cf., p. ex., a nota de rodapé contida em GSG, v. 11, p. 78 (trata-se aí da *Soziologie*).

121. Que Simmel tematiza em inúmeras analogias, comparando-o, p. ex., com a bolsa de valores em **P.4.b.37** e com a máquina, em **P.6.b.36**. Vale notar que Simmel, antes de formular a analogia com Platão acima apresentada, tratava justamente desse item particular do repertório de formas da cultura moderna (cf. GSG, v. 6, pp. 646-7).

122. Que personifica a forma, também moderna, da burocracia. Cf. as analogias **P.4.a.10**, **P.4.c.46** e **P.5.b.21**, assim como, agora fora da *Philosophie des Geldes*, **S.1.b.34**.

123. Como veremos em seguida, ao considerarmos a analogia **P.6.a.15**.

124. Que Simmel compara ao valor em **P.1.b.29**.

125. Portanto o amor, tematizado, entre outras, em **P.1.a.18**, **P.2.c.52** (apresentada à p. 144 deste trabalho), **P.3.a.8**, **P.3.b.31** (em que é feita uma comparação entre o amor e a avareza), **P.4.b.27**; mas também a prostituição, como mostrarei logo a frente, quando da consideração da analogia **P.5.a.10**.

eventos geográficos e físicos¹²⁷. Já percorremos alguns desses mundos, ou melhor, já vimos como Simmel se serve de suas analogias para passar de um ao outro, indicando via de regra determinada relação entre ambas, até então escondida de nossa visão (acostumada, por sua vez, a se orientar para tais domínios de forma mais prática e automática). É ainda preciso, porém, passarmos, ainda que muito brevemente, por alguns mais, começando pelo mundo das leis; selecionei uma passagem em que o que verificamos é uma comparação paralela a algumas das comparações anteriormente verificadas, a saber, de uma concepção medieval com uma moderna:

Na Idade Média, aceitava-se uma relação direta entre os objetos e o preço em dinheiro, i.e., uma relação baseada no valor existente em si mesmo de cada objeto, e que, portanto, poderia – e logo também deveria – conduzir a um resultado objetivamente »correto«. O erro dessa intuição substancialista é, do ponto de vista do método, o mesmo que se verifica, quando se quer afirmar um nexos direto entre um indivíduo e o conteúdo de um direito qualquer, de tal modo que a essência daquela pessoa, assim como ela é em e para si e sem levar em conta o que mais haja de externo em relação a ela, poderia com justiça reivindicar tais capacidades legais – como é o que acontece, digamos, na representação individualista dos “direitos humanos”. Na realidade, o direito é com efeito apenas uma relação das pessoas umas com as outras, e se *realiza* apenas junto às totalidades de interesses, objetos ou poderes a que damos o nome de um conteúdo do direito, de »um direito« no sentido mais restrito do termo, e que em geral não possui, em e para si, qualquer relação discernível com determinado indivíduo, que se pudesse considerar ou »justa« ou »injusta«.¹²⁸

A essa altura de sua obra, Simmel lida com o problema da determinação do valor dos objetos que formam o mundo econômico – que se realizaria, como já indiquei, em conformidade com o esquema circular da determinação recíproca (e não como um ajuste em função de um presumido valor intrínseco a tal objeto, como se pensava, segundo Simmel, na Idade Média), e cujo resultado seria então exprimido na linguagem analógica do dinheiro. Com sua analogia, o que Simmel nos mostra é como esse arranjo formal aparentemente próprio do mundo econômico pode também ser verificado no mundo das leis¹²⁹ – que, à medida que se autonomiza e se desprende da vontade de seus “suportes” individuais, produz noções do justo e do injusto que não podem ser medidas diretamente contra a individualidade, mas apenas por referência a um sistema de leis, que é, em sua totalidade, tão inacessível à individualidade como o mundo platônico das formas também o seria. Mas o procedimento analógico, de que Simmel se serve para indicar o que há de comparável entre as coisas (p. ex.: a intuição substancialista que informava o conceito

126. Esta comparada ao salário em **P.4.c.47**; o dinheiro também sugere uma analogia com certos *tipos* de personalidade, p. ex., aquela “sem caráter” (cf. **P.3.a.11**).

127. Como o mar (em **P.5.a.16**, acima apresentada), a eletricidade (cf. **P.2.c.36**) ou a faísca (como veremos em seguida, quando considerarmos a analogia **P.2.c.55**).

128. **P.1.c.61**, em GSG, v. 6, pp. 132-3, aqui reproduzido em versão ampliada, se comparada a do índice.

129. O que conduz Simmel à seguinte conclusão, que também se apoia na analogia entre direito e economia:

Assim, é ainda possível que haja um preço justo em dinheiro para uma mercadoria; mas apenas enquanto expressão de uma relação determinada – e balanceada em cada um de seus aspectos – de troca entre tal mercadoria e todas as outras, e não enquanto consequência de uma essência quanto ao conteúdo da mercadoria em si e à soma do dinheiro em si, que não possuem relação alguma uma com a outra e estão para além do justo e do injusto. (GSG, v. 6, p. 133)

tipicamente medieval de valor e a representação individualista dos direitos humanos), esbarra sempre num limite, que podemos acessar considerando a seguinte passagem:

Já estabelecemos anteriormente que o que distingue o dinheiro [enquanto propriedade] em relação a outras propriedades é que ele não contém qualquer indicação quanto a ser usado de um determinado modo, e por isso mesmo não encerra em si qualquer obstáculo diante do qual um de seus usos se tornaria mais remoto ou difícil que os demais; a cada vez que é usado (e por mais que se trate de um uso questionável), o dinheiro se entrega completamente, sem que se efetive uma relação de sua qualidade com a dos objetos reais, o que, se ocorresse, viria a promovê-lo ou a afastá-lo de um deles especificamente – sendo que nisso o dinheiro é comparável às próprias formas da lógica, que se aplicam a qualquer conteúdo (e uniformemente, como quer que tal conteúdo se desenvolva ou se combine), e que, por isso mesmo, garantem para o que há de objetivamente mais absurdo e mais perverso as mesmas oportunidades de representação e correção formal que se oferece ao que há de mais valioso; e não menos análogo aos esquemas do direito, aos quais frequentemente faltam salvaguardas para evitar situações em que as mais duras injustiças materiais se revistam da mais impecável justeza formal.¹³⁰

Aqui verificamos como Simmel estende a analogia entre as ordenações econômica e jurídica à lógica em geral – sendo que nessa série podemos, enfim, encadear agora a própria analogia, uma dessas formas “lógicas” graças a qual Simmel pôde comparar o dinheiro a deus e ao diabo, ao amor e à prostituição¹³¹, e esta por sua vez ao suborno¹³², e o suborno ao segredo¹³³, que por sua vez ele ainda haveria de comparar, mas noutra de suas obras, diretamente ao dinheiro¹³⁴ e ao adorno¹³⁵, e o adorno à mobília¹³⁶, e a mobília mais uma vez – regressando agora às analogias da *Philosophie des Geldes* – ao dinheiro¹³⁷. Se a analogia efetivamente lhe permitiu tratar da relação entre todas essas coisas, afinal tão distintas umas das outras, e se funciona expandindo a possibilidade de relacioná-las, ainda assim lhe falta a capacidade de aderir a seus conteúdos particulares, ao que há, nelas, de incomparável – e por isso mesmo a analogia entra em conflito com o princípio da especificação empírica, que diz respeito à particularidade das coisas, para a qual, como diz frequentemente Simmel, simplesmente “não há qualquer analogia”. E assim como o dinheiro parece incapaz de expressar valores puramente individuais ou pessoais (embora possa exprimir o *princípio* formal da individualidade ou da pessoalidade, mas somente porque tal princípio, longe de ser algo “pessoal”, é justamente o geral que as pessoas em particular têm em comum), mas apenas aqueles valores que se estabelecem *relacionalmente* – assim também no caso da analogia em relação às coisas, o que faz dessa forma “lógica” o veículo mais adequado para exprimir a teoria relativista do conhecimento,

---

130. **P.6.a.15**, em GSG, v. 6, p. 608. O conteúdo [entre colchetes] foi por mim acrescentado.

131. Como veremos em seguida.

132. Cf. a analogia **P.5.a.14**.

133. Cf. **P.5.a.15**.

134. Cf. **S.5.a.20**.

135. Cf. **S.5.a.23**, analogia essa apresentada na p. 135 deste trabalho.

136. Cf. **S.5.b.25**.

137. Cf. **P.6.b.24**, já mencionada neste capítulo, na nota 76, acima.

conforme Simmel a concebia¹³⁸. Também nesse sentido, há uma relação estreita entre o procedimento analógico e o *princípio* da formação de conceitos, que é o princípio que confere a uma série de coisas seu aspecto de conjuntura:

Quando se diz de um objeto de grande valor e multifacetado, p. ex., de uma fazenda, que vale meio milhão de marcos, então nessa soma, mesmo que esteja fundamentada em vários pressupostos e considerações particulares, o valor do bem é concentrado num conceito completamente unitário, o que não é diferente do que ocorre quando se avalia algo também em si mesmo unitário por meio de um conceito monetário em si mesmo unitário, p. ex.: [na afirmação de que] uma hora de trabalho valeria um marco. Pode-se comparar isso, no mais alto grau, com a unidade do conceito, que encerra si o que há de essencial a um amontoado de configurações individuais; quando formo, p. ex., o conceito geral de árvore, as suas características – que abstraí de suas concretizações consideravelmente heterogêneas junto a árvores particulares – não se situam mais umas ao lado das outras, mas sim se interpenetram formando uma entidade unitária. Assim como o sentido profundo do conceito não está em ser um mero agregado de características, mas sim uma unidade ideal, em que tais características, apesar todas as suas diferenças, se encontram e se amalgamam – assim também o preço em dinheiro permite que os múltiplos e extensivos significados do objeto econômico se concentrem numa unidade como que comprimida.¹³⁹

A analogia – no caso de Simmel, pelo menos – é como o princípio ativo do conceito: é graças a ela e por meio dela que ele organiza a diversidade do real¹⁴⁰. Por isso mesmo, quem persegue a analogia além da conta acaba fazendo com que tudo coincida numa identidade amorfa¹⁴¹. Simmel sabia desse risco, e, como vimos, buscou evitá-lo, buscou combater esse princípio generalizante intrínseco ao processo de

---

138. E não devemos esquecer que a palavra “relativismo” tem, aqui, o sentido específico que Simmel lhe atribui – ou seja, que não se trata de um relativismo qualquer, mas um relativismo que se opõe à uma teoria substancialista da verdade e que é, no fundo, muito próximo àquele em que Darwin se apoiou para tratar do problema da diversidade das formas de vida (ou seja, no qual a ênfase é posta sobre o estudo da interação entre essas formas, conforme o que explicitarei na nota 29 da segunda seção do capítulo inicial deste trabalho, à p. 52). Tendo em vista essa especificidade do relativismo simmeliano, alguns autores optaram em chamá-lo pelo nome de “relacionismo” (cf., p. ex., VANDENBERGHE, 2000, *As sociologias de Georg Simmel*, pp. 67-8). Se optei em não adotar tal nome, é porque prefiro aqui manter o registro formulado pelo próprio Simmel; o que sugiro para que se evite confusões entre o relativismo de Simmel e outras formas de relativismo é simplesmente que se especifique, quando for o caso, que se trata do “relativismo simmeliano”.

139. **P.2.c.57**, em GSG, v. 6, pp. 242-3. A formulação um pouco repetitiva (aparente sobretudo ao final da primeira oração do trecho) está em conformidade com o original; de resto, o conteúdo [entre colchetes] foi acrescentado para fins de maior clareza.

140. Sendo que por aí se pode chegar à principal ressalva que se pode fazer diante do trecho de Kracauer contido na nota 117, acima – e que diz respeito à ênfase, por Kracauer, do aspecto rígido e fixista do conceito de “conceito”. A metafórica empregada por Kracauer para se referir ao “conceito” não captura esse momento maleável de sua formação; ou melhor, quando começa a tratar dessa maleabilidade (cf. o trecho seguinte: “Mas é à medida que vai se dando conta da multiplicidade de aspectos das coisas...”), Kracauer abandona a palavra “conceito”, como se a “inclinação para a afinidade entre os fenômenos”, que ele associa à analogia, nada tivesse a ver com o processo de formação conceitual. Parece-me mais adequado explicitarmos que a “rigidez” do conceito nada mais é do que o resultado obtido em determinado momento do processo de elaboração conceitual, o que está em conformidade com a discussão situada ao final da primeira seção do terceiro capítulo deste trabalho.

141. O que é uma reformulação das ideias que Goethe uma vez formulou e que Simmel não apenas com certeza leu, como ainda lhe chamaram a atenção e foram, portanto, efetivamente objeto de sua atividade mental – já que ele reproduziu a formulação original de Goethe em seu livro sobre o autor:

Tudo o que existe é um analogon de tudo o mais que existe; daí que a existência apareça para nós sempre ao mesmo tempo ligada e separada. Caso se persiga a analogia longe demais, então tudo coincide identicamente; caso se passe ao largo dela, então tudo se dissipa na infinitude. Em ambos os casos cessa a reflexão: num caso por viver em excesso, noutro caso, morta. (Goethe, apud. GSG, v. 15, p. 95; trata-se aí do terceiro capítulo de Goethe)

formação conceitual temperando-o com a consideração da diferença entre uma coisa e outra, dando atenção não apenas ao que há de comparável nas coisas, mas também ao que há de incomparável¹⁴². Esse temperamento se manifesta justamente como *negação* da analogia – que é tão importante e essencial para o estilo filosófico de Simmel como a elaboração das mesmas.

O que a analogia não capta, nem é capaz de fazê-lo é, por sua vez, como aquele tipo de valor que não se estabelece relacionamente, ou seja, graças à interação com outros valores; ou melhor, como aquele tipo de valor que não *admite* ou não *se reconhece* em comparações, a ponto de *resistir* a elas. Emprego a expressão “tipo” de valor na falta de outra melhor – sendo que o que deve ficar claro é que não me refiro aqui a uma forma *absoluta* de valor como a que Simmel associa ora à mentalidade medieval, ora à antiga, mas sim àquelas formas pessoais de valor, que embora, como todas as demais, se estabeleçam, para Simmel, na interação umas com as outras, possuem *pretensões* de autossuficiência. Daí que se possa, como Simmel chegou inclusive a fazer, compará-las com a forma sociológica da aristocracia, cuja conservação depende de algo como o não reconhecimento de seu caráter sociológico, de uma tentativa de “não se relacionar” com os que não da sua laia, de manter, ao invés de superar, a distância entre as coisas¹⁴³. É, digamos, um valor ainda apenas relativo, mas que busca o tempo todo o objetivo inatingível de se ver livre desse seu traço constitutivo, negando-o continuamente – como as formas de vida em geral que, sendo mortais, afirmam o tempo todo sua permanência neste mundo, buscando evitar, em cada momento, que se confirme o destino comum a todas elas. Como o dinheiro em relação aos valores mais pessoais, também a analogia atua como uma força niveladora, forçando-nos a exprimir em termos analógicos mesmo isso que não se quer deixar exprimir nesses termos – e é assim que a analogia, na obra de Simmel, funciona: de modo a induzi-lo a aproximar o que antes estava distante, mesmo nos casos em que tal aproximação seja insustentável ou impossível. Podemos ter uma ideia do que são tais avanços, afinal “indesejados”, considerando qualquer uma das inúmeras analogias que Simmel estabeleceu entre o dinheiro e os fenômenos ligados ao mundo íntimo, expressão na qual reúno dois “sistemas” distintos de relação: o primeiro é aquele em que a personalidade individual se forma; e o segundo é aquele em que as experiências mais pessoais como a amizade ou o amor e o erotismo se formam. Tais avanços da analogia rumo a esses territórios íntimos têm como resultado, como já indiquei anteriormente, apenas a captura dos princípios mais gerais que informam tais experiências, generalidade essa que temos certa dificuldade

---

142. Ponto esse que Kracauer também já havia antecipado (ainda que sem explicitar o nexo entre esse gesto e o processo de formação conceitual), também no trecho que aqui reproduzi junto à nota 117, acima.

143. O que caracteriza a aristocracia, para Simmel, é justamente que ela o tempo todo opõe resistências ao “nivelamento” social – este, contudo, que decorre da revelação das dependências mútuas verificadas entre as pessoas. Quem trata desse outro tipo de valor que representa “uma combinação inteiramente particular de sentimentos de diferença” que, mesmo se baseando na comparação, se estabelece apenas na medida em que rejeita, como que com orgulho, toda a comparação, é K. Lichtblau (cf. seu artigo “Das »Pathos der Distanz«”, disponível em DAHME & RAMMSTEDT, 1995, *Georg Simmel und der Moderne*; o trecho parafraseado acima, nesta nota, encontra-se à p. 246). O tratamento de Lichtblau é especialmente interessante, pois se apoia na recepção simmeliana das ideias de Nietzsche – tema esse que não faria sentido, aqui, desenvolver –, que foi o antissociólogo por excelência.

em reconhecer e admitir, que parece, num primeiro momento, até mesmo incompatível com a própria “essência” de tais experiências¹⁴⁴. Para ilustrar esse último aspecto que se liga à problemática geral deste trabalho, gostaria que considerássemos uma analogia importante na economia retórica do quinto capítulo da *Philosophie des Geldes* (que é dedicado a tratar da relação difícil entre o dinheiro e os valores pessoais). Refiro-me à analogia com a prostituição, que funciona, no esquema argumentativo de Simmel, como complemento para a analogia com o casamento¹⁴⁵. Essas duas analogias ilustram, nesse esquema, extremos opostos da relação entre os sexos – sendo que tais relações também podem ser aqui consideradas produtos da cultura humana. Gostaria de manter o foco apenas na analogia entre o dinheiro e a prostituição¹⁴⁶ – esta que, segundo Simmel, “põe o significado do dinheiro para a relação entre os sexos outra vez sob uma nova luz”¹⁴⁷:

Assim, percebe-se também, no sentido contrário, na essência do próprio dinheiro algo da essência da prostituição. A indiferença em se oferecer para ser usado para qualquer coisa, a infidelidade em se desvincular de cada sujeito, por não ter realmente criado um vínculo com qualquer um deles, a objetividade que se fecha diante de qualquer relacionamento que venha do coração, e que o qualifica para ser o puro *meio* – isso tudo proporciona uma analogia fatal entre o dinheiro e a prostituição. Se Kant estabeleceu como máxima moral que não se deve jamais fazer uso de outra pessoa como um mero meio, mas sim que se deve reconhecê-la o tempo todo como um fim e assim tratá-la – a prostituição representa então o comportamento absolutamente oposto, e, *de fato, de ambas as partes envolvidas*. Assim, ela é, dentre todas as relações interpessoais, talvez o caso mais incisivo em que se produz um rebaixamento recíproco de ambos a um mero meio; e este pode ser o mais forte e mais profundo motivo para ligá-la de forma tão estreita à economia monetária, a economia dos »meios« no sentido mais estrito do termo.¹⁴⁸

A prostituição é um tema moderno, ou melhor, que ganha, na modernidade, um destaque especial, rompendo então, por assim dizer, o limiar da consciência sociológica e exigindo ser discutido e tratado de forma pública¹⁴⁹. Sua relação com o dinheiro é tão clara e evidente – pois trata-se aí justamente de fazer do sexo mercadoria, ou seja, de traduzir a sexualidade em cifras, portanto para a linguagem monetária –

---

144. O que Simmel ilustra, em seu excuro sobre o estranho, quando afirma o seguinte:

As relações eróticas rejeitam, no estágio da primeira paixão, aquelas noções generalizantes de forma bem decisiva: não houve ainda um amor como esse, nada há que se possa comparar quer com a pessoa amada, quer com o que sentimos em relação a ela. Um distanciamento tende a se estabelecer – e é difícil discernir se o faz enquanto causa ou enquanto efeito – no momento em que se esvai a sensação de que a relação é algo especial; um ceticismo quanto ao valor que a relação possui em si e para nós se prende justamente à ideia de que afinal levamos a cabo, com tal relação, apenas uma aptidão genérica da espécie humana, uma vivência já mil vezes vivida, e que, se por acaso não tivéssemos encontrado essa pessoa em particular, atribuiríamos a alguma outra o mesmo significado que atribuímos a essa. (GSG, v. 11, p. 769)

145. Cf. as analogias **P.5.a.6** e **P.5.a.7**.

146. Pois é ela que interessa, quando o assunto é caracterizar o procedimento por meio do qual Simmel relaciona esse produto particular da cultura ao dinheiro – o que permitirá desdobrarmos um pouco mais uma das caracterizações iniciais da analogia (cf. o segundo parágrafo da introdução ao primeiro capítulo deste trabalho, à p. 10).

147. Cf. GSG, v. 6, p. 513.

148. **P.5.a.10**, em GSG, v. 6, pp. 513-4, citado em registro resumido, se comparado ao índice; os *grifos em itálico* estão conforme o original.

149. Conforme o discutido em WAIZBORT, 2000, pp. 297-303.

que Simmel simplesmente não pode evitar discuti-la em seu livro mais importante, por mais que tal exposição lhe cause embaraços¹⁵⁰. Ainda que de forma em algo desastrada, Simmel enfrenta o problema, passando também por esse domínio da cultura, e o faz graças aos recursos escassos que tem à disposição: como é o caso da analogia, mas também das lições de Kant a propósito da moral.

Assim, ao estabelecer analogia atrás de analogia, ao combiná-las umas com as outras e também ao apontar para seus limites, Simmel se aproxima cada vez mais de realizar sua irrealizável conquista da totalidade, de mapear tantos domínios distintos da cultura quanto foi capaz de identificar – cumprindo assim sua promessa de mostrar como, a partir desse particular que é o dinheiro, podemos pensar num mundo de coisas, podemos obter uma imagem *cada vez mais abrangente* desse mundo. Também nesse ponto a analogia está, para o sistema filosófico de Simmel – peço agora licença para chamá-lo por esse nome –, assim como o dinheiro para o econômico:

Agora, no lugar de uma multiplicação da substância monetária, que é o que parece exigir o incremento das transações comerciais, o que ocorre é, cada vez mais, um aumento na velocidade de sua circulação. Afirmar anteriormente que já em 1890 o banco francês negociou em conta corrente 135 vezes a quantia em dinheiro ali depositada (54 bilhões, a partir de 400 milhões de francos), e o Reichsbank alemão, 190 vezes. Em geral, raramente temos clareza de que o dinheiro presta seus serviços com uma quantia incredivelmente pequena de sua substância. O fenômeno notável de que o dinheiro desapareça com a precipitação de uma guerra ou de uma catástrofe qualquer, como se a terra o engolisse, indica simplesmente o entrave da circulação, imposto ou intensificado pela ansiedade do indivíduo em se separar [em tais circunstâncias], mesmo que momentaneamente, de seu dinheiro. Em tempos normais, a rapidez da circulação faz a substância monetária parecer muito mais extensa do que realmente é – como uma faísca incandescente que, ao se mover rapidamente em círculos no escuro, aparenta ser todo um círculo incandescente –, para, no instante em que seu movimento cessa, desfazer-se outra vez ao mínimo de sua substância.¹⁵¹

A analogia, enquanto forma de pensamento mobilizada por Simmel, é um desses gestos rápidos, que movimentam a matéria da experiência em suas mãos de modo a produzir seu sistema filosófico particular. Daí que as analogias que ele efetivamente elaborou e publicou em sua *Philosophie des Geldes* sejam tão numerosas e apontem para tantas direções – em cada uma delas está registrado um ato do pensamento simmeliano, e tais atos são, cada um deles, a realização da promessa de Simmel, um passo adicional no caminho interminável rumo à totalidade. Com esse seu artifício, Simmel expressa ou articula em palavras

---

150. O tom “moralista” da passagem é claramente um sinal de tais embaraços – observe-se como o tratamento que Simmel dá ao problema distoa notavelmente daquele que habitualmente conferia às questões de natureza sociológica, i.e., visando não deixar que se misturem juízos de valor a suas análises (ou então, para não ficarmos presos à metáfora perversa da mistura: cultivando a arte de reprimir e sufocar tais juízos, podendo-os de preferência pela raiz, para que não venham a se manifestar no plano da análise). Deve-se, claro, ter em mente que não deveria ser fácil, para alguém na situação de Simmel, discutir um assunto como a prostituição num volume que possui “filosofia” no título. De resto, a correlação entre economia monetária e prostituição já havia sido tematizada por Simmel em um texto datado de 1892, explicitamente dedicado ao tema da prostituição, e publicado sob pseudônimo (cf. GSG, v. 17, pp. 264-5; o texto encontra-se traduzido para o português em SIMMEL, 1993, *Filosofia do amor*, estando o trecho referido entre as pp. 5-7).

151. P.2.c.55, em GSG, v. 6, p. 240, citado em registro aplicado em relação ao índice. Acrescentei o conteúdo [entre colchetes].

um mundo de relações que até então ninguém havia articulado com tanto detalhe – o que é um recurso inestimável, para aqueles interessados em *pensar e repensar* esse mundo. Afinal, quando sacamos nossa carteira e, dela, nossas moedas e cartões para, com esses meios, adquirir um produto qualquer da cultura que se faça presente para nós, não temos tempo de parar e pensar nesse mundo de relações, de imaginá-lo¹⁵² – simplesmente os usamos¹⁵³. Simmel se deu ao trabalho não só de imaginar esse mundo, mas ainda ao de deixar, para os que viriam depois dele, um elaborado registro do que viu – registro esse que, contudo, não pode ser concebido como uma cópia exata ou mecânica do que se viu (como, aliás, não o podem os mapas), mas apenas como um registro repleto de orientações, que de algum modo põem em relevo o que, na prática, somos induzidos a ignorar e a deixar de lado, a saber, as inúmeras relações efetivas que ligam um fenômeno ao outro. Ao relacionar, por analogia, o dinheiro à obra de arte e ao amor¹⁵⁴, à palavra falada e à personalidade¹⁵⁵, à lei natural e à lei propriamente dita¹⁵⁶, à pressão d'água, à faísca e ao átomo¹⁵⁷, ao conceito em geral e à inúmeros outros conceitos particulares, tais como o de temperatura¹⁵⁸, às ideias correntes entre os escolásticos e as postas em circulação por pensadores como Marx e Platão¹⁵⁹, ao deus cristão e ao diabo¹⁶⁰, à forma de vida da liberdade individual e ao mar¹⁶¹, ao clichê, ao beijo e à energia¹⁶², ao poder, ao intelecto e à lógica¹⁶³, ao éter luminífero, ao líquido e ao sangue¹⁶⁴, à proporção numérica e ao mediador financeiro¹⁶⁵, à unidade indizível e à relatividade do ser¹⁶⁶ – enfim, retomando: ao relacionar, por analogia, o dinheiro a essa série de coisas, ao revirá-lo para lá e para cá, Simmel põe seu sistema filosófico em movimento, que é, portanto e nesse sentido, um sistema de analogias. É verdade que as relações que Simmel assim estabelece, mesmo quando bastante concretas e específicas – tais como a analogia “psicológica” entre o dinheiro e o diabo, assim como se verifica para

152. Não paramos para imaginar que, p. ex., a camiseta referida na nota 95, acima, “não seria possível” sem a existência desse mundo, no qual cada um de nós inevitavelmente toma parte a cada produto que se compra (ou que se furta...), e a cada vez que pergunta a um outro o caminho ou escreve um e-mail (já que o exemplo de Simmel, da carta, está hoje fora de moda), a cada beijo trocado, e até mesmo (é devido reconhecê-lo) a cada clichê que, inadvertidamente, reproduzimos, e inclusive a cada vez (para acrescentar um exemplo que, ao contrário dos demais, está ausente em Simmel, que teve dificuldades em reconhecer e em encarar o caráter cultural e relacional do fenômeno) que agredimos outra pessoa.

153. Pode-se acrescentar que Simmel entendeu que o dinheiro pode ser usado para todos os fins – inclusive para os meramente contemplativos, para se fazer, com ele, filosofia.

154. Cf., para o caso da obra de arte, **P.3.a.14**, apresentada na nota 107 desta seção, à p. 330; bem como, para o caso do amor, **P.2.b.26**, **P.2.c.52** (esta já apresentada na p. 144 deste trabalho) e **P.2.c.54**, entre outras.

155. Cf. **P.1.c.54** e **P.3.c.50**, respectivamente.

156. Cf., para o primeiro caso, **P.1.c.56**, **P.2.c.53**, **P.6.a.7** e **P.6.c.82**; e, para o segundo, **P.6.c.83**.

157. Cf., nessa ordem, **P.2.a.7**, **P.2.c.55** (apresentada logo acima) e **P.2.c.56**.

158. Cf., para o primeiro caso, **P.2.c.57** (já apresentada, na p. 337) e, mais uma vez, **P.6.c.82**; para o segundo, cf. **P.2.c.58**.

159. Cf., nessa ordem, **P.6.c.81**, **P.1.c.52** e **P.2.b.23**.

160. Cf., nessa ordem, **P.3.b.25** (apresentada acima, na p. 329) e **P.3.b.39** (apresentada na nota 106/106 desta seção, à p. 330).

161. Cf. **P.4.c.45** e **P.5.a.16** (apresentada na p. 331).

162. Para o caso do clichê (ou, mais exatamente, das formas trivializadas de expressão, cf. **P.5.a.18**; para o do beijo (que não é comparado diretamente ao dinheiro, mas sim ao conceito troca), **P.1.b.26**; e para o da energia, **P.2.a.2** e especialmente **P.6.a.3**.

163. Cf., para o primeiro caso **P.3.b.32**; para o segundo **P.6.a.14** (bem como todas as suas variações específicas); e para o terceiro **P.2.a.12** e **P.6.a.15**.

164. Cf., para o primeiro caso, **P.1.c.57** e **P.1.c.60**; para o segundo, **P.6.c.66**; e para o terceiro, **P.6.b.45** (nessa passagem, Simmel ainda compara o dinheiro ao sistema das articulações de um organismo, que é o que possibilita seus movimentos – ainda que sem empregar algum dos sinais de identificação da analogia arrolados no segundo capítulo deste trabalho).

165. Cf., para o primeiro caso, outra vez a analogia **P.6.c.82**; para o segundo, **P.6.c.71**.

166. Cf., para o primeiro caso, **P.6.c.68**; e para o segundo **P.6.c.84** e **P.6.c.85** – analogias estas de que Simmel se serve para dar um fecho em sua *Philosophie des Geldes*.

os modos ascéticos de percepção –, ainda possuem o mesmo caráter anedótico que detectamos em seus exemplos sociológicos¹⁶⁷. Mas para uma filosofia do dinheiro como a de Simmel, esse já não é sequer um problema (como seria, se se tratasse de uma sociologia do dinheiro); pois aqui o que está em jogo é, como vimos no começo deste capítulo, o “propósito puramente filosófico de trazer à consciência o entrelaçamento de todas as partes da multiplicidade do mundo”. E essa é uma finalidade que o sistema analógico-filosófico de Simmel – com cuja montagem ele se ocupou por mais de uma década de sua vida! – realiza formidavelmente bem: depois de tê-lo, um dia, visto em funcionamento, é difícil imaginar que, numa dessas vezes em que recebermos o troco do café ou consultarmos o saldo em nossa conta corrente ou comprarmos uma caixa de bombons para dar a alguém de quem gostamos, não vamos, enfim, parar para pensar numa dessas relações e, portanto, no mundo de relações que Simmel, naquele dia, nos fez ver.

***

A pretexto de conclusão, é preciso que se diga que busquei, ao longo deste capítulo final, explicitar os vários pontos de contato entre o procedimento analógico e inúmeros aspectos fundamentais da teoria simmeliana do conhecimento – para que, com isso, possamos compreender um pouco melhor o modo como Simmel pensava e, portanto, as raízes de inúmeras das ideias que atualmente circulam entre nós (e, sobretudo, entre os sociólogos¹⁶⁸). Para realizar esse propósito, busquei apresentar aquelas analogias por ele estabelecidas em que se podia detectar uma característica própria do procedimento analógico, assim como Simmel o empregou na montagem de seu “sistema” filosófico¹⁶⁹ – mostrando, assim, como esse “sistema” *depende visceralmente* desse recurso “técnico” que é, em seu caso, a analogia.

Essa é, de resto, a mesma situação da sociologia de Simmel: também ela seria impensável sem o recurso à analogia. Podemos ter uma ideia disso, se imaginarmos como ficariam os livros de Simmel, se apagássemos todas as 704 analogias catalogadas no índice apresentado como anexo a esta dissertação. Não teríamos, nesse caso, simplesmente obras menos extensas, mas sim obras *desprovidas de sentido*. Afinal, como é que Simmel, no primeiro capítulo da *Soziologie*, fez para demarcar o campo de atuação e a especificidade da ciência que pretendia fundar? Trabalhando sobre a analogia de método entre a sociologia e a geometria. Como é que encarou os problemas de definição implicados nessa mesma tentativa? Explorando uma analogia biológica. Como, em geral, concatenava os *incontáveis* exemplos apresentados ao longo da *Soziologie*? Juntando-os por analogia. Como fazia para extrapolar as conclusões obtidas em suas investigações sobre as formas de socialização, para aplicá-las a questões de natureza

---

167. Conforme o discutido na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho, de forma mais explícita a partir da p. 263.

168. Em parte porque a sociologia é, também, um desses produtos da cultura – que teve em Simmel um de seus vários artífices.

169. E não se deve ignorar que a conclusão anterior (a saber: de que as analogias de Simmel são apropriadas em relação ao fim de “trazer à consciência o entrelaçamento de todas as partes da multiplicidade do mundo”) em nada diz respeito ao valor *dessa* finalidade em si mesmo, que não estou em condições de apreciar – e que terá de ser, aqui, deixada de lado.

metafísica ou especulativa? Apoiando-se em suas analogias. Como descreveu a filosofia em geral e a particularidade da *sua* filosofia no prefácio à *Philosophie des Geldes*? Combinando uma analogia espacial com outra estética. Como descrevia o objeto dessa filosofia? Em inúmeros casos, *por meio de* analogias, quando não *enquanto* uma forma de analogia. Como, nesse mesmo contexto, resumia e reutilizava os produtos da filosofia à sua disposição? Elaborando analogias. Como fazia para ligar fenômenos aparentemente tão diversos como o segredo e o adorno, ou deus e o dinheiro, ou o dinheiro e a obra de arte? Fazendo analogias. Como frequentemente se referia à peculiaridade das coisas? Afirmando que, para tal, não havia em geral qualquer analogia. Como é que, afinal, fez para “concluir” trabalhos como a *Soziologie* e a *Philosophie des Geldes*, estes que, ainda que cada qual a seu modo, são por natureza inconclusivos ou fragmentários? Formulando analogias¹⁷⁰. – Todas essas questões (umas mais direta e detalhadamente, outras menos) foram contempladas ao longo deste trabalho, e o que resta aqui é apenas indicar o referente comum a todas elas, a generalidade concreta que talvez não apareça se as considerarmos isoladamente, mas que vêm à tona assim que as consideramos em conjunto: o fato de que a analogia é fundamental para Simmel. Ou então – uma vez que, a esta altura, a metáfora do fundamento simplesmente já não satisfaz –: de que a relação entre Simmel e a analogia era tão *íntima*, que, longe dela, ele não se reconheceria, de que se incorporou à sua própria natureza interior (o que quer que isso seja)¹⁷¹. Ele, é verdade, a usava o tempo todo para seus fins (para expor o que tinha em vista, para ligar o

---

170. Apresento aqui, uma embaixo da outra (por ordem de publicação), as duas frases com que Simmel encerra cada uma das obras que, hoje, podemos considerar as mais relevantes para o pensamento social:

E assim como a visada absolutista de mundo expõe determinado estágio da evolução intelectual, em correlação com a configuração prática, econômica e emocional das coisas humanas que corresponde a tal estágio – assim também a visada relativista parece expressar (ou, o que talvez seja mais preciso: parece ser) a razão adaptativa atual do nosso intelecto, que se confirma mediante a imagem oposta da vida social e subjetiva, esta que encontrou no dinheiro tanto o seu suporte realmente efetivo, como o símbolo que reflete suas formas e movimentos. (P.6.c.85, em GSG, v. 6, p. 716; grifo meu)

Assim como, em sua evolução social, o grupo estreito ou «mais socializado» adquire tanto sua contraparte interior como a histórica, tanto a contraparte que a sucede em alternância como a simultânea na medida em que se amplia na direção dos grupos maiores, na medida em que se especializa no sentido de se tornar um elemento particular da sociedade – assim também a sociedade (considerada do ponto derradeiro a que se pode, nessa situação, alcançar) em geral se manifesta como uma forma especial de agregação, para além da qual estão, subordinando seus conteúdos a outras formas de consideração e valoração, as ideias da humanidade e a do indivíduo. (S.10.a.35, em GSG, v. 11, pp. 862-3; grifo meu)

Como se vê, ambas as frases, além de conterem óbvias coincidências substanciais, foram estruturadas de forma muito, muito parecida – e essa forma é a forma da analogia (note-se que, no original, é possível detectar a presença de **wie + so**, separados por um travessão, sendo esse, conforme o exposto na primeira seção do segundo capítulo deste trabalho, um dos mais inequívocos sinais de identificação da analogia). Mas não só: trata-se de uma forma peculiar de analogia, em que se articula, como se vê em ambos os casos, dualismo atrás de dualismo.

171. Ou então: que, sem ela, os frutos da imaginação de Simmel não teriam se gerado – e então se teria concebido, no lugar da *Philosophie des Geldes* e da *Soziologie*, algo completamente diverso, algo, talvez, de que não teríamos hoje mais qualquer notícia. Ou então, para fugir também dessa analogia: seria outro o mercado das ideias sociológicas achado pelos autores que vieram depois de Simmel e que compraram (ou se apropriaram de) pelo menos um de seus produtos, dentre os quais é possível nomear, entre tantos outros: Mead, Park, Weber, von Wiese, Lukács, Freyer, Kracauer, Benjamin, Mannheim, Horkheimer, Elias, Schütz, Blumer, Parsons, Adorno, Merton, Goffman, Bauman, Luhmann, Dahrendorf, Bourdieu. E essa seleção de consumidores é ainda enormemente arbitrária: atem-se a autores que nasceram até 1930, fora do Brasil (para estes, cf. WAIZBORT, 2007, “Simmel no Brasil”), e deixa completamente de fora os que adquiriram de “segunda mão” os produtos de Simmel (i.e.: mencionei apenas autores que consumiram o texto que ele produziu, quando não consumiram outros de seus produtos, mais efêmeros); e aliás omiti inúmeros outros que satisfariam inclusive esse critério arbitrário. Some-se aos que mencionei os que não mencionei – e então a sociologia que há para ser conhecida seria uma outra, não a que conhecemos, e teria limitações distintas, alternativas

que antes estava distante, para realizar uma filosofia que pudesse chamar de sua, etc.), e a usava de todos os jeitos, insaciavelmente – mas aqui a metáfora dos meios e fins já tampouco se sustenta, porque, apesar disso tudo, de usá-la tantas e tantas vezes como meio, Simmel também soube, como poucos, respeitar a “vontade própria” da analogia, seus limites, tratá-la como um fim em si mesmo, um fim a que suas investigações se voltavam, de modo que ele a dominava e controlava apenas na medida em que se deixava por ela dominar e controlar. E a analogia, graças à qual Simmel foi capaz de se realizar intelectualmente, de *fazer* uma filosofia do dinheiro¹⁷² e uma sociologia como a do segredo¹⁷³, por outro lado igualmente se impôs como limite para além do qual sua imaginação não chegava, como obstáculo para o acesso a partes desse mundo que ele não ousaria (ou poderia) tomar em suas mãos, enfim: como o *fim* propriamente dito de suas investigações, o ponto a que elas chegavam, ou no qual o movimento de seu pensar achava termo. Eis o que tentei o tempo todo mostrar nestas páginas: o quão fundamental e intimamente apegado estava Simmel à analogia, e como dependia, em inúmeros sentidos, dela – de modo que quem quer que tenha a pretensão (tomando isso como um fim em si mesmo, ou então como um passo necessário para algum outro fim) de compreender a obra e a contribuição de Simmel para a sociologia e para a filosofia da cultura (no sentido abrangente do termo) precisará levar em conta a relação, aqui afinal investigada e escrutinada, entre Simmel e a analogia.

(seria, talvez, mais refinada em alguns de seus aspectos, em outros, mais atrofiada), que, contudo, jamais poderão ser estudadas, pois a única que se *pode* estudar é aquela que *efetivamente levou em conta a produção sociológica de Simmel*.

172. Mas também uma filosofia, bem mais breve, do ator e aquela outra da aventura, para não falar de outras, agora extensas, como a da história e a da arte, a da religião e a moral – que foram, aqui, em grande parte deixadas de lado.

173. E outra do adorno, e outra do conflito, e a da subordinação, e a do espaço, e a da refeição, etc.

V. Bibliografia

V.1. Material Primário

Georg Simmel Gesamtausgabe in 24 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp taschenbuch wissenschaft.

Organizador: Otthein Rammstedt.

nota: todas as referências às obras completas de Simmel serão citadas conforme o seguinte esquema:

GSG, v. [X], p. [Y];

em que “GSG” resume *Georg Simmel Gesamtausgabe*, seguido da referência ao volume e a página da citação. Sempre que isso não for óbvio pelo contexto, explicitarei de que obra se trata por referência ao título (já que alguns volumes das obras completas contêm mais de um livro); além disso, quando o trecho de referência constar em um livro traduzido para o português, farei também a remissão à tradução.

V.2. Bibliografia citada

ARISTÓTELES (1979), “Poética”, em *Aristóteles v. II – coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.

ARISTOTLE (2001), *On the Parts of Animals. Translated with a Commentary by James G. Lennox*. Clarendon Press.

ARON, Raymond (1943), *La Sociologia Alemana Contemporanea*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

BARNES, Jonathan (ed.) (1984), *The Complete Works of Aristotle* (em dois volumes). United Kingdom: Princeton University Press.

BLACK, Max (1955), “Metaphor”, em *Proceedings of the Aristotelian Society, New Series*, vol. 55, pp. 273-294.

BLACK, Max (1993), “More about metaphor”, em *Metaphor and Thought* (ed. ORTONY, Andrew). Cambridge: Cambridge University Press.

BLUMENBERG, Hans (1981), *Arbeit am Mythos*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

BLUMENBERG, Hans (1985), *Work on Myth*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

BLUMENBERG, Hans (1994), “An Anthropological Approach to the Contemporary Significance of Rhetoric”, em *After Philosophy: End or Transformation?*, Cambridge: The Mit Press, pp. 429-458.

BLUMENBERG, Hans (1999), *Paradigmen zu einer Metaphorologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

BLUMENBERG, Hans (2001), “Licht als Metapher der Wahrheit. Im Vorfeld der philosophischen Begriffsbildung”, “Geld oder Leben” e “Ausblick auf einer Theorie der Unbegrifflichkeit”, em *Ästhetisch und metaphorologische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

- CARVALHO, Antonio Carlos Silva de (2002), *Analogia: história, conceituação e aplicação*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.
- COHN, G. (1998), "As diferenças finas: De Simmel a Luhmann", em *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, no. 38.
- COSTA, Alexandre (2002), *Heráclito: Fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- COSTA, J. , ALMEIDA, F., SANTANA, J., COSTA, I., WANDERLEY, M. & SANTANA, J. (2005), "Técnicas de Colheita, Processamento e Armazenamento do Algodão", em *Embrapa Algodão: Circular Técnica*, 87. Acessado por meios eletrônicos em Abril de 2012, a partir do seguinte endereço:
<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/278334>
- COTTINGHAM, John (1995), *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DAHME, Heinz-Jürgen (1981), *Soziologie als exakte Wissenschaft. Georg Simmel Ansatz und seine Bedeutung in der gegenwärtigen Soziologie* (em dois volumes). Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag.
- DAHME, H.-J. & RAMMSTEDT, O. (1995), *Georg Simmel und die Moderne. Neue Interpretationen und Materialien*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- DARWIN, Charles (1859), *On the Origin of Species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Contido em: DARWIN, Charles (1964), *On the Origin of Species. A Facsimile of the First Edition*. Cambridge, Massachusetts & London, England: Harvard University Press.
- DARWIN, Charles (1876), *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Acessada por meios eletrônicos, a partir deste endereço:
<http://darwin-online.org.uk/>
- DELEUZE, Gilles (2006), *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal.
- DELEUZE, Gilles (1992), "Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle", em *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- DESCARTES, René (1989), *Discurso do Método*. São Paulo: Ática.
- DESCARTES, René (1988), *Ouvres de Descartes – Correspondance*, v. II (ed. Charles Adam & Paul Tannery). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- DODD, Nigel (2008), "Goethe in Palermo: *Urphänomen* and Analogical Reasoning in Simmel and Benjamin", em *Journal of Classical Sociology*, vol. 8, no. 4, de Novembro de 2008 (ps. 411-445).
- DURKHEIM, Émile (1924), *Sociologie et Philosophie*. Paris: Librairie Félix Alcan.
- DURKHEIM, Émile (1970), *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense.
- DURKHEIM, Émile (1975), *A ciência social e a acção*. São Paulo: DIFEL.
- DURKHEIM, Émile (1996), *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- EUCLIDES (2009), *Os Elementos*. São Paulo: Editora Unesp.
- EVANS, L. T. (1984), "Darwin's Use of the Analogy between Artificial and Natural Selection", em *Journal of the History of Biology*, vol. 17, no. 1, pp. 113-140.

- FERREIRA, Pedro Peixoto (2004), *O Analógico e o Digital: a politização tecnoestética do discurso dos DJ's*. Disponível on-line no portal do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp: <http://www.ifch.unicamp.br/cteme/txt/analogicoDigital.pdf/> (2004). Em versão impressa: em ROSAS, Ricardo & VASCONCELOS, Giseli (Org.), *Net_cultura 1.0: digitofagia*. São Paulo: Radical Livros, 2006.
- FLECK, Ludwik (1979), *Genesis and Development of a Scientific Fact*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- FOUCAULT, Michel (1966), *As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRISBY, D. (1988), *Fragments of Modernity: theories of modernity in the work of Simmel, Kracauer, and Benjamin*. Cambridge: MIT Press.
- FRISBY David (1992), *Sociological Impressionism. A Reassessment of Georg Simmel's Social Theory* (Second edition). London/New York: Routledge.
- FRISBY, David (ed.) (1994), *Georg Simmel: critical assessments* (em três volumes). London/New York: Routledge.
- FRYSBY, D. & FEATHERSTONE, M. (ed.) (2000), *Simmel on culture: selected writings*. London: SAGE Publications.
- GADAMER, Hans-Georg (1999), *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes.
- GENTNER, D. & JEZIORSKI, M. (1993), "The shift from metaphor to analogy in Western science", em *Metaphor and Thought* (ed. ORTONY, Andrew). Cambridge: Cambridge University Press.
- GILDENHUYS (2004), "Darwin, Herschel, and the role of analogy in Darwin's origin", em *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, v. 35, no. 4, pp. 593-611.
- GOFFMAN, E. (1953), *Communication Conduct in an Island Community*, p. iv. Tese de doutorado.
- GOETHE, J. W (1993), *Sprüche in Prosa*, em *Sämtliche Werke*, band 13. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag.
- GOLDFEDER, A. & WAIZBORT, L. (2009), "Sobre os 'tipos' em Raízes do Brasil". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 49. São Paulo.
- GOTTHELF, Allan (1999), "Darwin on Aristotle", em *Journal of the History of Biology*, v. 32, no. 1.
- GRENE, Marjorie & DEPEW, David (2004), *The Philosophy of Biology. An Episodic History*. Cambridge University Press.
- HAECKEL, Ernst (1903), "Fünfter Vortrag. Die neuere Stammesgeschichte", em *Erster Teil der Antrophogenie* (fünfte Auflage), pp. 83-106. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann.
- HEIDEGGER, Martin (1954), *Kant y el problema de la metafísica*. México & Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- HEIDEGGER, Martin (1987), *Der Frage nach dem Dinge – zu Kants Lehre von den Transzendentalen Grundsätzen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

- HEIDEGGER, Martin (1991), *Kant und das Problem der Metaphysik* (fünfte, vermehrte Auflage). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.
- HELLE, Horst J., (1988), *Soziologie und Erkenntnistheorie bei Georg Simmel*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft;
- HØFFDING, Harald (1905), "On analogy and its philosophical importance", em *Mind – new series*, v. 14, no. 54 (April 1905), pp. 199-209.
- HØFFDING, Harald (1924), *Der Begriff der Analogie*. Leipzig: O. R. Reisland.
- HÖFFE, Otfried (2005), *Immanuel Kant*. São Paulo: Martins Fontes.
- HÖFFE, Otfried (2010), *Kant's Critique of Pure Reason – the foundation of modern philosophy* (trata-se do v. 10 da série "Studies in German Idealism"). Dordrecht: Springer.
- HOFSTADTER, Douglas (1995), *Fluid Concepts and Creative Analogies: Computer Models of the Fundamental Mechanisms of Thought*. New York: Basic Books.
- HOUSTON, D. C. (1994), "Family Cathartidae (New World Vultures)", em DEL HOYO, ELLIOTT & SARGATAL (org.), *Handbook of birds of the world*, v. 2, pp. 24-41. Barcelona: Lynx Edicions.
- HUBBS, Carl (1944), "Concepts of Homology and Analogy", em *The American Naturalist*, vol. 78, no. 777, pp. 289-307.
- HULL, David (1974), *Filosofia da Ciência Biológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- ITKONEN, Esa, (2005) *Analogy as Structure and Process: Approaches in linguistics, cognitive psychology and philosophy of science*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- IVO, Anete (2008), "Georg Simmel e a "sociologia da pobreza"", em *Caderno CRH*, vol.21, no.52. Salvador.
- KANT, Immanuel (1959), *Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*. São Paulo: Nacional.
- KANT, Immanuel (1992a), *Lógica*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- KANT, Immanuel (1992b), *Lectures on Logic*, da coleção "The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant". Cambridge University Press.
- KANT, Immanuel, (2010) *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KEYNES, John Maynard, (1929), *The collected writings of John Maynard Keynes. Volume VIII - A treatise on probability*. London: Macmillan.
- KÖHNKE, Klaus C. (1991), *The Rise of neo-Kantianism: German Academic Philosophy between Idealism and Positivism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KRACAUER, Siegfried (2004), "Georg Simmel. Ein Beitrag zur Deutung des geitigen Lebens unserer Zeit", em *Siegfried Kracauer Werke, Band 9.2 – Frühe Schriften aus dem Nachlaß*
- KRACAUER, Siegfried (2009), *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify.
- LACERDA, Tessa Moura (2006), *A expressão em Leibniz*. Tese de doutorado. São Paulo: USP. Disponível em: www.teses.usp.br/

- LAHIRI, Aditi (ed.) (2003), *Analogy, levelling, markedness: principles of change in phonology and morphology*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.
- LEIBNIZ, G.W., *Leibniz's "Monadology": An edition for students* (ed. RESCHER, Nicholas). University of Pittsburgh Press, 1991.
- LENNOX, James (2005), "Darwin's Methodological evolution", em *Journal of the History of Biology*, vol. 38, no. 1, pp. 85-99.
- LEVIN, David M. (ed.) (1993), *Modernity and the Hegemony of Vision*. University of California Press.
- LEVINE, Alex (2009), "Partition epistemology and arguments from analogy", em *Synthese*, v. 166, no. 3, pp. 593-600.
- LEVINE, Donald (1989), "Simmel as a Resource for Sociological Metatheory", em *Sociological Theory*, vol. 7, no. 2 (Autumn), pp. 161-174.
- LEVINE, Donald (1991), "Simmel and Parsons Reconsidered", em *The American Journal of Sociology*, vol. 96, no. 5 (March), pp. 1097-1116.
- LEVINE, D., CARTER, E. & GORMAN, E. M. (1976), "Simmel's Influence on American Sociology I", *American Journal of Sociology*, vol. 81, no. 4, pp. 813-845.
- LLOYD, G. E. R. (1971), *Polarity and analogy: two types of argumentation in early Greek thought*. Cambridge: University Press.
- LLOYD, G. E. R. (1996), *Aristotelian explorations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LUKES, Steven (1984), *Émile Durkheim. Su vida e su obra. Estudio histórico-crítico*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas & Siglo Veintiuno de España Editores.
- MARTY, François (1980), *La naissance de la métaphysique chez Kant: une étude sur la notion kantienne d'analogie*. Paris: Beauchesne.
- MAYR, Ernst (1998), *O Desenvolvimento do Pensamento Biológico. Diversidade, evolução e herança*. Brasília: Editora UNB.
- MAYR, Ernst (1982), *The Growth of Biological Thought. Diversity, Evolution, and Inheritance*. Cambridge, Massachusetts & London, England: The Belknap Press of Harvard University Press.
- MILL, John Stuart (1961), *A System of Logic ratiocinative and inductive*. London: Longmans.
- MILLMAN, Arthur & SMITH, Carol (1997), "Darwin's Use of Analogical Reasoning in Theory Construction", em *Metaphor and Symbol*, v. 12, no. 3, pp. 159-187.
- MOORE, Holly G. (2009), *Platos Analogical Thought*. Tese de Doutorado. De Paul University: Chicago, Illinois. Disponível online em: <http://via.library.depaul.edu/etd/7/>
- NICOLAU DE CUSA (2002), *A douda ignorância*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- NUNES, Jordão Horta (2005), *As Metáforas nas Ciências Sociais*. São Paulo/Goiânia: Humanitas & Editora UFG.
- PARSONS, Talcott (1937), *The Structure of Social Action: A Study in Social Theory with Special Reference to a Group of Recent European Writers*. New York & London: McGraw-Hill Book Company.

- PLATÃO (1965), *A República* (em dois volumes). São Paulo: Difusão Européia do Livro (Coleção “Clássicos Garnier”)
- POPPER, Karl (1972a), *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix.
- POPPER, Karl (1972b), *Objective Knowledge – An Evolutionary Approach*. Oxford: Clarendon Press.
- REALE, Giovanni (2002), *Aristóteles: Metafísica* (em três volumes). São Paulo: Edições Loyola.
- RESCHER, Nicholas (2003), *Imagining Irreality – A Study of Unreal possibilities*
- RESCHER, Nicholas (2006), “Chapter 7: Analogy and Philosophical Method in Leibniz”, em *Studies in Leibniz’s cosmology*. Heusenstramm: ontos verlag.
- RESCHER, Nicholas (2009), *Ignorance: on the wider implications of deficient knowledge*. The University of Pittsburgh Press.
- RIBEIRO DOS SANTOS, Leonel (2001), *Retórica da evidência ou Descartes segundo a ordem das imagens*. Coimbra: Quarteto.
- RIBEIRO DOS SANTOS, Leonel (2009), “Analogia e conjectura no pensamento cosmológico do jovem Kant”, em *Kant E-Prints* (Série 2, v. 4, n. 1, jan.-jun. de 2009). Campinas: Sociedade Kant Brasileira, Seção Campinas. Disponível online em: <http://www.cle.unicamp.br/kant-e-prints/index.htm/>
- RUPKE, Nicholas (1985), “Richard Owen’s Hunterian Lectures no Comparative Anatomy and Phisiology – 1837-55”, em *Medical History*, v. 29, pp. 237-258.
- RUSE, Michael (org.) (1989), *Philosophy of Biology*. New Jersey: Prentice Hall.
- RUSE, Michael (1995), *Levando Darwin a sério. Uma Abordagem Naturalística da Filosofia*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- SALMON, Wesley C. (1978), *Lógica*. Rio De Janeiro: Zahar.
- SCHMIDT, Gert (2009), “Georg Simmels Projekt (s)einer Soziologie – aus den Briefen gelesen”, em *Simmel Studies*, v. 19/1, pp. 111-143
- SEHNEM, Cláudio (2009), *A imaginação na Crítica da Razão Pura*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FFLCH-USP.
- SIMMEL, Georg (1959), *Essays on sociology, philosophy & aesthetics* (org. WOLFF, K.). New York : Harper & Row.
- SIMMEL, Georg (1971), *On individuality and social forms*. Chigaco & London: The University of Chicago Press.
- SIMMEL, Georg (1980), *Essays on Interpretation in Social Science – translated and edited with an introduction by Guy Oakes*. New Jersey: Rowman and Littlefield.
- SIMMEL, Georg (1993), *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- SIMMEL, Georg (1998), *Sociología: estudios sobre las formas de socialización* (em dois volumes). Madrid: Alianza.
- SIMMEL, Georg (2001), *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Ediciones Península.

- SIMMEL, Georg (2004), *The Philosophy of Money (third enlarged edition)*. London/ New York: Routledge.
- SIMMEL, Georg (2005), “As grandes cidades e a vida do espírito”, em *Mana*, v. 11, n. 2. Rio de Janeiro.
- SIMMEL, Georg (2006), *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SIMMEL, Georg (2009), *Inquiries into the Construction of Social Forms*, em dois volumes. Leiden/ Boston: Brill.
- SIMMEL, Georg (2010), *Religião. Ensaios – volume 1/2*. São Paulo: Editora Olho D’água.
- SIMMEL, Georg (2011a), *Religião. Ensaios – volume 2/2*. São Paulo: Editora Olho D’água.
- SIMMEL, Georg (2011b), *Ensaios sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- SNELL, Bruno (1955), *Die Entdeckung des Geistes: Studien zur Entstehung des europäischen Denkens bei den Griechen*. Hamburg: Claassen Verlag.
- SNELL, Bruno (1992), *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70.
- SOUZA, J. & ÖELZE, B. (ed.) (2005), *Simmel e a modernidade* (segunda edição revista). Brasília: UNB.
- STERN, William (1893), *Analogie im volkstümlichen Denken. Eine psychologische Untersuchung*. Berlin: R. Salinger.
- STERRETT, Susan (2002), “Darwin’s analogy between artificial and natural selection: how does it go?”, em *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, v. 33, no. 1, pp. 151-168.
- SZABÓ, Árpád (1969), *Anfänge der griechischen Mathematik*. München-Wien: Oldenbourg Verlag. Em francês: SZABÓ, Árpád (1977) *Les débuts des Mathématiques grecques*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. Em inglês: SZABÓ, Árpád (1978), *The Beginnings of Freek Mathematics*. Dordrecht-Boston: D. Reidel Publishing Company.
- TAKLA, T. & POPE, W. (1985), “The Force Imagery in Durkheim: The Integration of Theory, Metatheory, and Method”, em *Sociological Theory*, vol. 3, no. 1, pp. 74-88.
- TOMAS DE AQUINO (2000), “Compêndio de Teologia (capítulos I a XXXVI a LCCVI e C)”, em *Sto. Tomás de Aquino – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- TONIETTO, Lauren **et al.** (2007), “Aquisição inicial do léxico verbal e aproximações semânticas em português”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1. Porto Alegre (disponível no SciELO).
- TYRELL, H. (2007) “Georg Simmel’s „große“ Soziologie”, em *Simmel Studies*, no. 17, 1/2007, pp. 5-39.
- VAIHINGER, Hans (1952), *The Philosophy of ‘As if’: a system of the Theoretical, Practical and Religious Fictions of Mankind*. London: Routledge & Kegan Paul.
- VANDENBERGHE, Frédéric (2005), *As Sociologias de Georg Simmel*. Belém/Bauru: Editora EDUFPA & EDUSC.
- WAIZBORT, Leopoldo (2000), *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34.
- WAIZBORT, Leopoldo (2007), “Simmel no Brasil”, em *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 50, no. 1.
- WATERS, Roger (1986), “Taking Analogical Inference Seriously: Darwin’s Argument from Artificial Selection”, em *PSA: Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association*, vol. 1: Contributed Papers (1986), pp. 502-513.

- WHATELY, Richard (1969), *Elements of Rhetoric*. London/Amsterdam: Southern Illinois University Press & Feffer and Simons.
- WEBER, Max (1980). “I. Methodische Grundlagen” em *Wirtschaft und Gesellschaft* (fünfte, revidierte Auflage). Tübingen: J. C. B. Mohr.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, (2003), *Logisch-philosophische Abhandlung. Tractatus Logico-philosophicus*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- YEBRA, Valentín G. (1974), *Poética de Aristóteles*. Madrid: Editorial Gredos.

V.3. Obras de referência consultadas

- Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (1ª edição). Rio de Janeiro, 2001: Objetiva.
- Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots par Pierre Chantraine*. Paris, 1990: Klincksieck. Ed.: Pierre Chantraine.
- Enciclopedia Einaudi*. Lisboa, 1894: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie*. Stuttgart – Weimar, 1995: J. B. Metzler. Ed.: Jürgen Mittelstraß.
- Etymologisches Wörterbuch des Griechischen von J. B. Hoffman*. München, 1950: Verlag von R. Oldenbourg. Ed.: J. B. Hoffman.
- Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Basel, 1980: Schwabe & Co. Ed.: Joaquim Ritter & Karlfried Gründer.
- The Oxford dictionary of the Classical World*. Oxford, 2005: Oxford University Press. Ed.: John Roberts.
- The Oxford english dictionary – Second Edition*. New York – Oxford, 2004: Clarendon Press – Oxford University Press. Ed.: J. A. Simpson & E. S. C Werner.
- Duden: Das grosse Wörterbuch der deutschen Sprache in sechs Bänden*. Manhein, 1977: Bibliographisches Institut.

V.4. Bibliografia acessada por meios eletrônicos

- “*Georg Simmel: Das Werk*”. Organizado por Martin Damken. Publicado em 2001, no formato CD-ROM. Berlim: heptagon.

- “*The Complete Work of Charles Darwin Online*”. Organizado por John van Wyhe.

Nota: o acervo conta com diversas edições digitalizadas das obras de Darwin, inclusive algumas das traduções para o alemão disponíveis à época de Simmel. Inclui ainda uma ferramenta eletrônica que permite comparar as alterações de conteúdo ao longo das seis edições de *On the Origin of Species* publicadas por Darwin.

V.5. Referência bibliográfica das epígrafes

INTRODUÇÃO GERAL

As analogias mirabolantes, que vão de uma esfera a outra e que se encontram por toda a parte em Simmel, elas não devem, de modo algum, ser por isso concebidas como fruto de arbitrariedade barroca, desvios pseudoespirituosos em relação à meta de suas investigações; são antes, em boa medida, a própria meta.

“Die weit hergeholten, Sphären überfliegenden Analogien, die sich allenthalben bei Simmel finden, darf man darum nicht als Frucht barocker Willkür, als geistreichelndes Abirren vom Ziel der jeweiligen Untersuchen auffassen, sie sind vielmehr zum guten Teil dieses Ziel selber. ”

KRACAUER, 2004, p. 176.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Dois são os vícios que a analogia tem a temer: um é se render à esperteza, onde ela se dissipa no vazio, o outro é se cobrir com tropos e metáforas, o que ainda assim é o menos pernicioso.

“Die Analogie hat zwei Verirrungen zu fürchten: einmal, sich dem Witz hinzugeben, wo sie in Nichts zerfließt, die andere, sich mit Tropen und Gleichnissen zu umhüllen, welches jedoch weniger schädlich ist.”

GOETHE, 1993, *Sprüche in Prosa (Sämtliche Werke, v. 13)*, p. 46; ref.: aforismo 1.296.

Capítulo I – seção 2

[...] um determinado modo de relação com o entorno, uma manifestação correlativa, que perde o seu sentido na ausência de uma contraparte.

“[...] eine bestimmte Art der Beziehung zu der Umgebung, eine Korrelationserscheinung, die ihren Sinn verliert, wenn kein Gegenpart da ist.”

GSG, v. 11, p. 98. Trecho do segundo capítulo da *Soziologie*.

Capítulo I – seção 3

Assim, todos nós realmente somos, enquanto seres que veem, embriões, fragmentos de pintores, assim como somos, enquanto seres que entendem, cientistas dessa mesma sorte.

“Wir sind also wirklich alle, als Sehende, fragmentarische oder embryonale Maler, wie wir, als Erkennende, ebensolche Wissenschaftler sind.”

GSG, v. 16, p. 270. Trecho do segundo capítulo metafísico da *Lebensanschauung*.

CAPÍTULO III - INTRODUÇÃO

Criação sempre é, nesse sentido, apenas uma expressão a potiori; o que o criador quis e mesmo o que pôde obter sempre é apenas um elemento do efetivamente criado, e seu conteúdo objetivo só seria realmente entendido com a apreensão das possibilidades imponderáveis na direção das quais o que se criou, deixando para trás esse elemento, se desdobra.

“Schöpfung ist in diesem Sinne immer nur ein Ausdruck *a potiori*, was der Schaffende gewollt und genau genommen gekonnt hat, ist immer nur ein Element des tatsächlich Geschaffenen und erst mit dem Begreifen der unabsehbaren Möglichkeiten, zu denen es sich jenseits dieses Elementes entfaltet, wäre sein Sachgehalt wirklich verstanden.”

GSG, v. 16, p. 168. Trecho de *Vom Wesen des historischen Verstehens*.

Capítulo III – seção 1

O dogmatismo quer fundar a certeza do conhecimento sobre um critério como sobre uma rocha – mas sobre o que descansa a rocha?

“Der Dogmatismus mag die Sicherheit des Erkennens auf ein Kriterium wie auf einen Felsen gründen – worauf aber ruht der Felsen?”

GSG, v. 11, p. 116. Trecho de *Philosophie des Geldes*.

Capítulo III – seção 2

Lanço, enfim, para complementar o corte transversal aplicado à filosofia simmeliana, uma observação preliminar e passageira sobre o modo como Simmel se apropria da matéria que encontra em seu caminho. Ele a observa no registro de uma percepção interior e descreve o observado [...]. Ele refaz continuamente os contornos do que vê, todo o seu pensamento é, no que tem de fundamental, apenas uma apreensão dos objetos por meio da visada que a eles se dirige.

“Ich werfe schließlich, in Ergänzung des durch die Simmelsche Philosophie gelegten Querschnitts, einen flüchtigen Vorblick auf die Art, in der sich der Denker durchweg seines Stoffes bemächtigt. Er schaut ihn in innerer Wahrnehmung an und beschreibt das Geschaute. [...] Er zeichnet stets Gesehenes nach, sein ganzes Denken ist im Grunde nur ein Erfassen der Objekte durch das Hinblicken auf sie.”

KRACAUER, 2004, p. 175.

Capítulo III – seção 3

Um jogo desses, contudo, não exclui o mais extremo esforço, nem o risco mais extremo.

“Solches Spiel aber schließt die äußerste Anstrengung, ja, die äußerst Gefahr nicht aus.”

GSG, v. 15, p. 18. Trecho do primeiro capítulo de *Goethe*.

CAPÍTULO IV

A intuição do mundo sub specie aeterni é sua intuição como totalidade—uma totalidade delimitada

“Die Anschauung der Welt sub specie aeterni ist ihre Anschauung als—begrenztes—Ganzes.”

WITTGENSTEIN, *Logisch-Philosophische Abhandlung*, item 6.45.

Anexo 1. O índice das analogias da *Soziologie*

Anexo 1.1. *Soziologie*, capítulo 1

S.1[.a.b][.1-36]

S.1.a.1

“Indem die Klassen, deren Wirksamkeit nicht in der wahrnehmbaren Bedeutung der Einzelnen, sondern in ihrem »Gesellschaft«-Sein liegt, das theoretische Bewußtsein - in Konsequenz der praktischen Machtverhältnisse - auf sich zogen, nahm das Denken auf einmal wahr, daß überhaupt jede individuelle Erscheinung durch eine Unermeßlichkeit von Einflüssen aus ihrem menschlichen Umgebungskreise bestimmt ist. Und dieser Gedanke gewann **sozusagen** rückwirkende Kraft: neben der gegenwärtigen erschien die vergangene Gesellschaft als die Substanz, die die einzelne Existenz bildete, wie das Meer die Wellen; hier schien der Boden gewonnen, aus dessen Kräften allein die besonderen Formen, zu denen er die Individuen bildete, erklärbar wurden.”

p.14

sozusagen

sociologia e física: força de reação
ilustrativa, *conceitual*

S.1.a.2

“Und dieser Gedanke gewann **sozusagen** rückwirkende Kraft: neben der gegenwärtigen erschien die vergangene Gesellschaft als die Substanz, die die einzelne Existenz bildete, **wie** das Meer die Wellen; hier schien der Boden gewonnen, aus dessen Kräften allein die besonderen Formen, zu denen er die Individuen bildete, erklärbar wurden.”

p.14

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; a sociedade e o mar
ilustrativa, *figurativa*

S.1.a.3

“Zu dieser Vorstellung der Soziologie als Wissenschaft von allem Menschlichen überhaupt trug bei, dass sie eine neue Wissenschaft war und infolgedessen alle möglichen, sonst nicht recht unterzubringenden Probleme sich an sie herandrängten – **wie** ein neuerschlossenes Gebiet immer zuerst das Dorado von heimatlosen und entwurzelten Existenzen wird: die zuerst unvermeidliche Unbestimmtheit und Unverteidigkeit der Grenzen gewährt jedem das Recht, dort unterzukommen.”

p.14

wie

a descoberta de uma nova ciência e a descoberta de um novo território
ilustrativa, *figurativa*

S.1.a.4

“Damit **verhält** sie **sich** aber **nicht** wesentlich **anders**, **als** seinerzeit die Induktion, die als neues Forschungsprinzip in alle möglichen Wissenschaften eindrang, sich in jeder gleichsam akklimatisierte und ihr innerhalb der feststehenden Aufgaben zu neuen Lösungen verhalf. **So wenig** aber daraufhin Induktion eine besondere Wissenschaft oder gar eine allbefassende ist, **so wenig** ist es, auf dieselben Momente hin, die Soziologie.”

p. 16

sich verhalten + nicht anders// paralelismo sintático (**so wenig**)

sociologia e indução
epistemológica

S.1.a.5

“In jeder vorliegenden sozialen Erscheinung bilden Inhalt und gesellschaftliche Form eine einheitliche Realität, eine soziale Form kann so wenig eine von jedem Inhalt geloste Existenz gewinnen, **wie** eine räumliche Form ohne eine Materie bestehen kann, deren Form sie ist.”

p.19

wie

sociologia e ciências da naturais; a relação entre forma e matéria na sociedade e no espaço
epistemológica

S.1.a.6

“So irrig ein naiver Naturalismus das Gegebene schon die analytischen oder synthetischen Anordnungen, durch die es zum Inhalt einer Wissenschaft wird, enthalten lässt, so sind doch die Bestimmungen, die es tatsächlich besitzt, jenen Anordnungen mehr oder weniger fügsam—**wie** etwa ein Porträt die natürliche menschliche Erscheinung grundsätzlich umgestaltet, und dennoch die eine für dieses ihr ganz wurzelfremde Gebilde eine grössere Chance besitzt als die andere; woran dann das bessere oder schlechtere Recht jener wissenschaftlichen Probleme und Methoden messbar ist.”

p. 20

wie

ciências naturais e arte; a natureza assim como o intelecto a captura e a figura de uma pessoa assim como é capturada por um retrato
epistemológica

S.1.a.7

“Es muss sich einerseits finden, dass die gleiche Form der Vergesellschaftung an ganz verschiedenem Inhalt, für ganz verschiedene Zwecke auftritt, und umgekehrt, dass das gleiche inhaltliche Interesse sich in ganz verschiedene Formen der Vergesellschaftung als seine Träger oder Verwirklichungsarten kleidet — **wie** sich die gleichen geometrischen Formen an den verschiedensten Materien finden und die gleiche Materie sich den verschiedensten Raumformen darstellt, oder **wie** das Entsprechende zwischen den logischen Formen und den materialen Erkenntnisinhalten statt hat.”

pp. 20-21

wie

sociologia, geometria e lógica
epistemológica

S.1.a.8

“Sie [d.h.: die Gesellschaft] ist **einmal** der Komplex vergesellschafteter Individuen, das gesellschaftlich geformte Menschenmaterial, wie es die ganze historische Wirklichkeit ausmacht. **Dann aber** ist »Gesellschaft« **auch** die Summe jener Beziehungsformen, **vermöge** deren aus den Individuen eben die Gesellschaft **im ersten Sinne wird**. **So** bezeichnet man als »Kugel« **einmal** eine bestimmt geformte Materie, **dann aber auch**, im mathematischen Sinne, die blosse Gestalt oder Form, **vermöge** welcher aus blosser Materie die Kugel **im ersten Sinne wird**.”

p.23

parallelismo sintático (**einmal, dann aber auch e vermöge [...] im ersten Sinne** e as “**aspas**” são repetidos de maneira análoga; o **so** serve “ligar” essas duas construções)

sociologia e geometria; a noção de sociedade e a noção de esfera
epistemológica

S.1.a.9

“Vielleicht liegt in dieser Hypostasierung einer blossen Abstraktion die Ursache für die eigentümliche Verblasenheit und Unsicherheit, die diesem Begriff und den bisherigen Verhandlungen der allgemeinen Soziologie anhaftete — **wie** man mit dem Begriff des Lebens nicht recht vorwärts kam, solange die Wissenschaft ihn als ein einheitliches Phänomen von unmittelbarer Realität ansah.”

pp. 24-5

wie

sociologia e biologia; a noção de sociedade e a noção de vida
epistemológica

S.1.a.10

“Es dürfte erst auf diese Weise erfasst werden, was an der Gesellschaft wirklich »Gesellschaft« ist, **wie** erst die Geometrie bestimmt, was an den räumlichen Dingen wirklich ihre Räumlichkeit ist. Soziologie, als Lehre von dem Gesellschaft-Sein der Menschheit, die auch in unzähligen andern Hinsichten noch Wissenschaftsobjekt sein kann, **verhält sich** also **zu** den übrigen Spezialwissenschaften, **wie sich zu** den physikalisch-chemischen Wissenschaften von der Materie die Geometrie **verhält**: sie betrachtet die Form, durch die Materie überhaupt zu empirischen Körpern wird — die Form, welche freilich für sich allein nur in der Abstraktion existiert, grade **wie** die Formen der Vergesellschaftung. Sowohl Geometrie wie Soziologie überlassen die Erforschung der Inhalte, die sich in ihren Formen darstellen, oder der Totalerscheinungen, deren blosse Form sie betrachten, andern Wissenschaften. Es bedarf kaum der Erwähnung, dass diese **Analogie** mit der Geometrie durchaus nicht weiter reicht, als bis zu der hier durch sie versuchten Verdeutlichung des prinzipiellen Problems der Soziologie.”

p. 25

wie// parallelismo sintático// referência explícita à analogia
sociologia e geometria

epistemológica

S.1.a.11

“An den komplexen Erscheinungen wird das Gleichmässige **wie** mit einem Querschnitt herausgehoben, das Ungleichmässige an ihnen—hier also die inhaltlichen Interessen—gegenseitig paralyisiert.”

p. 27

wie

sociologia e ciências em geral, o procedimento sociológico e o do corte transversal
ilustrativa, *conceitual*

S.1.a.12

“Methodisch würde diese auch dann erfordert sein, wenn die tatsächlichen Konstellationen es zu jenem induktiven Verfahren, das das Gleiche aus dem Verschiedenen auskristallisieren lässt, überhaupt nicht kommen liessen, grade **wie** die geometrische Abstraktion der Raumform eines Körpers auch dann berechtigt wäre, wenn es diesen so geformten Körper tatsächlich nur ein einziges Mal in der Welt gäbe.”

p. 28

wie

sociologia e geometria
epistemológica

S.1.a.13

“Es **verhält sich wie** mit dem Beweise eines geometrischen Satzes an der unvermeidlichen Zufälligkeit und Roheit einer hingezeichneten Figur. Der Mathematiker aber kann jetzt damit rechnen, dass der Begriff der idealen geometrischen Figur bekannt und wirksam ist und als der jetzt allein wesentliche Sinn der Kreide- oder Tintenstriche innerlich angeschaut wird. Hier aber darf die entsprechende Voraussetzung nicht gemacht werden, die Herauslösung dessen, was wirklich die reine Vergesellschaftung ist, aus der komplexen Gesamterscheinung ist nicht logisch zu erzwingen.”

p. 29

sich verhalten + wie

sociologia e geometria
epistemológica

S.1.a.14

“Die grossen Organe, in denen diese fundamentalen Lebensträger und ihre Wechselwirkungen sich zu makroskopisch wahrnehmbaren Sondergebilden und Leistungen zusammengefunden haben, würden den Zusammenhang des Lebens niemals begreiflich gemacht haben, wenn nicht jene unzähligen, zwischen den kleinsten Elementen sich abspielenden Vorgänge, die von den makroskopischen gleichsam erst zusammengefasst werden, sich als das eigentliche, fundamentale Leben enthüllt hätten. Ganz jenseits jeder soziologischen oder metaphysischen Analogie zwischen den Realitäten von Gesellschaft und Organismus handelt es sich hier nur um die **Analogie** des methodischen Betrachtens und seiner Entwicklung; um die Aufdeckung der zarten Fäden, der minimalen Beziehungen zwischen Menschen, von deren kontinuierlicher Wiederholung all jene grossen, objektiv gewordenen, eine eigentliche Geschichte bietenden Gebilde begründet und getragen werden.”

pp. 34-5

referência explícita à analogia

sociologia e biologia

epistemológica

S.1.a.15

“Allein jene Wissenschaften entstehen, insofern sie statt der seelischen Prozesse deren *Inhalte* und ihre Zusammenhänge sich zum Gegenstand machen, ungefähr **wie** wir ein Gemälde nach seiner ästhetischen und kunstgeschichtlichen Bedeutung nicht aus den physikalischen Oszillationen deduzieren, die seine Farben ausmachen und die freilich die ganze reale Existenz des Gemäldes zustandebringen und tragen.”

p. 36

wie

ciências em geral e arte
epistemológica

S.1.a.16

“Die Formen und Gesetze einer Sprache z. B., die **doch gewiss** nur aus Kräften der Seele zu Zwecken der Seele gebildet ist, werden dennoch von einer Sprachwissenschaft behandelt, die von jener **allein** gegebenen Realisierung ihres Gegenstandes völlig absieht und diesen letzteren rein nach seinem Sachgehalt und den nur an diesem Inhalt selbst bestehenden Formungen darstellt, analysiert oder

konstruiert. **Ähnlich** nun **verhält es sich** mit den Tatsachen der Vergesellschaftung. Dass Menschen einander beeinflussen, dass der eine etwas tut oder leidet, ein Sein oder ein Werden zeigt, weil andre da sind und sich äussern, handeln oder fühlen — **das ist natürlich** ein seelisches Phänomen und das historische Zustandekommen jedes einzelnen Falles seiner ist nur durch psychologisches Nachformen, durch die Plausibilität psychologischer Reihen, durch die Interpretation des äusserlich Konstatierbaren mittels psychologischer Kategorien zu begreifen. **Allein** nun kann eine besondere wissenschaftliche Absicht dies seelische Geschehen als solches ganz ausser acht lassen und die Inhalte desselben, wie sie sich unter dem Begriff der Vergesellschaftung anordnen, für sich verfolgen, zerlegen, in Beziehungen setzen.”

p. 37

sich verhalten + ähnlich// paralelismo sintático (**doch gewiss/allein; das ist natürlich/allein**)

sociologia e gramática

epistemológica

S.1.a.17

“Oder es wird festgestellt, dass Gegnerschaften dann am erbittertsten sind, wenn sie sich auf der Grundlage einer früheren oder noch irgendwie fühlbaren Gemeinsamkeit und Zusammengehörigkeit erheben, **wie** man als den glühendsten Hass etwa den unter Blutsverwandten bezeichnet hat.”

pp. 37-8

wie

inimizade e ódio; do ponto de vista psicológico, a inimizade está para o vínculo social forte assim como o ódio está para a relação de parentesco

socialpsicológica

S.1.a.18

“So also sind die Gegebenheiten der Soziologie seelische Vorgänge, deren unmittelbare Wirklichkeit sich zunächst den psychologischen Kategorien darbietet; aber diese, obgleich für die Schilderung der Tatsachen unentbehrlich, bleiben ausserhalb des Zweckes der soziologischen Betrachtung, der vielmehr nur in der von den psychischen Vorgängen getragenen und oft nur durch sie zu schildernden Sachlichkeit der Vergesellschaftung liegt — **wie** etwa ein Drama von Anfang bis Ende nur psychologische Vorgänge enthält, nur psychologisch verstanden werden kann, und dennoch seine Absicht nicht in psychologischen Erkenntnissen hat, sondern in den Synthesen, die die Inhalte der seelischen Vorgänge unter den Gesichtspunkten der Tragik, der Kunstform, der Lebenssymbole bilden.”

pp. 38-9

wie

sociologia e arte; sociologia e teatro

epistemológica

S.1.b.19

“Es würde nahe liegen, die Frage nach den apriorischen Bedingungen, auf Grund deren Gesellschaft möglich ist, in analoger Weise zu behandeln. Denn auch hier sind individuelle Elemente gegeben, die in gewissem Sinne auch immer in ihrem Auseinander bestehen bleiben, **wie** die Sinnesempfindungen es tun, und ihre Synthese zu der Einheit einer Gesellschaft nur durch einen Bewusstseinsprozess erfahren, der das individuelle Sein des einzelnen Elementes mit dem des andern in bestimmten Formen nach bestimmten Regeln in Beziehung setzt.”

p. 43

wie

sociologia e ciências naturais

epistemológica

S.1.b.20

“Dies bedeutet natürlich einerseits nicht das abstrakte Bewusstsein des Einheitsbegriffes, sondern die unzähligen singulären Beziehungen, das Gefühl und Wissen um dies Bestimmen und Bestimmtwerden dem andern gegenüber und schliesst andererseits ebenso wenig aus, dass etwa ein beobachtender Dritter außerdem auch noch zwischen den Personen eine nur in ihm begründete Synthese, **wie** zwischen räumlichen Elementen, vollzieht.”

pp. 43-4

wie

sociologia e ciências naturais

epistemológica

S.1.b.21

“Die soziologischen Aprioritäten werden dieselbe doppelte Bedeutung haben, wie diejenigen, die die Natur »möglich machen«: sie werden **einerseits**, vollkommener oder mangelhafter, die wirklichen Vergesellschaftungsvorgänge bestimmen, als Funktionen oder Energien des seelischen Verlaufes; **andererseits** sind sie die ideellen, logischen Voraussetzungen der perfekten, wenngleich in dieser Perfektion vielleicht niemals realisierten Gesellschaft – **wie** das Kausalgesetz **einerseits** in den tatsächlichen Erkenntnisprozessen lebt und wirkt, **andererseits** die Form der Wahrheit, als des idealen Systems vollendete Erkenntnisse, bildet, unabhängig davon, ob diese durch jene zeitliche, relativ zufällige seelische Dynamik realisiert wird oder nicht und unabhängig von der größeren oder geringeren Annäherung der im Bewusstsein wirklichen Wahrheit an jene ideell gültige.”

p. 46

wie// paralelismo sintático (**einerseits, andererseits**, separados por um **travessão**)

ciências naturais e sociologia; fundamentos *a priori* da natureza e fundamentos *a priori* da sociedade epistemológica

S.1.b.22

“Wir sind Ansätze nicht nur zu dem Typus Mensch überhaupt, nicht nur zu dem Typus des Guten und des Bösen u. dgl., sondern wir sind auch Ansätze zu der - prinzipiell nicht mehr benennbaren - Individualität und Einzigkeit unser selbst, die **wie** mit ideellen Linien gezeichnet unsre wahrnehmbare Wirklichkeit umgibt.”

p. 49

wie

epistemologia da sociologia e geometria: linhas ideais ilustrativa, *conceitual*

S.1.b.23

“Er kann gar nicht die Fragmente nur nebeneinander sehen, die wirklich gegeben sind, sondern **wie** wir den blinden Fleck in unserem Sehfelde ergänzen, dass man sich seiner gar nicht bewusst wird, **so** machen wir aus diesem Fragmentarischen die Vollständigkeit seiner Individualität.”

p. 49

wie + so

anatomia e conhecimento do outro; o funcionamento da visão e a apreensão do outro enquanto indivíduo epistemológica (*atípica)

S.1.b.24

“Es gehen von der gemeinsamen Lebensbasis gewisse Suppositionen aus, durch die man sich gegenseitig **wie** durch einen Schleier erblickt. Dieser freilich verhüllt nicht einfach die Eigenart der Persönlichkeit aber er gibt ihr, indem ihr ganz individuell-realer Bestand mit jenem zu einem einheitlichen Gebilde verschmilzt, eine neue Form.”

pp. 49-50

wie

visão e intuição do outro; a visão através de um véu e a intuição do outro a partir das categorias sociais ilustrativa, *figurativa*

S.1.b.25

“Über alledem schwebt, als heuristisches Prinzip des Erkennens, der Gedanke seiner realen, schlechthin individuellen Bestimmtheit, aber indem es scheint, als ob erst der Gewinn dieser die ganz richtig fundamentierte Beziehung zu ihm ergäbe, sind tatsächlich jene Veränderungen und Neugestaltungen, die diese ideale Erkenntnis seiner hindern, grade die Bedingungen, durch die die Beziehungen, die wir allein als die gesellschaftlichen kennen, möglich werden — ungefähr **wie** bei Kant die Kategorien des Verstandes, die die unmittelbaren Gegebenheiten zu ganz neuen Objekten formen, doch allein die gegebene Welt zu einer erkennbaren machen.”

p. 50

wie

sociologia e ciências naturais; um dos fundamentos *a priori* da sociedade e as categorias do entendimento que tornam a natureza possível segundo Kant epistemológica

S.1.b.26

“Auch ruht darauf, dass die Gesellschaften Gebilde aus Wesen sind, die zugleich innerhalb und außerhalb ihrer stehen, eine der wichtigsten soziologischen Formungen: dass nämlich zwischen einer Gesellschaft und ihren Individuen ein Verhältnis **wie** zwischen zwei Parteien bestehen kann, ja vielleicht, offener oder latenter, immer besteht.”

p. 53

wie

a interação entre indivíduo e sociedade, de um lado, e a interação entre dois partidos, de outro
sociológica, *pura*

S.1.b.27

“Wir wissen uns einerseits in die Natur eingegliedert, als eines ihrer Produkte, das neben jedem andern als Gleiches unter Gleichen steht, ein Punkt, den ihre Stoffe und Energien erreichen und verlassen, **wie** sie durch das strömende Wasser und die blühende Pflanze kreisen.”

p. 54

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; o “espírito humano” e os elementos minerais e vegetais da natureza
ilustrativa, *figurativa*

S.1.b.28

“Wir wissen uns einerseits in die Natur eingegliedert, als eines ihrer Produkte [...]; so ist **andererseits** dieses Ich [...] doch **ein Glied ihrer [...]. Nicht minder nun gilt diese Formel** für das Verhältnis zwischen den Individuen und den einzelnen Kreisen seiner gesellschaftlichen Bindungen, oder, wenn man diese zu dem Begriff oder Gefühl des Vergesellschaftetseins überhaupt zusammenfasst, für das Verhältnis der Individuen schlechthin. **Wir wissen uns einerseits als Produkte der Gesellschaft [...]. Andererseits wissen uns als ein Glied der Gesellschaft**, mit unsrem Lebensprozess und seinem Sinn und Zweck ebenso unselbständig in ihr Nebeneinander verwebt, **wie** dort in ihr Nacheinander. ”

pp. 54-5

paralelismo sintático// **wie**

sociologia e ciências naturais
epistemológica

S.1.b.29

“So wenig wir als Naturwesen ein Fürunssein haben, weil die Kreisung der natürlichen Elemente durch uns **wie** durch völlig selbstlose Gebilde hindurchgeht und die Gleichheit vor den Naturgesetzen unser Dasein ohne Rest in ein bloßes Beispiel ihrer Notwendigkeiten auflöst— so wenig leben wir als Gesellschaftswesen um ein autonomes Zentrum herum, sondern sind Augenblick für Augenblick aus den Wechselbeziehungen zu andern zusammengesetzt und sind so der körperlichen Substanz vergleichbar, die für uns nur noch als die Summe vielfacher Sinneseindrücke, aber nicht als eine für sich seiende Existenz besteht.”

p. 55.

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; o “espírito humano” e os elementos inanimados da natureza
ilustrativa, *figurativa*

S.1.b.30

“**So wenig** wir **als Naturwesen** ein Fürunssein haben, weil die Kreisung der natürlichen Elemente durch uns **wie** durch völlig selbstlose Gebilde hindurchgeht und die Gleichheit vor den Naturgesetzen unser Dasein ohne Rest in ein bloßes Beispiel ihrer Notwendigkeiten auflöst— **so wenig** leben wir **als Gesellschaftswesen** um ein autonomes Zentrum herum, sondern sind Augenblick für Augenblick aus den Wechselbeziehungen zu andern zusammengesetzt und sind so der körperlichen Substanz vergleichbar, die für uns nur noch als die Summe vielfacher Sinneseindrücke, aber nicht als eine für sich seiende Existenz besteht.”

p. 55

paralelismo sintático (marcado pela estrutura frasal repetida **so wenig [...] als [...]wesen**)

sociologia e ciências naturais
epistemológica

S.1.b.31

“Nun aber fühlen wir, dass diese soziale Diffusion unsre Persönlichkeit nicht vollkommen auflöst, nicht nur um die schon erwähnten Reserven handelt es sich, um einzelne Inhalte, deren Sinn und Entwicklung von vornherein nur in der Einzelseele ruht und in dem sozialen Zusammenhang überhaupt keine Stelle findet; nicht nur um die Formung der sozialen Inhalte deren Einheit als Individualseele nicht selbst wieder gesellschaftlichen Wesens ist, so wenig **wie** die künstlerische Form, zu der die Farbflecken auf der Leinwand zusammengehen, aus dem chemischen Wesen der Farben selbst herzuleiten ist.”

p. 55

wie

sociologia e arte; a forma e a matéria da personalidade, de um lado, e a forma e matéria de uma pintura, de outro
epistemológica

S.1.b.32

“Sondern vor allem: der gesamte Lebensinhalt, so restlos er aus den sozialen Antezedentien und Wechselbeziehungen erklärbar sein mag ist doch zugleich unter der Kategorie des Einzellebens zu betrachten, als Erlebnis des Individuums und völlig auf dieses hin orientiert. Beides sind nur verschiedene Kategorien, unter die der gleiche Inhalt tritt, **wie** eben dieselbe Pflanze einmal nach ihren biologischen Entstehungsbedingungen, ein andermal nach ihrer praktischen Verwendbarkeit, ein drittes Mal auf ihre ästhetische Bedeutung hin angesehen werden kann. Der Standpunkt, aus dem die Existenz des Einzelnen angeordnet und begriffen wird, kann ebenso innerhalb wie außerhalb seiner genommen werden, die Totalität des Lebens, mit all seinen sozial ableitbaren Inhalten, ist ebenso als das zentripetale Schicksal seines Trägers zu fassen, wie es, mit allen seinen für das Individuum reservierten Teilen, dennoch als Produkt und Element des sozialen Lebens gelten kann. Damit also bringt die Tatsache der Vergesellschaftung das Individuum in die Doppelstellung, von der ich ausging: dass es in ihr befasst ist und zugleich ihr gegenübersteht, ein Glied ihres Organismus und zugleich selbst ein geschlossenes organisches Ganzes, ein Sein für sie und ein Sein für sich.”

p. 55

wie

sociologia e ciências naturais; o conhecimento dos elementos sociais e o conhecimento dos elementos da natureza (isto é: dos objetos inanimados)
epistemológica// ilustrativa, *figurativa*

S.1.b.33

“Die Gesellschaft besteht nicht nur, wie sich vorher ergab, aus Wesen, die zum Teil nicht vergesellschaftet sind, sondern aus solchen, die sich einerseits als völlig soziale Existenzen, andererseits, den gleichen Inhalt bewahrend, als völlig personale empfinden. Und dieses sind nicht zwei beziehungslos nebeneinanderliegende Standpunkte, wie etwa wenn man eben denselben Körper einmal auf seine Schwere hin und ein andermal auf seine Farbe hin ansieht, sondern dies beides bildet die Einheit, die wir das soziale Wesen nennen, die synthetische Kategorie — **wie** der Begriff der Verursachung eine apriorische Einheit ist, wenngleich er die beiden, inhaltlich ganz verschiedenen Elemente des Verursachenden und des Bewirkten einschließt.”

p. 56

wie

ciências naturais e sociologia; a unidade que se forma na sociedade e a unidade que se forma na natureza
epistemológica

S.1.b.34

“**Eine Analogie wie** in einem Miniaturbild, unendlich vereinfacht und sozusagen stilisiert, findet das so aufgenommene Bild der Gesellschaft überhaupt an einer Beamtenschaft, die als solche aus einer bestimmten Ordnung von »Positionen« besteht, einer Prädeterminiertheit von Leistungen, die, von ihren jeweiligen Trägern abgelöst, einen ideellen Zusammenhang ergeben; innerhalb dieser findet jeder neu Eintretende einen unzweideutig bestimmten Platz, der gleichsam auf ihn gewartet hat und zu dem seine Energien harmonisch sein müssen.”

p. 58

referência explícita à analogia

a sociedade em geral e a burocracia

sociológica, *pura* (*atípica)

S.1.b.35

“Sie ist unabhängig davon, dass sie sich zu klarem, begrifflichem Bewusstsein aufarbeitet, ebenso aber auch davon, ob sie in dem realen Lebensverlauf ihre Realisierung findet — **wie** die Apriorität des Kausalgesetzes, als einer formenden Voraussetzung des Erkennens davon unabhängig ist, ob das Bewusstsein es in gesonderten Begriffen formuliert und ob die psychologische Wirklichkeit immer ihm gemäß verfährt oder nicht.”

p. 59

wie

sociologia e ciências naturais; o terceiro fundamento *a priori* da sociedade e a aprioridade da lei causal (segundo Kant)
epistemológica

S.1.a.36

“Es ist eine ziemlich müßige Frage, ob die Untersuchungen zur Erkenntnistheorie der Gesellschaft, die durch diese Skizzierungen exemplifiziert werden sollten, in die Sozialphilosophie oder etwa selbst schon in die Soziologie hineingehören. Mögen sie ein Grenzgebiet beider Methoden sein — die Sicherheit des soziologischen Problems, wie es zuvor gezeichnet ist, und die Abgrenzung gegen die philosophischen Fragestellungen leidet darunter so wenig, **wie** die Bestimmtheit der Begriffe von Tag und Nacht darunter leidet, dass es eine Dämmerung gibt, oder die der Begriffe von Mensch und Tier darunter, dass vielleicht einmal Mittelstufen zu finden sind, die die Charakteristiken beider in einer für uns begrifflich nicht trennbaren Weise vereinigen.”

p. 61

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; conceitos relativos aos fenômenos sociais e conceitos relativos aos fenômenos naturais

ilustrativa, *figurativa*

Anexo 1.2. Soziologie, capítulo 2

S.2.a[.1-.26]

S.2.a.1

“Das uneingeschränkte Recht der Erstgeburt, das aristokratischer Natur ist, bildet das Mittel zu solcher Verhinderung der Expansion; nur unter seiner Voraussetzung war wohl das alte thebanische Gesetz möglich, dass die Zahl der Landgüter nicht vermehrt werden dürfe, **wie** das korinthische, dass die Zahl der Familien stets die gleiche bleiben müsse.”

p. 67

wie

uma lei de Tebas e uma de Corinto

sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.2

“So scheint die alte Gentilverfassung mehrfach daraufhin in eine eigentliche Aristokratie umgeschlagen zu sein, dass eine neue, den Gentilgenossenschaften fremde Bevölkerung sich herandrängte, die zu zahlreich war, um allmählich in die Verwandtschaftsverbände aufgenommen zu werden. Dieser Vermehrung der Gesamtgruppe gegenüber konnten die ihrem ganzen Wesen nach quantitativ begrenzten Gentilgenossenschaften sich eben nur als Aristokratie halten. Ganz **entsprechend** bestand die Költnische Schutzgilde Richerzeche ursprünglich aus der Gesamtheit der freien Bürgerschaft; in dem Maße aber, in dem die Bevölkerung zunahm, wurde sie zu einer aristokratischen Genossenschaft, die sich gegen alle Eindringlinge abschloss.”

pp. 67-8

entsprechend

o desenvolvimento da comunidade gentílica e o desenvolvimento da guilda de Colônia

sociológica, *entre exemplos*// sociológica, *processual*

S.2.a.3

“— Man hat bemerkt, dass die konservativ-reaktionären Elemente im gegenwärtigen Deutschland gerade durch ihre numerische Stärke genötigt werden, die Rücksichtslosigkeit ihrer Bestrebungen einzudämmen; sie setzen sich aus so sehr vielen und verschiedenen Gesellschaftsschichten zusammen, dass sie keine ihrer Wegerichtungen geradlinig bis ans Ende verfolgen können, ohne bei je einem Teile ihrer Anhängerschaft Anstoß zu erregen. **Ebenso** ist die sozialdemokratische Partei durch ihre quantitative Ausdehnung gezwungen worden, ihren qualitativen Radikalismus zu verdünnen, dogmatischen Abweichungen einen gewissen Spielraum zu gewähren, ihrer Unversöhnlichkeit, wenn nicht ausdrücklich, so doch mit der Tat hier und da ein Kompromiss zu gestatten.”

p. 71

ebenso

os elementos conservador-reacionários e o partido social-democrata alemães

sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.4

“Denn nur durch ihre Vielheit paralysiert sich das Individuelle an ihnen und steigt das Allgemeine in solche Distanz von diesem empor, dass es als ein ganz für sich Existierendes, des Einzelnen nicht Bedürftiges, ja

oft genug ihm Antagonistisches erscheint — etwa **wie** der Begriff, der aus singulären und verschiedenen Erscheinungen das Gemeinsame zusammenfasst, um so höher über jeder einzelnen von diesen steht, je mehr er in sich begreift; so dass gerade die Allgemeinbegriffe, die den allergrössten Kreis von Einzelheiten beherrschen — die Abstraktionen, mit denen die Metaphysik rechnet, ein abgesondertes Leben gewinnen, dessen Normen und Entwicklungen denen des greifbar Einzelnen oft fremd oder feindlich sind.”

p. 73

wie

forma social e forma cognitiva; a determinação quantitativa do grupo e o caráter abstrato dos conceitos genéricos
socialfilosófica

S.2.a.5

“Die Einteilung kann nun von der Abstammung ausgehen oder von gewillkürten Schwurgenossenschaften oder von der Gleichartigkeit der Beschäftigungen oder von der Zusammenfassung nach lokalen Bezirken; diesen Prinzipien schliesst sich das numerische an, das die Masse der vorhandenen Männer oder Familien durch eine bestimmte Zahl dividiert und so lauter quantitativ gleiche Unterabteilungen gewinnt, zu jeder von denen **sich** das Ganze ungefähr so **verhält, wie** sie selbst zu ihren Individuen.”

pp. 82-3

sich verhalten + wie

a relação entre um grupo e seus subgrupos e a relação entre os subgrupos e os indivíduos
sociológica, *pura*
*analogia contínua

S.2.a.6

“Auch sonst wird die Zahl zum Vertreter der Sache, die sie zählt, und dann wird das Wesentliche: dass es sich um eine Relation zwischen dem Ganzen und einem Teile handelt, dadurch bezeichnet, dass der Zahlbegriff der frühesten Relationen alle späteren Änderungen deckt. **So hiess die Steuer** von Metallschürfungen in Spanien im 16. Jahrhundert der Quinto, weil sie ein Fünftel des Wertes betrug; und sie behielt diesen Namen später auch bei ganz andren Proportionen. **So kam das Wort Zehnt** schon bei den alten Israeliten und sonst vielfach zu der Bedeutung von Abgabe schlechthin — **wie** Hundertschaft zu der von Abteilung schlechthin. Dass die quantitative Relation, die ebenso das Wesen der Steuer **wie** der sozialen Einteilung ist, psychologisch über ihre inhaltliche Besonderheit Herr geworden ist, erweist sich am entschiedensten daran, dass die ursprüngliche numerische Bestimmung zur Bezeichnung aller Modifikationen des Verhältnisses kristallisiert.”

p. 86

paralelismo sintático// **wie**

o quinto, o dízimo e a centúria// o imposto e a divisão numérica do grupo
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.7

“Da wir aber nicht für jeden dieser unendlich vielen soziologischen Zustände, selbst dann, wenn er uns in seinem Charakter merkbar ist, einen besonderen Ausdruck besitzen, so bleibt oft nichts übrig, als ihn aus zwei Zuständen—der eine gleichsam mehr, der andre weniger besagend — zusammengesetzt zu denken. Jedenfalls handelt es sich dabei so wenig um eine Zusammensetzung, **wie** etwa bei den sogenannten Mischgefühlen von Freundschaft und Liebe oder Hass und Verachtung oder Lust und Schmerz.

p. 95

wie

sociologia e psicologia; as formas sociais e os sentimentos
epistemológica

S.2.a.8

“Der Freie bildet eben nicht mit andren zusammen eine Einheit, sondern ist eine solche für sich selbst. Nun mag es eine Freiheit geben, die in dieser blossen Beziehungslosigkeit, in der blossen Abwesenheit jeder Beschränkung durch andre Wesen besteht: ein christlicher oder indischer Eremit, ein einsamer Siedler im germanischen oder amerikanischen Walde mag eine Freiheit in dem Sinne geniessen, dass seine Existenz durchgehends von andren als sozialen Inhalten ausgefüllt ist; **ebenso** etwa ein Kollektivgebilde, eine Hausgemeinschaft oder ein Staatswesen, das völlig inselhaft existiert, ohne Nachbarn und ohne Beziehung zu andren Gebilden.”

p. 98

ebenso

formações interindividuais e formações intergrupais; a liberdade do indivíduo e a liberdade do grupo
socialfilosófica

S.2.a.9

“Schon deshalb nicht, weil jeder einzelne prinzipielle Anspruch, der überhaupt die Kraft des Individuums nach einer bestimmten Richtung hin engagiert, eigentlich die Tendenz hat, ins Unbegrenzte zu gehen; fast alle Beziehungen — staatliche, parteiliche, familiäre, freundschaftliche, erotische — stehen **wie** von selbst auf einer schiefen Ebene und spinnen ihre Forderungen, wenn man sie sich selbst überlässt, über den ganzen Menschen hin, sie werden, für das Gefühl oft unheimlich, von einer ideellen Sphäre umgeben, von der man eine Reserve ihnen entzogener Kräfte, Hingaben, Interessen erst ausdrücklich abgrenzen muss.”

p. 98

wie

sociologia e física: plano inclinado

ilustrativa, *conceitual*

S.2.a.10

“Der auf das Subjekt an und für sich beschränkte Sinn der Freiheit ist so nur **wie** die Wasserscheide zwischen diesen beiden sozialen Bedeutungen ihrer: dass das Subjekt von andren gebunden ist und andre bindet.”

p. 100

wie

sociologia e geografia: divisor de águas

ilustrativa, *conceitual*

S.2.a.11

“Das typisch soziologische Wesen derselben offenbart sich dann daran, dass nicht nur die grösste Vielfältigkeit der Individualitäten und der vereinigenden Motive die Gleichheit dieser Formungen nicht alteriert, sondern dass eben diese sich gelegentlich ebenso zwischen je zwei Gruppen — Familien, Staaten, Verbindungen verschiedener Art—**wie** zwischen je zwei Einzelpersonen ergeben.”

p. 100

wie

formações interindividuais e formações intergrupais

socialfilosófica

S.2.a.12

“**Wie** nun das Leben des Individuums durch seine Vorstellung von seinem Tode in bestimmter Weise gefärbt wird, **so** auch das Leben der Vereinigungen.”

p. 102

wie + so

formação individual e formação sociológica

socialfilosófica

S.2.a.13

“Manchmal aber wollen auch gerade sehr leidenschaftliche und innige Ehen kein Kind — weil es trennt. Das metaphysische Einssein, zu dem die beiden nur miteinander zu verschmelzen begehrten, ist ihnen nun gleichsam aus der Hand geglitten und steht ihnen als ein Drittes, Physisches, gegenüber, das zwischen ihnen vermittelt. Aber eine Vermittlung eben muss denen, die die unmittelbare Einheit suchten, als eine Trennung erscheinen, **wie** eine Brücke zwar zwei Ufer verbindet, aber doch auch den Abstand zwischen ihnen messbar macht; und wo Vermittlung überflüssig ist, ist sie schlimmer als überflüssig.”

p. 107

wie

o filho e a ponte; o filho está para cada os pais, assim como a ponte está para as margens do rio

ilustrativa, *figurativa*

S.2.a.14

“So unmöglich nämlich angesichts jener historischen Heterogenität der Ehearten eine positive Definition der Ehe sei, so kann doch bestimmt werden, welche Beziehung zwischen Mann und Weib jedenfalls nicht Ehe ist: die rein sexuelle. Was auch die Ehe sein mag, sie ist immer und überall mehr als der sexuelle Verkehr; so divergent die Richtungen sein mögen, nach denen die Ehe über diesen hinausgeht - daß sie über ihn hinausgeht, macht die Ehe erst zur Ehe. Dies ist eine soziologisch fast einzige Formung: daß derjenige Punkt, der allein allen Eheformen gemeinsam ist, zugleich derjenige ist, über den sie hinausgehen müssen, um eine Ehe zu ergeben. Nur ganz entfernte **Analogien** hierzu scheinen auf andren Gebieten stattzufinden: **so** müssen die Künstler, wie heterogene, stilistische oder phantasiemäßige Tendenzen sie auch verfolgen, gleichmäßig die natürlichen Erscheinungen aufs genaueste kennen, nicht um bei ihnen zu verharren, sondern um in jenem Hinausgehen über sie ihre spezifisch künstlerische Aufgabe zu erfüllen; **so** haben alle historischen und individuellen Mannigfaltigkeiten der gastronomischen

Kultur doch das Gemeinsame, die physiologischen Bedürfnisse ihres Gebietes befriedigen zu müssen, aber nicht, um hierbei stehen zu bleiben, sondern grade um mit den divergentesten Reizen diese bloß generelle Bedürfnisbefriedigung zu überschreiten.”

pp. 110-1

referência explícita à analogia// **so**
casamento, arte e gastronomia
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.15

“Jede Gesamtheit, die mehr ist als ein bloßes Nebeneinander gegebener Individuen, hat eine Unbestimmtheit ihrer Grenzen und ihrer Macht, die leicht dazu verlockt, allerhand Leistungen von ihr zu erwarten, die eigentlich dem einzelnen Mitgliede oblägen; man schiebt sie auf die Gesellschaft, **wie** man sie oft in der psychologisch gleichen Tendenz auf die eigne Zukunft schiebt, deren nebelhafte Möglichkeiten für alles den Raum geben oder durch wie von selbst zuwachsende Kräfte alles das besorgen werden, was der Augenblick nicht gern auf sich nehmen möchte.”

p.112

wie

sociedade e futuro; do ponto de vista psicológico, a indeterminação(1) dos limites do grupo é análoga à indeterminação(2) do futuro
socialpsicológica

S.2.a.16

“A und B können das ihnen gemeinsame μ betonen und störungslos empfinden, weil das ν , das A nicht mit B teilt, und das ξ das B nicht mit A teilt, ohne weiteres als individuelle Reserve und **wie** in einem andern Stockwerk liegend gefühlt wird.”

p. 115

wie

sociologia e geometria: plano (dimensão)
ilustrativa, *conceitual*

S.2.a.17

“Eine Vermittlerstellung auf dieser Basis wird sich häufig dann ergeben, wenn eine Persönlichkeit in lokaler Hinsicht einem andren Interessenkreis angehört als in sachlich-beruflicher. **So** konnten in früherer Zeit die Bischöfe manchmal zwischen dem weltlichen Herrscher ihres Sprengels und dem Papste intervenieren; **so** wird der Verwaltungsbeamte, der mit den speziellen Interessen seines Bezirkes verwachsen ist, der geeignetste Vermittler sein, wenn sich zwischen diesen und den allgemeinen Interessen des Staates, dessen Beamter er ist, eine Kollision ergibt; **so** wird das Maß von Unparteilichkeit und gleichzeitiger Interessiertheit, das zur Vermittlerschaft zwischen zwei lokal getrennten Gruppen disponiert, sich oft an Persönlichkeiten finden, die aus der einen stammen und in der andren wohnen.”

p. 130

paralelismo sintático

religião, burocracia e política; a posição dos bispos em relação ao seu domínio e ao domínio papal, a posição dos funcionários em relação ao seu domínio e ao estatal e a posição do estrangeiro em relação a seu grupo local e ao de origem
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.18

“Die Beispiele, in denen sich je einer der für diese Verhältnisformen gebildeten Begriffe ganz rein darstellt, sind zwar die unentbehrlichen Handhaben der Soziologie, aber zu dem wirklichen Leben der Gesellschaft verhalten sie sich nur **wie** die annähernd genauen Raumformen, an denen man geometrische Sätze exemplifiziert, zu der unermeßlichen Komplikation der realen Formungen der Materie.”

p. 132

wie

sociologia e geometria
epistemológica

S.2.a.19

“Das Verbot gründet sich also **sozusagen** auf eine Möglichkeit zweiter Potenz: nicht nur sind die von vornherein verbotenen Vereinigungen bloß möglich und bestehen oft noch nicht einmal in dem Wunsche der so Auseinandergehaltenen, sondern die Gefahren, um derentwillen die Untersagung erfolgt, wären auch seitens der verwirklichten Vereinigung nur mögliche.”

p. 144

sozusagen

sociologia e aritmética: exponenciação
ilustrativa, *conceitual*

S.2.a.20

“Von England hat man gesagt, es habe Indien nur durch Indien gewinnen können, **wie** schon Xerxes erkannt hatte, daß man Griechenland am besten durch Griechen bekämpfe.

p. 149

wie

dominação da Índia pelos ingleses e dominação da Grécia pelos persas
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.21

“Dies Verfahren muß Groll und Eifersucht auf der einen, Hochmut und Vertrauensseligkeit auf der andren Seite erzeugen, eine Spaltung, die die Beute für den Unterdrücker bequem macht. Die Technik eines Herrscherwillens: von zwei eigentlich gleichmäßig gegen ihn Interessierten den Stärkeren zu protegiere, bis er den Schwächeren ruiniert hat, und dann mit Frontwechsel gegen den jetzt isolierten vorzugehen und ihn zu unterwerfen - diese Technik ist bei der Gründung von Weltreichen nicht weniger beliebt, **wie** bei den Prügeleien von Straßenjungen, in der Handhabung politischer Parteien durch eine Regierung **nicht anders als** in Konkurrenzkämpfen, in denen etwa die drei Elemente: ein sehr mächtiger Finanzier oder Industrieller und zwei unbedeutendere, aber ihm unbequeme und untereinander ungleiche Konkurrenten einander gegenüberstehen.”

p. 150

wie// nicht anders als

política externa, brigas de jovens, política interna e economia
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.22

“Dieser allgemeine, oft genug hervorgehobene Sinn des Fünfer- und Zehnerprinzips wird aber für dessen soziale Anwendung noch speziell ergänzt: dadurch, daß die Finger eine relative gegenseitige Unabhängigkeit und selbständige Beweglichkeit haben, andererseits aber doch untrennbar zusammenhängen (in Frankreich sagt man von zwei Freunden: ils sont unis **comme** deux doigts de la main) und erst in ihrem Miteinander ihren eigentlichen Sinn erhalten - dadurch bieten sie ein höchst treffendes Bild der sozialen Vereinigung von Individuen. Die Einheit und eigentümliche Zusammenwirksamkeit jener kleinen Untergruppen größerer Kollektivitäten konnte gar nicht anschaulicher symbolisiert werden.”

p.152

comme

o grupo e os dedos da mão
ilustrativa, *figurativa* (*atípica)

S.2.a.23

“Von diesem jetzt abgesehen, findet es sich in der Tat, daß die Hundertzahl der Mitglieder rein als solche der Gruppe eine besondere Bedeutsamkeit und Würde verleiht. Der Adel im epizephyrischen Lokroi führte seine Abkunft auf edle Frauen aus den sogenannten hundert Häusern zurück, die sich an der Gründung der Kolonie beteiligt hätten. **Ebenso** sollen die ursprünglichen Ansiedelungen, durch die Rom gegründet wurde, hundert latinische gentes, hundert sabellische, hundert aus verschiedenen Elementen zusammengesetzte umfasst haben. Die Hundertzahl der Mitglieder verleiht der Gruppe offenbar eine gewisse Stilisierung, den genau begrenzten strengen Umriß, dem gegenüber jede etwas kleinere oder etwas größere Zahl als einigermaßen vage und weniger in sich geschlossen erscheint.”

p. 154

ebenso

mitos da nobreza de Locri e mitos de fundação de Roma
sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.24

“Die umgekehrte Richtung nehmen bei gleicher Grundlage die Bestimmungen, die gerade ein Minimum von Teilnehmern fordern, damit ein gewisser rechtlicher Effekt eintrete. **So** kann sich in England jede Wirtschaftsgenossenschaft die Korporationsrechte verschaffen, sobald sie mindestens sieben Mitglieder zählt; **so** fordert das Recht allenthalben eine bestimmte, wenn auch in ihrer Bestimmung außerordentlich schwankende Mindestzahl von Richtern für die Findung eines gültigen Urteils, so daß z. B. an manchen Orten gewisse Urteilstkollegien einfach die Siebener hießen.”

p. 157

paralelismo sintático

as industrial and provident societies inglesas e alguns conselhos de julgamento sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.25

“Besonders stark tritt dieses Mindestanfordernis bei religiösen Bildungen hervor. Die regelmässigen Zusammenkünfte der buddhistischen Mönche eines bestimmten Gebietes zum Zwecke erneuter Religionseinprägung und einer Art Beichte forderte die Anwesenheit von mindestens vier Mönchen. Diese Zahl schloß also erst sozusagen die Synode, und jeder hatte als Mitglied derselben eine irgendwie andere Bedeutung denn als individueller Mönch, was er nur war, solange etwa nur drei zusammenkamen. **So** sollen die Juden immer zu mindestens zehn zusammen beten. **So** sollte nach der Lockeschen Konstitution von Nord-Karolina jede beliebige Kirche oder Religionsgemeinschaft gegründet werden dürfen, wenn sie wenigstens aus sieben Mitgliedern bestand.”

pp. 157-8

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so sollen**)

budismo, judaísmo e um dispositivo legal sobre a formação de comunidades religiosas sociológica, *entre exemplos*

S.2.a.26

“Mag nun aber an ein Maximum Verbot oder an ein Minimum Erlaubnis geknüpft sein - die Gesetzgeber werden nicht gezweifelt haben, daß die Erfolge, die sie fürchten oder wünschen, sich nur ganz unsicher und ganz durchschnittlich an die festgesetzten Umfänge binden; aber die Willkür der Festsetzung ist hierbei ebenso unvermeidlich und gerechtfertigt, **wie** in der Bestimmung eines Lebensalters, von dem an der Mensch Rechte und Pflichten der Grossjährigkeit übernimmt.”

p. 158

wie

a determinação legal dos limites do grupo e a determinação da maioridade legal sociológica, *pura*

Anexo 1.3. Soziologie, capítulo 3

S.3[.a.b][.1-43]

S.3.a.1

“Diese sozusagen solipsistische Ausübung einer beherrschenden Gewalt, deren Bedeutung für den Übergeordneten ausschließlich in dem Bewußtsein seiner Wirksamkeit besteht, ist freilich erst eine soziologische Rudimentärform, und vermöge ihrer besteht so wenig Vergesellschaftung, **wie** zwischen einem Künstler und seiner Statue, die doch auch auf ihn mit dem Bewußtsein seiner Schöpfermacht zurückwirkt.”

p. 160

wie

sociedade e arte
ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.2

“Insofern zeigt sich die moralische Maxime: einen Menschen niemals als bloßes Mittel zu gebrauchen - allerdings als die Formel für jede Vergesellschaftung. Wo die Bedeutung der einen Partei auf einen Punkt sinkt, an dem eine von dem Ich als solchem ausgehende Wirkung nicht mehr in die Beziehung eintritt, kann man von Gesellschaft so wenig reden, **wie** zwischen dem Tischler und der Hobelbank.”

p. 161

wie

sociedade e artesanato
ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.3

“Die »Autorität«, deren Wesen ist, daß ein Mensch mit derjenigen Sicherheit und Anerkennungszwang entscheidet, die logischerweise nur dem überpersönlich-sachlichen Axiom oder Deduktion zukommt - hat sich hier gleichsam von oben auf eine Person niedergelassen, während sie im ersten Falle aus den Qualitäten der Person, **wie** durch generatio aequivoca aufgestiegen ist.”

p. 162-3

wie

sociologia e biologia: generatio aequivoca (geração espontânea)
ilustrativa, *conceitual*

S.3.a.4

“Von der Autorität ist die Superioritätsnuance zu unterscheiden, die man als Prestige bezeichnet. Bei dieser fehlt das Moment der übersubjektiven Bedeutung, der Identität der Persönlichkeit mit einer objektiven Kraft oder Norm, für das Führertum ist hier die ganz individuelle Kraft entscheidend; sie bleibt nicht nur als solche bewußt, sondern gegenüber dem Durchschnittstypus des Führers, der immer eine gewisse Mischung aus persönlichen und angegliederten sachlichen Momenten zeigt, geht das Prestige ebenso von dem reinen Persönlichkeitspunkte aus, **wie** die Autorität von der Objektivität von Normen und Mächten.”

p. 163

wie

autoridade e prestígio
sociológica, *pura*

S.3.a.5

“Dies distrahiert sich gleichsam in der Prärogative des römischen Königs, daß nur er zum Volke reden durfte. Eine solche Prärogative bedeutet zwar die eifersüchtig ausschließende Einheit seiner Herrschaft - **wie** entsprechend im griechischen Altertum das Recht eines jeden, zum Volke zu sprechen, die vollendete Demokratie bezeichnete - aber es liegt doch darin die Anerkennung der Bedeutung, die die Rede zum Volk und die also das Volk selbst hat.”

pp. 167-8

wie

o direito em Roma e o direito na Grécia antiga
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.6

“Ich will nur zwei inhaltlich sehr heterogene Erscheinungen von gemeinsamer Unterordnung anführen, in denen gerade deren Unersetzlichkeit für die Einheit des Ganzen hervortritt. Die Soziologie der Religionen ist dadurch prinzipiell differenziert, ob eine Vereinigung Gott als das Symbol und die Weihe ihrer Zusammengehörigkeit gleichsam aus dieser hervorgewachsen lässt - wie es in vielen primitiven Religionen der Fall ist - , oder ob die Gottesvorstellung erst ihrerseits die sonst nicht oder nur knapp zusammenhängenden Elemente in eine Einheit zusammenbringt. [...] das Christentum diese letztere Form realisiert hat [...]. [...] sogar von den Juden ist behauptet worden: im Gegensatz zu den gleichzeitig entstandenen Religionen, wo die Verwandtschaft zunächst jeden Genossen mit jedem anderen und dann erst das Ganze mit dem göttlichen Prinzip verbindet, würde dort das gemeinsame - d. h. einen jeden unmittelbar betreffende - Vertragsverhältnis zu Jehova als die eigentliche Kraft und Sinn der nationalen Zusammengehörigkeit empfunden. **Diese formale Struktur zu wiederholen**, hatte der mittelalterliche Feudalismus, auf Grund der vielverflochtenen persönlichen Abhängigkeiten und Dienste, häufige Gelegenheit. Am bezeichnendsten vielleicht bei den Genossenschaften der Ministerialen, unfreier Hof- und Hausdiener, die in einem engen, rein persönlichen Verhältnis zu dem Fürsten standen. [...] **Wie** in jenem religiösen Falle ist die Unterordnung unter eine individuelle Potenz hier nicht, was sie in vielen, besonders den politischen Fällen ist, die Folge oder der Ausdruck einer bestehenden organischen oder Interessengemeinschaft, sondern die Ueberordnung des einen Herrn ist umgekehrt die Ursache einer sonst nicht erreichbaren, durch keine sonstige Beziehung angelegten Gemeinsamkeit.”

pp. 168-170

wiederholen + die formale Struktur// wie

A religião e as comunidades de cortesãos dos príncipes na Idade Média
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.7

“Über Bindungen und Kontroversen z. B., die sich auf Interessen, Instinkten, Gefühlen gründen, ist das Reich des Intellektuellen, seine einzelnen Inhalte oder jeweiligen Vertreter, immer eine höhere Instanz. Diese mag einseitig und unzulänglich entscheiden, ihre Entscheidung mag Gehorsam finden oder nicht - **wie** die Logik die höhere Instanz über den sich widersprechenden Inhalten des Vorstellens bleibt, auch wenn wir unlogisch denken, so bleibt in einer mehrgliedrigen Gruppe der Intelligentesten die höhere Instanz, so sehr es in einzelnen Fällen gerade nur dem starken Willen oder dem warmen Gefühl einer Persönlichkeit gelingen mag, den Streit der Genossen zu befrieden; das ganz Spezifische der höheren Instanz, an die man zur Schlichtung appelliert, oder deren Eingreifen man sich mit dem Gefühl ihrer Berechtigung fügt, liegt typischerweise doch nur auf der Seite der Intellektualität.”

p. 174

wie

tipo social e forma cognitiva; o intelectual e a lógica
socialfilosófica

S.3.a.8

“Denn eine Erhebung jener gegen diese Zwischengewalten wird sich leicht, **wie** durch ein der Trägheitskraft folgendes Weiterrollen der Bewegung, auch gegen die höchste Macht richten, wenn sie sich nicht etwa selbst an die Spitze der Bewegung setzt oder sie wenigstens unterstützt.”

p. 176

wie

sociologia e física: força fictícia
ilustrativa, *conceitual*

S.3.a.9

“Das soziologische Verständnis aber, das den Grundbegriff der Vergesellschaftung in seinen einzelnen Bedeutungen und Gestalten ergreifen, die Erscheinungskomplexe in ihre Einzelfaktoren bis zur Annäherung an induktive Regelmässigkeiten analysieren will - kann dies nur durch die Hilfskonstruktion von sozusagen absoluten Linien und Figuren, die sich in dem realen gesellschaftlichen Geschehen immer nur als Ansätze, Bruchstücke, fortwährend unterbrochene und modifizierte Teilverwirklichungen vorfinden. In jeder einzelnen gesellschaftsgeschichtlichen Konfiguration wirken eine wahrscheinlich nie ganz übersehbare Anzahl von Wechselwirksamkeiten der Elemente, und wir können ihre gegebene Form so wenig in ihre sämtlichen Teilfaktoren auflösen und aus ihnen wieder zusammensetzen, **wie** wir die Gestalt irgendeines Stückes Materie aus den idealen Figuren unserer Geometrie absolut deckend herstellen können, obgleich beides prinzipiell durch Differenzierung und Kombination der wissenschaftlichen Gebilde möglich sein muß.”

p.178

wie

sociologia e geometria
epistemológica

S.3.a.10

“**Die Herrschaft des** Sultans über rechtlose Untertanen; **die des** englischen Königs über ein Volk, das schon 150 Jahre nach Wilhelm dem Eroberer sich mutig gegen König Johann erhebt; **die des** römischen Kaisers, der eigentlich nur der Vorsteher der mehr oder weniger autonomen, das Reich bildenden Gemeinden war - alle diese Einherrschaften sind aufs höchste verschieden und ebenso das Nivellement der Untertanen, das ihnen entspricht. Und dennoch ist das Motiv dieser Korrelation in ihnen gemeinsam lebendig, die grenzenlose Verschiedenheit der unmittelbaren, materialen Erscheinungen gibt dennoch der gleichsam ideellen Linie Raum, mit der jene Korrelation, in ihrer Reinheit und Gleichmässigkeit freilich ein wissenschaftlich- abstraktes Gebilde, in sie eingezeichnet ist.”

p. 179

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: “**die Herrschaft des...**”, separadas por ponto-e-vírgula)
o sultão, o rei inglês e o imperador romano
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.11

“Selbst von einer so engen Vereinigung wie die Ehe wird man sagen müssen, daß man nie ganz verheiratet ist, sondern selbst im besten Falle nur mit einem Teile der Persönlichkeit, wie groß er auch sei - **wie** man nie ganz Stadtbürger, ganz Wirtschaftsgenosse, ganz Kirchenmitglied ist.”

p. 180

wie

o casamento, a pertença à cidade, a parceria comercial e a igreja
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.12

“Es ist oft der entscheidende Mißgriff von Eltern, dass sie ihren Kindern ein für alle gültiges Lebensschema auch in den Dingen autoritativ auferlegen, in denen die Kinder unvereinbar individuell sind. **Ebenso**, wenn der Priester über das Gebiet hinaus, auf dem er die Gemeinde vereinen kann, das Privatleben der Gläubigen beherrschen will, auf dem sie, von der religiösen Gemeinschaft aus gesehen, jedenfalls individuell differenziert sind. In all solchen Fällen fehlt es an der richtigen Aussonderung der Wesensteile, die sich zur Masse-Bildung eignen, und deren Beherrschtheit deshalb leicht ertragen, als angemessen empfunden wird.”

pp. 182-3

ebenso

a relação entre pais e filhos e a relação entre o sacerdote e o fiel
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.13

"[...] der Dienst, servitium, verband alle Glieder des Reiches unter sich und mit dem König. Dieser gab von seinem Besitz ab, **wie** seine großen Untertanen ihrerseits an ihnen untergeordnete Vasallen Land zu Lehen gaben, so daß ein Stufenbau von Stellung, Besitz, Verpflichtung sich erhob."

p. 188

wie

a relação do rei com seus súditos e a relação dos súditos com seus vassallos
sociológica, *entre exemplos*

*analogia contínua

S.3.a.14

"Die Abstufung gehört zu jenen Anordnungs- und Lebensformen der Gruppe, die von einem Gesichtspunkt der Quantität ausgehen, deshalb mehr oder weniger mechanisch sind und der eigentlich organischen Gruppierung, die auf individuellen Qualitätsdifferenzen beruht, geschichtlich vorangehen; sie werden freilich durch diese nicht schlechthin abgelöst, sondern bestehen neben ihr und in Verflechtung mit ihr weiter. **Dahin gehört** vor allem die Einteilung der Gruppen in Untergruppen, deren soziale Rolle in ihrer Zahlgleichheit oder wenigstens Zahlbestimmtheit wurzelt, wie bei der Hundertschaft; **dahin gehört** die Bestimmung der gesellschaftlichen Position ausschließlich nach dem Maß des Besitzes; **dahin** die Formung der Gruppe nach festgelegten Stufen, wie sie vor allem der Feudalismus, die Hierarchie, das Beamten- und Armeewesen zeigt."

p. 189

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal iniciada por "**dahin gehört**")

a divisão do grupo segundo uma escala numérica, a divisão do grupo segundo patrimônio e a divisão do grupo em níveis
sociológica, *pura*

S.3.a.15

"Von dem amerikanischen Präsidenten hat man, **wie** von dem athenischen Archon und dem römischen Konsul, behauptet, daß sie, unter gewissen Einschränkungen, doch nur die Erben der königlichen Macht wären, deren die Könige durch die betreffenden Revolutionen beraubt worden seien."

p. 192

wie

o presidente americano, o arconte grego e o cônsul romano
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.16

"Und genau das entgegengesetzte und genau so wenig auf einzelne Nützlichkeiten zurückzuführende Gefühl bewegt einige australische Horden, ihre Häuptlinge nicht selbst zu wählen, sondern sie sich von den Führern benachbarter Stämme wählen zu lassen - **wie** auch das bei einigen Naturvölkern kursierende Geld nicht von ihnen selbst fabriziert wird, sondern von auswärts eingeführt werden muß, so daß es hier und da eine Art Industrie ist, Geldzeichen (Muscheln usw.) herzustellen, die nach entfernteren Orten als deren Geld exportiert werden."

pp. 197-8

wie

o mecanismo de escolha do chefe em hordas australianas e o monopólio da fabricação de dinheiro nos "povos primitivos"
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.17

"Die Elemente einer Mehrheit, die einer höheren Persönlichkeit untersteht, verhalten sich **wie** die Einzelpersonen, die unter einen allgemeinen Begriff gehören."

pp. 199-200

wie

forma social e forma cognitiva; a subordinação e a razão
socialfilosófica

S.3.a.18

"Ein wesentlicher Unterschied des mittelalterlichen Unfreien vom Vasallen bestand darin, daß jener nur einen Herrn hatte und haben konnte; dieser aber konnte von verschiedenen Herren Land nehmen und ihnen den Dienst leisten. Durch diese Möglichkeit, sich in verschiedene Lehensverhältnisse zu begeben,

gewann der Vasall dem einzelnen Lehensherrn gegenüber einen starken Rückhalt und Unabhängigkeit, die prinzipielle Unterordnung der Vasallenstellung wurde dadurch sehr erheblich ausgeglichen. **Eine formal ähnliche Lage** schafft der Polytheismus für das religiöse Subjekt. Obgleich dieses sich von einer Mehrheit göttlicher Mächte beherrscht weiß, so kann es doch - vielleicht nicht ganz logisch klar, aber auf dieser Stufe psychologisch tatsächlich - sich von dem unzugänglichen oder ohnmächtigen Gotte zu einem andern, chancenreicheren wenden; noch im heutigen Katholizismus sagt der Gläubige oft dem einen Heiligen ab, der seine besondere Adoration nicht belohnt hat, um diese einem andern zu widmen - obgleich er die weiterwirkende Macht auch jenes über ihn prinzipiell nicht leugnen könnte."

pp. 210-11

form + ähnlich = eine formal ähnliche Lage

a vassalagem e a religião politeísta
sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.19

"Hier bieten sich nun je nach den historischen Inhalten und Sonderbedingungen die mannigfaltigsten Abwandlungen dar, in denen allen das **gleiche Formphänomen** lebt. Der römische Senat war den hohen Beamten gegenüber formell sehr abhängig. Da diese aber eine kurze Amtsdauer hatten, der Senat aber seine Mitglieder dauernd behielt, so wurde die Macht des Senates dadurch in Wirklichkeit eine weit größere, als sich aus seinem gesetzlichen Verhältnis zu jenen Herrschaftsträgern ablesen ließ. Aus dem prinzipiell **gleichen Motiv** vollzog sich der Machtzuwachs der Commons gegenüber der englischen Krone seit dem 14. Jahrhundert. [...] Allein unter all diesen Machterweisen der Herrscher beharrte eben doch das Haus der Gemeinen als solches und erwarb damit gerade wegen jener Schwankungen und Windwechsel in den obersten Regionen eine Festigkeit, Kraft und Unabhängigkeit, die es vielleicht bei ungestörter Einheit in den Richtungen des höchsten Regiments nie gewonnen hätte. **Entsprechend** hat man das Wachstum des demokratischen Bewußtseins in Frankreich mit daraus hergeleitet, daß seit dem Sturz Napoleons I. wechselnde Regierungsgewalten rasch einander folgten, jede unfähig, unsicher, um die Gunst der Massen buhlend, wodurch denn jedem Bürger seine soziale Bedeutung recht zum Bewußtsein kommen mußte."

pp. 211-12

entsprechend (também destaque: "**gleiche Formphänomen**" e "**gleichen Motiv**")

o senado em Roma, a câmara dos comuns na Inglaterra e a consciência democrática na França
sociológica, *entre exemplos*

S.3.b.20

"Im Stammesrat der Irokesen **wie** im polnischen Reichstag war kein Beschluß gültig, bei dem auch nur eine Stimme dissentiert hatte."

p. 219

wie

o conselho das tribos iroquesas e a Dieta polonesa
sociológica, *entre exemplos*

S.3.b.21

"Die letztere tut hier die gleichen methodischen Dienste **wie** diplomatische oder sonstige Verhandlungen zwischen Parteien, die die ultima ratio des Kampfes vermeiden wollen. Schließlich gibt auch hier, Ausnahmen vorbehalten, jeder einzelne nur nach, wenn der Gegner ihm klar machen kann, daß der Ernstfall für ihn eine mindestens ebenso große Einbuße bringen würde. Die Abstimmung ist, **wie** jene Verhandlungen, eine Projizierung der realen Kräfte und ihrer Abwägung auf die Ebene der Geistigkeit, eine Antizipation des Ausgangs des konkreten Kämpfens und Zwingens in einem abstrakten Symbole."

pp. 220-1

wie

a votação e a negociação diplomática ou de outro tipo
sociológica, *entre exemplos*

S.3.b.22

"Alle diese Schwierigkeiten, die die Forderung der Einstimmigkeit wie die Unterordnung der Minorität von verschiedenen Seiten her bedrohen, sind nur der Ausdruck für die fundamentale Problematik der ganzen Situation: eine einheitliche Willensaktion aus einer Gesamtheit zu extrahieren, die aus verschiedenen gerichteten Individuen besteht. Diese Rechnung kann nicht glatt aufgehen, **so** wenig man aus schwarzen und weißen Elementen ein Gebilde herstellen kann, mit der Bedingung, daß das Gebilde als Ganzes schwarz oder weiß sei."

p. 226

so

sociedade e arte

ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.23

“Es bleibt also hier immer der Inhalt des Gesetzes und, **sozusagen**, dessen Aggregatzustand, der seinen Wert oder Unwert gegenüber der Unterordnung unter Personen bestimmt.”

p. 231

sozusagen

sociologia e química: estado físico da matéria

ilustrativa, *conceitual*

S.3.a.24

“So unter der Gültigkeit des Patrimonialprinzips, nach dem die Untertanen als solche nur Kompetenzen des Landgebietes sind, innerhalb der Leibeigenschaft, wo die Luft eigen machte, am radikalsten bei der russischen Leibeigenschaft; denn deren furchtbare Härte schloß immerhin jene persönliche Versklavung, die auch den Verkauf des Sklaven gestattet hätte, aus und band das Untertänigkeitsverhältnis derartig an das Landgut, daß der Leibeigene nur mit diesem zugleich veräußert werden konnte. Bei aller inhaltlichen und quantitativen Differenz **wiederholt sich diese Form** doch manchmal an der Lage des modernen Fabrikarbeiters, den sein eigenes Interesse vermittelt gewisser Veranstaltungen an eine Fabrik fesselt: wenn ihm etwa die Erwerbung eines eigenen Häuschens ermöglicht worden ist, wenn er sich an Wohlfahrtseinrichtungen mit eigenem Aufwand beteiligt hat, der für ihn verloren ist, sobald er die Fabrik verläßt usw.”

pp. 231-2

sich wiederholen + die Form

a servidão da gleba e a situação de alguns trabalhadores de fábrica

sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.25

“Ja, schliesslich war es dieselbe Herrschaftsform, die in dem primitivsten patriarchalischen Verhältnis nicht durch ein bloss räumliches, sondern durch ein lebendiges Objekt vermittelt wurde: die Kinder gehörten dem Vater, nicht weil er ihr Erzeuger war, sondern weil die Mutter ihm gehörte - **wie** dem Besitzer eines Baumes auch dessen Früchte gehören; so daß auch die von andren Vätern erzeugten Kinder nicht weniger sein Eigentum waren.”

p. 232

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; em sociedades patriarcais, o filho é análogo ao fruto

socialfilosófica// ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.26

“Es ist eine alte Beobachtung, daß die Vorstellungen der Einzelseele in ihren ganzen Verhältnissen der Assoziation und der Scheidung, der Differenzierung und der Vereinheitlichung **sich so verhalten, wie** sich Individuen zueinander verhalten. Hiervon bildet es eine eigentümliche Spezialisierung, dass jene innerpsychologischen Relationen nun nicht nur die zwischen Individuen überhaupt, sondern zwischen dem Individuum und dem umgebenden Kreis repetieren. Was die Gesellschaft von ihrem Mitglied fordert: Einordnung und Treue, Altruismus und Arbeit, Selbstbeherrschung und Wahrhaftigkeit - alles dies fordert der Einzelne von sich selbst.”

p. 233

wie// sich verhalten + so

formação individual e formação sociológica

socialfilosófica

*analogia contínua

S.3.a.27

“Auf einer gewissen höheren Stufe der Sittlichkeit liegt das Motiv des Handelns nicht mehr in einer real-menschlichen, wenn auch überindividuellen Macht; sondern der Quell der sittlichen Notwendigkeiten fließt hier jenseits des Gegensatzes von Individuum und Gesamtheit. Denn ebensowenig wie aus der letzteren stammen sie aus der singulären Wirklichkeit des individuellen Lebens. Nur ihren Träger, nur den Ort ihrer Wirksamkeit haben sie an dem freien Gewissen des Handelnden, an der individuellen Vernunft. Ihre verpflichtende Kraft stammt aus ihnen selbst, aus ihrer inneren, überpersönlichen Geltung, aus einer objektiven Idealität, die wir anerkennen müssen, ob wir wollen oder nicht, **wie** eine Wahrheit, deren Gültigkeit von ihrem Realwerden in einem Bewußtsein völlig unabhängig ist.”

p. 234

wie

ciência moral e teoria do conhecimento; a fonte da ação moral moderna e a noção de verdade

epistemológica

S.3.a.28

“Der *Inhalt* aber, der diese Formen erfüllt, ist - nicht notwendig, aber häufig - das gesellschaftliche Erfordernis, das jetzt sozusagen nicht mehr mit seinem sozialen Impetus wirkt, sondern **wie** in der Metempsychose in eine Norm, die um ihrer selbst willen, nicht meinethalben und nicht deinethalben, erfüllt werden soll.”

p. 234

wie

ciência moral e teologia; ação moral e religião
epistemológica

S.3.a.29

“Ob die Gesellschaft und das Individuum sich **wie** Macht und Macht gegenüberstehen und die Unterordnung des letzteren durch eine **wie** aus ununterbrochener Quelle fließende, sich stetig erneuernde Energie der ersteren bewirkt wird; oder ob diese Energie sich zu einem psychologischen Impuls in der Seele des Individuums transformiert und dieses, sich als Sozialwesen fühlend, seine gegen sein egoistisches Teil selbst gerichteten Impulse bekämpft und unterdrückt; oder ob das Sollen, das der Mensch über sich vorfindet, als eine ebenso objektive Tatsächlichkeit wie das Sein, sich nur mit dem Inhalte gesellschaftlicher Lebensbedingungen füllt - das sind Typen, die die Unterordnungsarten des Einzelnen unter seine Gruppe erst erschöpfen.”

p. 235

wie

fenômenos de natureza moral e fenômenos de natureza física
ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.30

“Freilich ist jede historische Gruppe ein Individuum, **wie** ein historischer Mensch; allein das ist sie im Verhältnis zu anderen Gruppen, im Verhältnis zu ihren Mitgliedern aber ist sie überindividuell.”

p. 236

wie

formação individual e formação social
socialfilosófica

S.3.a.31

“Jedoch nicht so, wie der Begriff über seinen Einzelverwirklichungen, der das diesen Gemeinsame zusammenschließt, sondern in einer besonderen Art des Allgemeinen, **wie** der organische Körper das Allgemeine über seinen Gliedern oder etwa eine Zimmereinrichtung das Allgemeine über Tisch und Stuhl, Schrank und Spiegel.”

p. 236

wie

sociedade, organismo e arte aplicada; a unidade societária, a unidade orgânica e a unidade estética no interior de uma residência
ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.32

“Preistaxen, Ueberwachung von Quantität und Qualität der Produktion, ja, in weiterem Sinne sogar Luxusgesetze und Konsumverpflichtungen, sind vielfach in dem Stadium der Wirtschaft eingetreten, wo die subjektive Freiheit des Handelsgeschäftes zu einer haltgewährenden Objektivität aufstrebte, ohne doch schon eine reine, abstrakte Sachlichkeit der Preisbestimmungen erreichen zu können; hier tritt die konkrete Allgemeinheit, die lebendige Objektivität der Gesellschaft ein, oft ungeschickt, hemmend, schematisch, aber immerhin eine transsubjektive Macht, die dem Einzelnen eine Norm gibt, bevor er diese aus der Struktur der Sache selbst und ihrer erkannten Gesetzlichkeit erhält. In noch viel breiterem Maße **findet** auf dem intellektuellen Gebiet **ebendieselbe formale Entwicklung statt**: über die Unterordnung unter die Gesellschaft zur Unterordnung unter die Objektivität. Die ganze Geistesgeschichte zeigt, wie sehr der Intellekt des Einzelnen, bevor er sich dem Objekt unmittelbar gegenübersteht, und von dessen Sachlichkeit den Inhalt seiner Wahrheitsbegriffe zu empfangen, diese ausschließlich mit traditionellen, autoritären, von allen angenommenen Vorstellungsweisen erfüllt. [...] Endlich **findet dieselbe Entwicklung** innerhalb des Moralischen im engeren Sinne **statt**.”

pp. 237-9

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal “**dieselbe [formale] Entwicklung stattfinden**”)
economia, cultura e moral
sociológica, *processual*

S.3.a.33

“Für das Aufwachsen einer objektiven Übermacht, der der ursprünglich und auch weiterhin Befehlende sich gemeinsam mit den ihm Untergeordneten unterzuordnen hat, bietet die neuste Zeit **ein** jenem familiengeschichtlichen **formal verwandtes Beispiel**, insoweit ihre Produktionsweise die objektiven und technischen Elemente über die personalen dominieren lässt.”

p. 241

form + verwandt = ein formal verwandtes Beispiel

família e economia

sociológica, *processual*

S.3.a.34

“Der Stolz und die Arbeitsverachtung der Spanier entsprang daraus, daß sie lange Zeit die unterworfenen Mauren zu ihren Arbeitern hatten; als sie diese und die Juden später vernichtet oder ausgetrieben hatten, blieb ihnen nun freilich noch das Air der Uebergeordneten, während gar kein Untergeordneter mehr da war, der das Korrelat dazu bildete. Zur Zeit ihres höchsten Glanzes wurde es unter den Spaniern direkt ausgesprochen, daß sie als Nation in der Welt die Stelle einnehmen wollten, die im einzelnen Staate die Edelleute, Offiziere und Beamte einnehmen. **Etwas ähnliches**, nur auf soliderer Grundlage, war schon in der spartanischen Kriegerdemokratie **aufgetreten**. Denn, indem sie die benachbarten Stämme unterwarf, sie aber nicht versklavte, sondern ihnen ihr Land ließ und sie nur als Hörige behandelte, wuchsen diese zu einer niederen Schicht zusammen, der gegenüber die Gesamtheit der Vollbürger einen Herrenstand bildete - so sehr sie unter sich demokratisch verfuhr. Dies war nicht eine einfache Aristokratie, die von vornherein mit den rechtloseren Elementen zusammen eine Gruppeneinheit ausgemacht hätte.”

p. 246-7

etwas **ähnliches** auftreten

a aristocracia na Espanha e a democracia militar espartana

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.3.a.35

“Nach diesem Typus vollzog sich ein Teil der englischen Arbeiterrevolution von 1830. Die Arbeiter bildeten, um das parlamentarische Wahlrecht für sich zu gewinnen, eine Vereinigung mit der Reformpartei und den Mittelklassen; das Ergebnis war die Durchbringung eines Gesetzes, das allen Klassen das Wahlrecht verlieh - nur gerade den Arbeitern nicht. **Nach der gleichen Formel** war, etwa im 4. Jahrhundert v. Chr., schon der Ständekampf in Rom verlaufen. Die reichen Plebejer, die das Connubium und eine demokratischere Ämterbesetzung in dem Interesse ihrer Schicht wünschten, schlossen ein Bündnis mit dem Mittelstand und den tiefern Schichten. Der Erfolg der Gesamtbewegung war, daß jene Punkte ihres Programms, die hauptsächlich die Grossbürger angingen, erreicht wurden, die Reformen aber, die dem Mittelstand und den Kleinbauern aufhelfen sollten, sich bald im Sande verliefen. Und **ebenso entwickelte sich** die böhmische Revolution von 1848, in der die Bauern die letzten Reste der Fronverfassung beseitigten. Sowie dies erreicht war, machten sich sofort die Unterschiede in der Lage der Bauern geltend, die vor und während der Revolution auf Grund der gemeinsamen Untertänigkeit zurückgetreten waren. Die niederen Klassen der ländlichen Bevölkerung verlangten Teilung der Gemeindegründe. In den wohlhabenderen Bauern weckte dies sogleich alle konservativen Instinkte, und sie sträubten sich gegen die Ansprüche des ländlichen Proletariats, mit dem zusammen sie eben gegen die Herren gesiegt hatten, ebenso wie diese sich gegen die ihrigen gesträubt hatten.”

pp. 258-9

form + gleich = nach der gleichen Formel// sich entwickeln + ebenso

A revolução inglesa de 1830, a luta de classes em Roma e a revolução boêmia de 1848

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.3.a.36

“Während Persönlichkeit und Leistung ursprünglich eng verschmolzen sind, so bewirkt dann die Arbeitsteilung und die Herstellung der Produkte für den Markt, d. h. für gänzlich unbekannte und gleichgültige Konsumenten, daß die Persönlichkeit sich immer mehr aus der Leistung heraus und auf sich selbst zurückzieht. Nun mag der geforderte Gehorsam noch so unbedingt sein - er dringt mindestens nicht mehr in die für das Lebensgefühl und den Persönlichkeitswert entscheidende Schicht, weil er nur eine technische Notwendigkeit ist, eine Organisationsform, die ebenso auf dem abgegrenzten Gebiet der Äußerlichkeiten verbleibt, **wie** die manuelle Arbeit selbst.

pp. 262-3

wie

forma social e forma cognitiva; subordinação na sociedade moderna e trabalho manual
socialfilosófica

S.3.a.37

“So brachen zur Zeit der Weltmacht Spaniens im spanischen Heer, z. B. in den Niederlanden, periodische Rebellionen aus. Mit so furchtbarer Disziplin es im ganzen zusammengehalten wurde, so zeigte es doch gelegentlich eine ununterdrückbare demokratische Energie. In gewissen, fast berechenbaren Zwischenräumen rebellierten sie gegen die Offiziere, setzten sie ab und wählten eigene Offiziere, die aber unter Aufsicht der Soldaten standen und nichts tun durften, was nicht alle Untergebenen billigten. [...] Die **soziologische Form jener Vorkommnisse** im spanischen Heere zeigten, bei sehr verschiedenem Inhalt, die großen Unzuträglichkeiten, die sich im Anfang des 19. Jahrhunderts in der amerikanischen Episkopalkirche herausstellten. [...] Mit einer kleinen Verschiebung, in der Hauptsache aber doch **formal gleich**, tritt dies **soziologische Vorkommnis** in Beamtenhierarchien ein, wo der Vorgesetzte technisch vom Untergebenen abhängig ist.”

pp. 268-9

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: também destaco: **formal gleich**)

O exército espanhol à época do auge da Espanha como potência mundial, o clero na igreja episcopal americana no começo do século XIX e as burocracias, como a da República romana e da Rússia sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.38

“Am Anfang der gesellschaftlichen Entwicklung muß die Überordnung einer Persönlichkeit über andre der adäquate Ausdruck und Folge persönlicher Ueberlegenheit gewesen sein. [...] Wenigstens müssen wir, da uns das Anfangsstadium gesellschaftlicher Bildung historisch unzugänglich ist, aus methodischem Prinzip die möglichst einfache Annahme: einer annähernden Gleichgewichtslage, machen. Dies **verhält sich wie** mit den kosmologischen Herleitungen. Weil wir den Ausgangszustand des Weltprozesses nicht kennen, mußte man sich bemühen, von dem möglichst Einfachen, der Homogeneität und Gleichgewichtslage der Weltelemente aus, Beginn und Fortschritt der Mannigfaltigkeiten und Differenzierungen zu deduzieren.”

p. 270

sich verhalten + wie

sociologia e cosmologia

epistemológica

S.3.a.39

“Hierbei ist keineswegs nur an die Hierarchie staatlicher Stellungen zu denken. Die Geldwirtschaft schafft auf den von ihr beherrschten Gebieten eine **ganz ähnliche Formung** der Gesellschaft. Der Besitz oder der Mangel einer bestimmten Geldsumme bedeutet eine bestimmte soziale Stellung, fast ganz unabhängig von den personalen Qualitäten dessen, der sie ausfüllt.”

pp. 272-3

form + ähnlich = eine ganz ähnliche Formung

a hierarquia nas posições de governo e o dinheiro

sociológica, *pura*

S.3.a.40

“Die Menschen traversieren durch die Positionen, die bestimmten Geldbesitzen entsprechen, **wie** rein zufällige Ausfüllungen durch feste, gegebene Formen hindurchgehen.”

p. 273

wie

sociedade e natureza; a disposição dos homens na sociedade e a disposição das formas no espaço

ilustrativa, *figurativa*

S.3.a.41

“In der Zeit, als in Deutschland die früheste Verfassung völliger personaler und Besitzgleichheit in der Gemeinde aufgehört hatte, fehlten dem landlosen Manne die aktiven Freiheitsrechte - wenn er nicht ohne jede Verbindung mit dem Gemeinwesen bleiben wollte, mußte er sich einem Herrn anschließen, um so mittelbar als Schutzgenosse an den öffentlichen Verbänden teilzunehmen. Daran, daß er dies tat, hatte die Gesamtheit ein Interesse; denn sie konnte keinen unverbundenen Mann in ihrem Gebiete dulden, und deshalb machte das angelsächsische Gesetz dem Landlosen ausdrücklich zur Pflicht, sich zu verherren. **Ebenso** fordert im mittelalterlichen England das Interesse der Gemeinde, daß der Fremde sich einem Schutzherrn unterstelle.”

p. 277

ebenso

a subordinação de quem não possui terras a um senhor na Alemanha e do estrangeiro a um senhor na Inglaterra medieval

sociológica, *entre exemplos*

S.3.a.42

“Man könnte hier auf die Vorzüge des erblichen - also von den Qualitäten der Person bis zu einem gewissen Grade unabhängigen - Despotismus hinweisen, insbesondere wo es sich um das einheitliche, politische und kulturelle Leben großer Gebiete handelt, und wo er vor der freien Föderation manches voraus hat, was der Prärogative der Ehe über die freie Liebe **ähnlich** ist. Niemand kann leugnen, daß der Zwang des Rechtes und der Sitte unzählige Ehen zusammenhält, die sittlicherweise auseinandergehen müßten: die Personen ordnen sich hier einem Gesetz unter, das für ihren Fall eben nicht passt. In andern aber ist der gleiche Zwang, so hart er momentan und subjektiv empfunden werde, ein unersetzlicher Wert, weil er diejenigen zusammenhält, die sittlicherweise zusammenbleiben sollen, aber in irgendeiner augenblicklichen Verstimmung, Gereiztheit oder Gefühlsschwankung auseinandergehen würden, wenn sie nur könnten, und damit ihr Leben irreparabel verarmen oder zerstören würden. Das Ehegesetz mag inhaltlich gut oder schlecht, für den jeweiligen Fall passend oder nicht sein: der bloße Zwang des Zusammenbleibens, der von ihm ausgeht, entwickelt individuelle Werte eudämonistischer und ethischer Art, - von denen der sozialen Zweckmäßigkeit noch ganz abgesehen - die für den hier vorausgesetzten, vielleicht einseitig pessimistischen Standpunkt, bei Fortfall jedes Zwanges überhaupt nicht zu realisieren wären.”

p. 278

ähnlich

poder a amor

sociológica, *processual*

S.3.a.43

“Für den Bevormundungsstaat des 17. und 18. Jahrhunderts war der Untertan zu keinerlei Mitwirkung an den öffentlichen Angelegenheiten fähig; in politischer Hinsicht blieb er dauernd führungsbedürftig. In dem Augenblick aber, in dem er in ein Staatsamt eintrat, erhielt er mit einem Schlage die höheren Einsichten und den Gemein Sinn, die ihn zur Lenkung der Allgemeinheit befähigten - als ob durch die Beamtung aus dem Unmündigen **wie** durch generatio aequivoca nicht nur der Mündige, sondern der Führer, mit allen erforderlichen Eigenschaften des Intellekts und Charakters, entsprungen wäre.”

p. 282

wie

sociologia e biologia: generatio aequivoca (geração espontânea)

ilustrativa, *conceitual*

Anexo 1.4. Soziologie, capítulo 4

S.4.a.[1-.41]

S.4.a.1

“Ist auf sie hin der Kampf erst ausgebrochen, so ist er eigentlich die Abhilfsbewegung gegen den auseinanderführenden Dualismus, und ein Weg, um zu irgendeiner Art von Einheit, wenn auch durch Vernichtung der einen Partei, zu gelangen - ungefähr **wie** die heftigsten Erscheinungen der Krankheit gerade oft die Anstrengungen des Organismus darstellen, sich von Störungen und Schädlichkeiten zu befreien.”

p. 284

wie

sociologia e biologia; a luta como forma de socialização e as manifestações do organismo durante a doença

epistemológica

S.4.a.2

“**Wie** der Einzelne die Einheit seiner Persönlichkeit doch nicht nur so gewinnt, daß ihre Inhalte nach logischen oder sachlichen, religiösen oder ethischen Normen restlos harmonieren, sondern wie Widerspruch und Streit nicht nur solcher Einheit vorangehen, sondern in jedem Augenblick ihres Lebens in ihr wirksam sind - **so** dürfte es keine soziale Einheit geben, in der die konvergierenden Richtungen der Elemente nicht von divergierenden unablässig durchzogen wären.”

p. 285

wie + so

formação individual e formação social; a unidade da personalidade e a unidade social

sociafilosófica

S.4.a.3

“**Wie** der Kosmos Liebe und Haß, attraktive und repulsive Kräfte braucht, um eine Form zu haben, **so** braucht auch die Gesellschaft irgendein quantitatives Verhältnis von Harmonie und Disharmonie, Assoziation und Konkurrenz, Gunst und Mißgunst, um zu einer bestimmten Gestaltung zu gelangen.”

p. 286

wie + so

o cosmos e a sociedade

ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.4

“Und zwar nicht nur um der - hier indes nicht wesentlichen - Tatsache willen, daß Bedrückungen sich zu steigern, pflegen, wenn man sie sich ruhig und ohne Protest gefallen läßt; sondern die Opposition gewährt uns eine innere Genugtuung, Ablenkung, Erleichterung - **wie** es unter anderen psychologischen Umständen gerade die Demut und Geduld tut.”

p. 289

wie

inquietação e paciência; a oposição é, em determinadas circunstâncias psicológicas(1), aquilo o que a humildade e a paciência são em outras circunstâncias psicológicas(2)
socialpsicológica

S.4.a.5

“Wenn demnach die streitmäßigen Beziehungen auch nicht für sich allein ein gesellschaftliches Gebilde ergeben, sondern immer nur in der Korrelation mit vereinheitlichenden Energien, so daß beide zusammen erst die konkrete Lebenseinheit der Gruppe ausmachen - so unterscheiden sich die ersteren insofern kaum von den sonstigen Beziehungsformen, die die Soziologie der Vielfachheit des wirklichen Daseins entnimmt. Weder Liebe noch Arbeitsteilung, weder gemeinsames Verhalten zu einem Dritten noch Freundschaft, weder Parteizugehörigkeit noch Über- und Unterordnung dürfte alleinherrschend eine historische Einung zustande bringen oder dauernd tragen, und wo dies dennoch der Fall ist, enthält der so bezeichnete Prozeß schon eine Mehrheit unterscheidbarer Beziehungsformen; es ist nun einmal das Wesen menschlicher Seelen, **sich nicht von einem Faden aneinanderbinden zu lassen**, so sehr die wissenschaftliche Analyse auch erst bei den elementaren Einheiten in ihrer spezifischen Bindekraft halt macht. Ja, vielleicht ist diese ganze Zerlegung noch in einem hierüber hinausgehenden und scheinbar umgekehrten Sinn ein bloß subjektives Tun: vielleicht sind die Verbindungen zwischen den einzelnen Elementen allerdings oft ganz einheitlich, aber *diese* Einheit ist unserem Verstande ungreifbar - gerade bei den reichsten und von mannigfaltigsten Inhalten lebenden Beziehungen wird uns diese mystische Einheit am stärksten bewußt - und es bleibt nur übrig, sie als die Zusammenwirkksamkeit einer Mehrheit verbindender Energien darzustellen. Diese beschränken und modifizieren sich gegenseitig, bis das Bild herauskommt, das die objektive Wirklichkeit auf einem viel einfacheren, einheitlichen, aber für den nachzeichnenden Verstand ungangbaren Wege erreicht hat. **So verhalten sich** doch auch die Vorgänge in der Einzelseele. In jedem Augenblick sind diese so komplizierter Art, bergen eine solche Fülle mannigfaltiger oder gegensätzlicher Schwingungen, daß ihre Bezeichnung durch *einen* unserer psychologischen Begriffe immer unvollkommen und eigentlich fälschlich ist: auch zwischen den Lebensmomenten der individuellen Seele **spannt sich nie nur ein Faden**. Dennoch ist auch dies nur ein Bild, das das analytische Denken sich von der ihm unzugänglichen Einheit der Seele macht. Sicherlich ist vieles, was wir als Mischgefühl, als Zusammensetzung vielfacher Triebe, als Konkurrenz entgegengesetzter Empfindungen vorstellen müssen, in sich völlig einheitlich; aber dem nachrechnenden Verstande fehlt vielfach das Schema für diese Einheit, und so muß er sie als eine Resultante mehrfacher Elemente konstruieren.”

pp. 191-2

sich verhalten + so// paralelismo sintático (repetição de **ein... Faden**, em que “ein” aparece itálico por Simmel)

formação individual e formação social; a unidade da personalidade e a unidade social
socialfilosófica

S.4.a.6

“Viel weniger markante Vorkommnisse scheinen mir einen abstrakten Oppositionstrieb deutlicher zu verraten: der leise, oft kaum bewußte, oft sogleich verfliegende Anreiz, einer Behauptung oder Anforderung, namentlich wenn sie uns in kategorischer Form entgegentritt, die Verneinung entgegenzusetzen. [...] Und wenn man dies etwa wirklich als einen Schutzinstinkt bezeichnen wollte - **wie** manche Tiere auf bloße Berührung hin ihre Schutz- oder Angriffsvorrichtungen automatisch hervorstrecken -, so würde dies gerade den primären, fundamentalen Charakter der Opposition beweisen; denn es hieße, daß die Persönlichkeit, selbst wo sie gar nicht angegriffen wird, sondern rein objektiven Äußerungen

anderer gegenüber, sich nicht anders als durch Opposition behaupten kann, daß der erste Instinkt, mit dem sie sich bejaht, die Verneinung des anderen ist."

pp. 298-9

wie

comportamento social e comportamento animal
ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.7

"Es zeigt dieselbe Grundtatsache, nur wie in einer anderen Wendung, daß uns jene leichten, unser Bild eines anderen nur **wie** ein Schatten überfliegenden Präjudizierungen auch von ganz indifferenten Persönlichkeiten suggeriert werden können, während ein günstiges Vorurteil schon eines autoritativen oder uns gemächlich nahestehenden Veranlassers bedarf."

p. 300

wie

o preconceito e a sombra
ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.8

"Denn zunächst schränkt doch auch der spontanste Trieb seine Souveränität so weit ein, daß er sich nicht an jedes beliebige, sondern nur an irgendwie zusagende Objekte wendet: der Hunger entsteht gewiß vom Subjekt aus, ohne erst vom Objekt her aktualisiert zu sein, und doch wird er sich nicht auf Steine und Holz, sondern nur auf irgendwie eßbare Gegenstände stürzen. **So** wird auch Liebe und Haß, so wenig ihre Triebe auf äußere Erregung zurückgehen mögen, doch irgendeiner, ihnen entgegenkommenden Struktur ihrer Gegenstände bedürfen und erst unter dieser Mitwirkung die Gesamterscheinung ergeben."

p. 303

so

a fome e o amor/ódio; do ponto de vista psicológico, a fome é em relação a determinados objetos(1) aquilo que o amor ou o ódio são em relação a outros objetos(2)
socialpsicológica

S.4.a.9

"Von der andern Seite her ist es mir wahrscheinlich, daß der Feindseligkeitstrieb, wegen seines formalen Charakters, im allgemeinen nur zu material veranlaßten Kontroversen verstärkend, **gleichsam** als Pedal, hinzutritt. Und wo ein Kampf aus reiner, formaler Lust am Kampfe, die also ganz unpersönlich, gegen den Inhalt wie gegen den Gegner prinzipiell gleichgültig ist, entspringt - da wächst seinem Verlaufe doch unvermeidlich Haß und Wut gegen den Gegner als Person, wenn möglich auch das Interesse an einem Kampfpfeis zu, weil diese Affekte die seelische Kraft des Kämpfens nähren und steigern."

p. 303

gleichsam

sociologia e música: o pedal
ilustrativa, *conceitual*

S.4.a.10

"Das Kampfprinzip und das der Vereinigung, das die Gegensätze einheitlich zusammenhält, stellt dieses Beispiel fast mit der Reinheit abstrakter Begriffe nebeneinander und enthüllt so, wie eines erst an dem andern zu seinem vollen soziologischen Sinn und Wirksamkeit gelangt. **Die gleiche Form beherrscht**, wenn auch nicht in dieser Sauberkeit und Unvermischtheit der Elemente, den Rechtsstreit."

p. 305

form + gleich = die gleiche Form beherrscht

os jogos de luta e as disputas jurídicas
sociológica, *pura*

S.4.a.11

"Die gemeinsame Unterordnung unter das Gesetz, die beiderseitige Anerkennung, daß die Entscheidung nur nach dem objektiven Gewicht der Gründe erfolgen soll, die Einhaltung von Formen, die für beide Parteien undurchbrechlich gelten, das Bewußtsein, bei dem ganzen Verfahren von einer sozialen Macht und Ordnung umfaßt zu sein, die ihm erst Sinn und Sicherheit gibt - all dies läßt den Rechtsstreit auf einer breiten Basis von Einheitlichkeiten und Übereinstimmungen zwischen den Feinden ruhen; **so** bilden, nur in geringerem Maße, die Parteien einer Verhandlung, eines kaufmännischen Geschäftes eine Einheit, indem sie, bei aller Entgegengesetztheit der Interessen, gemeinsam verbindende - verbindliche - Normen anerkennen."

pp. 306-7

so

a disputa jurídica e os negócios
sociológica, *pura*

S.4.a.12

“Wo die gleiche Differenzierung den Streit umgekehrt nur auf der Seite unpersönlicher Interessen übrig läßt, werden gleichfalls zwar die unnützen Verschärfungen und Erbitterungen wegfallen, mit denen sich die Verpersönlichung sachlicher Kontroversen zu rächen pflegt; andererseits aber kann das Bewußtsein, nur der Vertreter überindividueller Ansprüche zu sein, nicht für sich, sondern nur für die Sache zu kämpfen, dem Kampfe einen Radikalismus und eine Schonungslosigkeit geben, **die ihre Analogie** an dem gesamten Verhalten mancher sehr selbstloser, sehr ideal gesonnener Menschen **findet**: weil sie auf sich selbst keine Rücksicht nehmen, so nehmen sie sie auch nicht auf andere und halten sich für durchaus berechtigt, der Idee, der sie sich selbst opfern, auch jeden anderen zu schlachten.”

p. 308

referência explícita à analogia

a luta pela luta e o comportamento altruísta

sociológica, *pura*

S.4.a.13

“Der so geformte Gegensatz zwischen Einheit und Antagonismus spannt sich vielleicht da am fühlbarsten, wo beide Parteien wirklich eines und dasselbe Ziel verfolgen, also etwa die Ergründung einer wissenschaftlichen Wahrheit. Hier würde jede Nachgiebigkeit, jeder höfliche Verzicht auf die unbarmherzige Bloßstellung des Gegners, jeder Friedensschluß vor völlig entschiedenem Sieg ein Verrat an derjenigen Sachlichkeit sein, um derentwillen die Personalität des Kampfes ausgeschlossen worden ist.

Zu der gleichen Form entwickeln sich, bei unendlicher sonstiger Verschiedenheit, die sozialen Kämpfe seit Marx. Indem erkannt ist, daß die Lage der Arbeiter durch die objektiven Produktionsbedingungen und -formen bestimmt ist, unabhängig von dem Wollen und Können der Einzelpersonen, geht die persönliche Erbitterung der prinzipiellen wie der lokalen Kämpfe sichtlich zurück. Der Unternehmer ist nicht mehr als solcher schon ein Blutsauger und verdammungswürdiger Egoist, der Arbeiter nicht mehr unter allen Umständen von sündhafter Begehrlichkeit, beide Parteien beginnen zum mindesten, sich ihre Forderungen und Taktiken nicht mehr als persönliche Böswilligkeiten ins Gewissen zu schieben.”

pp. 308-9

sich entwickeln + die gleiche Form

a ciência e a luta de classes

sociológica, *processual*

S.4.a.14

“Eine Gegnerschaft muß das Bewußtsein um so tiefer und heftiger erregen, von einer je größeren Gleichheit unter den Parteien sie sich abhebt. Bei friedlicher oder liebevoller Gesinnung ist dies eine ausgezeichnete Schutzvorrichtung der Vereinigung, **vergleichbar** der Warnungsfunktion des Schmerzes innerhalb des Organismus; denn gerade die energische Bewußtheit, mit der sich die Dissonanz bei sonst durchgehender Harmonie des Verhältnisses geltend macht, mahnt sogleich zur Beseitigung des Streitgrundes, so daß er nicht erst im Halbbewußtsein sich weiter und bis zu dem Fundament der Beziehung durchnagt.”

p. 312

vergleichbar

sociologia e biologia; a hostilidade em relação ao outro e a dor

epistemológica

S.4.a.15

“Man könnte auf die paradoxe Vermutung kommen, daß bei Naturen, die zu dem allerengsten Gefühlsverhältnis bestimmt sind, dieser Turnus durch eine instinktive Zweckmäßigkeit hervorgerufen wäre, um dem definitiven Gefühl durch sein entgegengesetztes Präludium - **wie** durch einen Anlaufrückschritt - die leidenschaftlichste Zuspitzung und Bewußtsein dessen, was man nun gewonnen hat, zu verschaffen.”

p. 314

wie

psicologia e biomecânica; o passo para trás que antecede o salto

ilustrativa, *conceitual* (*atípica)

S.4.a.16

“Aus diesen Konstellationen entspringt die Heftigkeit, mit der z. B. Streitigkeiten innerhalb einer politischen Fraktion oder eines Gewerkvereins oder einer Familie ausgefochten werden. Die Einzelseele **bietet** hierzu **eine Analogie**. Das Gefühl, daß ein Konflikt zwischen sinnlichen und asketischen, oder selbstsüchtigen und sittlichen, oder praktischen und intellektualistischen Strebungen in uns nicht nur die Ansprüche einer

oder beider Parteien herabsetzt und keine zu einem ganz freien Sich-Ausleben kommen läßt, sondern auch die Einheit, das Gleichgewicht und das Kraftmaß der Seele als ganzer oft genug bedroht - dieses Gefühl mag in manchen Fällen den Konflikt von vornherein niederhalten; wo es aber dazu nicht zureicht, gibt es dem Kampf umgekehrt etwas Erbittertes und Verzweifelteres, einen Akzent, als ob hier eigentlich noch um viel Wesentlicheres gekämpft werde, als um den unmittelbar fraglichen Streitgegenstand; die Energie, mit der eine jede jener Tendenzen die andere unterjochen möchte, wird nicht nur von ihrem sozusagen egoistischen Interesse genährt, sondern von dem darüber weit hinausgreifenden an der Einheit des Ich, für die dieser Kampf ein Zerreißen und ein Zerfallen bedeutet, wenn er nicht mit einem eindeutigen Siege endet. **So** wächst der Streit innerhalb einer eng verbundenen Gruppe oft genug über das Maß hinaus, das sein Gegenstand und dessen unmittelbares Interesse für die Parteien rechtfertigen würde; denn an dieses heftet sich jetzt noch das Gefühl, daß der Streit nicht nur eine Angelegenheit der Parteien, sondern der Gruppe als ganzer ist, daß jede Partei sozusagen in dem Namen dieser kämpft, und in dem Gegner nicht nur ihren Gegner, sondern zugleich den ihrer höheren soziologischen Einheit zu hassen hat.”

pp. 317-8

referência explícita à analogia// **so**

formação individual e formação social; os conflitos internos ao indivíduo e os conflitos internos à sociedade socialfilosófica

S.4.a.17

“Freilich wird gerade durch diesen Rechtsanspruch die Eifersucht oft zu dem erbarmungswürdigsten Schauspiel: auf Gefühle, wie Liebe und Freundschaft, Rechtsansprüche geltend zu machen, ist ein Versuch mit einem völlig untauglichen Mittel. Die Ebene, in die man vom Boden eines Rechtes, eines äußerlichen oder innerlichen, aus greifen kann, berührt sich überhaupt nicht mit der, in der jene Gefühle liegen; sie mit einem bloßen Rechte, so tief und wohlerworben dies auch nach andren Richtungen hin sein mag, erzwingen zu wollen, ist so sinnlos, **wie** wenn man den davongeflogenen Vogel, der längst außer Hör- und Sehweite ist, in seinen Käfig zurückbefehlen wollte.”

p. 321

wie

o ciúme e o pássaro na gaiola

ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.18

“**Der Kaufmann, der** seinen Konkurrenten erfolgreich beim Publikum der Unsolidität verdächtigt hat, hat **damit noch nichts** gewonnen, **wenn** die Bedürfnisse des Publikums etwa plötzlich von der Warensorte, die er selbst anbietet, abgelenkt werden; **der Liebhaber, der** seinen Nebenbuhler verscheucht oder unmöglich gemacht hat, ist **damit noch keinen** Schritt weiter, **wenn** die Dame nun auch ihm ihre Neigung vorenthält; **einer Konfession, die** um den Gewinn eines Proselyten streitet, braucht dieser **noch lange nicht** darum anzuhängen, daß sie die konkurrierende durch den Nachweis ihrer Unzulänglichkeit aus dem Felde geschlagen hat - **wenn** ihr nicht aus dem Gemüte jenes die Bedürfnisse entgegenkommen, die sie positiv befriedigen kann. Der Konkurrenzkampf erhält bei diesem Typus seine Färbung dadurch, daß die Entscheidung des Kampfes für sich noch nicht den Zweck des Kampfes realisiert, wie überall da, wo Zorn oder Rache, Strafe oder der ideale Wert des Sieges als solchen den Kampf motiviert.

pp. 323-4

paralelismo sintático (repetição da mesma estrutura frasal)

o comerciante, o pretendente e uma confissão religiosa

sociológica, *entre exemplos*

S.4.a.19

“Noch mehr vielleicht unterscheidet sich der zweite Typus der Konkurrenz von andern Kämpfen. Bei diesem besteht der Kampf überhaupt nur darin, daß jeder der Bewerber für sich auf das Ziel zustrebt, ohne eine Kraft auf den Gegner zu verwenden. **Der Wettläufer, der nur durch** seine Schnelligkeit, **der Kaufmann, der nur durch** den Preis seiner Ware, **der Proselytenmacher, der nur durch** die innere Überzeugungskraft seiner Lehre wirken will, exemplifizieren diese merkwürdige Art des Kampfes, die an Heftigkeit und leidenschaftlichem Aufgebot aller Kräfte jeder andern gleichkommt, zu dieser äußersten Leistung auch nur durch das wechselwirkende Bewußtsein von der Leistung des Gegners gesteigert wird, und doch, äußerlich angesehen, so verfährt, als ob kein Gegner, sondern nur das Ziel auf der Welt wäre.

p.324

paralelismo sintático (repetição da mesma estrutura frasal)

o velocista, o comerciante e o proselitista

sociológica, *entre exemplos*

S.4.a.20

“Durch die unabgelenkte Richtung auf die Sache kann diese Konkurrenzform Inhalte aufnehmen, bei denen der Antagonismus ein rein formaler wird und nicht nur einem gemeinsamen Zweck beider dient, sondern sogar den Sieg des Siegers dem Besiegten zugute kommen läßt. Bei der Belagerung von Malta durch die Türken 1565 verteilte der Großmeister die Forts der Insel unter die verschiedenen Nationen, denen die Ritter angehörten, damit der Wettstreit, welche Nation die tapferste sei, für die Verteidigung des Ganzen ausgenutzt würde. Hier liegt also eine echte Konkurrenz vor, während doch jede Schädigung des Gegners, die seine volle Kraftentfaltung im Wettstreit unterbinden könnte, von vornherein ausgeschlossen ist. [...] **Ähnlich** zeigt jede durch Ehrgeiz veranlaßte Konkurrenz auf wissenschaftlichem Gebiet einen Kampf, der sich nicht gegen den Gegner, sondern auf das gemeinsame Ziel richtet, wobei supponiert wird, daß die von dem Sieger gewonnene Erkenntnis auch für den Unterlegenen Gewinn und Förderung ist.”

pp. 324-5

ähnlich

o cerco de Malta pelo Império Otomano em 1565 e o campo científico sociológica, *entre exemplos*// sociológica, *processual*

S.4.a.21

“Das wertvollste Objekt für den Menschen ist der Mensch, unmittelbar wie mittelbar. Letzteres, weil in ihm die Energien der untermenschlichen Natur aufgespeichert sind, **wie** in dem Tiere, das wir verzehren oder für uns arbeiten lassen, die des Pflanzenreiches, und **wie** in diesem die von Sonne und Erdboden, Luft und Wasser.”

pp. 329-30

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais
ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.22

“Den gleichen Gesamteffekt hat die gerade umgekehrte Struktur: **vergleichbar** der Zusammensetzung des Schiffsbodens aus vielen gegeneinander fest abgeschlossenen Kammern, so daß bei einer Verletzung des Bodens das Wasser sich doch nicht durch den ganzen Raum ergießen kann. Das Sozialprinzip ist hier also gerade eine gewisse Abschnürung der miteinander kollidierenden Parteien, die so, was sie sich gegenseitig antun, miteinander abzumachen, ihre Beschädigungen allein zu tragen haben, ohne daß der Bestand des Ganzen dadurch geschädigt würde.”

p. 332

vergleichbar

a sociedade e o barco; as relações sociais regidas pelo princípio do isolamento mecânico dos indivíduos e a estrutura do barco
ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.23

“**Ähnlich verhält es sich**, wo nicht die organische Einheit des Ganzen, sondern die mechanische Gleichheit der Teile in Frage steht.”

p. 339

sich verhalten + ähnlich

a unidade orgânica do todo e a igualdade mecânica das partes
sociológica, *pura*

nota: essa analogia remete ao conteúdo intergal dos dois parágrafos; por razões de espaço, apresento apenas o ponto em que a analogia é formulada. Neste caso muito específico, Simmel aponta a existência de um comportamento semelhante (análogo) para “ligar” dois parágrafos e dar coesão ao seu texto.

S.4.a.24

“Wenn man die ökonomische, soziale, familiäre, ja physische Existenz jemandes durch unmittelbaren Angriff derart zerstören würde, wie es durch Konkurrenz geschehen kann - indem nur **eine** Fabrik **neben der seinigen** errichtet, **eine** Amtsbewerbung **neben der seinigen** angebracht, **eine** Preisschrift **neben der seinigen** eingereicht wird so würde sogleich das Strafgesetz eingreifen.”

p. 343

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

a construção de uma fábrica próxima de outra, a tentativa de tomada de um emprego de outro e a submissão de um texto já premiado para um concurso
sociológica, *entre exemplos*

S.4.a.25

“Und die Exkulpierung durch die Gleichartigkeit der Bedingungen, die Freiwilligkeit der ganzen Aktion und die Gerechtigkeit, mit der der Erfolg der Konkurrenz den eingesetzten Kräften folgt - diese wäre gegen die

Bestrafung fast aller Arten von Zweikämpfen ebenso gut anzuführen. Wenn in einer von beiden Seiten freiwillig und unter gleichen Bedingungen begonnenen Rauferei der eine Teil schwer verletzt wird, so ist die Bestrafung des andern insoweit durchaus nicht logisch konsequenter, als die eines Kaufmannes wäre, der mit loyalen Mitteln seinen Konkurrenten zugrunde gerichtet hat. [...] Die Gesellschaft würde nicht zugeben, daß ein Einzelner einen andern Einzelnen unmittelbar und nur zu seinem eigenen Vorteil in der eben charakterisierten Weise beschädigte; aber sie duldet es, weil diese Schädigung auf dem Umwege über eine objektive Leistung, die für eine unbestimmbare Zahl von Individuen wertvoll ist - gerade **wie** unser Staat auch das Offiziersduell nicht zugeben würde, wenn hier wirklich nur das persönliche Interesse eines Einzelnen die Vernichtung eines andern forderte, und nicht die innere Kohärenz des Offizierkorps aus diesem Ehrbegriff eine Kraft zöge, deren Vorteil für den Staat das Opfer des Einzelnen aufwiegt."

p. 344

wie

a concorrência (entre comerciantes) e o duelo
sociológica, *pura*

S.4.a.26

"Ausdrücklich schliesst ein Kommentar des deutschen Gesetzes folgenden Fall von ihm aus: es setze jemand neben einen Kleiderhändler ein großartiges Konkurrenzgeschäft und verkaufe so lange zu Schleuderpreisen, die er in marktschreierischen Reklamen bekannt macht, bis er den kleinen Geschäftsmann vernichtet hat. Hier liegt die brutalste Vergewaltigung vor, und das **Verhältnis** der beiden Konkurrenten **ist**, individualistisch betrachtet, sicher **kein andres als** zwischen einem starken Räuber und seinem schwachen Opfer. Allein vom sozialen Standpunkt aus ist es lautere, d. h. ausschließlich durch das Objekt und den Dritten hindurchgeleitete Konkurrenz - denn auch die Reklame, sobald sie nur Wahres mitteilt, dient dem Publikum."

pp. 346-7

kein andres + das Verhältnis (+ sein)

uma grande empresa diante de uma pequena empresa e um ladrão diante de sua vítima
socialpsicológica// ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.27

"Die tägliche Erfahrung zeigt, wie leicht ein Streit zwischen zwei Individuen das einzelne nicht nur in seiner Beziehung zum andern, sondern auch in sich selbst verändert; [...] Unsere Sprache bietet eine außerordentlich treffende Formel für das Wesentliche dieser immanenten Veränderungen: der Kämpfende muß sich »zusammennehmen«, d. h. all seine Energien müssen gleichsam in einem Punkt konzentriert sein, damit sie in jedem Augenblick in der gerade erforderlichen Richtung verwendet werden können. Im Frieden mag er »sich gehen lassen« – *sich*, d. h. die einzelnen Kräfte und Interessen seines Wesens, die sich nach verschiedenen Seiten hin unabhängig voneinander entfalten mögen. [...] Das **formal gleiche Verhalten** wird in der gleichen Situation von der Gruppe gefordert. Diese Notwendigkeit der Zentralisierung, des straffen Zusammennehmens aller Elemente, das allein ihre Verwendung für die jeweiligen Erfordernisse ohne Kraft- und Zeitverschwendung gewährleistet - ist im Streitfall so selbstverständlich, daß sie, in unzähligen historischen Beispielen, auch die vollkommenste Demokratie der Friedenszeit überwindet; anhebend etwa von den bekannten Unterschieden der Friedens- und der Kriegoorganisationen der nordamerikanischen Indianer bis zu den Londoner Schneidergesellen, die im ersten Viertel des 19. Jahrhunderts ganz verschiedene Organisationen besaßen, für den Frieden und für den Krieg mit den Unternehmern. In ruhigen Zeiten bestand sie aus kleinen autonomen allgemeinen Versammlungen in 30 Herbergen."

pp. 350-1

form + gleich = das formal gleich Verhalten

formação individual e formação social; a estrutura da personalidade individual em tempos de guerra e em tempos de paz, de um lado, e a organização da sociedade em tempos de guerra e em tempos de paz, de outro
socialfilosófica

S.4.a.28

"Die königliche Arbeiterkommission in England urteilte 1894, daß die feste Organisierung der Arbeiter für die Unternehmer in einem Gewerbe günstig sei, und ebenso die der Unternehmer für die Arbeiter. Denn der Erfolg davon wäre freilich, daß ein ausbrechender Streik große Ausdehnung und Dauer gewinnen könne; allein, dies sei noch immer für beide Gegner vorteilhafter und sparsamer als die vielen lokalen Handel, Arbeitseinstellungen und kleinlichen Konflikte, die bei dem Mangel einer straffen Organisation der Parteien nicht abrisen. Gerade **wie** ein Krieg zwischen modernen Staaten, so zerstörend und kostspielig er sein mag, noch immer eine, bessere Gesamtbilanz ergibt, als die unaufhörlichen kleinen Kämpfe und Reibereien in Perioden, in denen die Regierungen weniger stark zentralisiert waren."

p. 352

wie

a luta de classes e a guerra
sociológica, *pura*

S.4.a.29

“Er zeigt als die objektive Idealform der Kampfverfassung jene Zentripetalität, die das sachliche Resultat des Kampfes auf dem sichersten und kürzesten Wege herausstellt; diese **gleichsam** über die Parteien hinausgreifende Teleologie läßt schließlich jede einzelne Partei ihre Rechnung dabei finden und vermag das scheinbar Widerspruchsvolle, für jede den Vorteil des Gegners zu einem eigenen Vorteil zu gestalten.”

p. 353

gleichsam

sociologia e filosofia: teleologia
ilustrativa, *conceitual*

S.4.a.30

“**Wenn** eine politische Partei, die mannigfaltige Interessenrichtungen vereint, sich in eine sehr entschiedene und einseitige Kampfposition gedrängt sieht, **so** ist gerade dies eine Gelegenheit zu Sezessionen; in solchen Augenblicken bleibt nur übrig, entweder der inneren Gegenstreben zu vergessen oder sie durch die Ausscheidung gewisser Mitglieder zu reinlichem Ausdruck zu bringen. **Enthält** eine Familie Individualitäten von starker, aber latenter Diskrepanz, **so** wird der Augenblick, wo eine Gefahr oder ein Angriff sie zu möglichster Geschlossenheit drängt, gerade derjenige sein, der ihre Einheit auf lange sichert oder sie dauernd zerstört, an dem sich haarscharf entscheidet, wie weit eine Kooperation solcher Persönlichkeiten möglich ist. **Wenn** eine Schulklasse einen Streich gegen den Lehrer oder eine Prügelei mit einer andern Klasse vorhat, **so** pflegt dies zwar einerseits allerhand innere Feindschaften zum Schweigen zu bringen, andererseits aber veranlaßt es doch immer gewisse Schüler, sich von den übrigen zu trennen, nicht nur aus sachlichen Motiven, sondern weil sie mit diesen und jenen andern, mit denen sie in andern Hinsichten ohne weiteres in dem Rahmen der Klasse kooperieren, doch bei so entschiedenen Attacken nicht an einem Strange ziehen mögen.”

p. 354

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

partido político, família e a classe na escola
sociológica, *entre exemplos*

S.4.a.31

“Von dem Protestantismus hat man dies nach verschiedenen Seiten hin hervorgehoben. Da eben der Protest für ihn wesentlich wäre, so verlöre er, sobald der Gegner, gegen den er protestiert, ihm außer Schußweite kommt, seine Energie oder seine innere Einheit; ja, diese letztere sogar bis zu dem Grade, daß er in diesem Fall den Konflikt mit dem Feinde in sich selbst wiederholte und in eine freiheitliche und eine orthodoxe Partei auseinanderbräche; gerade **wie** in der Parteigeschichte Nordamerikas mehrfach das völlige Zurücktreten der einen von den beiden großen Parteien zur unmittelbaren Folge hatte, daß die andre sich in Untergruppen mit Parteigegensätzen auflöste.”

p. 359

wie

as seitas protestantes e os partidos políticos americanos
sociológica, *entre exemplos*

S.4.a.32

“Die Energie, mit der der Kampf nach dieser Richtung wirkt, wird am entschiedensten wohl daran deutlich, daß die Verbindung zwischen Kampfsituation und Vereinheitlichung stark genug ist, um auch schon in umgekehrter Richtung bedeutsam zu werden. Psychologische Assoziationen zeigen allgemein ihre Stärke daran, daß sie auch rückläufig wirksam sind; wenn z. B. eine bestimmte Persönlichkeit unter dem Begriff des Helden vorgestellt wird, so erweist sich die Verbindung zwischen beiden Vorstellungen dann als die festeste, wenn man den Begriff des Helden überhaupt nicht denken kann, ohne daß das Bild jener Persönlichkeit sich einstellt. **So** ist die Vereinigung zum Zweck des Kampfes ein so unzählige Male erfahrener Vorgang, daß manchmal schon die bloße Verbindung von Elementen, auch wo sie zu keinerlei aggressiven oder überhaupt streitmäßigen Zwecken geschlossen ist, anderweitigen Instanzen als bedrohlicher und feindseliger Akt erscheint.”

p. 360

so

forma social e forma cognitiva; a luta enquanto forma de socialização e o carácter vinculante da associação psicológica (ilustrada pelo conceito do herói)
socialfilosófica (*atípica)

S.4.a.33

“**Wie** der Allgemeinbegriff, der eine Anzahl von Einzelwesen umfassen soll, um so abstrakter ist, d. h. sich um so weiter von jedem einzelnen dieser letzteren entfernt, je mehr und je unter sich verschiedenere es sind, **so** scheint auch ein sozialer Vereinigungspunkt, der von den zu vereinigenden Elementen einen weiteren Abstand hat - und zwar sowohl im räumlichen wie im übertragenen Sinne, - spezifisch zusammenschließende und umfassende Wirkungen zu üben.”

p. 366

wie + so

forma social e forma cognitiva; o objeto “distante” como fator de coesão do grupo e o conceito universal (que está a uma distância relativa maior das representações singulares)
socialfilosófica

S.4.a.34

“Es sei also z. B. der Weltprozeß ein ewiger Wechsel von qualitativer Gleichmäßigkeit vereinter Stoffmassen und differenzierter Zerstreuung ebenderselben, und wir mögen überzeugt sein, daß immer aus dem einen das andre und dann wieder aus dem andren das eine hervorgeht; aber, wie unsere Begriffskategorien nun einmal funktionieren, halten wir doch den Zustand der Undifferenziertheit für den ersten, d. h. unser Erklärungsbedürfnis fordert viel mehr, die Mannigfaltigkeit aus der Einheit, als umgekehrt herzuleiten, obgleich es objektiv vielleicht richtiger wäre, keine von beiden als die erste, sondern einen unendlichen Rhythmus anzunehmen, in dem wir bei keiner errechneten Stufe halt zu machen, sondern sie stets aus einer früheren, entgegengesetzten, herzuleiten haben. **Ähnlich** steht es mit den Prinzipien der Ruhe und Bewegung. So sehr sie im Ganzen wie in den einzelnen Reihen des Daseins einander endlos ablösen, so pflegt man doch den Zustand der Ruhe als den ursprünglichen oder auch als den definitiven zu empfinden, der sozusagen für sich keiner Herleitung bedürfe. [...] Und **so verhält sich** Kampf und Frieden. Im Nacheinander wie im Nebeneinander des gesellschaftlichen Lebens verschlingen sie sich derartig, daß sich in jedem Friedenszustand die Bedingungen für den künftigen Kampf, in jedem Kampf die für den künftigen Frieden herausbilden; verfolgt man die sozialen Entwicklungsreihen unter dieser Kategorie rückwärts, so kann man nirgends haltmachen, in der geschichtlichen Wirklichkeit weisen beide Zustände ununterbrochen auf einander hin.”

pp. 368-9

ähnlich// sich verhalten + so

filosofia (metafísica), filosofia (física) e sociologia; três pares opositivos análogos: a) unificação e diferenciação, b) repouso e movimento, e c) conflito e paz
epistemológica (*atípica)

S.4.a.35

“Dennoch empfinden wir in diese Reihe einen inneren Unterschied ihrer Glieder hinein: der Kampf erscheint als das Vorläufige, dessen Zweck in dem Frieden und seinen Inhalten liegt. Während der Rhythmus dieser Elemente, objektiv betrachtet, völlig auf einem Niveau gleichwertig verläuft, bildet unser Wertgefühl **gleichsam** jambische Perioden daraus, mit dem Krieg als Thesis und dem Frieden als Arsis.”

pp. 369-70

gleichsam

sociologia e arte: iambo
ilustrativa, *conceitual*

S.4.a.36

“Anders aber in der umgekehrten Folge: der Frieden setzt sich nicht ebenso unmittelbar an den Streit an, die Streitbeendigung ist eine besondere Vornahme, die weder in die eine noch in die andre Kategorie gehört, **wie** eine Brücke anderen Wesens ist, wie jedes der Ufer, die sie verbindet. Die Soziologie des Kampfes fordert deshalb, mindestens als Anhang, eine Analyse der Formen, in denen ein Kampf sich beendet, und die einige besondere, unter keinen andren Umständen beobachtete Wechselwirkungen darbieten.”

pp. 370-1

wie

o fim da luta e a ponte
ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.37

“Jeder Konflikt, der nicht absolut unpersönlicher Art ist, macht sich die verfügbaren Kräfte des Individuums dienstbar, er wirkt **wie** ein Kristallisationspunkt, um den herum sich diese in größerer oder geringerer Entfernung anordnen - die Form der Kern- und der Hilfstruppen innerlich wiederholend -, und gibt damit dem ganzen Komplex der Persönlichkeit, sobald sie kämpft, eine eigenartige Struktur.”

p. 372

wie

sociologia e química: ponto de cristalização (processo de formação de cristais)
ilustrativa, *conceitual*

S.4.a.38

“**Wie** aber auch der Tod eines geliebten Menschen nicht in der ersten Stunde seine ganze Furchtbarkeit entfaltet, weil erst die weiterrollende Zeit alle die Situationen herbeibringt, in denen er sonst ein Element war, die wir nun wie mit einem herausgerissenen Gliede zu durchleben haben und die kein erster Augenblick zusammenfassend vorwegnehmen konnte - **so** löst sich eine wertvolle Beziehung sozusagen nicht in dem ersten Moment des Auseinandergehens, in dem vielmehr die Gründe ihrer Lösung unser Bewußtsein beherrschen; sondern wir spüren den Verlust für alle einzelnen Stunden erst von Fall zu Fall, und deshalb wird ihm oft erst nach langer Zeit unser Gefühl ganz gerecht, das ihn im ersten Moment mit einem gewissen Gleichmut zu ertragen schien.”

p. 379

wie + so

a morte e o amor

socialpsicológica// ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.39

“**Wie** man nicht zu schnell lernen darf, wenn das Gelernte uns bleiben soll, **so** darf man auch nicht zu schnell vergessen, wenn das Vergessen seine soziologische Bedeutung ganz entfalten soll.”

p. 379

wie + so

educação e amor

socialpsicológica// ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.40

“Die Unversöhnlichkeit bedeutet, daß die Seele durch den Kampf eine Modifikation ihres Seins erlitten hat, die nicht mehr rückgängig zu machen ist, die insofern nicht einer vernarbenden Wunde, sondern einem verlorenen Gliede **vergleichbar** ist.”

p. 381

vergleichbar

o indivíduo e o organismo

ilustrativa, *figurativa*

S.4.a.41

“Während dies die Unversöhnlichkeitsform sehr einheitlicher und nicht gerade leicht beweglicher Naturen ist, findet sich bei innerlich stark differenzierten eine andere: das Bild und die Nachwirkung des Konfliktes und alles dessen, was man dem andern vorzuwerfen hatte, bleibt im Bewußtsein bestehen und kann nicht verschmerzt werden. Aber um dies herum wächst nun doch die unverminderte Liebe und Anhänglichkeit, indem jene Erinnerungen und Resignationen nicht als Abzug wirken, sondern wie organische Bestandteile in das Bild des andern eingefügt sind, den wir nun sozusagen inklusive dieser Passiva in der Bilanz unsres Gesamtverhältnisses zu ihm lieben - **wie** wir doch einen Menschen auch mit all seinen Fehlern lieben, die wir vielleicht fortwünschen, aber nicht aus ihm fortdenken können.”

p. 381

wie

o sentimento diante de uma relação em que a reconciliação não é possível e a imagem que o amante faz da pessoa amada

socialpsicológica

Anexo 1.5. Soziologie, capítulo 5

S.5[a.b.c][.1-.36]

S.5.a.1

“**Der** Kaufmann **weiß, daß** sein Kontrahent so billig wie möglich kaufen und so teuer wie möglich verkaufen will; **der** Lehrer **weiß, daß** er dem Schüler eine gewisse Qualität und Quantität an Lernstoff zumuten kann; innerhalb jeder Gesellschaftsschicht **weiß der** Einzelne, **welches** ungefähre Bildungsmaß er bei jedem andern voraussetzen hat - und offenbar würden ohne solches Wissen die hiermit berührten Wirkungen zwischen Mensch und Mensch überhaupt nicht stattfinden können.”

p. 383

paralelismo sintático (repetição de estrutura frasal)

o comerciante, o professor, o indivíduo que pertence a certa camada social
sociológica, *entre exemplos*

S.5.a.2

“Wieviel Irrtum und bloßes Vorurteil in all diesem Kennen stecken mag, steht dahin. **Wie** aber unser Erkennen der äußeren Natur gegenüber neben seinen Täuschungen und Unzulänglichkeiten doch soweit Wahrheit erwirbt, wie für Leben und Fortschritt unserer Gattung erforderlich ist, **so** kennt jeder den andren, mit dem er zu tun hat, im großen und ganzen insoweit richtig, daß Verkehr und Verhältnis möglich wird.”

p. 383

wie + so

sociologia e biologia (história natural)

epistemológica

S.5.a.3

“Kein andres Objekt kann uns in diese Weise von sich aus aufklären oder sich verstecken, wie der Mensch es kann, weil kein andres sein Verhalten durch die Rücksicht auf sein Erkenntwerden modifiziert. Diese Modifikation findet natürlich nicht durchgängig statt: vielfach ist uns auch der andre Mensch prinzipiell nur **wie** ein Stück Natur, das unserer Erkenntnis sozusagen stillhält.”

p. 386

wie

sociologia e ciência natural; sociedade e natureza

epistemológica// ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.4

“Man hat es für ein Problem erklärt, bzw. die weitgehendsten Folgerungen daraus gezogen, daß unser seelischer Prozeß, der rein naturhaft verläuft, doch in seinem Inhalt so gut wie immer zugleich den logischen Normen gemäß wäre; es ist in der Tat höchst merkwürdig, daß ein bloß von Naturursachen hervorgebrachtes Geschehen so vor sich geht, als ob es von den idealen Gesetzen der Logik regiert würde; denn es ist **nicht anders, als** ob ein Baumzweig, mit einem Telegraphenapparat so verbunden, daß seine Bewegungen im Winde diesen in Tätigkeit setzen, ihn damit zu Zeichen veranlaßte, die für uns einen vernünftigen Sinn ergeben.”

pp. 386-7

nicht anders als

a relação entre a lógica e a natureza, de um lado, e a imagem de um telégrafo amarrado a um galho de árvore, de outro

ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.5

“Es gibt freilich noch einen andern Typus des Vertrauens, der, weil er jenseits von Wissen und Nichtwissen steht den jetzigen Zusammenhang nur mittelbar berührt: denjenigen, den man den *Glauben* des Menschen an einen andren nennt und der in die Kategorie des religiösen Glaubens gehört. **Wie** man niemals auf Grund der ‘Beweise für das Dasein Gottes’ an ihn geglaubt hat, diese Beweise vielmehr nur die nachträgliche Rechtfertigung oder intellektuelle Spiegelung eines ganz unmittelbaren Verhaltens des Gemütes sind - **so** ‘glaubt’ man an einen Menschen, ohne daß dieser Glaube sich durch Beweise für die Würdigkeit der Person rechtfertigte, ja, oft trotz der Beweise für das Gegenteil der Würdigkeit.”

p. 393

wie + so// paralelismo sintático

religião e sociedade; do ponto de vista psicológico, a crença em Deus é análoga à “crença” no valor do outro

socialpsicológica

S.5.a.6

“**Der moderne Kaufmann, der mit dem andren** ein Geschäft entriert; **der Gelehrte, der mit einem andren** zusammen eine Untersuchung unternimmt; **der Führer einer politischen Partei, der mit dem einer andren** ein Abkommen über Wahlgelegenheiten oder die Behandlung von Gesetzesvorschlägen trifft - alle diese wissen, von Ausnahmen und Unvollkommenheiten abgesehen, über ihren Partner genau das, was zu wissen für die zu knüpfende Beziehung erforderlich ist.”

p. 394

paralelismo sintático (repetição de estrutura frasal)

O comerciante, o intelectual e o dirigente partidário

sociológica, *entre exemplos*

S.5.a.7

“Einen solchen Bezirk legt die Ehre um den Menschen; sehr fein bezeichnet die Sprache eine Ehrenkränkung als ‘zu nahe Treten’, der Radius jener Sphäre **sozusagen** bezeichnet die Distanz, deren Überschreitung durch eine fremde Persönlichkeit die Ehre kränkt.”

p. 396

sozusagen

sociologia e geometria: a esfera
ilustrativa, *conceitual*

S.5.a.8

“Einen solchen Bezirk legt die Ehre um den Menschen; sehr fein bezeichnet die Sprache eine Ehrenkränkung als zu nahe Treten, der Radius jener Sphäre **sozusagen** bezeichnet die Distanz, deren Überschreitung durch eine fremde Persönlichkeit die Ehre kränkt. **Eine andre Sphäre der gleichen Form entspricht** dem, was man als die Bedeutung einer Persönlichkeit bezeichnet.”

p. 396

entsprechen + die gleiche Form

a honra e o valor da personalidade
sociológica, *pura*

S.5.a.9

“**Wie** der Maler die Bedeutsamkeit einer Gestalt in einem viel figurigen Bilde oft dadurch nachdrücklich macht, daß er die andren in einem erheblichen Abstand um sie herum anordnet, **so** ist auch das soziologische Gleichnis der Bedeutung die Distanz, die den andren außerhalb einer bestimmten, von der Persönlichkeit mit ihrer Macht, ihrem Willen, ihrer Größe ausgefüllten Sphäre hält.”

pp. 396-7

so complementando ao sentido de **wie**

sociologia e arte; certa técnica característica da pintura e a metáfora sociológica da distância
epistemológica

S.5.a.10

“Ein derartiger, wenn auch ganz anders wertbetonter Umkreis umgibt den Menschen, besetzt mit seinen Angelegenheiten und Beschaffenheiten, in die durch Kenntnissnahme einzudringen, eine Verletzung seiner Persönlichkeit bedeutet. Wie das materielle Eigentum gleichsam eine Ausdehnung des Ich ist - Besitz ist eben, was dem Willen des Besitzers gehorcht, **wie**, in nur gradueller Unterschiedenheit, der Leib, der unser erster Besitz ist - und **wie** deshalb jeder Eingriff in den Besitzstand als eine Vergewaltigung der Persönlichkeit empfunden wird, **so** gibt es ein geistiges Privateigentum, dessen Vergewaltigung eine Lädierung des Ich in seinem Zentrum bewirkt. Diskretion ist **nichts anders als** das Rechtsgefühl in bezug auf die Sphäre der unmittelbaren Lebensinhalte. Natürlich ist auch sie in ihrer Lage nach verschiedenen Persönlichkeiten hin sehr verschieden ausgeübt, **wie** auch die der Ehre und des Eigentums den nahe stehenden Personen gegenüber einen ganz andren Radius haben, als den Fremden und Gleichgültigen.”

p. 397

wie// wie + so// nichts anderes als

a propriedade privada e a descrição
sociológica, *pura*

S.5.a.11

“**Der Geschäftsmann, der** mit **einem** andren langfristige Verpflichtungen kontrahiert; **die Herrschaft, die einen** Dienstboten engagiert; aber auch dieser letztere, bevor er sich in das Dienstverhältnis begibt; **der Vorgesetzte, der einen** Untergebenen avancieren läßt; **die Hausfrau, die eine** neue Persönlichkeit in ihren Geselligkeitskreis aufnimmt - alle diese müssen berechtigt sein, von der Vergangenheit und Gegenwart des fraglichen Andren, von seinem Temperament und seiner moralischen Beschaffenheit alles das zu erfahren oder zu kombinieren, woraufhin sich die Aktion ihm gegenüber oder ihre Ablehnung vernünftigerweise gründen läßt.”

p. 398

paralelismo sintático

o comerciante, o senhor, o superior, a dona de casa
sociológica, *entre exemplos*

S.5.a.12

“Freilich findet dadurch, daß in dem Gesamtumfang möglicher Verbindungsgründe einer gleichsam die Tête nimmt, eine gewisse Organisierung derselben statt, **wie** sie einer Gruppe durch die Führerschaft zuteil wird.”

p. 400

wie

formação interindividual e formação intergrupal; relações em que um dos motivos da ligação prevalece sobre os outros e grupos conduzidos por um chefe socialfilosófica

S.5.a.13

“*Ein* sehr starkes Beziehungsmoment bricht oft die Bahn, auf der ihm die andern, ohne dieses latent gebliebenen, folgen; und unleugbar öffnet bei den meisten Menschen die geschlechtliche Liebe die Tore der Gesamtpersönlichkeit am weitesten, ja, bei nicht wenigen ist die Liebe die einzige Form, in der sie ihr ganzes Ich geben können, **wie** dem Künstler die Form seiner jeweiligen Kunst die einzige Möglichkeit bietet, sein ganzes Inneres darzubieten.”

p. 400

wie

amor e arte

sociopsicológica// ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.14

“Besonders häufig dürfte dies bei Frauen beobachtet werden, - freilich soll auch die ganz anders gemeinte christliche Liebe **das Entsprechende** leisten -daß sie nicht nur, weil sie lieben, ihr sonstiges Sein und Haben rückhaltslos hingeben, sondern daß dieses gleichsam in der Liebe chemisch gelöst wird und nur und ganz in deren Färbung, Gestalt, Temperatur auf den andern überfließt.”

pp. 400-1

das Entsprechende

amor feminino e amor cristão

sociológica, *pura*

S.5.a.15

“Besonders häufig dürfte dies bei Frauen beobachtet werden, - freilich soll auch die ganz anders gemeinte christliche Liebe **das Entsprechende** leisten -daß sie nicht nur, weil sie lieben, ihr sonstiges Sein und Haben rückhaltslos hingeben, sondern daß dieses **gleichsam** in der Liebe chemisch gelöst wird und nur und ganz in deren Färbung, Gestalt, Temperatur auf den andern überfließt.”

pp. 400-1

gleichsam

sociologia e química: solução

ilustrativa, *conceitual*

S.5.a.16

“Ohne Gefahr können nur diejenigen Menschen sich ganz geben, die sich überhaupt nicht ganz geben können, weil der Reichtum ihrer Seele in fortwährenden Weiterentwicklungen beruht, die jeder Hingabe sogleich neue Schätze nachwachsen lassen; die eine Unerschöpflichkeit latenter seelischer Besitztümer haben, und diese deshalb so wenig mit einem Male offenbaren und wegschenken können, **wie** mit den fortgegebenen Jahresfrüchten eines Baumes die des nächsten Jahres vergeben sind.”

p. 404

wie

fenômenos humanos e fenômenos naturais; a entrega da personalidade no amor e a entrega dos frutos de uma árvore

ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.17

“Die geschichtliche Entwicklung der Gesellschaft ist in vielen Teilen dadurch bezeichnet, daß früher Offenbares in den Schutz des Geheimnisses tritt, und daß umgekehrt früher Geheimes dieses Schutzes entbehren kann und sich offenbart - **vergleichbar** jener anderen Evolution des Geistes: daß zuerst bewußt Ausgeführtes zu unbewußt-mechanischer Übung herabsinkt, und andererseits früher Unbewußt-Instinktives in die Helle des Bewußtseins aufsteigt.”

p. 406

vergleichbar

o segredo e o indivíduo; o papel das sociedades secretas no o desenvolvimento da sociedade e o papel da consciência da ação no desenvolvimento do indivíduo que vive em sociedade (i.e.: individualização)

sociológica, *processual*

S.5.a.18

“Das Geheimnis gibt der Persönlichkeit eine Ausnahmestellung, es wirkt als ein rein sozial bestimmter Reiz, prinzipiell unabhängig von dem Inhalt, den es hütet aber natürlich in dem Maße steigend, in dem das ausschließend besessene Geheimnis bedeutsam und umfassend ist. Und dazu wirkt eine Umkehrung, **analog** der soeben erwähnten. Jede höhere Persönlichkeit und alle höheren Leistungen haben für den Durchschnitt der Menschen etwas Geheimnisvolles. Gewiß quillt alles menschliche Sein und Tun aus unenträtselten Kräften.”

p. 408

referência explícita à analogia

o segredo e a “aura” que envolve a personalidade eminente
sociológica, *pura*

S.5.a.19

“Jede höhere Persönlichkeit und alle höheren Leistungen haben für den Durchschnitt der Menschen etwas Geheimnisvolles. Gewiß quillt alles menschliche Sein und Tun aus unenträtselten Kräften. Allein innerhalb qualitativer und wertmäßiger Niveaugleichheit macht dies noch nicht den Einen zum Problem für den Andern, insbesondere weil auf diese Gleichheit hin ein gewisses unmittelbares, nicht vom Intellekt getragenes Verstehen stattfindet. Wesentliche Ungleichheit aber läßt es zu solchem nicht kommen, und in der Form des singulären Unterschiedes wird sogleich die generelle Rätselhaftigkeit wirksam - ungefähr **wie** man, immer in derselben Landschaft lebend, gar nicht auf das Problem unsrer Beeinflußtheit durch das landschaftliche Milieu kommen mag, das sich aber aufdrängt, sobald wir die Umgebung wechseln, und der Unterschied des Lebensgefühles uns auf jenes verursachende Moment des letzteren überhaupt aufmerksam macht. Aus diesem Geheimnis, das alles Tiefere und Bedeutende beschattet, wächst die typische Irrung: alles Geheimnisvolle ist etwas Wesentliches und Bedeutsames. Der natürliche Idealisierungstrieb und die natürliche Furchtsamkeit des Menschen wirken dem Unbekannten gegenüber zu dem gleichen Ziele, es durch die Phantasie zu steigern und ihm eine Aufmerksamkeitsbetonung zuzuwenden, die die offenbarte Wirklichkeit meistens nicht gewonnen hätte.”

pp. 408-9

wie

o mistério e a paisagem

ilustrativa, *figurativa* (*atípica)

S.5.a.20

“Das Geheimnis enthält eine Spannung, die im Augenblick der Offenbarung ihre Lösung findet. Dieser bildet die Peripetie in der Entwicklung des Geheimnisses, in ihm sammeln und gipfeln sich noch einmal dessen ganze Reize - **wie** der Moment des Verschwendens den Wert des Objektes in äußerster Zuspitzung genießen läßt: das mit dem Geldbesitz gegebene Machtgefühl konzentriert sich für die Seele des Verschwenders am vollständigsten und lustvollsten in dem Augenblick, wo er diese Macht aus Händen gibt. Auch das Geheimnis ist getragen von dem Bewußtsein, es verraten zu können, und damit die Macht zu Schicksalswendungen und Überraschungen, zu Freuden und Zerstörungen, wenn auch vielleicht nur zur Selbstzerstörung in der Hand zu haben.”

p. 409

wie

o segredo e o dinheiro

sociológica, *pura*

S.5.a.21

“Darum umspielt Möglichkeit und Versuchung des Verrates das Geheimnis, und mit der äußeren Gefahr des Entdecktwerdens verschlingt sich diese innere des Sich-Entdeckens, die der Anziehungskraft des Abgrunds **gleicht**.”

p. 409

gleichen

o segredo e o abismo

socialpsicológica// ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.22

“Das Geheimnis legt eine Schranke zwischen die Menschen, zugleich aber den verführerischen Anreiz, sie durch Ausplaudern oder Beichte zu durchbrechen - der das psychische Leben des Geheimnisses **wie** ein Oberton begleitet.”

p. 409

wie

sociologia e música: sobretom

ilustrativa, *conceitual*

S.5.a.23

“Es ist deshalb wohl angezeigt, gerade an dem scheinbaren soziologischen Gegenpol des Geheimnisses, an dem Schmuck, eine **analoge** Struktur seiner gesellschaftlichen Bedeutung zu erweisen. Es ist das Wesen und der Sinn des Schmuckes, die Augen der Andern auf seinen Träger zu lenken, und er ist insofern der Antagonist des Geheimnisses, das sich aber auch seinerseits der personal-akzentuierenden Funktion nicht entzog. Der Schmuck übt diese gleichfalls so, daß er die Superiorität über die Andern mit einer Abhängigkeit von ihnen, und andererseits ihren guten Willen mit ihrem Neide in einer Weise mischt, die als soziologische Wechselform eine spezielle Nachzeichnung fordert.”

p. 414, fim

referência explícita à analogia

o segredo e o adorno

sociológica, *pura*

S.5.b.24

“Der Schmuck steigert oder erweitert den Eindruck der Persönlichkeit, indem er **gleichsam** als eine Ausstrahlung ihrer wirkt. [...] Man kann von einer Radioaktivität des Menschen sprechen, um jeden liegt gleichsam eine größere oder kleinere Sphäre von ihm ausstrahlender Bedeutung, in die jeder andre, der mit ihm zu tun hat, eintaucht - eine Sphäre, zu der körperliche und seelische Elemente sich unentwirrbar vermischen: die sinnlich merkbaren Einflüsse, die von einem Menschen auf seine Umgebung ausgehen, sind in irgendeiner Weise die Träger einer geistigen Fulguration; und sie wirken als die Symbole einer solchen auch da, wo sie tatsächlich nur äußerlich sind, wo keinerlei Suggestionskraft oder Bedeutung der Persönlichkeit durch sie hindurchströmt.”

pp. 415-6

gleichsam

sociologia e química: radiação

ilustrativa, *conceitual*

S.5.b.25

“Es ist der allergrößte Irrtum, zu meinen, daß der Schmuck ein individuelles Kunstwerk sein müsse, da er doch immer ein Individuum schmücken solle. Ganz im Gegenteil: weil er dem Individuum dienen soll, darf er nicht selbst individuellen Wesens sein, so wenig **wie** das Möbel, auf dem wir sitzen, oder das Eßgerät, mit dem wir hantieren, individuelle Kunstwerke sein dürfen.”

p. 418

wie

o adorno, os móveis e os utensílios de jantar

ilustrativa, *figurativa* (*atípica)

S.5.b.26

“Indem der Strahl des Edelsteines zu dem Andern hinzugeben scheint, **wie** das Aufblitzen des Blickes, den das Auge auf ihn richtet, trägt er die soziale Bedeutung des Schmuckes - das Für-den-Andern-Sein, das als Erweiterung der Bedeutungssphäre des Subjekts zu diesem zurückkehrt.”

p. 419

wie

o adorno e o brilho do olhar

sociológica, *entre exemplos*// ilustrativa, *figurativa*

S.5.b.27

“Aufs unverkennbarste lebt hierin die Kombination, die das ganze Wesen des Schmuckes trägt: daß mit ihm die soziologische und ästhetische Betonung der Persönlichkeit **wie** in einem Brennpunkt zusammengehen, das Für-sich-Sein und Für-andre-Sein wechselseitig Ursache und Wirkung wird.”

p. 420

wie

sociologia e ótica: foco

ilustrativa, *conceitual*

S.5.a.28

“Deshalb ist der Schutz, den sie gewähren, seinem Wesen nach zwar ein absoluter, aber ein nur zeitweiliger, und für Inhalte von positivem sozialem Wert ist ihr Getragensein durch geheime Gesellschaften tatsächlich ein Übergangszustand, dessen sie nach einem gewissen Stärkewachstum nicht mehr bedürfen. Das Geheimnis **gleicht** schließlich nur dem Schutz, den man durch Abhalten von Störungen gewinnt, und macht deshalb zweckmäßigerweise dem andern Platz: nämlich dem durch die Kraft, die den Störungen gewachsen ist. Die geheime Gesellschaft ist unter diesen Umständen die

angemessene soziale Form von Inhalten, die sich noch gleichsam im Kindesalter, in der Verletzlichkeit früher Entwicklungsperioden befinden.”

p. 423

gleichen

sociologia e física; o segredo e o desvio dos obstáculos tendo em vista preservar a reserva de forças disponíveis

epistemológica// ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.29

“Als mit dem Ende des Mittelalters die Herabdrückung der deutschen Gemeindengenossenschaften durch die erstarkenden Zentralgewalten begann, entfaltete sich in ihnen ein umfassendes Geheimleben: in verborgenen Versammlungen und Verträgen, in geheimer Uebung von Recht und von Gewalt - **wie** Tiere den Schutz des Versteckes aufsuchen, wenn sie zu sterben gehen.”

p. 424

wie

comportamento social e comportamento natural

ilustrativa, *figurativa*

S.5.c.30

“**Die Wahrheit**, die als geistiges Gebilde durchaus andren Wesens ist, als ihr vergänglicher realer Gegenstand, bleibt wahr, **ob** sie gewußt und anerkannt **wird oder nicht**, das sittliche und juristische **Gesetz** gilt, gleichviel **ob** ihm nachgelebt **wird oder nicht**.”

p. 429

paralelismo sintático (repetição de estrutura frasal)

teoria do conhecimento e direito; a verdade e a lei

epistemológica

S.5.c.31

“Wo eine innere Produktion den Charakter des Werkes hat, ist diese Dauerform durchaus adäquat; im Brief aber liegt ein Widerspruch zwischen dem Charakter des Inhalts und dem der Form, den zu produzieren, zu ertragen und auszunutzen es einer beherrschenden Objektivität und Differenziertheit bedarf.

Diese Synthese findet ihre weitere **Analogie** in der Mischung von Bestimmtheit und Vieldeutigkeit, die der schriftlichen Äußerung, zuhöchst dem Brief, eigen ist.”

p. 431

referência explícita à analogia

forma individual e forma do *Geist* objetivo; o misto de objetivação e a diferenciação da personalidade numa sociedade cultivada, de um lado, e o misto de precisão e elipse na carta, de outro// a personalidade individual e a carta

socialfilosófica// ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.32

“Daß das Geheimnis einmal durch Vergesellschaftung begünstigt, ein andermal aufgelöst wird, ist also durchaus kein Widerspruch; es sind nur verschiedene Formen, in denen sich sein Zusammenhang mit der Individualisierung ausdrückt - ungefähr **wie** sich der Zusammenhang der Schwäche mit der Furcht sowohl darin beweist, daß der Schwache Vergesellschaftung sucht, um sich zu schützen, wie daß er der Vergesellschaftung aus dem Wege geht, wenn er innerhalb ihrer größere Gefahren als in der Isolierung fürchtet.”

p. 434

wie

o segredo e a vulnerabilidade; o segredo como elemento de socialização, de um lado, e a relação do indivíduo vulnerável com a sociedade, de outro

sociológica, *pura*

S.5.a.33

“Denselben Entwicklungsbedingungen **wie** die Hierarchie begegnet innerhalb der geheimen Gesellschaften die Bildung des Rituals; auch hier bewirkt die ihnen eigene Unpräjudiziertheit durch historische Organisationen, ihr Aufbau von einer selbstgelegten Basis aus, eine außerordentliche Freiheit und Reichtum der Formung.”

p. 436

wie

rito e hierarquia

sociológica, *pura*

S.5.a.34

“Die geheime Gesellschaft muß suchen, unter den ihr eigentümlichen Kategorien eine Art Lebenstotalität zu schaffen; um ihren Zweckinhalt, den sie scharf betont, baut sie deshalb ein Formelwesen, **wie** einen Körper um die Seele, und stellt beides gleichmäßig unter den Schutz des Geheimnisses, weil es erst so ein harmonisches Ganzes wird, in dem ein Teil den andren stützt. Daß dabei die Heimlichkeit des Äußerlichen besonders stark betont wird, ist deshalb erforderlich, weil sie hier nicht so selbstverständlich und durch das unmittelbare Interesse gefordert ist, wie bei dem sachlichen Zweck des Bundes. Dies **verhält sich nicht anders, als** etwa beim Militär und bei der religiösen Gemeinde.”

p. 437

wie// sich verhalten + nicht anders

a sociedade secreta, o corpo, o exército e as comunidades religiosas
sociológica, *entre exemplos//* ilustrativa, *figurativa*

S.5.a.35

“Der Gegensatz der exoterischen und der esoterischen Mitglieder, wie er dem Pythagoreerbunde zugeschrieben wird, ist die markanteste Form dieser Schutzvorrichtung. Der Kreis der nur teilweise Eingeweihten bildet gewissermaßen einen Puffer-Rayon gegen die gar nicht Eingeweihten. **Wie** es allenthalben die Doppelfunktion des Mittleren ist, zu verbinden und zu trennen, oder vielmehr, wie er nur eine Rolle spielt, die wir aber, je nach unseren auffassenden Kategorien und nach der Richtung unseres Blickes, bald als verbindende, bald als trennende bezeichnen - **so** zeigt sich hier die Einheit der äußerlich einander entgegenlaufenden Tätigkeiten im hellsten Lichte: gerade weil die niederen Grade des Bundes einen vermittelnden Übergang zu dem eigentlichen Zentrum des Geheimnisses bilden, schaffen sie die allmähliche Verdichtung der Repulsionssphäre um dieses herum, die es sicherer schützt, als die Schroffheit eines radikalen Ganz-darinnen- oder Ganz-draußen-Seins es könnte.”

p. 445

wie + so

forma social e forma cognitiva; a liga pitagórica (enquanto exemplar típico de uma determinada forma social) e a categoria intermediária
socialfilosófica

S.5.a.36

“Der soziologisch allgemeine Zusammenhang einer Gruppe durch die Einheit der befehlenden Instanz ist in der geheimen Gesellschaft mit unbekannten Oberen **gleichsam** in einen focus imaginarius verlegt und hat damit seine reinste, gesteigertste Form gewonnen.”

p. 451

gleichsam

sociologia e filosofia: focus imaginarius
ilustrativa, *conceitual*

Anexo 1.6. Soziologie, capítulo 6

S.6.a[.1-.23]

S.6.a.1

“Der Unterschied des vorgeschrittenen gegen das rohere Denken zeigt sich am Unterschied der Motive, welche die Assoziationen der Vorstellungen bestimmen. Das zufällige Zusammensein in Raum und Zeit reicht zunächst hin, um die Vorstellungen psychologisch zu verknüpfen; die Vereinigung von Eigenschaften, die einen konkreten Gegenstand bildet, erscheint zuerst als ein einheitliches Ganzes, und jede derselben steht mit den andern, in deren Umgebung allein man sie kennen gelernt hat, in engem assoziativem Zusammenhang. Als ein für sich bestehender Vorstellungsinhalt wird sie erst bewußt, wenn sie in noch mehreren und andersartigen Verbindungen vorkommt; dann tritt das Gleiche in allen diesen in helle Beleuchtung und zugleich in gegenseitige Verbindung, indem es sich von den Verknüpfungen mit dem sachlich Andern, nur durch zufälliges Zusammensein am gleichen Gegenstand mit ihm Verbundenen, mehr und mehr frei macht. So erhebt sich die Assoziation über die Anregung durch das aktuell Wahrnehmbare zu der auf dem Inhalt der Vorstellungen ruhenden, auf der die höhere Begriffsbildung sich aufbaut, und die das Gleiche auch aus seinen Verschlingungen mit den verschiedenartigsten Wirklichkeiten herausgewinnt.

Die Entwicklung, die hier unter den Vorstellungen vor sich geht, findet in dem Verhältnis der Individuen untereinander eine **Analogie**. Der Einzelne sieht sich zunächst in einer Umgebung, die, gegen seine Individualität relativ gleichgültig, ihn an ihr Schicksal fesselt und ihm ein enges Zusammensein mit

denjenigen auferlegt, neben die der Zufall der Geburt ihn gestellt hat; und zwar bedeutet dieses Zunächst sowohl die Anfangszustände phylogenetischer wie ontogenetischer Entwicklung. Der Fortgang derselben aber zielt nun auf assoziative Verhältnisse homogener Bestandteile aus heterogenen Kreisen. So umschließt die Familie eine Anzahl verschiedenartiger Individualitäten, die zunächst auf diese Verbindung im engsten Maße angewiesen sind. Mit fortschreitender Entwicklung aber spinnt jeder Einzelne ein Band zu Persönlichkeiten, welche außerhalb dieses ursprünglichen Assoziationskreises liegen und statt dessen durch sachliche Gleichheit der Anlagen, Neigungen, Tätigkeiten usw. eine Beziehung zu ihm besitzen; die Assoziation durch äußerliches Zusammensein wird mehr und mehr durch eine solche nach inhaltlichen Beziehungen ersetzt. **Wie** der höhere Begriff das zusammenbindet, was einer grossen Anzahl sehr verschiedenartiger Anschauungskomplexe gemeinsam ist, **so** schließen die höheren praktischen Gesichtspunkte die gleichen Individuen aus durchaus fremden und unverbundenen Gruppen zusammen; es stellen sich neue Berührungskreise her, welche die früheren, relativ mehr naturgegebenen, mehr durch sinnlichere Beziehungen zusammengehaltenen, in den mannigfaltigsten Winkeln durchsetzen."

pp. 456-7

referência explícita à analogia// **wie + so**

ciência e indivíduo; o desenvolvimento das representações abstratas e o desenvolvimento do indivíduo que vive em sociedade (i.e.: individualização)

sociológica, *processual*

S.6.a.2

"Ich erinnere z. B. daran, daß die selbständigen Gruppen, aus deren Vereinigungen die Universitäten früher bestanden, nach der Nationalität der Studenten abgeteilt waren. An ihre Stelle traten später die Abteilungen nach der Studiengemeinsamkeit, die Fakultäten. Die lokale und physiologische, von dem terminus a quo her bestimmte Zusammengehörigkeit ist hier aufs radikalste durch die Synthese nach dem Gesichtspunkt des Zweckes, des innerlich- sachlichen, oder, wenn man will, individuellen Interesses ersetzt worden. Unter etwas komplizierteren Voraussetzungen **zeigt eine Entwicklung** der englischen Gewerkvereine **die gleiche Form**. Es herrschte in den Gewerkvereinen ursprünglich die Tendenz zu lokalem Abschluß der einzelnen Gruppen, die von auswärts kommenden Arbeiter wurden ausgeschlossen, zwischen den so getrennten Abteilungen wurden Reibungen und Eifersüchteleien unvermeidlich. Diesen Zustand aber verdrängte allmählich die Richtung auf einheitliche Zusammenfassung des Gewerbes durch das ganze Land hindurch."

p. 457

form + gleich = die gleiche Form zeigt (destaco ainda: **Entwicklung**)

o desenvolvimento da universidade e o desenvolvimento dos sindicatos ingleses

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.6.a.3

"Die Heeresorganisation, zu der diese verwandt wurden, war von äußerster Strenge und Sachlichkeit; allein zwischen ihr und der, auf ihre Art, ebenso unpersönlichen Orts- und Blutsbeziehung stand die Syssitienwahl **wie** ein biegsames Gelenk, den rationalen Sinn der Verknüpfung durch Freiheit der ganz anders konstruierten Rationalität der Heeresorganisierung infundierend."

pp. 458-9

wie

sociologia e (bio)mecânica: articulação ou membro flexível

ilustrativa, *conceitual*

S.6.a.4

"Die kulturell sehr tiefstehenden Australneger leben in kleinen, relativ eng verbundenen Horden. Außerdem aber ist ihre Gesamtheit in fünf Gentes oder Totemverbände geteilt, derart, daß sich in jeder Horde Mitglieder verschiedener Gentes befinden und jede Gens sich über mehrere Horden erstreckt. Innerhalb der Horde bilden die Totemgenossen keine engere Einung, vielmehr geht deren Verband durch alle diese Abgrenzungen gleichmäßig hindurch, sie alle bilden eine große Familie. Wenn in einem Kampf zwischen zwei Horden sich die Angehörigen desselben Totems begegnen, so gehen sie einander aus dem Wege und suchen sich einen andren Gegner (was ebenso von den Mortlack-Insulanern berichtet wird), sexuelle Beziehungen zwischen Männern und Frauen finden ohne weiteres diesen gentilizischen Verhältnissen gemäß statt, auch wenn sie sich wegen ihrer Zugehörigkeit zu verschiedenen Horden noch nie sonst begegnet sind. Diesen armseligen Wesen, die einer eigentlich rationalen Verbindungsweise gar nicht fähig sind, muß solche Zugehörigkeit zu zwei so scharf getrennten, gleichsam horizontal und vertikal gerichteten Gruppierungen eine Bereicherung des Lebensgefühles bedeuten, eine wahrscheinlich sonst nicht erreichbare Spannung und sozusagen Verdoppelung der Existenz. Eine **formal gleiche Kreuzung** von sehr andrem Inhalt und Effekt **wird** innerhalb des kultivierten Familienlebens oft durch die Geschlechtszusammengehörigkeit **bewirkt**. Wo z. B. in Differenzen eines Ehepaares die Mutter des Mannes hineingezogen wird, da werden ihre Instinkte - insoweit sie sozusagen a priori und abgesehen von

allen individuellen Besonderheiten des Falles wirken - sich einmal dem Sohn als dem Blutsverwandten, ein andermal aber doch auch ihrer Schwiegertochter als der Geschlechtsgenossin zuneigen."

pp. 460-1

form + gleich = eine formal gleiche Kreuzung wird bewirkt

os aboríneges e a família cultivada

sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.5

"In bezeichnenden Formen erkennen die Staatslenker diesen Grund für eine neue Rangierung, **sozusagen** eine neue Analyse und Synthese der Kreise an: Robert von Neapel schließt Freundschaft mit Petrarka und schenkt ihm seinen eigenen Purpurmantel; zweihundert Jahre später hat dies soziologische Motiv seine lyrische Form verlassen und eine mehr sachliche und strenger beschränkte angenommen: Franz I. von Frankreich wollte den Kreis, der um die rein gelehrten Studien zentriert, zu einem ganz selbständigen und unabhängigen, sogar den Universitäten gegenüber, machen."

p. 463

sozusagen

sociologia e filosofia: análise e síntese

ilustrativa, *conceitual*

S.6.a.6

"[...] so ist dies schon eine sehr große Mannigfaltigkeit von Gruppen, von denen manche zwar koordiniert sind, andre aber sich so anordnen lassen, daß die eine als die ursprünglichere Verbindung erscheint, von der aus das Individuum auf Grund seiner besonderen Qualitäten, durch die es sich von den übrigen Mitgliedern des ersten Kreises abscheidet, sich einem entfernteren Kreise zuwendet. Der Zusammenhang mit jenem kann dabei weiter bestehen bleiben, **wie** eine Seite einer komplexen Vorstellung, wenn sie psychologisch auch längst rein sachliche Assoziationen gewonnen hat, doch die zu dem Komplex, mit dem sie nun einmal in räumlich-zeitlicher Verbindung existiert, keineswegs zu verlieren braucht."

p. 465

wie

forma social e forma cognitiva; o pertencimento a grupos heterogêneos e as representações complexas socialfilosófica

S.6.a.7

"Die Hansa verband Stadt mit Stadt und ließ den Einzelnen an einem Wirkungskreis teilnehmen, der nicht nur über jede einzelne, sondern weit über die Reichsgrenzen hinausgriff; die Zunftgemeinschaften andererseits fragen gleichfalls nicht nach dem städtischen Weichbild, sondern ordnen den Einzelnen jenseits seiner Stadtbürgerschaft in Verbände, die sich durch ganz Deutschland hin erstrecken. Und **wie** der Zunftverband über die Stadtgrenzen, **so** greift der Gesellenverband über die Zunftgrenzen."

p. 465

wie + so

as guildas em relação aos limites da cidade e a liga hanseática em relação às guildas sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.8

"Die Gruppen, zu denen der Einzelne gehört, bilden gleichsam ein Koordinatensystem, derart, daß jede neu hinzukommende ihn genauer und unzweideutiger bestimmt. Die Zugehörigkeit zu je einer derselben läßt der Individualität noch einen weiten Spielraum; aber je mehr es werden, desto unwahrscheinlicher ist es, daß noch andere Personen die gleiche Gruppenkombination aufweisen werden, daß diese vielen Kreise sich noch einmal in einem Punkte schneiden. **Wie** der konkrete Gegenstand für unser Erkennen seine Individualität verliert, wenn man ihn einer Eigenschaft nach unter einen allgemeinen Begriff bringt, sie aber in dem Maße wiedergewinnt, in dem die andern Begriffe hervorgehoben werden, unter die seine anderen Eigenschaften ihn einreihen, so daß jedes Ding, platonisch zu reden, an so vielen Ideen teil hat, wie es vielerlei Qualitäten besitzt, und dadurch seine individuelle Bestimmtheit erlangt: gerade **so verhält sich** die Persönlichkeit gegenüber den Kreisen, denen sie angehört.

Wie man den substantiellen Gegenstand, der uns gegenübersteht, als die Synthese sinnlicher Eindrücke angesprochen hat, - so daß jeder sozusagen ein um so festeres Sein hat, je mehr Eindrucksqualitäten sich zu seinem Zustandekommen zusammengefunden haben - **so** bilden wir aus den einzelnen Lebenselementen, deren jedes sozial entstanden oder verwebt ist, dasjenige, was wir die Subjektivität kat`exoc`hn nennen, die Persönlichkeit, die die Elemente der Kultur in individueller Weise kombiniert. Nachdem die Synthese des Subjektiven das Objektive hervorgebracht, erzeugt nun die Synthese des Objektiven ein neueres und höheres Subjektives - **wie** die Persönlichkeit sich an den sozialen Kreis hingibt und sich in ihm verliert, um dann durch die individuelle Kreuzung der sozialen Kreise in ihr wieder ihre Eigenart zurückzugewinnen. Übrigens wird ihre zweckmäßige Bestimmtheit so gewissermaßen zum

Gegenbild ihrer kausalen: von ihrem Ursprung her hat man sie als Kreuzungspunkt unzähliger sozialer Fäden gedeutet, als Ergebnis der Vererbungen von verschiedensten Kreisen und Anpassungsperioden, und ihre Individualität als die Besonderheit der Quanten und Kombinationen, in denen sich die Gattungselemente in ihr zusammenfinden. Schließt sie sich nun mit der Mannigfaltigkeit ihrer Triebe und Interessen wieder an soziale Gebilde an, so ist das sozusagen ein Ausstrahlen und Wiedergeben dessen, was sie empfangen, in analoger, aber bewußter und erhöhter Form."

pp. 466-7

wie// wie + so// sich verhalten + so

forma social e forma cognitiva; a personalidade individual e sua filiação a vários grupos, de um lado, e o objeto e sua concepção sob vários conceitos, de outro
socialfilosófica

S.6.a.9

"Übrigens wird ihre zweckmäßige Bestimmtheit so gewissermaßen zum Gegenbild ihrer kausalen: von ihrem Ursprung her hat man sie als Kreuzungspunkt unzähliger sozialer Fäden gedeutet, als Ergebnis der Vererbungen von verschiedensten Kreisen und Anpassungsperioden, und ihre Individualität als die Besonderheit der Quanten und Kombinationen, in denen sich die Gattungselemente in ihr zusammenfinden. Schließt sie sich nun mit der Mannigfaltigkeit ihrer Triebe und Interessen wieder an soziale Gebilde an, so ist das sozusagen ein Ausstrahlen und Wiedergeben dessen, was sie empfangen, **in analoger**, aber bewußter und erhöhter **Form**."

p. 467

referência explícita à analogia

formação individual e formação social; o indivíduo como personalidade singular e o indivíduo como ponto de cruzamento dos círculos sociais
socialfilosófica

S.6.a.10

"Es liegt auf der Hand, daß aus entsprechenden Motiven auch für den Soldaten die Ehelosigkeit manchmal als das Richtige galt, wo ein stark differenzierter Soldatenstand existierte; ganz **entsprechend** jenem Falle der russischen Kleriker hatte man bei den makedonischen Regimentern der Ptolemäer und danach in der römischen Kaiserzeit den Soldaten die Ehe oder das Konkubinat gestattet - dann aber die Truppe vielfach aus den Sprößlingen dieser Verbindungen ergänzt; erst die tiefe Einwurzelung des modernen Heeres im Organismus des Volkslebens hat die Exemtion der Offiziere in dieser Hinsicht ganz aufgehoben."

p. 471

entsprechend

o clero russo, o regimento macedônio sob dinastia ptolemaica e o império romano
sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.11

"Daß das Christentum seinem reinen Sinne nach eine ganz individualistische Religion ist - darin nur von dem ursprünglichen Buddhismus übertroffen, der aber auch keine eigentliche Religion ist, sondern nur ein auf absolut persönlichem Wege, ohne jede transzendente Vermittlung, gewinnbares Heil lehrt - das hat seine Verbreitung durch alle Mannigfaltigkeit nationaler und lokaler Gruppierungen hindurch ermöglicht; gerade **wie**, von der andern Seite her, das Bewußtsein des Christen, daß er die Zugehörigkeit zu seiner Kirche in jede beliebige Gemeinschaft mitnimmt, welcher Charakter und welche Pflichten ihm sonst auch von dieser kommen mögen, entschieden das Gefühl individueller Bestimmtheit und Selbstsicherheit bewirkt haben muß."

p. 481

wie

formação social e formação individual; o cristianismo em relação à sociedade (expansivo) e o cristianismo em relação ao indivíduo (individualizante)
socialfilosófica

S.6.a.12

"Die soziologische Formel dieser Sublimierung - das Verhältnis der Vertretung und der Führung, der Kontrolle und der Kooperation, der Ehrfurcht und der materiellen Versorgung zwischen Gläubigen und Priestern - ist zwar in jeder Religion eine irgendwie andre, allein es ist so viel Gemeinsames darin, daß man, unter Vorbehalten, doch von einer formalen Gleichheit der Stellung des Priesters innerhalb der noch so verschiedenen Gruppen sprechen kann - **wie** von der des Adligen, des Kriegers, des Händlers."

p. 484

wie

o sacerdote, o nobre, o guerreiro e o comerciante
sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.13

“Neben dieser standesgemäßen Unehrenhaftigkeit kann aber das Individuum in seinen allgemeinmenschlichen Beziehungen durchaus ehrenhaft im hergebrachten Sinne sein, gerade **wie** das Bewahren der spezifischen Standesehre nicht verhindert, daß das Individuum sich nebenher durchaus unehrenhaft, nach den allgemeinen Begriffen, verhalte.”

p. 486

wie

a honra dos estratos desonrados e a honra dos demais estratos
sociológica, *pura*

S.6.a.14

“Es kommt hinzu, daß die undifferenzierte Herrschaft einer sozialen Macht über den Menschen, wie ausgedehnt und streng sie auch sei, doch immer noch um eine Reihe von Lebensbeziehungen sich nicht kümmert und nicht kümmern kann, und daß diese der rein individuellen Willkür um so sorgloser und bestimmungsloser überlassen werden, je größerer Zwang in den übrigen Beziehungen herrscht; **so** mußte der griechische und noch mehr der altrömische Bürger sich zwar in allen mit der Politik nur irgend im Zusammenhang stehenden Fragen den Normen und Zwecken seiner vaterländischen Gemeinschaft bedingungslos unterordnen; aber er besaß dafür als Herr seines Hauses eine um so unbeschränktere Selbstherrlichkeit; **so** gibt jener engste soziale Zusammenschluß, wie wir ihn an den in kleinen Gruppen lebenden Naturvölkern beobachten, dem Einzelnen vollkommene Freiheit, sich gegen alle außerhalb des Stammes stehenden Personen in jeder ihm beliebenden Weise zu benehmen; **so** findet die Tyrannis überhaupt ihr Korrelat und sogar ihre Unterstützung in der vollkommensten Freiheit und selbst Zügellosigkeit der für sie nicht wichtigen Beziehungen der Persönlichkeiten.”

pp. 487-8

so

a dominação na Grécia e em Roma, a dominação nos povos primitivos e a dominação em tiranias
sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.15

“Jene Form einer über die ältere Differenzierung und Zusammenfassung hinausgehenden neuen Verteilung zeigen ferner etwa die Geschäfte, die alle verschiedenen Materialien für die Herstellung komplizierter Objekte führen, z. B. das gesamte Eisenbahnmaterial, alle Artikel für Gastwirte, Zahnärzte, Schuhmacher, Magazine für sämtliche Haus- und Kücheneinrichtung usw. Der einheitliche Gesichtspunkt, nach dem hier die Zusammenfügung der aus den verschiedensten Herstellungskreisen stammenden Objekte erfolgt, ist ihre Beziehung auf einen einheitlichen Zweck, dem sie insgesamt dienen, auf den terminus ad quem, während die Arbeitsteilung sonst nach der Einheitlichkeit des terminus a quo, der gleichen Herstellungsart, stattfindet. Diese Geschäfte, welche die letztere freilich zur Voraussetzung haben, stellen eine potenzierte Arbeitsteilung dar, indem sie aus ganz heterogenen Branchen, die aber an sich schon sehr arbeitsteilig wirken, die nach einem Gesichtspunkt zusammengehörigen, **sozusagen** die zu einem neuen Grundton harmonischen Teile einschließen.”

p. 491

sozusagen

sociedade e música: tônica
ilustrativa, *conceitual*

S.6.a.16

“Die äußerlich-mechanische Einheit der Dinge, ihre Zerlegung und die rational-sachliche Zusammenfassung der Elemente, die Herstellung neuer Ganzheiten von höheren übergreifenden Gesichtspunkten her - dies alles sind typische Formen der menschlichen Geistigkeit überhaupt. **Wie** die soziologischen Formen sich an einer unbegrenzten Zahl von Inhalten ausleben, **so** sind jene Formen selbst Ausgestaltungen tiefer gelegener, allgemeinerer seelischer Grundfunktionen.”

p. 492

wie + so

sociologia e metafísica; as formas sociais e as formas do espírito humano em geral
epistemológica

S.6.a.17

“In dem Allgemeinbegriff des Lohnarbeiters sammeln sich jene sozialen Kräfte, Verhältnisse, Zustände **wie** in einem Brennpunkt, um sich von ihm aus wieder gleichsam in Wirkungsstrahlen zu verbreiten, die sie ohne diese logisch-formale Zusammenfassung nicht hätten finden können.”

p. 494

wie

sociologia e ótica: foco
ilustrativa, *conceitual*

S.6.a.18

“Hier, wo schon durch die erste Vereinigung alles Personale ausgeschaltet ist und nur der reine Begriff des Schreiners oder Schuhmachers, des Glasbläfers oder Webers herrscht, tritt in der höheren Instanz der reine Begriff des Arbeiters, unter prinzipieller Beseitigung aller Unterschiede des Arbeitsinhaltes, um so leichter und schärfer hervor. [...]

Ebenso verhält es sich natürlich, wenn Arbeitgeber verschiedener Branchen sich koalieren; der Arbeitgeber einer Branche hat als solcher kein Interesse an dem Verhältnis des Arbeitgebers einer andern zu seinen Arbeitern; die Absicht der Koalition geht nur auf eine verstärkte Stellung des Unternehmers überhaupt gegenüber dem Arbeiter überhaupt. Jener Allgemeinbegriff des Unternehmers muß sich als Korrelat zu dem des Arbeiters erzeugen.”

p. 495

sich verhalten + ebenso// (destaco ainda: **Korrelat**)

o proletário e o burguês; a união dos trabalhadores em geral e a união dos empregadores em geral
sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.19

“Noch jetzt wird man bemerken können, daß die Normen für den kaufmännischen Verkehr sich um so reiner von den speziellen, für einen Zweig erforderlichen Bestimmungen ablösen, in je mehr Zweige die wirtschaftliche Produktion auseinandergeht, während z. B. in Industriestädten, die sich wesentlich auf je eine Branche beschränken, zu beobachten ist, wie sich der Begriff des Industriellen noch wenig von dem des Eisen-, Textil-, Spielwarenindustriellen losgelöst hat und die Usancen auch des anderweitigen, des industriellen Verkehrs überhaupt ihren Charakter von der das Bewußtsein hauptsächlich füllenden Branche entlehnen. Die praktischen Erscheinungen folgen auch hier durchaus der Psychologie der Logik: gäbe, es nur eine einzige Art von Bäumen, so würde es zur Bildung des Begriffs Baum überhaupt nicht gekommen sein. **So** neigen auch Menschen, die in sich stark differenziert, vielfach ausgebildet und betätigt sind, eher zu kosmopolitischen Empfindungen und Überzeugungen, als einseitige Naturen, denen sich das allgemein Menschliche nur in dieser beschränkten Ausgestaltung darstellt, da sie sich in andre Persönlichkeiten nicht hineinzuversetzen und also zur Empfindung des allen Gemeinsamen nicht durchzudringen vermögen.”

p. 498

so

forma social e forma cognitiva; a diferenciação que está na base da formação de conceitos gerais e a diferenciação que está na base formação de grupos cosmopolitas
socialfilosófica

S.6.a.20

“Die Sehnsucht dieser geht also auf Freiheit zu ökonomischer oder sonstiger Betätigung, sie fühlen sich innerlich von dem Sonderkreise des Hauses gelöst, **wie** die Proletarierin es äußerlich ist. Aus dieser Verschiedenheit der Schicht, in der die Lösung vollbracht ist, folgt die Verschiedenheit der praktischen Bestrebungen: die eine Klasse der Frauen will in das Haus zurück, die andre aus dem Hause heraus.”

p. 501

wie

a burguesa e a proletária
sociológica, *entre exemplos*

S.6.a.21

“**Wie** ein Mensch, den eine große Leidenschaft erfüllt, auch das Entfernteste, jeder inhaltlichen Berührung mit jener Entbehrende, das durch sein Bewußtsein geht, mit ihr in irgendeine Verbindung setzt, wie sein ganzes Seelenleben von ihr aus sein Licht und seine Schatten empfängt, - **so** wird eine **entsprechende** seelische Zentralisierung durch jeden Beruf bewirkt werden, der für die sonstigen Lebensbeziehungen nur ein relativ geringes Quantum von Bewußtsein übrig läßt. Hier liegt eine der wichtigsten inneren Folgen der Arbeitsteilung; sie gründet sich auf die erwähnte psychologische Tatsache, daß in einer gegebenen Zeit, alles übrige gleichgesetzt, um so mehr Vorstellungskraft aufgewandt wird, je häufiger das Bewußtsein von einer Vorstellung zur andern wechseln muß. Dieser Wechsel der Vorstellungen hat die gleiche Folge, **wie** in dem Falle der Leidenschaft ihre Intensität.”

p. 503

wie// so// entsprechend

o sofrimento e a divisão do trabalho; do ponto de vista psicológico, o sofrimento provocado pela perda é análogo a certo aspecto da divisão do trabalho
socialfilosófica (*atípica)

S.6.a.22

“Die wachsende Differenzierung der Berufe mußte dem Individuum zeigen, wie die ganz gleiche Richtung anderweitiger Lebensinhalte mit differenten Berufen verknüpft sein kann und also von seinem Beruf in erheblicherem Maße unabhängig sein muß. Und zu derselben Folge führt die gleichfalls mit der Kulturbewegung vorschreitende Differenzierung jener andern Lebensinhalte. Die Verschiedenheit des Berufs bei Gleichheit der übrigen Interessen und die Verschiedenheit dieser bei Gleichheit des Berufs mußte in gleicher Weise zu der psychologischen und realen Loslösung des einen vom andern führen. Sehen wir auf den Fortschritt von der Differenzierung und Zusammenfassung nach äußerlichen schematischen Gesichtspunkten zu der nach sachlicher Zusammengehörigkeit, so zeigt sich dazu eine entschiedene **Analogie** auf theoretischem Gebiet: man glaubte früher durch das Zusammenfassen größerer Gruppen der Lebewesen nach den Symptomen äußerer Verwandtschaft die hauptsächlichsten Aufgaben des Erkennens jenen gegenüber lösen zu können; aber zu tieferer und richtigerer Einsicht gelangte man doch erst dadurch, daß man an scheinbar sehr verschiedenen Wesen, die man unter entsprechend verschiedene Artbegriffe gebracht hatte, morphologische und physiologische Gleichheiten entdeckte und so zu Gesetzen des organischen Lebens kam, die an weit voneinander abstehenden Punkten der Reihe der organischen Wesen realisiert waren und deren Erkenntnis eine Vereinheitlichung dessen zuwege brachte, was man früher äußerlichen Kriterien nach in Artbegriffe von völlig selbständiger Genesis verteilt hatte. Auch hier bezeichnet die Vereinigung des sachlich Homogenen aus heterogenen Kreisen die höhere Entwicklungsstufe.”

p. 506

referência explícita à analogia

trabalho e ciência; o desenvolvimento de processos psicológicos ligados à diferenciação do trabalho e o desenvolvimento do conhecimento teórico no domínio da biologia

sociológica, *processual*

Anexo 1.7. Soziologie, capítulo 7

S.7[a.b][.1-15]

S.7.a.1

“Der Arme als Person, der Reflex seiner Lage in seinem Gefühl, ist hierbei ebenso gleichgültig, wie für den, der um des Heiles der eigenen Seele willen Almosen gibt; der subjektive Egoismus des letzteren ist zwar aufgehoben, aber nicht um des Armen willen, sondern um der Gesellschaft willen: daß der Arme die Gabe empfängt, ist nicht ihr Endzweck, sondern ein bloßes Mittel, **wie** in dem ersteren Fall. Die Herrschaft des sozialen Gesichtspunktes über das Almosen erweist sich daran, daß es von ebendenselben her auch verweigert werden kann - und zwar gerade oft, wenn persönliches Mitleid oder die unangenehme Situation des Neinsagens uns zur Gewährung bewegen möchte.”

pp. 516-7

wie

a assistência aos pobres para o bem da sociedade e a esmola que é dada como meio de salvação
sociológica, *entre exemplos*

S.7.a.2

“Die Unterstützung des Armen nimmt in der rechtlichen Teleologie dieselbe Stelle ein, **wie** der Schutz der Tiere. Niemand wird bei uns bestraft, weil er überhaupt ein Tier gequält hat, sondern nur, wenn er es »öffentlich oder in Ärgernis erregender Weise« getan hat. Also nicht das mißhandelte Tier, sondern die Rücksicht auf die Zeugen der Mißhandlung motiviert die Bestrafung.”

p. 519

wie

a assistência aos pobres e a proteção aos direitos dos animais
sociológica, *entre exemplos* (*atípica)

S.7.a.3

“Wenn der Staat etwa durch Gesetz verpflichtet ist, ein Wildwasser abzuleiten, und damit die Bewässerung gewisser Gebiete zu gewinnen, **so ist der Bach ungefähr in der Lage des vom Staate unterstützten Armen**: er ist zwar der Gegenstand der Pflicht, aber nicht der Träger des ihr korrespondierenden Rechtes, welches vielmehr die Adjazenten des Baches sind.”

p. 520

fórmula da analogia*

fenômenos sociais e fenômenos naturais; um córrego que precisa ser transposto e os pobres assistidos pelo Estado

ilustrativa, *figurativa*

* a fórmula aparece apenas de maneira aproximada: der Bach ist ungefähr in der Lage des Armen

S.7.a.4

“Trotz jener beiden Bestimmungen, durch die die Armenunterstützung ihn jenseits der letzteren zu stellen scheint, oder richtiger: mit ihnen ordnet er sich organisch in den Zusammenhang des Ganzen ein, gehört als Armer zu der historischen Wirklichkeit der Gesellschaft, die in ihm und über ihm lebt, ein genau so formal-soziologisches Element **wie** der Beamte oder der Steuerzahler, der Lehrer oder der Vermittler irgendwelchen Verkehrs.”

p. 522

wie

o pobre e outros agentes sociais
sociológica, *entre exemplos*

S.7.a.5

“Er **verhält sich** ungefähr **wie** der Gruppenfremde, der zwar auch sozusagen materiell außerhalb der Gruppe steht, in der er sich aufhält; aber eben damit entsteht ein Gesamtgebilde, das die autochthonen Teile der Gruppe und den Fremden zusammen umfaßt, die eigentümlichen Wechselwirkungen dieses mit jenen schaffen die Gruppe im weiteren Sinne, charakterisieren den wirklich historisch vorliegenden Kreis. So ist der Arme zwar gewissermaßen außerhalb der Gruppe gestellt, aber dieses Außerhalb ist nur eine besondere Art der Wechselwirkung mit ihr, die ihn in eine Einheit mit dem Ganzen in dessen weitestem Sinne verwebt.”

pp. 522-3

sich verhalten + wie

o pobre e o estranho/estrangeiro
sociológica, *entre exemplos*

S.7.a.6

“Denn es ist begreiflich, daß man die Befriedigung über die eigne gute Tat auf denjenigen projiziert, der zu ihr Gelegenheit gegeben hat: in der Liebe für den, dem man Opfer gebracht, liebt man im wesentlichen sich selbst, **wie** man in dem Haß gegen den, dem man Unrecht getan hat, sich selbst haßt.”

p. 528

wie

amor e ódio; do ponto de vista psicológico, o amor voltado aquele por quem nos sacrificamos é análogo ao ódio voltado àquele que nos prejudicou
socialpsicológica

S.7.a.7

“Hierin offenbart sich allerdings ein für die menschliche Vergesellschaftung höchst wirkungsvoller Zug, den man die moralische Induktion nennen könnte: wo eine Wohltat irgendwelchen Art erwiesen ist, auch die spontanste, singulärste, durch keinerlei Pflichtgebot geforderte - entsteht eine Verpflichtung zur Fortsetzung des Wohltuns, die tatsächlich nicht nur als Anspruch des Empfangenden, sondern auch in einem Gefühl des Gewährenden lebt. [...] Es liegt **wie** bei der theoretischen Induktion, die doch auch die Gleichheit eines vergangenen und eines künftigen Verlaufes nicht einfach deshalb annimmt, weil der erstere eben so und so beschaffen war, sondern weil aus diesem ein Gesetz entnommen wurde, das ihn ebenso bestimmt, wie es jeden künftigen bestimmen muß. So muß ein moralischer Instinkt dafür zugrunde liegen, daß auch die erste Wohltat schon einer Pflicht entsprach, von der nun die zweite nicht weniger als die erste gefordert wird. [...] Die irgend jemandem erwiesene Unterstützung wäre die ratio cognoscendi dafür, daß hier eine der ideellen Pflichtlinien von Mensch zu Mensch läuft, die ihre Zeitlosigkeit in dem Weiterwirken der einmal realisierten Verbindung zeigt.”

pp. 527-9

wie

ciência moral e lógica
epistemológica

S.7.a.8

“Der Massenvorgang hat inhaltlich wegen seiner Notwendigkeit, auch die unterste Stufe der intellektuellen, ökonomischen, kulturellen, ästhetischen usw. Skala zu umfassen, den Charakter eines Minimums: das **für alle gültige** Recht hat man als das ethische **Minimum** bezeichnet, die **für alle gültige** Logik ist das intellektuelle **Minimum**, das **für alle beanspruchte** Recht auf Arbeit kann sich nur auf diejenige

erstrecken, die ihrer Wertqualität nach ein **Minimum** darstellt, die Zugehörigkeit zu einer Partei fordert prinzipiell nur, daß man das **Minimum** von Grundsätzen, ohne das sie nicht bestehen kann, anerkenne."

p. 532

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal, ainda que, em alguns casos, com elipse)

ciência moral, lógica, economia e política

epistemológica (*atípica)

S.7.b.9

"Die theoretische Verständigung, ohne die es überhaupt keine menschliche Gesellschaft gäbe, ruht auf einer kleinen Zahl allgemein zugegebener - wenn auch natürlich nicht abstrakt bewußter - Normen, die wir als die logischen bezeichnen. Sie bilden das Minimum dessen, was von allen, die überhaupt miteinander verkehren wollen, anerkannt werden muß. [...] Alle Versuche, mit Hilfe der blossen Logik eine Einzelerkenntnis zu gewinnen, sind gescheitert, und ihre soziologische Bedeutung ist deshalb eine so negative **wie** die des Strafgesetzbuches: nur die Verfehlung dagegen schafft eine besondere und exportierte Situation, das Verbleiben in diesen Normen aber wirkt dem Einzelnen nichts andres aus, als die Möglichkeit, theoretisch, beziehungsweise praktisch, in der Allgemeinheit zu verbleiben. Gewiß kann aus tausend inhaltlichen Divergenzen der intellektuelle Konnex selbst bei streng eingehaltener Logik scheitern; **aber** bei verletzter Logik **muß** er **es** - gerade **wie** der moralisch-soziale Zusammenhalt zwar selbst bei genauer Vermeidung alles strafrechtlich Verbotenen doch noch auseinanderfallen kann, bei Durchbrechung dieser Normen **aber es muß**. **Nicht anders** steht es mit den gesellschaftlichen Formen im engeren Sinne, soweit sie in einem Kreise wirklich allgemein sind. Dann ist ihre Innehaltung für niemanden charakteristisch, aber ihre Übertretung ist es im höchsten Grade; denn das Allgemeinste eines Kreises will nur nicht übertreten sein, während die speziellen Normen, die engere Kreise zusammenhalten, in dem Maße ihrer Spezialisierung dem Individuum eine positive Färbung und Differenz verleihen. Auf diesem Verhältnis beruht auch der praktische Nutzen der so ganz inhaltlosen gesellschaftlichen Höflichkeitsformen. Auf das positive Vorhandensein der Hochachtung und Ergebenheit, deren sie uns versichern, dürfen wir auch aus ihrer genauesten Innehaltung nicht schließen; dagegen überzeugt die leiseste Verletzung ihrer aufs unverkennbarste, daß jene Gefühle nicht vorhanden sind. Der Gruß auf der Straße beweist noch keinerlei Achtung; das Unterlassen desselben aber sehr entschieden das Gegenteil derselben."

p. 537-8

wie// paralelismo sintático (**aber es muß**)// **nicht anders**

lógica, direito e sociologia

epistemológica

S.7.a.10

"Es lohnt vielleicht, hier außerhalb des augenblicklichen sachlichen Zusammenhangs zu bemerken, daß dies Umfaßtsein der individuellen Gestaltung durch die soziale, in die die Wurzel wie die Frucht jener hineinreicht, sich in der gleichen Form genau umkehren läßt. **Wie** das Individuum dort als eine Art Durchgangsgebilde für die gesellschaftliche Wesenheit erscheint, **so** kann diese letztere als bloße Zwischeninstanz der individuellen Entwicklung funktionieren."

p. 544

wie + so

formação individual e formação social; o indivíduo em relação à sociedade, e a sociedade em relação ao indivíduo

socialfilosófica

S.7.a.11

"Ich verglich den Armen dort mit dem Fremden, der gleichfalls der Gruppe *gegenüber* steht - allein dieses Gegenüber bedeutet eine ganz bestimmte *Beziehung*, die ihn als ein Element in das Gruppenleben hineinzieht. So steht der Arme freilich *außerhalb* der Gruppe, indem er ein bloßes Objekt für Vornahmen der Gesamtheit mit ihm ist, aber dieses Außerhalb ist - kurz ausgedrückt - nur eine besondere Form des Innerhalb. Alles dies **verhält sich** in der Gesellschaft, **wie** sich nach dem Kantischen Ausdruck das räumliche Außereinander in dem Bewußtsein verhält: im Raum sei zwar alles außereinander, und auch das Subjekt, als anschauliches, außerhalb der andren Dinge - aber der Raum selbst sei »in mir«, in dem Subjekt im weiteren Sinne. Genauer betrachtet aber läßt sich die so bezeichnete Doppelstellung des Armen - **wie** des Fremden - in nur graduellen Modifikationen an allen Gruppenelementen überhaupt feststellen."

p. 546

sich verhalten + wie

sociologia e ciências naturais; as formas sociológicas do pobre e do estranho/estrangeiro na sua relação com a sociedade, de um lado, e a exterioridade do espaço na sua relação com a consciência

epistemológica

S.7.a.12

“Dies ist vielleicht eine ganz einheitliche Attitüde des Sozialwesens als solchen, die sich nach diesen beiden Seiten hin auseinanderlegt oder von zwei verschiedenen Gesichtspunkten aus so verschieden erscheint - ungefähr **wie** die einzelne Vorstellung der Seele gegenübersteht, gerade so weit von ihr als ganzer gelöst, daß sie von ihrer Gesamtstimmung beeinflußt werden kann: gefärbt, gehoben oder unterdrückt, geformt oder aufgelöst - während sie doch zugleich ein integrierender Teil dieses Ganzen ist, ein Element der Seele, die nur aus dem Miteinander und ineinander solcher Elemente besteht.”

p. 547

wie

sociologia e filosofia; o dualismo dos seres sociais e o dualismo das representações singulares epistemológica

S.7.a.13

“Der Arme als soziologische Kategorie entsteht nicht durch ein bestimmtes Maß von Mangel und Entbehrung, sondern dadurch, daß er Unterstützung erhält oder sie nach sozialen Normen erhalten sollte. So ist nach dieser Richtung die Armut nicht an und für sich, als ein quantitativ festzulegender Zustand zu bestimmen, sondern nur nach der sozialen Reaktion, die auf einen gewissen Zustand hin eintritt - genau **wie** man das Verbrechen, dessen unmittelbare Begriffsbestimmung eine sehr schwierige ist, definiert hat als »eine mit öffentlicher Strafe belegte Handlung«.”

pp. 551-2

wie

o pobre e o criminoso

sociológica, *entre exemplos*

S.7.a.14

“**So** ist nach dieser Richtung die Armut nicht an und für sich, als ein quantitativ festzulegender Zustand zu bestimmen, sondern nur nach der sozialen Reaktion, die auf einen gewissen Zustand hin eintritt - genau wie man das Verbrechen, dessen unmittelbare Begriffsbestimmung eine sehr schwierige ist, definiert hat als »eine mit öffentlicher Strafe belegte Handlung«. **So** bestimmen manche jetzt das Wesen der Sittlichkeit nicht mehr aus der inneren Verfassung des Subjekts, sondern aus dem Erfolg seines Handelns: seine subjektive Absicht gilt nur insofern als wertvoll, als sie normalerweise eine bestimmte sozial-utilitarische Wirkung auslöst. **So** gilt vielfach der Begriff der Persönlichkeit nicht als eine Bestimmtheit eines Wesens von innen her, welche dieses zu einer gewissen sozialen Rolle qualifizierte, sondern umgekehrt: die Elemente der Gesellschaft, welche eine bestimmte Rolle in ihr spielen, heißen Persönlichkeiten.

pp. 551-2

so (paralelismo sintático)

sociologia e ciência moral

epistemológica (*atípica)

S.7.a.15

“Dennoch hat es auch an jener unmittelbaren Vergesellschaftung nicht immer gefehlt; im 14. Jahrhundert z. B. gab es in Norwich eine Gilde der armen Leute, Poorman's Gild, in Deutschland sogenannte Elendengilden - gerade **wie** einige Zeit später in den italienischen Städten eine Partei der reichen Leute begegnet, der Optimaten, wie sie sich nannten, die nur an der Tatsache des Reichtums jedes Mitglieds ihren Einigungsgrund fanden.”

p. 553

wie

a Poorman's Gild e a Optimaten

sociológica, *entre exemplos*

Anexo 1.8. Soziologie, capítulo 8

S.8[.a.b.c.d][.1-57]

S.8.a.1

“Der Selbsterhaltungstrieb des Individuums fordert ganz andre Handlungen, setzt ganz andre Kräfte ein, als die Selbsterhaltung seiner Gruppe, so daß die Selbsterhaltung der Einzelnen manchmal durchaus unbeschädigt und erfolgreich bestehen kann, während die der Gruppe schwach wird und zersplittert; umgekehrt kann die letztere allein sich noch in voller Kraft zeigen, wenn die der einzelnen Elemente schon

in der Decadence ist. Diese Erscheinung vor allem hat dazu geführt, die einheitliche Gruppe für ein Gebilde von selbständiger Realität zu halten, das ein Leben nach eigenen Gesetzen und eigenen Kräften, unabhängig von allen seinen individuellen Trägern führte - in genauer **Analogie** zu der Konstruktion eines »Lebensgeistes« oder einer besonderen personalen »Lebenskraft« an dem physiologischen Individuum.”

pp. 557-8

referência explícita à analogia

sociologia e biologia; a vida do grupo e a vida do indivíduo em sentido fisiológico

epistemológica

S.8.a.2

“Hier bietet sich einer der Fälle, in denen die zeitliche Ordnung der Erscheinungen eine entschiedene **Analogie** mit ihrer räumlichen zeigt. **Wie** sich aus den nebeneinander - d. h. doch außereinander - existierenden Individuen dennoch die soziale Einheit gestaltet, **wie** die unaufhebbare Trennung, die der Raum zwischen die Menschen setzt, dennoch durch die geistige Verbindung zwischen ihnen überwunden wird, so daß das Bild eines einheitlichen Ineinander entsteht - **so** hindert auch die zeitliche Trennung der Individuen und Generationen nicht, daß sie für unsere Vorstellung ein zusammengehöriges, ununterbrochenes Ganzes bilden.”

p. 559

referência explícita à analogia// **wie + so**

a ordenação espacial da sociedade e a ordenação temporal da sociedade

sociológica, *pura*

S.8.a.3

“**Wie** man von den auswärtigen »Flächenstaaten« immer nur als von der Summe ihrer Bewohner sprach: οἱ Αἰγύπτιοι, οἱ Πέρσαι - **so** ist für den Griechen die Zugehörigkeit zu seinem Staate nie bedingt durch die zum Lande, sondern nur durch die zur Bürgergemeinde. Wo verbannte Bürger sich auswärts in genügender Zahl zusammenfinden, setzen sie dort ohne weiteres das vom Feinde gestörte Staatswesen fort, dessen Lebenskontinuität so an die Personen der Teilnehmer, nicht aber an das Land gebunden erscheint.”

p. 560

wie + so

a maneira de se referir aos outros “Estados” entre os gregos e a pertença a um Estado

sociológica, *entre exemplos* (*atípica)

S.8.a.4

“Man kann also innerhalb einer Gruppe nie eigentlich sagen, daß mit einem gegebenen Momente eine neue Generation anfinke. Das Ausscheiden der alten und Eintreten der neuen Elemente erfolgt in ihr so allmählich und kontinuierlich, daß sie ebenso als ein einheitliches Selbst erscheint, **wie** ein organischer Körper in dem Wandel seiner Atome.”

p. 565

wie

sociologia e biologia; o grupo social e o corpo

epistemológica

S.8.a.5

“Auch ohne solche Kristallisierung zu der einheitlichen Beständigkeit des metaphysischen Geistes wiederholt sich anderweitig diese soziologische Form. Sie gibt z. B. auch Beamtenhierarchien ihre Beständigkeit und läßt das Wesen, den objektiven Geist derselben, sich durch allen Wechsel der Individuen hindurch erhalten (was sich denn auch schon, dem Falle der Priester **analog**, in der altrömischen Vorstellung zeigte, daß die Magistrate eigentlich von den Göttern ausgegangen seien und die *Weihe* zu ihnen nur durch den jeweiligen Inhaber dem Nachfolger mitgeteilt werden könne): die in einem gegebenen Augenblick vorhandenen Mitglieder sind eben erst dann sämtlich ausgeschieden, wenn sie mit ihren Nachfolgern lange genug in der Gruppe vereint waren, um diese sich, d. h. dem Geist, der Form, der Tendenz der Gruppe völlig zu assimilieren.”

pp. 567-8

referência explícita à analogia (**analog**)

a burocracia e o sacerdócio (segundo a representação corrente na Roma antiga)

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.6

“Die Kooptation ist das unermeßlich wichtige Formprinzip, das hier die oben angedeutete Funktion der Priesterweihe vertrat. Sie erhält den Charakter der Gruppe durch eine nicht abgrenzbare Zeit hindurch identisch und bewirkt eine gewisse **Analogie** mit dem Leben des Organismus, der auch nur die ihm

adäquaten und assimilierbaren Elemente aufnimmt. Sie stellt eine Fortsetzung der Lebenslänglichkeit dar, indem sie noch dazu an Stelle der Vererbung die ausgewählten, also der Zufälligkeit der letzteren entzogenen Elemente setzt.”

pp. 568-9

referência explícita à analogia

sociologia e biologia; a cooptação do indivíduo pelo grupo e a vida do organismo

epistemológica

S.8.a.7

“An diese Formung knüpft sich auch die besondere Erscheinung, die man hier etwa als Loyalität bezeichnet: die unbedingt persönliche Hingabe an eine Person, aber nicht weil sie diese bestimmte, sondern weil sie der Träger der Herrschaft ist. [...] Dies spezifische Gefühl gilt einem Sozial-Überpersönlichen, das doch in der Form einer vollen Persönlichkeit lebt - darin noch nuanciert gegen die Pietät für den Priester, in dem die Persönlichkeit mehr gegen die kirchlich-göttliche Sendung zurücktritt -, aber auch: einer Persönlichkeit, nicht weil sie diese Persönlichkeit ist, sondern weil sie gleichsam eine endliche Strecke des an sich unendlichen Lebens der Gruppe bezeichnet, das der eigentliche Gegenstand dieser Verehrung ist - **wie** manche vergänglichen und an sich vielleicht nicht bedeutsamen Erscheinungen der äußeren Natur mit Ehrfurcht ansehen, indem wir die Gesetze ahnen, deren zeitlose Gültigkeit sich in der Zufälligkeit jener darstellt.”

p. 575

wie

a lealdade e a contemplação da natureza

ilustrativa, *figurativa*

S.8.b.8

“Manche Fürsten haben die Erbllichkeit der Ämter direkt begünstigt: so Friedrich II., der Hohenstaufe, der die höchsten Richterstellen auf zwei Familien beschränkte, in denen das Rechtsstudium erblich war; **so** noch Ludwig XIV., der eine Zeitlang seine höchsten Ratgeber nur aus zwei Familien nahm, den Le Telliers und den Colberts.”

pp. 581-2

so

os mais elevados cargos jurídicos no reinado de Frederico II e os conselheiros de Luís XIV

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.9

“Die Bedeutung eines sachlichen Symbols für die Selbsterhaltung einer Gesellschaft wird nun eine sehr gesteigerte sein, wenn dasselbe außer seinem symbolischen Sinn auch noch einen realen Besitz darstellt, wenn also die zentralisierende Wirkung des Objekts daran hängt oder dadurch vermehrt wird, daß die materiellen Interessen aller Mitglieder der Gruppe sich in ihm begegnen. In diesem Falle wird es für die Erhaltung der Gruppe ganz besonders wichtig, den Gemeinbesitz vor Zerstörung zu sichern, ungefähr **wie** man es bei dem personalen Gruppenzentrum durch die Unsterblichkeit des Königs tut.”

pp. 591-2

wie

o símbolo do grupo e a imortalidade do rei (enquanto idéia)

sociológica, *pura*

S.8.a.10

“**Wie** die Vergänglichkeit des Individuums sich in der Zerstörbarkeit seiner Habe spiegelt, **so** die Unsterblichkeit der Vereinigung in der Unverlierbarkeit und Unverkäuflichkeit ihres Besitzes.”

p. 592

wie + so

formação individual e formação social; a posse do indivíduo e o símbolo do grupo

sociafilosófica

S.8.a.11

“**Wie** aber für den höheren Menschen die Unsterblichkeit keineswegs das gemeine Immer-weiter-leben-Wollen, keine Sehnsucht nach einem bloßen Lebensquantum bedeutet, sondern eine gewisse Qualität der Seele symbolisieren soll, eine nur so ausdrückbare Erhabenheit ihres Wertes über die irdischen Zufälligkeiten - **so** diene die Unsterblichkeit des Besitzes keineswegs nur der Habsucht der Kirche, sondern war ein Symbol der Ewigkeit des Prinzips, in dem sie zusammenhing.”

p. 592

wie + so

formação individual e formação social; a imortalidade para o indivíduo cultivado e a imortalidade cristalizada no grupo
socialfilosófica

S.8.a.12

“Damit ist dokumentiert, daß die Gruppe und ihr Interesse sich ganz jenseits der Interessensphäre des einzelnen Mitgliedes gestellt hat, daß sie ein Leben für sich lebt, daß sie die einmal darein eingetretenen Werte sich völlig aneignet, sie von ihrem individuellen Besitzer völlig loslöst und sie diesem so wenig wiedererstattet, **wie** ein organischer Körper die Lebensmittel, die er einmal seinem inneren Kreislauf einverleibt hat, ihrem etwaigen früheren Träger wiederzugeben imstande ist.”

p. 596

wie

o grupo e o organismo

ilustrativa, *figurativa*

S.8.a.13

“An vielen der französischen Arbeitergenossenschaften der vierziger Jahre ist dieser Zusammenhang recht deutlich zu erkennen. In ihren Statuten findet sich die Bestimmung, daß das Vereinsvermögen unter keinen Umständen aufgeteilt werden dürfte, und diese Idee setzt sich dahin fort, daß die Assoziationen desselben Gewerkes oft Syndikate bildeten, an welche jede ihren unteilbaren Fonds ablieferte, um so ein Gruppenvermögen zu schaffen, in dem die Beiträge der einzelnen Assoziationen so zu einer neuen und objektiven Einheit verschmolzen, **wie** es die Beiträge der Individuen in dem Fonds der einzelnen Assoziation taten. Hiermit war gleichsam ein Sublimat des Gedankens dieser einzelnen Assoziationen geschaffen; das Syndikat war die verkörperte, zu selbständiger Substanz gewordene Abstraktion der sozialisierenden Interessen, welche bis dahin nur in der individuelleren, mehr durch einzelne Inhalte charakterisierten Form der Assoziationen bestanden hatten.”

pp. 597-8

wie

a contribuição dos diversos indivíduos para cada associação sindical e a contribuição de cada associação sindical para o fundo unificado

sociológica, *entre exemplos*

*analogia contínua

S.8.a.14

“Und zwar **entspricht** jener Mittelstellung der Ehre zwischen Recht und Moral in bezug auf die Exekutive eine gleiche in bezug auf die Ausdehnung ihres Bereichs.”

p. 600

entsprechen

o poder de coação da honra e a extensão do domínio da honra

sociológica, *pura*

S.8.a.15

“**Wie** man es als die spezifische Leistung der Religion ansehen kann, daß sie dem Menschen sein eigenes Heil zur Pflicht macht - **so** ist es, mutatis mutandis, als die der Ehre zu bezeichnen, daß sie dem Menschen seine soziale Pflicht zu seinem individuellen Heile macht.”

p. 602

wie + so

a religião e a honra

sociológica, *pura*

S.8.a.16

“Die Wechselwirkungen unter Individuen, in denen jede Vergesellschaftung besteht, und deren besondere Form den Charakter der Gruppe als solcher bestimmt, gehen ursprünglich ganz unmittelbar zwischen den einzelnen Mitgliedern der Gesellschaft vor sich. So entsteht die Einheitlichkeit des Wirkens durch direkte Verabredung oder durch gegenseitige Anpassung der Interessen; **die** Einheit der religiösen Gemeinde **durch** das nach Zusammenschluß drängende religiöse Bedürfnis eines jeden; **die** militärische Verfassung der Gruppe **durch** die Schutz- und Trutzinteressen jedes waffenfähigen Mannes; **die** Verwaltung der Gerechtigkeit **durch** unmittelbaren Urteilsspruch der Gemeinde; **die** Organisation nach Führenden und Geführten **durch** die persönlichen Vorzüge Einzelner vor den übrigen; **der** ökonomische Zusammenhalt durch unmittelbaren Tausch zwischen den Produzenten.”

pp. 603-4

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

religião, exército, direito, subordinação e economia

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.17

“**So** ist der Handelsstand ein für sich bestehendes Gebilde, das als solches gleichgültig gegen allen Wechsel der Personen seine Funktionen als Vermittler zwischen den Produzenten ausübt; **so** besteht noch deutlicher das Amt als ein objektives Organ, durch das die einzelnen Beamten gleichsam nur traversieren und hinter dem ihre Persönlichkeiten oft genug verschwinden - vollständiger noch als beim Einzelherrscher, dessen individuelle Position mit ihrem Träger immerhin noch enger verschmolzen ist als eine pluralistische; **so** ist die Kirche ein unpersönlicher Organismus, dessen Funktionen von den einzelnen Priestern aufgenommen und ausgeführt, aber nicht produziert werden.”

pp. 604-5

so

a camada comerciante, o cargo público e a igreja
sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.18

“Kurz, was man früher in bezug auf die Lebewesen irrig geglaubt hat: daß **das Leben, das** doch tatsächlich nur eine Art der **Wechselwirkung** zwischen gewissen physischen Atomen ist, von einem eigenen Lebensgeist **getragen werde**, - das gilt als zutreffendes Gleichnis von **dem sozialen Wesen: was** seinem Ursprung nach eine direkte **Wechselwirkung** ist, das **wird** schließlich von einem besonderen, für sich seienden Gebilde **getragen**.”

p. 605

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

sociologia e bioquímica

epistemológica

S.8.a.19

“Aber nur als überpersönliche Totalität übt dieses Sondergebilde seine Funktion, d. h. die der Gesamtgruppe; seine einzelnen Elemente bleiben im übrigen individuelle Angehörige der letzteren und unterliegen als solche selbst den Bedingungen, unter die die Wirksamkeit jener Organe alle Elemente des Ganzen stellt: **der Kaufmann muß** die Gegenstände seines persönlichen Bedarfs gleichfalls **kaufen, der Richter unterliegt** den Gesetzen, die er **exekutiert, der Steuereinnehmer muß** selbst Steuern **bezahlen, der Priester selbst muß beichten**.”

p. 605

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal; há sempre: um substantivo, um verbo que expressa sujeição, outro verbo que designa a ação do sujeito e o objeto em relação a qual essa ação recai)

o comerciante, o juiz, o beneficiário dos impostos e o sacerdote

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.20

“Es ist eine der tiefstgelegenen, und für das menschliche Wesen spezifischsten Tatsachen, daß sowohl Individuen wie Gruppen erhebliche Kräfte und Förderungen aus Gebilden beziehen, welche sie selbst erst mit den dazu erforderlichen Energien und Qualitäten ausgerüstet haben. Die Spannkraft des Subjekts, die seiner Erhaltung und Entwicklung dienen, äußern sich oft auf dem Umwege, daß sie erst ein scheinbar objektives Gebilde konstruieren, aus dem sie dann auf das Subjekt zurückströmen: so verfahren wir wie jemand, der sich im Kriege einen Bundesgenossen wirbt, aber alle Streitkräfte, mit denen dieser ihm zu Hilfe kommen soll, ihm erst selber stellt. **Ich erinnere an** die Idee von Göttern, welche die Menschen erst mit allen möglichen, aus den eigenen Seelen geschöpften Qualitäten, Werten und Erhabenheiten ausstatten, um dann scheinbar von ihnen die sittlichen Gesetze und die Kraft zu ihrer Befolgung zu erhalten. **Ich erinnere daran**, daß wir unsere eigenen Gefühle, Tiefen, Bedeutsamkeiten in die Landschaft hinein legen, um dann aus ihr Trost, Vertiefung, Anregung heimzutragen. **Ich erinnere daran**, wie oft Freunde und Frauen uns intellektuell und gemütlich zu bereichern scheinen, bis wir erkennen, daß alle diese Seeleninhalte von uns selbst stammen und von jenen nur auf uns zurückgestrahlt werden.”

pp. 605-6

paralelismo sintático

a idéia dos deuses, a paisagem e amizade

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.21

“Wir werden zwar erkennen, welche hohe Zweckmäßigkeit für die sozialen Prozesse schon die bloße Vertretung der Massenhandlung durch die Aktion weniger Vertreter besitzt; allein hinter oder neben dieser Bedeutung der bloßen Quantität steht eine tiefere und qualitative der Funktionsübertragung von der Gesamtgruppe auf eine kleinere, ausgewählte Teilgruppe. Dies findet eine **Analogie** in der

wissenschaftlichen Welterkenntnis. Keine Wissenschaft kann die Fülle der wirklichen Vorgänge im Dasein oder der an irgendeinem Ding bestehenden qualitativen Bestimmungen erschöpfend beschreiben oder formulieren. Wenn wir uns deshalb der Begriffe bedienen, die jene Unübersehbarkeiten in sich verdichten und gleichsam handlich machen - so ist das nicht nur eine Vertretung des Ganzen durch einen ihm im wesentlichen gleichartigen Teil; sondern der Begriff hat eine andre innere Struktur, einen andern erkenntnistheoretischen, psychologischen, metaphysischen Sinn als das Ganze der ihm unterstehenden Dinge, er projiziert dieses Ganze auf eine neue Ebene, drückt das Extensive nicht nur mit einer geringeren Extensität, sondern in einer prinzipiell andern Form aus, deren Synthesen kein Miniaturbild jener unmittelbaren Totalitätserscheinungen, sondern autonome Gebilde aus dem Material dieser sind. **So** ergeben sich, wie sich zeigen wird, völlig neue, nicht nur in einer Maßreduktion bestehende soziologische Lebensphänomene, wenn sich über einer Gruppe gleichsam als ihr Extrakt oder als der allgemeine Begriff über einem Bezirk unübersehbar vieler Einzelaktionen das vertretende und führende Organ erhebt."

pp. 606-7

referência explícita à analogia// **so**

forma social e forma cognitiva; o órgão de direção do grupo e o conceito científico (que é, por natureza, especializado)

socialfilosófica

S.8.a.22

"Solange Tausch und Kauf sich nur in unmittelbarem Zusammenkommen von Produzenten und Konsumenten vollzieht, ist beides offenbar sehr unbeholfen und unvollkommen und muß durch die Schwierigkeiten dieser lokalen Bedingung außerordentlich oft verhindert werden. Sobald indessen der Händler dazwischen tritt, schließlich ein Stand von Händlern den Austausch systematisiert und jede überhaupt mögliche Verbindung zwischen den wirtschaftlichen Interessenten, zustande bringt, wird offenbar der gesamte Zusammenhang der Gruppe ein unvergleichlich engerer und kräftigerer. Das Einfügen eines neuen Organs, das sich zwischen die primären Elemente schiebt, bewirkt, **wie** so oft das Meer zwischen den Ländern, nicht Trennung, sondern Verbindung."

pp. 611-2

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; o comerciante está para o produtor e o consumidor, assim como o mar está para dois países

ilustrativa, *figurativa*

S.8.a.23

"Die Einheit der Gruppe, die in der irgendwie vermittelten Verbindung jedes Gliedes mit jedem besteht, muß auf Grund der Tätigkeit des Handelsstandes eine sehr viel energischere und gründlichere werden. Schließlich entsteht durch die dauernde Wirksamkeit des Handelsstandes ein System von regelmäßig funktionierenden, gegenseitig balancierten Kräften und Beziehungen, als eine allgemeine Form, in die sich die einzelne Produktion und Konsumtion nur wie ein zufälliger Inhalt einfügt, und die über dieser steht, **wie** der Staat über dem einzelnen Bürger oder **wie** die Kirche über dem einzelnen Gläubigen."

p. 612

wie

o sistema econômico, o estado e a igreja

sociológica, *pura*

S.8.a.24

"Die Linie, welche die Parteien in einer vitalen Angelegenheit spaltet, setzt sich durch alle möglichen sonstigen Angelegenheiten vom allgemeinsten bis zum speziellsten Charakter fort, und zwar nur, weil man mit dem Gegner in jener hauptsächlichen Frage überhaupt nicht mehr an einem Strang ziehen mag, und die bloße Tatsache, daß er sich für eine Seite irgendeines Dualismus entscheidet, schon hinreicht, um selbst die entgegengesetzte zu ergreifen. So haben die Sozialdemokraten in Deutschland gegen arbeiterfreundliche Maßregeln gestimmt, weil sie von andern Parteien oder von der Regierung befürwortet wurden. Der Parteidualismus wird **gleichsam** zu einem Apriori der Praxis, derart, daß jedes überhaupt auftauchende Problem sich sogleich nach seinem Ja oder Nein auf die bestehenden Parteien verteilt, daß die einmal statthabende Spaltung zu einer formalen Notwendigkeit des Getrenntbleibens auswächst."

p. 615

gleichsam

sociologia e filosofia: *a priori*

ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.25

"Als im 19. Jahrhundert in Frankreich die Frage der Urzeugung auftauchte, interessierten sich die Konservativen leidenschaftlich für deren Verneinung, die Liberalen ebenso für ihre Bejahung."

Entsprechend ist es an verschiedenen Orten dem Problem der ästhetischen Volkserziehung, den verschiedenen Richtungen der Literatur u. a. gegangen."

p.615

entsprechend

política e arte; o debate acerca da criação da vida entre liberais e conservadores na França do século XIX, de um lado, e a questão da educação estética da população, de outro sociológica, *exemplos*

S.8.a.26

"Es ist freilich wahrscheinlich, daß der Beamte, sozusagen nicht aus sich, sondern aus der Idee der Gruppe heraus handelnd, pflichtmäßig verfahren wird; aber auch daß er nur pflichtmäßig verfahren wird. Mit derselben Objektivität, die seine Vornahmen und Entscheidungen reguliert, wird er auch das Maß seines Krafteinsatzes abgrenzen und seine subjektive Persönlichkeit, wie er sie nicht in den Inhalt seines Tuns einfließen lassen darf, auch ihrem Energievorrat nach nicht weiter für dieses verbrauchen, als es objektiv normiert ist. Und mit den bedenkllicheren werden auch wertvollere Seiten der Persönlichkeit, die Herzenswärme, die Vorbehaltlosigkeit des Sich-Hingebens, das großherzige Nicht-Unterscheiden zwischen dem eigenen und dem fremden Interesse, durch die Objektivierung des Organs abgestellt werden. **Wie** Objektivität allenthalben das Korrelat der Arbeitsteilung ist, **so** ist, was man als die Objektivität des Beamten als solchen rühmt, eben die Folge der Differenzierung, mit der die Beamtenschaft um sachlich-spezifische, aus den Verschmelzungen und deshalb den Spaltungen des Gesamtlebens gelöste Zweckgesichtspunkte herum erwachsen ist."

p. 617

wie + so

formação individual e formação social; a objetividade do grupo e a objetividade do funcionário socialfilosófica (*atípica)

S.8.a.27

"Betrafen diese Vorzüge, die die Organbildung vor der Aktion der Totalgruppe für die Erhaltung derselben aufweist, **gleichsam** das Tempo und den Rhythmus der gruppenerhaltenden Prozesse, so erstrecken sie sich weiterhin auf ihre qualitativen Bestimmungen."

p. 617

gleichsam

sociologia e música: tempo e ritmo
ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.28

"In England führte die Unmöglichkeit, mit einer so zahlreichen, heterogenen, unbeständigen und doch zugleich schwer beweglichen Körperschaft, wie das House of Commons war, zu regieren, am Ende des 17. Jahrhunderts zu der Bildung des Ministeriums. Das englische Ministerium ist tatsächlich ein Organ des Parlaments, das **sich** zu diesem *ungefähr* so **verhält wie** das Parlament selbst zu dem ganzen Lande. Indem es aus führenden Mitgliedern des Parlaments gebildet wird und die jeweilige Majorität desselben repräsentiert, vereint es die Gesamttenenz der größten Gruppe - die es gleichsam in sublimierter Form darstellt - mit den Vorteilen individueller Begabung, wie sie nur bei der Führung durch Einzelpersonlichkeiten und innerhalb einer so wenig zahlreichen Vereinigung wie ein Ministerium ist, zur Geltung kommen können. Das englische Ministerium ist ein geniales Mittel, durch weitere Konzentrierung des differenzierten Organs diejenigen Mängel auszugleichen, mit denen das letztere die Unzulänglichkeit der Gesamtgruppenaktion wiederholt, zu deren Vermeidung es gerade gebildet war."

p. 623

sich verhalten + wie

o ministério inglês em relação ao parlamento e o parlamento em relação à nação como um todo sociológica, *entre exemplos*

S.8.c.29

"Dies ist der Gesichtspunkt, von dem aus man von einer Volksseele, einem Bewußtsein der Gesellschaft, einem Geist der Zeiten als von realen, produktiven Mächten gesprochen hat. Diesen Mystizismus, der seelische *Vorgänge* außerhalb von Seelen, die immer einzelne sind, stellen will, beheben wir, indem wir die konkreten geistigen Vorgänge, in denen Recht und Sitte, Sprache und Kultur, Religion und Lebensformen entstehen und wirklich sind, von den ideellen, für sich gedachten *Inhalten* derselben unterscheiden. Von dem Wortschatz und den Verbindungsformen der Sprache, wie sie in Wörterbuch und Grammatik vorliegen, von den rechtlichen, im Gesetzbuch niedergelegten Normen, von dem dogmatischen Gehalt der Religion, kann man sagen, daß sie »gelten« - wenn auch nicht in dem überhistorischen Sinn, in dem die Naturgesetze und die Normen der Logik gelten -, daß sie eine innere Dignität, unabhängig von den einzelnen Fällen ihrer Anwendung durch Individuen, besitzen. Aber diese Gültigkeit ihres Inhalts ist keine

seelische Existenz, die eines empirischen Trägers bedürfte, so wenig, den eben angedeuteten Unterschied vorbehalten, der Pythagoreische Lehrsatz eines solchen. bedarf. Gewiß ist auch dieser geistigen Wesens und in dem physisch bestehenden Dreieck liegt er nicht, denn er spricht ein *Verhältnis* seiner Seiten aus, das wir an keiner derselben in ihrer Existenz für sich finden. Andererseits ist diese Unkörperlichkeit des Pythagoreischen Satzes aber auch nicht gleich seinem Gedachtwerden durch einzelne Seelen; denn er bleibt *gültig*, völlig unabhängig davon, ob er überhaupt von solchen vorgestellt wird oder nicht, **wie** die Sprache, die Rechtsnormen, die sittlichen Imperative, die Kulturformen ihrem Inhalte und Sinne nach bestehen, unabhängig von der Vollständigkeit oder Unvollständigkeit, Häufigkeit oder Seltenheit, mit der sie in den empirischen Bewußtseinen erscheinen.

[...] In Wirklichkeit ist ihr Ursprung individualpsychologisch, aber kein einheitlicher, sondern bedarf einer Mehrheit seelischer Einheiten, die aufeinander wirken; umgekehrt, soweit sie als Einheit betrachtet werden, haben sie überhaupt keinen *Ursprung*, sondern sind ein ideeller Inhalt, **wie** der Pythagoreische Lehrsatz seinem Inhalte nach keinen Ursprung hat."

pp. 626-8

wie

os conteúdos objetivos da cultura e o teorema de pitágoras
sociológica, *entre exemplos* (*atípica)

S.8.c.30

"Aber in jener Gelöstheit von den individuellen Realisierungsprozessen sind Sprache, Recht, allgemeine Kulturgebilde usw. nicht etwa Produkte des Subjektes: Gesellschaftsseele, weil die Alternative: wenn das Geistige nicht individuellen Geistern ein. wohnt, so müsse es eben einem sozialen Geiste einwohnen - brüchig ist. Es gibt vielmehr ein Drittes: den objektiv geistigen Inhalt, der nichts Psychologisches mehr ist, so wenig **wie** der logische Sinn eines Urteils etwas Psychologisches ist, obgleich er nur innerhalb und vermöge der seelischen Dynamik eine Bewußtseinsrealität erlangen kann."

p. 627

wie

sociologia e lógica; o conteúdo objetivo da cultura e o sentido lógico de um juízo
epistemológica

S.8.c.31

"Als Unterabteilung dieser ist die soziale Psychologie etwa der physiologischen koordiniert, die die Bestimmtheit der seelischen Vorgänge durch ihre Verbindung mit dem Körper, **wie** jene durch ihre Verbindung mit andern Seelen, untersucht."

p. 630

wie

psicologia (em sentido fisiológico) e psicologia social
epistemológica

S.8.c.32

"Diese Tatsache der seelischen Beeinflussung durch das Vergesellschaftet-Sein - der einzige, aber freilich unermeßlich ausgedehnte Gegenstand der Sozialpsychologie - verleiht ein gewisses Recht auf diesen Begriff an einen Typus von Fragen, denen an und für sich er nicht zukommt; ich bezeichne ihn, den Hauptsachen nach, einestheils als den statistischen, andererseits als den ethnologischen. Wo innerhalb einer Gruppe eine psychische Erscheinung sich regelmäßig an einem Bruchteil des Ganzen wiederholt, oder eine andre, etwa ein spezifischer Charakterzug, sich an der ganzen Gruppe oder mindestens ihrer Majorität und ihrem Durchschnitt vorfindet - pflegt man von sozialpsychologischen oder auch soziologischen Phänomenen zu sprechen. Dies ist indes nicht ohne weiteres gerechtfertigt. Wenn in einer bestimmten Epoche unter m Todesfällen jedes Jahres sich n Selbstmörder finden, so ist dieser Satz, so sehr er Wahrheit sein mag, doch nur durch eine Synopsis des Beschauers möglich. Die sozialen Zustände können zwar die Kausalität der einzelnen Tat bestimmen oder mitbestimmen, aber sie brauchen es nicht, diese kann vielmehr eine rein personale, innere sein. [...] Die bloße Multiplikation einer nur an Individuen konstatierbaren Erscheinung macht sie doch noch nicht zu einer soziologischen oder sozialpsychologischen! - obgleich diese Vertauschung einer numerisch vielfachen Gleichheit mit einer dynamisch-funktionellen Verwebung eine dauernd wirksame Vorstellungsweise ist.

Einen **analogen** Typus kann man den ethnologischen nennen: wenn die Unfähigkeit, die individuellen Geschehensreihen in ihrer Einzelheit zu erkennen oder der Mangel an Interesse für diese Einzelheit nur einen Durchschnitt, eine ganz generelle Bestimmtheit der psychischen Verfassungen oder Vorgänge in einer Gruppe nachzeichnen läßt. Dies liegt auch vor, wenn man z. B. wissen will, wie sich in der Schlacht bei Marathon die Griechen benommen haben. Hier wird freilich nicht beabsichtigt - selbst wenn es erreichbar wäre - den seelischen Prozeß in jedem einzelnen der griechischen Kämpfer psychologisch darzulegen. Sondern ein ganz besonderes Begriffsgebilde wird geschaffen: der durchschnittliche Grieche, der Typus des Griechen, der Grieche schlechthin - ersichtlich eine ideelle Konstruktion, von den

Bedürfnissen des Erkennens her erwachsen und ohne Anspruch, an irgendeinem der konkreten griechischen Individuen ein genau deckendes Gegenbild zu finden.”

pp. 630-1

referência explícita à analogia

os dados estatísticos (em relação à sociologia) e os tipos médios (em relação à sociologia)

epistemológica (*atípica)

S.8.a.33

“Dadurch, daß die Regierung den Beamten ernennt, ist sein Organcharakter **gleichsam** in die zweite Potenz erhoben - entsprechend der allgemeinen Kulturentwicklung, in der die Ziele der Menschen durch einen immer reicher gegliederten Bau von Mitteln, durch das immer häufigere Einschleichen von Mitteln der Mittel erreicht werden, aber trotz dieses scheinbaren Umweges dennoch sicherer und in weiterem Umfange als durch die Unmittelbarkeit des primitiven Verfahrens.”

p. 634

gleichsam

sociologia e aritmética: exponenciação

ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.34

“Dadurch, daß die Regierung den Beamten ernennt, ist sein Organcharakter gleichsam in die zweite Potenz erhoben - **entsprechend** der allgemeinen Kulturentwicklung, in der die Ziele der Menschen durch einen immer reicher gegliederten Bau von Mitteln, durch das immer häufigere Einschleichen von Mitteln der Mittel erreicht werden, aber trotz dieses scheinbaren Umweges dennoch sicherer und in weiterem Umfange als durch die Unmittelbarkeit des primitiven Verfahrens.”

p. 634

entsprechend

burocracia e cultura

sociológica, *processual*

S.8.a.35

“Insofern gewährt das Nebenamt eine reinere Sachlichkeit der Funktion, gerade die Form des Hauptberufes kann außersachliche soziologische und materielle Konsequenzen mit sich bringen. **So** ist der Dilettant oft der Kunst reiner und selbstloser hingegeben als der Professional, der auch von ihr leben muß, **so** ist die Liebe eines Liebespaares oft von reiner erotischem Charakter als die eines Ehepaares.”

p. 635

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal **so ist + termo da comparação**)

o dilettante e o casal de amantes; o dilettante em relação à arte e os amantes em relação ao amor erótico

sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.36

“Das Bureauwesen, eine formale Organisation zur Durchführung einer ausgedehnteren Verwaltung, bildet in sich einen Schematismus aus, der mit den variablen Erfordernissen des praktisch sozialen Lebens sehr oft kollidiert, und zwar einerseits, weil das Fachwerk des Bureauwesens nicht auf sehr individuelle und komplizierte Fälle eingerichtet ist, die nun dennoch innerhalb seiner erledigt werden müssen, andererseits, weil das Tempo, in dem die Bureauaschinerie allein arbeiten kann, oft in schreiendem Widerspruch gegen die Dringlichkeit des einzelnen Falles steht. Wenn nun ein nur unter solchen Unzuträglichkeiten funktionierendes Gebilde seine Rolle als bloß dienendes Organ vergißt und sich als Selbstzweck seiner Existenz gebärdet, so muß die Differenz zwischen seinen Lebensformen und denen der Totalgruppe sich zu einer direkten Schädigung der letzteren zuspitzen. Die Selbsterhaltungen beider sind nicht mehr miteinander verträglich. Man könnte in dieser Hinsicht den bureaukratischen Schematismus mit dem logischen vergleichen, der **sich** zu dem Erkennen der Wirklichkeit überhaupt **verhält wie** jene zu der staatlichen Verwaltung: eine Form und ein Werkzeug, unentbehrlich in der organischen Verbindung mit den Inhalten, die es zu gestalten berufen ist, in denen aber auch sein ganzer Sinn und Zweck liegt. Wenn die Logik indes sich als selbständige Erkenntnis auftut, und ohne Rücksicht auf die realen Inhalte, deren bloße Form sie ist, sich anmaßt, ein abgeschlossenes Wissen aus sich selbst aufzubauen, so konstruiert sie sich eine Welt, die mit der wirklichen in erheblichem Gegensatz zu stehen pflegt. Die logischen Formen in ihrer Abstraktion zu einer besonderen Wissenschaft sind ein bloßes Organ der Totalerkenntnis der Dinge; sobald sie statt dieser Rolle eine völlige Selbstgenugsamkeit erstrebt und sich für den Abschluß statt für ein Mittel der Erkenntnis hält, so ist sie für die Erhaltung, den Ausbau und die Einheit der Gesamtheit des Erkennens so hemmend, **wie** es gelegentlich der bureaukratische Schematismus gegenüber der Gesamtheit der Gruppeninteressen werden kann.”

pp. 635-6

sich verhalten + wie

forma social e forma cognitiva; a burocracia e a lógica socialfilosófica

S.8.a.37

“Die Gruppe kann erhalten werden 1. durch möglichste Konservierung ihrer Form, durch Festigkeit und Starrheit derselben, so daß sie andrängenden Gefahren substanziellen Widerstand entgegensetzt und das Verhältnis ihrer Elemente durch allen Wechsel der äußeren Umstände hindurch bewahrt; 2. durch möglichste Variabilität ihrer Form, indem sie den Wechsel der äußeren Bedingungen durch einen solchen ihrer selbst beantwortet und sich im Fluß erhält, so daß sie sich jeder Forderung der Umstände anschmiegen kann. Diese Zweiheit von Möglichkeiten geht offenbar auf ein ganz allgemeines Verhalten der Dinge zurück, denn es findet auf allen möglichen Gebieten seine **Analogie**, sogar auf dem physikalischen. Vor der Zerstörung durch Druck und Stoß ist ein Körper geschützt entweder durch Starrheit und unverrückbaren Zusammenhang seiner Elemente, so daß die angreifende Kraft überhaupt keinen Eindruck macht, oder durch Biegsamkeit und Elastizität, die jedem Angriff zwar nachgibt, aber nach seinem Aufhören dem Körper sogleich die vorige Form wiedergibt.”

pp. 644-5

referência explícita à analogia

sociologia e física; a “estrutura” sociológica e a “estrutura” física epistemológica

S.8.a.38

“Auch hängt die Selbsterhaltung der Gruppe entweder durch Stabilität oder durch Labilität damit zusammen, daß die *Einheit* eines Wesens sich auf beiderlei Weise dokumentiert: wir erkennen ihm diese entweder daraufhin zu, daß es sich den verschiedensten Reizen und Situationen gegenüber immer als das gleiche zeigt oder daß es **sich** jedem Umstände gegenüber in der besonderen, gerade *ihm* entsprechenden Weise **verhält**, **wie** eine Rechnung aus zwei Faktoren bei Wechsel des einen gerade dann ein immer gleiches Resultat ergeben muß, wenn auch der andre Faktor sich entsprechend ändert.”

p. 645

sich verhalten + wie

sociologia e matemática; a labilidade do grupo como capacidade de adaptação ao contexto e a função matemática epistemológica

S.8.d.39

“Die Treue gehört zu jenen allerallgemeinsten Verhaltensweisen, die für alle Wechselwirkungen unter Menschen, die nicht nur materiell, sondern auch soziologisch verschiedenartigsten, bedeutsam werden können. In Ueber- und Unterordnungen wie in Gleichstellungen, innerhalb kollektiver Gegnerschaft gegen einen Dritten wie innerhalb kollektiver Freundschaften, in Familien wie dem Staat gegenüber, in der Liebe wie dem Verhältnis zum Berufskreise - in all diesen Gebilden, rein auf ihre soziologische Konstellation hin angesehen, wird die Treue und ihr Gegenteil wichtig, gleichsam als eine soziologische Form zweiter Ordnung, als der Träger der bestehenden und sich konservierenden Beziehungsarten zwischen Elementen; in ihrer Allgemeinheit **verhält** sie **sich** gewissermaßen zu den von ihr erhaltenen soziologischen Formen, **wie** diese sich zu den materiellen Inhalten und Motiven des gesellschaftlichen Daseins verhalten.”

p. 652

sich verhalten + wie

forma social e forma cognitiva; a fidelidade enquanto forma de socialização e as formas de socialização em geral (que são uma espécie de forma cognitiva) socialfilosófica

S.8.d.40

“Man könnte so die Treue als einen Induktionsschluß des Gefühles bezeichnen. Eine Beziehung hat in dem und in dem Moment bestanden. Daraus zieht das Gefühl - in einer **formalen Ähnlichkeit** mit der theoretischen Induktion - den weiteren Schluß: also besteht sie auch in einem späteren Moment; und **wie** man in dem intellektuellen Induktionsschlußes den späteren Fall sozusagen nicht mehr als Tatsache festzustellen braucht, weil Induktion eben bedeutet, daß einem dies erspart bleibt, **so** findet in sehr vielen Fällen jener spätere Moment die Realität des Gefühls, des Interesses gar nicht mehr vor, sondern er ersetzt diese durch jenen induktiv entstandenen Zustand, den man die Treue nennt.”

p. 655

wie + so// form + ähnlich = eine formale Ähnlichkeit

sociologia e indução; a fidelidade como objeto da sociologia e o procedimento indutivo epistemológica

S.8.d.41

“Hat der Bestand des Verhältnisses erst einmal sein psychologisches Korrelat in der Treue gefunden, so folgen dieser schließlich auch ihre Affekte, Herzensinteressen, innere Bindungen, die statt ihrer sozusagen logischen Stellung am Anfang der Beziehung sich nun vielmehr als deren Endresultat herausstellen - eine Entwicklung, die freilich ohne das Mittelglied der Treue, des auf die Erhaltung des Verhältnisses als solchen gerichteten Affektes, nicht eintritt. **Entsprechend** der psychologischen Assoziation, die, nachdem die Vorstellung B einmal an die Vorstellung A geknüpft ist, nun auch in umgekehrter Richtung wirkt und A in das Bewußtsein ruft, wenn B in ihm auftaucht - dieser **entsprechend** führt die soziologische Form auf dem angedeuteten Wege zu dem ihr entsprechenden inneren Zustand, während sonst dieser zu jener führt.”

p. 656

entsprechend

filosofia e sociologia; a associação de idéias e a associação de formas sociológicas
epistemológica

S.8.d.42

“Vielleicht hängt dieser spezifisch-soziologische Charakter der Treue damit zusammen, daß sie mehr als unsre andern Gefühle, die über uns kommen **wie** Regen und Sonnenschein und ohne daß unser Wille über ihr Kommen und Gehen Herr wäre, unsern moralischen Vornahmen zugänglich ist, daß ihr Versagen uns ein stärkerer Vorwurf ist, als wenn Liebe oder Sozialgefühl - jenseits ihrer bloß pflichtmäßigen Betätigungen - ausbleiben.”

pp. 658-9

wie

fenômenos humanos e fenômenos naturais
ilustrativa, *figurativa*

S.8.d.43

“Das stärkste äußere Fixierungsmaß innerlich variabler Verhältnisse ist offenbar das rechtliche: **die** Eheform, **die den** Wandlungen des personalen Verhältnisses ganz unnachgiebig gegenübersteht; **der** Kontrakt zwischen zwei Sozien, **der den** Geschäftsgewinn zwischen ihnen halbiert, trotzdem sich bald herausstellt, daß der eine alles, der andre nichts leistet; **die** Zugehörigkeit zu einer städtischen oder religiösen Gemeinde, **die den** Individuen völlig fremd oder antipathisch wird.”

p. 659

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

o casamento, o contrato entre sócios e a filiação à comunidade
sociológica, *pura*

S.8.d.44

“Die Dankbarkeit ist **so** in demselben Sinne eine Ergänzung der Rechtsform, **wie** ich die Ehre als eine solche aufwies.”

p. 661

wie

a gratidão e a honra
sociológica, *pura*

S.8.d.45

“Der Tausch ist die Sachwerdung der Wechselwirkung zwischen Menschen.[...] Die Beziehung der Menschen ist Beziehung der Gegenstände geworden. Die Dankbarkeit nun entsteht gleichfalls aus und in der Wechselwirkung zwischen Menschen, und zwar nach innen hin ebenso, wie nach außen hin jene Beziehung der Dinge daraus erwachsen ist. Sie ist das subjektive Residuum des Aktes des Empfangens oder auch des Hingebens. **Wie** mit dem Tausch der Dinge die Wechselwirkung hinaustritt aus dem unmittelbaren Akte der Korrelation, **so** sinkt mit der Dankbarkeit dieser Akt in seinen Folgen, in seiner subjektiven Bedeutung, in seinem seelischen Echo herunter in die Seele.”

p. 662

wie + so

a troca e a gratidão
sociológica, *pura*

S.8.d.46

“Die volle Freiheit liegt nur auf der Seite des Lassens, nicht auf der des Tuns zu dem ich dadurch, daß es Pflicht ist, veranlaßt bin, - **wie** ich zur Erwidern einer Gabe eben dadurch veranlaßt bin daß ich sie empfangen habe.”

p. 667

wie

a ação moral e a retribuição da dádiva
sociológica, *pura*

S.8.d.47

“Es gibt Verhältnisse, die **sozusagen** von vornherein nur mit einem bestimmten Kapital von Gefühlen wirtschaften und deren Anlage es unvermeidlich mit sich bringt, dieses allmählich aufzubrechen, so daß ihr Aufhören keine eigentliche Treulosigkeit involviert. Nur freilich, daß sie in ihren Anfangsstadien oft von den andern nicht zu unterscheiden sind, die - um im Gleichnis zu bleiben - von den Zinsen leben und in denen alle Leidenschaftlichkeit und Reservelosigkeit des Gebens nicht an dem Grundstock zehrt. Es gehört freilich zu den häufigsten Irrungen der Menschen, für Zinsen zu halten, was Kapital ist, und darum eine Beziehung so anzulegen, daß ihr Bruch zu einer Treulosigkeit wird.”

pp. 668-9

sozusagen

sociologia e economia: capital (e renda)
ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.48

“Nur durch die vollkommenste Elastizität kann eine solche Gesellschaft die Festigkeit des Zusammenhanges mit der fortwährenden Defensive und Offensive vereinigen. Sie muß sozusagen in jedes Loch schlüpfen, sich je nach den Umständen ausdehnen und zusammenziehen können, muß **wie** ein Körper in flüssigem Aggregatzustand jede Form annehmen, die sich ihr bietet.”

p. 670

wie

sociologia e química: estado físico da matéria
ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.49

“Diese Schwingungsweite, die sich aus dem individuellen Leben ersichtlich in das der Gruppe fortsetzt, ist für den Juden ebenso das Mittel der Selbsterhaltung, **wie** in dem Beispiel des englischen Arbeiters gerade die Starrheit und Unverrückbarkeit.”

pp. 671-2

wie

o judeu e sua flexibilidade, de um lado, e o trabalhador inglês e sua estabilidade, de outro
sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.50

“Es steht damit in fundamentaler Beziehung, daß in Aristokratien in der Regel das Alter die führende Stellung hat, **wie** in Demokratien die Jugend.”

p. 673

wie

aristocracia e democracia
sociológica, *pura*

S.8.a.51

“Die Herabsetzung der aristokratischen Prärogativen ist die *conditio sine qua non*, um das aristokratische Regime überhaupt zu retten. Hat man aber die Bewegung erst soweit vorschreiten lassen, so sind diese Konzessionen meistens nicht mehr genügend. jede Reform pflegt neue reformbedürftige Punkte zu enthüllen, und die Bewegung, welche zur Erhaltung der bestehenden Ordnung eingeleitet war, führt **wie** auf einer schiefen Ebene entweder zu einem Umsturz derselben, oder, wenn die neu aufgewachsenen Ansprüche sich nicht durchsetzen können, zu einer radikalen Reaktion, die auch die schon eingeräumten Änderungen rückgängig macht.”

p. 674

wie

sociologia e física: plano inclinado
ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.52

“Wo die Masse nicht unmittelbar sinnlich erregt wird und durch die gegenseitig ausgeübten Stimulierungen und Suggestionen ein nervöses Schwanken, eine Entwurzelung der festen Direktiven eintritt, die die Masse jedem aktuellen Impuls preisgibt, wo vielmehr ihr tieferer und dauernder Charakter wirksam wird - da folgt sie gleichsam dem Trägheitsgesetz: sie ändert ihren Zustand von Ruhe *oder Bewegung* nicht von selbst, sondern nur durch das Einwirken neuer, positiver Kräfte.”

p. 675

gleichsam

sociologia e física: lei da inércia
ilustrativa, *conceitual*

S.8.a.53

“Den intoleranten Konservativismus der athenischen Majorität, dem Sokrates zum Opfer fiel, hat man damit begründet, daß die *Gleichartigkeit* der Bevölkerung jede Erschütterung besonders gefährlich machte. Bei einer größeren Anzahl mannigfaltiger, über- und untergeordneter Schichten mag sich irgendeine problematische, ja selbst umstürzlerische Idee in vielen Köpfen verbreiten - es gibt so viele hemmende Mächte, zwischen einer solchen Bewegung und der Entscheidung der Gesamtheit oder der maßgebenden Faktoren liegen Instanzen von so mannigfaltigen Tendenzen, daß die Erschütterung nicht so bald das Ganze ergreift. Wo aber weder solche unmittelbare Mannigfaltigkeit noch eine arbeitsteilige Beamtenschaft vorhanden ist, da pflanzt sich eine irgendwo ansetzende Erschütterung leicht in das Ganze fort. Deshalb wird diesem der Instinkt der Selbsterhaltung zur Unterdrückung von Bewegungen und Agitationen Einzelner raten, die auch nur die Chance sozialer Gefahren enthalten. Den **formal gleichen Zusammenhang** zeigt von anderer Seite her eine Entwicklung innerhalb des frühen Christentums. Die ersten Gemeinden bewahrten den Geist ihrer Gemeinschaft in einer außerordentlichen Strenge und Reinheit, die kein Kompromiß mit sittlich Unzulänglichen oder in den Verfolgungen einmal Abgefallenen kannte; dieser Stabilität des Gesamtlebens entsprach eine vollkommen *gleichmäßige* Beschaffenheit der Mitglieder in sittlicher und religiöser Beziehung. Allein die vielfachen Abfälle in der Zeit der Verfolgungen zwangen die Kirche schließlich doch, von der Unbedingtheit ihrer Forderungen abzulassen und einer ganzen Skala mehr oder weniger vollkommener Persönlichkeiten die Mitgliedschaft einzuräumen.”

pp. 678-9

form + gleich = der formal gleiche Zusammenhang

a maioria ateniense e algumas comunidades cristãs primitivas
sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.54

“Aus dem Altertum ist die Bemerkung überliefert, daß Tyrannen, die die Adelsherrschaften stürzten, größtenteils unebenbürtige Adelssprößlinge waren. **So sind** im südlichen Amerika unvergleichlich viel weniger Aufstände von Negern und Indianern, als von Mestizen und Mulatten angezettelt, und **so sind** die Kinder aus jüdisch-christlichen Ehen oft besonders scharfe Kritiker sowohl der jüdischen wie der germanischen Lebensordnungen.”

pp. 680

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so sind**)

o tirano bastardo, o mestiço ou mulado insurrecto e o filho de um casamento entre judeu e cristão crítico em relação ao *status quo*
sociológica, *entre exemplos*

S.8.a.55

“**Was** die Labilität und Variabilität der Gruppenform im Nacheinander **ist, das ist die** Arbeitsteilung im Nebeneinander. Handelt es sich bei jener darum, daß die Gruppe als Ganzes sich den verschiedenen, nacheinander auftretenden Lebensbedingungen vermittels entsprechender Modifikation ihrer Form anpasse, so bei der Arbeitsteilung darum, daß sie für die verschiedenen gleichzeitig vorhandenen Erfordernisse die ihnen korrespondierenden Verschiedenheiten ihrer einzelnen Mitglieder herausbilde. Die ganze Vielfältigkeit und Abstufung in Berufen und Stellungen, die wir oben hervorhoben, ist offenbar nur durch Arbeitsteilung möglich; und **entsprechend** ist diese, **wie** ihr Gegenstück, die Variabilität der sozialen Lebensform, ein Charakteristikum des Mittelstandes und seiner Vorherrschaft.”

p. 680

wie// fórmula da analogia// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)// **entsprechend**

a variabilidade e a divisão do trabalho; a variabilidade em relação à organização temporal da sociedade e a divisão do trabalho em relação à organização espacial da sociedade
sociológica, *pura*

S.8.a.56

“Ein Hinweis auf ein solches Verhalten der Dinge liegt von vornherein in gewissen Erscheinungen, die eine enge Verschmelzung zwischen der sozialen Einheit überhaupt und einem bestimmten Inhalt oder Ausgestaltung ihrer darbieten. Eine derartige Verschmelzung tritt nämlich begreiflicherweise dann ein, wenn ein inhaltlich oder sonst bestimmter Zustand sehr lange unverändert besteht, und es ist Gefahr, daß er, durch irgendein äußeres Ereignis schließlich doch umgewälzt, die soziale Einheit selbst in seinen Sturz hineinzieht - gerade wie religiöse Vorstellungen oft mit moralischen Gefühlen durch lange Wechselbeziehung eng verwachsen sind und kraft dieser Assoziation, wenn sie durch Aufklärung beseitigt

werden, die sittlichen Normen mit entwurzeln können. **So** zerfällt eine bisher reiche Familie oft in sich, wenn sie verarmt, aber auch manche arme, wenn sie plötzlich reich wird. **So** entstehen in einem bisher immer freien Staat die schlimmsten inneren Parteiungen und Zerrissenheiten, wenn er seine Freiheit verliert (ich erinnere an Athen nach der mazedonischen Zeit), aber ebenso auch in einem bisher despotisch regierten, sobald er plötzlich frei wird, was die Geschichte der Revolutionen oft genug beweist.” pp. 682-3

so

religião, família e política
sociológica, *entre exemplos*// sociológica, *processual*

S.8.a.57

“Aversionen und Antagonismen von Gruppenelementen untereinander können die trotzdem vorhandene Einheit des Ganzen zu schärfster Wirksamkeit bringen; indem sie die sozialen Verbindungsfäden allerdings gleichsam verkürzen, spannen sie sie eben, und machen sie dadurch fühlbarer; freilich ist dies auch der Weg dazu, sie reißen zu lassen; allein bis dahin werden jene Gegenbewegungen, die ja nur auf Grund einer fundamentalen Zusammengehörigkeit und Beziehungsenge möglich sind, diese letzteren zu einem kräftigeren Funktionieren bringen, gleichviel, ob das auch mit um so schärferem Bewußtsein davon begleitet ist oder nicht. **So** haben Angriffe und Vergewaltigungen unter den Mitgliedern der Gemeinschaft den Erlaß von Gesetzen zur Folge, die ihnen wehren sollen, und die, obgleich sie sich nur auf dem Grunde des feindseligen Egoismus Einzelner erheben, dennoch der Gesamtheit ihre Zusammengehörigkeit, Solidarität, Interesseneinheit zum Bewußtsein und Ausdruck bringen. **So** ist die wirtschaftliche Konkurrenz eine äußerst enge Wechselbeziehung, die die Konkurrenten und die Abnehmer näher aneinander bringt, jene von diesen und auch voneinander abhängiger macht, als wenn die Konkurrenz von vornherein ausgeschlossen wäre. **So** führt vor allem der Wunsch, der Gegnerschaft vorzubeugen und ihre Konsequenzen zu mildern, zu Vereinheitlichungen (z. B. industriellen und politischen Kartellen), zu allerhand Usancen des wirtschaftlichen und sonstigen Verkehrs, die, obgleich nur auf dem Grunde eines wirklichen oder möglichen Antagonismus erwachsen, dem Zusammenhalt des Ganzen doch positive Förderung bringen.”

pp. 684-5

so

as disputas internas à comunidade, a concorrência econômica e o desejo de evitar ou minorar a oposição sociológica, *entre exemplos*// sociológica, *processual*

Anexo 1.9. Soziologie, capítulo 9

S.9[a.b.c.d][.1-37]

S.9.a.1

“Es gehört zu den häufigsten Ausartungen des menschlichen Kausaltriebes, formale Bedingungen, ohne die bestimmte Ereignisse nicht stattfinden können, für positive, produktive Ursachen derselben zu halten. Das typische Beispiel ist die Macht der Zeit - eine Redensart, die uns unzähligemal darum betrügt, den *wirklichen* Gründen von Milderungen oder Erhaltung der Gesinnung, von seelischen Heilprozessen oder fest gewordenen Gewohnheiten nachzuforschen. Mit der Bedeutung des Raumes wird es **sich** vielfach **nicht anders verhalten**. Wenn eine ästhetische Theorie es für die wesentliche Aufgabe der bildenden Kunst erklärt, uns den Raum fühlbar zu machen, so verkennt sie, daß unser Interesse nur den besonderen Gestaltungen der Dinge gilt, nicht aber dem allgemeinen Raum oder Räumlichkeit, die nur die *conditio sine qua non* jener, aber weder ihr spezielles Wesen noch ihren erzeugenden Faktor ausmachen. Wenn eine Deutung der Geschichte das Raummoment derart in den Vordergrund stellt, daß sie die Größe oder Kleinheit der Reiche, die Zusammendrängung oder Zerstreuung der Bevölkerungen, die Beweglichkeit oder Stabilität der Massen usw. als die gleichsam vorn Raum ausstrahlenden Motive des ganzen geschichtlichen Lebens verstehen will, so gerät auch hier die notwendige räumliche Befähigung aller dieser Konstellationen in Gefahr, mit deren positiv wirksamen Ursachen verwechselt zu werden. Freilich können Reiche nicht irgend welche Umfänge haben, freilich können Menschen nicht einander nahe oder fern sein, ohne daß der Raum seine Form dazu hergebe, so wenig jene Vorgänge, die man der Macht der Zeit zuschreibt, außerhalb der Zeit verlaufen können.”

p. 687

sich verhalten + nicht anders

a teorização do tempo e a teorização do espaço
epistemológica

S.9.a.2

“Aber die Inhalte dieser Formen erfahren doch nur durch andre Inhalte die Besonderheit ihrer Schicksale, der Raum bleibt immer die an sich wirkungslose Form, in deren Modifikationen die realen Energien sich zwar offenbaren, aber nur, **wie** die Sprache Gedankenprozesse ausdrückt, die allerdings *in* Worten, aber nicht *durch* Worte verlaufen.”

pp. 687-8

wie

sociologia do espaço e ciências da linguagem; as formas do espaço e as palavras epistemológica

S.9.a.3

“Ein geographischer Umfang von so und so vielen Quadratmeilen bildet nicht ein großes Reich, sondern das tun die psychologischen Kräfte, die die Bewohner eines solchen Gebietes von einem herrschenden Mittelpunkt her politisch zusammenhalten. Nicht die Form räumlicher Nähe oder Distanz schafft die besonderen Erscheinungen der Nachbarschaft oder Fremdheit, so unabweislich dies scheinen mag. Vielmehr sind auch dies rein durch seelische Inhalte erzeugte Tatsachen deren Ablauf zu ihrer Raumform **in keinem** prinzipiell **andern Verhältnis steht als** eine Schlacht oder ein Telefongespräch zu den ihrigen - so zweifellos auch diese Vorgänge sich eben nur unter ganz bestimmten Raumbedingungen verwirklichen können. Nicht der Raum, sondern die von der Seele her erfolgende Gliederung und Zusammenfassung seiner Teile hat gesellschaftliche Bedeutung.”

p. 688

kein andres + das Verhältnis (+ stehen)

as dimensões de um império, as relações entre proximidade e distância nos fenômenos da vizinhança e do estranho/estrangeiro, uma batalha e uma conversa ao telefone sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.4

“Für den geselligen Verband in den mittelalterlichen Städten Flanderns wurden drei derartige Grundlagen angeführt.- die »natürliche« Gemeinheit, d. h. die Vereinigung von Wohnstätten unter dem gemeinsamen Schutz von Wall und Graben, das städtische Schöffentum, durch welches die Gemeinde zur juristischen Person wurde, der kirchliche Verband der Einwohner in Pfarreien. Dies sind drei ganz verschiedene Motive, die auf die Zusammenfassung einer und derselben Personenzahl innerhalb eines und desselben Terrainstücks gehen. Alle drei, den gleichen Bezirk in so störungslosem Zusammen okkupierend, **wie** Lichtwellen und Schallwellen denselben Raum durchfluten, bewirken seine Zusammengefaßtheit als eines einheitlichen, ohne daß die äußere Anschaulichkeit der Funktion von Wall und Graben diesem Motiv einen prinzipiellen Vorzug vor den andern gibt.”

p. 688

wie

sociologia do espaço e física; diferentes modos com que a sociedade tende a ocupar o mesmo espaço e ondas de luz e de som epistemológica// ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.5

“Dazu gehört das, was man die Ausschließlichkeit des Raumes nennen kann. **Wie** es nur einen einzigen allgemeinen Raum gibt, von dem alle einzelnen Räume Stücke sind, **so** hat jeder Raumteil eine Art von Einzigkeit, für die es kaum eine Analogie gibt.”

p. 690

wie + so

o espaço em geral e as partes singulares do espaço epistemológica (*atípica)

S.9.a.6

“Mögen nun die Konfigurationen der Erdoberfläche uns den Rahmen vorzeichnen scheinen, den wir in die Grenzlosigkeit des Raumes einschreiben, oder mögen rein ideelle Linien gleichgeartete Stücke des Bodens trennen **wie** eine Wasserscheide, diesseits und jenseits deren jedes Teilchen einem andren Zentrum zu gravitiert: immer fassen wir den Raum, den eine gesellschaftliche Gruppe in irgendeinem Sinne erfüllt, als eine Einheit auf, die die Einheit jener Gruppe ebenso ausdrückt und trägt, wie sie von ihr getragen wird.”

p. 694

wie

sociologia do espaço e geografia: divisor de águas ilustrativa, *conceitual*

S.9.a.7

“Der Rahmen, die in sich zurücklaufende Grenze eines Gebildes, hat für die soziale Gruppe sehr ähnliche Bedeutung **wie** für ein Kunstwerk. An diesem übt er die beiden Funktionen, die eigentlich nur die zwei Seiten einer einzigen sind: das Kunstwerk gegen die umgebende Welt ab- und es in sich zusammenzuschließen; der Rahmen verkündet, daß sich innerhalb seiner eine nur eigenen Normen untertänige Welt befindet, die in die Bestimmtheiten und Bewegungen der umgebenden nicht hineingezogen ist; indem er die selbstgenugsame Einheit des Kunstwerkes symbolisiert, verstärkt er zugleich von sich aus deren Wirklichkeit und Eindruck. **So** ist eine Gesellschaft dadurch, daß ihr Existenzraum von scharf bewußten Grenzen eingefafßt ist, als eine auch innerlich zusammengehörige charakterisiert, und umgekehrt: die wechselwirkende Einheit, die funktionelle Beziehung jedes Elementes zu jedem gewinnt ihren räumlichen Ausdruck in der einrahmenden Grenze.”

p. 694

wie// so

sociologia do espaço e arte aplicada; a moldura do quadro e a fronteira social
epistemológica

S.9.a.8

“Diese sehr positiven Gründe prägen der Gegend eine Einförmigkeit immer wiederholter Lebensinhalte ein, fesseln sie **wie** an die Regelmäßigkeit einer Maschine und haben dem Niltal oft eine konservative Erstarrung für Jahrhunderte aufgezwungen, wie sie an der Küste des Ägäischen Meeres schon aus geographischen Gründen gar nicht erzielbar war.”

p. 696

wie

sociologia e mecânica: máquina
ilustrativa, *conceitual*

S.9.a.9

“Andrerseits ist der Rahmen eng, wenn er selbst bei geringer Menschenzahl als eine Einschnürung wirkt, über die gewisse Energien, nach innen nicht entfaltbar, fortwährend hinauszugreifen suchen. Die Wirkung dieser letzteren Konstellation auf die soziale Form hat z. B. Venedig unverkennbar erfahren: die enge und unmittelbar gar nicht durchbrechliche Eingefafßtheit seines Territoriums wies es viel mehr auf die sozusagen dynamische Expansion in den großen Weltverhältnissen hin, als auf eine territoriale Machterweiterung, die bei einer solchen Lage nur beschränkte Chancen bietet. Eine solche, räumlich weit ausschauende, über das Nächstliegende hinweggreifende Politik stellt aber sehr erhebliche intellektuelle Ansprüche, wie sie von der großen Masse nicht realisiert werden können. Dadurch war die unmittelbare Demokratie für Venedig ausgeschlossen. Es mußte seinen räumlichen Lebensbedingungen nach eine Aristokratie züchten, die, so hat man es ausgedrückt, über das Volk gebot, **wie** die Offiziere auf einem Schiff über die Mannschaft.”

p. 703

wie

a formação espacial de Veneza e sua formação política// a aristocracia de Veneza e o barco
socialfilosófica// ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.10

“Daß auch jene großen Räume doch oft relativ zu eng, d. h. überfüllt sind, kann diese erregende Wirkung, das Wachstum des individuellen psychischen Schwunges über seine gewohnten Grenzen hinaus, nur vermehren: denn es muß jenes Kollektivgefühl steigern, das den Einzelnen in eine Einheit jenseits seiner Individualität einschmilzt, das ihn über seine persönlichen Direktiven und Verantwortlichkeiten hinaus **wie** durch eine Sturmflut mitreißt.”

p. 704

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; a sociedade e uma maré de tempestade
ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.11

“Wir finden in dem mittelalterlichen Verkehr unzählige Verhältnisse, die sich für unsere Auffassung ganz der wirtschaftlichen und privatrechtlichen Aktion entziehen, dennoch zu Gegenständen einer solchen gemacht. Die Herrschaftsgewalt über die Territorien wie die Gerichtsbarkeit in ihnen, kirchliche Patronate wie Steuerrechte, Wege wie Münzprivilegien, alles dies wird verkauft oder verborgt, als Pfand gegeben oder verschenkt. Derartig labile, schon an sich in bloßen Wechselwirkungen zwischen Menschen bestehende Objekte nochmals zum Gegenstand wirtschaftlicher Wechselwirkungen zu machen, hätte noch mehr zu schwankenden und prekären Zuständen geführt, wenn alle diese Rechte und Verhältnisse nicht die Eigentümlichkeit gehabt hätten, am Orte ihrer Ausübung unentfernbar fixiert zu sein. Dies war das

Stabilitätsmoment, das ihrem rein dynamischen und relativistischen Wesen so viel Festigkeit gab, daß sich eben um sie jetzt weitere wirtschaftliche Wechselwirkungen gruppieren konnten. Ihre örtliche Fixierung war nicht wie die eines substanziellen Gegenstandes, den man immer an derselben Stelle wiederfände, sondern **wie** die eigentlich ideelle eines Drehpunktes, der ein System von Elementen in einer bestimmten Distanz, Wechselwirkung, gegenseitigen Abhängigkeit festhält."

pp. 707-8

wie

sociologia e mecânica: ponto de rotação ou ponto pivô
ilustrativa, *conceitual*

S.9.a.12

"Dieser Gegensatz ihrer Bewegungsformen beherrscht das äußere und das innere Leben überhaupt so vielfach, daß seine räumliche Verwirklichung als bloßer Spezialfall erscheint. **Ob** geistige und gesellige Beziehungen ein festes Zentrum haben, um das herum Interessen und Gespräche zirkulieren, **oder ob** sie einfach der Linienform der Zeit nachfließen; **ob** zwei politische Parteien einen festen Punkt zwischen sich besitzen, sei es die stetige Gleichheit einer Tendenz oder eine stetige Gegnerschaft, **oder ob** ihr Verhältnis sich von Fall zu Fall ohne Präjudiz entwickelt; **ob** in dem einzelnen Menschen ein starkes einseitig gefärbtes Lebensgefühl herrscht, - etwa ästhetischer Art das alle seine verschiedenartigen Interessen, religiöse wie theoretische, gesellige wie erotische, verbindet, gegeneinander abtönt, in einer Sphäre festhält - **oder ob** seine Interessen sich ohne solche dauernde Rückbeziehung und richtendes Maß nur nach ihren eigenen Stärkeverhältnissen entfalten - das bedingt ersichtlich die größten Unterschiede der Lebensschemata und bestimmt durch fortwährende Kämpfe und Mischungen beider den wirklichen Verlauf unsres Daseins. Dies alles aber sind einzelne Ausgestaltungen eben desselben allgemeinen Gegensatzes, dem im Räumlichen der soziologische Drehpunkt angehört."

p. 709

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **ob... oder ob**, sempre separados por ponto-e-vírgula)
a disposição das relações espirituais e de sociabilidade; a disposição de dois partidos políticos; a disposição dos sentimentos no indivíduo
sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.13

"Im ganzen aber sind bei primitivem Bewußtsein nur die äußerlichen Berührungen die Träger der innerlichen - so verschieden diese in ihrem Charakter seien -, das undifferenzierte Vorstellen weiß beides nicht recht auseinanderzuhalten; **wie** denn auch heute noch in der Rückständigkeit kleinstädtischer Verhältnisse die Beziehung zum Hausnachbar und das Interesse für ihn eine ganz andre Rolle spielt als in der Großstadt, in der man durch die Komplikation und Wirrnis des äußeren Lebensbildes an fortwährende Abstraktionen, an Gleichgültigkeit gegen das räumlich Nächste und enge Beziehung zu räumlich sehr Entferntem gewöhnt wird."

p. 718

wie

a proximidade na consciência primitiva e a proximidade entre vizinhos de uma cidade pequena
sociológica, *entre exemplos*

S.9.c.14

"Der Sprachlaut und seine Bedeutung bilden vielleicht das deutlichste Beispiel. **Wie** das Organ eines Menschen ganz unmittelbar anziehend oder abstoßend auf uns wirkt, gleichviel, was er sagt; wie andererseits das, was er sagt, uns zur Kenntnis nicht nur seiner augenblicklichen Gedanken, sondern seines seelischen Seins verhilft - **so** ist es doch wohl mit allen Sinneseindrücken; sie führen in das Subjekt hinein, als dessen Stimmung und Gefühl, und zu dem Objekt hinaus, als Erkenntnis seiner."

p. 722

wie + so

a voz e os demais sentidos
sociológica, *entre exemplos* (*atípica)

S.9.c.15

"Viele Modifikationen abgerechnet, ist das, was wir am Menschen sehen, das Dauernde an ihm; in seinem Gesicht ist, **wie** in einem Querschnitt durch geologische Schichten, die Geschichte seines Lebens und das, was ihr als die zeitlose Mitgift seiner Natur zugrunde liegt, gezeichnet."

p. 729

wie

sociologia e geologia; o rosto e o solo
epistemológica// figurativa, *ilustrativa*

S.9.c.16

“**Das** Parfüm leistet ebendasselbe durch Vermittlung der Nase, **was** der sonstige Schmuck durch die des Auges. Es fügt der Persönlichkeit etwas völlig Unpersönliches, von außen Bezogenes hinzu, das nun aber doch so mit ihr zusammengeht, daß es von ihr auszugehen scheint. Es vergrößert die Sphäre der Person, **wie** die Strahlen des Goldes und des Diamanten, der in der Nähe Befindliche taucht darein ein und ist gewissermaßen so in der Sphäre der Persönlichkeit gefangen. **Wie** die Kleidung verdeckt es die Persönlichkeit mit etwas, was doch zugleich als deren eigne Ausstrahlung wirken soll. Insofern ist es eine typische Stilisierungserscheinung, eine Auflösung der Persönlichkeit in ein Allgemeines, das doch die Persönlichkeit ihrem Reize nach zu eindringlicherem, geformterem Ausdruck bringt, als ihre unmittelbare Wirklichkeit es könnte. Das Parfüm überdeckt die persönliche Atmosphäre, ersetzt sie durch eine objektive und macht doch zugleich auf sie aufmerksam; von dem Parfüm, was diese fiktive Atmosphäre schafft, setzt man voraus, daß es jedem andern angenehm sein werde, daß es ein sozialer Wert sei. **Wie** der Schmuck muß es unabhängig von der Person *gefallen*, deren Umgebung subjektiv er freuen, und dies muß doch zugleich dem Träger als Person gutgeschrieben werden.”

p. 736

wie// fórmula da analogia

o perfume e o adorno (e a roupa)

sociológica, *pura*

S.9.c.17

“**Wie** der Streit, ob der Mensch von »Natur« monogamisch ist oder nicht, sicher irrig ist, da es eben von Anfang an ebenso wie zu jeder späteren Zeit monogamische und polygamische, zölibatäre und aus all diesen Tendenzen gemischte Naturen gegeben hat - **so** scheinen mir all die Motive, die man für das Verbot der Verwandtenehe angeführt hat, tatsächlich gewirkt zu haben - nur daß keines *das* Motiv schlechthin zu sein beanspruchen darf.”

p. 737

wie + so

a questão da monogamia e a questão da proibição do incesto

sociológica, *pura* (*atípica)

S.9.c.18

“Sobald die einzelnen Familien getrennt leben, verhindert selbst Blutsverwandtschaft unter ihnen die Ehe in nur geringem Grade. Bei den Thanea-Indianern Brasiliens, bei denen die Ehen zwischen Verwandten zweiten Grades sehr häufig sind, bewohnt jede Familie ihr eigenes Haus, und **ebenso verhält es sich** mit den Buschmännern und den Singhalesen; auch daß bei den Juden die Ehe zwischen Geschwistern streng verpönt, die zwischen Geschwisterkindern aber gestattet war, hat man damit erklärt, daß die letzteren nicht in einem Haushalte zusammen lebten.”

p. 740

sich verhalten + ebenso

o casamento entre certos índios brasileiros e o casamento entre os busmanos e cingaleses

sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.19

“Das physische Näherkommen ist doch nicht immer die adäquate Folge der inneren Annäherung, sondern erfolgt, wo diese auf dem status quo bleibt, oft aus ganz äußerlichen Gründen. Und dabei tritt **das Entsprechende wie** bei dem physikalischen Vorkommnis ein: wenn man an einem Körper diejenigen Veränderungen, die die Wärme an ihm bewirkt, durch andre, mechanische Mittel vornimmt, so kühlt er sich ab!”

pp. 743-4

das Entsprechende// wie

sociologia e física

epistemológica

S.9.a.20

“Wo in einer größeren Gruppe sich eine von gleichen Interessen zusammengehaltene Minorität befindet, ist es für das Verhalten derselben zum Ganzen sehr unterscheidend, ob sie räumlich kompakt zusammen wohnt oder durch die Gesamtgruppe hindurch verstreut bzw. in kleinen Abteilungen lebt. Welche von beiden Formen für die Machtstellung einer solchen Minorität unter sonst gleichen Umständen das Günstigere ist, läßt sich nicht generell bestimmen. Wenn die fragliche Untergruppe sich in einem defensiven Zustand gegenüber der Majorität befindet, so entscheidet über jene Frage das Maß ihrer Kräfte. Sind diese sehr gering, so daß kein eigentlicher Widerstand, sondern nur ein Entgehen, Sichunsichtbarmachen, Vermeiden vernichtender Angriffe in Frage steht, so wird, wie ohne weiteres ersichtlich, möglichste Zerstreuung ratsam sein. Bei erheblicheren Kräften, insbesondere größeren

Personenzahlen, für die schon die Chance, einen Angriff auszuhalten, besteht, wird umgekehrt möglichst Zusammenballung die Erhaltung fördern. **Wie** schon die Züge der Heringe sich durch ihre dichte Gedrängtheit vor Gefahren schützen, indem sie so eine geringere Angriffsfläche und weniger Zwischenräume für eindringende Feinde darbieten - **so** gewährt ein enges Zusammenwohnen exponierter Minoritäten die größere Wahrscheinlichkeit erfolgreichen Widerstandes, gegenseitiger Aushilfe, wirksameren Bewußtseins der Zusammengehörigkeit."

p. 744

wie + so

comportamento social e comportamento natural; o cardume de arenques e o grupo compacto
ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.21

"Die spartanische Geschichte zeigt diese Bedingtheit in sehr interessanter Kombination. [...] Als die Spartaner deshalb in Mantinea die Demokratie stürzen wollten, lösten sie die Stadt in eine Anzahl Flecken auf. Sie selbst aber, in dem Konflikt zwischen dem agrarischen Charakter ihres Staates, bei dem das räumliche Auseinander immer fühlbar bleibt, und der insofern ja auch ihrem Aristokratismus durchaus angemessen war - und der energischen Zentralisation, die ihr Militarismus forderte, fanden den Ausweg, ihre Landwirtschaft von Hörigen betreiben zu lassen, während sie selbst ziemlich eng in Sparta zusammensaßen. In einer gewissen **äußeren Ähnlichkeit** damit verlief das Schicksal des französischen Adels im ancien regime. Er war in seiner agrarisch-extensiven Lebensweise in hohem Maße autonom gewesen, bis das immer zentralisierter werdende Regiment mit seiner anschaulichen Aufgipfelung zu dem Hofleben Ludwigs XIV. einerseits die rechtliche und administrative Selbständigkeit des Adels untergrub und ihn andererseits durchgehends nach Paris zog."

p. 747

äußere Ähnlichkeit

certos aspectos do desenvolvimento de Esparta e certos aspectos do desenvolvimento da nobreza no Antigo Regime
sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.9.a.22

"Aus dem Mittelalter wird vielfach berichtet, daß zusammen wandernde Kaufleute streng kommunistische Ordnungen unter sich eingeführt hätten, wovon es nur eine Fortsetzung ist, daß die im Ausland sich bildenden Kaufmannsgilden oder Hansen oft, und zwar bezeichnenderweise -gerade am Anfang ihrer Entwicklung, völlige Lebensgemeinschaften eingehen. Neben dem nivellierenden Moment der Wanderschaft wird wohl auch in solchen Fällen das despotische nicht gefehlt haben. Wenigstens wird von den Zügen wandernder Kaufleute, die in der römischen Kaiserzeit von Palmyra aus das Euphratgebiet durchzogen, hervorgehoben, daß ihre Obmänner die vornehmsten Männer von ganz altem Adel gewesen seien, denen dann die Karawanenteilnehmer oft Ehrensäulen setzten. Es ist also anzunehmen, daß deren Gewalt auf der Reise eine diskretionäre war, so wie es unter sehr **analogen** Verhältnissen die des Schiffskapitäns während der Fahrt ist."

p. 751

referência explícita à analogia

o grupo e o barco; o líder das caravanas comerciais de Roma em relação a seus comandados e o capitão em relação a um barco
ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.23

"Die Reisebekanntschaft verlockt oft von dem Gefühl aus, daß sie zu nichts verpflichtet, und daß man einem Menschen gegenüber, von dem man sich in wenigen Stunden für immer trennt, eigentlich anonym ist, zu ganz merkwürdigen Konfidenzen, zu haltloser Nachgiebigkeit gegen den Äußerungstrieb, die uns in den gewöhnlichen langsichtigen Beziehungen nur die Erfahrung ihrer Konsequenzen einzudämmen gelehrt hat; **so hat man auch die** erotischen Chancen des Soldatenstandes darauf geschoben, daß er nicht die Seßhaftigkeit der meisten andern Stände besitzt, daß die Beziehung zu dem Soldaten für die Frau die Färbung eines flüchtigen Traumes besitzt, der nicht nur zu nichts engagiert, sondern gerade durch seine Kürze zu der äußersten Intensität seiner Ausnutzung und der Hingabe an ihn verlockt; **so hat man auch** die Erfolge der Bettelmönche mit daraus erklärt, daß man ihnen, die das Recht hatten, überall Beichte zu hören, und die heute kamen und morgen gingen, oft ungenierter beichtete als dem eignen Pfarrer, der das Beichtkind dauernd unter Augen behielt."

pp. 754-5

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so hat man auch**)

a amizade entre viajantes, a atração exercida pelos soldados e a confissão feita aos monges de ordens mendicantes
sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.24

“Die russische Gewohnheit soll dem Zusammenhalten des Reiches gedient haben, die deutsche, die aus dem Mangel einer Reichshauptstadt hervorging, war eben dadurch zwar das Zeichen einer bedenklichen Dezentralisation, aber unter diesen Umständen noch das beste, was sich für den Zusammenschluß der verschiedenen Reichsteile in der Person des Königs tun ließ. Gerade eine der Veranlassungen dieses Umherreisens der deutschen Fürsten: daß die Naturalabgaben an sie mangels von Transportmitteln an Ort und Stelle verzehrt werden mußten - gerade dies knüpfte eine Art ganz persönlicher Beziehung zwischen jedem Bezirk und dem König. Dem **analogen** Zweck diente in England die Einrichtung der Itinerant Justices durch Heinrich II. Bei den Unvollkommenheiten der Zentralisation und Kommunikation war die Verwaltung der Grafschaften durch Landvögte von vornherein erheblichen Mißbräuchen ausgesetzt gewesen. Die umherreisenden Richter erst brachten die höchste Staatsinstanz überall hin, sie erst bezogen alle Teile des Reiches - durch die Distanz, die sie als Fremde gegen jeden derselben hatten, und durch die inhaltliche Gleichmäßigkeit ihrer Rechtsprechungen - in die jenseits der einzelnen gelegene und im König zentralisierte Einheit von Recht und Verwaltung ein.”

pp. 757-8

referência explícita à analogia

as viagens do príncipe alemão (antigo império) e a justiça itinerante da Inglaterra de Henrique II
sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.25

“Indem sich im Mittelalter die Unentbehrlichkeit, die das Wandern für den ganzen ökonomischen und geistigen Verkehr besaß, mit seinen Gefahren und Schwierigkeiten kombinierte, außerdem die Armen, die so wie so Gegenstand der allgemeinen Fürsorge waren, fast fortwährend wanderten - konnte es geschehen, daß die Kirche die Wanderer den täglichen Gebeten der Frommen empfahl, in einem Atem mit den Kranken und den Gefangenen. Und **ähnlich** bestimmt der Koran: der fünfte Teil der Beute gehöre Gott und seinen Gesandten und den Waisen und den Bettlern und den Wanderern.”

p. 759

ähnlich

a disposição da igreja católica em relação ao viajante e a disposição do corão em relação ao viajante
sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.26

“**Wie** der Wanderer, auch wenn er keineswegs arm ist, doch besonders leicht in hilfsbedürftige Situationen geraten kann -und um so mehr, je unausgebildeter die äußere Kultur ist -, **so** ist es umgekehrt dem Armen besonders nahegelegt, zu wandern, weil die einzelnen Felder der Almosenernte sich erschöpfen.”

pp. 759-760

wie + so

o viajante/andarilho e o pobre
sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.27

“Und eben dasselbe, was den Vagabunden in diese exponierte und angegriffene Stellung hineintreibt, sein Trieb zu fortwährendem Ortswechsel, die Fähigkeit und Lust des »Sich-unsichtbar-Machens«, ist doch zugleich sein Schutz gegen jene Verfolgungen und Ächtungen, -es ist zugleich seine Angriffs- wie seine Verteidigungswaffe. **Wie** sein Verhältnis zum Raume der adäquate Ausdruck seiner subjektiven Innerlichkeit und ihrer Oszillationen ist, **so** ist es der gleiche für die Beziehungen zu seiner sozialen Gruppe.”

p. 761

wie + so

forma social e forma espacial; a relação do andarilho com o espaço e a relação do andarilho com o grupo social
socialfilosófica

S.9.d.28

“Der Fremde ist ein Element der Gruppe selbst, **nicht anders als** die Armen und die mannigfachen »inneren Feind« - ein Element, dessen immanente und Gliedstellung zugleich ein Außerhalb und Gegenüber einschließt.”

p. 765

nicht anders als

o estranho/estrangeiro, o pobre e o inimigo interno ao grupo
sociológica, *entre exemplos*

S.9.d.29

“Ein anderer Ausdruck für diese Konstellation liegt in der Objektivität des Fremden. [...] Objektivität ist keineswegs Nicht-Teilnahme, - denn diese steht überhaupt jenseits von subjektivem und objektivem Verhalten - sondern eine positiv-besondere Art der Teilnahme - **wie** Objektivität einer theoretischen Beobachtung durchaus nicht bedeutet, daß der Geist eine passive tabula rasa wäre, in die die Dinge ihre Qualitäten einschrieben, sondern die volle Tätigkeit des nach seinen eigenen Gesetzen wirkenden Geistes, nur so, daß er die zufälligen Verschiebungen und Akzentuierungen ausgeschaltet hat, deren individuell-subjektive Verschiedenheiten ganz verschiedene Bilder von dem gleichen Gegenstand liefern würden.”

p. 767

wie

sociologia e filosofia; a objetividade do estranho/estrangeiro e a objetividade do conhecimento epistemológica

S.9.d.30

“Diese Freiheit, die den Fremden auch das Nahverhältnis **wie** aus der Vogelperspektive erleben und behandeln läßt, enthält freilich allerhand gefährliche Möglichkeiten.”

p. 767

wie

o estranho/estrangeiro e o pássaro
ilustrativa, *figurativa*

S.9.d.31

“Eine Entfremdung pflegt - ob als Ursache, ob als Folge, ist schwer entscheidbar - in dem Augenblick einzusetzen, in dem der Beziehung ihr Einzigkeitsgefühl entschwindet; ein Skeptizismus gegen ihren Wert an sich und für uns knüpft sich gerade an den Gedanken, daß man schließlich mit ihr nur ein allgemein menschliches Geschick vollzöge, ein tausendmal dagewesenes Erlebnis erlebte, und daß, wenn man nicht zufällig eben dieser Person begegnet wäre, irgendeine andere die gleiche Bedeutung für uns gewonnen hätte. Und irgend etwas davon mag keinem, noch so nahen Verhältnis fehlen, weil das Zweien Gemeinsame vielleicht niemals bloß ihnen gemeinsam ist, sondern einem allgemeinen Begriff zugehört, der noch viel andres einschließt, viele Möglichkeiten des Gleichen; so wenig sie sich verwirklichen mögen, so oft wir sie vergessen mögen, hier und da drängen sie sich doch **wie** Schatten zwischen die Menschen, **wie** ein jedem bezeichnenden Worte enthuschender Nebel, der erst wie zu fester Körperlichkeit gerinnen müßte, um Eifersucht zu heißen.”

p. 769

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; o estranhamento numa relação íntima como análogo da sombra ou da névoa
ilustrativa, *figurativa*

S.9.a.32

“**Wie** in der Organisation nach Prinzipien der Zahl, **so** spricht sich auch in der ihr innerlich verwandten nach Prinzipien des Raumes eine Mechanisierung der sozialen Elemente aus, im Gegensatz zu den Verwandtschaftsverfassungen, bei denen die Einzelgruppierungen etwas von der autonomen Einheit des Lebewesens haben; aber jener Charakter der Teile ist die Bedingung für die Zusammenfassung zu einem ausgedehnten Ganzen und für die Technik der Herrschaft, die dessen höhere Einheit über seine Elemente ausübt.”

p. 774

wie + so

a organização numérica do grupo e a organização espacial do grupo
sociológica, *pura*

S.9.a.33

“So häufig bei afrikanischen Stämmen: die Häuptlingswohnung ist dort oft die einzige einigermaßen stadtähnliche Siedelung, und um die Abhängigkeit dieses Gebildes von der Person des Fürsten recht fühlbar zu machen, wird sie, wenn der Herrscher wechselt, um einige Kilometer verlegt. In solchen Fällen erscheint die Stadt des Herrschers **wie** ein Gewand, das seine Person umgibt, und gleich diesem, nur in derselben Richtung weitergehend, als eine Erweiterung der Persönlichkeit selbst, als ein Ausstrahlen ihrer Bedeutung, deren Schicksalen also die jener Lokalität folgen müssen.”

p. 778

wie

a cidade (em determinadas circunstâncias) e a roupa
sociológica, *pura*

S.9.a.34

“Einen dritten Charaktertypus der gleichen soziologischen Kategorie machen diejenigen größeren Gebilde aus, die zwar nicht als solche fest domizilierte sind, deren einzelne Elemente aber je ein Haus besitzen: **so** die Gesamtermee aus den Kadres, deren jedes eine Kaserne hat, **so** die Kirche als Vereinigung aller Gleichgläubigen, die in Kirchengemeinden zerfallen, **so** die Familien im weiteren Sinne gegenüber ihren einzelnen Hausständen, und unzähliges andre.”

p. 779

so

o exército e suas unidades, a igreja e suas paróquias, e a família em sentido amplo e as várias casas em que seus membros se dividem

sociológica, *entre exemplos*

S.9.a.35

“Hiermit tritt das Ganze als solches seinen Elementen mit Verpflichtungen und Gewährungen, **wie** zwischen zwei Parteien, gegenüber, die Stadt als Einheit gewinnt ein Fürsichsein, und in demselben Maße wird die Distanz gegen die Individuen größer und die physisch-lokale Bindung entbehrlicher, an der allein das frühere Stadium seine soziologische Einheit verwirklichte.”

pp. 783-4

wie

formações interindividuais e formações intergrupais; a relação entre indivíduo e sociedade num certo estágio da diferenciação social, de um lado, e a relação entre dois partidos, de outro
socialfilosófica

S.9.a.36

“Das Schutzbedürfnis der einzelnen Gruppen ist natürlich die Veranlassung hiervon, und kaum in irgendeiner andren Beziehung wird der Raum so als reine Distanz, als qualitätslose Ausdehnung ausgenutzt. In der Regel treibt eine Schwäche oder Unbehülflichkeit zu dieser Maßnahme, genau **wie** sie gelegentlich den Einzelnen in die Einsamkeit treibt.”

pp. 784-5

wie

formação individual e formação social
socialfilosófica

S.9.a.37

“Die neutrale Zone, die man sich nicht anders, denn als die unokkupierte vorstellen konnte, findet sich deshalb als Korrelat des neutralen Warenaustausches allenthalben und wird z. B. im frühesten England ausdrücklich hervorgehoben. Hier ist zwar die Rede von the *boundary* place between two or more marks: dies sei anerkannt worden als a neutral territory where men might meet, zum Tauschverkehr, if not on friendly terms, at least without hostility. Eigentlich also handelt es sich hier um die Grenzlinie, an der die Begegnung stattfindet, so daß keine der Parteien ihr eigenes Gebiet zu verlassen braucht; allein **wie**, wenn wir von der »Gegenwart« sprechen, wir nicht die genaue Gegenwart meinen, sondern sie diesseits und jenseits dieses bloßen Punktes aus einem Stückchen Vergangenheit und einem Stückchen Zukunft zusammensetzen - **so** dürfte der Grenzstrich für die Praxis wohl allenthalben als eine schmälere oder breitere Zone aufgetreten sein oder sich zu einer solchen gedehnt haben, so daß jede Partei, wenn sie die Grenze der eigenen Mark überschritt, darum noch nicht die der Gegenpartei betrat.”

pp. 778-9

wie + so

a zona neutra (enquanto conceito sociológico) e o tempo presente
ilustrativa, *figurativa*

Anexo 1.10. Soziologie, capítulo 10

S.10[a.b.c][.1-35]

S.10.a.1

“Dieser Prozeß wird oft, noch abgesehen von allen inhaltlichen Interessenverknüpfungen, zu realen Beziehungen der auf diese Weise einander angeähnlichten Elemente beider - oder vieler - Gruppen führen. Dies beobachtet man z. B. an der internationalen Sympathie, die Aristokraten untereinander hegen und die von dem spezifischen Inhalt des Wesens, der sonst über Anziehung und Abstoßung entscheidet, in erstaunlichem Maße unabhängig ist. **In der gleichen Weise** -- durch die Spezialisierung innerhalb jeder

einzelnen, von der andern ursprünglich unabhängigen Gruppe **-entstehen** die Sympathien aber auch an dem andern Pole der sozialen Skala, wie der Internationalismus der Sozialdemokratie sie zeigt und wie sie die Gefühlsgrundlage der früheren Gesellenverbände gewesen ist."

pp. 792-3

gleich + Weise = in der gleichen Weise entstehen

aristocracia, socialdemocracia e associações gremiais; a simpatia internacional entre camadas aristocráticas, o internacionalismo da socialdemocracia e o princípio básico sentimental das primeiras associações gremiais

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.10.a.2

"Mit einer solchen Differenzierung der sozialen Gruppe wird die Nötigung und Neigung wachsen, über ihre ursprünglichen Grenzen in räumlicher, ökonomischer und geistiger Beziehung hinauszugreifen und neben die anfängliche Zentripetalität der einzelnen Gruppe bei wachsender Individualisierung und dadurch eintretender Repulsion ihrer Elemente eine zentrifugale Tendenz als Brücke zu andern Gruppen zu setzen. Während z. B. ursprünglich in den Zünften der Geist strenger Gleichheit herrschte, der den Einzelnen einerseits auf diejenige Quantität und Qualität der Produktion einschränkte, die alle andern gleichfalls leisteten, andererseits ihn durch Normen des Verkaufs und Umsatzes vor Ueberflügelung durch den andern zu schützen suchte, - war es doch auf die Dauer nicht möglich, diesen Zustand der Undifferenziertheit aufrecht zu halten. Der durch irgendwelche Umstände reich gewordene Meister wollte sich nicht mehr in die Schranken fügen, nur das eigene Fabrikat zu verkaufen, nicht mehr als eine Verkaufsstelle und eine sehr beschränkte Anzahl von Gehilfen zu halten und Ähnliches. Indem er aber das Recht dazu, zum Teil unter schweren Kämpfen gewann, mußte ein Doppeltes eintreten: einmal mußte sich die ursprünglich homogene Masse der Zunftgenossen mit wachsender Entschiedenheit in Reiche und Arme, Kapitalisten und Arbeiter differenzieren; nachdem das Gleichheitsprinzip einmal so weit durchbrochen war, daß Einer den Andern für sich arbeiten lassen und seinen Absatzmarkt frei nach seiner persönlichen Fähigkeit und Energie, auf seine Kenntnis der Verhältnisse und seine Chancenberechnung hin, wählen durfte, so mußten eben jene persönlichen Eigenschaften mit der Möglichkeit, sich zu entfalten, sich auch steigern und zu immer schärferen Spezialisierungen und Individualisierungen innerhalb der Genossenschaft und schließlich zur Sprengung derselben führen. Andererseits aber wurde durch diese Umgestaltung ein weites Hinausgreifen über das bisherige Absatzgebiet ermöglicht; dadurch, daß der Produzent und der Händler, früher in einer Person vereinigt, sich voneinander differenzierten, gewann der letztere eine unvergleichlich freiere Beweglichkeit und wurden früher unmögliche kommerzielle Anknüpfungen erzielt. Die individuelle Freiheit und die Vergrößerung des Betriebes stehen in Wechselwirkung. So zeigte sich bei dem Zusammenbestehen zünftiger Beschränkungen und großer fabrikmäßiger Betriebe, wie es etwa anfangs des 19. Jahrhunderts in Deutschland stattfand, stets die Notwendigkeit, den letzteren die Produktions- und Handelsfreiheit zu lassen, die man den Kreisen kleinerer und ,engerer Betriebe kollektivistisch einschränken konnte oder wollte. Es war also eine zwiefache Richtung, in der die Entwicklung von dem engen homogenen Zunftkreise aus führte und die in ihrer Doppelheit die Auflösung desselben vorbereiten sollte: einmal die individualisierende Differenzierung und dann die an das Ferne anknüpfende Ausbreitung. Deshalb zeigte sich auch die Differenzierung der englischen Gildenmitglieder in Händler und wirkliche Arbeiter am stärksten bei den Gewerben, die articles of foreign demand arbeiteten, wie Gerber und Zeugmacher. Die Spaltung, die sich in diese Korrelation mit der Erweiterung verwebt, betrifft nicht nur den Inhalt der Arbeit, sondern auch ihre soziologische Direktive. [...] Die Geschichte der Bauernbefreiung zeigt z. B. in Preußen einen in dieser Beziehung **ähnlichen** Prozeß. Der erbuntertänige Bauer, wie er in Preußen bis etwa 1810 existierte, befand sich sowohl dem Lande wie dem Herrn gegenüber in einer eigentümlichen Mittelstellung; das Land gehörte zwar dem letzteren, aber doch nicht so, daß der Bauer nicht gewisse Rechte auf dasselbe gehabt hätte. Andererseits mußte er zwar dem Herrn auf dessen Acker fronen, bearbeitete aber daneben das ihm zugewiesene Land für seine eigene Rechnung. Bei der Aufhebung der Leibeigenschaft wurde nun dem Bauer ein gewisser Teil seines bisherigen, zu beschränkten Rechten besessenen Landes zu vollem und freiem Eigentum übermacht, und der Gutsherr war auf Lohnarbeiter angewiesen, die sich jetzt zumeist aus den Besitzern kleinerer, ihnen abgekaufter Stellen rekrutierten. Während also der Bauer in den früheren Verhältnissen die teilweisen Qualitäten des Eigentümers und des Arbeiters für fremde Rechnung in sich vereinigte, trat nun scharfe Differenzierung ein: der eine Teil wurde zu reinen Eigentümern, der andre zu reinen Arbeitern. Wie aber hierdurch die freie Bewegung der Person, das Anknüpfen entfernterer Beziehungen hervorgerufen wurde, liegt auf der Hand; nicht nur die Aufhebung der äußerlichen Bindung an die Scholle kam dafür in Betracht, sondern auch die Stellung des Arbeiters als solchen, der bald hier, bald dort angestellt wird, andererseits der freie Besitz, der Veräußerlichungen und, damit kommerzielle Beziehungen, Umsiedlungen usw. ermöglicht. So begründet sich die im ersten Satz ausgesprochene Beobachtung: die Differenzierung und Individualisierung lockert das Band mit den Nächsten, um dafür ein neues - reales und ideales - zu den Entfernteren zu spinnen."

pp. 793-795

ähnlich

o processo de diferenciação das guildas medievais e o processo de liberação dos camponeses na Prússia sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.10.a.3

“So begründet sich die im ersten Satz ausgesprochene Beobachtung: die Differenzierung und Individualisierung lockert das Band mit den Nächsten, um dafür ein neues - reales und ideales - zu den Entfernteren zu spinnen.

Ein ganz **entsprechendes** Verhältnis findet sich in der Tier- und Pflanzenwelt. Bei unseren Haustierrassen (und dasselbe gilt für die Kulturpflanzen) ist zu bemerken, daß die Individuen derselben Unterabteilung sich schärfer voneinander unterscheiden, als es mit den Individuen einer entsprechenden im Naturzustande der Fall ist; dagegen stehen die Unterabteilungen einer Art als Ganze einander näher, als es bei unkultivierten Spezies der Fall ist. Die wachsende Ausbildung durch Kultivierung bewirkt also einerseits ein schärferes Hervortreten der Individualität innerhalb der eigenen Abteilung, andererseits eine Annäherung an die fremden, ein Hervortreten der über die ursprünglich homogene Gruppe hinausgehenden Gleichheit mit einer größeren Allgemeinheit.”

pp. 795-6

entsprechend

sociologia e biologia (história natural)
epistemológica

S.10.a.4

“Jener Grundgedanke läßt sich verallgemeinernd so wenden, daß in jedem Menschen ceteris paribus **gleichsam** eine unveränderliche Proportion zwischen dem Individuellen und dem Sozialen besteht, die nur die Form wechselt: je enger der Kreis ist, an den wir uns hingeben, desto weniger Freiheit der Individualität besitzen wir; dafür aber ist dieser Kreis selbst etwas Individuelles, scheidet sich, eben weil er ein kleiner ist, mit scharfer Begrenzung gegen die übrigen ab. Und entsprechend: erweitert sich der Kreis, in dem wir uns betätigen und dem unsere Interessen gelten, so ist darin mehr Spielraum für die Entwicklung unserer Individualität; aber als *Teile dieses Ganzen* haben wir weniger Eigenart, dieses letztere ist als soziale Gruppe weniger individuell. [...] Dies ist natürlich kein soziologisches »Naturgesetz«, sondern sozusagen nur eine phänomenologische Formel, die den regelmäßigen Erfolg von regelmäßig sich zusammenfindenden Geschehensreihen in einen Begriff zu fassen sucht; sie bezeichnet keine Ursache von Erscheinungen, sondern die Erscheinung, deren ganz tiefegelegener allgemeiner Zusammenhang sich in jedem einzelnen Fall als der Erfolg sehr mannigfaltiger, aber in ihrem Zusammenwirken die gleichen Formungskräfte entbindender Ursachen darstellt.”

pp. 797-8

gleichsam

sociologia e matemática: proporção
ilustrativa, *conceitual*

S.10.a.5

“Daraus erklären sich Erscheinungen, die der hier behaupteten Korrelation zu widersprechen scheinen, wie die folgende aus der Geschichte der Vereinigten Staaten. Die anti-föderalistische Partei, die sich zuerst Republikaner, dann Whigs, dann Demokraten nannte, hat die Selbständigkeit und Souveränität der Staaten auf Kosten der Zentralisierung und des nationalen Regiments verteidigt immer aber mit Berufung auf das Prinzip der individuellen Freiheit, der Nichteinmischung des Ganzen in die Angelegenheiten des Einzelnen. Zu einem Widerspruch gegen die Beziehung der individuellen Freiheit gerade zu dem relativ großen Kreise ist dabei keine Gelegenheit, weil das Individualitätsgefühl hier den engeren, viele Einzelne einschließenden Kreis mit durchdrungen hat, dieser letztere also hier dieselbe soziologische Funktion übt, wie sonst das Einzelindividuum.

[...] Die politische Gesinnung der Italiener z. B. ist im ganzen ein Regionalismus: jede Provinz, oft genug jede Stadt ist auf ihre Eigenheiten und Freiheiten außerordentlich eifersüchtig, oft unter völligem Gegensatz gegen andre und völliger Ignorierung vom Wert und Recht des Ganzen. Danach müßte unsere allgemeine Formel scheinbar schließen lassen, daß die Elemente innerhalb dieser einzelnen individualisierten Abteilungen untereinander kollektivistisch, zur Egalisierung gestimmt wären. Dies ist aber keineswegs der Fall; sondern die Familien unter sich sind dann wieder die Individuen unter sich sind von äußerstem Selbständigkeits- und Unterscheidungsdrang. Hier **wie** in dem amerikanischen Fall sind die drei Schichten unserer Korrelation: die Einzelindividuen, kleinere Kreise aus diesen, eine große, alle umfassende Gruppe - allerdings gegeben. Allein zu jener charakteristischen Beziehung zwischen der ersten und der dritten Schicht, unter gemeinsamem Gegensatz gegen die zweite, liegt keine Veranlassung vor, weil diese zweite für das praktische Bewußtsein unter den Aspekt der ersten gerückt ist; das Individualitätsgefühl hat hier gleichsam das Maß des Individuums überschritten und hat jene soziale Seite der Einzelnen mitergriffen, die sich in der Regel als der Gegensatz zu ihrer individuellen konstituiert.”

pp. 806-7

wie

o partido anti-federalista americano e o regionalismo italiano
sociológica, *entre exemplos*

S.10.a.6

“In anschaulicherer Gestaltung ist die Kultur der italienischen Renaissance dieser Norm gefolgt. Sie bildete einerseits die vollkommene Individualität aus, andererseits die weit über die Grenzen der engeren sozialen Umgebung hinausgehende Gesinnung und Gesittung; dies spricht sich direkt z. B. im Worte Dantes aus, daß - bei all seiner leidenschaftlichen Liebe zu Florenz - ihm und Seinesgleichen die Welt das Vaterland sei, **wie** das Meer den Fischen; indirekt und gleichsam a posteriori beweist es sich dadurch, daß die Lebensformen, die die italienische Renaissance schuf, von der ganzen gebildeten Welt angenommen worden sind, und zwar gerade, weil sie der Individualität, welcher Art sie auch immer sei, einen vorher ungeahnten Spielraum gaben.”

p. 816

wie

o mundo em relação ao homem da renascença e o mar em relação aos peixes
ilustrativa, *figurativa*

S.10.b.7

“Und zwar ist er »Zwischengebilde« in dem doppelten Sinne, den der Anfang dieser Untersuchungen am Begriff der Gesellschaft überhaupt zeigte: der Adel ist einerseits eine überpersönliche, soziologische Form des Zusammenschlusses von Individuen, die sich zwischen diese Elemente als Einzelwesen und einen großen, den Adel selbst einschließenden Kreis einschiebt, **wie** die Zunft und die Sekte, die Familie und die politische Partei; er ist andererseits ein konkretes Konglomerat von Personen, das ein Mittelglied zwischen der herrschenden Macht und der breiten Masse der politischen Gruppe bildet.”

p. 816

wie

a nobreza, de um lado, e a guilda, a seita, a família e o partido político, de outro
sociológica, *entre exemplos*

S.10.b.8

“Für die »Vorrechte« des Adels bedarf es keiner Beispiele. Wohl aber nun für die andre Seite seiner Position, für ihre Beschränkungen und Nachteile. In Florenz entstand um das Jahr 1300 eine weitgehende demokratische Bewegung, in deren Verlauf den Adligen ganz besonders starke Beschränkungen und Lasten auferlegt wurden, so, daß man damals zur Strafe geadelt werden konnte. Es hatte sich der ursprüngliche Vorzug des Adels **gleichsam** mit negativem Vorzeichen fortgesetzt.”

pp. 818-9

gleichsam

sociologia e aritmética: sinal negativo
ilustrativa, *conceitual*

S.10.b.9

“In Florenz entstand um das Jahr 1300 eine weitgehende demokratische Bewegung, in deren Verlauf den Adligen ganz besonders starke Beschränkungen und Lasten auferlegt wurden, so, daß man damals zur Strafe geadelt werden konnte. Es hatte sich der ursprüngliche Vorzug des Adels gleichsam mit negativem Vorzeichen fortgesetzt. als bliebe die exzeptionelle Stellung des Adels auch jetzt bestehen nur daß eben statt der besonderen Vorteile, die er sonst dieser Stellung verdankte, sie ihren Inhalt an ganz besonderen Opfern und Restriktionen fand. **Etwas Ähnliches** findet sich in einer Bestimmung aus dem 18. Jahrhundert in dem sehr demokratischen Kanton Thurgau in der Schweiz. Es handelte sich damals darum, alle Standesvorrechte zu beseitigen, und es wurde infolgedessen in die Verfassung die Bestimmung aufgenommen, daß, wer ein öffentliches Amt bekleiden wollte, vorher seinem Adel entsagen mußte. Es lastete also damals auf dem Adel gewissermaßen die Strafe, kein öffentliches Amt bekleiden zu können. Das war die Beschränkung, die ihm auferlegt wurde, das Gegengewicht gegen die soziale Prerogative.”

p. 819

etwas **Ähnliches**

a nobreza em Florença circa 1300 e a nobreza em um cantão suíço circa 1700.
sociológica, *entre exemplos*

S.10.b.10

“Vielleicht hat es niemals eine Hierarchie gegeben, welche so unbedingt herrschte und welche so phantastische Prerogativen besaß wie diese. Allein sieht man dann das Leben des Brahmanen an, der mit dieser unerhörten Macht ausgestattet war, gegen dessen Wort es überhaupt keinen Appell gab, der als der allein Berechtigte in diesem ganzen Volke erschien, so daß selbst der König nichts andres als der Untertan

des Priesters war - so ist es von einer unerträglichen Härte gewesen, von einer Eingeschnürtheit in Formen und Formeln und Kasteiungen und Beschränkungen, daß es wahrscheinlich außerordentlich wenig europäische Menschen gegeben haben würde, die um diesen Preis selbst die unerhörten Rechte des brahmanischen Priesters hätten gewinnen wollen. Er war der mächtigste, aber auch der unfreieste Mensch in Indien. Aber vielleicht - **wie** für Giordano Bruno Gott die Notwendigkeit, dem Menschen aber die Freiheit, als das Minderwertige, zukam - wäre ihm auch die Freiheit als verächtlich erschienen, weil sie bedeutet hätte, daß irgendein Lebensmoment etwas Gleichgültiges sei."

p. 820

wie

a liberdade do Brâmane indiano e a liberdade para Giordano Bruno
sociológica, *entre exemplos* (*atípica)

S.10.b.11

"Es ist ein belehrendes Gleichnis, wenn man von Edelmetallen, vom Adel von Gold und Silber spricht. Dieser Adel des Metalls besteht, wie mir scheint, zunächst in seiner relativen Unzerstörbarkeit: es wird seines Wertes wegen dauernd konserviert, in seinen fortwährenden Umschmelzungen wechselt es nur die Form, während seine Werts substanz relativ unvergänglich ist. Eine **ähnliche** Vorstellung liegt dem Gefühl des Adels und für den Adel zugrunde: als ob seine einzelnen Mitglieder sozusagen nur lauter verschiedene Umschmelzungen, lauter verschiedene Formen einer dauernden Werts substanz seien, welche sich durch die ganze Reihe der Vererbungen hindurch erhält. Damit gewinnt die Beziehung, welche der Einzelne zu seiner historisch auf ihn hinleitenden Gruppe hat, einen ganz besonderen Akzent. Es ist sozusagen eine Unsterblichkeit des Wertes, die der Adel für sich beansprucht und die seine soziologischen Verhältnisse zu realisieren suchen."

p. 825

ähnlich

fenômenos sociais e fenômenos naturais (físico-químicos); o metal nobre e o membro da nobreza
ilustrativa, *figurativa* (*atípica)

S.10.b.12

"Diese Ergänzung aus sich selbst trägt die einzigartige Geschlossenheit und Selbstgenugsamkeit dieses Standes, der sozusagen nichts brauchen kann und nichts brauchen darf, was außerhalb seiner selbst liegt. Damit ist er sozusagen **wie** eine Insel in der Welt, dem Kunstwerk **vergleichbar**, in dem auch jeder Teil seinen Sinn aus dem Ganzen erhält und das durch seinen Rahmen dokumentiert, daß die Welt nicht hineinkann, daß es sich absolut selbst genügt. Diese Form gibt dem Adel sicher einen großen Teil der ästhetischen Attraktion, die er zu jeder Zeit ausgeübt hat. Denn sie gilt nicht nur von dem Individuum, so daß sie nur an der guten Rasse und daran hänge, daß die Mitglieder des Adels lange Generationen hindurch ihren Körper und ihre gesellschaftlichen Formen besser gepflegt und ausgebildet haben, als es in andern Ständen der Fall ist; sondern mit dem *Gesamtbild* des Adels schwebt ein derartiger Reiz mit, sicherlich abhängig von der ästhetisch befriedigenden Form des Für-sich-Seins und In-sich-Geschlosseneins, der Solidarität der Teile welches alles dem Kunstwerk **analog** ist."

pp. 826-7

wie// vergleichbar// referência explícita à analogia

a nobreza, a ilha e a obra de arte
ilustrativa, *figurativa*

S.10.b.13

"Die Bedeutung des »Stammbaumes« ist für dieses Verhältnis der Familien und weiterhin der Adelsgruppe überhaupt - zu ihrem Individuum von tieferer Symbolik: die Substanz, die den Einzelnen bildet, muß durch den einheitlichen Stamm des Ganzen hindurchgegangen sein, **wie** die Substanz des Zweiges und der Frucht eben die ist, die auch den Stamm gebildet hat."

p. 827

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais; o membro da nobreza está para o grupo, assim como o galho ou o fruto estão para a árvore
ilustrativa, *figurativa*

S.10.b.14

"Der Edelmann beschäftigt sich, aber er arbeitet nicht [...]. Eine gewisse **Analogie** mit dem Leistungstypus des Aristokraten könnte höchstens die künstlerische Arbeit bieten, die ja auch nicht eigentlich am Objekt schafft, für die viel mehr die Formung dieses nur das Ausströmen der rein von innen her bestimmten subjektiven Bewegung bedeutet. Nur daß das Tun des Künstlers und dessen Wert ausschließlich aus dem rätselhaften Einzigkeitspunkte seiner Individualität fließen, hinter dem keine weitere Instanz, die ihn trüge oder die sich darin umsetzte, auffindbar ist - während das spezifische Tun und Bewußtsein des Aristokraten

auf jener überlieferten Substanz der Familie und des Standes ruht, die in ihm nur eine individuelle, und nun freilich ganz selbstsichere und in sich ruhende Form gefunden hat.”

p. 828

referência explícita à analogia

o nobre e o artista; o “trabalho” do nobre e o “trabalho” do artista
sociológica, *entre exemplos*

S.10.b.15

“Von dieser Charakteristik des Adels durch die Häufung oder ideelle Kristallisierung von Würden und Verdiensten, Vermögen und Ehren, Pflichten und Rechten, die innerhalb der Familie und des Standes erworben sind und an der jedes Mitglied teil hat - nicht pro rata, wie durch Aufteilung, sondern als eines unteilbaren Besitzes, der **gleichsam** das Apriori jedes persönlichen Seins und Tuns ist - von dieser Charakteristik kommt eine eigentümliche Ausnahme vor.”

pp. 828-9

gleichsam

sociologia e filosofia: *a priori*

ilustrativa, *conceitual*

S.10.b.16

“In China herrscht die Bestimmung, daß der erbliche Adel allmählich abnimmt. Es wird niemals der Adel schlechthin erteilt, der nun dauernd der Familie verbliebe und dadurch jene Akkumulierung seiner Bedeutung ermöglichte, sondern es besteht eine unendlich fein abgestufte Würdenreihe, für deren Grade wir gar keine entsprechenden Ausdrücke besitzen, und in dieser steht der Sohn stets eine Stufe niedriger als der Vater, so daß nach einer bestimmten Reihe von Generationen der Adel überhaupt erlischt. Bin ich recht berichtet, so wird der höchste Adel, der Fürstenstand, auf sechsundzwanzig Generationen verliehen, so daß nach deren Ablauf - und das gilt auch für die Nachkommen der nicht zur Herrschaft gelangenden Prinzen des königlichen Hauses - die Familie wieder in den Bürgerstand zurücktritt. Diese Anomalie, wie sie auch nur bei einem Beamten- oder Papieradel vorkommen kann, bedeutet **sozusagen** die normale Entwicklung mit negativem Vorzeichen. Denn diese, wenn auch vielleicht von einer ursprünglichen Verleihung ausgehend, hat ihren Sinn in jener allmählichen Häufung tradierten Werte, während dort diese Substanz gleichsam mit einem Male gegeben und allmählich verbraucht wird.”

p. 829

sozusagen

sociologia e aritmética: sinal negativo

ilustrativa, *conceitual*

S.10.b.17

“Beides ist nun in den großen gesellschaftlichen Typenbildungen mannigfaltig gemischt, und zwar im Adel in einer ganz einzigen Weise, deren wissenschaftliche Festlegung in abstrakten Begriffen natürlich davon unabhängig ist, daß die Komplikationen der Wirklichkeit in diese reinen Verhältnisse stets trübende, ablenkende, besondernde Kräfte einwirken lassen. Es sind hier jene mannigfaltigen Präjudizierungen **wie** in ein Strombett zusammengefloßen: indem die gesamten Lebensinhalte, die Erziehung wie die Ehe, die Beschäftigung wie der politische Standpunkt, die ästhetischen Neigungen wie der ökonomische Aufwand standesgemäß sind, werden alle Normierungen, die dem Individuum das Material seines Lebens gleichsam als Halbprodukt übergeben, durch einen einzigen Kanal hindurchgeleitet.”

p. 830

wie

fenômenos sociais e fenômenos naturais

ilustrativa, *figurativa*

S.10.a.18

“Auf dem agrarischen hat die Auflösung des bäuerlichen Gemeinbesitzes seit dem Ende des Mittelalters sich in diesen Formen vollzogen. Die sich entwickelnden zentralistischen Staaten schlugen den Gemeindebesitz, die gemeine Mark, einesteils als öffentliches Gut zum Staatsbesitz, gliederten sie dem Verwaltungsorganismus des Staatsganzen an; andernteils, soweit dies nicht geschah, teilten sie sie unter die Berechtigten als Privatbesitz auf. Und in dieser letzteren Tatsache für sich machen sich wiederum die beiden auf das Individuelle und auf das Allgemeinste gleichzeitig gehenden Tendenzen merkbar: denn diese Aufteilung wurde einerseits von römischen Rechtsbegriffen mit ihrer Inthronisierung der Individualinteressen geleitet, andererseits von der Vorstellung, daß die Gemeinheitsteilung zum Besten der Landeskultur, also gerade wieder der größten Allgemeinheit gereiche. Unter sehr andern materialen und Gesamtverhältnissen hat noch im 19. Jahrhundert eine Phase aus der Geschichte der Allmend, des Kollektivbesitzes der schweizerischen Gemeinden, die **gleiche Form gezeigt**. Insoweit die Allmenden in den Besitz von Teilgemeinden, Orts- und Dorfkorporationen übergegangen sind, sind sie in einigen

Kantone (Zürich, St. Gallen u. a.) von der Gesetzgebung mit der Tendenz behandelt, dieselben entweder an die einzelnen Genossen aufzuteilen, oder an größere Landgemeinden übergehen zu lassen, weil jene kleinsten Verbände eine zu geringe personale und territoriale Basis besäßen, um ihren Besitz für das öffentliche Wesen recht fruchtbar werden zu lassen."

p. 833

gleich + Form = die gleiche Form gezeigt

a dissolução da propriedade agrária comum na idade média e a divisão dos bens coletivos dos municípios suíços no século XIX

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.10.a.19

"Weitere Ausgestaltungen wiederum gewinnt unser Grundverhältnis in der Kommunalpolitik. Schon im Mittelalter zeigte sich in den englischen Städten das Verhältnis, daß die größeren durch einzelne Korporationen oder Magnaten beherrscht wurden, während in den kleineren das Volk als Ganzes die Herrschaft hatte. Dem kleineren Kreise entspricht eben eine Homogenität der Elemente, die die Gleichmäßigkeit ihres Anteils an der Herrschaft trägt, im größeren aber auseinandergetrieben wird und auf der einen Seite die bloße Masse privater Individuen, auf der andern die herrschende Einzelpersönlichkeit läßt. In einer gewissen rudimentären Form **zeigt** die Verwaltung der nordamerikanischen Städte **das gleiche Schema**. Solange die Städte klein sind, hat sich als der geeignetste Modus ergeben, daß ihre Ämter durch je eine Mehrheit von Personen geleitet werden; wachsen sie aber zu Riesenstädten an, so sei es zweckmäßiger, das Amt nur je einer Person anzuvertrauen. Die großen Verhältnisse fordern für ihre Repräsentation und Leitung die individuelle, voll verantwortliche Persönlichkeit; der kleinere Kreis konnte sich in undifferenzierter Weise selbst verwalten, indem immer eine größere Anzahl seiner Elemente unmittelbar am Ruder war."

p. 836

gleich + Schema = das gleiche Schema zeigen

a administração das cidades inglesas na Idade Média e a administração das cidades norte-americanas

sociológica, *entre exemplos// sociológica, processual*

S.10.a.20

"Endlich gibt die kirchliche Politik Beispiele, die ihre **Analogie** schon in rein religiösen Entwicklungen finden. Der Polytheismus des Altertums hatte viele von den Zügen, die ich hier im Begriff der engeren Gruppe zusammengefaßt habe. Die Kulte setzten sich meistens mit scharfen, innerlichen wie lokalen Grenzen gegeneinander ab, die Kreise der Gläubigen waren zentripetal, oft gleichgültig, oft feindselig gegeneinander; die Götter selbst waren oft aristokratisch rangiert, mit komplizierten über- und Unterordnungen und getrennten Wirksamkeitssphären. Dieser Zustand führte zu Beginn unsrer Zeitrechnung im Gebiet der klassischen Kultur zum Monotheismus, zur Inthronisierung eines einzigen und persönlichen Gottes, der nun die Machtgebiete jener singulären und getrennten in sich vereinigte; und dies bedeutet - indem unsre Korrelation an diesem Punkte fast als logische Notwendigkeit auftritt -, daß die Schranken zwischen den Kreisen der Gläubigen fielen, daß ein Hirt und eine Herde wurde, daß im Religiösen ein großer Kreis entstand, dessen Mitglieder in völligem Nivellement, in der Gleichheit vor Gott standen. Die Bindung der religiösen Gemeinschaft an die politische - dieses Kennzeichen der vorchristlichen Religiosität -, die Zentrierung der religiösen Gruppe um den ihr allein gehörigen Sondergott, der beliebig vielen andern neben sich Raum gab, fiel fort. Damit aber zugleich die der politischen homogene Solidarität dieser Gruppe, die Religion als politisch-soziale Pflicht, die Haftbarkeit jedes Elementes für Verfehlungen der Gemeinsamkeit gegen ihren Gott. Es entstand das religiöse Individuum mit seiner unbedingten Selbstverantwortlichkeit, die Religiosität des Kämmerleins, die Unabhängigkeit von jeglicher Bindung an Welt und Menschen gegenüber der einen, die in der unabgelenkten, unvermittelten Beziehung der Einzelseele zu ihrem Gott gegeben war - zu dem Gotte, der darum nicht weniger, ja gerade deshalb der ihre war, weil er gleichmäßig der Gott aller war. Die Individualität innerhalb der nivellierten großen Allgemeinheit, wie sie aus der Auflösung und Zusammenschmelzung aller früheren Sonderkreise entstand, war das Gegenbild der absoluten und einheitlichen Persönlichkeit des Gottes, der aus der gleichen Analyse und Synthese aller früheren Einzelgötter erwachsen war. Und **diese Entwicklungsform**, die das Christentum in seiner ursprünglichen Reinheit zeigte, **wiederholte sich** noch einmal an der Politik der katholischen Kirche. Auch in ihr erhob sich von neuem die Tendenz zur Bildung gesonderter Kreise, scharfer Rang- und Interessenabgrenzungen, eine Aristokratie des Klerus über den Stand des Laien. Aber schon Gregor VII. vereinigte mit der Absolutheit seines individuellen Machtstrebens eine entschiedene Demagogie, die die stärksten Gegensätze zusammenführte und über den Kopf der exklusiven aristokratischen Bischöfe hinwegging. Nachdem der Zölibat diese Bestrebung aufs wirksamste unterstützt hatte - denn der verheiratete Priester hätte einen Rückhalt an einem engeren Kreise gehabt und so viel eher eine geschlossene Opposition in der Kirche erzeugt, während er so in seiner individuellen Isoliertheit vorbehaltlos dem unbedingt Allgemeinen anheimfiel -, nahm der Jesuitismus sie mit dem größten Erfolge auf. Denn allenthalben hat er die ständische Neigung des Klerus bekämpft, hat den universellen Charakter

des Priesters betont, der ihn mit den Gläubigen aller Stände sich eins fühlen läßt, und hat im Gegensatz zu jeder aristokratischen Kirchenverfassung einerseits eine einheitliche Nivellierung aller Gläubigen, andererseits einen päpstlichen Absolutismus zu Zielpunkten.”

pp. 836-838

referência explícita à analogia// **sich wiederholen + die Entwicklungsform**

o desenvolvimento das idéias religiosas cristãs e o desenvolvimento da estrutura de poder da religião católica

sociológica, *processual*

S.10.a.21

“Ich wähle jetzt einige Beispiele aus dem Rechtsleben, und zwar aus Gebieten von absoluter historisch-materialer Differenz. So hatte etwa die Allgewalt des römischen Staatsbegriffes zum Korrelat, daß es neben dem *ius publicum* ein *ius privatum* gab; die für sich ausgeprägte Verhaltensnorm jenes allumfassenden Ganzen forderte eine entsprechende für die Individuen, die es in sich schloß. Es gab nur die Gemeinschaft im größten Sinne einerseits und die einzelne Person andererseits; das älteste römische Recht kennt keine Korporationen, und dieser Geist bleibt ihm im allgemeinen. Umgekehrt gab es im deutschen Recht keine andern Rechtsgrundsätze für die Gemeinschaft wie für die Einzelnen; aber diese Allgemeinheiten sind nun auch nicht die allumfassenden des römischen Staates, sondern kleinere, durch die wechselnden und mannigfaltigen Bedürfnisse der Einzelnen hervorgerufene. In kleineren Gemeinwesen bedarf es nicht jener Abtrennung des öffentlichen Rechts vom privaten, weil das Individuum in ihnen inniger mit dem Ganzen verbunden ist. Als eine **einheitliche Entwicklung** zeigt sich diese **Korrelation** an dem Recht der Blutrache, z. B. in Arabien.[...] Mit derselben Klarheit, wenn auch an völlig verschiedenem Inhalte, tritt **dieser Formtypus** als Stadienfolge einer **einheitlichen Reihe** im alten Rom auf, als die Entwicklung dort die patriarchalische Familiengruppierung sprengte. [...] Endlich **vollzieht sich der formal gleiche Prozeß** in einer eigentümlich gemischten Erscheinung, aus der er nur bei genauer Festhaltung des Grundgedankens herauszuerkennen ist. Bis zu den Normannenzeiten scheint in England dem einzelnen Sheriff, dem königlichen Richter, je eine Gemeinde dauernd zugewiesen worden zu sein, so daß die Rechtsprechung eine gewisse lokale Färbung oder Gebundenheit hatte, in der das Interesse der Gemeinde und das des Staates sich verschmolzen. Beides tritt aber seit der Mitte des 12. Jahrhunderts auseinander: die königliche Jurisdiktion wird nun von den Richtercommissionen, die große Gebiete durchreisten, vollzogen und so ersichtlich in einer viel höher allgemeinen, lokal ungebundeneren Weise, während die Gemeindeinteressen durch die wachsende Bedeutung der lokalen Jury wahrgenommen wurden. Die Gemeinde in ihren rein inneren Interessen vertrat hier die Rolle des Individuums in unserer Korrelation, sie war ein soziales Individuum, dessen Rechtsleben sich früher mit dem der staatlichen Allgemeinheit in einer undifferenzierteren Einheit abgespielt hatte, nun aber ein reineres Für-sich-Sein gewann und mit diesem neben dem, nun um ebensoviel reiner ausgestalteten Recht der großen Allgemeinheit, oder auch ihm gegenüber, stand.”

pp. 838-840

form + gleich = der formal gleiche Prozeß sich vollzieht (destaco ainda: **Korrelation, dieser Formtypus** e o paralelismo: **einheitliche Entwicklung/einheitliche Reihe**)

o direito na Alemanha e em Roma, o direito à vingança entre os árabes, o patriarcalismo em Roma e a administração da justiça na Inglaterra

sociológica, *entre exemplos*// sociológica, *processual*

S.10.a.22

“So finden wir bei Plato einerseits ein Interesse am rein Individuellen, an der Vollendung der Einzelpersönlichkeit, das sich zum Freundschaftsideal verbreitert, andererseits eines an der reinen Staatlichkeit, unter völliger Vernachlässigung der dazwischen liegenden Vereinigungen und der von diesen getragenen Interessen. Die Art, wie er die Bildung und Betätigung des einzelnen Menschen, den Wert seiner Seele als selbständigen Sondergebildes betont, sollte konsequenterweise auch die letzte Schranke, die der griechisch-staatlichen Form, sprengen, wie es bei andern Philosophen seiner Epoche auch geschah; es ist nur die Zufälligkeit seiner politischen Tendenzen und national-griechischen Gesinnung, die ihn hindert, die eigentliche Folgerung aus seiner Idealbildung für das Individuum zu ziehen: daß jenseits dieses nur die ganze Menschheit als Kollektivwert stehen darf. **Ähnlich** liegt es, wenn am Christentum die absolute Konzentrierung aller Werte auf die Seele und ihr Heil herausgehoben und dabei doch das Band verkannt wird, das hiermit zwischen dem Christentum und der Gesamtheit aller menschlichen Existenzen geknüpft wird, dieser auf die ganze Menschheit ausgehende Vereinheitlichungs- und Angleichungsprozeß (wie abgestuft auch die Gleichheit sei) vielmehr an der Zugehörigkeit zur Kirche seine harte Schranke findet - wie etwa Zwingli erklärte, daß alle Orden, Sekten, Sondervereinigungen usw. fortfallen müßten, weil alle Christenmenschen Brüder seien - aber eben nur diese.”

pp. 840-1

ähnlich

certas tendências do pensamento de Platão e o desenvolvimento da Igreja católica

S.10.a.23

“Endlich ist es die räumliche Weitererstreckung des Interessenkreises - mit seiner eigentlichen Vergrößerung nicht notwendig zusammenfallend -, die das Subjekt mindestens seinem engeren Kreise sich egoistisch gegenüberstellen läßt. Bis zu Heinrich III. und Eduard I. waren die englischen Stände dadurch schroff geschieden, daß ihre Interessen vielfach über das Vaterland hinausreichten: **ein englischer Edelmann hatte viel höheres** Interesse an einem auswärtigen, vom Adel geführten Krieg, **als** an den heimischen Kämpfen um das Recht; **ein Stadtbürger war viel mehr** für die Ordnung der niederländischen Handelsverhältnisse **als** für die der englischen Städte interessiert, wenn es sich nicht gerade unmittelbar um die seine handelte; **die großen Kirchenbeamten fühlten sich viel mehr** als Glieder einer internationalen kirchlichen Einheit, **als** daß sie spezifisch englische Sympathien gezeigt hätten. Erst seit der Zeit der genannten Könige begannen diese Klassen sich wirklich zu einer einheitlichen Nation zu verschmelzen, und die gegenseitige Absonderung hörte auf, deren egoistischer Charakter durchaus mit jener kosmopolitischen Interessenausdehnung assoziiert gewesen war.”

p. 846

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

o nobre, o burguês e o eclesiástico na Inglaterra (até os reinados de Henrique III e Eduardo I)

sociológica, *entre exemplos*

S.10.a.24

“**Wie** sich überall die Dauer nur am Wechselnden feststellen, wie erst der Wechsel der Akzidenzen die Beharrlichkeit der Substanz hervortreten läßt, **so** wird offenbar das Ich dann besonders als das Bleibende in allem Wechsel der psychologischen Inhalte empfunden, wenn eben dieser letztere besonders reiche Gelegenheit dazu gibt.”

p. 847

wie + so

metafísica e psicologia

epistemológica

S.10.a.25

“Solange die psychischen Anregungen, insbesondere der Gefühle, nur in geringer Zahl stattfinden, ist das Ich mit ihnen verschmolzen, bleibt latent in ihnen stecken; es erhebt sich über sie erst in dem Maße, in dem gerade durch die Fülle des Verschiedenartigen unserem Bewußtsein deutlich wird, daß es selbst doch allem diesem gemeinsam ist, gerade **wie** sich uns der höhere Begriff über Einzelercheinungen nicht dann erhebt, wenn wir erst eine oder wenige Ausgestaltungen seiner kennen, sondern erst durch Kenntnis sehr vieler solcher, und um so höher und reiner, je deutlicher sich das Verschiedenartige an diesen gegenseitig abhebt.”

pp. 847-8

wie

psicologia e filosofia; a personalidade individual mais plenamente desenvolvida e o conceito abstrato mais elevado

socialfilosófica

S.10.a.26

“Endlich, auf dem Gebiete der Intellektualität, **entwickeln sich** die Verhältnisse unsrer theoretischen Vorstellungen oft **nach dem genau gleichen Formtypus**, den wir hier an den Verhältnissen der Individuen untereinander beobachtet haben, und bestätigen dadurch vielleicht mehr, als einzelne soziale Beispiele es könnten, dessen tiefen, über alle Einzelheiten hinausreichenden Sinn, man möchte sagen: seine sachliche, Bedeutung, die sich in allen empirischen Fällen nur historisch und nur mit annähernder Reinheit realisiert.”

p. 849 e 855-6

sich entwickeln + der gleiche Formtypus

sociologia e teoria do conhecimento (e psicologia e metafísica)*

epistemológica

* a teoria do conhecimento aparece nas pp. 855-6; a psicologia, nas pp. 856-7; a metafísica, nas pp. 857-8

S.10.c.27

“Daß sich die Individuen innerhalb einer Gesellschaft vielfach zueinander in den gleichen Formen verhalten, **wie** die seelischen Bestandteile innerhalb eines Einzelgeistes, ist eine sehr alte Beobachtung.”

p. 850

wie

formação individual e formação social

socialfilosófica

S.10.c.28

“Es liegt also z. B. die Erscheinung der Parteilichkeit vor. Die Interessen im Individuum bekämpfen sich unzählige Male, **wie** die Individuen sich bekämpfen; um die dabei herrschenden Vorstellungen sammeln sich andre, die das Gewicht einer jeden verstärken, **wie** die Parteilichkeiten sich um die führende Persönlichkeit gruppieren; Gefühls- und Gedankenkomplexe, die eigentlich mit dem Inhalt des inneren Konflikts nichts zu tun haben, werden dennoch hineingezogen, aus ihrem bisherigen Gleichgewicht gebracht, von dem einen oder dem andern der unverträglichen Hauptinteressen gefärbt, gerade **wie** ein Parteilichgegensatz, der wesentliche Teile einer Gruppe spaltet, schließlich die gesamte unter sich aufteilt, auch Individuen und Kreise, die jenem sachlich ganz fernstehen; alle Phasen eines Kampfes: das Gleichgewicht der Mächte, das den Kampf zeitweise lähmt, der scheinbare Sieg einer Partei, der der andern nur Gelegenheit zum Sammeln ihrer Kräfte gibt, der Einfluß der bloßen Vermutung über den Ausgang auf die wirkliche Entscheidung, die Direktheit und die Indirektheit in der Verwendung der Energien - alles dies ist gleichmäßig die Form für den Verlauf der inneren **wie** der äußeren Konflikte. Um nun auch für die beiden Fragerichtungen einer solchen **Analogie** gegenüber wenigstens ein Beispiel zu geben: so bilden die inneren Erfahrungen des Subjekts wahrscheinlich ein Schema aus, das für seine äußeren Erfahrungen als Apriori wirkt, als die Form, in welche das Material des Gegebenen aufgenommen und der gemäß es gedeutet wird. Was »Kampf« ist, ist überhaupt eine rein innere Erfahrung.”

p. 851

wie// referência explícita à analogia
formação individual e formação social
socialfilosófica

S.10.c.29

“Das Äußere wird durch das Innere, das Innere aber durch das Äußere gestaltet und verstanden, in Abwechslung, aber sicher auch oft im Zugleich. Mit dieser Beziehung zwischen den immanent. subjektiven und den Vergesellschaftungsformen steht es ebenso **wie** mit der zwischen den ersteren und den räumlich-materiellen. Man hat lange bemerkt, daß die Ausdrücke für die Bewegungen der Vorstellungen: das Aufsteigen und Niedersinken, das Verschmelzen und Trennen, das Gehemmtwerden und das Wiederkehren, die Gedrücktheit und die Erhabenheit und viele andre, ihre Bezeichnungen als alles dieses aus den Vorgängen der Außenwelt entlehnen, daß wir ohne diese Symbolik keine innere Anschauung und keinen Namen für solche Erlebnisse hätten. Sehen wir aber genauer hin, so ist diese Symbolisierung nicht weniger rückläufig wirksam. Alles, was an jenen Äußerlichkeiten wirklich Vorgang, Verhältnis, charakteristisches Bild ist, existiert für uns nur als subjektiv-seelische Zuständlichkeit und Bewegung, die wir in die räumlichen Anschaulichkeiten hineinfühlen. Die bloßen Ortswechsel, auf die jene Bestimmungen des Sinnlichen hinauslaufen, würden niemals Bezeichnungen für Innerliches abgeben, wenn sie nicht von diesen her mit Akzenten und Bedeutsamkeiten, mit Synthesen, die unterhalb ihrer Oberfläche spielen, ausgestattet wurden. Von vornherein müssen Gefühlszustände, Kraft- und Bewegungsempfindungen von uns aus in die äußerlich vorgestellten Ereignisse hineingehen, damit wir an diesen ihrerseits Veranschaulichungen und Ausdrücke für die Tatsachen der Innerlichkeit gewannen. Und **ähnlich wie** diese bloße Äußerlichkeit, so wird sich zu der reinen Innerlichkeit des einzelnen Subjektes auch jenes dritte Gebiet verhalten: die Gesellschaft, mit der die individuelle Seele zwar aus sich heraustritt, aber nicht in die Raumeswelt, sondern in die Überindividualität der Wechselwirkung mit andern Seelen. Auch hier dürfte das innere Verhalten die Normierung und Anregung der außer-subjektiven Verhältnisse abgeben, diese aber ihrerseits jenem den Dienst der Formung und Deutung zurückgeben.”

p. 853

wie// **ähnlich**
sociologia e ciências naturais; a exterioridade e a sociedade
epistemológica

S.10.c.30

“**Wie** jeder Mensch für uns eine Vorstellung ist - in höherem Maße eine, als die übrigen, mehr als Typen auftretenden, mehr in die Verknüpfungen des Gesamtseins hineingezogenen Objekte - **so** ist gewissermaßen jede Vorstellung für uns ein Mensch, d. h. unser Vorstellen erscheint uns als das Spiel von Wesenheiten, die, wie wir es an den Menschen sehen, sich behaupten und nachgeben, sich vereinigen und trennen, zulängliche und unzulängliche Kräfte ein, setzen. Die uns unmittelbar nicht ergreifbare, nicht ausdrückbare Einheit des Individuums und der Gesellschaft offenbart sich darin, daß die Seele das Bild der Gesellschaft und die Gesellschaft das Bild der Seele ist.”

pp. 854-5

wie + so

forma social e forma cognitiva: o homem como nossa representação (i.e.: a forma social como forma cognitiva) e a nossa representação como homem (i.e.: a forma cognitiva como forma social)
socialfilosófica (*atípica)

S.10.a.31

“Die Tatsache, daß wir Gesellschaftswesen sind, rückt diese Inhalte unter einen, aber keineswegs den einzig möglichen Gesichtspunkt. Man kann - um den ganz generellen Gegensatz zu nennen, - die freilich in der Gesellschaft lebendigen und nur innerhalb ihrer verwirklichten Inhalte rein ihrem Sachgehalt nach erschauen, erkennen, systematisieren. Die innere Gültigkeit, die Zusammenhänge, die sachliche Bedeutung aller Wissenschaften und Techniken und Künste ist völlig unabhängig davon, daß sie innerhalb eines sozialen Lebens realisiert werden und nur in diesem die Bedingungen dazu finden, gerade so unabhängig, **wie** ihr Sachsinn von den psychologischen Prozessen ist, durch die ihr Entdecker sie fand. Sie können natürlich auch unter diesem psychologischen oder jenem, sozialen Gesichtswinkel betrachtet werden.”

pp. 858-9

wie

formação individual e formação social; as realizações que ocorrem na sociedade em relação à sociedade e as realizações de um indivíduo em relação a esse indivíduo
socialfilosófica

S.10.a.32

“Das Individuum und die Gesellschaft sind, sowohl für die historische Erkenntnis wie für die Bewertung und Normierung, *methodische Begriffe* - sei es, daß sie das Gegebene der Ereignisse und Zustände unter sich aufteilen, sei es, daß sie dessen Einheit, die wir unmittelbar nicht erfassen können, unter zwei verschiedene Gesichtspunkte rücken, **vergleichbar** etwa der Betrachtung eines Bildes, die es einmal als physiologisch-optisches Phänomen, ein andermal als Kulturprodukt versteht, oder einmal von seiner malerischen Technik, ein andermal von seinem Inhalt und Gefühlswerte her.”

p. 860

vergleichbar

ciências naturais e sociologia; o conhecimento dos elementos sociais e o conhecimento dos elementos da natureza (isto é: dos objetos inanimados)
epistemológica// ilustrativa, *figurativa*

S.10.a.33

“Darf man dies mit begrifflichem Radikalismus ausdrücken, dem die Praxis natürlich nur ganz fragmentarisch nachkommt, so sind alle menschlich-seelischen Geschehnisse und Idealbildungen restlos als Inhalte und Normen des individuellen Lebens zu verstehen, ebenso restlos aber als Inhalte und Normen des sozialen, wechselwirksamen Daseins, **wie** für Spinoza das kosmisch-absolute Dasein einmal unter dem Attribut der Ausdehnung, ein andermal, und ebenso vollständig, unter dem des Denkens aufzufassen ist - una eademque res, sed duobus modis expressa.”

p. 860

wie

sociologia (“filosofia social”) e filosofia (Espinoza)
epistemológica

S.10.a.34

“Daß diese »Menschheit« keinen konkreten Zusammenhang besitzt, kein Einheitsbewußtsein, keine kontinuierliche Entfaltung, ist durchaus kein Einwurf. »Die Menschheit« ist, wenn man will, eine »Idee«, **wie** »die Natur«, vielleicht auch **wie** »die Gesellschaft«, eine Kategorie, unter der einzelne Erscheinungen betrachtet werden können, ohne daß ihre damit bezeichnete Bedeutung eine isolierte Existenz führte oder als eine besondere Qualität herauszupräparieren wäre.”

p. 861

wie

ciências humanas, ciências naturais e sociologia; as idéias de “humanidade”, “natureza” e “sociedade”
epistemológica (*atípica)

S.10.a.35

“**Wie** innerhalb der gesellschaftlichen Entwicklung die engere, »sozialisiertere« Gruppe ihr inneres wie geschichtliches, alternierendes wie simultanes Gegenstück daran gewinnt, daß sie zu der größeren Gruppe sich erweitert, zu dem Einzelelement der Gesellschaft sich spezialisiert - **so** erscheint von dem an dieser Stelle letzterreichbaren Punkte aus die Gesellschaft überhaupt als eine spezielle Aggregierungsform, jenseits deren, ihre Inhalte andren Betrachtungs- und Wertungsformen unterordnend, die Idee der Menschheit und die des Individuums steht.”

pp. 862-3

wie + so

forma social e forma cognitiva; a ampliação do grupo estreito e a “sociedade” como categoria cognitiva específica
socialfilosófica

Anexo 2. O índice das analogias da *Philosophie des Geldes*

Anexo 2.0. *Philosophie des Geldes*, prefácio

P.0.a[.1-3]

P.0.a.1

“Die Voraussetzungen des Erkennens überhaupt, **wie** die Axiome jedes Sondergebietes verlegen ihre Darstellung und Prüfung aus diesem letzteren hinaus in eine prinzipiellere Wissenschaft, deren im Unendlichen liegendes Ziel ist: voraussetzungslos zu denken – ein Ziel, das die Einzelwissenschaften sich versagen, weil sie keinen Schritt ohne Beweis, also ohne Voraussetzungen sachlicher und methodischer Natur, tun.”

p. 9

wie

filosofia e ciência; a filosofia e os domínios especializados da ciência
filosófica, *serial*

P.0.a.2

“Wenn die Geschichte der Wissenschaften wirklich die philosophische Erkenntnisart als die primitive zeigt, als einen bloßen Überschlagn über die Erscheinungen in allgemeinen Begriffen – so ist diese vorläufige Verfahren doch noch manchen Fragen gegenüber unentbehrlich, nämlich denjenigen, besonders den Wertungen und allgemeinsten Zusammenhängen des geistigen Lebens angehörigen, auf die uns bis jetzt weder eine exakte Antwort noch ein Verzicht möglich ist. Ja, vielleicht würde selbst die vollendete Empirie die Philosophie als eine Deutung, Färbung und individuell auswählende Betonung des Wirklichen gerade so wenig ablösen, **wie** die Wollendung der mechanischen Reproduktion der Erscheinungen die bildende Kunst überflüssig machen würde.”

p. 9

wie

formas de conhecimento e formas de arte; o empirismo está para a filosofia assim como a fotografia está para a pintura
filosófica, *serial*

P.0.a.3

“Aber **wie** die Erscheinung eines Religionsstifters keineswegs nur eine religiöse ist, sondern auch unter den Kategorien der Psychologie, vielleicht sogar der Pathologie, der allgemeinen Geschichte, der Soziologie untersucht werden kann; **wie** ein Gedicht nicht nur eine litteraturgeschichtliche Tatsache ist, sondern auch eine ästhetische, eine philologische, eine biographische; **wie** überhaupt der Standpunkt *einer* Wissenschaft, die immer eine arbeitsteilige ist, niemals die Ganzheit der Realität erschöpft – **so** ist, daß zwei Menschen ihre Produkte gegeneinander vertauschen, keineswegs nur eine nationalökonomischen Tatsache; denn eine solche, d. h. eine, deren Inhalt mit ihrem nationalökonomischen Bilde erschöpft wäre, gibt es überhaupt nicht. Jener Tausch vielmehr kann ganz ebenso legitim als eine psychologische, als eine sittengeschichtliche, ja als eine ästhetische Tatsache behandelt werden.”

p. 11

wie + so

teologia, história da arte, ciência em geral e economia política

Anexo 2.1. *Philosophie des Geldes*, capítulo 1

P.1[a.b.c][.1-61]

P.1.a.1

“Man könnte die Reihen des natürlichen Geschehens mit lückenloser Vollständigkeit beschreiben, ohne daß der Wert der Dinge darin vorkäme - gerade **wie** die Skala unserer Wertungen ihren Sinn unabhängig davon bewahrt, wie oft und ob überhaupt ihr Inhalt auch in der Wirklichkeit vorkommt. ”

p. 24

wie

ciência natural e axiologia; a representação do mundo segundo as leis da natureza e a representação do mundo segundo as escalas de valores

P.1.a.2

“Damit bildet der Wert gewissermaßen das Gegenstück zu dem Sein und ist nun gerade als umfassende Form und Kategorie des Weltbildes mit ihm vielfach vergleichbar. Kant hat hervorgehoben, das Sein sei keine Eigenschaft der Dinge; denn wenn ich von einem Objekte, das bisher nur in meinen Gedanken bestand, sage: es existiere, so gewinnt es **dadurch keine neue Eigenschaft**; denn sonst würde ja nicht eben dasselbe Ding, das ich vorhin dachte, sondern ein anderes existieren. **So** wächst einem Dinge auch **dadurch**, daß ich es wertvoll nenne, durchaus **keine neue Eigenschaft** zu; denn wegen der Eigenschaften, die es besitzt, wird es ja gerade erst gewertet - genau sein schon allseitig bestimmtes Sein wird in die Sphäre des Wertes erhoben. Dies wird von einer der tiefstgehenden Zerlegungen unseres Denkens getragen. [...] **Wie** dieser inhaltliche Sinn und Bestimmtheit der Objekte nicht von der Frage berührt wird, ob sie sich im Sein wiederfinden, ebensowenig von der anderen, ob sie eine Stelle und welche in der Skala der Werte einnehmen. [...] Deshalb ist unmittelbar das Sein irgendwelchen Dinges nie logisch erweisbar; vielmehr, das Sein ist eine ursprüngliche Form unseres Vorstellens, die empfunden, erlebt, geglaubt, aber nicht dem, der sie noch nicht kannte, deduziert werden kann. [...]. Genau **so verhält sich** der Wert den Objekten gegenüber.”

pp. 25-7

wie// so// paralelismo sintático (repetição de estrutura frasal)// **verhalten sich + so**

o ser e o valor

filosófica, *conceitual*

P.1.a.3

“Alle Deduktionen des Wertes machen nur die Bedingungen kenntlich, auf die hin er sich, schließlich ganz unvermittelt, einstellt, ohne doch aus ihnen hergestellt zu werden - **wie** alle theoretischen Beweise nur die Bedingungen bereiten können, auf die hin jenes Gefühl der Bejahung oder des Daseins eintritt. **So wenig man** zu sagen wüßte, was denn das Sein eigentlich sei, **so wenig** kann **man** diese Frage dem Wert gegenüber beantworten.”

p. 27

wie

ciência natural e axiologia; o ser e o valor

filosófica, *conceitual*

P.1.a.4

“Und gerade indem sie **so das formal gleiche Verhältnis** zu den Dingen haben, sind sie einander so fremd **wie** bei Spinoza das Denken und die Ausdehnung: weil diese beiden ebendasselbe, die absolute Substanz, ausdrücken, jedes aber auf seine Weise und für sich vollständig, kann nie eines in das andere übergreifen. Sie berühren sich nirgends, weil sie die Begriffe der Dinge nach völlig Verschiedenem fragen.”

p. 27

wie + so// das formal gleiche Verhältnis

o valor está para as coisas assim como o pensamento, para a extensão: analogia com Spinoza

filosófica, *conceitual*

P.1.a.5

“Die Wirklichkeit und der Wert sind **gleichsam** zwei verschiedene Sprachen, in denen die logisch zusammenhängenden, in ideeller Einheit gültigen Inhalte der Welt, das, was man ihr Was genannt hat, sich der einheitlichen Seele verständlich machen - oder auch die Sprachen, in denen die Seele das reine, an sich noch jenseits dieses Gegensatzes stehende Bild dieser Inhalte ausdrücken kann.”

p. 28

gleichsam

filosofia e linguagem: analogia com a linguagem

ilustrativa, *conceitual* (*atípica)

P.1.a.6

“Diese Einheit, aus der sich die Kategorien Subjekt und Objekt erst aneinander und durch einen noch zu erörternden Prozeß entwickeln, erscheint uns nur deshalb als eine subjektive, weil wir an sie mit dem erst nachher ausgebildeten Begriff der Objektivität herantreten, und weil wir für derartige Einheiten keinen rechten Ausdruck haben, sondern sie nach einem der einseitigen Elemente zu benennen pflegen, als deren Zusammenwirken sie in der nachträglichen Analyse erscheinen. **So** hat man behauptet, alles Handeln wäre seinem absoluten Wesen nach schlechthin egoistisch, während der Egoismus doch erst innerhalb des Handelns und im Gegensatz zu dem ihm korrelativen Altruismus einen verständlichen Inhalt hat; **so** hat der Pantheismus die Allheit des Seins Gott genannt, von dem man doch einen positiven Begriff nur in seinem Sichabheben von allem Empirischen gewinnen kann. **Diese evolutionistische Beziehung** zwischen Subjekt und Objekt **wiederholt sich** schließlich im größten Maßstab: die Geisteswelt des klassischen Altertums

unterscheidet sich von der Neuzeit im wesentlichen dadurch, daß erst die letztere es auf der einen Seite zu der völligen Tiefe und Schärfe des Ichbegriffes gebracht hat - wie er sich zu der dem Altertum unbekannten Bedeutung des Freiheitsproblems aufgekipfelt hat -, auf der anderen zu der Selbständigkeit und Stärke des Objektbegriffes, wie er in der Vorstellung der undurchbrechlichen Naturgesetzlichkeit ausgedrückt ist. Das Altertum war dem Indifferenzzustande, in dem Inhalte schlechthin, ohne zerlegende Projizierung auf Subjekt und Objekt vorgestellt werden, noch nicht so weit entrückt wie die späteren Epochen."

pp. 30-1

so// diese evolutionistische Beziehung sich wiederholen

moral, religião e individualização; o processo de diferenciação entre egoísmo e altruísmo, entre o extra-mundano e o mundano e entre sujeito e objeto

historicista

P.1.a.7

"**So wenig** jenes primitive, undifferenzierte Vorstellen, das schlechthin nur im Bewußtwerden eines Inhaltes besteht, als subjektiv bezeichnet werden darf, weil es in den Gegensatz: Subjekt -Objekt überhaupt noch nicht eingetaucht ist, **so wenig** ist dieser reine Inhalt der Dinge oder Vorstellungen etwas Objektives, sondern von dieser differentiellen Form ebenso frei wie von ihrem Gegensatz und erst bereit, sich in der einen oder der anderen darzustellen. Subjekt und Objekt werden in demselben Akte geboren, logisch, indem der rein begriffliche, ideelle Sachgehalt einmal als Inhalt des Vorstellens, ein anderes Mal als Inhalt der objektiven Wirklichkeit gegeben wird - psychologisch, indem das noch ichlose, Person und Sache im Indifferenzzustande enthaltende Vorstellen in sich auseinandertritt und zwischen dem Ich und seinem Gegenstand eine Distanz entsteht, durch die jedes von beiden erst sein vom anderen sich abhebendes Wesen erhält."

p. 32

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so wenig**)

psicologia e lógica

filosófica, *serial*

P.1.a.8

Der rohe Trieb, insbesondere der von unpersönlich-genereller Natur, will sich an einem Gegenstande nur selbst los werden, es kommt ihm nur auf seine Befriedigung an, gleichviel, wodurch sie gewonnen sei; das Bewußtsein wird ausschließlich von dem Genuß erfüllt, ohne sich seinem Träger auf der einen Seite, seinem Gegenstand auf der anderen mit getrennten Akzentuierungen zuzuwenden. Andererseits **zeigt** der ganz gesteigerte ästhetische Genuß **dieselbe Form**. Auch hier »vergessen wir uns selbst«, aber wir empfinden auch das Kunstwerk nicht mehr als etwas uns Gegenüberstehendes, weil die Seele völlig mit ihm verschmolzen ist, es ebenso in sich eingezogen, wie sie sich ihm hingegeben hat. Hier **wie** dort wird der psychologische Zustand von dem Gegensatz zwischen Subjekt und Objekt noch nicht oder nicht mehr berührt, aus seiner unbefangenen Einheit löst erst ein neu einsetzender Bewußtseinsprozeß jene Kategorien aus und betrachtet nun erst den reinen Inhaltsgenuß einerseits als den Zustand eines dem Objekt gegenüberstehenden Subjekts, andererseits als die Wirkung eines von dem Subjekt unabhängigen Objekts."

p. 33

wie// dieselbe Form zeigen

a consciência primitiva e o gozo estético

especializada, *psicológica*

P.1.a.9

"Man hat behauptet, daß unsere Vorstellung von objektiver Realität aus dem Widerstand entspränge, den wir, insbesondere vermittelt des Tastsinnes, seitens der Dinge erfahren. Dies ist ohne weiteres auf das praktische Problem zu übertragen. Wir begehren die Dinge erst jenseits ihrer unbedingten Hingabe an unseren Gebrauch und Genuß, d. h. indem sie eben diesem irgendeinen Widerstand entgegensetzen; der Inhalt wird Gegenstand, sobald er uns entgegensteht, und zwar nicht nur in seiner empfundenen Undurchdringlichkeit, sondern in der Distanz des Nochnichtgenießens, deren subjektive Seite das Begehren ist. [...] Um die obige **Analogie** wieder aufzunehmen: im letzten Grunde vielleicht drängten sich nicht die Realitäten durch die Widerstände, die sie uns leisten, in unser Bewußtsein, sondern diejenigen Vorstellungen, an welche Widerstandsempfindungen und Hemmungsgefühle geknüpft wären, hießen uns die objektiv realen, von uns unabhängig außerhalb unser befindlichen. So ist es nicht deshalb schwierig, die Dinge zu erlangen, weil sie wertvoll sind, sondern wir nennen diejenigen wertvoll, die unserer Begehrung, sie zu erlangen, Hemmnisse entgegensetzen. Indem dies Begehren sich gleichsam an ihnen bricht oder zur Stauung kommt, erwächst ihnen eine Bedeutsamkeit, zu deren Anerkennung der ungehemmte Wille sich niemals veranlaßt gesehen hätte."

p. 34

referência explícita à analogia

representação e desejo; a representação está para o objeto da representação, assim como desejo está para a coisa desejada

P.1.a.10

“**Wie** Kant einmal sagt: die Möglichkeit der Erfahrung ist die Möglichkeit der Gegenstände der Erfahrung - weil Erfahrungen machen heißt: daß unser Bewußtsein die Sinnesempfindungen zu Gegenständen bildet - **so** ist die Möglichkeit des Begehrens die Möglichkeit der Gegenstände des Begehrens.”

p. 34

wie + so

o desejo e a experiência: analogia com Kant
filosófica, *conceitual*

P.1.a.11

“Der Begriff des Dreiecks oder der des Organismus, die Kausalität oder das Gravitationsgesetz haben einen logischen Sinn, eine Gültigkeit ihrer inneren Struktur, mit der sie zwar ihre Verwirklichungen im Raume und im Bewußtsein bestimmen, die aber, auch wenn es zu solchen niemals käme, unter die nicht weiter auflösbare Kategorie des Gültigen oder Bedeutsamen gehören und sich von fantastischen oder widerspruchsvollen Begriffsgebilden unbedingt unterscheiden würden, denen sie doch in bezug auf physische oder psychische Nichtrealität völlig gleichstünden. **Analog** nun, mit den durch die Gebietsänderung bedingten Modifikationen, verhält sich der Wert, der den Objekten des subjektiven Begehrens zuwächst. **Wie** wir gewisse Sätze als wahr vorstellen, mit dem begleitenden Bewußtsein, daß ihre Wahrheit von diesem Vorgestelltwerden unabhängig ist - **so** empfinden wir Dingen, Menschen, Ereignissen gegenüber, daß sie nicht nur von uns als wertvoll empfunden werden, sondern wertvoll wären, auch wenn niemand sie schätzte. Das einfachste Beispiel ist der Wert, den wir der Gesinnung der Menschen zusprechen, der sittlichen, vornehmen, kraftvollen, schönen.”

p. 35

referência explícita à analogia// **wie + so**

a verdade apodítica e o valor “incondicional”; certo aspecto da teoria do valor simmeliana e certo aspecto da crítica da razão pura de Kant
filosófica, *conceitual*

P.1.a.12

“Dieser Wert, den wir als von seinem Anerkanntwerden unabhängig denken, ist eine metaphysische Kategorie; als solche steht er ebenso jenseits des Dualismus von Subjekt und Objekt, **wie** das unmittelbare Genießen diesseits desselben gestanden hatte. Das letztere ist die konkrete Einheit, auf die jene differentiellen Kategorien noch nicht angewendet sind, das erstere die abstrakte oder ideelle Einheit, in deren fürsichseiender Bedeutung er wieder verschwunden ist - wie in dem allbefassenden Bewußtseinszusammenhang, den Fichte das Ich nennt, der Gegensatz des empirischen Ich und des empirischen Nicht-Ich verschwunden ist. **Wie** der Genuß in dem Moment der völligen Verschmelzung der Funktion mit ihrem Inhalt nicht als subjektiv zu bezeichnen ist, weil kein gegenüberstehendes Objekt den Subjektbegriff rechtfertigt, **so** ist dieser für sich seiende, an sich geltende Wert nichts Objektives, weil er gerade von dem Subjekt, das ihn denkt, unabhängig gedacht wird, innerhalb des Subjekts zwar als Forderung des Anerkanntwerdens auftritt, aber auch durch die Nichterfüllung dieser Forderung nichts von seinem Wesen einbüßt.”

p. 38

wie + so// wie

o valor “incondicional” e o gozo imediato em geral
filosófica, *conceitual*

P.1.a.13

“Dieser Wert, den wir als von seinem Anerkanntwerden unabhängig denken, ist eine metaphysische Kategorie; als solche steht er ebenso jenseits des Dualismus von Subjekt und Objekt, wie das unmittelbare Genießen diesseits desselben gestanden hatte. Das letztere ist die konkrete Einheit, auf die jene differentiellen Kategorien noch nicht angewendet sind, das erstere die abstrakte oder ideelle Einheit, in deren fürsichseiender Bedeutung er wieder verschwunden ist - **wie** in dem allbefassenden Bewußtseinszusammenhang, den Fichte das Ich nennt, der Gegensatz des empirischen Ich und des empirischen Nicht-Ich verschwunden ist.”

p. 38

wie

o valor “incondicional” e o Eu que a tudo abarca: analogia com Fichte
filosófica, *conceitual*

P.1.a.14

“Mindestens für jene Objekte, auf deren Schätzung die Wirtschaft mberuht, ist der Wert zwar das Korrelat des Begehrens - **wie** die Welt des Seins meine Vorstellung ist, **so** ist die Welt des Wertes meine Begehrung

-; allein trotz der logisch-physischen Notwendigkeit, daß jeder Begehrungstrieb seine Befriedigung von einem Gegenstand erwarte, richtet er sich in vielen Fällen seiner psychologischen Struktur nach doch auf diese Befriedigung allein, so daß der Gegenstand selbst ganz gleichgültig ist, wenn er nur den Trieb stillt."

pp. 38-9

wie + so

o valor e o ser; o desejo está para o mundo dos valores assim como a representação está para o mundo do ser: analogia com Kant

filosófica, *conceitual*

P.1.a.15

"**Wie** im Intellektuellen die ursprüngliche Einheit der Anschauung, die wir noch an Kindern beobachten, erst allmählich in das Bewußtsein des Ich und des ihm gegenüberstehenden Objektes auseinandergeht, **so** wird der naive Genuß erst dann einem Bewußtsein von der Bedeutung des Dinges, gleichsam einem Respekt vor ihm, Raum geben, wenn das Ding sich ihm entzieht. [...] **Wie** aber das Ich und das Objekt in allen möglichen Provinzen unserer Existenz Korrelatbegriffe sind, die in der ursprünglichen Form des Vorstellens noch ungeschieden liegen und sich aus ihr, das eine am anderen, erst herausdifferenzieren - **so** dürfte auch der selbständige Wert der Objekte sich erst an dem Gegensatz zu einem selbständig gewordenen Ich entfalten."

pp. 42-3

wie + so

o valor e o ser; a diferenciação entre os polos objetivo e o subjetivo no mundo dos valores como analogia com a diferenciação entre o sujeito e o objeto no mundo do ser

historicista

P.1.a.16

"Gewiß würde Eisen kein wirtschaftlicher Wert sein, wenn sich seiner Erlangung keine größeren Schwierigkeiten entgegensetzten, als etwa der Erlangung der Luft zum Atmen; aber andererseits mußten diese Schwierigkeiten unter ein gewisses Maß sinken, damit man das Eisen überhaupt zu derjenigen Fülle von Werkzeugen verarbeiten konnte, die es wertvoll machte. Oder auch: man hat behauptet, die Werke eines fruchtbaren Malers würden, bei gleicher Kunstvollendung, weniger kostbar sein als die des minder produktiven; das ist erst oberhalb einer bestimmten Quantitätsgrenze richtig. Denn es bedarf gerade einer gewissen Fülle von Werken eines Malers, damit er überhaupt erst einmal denjenigen Ruhm erwerbe, der den Preis seiner Bilder hochhebt. **So** hat ferner in einigen Papierwährungsländern gerade die Seltenheit des Goldes es dahin gebracht, daß das niedere Volk überhaupt nicht mehr Gold nehmen mag, wenn es ihm zufällig geboten wird."

p. 44

so

o ferro, (a obra de arte) e o ouro enquanto forma monetária

especializada, *econômica*

P.1.a.17

"Ich will an einem Beispiel, das den ökonomischen Werten ganz fern liegt und gerade deshalb die prinzipielle Seite auch dieser zu verdeutlichen geeignet ist, die allgemeine Bedeutung der Distanzierung für die als objektiv vorgestellte Wertung darstellen: an der ästhetischen. [...] Wir brauchen die Genesis des Ästhetischen nicht aus diesen dürtigen Andeutungen in die Fülle ihrer Ausgestaltungen zu verfolgen, um zu erkennen: die Objektivierung des Wertes entsteht in dem Verhältnis der Distanz, die sich zwischen dem subjektiv-unmittelbaren Ursprung der Wertung des Objekts und unserem momentanen Empfinden seiner bildet. [...] Ich habe dieses Beispiel gewählt, weil die objektivierende Wirkung dessen, was ich die Distanzierung nenne, an einem zeitlichen Abstand besonders anschaulich wird. Der Vorgang ist natürlich ein intensiver und qualitativer, so daß die quantitative Bezeichnung durch eine Distanz eine bloß symbolische ist."

pp. 44-8*

referência explícita à analogia*

economia e arte; o valor econômico e o valor estético

filosófica, *ilustrativa*

* *Simmel não faz a referência explícita à analogia no corpo do texto, mas no sumário publicado junto ao texto, onde lemos: "Analogie: der ästhetische Wert" [Analogia: o valor estético]. A analogia se estende ao longo de todo o parágrafo.*

P.1.a.18

"Nun aber tritt als ein ganz neuer Prozeß, der der Wertung ein: der Willens- und Gefühlsinhalt erhält die Form des Objekts. Dieses steht nun dem Subjekt mit einem Maße von Selbständigkeit gegenüber, sich ihm gewährend oder versagend, an seinen Gewinn Forderungen knüpfend, durch die ursprüngliche Willkür seiner Wahl in eine gesetzliche Ordnung gehoben, in der es durchaus notwendige Schicksale und Bedingtheiten erfährt.[...] Steht aber erst einmal ein fertiges Objekt in unserem Bewußtsein, so scheint

freilich der ihm zuwachsende Wert ausschließlich auf der Seite des Subjektes zu liegen; der erste Aspekt, von dem ich ausging, die Einstellung der Inhalte in die Reihen des Seins und des Wertes, scheint mit ihrer Aufteilung in Objektivität und Subjektivität einfach synonym zu sein. Allein man bedenkt dabei nicht, daß das Objekt des Willens als ein solches etwas anderes ist als das Objekt des Vorstellens. Mögen beide noch so sehr an der gleichen Stelle der Raum-, Zeit- und Qualitätsreihen stehen: der begehrte Gegenstand steht uns ganz anders gegenüber, bedeutet uns etwas ganz anderes als der vorgestellte. Ich erinnere an die **Analogie** der Liebe. Der Mensch, den wir lieben, ist gar nicht dasselbe Gebilde wie derjenige, den wir erkenntnismäßig vorstellen. Damit meine ich nicht Verschiebungen oder Fälschungen, die etwa der Affekt in das Erkenntnisbild bringt. Denn dies verbleibt doch immer auf dem Gebiet der Vorstellung und innerhalb der intellektuellen Kategorien, wie sich auch ihr Inhalt modifiziere."

pp. 50-1 (cf. também p. 49)

referência explícita à analogia

economia e mundo íntimo: a valorização econômica (enquanto processo que institui o objeto econômico) como analogia com a valorização da pessoa amada

filosófica, *ilustrativa*

P.1.a.19

"Der Mensch, den wir lieben, ist gar nicht dasselbe Gebilde wie derjenige, den wir erkenntnismäßig vorstellen. Damit meine ich nicht Verschiebungen oder Fälschungen, die etwa der Affekt in das Erkenntnisbild bringt. Denn dies verbleibt doch immer auf dem Gebiet der Vorstellung und innerhalb der intellektuellen Kategorien, wie sich auch ihr Inhalt modifiziere. Es ist aber eine vom Grund her andere Art, in der der geliebte Mensch für uns Objekt ist, als der intellektuell vorgestellte, er *bedeutet*, trotz aller logischen Identität für uns etwas anderes, ungefähr **wie** der Marmor der Venus von Milo für den Kristallographen etwas anderes bedeutet als für den Ästhetiker."

p. 51

wie

o indivíduo e a obra de arte; a pessoa amada como objeto e o mármore da Vênus de Milo

ilustrativa, *figurativa*

P.1.a.20

"**Wie** man von dem göttlichen Prinzip gesagt hat, daß es, nachdem es die Elemente der Welt mit ihren Kräften versehen habe, zurückgetreten sei und sie dem gegenseitigen Spiele dieser Kräfte überlassen habe, so daß wir nun von einer objektiven, ihren eigenen Relationen und Gesetzen folgenden Welt sprechen können; **wie** aber die göttliche Macht dieses Aus-sich-heraussetzen des Weltprozesses als das geeignetste Mittel erwählt hat, ihre Zwecke mit der Welt am vollständigsten zu erreichen: **so** bekleiden wir innerhalb der Wirtschaft die Dinge mit einem Wertquantum wie mit einer eigenen Qualität ihrer und überlassen sie dann den Austauschbewegungen, einem durch jene Quanten objektiv bestimmten Mechanismus, einer Gegenseitigkeit unpersönlicher Wertwirkungen - aus der sie vermehrt und intensiver genießbar in ihren Endzweck, der ihr Ausgangspunkt war: das Fühlen der Subjekte, zurückkehren. Hiermit ist die Richtung der Wertbildung begründet und begonnen, in der sich die Wirtschaft vollzieht, und deren Konsequenzen den Sinn des Geldes tragen."

pp. 53-4

wie + so

economia e religião: o sujeito econômico está para o mundo dos objetos econômicos assim como o poder divino está para o mundo em geral

filosófica, *ilustrativa*

P.1.b.21

"Die Personen, die durch ihre Wünsche und Schätzungen zu dem Vollzuge bald dieses, bald jenes Tausches angeregt werden, realisieren damit für ihr Bewußtsein nur Wertverhältnisse, deren Inhalt schon in den Dingen selbst liegt: das Quantum des einen Objekts entspricht an Wert dem bestimmten Quantum des anderen Objekts, und diese Proportion steht als etwas objektiv Angemessenes und gleichsam Gesetzliches jenen persönlichen Motiven - von denen sie ausgeht, und in denen sie endet - ebenso gegenüber, **wie** wir es **entsprechend** an den objektiven Werten sittlicher und anderer Gebiete wahrnehmen."

p. 55

wie// entsprechend

economia e ciência moral; o valor econômico e o valor moral

filosófica, *serial*

P.1.b.22

"Die Wirtschaft strebt einer - nirgends völlig unwirklichen und nirgends völlig verwirklichten - Ausbildungsstufe zu, in der sich die Dinge ihre Wertmaße **wie** durch einen selbsttätigen Mechanismus gegenseitig bestimmen - unbeschadet der Frage, wieviel subjektives Fühlen dieser Mechanismus als seine Vorbedingung oder als sein Material in sich aufgenommen hat."

p. 55

wie

economia e mecânica: analogia com a noção de mecanismo automático
ilustrativa, *conceitual*

P.1.b.23

“Das Spezifische der Wirtschaft als einer besonderen Verkehrs- und Verhaltensform besteht - wenn man einen paradoxen Ausdruck nicht scheut - nicht sowohl darin, daß sie Werte austauscht, als daß sie Werte austauscht. Freilich liegt die Bedeutung, die die Dinge in und mit dem Tausch gewinnen, nie ganz isoliert neben ihrer subjektiv-unmittelbaren, über die Beziehung ursprünglich entscheidenden; vielmehr gehört beides zusammen, **wie** Form und Inhalt zusammengehören.”

p. 57

wie

o valor em sentido objetivo está para o valor em sentido subjetivo assim como a forma para o conteúdo filosófica, *conceitual*

P.1.b.24

“Allein der objektive und oft genug auch das Bewußtsein des Einzelnen beherrschende Vorgang abstrahiert sozusagen davon, daß es Werte sind, die sein Material bilden, und gewinnt sein eigenstes Wesen an der Gleichheit derselben - ungefähr **wie** die Geometrie ihre Aufgaben nur an den Größenverhältnissen der Dinge findet, ohne die Substanzen einzubeziehen, an denen allein doch jene Verhältnisse real bestehen.”

p. 57

wie

economia e geometria
filosófica, *serial*

P.1.b.25

“So untersucht jede Wissenschaft Erscheinungen, die erst unter dem von ihr gestellten Gesichtspunkte eine in sich geschlossene Einheitlichkeit und reinliche Abgrenzung gegen die Probleme anderer Wissenschaften haben, während die Wirklichkeit sich um diese Grenzlinien nicht kümmert, sondern jeder Abschnitt der Welt ein Konglomerat von Aufgaben für die mannigfaltigsten Wissenschaften darstellt. **Ebenso** schneidet unsere Praxis aus der äußeren oder inneren Komplexität der Dinge einseitige Reihen heraus und schafft erst so die großen Interessensysteme der Kultur. Dasselbe tritt an Betätigungen des Gefühls hervor. Wo wir religiös oder sozial empfinden, wo wir melancholisch oder weltfreudig gestimmt sind, da sind es immer Abstraktionen aus dem Wirklichkeitsganzen, die uns als Gegenstände unseres Gefühls erfüllen - sei es, daß unsere Reaktionsfähigkeit aus den dargebotenen Eindrücken nur diejenigen ergreift, die unter diesen oder jenen gemeinsamen Interessenbegriff gehören; sei es, daß sie von sich aus jeden Gegenstand mit einer Färbung versieht, deren in dem Gegenstand selbst gelegene Berechtigung sich in dessen Ganzheit mit den Begründungen anderer Färbungen zu einer objektiv ungeschiedenen Einheit verwebt.”

pp. 57-8

ebenso

conhecimento científico e conhecimento prático*
filosófica, *serial*

* a analogia também se estende às atividades sentimentais, embora não se encontre sinal de identificação para esse termo da analogia

P.1.b.26

“Es wird nämlich gegenüber dem Begriffe des Tausches oft jene Denkkunklarheit begangen, in Folge deren man von einer Beziehung, einem Verhältnis so spricht, als wäre es etwas außerhalb der Elemente, zwischen denen es spielt. Es bedeutet doch nur einen Zustand oder eine Veränderung innerhalb jedes derselben, aber nichts, was zwischen denselben, im Sinne der räumlichen Besonderung eines zwischen zwei anderen befindlichen Objekts, existierte. Indem man die beiden Akte oder Zustandsänderungen, die in Wirklichkeit vor sich gehen, **in den Begriff »Tausch«** zusammenfaßt, liegt die Vorstellung verlockend nahe, als wäre mit dem Tausch etwas neben oder über demjenigen geschehen, was in dem einen und in dem anderen Kontrahenten geschieht - **wie** wenn die begriffliche Substantialisierung **im Begriff des »Kusses«**, den man ja auch »tauscht«, verführen wollte, den Kuß für etwas zu halten, was irgendwo außerhalb der beiden Lippenpaare, außerhalb ihrer Bewegungen und Empfindungen läge.”

p. 61

wie// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **in** + artigo definido + **Begriff** + »termo da analogia«).

o conceito de troca e o conceito de beijo
filosófica, *conceitual*

* “wie”, nesse caso, exerce uma função sintática em um certo sentido diferente do que a que em geral exerce quando se trata de uma analogia

P.1.b.27

“Denn alle Abwägung, ob ein bestimmtes Produkt einen bestimmten Aufwand an Arbeit oder sonstigen Gütern rechtfertigt, ist für das wirtschaftende Subjekt genau dieselbe, **wie** die beim Tausche vor sich gehende Wertung dessen, was man hingibt, gegen das, was man erhält. [...] Auf seinen unmittelbaren Inhalt angesehen, ist der Tausch nur die kausal verknüpfte Zweimaligkeit der Tatsache, daß ein Subjekt jetzt etwas hat, was es vorher nicht hatte, und dafür etwas nicht hat, was es vorher hatte. Dann aber **verhält sich** jener isolierte Wirt, der gewisse Opfer zur Erzielung gewisser Früchte bringen muß, genau **so, wie** der Tauschende - nur daß sein Kontrahent nicht ein zweites wollendes Subjekt ist, sondern die natürliche Ordnung und Gesetzmäßigkeit der Dinge, die unsere Begehungen - so wenig ohne ein Opfer unsrerseits zu erfüllen pflegt, **wie** ein anderer Mensch es tut. Seine Wertberechnungen, nach denen er seine Handlungen bestimmt, sind generell genau dieselben, **wie** beim Tausch. ”

pp. 61-2

wie// sich verhalten + so

a troca e a produção

filosófica, *conceitual*

P.1.b.28

“Die logische Schwierigkeit: daß zwei Dinge doch erst dann gleichen Wert haben könnten, wenn zuerst jedes für sich einen Wert habe, scheint sich freilich durch die **Analogie** zu erweisen, daß doch auch zwei Linien nur gleich lang sein könnten, wenn jede von ihnen schon vor der Vergleichung eine bestimmte Länge besäße. Allein sie besitzt diese, genau angesehen, wirklich erst in dem Augenblick der Vergleichung mit einer anderen. [...] Diese **Analogie** also, statt die Relativität des wirtschaftlichen Wertes zu widerlegen, verdeutlicht sie vielmehr.”

pp. 66-7*

referência explícita à analogia

economia e mundo das formas: o valor econômico está para a coisa valorizada assim como a extensão para a linha

filosófica, *ilustrativa*

* a analogia se estende ao longo de todo o parágrafo

P.1.b.29

“Die Beweglichkeit und unerschöpfliche Kombinationsfähigkeit unserer seelischen Inhalte bewirkt es häufig, daß die Bedeutsamkeit eines Zusammenhanges auf seine direkte Umkehrung übertragen wird, ungefähr **wie** die Assoziation zwischen zwei Vorstellungen ebenso dadurch zustande kommt, daß sie einander zugesprochen, wie daß sie einander abgesprochen werden. Den ganz spezifischen Wert dessen, was wir ohne überwundene Schwierigkeit und wie ein Geschenk glücklichen Zufalls gewinnen, empfinden wir doch nur auf Grund der Bedeutung, die gerade das schwer Errungene, an Opfern Gemessene für uns hat - es ist derselbe Wert, aber mit negativem Vorzeichen, und dieser ist der primäre, aus dem jener - aber nicht umgekehrt! - sich ableiten läßt.”

p.70

wie

valor e intelecto: o valor e a associação mental

filosófica, *ilustrativa*

P.1.b.30

“Ich führte schon oben Kants Zusammenfassung seiner Erkenntnislehre an: **die Bedingungen der Erfahrung seien zugleich die Bedingungen der Gegenstände der Erfahrung** - womit er meinte, daß der Prozeß, den wir Erfahrung nennen, und die Vorstellungen, die dessen Inhalte oder Gegenstände bilden, ebendenselben Gesetzen des Verstandes unterliegen. Die Gegenstände können deshalb in unsere Erfahrung eingehen, von uns erfahren werden, weil sie Vorstellungen in uns sind, und die gleiche Kraft, die die Erfahrung bildet und bestimmt, sich in der Bildung jener äußert. In demselben Sinne können wir hier sagen: **die Möglichkeit der Wirtschaft ist zugleich die Möglichkeit der Gegenstände der Wirtschaft.**”

p. 73

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

valor e experiência: analogia com Kant

filosófica, *conceitual*

P.1.b.31

“Erst wenn ein zweites Objekt da ist, von dem ich mir klar bin, daß ich es für das erste oder das erste für jenes hingeben will, hat jedes von beiden einen angebbaren wirtschaftlichen Wert. Es gibt für die Praxis so wenig ursprünglich einen Einzelwert, **wie** es für das Bewußtsein ursprünglich die Eins gibt. Von verschiedenen Seiten ist hervorgehoben worden, daß die Zwei älter ist als die Eins. Die Stücke eines zerbrochenen Stockes fordern ein Wort für Mehrzahl, der ganze ist »Stock« schlechthin, und ihn als »einen«

Stock zu bezeichnen, liegt erst Veranlassung vor, wenn etwa zwei Stöcke in irgendeiner Beziehung in Frage kommen.”

p. 76

wie

valor e representação
filosófica, *conceitual*

P.1.b.32

“Man vergesse doch nicht, daß die objektive und gerechte Äquivalenz von Wert und Preis, die wir zur Norm der tatsächlichen und singulären machen, auch nur unter ganz bestimmten historischen und technischen Bedingungen gilt und mit der Änderung derselben sofort auseinanderfällt. Zwischen der Norm selbst und den Fällen, die sie als abweichende oder als adäquate charakterisiert, besteht hier also gar kein genereller, sondern sozusagen nur ein numerischer Unterschied - ungefähr **wie** man von einem außergewöhnlich hoch- oder außergewöhnlich tiefstehenden Individuum sagt, es sei eigentlich gar kein Mensch mehr; während doch dieser Begriff des Menschen nur ein Durchschnitt ist, der seinen normativen Charakter in dem Augenblick verlieren würde, in dem die Majorität der Menschen zu der einen oder der anderen jener Verfassungen herauf- oder herunterstiege, welche dann als die allein „menschliche“ gälte.”

pp. 81-2

wie

economia e humanidade; a equivalência de valor e preço enquanto norma da economia está para suas realizações históricas anômalas assim como o noção de “humanidade” para os homens particularmente destacados
filosófica, *ilustrativa*

P.1.b.33

“Die mannigfaltigen Beziehungen zwischen dem objektiv Gültigen - in praktischer wie in theoretischer Hinsicht - und seiner sozialen Bedeutung und Anerkennung stellen sich auch sonst vielfach in dieser Weise historisch dar: daß die soziale Wechselwirkung, Verbreitung, Normierung dem Individuum diejenige Dignität und Festigkeit eines Lebensinhaltes gewährt, die es später aus dessen sachlichem Recht und Beweisbarkeit gewinnt. **So** glaubt das Kind jeden beliebigen Sachverhalt nicht aus inneren Gründen, sondern weil es den mitteilenden Personen vertraut; nicht etwas, sondern jemandem wird geglaubt. **So** sind wir in unserem Geschmack von der Mode, d. h. von der sozialen Verbreitung eines Tuns und Schätzens abhängig, bis wir, spät genug, die Sache selbst ästhetisch zu beurteilen wissen. **So** stellt sich die Notwendigkeit für das Individuum, sich über sich selbst zu erweitern und zugleich in dieser Erweiterung einen überpersönlichen Halt und Festigkeit zu gewinnen: im Recht, in der Erkenntnis, in der Sittlichkeit - als die Macht der Tradition dar; an Stelle dieser zuerst unentbehrlichen Normierung, die zwar über das Einzelsubjekt, aber noch nicht über Subjekte überhaupt hinausgeht, wächst allmählich die aus der Kenntnis der Dinge und dem Ergreifen der idealen Normen hervorgehende auf. Das Außer-Uns, dessen wir zu unserer Orientierung bedürfen, nimmt die leichter zugängliche Form der sozialen Allgemeinheit an, ehe es uns als objektive Bestimmtheit der Realitäten und der Ideen entgegentritt. In diesem die Kulturentwicklung durchgängig charakterisierenden Sinne also ist der Tausch ursprünglich Sache der sozialen Festsetzung, bis die Individuen die Objekte und ihre eigenen Wertungen hinreichend kennen, um die Tauschraten selbst von Fall zu Fall zu fixieren.”

p. 88

so

o desenvolvimento o juízo da criança, o desenvolvimento do juízo estético aplicado ao caso da moda, o desenvolvimento do juízo moral e o desenvolvimento da objetividade do valor econômico
historicista// especializada, *sociológica*

P.1.b.34

“Ich halte es durchaus für möglich, daß der Vorgänger des sozial fixierten Tausches nicht der individuelle Tausch gewesen ist, sondern eine Art des Besitzwechsels, die überhaupt nicht Tausch war, etwa der Raub. Dann wäre der interindividuelle Tausch nichts anderes als ein Friedensvertrag gewesen, und Tausch und fixierter Tausch wären als eine einheitliche Tatsache entsprungen. Eine **Analogie** hierzu würden die Fälle bieten, wo der primitive Frauenraub dem exogamischen Friedensvertrag mit Nachbarn - der den Kauf und Austausch der Weiber gründet und regelt - vorangegangen ist. Die hiermit eingeführte, prinzipiell neue Eheform wird also sogleich in ihrer, das Individuum präjudizierenden Fixiertheit gesetzt. Freie Sonderverträge der gleichen Art zwischen Einzelnen brauchen dabei keineswegs vorausgegangen zu sein, sondern zugleich mit dem Typus ist auch eine soziale Regelung gegeben.”

p. 89

referência explícita à analogia

o desenvolvimento da troca como forma social e o desenvolvimento do casamento como forma social
historicista// especializada, *sociológica*

P.1.b.35

“Es ist ein Vorurteil, daß jede sozial geregelte Beziehung sich aus der inhaltlich gleichen, aber in nur individueller, sozial unregelter Form stattfindenden, historisch entwickelt haben müsse. Was ihr vorangegangen ist, kann vielmehr derselbe Inhalt in einer *der Art nach ganz anderen Beziehungsform* gewesen sein. Der Tausch geht über die subjektiven Aneignungsformen fremden Besitzes, den Raub und das Geschenk, hinaus - ganz **dementsprechend**, daß die Geschenke an den Häuptling und die von ihm erhobenen Strafgeelder die Vorstufen der Steuer sind - und findet auf diesem Wege als erste übersubjektive Möglichkeit die soziale Regelung vor, welche ihrerseits erst die Objektivität im sachlichen Sinne vorbereitet; zuerst mit dieser gesellschaftlichen Normierung wächst in jene freien Besitzwechsel zwischen Individuen die Objektivität ein, die das Wesen des Tausches ist.”

p. 89

dementsprechend

a troca e o imposto; o roubo e a dádiva estão para a troca assim como a obrigação de presentear o líder e as penas pecuniárias estão para o imposto
historicista// especializada, *econômica*

P.1.c.36

“**Wie** wir in uns selbst ein seelisches Sein zu spüren meinen, dessen Existenz und Charakter nur in sich selbst ruht, eine letzte, von allem Außer-Ihr unabhängige Instanz, und diese genau von jenen unserer Gedanken, Erlebnisse und Entwicklungen scheiden, die nur durch Beziehungen zu anderen wirklich oder meßbar werden - **so** suchen wir in der Welt nach den Substanzen, Größen und Kräften, deren Sein und Bedeutung in ihnen allein begründet ist, und unterscheiden sie von allen relativen Existenzen und Bestimmungen - von allen denen, die nur durch Vergleich, Berührung oder Reaktion anderer das sind, was sie sind.”

p. 93

wie + so

a relação do eu consigo mesmo e a relação do eu com o mundo
filosófica, *metafísica*

P.1.c.37

“Daß so jede Vorstellung nur im Verhältnis zu einer anderen wahr ist, selbst wenn das ideale, für uns aber im Unendlichen liegende System des Erkennens eine von dieser Bedingtheit gelöste Wahrheit enthalten sollte - das bezeichnet wohl einen Relativismus unseres Verhaltens, der auf anderen Gebieten in **analoger** Weise gilt. [...] Gerade **wie** ein neuer, und noch so revolutionärer Inhalt des Erkennens seine Beweisbarkeit für uns doch nur aus den Inhalten, Axiomen und Methoden des bisherigen Erkenntnisstandes ziehen kann, wenngleich eine erste Wahrheit als existierend angenommen werden muß, die nicht bewiesen werden kann, die wir aber in ihrer selbstgenügsamen Sicherheit nie erreichen können - **so** fehlt uns das in sich selbst ruhende Recht, obgleich dessen Idee über der Reihe der relativen Rechtsbestimmungen schwebt, deren jede auf die Legitimierung durch eine andere angewiesen ist. Freilich hat auch unser Erkennen erste Axiome, die in jedem gegebenen Augenblick für uns nicht mehr beweisbar sind, weil es ohne diese nicht zu den relativen Reihen abgeleiteter Beweise käme; allein jene haben eben doch nicht die logische Dignität des *Bewiesenen*, sie sind nicht in demselben Sinne für uns wahr, wie dieses es ist, und unser Denken macht an ihnen als letzten Punkten nur so lange Halt, bis es auch über sie zu noch Höherem hinaufkann, das dann das bisher Axiomatische seinerseits beweist. **Entsprechend** gibt es freilich absolut und relativ vorrechtliche Zustände, in denen ein empirisches Recht aus Gewalt- oder anderen Gründen gesetzt wird. Allein das wird eben nicht *rechtlich* gesetzt; es gilt wohl als Recht, sobald es da ist, aber *daß* es da ist, ist keine rechtliche Tatsache; es fehlt ihm die Dignität alles dessen, was sich auf ein Gesetz stützt; und es ist tatsächlich das Bestreben jeder Macht, die ein solches rechtloses Recht setzt, irgendeine Legitimierung desselben aufzufinden oder zu fingieren, d. h. es aus einem bereits bestehenden Rechte herzuleiten gleichsam eine Huldigung an jenes absolute Recht, das jenseits alles relativen steht und von diesem niemals ergriffen werden kann, sondern für uns nur in der Form einer kontinuierlichen Ableitung jeder aktuellen Rechtsbestimmung von einer davorliegenden sein Symbol findet.”

pp. 97-9*

referência explícita à analogia// **wie + so// entsprechend**

teoria do conhecimento e direito

filosófica, *serial*

*a analogia é desenvolvida ao longo de todo o parágrafo

P.1.c.38

“Bedenkt man die ungeheuere Zahl übereinandergebauter und sich ins Unendliche verlierender Voraussetzungen, von denen jede inhaltlich bestimmte Erkenntnis abhängt, so scheint es durchaus nicht ausgeschlossen, daß wir den Satz A durch den Satz B beweisen, der Satz B aber, durch die Wahrheit von C, D, E usw. hindurch, schließlich nur durch die Wahrheit von A beweisbar ist. Die Kette der Argumentation C, D, E usw. braucht nur hinreichend lang angenommen zu werden, so daß ihr Zurückkehren zu ihrem Ausgangspunkt sich dem Bewußtsein entzieht, **wie** die Größe der Erde dem unmittelbaren Blick ihre

Kugelgestalt verbirgt und die Illusion erregt, als könnte man auf ihr in gerader Richtung ins Unendliche fortschreiten; und der Zusammenhang, den wir innerhalb unserer Welterkenntnis annehmen: daß wir von jedem Punkte derselben zu jedem anderen durch Beweise hindurch gelangen können - scheint dies plausibel zu machen."

pp. 99-100

wie

a incomensurabilidade relativa da série das provas e a incomensurabilidade relativa da terra
ilustrativa, *figurativa*

P.1.c.39

"Wenn wir nicht ein für allemal dogmatisch an einer Wahrheit haltmachen wollen, die ihrem Wesen nach keines Beweises bedürfe, so liegt es nahe, diese Gegenseitigkeit des Sich-Beweisens für die Grundform des - als vollendet gedachten - Erkennens zu halten. Das Erkennen ist so ein freischwebender Prozeß, dessen Elemente sich gegenseitig ihre Stellung bestimmen, **wie** die Materienmassen es vermöge der Schwere tun; **gleich** dieser ist die Wahrheit dann ein Verhältnisbegriff. Daß unser Bild der Welt auf diese Weise »in der Luft schwebt«, ist nur in der Ordnung, da ja unsere Welt selbst es tut. Das ist keine zufällige Koinzidenz der Worte, sondern Hinweisung auf den grundlegenden Zusammenhang. Die unserem Geiste eigene Notwendigkeit, die Wahrheit durch Beweise zu erkennen, verlegt ihre Erkennbarkeit entweder ins Unendliche oder biegt sie zu einem Kreise um, indem ein Satz nur im Verhältnis zu einem anderen, dieser andere aber schließlich nur im Verhältnis zu jenem ersten wahr ist. Das Ganze der Erkenntnis wäre dann so wenig wahr, **wie** das Ganze der Materie schwer ist; nur im Verhältnis der Teile untereinander gälten die Eigenschaften, die man von dem Ganzen nicht ohne Widerspruch aussagen könnte."

p. 100

wie// gleich

o conhecimento e o mundo físico; a verdade e o peso
ilustrativa, *figurativa*

P.1.c.40

"Vielmehr, die Weltbilder des Insekts mit seinen Facettenaugen, des Adlers mit seinem Sehvermögen von einer uns kaum vorstellbaren Schärfe, des Grottenolms mit seinen zurückgebildeten Augen, unser eigenes, sowie die unzähligen anderen, müssen durchaus von tiefgehender Verschiedenheit sein, woraus unmittelbar zu schließen ist, daß keines derselben den außerpsychischen Weltinhalt in seiner an sich seienden Objektivität nachzeichnet. Die so wenigstens negativ charakterisierten Vorstellungen sind nun aber Voraussetzung, Material, Direktive für unser praktisches Handeln, durch das wir uns mit der Welt, wie sie relativ unabhängig von unserem subjektiv bestimmten Vorstellen besteht, in Verbindung setzen: wir erwarten von ihr bestimmte Rückwirkungen auf unsere Einwirkungen und sie leistet uns dieselben auch, wenigstens im großen und ganzen, in der richtigen, d. h. uns nützlichen Weise, **wie** sie eben solche auch den Tieren leistet, deren Verhalten durch völlig abweichende Bilder von eben derselben Welt bestimmt wird. Dies ist doch eine höchst auffallende Tatsache: Handlungen auf Grund von Vorstellungen vorgenommen, die mit dem objektiv Seienden sicherlich keinerlei Gleichheit besitzen, erzielen aus diesem dennoch Erfolge von einer solchen Berechenbarkeit, Zweckmäßigkeit, Treffsicherheit, daß sie bei einer Kenntnis jener objektiven Verhältnisse, wie sie an sich wären, nicht größer sein könnten, während andere Handlungen, nämlich die auf »falsche« Vorstellungen hin erfolgenden, in lauter reale Schädigungen für uns auslaufen. Und **ebenso** sehen wir, daß auch die Tiere Täuschungen und korrigierbaren Irrtümern unterliegen. Was kann nun die »Wahrheit« bedeuten, die für diese und uns inhaltlich eine ganz verschiedene ist, außerdem sich mit der objektiven Wirklichkeit gar nicht deckt, und dennoch so sicher zu erwünschten Handlungsfolgen führt, als ob dies letztere der Fall wäre? [...] Dasjenige Sinnesbild, das für das Insekt Wahrheit ist, wäre es offenbar nicht für den Adler; denn eben dasselbe, auf Grund dessen das Insekt im Zusammenhang seiner inneren und äußeren Konstellationen zweckmäßig handelt, würde den Adler im Zusammenhange der seinigen zu ganz unsinnigen und verderblichen Handlungen bewegen."

pp. 100-2

wie// ebenso

o homem e o animal
especializada, *biológica*

P.1.c.41

"Und tatsächlich haben wir gar kein anderes *definitives* Kriterium für die Wahrheit einer Vorstellung vom Seienden, als daß die auf sie hin eingeleiteten Handlungen die erwünschten Konsequenzen ergeben. Haben sich nun freilich erst durch die angedeutete Auslese, d. h. durch die Züchtung gewisser Vorstellungsweisen, diese als die dauernd zweckmäßigen gefestigt, so bilden sie unter sich ein Reich des Theoretischen, das für jede neu auftretende Vorstellung nach jetzt inneren Kriterien über Zugehörigkeit oder Entgegengesetztheit zu ihm entscheidet - gerade **wie** die Sätze der Geometrie sich nach innerer strenger Autonomie aufeinander aufbauen, während die Axiome und die methodischen Normen, nach denen dieser Aufbau und das ganze Gebiet überhaupt möglich ist, selbst nicht geometrisch erweisbar sind. Das Ganze der Geometrie ist also gar

nicht in demselben Sinne gültig, in dem ihre einzelnen Sätze es sind; während diese innerhalb ihrer, einer durch den anderen, beweisbar sind, gilt Ganze nur durch Beziehung auf ein außerhalb ihrer Gelegenes: auf die Natur des Raumes, auf die Art unserer Anschauung, auf den Zwang unserer Denknormen. So können sich zwar unsere einzelnen Erkenntnisse gegenseitig tragen, indem die einmal festgestellten Normen und Tatsachen zum Beweise für andere werden, aber das Ganze derselben hat seine Gültigkeit nur in Beziehung auf bestimmte physisch-psychische Organisationen, ihre Lebensbedingungen und die Förderlichkeit ihres Handelns."

p. 103

wie

teoria do conhecimento e geometria
filosófica, *serial*

P.1.c.42

"**Wie** die Einheit des sozialen Körpers oder der soziale Körper als Einheit nur die gegenseitig ausgeübten Attraktions- und Kohäsionskräfte seiner Individuen bedeutet, ein rein dynamisches Verhältnis unter diesen, **so** ist die Einheit des einzelnen Objekts, in deren geistiger Realisierung seine Erkenntnis besteht, nichts als eine Wechselwirkung unter den Elementen seiner Anschauung. Auch in dem, was man die »Wahrheit« eines Kunstwerkes nennt, dürfte das Verhältnis seiner Elemente untereinander sehr viel bedeutsamer sein, gegenüber dem Verhältnis zu seinem Objekt, als man sich klarzumachen pflegt."

p. 104

wie + so

teoria do conhecimento e sociologia*
filosófica, *serial*

*o domínio da arte também compõe a analogia, embora não haja sinal de identificação nesse caso

P.1.c.43

"Notwendigkeit ist eine Relation, durch die die gegenseitige Fremdheit zweier Elemente zu einer Einheit wird - denn die Formel der Notwendigkeit ist: wenn A ist, so ist B; diese »notwendige Beziehung« besagt, daß A und B die Elemente einer bestimmten Einheit des Seins oder Geschehens sind - wobei notwendige Beziehung eine völlig einheitliche, und nur durch die Sprache zerlegte und wieder zusammengesetzte Relation bedeutet. Jene Einheit des Kunstwerks ist ersichtlich genau dasselbe **wie** diese Notwendigkeit; denn sie entsteht eben dadurch, daß die verschiedenen Elemente des Kunstwerks sich gegenseitig bedingen, eines notwendig da ist, wenn das andere gegeben ist und so wechselseitig."

pp. 105

wie

ciências naturais e arte
filosófica, *serial*

P.1.c.44

"Der Monismus treibt über sich hinaus zum Dualismus oder Pluralismus, nach dessen Setzung aber wieder das Bedürfnis nach Einheit zu wirken beginnt; so daß die Entwicklung der Philosophie **wie** die des individuellen Denkens von der Vielheit an die Einheit und von der Einheit an die Vielheit gewiesen wird. Die Geschichte des Denkens zeigt es als vergeblich, einen dieser Standpunkte als den definitiven gewinnen zu wollen; die Struktur unserer Vernunft in ihrem Verhältnis zum Objekt beansprucht vielmehr die Gleichberechtigung beider und erreicht sie, indem sie die monistische Forderung in das Prinzip gestaltet: jede Vielheit soweit wie möglich zu vereinheitlichen, d. h. so, als ob wir am absoluten Monismus endigen sollten, - und die pluralistische: bei keiner Einheit Halt zu machen, sondern jeder gegenüber nach noch einfacheren Elementen und erzeugenden Kräftepaaren zu forschen, d. h. so, als ob das Endergebnis ein pluralistisches sein sollte. - **Ebenso** liegt es, wenn man den Pluralismus in seiner qualitativen Bedeutung: in die individuelle Differenziertheit der Dinge und Schicksale, ihre Sonderung nach Wesen und Wert verfolgt."

pp. 107-9*

wie// ebenso

filosofia e vida individual; o pluralismo como forma filosófica de pensamento e o pluralismo como forma individual de vida
filosófica, *metafísica*

* a analogia se estende por todo o parágrafo

P.1.c.45

"Alle historischen Bilder erzeugen sich in dieser Gegenseitigkeit der Deutungselemente, von denen keines das andere zur Ruhe kommen läßt: das abschließende Begreifen ist in die Unendlichkeit hinaus verlegt, da jeder in der einen Reihe erreichte Punkt uns zu seinem Verständnis an die andere verweist. **Ähnlich verhält es sich** mit der psychologischen Erkenntnis."

p. 110

sich verhalten + ähnlich

P.1.c.46

“Dieses wechselwirkende Sich-Tragen und Aufeinander-Angewiesensein der Methoden ist etwas völlig anderes als die billige Kompromißweisheit der Mischung und des Halb- und Halbtums der Prinzipien, bei dem der Verlust des einen immer größer als der Gewinn des anderen zu sein pflegt; hier handelt es sich vielmehr darum, jeder Seite des Gegensatzpaares eine nicht zu begrenzende Wirksamkeit zu eröffnen. Und wenngleich jede dieser Methoden immer etwas Subjektives bleibt, so scheinen sie doch durch jene Relativität ihrer Anwendung gerade die objektive Bedeutung der Dinge angemessen auszudrücken. Sie fügen sich damit dein allgemeinen Prinzip ein, das unsere Untersuchungen über den Wert leitete: Elemente, deren jedes inhaltlich subjektiv ist, können in der Form ihrer gegenseitigen Beziehung das gewinnen oder darstellen, was wir Objektivität nennen. **So** sahen wir schon oben, wie bloße Sinnesempfindungen dadurch, daß sie aneinander haften, für uns den Gegenstand bezeichnen oder zustande bringen. **So** entsteht die Persönlichkeit - ein so festes Gebilde, daß man ihm eine besondere Seelensubstanz unterlegte - mindestens für die empirische Psychologie durch die gegenseitigen Assoziationen und Apperzeptionen, die unter den einzelnen Vorstellungen stattfinden; diese, verfließende und subjektive Vorgänge, erzeugen durch ihre Wechselbeziehungen, was in keiner von ihnen für sich allein liegt, die Persönlichkeit als objektives Element der theoretischen und praktischen Welt. **So** erwächst das objektive Recht, indem die subjektiven Interessen und Kräfte der Einzelnen sich ausgleichen, sich gegenseitig ihre Stellung und ihr Maß bestimmen, durch den Austausch von Ansprüchen und Beschränkungen die objektive Form der Balancierung und Gerechtigkeit gewinnen. **So** kristallisierte aus den Einzelbegehungen der Subjekte der objektive wirtschaftliche Wert aus, weil die Form der Gleichheit und des Austausches zur Verfügung stand, und diese Relationen eine Sachlichkeit und Übersubjektivität haben konnten, die jenen Elementen als einzelnen fehlte. **So** also mögen jene Methoden des Erkennens nur subjektive und heuristische sein; aber dadurch, daß jede an der anderen ihre Ergänzung und eben durch diese ihre Legitimierung findet, nähern sie sich - wenngleich in einem unendlichen Prozeß des Sich-gegenseitig-Hervorrufens dem Ideale der objektiven Wahrheit.”

pp. 113-4

so// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

ciências naturais, psicologia, direito, economia e teoria do conhecimento
filosófica, *serial*

P.1.c.47

“Es scheint unvermeidlich, unser geistiges Dasein unter zwei, einander ergänzenden Kategorien zu betrachten: seinem Inhalte nach und dem Prozeß nach, der als Bewußtseinsereignis diesen Inhalt trägt oder verwirklicht. Die Struktur dieser Kategorien ist eine äußerst verschiedene. Den seelischen Prozeß müssen wir uns unter dem Bilde des kontinuierlichen Fließens vorstellen, er kennt keine starren Absätze, sondern ununterbrochen, wie in einem organischen Wachstum, fließt ein seelischer Zustand in den nächsten über. Unter völlig anderem Aspekt erscheinen die aus dem Prozeß abstrahierten, in ideeller Selbständigkeit bestehenden Inhalte: als ein Komplex, ein Stufenbau, ein System einzelner Begriffe oder Sätze, entschieden eines von dem anderen abgehoben; das logisch vermittelnde Glied zwischen je zweien zwar die Weiten des Abstandes, aber nicht seine Diskontinuität vermindern - **wie** die Stufen einer Treppe sich scharf gegeneinander absetzen und damit doch das Mittel zu der kontinuierlichen Bewegung des Körpers über sie bieten.”

pp. 114-5

wie

os conteúdos do conhecimento e a escada
ilustrativa, *figurativa*

P.1.c.48

“Das ungeheure quantitative Mißverhältnis zwischen der aktuell gerade fraglichen und der aktuell als gesichert geltenden Masse der Vorstellungen verschleierte das Gegenseitigkeitsverhältnis hier ebenso, **wie** das **entsprechende** bewirkte, daß man so lange nur die Anziehungskraft der Erde für den Apfel, aber nicht die des Apfels für die Erde bemerkte. Und **wie** infolgedessen ein Körper die Schwere als eine selbständige Qualität seiner zu haben schien, weil nur die eine Seite des Verhältnisses konstatierbar war, so mag die Wahrheit als eine den Einzelvorstellungen an und für sich eigene Bestimmtheit gelten, weil die Gegenseitigkeit in der Bedingtheit der Elemente, in der die Wahrheit besteht, bei der verschwindenden Größe des einzelnen gegenüber der Masse der - im Augenblick nicht fraglichen - Vorstellungen überhaupt unmerkbar wird.”

p. 116

wie// **entsprechend**

o peso e a verdade
ilustrativa, *figurativa*

P.1.c.49

“Der Dogmatismus mag die Sicherheit des Erkennens auf ein Kriterium wie auf einen Felsen gründen - worauf aber ruht der Felsen? Daß das Erkennen überhaupt der Sicherheit fähig ist, muß es schon voraussetzen, um diese Fähigkeit aus jenem Kriterium herzuleiten. Die Behauptung von der Sicherheit der Erkenntnis hat die Sicherheit der Erkenntnis zu ihrer Voraussetzung. Ganz **entsprechend** mag der Skeptizismus die Unsicherheit und Täuschungschance jedes Erkennens in ihrer prinzipiellen Unwiderleglichkeit hinstellen oder sogar die Unmöglichkeit einer Wahrheit, den inneren Widerspruch ihres Begriffes behaupten: diesem Resultate des Denkens über das Denken muß es doch auch dieses, das skeptische Denken selbst, unterordnen.”

pp. 116-7

entsprechend

dogmatismo e ceticismo

filosófica, *serial*

P.1.c.50

“Es ist nicht richtig, daß, wenn der Skeptizismus die Möglichkeit der Wahrheit leugnet, diese Meinung selbst unwahr sein muß, ebensowenig **wie** die pessimistische Meinung von der Schlechtigkeit alles Wirklichen den Pessimismus selbst zu einer schlechten Theorie macht.”

p. 118

wie

o ceticismo e o pessimismo

filosófica, *serial*

P.1.c.51

“Daß es »kein Subjekt ohne Objekt, kein Objekt ohne Subjekt« gibt, verwirklicht sich zuerst innerhalb der Seele selbst, sie erhebt sich als die wissende über sich selbst, die gewußte, und indem sie dieses Wissen ihrer selbst wiederum weiß, verläuft ihr Leben prinzipiell in einem progressus in infinitum, dessen jeweilig aktuelle Form, **gleichsam** sein Querschnitt, die Kreisbewegung ist: das seelische Subjekt weiß sich als Objekt und das Objekt als Subjekt.”

p. 119

gleichsam

filosofia e ciências naturais: analogia com a noção de corte transversal

ilustrativa, *conceitual*

P.1.c.52

“Alle singulären Beständigkeiten und Substantialitäten, alle Absolutheiten zweiter Ordnung sind nun so vollständig in jene eine aufgegangen, daß man direkt sagen kann: in einem Monismus, wie dem Spinozischen, sind die sämtlichen Inhalte des Weltbildes zu Relativitäten geworden. Die umfassende Substanz, das allein übrig gebliebene Absolute, kann nun, ohne daß die Wirklichkeiten inhaltlich alteriert würden, außer Betracht gesetzt werden - die Expropriateurin wird expropriert, wie Marx einen **formal gleichen Prozeß** beschreibt - und es bleibt tatsächlich die relativistische Aufgelöstheit der Dinge in Beziehungen und Prozesse übrig.”

p. 120

form + gleich = einen formal gleiche Prozeß beschreiben

a superação do monismo de Spinoza e a expropriação dos expropriadores: analogia com Marx

filosófica, *conceitual*

P.1.c.53

“Wenn die Wirkung, die ein Element auf ein anderes ausübt, für dieses zur Ursache wird, auf jenes erste eine Wirkung zurückzustrahlen, die so wiedergegebene aber, ihrerseits wieder zur Ursache einer Rückwirkung werdend, das Spiel von neuem beginnen läßt: so ist hiermit das Schema einer wirklichen Unendlichkeit der Aktivität gegeben. Hier ist eine immanente Grenzenlosigkeit, der des Kreises **vergleichbar**; denn auch diese entsteht doch nur in der völligen Gegenseitigkeit, mit der jeder Abschnitt desselben jedem anderen seine Stelle bestimmt - im Unterschied gegen andere in sich zurücklaufende Linien, von denen nicht jeder Punkt von allen immanenten Seiten her die gleiche wechselwirkende Bestimmtheit erfährt.”

p. 121

vergleichbar

o infinito concreto e o círculo

ilustrativa, *figurativa*

P.1.c.54

“In diesem Sinne findet man das Geld als »abstrakten Vermögens« wert definiert; als sichtbarer Gegenstand ist es der Körper, mit dem der von den wertvollen Gegenständen selbst abstrahierte wirtschaftliche Wert sich

bekleidet hat, dem Wortlaut **vergleichbar**, der zwar ein akustisch-physiologisches Vorkommnis ist, seine ganze Bedeutung für uns aber nur in der inneren Vorstellung hat, die er trägt oder symbolisiert.”

p. 122

vergleichbar

dinheiro e linguagem: o dinheiro enquanto objeto e a palavra falada
filosófica, *ilustrativa*

P.1.c.55

“Wenn ein Warenquantum A seinen Preis von einer Mark auf zwei steigert, während alle anderen Waren B C D E den ihrigen behalten, so bedeutet dies eine Verschiebung des Verhältnisses zwischen A und B C D E, die man auch so ausdrücken könnte, daß diese letzteren im Preise gefallen sind, während A den seinen behalten hat. Nur die größere Einfachheit des Ausdrucks läßt uns die erste Vorstellungsweise vorziehen, gerade **wie** wir bei der Lageveränderung eines Körpers gegen sein Umgebungsbild sagen, er habe sich z. B. von Osten nach Westen bewegt, während die tatsächliche Erscheinung sich genau so zutreffend als Bewegung der gesamten Umgebung (den Zuschauer einbegriffen) von Westen nach Osten, bei Ruhelage jenes einen Körpers, beschreiben läßt. **Wie** die Lage eines Körpers ihm nicht als eine Bestimmtheit seiner für sich allein, sondern nur als ein Verhältnis zu anderen zukommt, so daß bei jeder Änderung derselben ebenso gut diese anderen wie jener selbst als das tätige oder als das passive Subjekt bezeichnet werden können - **so** läßt sich jede Wertänderung von A innerhalb des wirtschaftlichen Kosmos, da sein Wert selbst nur in dem Verhältnis zu diesem besteht, mit gleichem Recht und nur unbequemer als Änderung von B C D E bezeichnen.”

p. 123

wie// wie + so

dinheiro e mundo físico; a relatividade do preço e a relatividade do espaço
filosófica, *ilustrativa*

P.1.c.56

“Geld ist das »Geltende« schlechthin, und wirtschaftliches Gelten bedeutet *etwas* gelten, d. h. gegen etwas anderes vertauschbar zu sein. Alle anderen Dinge haben einen bestimmten Inhalt und gelten deshalb; das Geld umgekehrt hat seinen Inhalt davon, daß es gilt, es ist das zur Substanz erstarrte Gelten, das Gelten der Dinge ohne die Dinge selbst. Indem es so das Sublimat der Relativität der Dinge ist, scheint es selbst dieser entzogen zu sein - **wie** die Normen der Wirklichkeit nicht derselben Relativität unterliegen, die die Wirklichkeit beherrschen, und zwar nicht trotzdem, sondern gerade weil ihre Inhalte die zu selbständiger Lebendigkeit, Bedeutung und Haltbarkeit aufgewachsenen Verhältnisse zwischen den Dingen sind.”

p. 124

wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e a lei natural
filosófica, *ilustrativa*

P.1.c.57

“Aus jener Doppelheit seiner Rollen - außerhalb und innerhalb der Reihen der konkreten Werte - gehen, wie gesagt, unzählige Schwierigkeiten in der praktischen wie in der theoretischen Behandlung des Geldes hervor. Insoweit es das Wertverhältnis der Güter untereinander ausdrückt, sie mißt und austauschen hilft, tritt es zu der Welt der direkt nutzbaren Güter als eine Macht ganz anderer Provenienz hinzu, sei es als schematischer Maßstab jenseits aller Greifbarkeiten, sei es als Tauschmittel, das sich zwischen diese letzteren aber nur schiebt, **wie** der Lichtäther zwischen die Ponderabilien.”

p. 125

wie

filosofia e física: analogia com o conceito de éter luminífero
ilustrativa, conceitual

P.1.c.58

“Das Geld gehört also zu denjenigen normierenden Vorstellungen, die sich selbst unter die Norm beugen, die sie selbst sind. Alle solche Fälle ergeben primäre, wenn auch auflösbare Verwicklungen und Kreisbewegungen des Denkens: **der Kreter, der alle Kreter als Lügner bezeichnet** und so unter sein eigenes Axiom gehörend seine eigene Aussage Lügen straft; **der Pessimist, der die ganze Welt schlecht nennt**, so daß seine eigene Theorie es auch sein muß; **der Skeptiker, der wegen der grundsätzlichen Leugnung aller Wahrheit auch die des Skeptizismus selbst nicht aufrecht erhalten kann** usw.”

p. 126

parallelismo sintático (repetição da estrutura frasal: termo da analogia + oração relativa)

dinheiro e mundo do intelecto: o dinheiro, de um lado, e o cretão, o pessimista e o cético, de outro
filosófica, *ilustrativa*

P.1.c.59

“Diese Fähigkeit des Geldes, für jeden speziell bestimmten Wirtschaftswert einzutreten - weil sein Wesen mit keinem von ihnen, sondern nur mit ihrem Verhältnis, in das jedes beliebige eintreten kann, verbunden ist - trägt die Kontinuität der wirtschaftlichen Ereignisreihe. Diese Reihe lebt **gleichsam** in Endosmose und Exosmose: in der Produktion und der Konsumtion der Güter. Aber dies ist nur ihr Material und läßt die Frage nach der Kontinuität oder Diskontinuität ihrer Form noch offen. Jede Konsumtion reißt zunächst eine Lücke in die Stetigkeit der wirtschaftlichen Linie und ihr Verhältnis zur Produktion ist zu wenig geregelt, zu sehr dem Zufall preisgegeben, um den Verlauf der Linie in Ununterbrochenheit zu halten.”

p. 129

gleichsam

filosofia e bioquímica: analogia com os conceitos endo- e exosmose

ilustrativa, *conceitual*

P.1.c.60

“Man mag diese als eine ideelle vorstellen, die sich durch die konkreten Objekte hindurchsetzt, **vergleichbar** etwa der Richtung des Lichtstrahls in ihrem Verhältnis zu den schwingenden Ätherteilchen. In den, die hart gegeneinander abgesetzten äußeren Dinge durchflutenden, ihre Wertbedeutungen ineinander leitenden Strom tritt nun zur Ausgleichung jener drohenden Unterbrechung das Geld ein. Indem ich für einen Gegenstand, den ich konsumieren will, Geld hingebe, füge ich dieses in die Lücke der Wertbewegung, die durch meine Konsumtion entsteht oder vielmehr entstehen würde.”

p. 129

vergleichbar

dinheiro e mundo físico: o consumo e a produção na economia monetária e a propagação da luz no éter (éter luminífero)

filosófica, *ilustrativa*

P.1.c.61

“Das Mittelalter nahm eine unmittelbare Beziehung zwischen dem Objekte und dem Geldpreis an, d. h. eine, die auf dem an sich seienden Wert jedes von ihnen beruhte und die deshalb zu einer objektiven »Richtigkeit« gebracht werden konnte und also auch sollte. Der Irrtum dieser substanzialistischen Anschauung ist methodisch derselbe, **wie** wenn man zwischen einem Individuum und dem Inhalte irgendeines Rechtes einen unmittelbaren Zusammenhang behaupten wollte, derart, daß das Wesen jenes Menschen, wie es an und für sich und ohne weitere Rücksicht auf außer ihm Liegendes ist, auf diese Kompetenz einen gerechten Anspruch hätte - **wie** es etwa in der individualistischen Vorstellung der »Menschenrechte« geschehen ist.”

pp. 132-3

wie

dinheiro e mundo das leis; o valor econômico está para o objeto assim como os direitos estão para os indivíduos

filosófica, *ilustrativa*

Anexo 2.2. Philosophie des Geldes, capítulo 2

P.2.[a.b.c][.1-66]

P.2.a.1

“Ein Meßmittel, so sagt man, muß von derselben Art sein, wie der Gegenstand, den es mißt: **ein Maß für Längen muß lang sein, ein Maß für Gewichte muß schwer sein, ein Maß für Rauminhalte muß räumlich ausgedehnt sein. Ein Maß für Werte muß deshalb wertvoll sein.**”

p. 139

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **ein Maß für A muß a' sein**)

valor, extensão, peso e espaço

filosófica, *serial**

* *Simmel formula a analogia para depois atacá-la*

P.2.a.2

“Denn die Gleichheit der Wirkung, *an demselben Subjekt hervortretend*, bedeutet unmittelbar die Gleichheit der Objekte in *der hier fraglichen Beziehung*. Zwei völlig verschiedene Erscheinungen, die demselben Subjekt die gleiche Freude bereiten, haben unter aller ihrer Verschiedenheit eine Gleichheit der Kraft oder des Verhältnisses zu jenem Subjekt, wie ein Windstoß und eine menschliche Hand, wenn sie beide einen Baumzweig brechen, unter aller Unvergleichbarkeit ihrer Qualitäten, dennoch eine Gleichheit der Energie beweisen. **So** mag der Geldstoff und alles, dessen Wert man mit ihm mißt, einander ganz unähnlich sein,

aber in dem Punkte, daß beide Wert haben, müssen sie übereinstimmen; und selbst wenn der Wert überhaupt nichts anderes ist, als ein subjektives Fühlen, mit dem wir auf die Eindrücke der Dinge antworten, so muß wenigstens diejenige - wenngleich nicht isolierbare - Qualität, durch welche sie überhaupt sozusagen auf den Wertsinn der Menschen wirken, bei beiden dieselbe sein."

p. 140

so

dinheiro e mundo físico: dinheiro e energia

filosófica, *ilustrativa**

* Simmel constrói a analogia para depois atacá-la (cf. o parágrafo que começa na p. 140, em que a imagem do galho partido por uma quantia x de energia é "torcida" de tal forma a inverter o sentido da argumentação que fora anteriormente estabelecido)

P.2.a.3

"Liegt nun aber einmal die Äquivalenz der letzteren **gleichsam** als wirksames, wenn auch nicht gewußtes Apriori zum Grunde, so stellt sich über dessen subjektiver Zufälligkeit eine objektive Proportion zwischen den Teilquanten her."

p. 144

gleichsam

filosofia do dinheiro e filosofia transcendental: analogia com o *apriorismo*

ilustrativa, *conceitual*

P.2.a.4

"Vollkommene Ausgeglichenheit aller Verschiebungen und zufälligen Ungleichmäßigkeiten in der Preisbildung vorausgesetzt, würde **sich** in dem Bezirke des Geld-Waren-Tausches jede Ware zu ihrem Preis **verhalten, wie** alle momentan ökonomisch wirksamen Waren zu allem momentan wirksamen Geld."

p. 144*

sich verhalten + wie

a mercadoria está para o seu preço em dinheiro assim como o total de mercadorias, para o total de dinheiro
filosófica, *metafísica*

* essa analogia – que Simmel denomina de "proporção fundamental" e que funciona como uma espécie de condição de possibilidade da vida econômica – é trabalhada ao longo de boa parte dessa seção

P.2.a.5

"Wenn sich die Ware n zu der Summe A aller verkäuflichen Waren verhält, wie a Geldeinheiten zu der Summe B aller vorhandenen Geldeinheiten: so ist der ökonomische Wert von n ausgedrückt durch a/B. Daß man dies meistens nicht so vorstellt, liegt daran, daß B ebenso wie A ganz selbstverständlich sind - weil ihre Wandlungen nicht leicht in unsere Wahrnehmung treten - und deshalb in ihrer Funktion als Nenner gar nicht besonders bewußt werden; was uns im einzelnen Falle interessiert, sind ausschließlich die Zähler n und a. Daher konnte die Vorstellung entstehen, daß n und a sich an und für sich, unmittelbar und absolut entsprächen, wozu sie allerdings gleichen Wesens sein müßten. Daß jener allgemeine, das Verhältnis überhaupt begründende Faktor in Vergessenheit geriete, bzw. nur tatsächlich, aber nicht bewußt wirkte, wäre ein Beispiel für einen der durchgreifendsten Züge der menschlichen Natur. [...] Ganz durchschnittlich kann man nun sagen, daß theoretische Interessen das Bewußtsein mehr auf die Gemeinsamkeiten, praktische mehr auf die Individualität der Dinge hinweisen werden. [...] Innerhalb des Familienlebens z. B. bauen sich die Verhältnisse der Mitglieder untereinander bewußterweise auf der Erfahrung derjenigen persönlichen Qualitäten auf, durch welche sich jeder allen anderen gegenüber unterscheidet, während der allgemeine Familiencharakter gar kein Gegenstand besonderer Beachtung für die an ihm Teilhabenden zu sein pflegt, so wenig, daß oft nur Fernerstehende denselben überhaupt zu beschreiben vermögen. [...] **Ganz dasselbe** gilt für weitere Kreise. So sehr alle Verhältnisse zwischen Menschen überhaupt auf den besonderen Bedingungen beruhen, die jeder Einzelne hinzubringt, so kommen sie doch in ihrer bestimmten Art tatsächlich nur dadurch zustande, daß außer ihnen gewisse ganz allgemeinmenschliche Tatsachen und Voraussetzungen selbstverständlich vorhanden sind und gleichsam den Generalnenner bilden, zu dem jene individuellen Differenzen als die bestimmenden Zähler treten und erst so die Totalität des Verhältnisses erzeugen. **Ganz dasselbe** psychologische **Verhältnis** könnte nun bezüglich der Geldpreise obwalten. [...] Die ungeheure Wichtigkeit jener absoluten und fundamentalen Gleichung würde ihre Unbewußtheit so wenig unwahrscheinlich, ja eigentlich gerade so wahrscheinlich machen, **wie** es **entsprechend** in den angeführten **Analogien** der Fall ist."

pp. 144-7 *

referência explícita à analogia// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **Ganz dasselbe**; destaco ainda: **ganz dasselbe Verhältnis**)// **wie**// **entsprechend**

dinheiro, intelecto e mundo social: o dinheiro, o pensamento, a família e a sociedade*
filosófica, *ilustrativa*

* a analogia é distribuída ao longo de todo o parágrafo: o termo “pensamento” é discutido nas pp. 145-6; os termos “família” e “sociedade”, na 146; o termo “dinheiro” nas pp. 144-5, sendo depois retomado nas pp. 146-7

P.2.a.6

“Ganz dasselbe gilt für weitere Kreise. So sehr alle Verhältnisse zwischen Menschen überhaupt auf den besonderen Bedingungen beruhen, die jeder Einzelne hinzubringt, so kommen sie doch in ihrer bestimmten Art tatsächlich nur dadurch zustande, daß außer ihnen gewisse ganz allgemeinmenschliche Tatsachen und Voraussetzungen selbstverständlich vorhanden sind und **gleichsam** den Generalnenner bilden, zu dem jene individuellen Differenzen als die bestimmenden Zähler treten und erst so die Totalität des Verhältnisses erzeugen.”

p. 146

gleichsam

filosofia e matemática: analogia com a noção de denominador comum
ilustrativa, *conceitual*

P.2.a.7

“Gewiß besteht zwischen der Dicke eines Eisenrohres und einer bestimmten Wasserkraft keine Gleichheit und Messungsmöglichkeit; allein, wenn beide integrierende Teile eines mechanischen Systems mit einem bestimmten Krafteffekt bilden, so kann ich, wenn eine gewisse Modifikation dieses letzteren gegeben ist, unter Umständen an der mir bekannt werdenden Änderung der Wasserkraft genau ermessen, welches der Durchmesser des in dem System verwendeten Rohres ist. **So** mögen Waren überhaupt und Geld überhaupt aneinander nicht meßbar sein; es würde genügen, daß sie beide für das Leben des Menschen eine gewisse Rolle innerhalb seines praktischen Zwecksystems spielen, damit die quantitative Modifikation des einen den Index für die des anderen abgäbe.”

p. 148

so

dinheiro e mundo físico: num sistema hidráulico, a pressão d’água está para a largura do cano, assim como, num sistema econômico, o dinheiro para a mercadoria
filosófica, *ilustrativa*

P.2.a.8

“Aristotelisch zu reden, ist die unverkaufte Ware nur eine Ware »der Möglichkeit nach«, sie wird zur Ware »der Wirklichkeit nach« erst in dem Moment ihres Verkaufstwerdens. **Wie** das Geld erst in dem Augenblick, wo es kauft, d. h. die Funktion des Geldes übt, wirklich Geld ist, **so entsprechend** die Ware erst, wenn sie verkauft wird; vorher ist sie Verkaufsobjekt nur vermöge und innerhalb einer ideellen Antizipation.”

p. 150

wie + so// entsprechend

o dinheiro e a mercadoria
filosófica, *metafísica*

P.2.a.9

“Dieses Verhältnis der Totalitäten zueinander hat **gewissermaßen** die Bedeutung eines Axioms, das gar nicht in demselben Sinne wahr ist, wie die einzelnen Sätze, die sich auf dasselbe gründen; nur diese sind beweisbar, während jenes auf nichts hinweisen kann, von dem es sich logisch herleite.”

p. 152

gewissermaßen

filosofia e lógica: analogia com o conceito de axioma
ilustrativa, *conceitual*

P.2.a.10

“Eine methodische Norm von großer Bedeutsamkeit kommt hier zur Geltung, für die ich ein Beispiel aus einer ganz anderen Kategorie von Werten anführen will. Die Grundbehauptung des Pessimismus ist, daß die Gesamtheit des Seins einen erheblichen Überschuß der Leiden über die Freuden aufweise; die Welt der Lebewesen, als eine Einheit betrachtet, oder auch der Durchschnitt derselben, empfinde sehr viel mehr Schmerz als Lust. Eine solche Behauptung ist nun von vornherein unmöglich. [...] Erst wenn hierüber irgendeine Vorstellung besteht, wie unbewußt und unbestimmt auch immer, kann man sagen, daß in einem einzelnen Falle ein Genuß zu teuer - d. h. mit einem zu großen Leidquantum - erkaufte ist, oder daß ein einzelnes Menschenschicksal einen Überschuß von Schmerzen über seine Freuden zeige. Jener Durchschnitt selbst ist aber nicht unverhältnismäßig, weil er vielmehr dasjenige ist, woran sich das Verhältnis der Empfindungen im einzelnen Falle erst als ein angemessenes oder unangemessenes bestimmt - so wenig **wie** man sagen kann, der Durchschnitt der Menschen wäre groß oder klein, da dieser Durchschnitt ja erst den Maßstab abgibt, an dem der einzelne Mensch - als welcher allein groß oder klein sein kann - sich mißt; ebenso, **wie** man nur sehr mißverständlich sagen kann, daß die Zeit schnell oder langsam vergehe -

das Vergehen der Zeit vielmehr, d. h. das als Durchschnitt erfahrene und empfundene Tempo der Ereignisse überhaupt ist die messende Größe, an der sich die Schnelligkeit oder Langsamkeit des Ablaufs der einzelnen Erlebnisse ergibt, ohne daß jener Durchschnitt selbst schnell oder langsam wäre.”

pp. 152-3

wie

o sentimento (alegria e sofrimento), o tamanho de alguém (alto ou baixo) e a passagem do tempo (rápida ou lenta)*

filosófica, *serial*

* *essa analogia ilustra, implicitamente, a questão do dinheiro como unidade de medida (embora não haja sinal de identificação da analogia para esse termo); cf. as pp. 151-2 e, mais explicitamente, o parágrafo entre as pp. 153-5.*

P.2.a.11

“Der Aufwand für jeden einzelnen Gegenstand muß sich danach richten, daß ich noch andere Gegenstände außer ihm kaufen will. Wenn jedermann seine privaten Ausgaben so reguliert, daß sein Aufwand für jede Warengattung seinem Gesamteinkommen proportioniert ist, so bedeutet dies, daß sein Aufwand für das Einzelne **sich** zu seinem Aufwand für das Ganze der Wirtschaft **verhält**, **wie** sich die Bedeutung des beschafften Einzelobjekts zu der der zu beschaffenden Gesamtheit der ihm wünschbaren und zugängigen Objekte verhält. Und dieses Schema der Individualwirtschaft ist offenbar nicht nur eine **Analogie** der Wirtschaft überhaupt, sondern aus seiner durchgängigen Anwendung muß die Festsetzung der Durchschnittspreise hervorgehen: die fortwährenden subjektiven Abwägungen müssen als Niederschlag das objektive Verhältnis zwischen Ware und Preis erzeugen, das also ebenso von der Proportion zwischen dem wirksamen Gesamtwarenvorrat und dem Gesamtgeldquantum abhängt, **wie** – alle Modifikationen vorbehalten – von der Proportion zwischen den Gesamtbedürfnissen des Einzelnen und seinem dafür verfügbaren Gesamtgeldeinkommen.”

p. 155

referência explícita à analogia// **sich verhalten + wie// wie**

a economia individual e o sistema econômico

especializada, *econômica*

P.2.a.12

“Daß man die wertvollsten Dinge gegen einen bedruckten Zettel fortgibt, ist erst bei einer sehr großen Ausdehnung und Zuverlässigkeit der Zweckreihen möglich, die es sicher macht, daß das unmittelbar Wertlose uns weiterhin zu Werten verhilft. **So** kann man logische Schlußreihen, die auf durchaus bündige Schlußsätze führen, durch an sich unmögliche oder widerspruchsvolle Glieder hindurchleiten - aber doch nur, wenn das Denken seiner Richtung und Richtigkeit ganz sicher ist; ein primitives, noch schwankendes Denken würde an einem solchen Punkte sofort seine Direktion und sein Ziel verlieren und muß deshalb seine Funktionen an Sätzen ausüben, von denen jeder für sich möglichst konkret und von greifbarer Richtigkeit ist - freilich um den Preis der Beweglichkeit des Denkens und der Weite seiner Ziele. **Entsprechend** steigert die Durchführung der Wertreihen durch das Wertlose ihre Ausdehnung und Zweckmäßigkeit ganz außerordentlich, kann sich aber erst bei einer gewachsenen Intellektualität der Einzelnen und stetigen Organisation der Gruppe verwirklichen.”

p. 156

so// entsprechend

economia e lógica; o desenvolvimento das formas monetárias e o desenvolvimento das formas de pensamento

historicista

P.2.a.13

“Der steigende Ersatz des baren Metallgeldes durch Papiergeld und die mannigfaltigen Formen des Kredits wirken unvermeidlich auf den Charakter jenes selbst zurück - ungefähr **wie** im Persönlichen jemand, der sich fortwährend durch andere vertreten läßt, schließlich keine andere Schätzung erfährt, als die seinen Vertretern gebührende.”

p. 158

wie

dinheiro e mundo íntimo; o dinheiro e a personalidade

filosófica, *ilustrativa*

P.2.a.14

“Dasselbe Grundgefühl herrscht, wenn der Zend-Avesta vorschreibt, der Arzt solle als Honorar für die Heilung eines Hausbesitzers den Wert eines schlechten Ochsen fordern, für die eines Dorfvorstandes den Wert eines mittelguten, für die eines Stadtherrn den Wert eines hochwertigen, für die eines Provinzstatthalters den Wert eines Viergespanns; dagegen käme ihm für die Heilung der Frau eines Hausbesitzers eine Eselin an Wert zu, für die Frau eines Dorfvorstandes eine Kuh, für die Frau eines

Stadtherrn eine Stute, für die Frau eines Statthalters ein weibliches Kamel. Die Gleichheit des Geschlechtes am Leistungsobjekt und am Leistungsentgelt bezeugt auch hier die Neigung, die Äquivalenz von Wert und Gegenwert auf eine unmittelbar äußerliche Gleichheit zu gründen. **Ebenso verhält es sich** mit der Tatsache, daß das Geld am Anfang seiner Entwicklung aus Stücken von großer und schwerer Quantität zu bestehen pflegte: Felle, Vieh, Kupfer, Bronze; oder aus sehr massenhaften, wie das Kaurigeld; dahin gehört die Tatsache, daß die erste Banknote, von der wir wissen und die uns aufbewahrt ist, aus China vom Ende des 14. Jahrhunderts, 18 englische Zoll lang und 9 Zoll breit ist. Es wirkt hier noch die Tendenz der Bauernregel: viel hilft viel - für die ein natürliches und erst durch eine feinere und reflektierende Empirie widerlegbares Gefühl spricht."

pp. 160-1*

sich verhalten + ebenso

os honorários do médico segundo o Zend-Avesta e a equação entre o valor da substância que exerce a função do dinheiro e seu tamanho ou peso

especializada, *econômica*

* a analogia faz parte de uma série de exemplos que ocupam todo o parágrafo em questão

P.2.a.15

"**Zwei** Leistungen **ganz verschiedener** Höhe bieten sich dar - sie werden vergleichbar, da sie im Verhältnis zu dem Kraftmaß, das jeder der Leistenden einzusetzen hatte, die gleiche Willensanspannung und Hingebung zeigen; **zwei** Schicksale **stehen** auf der Skala des Glücks **weit voneinander ab** - aber sie **gewinnen** sogleich eine meßbare Beziehung, wenn man jedes auf das Maß des Verdienstes hin ansieht, durch das sein Träger seiner würdig oder unwürdig ist. **Zwei** Bewegungen, die **völlig verschiedene** Geschwindigkeiten haben, **gewinnen** eine Zusammengehörigkeit und Gleichheit, sobald wir beobachten, daß die Beschleunigung, die jede von ihnen im Verhältnis zu ihrem Anfangsstadium erfährt, bei beiden die gleiche ist. Nicht nur für unser Gefühl spinnt sich eine Art von Zusammengehörigkeit zwischen zwei Elementen, die zwar in ihrer substantiellen Unmittelbarkeit einander fremd, deren Verhältnisse zu einem dritten und vierten Element aber die gleichen sind; sondern eben damit wird das eine zu einem Faktor für die Ausrechenbarkeit des anderen. Und nun weiter ausgreifend, **so unvergleichbar zwei** Personen in ihren angebbaren Eigenschaften sein mögen, so stiften Beziehungen zu einem je dritten Menschen doch eine Gleichheit zwischen ihnen; sobald die erste die gleiche Liebe oder Haß, Herrschaft oder Unterworfenheit einer dritten gegenüber zeigt, wie die zweite einer vierten gegenüber, so haben diese Relationen hier der Fremdheit des Fürsichseins jener eine tiefe und wesentliche Gleichheit untergebaut."

pp. 162-3*

paralelismo sintático

mundo físico e mundo íntimo; a força física, o movimento físico, a felicidade e o indivíduo*

filosófica, *serial*

*confira também o exemplo correspondente no domínio da arte (p. 163), bem como a sua "mais pura encarnação" (para usar as palavras de Simmel): o dinheiro (pp. 163-4); não foi, contudo, detectado sinal de identificação para esse termo da analogia (i.e.: para o dinheiro).

P.2.a.16

"Innerhalb der modernen Wirtschaft setzt der fragliche Übergang z. B. an das Merkantilssystem an. Das Bestreben der Regierungen, möglichst viel bares Geld ins Land zu bekommen, wurde zwar auch noch von dem Prinzip: viel hilft viel - geleitet; allein der schließliche Zweck, zu dem es helfen sollte, war doch schon die funktionelle Belebung der Industrie und des Marktes. Der Fortschritt darüber hinaus bestand in der Einsicht, daß die diesem Zwecke dienstbaren Werte der substantiellen Geldform nicht bedürften, vielmehr das unmittelbare Produkt der Arbeit schon als solches den entscheidenden Wert darstellte. Das **verhält sich** ungefähr **wie** mit den Zielen früherer Politik: nur möglichst viel Land zu gewinnen und es mit möglichst viel Menschen zu „peuplieren“: bis tief in das 18. Jahrhundert hinein fiel es kaum einem Staatsmann ein, daß die eigentliche nationale Größe anders als durch den Gewinn von Land gefördert werden könnte."

p. 164

sich verhalten + wie

economia e política; o desenvolvimento das formas econômicas e o desenvolvimento das formas políticas historicista

P.2.a.17

"Die Bedeutung des Geldes, die relativen Werte der Waren auszudrücken, ist nach unseren obigen Ausführungen von einem an ihm bestehenden Eigenwert ganz unabhängig; **wie** es für eine Skala zur Messung von Raumgrößen gleichgültig ist, ob sie aus Eisen, Holz oder Glas besteht, weil nur das Verhältnis ihrer Teile zueinander, bzw. zu einer dritten Größe, in Betracht kommt - **so** hat die Skala, die das Geld für die Bestimmung von Werten darbietet, mit dem Charakter seiner Substanz nichts zu tun."

p. 165

wie + so

dinheiro e mundo físico; o dinheiro e o instrumento de medida

P.2.a.18

“Hiermit scheint sich die Entwicklung des Geldes in eine tiefegelegene Kulturtendenz einzuordnen. Man kann die verschiedenen Kulturschichten danach charakterisieren, inwieweit und an welchen Punkten sie zu den Gegenständen ihrer Interessen ein unmittelbares Verhältnis haben, und wo andererseits sie sich der Vermittlung von Symbolen bedienen. **Ob** z. B. die religiösen Bedürfnisse **durch** symbolische Dienste und Formeln erfüllt werden **oder durch** ein unmittelbares Sich-Hinwenden des Individuums zu seinem Gott; **ob** die Achtung der Menschen füreinander sich in einem festgesetzten, die gegenseitigen Positionen **durch** bestimmte Zeremonien andeutenden Schematismus offenbart **oder in** der formfreien Höflichkeit, Ergebenheit und Respekt; **ob** Käufe, Zusagen, Verträge **durch** einfache Verlautbarung ihres Inhaltes vollzogen werden, **oder ob** sie **durch** ein äußeres Symbol feierlicher Handlungen erst legalisiert und zuverlässig gemacht werden; **ob** das theoretische Erkennen sich unmittelbar an die sinnliche Wirklichkeit wendet, **oder** sich mit der Vertretung derselben **durch** allgemeine Begriffe und metaphysische oder mythologische Sinnbilder zu tun macht - das gehört zu den tiefgreifendsten Unterschieden der Lebensrichtungen.”

pp. 165-6

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **ob** X **durch** A **oder durch** B erfüllt werden, onde X é o termo da analogia)

o desenvolvimento da religião, da sociabilidade, da troca e da ciência historicista

P.2.a.19

“Daß das Leben im wesentlichen auf den Intellekt gestellt ist und dieser als die praktisch wertvollste unter unseren psychischen Energien gilt - das pflegt, wie nachherige Überlegungen noch ausführlich zeigen werden, mit dem Durchdringen der Geldwirtschaft Hand in Hand zu gehen; **wie** denn auch innerhalb des Handelsgebietes, insbesondere wo reine Geldgeschäfte in Frage stehen, zweifellos der Intellekt im Besitz der Souveränität ist.”

p. 171

wie

dinheiro e mundo íntimo: o mais importante mundo do dinheiro e o mais importante na vida em geral (para o indivíduo)

filosófica, *serial*

P.2.b.20

“In diesen allgemeinen Typus der Wertbildung mag sich das Geld zunächst einreihen. Es ist sicher richtig, daß die sonstigen Werte des Geldstoffes außer Funktion treten müssen, damit dieser eben Geld werde; allein der Wert, den er als solches besitzt, und der ihn als solches funktionieren läßt, kann von denjenigen Verwertungsmöglichkeiten bestimmt werden, auf die er verzichten muß. **Wie** in allen eben behandelten Fällen setzt sich der empfundene Wert der verwirklichten Funktion aus ihrem positiven Inhalt und der mitwirkenden Verneintheit jeder anderen, über deren Opfer sie sich erhebt, zusammen. Nicht daß diese anderen Funktionen wirken, sondern daß sie nicht wirken, ist hier das Wirksame.”

p. 177

wie

dinheiro, religião, liberdade, mundo íntimo, arte e mundo social*

filosófica, *ilustrativa*

*cf. o parágrafo que vai das páginas 174-7; os casos aí elencados por Simmel podem ser assim resumidos: religião, liberdade individual, personalidade e cultura subjetiva (sendo que tomo ambos como participando do “mundo íntimo”), arte e sociabilidade (mundo social). Tais casos compõem uma série analogicamente formada, embora o sinal de identificação só apareça a essa altura.

P.2.b.21

“Wenn der Verkehrswert etwa des Getreides **darauf** zurückgeht, **daß nicht genug** Getreide **da ist, um** jeden Hunger ohne weiteres zu stillen, **so** der des Geldstoffes **darauf, daß nicht genug davon** vorhanden **ist, um** damit außer dem Bedürfnis nach Geld noch alle anderen auf ihn gerichteten zu befriedigen.”

p. 178

so// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

a demanda por grãos e a demanda por dinheiro especializada, *econômica*

P.2.b.22

“So angesehen **verhielte sich** die Welt des Geldes zu der der konkreten Werte **wie** Denken und Ausdehnung bei Spinoza: eine *kann* überhaupt nicht in die andere eingreifen, weil jede schon für sich und in ihrer Sprache die ganze Welt ausdrückt; d. h. die Summe der Werte überhaupt besteht nicht aus der Summe

der Werte der Dinge plus der Summe des Wertes des Geldes, sondern es besteht ein gewisses Wertquantum, das einerseits in jener Form, andererseits in dieser realisiert ist."

p. 179-80

sich verhalten + wie

o mundo do dinheiro está para os valores concretos, assim como o pensamento para a extensão: analogia com Spinoza

filosófica, *conceitual*

P.2.b.23

"Wäre das Geld völlig auf diesen Wert reduziert, und hätte es jede Koordination mit den Dingen, die an und für sich wertvoll sind, abgestreift, so würde es damit im Ökonomischen jene höchst merkwürdige Vorstellung verwirklichen, die der platonischen Ideenlehre zum Grunde liegt. Die tiefe Unbefriedigung an der erfahrbaren Welt, an die wir dennoch gefesselt sind, bewog Plato, ein überempirisches, über Raum und Zeit erhabenes Reich der Ideen anzunehmen, das das eigentliche, in sich befriedigte, absolute Wesen der Dinge in sich enthielte. Zu dessen Gunsten wurde die irdische Wirklichkeit einerseits von allem wahrhaften Sein und aller Bedeutung entleert; andererseits aber strahlte doch von diesen etwas auf sie zurück, wenigstens als blasser Schatten jenes leuchtenden Reiches des Absoluten hatte sie teil an ihm und gewann auf diesem Umwege schließlich doch noch eine Bedeutsamkeit, die ihr an und für sich versagt war. **Dieses Verhältnis findet** nun tatsächlich **eine Wiederholung** oder Bestätigung im Gebiete der Werte. [...] Der Wert der Dinge - der ethische wie der eudämonistische, der religiöse wie der ästhetische - schwebt über ihnen **wie** die platonischen Ideen über der Welt: wesensfremd und eigentlich unberührbar, ein nach eigenen inneren Normen verwaltetes Reich, das aber doch jenem anderen sein Relief und seine Farben zuteilt. [...] Wenn das Geld nun wirklich nichts wäre, als der Ausdruck für den Wert der Dinge außer ihm, so würde es sich zu diesen verhalten **wie** die Idee, die sich Plato ja auch substantiell, als metaphysisches Wesen vorstellt, zu der empirischen Wirklichkeit. Seine Bewegungen: Ausgleichungen, Häufungen, Abflüsse - würden unmittelbar die Wertverhältnisse der Dinge darstellen. Die Welt der Werte, die über der wirklichen Welt, scheinbar zusammenhangslos und doch unbedingt beherrschend, schwebt, würde im Geld die »reine Form« ihrer Darstellung gefunden haben. Und **wie** Plato die Wirklichkeit, aus deren Beobachtung, und Sublimierung die Ideen zustande gekommen sind, dann doch als eine bloße Abspiegelung eben dieser deutet, **so** erscheinen die wirtschaftlichen Verhältnisse, Abstufungen und Fluktuationen der konkreten Dinge als Derivat ihres eigenen Derivates: nämlich als Vertretungen und Schatten der Bedeutung, die ihren Geldäquivalenten zukommt."

pp. 180-1*

wie// Wiederholung + Verhältnis (+ finden)// so + wie

o mundo dos valores econômicos e o mundo das idéias; analogia com Platão

filosófica, *conceitual*

* a analogia se estende ao longo de todo o parágrafo

P.2.b.24

"Das Stückchen eigenen, materialen Wertes, das im Geld steckt, ist der Halt und die Ergänzung, deren wir bedürfen, weil unsere Erkenntnis zu der genauen Bestimmung jener Proportion nicht ausreicht, bei der allerdings eine Wesensgleichheit zwischen dem Gemessenen und dem Maße, d. h. ein Eigenwert des Geldes sich erübrigen würde. Solange aber empfunden wird und an der Praxis des Wirtschaftens sich zeigt, daß die dieses bedingende Proportion keine Genauigkeit besitzen kann, bedarf das Messen noch einer gewissen qualitativen Einheit des Wertmaßstabes mit den Werten selbst. Es ist vielleicht nicht uninteressant, sich einen **entsprechenden Fall** aus der ästhetischen Verwertung der Edelmetalle klarzumachen. Von der Londoner Ausstellung von 1851 berichtete ein Kenner über den Unterschied englischer und indischer Gold- und Silberarbeiten: bei den englischen scheine der Fabrikant sich bemüht zu haben, eine möglichst große Menge Metalls in ein Minimum von Formung hineinzupressen; bei den indischen aber sei »das Emaillieren, Tauschieren, Durchbrechen usw. so zur Anwendung gebracht, daß auf das geringst mögliche Metallquantum die größtmögliche Menge vollendet geschickter Arbeit kommt«. Dennoch ist es für die ästhetische Bedeutung auch dieser letzteren sicher nicht gleichgültig, daß das wenige Metall, in dem sich die Formen ausdrücken, eben doch Edelmetall ist. Auch hier ist die Form, d. h. das bloße Verhältnis der Substanzteile zueinander, über die Substanz und ihren Eigenwert Herr geworden. Aber wenn das auch so weit getrieben werden mag, daß die Metallmasse nur noch verschwindenden Wert hat, so muß dieses Minimum, damit der Gegenstand im höchsten Maße schmücke und ästhetisch erfreue, immerhin noch ein edler Stoff sein. Sein eigentlicher Materialwert steht hier freilich nicht mehr in Frage, sondern nur dies, daß überhaupt nur der edelste Stoff der adäquate Träger für ein vollendetes formales Verhältnis der Teile ist."

p. 183

entsprechenden Fall

dinheiro e arte; o valor monetário e o valor estético

filosófica, *ilustrativa*

P.2.b.25

“Während des Bürgerkrieges in den Vereinigten Staaten war in den westlichen Staaten die Zirkulation des Papiergeldes - der Greenbacks - tatsächlich ausgeschlossen; obgleich sie gesetzliches Zahlungsmittel waren, wagte niemand, ein in Gold empfangenes Darlehen in ihnen zurückzuzahlen, wobei er einen Gewinn von 150% gemacht hätte. **Ähnlich** ging es sogar anfangs des 18. Jahrhunderts mit Schatzbons, die die französische Regierung in großer Geldnot ausgab. Obgleich sie durch Gesetz bestimmte, daß von jeder Zahlung ein Viertel in diesen Bons geleistet werden dürfe, so fielen sie dennoch sehr bald auf einen ganz geringen Bruchteil ihres Nominalwertes.”

pp. 186-7

ähnlich

os *greenbacks* nos EUA durante a guerra da secessão e os bônus do Tesouro emitidos pelo governo francês no século XVIII
especializada, *econômica*

P.2.b.26

“Das ist so wenig ein Widerspruch, daß vielmehr eine unübersehbare Anzahl von Entwicklungen nach demselben Schema vor sich gehen: sie nähern sich einem bestimmten Zielpunkte, werden durch denselben unzweideutig in ihrer Richtung bestimmt - würden aber bei wirklicher Erreichung desselben gerade die Qualitäten einbüßen, die sie durch das Streben zu ihm erhalten haben. Eine eminent geldwirtschaftliche Erscheinung mag das zunächst beleuchten, die zugleich an individuellen Verhältnissen eine **Analogie** für die Folgen unbegrenzter Geldvermehrung beibringt. Das Streben des Einzelnen, immer mehr Geld zu verdienen, ist von der größten sozial-ökonomischen Bedeutung. Indem der Börsenkaufmann möglichst große Gewinne zu machen sucht, schafft er die Lebhaftigkeit des Verkehrs, die gegenseitige Deckung von Angebot und Nachfrage, die Einbeziehung vieler sonst steriler Werte in den ökonomischen Kreislauf. Allein die Realisierung sehr hoher Börsengewinne ist in der Regel nur bei unmäßigem Schwanken der Kurse und Überwiegen des rein spekulativen Elementes zu erzielen. [...] Am häufigsten und entschiedensten wird sich dieser Typus an Fällen verwirklichen, wo Impulse des Gefühls ein absolutes Ziel erstreben, ohne sich darüber klar zu sein, daß sich alle erhoffte Befriedigung nur an die relative Annäherung an dieses knüpft, um bei restloser Erreichung vielleicht sogar in ihr Gegenteil umzuschlagen. **Ich erinnere an die Liebe**, die durch den Wunsch nach innigster und dauernder Vereinigung ihren Inhalt und ihre Färbung erhält, um nur allzuoft, wenn jene erreicht ist, dieses beides zu verlieren; **an politische Ideale**, die dem Leben ganzer Generationen seine Kraft, seinen geistig-sittlichen Schwung verleihen, aber nach ihrer Realisierung durch diese Bewegungen durchaus keinen idealen Zustand, sondern einen solchen von Erstarrung, Philistrosität und praktischem Materialismus hervorrufen; **an die Sehnsucht nach Ruhe und Ungestörtheit des Lebens**, die seinen Mühen und Arbeiten das Ziel gibt, um gerade, nachdem sie gewonnen ist, so oft in innere Leere und Unbefriedigung auszugehen. Ja, es ist schon eine Trivialität geworden, daß selbst das Glücksgefühl, obgleich ein absolutes Ziel unserer Bestrebungen, doch zu bloßer Langeweile werden müßte, wenn es wirklich als ewige Seligkeit realisiert würde; obgleich also unser Wille nur so verläuft, als ob er an diesem Zustand münden sollte, so würde derselbe als erreichter ihn selbst dementieren und erst der Zusatz seines geflohenen Gegensatzes, des Leidens kann ihm seinen Sinn erhalten. Ja, es ist schon eine Trivialität geworden, daß selbst das Glücksgefühl, obgleich ein absolutes Ziel unserer Bestrebungen, doch zu bloßer Langeweile werden müßte, wenn es wirklich als ewige Seligkeit realisiert würde; obgleich also unser Wille nur so verläuft, als ob er an diesem Zustand münden sollte, so würde derselbe als erreichter ihn selbst dementieren und erst der Zusatz seines geflohenen Gegensatzes, des Leidens kann ihm seinen Sinn erhalten. [...] Das tritt etwa bei dem Gegensatz der individualistischen und der sozialistischen Gesellschaftstendenz ein. [...] **Ähnlich verhält es sich** in den künstlerischen Entwicklungen mit den naturalistischen und den stilisierenden Bestrebungen. [...] Nach solchen **Analogien** mag sich das Verhältnis zwischen dem substanziellen Eigenwert des Geldes und seinem bloß funktionellen und symbolischen Wesen entwickeln: immer mehr ersetzt das zweite den ersteren, während irgendein Maß dieses ersteren noch immer vorhanden sein muß, weil bei absoluter Vollendung dieser Entwicklung auch der Funktions- und Symbolcharakter des Geldes seinen Halt und seine zweckmäßige Bedeutung einbüßen würde.”

pp. 193-6*

referência explícita à analogia// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: “**Ich erinnere an**”, empregado elípticamente)// **sich verhalten + ähnlich**

dinheiro, economia, mundo íntimo (felicidade, amor), política, trabalho e arte*

filosófica, *ilustrativa*

*a analogia é desenvolvida ao longo de todo o parágrafo. O dinheiro é tematizado na p. 193 e retomado na 196, do ponto de vista da relação entre sua função e sua substância; a economia, nas pp. 193-4, sendo que aqui Simmel discute a relação entre o interesse econômico individual e o social a partir da imagem do operador da Bolsa de Valores, que aparece como realização psicológica dessa relação; a política aparece em dois registros: no primeiro, junto com o amor e o trabalho na p. 194; e, num outro registro – a partir da dualismo entre tendências políticas socialistas e individualista – ao longo das pp. 195-6; a felicidade é mencionada nas pp. 194-5; a arte, na 196. O segundo registro da analogia com o tema da política e a analogia com a arte são aqueles que Simmel desenvolve em maior detalhe.

P.2.b.27

“Mit der Vielheit der Elemente und Tendenzen, als deren Ineinander und Durcheinander das Leben sich vorfindet, scheinen wir praktisch nur so auszukommen, daß wir unser Verhalten auf jedem Gebiet und in jeder Periode von einem einheitlichen und einseitigen Prinzip absolut regieren lassen. Auf diesem Wege aber holt jene Mannigfaltigkeit des Wirklichen uns immer wieder ein und verwebt unsere subjektive Bestrebung mit allen gegensätzlichen Faktoren zu einem empirischen Dasein, in dem das Ideal überhaupt erst in die Wirklichkeit eintreten kann; das bedeutet durchaus keine Dementierung jenes, vielmehr ist das Leben auf solche absolute Bestrebungen als Elemente seiner eingerichtet **wie** die physikalische Welt auf Bewegungen, die, ungestört sich selbst überlassen, zu Unausdenkbarem führen würden, aber nun, mit hemmenden Gegenwirkungen zusammenstoßend, gerade das vernunftmäßige Naturgeschehen ergeben.”

p. 197

wie

vida e movimento (em sentido físico)

filosófica, *metafísica*

P.2.b.28

“Und wenn die praktische Welt so zustande kommt, daß unser Wollen eine Richtung ins Ungemessene verfolgt und erst durch Abbiegungen und Zurückbiegungen **gleichsam** zu dem Aggregatzustand des Wirklichen gelangt, so hat auch hier das praktische Gebilde das theoretische vorgeformt: auch unsere Begriffe von den Dingen bilden wir unzählige Male so, daß die Erfahrung sie in dieser Reinheit und Absolutheit überhaupt nicht zeigen, sondern daß erst Abschwächung und Einschränkung durch entgegengesetzt gerichtete ihnen eine empirische Form geben kann.”

p. 197

gleichsam

filosofia e química: analogia com a noção de estado físico da matéria

ilustrativa, *conceitual*

P.2.c.29

“Es ist aber das Wesen solcher Formen, wie der sozialen Organisationen, unter dem Anschein und dem Anspruch ewiger Dauer zu bestehen. **Wie** es deshalb bei der Vernichtung einer Gesellschaftsverfassung zugunsten einer anderen scheint, als ob es mit aller Ordnung und Verfassung überhaupt vorbei wäre, **so** ruft die Umbildung der intellektuellen Ordnungen den gleichen Eindruck hervor: die objektive Festigkeit wie das subjektive Verständnis der Welt scheint zerbrochen, wenn eine Kategorie fällt, die bisher gleichsam zu dem Rückgrat des Weltbildes gehörte.”

p. 201

wie + so

forma social e forma intelectual; a ordem do grupo e a ordem do intelecto

filosófica, *metafísica*

P.2.c.30

“Es ist aber das Wesen solcher Formen, wie der sozialen Organisationen, unter dem Anschein und dem Anspruch ewiger Dauer zu bestehen. Wie es deshalb bei der Vernichtung einer Gesellschaftsverfassung zugunsten einer anderen scheint, als ob es mit aller Ordnung und Verfassung überhaupt vorbei wäre, so ruft die Umbildung der intellektuellen Ordnungen den gleichen Eindruck hervor: die objektive Festigkeit wie das subjektive Verständnis der Welt scheint zerbrochen, wenn eine Kategorie fällt, die bisher **gleichsam** zu dem Rückgrat des Weltbildes gehörte.”

p. 201

gleichsam

filosofia e biologia: analogia com a noção de espinha dorsal

ilustrativa, *conceitual*

P.2.c.31

“Der Geldwert wird aber der Reduktion auf einen Funktionswert **so** wenig widerstehen können, **wie** das Licht, die Wärme und das Leben ihren besonderen substantziellen Charakter bewahren und sich der Auflösung in Bewegungsarten entziehen konnten.”

pp. 201-2

wie + so

dinheiro e mundo físico: o dinheiro, de um lado, e a luz, o calor e a vida, de outro

filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.32

“Wir bemerken, daß in einem Verhältnis zwischen zwei Menschen die äußere Form selten der genau angepaßte Ausdruck seines inneren Intensitätsmaßes ist; und zwar pflegt sich die Inadäquatheit beider so darzustellen, daß sich die inneren Beziehungen kontinuierlich, die äußeren aber sprunghaft entwickeln.

Wenn also selbst zu einem gegebenen Zeitpunkt beide einander entsprechen, so beharren die letzteren in ihrer einmal gewonnenen Form, während die ersteren sich steigern. Von einem gewissen Grade ab erfolgt nun ein plötzliches Wachstum jener, das - und hier liegt nun das Charakteristische - in der Regel nicht bei dem Punkte haltmacht, der dem gleichzeitigen inneren Verhältnis entspricht, sondern über diesen hinaus eine noch vorgeschrittenere Innerlichkeit antizipiert. So wird z. B. das Du zwischen Freunden, das als der endliche Ausdruck einer schon lange bestehenden Zuneigung auftritt, doch in der ersten Zeit oft noch als ein wenig exagguert empfunden und schafft mit einem Schlage eine äußere Intimität, der die ganz entsprechende innere erst in einiger Zeit nachzukommen pflegt. Sie kommt ihr aber manchmal auch nicht nach; es gehen manche Verhältnisse darüber zugrunde, daß ihre Form, obgleich durch ihre Innerlichkeit bis zu einem gewissen Grade berechtigt, von dieser nicht völlig eingeholt werden kann. **Etwas Entsprechendes** findet auch im Unpersönlichen statt. [...] **So** ist die Geldwirtschaft manchmal aufgekommen."

pp. 202-4

etwas Entsprechendes// so

a amizade, as instituições sociais em geral e a economia monetária como exemplo privilegiado de instituição social*

especializada, *sociológica*

*a interação entre dois indivíduos é discutida na p. 202, e Simmel fornece o exemplo do emprego do "du" para ilustrá-la; a instituição social (que corresponde a uma forma sociológica impessoal), é pontuada rapidamente entre as pp. 202-3; a economia monetária (na verdade uma instância da instituição social), nas pp. 203-4, e Simmel forence o exemplo da crise financeira espanhola do século XVI para ilustrá-la.

P.2.c.33

"Das zeigt sich etwa gelegentlich der Tatsache, daß das Geld eine immer steigende Anzahl von Wirkungen hervorbringt, während es selbst ruht. Die manchmal auftretende Vorstellung, daß die ökonomische Bedeutung des Geldes das Produkt aus seinem Werte und der Häufigkeit seiner Umsetzungen in einer gegebenen Zeit wäre, übersieht die mächtigen Wirkungen, die das Geld durch bloße Hoffnung und Furcht, durch Begierde und Besorgnis, die sich mit ihm verbinden, übt; es strahlt diese auch ökonomisch so bedeutsamen Affekte aus, **wie** Himmel und Hölle sie ausstrahlen: als bloße Idee. Die reine Vorstellung des Vorhandenseins oder des Mangels von Geld an einer bestimmten Stelle wirkt anspannend oder lähmend, und die Goldreserven in den Kellern der Banken, die deren Noten decken, beweisen handgreiflich, wie das Geld in seiner rein psychologischen Vertretung volle Wirkungen zustande bringt; hier ist es wirklich als der »unbewegte Beweger« zu bezeichnen."

p. 204

wie

dinheiro e religião; a propagação dos afetos desencadeados pela mera representação do dinheiro e a propagação análoga pela mera representação do céu e do inferno

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *psicológica*

P.2.c.34

"Man könnte den Fiskalismus des Mittelalters und den Merkantilismus als materialistische Geldpolitik bezeichnen. Wie der Materialismus den Geist mit seinen Äußerungen und seinem Werte der Materie einordnet, **so** meinten jene Standpunkte das Wesen und die Bewegungskraft des staatlich-wirtschaftlichen Lebens an die Geldsubstanz gebunden. Es besteht aber zwischen ihnen derselbe Unterschied **wie** zwischen der rohen und der feineren Form des Materialismus. Jene behauptet, daß die Vorstellung selbst etwas Materielles wäre und das Gehirn Gedanken absondere, wie die Drüsen ihre Flüssigkeit, wie die Leber die Galle. Diese: die Vorstellung sei nicht selbst materiell, aber eine Bewegungsform des Materiellen, der Gedanke bestehe wie Licht, Wärme, Elektrizität in einer besonderen Art von Schwingungen körperlicher Teile. Diesem Unterschiede der intellektuellen Standpunkte **entspricht** es, wenn einerseits der Fiskalismus das Interesse der Regierung darein verlegt, möglichst viel bares Geld zur unmittelbaren Verwendung des Fürsten oder für die Staatszwecke herauszuschlagen, andererseits der Merkantilismus zwar auch auf das bare Geld einen Hauptwert legt, aber nicht, um es substanziell herauszuziehen, sondern um die wirtschaftlichen Bewegungen des Landes funktionell zu beleben. [...] – Mit der Ansicht Adam Smiths ist die Richtung auf die hier vertretene **Geldtheorie** eingeschlagen, die man im Gegensatz zu den materialistischen als **transzendente bezeichnen kann**. Denn wenn der Materialismus erklärt: der Geist ist Materie - so lehrt die Transzendentalphilosophie: auch die Materie ist Geist."

p. 206 e p. 208

wie// wie + so// entsprechen

filosofia e teoria econômica; o fiscalismo está para o mercantilismo, assim como o materialismo vulgar está para o materialismo refinado, e a teoria econômica de Adam Smith para a filosofia transcendental*

filosófica, *metafísica*// historicista

* o terceiro termo da analogia (teoria "transcendental" do dinheiro) aparece só no fim do parágrafo (na página 208), sendo introduzido por ponto e vírgula, seguido de traço.

P.2.c.35

“Es besteht aber zwischen ihnen derselbe Unterschied wie zwischen der rohen und der feineren Form des Materialismus. Jene behauptet, daß die Vorstellung selbst etwas Materielles wäre und das Gehirn Gedanken absondere, **wie** die Drüsen ihre Flüssigkeit, **wie** die Leber die Galle. Diese: die Vorstellung sei nicht selbst materiell, aber eine Bewegungsform des Materiellen, der Gedanke bestehe wie Licht, Wärme, Elektrizität in einer besonderen Art von Schwingungen körperlicher Teile.”

p. 206

wie

o pensamento está para o cérebro assim como a secreção para a glândula, e a bile para o fígado
ilustrativa, *figurativa*

P.2.c.36

“Es besteht aber zwischen ihnen derselbe Unterschied wie zwischen der rohen und der feineren Form des Materialismus. Jene behauptet, daß die Vorstellung selbst etwas Materielles wäre und das Gehirn Gedanken absondere, wie die Drüsen ihre Flüssigkeit, wie die Leber die Galle. Diese: die Vorstellung sei nicht selbst materiell, aber eine Bewegungsform des Materiellen, der Gedanke bestehe **wie** Licht, Wärme, Elektrizität in einer besonderen Art von Schwingungen körperlicher Teile.”

p. 206

wie

o pensamento está para seu substrato material assim como a luz, o calor e a eletricidade para a matéria
ilustrativa, *figurativa*

P.2.c.37

“Innerhalb dieser materialistischen Richtungen der Geldpolitik selbst, die noch ganz tief in der Vorstellung steckten, daß die Geldsubstanz der Wert an und für sich wäre, macht sich also doch schon die Wendung von der grob äußerlichen zu der funktionellen Bedeutung dieser Substanz geltend. Dem **entspricht** die politische Verfassung der fraglichen Perioden. [...] Wenn nun auch hier das Interesse der Regierung noch an dem Hereinbringen möglichst reichlicher Geldsubstanz haftet, so **entspricht** es doch der regeren Wechselwirkung zwischen Haupt und Gliedern des Staatskörpers, der Belebtheit der Staatsexistenz als solcher, daß nicht mehr in dem substantziellen Besitze, sondern in der Fruchtbarkeit des Geldes für das Gedeihen der Industrie usw. der Endzweck seines Erwerbes gesucht wurde. Als dann die liberalen Tendenzen das staatliche Leben zu immer freierem Fluß, immer ungehemmter Geschmeidigkeit, immer labilerem Gleichgewicht der Elemente führten, war die materielle Grundlage für die Theorie Adam Smiths gegeben: daß Gold und Silber bloße Werkzeuge sind, nicht anders als Kochgeräte, und daß ihr Import an und für sich so wenig den Wohlstand der Länder steigere, wie man durch die Vermehrung der Kochgeräte schon mehr zu essen habe.”

pp. 206-7*

entsprechen

a organização econômica e a organização política
especializada, *sociológica*

*essa correspondência ocupa uma boa parte do parágrafo em questão, e é uma variação de P.2.c.32.

P.2.c.38

“Als dann die liberalen Tendenzen das staatliche Leben zu immer freierem Fluß, immer ungehemmter Geschmeidigkeit, immer labilerem Gleichgewicht der Elemente führten, war die materielle Grundlage für die Theorie Adam Smiths gegeben: daß Gold und Silber bloße Werkzeuge sind, **nicht anders als** Kochgeräte, und daß ihr Import an und für sich **so** wenig den Wohlstand der Länder steigere, **wie** man durch die Vermehrung der Kochgeräte schon mehr zu essen habe.”

p. 207

wie + so// nicht anders als

o ouro e prata, de um lado, e os utensílios de cozinha, de outro
ilustrativa, *figurativa*

P.2.c.39

“Haben sich schließlich die alten substantziellen Ordnungen so weit aufgelöst, um anarchistische Ideale zu ermöglichen, so wird in ihnen begreiflicherweise auch diese Richtung der Geldtheorie ihr Extrem erreichen. Proudhon, der alle festen Staatsgebilde beseitigen und die freie unmittelbare Wechselwirkung der Individuen als die einzig richtige Form des sozialen Lebens anerkennen will, bekämpft den Gebrauch des Geldes überhaupt; denn in ihm sieht er ein genaues **Analogon** jener Herrschaftsgebilde, die aus den Individuen ihre lebendige Wechselwirkung herausaugen und in sich kristallisieren. Es müsse daher die Tauschbarkeit der Werte ohne Dazwischenkunft des Geldes begründet werden, ebenso **wie** die Regierung der Gesellschaft durch alle Bürger ohne Dazwischenkunft des Königs; und **wie** man jedem Bürger das Stimmrecht gegeben habe, **so** müsse jede Ware an und für sich und ohne Vermittlung des Geldes zum Wertrepräsentanten werden.”

pp. 207-8

referência explícita à analogia// **wie + so// wie**

economia e política; a organização econômica (que tem no dinheiro seu símbolo) e a organização política filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.40

“So bildeten sich aus den Erforderlichkeiten und Usancen, die sich im Verkehr der Gruppengenossen zunächst von Fall zu Fall entwickeln und sich schließlich fixieren, die objektiven Gesetze der Sitte, des Rechts, der Moral - ideale Erzeugnisse des menschlichen Vorstellens und Wertens, die nun für unser Denken ganz jenseits des einzelnen Wollens und Handelns stehen, gleichsam als dessen losgelöste »reine Formen«. **So** verkörpert sich, diesen Prozeß fortsetzend, das Staatsgesetz in dem Richterstand und der ganzen Verwaltungshierarchie; **so** die zusammenhaltende Kraft einer politischen Partei in dem Parteivorstand und der parlamentarischen Vertretung; **so** verlegt sich die Kohäsion eines Regiments in seine Fahne, einer mystischen Vereinigung in ihren Gral usw. Es werden also die Wechselwirkungen unter den primären Elementen selbst, die die soziale Einheit erzeugen, dadurch ersetzt, daß jedes dieser Elemente für sich zu dem darüber oder dazwischen geschobenen Organe in Beziehung tritt. In diese Kategorie substanzgewordener Sozialfunktionen gehört das Geld.”

p. 209

so

dinheiro, direito, política, exército e religião
filosófica, *ilustrativa// especializada, sociológica*

P.2.c.41

“Sondern Gesellschaft ist nichts als die Zusammenfassung oder der allgemeine Name für die Gesamtheit dieser speziellen Wechselbeziehungen. Die einzelne freilich kann ausscheiden, und es bleibt noch immer »Gesellschaft« übrig - aber nur, wenn nach Wegfall der einen noch eine hinreichend große Anzahl anderer in Kraft bleiben; fielen alle fort, so würde es auch keine Gesellschaft mehr geben: gerade **wie** die Lebeenseinheit eines organischen Körpers noch damit weiterbestehen kann, daß eine oder die andere seiner Funktionen, d. h. der Wechselbeziehungen zwischen seinen Teilen aufhört, aber nicht mehr damit, daß sie alle aufhören - **weil** »**Leben**« nichts anderes **ist** als **die Summe** solcher unter den Atomen eines Körpers, wechselseitig ausgeübten Kräfte. Fast ist es deshalb noch ein zweideutiger Ausdruck, daß der Tausch Vergesellschaftung bewirke: er ist vielmehr eine Vergesellschaftung, eine jener Beziehungen, deren Bestehen eine Summe von Individuen zu einer sozialen Gruppe macht, **weil** »**Gesellschaft**« mit der **Summe** dieser Beziehungen identisch **ist**.”

p. 210

wie// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal; **weil + termo da analogia** »entre aspas« + **die Summe + sein**)

o conceito de sociedade e o conceito de vida
filosófica, *conceitual*

P.2.c.42

“Die oft hervorgehobenen Unbequemlichkeiten und Unzulänglichkeiten des Naturaltausches nun sind durchaus denen **vergleichbar**, die sich bei anderen sozialen Wechselwirkungen einstellen, solange sie sich noch in dem Stadium der Unmittelbarkeit befinden: **wenn** alle Regierungsmaßregeln von der Gesamtheit der Bürger beraten und gebilligt werden müssen; **wenn** der Schutz der Gruppe nach außen noch durch den primitiven Waffendienst jedes Gruppenangehörigen bewerkstelligt wird; **wenn** Zusammenfassung und Organisation noch ausschließlich auf persönlich ausgeübter Autorität und Gewalt beruht, **wenn** die Verwaltung der Gerechtigkeit noch durch den unmittelbaren Urteilsspruch der Gemeinde geschieht - so ergeben sich daraus bei wachsender Extensität und Komplikation der Gruppe alle jene Unzweckmäßigkeiten, Behinderungen und Lockerungen, die einerseits auf die Abgabe dieser Funktionen an besondere arbeitsteilige Organe, andererseits auf die Kreierung vertretender und zusammenhaltender Ideale und Symbole hindrängen.”

p. 210

vergleichbar// paralelismo sintático

a troca, de um lado, e as formas política, militar e jurídica de organização, de outro*

historicista// especializada, *sociológica*

*a analogia diz respeito às formas “primitivas” de cada uma dessas organizações. A forma primitiva de troca é o escambo, a troca direta; da organização política é, de um lado, a democracia direta e, de outro, o exercício pessoal da autoridade; da organização militar, é a exigência de que todos os membros do grupo atuem em sua defesa (o que se contrapõe a criação de um grupo especializado nessa tarefa, como o exército); e no âmbito jurídico pela aplicação “direta” da sentença da comunidade (o que se contrapõe a aplicação de sanções intermediada por instituições jurídicas especializadas, como tribunais e processos legais)

P.2.c.43

“Die Tauschfunktion führt tatsächlich zu Bildungen von beiderlei Art: einerseits zum Stande der Händler, andererseits zum Geld. Der Händler ist der differenzierte Träger der sonst zwischen den Produzenten unmittelbar ausgeübten Tauschfunktionen; statt der einfachen Wechselbeziehungen unter diesen tritt die Beziehung ein, welche jeder derselben für sich zum Händler hat, wie die unmittelbare Kontrolle und Kohäsion der Gruppengenossen durch die gemeinsame Beziehung zu den Regierungsorganen ersetzt wird. Und nun kann man, genauere Erkenntnis vorbereitend, sagen: **wie** der Händler zwischen den tauschenden Subjekten steht, gerade **so** steht das Geld zwischen den Tauschobjekten. Statt daß deren Äquivalenz unmittelbar wirksam wird und ihre Bewegungen in sich beschlossen sein läßt, tritt nun jedes von ihnen für sich in ein Gleichungs- und Austauschverhältnis zum Geld. **Wie** der Händler die verkörperte Funktion des Austausches ist, **so** das Geld die verkörperte Funktion des Ausgetauschtwerdens: es ist, wie wir früher sahen, das zur Substanz gewordene bloße Verhältnis der Dinge zueinander, wie es in ihrer wirtschaftlichen Bewegung zum Ausdruck kommt.”

pp. 210-11

wie + so

o dinheiro e o comerciante
filosófica, *metafísica*

P.2.c.44

“Denn schließlich sind es doch nicht die Dinge, sondern die Menschen, die diese Prozesse vollziehen, und die Verhältnisse zwischen jenen sind auf dem hier fraglichen Gebiete doch Verhältnisse zwischen diesen. **Was der Tausch unter Individuen als Aktion ist, das ist das Geld in konkret gewordener**, für sich bestehender, gleichsam erstarrter Form, in demselben Sinne, wie die Regierung das gegenseitige Sichinordnunghalten der Gruppenmitglieder, wie das Palladium oder die Lade ihre Kohäsion, wie der Kriegerstand ihr Sichverteidigen darstellt. Alles dies sind gleichmäßig Fälle jenes weitesten Typus: daß aus primären Erscheinungen, Substanzen, Vorgängen eine einzelne Seite, die nur an und mit ihnen existiert, wie die Eigenschaft an ihrer Substanz und die Tätigkeit an ihrem Subjekt, dennoch von ihnen gelöst wird, indem sie sich mit einem eigenen Körper bekleidet: die Abstraktion wird eben dadurch vollzogen, daß sie zu einem konkreten Gebilde kristallisiert. Außerhalb des Tausches ist das Geld so wenig etwas, wie Regimenter und Fahnen außerhalb der gemeinsamen Angriffe und Verteidigungen oder wie Priester und Tempel außerhalb der gemeinsamen Religiosität.”

p. 211

fórmula da analogia

o dinheiro e a troca
filosófica, *metafísica*

P.2.c.45

“Denn schließlich sind es doch nicht die Dinge, sondern die Menschen, die diese Prozesse vollziehen, und die Verhältnisse zwischen jenen sind auf dem hier fraglichen Gebiete doch Verhältnisse zwischen diesen. Was der Tausch unter Individuen als Aktion ist, das ist das Geld in konkret gewordener, für sich bestehender, gleichsam erstarrter Form, in demselben Sinne, **wie** die Regierung das gegenseitige Sichinordnunghalten der Gruppenmitglieder, **wie** das Palladium oder die Lade ihre Kohäsion, **wie** der Kriegerstand ihr Sichverteidigen darstellt. Alles dies sind gleichmäßig Fälle jenes weitesten Typus: daß aus primären Erscheinungen, Substanzen, Vorgängen eine einzelne Seite, die nur an und mit ihnen existiert, wie die Eigenschaft an ihrer Substanz und die Tätigkeit an ihrem Subjekt, dennoch von ihnen gelöst wird, indem sie sich mit einem eigenen Körper bekleidet: die Abstraktion wird eben dadurch vollzogen, daß sie zu einem konkreten Gebilde kristallisiert. Außerhalb des Tausches ist das Geld so wenig etwas, **wie** Regimenter und Fahnen außerhalb der gemeinsamen Angriffe und Verteidigungen oder **wie** Priester und Tempel außerhalb der gemeinsamen Religiosität.”

pp. 211-2

wie

dinheiro, política, religião e exército*

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *sociológica*

* os termos da analogia foram bem resumidos. Desdobrando-os um pouco mais teríamos: o dinheiro, o governo, o paládio, a arca da aliança, o regimento militar, a bandeira, o sacerdote e o templo. A função comum que permite coordenar todos esses termos da analogia é aquela destacada em termos mais especulativos já na analogia anterior, P.2.c.44. Assim, o governo é uma manifestação concreta das relações de poder entre os indivíduos, funcionando como símbolo destas; assim também a bandeira, o sacerdote, o templo religioso, e assim por diante. O Palladium a que se Simmel se refere é, na mitologia grego-romana, a imagem de madeira de Pallas Athena roubada por Odisseu, e simboliza a união da cidade. Já a arca da aliança (Lade) simboliza a aliança cristã.

P.2.c.46

“**Wie** ohne den Glauben der Menschen aneinander überhaupt die Gesellschaft auseinanderfallen würde,— denn wie wenige Verhältnisse gründen sich wirklich nur auf das, was der eine beweisbar vom anderen weiß,

wie wenige würden irgendeine Zeitlang dauern, wenn der Glaube nicht ebenso stark und oft stärker wäre, als verstandesmäßige Beweise und sogar als der Augenschein! – **so** würde ohne ihn der Geldverkehr zusammenbrechen.”

p. 215

wie

dinheiro e sociedade; formação econômica e formação social
filosófica, *metafísica*

P.2.c.47

“Endlich ist hervorgehoben, daß die Aktionen einer Gruppe immer durch den naturgesetzlichen Zug ihrer Interessen schwankungslos bestimmt seien, **wie** die Materienmassen durch die Gravitation; das Individuum dagegen sei von Theorien und Konflikten beirrt, es stehe zwischen vielen Möglichkeiten, unter denen es richtig oder irrtümlich wählen könne - im Unterschiede von den jeder Freiheit entbehrenden, weil von schwankungslosen Instinkten und Zweckmäßigkeiten geleiteten Kollektivhandlungen.”

p. 218

wie

formação social e formação natural
ilustrativa, *figurativa*

P.2.c.48

“Es ist die *Sicherheit* des Geldes, auf der sein Wert ruht und als deren Träger die politische Zentralgewalt allmählich durch die unmittelbare Bedeutung des Metalls, sie verdrängend, hindurchwächst. Hier liegt eine **Analogie** zu einer wenig beachteten Nuance des Wertempfindens vor. Sobald der Wert eines Objektes darauf beruht, daß es uns ein anderes zugänglich macht, so ist sein Wert durch die beiden Koeffizienten bestimmt: den inhaltlichen Wert dessen, was es uns vermittelt, und die Sicherheit, mit der ihm diese Vermittlung gelingt; die Erniedrigung des einen Koeffizienten kann, bis zu einer gewissen Grenze, den Gesamtwert ungeändert lassen, wenn ihr eine Erhöhung des andern entspricht. **So** ist die Bedeutung einer Erkenntnis für uns gleich dem Produkt aus ihrer Sicherheit und der Wichtigkeit ihres Inhaltes. In den Naturwissenschaften pflegt der erstere, in den Geisteswissenschaften der letztere Koeffizient zu überwiegen, wodurch darin prinzipiell eine Gleichheit ihres Gesamtwertes möglich ist; nur wenn man, wie Aristoteles, an der Sicherheit des Wissens nicht zweifelt, kann man seinen Wert ausschließlich von dem seines Objekts abhängen lassen. **So** ist der Wert eines Lotterieloses ein Produkt aus der Wahrscheinlichkeit, daß es gezogen wird, und der Höhe des eventuellen Gewinnes, **so** der Wert jedes beliebigen Handelns gleich dem Produkt aus der Wahrscheinlichkeit, daß es seinen Zweck erreicht und der Wichtigkeit dieses Zweckes, **so** der Wert eines Rentenpapiers zusammengesetzt aus der Sicherheit für das Kapital und der Höhe der Verzinsung. Nun verhält sich das Geld zwar nicht genau ebenso, denn seiner steigenden Sicherheit entspricht keine Wertminderung der Objekte, deren Erlangung es sichert; aber die **Analogie** gilt doch so weit, daß mit der steigenden Sicherung seiner Verwertbarkeit sein anderer Wertkoeffizient, der innere Metallwert, unbestimmt weit sinken kann, ohne seinen Gesamtwert zu alterieren.”

pp. 224-5

referência explícita à analogia// **so**

dinheiro e intelecto; dinheiro e seu valor, o conhecimento e seu valor, o bilhete de loteria e seu valor, a ação comercial e seu valor, e o título de crédito e seu valor
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.49

“Während die Mehrzahl aller anderen Objekte verbraucht wird, in ewigem Flusse verschwindet und sich wieder ersetzt, bleibt das Geld in seiner fast unbegrenzten Dauerhaftigkeit von diesem Wechsel der individuellen Dinge unberührt. Damit aber erhebt es sich über diese, **wie** die objektive Gruppeneinheit über die Fluktuation der Persönlichkeiten.”

pp. 227-8

wie

dinheiro e sociedade
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.50

“Man könne zwar ein Nahrungsmittel beibehalten, wenn sein Gebrauch auch viele Unbequemlichkeiten mit sich bringt, sobald es nur nahrhaft und wohlschmeckend sei, auch ein unbequemes Kleidungsstück, weil es schön oder warm ist. Aber ein unbequemes Geld sei **wie** ein ungenießbares Nahrungsmittel oder ein untragbares Kleidungsstück. Denn der oberste Zweck des Geldes sei die Bequemlichkeit des Güteraustausches. Der Unterschied gegen die hier verglichenen Güter beruht eben darauf, daß das Geld weniger Nebenqualitäten neben seiner Hauptqualität hat und haben darf, als andere Güter.”

p. 232

wie

o dinheiro e o mundo das mercadorias; o dinheiro, a comida e a roupa
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.51

“Die vollständige Stabilität des Geldes wäre erst erreichbar, wenn es überhaupt nichts mehr für sich wäre, sondern nur der reine Ausdruck des Wertverhältnisses zwischen den konkreten Gütern. Damit wäre es in eine Ruhelage gekommen, die sich durch die Schwankungen der Güter so wenig verändert, **wie** der Meterstab durch die Verschiedenheit der realen Größen, die er mißt.”

pp. 234-5

wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e o instrumento de medida
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.52

“**So mag** - um an die dort gegebenen **Analogien** anzuknüpfen - die tiefste und sublimste Liebe diejenige sein, die nur zwischen Seelen, unter völliger Ausschaltung jedes Erdenrestes, besteht - **allein solange** diese nicht erreichbar ist, wird sich ein Maximum von Liebesempfindung gerade da zeigen, wo die rein seelische Beziehung einen Zusatz und Vermittlung durch sinnliche Nähe und Anziehung erhält; **so mag** das Paradies das Wunderversprechen seiner Seligkeit darin erfüllen, daß das Bewußtsein derselben keines Sichabhebens von entgegengesetzten Empfindungen bedarf - **so lange** wir **aber** Menschen sind, können allein sonst vorhandene, leidvolle, indifferente oder herabgesetzte Gefühlszustände uns ein positives Glück, als Unterschiedempfindung, eintragen. Wenn also auch in einer idealen Sozialverfassung ein ganz substanzloses Geld das absolut zweckmäßige Tauschmittel ist, so kann doch bis dahin seine relativ höchste Zweckmäßigkeit gerade von seiner Bindung an eine Substanz bedingt sein. Dieser letztere Umstand bedeutet also keine Ablenkung des unendlichen Weges, der zur Auflösung des Geldes in einen bloß symbolischen Träger seiner reinen Funktion führt.”

p. 235

referência explícita à analogia// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)

dinheiro, religião e mundo íntimo; o dinheiro, a felicidade no paraíso e o amor

filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.53

“Diese gewannen nun durch ein solches festes ideelles Maß auch für sich einen festen relativen Wert. Damit war fast schon der Zustand erreicht, den ein Theoretiker von Anfang des 19. Jahrhunderts vor Augen hat. Indem er alles gemünzte oder in anderer Form den Verkehr vermittelnde Geld für eine Anweisung auf tauschbare Güter erklärt, kommt er schließlich zu einer Negation aller Realität des Geldes: er stellt dem Gelde im eigentlichen Sinne die Münze gegenüber und erklärt nur die letztere für jene »Anweisung«, die nach dem Geld *berechnet* wäre, während das Geld selbst nur der ideale *Maßstab* für alle Vermögenswerte wäre. Hier ist also das Prinzip des Markenskudo zu einer allgemeinen Theorie geworden, das Geld ist so sehr zu einer reinen Form und Verhältnisbegriff idealisiert, daß es überhaupt mit keiner greifbaren Wirklichkeit mehr identisch ist, sondern zu dieser **sich** nur noch **verhält**, **wie** das abstrakte Gesetz zu einem empirischen Fall.”

pp. 236-7

sich verhalten + wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e a lei natural

filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.54

“Daß so Geld und Kredit ihre Bedeutung gegenseitig steigern, bedeutet nur ihr Berufensein zu demselben funktionellen Dienst; so daß, wenn er an der Entwicklung des einen stärker hervortritt, auch das andere zu der gleichen Lebhaftigkeit der Bewegung veranlaßt wird. Dies widerspricht also gar nicht der anderen Relation zwischen ihnen, wonach der Kredit das bare Geld überflüssig macht [...]. Zwischen zwei Erscheinungen, die demselben Grundmotiv entspringen, ist dieses Doppelverhältnis: sich einerseits gegenseitig zu steigern, sich andererseits zu verdrängen und zu ersetzen - durchaus begreiflich und keineswegs selten. **Ich erinnere daran**, **wie** das Fundamentalgefühl der Liebe sich sinnlich und geistig äußern kann, und zwar derart, daß diese Erscheinungsweisen sich gegenseitig stärken, aber auch so, daß eine von ihnen die andere auszuschließen strebt, und daß oft gerade ein Wechselspiel zwischen diesen beiden Möglichkeiten das Grundgefühl am tiefsten und lebendigsten verwirklicht; **ich erinnere daran**, **wie** die verschiedenen Betätigungen des Erkenntnistriebes, sowohl wenn sie sich gegenseitig hervorrufen, wie wenn sie sich gegenseitig verdrängen, gleichmäßig die Einheit des grundlegenden Interesses bekunden; **endlich**, die politischen Energien in einer Gruppe verdichten sich je nach dem Naturell und Milieu der Einzelnen zu divergenten Parteien, aber sie zeigen ihr Kraftmaß ebenso in der Leidenschaft des Kampfes zwischen diesen, wie darin, daß das Interesse des Ganzen sie gelegentlich zu gemeinsamer Aktion zu vereinheitlichen imstande ist. **So** weist die Bedeutung des Kredits: einerseits mit der Bargeldzirkulation in

einem Verhältnis gegenseitiger Anregung zu stehen, andererseits dieselbe zu ersetzen, nur auf die Einheit des Dienstes hin, den beide zu leisten haben.”

pp.239-40

parallelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **ich erinnere daran**; emprego do **ponto-e-vírgula**; destaque, ainda **endlich**)// **so**

dinheiro, mundo íntimo (amor), intelecto e política
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.55

“In normalen Zeiten läßt die Schnelligkeit der Zirkulation seine Substanz viel ausgedehnter erscheinen, als sie in Wirklichkeit ist - **wie** ein glühendes Fünkchen, das im Dunkeln rasch im Kreise bewegt wird, als ein ganzer glühender Kreis erscheint, - um in dem Augenblick, wo seine Bewegung aufhört, sofort wieder in seine substanzielle Minimität zusammenzuschmelzen.”

p. 240

wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e a faísca
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.56

“Die Verflüchtigung des Geldstoffes **sozusagen** in Atome hebt den Verkehr außerordentlich; indem sie das Tempo der Geldumsätze beschleunigt, vermehrt sie ihre Zahl; d. h. also, die bestimmte Art, in der das Geld funktioniert, ist imstande, die quantitativen Mehrungen seiner Substanz zu ersetzen.”

pp. 241-2

sozusagen

filosofia e química: analogia com o conceito de átomo
ilustrativa, *conceitual*

P.2.c.57

“Wenn man selbst von einem hochwertigen und vielverzweigten Objekt, etwa einem Landgut, sagt, es gelte eine halbe Million Mark, so wird durch diese Summe, auf wie viele einzelne Voraussetzungen und Erwägungen sie sich auch fundamentiere, doch der Wert des Gutes in einen ganz einheitlichen Begriff zusammengezogen, nicht anders, als wenn man eine auch in sich einheitliche Sache durch einen in sich einheitlichen Münzbegriff schätzt, also etwa: eine Arbeitsstunde gelte eine Mark. Man könnte dies höchstens mit der Einheit des Begriffes vergleichen, der das Wesentliche einer Anzahl individueller Gestaltungen zusammenschließt; wenn ich z. B. den Allgemeinbegriff Baum bilde, so liegen die Merkmale desselben, die ich aus ihren sehr verschiedenartigen Verwirklichungen an den einzelnen Bäumen heraus abstrahiere, nicht mehr nebeneinander, sondern durchdringen sich zu einer einheitlichen Wesenheit. **Wie** es der tiefere Sinn des Begriffes ist, nicht ein bloßes Zusammen von Merkmalen zu sein, sondern die ideale Einheit, in der diese Merkmale trotz aller ihrer Verschiedenheiten sich begegnen, und in die sie sich einschmelzen - **so** läßt der Geldpreis alle vielfache und extensiv-ökonomische Bedeutung des Objekts in eine gleichsam unausgedehnte Einheit konvergieren.”

p. 242

wie + so

dinheiro e intelecto: o dinheiro e o conceito
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.58

“Eine halbe Million Mark sind an und für sich freilich ein bloßes additionales Konglomerat zusammenhangsloser Einheiten; dagegen als Wert eines Landgutes sind sie das einheitliche Symbol, Ausdruck oder Äquivalent seiner Werthöhe und so wenig ein bloßes Nebeneinander einzelner Markeinheiten, **wie**, wenn man die Lufttemperatur mit 20° bezeichnet, damit nicht eine Summe von 20 einzelnen Graden, sondern vielmehr ein in sich völlig einheitlicher Wärmezustand gemeint ist.”

p. 243

wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e a temperatura
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.59

“Dies entspricht der erwähnten Leistung des Geldes, Werte zu kondensieren; mit dieser schließt es sich den großen Kulturmächten an, deren Wesen es ist, überall in einem kleinsten Punkt die größte Kraft zu sammeln und vermöge der Form der Konzentrierung der Energien die passiven und aktiven Widerstände gegen unsere Zwecke zu überwinden. Hier ist vor allem an die Maschine zu erinnern, und zwar nicht nur nach der auf der Hand liegenden Seite, daß sie die Naturkräfte in konzentrierter Weise in die Bahnen uns erwünschter Betätigung lenkt; sondern auch nach der hin, daß jede Verbesserung der Maschine und

Erhöhung ihrer Geschwindigkeit den Arbeiter zu erhöhter Intensifikation seines Krafteinsatzes zwingt. Das eben ist der Grund, weshalb Fortschritt der maschinellen Technik und Verkürzung der Arbeitszeit so oft Hand in Hand gehen kann und muß: weil die verbesserte Maschinerie nicht nur die Naturkräfte, sondern auch die Menschenkräfte in zusammengedrückter, gleichsam porenloserer Form in den Dienst unserer Zwecke stellt. Ich sehe die gleiche Kulturtendenz sich an der Herrschaft des Naturgesetzes innerhalb unseres Weltbildes verwirklichen: gegenüber dem Haften an der einzelnen Erscheinung, der Zufälligkeit und der Isoliertheit primärer Empirie, ist das Naturgesetz eine ungeheure Kondensierung des Erkennens; es faßt in eine kurze Formel die Erscheinungsart und Bewegung endloser Einzelfälle zusammen, der Geist komprimiert mit ihm die räumliche und zeitliche Extensität des Geschehens in eine überschaubare Systematik, in der sozusagen die ganze Welt latent enthalten ist. An einem ganz anderen Pol der Erscheinungen **zeigt** die Ablösung der Handwaffen durch die Feuerwaffen **dieselbe Entwicklungsform**. Im Pulver liegt die enorme Kraftverdichtung, die mit einem Minimum von Muskelleistung eine unmittelbar gar nicht erzielbare Extensität der Wirkung entfesselt. Ja vielleicht ist die Wichtigkeit und die Differenzierung der Persönlichkeit innerhalb der historischen Bewegung, die an die Stelle der Gentil-, Familien-, Genossenschaftsorganisationen tritt, dem gleichen Prinzip untertan. Indem die bewegenden Kräfte von immer individualisierteren, äußerlich enger begrenzten Trägern ausstrahlen, erscheinen sie komprimierter als vorher, die Schicksalsfaktoren, die bei enger Einschmelzung des einzelnen in seine Gruppe durch diese hin verteilt sind, konzentrieren sich jetzt in ihm selbst; das Selbstbestimmungsrecht des modernen Menschen hätte zweckmäßigerweise nicht aufkommen können, wenn nicht in der engen Form personaler Existenz ein sehr gestiegenes Quantum von Wirkungsmöglichkeiten zusammengebunden wäre. Und dem widerstreitet es durchaus nicht, daß zugleich die Funktionen jener engen Gemeinschaften zum großen Teil an den so viel extensiveren Großstaat übergegangen sind. Denn auf die wirklichen Leistungen angesehen, ist die Lebensform des modernen Staates mit seiner Beamtenorganisation, seinen Machtmitteln, seiner Zentralisierung, eine unendlich viel intensivere, als die der kleinen und primitiven Gemeinwesen. Der moderne Staat beruht auf einem ungeheuren Zusammennehmen, Ineinanderflechten und Vereinheitlichen aller politischen Kräfte; so daß man direkt sagen kann - gegenüber den Kraftverschwendungen, die die Zerfällung einer Nation in jene selbständigen, in sich zentralisierten Gemeinwesen von geringster Extensität bewirkt, stellt sowohl die freie und differenzierte Persönlichkeit, wie andererseits der moderne Großstaat ein unvergleichliches Zusammennehmen der Kräfte dar; die sozialen Spannkkräfte sind hiermit in eine derartig kompendiöse Form gebracht, daß jeder einzelnen Anforderung gegenüber mit einem Minimum von neuem Energieaufwand ein Maximum von Leistung erzielt werden kann. Es ist nun interessant zu ersehen, wie das Geld sich nicht nur diesen Beispielen der historischen Tendenz auf Kraftverdichtung anschließt, indem es die Werte der Dinge auf die kürzeste und komprimierteste Weise ausdrückt sondern dies auch noch so bestätigt, daß es zu vielen jener gleich gerichteten, aber ganz anderen Gebieten zugehörigen Beispiele ein direktes Verhältnis hat. In der Epoche der aufkommenden Feuerwaffen wurde pecunia nervus belli, das Pulver entwand dem Ritter und dem Bürger die Waffe und drückte sie dem Söldner in die Hand, machte ihren Besitz und ihre Benutzung also zum Privileg der Geldbesitzer. Wie eng das Aufkommen und die Fortschritte der Maschinenteknik mit dem Geldwesen verbunden sind, bedarf keines Nachweises. Dagegen werde ich später einen solchen dafür zu führen haben, daß jene Entwicklung der primären Gruppenbildung zur Befreiung der Individualität einerseits und die Erweiterung zum Großstaat andererseits die innigste innere Beziehung zu dem Aufkommen der Geldwirtschaft hat. So sehen wir die Kulturtendenz der Kondensierung der Kräfte in vielerlei direkten und vermittelten Zusammenhängen mit der Geldform der Werte."

pp. 243-5*

dieselbe + Entwicklungsform (+ zeigen)

(a máquina), as leis naturais, a pólvora, (a autonomia individual, o Estado e o dinheiro)*

filosófica, *ilustrativa*// historicista

*a analogia ocupa boa parte do parágrafo. Para os termos (entre parênteses), não há sinal de identificação da analogia

P.2.c.60

"[...] je weniger das einzelne Geldquantum wert ist, desto wertvoller ist das Geld überhaupt. Denn nur dadurch, daß das Geld so billig, jede bestimmte Summe seiner so viel wertloser geworden ist, kann es diejenige allgemeine Verbreitung, rasche Zirkulation, überall hindringende Verwendbarkeit gewinnen, die ihm seine jetzige Rolle sichert. Innerhalb des Individuums **spielt sich dasselbe Verhältnis** zwischen den einzelnen Geldquanten und ihrer Totalität **ab**. Gerade diejenigen Personen, die sich vom Geld, wenn es eine einzelne Ausgabe betrifft, am leichtesten und verschwenderischsten trennen, pflegen vom Gelde überhaupt am abhängigsten zu sein. Auch dies ist eine der Bedeutungen der Redensart, daß man das Geld nur verachten könne, wenn man sehr viel hätte. [...] Es handelt sich hier um den sehr weit erstreckten Typus: daß der Wert eines Ganzen sich in demselben Verhältnis **hebt**, in dem der seiner individuellen Teile **sinkt**. Ich erinnere daran, daß Maß und Bedeutung einer sozialen Gruppe oft um **so höher steigt, je geringer** das Leben und die Interessen ihrer Mitglieder als Individuen eingeschätzt werden [...]. Dieselbe Form stellt sich auch sachlich dar. Der besondere Reiz und die Vollendung gewisser Gedichte besteht darin, daß die einzelnen Worte durchaus keinen selbständigen Sinn, außer dem, der dem beherrschenden Gefühl oder dem Kunstzweck des Ganzen dient, psychologisch mitanklingen lassen, daß der Gesamtkreis der

Assoziationen, der die eigene Bedeutung des Wortes ausmacht, ganz zurücktritt, und nur die dem Zentrum des Gedichtes zugewandten für das Bewußtsein beleuchtet sind; so daß das Ganze **in demselben Maße kunstvollendeter ist**, in dem seine Elemente ihre individuelle, für sich seiende Bedeutung **einbüßen**. Und endlich ein ganz äußerlicher Fall. Der Herstellungs- wie der Kunstwert eines Mosaikbildes ist um **so höher, je kleiner** seine einzelnen Steinchen sind [...] Es ist also ein im Gebiete der Wertungen keineswegs unerhörter Fall, daß die Werte des Ganzen und die seiner Teile sich in umgekehrter Proportionalität zueinander entwickeln, und zwar nicht durch ein zufälliges Zusammentreffen von Umständen, sondern durch direkte Verursachung [...] Das zeigt sich nicht nur am Geld im allgemeinen, sondern auch an den einzelnen davon abzweigenden Erscheinungen: der Zinsfuß stand außerordentlich **hoch**, so lange es teils wegen der kirchlichen Wucherlehre, teils wegen der naturalwirtschaftlichen Verhältnisse überhaupt **wenig** verzinsliche Darlehen gab; eine je größere Bedeutung der Zins im wirtschaftlichen Leben erhielt, desto geringer wurde er."

pp. 246-8

dasselbe + Verhältnis (+ sich abspielen)// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal)*

dinheiro, mundo íntimo, mundo social e arte; o dinheiro, os juros, o indivíduo, o grupo, o poema e o mosaico filosófica, *ilustrativa*

*em todos os casos, o que se repete é uma correlação entre termos, que pode ser assim expressa: quanto mais A cresce, tanto mais B diminui

P.2.c.61

"Diese Auffassung geht schon deshalb an der Hauptsache vorbei, weil die Funktionen, in die das Geld sich auflöst, selbst wertvolle sind, wodurch ihm ein Wert zuwächst, der beim Metallgeld ein additioneller, beim Zeichengeld der einzige ist; **so** sicher aber ist er ein reeller Wert, **wie** die Lokomotive durch das Ausüben ihrer Transportfunktionen einen Wert hat, der mehr ist als der Wert ihres Materials. Freilich kann es zunächst die Geldfunktionen ausüben, weil es ein Wert ist; dann aber wird es ein Wert, weil es sie übt. Den Wert des Geldes in seinen Substanzwert setzen, heißt den Wert der Lokomotive in den ihres Eisengewichts, etwa noch um den darin steckenden Arbeitswert erhöht, setzen. Aber gerade diese **Analogie** scheint die Annahme eines besonderen, aus der Funktion erwachsenden Wertes zu widerlegen. Der Preis einer Lokomotive - wir brauchen in diesem Zusammenhange nicht zwischen Wert und Preis zu unterscheiden - besteht allerdings aus Materialwert + Formwert, d. h. + Wert der darin investierten Arbeitskraft. Daß die Lokomotive wie das Geld den Austausch von Objekten bewirkt, das sei zwar die Veranlassung, sie überhaupt zu werten, davon hänge aber das Maß dieser Wertung keineswegs ab wie auch sonst die Nützlichkeit unzähliger Objekte bewirke, daß sie überhaupt einen Marktpreis haben, die Höhe dieses aber von ganz anderen Momenten bestimmt werde; die Nützlichkeit gebe bei solchen Objekten allenfalls eine Grenze an, über die der Preis nicht steigen darf, aber sie könne hier dessen positive Größe nicht erzeugen. Gilt dieser Vergleich, so scheint der Wert des Geldes doch wieder von seinen Funktionen auf seine Substanz zurückgewiesen zu werden. Allein an einem entscheidenden Punkte gilt er eben nicht."

pp. 248-9

referência explícita à analogia// **wie + so**

o dinheiro e a locomotiva

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *econômica*

P.2.c.62

"Daß eine Lokomotive nur nach ihrem Materialwert und Formungswert bezahlt wird, hängt ausschließlich daran, daß jeder Beliebige Lokomotiven bauen darf, und deshalb die Idee, ohne die Material + Arbeitskraft niemals eine Lokomotive ergeben würden, keinen Einfluß auf die Preisbildung besitzt. Sobald es ein Patent auf Lokomotiven gäbe, würde sich in dem erhöhten Preise, den man für sie bewilligte, der Wert zeigen, den sie über die Summe von Materialwert und Arbeitswert hinaus besitzen; sobald die Idee Gemeingut ist, haben ihre Verwirklichungen insoweit keine »Seltenheit«, und erst diese würde ihrer Funktionsbedeutung einen besonderen Ausdruck im Preise verschaffen. Nun aber besteht am Gelde etwas, was dem Patente **entspricht**: das Prägerrecht der Regierungen, das jeden Unlegitimierten die Idee des Geldes zu verwirklichen hindert; auf diesem Monopol der Regierung ruht die »Seltenheit« des Geldes entweder teilweise, wenn es aus Edelmetall besteht, oder völlig, wenn es Papier oder Scheidemünze ist. [...] Deshalb ist von ethnologischer Seite bemerkt worden, daß, wo jeder selbst Geld beliebig herstellen kann, wie beim Muschelgeld, die Machtstellung der Reichen und der Häuptlinge sehr leicht erschüttert wird. Umgekehrt hat an dem Privileg des Staates für die Herstellung des Geldes jeder Geldbesitzer pro rata teil - **wie** der Käufer eines patentierten Gegenstandes an dem Patent des Erfinders."

pp. 249-50

wie// entsprechen

o monopólio do governo na fabricação do dinheiro e a patente

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *econômica*

P.2.c.63

“**Wie** ein Litermaß wirtschaftlichen Wert hat, nicht weil es Material und Form enthält - denn wenn es nicht durch diese zu einem außerhalb ihrer liegenden Zwecke verwendbar wäre, so würde kein Mensch ihm nachfragen - sondern weil es die Funktion des Messens zweckmäßig erfüllt, **so** hat auch das Geld seinen Wert im Dienst des Messens und den anderen, die es leistet. Nur daß man diesen auch wieder nur in Geld mit hinreichender Allgemeinheit ausdrücken kann, verhindert, dies so ohne weiteres zu erkennen wie bei dem Litermaß, dessen Wert man in etwas anderem, als es selbst ist, ausdrückt.”

p. 251

wie + so

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e o litro
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.64

“Wenn nun in den oben geschilderten Entwicklungen das Geld einem Punkte zustrebt, wo es, zum reinen Symbol geworden, ganz in seinen Tausch und Meßzweck aufginge so zeigen mannigfache Parallelen die allgemeine geistesgeschichtliche Tendenz, die es in jene Richtung führt. Das Interesse, das wir primärer und unbefangener Weise an den Erscheinungen nehmen, pflegt dieselben als ungeschiedene Ganze zu umfassen: wie sie uns als Einheit von Form und Inhalt entgegentreten, so knüpft sich unser Wertgefühl auch an ihre Form, weil sie die Form dieses Inhalts, an ihren Inhalt, weil er der Inhalt dieser Form ist. Auf höheren Stufen sondern sich diese Elemente, und es wenden sich besondere Schätzungsweisen an die Funktion als bloße Form. Die Mannigfaltigkeit des Inhalts, die von dieser getragen wird, erscheint ihr gegenüber oft irrelevant. **So** schätzen wir z. B. die religiöse Stimmung, unter Gleichgültigkeit gegen ihren dogmatischen Inhalt. [...] **So** flößt uns die Kraftbewährung als solche oft einen Respekt ein, den wir ihren Ergebnissen versagen müssen. **So** wendet sich das verfeinerte ästhetische Interesse immer mehr dem zu, was am Kunstwerk bloß Kunst ist, der Kunstform im weitesten Sinne, unter wachsender Gleichgültigkeit gegen seine Materie, d. h. gegen seinen Vorwurf und gegen die ursprünglichen Gefühle, in deren Sublimierung und Objektivierung erst die eigentlich ästhetische Funktion, in Produktion wie Konsumtion, verläuft. **So** empfinden wir die Erkenntnis als wertvoll, rein als die formale Funktion des Geistes, die Welt in sich zu spiegeln, und insoweit gleichgültig dagegen, ob die Gegenstände und Resultate des Erkennens erfreuliche oder unerfreuliche, verwertbare oder rein ideelle sind.”

so

pp. 251-2

dinheiro, religião, arte e intelecto; a espiritualização do dinheiro, o sentimento religioso, a demonstração de força, a arte pela arte e o conhecimento puro
filosófica, *ilustrativa*

P.2.c.65

“So ist der Historismus und die soziale Weltanschauung ein Versuch, das Allgemeine zu bejahen und doch seine Abstraktheit zu verneinen: ein Erheben über das Einzelne, ein Ableiten des Einzelnen aus einem Allgemeinen, das doch volle und gediegene Wirklichkeit besitzt; denn die Gesellschaft ist **das Allgemeine, das nicht abstrakt ist**. In dieser Richtung liegt nun auch jene Wertung der Funktion in ihrer Sonderung vom Inhalte. Die Funktion ist das Allgemeine gegenüber dem speziellen Zweck, dem sie dient: das religiöse Gefühl ist das Allgemeine gegenüber seinem Glaubensinhalte, das Erkennen das Allgemeine gegenüber seinen einzelnen Objekten, jede Kraft überhaupt das Allgemeine gegenüber den speziellen Aufgaben, zu deren Mannigfaltigkeit sie sich als die immer gleiche verhält - gleichsam eine Form und Fassung, die die verschiedenartigsten Stoffe aufnimmt. An dieser Entwicklungstendenz scheint das Geld teilzunehmen, wenn das daran geknüpfte Wertgefühl sich von seinem Stoffe unabhängig macht und auf seine Funktion übergeht, die **ein Allgemeines und doch kein Abstraktes ist**.”

pp. 252-3

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **das Allgemeine, das nicht abstrakt ist**)

o dinheiro e a sociedade

filosófica, *metafísica*

P.2.c.66

“Daß das Geld Tausche vermittelt und Werte mißt, ist gleichsam die Form, in der es für uns existiert; indem das Metall diese Form annimmt, wird es Geld - **wie** Vorstellungen über das Überirdische zur Religion werden, indem die religiöse Gefühlsfunktion sie aufnimmt, und **wie** der Marmorblock zum Kunstwerk wird, wenn die künstlerische Produktivität ihm die Form verleiht, die nichts anderes als eben diese Funktion in räumlichem Festgewordensein ist.”

p. 253

wie

dinheiro, religião e arte
filosófica, *ilustrativa*

Anexo 2.3. Philosophie des Geldes, capítulo 3

P.3.a.1

“Der Zustand dessen Energien uns in Bewegung setzen, hat insofern zu der Handlung und ihrem Erfolge so wenig qualitative Beziehungen, **wie** der Wind zu dem Fall der Frucht, die er vom Baum schüttelt.”

p. 255

wie

ação humana e fenômeno natural; a energia psíquica que conduz à ação e o vento que derruba o fruto da árvore

ilustrativa, *figurativa*

P.3.a.2

“Die Ursache der Aktion ist indes auch in diesem Falle die reale - wenn auch wissenschaftlich nicht näher formulierbare - Kraft der Vorstellung bzw. ihres physischen Korrelats, die von ihrem Gedankeninhalt durchaus zu trennen ist. Denn dieser Inhalt, der ideelle Sachgehalt des Handelns oder Geschehens, ist an und für sich absolut kraftlos, er hat nur eine begriffliche Gültigkeit und kann nur insoweit in der Wirklichkeit sein, als er der Inhalt einer realen Energie wird: **sowie** die Gerechtigkeit oder die Sittlichkeit als Ideen niemals eine Wirksamkeit in der Geschichte üben, das vielmehr erst können, wenn sie von konkreten Mächten als Inhalt des Kraftmaßes derselben aufgenommen werden.”

p. 255

sowie

formação individual e formação social; o conteúdo de uma ação como representação individual está para o curso dessa ação, assim como o conteúdo do direito e da moral está para o curso da história

filosófica, *metafísica*

P.3.a.3

“Die prinzipielle Bedeutung des Zweckhandelns liegt also in der Wechselwirkung, die es zwischen dem Subjekt und Objekt stiftet. Indem schon die bloße Tatsache unserer Existenz uns in diese Wechselwirkung verwebt, hebt das zweckbestimmte Handeln sie in die Innerlichkeit des Geistes. Durch eben dies stellt sich unser Verhältnis zur Welt **gleichsam** als eine Kurve dar, die vom Subjekt aus auf das Objekt geht, es in sich einbezieht und wieder zum Subjekt zurückkehrt.”

p. 256

gleichsam

filosofia e geometria: analogia com a noção de curva

ilustrativa, *conceitual*

P.3.a.4

“Oder, anders angesehen: erst auf der Grundlage solcher Scheidung eines persönlich wollenden Geistes und der rein kausal betrachteten Natur ist jene Einheit höherer Stufe zwischen beiden möglich, die sich in der Zweckkurve ausdrückt. Dieses prinzipielle **Verhältnis wiederholt sich**, mit gewissen Abschwächungen, an dem Unterschied, den man zwischen der Arbeit des Kulturmenschen und des Naturmenschen zu finden meint: jene gehe regelmäßig und methodisch, diese unregelmäßig und stoßweise vor sich; das heißt, die erstere fordere eine willenshafte Überwindung der Widerstände, die unser Organismus der Arbeit entgegensetze, während die andere nur die Auslösung der in den psychischen Zentren angehäuften Nervenkraft sei.”

p. 256

sich wiederholen + das Verhältnis

evolução das formas de ação e evolução das formas de trabalho; a ação teleológica está para a ação instintiva, assim como o trabalho cultivado para o trabalho natural

historicista

P.3.a.5

“Ganz abgesehen von dem Allerallgemeinsten: daß das Teilhaben am Staat durch den äußeren Schutz, den er gewährt, überhaupt die Bedingung für die Mehrzahl individueller Zweckhandlungen ist - so verschaffen etwa die besonderen Einrichtungen des Zivilrechts dem Willen des Einzelnen Realisierungsmöglichkeiten, die ihm sonst völlig versagt blieben. Indem sein Wille den Umweg über die Rechtsform des Vertrags, des Testaments, der Adoption usw. einschlägt, benutzt er ein von der Allgemeinheit hergestelltes Werkzeug, das seine eigene Kraft vervielfältigt, ihre Wirkungslinien verlängert, ihre Resultate sichert. Aus den Wechselwirkungen der vielen entstehen, indem das Zufällige sich gegenseitig abschleift und die Gleichmäßigkeit der Interessen eine Summierung der Beiträge gestattet, objektive Einrichtungen, die gleichsam die Zentralstation für unzählige teleologische Kurven der Individuen bilden und diesen ein völlig

zweckmäßiges Werkzeug für die Erstreckung derselben auf sonst Unerreichbares bieten. **So verhält es sich** auch mit dem kirchlichen Kultus: er ist ein von der Gesamtheit der Kirche bereitetes, die für dieselbe typischen Empfindungen objektivierendes Werkzeug - gewiß ein Umweg für die innen und oben gelegenen Endziele der Religiosität, aber der Umweg über ein Werkzeug, das, im Unterschiede von allen materiellen Werkzeugen, sein ganzes Wesen darin hat, bloß Werkzeug zu jenen Zielen zu sein, die das Individuum für sich allein, d. h. auf direktem Wege, nicht glaubt gewinnen zu können."

pp. 262-3

sich verhalten + so

mundo das leis e religião; o direito e a igreja*

especializada, *sociológica*

* *que são, por sua vez, análogos à ferramenta (embora a analogia não seja a essa altura formulada)*

P.3.a.6

"Deshalb ist es für die höchstmögliche Erreichung unserer Zwecke von größtem Werte, daß ein Mittelglied in die Kette der Zwecke eingefügt werde, in welches ich b jederzeit umsetzen und das sich seinerseits ebenso in a umsetzen kann - ungefähr **wie** jede beliebige Kraft, des fallenden Wassers, der erhitzten Gase, der windgetriebenen Mühlenflügel, wenn sie in die Dynamomaschine geleitet ist, mittels dieser in jede beliebige Kraftform umgesetzt werden kann."

p. 263

wie

dinheiro e mundo físico; o dinheiro e o dínamo

filosófica, *ilustrativa*

P.3.a.7

"**Wie** meine Gedanken die Form der allgemein verstandenen Sprache annehmen müssen, um auf diesem Umwege meine praktischen Zwecke zu fördern, **so** muß mein Tun oder Haben in die Form des Geldwertes eingehen, um meinem weitergehenden Wollen zu dienen."

p. 263

wie + so

dinheiro e linguagem; a ação está para o dinheiro, assim como o pensamento para a linguagem

filosófica, *ilustrativa*

P.3.a.8

"Wenn für Plato die Liebe ein mittlerer Zustand zwischen Haben und Nicht-Haben ist, so ist sie in der subjektiven Innerlichkeit dasselbe, was das Mittel im Objektiven und Äußerlichen ist. Und **wie** für den Menschen, den immer strebenden, niemals dauernd befriedigten, immer erst werdenden, die Liebe in jenem Sinne der eigentlich menschliche Zustand ist, **so** ist nach der anderen Seite hin das Mittel und seine gesteigerte Form, das Werkzeug, das Symbol des Typus Mensch: es zeigt oder enthält die ganze Größe des menschlichen Willens, zugleich aber die Form, die ihn begrenzt."

p. 265

wie + so

o amor e o meio: analogia com Platão

filosófica, *conceitual*

P.3.a.9

"Die praktische Notwendigkeit, den Zweck um eine dazwischen gestellte Mittelreihe weit von uns abzurücken, hat vielleicht die ganze Vorstellung der Zukunft erst hervorgebracht - **wie** die Fähigkeit des Gedächtnisses die Vergangenheit - und damit dem Lebensgefühl des Menschen seine Form: auf der Wasserscheide zwischen Vergangenheit und Zukunft zu stehen, seine Ausdehnung und seine Beschränkung, gegeben."

p. 265

wie

finalidade e memória; a finalidade (no sentido de "meta") está para o futuro, assim como a memória para o passado

especializada, *psicológica*

P.3.a.10

"**Wie** für wortarme Sprachen, z. B. die französische, gerade die Notwendigkeit, vielerlei verschiedenes mit demselben Ausdruck zu bezeichnen, eine besondere Fülle von Anspielungen, Beziehungen, psychologischen Obertönen ermöglicht, und man so sagen kann, ihr Reichtum bestünde gerade in ihrer Armut, **so** bewirkt die innere Bedeutungsleere des Geldes die Fülle seiner praktischen Bedeutungen, ja, drängt dahin, die begriffliche Unendlichkeit seines Bedeutungskreises mit fortwährenden Neubildungen zu erfüllen, der bloßen Form, die es darstellt, immer neue Inhalte einzubilden, da sie für keinen ein Haltepunkt, sondern für jeden nur ein Durchgang ist."

p. 267

wie + so

dinheiro e linguagem: o dinheiro e o idioma que possui vocabulário pobre
filosófica, *ilustrativa*

P.3.a.11

“Das Geld hat jene sehr positive Eigenschaft, die man mit dem negativen Begriffe der Charakterlosigkeit bezeichnet. Dem Menschen, den wir charakterlos nennen, ist es wesentlich, nicht durch die innere und inhaltliche Dignität von Personen, Dingen, Gedanken sich bestimmen zu lassen, sondern durch die quantitative Macht, mit der das Einzelne ihn beeindruckt, vergewaltigt zu werden. **So** ist es der von allen spezifischen Inhalten gelöste und in reiner Quantität bestehende Charakter des Geldes, der ihm und den nur nach ihm gravitierenden Menschen die Färbung der Charakterlosigkeit einträgt - die fast logisch notwendige Schattenseite jener Vorteile des Geldgeschäftes und der spezifischen Höherwertung des Geldes gegenüber qualitativen Werten.”

p. 273

so

dinheiro e mundo íntimo; a falta de caráter do dinheiro e a personalidade sem caráter
filosófica, *metafísica*

P.3.a.12

“Denn es verwirklicht sich hier eine für unser ganzes Verhalten zu den Dingen äußerst bedeutsame Form: daß von zwei Wertklassen, die einander gegenüberstehen und als Ganze betrachtet werden, die erste der zweiten entschieden überlegen ist, daß aber der einzelne Inhalt oder Exemplar der zweiten einem entsprechenden der ersten gegenüber den Vorzug hat. **So** würden wir, vor die Wahl zwischen der Gesamtheit aller materiellen und aller idealen Güter gestellt, uns wohl für die ersteren entscheiden müssen, weil der Verzicht auf sie das Leben überhaupt, mitsamt seinen idealen Inhalten, verneinen würde; **während** wir nicht schwanken mögen, jedes einzelne herausgegriffene materielle Gut für irgendein ideales dahinzugeben. **So** sind wir in unseren Beziehungen zu verschiedenen Menschen gar nicht im Zweifel, wieviel wertvoller und unentbehrlicher, als Ganzes empfunden, uns die eine als die andere ist; **dennoch**, in den einzelnen Momenten und Seiten des Verhältnisses mag uns das als Ganzes wertlosere das erfreulichere und bestechendere sein. **So** also **verhält** es **sich** zwischen dem Geld und den konkreten Wertobjekten: die Wahl zwischen der Gesamtheit der letzteren und der des ersteren würde sogleich dessen innere Wertlosigkeit offenbaren, da wir dann bloß ein Mittel, aber keinen Zweck, dem es diene, mehr hätten; **dagegen**, das einzelne Geldquantum gegen das einzelne Warenquantum gehalten, wird der Austausch des letzteren gegen das erstere in der Regel mit sehr viel größerer Intensität als der umgekehrte begehrt.”

pp. 273-4

sich verhalten + wie// paralelismo sintático (sentença iniciada com **so**, retomada depois por ponto-e-vírgula, seguido de conjunção que introduz uma exceção ao que havia sido afirmado no começo da sentença)

dinheiro, mercadoria e sociedade; (1) as relações entre o dinheiro e os objetos de valor, (2) as relações entre os indivíduos e os bens materiais e (3) as relações interpessoais*

filosófica, *ilustrativa*

* no texto, a ordem em que aparecem esses termos é: (2), (3) e (1)

P.3.a.13

“Hierdurch kommt zustande, daß der Reiche nicht nur durch das wirkt, was er tut, sondern auch durch das, was er tun könnte: weit über das hinaus, was er nun wirklich mit seinem Einkommen beschafft, und was andere davon profitieren, wird das Vermögen von einem Umkreis zahlloser Verwendungsmöglichkeiten umgeben, **wie** von einem Astralleib, der sich über seinen konkreten Umfang hinausstreckt: darauf weist unzweideutig hin, daß die Sprache erheblichere Geldmittel als »Vermögen« - d. h. als das Können, das Imstandesein schlechthin bezeichnet.”

p. 276

wie

filosofia e misticismo: analogia com a noção de corpo astral
filosófica, *conceitual*

P.3.a.14

“Die reine Potentialität, die das Geld darstellt, insofern es bloß Mittel ist, verdichtet sich zu einer einheitlichen Macht- und Bedeutungsvorstellung, die auch als konkrete Macht und Bedeutung zugunsten des Geldbesitzers wirksam wird - ungefähr **wie** dem Reize eines Kunstwerkes nicht nur sein Inhalt und die mit sachlicher Notwendigkeit damit verbundenen seelischen Reaktionen zugerechnet werden, sondern all die zufälligen, individuellen, indirekten Gefühlskombinationen, die es, hier so und dort anders, anklingen läßt und deren unbestimmte Summe doch erst das Ganze seines Wertes und seiner Bedeutsamkeit für uns umschreibt.”

pp. 276-7

wie

dinheiro e arte; o dinheiro e a obra de arte
filosófica, *ilustrativa*

P.3.a.15

“Daß den römischen Freigelassenen die volle bürgerliche Stellung mit allen ihren Chancen fehlte, bewirkte es, daß sie sich mit Vorliebe auf das Geldgeschäft warfen; und schon in Athen hatte, bei dem ersten Aufkommen reinen Geldhandels im 4. Jahrhundert, der reichste Bankier, Pasion, seine Laufbahn als Sklave begonnen. In der Türkei sind die Armenier, ein verachteter und oft verfolgter Volksstamm, vielfach die Händler und Geldleute - gerade **wie** es in Spanien unter ähnlichen Verhältnissen die Moriskos waren. In Indien sind diese Erscheinungen häufig: einerseits sind die sozial sehr zurückgedrängten und sonst mit scheuer Zurückhaltung auftretenden Parsen meistens Wechsler oder Bankiers, andererseits, in manchen Teilen Südindiens, sind die Geldgeschäfte und Reichtümer in den Händen der Tschettis, einer Mischkaste, die wegen mangelnder Kastenreinheit ein sehr geringes Ansehen hat. So warfen sich die Hugenotten in ihrer exponierten und eingeengten Stellung mit größter Intensität auf den Gelderwerb, **wie** die Quäker in England.”

pp. 281-2

wie

os armênios na Turquia, os mouriscos na Espanha, os huguenotes na França e os quakers na Inglaterra
especializada, *sociológica*

P.3.a.16

“Als die Quäker schon die volle politische Gleichberechtigung hatten, schlossen sie sich selbst von den Interessen der anderen aus: sie schwuren nicht, konnten also keine öffentlichen Ämter übernehmen, sie verschmähten alles, was mit dem Schmuck des Lebens zusammenhängt, sogar den Sport, sie mußten sogar den Landbau aufgeben, weil sie den Kirchenzehnten verweigerten. So waren sie, um überhaupt noch ein äußeres Lebensinteresse zu haben, auf das Geld hingewiesen, als auf das einzige, zu dem sie sich den Zugang nicht versperrt hatten. Ganz **entsprechend** hat man über das herrenhuterische Leben bemerkt, daß ihm aller ideale Gehalt von Wissenschaften, Künsten, heiterer Geselligkeit fehle, und es so neben dem religiösen Interesse nur noch die nackte Erwerbslust als praktischen Impuls bestehen lasse. Die Betriebsamkeit und Habsucht vieler Herrenhuter und Pietisten sei deshalb kein Anzeichen von Heuchelei, sondern von einem kranken, vor den Kulturinteressen flüchtigen Christentum, von einer Frömmigkeit, die nichts irdisch Hohes neben sich duldet, sondern eher noch ein irdisch Niedriges.”

pp. 282

entsprechend

os quakers e a igreja moraviana
especializada, *sociológica*

P.3.a.17

“**Wie** man die wirtschaftlichen Güter in Hinsicht ihres Erwerbes durch Arbeit in eine Skala größerer oder geringerer Zweckmäßigkeit reihen kann, **so** in Hinsicht ihres Erwerbes durch Raub.”

pp. 284-5

wie + so

a escala de valores da mercadoria em relação à sua aquisição mediante trabalho e a escala correspondente de valores em relação à sua aquisição mediante roubo
especializada, *econômica*

P.3.a.18

“Geld und Mode sind Ausgestaltungen sozialer Wechselwirkungen, und es scheint, als ob die Sozialelemente manchmal **wie** die Augenachsen am besten auf einen nicht zu nahe gelegenen Punkt konvergierten.”

p. 286

wie

filosofia e ótica: analogia com a noção de eixo ótico do olho
ilustrativa, conceitual

P.3.a.19

“Die geldgeschäftliche Rolle des Fremden zeigt so recht ihre Verknüpfung. Die finanzielle Bedeutung mancher Florentiner Familien, in der Mediceerepoche, beruhte gerade darauf, daß sie von den Mediceern verbannt oder ihrer politischen Macht beraubt und infolgedessen darauf angewiesen waren, durch Geldgeschäfte in der Fremde - da sie in der Fremde eben keine anderen treiben konnten - von neuem zu Kraft und Bedeutung zu gelangen. Es ist der Betrachtung nicht unwert, wie danebenherlaufende, scheinbar entgegengesetzte Erscheinungen, genau angesehen, eben **dasselbe Verhältnis erweisen**. Als Antwerpen

im 16. Jahrhundert der unbestrittene Welthandelsplatz war, ruhte seine Bedeutung auf den Fremden, den Italienern, Spaniern, Portugiesen, Engländern, Oberdeutschen, die sich dort niedergelassen hatten und ihre Waren umsetzten. Die eingeborenen Antwerpener spielten bei dem Warenhandel eine sehr geringe Rolle und waren hauptsächlich als Kommissionäre und im Geldgeschäft als Bankiers tätig. In dieser internationalen und durch die Interessen des Welthandels vereinheitlichten Gesellschaft spielte eben der *Eingeborene* die Rolle, die sonst vielfach der Fremde spielt: das Entscheidende ist hier das soziologische Verhältnis zwischen einer großen Gruppe und einzelnen, ihr fremd gegenüberstehenden Individuen; diese werden eben durch die Beziehungslosigkeit zu den konkreteren Interessen auf das Geldgeschäft mit jenen hingewiesen. Gewiß wird in den meisten Fällen dieses Verhältnis sich zwischen Eingeborenen und Fremden herstellen; aber schon als die Angelsachsen die britische Bevölkerung, soweit sie nicht verjagt war, in sich aufgenommen hatten, nannten sie sie die »Fremden«; und wo, wie es in Antwerpen stattfand, die Fremden die große zusammenhängende Gruppe und die Eingeborenen die dazwischen versprengte Minorität bilden, da zeigt sich an dem Ergebnis, daß die gleiche soziologische Ursache die gleiche Folge hat, während die Frage, welches der Elemente gerade an der Lokalität eingeboren und welches fremd ist, an sich hierfür bedeutungslos ist.”

pp. 288-9

dasselbe + Verhältnis (+ erweisen)

o estranho/estrangeiro em Florença à época dos Médici e o nativo na Antuérpia do século XVI
especializada, *sociológica*

P.3.a.20

“Das Geld ist von der lokalen Beschränktheit der meisten teleologischen Reihen emanzipiert, weil es das Mittelglied von jedem beliebigen Ausgangspunkt zu jedem beliebigen Endpunkt ist; und wenn, so möchte man fast sagen, jedes Element des historischen Seins diejenige Wirkungsform sucht, in der es sein Spezifisches, die gerade ihm eigentümliche Stärke am reinsten ausdrücken kann, so drängt dieses früheste moderne Großkapital, **wie** in dem Expansionsstreben jugendlichen Übermutes, zu einer Verwendung, in der ihm seine raumüberspringende Macht, seine Überall-Verwendbarkeit, seine Parteilosigkeit zum stärksten Bewußtsein kam.”

p. 289

wie

dinheiro e juventude; o capital moderno em sua infância e o espírito jovem
filosófica, *ilustrativa*

P.3.a.21

“Der Haß des Volkes auf die großen Finanzhäuser hing wesentlich damit zusammen, daß ihre Besitzer und meistens auch ihre Vertreter Fremde zu sein pflegten: es war der Haß des nationalen Empfindens gegen das Internationale, der Einseitigkeit, die sich ihres spezifischen Wertes bewußt ist, und sich dabei von einer indifferenten, charakterlosen Macht vergewaltigt fühlt, deren Wesen ihr im Fremden als solchem personifiziert wurde; es **entspricht** dies ganz der Aversion der konservativen athenischen Volksmasse gegen den Intellektualismus der Sophisten und des Sokrates, gegen dieses neue, unheimliche Machtmittel des Geistes, das, neutral und herzlos wie das Geld, seine aller überlieferten Schranken spottende Macht zuerst so oft im Niederreißen zeigte. Dazu kam, diese Tendenz des Geldes gleichsam objektivierend, daß die ungeheure Ausdehnung der Geldgeschäfte damals den unendlichen Kriegen entstammte, zwischen dem Kaiser und dem französischen König, den Religionskriegen in den Niederlanden, Deutschland und Frankreich usw.”

p. 289

entsprechen

a aversão aos grandes bancos e a aversão a Sócrates e aos sofistas
especializada, *psicológica*

P.3.b.22

“Aber diese dynamische Einheit war den Griechen fremd; derselbe Grundzug, der ihre ästhetischen Ideale in den Formen der Architektur und der Plastik gipfeln ließ, der ihre Weltanschauung zu der Begrenztheit und Abrundung des Kosmos und zur Perhorreszierung der Unendlichkeit führte - eben dieser ließ sie die Kontinuität des Daseins nur als eine substantielle anerkennen, die sich an den Grundbesitz anlehnt und an ihm verwirklicht, **wie** jene moderne am Geld mit seiner fließenden, sich stets aus sich heraussetzenden, die Gleichheit des Wesens an der höchsten und abwechselndsten Mannigfaltigkeit der Äquivalente darstellenden Natur.”

p. 301

wie

substância e função; a unidade substancial está para a Antiguidade, assim como a unidade dinâmica, para a Modernidade
filosófica, *metafísica*// historicista

P.3.b.23

“Nimmt man dies alles zusammen, so scheint das, was wir den Endzweck nennen, über den teleologischen Reihen zu schweben, zu diesen **sich verhaltend wie** der Horizont zu den irdischen Wegen, die immer auf ihn zugehen, aber ihn nach der längsten Wanderung nicht näher als an ihrem Beginn vor sich haben.”

p. 303

sich verhalten + wie

o fim da ação e o horizonte

ilustrativa, *figurativa*

P.3.b.24

“Wenngleich es nun keine Zeit gegeben hat, in der die Individuen nicht gierig nach Geld gewesen wären, so kann man doch wohl sagen, daß die maximale Zuspitzung und Ausbreitung dieses Verlangens in die Zeiten fällt, in denen ebenso die anspruchlosere Befriedigung an den einzelnen Lebensinteressen wie die Erhebung zu dem Religiös-Absoluten, als dem Endzweck des Daseins, ihre Kraft verloren hat; denn weit über die innere Verfassung des Einzelnen hinaus ist in der Gegenwart - **wie** in der Verfallszeit Griechenlands und Roms - der Gesamtaspekt des Lebens, die Beziehungen der Menschen untereinander, die objektive Kultur durch das Geldinteresse gefärbt.”

pp. 304-5

wie

a modernidade e as fases “decadentes” da Grécia e de Roma
historicista

P.3.b.25

“Allein in Wirklichkeit hat das Geld, als das absolute Mittel und dadurch als der Einheitspunkt unzähliger Zweckreihen, in seiner psychologischen Form bedeutsame Beziehungen gerade zu der Gottesvorstellung, die freilich die Psychologie nur aufdecken kann, weil es ihr Privilegium ist, keine Blasphemien begehen zu können. Der Gottesgedanke hat sein tieferes Wesen darin, daß alle Mannigfaltigkeiten und Gegensätze der Welt in ihm zur Einheit gelangen, daß er nach dem schönen Worte des Nikolaus von Kusa die Coincidentia oppositorum ist. Aus dieser Idee, daß alle Fremdheiten und Unversöhnlichkeiten des Seins in ihm ihre Einheit und Ausgleichung finden, stammt der Friede, die Sicherheit, der allumfassende Reichtum des Gefühls, das mit der Vorstellung Gottes und daß wir ihn haben, mitschwebt. Unzweifelhaft haben die Empfindungen, die das Geld erregt, auf ihrem Gebiete eine psychologische **Ähnlichkeit** mit diesen. Indem das Geld immer mehr zum absolut zureichenden Ausdruck und Äquivalent aller Werte wird, erhebt es sich in abstrakter Höhe über die ganze weite Mannigfaltigkeit der Objekte, es wird zu dem Zentrum, in dem die entgegengesetztesten, fremdesten, fernsten Dinge ihr Gemeinsames finden und sich berühren; damit gewährt tatsächlich auch das Geld jene Erhebung über das Einzelne, jenes Zutrauen in seine Allmacht wie in die eines höchsten Prinzips, uns dieses Einzelne und Niedrigere in jedem Augenblick gewähren, sich gleichsam wieder in dieses umsetzen zu können.”

p. 305*

Ähnlichkeit

dinheiro e Deus

filosófica, *ilustrativa*/ especializada, *psicológica*

* cf. *todo o parágrafo que vai da p. 304 à 307, em que Simmel explora diversas variações dessa semelhança de forma – forma econômica, de um lado, e forma cósmico-religiosa, de outro – que opera no plano psicológico (cf. ainda o termo “psychologische Formähnlichkeit”, na p. 306).*

P.3.b.26

“Beide zeigen sich konkreten Objekten gegenüber und ohne Beziehung auf deren Geldwert an der psychologisch sehr merkwürdigen Sammelsucht jener Persönlichkeiten, die das Volk den Hamstern **vergleicht**: Menschen, die kostbare Sammlungen jeglicher Art aufspeichern, ohne von den Gegenständen selbst einen Genuß zu ziehen, ja oft sogar, ohne sich überhaupt noch weiter um sie zu kümmern.”

p. 308

vergleichen

o colecionador e o hamster

ilustrativa, *figurativa*

P.3.b.27

“In sehr eigentümlicher Weise zeigt sich die Verabsolutierung eines ökonomischen Wertes, das Abbrechen der teleologischen Reihe, bevor sie zum Subjekt zurückgekehrt ist, an einer gewissen Bedeutung des Grundbesitzes, die sich mit seiner eigentlich ökonomischen Bedeutung in mannigfaltiger Weise - oft freilich nur **wie** ein Oberton mitschwebend - mischt.”

p. 310

wie

economia e música: analogia com a noção de sobretom

ilustrativa, *conceitual*

P.3.b.28

“Der Grundbesitz hat und verleiht so eine gewisse Dignität, die ihn vor allen andern Besitzarten selbst dann auszeichnet, wenn der Nutzerfolg dieser für den Besitzer ein gleicher oder auch größerer ist, so daß er oft genug unter Opfern festgehalten worden ist, wie man sie in **ähnlicher Weise** nur für ein objektives Ideal bringt. Es steckt also in der Bedeutung des Grundbesitzes ein Element absoluten Wertes, die Vorstellung begleitet ihn - oder hat ihn wenigstens begleitet - es sei eben wertvoll, Grundbesitzer zu sein, und selbst dann, wenn dieser Wert nicht in einem Nutzen zum Ausdruck komme. So kann die Bindung an den Grundbesitz eine religiöse Färbung annehmen, der sie sich z. B. in der besten Zeit Griechenlands näherte.”

p.311

ähnliche Weise

a propriedade fundiária e o ideal objetivo; o apego à propriedade fundiária em certos contextos como analogia com a devoção a um ideal objetivo
especializada, *psicológica*

P.3.b.29

“So war es doch wohl nicht nur das ökonomisch-relativistische Interesse, aus dem die Kirche ihn sich anzu eignen strebte: soll doch anfangs des 14. Jahrhunderts fast die Hälfte des englischen Grundes und Bodens und zur Zeit Philipps II. mehr als die Hälfte des spanischen in den Händen des Klerus gewesen sein - **wie** noch jetzt im Kirchenstaat Tibet zwei Drittel aller produktiven Ländereien dem Klerus gehören!”

pp. 311-2

wie

a igreja na Europa medieval e o clero do Tibete no presente de Simmel
especializada, *sociológica*

P.3.b.30

“Kann man so die Tote Hand mit der Höhle des Löwen **vergleichen**, in die alle Fußspuren hinein-, aus der aber keine herausführen, so ist sie doch auch ein Symbol der allumfassenden Absolutheit und der Ewigkeit des Prinzips, auf dem die Kirche sich gründete.”

p. 312

vergleichen

a mão morta* e a cova do leão

ilustrativa, *figurativa*

* *trata-se de um tributo feudal, a ser pago pelo filho de um servo quando morre seu pai (como este está morto, não serve mais para o trabalho: daí o tributo para compensar a “mão morta”).*

P.3.b.31

“Der Geizige liebt das Geld, **wie** man einen sehr verehrten Menschen liebt, in dessen bloßem Dasein und darin, daß wir ihn wissen und unser Mit-ihm-sein empfinden, schon Seligkeit liegt, auch ohne daß unser Verhältnis zu ihm in die Einzelheit konkreten Genießens einginge.”

p. 313

wie

dinheiro e mundo íntimo; a avareza é, em relação ao dinheiro, aquilo o que o amor é, em relação a uma outra pessoa

filosófica, *ilustrativa*

P.3.b.32

“Nach dieser Seite hin fällt die Bedeutung des Geldes mit der der Macht zusammen; **wie** diese ist es ein bloßes Können, das die Reize einer nur subjektiv antizipierbaren Zukunft in der Form einer objektiv vorhandenen Gegenwart sammelt.”

p. 313

wie

dinheiro e intelecto: o conceito de dinheiro e o conceito de poder (Können)

filosófica, *ilustrativa*

P.3.b.33

“**Wie** das Geld der Wert der Werte ist, **so** nennt ein Kenner des indischen Lebens den indischen Dorfbankier, den Geldleiher: the man of all men in the village; sein indischer Name bedeute: the great man!”

p. 317

wie + so

dinheiro e mundo íntimo; o dinheiro e o indivíduo que lidava com o dinheiro na Índia

filosófica, *ilustrativa* (*atípica)

P.3.b.34

“Wo daher deren Umsetzung in das unbegrenzt aufhebbare Geld nicht tunlich oder wenigstens nicht selbstverständlich ist, findet man selten ein eigentlich geiziges Aufhäufen derselben; wo Bodenprodukte unmittelbar gewonnen und konsumiert werden, besteht meistens eine gewisse Liberalität, besonders etwa Gästen und Bedürftigen gegenüber, wie sie das zum Sammeln viel mehr einladende Geld weniger nahe legt; so daß Petrus Martyr die Kakaosäcke rühmt, die den alten Mexikanern als Geld dienten, weil sie nicht lange aufgehäuft und verborgen aufbewahrt werden konnten und also keinen Geiz gestatteten. Ganz **entsprechend** beschränken naturale Verhältnisse die Möglichkeit und den Reiz der Verschwendung.”

p. 322

entsprechend

a avareza e a gastança/dissipação/esbanjamento
especializada, *sociológica*

P.3.b.35

“Für die wahnsinnigen Verschwendungen des ancien régime ist der folgende Fall typisch: als der Prinz Conti einen 4-5000 Francs werten Diamanten den er einer Dame geschickt hatte, von ihr zurückerhielt, ließ er denselben zerstoßen und benutzte ihn als Streusand für ein Billett, das er der Dame über die Angelegenheit schrieb. Dieser Erzählung fügt Taine die Bemerkung über die damalige Anschauungsweise hinzu: on est d'autant plus un homme du monde que l'est moins un homme d'argent. Allein hierin lag doch eine Selbsttäuschung. Denn gerade das bewußte und betonte negative Verhalten zum Gelde hat, **wie** durch einen dialektischen Prozeß, das gegenteilige zur Grundlage, aus der allein jenem irgendein Sinn und Reiz kommen kann.”

p. 323

wie

filosofia do dinheiro e filosofia tradicional: analogia com o conceito de dialética
ilustrativa, *conceitual*

P.3.b.36

“Indem der eigentliche Verschwender, der nicht mit dem Epikureer und dem bloß Leichtsinnigen zu verwechseln ist, so sehr in der individuellen Erscheinung all diese Elemente sich mischen mögen gegen das Objekt, wenn es einmal in seinem Besitz ist, gleichgültig wird, ist sein Genießen mit dem Fluche behaftet, nie Rast und Dauer zu finden; der Augenblick seines Eintritts enthält zugleich seine Aufhebung in sich, das Leben hat hier dieselbe dämonische Formel **wie** das des Geizigen: daß jeder erreichte Moment den Durst nach seiner Steigerung weckt, der aber nie gelöscht werden kann; denn die ganze Bewegung sucht die Befriedigung, wie sie aus einem Endzweck fließt, innerhalb einer Kategorie, die sich ja von vornherein den Zweck versagt und sich auf das Mittel und den vordefinitiven Moment beschränkt hat. [...] Einerseits diese **formale Gleichheit** bei vollständiger Entgegengesetztheit des sichtbaren Erfolges, andererseits das Fehlen eines regulierenden substanziellen Zweckes, das bei der gleichmäßigen Sinnlosigkeit beider Tendenzen ein launenhaftes Spiel zwischen ihnen nahe legt, erklärt es, daß Geiz und Verschwendung sich oft an derselben Persönlichkeit finden, sei es in Verteilung auf verschiedene Interessenprovinzen, sei es in Zusammenhang mit wechselnden Lebensstimmungen; Kontraktion und Expansion derselben drücken sich in Geiz und Verschwendung, wie in derselben, nur jedesmal mit anderem Vorzeichen versehenen Bewegung aus.”

p. 326

wie// form + gleich = diese formale Gleichheit

o avarento e o gastador/dissipador/esbanjador
especializada, *sociológica*

P.3.b.37

“**Ähnlich wie** jene beiden tritt Armut in ihrer reinsten und spezifischen Erscheinung nur bei irgendeinem Maße von Geldwirtschaft auf.”

p. 328

wie// ähnlich

a pobreza, de um lado, e a cobiça e a avareza, de outro*
historicista

*pelo contexto, está claro que “jene beiden” (ambos os dois) se refere aos fenômenos da cobiça e da avareza (Geldgier e Geize, respectivamente)

P.3.b.38

“So mögen sich vielfach die ersten Christen verhalten haben: nicht direkt feindselig und aggressiv den Gütern der Sichtbarkeit gegenüber, sondern einfach ohne Beziehung zu ihnen, **wie** zu Dingen, für deren Wahrnehmung man kein Organ besitzt. Deshalb ist der äußerst sporadische Kommunismus des Urchristentums den Bestrebungen des modernen Kommunismus im tiefsten Wesen entgegengesetzt: jener

aus der Gleichgültigkeit gegen die irdischen Güter, dieser gerade der allerstärksten Wertung derselben entsprungen.”

p. 329

wie

fenômeno social e fenômeno biológico

ilustrativa, *figurativa*

P.3.b.39

“So wird es für asketische Empfindungsweisen das richtige Symbol des Teufels, der uns in der Maske der Harmlosigkeit und Unbefangenheit verführt; so daß dem Teufel **wie** dem Gelde gegenüber die einzige Sicherung im absoluten Fernhalten liegt, in der Ablehnung jeglicher Beziehung, wie ungefährlich sie auch scheine.”

p. 330

wie

o dinheiro e o diabo

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *psicológica*

P.3.b.40

“**Wie** es bei gewissen arabischen Nomadenstämmen durch Gesetz verboten war, Getreide zu säen, ein Haus zu bauen und ähnliches, damit keine Verführung zur Seßhaftigkeit den Einzelnen den Lebensbedingungen des Stammes untreu mache, **so** galt dasselbe in innerlicher Wendung von den buddhistischen Mönchen.”

p. 330

wie + so

certas tribos nômades árabes e os antigos monges budistas

especializada, *sociológica*

P.3.b.41

“Die Armut wurde hier zu einem positiven Besitz, der einerseits gleichsam den Erwerb der höchsten Güter vermittelte, ihnen gegenüber das leistete, was das Geld den irdischen Verächtlichkeiten gegenüber; **wie** dieses war sie das Reservoir, in das die praktischen Wertreihen mündeten und aus dem sie sich wieder nährten.”

p. 332

wie

dinheiro e religião; o dinheiro é, em relação aos bens terrenos, aquilo o que a pobreza é, em relação aos bens mais elevados, “espirituais”

filosófica, *ilustrativa*

P.3.b.42

“Andrerseits aber war die Armut schon ganz unmittelbar eine Seite oder ein Ausdruck davon, daß dem Entsagenden die Welt in einem höheren, dem höchsten Sinne gehörte; er war eigentlich kein Entsagender, sondern in der Armut besaß er den reinsten, feinsten Extrakt der Dinge, **wie** der Geizige ihn im Gelde besitzt. Wie die buddhistischen Mönche sagten: »In hoher Freude leben wir, die wir nichts besitzen; Fröhlichkeit ist unsere Speise, wie den Göttern des Lichtreichs«, so charakterisierte man die Franziskaner als nihil habentes, omnia possidentes. Die Armut hat hier ihr asketisches Wesen verloren: die inneren Güter, zu deren Gewinn sie die negative Bedingung bildete, sind zu ihr selbst herabgestiegen, der Verzicht auf das Mittel, das der Welt sonst als der volle Repräsentant ihrer Endzwecke gilt, hat die gleiche Steigerung zu einem definitiven Werte erfahren. Die ungeheure und ausgreifende Macht des Prozesses, durch den das Geld aus seiner Mittlerstellung zu der Bedeutung eines Absoluten aufsteigt, kann durch nichts ein schärferes Licht erhalten als dadurch, daß die Verneinung seines Sinnes sich zu der **gleichen Form** steigert.”

p. 332

wie// gleich + form = sich zu der gleichen Form steigern

a pobreza e a cobiça

especializada, *sociológica*

P.3.b.43

“**Wie** die buddhistischen Mönche sagten: »In hoher Freude leben wir, die wir nichts besitzen; Fröhlichkeit ist unsere Speise, wie den Göttern des Lichtreichs«, **so** charakterisierte man die Franziskaner als nihil habentes, omnia possidentes.”

p. 332

wie + so

os antigos monges budistas e os franciscanos

especializada, *sociológica*

P.3.c.44

“Die Geldform der Werte verführt leicht zu einem Verkennen dieser wirtschaftlichen Forderung, weil sie jene in sehr kleine Abschnitte zerlegt und dadurch auch den Minderbegüterten in ein Risiko hineinlockt, in das er prinzipiell nicht eintreten dürfte. Dies hat sich z. B. äußerst charakteristisch an den Goldaktien über ein Pfund Wert gezeigt, die die Minengesellschaften Transvaals und Westaustraliens ausgegeben haben. Durch ihren relativ sehr geringen Betrag und die sehr große Gewinnchance ist diese Aktie in Kreise gedrungen, die sonst der Börsenspekulation völlig fernbleiben mußten; einigermassen **ähnlich verhält es sich** mit der italienischen Lotterie, während die moderne Aktiengesetzgebung vieler Staaten dieser Gefahr für den Volkswohlstand durch die Festsetzung eines ziemlich hohen Minimums für den Nennwert jeder zu emittierenden Aktie zu begegnen sucht.”

p. 343

sich verhalten + ähnlich

as ações em ouro das mineradoras australianas e a loteria italiana especializada, *econômica*

P.3.c.45

“Es scheint eine freilich nach dem Vermögen und dem Temperament des Subjekts sehr verschieden liegende **Schwelle des ökonomischen Bewußtseins** zu geben, derart, daß ökonomische Reize, welche unterhalb derselben bleiben, gar nicht als ökonomische empfunden werden. Dies ist wohl eine Erscheinung, die allen höheren Gebieten gemeinsam ist. [...] **So** mögen z. B. gewisse Farben oder Farbenkombinationen mit voller Deutlichkeit wahrgenommen werden - aber ein ästhetisches Gefallen erregen sie doch nicht, wenn die von ihnen eingenommenen Flächen nicht eine erheblichere Ausdehnung haben; vorher sind es einfache Tatsächlichkeiten, die zwar die **Schwelle des sinnlichen Bewußtseins**, aber nicht die des **ästhetischen** überschreiten. **So** gibt es eine **historische Schwelle**, die die merkwürdige Unproportionalität zwischen personalen Energien und ihren historischen Erfolgen bewirkt. [...] Noch höher hinauf vielleicht liegt die **Schwelle des philosophischen Bewußtseins**. [...] **Ähnlich** hat auch das **Gefühl des Tragischen** eine Quantitätsschwelle. [...] Auf dem Gebiete des **Rechts** wird die Tatsache der **Schwelle** durch das Prinzip: *minima non curat praetor* - markiert.”

pp. 344-7*

parallelismo sintático (repetição da expressão **Schwelle des ... Bewußtseins**, em alguns casos de maneira elíptica)// **so// ähnlich**

economia, percepção, arte, história, filosofia, tragédia e direito filosófica, *serial*

*a analogia é desenvolvida ao longo de todo o parágrafo

P.3.c.46

“Wenn daher schon Pufendorf dem Fürsten vorschlägt, er solle lieber auf viele Gegenstände je eine geringe Steuer legen, statt auf einen einzigen eine hohe, da das Volk sich sehr schwer vom Gelde trenne (fort dur à la desserre sei), so macht diese Begründung ihren Angelpunkt gar nicht namhaft; denn das Geld hergeben muß das Volk in der einen Form so gut wie in der anderen; nur daß die einzelne Hergabe in der einen unterhalb der Schwelle des ökonomischen Bewußtseins bleibt und so die einzelne hergegebene Summe nicht ebenso in die Kategorie des wirtschaftlichen Rechnens, Empfindens, Reagierens aufsteigt - gerade **wie** zwei Gewichte, deren jedes unterhalb der Schwelle des Druckbewußtseins bleibt, nacheinander auf die Hand gelegt, gar keine Empfindung auslösen, dies aber sogleich tun, wenn sie gleichzeitig wirken.”

p. 347

wie

dinheiro e mundo físico: o dinheiro e o peso filosófica, *ilustrativa*

P.3.c.47

“Spießbürgerliche Engherzigkeit lehnt die Zumutung altruistischer Hingabe eines Objekts oft mit der Begründung ab, der Gegenstand habe doch Geld gekostet - dies wird wirklich als rechtfertigende Begründung dafür empfunden, daß man hier nach dem hart egoistischen Prinzip bloßer Ökonomie verfare! **Ebenso** suchen törichte Eltern ihre Kinder von mutwilligen Zerstörungen dadurch zurückzuhalten, daß sie betonen, die Dinge hätten doch Geld gekostet! Statt den Kindern den Wert der Objekte selbst klarzumachen, beginnen sie die ökonomische Reaktion erst auf die Vorstellung des aufgewendeten Geldes hin.”

p. 354

ebenso

o burguês e os pais especializada, *sociológica*

P.3.c.48

“Das Bestehen und die Summierung von Ursachen, deren eigentlich proportionale Wirkung ausbleibt, um erst oberhalb einer gewissen Grenze einzutreten, wird um so ausgedehnter sein und diese Grenze um so

höher hinaufrücken lassen, je unbewegter, in sich stabiler das ganze System ist, in dem der Vorgang sich abspielt. **So kann man** bekanntlich Wasser bis erheblich unter den Nullpunkt abkühlen, ohne daß es gefriert, wenn man es nur vor jeder Bewegung bewahrt, während die leiseste Erschütterung es sofort zu Eis werden läßt; **so kann man** die Hand in allmählich erhitztem Wasser halten, weit über den sonst erträglichen Grad hinaus, wenn man nur jede Bewegung ihrer oder des Wassers vermeiden kann; so rufen, auf höheren und komplizierten Gebieten, vielerlei Einflüsse und Verhältnisse die ihnen entsprechende Gefühlsreaktion erst dann hervor, wenn unser ganzes Wesen, vielleicht von einem ganz anderen Punkte her, aufgerüttelt wird; sowohl der Besitz von Werten wie die Entbehrung derselben oder die Unwürdigkeit gewisser Situationen können lange bestehen und sich sogar allmählich steigern, ehe wir uns der Bedeutung davon bewußt werden; es muß erst ein Anstoß erfolgen, der die inneren Elemente sich gleichsam aneinander reiben läßt, so daß wir uns ihrer wirklichen Stärke gerade an ihren jetzt erst bemerkten Relationen oder Unterschieden gegen alle anderen bewußt werden.“

pp. 355-7

so// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so kann man**)

economia, química e fisiologia*

filosófica, *serial*

* a analogia se estende ao longo de todo o parágrafo; além de fenômenos econômicos e naturais (tratados por meio de dois exemplos, um da química – o ponto de congelamento da água em certas condições – e outro da fisiologia – a resistência ao calor, em condições análogas), Simmel ainda irá fazer menção ao domínio psicológico (referindo-se aos sentimentos como o amor e o ódio: p. 356) e ao sociológico (referindo-se ao caráter ativo ou passivo das classes oprimidas, p. 356), antes de “dobrar” essa série de exemplos em um círculo, voltando à economia (pp. 356-7).

P.3.c.49

“Man kann jene selbst doch so ausdrücken: jede Geldsumme hat, auf eine Mehrheit von Personen verteilt, eine andere qualitative Bedeutung, als wenn sie sich in einer Hand befindet. Die Einheit der Persönlichkeit ist also das Korrelat oder die Bedingung für alle Quantitätsunterschiede des Besitzes und ihre Bedeutung; das Vermögen juristischer Personen steht ersichtlich wegen der Einheitlichkeit seiner Verwaltung in der hier fraglichen funktionellen Hinsicht auf derselben Stufe. Auch wo man von einem Volksvermögen spricht, ist das nur möglich, insofern man das Volk als ein einheitliches besitzendes Subjekt denkt, bzw. die auf die einzelnen Bürger verteilten Besitze durch die Wechselwirkung, die sie innerhalb der nationalen Wirtschaft eingehen, als so einheitlich vorstellt, **wie** das Vermögen eines Individuums durch solche Wechselwirkungen (Einteilung, Rücksichten der Einzelaufwendung auf das Ganze, Balance zwischen Einnahme und Ausgabe usw.) zu einer praktischen Einheit zusammengeht.“

pp. 357-8

wie

a riqueza da nação e a riqueza do indivíduo
especializada, *econômica*

P.3.c.50

“**Wie** die einzelnen Vorstellungsinhalte dadurch das Bild einer Welt ergeben, daß sie sich in einer persönlichen Bewußtseinseinheit zusammenfinden, und **wie** eben dadurch die Summe der Weltelemente mehr als eine bloße Summe wird, jeder Teil und das Ganze eine neue Bedeutung über das bloße Nebeneinander hinaus erhält: **so** wirkt die Einheit des persönlichen Besitzers auf das Geld und verleiht dem durch sie zusammengehaltenen Quantum erst jene Möglichkeit, sein Mehr oder Weniger in qualitative Bedeutung umzusetzen.“

p. 358

wie + so

dinheiro e representação; a unidade da quantia monetária por meio da personalidade e a unidade dos conteúdos da representação por meio da consciência
filosófica, *ilustrativa*

P.3.c.51

“Es habe z. B., so hören wir, der Bestand eines Waldes einen Einfluß auf Klima und Witterung, damit auf die Bodenfruchtbarkeit, die Gesundheit der Bewohner, die Beständigkeit eines Teiles des Volksreichtums usw., kurz, er habe als ganzer einen Wert, von dem kein noch so geringer Bruchteil gerechnet werde, wenn man den Nutzen des einzelnen Baumes anschläge. **So** sei auch der Wert einer Armee nicht nach dem Grenznutzen des einzelnen Soldaten, der eines Flusses nicht nach dem Grenznutzen der einzelnen Wassertropfen zu beurteilen. Der hiermit gezeichnete Unterschied ist auch derjenige, der für das Vermögen eines Individuums gilt. Eine Million, im Besitz eines Menschen, verschafft ihm nicht nur ein Ansehen und eine soziale Qualifikation, die etwas ganz anderes ist, als das tausendmalige Vielfache der entsprechenden Bedeutung eines Besitzers von tausend Mark; sondern, diese subjektive Folge begründend, ist der objektive wirtschaftliche Wert einer Million nicht aus dem Grenznutzen etwa ihrer tausend Teile zu tausend Mark zu berechnen, sondern bildet eine darüber stehende Einheit, **wie** der Wert eines einheitlich handelnden

Lebewesens über dem seiner einzelnen Glieder. Ich habe im vorigen Kapitel ausgeführt, daß der Geldpreis eines Gegenstandes, aus wie vielen Münzeinheiten er auch bestehe, dennoch als eine Einheit wirke: eine Million Mark, sagte ich, seien zwar an und für sich ein bloß additionales Konglomerat zusammenhangsloser Einheiten; dagegen als Wert etwa eines Landgutes seien sie das einheitliche Symbol, Ausdruck oder Äquivalent seiner Werthöhe und absolut nicht ein bloßes Nebeneinander einzelner Werteinheiten. Diese sachliche Bestimmung findet hier nun ihr personales **Korrelat**: die Beziehung auf die Einheit einer Person verwirklicht die Quantität des Geldes als Qualität, seine Extensität als Intensität, die aus dem bloß summierenden Nebeneinander seiner Bestandteile nicht erzielbar wäre."

pp. 359-60

wie// so (destaco ainda: **Korrelat**)

a floresta, o exército, a fortuna do indivíduo, o corpo e o milhão*
filosófica, *serial*

* *a analogia diz respeito a uma modificação específica da relação parte/todo; outro termo da analogia (que não arrolei acima, por não estar ligado aos demais por algum dos sinais de identificação da analogia) é o rio, cujas partes seriam as gotas d'água*

P.3.c.52

"In dieser Richtung liegt auch der Materialismus der modernen Zeit, der selbst in seiner theoretischen Bedeutung irgend eine Wurzelgemeinschaft mit ihrer Geldwirtschaft haben muß: die Materie als solche ist das schlechthin Formlose, das Widerspiel aller Form, und wenn sie als das alleinige Prinzip der Wirklichkeit gilt, so ist an dieser ungefähr **der gleiche Prozeß vollzogen, wie** ihn die Reduktion auf den Geldwert an den Gegenständen unseres praktischen Interesses zuwege bringt."

p. 360

wie (destaco ainda **der gleiche Prozeß volziehen**)

o materialismo e a economia monetária
historicista

P.3.c.53

"Das ist auch der tiefste Zusammenhang zwischen der ethischen Werttheorie Nietzsches und der ästhetischen Stimmung seines Wesens: der Rang einer Gesellschaft bestimmt sich ihm nach der überhaupt in ihr erreichten Höhe der Werte, wie einsam sie auch sei, nicht aber nach dem Verbreitungsmaß von schätzbaren Qualitäten - **wie** der Rang einer Kunstepoche nicht von der Höhe und dem Quantum guter Durchschnittsleistungen, sondern nur von der Höhe der höchsten Leistungen abhängt."

p. 362

wie

teoria social e teoria estética: analogia com Nietzsche*
filosófica, *conceitual*

* *nesse caso trata-se mais exatamente de uma analogia "de" Nietzsche*

P.3.c.54

Gerade solche Augenblicke, in denen das Leben ganz individuelle Zuspitzung geworden ist und den Widerstand der Materie - im weitesten Sinne seinem Fühlen und Wollen völlig unterworfen hat, bringen eine Atmosphäre mit sich, die man als Seitenstück der Zeitlosigkeit, der species aeternitatis bezeichnen könnte: eine Erhebung über die Zahl, wie dort über die Zeit. Und **wie** ein Naturgesetz seine Bedeutung für Charakter und Zusammenhang der Welt nicht von der Zahl seiner Verwirklichungsfälle entlehnt, sondern von der Tatsache, daß es überhaupt da ist, daß es, und kein anderes, gilt - **so** haben die Momente der höchsten Erhebung des Ich ihren Sinn für unser Leben darin, daß sie überhaupt einmal da waren, ohne daß eine Wiederholung, die ihrem Inhalt nichts hinzufügte, diesen Sinn vermehren könnte."

pp. 362-3

wie + so

natureza e indivíduo; a validade da lei natural e o valor da personalidade
filosófica, *metafísica*

P.3.c.55

"Endlich, die empiristische Neigung, die, trotz aller entgegengesetzten Erscheinungen und aller berechtigten Kritik, dennoch das Ganze der modernen Zeit am durchgehendsten charakterisiert und hier ihre innerste Form- und Gesinnungsverbindung mit der modernen Demokratie offenbart, setzt die möglichst hohe Zahl von Beobachtungen an die Stelle der einzelnen, divinatorischen oder rationalen Idee, sie ersetzt das qualitative Wesen dieser durch die Quantität der zusammengebrachten Einzelfälle; und dieser methodischen Absicht **entspricht** ganz der psychologische Sensualismus, der die sublimsten und abstraktesten Gebilde und Fähigkeiten unserer Vernunft für eine bloße Häufung und Steigerung der alltäglichsten sinnlichen Elemente erklärt."

p. 368

entsprechen

o empirismo e a democracia*
historicista

* essa analogia está encadeada numa sequência que ocupa todo o parágrafo que vai da p. 366 à 369. Nesse parágrafo, Simmel relaciona a redução das qualidades à quantidade, que caracteriza a essência do dinheiro, à tendência cognitiva análoga nas ciências modernas.

Anexo 2.4. Philosophie des Geldes, capítulo 4

P.4[a.b.c][1-54]

P.4.a.1

“Was wir nämlich als Freiheit empfinden, ist tatsächlich oft nur ein Wechsel der Verpflichtungen; indem sich an die Stelle der bisher getragenen eine neue schiebt, empfinden wir vor allen Dingen den Fortfall jenes alten Druckes, und weil wir von ihm frei werden, scheinen wir im ersten Augenblick überhaupt frei zu sein - bis die neue Pflicht, die wir zuerst **gleichsam** mit bisher geschonten und deshalb besonders kräftigen Muskelgruppen tragen, mit der allmählichen Ermüdung derselben ihr Gewicht geltend macht und nun der Befreiungsprozeß ebenso an sie ansetzt, wie er vorher in ihr gemündet hatte.”

p. 375

gleichsam

filosofia e fisiologia: analogia com as noções de músculo e fadiga muscular
ilustrativa, *conceitual*

P.4.a.2

“Wie sehr immerhin das Prinzip der Sachlichkeit gegenüber dem der Persönlichkeit eine Wendung zur Freiheit bedeutet, zeigt z. B. die im 13. Jahrhundert sehr vorschreitende Lehnsfähigkeit der Ministerialen. Durch diese nämlich wurde ihre bisher persönliche Abhängigkeit in eine bloß dingliche verwandelt und sie dadurch in allen anderen als Lehnsangelegenheiten unter das Landrecht, d. h. in die Freiheit, gestellt. **Es ist genau in demselben Sinn, wenn** begabte Persönlichkeiten, die zur Lohnarbeit genötigt sind, es heutzutage vorziehen, einer Aktiengesellschaft mit ihrem streng objektiven Betriebe, als einem Einzelunternehmer zu dienen; oder **wenn** der Dienstbotenmangel daher entsteht, daß die Mädchen die Fabrikarbeit dem Dienst bei einer Herrschaft vorziehen, in dem sie zwar materiell besser gestellt sind, aber sich in der Unterordnung unter subjektive Persönlichkeiten weniger frei fühlen.”

pp. 377-8

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: “**Es ist genau in demselben Sinn, wenn**”; destaque, ainda, a expressão **genau in demselben Sinn**)

a personalidade talentosa e a jovem mulher que trabalha
especializada, *sociológica*

P.4.a.3

“Die dritte Stufe, bei der aus dem Produkt die Persönlichkeit wirklich ausgeschieden ist und der Anspruch sich gar nicht mehr in diese hineinerstreckt, wird mit der Ablösung der Naturalabgabe durch die Geldabgabe erreicht. Man hat es deshalb gewissermaßen als eine magna charta der persönlichen Freiheit **im Gebiete** des Privatrechts bezeichnet, wenn das klassische römische Recht bestimmte, jeder beliebige Vermögensanspruch dürfe bei Verweigerung seiner Naturalerfüllung in Geld solviert werden; das ist also das Recht, jede persönliche Verpflichtung mit Geld abzukaufen. Der Grundherr, der ein Quantum Bier oder Geflügel oder Honig von seinem Bauern fordern darf, legt dadurch die Tätigkeit desselben in einer bestimmten Richtung fest; sobald er nur Geldzins erhebt, ist der Bauer insoweit völlig frei, ob er Bienenzucht, Viehzucht oder was sonst treiben will. **Auf dem Gebiete** persönlicher Arbeitsdienste **vollzieht sich der formal gleiche Prozeß** mit der Berechtigung, einen Ersatzmann zu stellen, den die andre Partei, wenn er sachlich einwandfrei ist, akzeptieren muß. Diese Berechtigung, die das Verhältnis seinem Sinne nach auf eine ganz neue Basis stellt, muß wie die Geldablösung oft erst erkämpft werden, weil man wohl fühlt, daß sie, wie auch die Geldablösung, der Weg zur Lösung der Verpflichtung überhaupt ist. Die Verfasser des Domesday Survey wählten charakteristischerweise für die Bauern, die ihre Frohnden durch regelmäßige Geldleistungen ersetzten, Ausdrücke, die bezeichnen sollten, daß sie weder ganz frei, noch ganz untertan wären. Nur an den Namen der Geldzinse haftete noch lange ihr Ursprung aus Naturallieferungen: es wurden Küchensteuer, Faßpfennige, Herbergsgelder (statt der Beherbergung der umherreisenden Herren und ihrer Beamten), Honigpfennige usw. erhoben. Als Übergangsstufe tritt oft ein, daß die ursprüngliche Naturalabgabe in Geld taxiert und dieser Betrag als stellvertretend für sie gefordert wurde. Diese vermittelnde Erscheinung findet sich auch in Verhältnissen, die von dem hier behandelten Beispiel weit abliegen: in Japan wurden noch 1877 alle Zinsen und Steuern entweder in Reis bezahlt *oder in Reis*

kalkuliert und in Geld bezahlt - entsprechend wie unter der Königin Elisabeth bei der Vermietung gewisser, den Universitäten gehöriger Ländereien der Pachtschilling in Korn vereinbart, obgleich offenbar in Silber erlegt wurde. Damit wird wenigstens die Identität des Wertquantums der Pflicht noch betont, während sie schon jede durch Inhaltsbestimmtheit bewirkte persönliche Bindung abgestreift hat. Wenn das *ius primae noctis* wirklich irgendwo bestanden hat, so nimmt es seine Entwicklung über **analoge** Stufen; jenes Recht des Grundherrn hatte das Ganze der verpflichteten Persönlichkeit, die Hingabe ihres zentralsten Habens oder vielmehr Seins zum Inhalt gehabt: dies wäre der Preis gewesen, um den er der Untertanin das Recht zur Eheschließung einräumte. ”

p. 378

referência explícita à analogia// **form + gleich = der formal gleiche Prozeß sich vollzieht**// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: preposição + artigo + **Gebiete**)

mundo das leis, mundo do trabalho e mundo dos costumes; certo desenvolvimento no âmbito do direito privado na Roma clássica, certo desenvolvimento no âmbito da prestação de serviços e certo desenvolvimento no âmbito dos costumes (*jus primae noctis*)

historicista

P.4.a.4

“Die Verfasser des Domesday Survey wählten charakteristischerweise für die Bauern, die ihre Frohnden durch regelmäßige Geldleistungen ersetzten, Ausdrücke, die bezeichnen sollten, daß sie weder ganz frei, noch ganz untertan wären. Nur an den Namen der Geldzinse haftete noch lange ihr Ursprung aus Naturallieferungen: es wurden Küchensteuer, Faßpfennige, Herbergsgelder (statt der Beherbergung der umherreisenden Herren und ihrer Beamten), Honigpfennige usw. erhoben. Als Übergangsstufe tritt oft ein, daß die ursprüngliche Naturalabgabe in Geld taxiert und dieser Betrag als stellvertretend für sie gefordert wurde. Diese vermittelnde Erscheinung findet sich auch in Verhältnissen, die von dem hier behandelten Beispiel weit abliegen: in Japan wurden noch 1877 alle Zinsen und Steuern entweder in Reis bezahlt *oder in Reis kalkuliert und in Geld bezahlt* - **entsprechend wie** unter der Königin Elisabeth bei der Vermietung gewisser, den Universitäten gehöriger Ländereien der Pachtschilling in Korn vereinbart, obgleich offenbar in Silber erlegt wurde.”

pp. 378-9

wie// entsprechend

o pagamento de taxas no Japão circa 1877 e o aluguel de determinados imóveis na Inglaterra durante o reinado de Elisabeth I*

especializada, *sociológica*

* também o exemplo do Domesday Survey pode ser considerado análogo aos demais – ainda que o caso não seja identificável enquanto tal por um dos sinais por mim arrolados no segundo capítulo do trabalho. Esse é, por sinal, o exemplo que ilustra o segundo termo da analogia anterior.

P.4.a.5

“Das ist die eigentliche Versittlichung durch den Kulturprozeß, daß immer mehr Lebensinhalte in transindividueller Gestalt objektiviert werden: Bücher, Kunst, ideale Gebilde wie Vaterland, allgemeine Kultur, die Formung des Lebens in begrifflichen und ästhetischen Bildern, das Wissen von tausenderlei Interessantem und Bedeutsamem - alles dies kann genossen werden, ohne daß einer es dem anderen wegnimmt. Je mehr die Werte in solche objektive Form übergehen, um so mehr Platz ist in ihnen, **wie** in Gottes Hause, für jede Seele.”

p. 386

wie

o mundo da cultura objetiva e a casa de deus

ilustrativa, *figurativa*

P.4.a.6

“Indem jeder nur in den Tausch gibt, was ihm relativ überflüssig ist, und in den Tausch nimmt, was ihm relativ nötig ist, gelingt es durch ihn, die zu jedem gegebenen Zeitpunkt der Natur abgewonnenen Werte zu immer höherer Verwertung zu bringen. Angenommen, die Weltware wirklich weggegeben und alles Tun bestünde wirklich in einem bloßen Hin- und Herschieben innerhalb eines objektiv unveränderlichen Wertquantums, so bewirkte dennoch die Form des Tausches **gleichsam** ein interzelluläres Wachstum der Werte.”

p. 397

gleichsam

filosofia e biologia: analogia com a noção de crescimento intracelular

ilustrativa, *conceitual*

P.4.a.7

“Je nach den Händen, in die seine Teilquantitäten gelangen, wird es sich zu äußerst verschiedenen wirtschaftlichen Ergebnissen weiterentfalten. Der bloße Übergang von Gütern aus einer Hand in die andere

kann das aus ihnen entwickelte Güterquantum der Folgezeit erheblich nach oben wie nach unten modifizieren. Man kann direkt sagen - das gleiche Güterquantum in verschiedenen Händen bedeutet ein verschiedenes Güterquantum, **wie** derselbe Same in verschiedenen Böden."

p. 389

wie

os bens e as sementes

ilustrativa, *figurativa*

P.4.a.8

"**Wie** der physische Organismus darin sein Wesen hat, daß er aus einer Vielheit materieller Teile die Einheit des Lebensprozesses bildet, **so** beruht auch die innere persönliche Einheit des Menschen auf der Wechselwirkung und dem Zusammenhang vielfacher Elemente und Bestimmungen."

p. 393

wie + so

o conceito biológico de organismo e o conceito de personalidade individual

filosófica, *conceitual*

P.4.a.9

"Weder Schönheit noch Häßlichkeit, weder das physische noch das intellektuelle Kraftmaß, weder Berufstätigkeit noch Neigungen, noch all die anderen unzähligen Züge des Menschlichen legen als vereinzelt eine Persönlichkeit unzweideutig fest; denn jede von ihnen kann mit beliebigen anderen, einander ganz entgegengesetzten Eigenschaften verbunden sein und sich als die immer gleiche in dem Bilde unbegrenzt vieler Persönlichkeiten finden. Erst indem mehrere von ihnen sich **gleichsam** in einem Brennpunkt treffen und aneinander haften, bilden sie eine Persönlichkeit, welche nun ihrerseits zurückwirkend jeden einzelnen Zug als einen persönlich-subjektiven charakterisiert."

p. 393

gleichsam

filosofia e ótica: analogia com a noção de foco

ilustrativa, *conceitual*

P.4.a.10

"Die soziale Gestaltung, die sich bei restloser Ausführung dieser Tendenz einstellen müßte, würde eine entschiedene formale Beziehung zum Sozialismus, mindestens zu einem extremen Staatssozialismus aufweisen. Denn für diesen handelt es sich zu äußerst darum, jedes sozial zu berücksichtigende Tun in eine objektive Funktion zu verwandeln; **wie** heute schon der Beamte eine »Stellung« einnimmt, die objektiv präformiert ist und nur ganz bestimmte einzelne Seiten oder Energien der Persönlichkeit in sich aufnimmt, **so** würde sich in einem absolut durchgeführten Staatssozialismus über der Welt der Persönlichkeiten gleichsam einer Welt objektiver Formen des sozial wirksamen Tuns erheben, welche den Kräften jener nur ganz genau und sachlich bestimmte Äußerungen gestattet und vorschreibt; diese Welt verhielte sich zu der ersteren etwa wie die geometrische Figur zu den empirischen Körpern."

p. 394

wie + so

a burocracia e o socialismo

filosófica, *metafísica*

P.4.a.11

"Denn für diesen handelt es sich zu äußerst darum, jedes sozial zu berücksichtigende Tun in eine objektive Funktion zu verwandeln; wie heute schon der Beamte eine »Stellung« einnimmt, die objektiv präformiert ist und nur ganz bestimmte einzelne Seiten oder Energien der Persönlichkeit in sich aufnimmt, **so** würde sich in einem absolut durchgeführten Staatssozialismus über der Welt der Persönlichkeiten gleichsam einer Welt objektiver Formen des sozial wirksamen Tuns erheben, welche den Kräften jener nur ganz genau und sachlich bestimmte Äußerungen gestattet und vorschreibt; diese Welt **verhielte sich** zu der ersteren etwa **wie** die geometrische Figur zu den empirischen Körpern."

p. 394

sich verhalten + wie

socialismo e geometria; o mundo do socialismo está para o da personalidade, assim como as figuras geométricas para os corpos empíricos

filosófica, *metafísica*

P.4.a.12

"Die Qualifizierung des Tuns der Persönlichkeit wäre damit von dieser als dem terminus a quo völlig auf die sachliche Zweckmäßigkeit, den terminus ad quem, übergegangen; und die Formen des menschlichen Tuns stünden dann über der vollen psychologischen Wirklichkeit des Menschen, **wie** das Reich der platonischen Ideen über der realen Welt."

pp. 394-5

wie

o socialismo e o mundo das ideias: analogia com Platão
filosófica, *conceitual*

P.4.a.13

“Ansätze zu einer solchen Gestaltung sind, wie gesagt, vielfach vorhanden, oft genug hat sich die arbeitsteilige Funktion als ein selbständiges ideelles Gebilde ihren Trägern gegenübergestellt, so daß diese, nicht mehr voneinander individuell unterschieden, nun gleichsam nur durch sie hindurch passieren, ohne in dieser fest umschriebenen Einzelforderung das Ganze ihrer Persönlichkeit unterbringen zu können oder zu dürfen; die Persönlichkeit ist vielmehr als bloßer Träger einer Funktion oder einer Stellung so gleichgültig, **wie** die des Gastes in einem Hotelzimmer.”

p. 395

wie

a personalidade no mundo socialista e o hóspede do hotel
ilustrativa, *figurativa*

P.4.a.14

“Denn der bloßen Isolierung anderen gegenüber gelingt die positive, hiermit gemeinte Verfassung noch nicht; rein logisch formuliert: die Unabhängigkeit ist noch etwas anderes als die bloße Nicht-Abhängigkeit - **wie** etwa Unsterblichkeit noch etwas anderes ist als Nicht-Sterblichkeit; denn nicht sterblich ist auch der Stein oder das Metall, die man indes nicht unsterblich nennen dürfte. Ist doch schon an der anderen Bedeutung des Isoliertseins, der Einsamkeit, der Anschein reiner Negativität ein irriger;”

p. 397

wie

dependência e mortalidade
filosófica, *serial*

P.4.a.15

“Wenn jedes Verhältnis zwischen Menschen aus Elementen der Annäherung und Elementen der Distanz besteht, so ist Unabhängigkeit eines, in dem die letzteren zwar ein Maximum geworden, die ersteren aber so wenig ganz verschwunden sein können, **wie** aus der Vorstellung des Linken die des Rechten.”

p. 397

wie

a distância está para a proximidade, assim como a esquerda para a direita
ilustrativa, *figurativa*

P.4.a.16

“Ich erinnere an die Erfahrung, mit der ich dies Kapitel begann: daß der Wechsel der Verpflichtungen sehr oft von uns als Freiheit empfunden wird; es ist **dieselbe Verhältnisform** zwischen Bindungen und Freiheit, die sich hier nur in die einzelne Bindung hinein fortsetzt. Ein primitives Beispiel gibt die charakteristische Differenz des mittelalterlichen Vasallen vom Unfreien: jener konnte den Herrn wechseln, während dieser unwandelbar an einen einzigen gefesselt war. [...] Noch das moderne Dienstbotenverhältnis ist dadurch bezeichnet, daß die Herrschaft zwar nach den Zeugnissen und dem persönlichen Eindruck den Dienstboten auswählt, dieser aber im allgemeinen zu einer entsprechenden Wahl seinerseits weder Möglichkeit noch Kriterien besitzt. [...] Darum ist es, **die gleiche Form** auf ein völlig anderes Gebiet **übertragen**, doch auch nur die Karikatur einer prinzipiell richtigen Empfindung, wenn eine wiedertäuferische Sekte die Vielzahl der angetrauten Frauen und ihren häufigen Wechsel damit rechtfertigte, daß gerade so die innere Abhängigkeit von dem weiblichen Prinzip gebrochen würde. [...] In dem Lohnarbeitertum der Geldwirtschaft **kommt eine formal gleiche Entwicklung auf.**”

pp. 398-9

gleich + form = die gleiche Form übertragen// gleich + form = eine formal gleiche Entwicklung
(destaco ainda: “**dieselbe Verhältnisform**”)

mundo do trabalho, religião e economia; certo desenvolvimento das formas da prestação de serviço doméstico, certo desenvolvimento das formas religiosas de representação das relações de gênero e certo desenvolvimento das formas de remuneração pelo trabalho
historicista

P.4.a.17

“Gewiß ist der Arbeiter an die Arbeit gefesselt **wie** der Bauer an die Scholle, allein die Häufigkeit, mit der die Geldwirtschaft die Unternehmer austauscht, und die vielfache Möglichkeit der Wahl und des Wechsels derselben, die die Form des Geldlohnes dem Arbeiter gewährt, geben diesem doch eine ganz neue Freiheit innerhalb seiner Gebundenheit.”

p. 399

wie

o trabalhador e o escravo; o trabalhador está para o seu trabalho, assim como o camponês para a gleba especializada, *sociológica*

P.4.b.18

“Ist Freiheit die Unabhängigkeit von dem Willen anderer überhaupt, so beginnt sie mit der Unabhängigkeit von dem Willen bestimmter anderer. Nicht abhängig ist der einsame Siedler im germanischen oder amerikanischen Walde; unabhängig, im positiven Sinne des Wortes, ist der moderne Großstadtmensch, der zwar unzähliger Lieferanten, Arbeiter und Mitarbeiter bedarf und ohne diese ganz hilflos wäre, aber mit ihnen nur in absolut sachlicher und nur durch das Geld vermittelter Verbindung steht, so daß er nicht von irgendeinem einzelnen als diesem bestimmten abhängt, sondern nur von der objektiven, geldwerten Leistung, die so von ganz beliebigen und wechselnden Persönlichkeiten getragen werden kann. Indem nun die bloße Geldbeziehung den Einzelnen sehr eng an die Gruppe als - sozusagen abstraktes - Ganzes bindet, und zwar schon, weil gemäß unseren früheren Ausführungen das Geld der Repräsentant der abstrakten Gruppenkräfte ist, **wiederholt das Verhältnis** des einzelnen Menschen zu den anderen nur dasjenige, das er vermöge des Geldes auch zu den Dingen hat. Durch die rapide Vermehrung der Warenvorräte einerseits, durch die eigentümliche Herabsetzung und Verlust an Betonung, die die Dinge in der Geldwirtschaft erfahren, andererseits, wird der einzelne Gegenstand gleichgültiger, oft fast wertlos. Dagegen behält die ganze Gattung eben dieser Gegenstände nicht nur ihre Bedeutung, sondern mit steigender Kultur werden wir immer mehr von den Objekten und von immer mehr Objekten abhängig; so ist, wie uns schon früher wichtig wurde, die einzelne Stecknadel so gut wie wertlos, aber ohne Stecknadel überhaupt kann der moderne Kulturmensch nicht mehr auskommen. Und nach derselben Norm entwickelt sich endlich die Bedeutung des Geldes selbst: die ungeheure Verbilligung des Geldes macht das einzelne Geldquantum immer wertloser und irrelevanter, aber die Rolle des Geldes überhaupt wird immer mächtiger und umfassender. In all diesen Erscheinungen werden innerhalb der Geldwirtschaft die Objekte in ihrer Einzelheit und Individualität für uns immer gleichgültiger, wesenloser, auswechselbarer, während die sachliche Funktion, die die ganze Gattung übt, uns immer wichtiger wird, uns immer abhängiger macht.”

pp. 400-1

wiederholen + das Verhältnis

o produtor, o alfinete e o dinheiro; a relação dos indivíduos uns com os outros e a relação dos indivíduos com as coisas; a relação do habitante da cidade grande e moderna com certos gêneros de produtores como analogia com a sua relação com certos gêneros de objetos (p. ex.: o alfinete e o dinheiro)

filosófica, *ilustrativa*

P.4.a.19

“Jene Einheit Psychischer Elemente, jenes Zusammengeführtsein ihrer wie in einem Punkt, jene feste Umschriebenheit und Unverwechselbarkeit des **Wesens, die wir eben Persönlichkeit nennen** - bedeutet doch die Unabhängigkeit und den Abschluß allem Äußeren gegenüber, die Entwicklung ausschließlich nach den Gesetzen des eigenen **Wesens, die wir Freiheit nennen**. In beiden Begriffen liegt gleichmäßig die Betonung eines letzten und tiefsten Punktes in unserem Wesen, der sich allem Dinglichen, Äußeren, Sinnlichen - sowohl außerhalb wie innerhalb unserer eigenen Natur - gegenüberstellt, beides sind nur zwei Ausdrücke für die eine Tatsache, daß hier dem natürlichen, kontinuierlichen, sachlich bestimmten Sein ein Gegenpart entstanden ist, der seine Besonderung nicht nur in dem Anspruch auf eine Ausnahmestellung diesem gegenüber, sondern ebenso in dem Ringen nach einer Versöhnung mit ihm zeigt.”

p. 402

paralelismo sintático (repetição de estrutura frasal: oração contendo a explanação de um dos termos da analogia, seguido de oração relativa assim estruturada: **die wir + termo da analogia + nennen**)

personalidade e liberdade

filosófica, *metafísica*

P.4.b.20

“Unter den Bewegungen des Lebens, insbesondere soweit sie sich an äußere Gegenstände heften, pflegt man entweder das Erwerben, in dessen weiteren Sinn ich hier die Arbeit einbeziehe, oder das Genießen der Dinge zu verstehen. Das Besitzen ihrer erscheint dagegen nicht als Bewegung, sondern als ein ruhender, gleichsam substanzialer Zustand, zu jenen anderen **sich verhaltend, wie** das Sein zum Werden.”

p. 405

sich verhalten + wie

posse e ser; a posse está para aquisição, assim como o ser, para o devir

filosófica, *seria**

* *Simmel formula a analogia para depois atacá-la*

P.4.b.21

“Sieht man näher zu, so zeigt sich dieser passivistische Eigentumsbegriff als eine Fiktion; was in gewissen primitiveren Verhältnissen besonders nachdrücklich hervortritt. Im alten Nord-Peru und ebenso im alten

Mexiko war die Bearbeitung der - jährlich aufgeteilten - Felder eine gemeinsame; der Ertrag aber war individueller Besitz. Nicht nur aber durfte niemand seinen Anteil verkaufen oder verschenken, sondern, wenn er freiwillig verreiste und nicht zur Bebauung seines Feldes zurückkehrte, so ging er seines Anteils überhaupt verlustig. Ganz **ebenso** bedeutete in den alten deutschen Marken der Besitz eines Stückes Land für sich selbst noch nicht, daß man auch wirklicher Markgenosse war: dazu mußte man den Besitz auch wirklich selbst bebauen, mußte, wie es in den Weistümern heißt, dort selbst Wasser und Weide genießen und seinen eigenen Rauch haben."

p. 405

ebenso

a propriedade fundiária no norte do Peru e no México de antigamente, de um lado, e a posse de terra na Alemanha de antigamente
especializada, *sociológica*

P.4.b.22

"Die Vorstellung, als sei der Besitz etwas qualitativ Neues und Substanzielles gegenüber den einzelnen Verfügungsakten über die Dinge, gehört in jene Kategorie typischer Irrtümer, die z. B. in der Geschichte des Kausalitätsbegriffes so wichtig geworden ist. Nachdem Hume darauf aufmerksam gemacht hatte, daß jene sachlich notwendige Verbindung, die wir als Ursache und Wirkung bezeichnen, niemals konstaterbar sei, daß das erfahrbare Wirkliche daran vielmehr nur die zeitliche Folge zweier Ereignisse sei, schien nachher Kant die Festigkeit unseres Weltbildes durch den Nachweis zu retten, daß die bloße sinnliche Wahrnehmung einer zeitlichen Folge noch gar nicht Erfahrung sei, diese vielmehr auch in dem Sinn des Empiristen eine wirkliche Objektivität und Notwendigkeit des kausalen Erfolgs voraussetzte. Mit anderen Worten, während dort die Erkenntnis auf bloß subjektive und einzelne Eindrücke beschränkt werden sollte, wurde hier die objektive Gültigkeit unseres Wissens nachgewiesen, die sich ganz über den einzelnen Fall und über das einzelne vorstellende Subjekt erhebt - gerade **wie** sich das Eigentum jenseits der einzelnen Nutznießung stellt."

pp. 406-7

wie

o conceito de propriedade e o conceito de causalidade: analogia com Kant em relação a Hume
filosófica, *conceitual*

P.4.b.23

"**Wie** wir den beharrenden Charakter einer Person von den einzelnen Handlungen unterscheiden, in denen er sich ausprägt oder die ihm auch widersprechen, **so** besteht etwa der sittliche Imperativ in ganz ungebrochener Würde, **ob** ihm im Empirischen gehorcht wird oder nicht; **wie** der geometrische Satz gilt, unabhängig von den einzelnen Figuren, die ihn genau oder ungenau repräsentieren, **so** bestehen die Stoffe und Kräfte des Weltganzen, **gleichviel** welche Teile davon das menschliche Vorstellen abwechselnd für sich herauslöst."

pp. 407-9*

wie// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **wie** ... **so** ... + conjunção alternativa)

ciência moral, ciências naturais e filosofia do dinheiro*

filosófica, *serial*

* *Simmel trata aqui, de maneira indireta, de um desenvolvimento análogo no âmbito da sua filosofia do dinheiro – que diz respeito à questão do carácter ativo da propriedade e da forma "objetiva" da mesma. Embora isso esteja implícito no contexto, é explicitado no começo do parágrafo que se inicia na página 409, onde lemos: "Dies ist nun die Formel, in die der Eigentumsbegriff sich einstellt." [Essa é a fórmula em que se insere o conceito de propriedade].*

P.4.b.24

"So sehr sich die iura in re aliena von dem Eigentum unterscheiden mögen, so ist doch inhaltlich zwischen beiden nur ein gradueller Unterschied: in etwas anderem als einer Summe von Rechten über das Objekt kann kein Eigentum bestehen; selbst ein so einheitlich und geschlossen erscheinender Besitz wie der römische Prinzipat ist rechtshistorisch der Eintritt in eine Reihe auf verschiedene Weise erworbener Ämter, gerade **wie**, daß der Gutsherr den untertänigen Bauern als »Eigentum« besaß, doch nur die Summiertheit einzelner, allmählich angewachsener Rechte über ihn bedeutete."

p. 408

wie

o conceito jurídico de propriedade durante o principado romano, de um lado, e a posse que o senhor de terras medieval desfrutava em relação aos camponeses
especializada, *sociológica*

P.4.b.25

"**Wie** alle Wege nach Rom führen - indem Rom als die oberhalb jedes lokalen Interesses gelegene und im Hintergrunde jeder Einzelaktion stehende Instanz gedacht wird - **so** führen alle ökonomischen Wege auf

Geld; und **wie** deshalb Irenäus Rom das Kompendium der Welt nannte, **so** Spinoza das Geld omnium rerum compendium.”

p. 410

wie + so

o dinheiro e Roma; o dinheiro segundo Spinoza e Roma segundo Irineu
filosófica, *ilustrativa*

P.4.b.26

“Wenn die Moralphilosophie die sittliche Freiheit als die Unabhängigkeit der Vernunft von den sinnlich-egoistischen Impulsen zu definieren pflegt, so ist dies doch nur ein einseitiger Fall des ganz allgemeinen Ideals der Freiheit, das in der gesonderten Entfaltung, dem unabhängigen Sich-Ausleben einer Seelenenergie allen anderen gegenüber, besteht; auch **die Sinnlichkeit ist »frei«**, **wenn** sie mit den Normen der Vernunft nicht mehr verbunden, also nicht mehr durch sie gebunden ist, **das Denken ist frei**, **wenn es** nur seinen eigenen, ihren innerlichen Motiven folgt und sich von den Verknüpfungen mit Gefühlen und Wollungen gelöst hat, die es auf einen Weg, der nicht sein eigener ist, mitziehen wollen. So kann man Freiheit in diesem Sinne als innere Arbeitsteilung definieren, als eine gegenseitige Lösung und Differenzierung der Triebe, Interessen, Fähigkeiten. **Der Mensch ist** als ganzer **frei**, innerhalb **dessen** jede einzelne Energie ausschließlich ihren eigenen Zwecken und Normen gemäß sich entwickelt und auslebt. Darin ist die Freiheit im gewöhnlichen Sinne, als Unabhängigkeit von äußeren Mächten, einbegriffen.”

pp. 418-9

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **termo da comparação + ist frei + oração condicional**; destaque ainda as »aspas« em tondo da palavra “frei”)

a percepção, o pensamento e o homem

filosófica, *serial*

P.4.b.27

“Die vollständige Differenziertheit oder Freiheit einer inneren Reihe ist ein unvollziehbarer Begriff. Die Formel des in dieser Hinsicht Erreichbaren dürfte die sein, daß die Verschlingungen und Bindungen immer weniger die *einzelnen Punkte* der Reihen betreffen, wo eine Reihe mit einem anderen psychischen Gebiet unvermeidlich verbunden ist, wird sie ihre selbständigste Ausbildung erreichen, wenn sie mit diesem Gebiet nur im allgemeinen, nicht aber mit seinen Elementen ganz im einzelnen verbunden ist. Während z. B. die Intelligenz im engen Zusammenhang mit dem Willen steht, derart, daß ihre größten Vertiefungen und Leistungen nur bei der energischsten Lebendigkeit des letzteren zustande kommen - wird das Denken sogleich von seinen eigenen Normen, von der Unabhängigkeit seiner inneren Folgerichtigkeit abgelenkt, sobald der Wille, der es treibt, eine spezifische Färbung, einen speziellen Inhalt besitzt. Die Intelligenz bedarf durchaus der Verschmelzung mit der allgemeinen Lebensenergie; je mehr sie aber mit besonderen Ausgestaltungen der letzteren: religiösen, politischen, sinnlichen usw. verschmilzt, um so mehr kommt sie in Gefahr, ihre eigene Wesensrichtung nicht mehr unabhängig entwickeln zu können. **So** ist die künstlerische Produktion in Stadien besonderer Verfeinerung und Vergeistigung an ein höheres Maß intellektueller Ausbildung gebunden; aber nur dann wird sie dies ausnützen, ja ertragen können, wenn es nicht spezialistisch zugespitzt ist, sondern seinen Umfang und seine Vertiefungen nur auf allgemeineren Gebieten entfaltet; anderenfalls wird die Selbständigkeit und rein künstlerische Motivierung der Produktion Abbiegungen und Beengungen erfahren. **So** wird das Gefühl der Liebe freilich die genaueste Kenntnis der geliebten Person zur Ursache wie zur Wirkung oder zur Begleiterscheinung haben können; dennoch wird die Steigerung des Gefühls zu seiner Höhe und sein Verbleiben auf ihr leicht dadurch gehindert, daß das Bewußtsein sich mit einseitiger Zuspitzung auf irgendeine einzelne Eigenschaft des Anderen richtet; vielmehr, nur wenn das allgemeine Bild desselben, wie unter Ausgleich alles Einzelnen und Einseitigen, was man von ihm weiß, das Bewußtsein über ihn ausmacht, ist es eine Grundlage, auf der das liebende Gefühl seine Kraft und Innigkeit am ungestörtesten und gleichsam nur auf sich selber hörend entfalten kann.”

pp. 419-20

so

a inteligência, o engenho artístico e o amor*

filosófica, *serial*

* ao longo do parágrafo seguinte (pp. 420-3), Simmel irá tratar ainda do análogo econômico da relação entre termos que se deixa ver nesses três casos – embora não haja sinal de analogia para esse termo

P.4.b.28

“Genau angesehen ist dieses mit steigender Geldwirtschaft immer präzisere Anschmiegen der Steuer an die persönliche Situation eine steigende Freiheit der Person. Denn es gehört zu jener Differenzierungsform der Lebensreihen, durch die jede einzelne, streng innerhalb ihres eigenen Gebietes verbleibend, auch jede andere möglichst sich selbst gehören läßt. Gerade das objektivste Prinzip, die Kopfsteuer, durchschneidet am rücksichtslosesten die persönliche Verschiedenheit der Verhältnisse, und auch jede andere Steuer, die nicht eine genaue Funktion des individuellen Einkommens ist, greift, da sie doch von diesem entrichtet werden muß, über ihr eigentliches Gebiet hinaus und in andere ein, in die sie, streng genommen, nicht

gehört. Es **wiederholt sich** nur, wie so oft, zwischen den Elementen der Wirtschaft **derselbe Prozeß**, den wir zwischen den wirtschaftlichen und den übrigen Lebenselementen beobachteten. Dieser Zusammenhang ist wirksam, wenn man im 18. Jahrhundert schon beim ersten Aufdämmern der liberalen Ideen verlangte, die Steuer solle das Existenzminimum des Einzelnen freilassen, und dieses Existenzminimum bei den verschiedenen Ständen verschieden ansetzte: auch hier also die Tendenz, daß die Steuer sich zunächst negativ, in dem, was sie verschonte, den besonderen Verhältnissen anschmiege und die rein personale Existenz ganz unangegriffen lasse."

pp. 422-3

sich wiederholen + derselbe Prozeß

o desenvolvimento das formas de imposto em sua relação com outros elementos econômicos (como a renda) e o desenvolvimento das formas de imposto em sua relação com elementos não-econômicos (como a liberdade individual)

historicista

P.4.b.29

"So kann es z. B. eine einheitliche Mittelstandspolitik gar nicht geben, wenn man unter Mittelstand die Einkommensstufen etwa von 1200 bis 3000 Mk. versteht. Denn die darunter begriffenen Kaufleute, Arbeiter, Bauern, Handwerker, Angestellten, Rentiers, Beamten - haben fast in bezug auf keinen einzigen Punkt der Gesetzgebung parallele Interessen. Die Fragen der Zollpolitik, des Arbeiterschutzes, des Koalitionsrechtes, der Begünstigung von Groß- oder Kleinhandel, der Gewerbeordnung, bis zu denen des Unterstützungswohnsitzes und der Sonntagsheiligung werden innerhalb dieses Komplexes auf das entgegengesetzteste beantwortet werden. **Ebenso** liegen die Dinge zwischen Großindustrie und Großgrundbesitz, die ihrem Einkommen nach demselben Stande, ihren politischen Bedürfnissen nach oft in völlig geteilte Lager gehören."

pp. 423-4

ebenso

estratos médios de classe e estratos altos de classe
especializada, *econômica*

P.4.b.30

"Jener Vorschlag endlich sucht auch noch die individuellsten Momente zu objektivieren: die wirtschaftliche Lage des einzelnen Käufers soll den Preis des Gegenstandes modifizieren können, dessen er bedarf. Das wäre das Gegenstück oder wenigstens die Ergänzung zur Kostentheorie; diese behauptet: der Preis hängt von den Bedingungen der Produktion ab; jene: er soll von den Bedingungen der Konsumtion abhängen oder wenigstens diesen gemäß variiert werden. Blieben bei einem Zustand der letzteren Art die Interessen des Produzenten gewahrt - was logisch nicht ausgeschlossen, wenn auch utopisch ist - so würde nun wirklich der Preis bei jedem Kauf alle individuellen Verhältnisse, die ihm zugrunde liegen, adäquat ausdrücken; alles Subjektive wäre zu einem objektiv-legalen Moment der Preisgestaltung geworden. Diese Entwicklung ginge etwa der eines philosophischen Weltbildes parallel, das alle ursprünglichen objektiven Gegebenheiten als subjektive Gebilde erkannte: aber eben durch diese absolute Zurückführung auf das Ich verliehe es ihnen erst die Einheit, Zusammenhang, Greifbarkeit, die den eigentlichen Sinn und Wert dessen, was wir die Objektivität nennen, ausmacht. **Wie** hier das Subjekt über seinen Gegensatz zum Objekt hinaus wäre, weil es dieses völlig in sich aufgenommen und aufgehoben hat, **so** ist er in jenem Falle dadurch überwunden, daß das objektive Verhalten alles Subjektive in sich eingezogen hat, ohne einen Rückstand zu lassen, an dem der Gegensatz noch weiter leben könnte."

p. 427

wie + so

o desenvolvimento do mundo econômico e o desenvolvimento da imagem filosófica de mundo

historicista

P.4.b.31

"Die Hypothezierung und der Verkauf erscheinen nur als die äußersten und allerdings erst durch das Geld möglichen Folgen jener Trennung zwischen der Person und dem Grund und Boden; begonnen aber hatte dieser Prozeß schon vor dem Gelde und mit dem Augenblick, als die Gentilverfassung sich löste. **Ähnlich** liegt es mit der späteren Entwicklung, die die patriarchalische Verfassung in den Rechtsstaat mit Gleichberechtigung aller Bürger vor dem Gesetz überführte."

p. 429*

ähnlich

o processo de separação entre o indivíduo e a terra, de um lado, e a formação do Estado baseado no princípio da igualdade perante a lei, de outro

historicista

* a analogia vai sendo desenvolvida ao longo de todo o parágrafo que começa na página 428 e vai até a 431

P.4.b.32

“**Wie** mein Körper deshalb mein ist und in höherem Maße »mein« als jedes andere Objekt, weil er unmittelbarer und vollständiger als jedes andere meinen psychischen Impulsen gehorcht, und diese sich relativ vollständig in ihm ausdrücken: **so** ist jedes Ding in demselben Maße mein, in dem dies von ihm gilt. Daß man mit einer Sache »machen kann, was man will«, das ist nicht erst eine Folge des Besitzens, sondern das eben heißt es, sie zu besitzen. So wird das Ich von seinem gesamten »Besitz« wie von einem Bereich umgeben, in dem seine Tendenzen und Charakterzüge sichtbare Wirklichkeit gewinnen, er bildet eine Erweiterung des Ich, das nur das Zentrum ist, von dem aus Fulgurationen in die Dinge hineingehen; und die Dinge sind eben mein, wenn sie sich dem Recht und der Kraft meines Ich ergeben, sie nach seinem Willen zu gestalten. Diese enge Beziehung zum Ich, die den Besitz **gleichsam** als dessen Sphäre und Ausdruck erscheinen läßt, knüpft sich keineswegs nur an ihn, soweit er dauert und behalten wird. Es stimmt vielmehr mit unserer Vorstellung vom Besitz als einer Summe von Aktionen durchaus überein, daß gerade *das Fortgeben* von Werten, sei es im Tausch, sei es als Geschenk, eine gewisse Steigerung des Persönlichkeitsgefühls mit sich führen kann - den Reiz, der mit der Selbstentäußerung, Selbstopferung verbunden ist und der auf dem Umwege über eine Verminderung eine Erhöhung des Selbst bedeutet. Oft empfindet man erst im Fortgeben den Besitz, ganz **wie** man ein Körperelement am energischsten im Moment der Exstirpation fühlt. [...] So ist das Entscheidende für das Verständnis des Besitzes, daß die scharfe Grenzsetzung zwischen ihm und dem Ich, zwischen dem Inneren und dem Äußeren als eine ganz oberflächliche erkannt und für eine tiefere Betrachtung verflüssigt werde. Einerseits liegt die ganze Bedeutung des Besitzes darin, gewisse Gefühle und Impulse in der Seele auszulösen, andererseits erstreckt sich die Sphäre des Ich über diese äußeren Objekte und in sie hinein, **wie** sich in der Bewegung des Violinbogens oder des Pinsels doch der Vorgang in der Seele des Geigers oder des Malers kontinuierlich fortsetzt.”

p. 432-3

wie + so// wie (destaco ainda: **gleichsam**)

o corpo e a propriedade

filosófica, *serial*

P.4.b.33

“Der Reiz des Habens spitzt sich im Augenblick des Fortgebens so stark zu - schmerzlich oder genießend wie es ohne diesen Preis nie stattfindet. Dieser Augenblick ist - genau wie der des Gewinnens - ein eminent »fruchtbarer Moment«, das Können der Persönlichkeit, das der Besitz darstellt, erscheint in dieser äußersten Verfügung über ihn am fühlbarsten aufgekippt - **wie** es mit einer gewissen Modifikation auch in der Wollust des Zerstörens geschieht.”

p. 432

wie

a renúncia à propriedade e a sede de destruição

especializada, *psicológica*

P.4.b.34

“Man könnte sagen, das Erwerben von Besitz sei **gleichsam** ein Wachstum der Persönlichkeit über das Maß des Individuums hinaus - **wie** man die Zeugung als ein solches Wachstum bezeichnet hat. In diesem wie in jenem Falle dehnt sich die individuelle Sphäre über die Grenze hinaus, die sie ursprünglich bezeichnete, das Ich setzt sich jenseits seines unmittelbaren Umfanges fort und erstreckt sich in ein Außer-Sich, das dennoch im weiteren Sinne »sein« ist. [...] In der Erzeugung von Seinesgleichen setzt sich das Ich ebenso über seine ursprüngliche Beschränkung auf sich selbst fort, **wie** wenn es, in der Verfügung über Besitz, diesem die Form seines Willens einprägt.”

pp. 433-4

wie// gleichsam

filosofia e biologia: analogia com a noção de procriação

ilustrativa, *conceitual*

P.4.b.35

“Dieser Begriff des Besitzes als einer bloßen Erweiterung der Persönlichkeit erfährt keine Widerlegung, sondern gerade eine tiefere Bestätigung durch die Fälle, in denen das Persönlichkeitsgefühl gleichsam den Zentralpunkt des Ich verlassen und sich auf jene umgebenden Schichten, den Besitz, übertragen hat - gerade **wie** die Deutung der Proliferation und Familienbildung als Expansion des Ich dadurch nicht gestört wird, daß die direkten Ichinteressen schließlich hinter die Interessen der Kinder zurücktreten können.”

p. 434

wie

o conceito de propriedade e o conceito de procriação

filosófica, *conceitual*

P.4.b.36

“Was unser Wille mit dem Dinge machen kann, **gleicht** doch schließlich nur dem, was der Künstler seinem Instrumente entlocken kann. So tief sein Fühlen und Können sich auch in das Instrument einbohren mögen und sowenig die Grenze, bis zu der er es sich unterwerfen kann, auch vorherzubestimmen sei: irgendwo muß sie liegen; von irgendeinem Punkt an gestattet seine Struktur keine weitere Nachgiebigkeit gegen die Seele; das ist der Punkt, von dem an die Dinge uns nicht mehr »gehören«.”

pp. 435-6

gleichen

o corpo e a propriedade
filosófica, *serial*

P.4.b.37

“Jene Nachgiebigkeit des Geldes findet, wie so viele seiner Wesensfolgen überhaupt, ihren reinsten und gesteigertsten Ausdruck an der Börse, in der die Geldwirtschaft **ebenso** zu einem selbständigen Gebilde kristallisiert ist, **wie** die politische Organisation im Staate.”

p. 437

wie

a bolsa e o Estado; a bolsa está para a economia monetária, assim como o Estado para a organização política
especializada, *sociológica*

P.4.b.38

“Das Geld allein besitzen wir ganz und ohne Reserve, es allein geht völlig in der Funktion auf, die wir mit ihm vornehmen. So müssen die Freuden des Geizigen den ästhetischen **ähnlich** sein. Denn auch diese stellen sich jenseits der undurchdringlichen Realität der Welt und halten sich an ihren Schein und Schimmer, der dem Geiste völlig durchdringlich ist, wie er ohne Rückstand in ihn eingeht. [...] Die ästhetische Betrachtung - die als bloße Funktion jeglichem Gegenstande gegenüber möglich und dem »Schönen« gegenüber nur besonders leicht ist - beseitigt am gründlichsten die Schranke zwischen dem Ich und den Objekten; sie läßt die Vorstellung der letzteren so leicht, mühelos, harmonisch abrollen, als ob sie von den Wesensgesetzen des ersteren allein bestimmt wären. Daher das Gefühl der Befreiung, das die ästhetische Stimmung mit sich führt, die Erlösung von dem dumpfen Druck der Dinge, die Expansion des Ich mit all seiner Freude und Freiheit in die Dinge hinein, von deren Realität es sonst vergewaltigt wurde. Das muß die Psychologische Färbung der Freude am bloßen Geldbesitz sein. Die eigentümliche Verdichtung, Abstraktion, Antizipation des Sachbesitzes, die er bedeutet, läßt dem Bewußtsein eben jenen freien Spielraum, jenes ahnungsvolle Sich-erstrecken durch ein widerstandsloses Medium hindurch, jenes In-Sich-Einziehen aller Möglichkeiten, ohne Vergewaltigungen und Dementierungen durch die Wirklichkeit - wie es alles dem ästhetischen Genießen eigen ist. Und wenn man die Schönheit als une promesse de bonheur definiert hat, so **weist** auch dies **auf die psychologische Formgleichheit** zwischen dem ästhetischen Reiz und dem des Geldes **hin**; denn worin anders kann dieser letztere bestehen als in dem Versprechen der Freuden, die uns das Geld vermitteln soll?”

pp. 441-2*

ähnlich// form + gleich = auf die psychologische Formgleichheit hinweisen

dinheiro e arte; a satisfação proporcionada pela avareza e a satisfação proporcionada pela contemplação estética (gozo estético)

filosófica, *ilustrativa// especializada, psicológica*

* a analogia se estende do começo do parágrafo que começa na página 440 até passagem em questão. Simmel “marca” o fim da analogia introduzindo um travessão após a interrogação transcrita para o índice.

P.4.b.39

“Andrerseits aber enthält auch schon die Freude am Geldbesitz zweifellos ein idealistisches Moment, dessen Hervorhebung nur deshalb paradox erscheint, weil einerseits die Mittel, zu ihm zu gelangen, an solchen Momenten meistens Mangel leiden, und weil andererseits diese Freude in dem Augenblick, wo sie als Äußerung aus dem Subjekt heraustritt, dies gleichfalls in ganz anderer als idealistischer Form zu tun pflegt; das darf aber nicht die Tatsache verdecken, daß die Freude am Geldbesitz bloß als solchem eine der abstraktesten, von aller sinnlichen Unmittelbarkeit entferntesten, am ausschließlichen durch einen Prozeß des Denkens und der Phantasie vermittelten ist. So **gleicht** sie der Freude am Siege, die bei manchen Naturen so stark ist, daß sie gar nicht danach fragen, was sie denn eigentlich durch den Sieg gewinnen.”

p. 443

gleichen

a satisfação proporcionada pela avareza e a satisfação proporcionada pela vitória
especializada, *psicológica*

P.4.b.40

“Die Habgier kann natürlich über diesen Punkt hinausführen, aber sie offenbart ihre Sinnlosigkeit in der Unbefriedigung, die selbst ihrer Erfüllung eigen ist, ja in der gelegentlichen Bindung und Beengung, mit der das Übermaß des Besitzes in das Gegenteil seines eigentlichen Charakters und Zweckes umschlägt. Das ergibt Erscheinungen, wie **die des unfruchtbaren Besitzes**, weil die Tätigkeit des Besitzers nicht ausreicht, ihn zu befruchten; **des Despoten**, der es müde wird, über Sklaven zu herrschen, weil an der unbedingten Unterwerfung unter seinen Willen auch der Wille zur Macht endet und ihm der Reibungswiderstand fehlt, an dem er sich seiner erst eigentlich bewußt wird; **des Eigentümers**, der weder Zeit noch Kraft für den Genuß seines Eigentums übrig hat, weil dessen Verwaltung und Fruktifizierung beide bis zu ihrer äußersten Grenze verbraucht.”

p. 444

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: termo da analogia + oração explicativa introduzida por **weil**; destaque ainda a separação dos termos por ponto-e-vírgula)

a posse improdutiva, o déspota que não está mais em condições de dominar seus escravos e o proprietário que não pode usufruir de sua posse

filosófica, *serial*

P.4.c.41

“Dann aber müßte weiterhin zwischen einem Egoismus im engeren und einem im weiteren Sinne unterschieden werden; wer seinen Egoismus an dem Wohlergehen anderer, etwa unter Aufopferung des eignen Lebens, befriedigt, den würden wir zweifellos weiter einen Altruisten nennen und ihn von demjenigen unterscheiden, dessen Handeln nur auf Schädigung und Unterdrückung anderer geht; diesen müssen wir als den Egoisten schlechthin bezeichnen, so sehr der Egoismus, in seiner absoluten und weitesten Bedeutung sich mit jedem Handeln als solchem deckend, auch jenen ersteren einschließen mag. Ferner: die erkenntnistheoretische Lehre, daß alles Erkennen ein rein subjektiver, ausschließlich im Ich verlaufender und vom Ich bestimmter Prozeß ist, mag ihre Richtigkeit haben; dennoch unterscheiden wir nun solche Vorstellungen, die objektiv wahr sind, von den nur subjektiv, durch Phantasie, Willkür, Sinnestäuschung erzeugten - wenngleich, absolut genommen, auch jene objektiveren Erkenntnisse bloß subjektiver Provenienz sein mögen. Die Entwicklung geht auf immer gründlichere, bewußtere Scheidung zwischen den objektiven und den subjektiven Vorstellungen, die sich ursprünglich in einem unklaren psychologischen Indifferenzzustand bewegten. An dem **Verhältnis** des Menschen zu seinem Besitz scheint **sich diese Fortschrittsform** zu **wiederholen**. Prinzipiell angesehen ist jeder Besitz eine Erweiterung des Ich, eine Erscheinung innerhalb des subjektiven Lebens, und sein ganzer Sinn besteht in dem Bewußtseins- bzw. Gefühlsreflex, den die durch ihn bezeichnete Beziehung zu den Dingen in der Seele auslöst. In dem gleichen Sinne ist alles, was mit den Besitzgegenständen geschieht, eine Funktion des Subjekts, das sich selbst, seinen Willen, sein Gefühl, seine Denkart in sie ausströmt und an ihnen ausprägt. Historisch indes stellt sich, worauf ich schon früher hindeutete, diese absolute Bedeutung des praktischen Besitzes, gerade wie die des intellektuellen Besitzes, zunächst in einem Indifferenzzustand dar, der das Ich und die Dinge verschmilzt und jenseits des Gegensatzes zwischen beiden steht.”

pp. 446-7

sich wiederholen + diese Fortschrittsform (destaque ainda: **Verhältnis**)

ciência moral, teoria do conhecimento e filosofia do dinheiro

historicista

P.4.c.42

“Ganz allgemein: **wie** das Denken des primitiven Menschen keine gesonderten Kategorien für die bloß subjektive Einbildung und die objektiv wahre Vorstellung besitzt, **so** unterscheidet seine Praxis auch nicht klar zwischen der eigenen Gesetzmäßigkeit der Dinge (wo er diese anerkennt, nimmt sie leicht wieder die personifizierende Gestalt eines göttlichen Prinzips an) und der nach innen konzentrierten, von dem Äußeren unabhängigen Persönlichkeit.”

p. 447-8

wie + so

o pensamento e a prática (do homem primitivo)

especializada, *psicológica*

P.4.c.43

“**Der Aktieninhaber**, der mit der Geschäftsführung der Gesellschaft absolut nichts zu tun hat; **der Staatsgläubiger**, der das ihm verschuldete Land nie betreten hat; **der Großgrundbesitzer**, der seine Ländereien in Pacht ausgetan hat - sie alle überlassen ihre Besitzquanten einem rein technischen Betriebe, dessen Früchte sie allerdings ernten, mit dem an und für sich sie aber gar nichts zu schaffen haben. Und das eben ist ausschließlich durch das Geld möglich.”

p. 448

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: termo da analogia + oração subordinada que especifica o papel social em questão)

o acionista, o credor da dívida pública e o latifundiário

especializada, *econômica*

P.4.c.44

“Indem das Geld **gleichsam** einen Keil zwischen die Person und die Sache treibt, zerreißt es zunächst wohlthätige und stützende Verbindungen, leitet aber doch jene Verselbständigung beider gegeneinander ein, in der jedes von beiden seine volle, befriedigende, von dem andern ungestörte Entwicklung finden kann.”

p. 456

gleichsam

filosofia e instrumento: analogia com a cunha

ilustrativa, *conceitual*

P.4.c.45

“Die Schwankungen der Preise, unter denen der Geldlohn empfangende Arbeiter ganz anders als der in Naturalien entlohnte leidet, haben so einen tiefen Zusammenhang mit der Lebensform der Freiheit, die dem Geldlohn ebenso **entspricht, wie** die Naturalentlohnung der Lebensform der Gebundenheit.”

p. 456-7

wie// entsprechen

dinheiro e liberdade; a forma de pagamento em dinheiro está para a forma de vida da liberdade, assim como a forma de pagamento *in natura* para a da dependência

filosófica, *metafísica*// historicista

* *Simmel apresenta aqui, de maneira resumida, as correlações entre o desenvolvimento das formas de pagamento e o incremento da liberdade individual*

P.4.c.46

“Deshalb hören wir, daß im frühen mittelalterlichen Deutschland durchaus die Sitte herrschte, die Leistungen der Hörigen durch kleine Gefälligkeiten zu mildern; allenthalben erhielten sie bei der Entrichtung der Abgaben eine kleine Gegengabe, mindestens Speise und Trank. Diese wohlwollende, sozusagen anmutige Behandlung der Verpflichteten hat sich in dem Maße verloren, in dem an die Stelle der Naturalleistungen mehr und mehr Geldleistungen und an die Stelle der unter ihren Grundholden lebenden Grund- und Landesherren die härteren Beamten traten. Denn diese Einsetzung der Beamten bedeutete die Objektivierung des Betriebes: der Beamte leitete ihn nach den unpersönlichen Anforderungen der Technik, die ein möglichst großes objektives Erträgnis liefern sollte. Er stand mit derselben entpersonalisierenden Wirkung zwischen dem Hörigen und dem Herrn, **wie** sich das Geld zwischen die Leistung des einen und den Genuß des andern schob, eine trennende Selbständigkeit der Mittelinstanz, die sich auch darin zeigte, daß die Verwandlung der Naturalfronen in Geldzinsung dem Gutsverwalter ganz neue Gelegenheiten zu Unredlichkeiten gegenüber dem fernen Herrn gab.”

p. 457-8

wie

o dinheiro e o oficial medieval

filosófica, *ilustrativa*// especializada, *sociológica*

P.4.c.47

“Hier wird die Entlohnung also prinzipiell gerade auf das personale Element unter Ausschluß einer genauen objektiven Äquivalenz gerichtet. Freilich sind diese Gehälter immer auf längere Perioden hinaus festgelegt, und bei dem Schwanken des Geldwertes in diesen wird gerade durch die Stabilität des Einkommens die Stabilität der Lebenshaltung verhindert, während die Bezahlung der Einzelleistung viel leichter den Veränderungen des Geldwertes folgt. Allein das entkräftet meine Deutung dieses Verhältnisses so wenig, daß es vielmehr die Unabhängigkeit des persönlichen Elementes von dem ökonomischen, auf die es ankommt, erst recht hervorhebt. Daß die Honorierung hier mir ganz im allgemeinen erfolgt und sich nicht den einzelnen Wechselfällen der ökonomischen Entwicklung anschmiegt, bedeutet ja gerade die Absonderung der Persönlichkeit als eines Ganzen von der Einzelheit ökonomisch bewertbarer Leistungen; und der stabile Gehalt **verhält sich** zu der wechselnden Höhe seiner Einzelverwertungen, **wie** die ganze Persönlichkeit zu der unvermeidlich wechselnden Qualität ihrer einzelnen Leistungen.”

p. 459

sich verhalten + wie

dinheiro e mundo íntimo; a forma estável do salário e a forma da personalidade

filosófica, *ilustrativa*

P.4.c.48

“So kann man die Wirkung des Geldes als eine Atomisierung der Einzelpersönlichkeit bezeichnen, als eine innerhalb ihrer vor sich gehende Individualisierung. Dies ist doch aber nur eine in das Individuum hinein fortgesetzte Tendenz der ganzen Gesellschaft: **wie** das Geld auf die Elemente des Einzelwesens, **so** wirkt es vor allem auf die Elemente der Gesellschaft, auf die Individuen.”

p. 463

wie + so

formação individual e formação sociológica
filosófica, *metafísica*

P.4.c.49

“Das Grundeigentum strebt in zwei Richtungen über die Bindung an das Individuum hinaus: **gleichsam** nach der Breitendimension, indem es sich mehr als alles andere zum Kollektivvermögen einer Gruppe eignet, nach der Tiefendimension, indem es das vorzüglichste Objekt der Vererbung ist.”

p. 476

gleichsam

filosofia e geometria: analogia com as noções de largura e de profundidade
ilustrativa, *conceitual*

P.4.c.50

“Der Handwerker, der seine Geschicklichkeit überallhin mit sich nimmt, hat eben in ihr jenes bewegliche Gut, das, gerade **wie** in anderer Weise der Viehbesitz, den Einzelnen von dem Bodenbesitz mit seinem Kollektivcharakter loslöste.”

p. 477

wie

a habilidade adquirida para a realização de um trabalho manual e a propriedade de gado
filosófica, *serial*

P.4.c.51

“Historisch besteht jedenfalls die Korrelation zwischen Naturalwirtschaft und Kollektivität, der auf der anderen Seite die zwischen Mobilisierung des Besitzes und Individualisierung desselben **entspricht**.”

p. 479

entsprechen

a economia natural está para a coletividade, assim como a mobilidade da propriedade, para a individualização
filosófica, *metafísica*// historicista

P.4.c.52

“Wo umgekehrt die Objekte dem Menschen gegenüber beharren und überleben, tritt das Individuum zurück; der Grund und Boden erscheint als der Fels, an dem das Leben des Einzelnen **wie** die Welle aufrauscht und abfließt.”

p. 480

wie

a propriedade fundiária está para a vida individual, assim como o rochedo para as ondas
ilustrativa, *figurativa*

P.4.c.53

“Damit schafft der Immobilienbesitz begreiflich die Disposition zu dem Zurücktreten des Einzelnen, das hier dessen Verhältnis zu der Kollektivität als eine **Analogie** seines Verhältnisses zu den Dingen erscheinen lässt.”

p. 480

referência explícita à analogia

formação individual e formação social; a relação do indivíduo com as coisas e a relação do indivíduo com os outros indivíduos
filosófica, *metafísica*

P.4.c.54

“Das Erbprinzip aber steht im großen und ganzen im Gegensatz zum Individualprinzip. Es bindet den Einzelnen in die Reihe der nacheinander lebenden Personen, **wie** das Kollektivprinzip ihn in die der nebeneinander lebenden bindet; **so** garantiert auch im Biologischen die Vererbung die Gleichheit der Generationen. An der Schranke des Vererbungsprinzips macht die wirtschaftliche Individualisierung Halt.”

pp. 480-1

wie

herança, coletivismo e hereditariedade
filosófica, *serial*

Anexo 2.5. Philosophie des Geldes, capítulo 5

P.5[a.b.c][.1-32]

P.5.a.1

“Von eben dieser aus begegnet noch zur Zeit der Magna Charta die Behauptung, Ritter, Baron und Graf **verhielten sich** zueinander **wie** Schilling, Mark und Pfund - da dies die Proportion ihrer Lehensgefälle sei; eine Vorstellung, die um so bezeichnender ist, als die Begründung tatsächlich ganz ungenau war; denn sie beweist die Tendenz, den Wert des Menschen auf einen geldmäßigen Ausdruck zu bringen, als eine so kräftige, daß sie sich selbst um den Preis einer sachlichen Unangemessenheit verwirklicht.”

p. 482-3

sich verhalten + wie

dinheiro e títulos de nobreza

filosófica, *ilustrativa**

* trata-se, mais exatamente, de uma proporcionalidade estabelecida para fins políticos na Idade Média (como parte da Magna Charta inglesa, primeiro publicada em 1215), sobre cuja artificialidade Simmel irá discutir

P.5.a.2

“In der Entwicklung, die so von einer bloß utilitarischen zu einer sachlichen Preisschätzung des Menschen aufstieg, macht sich ein sehr allgemeiner Modus des Denkens geltend. Wenn alle Subjekte von einem Objekt einen und denselben Eindruck empfangen, so scheint das nicht anders erklärbar, als daß das Subjekt eben diese bestimmte Qualität, den Inhalt jenes Eindrucks, an sich besitze; ganz verschiedene Eindrücke mögen in ihrer Verschiedenheit aus den aufnehmenden Subjekten stammen, ihre Gleichheit aber kann, wenn man den unwahrscheinlichsten Zufall ausschließen will, nur daher stammen, daß sich das so qualifizierte Objekt in den Geistern spiegelt - zugegeben selbst, daß dies nur ein symbolischer und tieferer Ergänzung bedürftiger Ausdruck ist. Innerhalb der Wertsetzung **wiederholt sich dieser Vorgang**. Wenn dasselbe Objekt in verschiedenen Fällen und von verschiedenen Personen verschieden gewertet wird, so wird die ganze Schätzung seiner als ein subjektiver Prozeß erscheinen, der infolgedessen je nach den persönlichen Umständen und Dispositionen verschieden ausfallen muß. Wird es indes von verschiedenen Personen immer genau gleich geschätzt, so scheint der Schluß unvermeidlich, daß es eben soviel wert *ist*.”

pp. 487-8*

sich wiederholen + dieser Vorgang

a formação do valor da personalidade e o processo de diferenciação entre de sujeito e objeto

historicista

* a analogia se estende ao longo de todo o parágrafo

P.5.a.3

“Auf dem bloß ökonomischen Standpunkte verharrend, kann man die Tötung des Menschen als eine bloß graduelle Steigerung solcher partiellen Lahmlegungen und Herabsetzungen seiner Energien und Bewährungen ansehen, **wie** man ja auch physiologisch den Tod als eine Steigerung und Verbreiterung von Prozessen bezeichnet hat, die in niedrigerem oder auf gewisse Körperprovinzen beschränktem Grade auch am »lebenden« Organismus stattfinden.”

p. 489

wie

o assassinato em relação à perspectiva econômica e a morte em relação à perspectiva biológica

ilustrativa, figurativa

P.5.a.4

“Während schon in der ältesten jüdischen Geschichte Geld als Zahlungsmittel für Frauen und für Bußen auftritt, müssen doch die Abgaben an den Tempel immer in natura geliefert werden. So muß z. B. derjenige, der wegen der weiten Entfernung vom Heiligtume seinen Zehnten in Geld mitbringt, an Ort und Stelle diesen wieder in Waren umsetzen, und dem **entspricht** es, daß in Delos, dem altgeweihten Heiligtum, ganz besonders lange nach dem Ochsen als offizieller Münzeinheit gerechnet wurde.”

p. 498*

entsprechen

as contribuições ao templo judaico em tempos remotos e a unidade monetária em Delos

especializada, *sociológica*

* outros exemplos análogos são fornecidos por Simmel ao longo do parágrafo que se estende até a p. 499

P.5.a.5

“Hat das Bedürfnis nach möglicher Unzweideutigkeit der Rechtsnorm zu dieser ganz ungeheuerlichen Beschränkung der gegen Betrug zu schützenden personalen Werte auf die in Geld auszudrückenden geführt, und die anderen zu quantités négligeables herabgedrückt - **so** führt eben dasselbe zu **entsprechenden** Bestimmungen des Zivilrechts.”

p. 502

so (destaco ainda: **entsprechend**)

direito penal e direito civil

filosófica, *serial*

P.5.a.6

“Die Evolution des früheren Zustandes, in dem der ganze Mensch durch Geld aufgewogen wurde, findet einige **Analogien** in einer spezielleren, die sich an den Kauf der Frauen für Geld knüpfte. [...] Wir sahen: solange einerseits die Persönlichkeit noch mehr in den Gattungstypus eingesenkt ist, andererseits der Geldwert noch nicht zu völliger Farblosigkeit verallgemeinert ist, stehen sozusagen beide sich näher, und die persönliche Würde der alten Germanen hat sicher nicht darunter gelitten, daß das Wergeld ihren Wert in Geld ausdrücken ließ. **Entsprechend** liegt die Sache beim Frauenkauf.”

ps 504*

referência explícita à analogia// **entsprechend***

dinheiro e casamento; situações em que o homem como um todo é medido pelo dinheiro (como os casos do *Wergeld* e certos desenvolvimentos no âmbito do direito civil) e o casamento em que a mulher é comprada
filosófica, *ilustrativa*// historicista

* *essa analogia é tematizada, desdobrada e modulada ao longo de praticamente toda a seção, sendo que algumas das analogias seguintes e anteriores podem ser vistas como desdobramentos mais específicos desta*

P.5.a.7

“Die ganze Art seines Vollzuges trägt ausgesprochen sozialen Charakter; ich erwähne nur, daß der Bräutigam vielfach berechtigt ist, von jedem Stammesgenossen einen Beitrag zum Brautpreise zu fordern, und daß dieser selbst oft in dem Geschlechte der Braut verteilt wird - gerade **wie** z. B. bei den Arabern das Sühnegeld für einen Mord von der ganzen Kabile, dem Stammverband des Mörders, aufgebracht wurde.”

p. 505

wie

casamento e *Wergeld*; de um lado, a associação entre a noiva comprada e o clã e, de outro, a associação entre o assassino e o clã
especializada, *sociológica*

P.5.a.8

“Es gibt heute extreme Individualisten, welche dennoch praktische Anhänger des Sozialismus sind, weil sie diesen als die unentbehrliche Vorbereitung und, wenn auch noch so harte, Schule für einen geläuterten und gerechten Individualismus ansehen. **So** ist jene relativ feste Ordnung und äußerliche Schematik der Kaufehe ein erster, sehr gewaltsamer, sehr unindividueller Versuch gewesen, die Eheverhältnisse sozusagen auf einen bestimmten Ausdruck zu bringen, der für rohe Stufen ebenso angemessen war, wie individuellere Eheformen für höher entwickelte.”

p. 506

so

socialismo e casamento; o socialismo está para individualismo, assim como a forma de casamento por compra de mulheres para sua forma mais individual
historicista

P.5.a.9

“Die Kirche hat sich nie gescheut, die schwersten Opfer um der Liebe zu Gott willen zu verlangen, weil sie wohl wußte, daß wir um so fester und inniger an ein Prinzip gebunden sind, je größere Opfer wir dafür gebracht, ein je größeres Kapital wir **sozusagen** darin investiert haben.”

p. 507

sozusagen

filosofia e economia: analogia com o conceito de capital
ilustrativa, conceitual

P.5.a.10

“Und dies leitet zur Prostitution über, die die Bedeutung des Geldes für das Verhältnis der Geschlechter wieder in ein neues Licht stellt. [...] Für ein Verhältnis zwischen Menschen, das seinem Wesen nach auf Dauer und innere Wahrheit der verbindenden Kräfte angelegt ist - wie das wirkliche Liebesverhältnis, so schnell es auch abgebrochen werde - ist das Geld niemals der adäquate Mittler; für den käuflichen Genuß, der jede über den Augenblick und über den ausschließlich sinnlichen Trieb hinausgehende Beziehung

ablehnt, leistet das Geld, das sich mit seiner Hingabe absolut von der Persönlichkeit löst und jede weitere Konsequenz am gründlichsten abschneidet, den sachlich und symbolisch vollkommensten Dienst - indem man mit Geld bezahlt hat, ist man mit jeder Sache am gründlichsten fertig, so gründlich, **wie** mit der Prostituierten nach erlangter Befriedigung. Dadurch, daß die Beziehung der Geschlechter innerhalb der Prostitution ganz unzweideutig auf den sinnlichen Akt beschränkt ist, wird sie auf ihren rein gattungsmäßigen Inhalt herabgesetzt; sie besteht in demjenigen, was jedes Exemplar der Gattung leisten und empfinden kann und worin sich die sonst entgegengesetztesten Persönlichkeiten begegnen und alle individuellen Differenzen aufgehoben erscheinen. Das ökonomische Seitenstück für diese Art von Beziehungen ist deshalb das Geld, das gleichfalls, jenseits aller individuellen Bestimmtheit stehend, gleichsam den Gattungstypus der ökonomischen Werte bedeutet, die Darstellung dessen, was allen einzelnen Werten gemein ist. So empfindet man auch umgekehrt am Wesen des Geldes selbst etwas vom Wesen der Prostitution. Die Indifferenz, in der es sich jeder Verwendung darbietet, die Treulosigkeit, mit der es sich von jedem Subjekt löst, weil es mit keinem eigentlich verbunden war, die jede Herzensbeziehung ausschließende Sachlichkeit, die ihm als reinem *Mittel* eignet - alles dies stiftet eine verhängnisvolle **Analogie** zwischen ihm und der Prostitution. Wenn Kant als Moralgebot aufstellt, man solle niemals einen Menschen als bloßes Mittel gebrauchen, sondern ihn jederzeit zugleich als Zweck anerkennen und behandeln - so zeigt die Prostitution das absolut entgegengesetzte Verhalten, und *zwar auf beiden beteiligten Seiten*. So ist sie von allen Verhältnissen der Menschen untereinander vielleicht der prägnanteste Fall einer gegenseitigen Herabdrückung zum bloßen Mittel; und dies mag das stärkste und tiefste Moment sein, das sie in so enge historische Verbindung mit der Geldwirtschaft, der Wirtschaft mit »Mitteln« im striktesten Sinne, setzt."

pp. 513-4*

referência explícita à analogia// **wie**

dinheiro e prostituição

filosófica, *metafísica*

* *a analogia ocupa todo o parágrafo*

P.5.a.11

"Dieser tiefe Unterschied gegen unsere Empfindungsweise bedeutet, daß die beiden Faktoren: weibliche Sexualehre und Geld - in prinzipiell verschiedenen Verhältnissen stehen müssen. Markiert sich die Stellung der Prostitution bei uns an dem unüberbrückbaren Abstand, der völligen Inkommensurabilität zwischen jenen beiden Werten, so müssen dieselben in Verhältnissen, die eine ganz andere Ansicht von der Prostitution zeitigen, näher aneinander gerückt sein. Dies **entspricht** den Resultaten, zu denen die Entwicklung des Wergeldes, der Geldbuße für die Tötung eines Menschen, geführt hat. [...] Die Beurteilung der Prostitution zeigt so genau dieselbe Entwicklung, die man an der Kirchenbuße und am Blutgeld beobachten kann: die Totalität des Menschen wie seine inneren Werte sind in primitiven Epochen relativ unindividuellen Charakters, das Geld dagegen wegen seiner Seltenheit und geringen Verwendung relativ individueller.

pp. 518-9

referência explícita à analogia// **entsprechen***

prostituição e *Wergeld*

historicista

* *a referência explícita se encontra no sumário publicado junto à Philosophie des Geldes, onde lemos: "Die typische Beziehung zwischen Geld und Prostitution, ihre Entwicklung analog der Mordsühne", i.e.: "a relação típica entre dinheiro e prostituição, sua evolução análoga a da multa como pena para o assassinato".*

P.5.a.12

"Die Versteckbarkeit des Geldes ist das Symptom oder die extreme Ausgestaltung seiner Beziehung zum Privatbesitz. Dadurch, daß man es von allen Gütern am meisten dem Anderen unsichtbar und wie nicht vorhanden machen kann, nähert es sich dem geistigen Besitz; und **wie** dessen privater, sozusagen solipsistischer Charakter mit dem Schweigen-Können beginnt und zugleich sich vollendet, **so** findet das Private, Individualistische des Geldwesens seinen vollkommenen Ausdruck an jener Möglichkeit des Verheimlichens."

p. 527

wie + so

dinheiro e propriedade intelectual

filosófica, *ilustrativa*

P.5.a.13

"Eine Bestechung durch ein Stück Land oder eine Viehherde ist nicht nur vor den Augen der Umgebung nicht zu verheimlichen, sondern auch der Bestochene selbst kann sich nicht so scheinbar ignorierend, als ob gar nichts geschehen wäre, dagegen verhalten, wie die oben charakterisierte repräsentative Würde der Bestechlichkeit es mit sich bringt. Mit Geld dagegen kann man jemanden sozusagen hinter seinem eigenen Rücken bestechen, er braucht sich nichts davon wissen zu machen, weil es ihm eben nicht spezifisch und persönlich anhaftet. [...] Auch hier ist die **Parallele** mit dem Diebstahl bezeichnend. Dienstboten stehlen sehr

viel seltener, d. h. nur bei sehr viel größerer moralischer Verkommenheit, Geld, als Eßwaren oder eine sonstige Kleinigkeit. [...] Deshalb erscheint, **wie** der Diebstahl von Geld, **so** die Bestechlichkeit durch Geld gegenüber der durch einen momentan zu genießenden Wert, als das Zeichen der raffinierteren und gründlicher verdorbenen sittlichen Beschaffenheit, so daß die Heimlichkeit, die das Geldwesen ermöglicht, als eine Art von Schutzvorrichtung für das Subjekt wirkt. Indem sie immerhin einen Tribut an das Schamgefühl darstellt, gehört sie zu einem verbreiteten Typus: daß ein unsittliches Verhalten sich einen Beisatz sittlicher Elemente angliedert, nicht um sein Unsittlichkeitsquantum herabzusetzen, sondern gerade um es realisieren zu können."

wie + so (destaco ainda: **Parallele**)

pp. 529-31

formas de suborno e formas de roubo
especializada, *sociológica*

P.5.a.14

"Und wie es gerade der Riesenmaßstab von Geldsummen ist, der der Bestechung - **ähnlich wie** der Prostitution - das Brandmal der Schamlosigkeit und deshalb das der Heimlichkeit erspart, findet vielleicht sein schlagendstes Beispiel daran: das größte Finanzgeschäft der beginnenden Neuzeit war die Aufbringung der Mittel, die Karl V. zu den für seine Kaiserwahl nötigen Bestechungen brauchte!"

wie// ähnlich

pp. 531-2

prostituição e suborno
especializada, *sociológica*

P.5.a.15

"Wenn ich die Heimlichkeit der Bestechung oben als eine Schutzvorrichtung für das Subjekt bezeichnete, so ist, genau **entsprechend**, ihre Öffentlichkeit eine solche für die öffentlichen Interessen."

p. 532

entsprechend

o segredo e a publicidade; o segredo exerce, no âmbito privado, a mesma função de tornar "seguro" o suborno que a publicidade exerce, no âmbito público
especializada, *sociológica* (*atípica)

P.5.a.16

"Die alten Aristokratien Ägyptens und Indiens perhorreszierten den Seeverkehr und hielten ihn mit der Reinheit der Kasten für unverträglich. Das Meer ist eine Vermittlung **wie** das Geld, es ist das ins Geographische gewandte Tauschmittel, gleichsam in sich völlig farblos und deshalb **wie** das Geld dem Ineinander-übergehen des Verschiedenartigsten dienstbar. Seeverkehr und Geldverkehr stehen in enger historischer Verbindung, die Reserve und scharf geformte Abgeschlossenheit der Aristokratie muß von beiden her ein Abschleifen und Nivellieren fürchten."

p. 536

wie

o dinheiro e o mar
filosófica, *ilustrativa*

P.5.a.17

"Dem Vornehmheitsideal ist **wie** dem ästhetischen, von dem ich dies schon früher hervorhob, die Gleichgültigkeit gegen das Wieviel eigen. Vor dem abgeschlossenen Insichruhen des Wertes, den es dem an ihm teilhabenden Wesen gewährt, tritt die Quantitätsfrage ganz zurück; die rein qualitative Bedeutung, die jenes Ideal meint, wird dadurch verhältnismäßig wenig gehoben, daß mehr Exemplare auf diese Höhe gelangen. Das Entscheidende ist, daß sie dem Dasein überhaupt gelungen ist, und für sich allein der vollgültige Repräsentant davon zu sein, verleiht dem vornehmen - ob menschlichen, ob untermenschlichen - Wesen seine spezifische Natur. In dem Augenblick aber, in dem die Dinge auf ihren Geldwert hin angesehen und gewertet sind, rücken sie aus dem Bereich dieser Kategorie fort, ihre Wertqualität ist in ihrem Wertquantum untergegangen und jenes Sich-selbst-gehören - das geschilderte Doppelverhältnis zu Anderen und zu sich selbst -, das wir von einem gewissen Grade an als Vornehmheit empfinden, hat seine Basis verloren."

p. 537

wie

distinção e valor estético
filosófica, *conceitual*

P.5.a.18

"Immerhin ist dies wohl auch das tiefer gelegene Motiv, aus dem wir gewisse Dinge, etwas verächtlich, als »gangbare Münze« charakterisieren: Redensarten, Modi des Benehmens, musikalische Phrasen usw."

Hierbei erscheint nun nicht die Gangbarkeit allein als der Vergleichungspunkt, der die Münze, das gangbarste Objekt überhaupt, als seinen Ausdruck herzuruft. Manchmal mindestens kommt noch das *Austauschmoment* hinzu. Es nimmt es gewissermaßen jeder an und gibt es wieder aus, ohne ein individuelles Interesse am Inhalt - **wie** beim Gelde. Auch hat es jeder in der Tasche, in Vorrat, es bedarf keiner Umformung, um in jeder Situation seinen Dienst zu tun. Indem es, gegeben oder empfangen, zu dem Einzelnen in Beziehung tritt, erhält es doch keine individuelle Färbung oder Hinzufügung, es geht nicht, wie andere Inhalte des Redens oder Tuns, in den Stil der Persönlichkeit ein, sondern geht unalteriert durch diese hindurch, **wie** Geld durch ein Portemonnaie. Die Nivellierung erscheint als Ursache wie als Wirkung der Austauschbarkeit der Dinge - **wie** gewisse Worte ohne weiteres ausgetauscht werden können, weil sie trivial sind, und trivial werden, weil man sie ohne weiteres auszutauschen pflegt. Die Lieblosigkeit und Frivolität, durch die sich die Behandlung der Gegenstände in der Gegenwart so sehr von früheren Zeiten unterscheidet, geht sicher zum Teil auf die gegenseitige Entindividualisierung und Abflachung, auf Grund des gemeinsamen Geldwertniveaus, zurück."

pp. 539-40

wie

dinheiro e expressão*

filosófica, *ilustrativa*

* o dinheiro é, aqui, tratado como análogo daqueles modos trivializados de expressão, tais como os clichês. Simmel se refere especificamente aos clichês propriamente linguísticos, aos comportamentais e aos melódicos

P.5.b.19

"Die Verbote, die im 18. Jahrhundert und bis tief in das 19. hinein auf dem Gebiet des alten Deutschen Reiches gegen das Auskaufen des Bauern ergehen, haben zwar wesentlich fiskalische und ganz allgemein agrarpolitische Gründe; allein gelegentlich scheint doch das Gefühl mitgewirkt zu haben, daß dem Bauern ein Unrecht damit geschieht, wenn man ihm sein Land selbst gegen volle Entschädigung in Geld abnimmt. [...] So geben die häufigen Zugeldesetzungen des Bauern im 18. Jahrhundert ihm allerdings eine momentane Freiheit. Allein sie nehmen ihm das Unbezahlbare, das der Freiheit erst ihren Wert gibt: das zuverlässige Objekt persönlicher Betätigung. [...] Eine andere Stufe der Agrarverhältnisse zeigt die gleiche **Entwicklungsform**. [...] Auf Bauerngütern z.B. in Oldenburg herrscht vielfach noch das Heuermannsverhältnis; der Heuermann ist verpflichtet, dem Bauern eine bestimmte Anzahl von Tagen im Jahre Arbeit zu leisten, und zwar für einen geringeren Lohn als den der freien Tagelöhner; dafür erhält er vom Bauern Wohnung, Landpacht, Führen usw. zu einem billigeren Preise als dem ortsüblichen. Es ist also, wenigstens partiell, ein Austausch von Naturalwerten. Von diesem Verhältnis nun wird berichtet, es charakterisiere sich durch die soziale Gleichstellung zwischen dem Bauern und dem Heuerling: dieser habe nicht das Gefühl, ein durch seine weniger vermögende Lage zur Lohnarbeit gezwungener Mann zu sein; zugleich aber, daß die vordringende Geldwirtschaft dieses Verhältnis zerstöre, und daß die Umwandlung des naturalen Tausches der Dienste in eine glatte Bezahlung dieser den Heuermann deklassiere - wenngleich er auf diese Weise doch eine gewisse Freiheit des Schaltens mit seinem Arbeitsertrag gegenüber der Gebundenheit an vorherbestimmte naturale Empfänge gewinnen müßte. Dasselbe Gebiet zeigt dieselbe Entwicklung noch an einer anderen Stelle. Solange die Drescher auf den Gütern durch einen bestimmten Anteil am Erdrusch gelohnt wurden, hatten sie ein lebhaftes persönliches Interesse am Gedeihen der Wirtschaft des Herrn. Die Dreschmaschine verdrängte diese Lohnungsart und der dafür eingeführte Geldlohn läßt es zu jenem persönlichen Bande zwischen Herrn und Arbeiter nicht kommen, aus dem der letztere ein Selbstgefühl und einen sittlichen Halt, ganz anders als aus dem erhöhten Geldeinkommen, gezogen hatte."

pp. 548-9

gleich + form = die gleiche Entwicklungsform zeigen

a legislação em torno da venda de propriedade agrária no antigo império e as relações de trabalho nas fazendas de Oldenburg

historicista// especializada, *sociológica*

P.5.b.20

"An die Befreiung des untertänigen Bauern schloß sich in ganz Europa unmittelbar das Bestreben, ihn auch zum Eigentümer seiner Scholle zu machen - **wie** schon die altjüdischen Bestimmungen, die den Schuldklaven nach einer gewissen Reihe von Jahren freizulassen gebieten, gleich hinzufügen, er solle nun auch gleich mit einem Besitz aus-gestattet werden, möglichst sein früheres Grundstück zurückerhalten."

p. 550

wie

a libertação dos servos camponeses na Europa e libertação dos escravos por parte dos judeus especializada, *sociológica*

P.5.b.21

“So ordnet sich die ungeheure Gefahr, die die Zugeldesetzung für den Bauern bedeutete, einem allgemeinen System der menschlichen Freiheit ein. Allerdings war es Freiheit, was er gewann; aber nur Freiheit von etwas, nicht Freiheit zu etwas; allerdings scheinbar Freiheit zu allem - weil sie eben bloß negativ war -, tatsächlich aber eben deshalb ohne jede Direktive, ohne jeden bestimmten und bestimmenden Inhalt und deshalb zu jener Leerheit und Haltlosigkeit disponierend, die jedem zufälligen, launenhaften, verführerischen Impuls Ausbreitung ohne Widerstand gestattete - **entsprechend** dem Schicksal des ungefesteten Menschen, der seine Götter dahingegeben hat und dessen so gewonnene »Freiheit« nur den Raum gibt, jeden beliebigen Augenblickswert zum Götzen aufwachsen zu lassen. **Nicht anders** ergeht es manchem Kaufmann, für den, von den Sorgen und Arbeiten seines Geschäftes belastet, der Verkauf desselben das ersehnteste Ziel ist. Wenn er dann aber endlich, mit dem Erlös dafür in der Hand, wirklich »frei« ist, so stellt sich oft genug jene typische Langeweile, Lebenszwecklosigkeit, innere Unruhe des Rentiers ein, die ihn zu den wunderlichsten und allem inneren und äußeren Sinne zuwiderlaufendsten Beschäftigungsversuchen treibt, damit er nur seiner »Freiheit« einen substanziellen Inhalt einbaue. Ganz **so verhält es sich** vielfach mit dem Beamten, der nur möglichst rasch eine Stufe erreichen will, deren Pension ihm ein »freies« Leben ermöglicht. So erscheint uns mitten in den Qualen und Ängsten der Welt oft der Zustand bloßer Ruhe als das absolute Ideal, bis der Genuß derselben uns sehr bald belehrt, daß die Ruhe vor bestimmten Dingen nur wertvoll, ja, nur erträglich ist, wenn sie zugleich die Ruhe zu bestimmten Dingen ist. Während sowohl der ausgekaufte Bauer wie der Rentier gewordene Kaufmann oder der pensionierte Beamte ihre Persönlichkeit aus dem Zwange befreit zu haben scheinen, den die spezifischen Bedingungen ihrer Besitztümer oder Positionen ihnen antaten, ist - in den hier vorausgesetzten Fällen - tatsächlich das Umgekehrte eingetreten: sie haben die positiven Inhalte ihres Ich für das Geld dahingegeben, das ihnen keine ebensolchen gewährt.”

pp. 552-3

entsprechend// sich verhalten + so// paralelismo sintático (liberdade aparece sempre »entre aspas«; destaque ainda: **nicht anders**)

o servo camponês liberto, o homem religioso que se libertou de seu deus, o comerciante e o funcionário especializada, *sociológica*

P.5.b.22

“Sehr bezeichnend erzählt ein französischer Reisender von den griechischen Bäuerinnen, die Stickereien fabrizieren und außerordentlich an ihren sehr mühseligen Arbeiten hängen: elles les donnent, elles les reprennent, elles regardent l'argent, puis leur ouvrage, puis l'argent; l'argent finit toujours par avoir raison, et elles s'en vont désolées de se voir si riches. [...] Ganz **entsprechend** dem Verhalten der griechischen Bäuerinnen berichten die Ethnologen von der außerordentlichen Schwierigkeit, bei Naturvölkern Gebrauchsgegenstände zu erstehen. Denn jeder derselben trägt - so hat man dies begründet - nach Ursprung und Bestimmung ausgesprochen individuelles Gepräge; die ungeheure Mühe, die auf Herstellung und Ausschmückung des Objekts verwendet wird, und sein Verbleiben im persönlichen Gebrauch läßt es zu einem Bestandteil der Person selbst werden, von dem sich zu trennen, einem der Art nach gleichen Widerstand begegnet, wie von einem Körpergliede; so daß statt der Expansion des Ich - die die unendlichen »Möglichkeiten« des Geldbesitzes ebenso lockend wie undeutlich versprechen - eine Kontraktion desselben eintritt.”

pp. 553-4

entsprechend

a camponesa grega e o homem primitivo especializada, *sociológica*

P.5.b.23

“Wo Geld und Leistungen ausgetauscht werden, da beansprucht zwar der Geldgeber nur das festgestellte Objekt, die sachlich umschriebene Leistung. Der sachlich Leistende dagegen verlangt, wünscht wenigstens, in vielen Fällen noch etwas mehr, außer dem Gelde. **Wer** in ein Konzert geht, ist zufrieden, wenn er für sein Geld die erwarteten Stücke in erwarteter Vollendung hört; **der Künstler** ist **aber** mit dem Gelde **nicht** zufrieden, er verlangt **auch** Beifall. **Wer** sich malen läßt, ist befriedigt, wenn er das hinreichend gelungene Porträt in Händen hat; **der Maler aber nicht**, wenn er den verabredeten Preis in Händen hat, **sondern** erst, wenn ihm noch dazu subjektive Anerkennung und übersubjektiver Ruhm zu teil wird. **Der Minister** verlangt **nicht** nur den Gehalt, **sondern auch** den Dank des Fürsten und der Nation, **der Lehrer** und **der Geistliche nicht nur** ihre Bezüge, **sondern auch** Pietät und Anhänglichkeit, ja, **der bessere Kaufmann will nicht nur** Geld für seine Ware, **sondern auch**, daß der Käufer zufrieden sei - und das keineswegs immer nur, damit er wiederkomme.”

pp. 556-7

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: termo da analogia + partícula de negação (**nicht**)+ conjunção adversativa (**aber, sondern**))

o artista performático, o pintor, o ministro, o professor, o sacerdote e o bom comerciante especializada, *sociológica*

P.5.b.24

“So empfand der Grundherr in seinem Umwandlungsprozeß in den wirtschaftstreibenden Gutsbesitzer eine gesteigerte Notwendigkeit, sich von dem geldwirtschaftenden Kaufmann abzuschneiden. Er trieb Wirtschaft, aber zunächst doch nur für den eigenen Bedarf, er gab doch nicht sein Eigen für Geld hin; und wenn er das tat, so war es doch schließlich nur das Produkt, er stellte sich doch nicht, wie der Kaufmann, mit der Unmittelbarkeit persönlicher Leistung in den Dienst des Geldgebers; **wie** es von einem ähnlichen Motiv aus - wenngleich unter dem wesentlichen Mitwirken anderer - dem spartanischen Vollbürger zwar gestattet war, Land zu besitzen, aber nicht, es selbst zu bebauen.”

p. 562

wie

o senhor feudal e o cidadão espartano
especializada, *sociológica*

P.5.c.25

“Im Hinblick auf diese Bedeutung der Arbeit erscheint es mir eine untergeordnete Frage, ob man nicht der Arbeit daraufhin den Wert abzusprechen habe, daß sie doch vielmehr die Werte erst *erzeuge* - **wie** die Maschine, die einen Stoff bearbeitet, doch die Form nicht selbst besitzt, die sie diesem erteilt. Gerade wenn man nur den Produkten menschlicher Arbeit Wert zuspreche, könne nicht sie selbst - die eine physiologische Funktion ist -, sondern nur die *Arbeitskraft* Wert haben. Denn diese allerdings werde vom Menschen erzeugt, nämlich durch die Unterhaltungsmittel, die ihrerseits menschlicher Arbeit entstammen. Daß sie sich dann in wirkliche Arbeit umsetzt, fordert ersichtlich nicht wiederum Arbeit, bedeutet also selbst keinen Wert; dieser vielmehr haftet nun erst wieder an den von solcher Arbeit bedingten Produkten.”

p. 564

wie

o trabalho e a máquina
ilustrativa, *figurativa*

P.5.c.26

“Damit wäre die Arbeitstheorie in dasselbe Dilemma gebracht, dem die moral-philosophische Lehre unterlegen ist, daß die Produktion von Glücksgefühlen der absolute ethische Wert sei. Ist nämlich die Handlung wirklich in dem Maße sittlich, in dem sie Glück zur Folge hat, so bedeutet es eine Durchbrechung des Prinzips und die Einführung neuer definitiver Wertmomente, wenn das reinere, geistigere, vornehmere Glück als das wertvollere gepriesen wird. Denn dann wäre der Fall möglich, daß ein solches Glück, wenngleich quantitativ, d. h. als bloßes Glück, geringer als ein niedriges, sinnliches, selbstisches, dennoch diesem gegenüber das sittlich erstrebenswertere wäre. Die ethische Glückseligkeitstheorie ist deshalb nur dann konsequent, wenn alle ethischen Unterschiede sinnlichen und geistigen, epikureischen und asketischen, egoistischen und mitfühlenden Glückes im letzten Grunde, alle Begleit- und Folgeerscheinungen eingerechnet, bloße Maßunterschiede einer und derselben, qualitativ immer gleichen Glücksart sind. **Ebenso** muß die konsequente Arbeitstheorie es durchführen können, daß alle die unzweideutig empfundenen und nicht wegzudisputierenden Wertunterschiede zwischen zwei Leistungen, die als *Arbeit* extensiv und intensiv gleich erscheinen, im letzten Grunde nur bedeuten, daß in der einen mehr Arbeit verdichtet ist, als in der anderen, daß nur der erste und flüchtige Blick sie für gleiche Arbeitsquanten hält, der tiefer dringende aber ein tatsächliches Mehr oder Weniger von Arbeit als den Grund ihres Mehr oder Weniger von Wert entdeckt.”

pp. 569-70

ebenso

ciência moral e teoria econômica; felicidade e trabalho
filosófica, *serial*

P.5.c.27

“Ich will nun von vornherein gestehen: ich halte es nicht für schlechthin ausgeschlossen, daß einmal das mechanische Äquivalent auch der psychischen Tätigkeit gefunden werde. Freilich, die Bedeutung ihres Inhaltes, seine sachlich bestimmte Stelle in den logischen, ethischen, ästhetischen Zusammenhängen steht absolut jenseits aller physischen Bewegungen, ungefähr **wie** die Bedeutung eines Wortes jenseits seines physiologisch - akustischen Sprachlautes steht.”

p. 576

wie

trabalho e significado; a importância do trabalho e o significado da palavra falada
ilustrativa, *figurativa*

P.5.c.28

“Es läßt sich also denken, daß prinzipiell alle äußeren Bedingungen der geistigen Arbeit in Muskelarbeitsgrößen ausdrückbar sind. Könnte man nun die alte Theorie vom Kostenwert gelten lassen, so würde der Wert der geistigen Arbeit, insofern er den Kosten ihrer Produktion gleich ist, dem Werte gewisser

Muskelleistungen gleich sein. Und nun wäre diese Theorie vielleicht in einer Modifikation haltbar: der Wert eines Produkts ist zwar nicht seinen Kosten gleichzusetzen, wohl aber könnten sich die Werte zweier Produkte zueinander verhalten, wie die ihrer Entstehungsbedingungen. Eine Psyche, durch Unterhaltsmittel ernährt und angeregt, wird Produkte hergeben, die den Wert jener von ihr verbrauchten Bedingungen um ein Vielfaches übersteigen mögen; darum könnte aber doch das Wertverhältnis je zweier Bedingungskomplexe gleich dem je zweier Produkte sein - **wie** die Werte zweier Bodenerzeugnisse, von denen jedes ein Vielfaches seines Samens ist, **sich so verhalten können wie** die Werte der Samen **zueinander**; denn der werterhöhende Faktor könnte, für den Durchschnitt der Menschen, eine Konstante sein."

p. 577

sich verhalten + wie

o valor do trabalho e o cultivo da terra
especializada, *econômica* (*atípica)

P.5.c.29

"Wenn die neueste Zeit die historische Milieu-Theorie aufs entschiedenste durchgeführt hat, so dürften wohl auch hier reale Verhältnisse durch ihre Exaggerierung eines Elementes uns den Blick für dessen Wirksamkeit auch auf Stufen seiner geringeren Entwicklung geöffnet haben - gerade **wie** die in Wirklichkeit gestiegene Bedeutung der Massen im 19. Jahrhundert erst die Veranlassung geworden ist, sich ihrer Bedeutung auch in allen früheren Epochen wissenschaftlich bewußt zu werden."

p. 579-80

wie

a teoria da determinação do meio histórico à época de Simmel e os estudos dos fenômenos de massas no século XIX
historicista

P.5.c.30

"Die Sprache deutet diesen Sachverhalt gut an, indem sie den äußerlich-ökonomischen ebenso wie den innerlich-moralischen Ertrag unseres Tuns gleichmäßig als Verdienst bezeichnet. Denn auch im letzteren Sinne tritt dieses doch erst ein, wenn der sittliche Impuls Hemmnisse der Versuchung, des Egoismus, der Sinnlichkeit überwunden hat, nicht, wenn die sittliche Handlung aus einem ganz selbstverständlichen, die Möglichkeit des Gegenteils von vornherein ausschließenden Triebe quillt; so daß, um den sittlichen Musterbildern nicht das sittliche Verdienst absprechen zu müssen, die Mythenbildung der Völker allenthalben ihre Religionsstifter eine »Versuchung« besiegen läßt und Tertullian sogar den Ruhm Gottes für größer hält, *si laboravit*. **Wie** sich der eigentlich moralische Wert an das überwundene Hemmnis entgegengesetzter Impulse knüpft, **so** der ökonomische."

p. 584

wie + so

valor econômico e valor moral
filosófica, *ilustrativa*

P.5.c.31

"Freilich ist diese Geistigkeit, die **gleichsam** das Ding-an-sich hinter der Erscheinung der Arbeit ist und den Binnenwert derselben bildet, keine intellektuelle, sondern besteht in Gefühl und Willen; woraus dann folgt, daß derselbe dem der geistigen Arbeit nicht koordiniert ist, sondern auch diesen fundamentierte."

P, 585

gleichsam

filosofia do dinheiro e filosofia transcendental: analogia com o conceito de coisa-em-si
ilustrativa, *conceitual*

P.5.c.32

"Freilich ist diese Geistigkeit, die gleichsam das Ding-an-sich hinter der Erscheinung der Arbeit ist und den Binnenwert derselben bildet, keine intellektuelle, sondern besteht in Gefühl und Willen; woraus dann folgt, daß derselbe dem der geistigen Arbeit nicht koordiniert ist, sondern auch diesen fundamentierte. Denn auch an ihm bringt ursprünglich nicht der objektive Inhalt des geistigen Prozesses, sein von der Persönlichkeit gelöstes Resultat, die Forderung des Entgeltes hervor, sondern die subjektive, vom Willen geleitete Funktion, die ihn trägt, die Arbeitsmühe, der Energieaufwand, dessen es für die Produktion jenes geistigen Inhaltes bedarf. Indem so als der Quellpunkt des Wertes nicht nur von seiten des Aufnehmenden, sondern auch des Leistenden her sich ein Tun der *Seele* enthüllt, erhalten Muskelarbeit und »geistige« Arbeit einen gemeinsamen, - man könnte sagen: moralischen - wertbegründenden Unterbau, durch den die Reduktion des Arbeitswertes überhaupt auf Muskelarbeit ihr banausisches und brutal materialistisches Aussehen verliert. Das **verhält sich** ungefähr **wie** mit dem theoretischen Materialismus, der ein ganz neues und ernsthafter diskutables Wesen bekommt, wenn man betont, daß doch auch die Materie eine *Vorstellung* ist, kein Wesen, das, im absoluten Sinne außer uns, der Seele entgegengesetzt ist, sondern in seiner Erkennbarkeit durchaus bestimmt von den Formen und Voraussetzungen unserer geistigen Organisation.

Von diesem Standpunkt, auf dem die Wesensverschiedenheit körperlicher und geistiger Erscheinungen statt der absoluten eine relative wird, ist das Verlangen, die Erklärung für die im engeren Sinn geistigen in der Reduktion auf die körperlichen zu suchen, sehr viel weniger unerträglich."

pp. 585-6

sich verhalten + wie

economia e filosofia; a teoria do valor trabalho e o materialismo
filosófica, *serial*

Anexo 2.6. Philosophie des Geldes, capítulo 6

P.6[a.b.c][.1-85]

P.6.a.1

"**So wenig** in der objektiven Welt, wenn kein Wille zu ihr hinzutritt, etwas Zweck ist, **so wenig** in der Intellektualität, die doch nur eine vollkommenere oder unvollkommenere Darstellung des Weltinhaltes ist. Und vom Willen hat man richtig gesagt, aber meistens falsch verstanden, daß er blind ist. Er ist es nämlich nicht in demselben Sinne, wie Hödhr oder der geblendete Cyklop, die aufs Geratewohl losstürmen; er wirkt nichts Unvernünftiges, im Sinne des Wertbegriffes Vernunft, sondern er kann überhaupt nichts wirken, wenn er nicht irgendeinen *Inhalt* erhält, der niemals in ihm selbst liegt; denn er ist nichts anderes als eine der psychologischen Formen (wie das Sein, das Sollen, das Hoffen usw.), in denen Inhalte in uns leben, eine der - wahrscheinlich in begleitenden Muskel- oder sonstigen Gefühlen psychisch realisierten - Kategorien, in die wir den an sich bloß ideellen Gehalt der Welt fassen, damit er für uns eine praktische Bedeutung gewinne. **So wenig** also der Wille - der bloße, zu einer gewissen Selbständigkeit gesteigerte Name dieser Form - von sich aus irgendeinen bestimmten Inhalt erkürt, **so wenig** geht aus dem bloßen Bewußtsein der Weltinhalte, also aus der Intellektualität, irgendeine Zwecksetzung hervor. Vielmehr, zu der völligen Indifferenz jener und aus ihnen selbst nicht berechenbar, tritt an irgendeinem Punkte ihre Betonung durch den Willen."

pp. 591-2

paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so wenig**...)

vontade e intelecto

filosófica, *serial*

P.6.a.2

"Das Wollen begleitet die Reihe unserer Überlegungen nur **wie** ein Orgelpunkt oder **wie** die allgemeine Voraussetzung eines Gebietes, in dessen inhaltliche Einzelheiten und Verhältnisse sie nicht eingreift, in das aber erst sie Leben und Wirklichkeit einströmen läßt."

p. 592

wie

a vontade, o ponto de órgão e o pressuposto geral de um domínio do conhecimento
ilustrativa, *figurativa*

P.6.a.3

"Und da das Geld alle Dinge mit unbarmherziger Objektivität mißt und ihr Wertmaß, das sich so herausstellt, ihre Verbindungen bestimmt - so ergibt sich ein Gewebe sachlicher und persönlicher Lebensinhalte, das sich an ununterbrochener Verknüpftheit und strenger Kausalität dem naturgesetzlichen Kosmos nähert und von dem alles durchflutenden Geldwert so zusammengehalten wird, **wie** die Natur von der alles belebenden Energie, die sich ebenso **wie** jener in tausend Formen kleidet, aber durch die Gleichmäßigkeit ihres eigentlichen Wesens und die Rückverwandelbarkeit jeder ihrer Umsetzungen jedes mit jedem in Verbindung setzt und jedes zur Bedingung eines jeden macht. **Wie** nun aus der Auffassung der natürlichen Prozesse alle Gefühlsbetonungen verschwunden und durch die eine objektive Intelligenz ersetzt worden sind, **so** scheiden die Gegenstände und Verknüpfungen unserer praktischen Welt, indem sie mehr und mehr zusammenhängende Reihen bilden, die Einmischungen des Gefühles aus, die sich nur an teleologischen Endpunkten einstellen, und sind nur noch Objekte der Intelligenz, die wir an der Hand dieser benutzen."

pp. 593-4

wie

dinheiro e energia; o dinheiro está para o mundo prático, assim como a energia, para o natural
filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.4

"Der Intellekt, seinem reinen Begriff nach, ist absolut charakterlos, nicht im Sinne des Mangels einer eigentlich erforderlichen Qualität, sondern weil er ganz jenseits der auswählenden Einseitigkeit steht, die den

Charakter ausmacht. Eben dies ist ersichtlich auch die Charakterlosigkeit des Geldes. [...] **Wir** verlangen von allen Dingen - vielleicht nicht immer mit sachlichem Recht - Bestimmtheit des Charakters und **verdanken es dem rein theoretischen Menschen**, daß sein Alles-Verstehen ihn bewegt, alles zu verzeihen - eine Objektivität, die wohl einem Gotte, aber niemals einem Menschen zukäme, der sich damit in offenbaren Widerspruch sowohl gegen die Hinweisungen seiner Natur wie gegen seine Rolle in der Gesellschaft setze. **So verdanken wir es der Geldwirtschaft**, daß sie ihren zentralen Wert der elendesten Machination als ein völlig nachgiebiges Werkzeug zur Verfügung stellt; denn dadurch, daß sie es der hochsinnigsten Unternehmung nicht weniger leiht, wird dies nicht gut gemacht, sondern gerade nur das völlig zufällige Verhältnis zwischen der Reihe der Geldoperationen und der unserer höheren Wertbegriffe, die Sinnlosigkeit des einen, wenn man es am anderen mißt, in das hellste Licht gestellt."

p. 595

so// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **wir verdanken es + termo da analogia**)

dinheiro e intelecto; o homem puramente teórico e a economia monetária

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.5

"**So** kann eine Religion innerhalb ihrer Anhänger und ihrer Lehre die Friedfertigkeit selbst und doch sowohl den Ketzern wie den ihr benachbarten Lebensmächten gegenüber äußerst streitbar und grausam sein; **so** kann ein Mensch in Anderen Gefühle und Gedanken hervorrufen, die seinen eigenen Lebensinhalten völlig heterogen sind, so daß er gibt, was er selbst nicht hat; **so** mag eine Kunstrichtung ihrer eigenen Überzeugung und artistischen Idee nach völlig naturalistisch sein, in dem Verhältnis der Unmittelbarkeit und bloßen Reproduktion zur Natur stehend, während die Tatsache, daß es überhaupt eine so treue Hingabe an die Erscheinung des Wirklichen und eine künstlerische Bemühung um ihre Abspiegelung gibt, im System des Lebens ein absolut ideales Moment ist und sich, im Vergleich zu dessen anderen Bestandteilen, weit über alle naturalistische Wirklichkeit hinaushebt. **So wenig** die Schärfe theoretisch-logischer Kontroversen hindert, daß die Intellektualität doch **ein Prinzip** der Versöhnlichkeit **ist** - denn sobald der Streit aus dem Gegensatz der Gefühle oder der Wollungen oder der unbeweisbaren, nur gefühlsmäßig anerkennbaren Axiome in die theoretische Diskussion übergegangen ist, muß er prinzipiell beigelegt werden können -, **so wenig hindern** die Interessenkämpfe in der Geldwirtschaft, daß diese doch ein **Prinzip** der Indifferenz **ist**, die Gegnerschaften aus dem eigentlich Persönlichen heraushebt und ihnen einen Boden bietet, auf dem schließlich immer eine Verständigung möglich ist."

p. 598

so// paralelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **so wenig + hindern + Prinzip + sein**)

dinheiro, religião, mundo interior, arte e intelecto

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.6

"**Wie** aber dem höheren Menschen neben und über den subjektivistischen Antrieben von Egoismus und Altruismus - in deren Alternative die Ethik leider noch die menschlichen Motivierungen einzusperren pflegt - objektive Interessen erwachsen, ein Hingebensein oder Verpflichtetsein, das gar nicht mit Verhältnissen von Subjekten, sondern mit sachlichen Angemessenheiten und Idealen zu tun hat: **so** entwickelt sich, jenseits der egoistischen Impulsivität des Raubes und der nicht geringeren altruistischen des Geschenkes, der Besitzwechsel nach der Norm objektiver Richtigkeit und Gerechtigkeit, der Tausch."

pp. 600-1

wie + so

economia e moral

historicista

P.6.a.7

"Das Geld aber stellt das Moment der Objektivität der Tauschhandlungen gleichsam in reiner Abgelöstheit und selbständiger Verkörperung dar, da es von allen einseitigen Qualifikationen der tauschbaren Einzeldinge frei ist und deshalb von *sich* aus zu keiner wirtschaftlichen Subjektivität ein entschiedeneres Verhältnis hat als zu einer anderen - gerade **wie** das theoretische Gesetz die für sich seiende Objektivität des Naturgeschehens darstellt, der gegenüber jeder einzelne, von jenem bestimmte Fall als zufällig - das Seitenstück zu dem Subjektiven im Menschlichen - erscheint."

p. 601

wie

o dinheiro e a lei natural

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.8

"Daß dennoch die verschiedenen Persönlichkeiten gerade zum Gelde die verschiedensten inneren Beziehungen haben, beweist gerade seine Jenseitigkeit von jeder subjektiven Einzelheit; es teilt diese mit

den anderen großen historischen Potenzen, die weiten Seen **gleichen**, aus denen man von jeder Seite her und alles das schöpfen kann, was das mitgebrachte Gefäß nach Form und Umfang gestattet."

p. 601

gleichen

o dinheiro e os grandes lagos

filosófica, *ilustrativa*

P.6.b.9

"Das Geld stellt Handlungen und Verhältnisse des Menschen so außerhalb des Menschen als Subjektes, **wie** das Seelenleben, soweit es rein intellektuell ist, aus der persönlichen Subjektivität in die Sphäre der Sachlichkeit, die es nun abspiegelt, eintritt. Damit ist ersichtlich ein Überlegenheitsverhältnis angelegt. **Wie** der, der das Geld hat, dem überlegen ist, der die Ware hat, **so** besitzt der intellektuelle Mensch als solcher eine gewisse Macht gegenüber dem, der mehr im Gefühle und Impulse lebt."

p. 602

wie + so// wie

dinheiro e intelecto

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.10

"Theoretische Vorstellungen dagegen **gleichen**, wie man wohl gesagt hat, der Fackel, deren Licht darum nicht geringer wird, daß beliebig viele andere an ihr entzündet werden; indem die potenzielle Unendlichkeit ihrer Verbreitung gar keinen Einfluß auf ihre Bedeutung hat, entzieht sie sie mehr als alle sonstigen Lebensinhalte dem Privatbesitz."

p. 604

gleichen

as representações teóricas e a tocha

ilustrativa, *figurativa*

P.6.a.11

"Darum ist die rationalistische Weltauffassung – die, unparteiisch **wie** das Geld, auch das sozialistische Lebensbild genährt hat – die Schule des neuzeitlichen Egoismus und des rücksichtslosen Durchsetzens der Individualität geworden."

p. 505

wie

o dinheiro e o racionalismo

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.12

"Aller Kollektivismus, der eine neue Lebenseinheit aus und über den Individuen schafft, scheint dem nüchternen Verstande etwas Mystisches, ihm Undurchdringliches zu enthalten, sobald er es eben nicht in die bloße Summe der Individuen auflösen kann - **wie** die Lebenseinheit des Organismus, soweit er ihn nicht als Mechanismus der Teile verstehen kann."

pp. 605-6

wie

coletivismo e organismo

ilustrativa, *figurativa*

P.6.a.13

"**Wie** dem Proletarier heute mancherlei früher versagte Komforts und Kulturgenüsse zugänglich sind, zugleich aber - besonders wenn wir mehrere Jahrhunderte und Jahrtausende zurücksehen - die Kluft zwischen seiner Lebenshaltung und der der höheren Stände doch viel größer geworden ist: **so** bringt die allgemeine Erhöhung des Erkenntnisniveaus durchaus keine allgemeine Nivellierung, sondern das Gegenteil davon hervor."

p. 607

wie + so

classe social e intelecto; o aumento nível de vida do proletariado e o aumento do nível do conhecimento em geral

especializada, *sociológica*

P.6.a.14

"Ich habe dies so ausführlich erörtert, weil die Gegensätzlichkeit des Sinnes, die der Begriff der Intellektualität zeigt, am Gelde ihre genaue **Analogie** findet. Dem Verständnis des Geldes dient so nicht nur seine Wechselwirkung mit der Intellektualität, durch die ihre Formen sich gegenseitig an ähnlichen, sondern vielleicht auch der damit gegebene Hinweis auf ein tiefer gelegenes, ihnen gemeinsames Prinzip, das die

Gleichheit ihrer Entwicklung trägt - etwa auf jene fundamentale Beschaffenheit oder Stimmung der historischen Elemente, die, indem sie die Formung derselben bewirkt, ihren Stil ausmacht."

pp. 607*

referência explícita à analogia

dinheiro e intelectualidade

filosófica, *metafísica*

* embora seja "anunciada" e trabalhada enquanto analogia nesse parágrafo, Simmel deixa aqui muito claro que trata a relação entre o dinheiro e o intelecto – que é tema de toda essa primeira seção do capítulo sexto de sua Philosophie des Geldes – como relação de analogia, sendo que é possível dizer que a sua discussão em torno do intelecto ao longo de toda essa seção deve ser lida como analogia com o dinheiro. Como vimos, algumas modificações específicas dessa analogia "aparecem" no texto de Simmel como tais (cf. p. ex. P.6.a.4, P.6.a.9, P.6.a.11, P.6.a.16 e P.6.a.17).

P.6.a.15

"Ich hebe deshalb nur einige spezielle **Analogien** mit der Intellektualität hervor, des Inhalts, daß die Unpersönlichkeit und Allgemeingültigkeit seines abstrakten, sachlichen Wesens, sobald es auf seine Funktion und Verwendung ankommt, in den Dienst des Egoismus und der Differenzierung tritt. Der Charakter des Rationellen und Logischen, der sich am Egoismus herausstellte, haftet auch an der vollen und rücksichtslosen Ausnutzung des Geldbesitzes. Wir haben früher als das Bezeichnende des Geldes andern Besitzen gegenüber festgestellt, daß es keinerlei Hinweis auf irgendeine bestimmte Verwendungsart und ebendeshalb keinerlei Hemmung in sich schließt, durch die ihm die eine Verwendung ferner oder schwieriger wäre als die andere; in jede, gerade fragliche, geht es restlos auf, ohne daß ein Verhältnis seiner Qualität zu der der realen Objekte spezifisch fördernd oder abbiegend wirkte - darin den logischen Formen selbst **vergleichbar**, die sich jedem beliebigen Inhalt, seiner Entwicklung oder Kombination gleichmäßig darbieten und eben dadurch freilich dem sachlich Unsinnigsten und Verderblichsten dieselbe Chance der Darstellung und formalen Richtigkeit wie dem Wertvollsten gewähren; und nicht weniger den Schematen des Rechtes **analog**, dem es oft genug an Schutzvorrichtungen dagegen fehlt, daß das schwerste materielle Unrecht sich mit unangreifbarer formaler Gerechtigkeit ausstatte. Diese absolute Möglichkeit, die Kräfte des Geldes bis aufs Letzte auszunutzen, erscheint nun nicht nur als Rechtfertigung, sondern sozusagen als logisch-begriffliche Notwendigkeit, es auch wirklich zu tun."

p. 608*

referência explícita à analogia// **vergleichbar**

o dinheiro, a lógica e o direito

filosófica, *ilustrativa*

*esses dois casos especiais de analogia do dinheiro – com a lógica e com o direito – serão desenvolvidos em maior detalhe ao longo dessa primeira seção do capítulo sexto do livro.

P.6.a.16

"An seiner absoluten Sachlichkeit, die gerade aus dem Ausschluß jeder einseitigen Sachlichkeit hervorgeht, findet der Egoismus reinen Tisch vor, **wie** er ihn auch an der bloßen Intellektualität fand - aus keinem anderen Grunde, als weil diese Triebfeder die logisch einfachste und nächstliegende ist, so daß die rein formalen und indifferenten Lebensmächte an ihr ihre erste, gleichsam natürliche und wahlverwandte Erfüllung finden."

p. 609

wie

dinheiro e intelecto

filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.17

"Endlich erwähne ich das äußerst Charakteristische, daß auch jene Aufhäufung intellektueller Errungenschaften, die dem irgendwie Begünstigten einen unverhältnismäßigen und rapid wachsenden Vorsprung gönnt, in den Akkumulierungen des Geldkapitals ihre **Analogie** findet. Die Struktur der geldwirtschaftlichen Verhältnisse, die Art, wie das Geld Renten und Gewinn erzielt, bringt es mit sich, daß es von einer gewissen Höhe ab sich wie von selbst vermehrt, ohne durch verhältnismäßige Arbeit des Besitzers befruchtet zu werden. Dies **entspricht** der Struktur der Erkenntnisse in der Kulturwelt, die von einem bestimmten Punkte an einen immer geringeren Selbsterwerb des Einzelnen fordern, weil sich die Wissensinhalte in verdichteter und mit ihrer größeren Höhe immer konzentrierter Form darbieten. Auf den Höhen der Bildung fordert jeder weitere Schritt oft im Verhältnis zu dem Tempo der Erwerbungen niederer Stufen ebenso viel weniger Mühe, wie er einen höheren Erkenntnissertrag liefert. **Wie** die Objektivität des Geldes ihm schließlich ein von personalen Energien relativ unabhängiges »Arbeiten« gestattet, dessen sich aufhäufende Erträge wie automatisch zu weiteren Aufhäufungen in steigenden Proportionen führen - **so** bewirkt das Objektivwerden der Erkenntnisse, die Lösung der Resultate der Intelligenz von dem Prozesse der letzteren selbst, daß diese Resultate sich zu verdichteten Abstraktionen aufhäufen, und daß man sie,

wenn man nur schon hoch genug steht, wie Früchte pflücken kann, die ihren Reifeprozess ohne unser Zutun vollzogen haben”

pp. 610-11

referência explícita à analogia// **wie + so// entsprechen**

dinheiro e intelecto; a acumulação de capital monetário e a acumulação de êxitos intelectuais
filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.18

“Die Allgemeinheit im logisch-inhaltlichen Sinne und die im sozial-praktischen Sinne fallen in diesen beiden Provinzen auseinander. In anderem gehen sie oft genug zusammen: **so** hat man es als das Wesen der Kunst - gleichviel, ob erschöpfend oder nicht - bezeichnet, daß ihr Inhalt die typisch-allgemeinen Züge der Erscheinungen darstelle, damit aber auch an die typischen Seelenregungen der Gattung in uns appelliere, ihren prinzipiellen Anspruch auf allgemeine subjektive Anerkennung auf die Ausschaltung alles Zufällig-Individuellen in ihrem Objekte gründe. **So** erheben sich die Gebilde der Religion ihrem Begriff nach über alle Besonderheit irdischer Gestaltung zum Absolut-Allgemeinen und gewinnen eben dadurch die Beziehung zu dem Allgeimesten und alle Individuen Verbindenden in der Menschenwelt; sie erlösen uns von dem bloß Individuellen in uns, indem sie dieses durch die All-Einheit ihres Inhalts auf die fundamentalen, als die gemeinsamen Wurzeln alles Menschlichen empfundenen Züge zurückführen. **Ebenso verhält sich** die Moral im Sinne Kants. Die Handlungsweise, welche eine logische Verallgemeinerung trägt, ohne mit sich selbst in Widerspruch zu geraten, sei zugleich sittliches, für jeden Menschen ohne Ansehn der Person gültiges Gebot, das Kriterium: daß man sich die praktische Maxime als Naturgesetz denken könne, also ihre begriffliche, objektive Allgemeinheit, entscheidet über die Allgemeinheit für alle Subjekte, die sie als moralische Forderung besitzt. Im Gegensatz zu diesen Gebilden scheint das moderne Leben an anderen gerade eine Spannung zwischen der sachlich-inhaltlichen und der praktisch-personalen Allgemeinheit aufwachsen zu lassen.”

pp. 611-2

so// sich verhalten + ebenso

arte, religião e moral (em sentido kantiano)
filosófica, *conceitual*

P.6.a.19

“Dieses messende, wägende, rechnerisch exakte Wesen der Neuzeit ist die reinste Ausgestaltung ihres Intellektualismus, der freilich auch hier über der abstrakten Gleichheit die selbstsüchtigste Besonderung der Elemente wachsen läßt: denn mit feiner instinktiver Einsicht versteht die Sprache unter einem »**berechneten**« Menschen schlechthin einen, der im *egoistischen* Sinne berechnet ist. Gerade **wie** bei der Verwendung von »**verständlich**« oder »**vernünftig**«, wird hier der scheinbar ganz unparteiische Formalismus des Begriffes in seiner Disposition, sich gerade mit einem bestimmten einseitigen Inhalt zu erfüllen, durchschaut.”

p. 613

wie// paralelismo sintático (termo da analogia »**entre aspas**«)

cálculo e razão; o homem “calculista” e o homem “racional”
filosófica, *serial*

P.6.a.20

“Auch nach dieser Seite hin darf man vielleicht sagen, daß **sich** das Geldgeschäft zum Handelsgeschäft überhaupt **verhält**, **wie** dieses zu der sonstigen, vor dem Tausch bestehenden Bestimmtheit oder Verhältnis der Dinge; es drückt sozusagen das reine Geschäft an der geschäftsmäßigen Behandlung der letzteren aus, wie die Logik die Begreiflichkeit an den begreiflichen Dingen darstellt.”

p. 615

sich verhalten + wie

dinheiro e comércio; o dinheiro está para o comércio, assim como o comércio para as coisas, antes destas serem trocadas
filosófica, *metafísica*

P.6.a.21

“Auch nach dieser Seite hin darf man vielleicht sagen, daß sich das Geldgeschäft zum Handelsgeschäft überhaupt **verhält**, **wie** dieses zu der sonstigen, vor dem Tausch bestehenden Bestimmtheit oder Verhältnis der Dinge; es drückt sozusagen das reine Geschäft an der geschäftsmäßigen Behandlung der letzteren aus, **wie** die Logik die Begreiflichkeit an den begreiflichen Dingen darstellt.”

p. 615

wie

o dinheiro e a lógica
filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.22

“Durch das rechnerische Wesen des Geldes ist in das Verhältnis der Lebens Elemente eine Präzision, eine Sicherheit in der Bestimmung von Gleichheiten und Ungleichheiten, eine Unzweideutigkeit in Verabredungen und Ausmachungen gekommen - **wie** sie auf äußerlichem Gebiet durch die allgemeine Verbreitung der Taschenuhren bewirkt wird. Die Bestimmung der abstrakten Zeit durch die Uhren **wie** die des abstrakten Wertes durch das Geld geben ein Schema feinster und sicherster Einteilungen und Messungen, das, die Inhalte des Lebens in sich aufnehmend, diesen wenigstens für die praktisch-äußerliche Behandlung eine sonst unerreichbare Durchsichtigkeit und Berechenbarkeit verleiht.”

p. 615

wie

o dinheiro e o relógio de bolso; o dinheiro está para o cálculo do valor abstrato das coisas, assim como o relógio de bolso para o cálculo do tempo
filosófica, *ilustrativa*

P.6.a.23

“**Wie** in einen Brennpunkt werden alle diese Beziehungen durch die negative Instanz gesammelt, daß der Typus von Geistern, welche der ökonomischen Betrachtung und Begründung der menschlichen Dinge am fernsten und feindlichsten gegenüberstehen würden: Goethe, Carlyle, Nietzsche - zugleich einerseits prinzipiell anti-intellektualistisch gestimmt sind, und andererseits jene rechnerisch-exakte Naturdeutung völlig ablehnen, die wir als das theoretische Gegenbild des Geldwesens erkannten.”

pp. 615-6

wie

filosofia e ótica: analogia com a noção de foco
ilustrativa, conceitual

P.6.b.24

“Die materiellen Kulturgüter: Möbel und Kulturpflanzen, Kunstwerke und Maschinen, Geräte und Bücher, in denen natürliche Stoffe zu ihnen zwar möglichen, durch ihre eigenen Kräfte aber nie verwirklichten Formen entwickelt werden, sind unser eigenes, durch Ideen entfaltetes Wollen und Fühlen, das die Entwicklungsmöglichkeiten der Dinge, soweit sie auf seinem Wege liegen, in sich einbezieht; und das **verhält sich nicht anders** als mit der Kultur, die das Verhältnis des Menschen zu anderen und zu sich selbst formt: Sprache, Sitte, Religion, Recht. Insofern diese Werte als kulturell angesehen werden, unterscheiden wir sie von den Ausbildungsstufen der in ihnen lebendigen Energien, die sie sozusagen von sich aus erreichen können und die für den Kultivierungsprozeß ebenso nur Material sind, wie Holz und Metall, Pflanzen und Elektrizität.”

p. 618

sich verhalten + nicht anders

objetos de cultura materiais (móveis, plantas cultivadas, obras de arte, máquinas, utensílios, livros) e objetos de cultura espirituais (linguagem, costumes, religião, direito)
filosófica, *serial*

P.6.b.25

“Die prinzipielle Sicherheit der Abgrenzung zwischen Natur und Kultur, mit der die eine gerade da beginnt, wo die andere aufhört, leidet also unter der Unsicherheit über die Einordnung der Einzelercheinung so wenig, **wie** die Begriffe des Tages und der Nacht darum ineinander verschwimmen, weil man eine Dämmerstunde bald dem einen, bald der anderen zurechnen mag.”

p. 620

wie

a separação conceitual entre natureza e cultura e a separação conceitual entre dia e noite
filosófica, *serial*

P.6.b.26

“Und auf das Gebiet des rein Geistigen hinsehend - so operieren auch die kenntnisreichsten und nachdenkendsten Menschen mit einer immer wachsenden Zahl von Vorstellungen, Begriffen, Sätzen, deren genauen Sinn und Inhalt sie nur ganz unvollständig kennen. Die ungeheure Ausdehnung des objektiv vorliegenden Wissensstoffes gestattet, ja erzwingt den Gebrauch von Ausdrücken, die eigentlich **wie** verschlossene Gefäße von Hand zu Hand gehen, ohne daß der tatsächlich darin verdichtete Gedankengehalt sich für den einzelnen Gebraucher entfaltetete.”

p. 621

wie

filosofia e instrumento: analogia com o recipiente fechado
ilustrativa, conceitual

P.6.b.27

“**Wie** unser äußeres Leben von immer mehr Gegenständen umgeben wird, deren objektiven, in ihrem Produktionsprozeß aufgewandten Geist wir nicht entfernt ausdenken, **so** ist unser geistiges Innen- und Verkehrsleben - was ich oben schon in anderem Zusammenhang hervorhob - von symbolisch gewordenen Gebilden erfüllt, in denen eine umfassende Geistigkeit aufgespeichert ist - während der individuelle Geist davon nur ein Minimum auszunutzen pfllegt.”

p. 621

wie + so

mundo externo e mundo íntimo; os objetos em relação à nossa vida exterior e as formações simbólicas em relação à nossa vida interior
filosófica, *metafísica*

P.6.b.28

“In Sprache und Sitte, politischer Verfassung und Religionslehren, Literatur und Technik ist die Arbeit unzähliger Generationen niedergelegt, als gegenständlich gewordener Geist, von dem jeder nimmt, so viel wie er will oder kann, den aber überhaupt kein Einzelner ausschöpfen könnte; zwischen dem Maß dieses Schatzes und dem des davon Genommenen bestehen die mannigfaltigsten und zufälligsten Verhältnisse, und die Geringfügigkeit oder Irrationalität der individuellen Anteile läßt den Gehalt und die Würde jenes Gattungsbesitzes so unberührt, **wie** irgendein körperliches Sein es von seinem einzelnen Wahrgenommen- oder Nichtwahrgenommenwerden bleibt. Wie sich der Inhalt und die Bedeutung eines vorliegenden Buches als solche indifferent zu seinem großen oder kleinen, verstehenden oder verständnislosen Leserkreise verhält, so steht auch jedes sonstige Kulturprodukt dem Kulturkreise gegenüber, zwar bereit, von jedem ergriffen zu werden, für diese Bereitheit aber immer nur eine sporadische Aufnahme findend. Diese verdichtete Geistesarbeit der Kulturgemeinschaft **verhält sich** also zu ihrer Lebendigkeit in den individuellen Geistern **wie** die weite Fülle der Möglichkeit zu der Begrenzung der Wirklichkeit.”

p. 622

sich verhalten + wie// wie

cultura e natureza; a incorporação da cultura objetiva pelo sujeito como análoga à percepção dos objetos na natureza: analogia com Kant
filosófica, *conceitual*

P.6.b.29

“Die Grundtatsache dieses Gefühles: daß unser Erkennen in jedem Augenblick der Teil eines nur ideell vorhandenen, aber uns zur psychischen Verwirklichung dargebotenen und sie fordernden Komplexes der Erkenntnisse ist - diese scheint für Plato bestanden zu haben; nur daß er sie als einen Abfall des wirklichen Erkennens von dem einstigen Besitze dieser Totalität ausdrückte, als ein Nicht-Mehr, was wir heute als ein Noch-Nicht auffassen müssen. Das Verhältnis selbst aber kann offenbar bei beiden Deutungen - **wie** sich ja die identische Summe sowohl durch Subtraktion von Höherem, wie durch Addition von Niedrigerem herstellen läßt - als das ganz gleich gefühlte zum Grunde liegen.”

pp. 623-4

wie

teoria do conhecimento e matemática
filosófica, *serial*

P.6.b.30

“Die eigentümliche Daseinsart dieses Erkenntnisideals, das unseren wirklichen Erkenntnissen als Norm oder Totalität, gegenübersteht, ist dieselbe, **wie** sie der Gesamtheit sittlicher Werte und Vorschriften, gegenüber dem tatsächlichen Handeln der Individuen, zukommt. [...] Unser Handeln, ja unser gesamtes Sein, schönes wie häßliches, rechtes wie irrendes, großes wie kleinliches erscheint einem Schatz von Möglichkeiten entnommen, derart, daß es **sich** in jedem Augenblick zu seinem ideell bestimmten Inhalt **verhält**, **wie** das konkret Einzelding zu seinem Begriff, der sein inneres Gesetz und logische Wesen ausspricht, ohne in der Bedeutung dieses Inhalts von dem Ob, Wie und Wie oft seiner Verwirklichungen abhängig zu sein.”

p. 624-5

sich verhalten + wie// wie

teoria do conhecimento e filosofia moral
filosófica, *serial*

P.6.b.31

“Daß wir unsere Erkenntnisse notwendige nennen, das heißt, daß sie ihrem Inhalte nach nur in *einer* Weise dasein können, das ist doch nur ein anderer Ausdruck für die Bewußtseinstatsache, daß wir sie als psychische Realisierungen jenes ideell bereits feststehenden Inhaltes empfinden. Diese *eine* Weise bedeutet indes keineswegs, daß es für alle Mannigfaltigkeit der Geister nur *eine* Wahrheit gibt. Vielmehr: wenn auf der einen Seite ein bestimmt angelegter Intellekt, auf der anderen eine bestimmte Objektivität gegeben ist, so ist damit dasjenige, was gerade für diesen Geist »Wahrheit« ist, sachlich präformiert, **wie** es das Resultat einer Rechnung ist, wenn ihre Faktoren gegeben sind; bei jeder Änderung der mitgebrachten

geistigen Struktur ändert sich der Inhalt dieser Wahrheit, ohne darum weniger objektiv und unabhängig von allem, in diesem Geiste erfolgenden Bewußtwerden festzustehen.”

p. 625

wie

intelecto e cálculo

filosófica, *serial*

P.6.b.32

“Dieses allgemeine und grundlegende Verhältnis findet nun in dem zwischen dem vergegenständlichten Geist und Kultur und dem individuellen Subjekt eine **Analogie** in engeren Maßen. **Wie** wir unsere Lebensinhalte, erkenntnistheoretisch betrachtet, einem Reiche des sachlich Geltenden entnehmen, **so** beziehen wir, historisch angesehen, ihren überwiegenden Teil aus jenem Vorrat auf gespeicherter Geistesarbeit der Gattung; auch hier liegen präformierte Inhalte vor, der Verwirklichung in individuellen Geistern sich anbietend, aber auch jenseits solcher ihre Bestimmtheit festhaltend, die doch auch hier keineswegs die eines materiellen Gegenstandes ist; denn selbst wenn der Geist an Materien gebunden ist, wie in Geräten, Kunstwerken, Büchern, so fällt er doch nie mit dem zusammen, was an diesen Dingen sinnlich wahrnehmbar ist.”

p. 626

referência explícita à analogia// **wie + so**

o objeto de conhecimento está para a teoria do conhecimento, assim como o objeto de cultura para a história

filosófica, *serial*

P.6.b.33

“Indem wir diese Kategorie des objektiven Geistes als der historischen Darstellung des gültigen Geistesgehaltes der Dinge überhaupt gewinnen, zeigt sich, wieso der Kulturprozeß, den wir als eine subjektive Entwicklung erkannten - die Kultur der Dinge als eine Kultur der Menschen -, sich von seinem Inhalt trennen kann; dieser Inhalt nimmt, in jene Kategorie tretend, **gleichsam** einen anderen Aggregatzustand an, und damit ist die prinzipielle Grundlage für die Erscheinung geschaffen, die uns als gesonderte Entwicklung der sachlichen und der personalen Kultur entgegentrat.”

p. 627

gleichsam

filosofia e química: analogia com a noção de estado físico da matéria

ilustrativa, *conceitual*

P.6.b.34

“Die Kundenarbeit, die das mittelalterliche Handwerk beherrschte und erst im letzten Jahrhundert ihren rapidesten Rückgang erfahren hat, beließ dem Konsumenten ein persönliches Verhältnis zur Ware: da sie speziell für ihn bereitet war, sozusagen eine Wechselwirkung zwischen ihm und dem Produzenten darstellte, so gehörte sie, in einigermaßen ähnlicher Weise wie diesem, innerlich auch ihm zu. **Wie** man den schneidenden Gegensatz von Subjekt und Objekt in der Theorie dadurch versöhnt hat, daß man dieses in jenem als seine Vorstellung bestehen ließ, **so** kommt der gleiche Gegensatz in der Praxis nicht zur Entfaltung, solange das Objekt entweder nur durch ein Subjekt, oder um eines Subjektes willen entsteht. Indem die Arbeitsteilung die Kundenproduktion zerstört - schon weil der Abnehmer sich wohl mit einem Produzenten, aber nicht mit einem Dutzend Mitarbeiter in Verbindung setzen kann - verschwindet die subjektive Färbung des Produkts auch nach der Seite des Konsumenten hin, denn es entsteht nun unabhängig von ihm, die Ware ist nun eine objektive Gegebenheit, an die er von außen herantritt und die ihr Dasein und Sosein ihm gleichsam als etwas Autonomes gegenüberstellt. Der Unterschied z. B. zwischen dem modernen, auf die äußerste Spezialisierung gebauten Kleidermagazin und der Arbeit des Schneiders; den man ins Haus nahm, charakterisiert aufs schärfste die gewachsene Objektivität des wirtschaftlichen Kosmos, seine überpersönliche Selbständigkeit im Verhältnis zum konsumierenden Subjekt, mit dem er ursprünglich verwachsen war.”

pp. 633-4

wie + so

a relação entre sujeito e objeto está para a teoria, assim como o comércio para a prática

filosófica, *serial* (*atípica)

P.6.b.35

“Die Grundtatsache selbst ist ersichtlich eine Arbeitsteilung: die Technik der Produktion ist so spezialisiert, daß die Handhabung ihrer verschiedenen Teile nicht nur an immer mehr, sondern auch an immer verschiedenere Personen übergeht - bis es eben schließlich dahin kommt, daß ein Teil der Arbeit an den niedrigsten Bedürfnisartikeln von den höchststehenden Individuen geleistet wird, gerade **wie** umgekehrt, in ganz **entsprechender** Objektivierung, die maschinentechnische Arbeitszerlegung bewirkt, daß an den

raffiniertesten Produkten der höchsten Kultur die rohesten Hände mitarbeiten (man denke etwa an eine heutige Druckerei im Unterschied gegen die Herstellung der Bücher vor Erfindung der Buchdruckerkunst!).“
pp. 635-6

wie// entsprechend

o trabalho altamente qualificado e o trabalho altamente desclassificado
filosófica, *serial*

P.6.b.36

“Der automatische Charakter der modernen Maschine ist der Erfolg einer weit getriebenen Zerlegung und Spezialisierung von Stoffen und Kräften, gerade **wie** der gleiche Charakter einer ausgebildeten Staatsverwaltung sich nur auf Grund einer raffinierten Arbeitsteilung unter ihren Trägern erheben kann.”

pp. 636-7

wie

a máquina está para o domínio do trabalho, assim como o Estado para o da política
especializada, *sociológica*

P.6.b.37

“Wenn nun jeder Stil **wie** eine Sprache für sich ist die besondere Laute, besondere Flexionen, eine besondere Syntax hat, um das Leben auszudrücken, so tritt er unserem Bewußtsein offenbar so lange nicht als eine autonome Potenz, die ein eigenes Leben lebt, entgegen, als wir nur einen einzigen Stil kennen, in dem wir uns und unsere Umgebung gestalten. Niemand empfindet an seiner Muttersprache, solange er sie unbefangen redet, eine objektive Gesetzmäßigkeit, an die er sich wie an ein jenseits seines Subjekts zu wenden hat, um von ihr die nach unabhängigen Normen geprägte Ausdrucksmöglichkeit für seine Innerlichkeit zu entlehnen. Vielmehr, Ausgedrücktes und Ausdruck sind in diesem Fall unmittelbar eines, und als ein selbständiges, uns gegenüberstehendes Sein empfinden wir nicht nur die Muttersprache, sondern die Sprache überhaupt erst, wenn wir fremde Sprachen kennen lernen. So werden Menschen eines ganz einheitlichen, ihr ganzes Leben umschließenden Stiles denselben auch in fragloser Einheit mit den *Inhalten* desselben vorstellen.”

p. 642

wie

estilo e linguagem
filosófica, *serial*

P.6.b.38

“Daß die sämtlichen Anschauungsinhalte unseres Kulturlebens in eine Vielheit von Stilen auseinandergegangen sind, löst jenes ursprüngliche Verhältnis zu ihnen, in dem Subjekt und Objekt noch gleichsam ungeschieden ruhen, und stellt uns einer Welt nach eigenen Normen entwickelter Ausdrucksmöglichkeiten, der Formen, das Leben überhaupt auszudrücken, gegenüber, so daß eben diese Formen einerseits und unser Subjekt andererseits **wie** zwei Parteien sind, zwischen denen ein rein zufälliges Verhältnis von Berührungen, Harmonien und Disharmonien herrscht.”

pp. 642-3

wie

a vida moderna e o partido; a relação entre os estilos de vida à disposição do homem moderno e sua subjetividade como analogia com a relação entre dois partidos
ilustrativa, *figurativa*

P.6.b.39

“Daß gelegentlich auch das Umgekehrte stattfindet, beweist die gleiche gegenseitige Verselbständigung beider Formen des Geistes. In etwas versteckter und umgebildeter Art liegt dies etwa in folgender der Erscheinung. Die bäuerliche Wirtschaft scheint in Norddeutschland nur bei einer Art Anerbenrecht auf die Dauer erhaltbar, d. h. nur dann, wenn einer der Erben den Hof übernimmt und die Miterben mit geringeren Quoten abfindet, als sie nach dem Verkaufswert desselben bekommen würden. Bei der Berechnung nach dem letzteren - der momentan den Ertragswert weit übersteigt - wird der Hof bei der Abfindung derart mit Hypotheken überlastet, daß nur ein ganz minderwertiger Betrieb möglich bleibt. Dennoch fordert das moderne, individualistische Rechtsbewußtsein diese mechanische, geldmäßige Gleichberechtigung aller Erben und gibt nicht einem einzelnen Kinde den Vorteil, der doch zugleich die Bedingung für den objektiv vollkommenen Betrieb wäre [...]. Unter dieses **Schema** gehören die Fälle, die dahin zusammengefaßt worden sind, daß die, Produktionsverhältnisse, nachdem sie eine bestimmte Epoche über bestanden haben, von den Produktionskräften, die sie selbst entwickelten, überflügelt werden, so daß sie den letzteren keinen adäquaten Ausdruck und Verwendung mehr gestatten [...]. Nach diesem **Schema** verlaufen viele Veranlassungen zur Frauenbewegung. [...] Aus einem **entsprechenden Verhältnis** soll der vielfach unbefriedigende Charakter moderner Ehen folgen. [...] **Nicht anders** das Recht [...], Sobald die religiösen Impulse sich zu einem Schatz bestimmter Dogmen kristallisiert haben und diese arbeitsteilig durch eine, von den Gläubigen gesonderte, Körperschaft getragen werden, geht es der Religion nicht besser.”

pp. 643-5

entsprechend (destaco ainda: **Verhältnis, Schema e nicht anders**).

agricultura, trabalho, cultura feminina, casamento, direito e religião
historicista

P.6.b.40

“Geist ist der objektive Inhalt dessen, was innerhalb der Seele in lebendiger Funktion bewußt wird; Seele ist **gleichsam** die Form, die der Geist, d. h. der logisch-begriffliche Inhalt des Denkens, für unsere Subjektivität, als unsere Subjektivität, annimmt.”

p. 647

gleichsam

filosofia do dinheiro e filosofia tradicional: analogia com a noção de forma
ilustrativa, *conceitual*

P.6.b.41

“Der Geist in diesem Sinne ist deshalb nicht an die Gestaltung zur Einheit gebunden, ohne die es keine Seele gibt. Es ist, als ob die geistigen Inhalte irgendwie verstreut da wären und erst die Seele führte sie in sich einheitlich zusammen, ungefähr **wie** die unlebendigen Stoffe in den Organismus und die Einheit seines Lebens einbezogen werden.”

p. 647

wie

alma e organismo: a alma está para os conteúdos espirituais, assim como o organismo para a matéria
ilustrativa, *figurativa*

P.6.b.42

“Darin liegt die Größe wie die Grenze der Seele gegenüber den einzelnen, in ihrer selbständigen Gültigkeit und sachlichen Bedeutsamkeit betrachteten Inhalten ihres Bewußtseins. In so leuchtender Vollkommenheit und restlosem Sich-Selbst-Genügen auch Plato das Reich der Ideen zeichnen mag, die doch nichts anderes sind, als die von aller Zufälligkeit des Vorgestelltwerdens gelösten Sachinhalte des Denkens, und so unvollkommen, bedingt und dämmernd ihm die Seele des Menschen mit ihrer blassen, verwischten, kaum erhaschten Abspiegelung jener reinen Bedeutsamkeiten erscheinen mag - für uns ist jene plastische Klarheit und logische Formbestimmtheit nicht der einzige Wertmaßstab der Ideale und Wirklichkeiten. Uns ist die Form persönlicher Einheit, zu der das Bewußtsein den objektiven geistigen Sinn der Dinge zusammenführt, von unvergleichlichem Wert: hier erst gewinnen sie die Reibung aneinander, die Leben und Kraft ist, hier entwickeln sich erst jene dunklen Wärmestrahlen des Gemütes, für die die klare Perfektion rein sachlich bestimmter Ideen keinen Platz und kein Herz hat. **So** aber **verhält es sich** auch mit dem Geiste, der durch Vergegenständlichung unserer Intelligenz sich der Seele als Objekt gegenüberstellt. Und zwar wächst der Abstand zwischen beiden offenbar in demselben Maße, in dem der Gegenstand durch das arbeitsteilige Zusammenwirken einer wachsenden Anzahl von Persönlichkeiten entsteht; denn in eben diesem Maß wird es unmöglich, in das Werk die Einheit der Persönlichkeit hineinzuarbeiten, hineinzuleben, an welche sich für uns gerade der Wert, die Wärme, die Eigenart der Seele knüpft. Daß dem objektiven Geist durch die moderne Differenziertheit seines Zustandekommens eben diese Form der Seelenhaftigkeit fehlt - in engem Zusammenhang mit dem mechanischen Wesen unserer Kulturprodukte - das mag der letzte Grund der Feindseligkeit sein, mit der sehr individualistische und vertiefte Naturen jetzt so häufig dem »Fortschritt der Kultur« gegenüberstehen. [...] Die Pracht und Größe der modernen Kultur zeigt so einige **Analogie** mit jenem strahlenden Ideenreiche Platos, in dem der objektive Geist der Dinge in makelloser Vollendung wirklich ist, dem aber die Werte der eigentlichen, nicht in Sachlichkeiten auflösbaren Persönlichkeit fehlen - ein Mangel, den alles Bewußtsein des fragmentarischen, irrationalen, ephemeren Charakters der letzteren nicht unfehlbar machen kann.”

pp. 647-9

referência explícita à analogia// **sich verhalten + so**

o mundo das ideias e a cultura moderna: analogia com Platão
filosófica, *conceitual*

P.6.b.43

“Die Produktion, mit ihrer Technik und ihren Ergebnissen, erscheint **wie** ein Kosmos mit festen, sozusagen logischen Bestimmtheiten und Entwicklungen, der dem Individuum gegenübersteht, wie das Schicksal es der Unstätigkeit und Unregelmäßigkeit unseres Willens tut.”

p. 651

wie

a cultura moderna e o cosmos
ilustrativa, *figurativa*

P.6.b.44

“Die Produktion, mit ihrer Technik und ihren Ergebnissen, erscheint wie ein Kosmos mit festen, sozusagen logischen Bestimmtheiten und Entwicklungen, der dem Individuum gegenübersteht, **wie** das Schicksal es der Unstätigkeit und Unregelmäßigkeit unseres Willens tut. Dieses formale Sich-selbst-gehören, dieser innere Zwang, der die Kulturinhalte zu einem Gegenbild des Naturzusammenhanges einigt, wird erst durch das Geld wirklich: das Geld funktioniert einerseits als das Gelenksystem dieses Organismus; es macht seine Elemente gegeneinander verschiebbar, stellt ein Verhältnis gegenseitiger Abhängigkeit und Fortsetzbarkeit aller Impulse zwischen ihnen her. Es ist andererseits dem Blute zu vergleichen, dessen kontinuierliche Strömung alle Verästelungen der Glieder durchdringt, und, alle gleichmäßig ernährend, die Einheit ihrer Funktionen trägt.”

pp. 651-2

wie

a cultura moderna e o destino

ilustrativa, *figurativa*

P.6.b.45

“Dieses formale Sich-selbst-gehören, dieser innere Zwang, der die Kulturinhalte zu einem Gegenbild des Naturzusammenhanges einigt, wird erst durch das Geld wirklich: das Geld funktioniert einerseits als das Gelenksystem dieses Organismus; es macht seine Elemente gegeneinander verschiebbar, stellt ein Verhältnis gegenseitiger Abhängigkeit und Fortsetzbarkeit aller Impulse zwischen ihnen her. Es ist andererseits dem Blute zu **vergleichen**, dessen kontinuierliche Strömung alle Verästelungen der Glieder durchdringt, und, alle gleichmäßig ernährend, die Einheit ihrer Funktionen trägt.”

pp. 651-2

vergleichen

o dinheiro e o sangue

filosófica, *ilustrativa*

P.6.b.46

“Die Geldwirtschaft zeigt sich auch hier in ihrer **formalen Beziehung** zu sozialistischen Zuständen; denn was von diesen erwartet wird: die Erlösung von dem individuellen Kampf ums Dasein, die Sicherung der niedrigeren und die leichte Zugänglichkeit der höheren Wirtschaftswerte - dürfte gleichfalls die differenzierende Wirkung üben, daß ein gewisser Bruchteil der Gesellschaft sich in eine bisher unerhörte und von allen Gedanken an das Irdische entfernteste Höhe der Geistigkeit erhebt, während ein anderer Bruchteil gerade in einen ebenso unerhörten praktischen Materialismus versänke.”

p. 653

form + Beziehung = sich in formaler Beziehung zeigen

economia monetária e socialismo

filosófica, *metafísica*

P.6.b.47

“Im großen und ganzen wird das Geld wohl am wirksamsten an denjenigen Seiten unseres Lebens, deren Stil durch das Übergewicht der objektiven Kultur über die subjektive bestimmt wird. Daß es aber auch den umgekehrten Fall zu stützen sich nicht weigert, das stellt Art und Umfang seiner historischen Macht in das hellste Licht. Man könnte es höchstens nach mancher Richtung hin der Sprache **vergleichen**, die sich ebenfalls den divergentesten Richtungen des Denkens und Fühlens unterstützend, verdeutlichend, herausarbeitend leiht. Es gehört zu jenen Gewalten, deren Eigenart gerade in dem Mangel an Eigenart besteht, die aber dennoch das Leben sehr verschieden färben können, weil das bloß Formale, Funktionelle, Quantitative, das ihre Seinsart ist, auf qualitativ bestimmte Lebensinhalte und -richtungen trifft und diese zur weiteren Zeugung qualitativ neuer Bildungen bestimmt. Seine Bedeutung für den Stil des Lebens wird dadurch, daß es *beiden* möglichen Verhältnissen zwischen dem objektiven und dem subjektiven Geist zur Steigerung und Reife hilft, nicht aufgehoben.”

pp. 653-4

vergleichen

dinheiro e linguagem

filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.48

“Wir mögen davon durchdrungen sein, daß die Gesetzmäßigkeit unseres Seelenlebens völlig anderen Wesens ist, als die eines äußeren Mechanismus - vor allem, weil jenem die feste Umschriebenheit und sichere Wiedererkennbarkeit der einzelnen Elemente fehlt - so stellen wir uns doch unvermeidlich die »Vorstellungen« als eine Art Wesen vor, die miteinander in die mechanischen Beziehungen des Verbindens und Trennens, des Hebens und Herabdrückens treten. Wir sind dabei überzeugt - und die Praxis gibt uns recht -, daß diese, nach dem Typus anschaulicher Vorgänge geschehende Deutung des Inneren die Wirklichkeit dieses letzteren gültig vertritt, gerade **wie** dem Astronomen die Rechnung auf dem Papiere die

Bewegungen der Gestirne so erfolgreich repräsentiert, daß das Resultat jener durchaus das Bild darstellt, das von dem Resultat der realen Kräfte bewahrheitet wird."

pp. 655-6

wie

ciências do espírito e ciências naturais

filosófica, *serial*

P.6.c.49

"Dieser gegenseitigen symbolisierenden Deutung sind die seelischen und die körperhaften Daseinsinhalte um so unbedenklicher zugänglich, je einfacher sie sind. Bei den einfachen Prozessen der Verbindung, Verschmelzung, Reproduktion der Vorstellungen können wir noch einigermaßen die Idee einer allgemeinen Formgesetzlichkeit festhalten, die der inneren wie der äußeren Welt ein **analoges** Verhalten vorschreibt und so die eine zur Stellvertretung der anderen geeignet macht. Bei komplizierteren und eigenartigeren seelischen Gebilden wird die Bezeichnung nach **Analogien** der räumlichen Anschaulichkeit immer diffiziler; immer dringender ist sie auf die Anwendbarkeit in einer Vielheit von Fällen angewiesen, um nicht zufällig und spielerisch zu erscheinen und um eine feste, wenn auch nur symbolische Beziehung zu der seelischen Wirklichkeit zu besitzen. Und von sich selbst ausgehend wird diese letztere den Weg in die Dinge, deren Sinn und Bedeutung nach sich interpretierend, um so schwerer und unsicherer finden, je spezieller oder zusammengesetzter die Vorgänge auf beiden Seiten sind; denn um so unwahrscheinlicher und schwerer herausföhlbar wird jene geheimnisvolle Formgleichheit innerer und äußerer Erscheinungen, die der Seele eine Brücke von den einen in die anderen baut. - Hiermit sollen Erwägungen eingeleitet werden, die eine Reihe mannigfaltiger innerer Kulturercheinungen zusammenfassen und dadurch, daß diese alle die Deutung nach je einer und derselben anschaulichen **Analogie** gestatten, einleuchtend machen sollen, daß sie alle einem und demselben Stil des Lebens angehören."

p. 657

referência explícita à analogia

analogia espacial: determinação do estilo de vida segundo o modelo analógico da distância

filosófica, *metafísica*

*esta analogia, que é aqui anunciada, começa a ser desenvolvida no parágrafo seguinte e se estende, em suas modulações, até a p. 676

P.6.c.50

"Daneben aber stiftet jede Kunst eine Entfernung von der Unmittelbarkeit der Dinge, sie läßt die Konkretheit der Reize zurücktreten und spannt einen Schleier zwischen uns und sie, **gleich** dem feinen bläulichen Duft, der sich um ferne Berge legt."

pp. 658-9

gleich

arte e natureza

ilustrativa, *figurativa*

P.6.c.51

"Das geistige Verhältnis zur Welt, das die moderne Wissenschaft stiftet, ist tatsächlich nach beiden Seiten hin auszudeuten. [...] **Wie** die kulturelle Entwicklung bewirkt, daß das früher unbewußt und instinktiv Geschehende später mit klarer Rechenschaft und zerlegendem Bewußtsein geschieht, während andererseits vieles, wozu es sonst angespannter Aufmerksamkeit und bewußter Mühe bedurfte, zu mechanischer Gewöhnung und instinktmäßiger Selbstverständlichkeit wird - **so** wird hier, **entsprechend**, das Entfernteste näher, um den Preis, die Distanz zum Näheren zu erweitern."

pp. 662-3

wie + so// entsprechend

cultura e ciência; o desenvolvimento da cultura e o desenvolvimento da ciência moderna*

filosófica, *metafísica*// historicista

* embora não esteja perfeitamente claro se a palavrinha "hier", em que se encontra referido o segundo termo da analogia, realmente remete ao desenvolvimento da ciência moderna, a analogia em questão encerra o parágrafo que começa tratando "dessa relação espiritual com o mundo que a ciência moderna propicia", que encontra nas invenções do microscópio e do telescópio seu registro material mais acabado, de modo que me parece razoável tomar esse como sendo o segundo termo da analogia.

P.6.c.52

"Die gleiche Funktion des Geldes für den Lebensstil steigt nun noch tiefer in das Einzelsubjekt selbst hinab, als Distanzierung nicht gegen andere Personen, sondern gegen die Sachgehalte des Lebens. Schon daß ein Vermögen heute aus Produktionsmitteln, statt wie in primitiven Epochen aus Konsumtionsmitteln besteht, ist eine enorme Distanzierung. **Wie** sich in die Herstellung der Kulturobjekte selbst immer mehr und mehr Stationen einschieben - indem das Produkt immer weiter vom Rohstoff abliegt, **so** stellt die jetzige Art des Vermögensbesitzes den Eigentümer technisch und infolgedessen auch innerlich in eine viel weitere

Entfernung von dem definitiven Zwecke alles Vermögens, als zu den Zeiten, wo Vermögen nur die Fülle unmittelbarer Konsumtionsmöglichkeiten bedeutete. Auf dem Gebiet der Produktion wird der gleiche innere Erfolg durch die Arbeitsteilung begünstigt, die durch das Geldwesen wechselwirkend bedingt ist. Je weniger jeder Einzelne ein Ganzes schafft, desto durchgehender erscheint sein Tun als bloßes Vorstadium, desto weiter scheint die Quelle seiner Wirksamkeiten von deren Mündung, dem Sinn und Zweck der Arbeit, abgerückt. Und nun unmittelbar: **wie** sich das Geld zwischen Mensch und Mensch schiebt, **so** zwischen Mensch und Ware.”

p. 665

wie + so

formação sociológica e formação individual
filosófica, *metafísica*

P.6.c.53

“Im weiteren Maße tritt diese Bedeutung des Geldwesens an seiner Steigerung, dem Kredite, hervor. Der Kredit spannt die Vorstellungsreihen noch mehr und mit einem entschiedeneren Bewußtsein ihrer unverkürzten Weite aus, als die Zwischeninstanz des baren Geldes es für sich tut. Der Drehpunkt des Verhältnisses zwischen Kreditgeber und Kreditnehmer ist gleichsam aus der gradlinigen Verbindung ihrer hinaus und in einer weiten Distanz von ihnen fest gelegt: die Tätigkeit des Einzelnen wie der Verkehr bekommt dadurch den Charakter der Langsichtigkeit und den der gesteigerten Symbolik. Indem der Wechsel oder überhaupt der Begriff der Geldschuld die Werte weit abliegender Objekte vertritt, verdichtet er sie ebenso in sich, **wie** der Blick über eine räumliche Entfernung hin die Inhalte der Strecke in perspektivischer Verkürzung zusammendrängt.”

p. 667

wie

dinheiro e paisagem; o dinheiro enquanto crédito e a paisagem
filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.54

“Und **wie** uns das Geld von den Dingen entfernt, aber auch - in diesen gegensätzlichen Wirkungen seine spezifische Indifferenz zeigend - sie uns näher bringt, **so** hat die Kreditanweisung ein doppeltes Verhältnis zu unserem Vermögensbestande.”

p. 667

wie + so

dinheiro e crédito
filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.55

“Es ist allenthalben das Schema höherer Entwicklungsstufen, daß das ursprüngliche Aneinander und die unmittelbare Einheit der Elemente aufgelöst wird, damit sie, verselbständigt und voneinander abgerückt, nun in eine neue, geistigere, umfassendere Synthese vereinheitlicht werden. Im Kreditverkehr wird statt der Unmittelbarkeit der Wertausgleichung eine Distanz gesetzt, deren Pole durch den Glauben zusammengehalten werden; **wie** Religiosität um so höher steht, eine je unermeßlichere Distanz sie - im Gegensatz zu allem Anthropomorphismus und allen sinnlichen Erweisen - zwischen Gott und der Einzelseele bestehen läßt, um gerade damit das äußerste Maß des Glaubens hervorzurufen, das jene Distanz überbrücke.”

pp. 668-9

wie

economia e religião; crédito e crença
filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.56

“Es ist, im Grunde genommen, immer der alte metaphysische Fehler: die Bestimmungen, welche die Elemente eines Ganzen untereinander, also relativweise, aufzeigen, auf das Ganze zu übertragen - der Fehler, aus dem heraus z. B. die Forderung ursächlicher Begründung, die für alle Teile der Welt und für deren Verhältnis untereinander gilt, auch dem Ganzen der Welt gegenüber erhoben wird. Den Enthusiasten für die moderne Technik würde es wahrscheinlich sehr wunderlich vorkommen, daß ihr inneres **Verhalten** demselben **Formfehler** unterliegen soll, **wie** das der spekulierenden Metaphysiker. Und doch ist es so: die relativen Höhe, welche die technischen Fortschritte der Gegenwart gegenüber den früheren Zuständen und unter vorausgesetzter Anerkennung gewisser Ziele erreicht haben, wächst ihnen zu einer absoluten Bedeutung dieser Ziele und also jener Fortschritte aus.”

p. 671

wie (destaco ainda: **Verhalten e Formfehler**)

o metafísico e o entusiasta da técnica
filosófica, *serial*

P.6.c.57

“Also auch nach dieser Wirkungsrichtung hin zeigt es die Doppelheit seiner Funktionen, durch deren Vereinigung es die Form der größten und tiefsten Lebenspotenzen überhaupt wiederholt: daß es **einerseits** in den Reihen der Existenz als ein Gleiches oder allenfalls ein Erstes unter Gleichen steht, und daß es **andererseits** über ihnen steht, als zusammenfassende, alles Einzelne tragende und durchdringende Macht. **So** ist die Religion eine Macht im Leben, neben seinen andern Interessen und oft gegen sie, einer der Faktoren, deren Gesamtheit das Leben ausmacht, und **andererseits** die Einheit und der Träger des ganzen Daseins selbst - **einerseits**, ein Glied des Lebensorganismus, **andererseits** diesem gegenüberstehend, indem sie ihn in der Selbstgenügsamkeit *ihrer* Höhe und Innerlichkeit ausdrückt.”

p. 676

so// paralelismo sintático (**einerseits, andererseits**)

dinheiro, religião e vida

filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.58

“Ich komme nun zu einer zweiten Stilbestimmtheit des Lebens, die nicht, wie die Distanzierung, durch eine räumliche, sondern durch eine zeitliche **Analogie**, bezeichnet wird; und zwar, da die Zeit inneres und äußeres Geschehen gleichmäßig umfaßt, wird die Wirklichkeit damit unmittelbarer und mit geringerer Inanspruchnahme der Symbolik als in dem früheren Falle charakterisiert. Es handelt sich um den Rhythmus, in dem die Lebensinhalte auftreten und zurücktreten, um die Frage, inwieweit die verschiedenen Kulturepochen überhaupt die Rhythmik in dem Abrollen derselben begünstigen oder zerstören, und ob das Geld nicht nur in seinen eigenen Bewegungen daran teil hat, sondern auch jenes Herrschen oder Sinken der Periodik des Lebens von sich aus beeinflusst.”

pp. 676-7

referência explícita à analogia

analogia temporal: determinação do estilo de vida segundo o modelo analógico do ritmo

filosófica, *metafísica*

*esta analogia se estende, em suas modulações, até a p. 696

P.6.c.59

“Ich erwähne hier endlich, ganz jenseits aller Wirtschaft und nur als charakteristisches Symbol dieser Entwicklung, daß auch in der Musik das rhythmische Element das zuerst ausgeprägte und gerade auf ihren primitivsten Stufen äußerst hervortretende ist. Ein Missionar ist in Aschanti bei der wirren Disharmonie der dortigen Musik von dem wunderbaren Takthalten der Musiker überrascht, die chinesische Theatermusik in Kalifornien soll, obgleich ein ohrenzerreißender unmelodischer Lärm, doch strenge Taktmäßigkeit besitzen, von den Festen der Wintunindianer erzählt ein Reisender: »Dann kommen auch Gesänge, in denen jeder Indianer seine eigenen Gefühle ausdrückt, wobei sie seltsamerweise vollkommen Takt miteinander halten.« Tiefer hinabsteigend: gewisse Insekten bringen einen Laut zur Bezauberung der Weibchen hervor, der in einem und demselben, scharf rhythmisch wiederholten Ton besteht - im Unterschied gegen die höher entwickelten Vögel, in deren Liebesgesang die Rhythmik ganz hinter die Melodie zurücktritt. Und auf den höchsten Stufen der Musik wird bemerkt, daß neuerdings die Entwicklung vom Rhythmischen ganz abzuweichen scheine, nicht nur bei Wagner, sondern auch bei gewissen Gegnern von ihm, die in ihren Texten dem Rhythmischen aus dem Wege gehen und den Korintherbrief und den Prediger Salomonis komponieren; der scharfe Wechsel von Hebung und Senkung macht ausgeglicheneren oder unregelmäßigeren Formen Platz. Sehen wir von dieser **Analogie** wieder auf das wirtschaftliche und allgemeine Kulturleben zurück, so scheint dasselbe von einer durchgängigen Vergleichmäßigung ergriffen, seit man für Geld alles zu jeder Zeit kaufen kann und deshalb die Regungen und Reizungen des Individuums sich an keinen Rhythmus mehr zu halten brauchen, der, von der Möglichkeit ihrer Befriedigung aus, sie einer transindividuellen Periodizität unterwürfe.”

pp. 679-80

referência explícita à analogia

economia e música*

filosófica, *ilustrativa//* historicista

P.6.c.60

“Und wenn die Kritiker der jetzigen Wirtschaftsordnung gerade ihr den regelmäßigen Wechsel zwischen Überproduktion und Krisen vorwerfen, so wollen sie damit doch gerade das noch Unvollkommene an ihr bezeichnen, das in eine Kontinuität der Produktion wie des Absatzes überzuführen sei. **Ich erinnere an** die Ausdehnung des Transportwesens, das von der Periodizität der Fahrpost zu den zwischen den wichtigsten Punkten fast ununterbrochen laufenden Verbindungen und bis zum Telegraphen und Telephon fortschreitet, die die Kommunikation überhaupt nicht mehr an eine Zeitbestimmtheit binden; **an** die Verbesserung der künstlichen Beleuchtung, die den Wechsel von Tag und Nacht mit seinen, das Leben rhythmisierenden Folgen immer gründlicher paralyisiert; **an** die gedruckte Literatur, die uns, unabhängig von dem eigenen

organischen Wechsel des Denkprozesses zwischen Anspannungen und Pausen, in jedem Momente, wo wir es gerade wünschen, mit Gedanken und Anregungen versorgt."

p. 680

parallelismo sintático (repetição da estrutura frasal: **ich erinnere an** + termo da analogia, separados por ponto-e-vírgula)

comunicação, iluminação e literatura impressa*

filosófica, *serial*

*os casos que formam essa série podem ser considerados como correlatos da economia monetária

P.6.c.61

"Man kann den Rhythmus als die auf die Zeit übertragene Symmetrie bezeichnen, **wie** die Symmetrie als Rhythmus im Raum. Wenn man rhythmische Bewegungen in Linien zeichnet, so werden diese symmetrisch; und umgekehrt: die Betrachtung des Symmetrischen ist ein rhythmisches Vorstellen. Beides sind nur verschiedene Formen desselben Grundmotives. **Wie** in den Künsten des Ohres der Rhythmus, **so** ist in denen des Auges die Symmetrie der Anfang aller Gestaltung des Materiales."

p. 681

wie + so// wie

ritmo e simetria; o ritmo está para o tempo, assim como a simetria para o espaço

filosófica, *conceitual*

P.6.c.62

"Daher hat sowohl der Despotismus wie der Sozialismus besonders starke Neigungen zu symmetrischen Konstruktionen der Gesellschaft, beide, weil es sich für sie um eine starke Zentralisierung der letzteren handelt, um derentwillen die Individualität der Elemente, die Ungleichmäßigkeit ihrer Formen und Verhältnisse zur Symmetrie nivelliert werden muß. In äußerlichem Symbol: Ludwig XIV. soll seine Gesundheit aufs Spiel gesetzt haben, um Türen und Fenster symmetrisch zu haben. Und **ebenso** konstruieren sozialistische Utopien die lokalen Einzelheiten ihrer Idealstädte oder -staaten immer nach dem Prinzip der Symmetrie: entweder in Kreisform oder in quadratischer Form werden die Ortschaften oder Gebäude angeordnet."

p. 682

ebenso

despotismo e socialismo; Luís XIV e as utopias socialistas

especializada, *sociológica*

P.6.c.63

"**Wie** es am Einzelmenschen zwar eine erhebliche Kraft verrät, wenn er Personen und Dinge sich assimiliert, indem er ihnen die Form und das Gesetz seines Wesens aufzwingt, wie aber der noch größere Mensch den Dingen in ihrer Eigenart gerecht wird und sie gerade mit dieser und gemäß ihrer in den Kreis seiner Zwecke und seiner Macht hineinzieht - **so** ist es zwar schon eine Höhe des Menschlichen, die theoretische und praktische Welt in ein Schema von uns aus zu zwingen; größer aber ist es, die eigenen Gesetze und Forderungen der Dinge anerkennend und ihnen folgsam, sie erst so in unser Wesen und Wirken einzubauen."

p. 683

wie + so

indivíduo e humanidade

filosófica, *serial*

P.6.c.64

"So sehen wir z. B. daß erst in höheren Kulturverhältnissen die Einrichtung regelmäßiger Mahlzeiten den Tag im allgemeinen rhythmisch gliedert; eine Mehrzahl fester täglicher Mahlzeiten scheint bei keinem Naturvolk vorzukommen. Im Gegensatz dazu haben wir freilich schon oben bemerkt, daß in bezug auf das Ganze der Ernährung Naturvölker oft einen regelmäßigen Rhythmus von Entbehrungsperioden und Zeiten schwelgerischen Verjübelns haben, den die höhere Wirtschaftstechnik völlig beseitigt hat. Allein jene Gleichmäßigkeit täglicher Mahlzeiten erreicht ihre große Stabilität zwar auf sehr hohen, vielleicht aber doch nicht auf den allerhöchsten Stufen der sozialen und geistigen Skala. In der obersten Gesellschaftsschicht erleidet dieselbe durch den Beruf, die Geselligkeit und komplizierte Rücksichten vielerlei Art wieder manchen Abbruch, und zu eben demselben werden den Künstler und den Gelehrten die wechselnden Anforderungen der Sache wie der Stimmungen des Tages veranlassen. Dies weist schon darauf hin, wie sehr der Rhythmus der Mahlzeiten - und sein Gegenteil - dem der Arbeit **entspricht**. Auch hier lassen verschiedene Reihen ganz verschiedene Verhältnisse erkennen. Der Naturmensch arbeitet genau so unregelmäßig, **wie** er ißt. Auf gewaltige Kraftanstrengungen, zu denen die Not oder Laune ihn treibt, folgen Zeiten absoluter Faulheit, beides ganz zufällig und prinziplos abwechselnd. [...] Die Entwicklung des Geldwesens **folgt dem gleichen Schema**. Es zeigt gewisse rhythmische Erscheinungen als eine Art Mittelstufe: aus der chaotischen Zufälligkeit, in der sein erstes Auftreten sich bewegt haben muß, gelangt es zu jenen, die doch immerhin ein

Prinzip und eine sinnvolle Gestaltung aufzeigen, bis es auf weiterer Stufe eine Kontinuität des Sich-Darbietens gewinnt, mit der es sich allen sachlichen und persönlichen Notwendigkeiten, frei von dem Zwange eines rhythmischen und in höherem Sinn doch zufälligen Schemas, anschmiegt. Es genügt für unseren Zweck, den Übergang von der zweiten zur dritten Stufe an einigen Beispielen zu zeigen."

pp. 683-7*

wie// entsprechen// gleich + Schema = dem gleichen Schema folgen

trabalho, alimentação e dinheiro

filosófica, *ilustrativa*// historicista

* a analogia é desenvolvida ao longo de dois parágrafos (que vão da página 684 até a 687). O dinheiro é referido apenas no segundo parágrafo.

P.6.c.65

"Die systematische Lebensform ist nicht nur, wie ich schon hervorhob, die *Technik* zentralistischer Tendenzen, mögen sie despotischer oder sozialistischer Art sein, sondern sie gewinnt außerdem einen Reiz für sich: die innere Ausgeglichenheit und äußere Geschlossenheit, die Harmonie der Teile und Berechenbarkeit ihrer Schicksale verleiht allen symmetrisch-systematischen Organisationen eine Anziehung, deren Wirkungen weit über alle Politik hinaus an unzähligen öffentlichen und privaten Interessen gestaltende Macht übt. Mit ihr sollen die individuellen Zufälligkeiten des Daseins eine Einheit und Durchsichtigkeit erhalten, die sie zum Kunstwerk macht. Es handelt sich um den gleichen ästhetischen Reiz, **wie** ihn die Maschine auszuüben vermag. Die absolute Zweckmäßigkeit und Zuverlässigkeit der Bewegungen, die äußerste Verminderung der Widerstände und Reibungen, das harmonische Ineinandergreifen der kleinsten und der größten Bestandteile: das verleiht der Maschine selbst bei oberflächlicher Betrachtung eine eigenartige Schönheit, die die Organisation der Fabrik in erweitertem Maße **wiederholt** und die der sozialistische Staat im allerweitesten **wiederholen** soll."

pp. 687-8

wie (destaco ainda: **wiederholen**)

as instituições despóticas e socialistas, de um lado, e a máquina, de outro especializada, *psicológica*

P.6.c.66

"Es ist sehr bezeichnend, daß man das kursierende Geld flüssig nennt: **wie** einer Flüssigkeit fehlen ihm die inneren Grenzen, und nimmt es die äußeren widerstandslos von der festen Fassung an, die sich ihm jeweilig bietet."

p. 691

wie

o dinheiro e o líquido

filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.67

"Hier ordnet sich das Geld einer uns schon früher wichtig gewordenen Kategorie von Lebensmächten ein, deren sehr eigenartiges Schema es ist, daß sie ihrem Wesen und ursprünglichen Sinne nach sich über die Gegensätze erheben, in die die betreffende Interessenprovinz auseinandergeht, als die ungeteilte Indifferenz derselben jenseits ihrer stehen - dann oder zugleich aber in den Gegensatz der Einzelheiten hinuntersteigen: sie werden Partei, wo sie soeben Unbeteiligte oder Richter gewesen waren. [...] **So** zunächst die Religion, die der Mensch braucht, um die Entzweiung zwischen seinen Bedürfnissen und deren Befriedigung, zwischen seinem Sollen und seiner Praxis, zwischen seinem Idealbild der Welt und der Wirklichkeit zu versöhnen. Hat er sie aber einmal geschaffen, so bleibt sie nicht in der Höhe, die sie in ihren höchsten Augenblicken erreicht, sondern steigt selbst auf den Kampfplatz hinunter, wird eine Seite im Dualismus des Daseins, den sie eben noch in sich vereinheitlichte. [...] Die **gleiche Form** zeigt das Verhalten des Staates. [...] Das ist die Doppelstellung oberster Instanzen, die sich innerhalb der Metaphysik wiederholt, wenn sie etwa der Gesamtheit des Seins geistiges Wesen zuschreibt, das Absolute, das alle Erscheinungen trägt oder ausmacht, für eine geistige Substanz erklärt. [...] Am durchgreifendsten wird diese Doppelexistenz am Begriff des Ich wirksam. Aber unser tatsächliches Lebensgefühl läßt das Ich nicht in dieser Höhe stehen, es identifiziert es mit gewissen seiner Inhalte mehr als mit anderen - gerade **wie** die Religiosität Gott an bestimmten Stellen besonders eingreifen sieht, während er doch an allen anderen nicht weniger wirksam sein müßte -, das Ich wird zu einem einzelnen Inhalte seiner selbst, es differenziert sich, freundlich oder feindlich, sich hoch oder niedrig abmessend, gegen die übrige Welt und ihre Partikularitäten, während der Sinn seiner es doch oberhalb aller dieser gestellt hatte. Dies also ist der Formtypus, in dem das Verhältnis des Geldes zu seinem Herrschaftsgebiete sich mit jenen, inhaltlich ihm so fremden Mächten begegnet. [...] Und hier tritt, innerhalb der betonten allgemeinen Gleichheit mit Gebilden **wie** Religion, Staat, metaphysischer Geistigkeit des Seins - ein merkwürdiger Unterschied gegen diese hervor."

pp. 692-4

wie// so// gleich + form = die gleiche Form zeigen

o dinheiro, religião, o Estado, a espiritualidade metafísica do ser e o conceito do eu*

filosófica, *ilustrativa*

* a analogia é composta, sendo que comporta uma variação mais específica de si mesma, a saber, entre o conceito do eu e o conceito de deus; essa variação é denotada pelo primeiro "wie".

P.6.c.68

"Das ist die Bedeutung des Geldes für den Stil des Lebens, daß es gerade vermöge seines jenseits aller Einseitigkeit einer jeden solchen wie ein eigenes Glied ihrer zuwachsen kann. Es ist das Symbol, im Engen und Empirischen, der unsagbaren Einheit des Seins, aus der der Welt in ihrer ganzen Breite und all ihren Unterschieden ihre Energie und Wirklichkeit strömt. Denn so wird die Metaphysik sich doch wohl die an sich unerkennbare Struktur der Dinge subjektiv deutend auseinanderlegen müssen: daß die Inhalte der Welt, einen bloß geistigen Zusammenhang bildend, in bloßer Ideellität bestehen und nun - natürlich nicht in zeitlichem Prozeß - über sie das Sein kommt; wie man es ausgedrückt hat: daß das Was sein Daß gewinnt. Niemand wüßte zu sagen, was dieses Sein denn eigentlich ist, das den wirklichen Gegenstand von dem qualitativ nicht von ihm unterschiedenen, aber bloß gültigen, bloß logischen Sachgehalt unterscheidet. Und dieses Sein, so leer und abstrakt sein reiner Begriff ist, erscheint als der warme Strom des Lebens, der sich in die Schemata der Dingbegriffe ergießt, der sie gleichsam aufblühen und ihr Wesen entfalten läßt, gleichviel wie unterschieden oder einander feindselig ihr Inhalt und ihr Verhalten sei. Aber es ist ihnen doch nichts äußerliches oder fremdes, sondern ihr eigenes Wesen ist es, das das Sein aufnimmt und in wirksame Wirklichkeit entwickelt. Dieser Kraft des Seins nähert sich von allem Äußerlich-Praktischen - für das jede Analogie mit dem Absoluten immer nur unvollständig gelten kann - das Geld am meisten. **Wie** jene steht es seinem Begriffe nach ganz außerhalb der Dinge und deshalb gegen ihre Unterschiede völlig gleichgültig, **so** daß jedes einzelne es ganz in sich aufnehmen und mit ihm gerade *sein* spezifisches Wesen zur vollkommensten Darstellung und Wirksamkeit bringen kann."

p. 695-6

wie + so

o dinheiro e a unidade indizível do ser

filosófica, *metafísica*

P.6.c.69

"Endlich gibt es eine dritte Beeinflussung, durch die das Geld den Inhalten des Lebens ihre Form und Ordnung bestimmen hilft; sie betrifft das *Tempo* des Verlaufs derselben, in dem sich die verschiedenen historischen Epochen, die Zonen der gleichzeitigen Welt, die Individuen desselben Kreises unterscheiden. Unsere innere Welt ist **gleichsam** nach zwei Dimensionen ausgedehnt, deren Maße über das Lebenstempo bestimmen. Je tiefer die Unterschiede zwischen den Vorstellungsinhalten - selbst bei gleicher Zahl der Vorstellungen - in einer Zeiteinheit sind, desto mehr lebt man, eine desto größere Lebensstrecke **gleichsam** wird zurückgelegt. Was wir als das Tempo des Lebens empfinden, ist das Produkt aus der Summe und der Tiefe seiner Veränderungen. Die Bedeutung, die dem Gelde für die Herstellung des Lebenstempos einer gegebenen Epoche zukommt, mag zunächst aus den Folgen hervorleuchten, die eben die **Veränderung** der Geldverhältnisse für die **Veränderung** jenes Tempos aufweisen."

p. 696*

paralelismo sintático (destaco: (1) a repetição do tempo: **Veränderung**, italicizado pelo autor; (2) a presença de **gleichsam**, indicativo de linguagem em sentido figurado; e (3) a posição do excerto na estrutura do capítulo)**

analogia vetorial: determinação do estilo de vida segundo o modelo analógico da velocidade da vida
filosófica, *metafísica*

* esta analogia se estende, em suas modulações, até o fim do livro

** neste parágrafo, Simmel começa a discutir a terceira modalidade de determinação do estilo de vida; está bem claro pelo contexto e pela estruturação do capítulo que o primeiro se deixa expressar pela analogia espacial com distância (P.6.c.49) e o segundo pela analogia temporal com o ritmo (P.6.c.58).

P.6.c.70

"Die beschleunigenden Wirkungen der Geldvermehrung auf den Ablauf der ökonomisch-psychischen Prozesse verraten sich am ehesten in den Entwicklungen schlechten Papiergeldes - gerade **wie** manche Seiten der normalen Physiologie durch pathologische und Entartungsfälle ihre hellste Beleuchtung empfangen."

p. 698

wie

filosofia do dinheiro e fisiologia

filosófica, *serial*

P.6.c.71

"Daß nach unverhältnismäßiger Papieraussgabe dann die Krisis das wirtschaftliche Leben in demselben Verhältnis retardierte und erstarren läßt, beweist gerade die spezifische Bedeutung des Geldes für sein Tempo. Auch hier **entspricht** seine Rolle für den objektiven Verlauf der Wirtschaft der des Vermittlers für die

subjektive Seite derselben: denn es ist mit Recht bemerkt worden, daß die Vermehrung der Tauschmittel über das Bedürfnis hinaus den Tausch verlangsamt, gerade **wie** die Vermehrung der Makler zwar bis zu einem gewissen Punkte verkehrserleichternd, über diesen hinaus aber verkehrerschwerend wirke.“

pp. 699-700

wie// entsprechen

o dinheiro e o mediador financeiro

filosófica, *metafísica*

P.6.c.72

“Gegen Ende des 17. Jahrhunderts wurde der englische Bauer, unwissend und hilflos, wie er war, förmlich zerquetscht zwischen den Leuten, die ihm Geld zu zahlen hatten und es nur nach dem Nennwert taten, und denen, die von ihm Geld zu bekommen hatten und es nach Gewicht forderten. **Ebenso** war es später in Indien bei jeder neuen Verdünnung des Geldes: wenn der Landmann seine Ernte verkaufte, wußte er nie, ob das erhaltene Geld ihm dienen würde, wenn er nachher seine Hypothekenzinsen zu zahlen hatte.“

p. 702

ebenso

o camponês na Inglaterra do século XVII e o camponês na Índia

especializada, *sociológica*

P.6.c.73

“Es liegt übrigens auf der Hand, daß ein erheblicher Geldabfluß ähnliche Erscheinungen, nur **gleichsam** mit umgekehrtem Vorzeichen, hervorrufen muß.“

p. 703

gleichsam

filosofia e matemática: analogia com a noção de sinal invertido

ilustrativa, *conceitual*

P.6.c.74

“Abgesehen nun von den Folgen der Veränderungen des Geldbestandes, die das Tempo des Lebens **gleichsam** als eine Funktion der Veränderungen jenes erscheinen lassen, tritt die Zusammendrängung der Lebensinhalte noch in einer anderen Folge des Geldverkehrs hervor.“

p. 704

gleichsam

filosofia e matemática: analogia com a noção de função

ilustrativa, *conceitual*

P.6.c.75

“Der Komprimierbarkeit der Werte vermöge des Geldes, und des Geldes vermöge seiner immer abstrakteren Formen **entspricht** nun die der Geldgeschäfte. In dem Maß, in dem die Wirtschaft eines Landes mehr und mehr auf Geld gestellt wird, schreitet die Konzentrierung seiner Finanzaktionen in großen Knotenpunkten des Geldverkehrs vor. Von jeher war die Stadt im Unterschied vom Lande der Sitz der Geldwirtschaft; **dies Verhältnis wiederholt sich** zwischen Klein- und Großstädten, so daß ein englischer Historiker sagen konnte, London habe, in seiner ganzen Geschichte, niemals als das Herz von England gehandelt, manchmal als sein Gehirn, aber immer als sein Geldbeutel; und schon am Ende der römischen Republik heißt es, jeder Pfennig, der in Gallien aus-gegeben werde, gehe durch die Bücher der Finanziers in Rom.“

pp. 704-5

entsprechen// sich wiederholen + das Verhältnis

dinheiro e economia monetária; a concentração espacial do dinheiro e a concentração espacial da economia monetária (que se dá tanto na relação entre cidade e campo, quanto na relação entre cidade grande e cidade pequena; a relação que é análoga no caso do dinheiro se dá entre a forma monetária de propriedade – dinheiro, cheque, etc. – e a fundiária)

filosófica, *metafísica*

P.6.c.76

“Und davon ist es nun sowohl Ursache wie Wirkung, daß die Börse, das Zentrum des Geldverkehrs und **gleichsam** der geometrische Ort all jener Schätzungswechsel, zugleich der Punkt der größten konstitutionellen Aufgeregtheit des Wirtschaftslebens ist: ihr sanguinisch-cholerisches Schwanken zwischen Optimismus und Pessimismus, ihre nervöse Reaktion auf Ponderabilien und Imponderabilien, die Schnelligkeit, mit der jedes den Stand verändernde Moment ergriffen, aber auch wieder vor dem nächsten vergessen wird - alles dies stellt eine extreme Steigerung des Lebenstempos dar, eine fieberhafte Bewegtheit und Zusammendrängung seiner Modifikationen, in der der spezifische Einfluß des Geldes auf den Ablauf des psychischen Lebens seine auffälligste Sichtbarkeit gewinnt.“

pp. 707-8

gleichsam

filosofia e geometria: analogia com a noção de lugar geométrico
ilustrativa, *conceitual*

P.6.c.77

“Die Rundheit der Münzen, infolge deren sie »rollen müssen«, symbolisiert den Rhythmus der Bewegung, die das Geld dem Verkehr mitteilt: selbst wo die Münze ursprünglich eckig war, muß der Gebrauch zunächst die Ecken abgeschliffen und sie der Rundung angenähert haben; physikalische Notwendigkeiten haben so der Intensität des Verkehrs die ihm dienlichste Werkzeugsform verschafft. Vor hundert Jahren gab es in den Nilländern sogar vielfach Kugelgeld, aus Glas, Holz, Achat - durch die Verschiedenheit der Stoffe beweisend, daß seine Form der Grund der ihm nachgesagten Beliebtheit war. **So** ist es doch mehr als ein zufälliges Zusammentreffen der Bezeichnungen, wenn ganzen Geldsummen gegenüber das Prinzip der »Abrundung« auftaucht, und zwar erst mit steigender Geldwirtschaft. Die Abrundung ist ein relativ moderner Begriff. Die primitivste Form der Anweisungen auf das englische Schatzamt waren Kerbhölzer, die auf ganz beliebige, ungleichmäßige Beträge lauteten und vielfach als Geld kursierten. Erst im 18. Jahrhundert wurden sie durch indossable Papierscheine ersetzt, welche bestimmte runde Beträge von 5 Pfund aufwärts darstellten. Es ist überhaupt auffällig, wie wenig man früher, selbst bei großen Beträgen, auf Abrundung sah. Fälle wie die, daß die Fugger 1530 für den Kaiser Ferdinand 275 333 fl. und 20 kr. auszuzahlen übernahmen und daß ihnen 1577 Kaiser Maximilian II. 220 674 fl. schuldete, sind nicht selten. Die Entwicklung des Aktienwesens geht denselben Gang. Das Aktienkapital der Ostindischen Kompanie in den Niederlanden ließ sich im 17. Jahrhundert in ganz beliebig große Stücke zerlegen. Erst die Beschleunigung des Verkehrs brachte es dahin, daß schließlich eine feste Einheit von 500 Pfund Vlämisch der allein gehandelte Teilbetrag und »eine Aktie« schlechthin wurde. Noch heute sind es die Plätze des größeren Geldverkehrs, in denen auch der Kleinhandel sich nach runden Summen vollzieht, während die Preise an abgelegenen Orten dem Großstädter merkwürdig wenig abgerundet vorkommen. Die schon oben hervorgehobene Entwicklung von unbehilflich großen zu zerkleinerten Münz- und Anweisungswerten hat offenbar dieselbe Bedeutung für die Steigerung des Verkehrstempos wie die Abrundung, was schon die physikalische **Analogie** nahelegt.”

pp. 708-9

referência explícita à analogia// **so**

a forma da moeda e o arredondamento de grandes quantias

filosófica, *metafísica*

P.6.c.78

“Wo indes jene durch das Geld getragene Beschleunigung des wirtschaftlichen Lebens sich durchgesetzt hat, da sucht sie nun, andererseits, die ihr widerstrebende Form des Grundbesitzes dennoch nach sich zu rhythmisieren. Im 18. Jahrhundert gab der pennsylvanische Staat Hypotheken auf Privatländereien und ließ die einzelnen Abschnitte derselben als Papiergeld kursieren: Franklin schrieb darüber, diese Scheine seien in Wirklichkeit *gemünztes Land*. **Entsprechend** ist bei uns von konservativer Seite hervorgehoben worden, daß die Hypothekengesetzgebung der letzten Jahrzehnte auf eine Verflüssigung des Grundbesitzes hinarbeite und diesen in eine Art Papiergeld verwandle, das man in beliebig vielen Anteilsscheinen weggeben könne; so daß, wie auch Waldeck sich ausdrückte, der Grundbesitz nur dazusein scheine, um subhastiert zu werden.”

p. 710

entsprechend

a reação à venda da terra na Pensilvânia do século XVIII e a reação dos conservadores alemães em relação a um fenómeno congênere
especializada, *sociológica*

P.6.c.79

“Bezeichnend genug mobilisiert das moderne Leben seine Inhalte auch im äußerlichsten Sinne und an manchen Punkten außerhalb der allbekannten. Das Mittelalter und noch die Renaissance hatte das, was uns jetzt »Mobilien« in engster Bedeutung sind, wenig im Gebrauch. Schränke, Kredenzen, Sitzbänke waren in die Täfelung eingebaut, Tische und Stühle so schwer, daß sie oft unbeweglich waren, die kleinen, hin und her zu schiebenden Einrichtungsgegenstände fehlten fast ganz. Seitdem erst sind die Möbel gleichsam mobil geworden **wie** das Kapital.”

p. 710

wie

dinheiro e mobília

filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.80

“Allein dieser Wechsel betrifft nur den jeweils erkennbaren Inhalt der Naturgesetzlichkeit, nicht den Sinn und Begriff derselben; die Idee des Gesetzes, die über jeder einzelnen ihrer unvollkommenen Verwirklichungen steht, aus der diese aber doch ihr ganzes Recht und Bedeutung ziehen - beruht in jenem jenseits aller Bewegung, jenem Gelten, das von allen Gegebenheiten, weil sie veränderlich sind, unabhängig ist. Zu

dieser eigentümlichen absoluten Form des Beharrens muß es ein Seitenstück in einer **entsprechenden Form** der Bewegung geben. **Wie** sich das Beharren über jede noch so weite Zeitstrecke hinaus steigern läßt, bis in der ewigen Gültigkeit des Naturgesetzes oder der mathematischen Formel jede Beziehung auf einen bestimmten Zeitmoment schlechthin ausgelöscht ist: **so** läßt sich die Veränderung und Bewegung als eine so absolute denken, daß überhaupt ein bestimmtes Zeitmaß derselben nicht mehr besteht; geht alle Bewegung zwischen einem Hier und einem Dort vor sich, so ist bei dieser absoluten Veränderung - der species aeternitatis mit umgekehrtem Vorzeichen - das Hier vollkommen verschwunden."

p. 713

wie + so// entsprechende Form

permanência e movimento

filosófica, *metafísica*

P.6.c.81

"Die Bedeutung des Geldes liegt darin, daß es fortgegeben wird; sobald es ruht, ist es nicht mehr Geld seinem spezifischen Wert und Bedeutung nach. Die Wirkung, die es unter Umständen im ruhenden Zustand ausübt, besteht in einer Antizipation seiner Weiterbewegung. Es ist nichts als der Träger einer Bewegung, in dem eben alles, was nicht Bewegung ist, völlig ausgelöscht ist, es ist **sozusagen** actus purus; es lebt in kontinuierlicher Selbstentäußerung aus jedem gegebenen Punkt her-aus und bildet so den Gegenpol und die direkte Verneinung jedes Fürsichseins."

p. 714

sozusagen

filosofia e escolástica: analogia com o conceito de *actus purus*

ilustrativa, *conceitual*

P.6.c.82

"Aber vielleicht bietet es jener entgegengesetzten Art, die Wirklichkeit zu formulieren, sich nicht weniger als Symbol dar. Das einzelne Geldquantum freilich ist seinem Wesen nach in unablässiger Bewegung; aber gerade nur, weil der von ihm dargestellte Wert **sich** zu den einzelnen Wertgegenständen **verhält**, **wie** das allgemeine Gesetz zu den konkreten Gestaltungen, in denen es sich verwirklicht. Wenn das Gesetz, selbst jenseits aller Bewegungen stehend, doch deren Form und Grund darstellt, so ist der abstrakte Vermögenswert, der nicht in Einzelwerte auseinandergegangen ist und als dessen Träger das Geld subsistiert, gleichsam die Seele und Bestimmung der wirtschaftlichen Bewegungen. Während es als greifbare Einzelheit das flüchtigste Ding der äußerlich-praktischen Welt ist, ist es seinem Inhalte nach das beständigste, es steht als der Indifferenz- und Ausgleichungspunkt zwischen all ihren sonstigen Inhalten, sein ideeller Sinn ist, **wie** der des Gesetzes, allen Dingen ihr Maß zu geben, ohne sich selbst an ihnen zu messen, ein Sinn, dessen totale Realisierung freilich erst einer unendlichen Entwicklung gelänge. Es drückt das Verhältnis aus, das zwischen den wirtschaftlichen Gütern besteht und bleibt der Strömung dieser gegenüber so stabil, **wie** eine Zahlenproportion es gegenüber den vielfachen und wechselnden Gegenständen tut, deren Verhältnis sie angibt, und **wie** die Formel des Gravitationsgesetzes gegenüber den Materienmassen und ihren unendlich mannigfaltigen Bewegungen. **Wie** der allgemeine Begriff, in seiner logischen Gültigkeit von der Zahl und Modifikation seiner Verwirklichungen unabhängig, sozusagen das Gesetz eben dieser angibt, **so** ist das Geld - d. h. derjenige innere Sinn, durch den das einzelne Metall- oder Papierstück zum Gelde wird - der Allgemeinbegriff der Dinge, insofern sie wirtschaftlich sind. Sie brauchen nicht wirtschaftlich zu sein; wenn sie es aber sollen, so können sie es nur so, daß sie sich dem Gesetz des Wert-Werdens fügen, das im Gelde verdichtet ist."

pp. 714-5

sich verhalten + wie// wie + so// wie

o dinheiro, a lei natural, a proporção numérica e o conceito geral

filosófica, *ilustrativa*

P.6.c.83

"Wie der allgemeine Begriff, in seiner logischen Gültigkeit von der Zahl und Modifikation seiner Verwirklichungen unabhängig, **sozusagen** das Gesetz eben dieser angibt, so ist das Geld - d. h. derjenige innere Sinn, durch den das einzelne Metall- oder Papierstück zum Gelde wird - der Allgemeinbegriff der Dinge, insofern sie wirtschaftlich sind."

p. 715

sozusagen

filosofia e direito: analogia com a noção de lei

ilustrativa, *conceitual*

P.6.c.84

"Die allgemeine Relativität der Welt, auf den ersten Blick nur auf der einen Seite dieses Gegensatzes heimisch, zieht in Wirklichkeit auch die andere, in sich ein und zeigt sich als Herrscherin, wo sie eben nur Partei zu sein schien - **wie** das Geld über seine Bedeutung als einzelner Wirtschaftswert die höhere baut

den abstrakten Wirtschaftswert überhaupt darzustellen, und beide Funktionen in unlösliche Korrelation, in der keine die erste ist, verschlingt.”

p. 715

wie

o dinheiro e o mundo; o dinheiro e a relatividade geral do mundo
filosófica, *metafísica*

P.6.c.85

“Indem hier nun ein Gebilde der historischen Welt das sachliche Verhalten der Dinge symbolisiert, stiftet es zwischen jener und diesem eine besondere Verbindung. Je mehr das Leben der Gesellschaft ein geldwirtschaftliches wird, desto wirksamer und deutlicher prägt sich in dem bewußten Leben der relativistische Charakter des Seins aus, da das Geld nichts anderes ist, als die in einem Sondergebilde verkörperte Relativität der wirtschaftlichen Gegenstände, die ihren Wert bedeutet. Und **wie** die absolutistische Weltansicht eine bestimmte intellektuelle Entwicklungsstufe darstellte, in Korrelation mit der entsprechenden praktischen, ökonomischen, gefühlsmäßigen Gestaltung der menschlichen Dinge, - **so** scheint die relativistische das augenblickliche Anpassungsverhältnis unseres Intellekts auszudrücken oder, vielleicht richtiger: zu sein, bestätigt durch das Gegenbild des sozialen und des subjektiven Lebens, das in dem Gelde ebenso den real wirksamen Träger wie das abspiegelnde Symbol seiner Formen und Bewegungen gefunden hat.”

p. 716

wie + so

o absoluto e o relativo; a visão absolutista de mundo em relação a certa imagem da vida social e subjetiva, de um lado, e a visão relativista de mundo em relação a uma outra e mais desenvolvida imagem da vida social e subjetiva

filosófica, *metafísica*// historicista

Apêndice 1. Gráficos e Tabelas referentes ao índice

notas explicativas:

Os gráficos e tabelas aqui expostos foram elaborados a partir de uma tabulação dos dados produzidos pelo procedimento de coleta das analogias. A tabulação e a análise de seus resultados foram úteis para levar a cabo as tarefas complementares de organizar as inúmeras analogias coletadas e de selecionar quais, dentre elas, seriam analisadas. É preciso desde já deixar claro que as estatísticas aqui apresentadas não tem qualquer valor de prova. Funcionam principalmente como ilustrações e ferramentas de controle; dentro desses limites, auxiliaram, em alguns casos, na identificação e no tratamento de certos problemas mais específicos de investigação¹.

Os Gráficos 1 e 2, bem como as Tabelas 1 e 2 foram construídos tendo em vista informar a frequência com que os sinais de identificação das analogias por mim arrolados ocorrem no índice. Os Gráficos 3, 4, 5 e 6, bem como as Tabelas 3 e 4, tendo, tendo em vista informar a distribuição dos tipos de analogia ao longo de cada obra de referência. Os Gráfico 7 e 8, bem como as Tabelas 5 e 6, tendo em vista informar as correlações entre dado sinal de identificação e dado tipo de analogia. E enfim, os Gráficos 9, 10 e 11, bem como a Tabela 7, foram formulados tendo em vista mapear as variações na ocorrência de analogias em cada capítulo de cada uma das duas obras de referência. Convém, no que segue, esclarecer alguns pormenores que dizem respeito à montagem dos gráficos e tabelas aqui apresentados.

Para montar os Gráficos 1, 2, 7 e 8 e as Tabelas 1, 2, 5 e 6, tabulei somente o sinal de identificação que considerei o mais “forte” e menos equívoco de cada analogia. De todos, considerei como sendo o sinal mais “forte” e menos equívoco a referência explícita à analogia. No quadro ao lado, apresento os demais sinais de identificação, hierarquizados segundo equivocidade e “força” – “grandezas” aqui tratadas como inversamente proporcionais.

hierarquia dos sinais de identificação		
equivocidade - +	referência explícita à analogia	“força” + -
	wie	
	classe 2	
	classe 3	
	fórmula da analogia	
	classe 4	
	classe 5	
	paralelismo sintático	

Assim, p. ex., para **S.1.a.10** foram identificados 3 sinais: referência explícita, paralelismo sintático e **wie**. Para fins da construção do gráfico, contabilizei apenas o sinal mais forte: a referência explícita. Outro exemplo: no caso de **S.3.a.35**, identificada por um sinal pertencente à classe 4 e outro à classe 5, contabilizei apenas o primeiro. A justificativa para uma tal decisão tem que ver com o fato de que a coleta da informação em questão (i.e.: de algum sinal de identificação da analogia) tem como único objetivo

1. Assim, p. ex., na caracterização dos tipos de analogia, ou mesmo no tratamento inicial das analogias de método contidas na *Soziologie* (em que me referi à densidade analógica do primeiro capítulo desse livro).

fornecer a “prova” de que a passagem em questão pode ser considerada analógica. Assim, basta que eu encontre um único sinal numa dada analogia para considerar o ponto “provado”. Por conta disso, na maior parte dos casos em que encontrei algum sinal mais evidente de identificação da analogia (tais como a referência explícita ou o **wie**), não me ocupei de procurar outros sinais menos evidentes, salvo nos casos em que se tratava de mostrar que um desses sinais acompanhava outro, mais evidente.

Também o coeficiente de inequivocidade das analogias (informado nos Gráficos 7, 8, 9 e 10 e Tabelas 5, 6 e 7) foi calculado tendo como base o sinal mais forte e menos equívoco de cada analogia – de acordo com a hierarquia acima exposta. Para chegar ao coeficiente, elaborei uma fórmula distributiva, em que atribuí para certos sinais de identificação, certos multiplicadores – que se tornam tanto mais baixos quanto mais equívoco é o sinal graças ao qual uma dada analogia foi identificada (cf. o quadro abaixo). Em seguida, multipliquei o número de analogias identificadas por cada respectivo sinal pelos valores atribuídos. O procedimento foi aplicado sobre as analogias identificadas com cada um dos tipos (incluídos, aí, os casos de tipo misto), bem como sobre o total de analogias de cada capítulo e do livro como um todo². Em seguida, somei os valores assim obtidos e, enfim, dividi a soma obtida pelo total de ocorrências. Para tornar o procedimento mais claro, vejamos como obtive o coeficiente 0,776 para o total das analogias da *Soziologie*.

Das 348 analogias coletadas na *Soziologie*, 226 foram identificadas por um dos sinais mais inequívocos (**wie** ou referência explícita); a esses casos foi atribuído o multiplicador 1. Já os casos identificados graças aos sinais pouco equívocos (classes 2, 3 e fórmula da analogia) somaram 68; a eles atribuí o multiplicador 0,5. O total de ocorrências identificadas pelos sinais mais ou menos equívocos (classes 4 e 5) foi de 26; a esses casos foi atribuído o multiplicador 0,25. Finalmente, às 28 ocorrências mais equívocas (casos de paralelismo sintático), foi atribuído o multiplicador 0,125. Em termos matemáticos, ficamos com:

sinal de identificação	multiplicador atribuído
referência explícita à analogia wie	1
classe 2 classe 3 fórmula da analogia	0,5
classe 4 classe 5	0,25
paralelismo sintático	0,125

$$(226 * 1) + (68 * 0,5) + (26 * 0,25) + (28 * 0,125)$$

Implicando:

$$226 + 34 + 6,5 + 3,5$$

2. Os dados gerados pela aplicação do procedimento às analogias identificadas com cada tipo encontram-se apresentados nos Gráficos 7 e 8, bem como nas Tabelas 5 e 6. Já os dados gerados pela aplicação do procedimento às analogias encontradas em cada capítulo, nos Gráficos 9 e 10, bem como na Tabela 7.

O que equivale a 270. Obtida a soma, basta dividi-la pelo número total de ocorrências, 348, para que se chegue ao coeficiente de 0,776. Todos os cálculos foram feitos de maneira automática, por meio de uma fórmula aplicada diretamente sobre os dados tabulados numa planilha eletrônica. Dada a maneira como o coeficiente foi construído, o maior valor possível é 1, e o menor, 0,125. Quanto mais próximo de 1, tanto maior a proporção de ocorrências detectadas por *wie* ou referência explícita (dado esse que interpreto como menor equivocidade da analogia). Deve ficar claro que o coeficiente em questão só faz sentido considerando a tabela hierárquica que apresento acima, e que é um “dado” meramente descritivo e aproximativo. De resto, há apenas mais um detalhe que é preciso mencionar: embora o procedimento tenha sido aplicado às analogias achadas no prefácio à *Philosophie des Geldes*, e embora o resultado disso conste na Tabela 7, optei por não apresentar esse dado no Gráfico 9. Ocorre que o prefácio à *Philosophie des Geldes* conta com um número absoluto de analogias coletadas muito limitado (3, num universo de 704), o que torna a série das analogias contidas no prefácio, se considerada isoladamente, irrelevante do ponto de vista estatístico – inviabilizando, portanto, a comparação. De todo o modo, é apenas evidente que essas três analogias foram incluídas no cálculo do coeficiente de inequivocidade da *Philosophie des Geldes* como um todo, bem como no cruzamento com os tipos de analogia.

Os Gráficos 3, 4, 5 e 6, bem como as Tabelas 3 e 4 me parecem bastante autoexplicativos. O único detalhe diz respeito à distribuição percentual dos tipos ao longo de cada obra de referência. Nas Tabelas 3 e 4, essa informação é apresentada em duas linhas, assim indicadas: “percentual 1” e “percentual 2”. A diferença entre elas é que, em “percentual 2”, as ocorrências de “tipo misto” foram redistribuídas ao longo dos tipos já estabelecidos. A redistribuição foi realizada da seguinte forma: atribuí para cada correlato do tipo misto o valor de meia ocorrência. Assim, p. ex., aos seis casos de tipo misto que envolvem o tipo “epistemológico” corresponderam seis meias ocorrências, que equivalem a três ocorrências completas; isso feito, somei as três ocorrências em questão às 65 já contabilizadas e, em seguida, fiz o cálculo percentual, chegando ao valor de 19,5%. Os dados apresentados nos Gráficos 3, 4, 5 e 6 dizem respeito aos valores obtidos após a realização do procedimento redistributivo acima descrito (i.e.: aos valores a que correspondem o “percentual 2”). (Note-se que o mesmo procedimento distributivo não foi aplicado para o cálculo do coeficiente de inequivocidade!)

Já nos Gráficos 9, 10 e 11, bem como na Tabela 7, temos a distribuição das analogias ao longo dos capítulos de cada obra de referência, sem especificação de tipo. Os três gráficos em questão se referem aos dados da Tabela 7, que convém explanar mediante uma descrição dos conteúdos de cada coluna. Para cada capítulo de cada obra de referência foram computados os seguintes dados, cada um referente a uma das colunas da tabela em questão.

(a) ocorrências de analogia;

(b) percentual sobre a obra de referência;

- (c) coeficiente de inequivocidade;
- (d) ocorrências do termo "Analogie" e variantes;
- (e) ocorrências do termo "analog" e variantes;
- (f) indicador de explicitação analógica;
- (g) páginas;
- (h) densidade analógica

Os itens (a) e (b) dizem respeito ao mesmo dado, só que apresentado, em (a), na forma de números absolutos e, em (b), em forma percentual (tomando como referência o total de ocorrências em cada uma das duas obras escrutinadas³). Trata-se, enfim, só do número de analogias coletadas em cada capítulo. O item (c) já foi tratado; basta dizer que, nesse caso, o cálculo do coeficiente não foi feito sobre o total de analogias de cada tipo, como o apresentado em outros gráficos e tabelas, mas sobre o total de analogias em cada capítulo. Esse dado é, enfim, também apresentado no Gráfico 9.

Os dados arranjados sob as colunas (d), (e) e (f) foram obtidos mediante uma pesquisa complementar à coleta das analogias, sendo que o dado apresentado em (f) é o mesmo que se apresenta no Gráfico 10. A pesquisa complementar consistiu num levantamento das ocorrências exatas da *palavra* analogia e de suas variações, realizada por meio da ferramenta de busca disponível na versão eletrônica das obras de Simmel a que tive acesso⁴. O mecanismo de busca disponível no programa de leitura que acompanha essa versão eletrônica identifica apenas as ocorrências nominais exatas; por conta disso, os valores apresentados nas colunas (d) e (e) só podem ser obtidos mediante a combinação de mais de uma busca, como veremos em seguida. Os dados apresentados na coluna (d) dizem respeito à soma das buscas das três variantes possíveis do substantivo alemão para “analogia”, a saber: Analogie, Analogien (plural de Analogie) e Analogon (na verdade um estrangeirismo mais próximo do termo em grego). Como, reitero, o mecanismo de busca utilizado só retorna ocorrências nominais exatas, não há, nesses casos, sobrenotação (ou seja: ainda que a palavra “Analogie” esteja inteiramente contida em “Analogien”, quando se busca por esta palavra, os resultados de “Analogie” não aparecem, não sendo, portanto, contabilizados duas vezes)⁵. Já os dados apresentados na coluna (e) dizem respeito à soma das buscas das variantes adjetivas ou adverbiais da analogia, que são quatro: analog, analoge, analogen e analoger (a primeira é a forma não-declinada, a que corresponde o advérbio e a base do adjetivo, ao passo que as três outras são formas declinadas do

3. Assim, p. ex., a tabela informa que o primeiro capítulo da *Soziologie* contém cerca de 10% das analogias coletadas nessa obra.

4. *Georg Simmel: Das Werk*, 2001, org. por Martin Damken.

5. Tomemos como exemplo o segundo capítulo da *Philosophie des Geldes*. A busca por “Analogie” nesse capítulo resulta em 8 ocorrências; a busca para Analogien, 3; a busca para Analogon, 1. Assim, sob a coluna (d), o valor que corresponde à linha P.2 é 8 + 3 + 1, portanto 12.

adjetivo)⁶. Enfim, o dado apresentado sob a coluna (f) e reproduzido no Gráfico 10 foi calculado a partir dos dados (d) e (e), somados entre si e em seguida cruzados com o dado (g) (descrito mais abaixo). Trata-se do que optei em chamar de “indicador de explicitação analógica”. Por “explicitação analógica” entenda-se: explicitação da *palavra* analogia, já que é esse o dado apresentado nas colunas (d) e (e). O indicador é obtido mediante a divisão das ocorrências do termo em suas variantes substantiva, adverbial e adjetiva – valor que, por sua vez, corresponde à soma de (d) e (e) – pelo número de páginas de cada capítulo; trata-se, portanto, de uma espécie de densidade, como no item (h). Note-se que o indicador apresentado em (f) foi construído de modo a não discriminar o *sentido* dessa palavra dentro de seu contexto – contemplando tanto os casos que efetivamente designam uma analogia (já contidos no índice), como aqueles em que Simmel usa a palavra “analogia” em sentido negativo, para dizer, p. ex., que isso não é um análogo daquilo. Embora isso possa parecer um problema, é na verdade o que justifica a existência desse indicador: pois mesmo a negação explícita de uma analogia não seria possível *sem* o procedimento analógico, de modo que esse indicador é, de todos, o único que apreende estatisticamente esse aspecto “negativo” das analogias de Simmel. Não se deve, de todo o modo, perder de vista que tudo que o indicador possibilita é uma comparação entre os capítulos – e uma comparação especialmente grosseira devido a que o número total de ocorrências não forme, nesse caso, um grande universo. Por outro lado, a pesquisa complementar realizada para esses fins tem a pequena vantagem de ser uma experiência integralmente replicável.

Enfim, o item (g) diz respeito ao número de páginas que cada capítulo ocupa nas edições de referência da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*. Como ambas as edições, que constam das obras completas de Simmel, são padronizadas, possuindo o mesmo tamanho de fonte e a mesma paginação, a comparação entre ambas pode ser feita sem grandes problemas. Essa informação foi, por sua vez, combinada com a do item (a) para o cálculo da “densidade analógica” de cada capítulo, informação essa apresentada sob a coluna (h) e também no Gráfico 11. A densidade analógica é simplesmente o produto da divisão do número de ocorrências de uma analogia pelo número de páginas da edição de referência. Note-se que essa informação (assim como o coeficiente de analogias) não tem qualquer valor em termos absolutos: trata-se, antes, de um valor obtido exclusivamente para fins de comparação.

Além disso, para fins de destaque (tendo em vista facilitar a visualização dos dados), atribuí às barras referentes aos capítulos da *Soziologie* cores diferentes daquelas que atribui às da *Philosophie des Geldes*, no caso dos Gráficos 9, 10 e 11. Também omiti desses gráficos – pelas mesmas razões aludidas há pouco – os dados referentes à linha “P.0”, a que corresponde o prefácio da *Philosophie des Geldes*.

---

6. De resto, não foram contabilizadas as ocorrências desses termos no índice de conteúdo presente na *Philosophie des Geldes* (Inhaltverzeichnis, GSG, v. 11, pp. 15-20), pois considere que estas não se encontram “dentro” dos capítulos. Note-se que tais ocorrências aparecem na busca eletrônica; o que fiz foi não as contabilizar.

Gráfico 1. Frequência dos sinais de identificação por analogia na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes*

Gráfico 2. Frequência sintética dos sinais de identificação por analogia na *Soziologie* e na *Philosophie des Geldes*

Gráfico 3. Distribuição dos tipos de analogia na **Soziologie**

Gráfico 4. Distribuição sintética dos tipos de analogia na **Soziologie**

Gráfico 5. Distribuição dos tipos de analogia na *Philosophie des Geldes*

Gráfico 6. Distribuição sintética dos tipos de analogia na *Philosophie des Geldes*

Gráfico 7. Coeficiente de inequívocidade por tipo de analogia na **Soziologie**

Gráfico 8. Coeficiente de inequívocidade por tipo de analogia na **Philosophie des Geldes**

Gráfico 9. Coeficiente de inequívocidade por capítulo da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*

Gráfico 10. Indicador de explicitação analógica por capítulo da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*

Gráfico 11. Densidade analógica por capítulo da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*

Tabela 1. Principal sinal de identificação da analogia por capítulo da *Soziologie*

Tabela 1	wie	ref. explícita à analogia	paralelismo sintático	fórmula da analogia	sozusagen ou gleichsam	classe 2: outros	classe 3	classe 4	classe 5	total
S.1	28	3	2	0	1	0	0	0	2	36
S.2	16	1	3	0	1	5	0	0	0	26
S.3	27	0	4	0	1	4	2	3	2	43
S.4	18	2	4	0	3	6	2	2	4	41
S.5	19	3	4	0	4	5	0	0	1	36
S.6	11	3	0	0	2	3	0	2	1	22
S.7	12	0	1	1	0	1	0	0	0	15
S.8	29	7	7	0	5	8	0	1	0	57
S.9	26	2	2	0	0	2	2	0	3	37
S.10	15	4	1	0	4	2	4	4	1	35
total	201	25	28	1	21	36	10	12	14	348
percentual	57,8%	7,2%	8,0%	0,3%	6,0%	10,3%	2,9%	3,4%	4,0%	100%

Tabela 2. Principal sinal de identificação da analogia por capítulo da *Philosophie des Geldes*

Tabela 2	wie	ref. explícita à analogia	paralelismo sintático	fórmula da analogia	sozusagen ou gleichsam	classe 2: outros	classe 3	classe 4	classe 5	total
P.0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
P.1	36	7	3	0	3	10	0	1	1	61
P.2	33	7	4	1	6	11	1	0	3	66
P.3	37	0	0	0	1	11	2	0	4	55
P.4	30	2	5	0	5	6	2	1	3	54
P.5	17	3	1	0	2	7	0	1	1	32
P.6	50	9	3	0	7	14	0	1	1	85
total	206	28	16	1	24	59	5	4	13	356
percentual	57,9%	7,9%	4,5%	0,3%	6,7%	16,6%	1,4%	1,1%	3,7%	100%

Tabela 3. Tipo de analogia por capítulo da *Soziologie*

Tabela 3	ilustrativa, <i>conceitual</i>	ilustrativa, <i>figurativa</i>	epistemológica	social- psicológica	socialfilosófica	sociológica, <i>entre exemplos</i>	sociológica, <i>processual</i>	sociológica, <i>pura</i>	tipo misto	total
S.1	3	6	23	1	0	0	0	2	1	36
S.2	4	2	2	1	4	10	0	2	1	26
S.3	4	6	4	0	5	15	3	3	3	43
S.4	5	8	3	3	6	5	1	6	4	41
S.5	6	5	3	1	2	3	1	8	7	36
S.6	4	0	1	0	6	6	2	1	1	22
S.7	0	1	6	1	1	7	0	0	0	15
S.8	8	3	11	0	6	15	1	11	2	57
S.9	3	6	6	0	3	11	0	4	4	37
S.10	4	5	6	0	6	6	1	0	7	35
total	41	42	65	7	39	78	9	37	30	348
percentual 1	11,8%	12,1%	18,7%	2,0%	11,2%	22,4%	2,6%	10,6%	8,6%	100,0%
percentual 2	11,8%	14,4%	19,5%	2,7%	11,6%	24,7%	4,6%	10,6%	-	100,0%

Tabela 4. Tipo de analogia por capítulo da *Philosophie des Geldes*

Tabela 4	filosófica, <i>ilustrativa</i>	filosófica, <i>serial</i>	filosófica, <i>conceitual</i>	filosófica, <i>metafísica</i>	historicista	especializada	ilustrativa, <i>conceitual</i>	ilustrativa, <i>figurativa</i>	tipo misto	total
P.0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3
P.1	12	12	16	2	2	3	5	6	3	61
P.2	24	4	3	8	3	6	6	4	8	66
P.3	12	3	3	3	5	17	4	5	3	55
P.4	3	10	4	5	6	11	6	5	4	54
P.5	5	3	1	1	4	11	2	3	2	32
P.6	22	16	4	14	2	6	9	8	4	85
total	78	51	31	33	22	54	32	31	24	356
percentual 1	21,9%	14,3%	8,7%	9,3%	6,2%	15,2%	9,0%	8,7%	6,7%	100,0%
percentual 2	23,7%	14,3%	8,7%	10,1%	8,3%	17,1%	9,0%	8,7%	6,7%	100,0%

Tabela 5. Tipo de analogia por sinal de identificação, na *Soziologie*

Tabela 5	ilustrativa, conceitual	ilustrativa, figurativa	epistemológica	social- psicológica	socialfilosófica	sociológica, entre exemplos	sociológica, processual	sociológica, pura	tipo misto	total
wie	20	33	45	6	30	33	-	23	11	201
ref. explícita à analogia	-	2	6	-	4	4	3	5	1	25
paralelismo sintático	-	-	5	-	-	20	1	2	-	28
fórmula da analogia	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
sozusagen, gleichsam	21	-	-	-	-	-	-	-	-	21
classe 2: outros	-	5	4	1	3	12	2	3	6	36
classe 3	-	1	1	-	-	2	1	-	5	10
classe 4	-	-	-	-	1	3	-	2	6	12
classe 5	-	-	4	-	1	4	2	2	1	14
total	41	42	65	7	39	78	9	37	30	348
coeficiente de inequivocidade	0,744	0,917	0,848	0,929	0,923	0,619	0,569	0,831	0,642	0,776

Tabela 6. Tipo de analogia por sinal de identificação, na *Philosophie des Geldes*

tabela 6	filosófica, ilustrativa	filosófica, serial	filosófica, conceitual	filosófica, metafísica	historicista	especializada	ilustrativa, conceitual	ilustrativa, figurativa	tipo misto	total
wie	52	31	25	19	8	26	8	26	11	206
ref. explícita à analogia	10	2	3	6	2	1	-	-	4	28
paralelismo sintático	1	7	1	3	1	3	-	-	-	16
fórmula da analogia	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
sozusagen, gleichsam	-	-	-	-	-	-	24	-	-	24
classe 2: outros	13	9	1	3	5	18	-	5	5	59
classe 3	-	-	-	-	1	2	-	-	2	5
classe 4	-	-	1	1	1	-	-	-	1	4
classe 5	2	2	-	-	4	4	-	-	1	13
total	78	51	31	33	22	54	32	31	24	356
coeficiente de equivocidade	0,886	0,762	0,931	0,837	0,653	0,711	0,625	0,919	0,792	0,800

Tabela 7. Distribuição das analogias ao longo dos capítulos da *Soziologie* e da *Philosophie des Geldes*

Tabela S.4	ocorrências de analogia	percentual sobre a obra de referência	coeficiente de inequívocidade	ocorrências do termo "Analogie" e variantes	ocorrências do termo "analog" e variantes	indicador de explicitação analógica	páginas	densidade analógica
S.1	36	10%	0,896	9	1	0,200	50	0,720
S.2	26	7%	0,784	1	0	0,010	97	0,268
S.3	43	12%	0,750	1	2	0,024	124	0,347
S.4	41	12%	0,671	4	0	0,040	99	0,414
S.5	36	10%	0,757	2	3	0,068	73	0,493
S.6	21	6%	0,784	3	1	0,071	56	0,375
S.7	16	5%	0,875	0	0	-	44	0,364
S.8	57	16%	0,765	7	2	0,069	131	0,435
S.9	37	11%	0,838	3	3	0,058	104	0,356
S.10	35	10%	0,725	7	1	0,110	73	0,479
total	348	100%	0,776	37	13	0,059	851	0,409
P.0	3	1%	1,000	-	-	-	-	-
P.1	61	17%	0,826	9	2	0,095	116	0,526
P.2	66	19%	0,769	12	0	0,104	115	0,574
P.3	55	15%	0,818	1	0	0,008	118	0,466
P.4	54	15%	0,743	1	1	0,019	107	0,505
P.5	32	9%	0,785	4	1	0,046	109	0,294
P.6	85	24%	0,828	12	1	0,103	126	0,675
total	356	100%	0,800	39	5	0,064	691	0,511

Apêndice 2. Convergência adaptativa no mundo natural – uma ilustração

Gostaria aqui de trabalhar em cima de um exemplo de convergência adaptativa ou analogia em sua acepção biológica que não se acha no texto de Darwin, mas em que é possível detectar de forma clara um tipo de raciocínio empregado tanto por Darwin, como por Simmel – ainda que empregado em cada caso a objetos muito diferentes (ali a formas de vida; aqui, a formas de socialização). A ideia é trabalhar com um exemplo um pouco mais concreto, mas no qual esse esquema explicativo de ordem mais geral possa ser articulado à conteúdos que permitam impregnar de sentido e experiência imagens que, de outro modo, tenderiam à abstração pura – tais como a imagem da “teia de relações”, em que a biologia à maneira de Darwin coincide com a sociologia de Simmel, ou ainda a imagem da “luta pela sobrevivência”¹. Entendo, de resto, que o exemplo em questão permite que se veja com maior clareza como, e em que sentido, o modelo da analogia como semelhança funcional depende daquilo o que Simmel chamava de “relativismo” – ou seja da “consideração da relação”, de uma visada relacional sobre a realidade.

Consideremos a série de semelhanças externas entre, de um lado, os urubus e condores (aves necrófagas que habitam as Américas), assim como são popularmente conhecidos; e, de outro, os abutres (aves também necrófagas, mas que habitam a Europa, a Ásia e a África). Sabe-se que há muitas características externas em comum entre essas aves, sendo que se pode dizer o mesmo de seus hábitos – e isso a tal ponto que se tem o costume de chamar, por analogia, os urubus e condores de “abutres do novo mundo”, havendo em inglês inclusive um nome comum para ambos: “vulture” (do mesmo modo como há apenas um nome para a “asa” dos insetos e “asa” das aves). Contudo, a relação de sangue entre abutres e urubus não é tão próxima como seríamos levados a crer, caso nos baseássemos apenas em tais semelhanças. De acordo com a literatura especializada, boa parte dessas similaridades evoluiu de maneira independente. Eis como sintetiza o ponto D. C. Houston, o ornitólogo responsável pela descrição das aves da família Cathartidae (a que pertencem os urubus e os condores) no *Handbook of the birds of the world*:

These similarities between the Old World and the New World vultures are, however, now known to have been derived independently because the two groups are actually descended from totally different ancestry. They are text-book example of convergent evolution. New World and Old World vultures look alike not because they are closely related, but because they have developed the same adaptation for a similar way of life.²

---

1. Imagem essa que, quando não é de algum modo ancorada em experiências como aquelas que Darwin teve em vista, como que produzem a confusão de que a natureza de Darwin era apenas um pastiche do estado de natureza de Hobbes.

2. HOUSTON, 1994, em *Handbook of birds of the world*, v. 2, p. 24. Essa é a principal fonte para o que exponho aqui, embora outros trabalhos tenham sido consultados.

Para ilustrar o ponto, convém concentrarmo-nos numa dessas similaridades, de modo que possamos visualizar com maior clareza o nexos entre o modo de vida dessas aves e a semelhança externa entre ambas. Eis um traço em que esse nexos é especialmente claro: boa parte das espécies tanto de abutres como de urubus não possui penas ao redor da cabeça e do pescoço³. No que diz respeito a esse traço externo comum, não se trata de uma herança devida à ancestralidade – i.e.: não se explica a ausência de penas ao redor da cabeça dessas duas famílias de aves assumindo a hipótese de que o ancestral comum a ambas tampouco tinha penas na cabeça. Essa semelhança em especial é, para utilizarmos a nomenclatura empregada por Darwin, analógica, ou seja: trata-se de um caso de evolução convergente.

É possível explicá-la considerando a dieta de ambas as aves – trata-se, aqui como ali, de aves que se especializaram em se alimentar de carcaças. Essa dieta implica, por sua vez, um encaixe ou inserção particular dessas diferentes formas de vida naquela teia de relações em que se forma isso que podemos, metaforicamente, chamar de economia da natureza (como o fizeram Darwin e Haeckel). Esse modo particular de inserção na economia natural possui consequências bastante práticas para essas aves: tanto abutres, como urubus têm de lidar com bactérias potencialmente nocivas; e, como a presença de penas na região da cabeça das aves pertencentes a essas duas famílias tenderia a favorecer a proliferação dessas bactérias, aquelas aves que, por alguma razão, não chegaram a desenvolver penas nessa região, permanecendo assim “carecas”, se acharam numa situação consideravelmente vantajosa na luta pela sobrevivência travada com seus pares mais “cabeludos”. Note-se como o que explica essa semelhança externa em particular é sua função vital: facilitar a assepsia daquela região que entra em contato direto com a carniça. Vejamos como Houston esclarece o ponto: “All species have bare skin on the head and neck, which is an obvious adaptation to prevent the birds getting their feathers soiled with gore, when they poke their heads into carcasses”⁴.

Assim, nesse caso, como em inúmeros outros, aquilo o que Darwin chamou de seleção natural produziu, de maneira independente, soluções formais semelhantes – o que, por sua vez, só se torna inteligível quando referimos cada uma dessas respectivas criaturas à teia de relações em função da qual elas se acomodaram, ou melhor: conformaram-se. Simmel, por sua vez, mobilizaria um raciocínio dessa mesma estirpe, mas agora para conferir visibilidade aos mecanismos mais gerais graças a que a emergência de certas formações sociológicas teria sido possível – o que foi assunto da segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho.

---

3. Há, claro, diversas espécies de abutres e urubus, e portanto inúmeras diferenças de espécie a espécie. Mas, para os nossos fins, acredito que basta manter a referência nesse nível de generalidade.

4. HOUSTON, 1994, p. 26; note-se que Houston se refere especificamente, no trecho citado, às sete espécies de aves pertencentes à família Cathartidae.